



**CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS
MÓVEIS**

Silvana Mary Bettio

GLOSSÁRIO DE ESCULTURA

Belo Horizonte

2018

Silvana Mary Bettio

GLOSSÁRIO DE ESCULTURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Conservação-Restauração em Bens Culturais Móveis.

Orientadora: Prof^a. D^{ra}. Maria Regina Emery Quites

Belo Horizonte

2018

Silvana Mary Bettio

GLOSSÁRIO DE ESCULTURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Conservação-Restauração em Bens Culturais Móveis.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Regina Emery Quites

Aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof.^{ca}. Dra. Maria Regina Emery Quites (Orientadora) – EBA/UFMG

Prof.^{ca}. Dra. Alessandra Rosado – EBA/UFMG

Belo Horizonte, 10 de Dezembro de 2018.

Meu empenho dispensado nesse trabalho foi possível por Deus e pelos olhares cuidadosos e silenciosos de minha mãe, que sei que sempre estiveram presentes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por tudo o que Ele representa na minha existência.

À minha querida orientadora Professora Dr.^a Maria Regina Emery Quites, por todas as suas orientações em nossas pesquisas de Iniciação Científica e trabalhos desenvolvidos durante a graduação, por toda a paciência e compreensão, por todo o envolvimento e cooperação, um parágrafo é pouco para agradecer tanta generosidade e compartilhamento de conhecimento.

À Professora Dr.^a Alessandra Rosado por dois motivos, o primeiro por ter aceitado participar como membro da banca nesse trabalho, e o segundo por ter sido, involuntariamente, a fomentadora para o desenvolvimento desse glossário, quando chamava a atenção para o uso adequado da terminologia, levantando assim meu interesse pelo assunto.

Aos meus:

Que não estão mais aqui – Pai e Mãe (*in memoriam*), simplesmente por tudo.

Marido e sempre namorado, Marcelo, pelo companheirismo em todos os momentos, apoio, incentivo, por ser paciente e compreensivo com a minha falta de tempo.

Querida filhas – Thatá e Gigi, por serem quem são, filhas maravilhosas, pelo apoio incondicional, e ajuda, especialmente com as ilustrações os desenhos elaborados pela Gigi para esse trabalho.

Amados filhos de outras espécies – Jane (*in memoriam*), Harry, Benjamin e Loro, pela companhia nos momentos de estudo, seja dormindo embaixo da minha cadeira enquanto eu trabalho, ou simplesmente cantando e assoviando.

Um agradecimento especial à Ângela Gutierrez por sua confiança e incentivo.

Professor Rui por todas definições dos verbetes ligados à mineralogia.

Agradecimento especialmente aos Professores: Maria Alice Sanna Castelo Branco, Tatiana Penna, Lucienne Elias, Magali Melleu Sehn, Bethânia Reis Veloso, Willi de Barros Gonçalves, Marcos Hill, Adalgisa Arantes Campos, por suas aulas tão maravilhosamente

ministradas, Beatriz Coelho por ter começado tudo isso, e aos demais Professores do Curso, pela competência.

Aos meus colegas de curso.

Ao querido Rogério Ratti, pela atenção e amizade.

À minha irmã de coração Ester Aparecida Freitas por estar sempre ao meu lado, por ter realizado tantos feitos em conjunto nessa graduação.

Ao gentil Fábio Zarattini pela ajuda providencial e talentosa expressa nas capitulares desse trabalho.

À companheira para todos os assuntos, minha amiga e comadre Patrícia Pozzato, a qual também seria necessária uma página para agradecê-la, por toda a ajuda em todos os momentos que eu precisei durante o curso, nos trabalhos que realizamos juntas, no desenvolvimento e formatação desse glossário, nas dicas e aulas de fotografia, Photoshop, edição de texto, etc.

Ao Vavá e queridíssima Gel, pela atenção de sempre.

Ao Cecor, pelas oportunidades.

À Universidade Federal de Minas Gerais, bem como à Escola de Belas Artes, pelo acolhimento.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

Muito obrigada a todos!

A dúvida é o princípio da sabedoria.

Aristóteles

RESUMO

A área de conservação-restauração possui um vocabulário técnico específico, tendo uma diversidade de termos sendo utilizados, e nem sempre claramente conceituados, por vezes o uso de sinônimos e traduções dificultam o entendimento. O objetivo desse trabalho foi o levantamento dessa terminologia, e a elaboração de um glossário especializado em vocábulos vinculados à escultura, especialmente usados na conservação-restauração, porém abordando também termos associados aos bens culturais móveis e integrados. Com entradas apresentadas em língua portuguesa com equivalências, quando encontradas, nos idiomas espanhol, inglês, italiano e francês. Com o enfoque na escultura, a pesquisa procurou abranger o conteúdo relacionado, como: tipologia, técnicas construtivas e materiais, métodos e equipamentos, oficiais e artífices, diagnóstico do estado de conservação, exames e documentação científica, e procedimentos. A busca e coleta dos verbetes foram realizadas em manuais, relatórios, textos, publicações, dicionários, glossários, vocabulários técnico-científicos e tesouros. A pesquisa resulta numa ferramenta prática e útil de consulta especializada. A produção de um glossário tornou-se pertinente e relevante contribuindo numa padronização, mesmo que parcial, da linguagem empregada nesta área de atuação, promovendo uma comunicação mais objetiva entre os profissionais da área.

Palavras-chave: Glossário. Escultura. Terminologia. Conservação-Restauração.

ABSTRACT

The conservation-restoration area has a specific technical vocabulary, having a diversity of terms being used, and not always clearly conceptualized, sometimes the use of synonyms and translations difficult to understand. The aim of this work was to draw up this terminology, and the elaboration of a glossary specialized in words related to sculpture, especially used in conservation-restoration, but also addressing terms associated with mobile and integrated cultural goods. With entries presented in Portuguese language with equivalences, when found, in Spanish, English, Italian and French. With a focus on sculpture, the research sought to cover related content, such as: typology, construction techniques and materials, methods and equipment, officers and architects, diagnosis of conservation status, examinations and scientific documentation, and procedures. The search and collection of the entries was done in manuals, reports, texts, publications, dictionaries, glossaries, technical-scientific vocabularies and thesauri. The search results in a practical and useful tool for specialized consultation. The production of a glossary has become relevant and relevant contributing to a standardization, even partial, of the language used in this area of action, promoting a more objective communication among professionals in the area.

Keywords: Glossary. Sculpture. Terminology. Conservation-Restoration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa e índice da publicação <i>Restauração de Quadros e Gravuras</i> , 1885.....	22
Figura 2 – Dicionario tecnico e histórico.....	23
Figura 3 – Dicionário de Escultura.....	23
Figura 4 – Manual do Artista.....	24
Figura 5 – Dicionário de Belas Artes	24
Figura 6 – Principes d’analyse scientifique.....	25
Figura 7 – Barroco Mineiro: Glossário de Arquitetura	26
Figura 8 – Igrejas Mineiras: glossário de	26
Figura 9 – THESAURUS	27
Figura 10 – Peinture et dessin.....	28
Figura 11 – Estudo da escultura devocional em madeira	30
Figura 12 – Diccionario de restauración y.....	31
Figura 13 – Conservación y restauración: materiales,.....	31
Figura 14 – Dic. Akal conservación y restauración.....	32
Figura 15 – Dic. Akal-materiales	32
Figura 16 – La química en la restauración	33
Figura 17 – Ciencia y restauración.....	33
Figura 18 – Banco de dados da ABRACOR	34

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Árvore de domínio	17
------------------------------------	----

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Legenda	20
--------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABER	Associação Brasileira de Encadernação e Restauro
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABRACOR	Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais
ACAM	Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari
ACCR	Associação Catarinense de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais
ACOR-RS	Associação de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais do Rio Grande do Sul
APCR	Associação Paulista de Conservadores Restauradores
ARCO.IT	Associação de Restauradores e Conservadores de Bens Culturais Curitiba - Paraná
CECOR	Centro de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis
CEIB	Centro de Estudos da Imaginária Brasileira
EBA	Escola de Belas Artes
IMC	Instituto dos Museus e da Conservação – Lisboa – Portugal
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISO	International Organization for Standardization
FNpM	Fundação Nacional Pró-Memória
MG	Minas Gerais
MPMG	Ministério Público do Estado de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. CAPÍTULO I: REVISÃO DA LITERATURA	222
3. CAPÍTULO II: GLOSSÁRIO DE ESCULTURA	377
A	38
B	94
C	129
D	206
E	237
F	293
G	320
H	343
I	348
J	372
K	376
L	377
M	412
N	451
O	457
P	484
Q	535
R	540
S	571
T	590
U	615
V	619
W	640
X	642
Y	645
Z	646
CONSIDERAÇÕES FINAIS	648
REFERÊNCIAS	650

1. INTRODUÇÃO

Desde sempre, as palavras foram criadas e utilizadas pelos homens para expressar e denominar conceitos, objetos e processos das diferentes áreas do conhecimento, assim nascem os dicionários compilando palavras, relacionando conteúdos, identificando equivalências, para satisfazer a compreensão na comunicação, e a aplicação de termos técnico-científicos, ocorrendo notadamente no mundo das ciências, das técnicas e das diversas atividades de trabalho profissional. Porém, “é recente o surgimento de um campo de estudo dedicado à terminologia, estabelecido somente a partir da segunda metade do século XX” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 16).

Obras terminológicas, denominadas dicionários, glossários, léxicos ou vocabulários, são produções que devem ser bem estruturadas, apresentando uma construção com rigor metodológico, e que facilite a consulta por meio de verbetes trazendo definições claras, sem ambiguidades, com conceitos de fácil compreensão.

A terminologia no campo da conservação-restauração de bens culturais possui um vocabulário técnico e específico. No Brasil quase não há publicação sobre o assunto abrangendo essa diversidade de termos inerentes à área, tendo o glossário, um espaço restrito ao final de uma obra, levando interessados a consultarem trabalhos em outros idiomas.

O tema traz a questão da diversidade de termos próprios sendo utilizados, e nem sempre conceituados com clareza, por vezes o uso de sinônimos e traduções dificultam o entendimento. Dentro de uma mesma nação encontram-se terminologias variadas sendo aplicadas a um mesmo método ou técnica de conservação-restauração, havendo, portanto, uma demanda de discussão sobre essas expressões empregadas na área. Há um problema a ser enfrentado sobre consulta em outros idiomas, sendo necessária além da tradução, a interpretação, pois o termo pode estar sendo utilizado inadequadamente.

Com a necessidade e interesse de um levantamento dessa terminologia específica, surgiu o objeto de estudo desse trabalho, tratando da elaboração de um glossário especializado em vocábulos relacionados à escultura, especialmente usados na conservação-restauração, porém abordando também termos associados aos bens culturais móveis e integrados.

Embora, tratando-se de um trabalho laborioso, sabe-se que não há finalização, pois as mudanças são constantes com o aparecimento e emprego de novos materiais, exames inovados continuamente, novas práticas sendo vivenciadas, outros equipamentos sendo desenvolvidos.

O objetivo geral da monografia é apresentar a construção e elaboração de um glossário em língua portuguesa com equivalências, nos idiomas espanhol, inglês, italiano e francês, de forma que o produto final destaque a terminologia relacionada à escultura, com foco na conservação-restauração, propondo assim um instrumento de apoio e consulta aos estudantes e profissionais da área.

Os objetivos específicos foram: apresentar os procedimentos teórico-metodológicos para o desenvolvimento da elaboração do glossário; expor detalhadamente as fontes consultadas através de uma revisão de literatura; coletar e analisar as terminologias encontradas com suas respectivas definições; selecionar e eleger os termos para o glossário considerando critérios de frequência e relevância; e construir os verbetes, organizando-os alfabeticamente.

Para justificar o título deste trabalho, houve a necessidade de uma pesquisa a cerca da denominação relacionada à sua função, pois, nos diversos tipos de obras lexicográficas e terminológicas, nem sempre a designação “Dicionário”, “Vocabulário” ou “Glossário” é usada adequadamente caracterizando a obra, tampouco fundamentada na sua aplicabilidade. Assim foram consultados vários autores e obras relacionadas ao assunto, como o “Manual de Terminologia”, onde Pavel e Nolet¹ (2011, p. 120-134) trazem as seguintes definições:

Dicionário de língua. Repertório que apresenta unidades lexicais de uma língua, em ordem alfabética, juntamente com seu significado, descrição, uso e outra informação linguística.

Glossário. 1. Repertório de termos, normalmente de uma área do conhecimento, apresentados em ordem sistemática ou em ordem alfabética, acompanhados de informação gramatical, definição, com ou sem contexto. 2. Lista de palavras de uma obra pouco conhecidas ou desusadas, apresentadas com sua definição.

¹ PAVEL, S.; NOLET, D. Manual de terminologia. Tradução Enilde Faulstich. Quebec: Departamento de Tradução do Governo Canadense, 2002. Disponível em: <<https://linguisticadocumentaria.files.wordpress.com/2011/03/pavel-terminologia.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Léxico. Repertório bilíngue ou multilíngue de termos pertencentes a uma área do conhecimento, sem a necessidade de incluir definição.

Vocabulário. Repertório monolíngue, bilíngue ou multilíngue de palavras ordenadas de acordo com critérios específicos, como, palavras pertencentes a uma determinada atividade ou a um dado campo semântico, acompanhadas geralmente de definições ou de explicações sucintas.

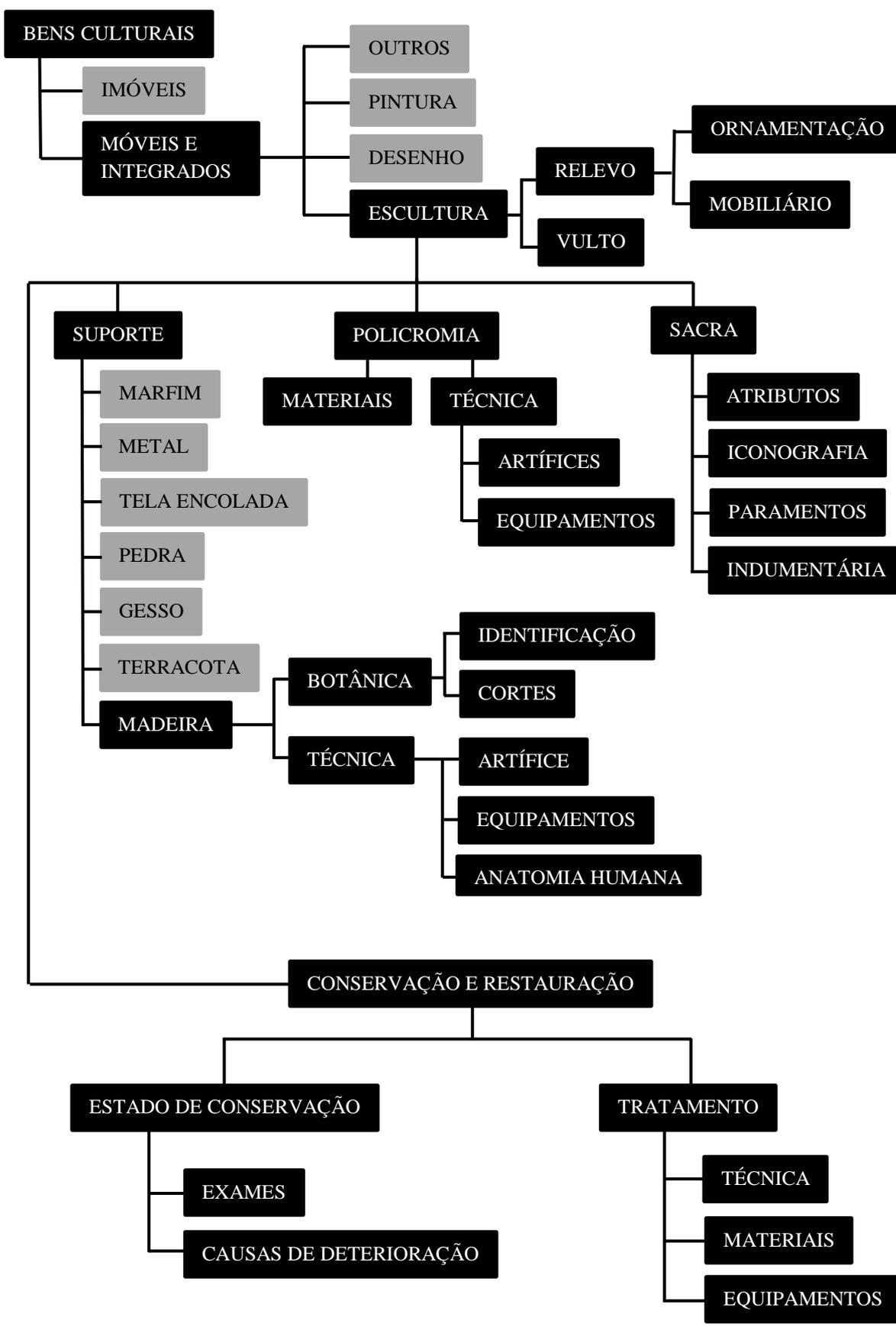
Nesta pesquisa foi aplicada uma metodologia embasada em manuais e cursos desenvolvidos por teóricos e especialistas dedicados ao estudo, produção e confecção de produtos terminológicos e terminográficos. Seguiu-se as normativas prescritas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), como a NBR 13789/1997, NBR 13790/1997 juntamente com *International Organization for Standardization (ISO)* - ISO 10241/1992, ISO 704/1987 e ISO 1087/1990 – onde foram fornecidos os princípios e métodos para a construção do sistema de conceitos e de definições ajudando a organizar o trabalho de maneira prática e eficiente.

A coleta dos verbetes e compilação dos termos foi por meio do levantamento de referências especificamente sobre escultura, e na área de Conservação-Restauração, através do critério de pertinência do vocábulo, em textos, manuais, dicionários, glossários e relatórios, em diversos idiomas, como também em anotações feitas nas aulas frequentadas durante o curso, e com a convivência no cotidiano de um atelier e laboratório de restauração.

O estudo foi guiado por uma árvore de domínio, destacando os assuntos para que não ficassem desvinculados ao tema central do glossário, partindo do geral para o particular. Este método constitui o núcleo da pesquisa, o qual é composto por termos-chave de uma especialidade, devendo ser feito antes de começar a composição de um dicionário (KRIEGER; FINATTO, 2004, p.134) ou glossário. Este sistema foi importante na elaboração do trabalho e principalmente na seleção dos termos, e se tornou a base da metodologia.

A árvore de domínio foi feita a partir de uma primeira consulta à documentação (Quadro 1).

Quadro 1 – Árvore de domínio



Esta representação trata-se de um recurso funcional para agrupar os conceitos, compreender algumas hierarquias básicas, e servir de organização nas inter-relações conceituais de uma especialidade, e de certa maneira, direcionar para o reconhecimento dos termos, principalmente para a seleção de fontes documentais para a coleta dos dados.

Especificando cada grupo de acordo com o assunto, conforme a árvore de domínio, seguimos a partir de **Bens Culturais Móveis e Integrados**: essa classificação traz termos relacionados àqueles que, independente de seu peso e tamanho, podem ser transferidos ou deslocados de um local para o outro sem maiores problemas (bens móveis), que se destacam por sua significância, diversidade e pluralidade, os quais são compostos por uma infinidade de bens em que valores históricos e culturais são atribuídos, abordados aqui estão: esculturas, mobiliários, ferramentas, documentos, obras de arte, objetos antigos e do cotidiano, artefatos arqueológicos e bens relacionados à memória individual e coletiva (FABRINO, 2012, p. 55). E os termos relacionados àqueles que se encontram fixos ou integrados à arquitetura, mas podem ser desmontados ou removidos para outros lugares (bens integrados). Esses bens estão presentes em edificações religiosas, civis e militares, cravados ou apensos a paredes, muros, forros ou mesmo em áreas externas, como pátios e adros de igreja. Podem ser definidos como bens integrados: pinturas de forros e de parede e suas molduras esculpidas, retábulos, revestimentos azulejares e esculpidos, acabamento do arco do cruzeiro, tribunas, púlpitos, para-ventos, grades trabalhadas da nave e do coro, pias de batismo e de água benta, portadas e portas, lápides tumulares gravadas ou em relevo, lavabos, nichos e móveis embutidos, conjuntos escultóricos fixos, ornatos em relevo, fontes, chafarizes, cruzeiros, marcos, entre outros (FABRINO, 2012, p. 6).

A **Escultura**, como foco principal da pesquisa, está subdividida na árvore de domínio, em **vulto** e **relevo** (ornamentação e mobiliário), apresentando termos que conceituam e definem as tipologias categorizadas em: **Escultura Arquitetônica**, as quais integram “elementos de arquitetura” e “talha”, como baixo-relevo, médio-relevo, alto-relevo, medalhão, placa escultórica, elementos decorativos, retábulos, elementos que sustentam a escultura (base, plinto, pedestal, peanha, etc.); **Escultura de Vulto**, como: estátua e suas variações, imagem, busto, torso, cabeça, grupo escultórico, etc.; **Escultura Funerária**, com as entradas: túmulo, sarcófago, estela, efígie, jacente, catafalco, cruz funerária e alguns objetos do mobiliário fúnebre; e Escultura Heráldica.

A árvore de domínio se desdobra em alguns tópicos específicos relacionados diretamente à escultura, como:

- **Suporte:** com a ênfase na madeira, são abordados os termos relativos à botânica, com a identificação da espécie vegetal e estrutura (cerne, borne, casca, câmbio, xilema, etc.) e apresentação dos tipos cortes da tora da árvore (cortes da madeira), como também as definições de seus defeitos (por exemplo: nó). São trazidas técnicas artísticas e construtivas utilizadas na escultura em madeira (esculpir, desbastar), bem como os artífices que as desenvolvem (imaginário, escultor) e seus equipamentos (malho, mancal, etc.).
- **Policromia:** foram compilados termos que tratam dos materiais usados na policromia de uma escultura, como: bolo armênio, folha metálica, verniz, entre outros. Relacionados às técnicas, temos: carnação, douramento, ornamentação (esgrafito, relevo, pintura a pincel, etc.). Sobre os artífices, verbetes como: policromador, dourador, etc.; e equipamentos por estes utilizados, sendo: coxim, pelenesa, etc.
- **Sacra (devocional):** são apresentados vocábulos que identificam atributos (báculo, cabaça de peregrino, cilício, entre outros); iconografia (Pantocrator, esperança, etc.); paramentos e indumentária como as definições de peal, pano de pureza, manto, véu, casula, alva, etc.
- **Conservação e restauração:** foi trazida a terminologia associada ao estado de conservação (abrasão, craquelê, etc.) com a abordagem dos exames efetuados em uma obra de arte (corte estratigráfico, raios X, entre outros) e os termos que explicam suas causas de deterioração (p. ex.: umidade). Relacionado ao tratamento de escultura estão apresentadas as técnicas utilizadas em restauração, como faceamento, nivelamento, consolidação, os equipamentos e ferramentas utilizadas (espátula) e os materiais para os procedimentos, por exemplo: acetona, álcool, Paraloid B72®, etc.

Para melhor compreensão foi realizada uma classificação dos vocábulos, utilizando uma legenda, a qual auxilia a identificação do termo dentro do glossário relacionando-o com outros verbetes (Tabela 1).

Tabela 1 – Legenda

[Ac] Termo Arcaico	[Ab] Atributos
[An] Anatomia Humana	[Aq] Arqueologia
[Ap] Artes Plásticas	[Ar] Termo Arquitetônico
[At] Artífices	[Bc] Bens Culturais
[Bi] Biologia	[Bo] Botânica
[Ce] Terracota/Cerâmica	[Cor] Cor
[Cv] Conservação	[De] Termo Descritivo
[Do] Documento - termos de identificação	[Ds] Desenho
[Dt] Agente e Causa de Deterioração, Deterioração	[Ec] Estado de Conservação
[Es] Escultura	[Eq] Equipamentos
[Et] Estilo	[Ex] Exames
[Ge] Termo Genérico	[Gr] Gíria
[Gs] Gesso	[Ic] Iconografia
[Ig] Interior Igreja	[In] Indumentária
[It] Integrados	[Li] Termo Litúrgico
[Ma] Material	[Md] Madeira
[Me] Metal	[Mf] Marfim
[Mo] Mobiliário	[Mt] Unidade medida
[Mu] Termo Relacionado a Museus	[Og] Organização, Associação, Instituição
[Or] Ornamentação	[Ou] Outros
[Pa] Patrimônio	[Pe] Pedra
[Pi] Pintura	[Pm] Paramentos
[Po] Policromia	[Qm] Química
[Rb] Elemento de Retábulo	[Re] Restauração
[Rg] Termo de Religiosidade Sacra/Religioso	[Sp] Espécie Animal ou Vegetal
[Su] Suporte	[Ta] Técnica Artística
[Tc] Técnica Construtiva	[Tr] Técnica de Restauração
[Te] Tela Encolada	[Ut] Utensílio

Fonte: Elaborado por Silvana Bettio.

Seguiu-se a sistematização, eleição e, conseqüentemente, a validação e apresentação dos termos com entrada em ordem alfabética.

Procurou-se abranger o conteúdo relacionado à escultura, como: tipologia, técnica construtiva, abrangendo materiais, métodos e equipamentos na fatura de suportes e policromias, inclusive os oficiais e artífices envolvidos; iconografia e anatomia relacionada; diagnóstico do estado de conservação, exames e documentação científica; procedimentos e materiais usuais na conservação ou na intervenção de restauração, assim como as características físico-químicas desses materiais e fatores de alteração.

A pertinência dessa pesquisa está no resultado obtido com a compilação de verbetes técnicos de uso comum na área, e por se tratar de uma ferramenta prática e útil de consulta especializada.

Consideramos relevante contribuir para uma padronização, mesmo que parcial, da linguagem empregada neste campo de atuação, promovendo uma comunicação mais objetiva entre os profissionais, podendo solucionar problemas de informação.

A monografia foi estruturada em dois capítulos. O primeiro intitulado “Revisão da Literatura”, abarcou todas as produções textuais consultadas relacionadas ao tema, que contribuíram para a fundamentação deste trabalho.

O capítulo seguinte o “Glossário”, que com entradas na ordem alfabética foi concluído com aproximadamente 3.500 verbetes com a equivalência em quatro idiomas e seus respectivos conceitos em Língua Portuguesa.

Seguindo, respectivamente, as considerações finais e as referências utilizadas.

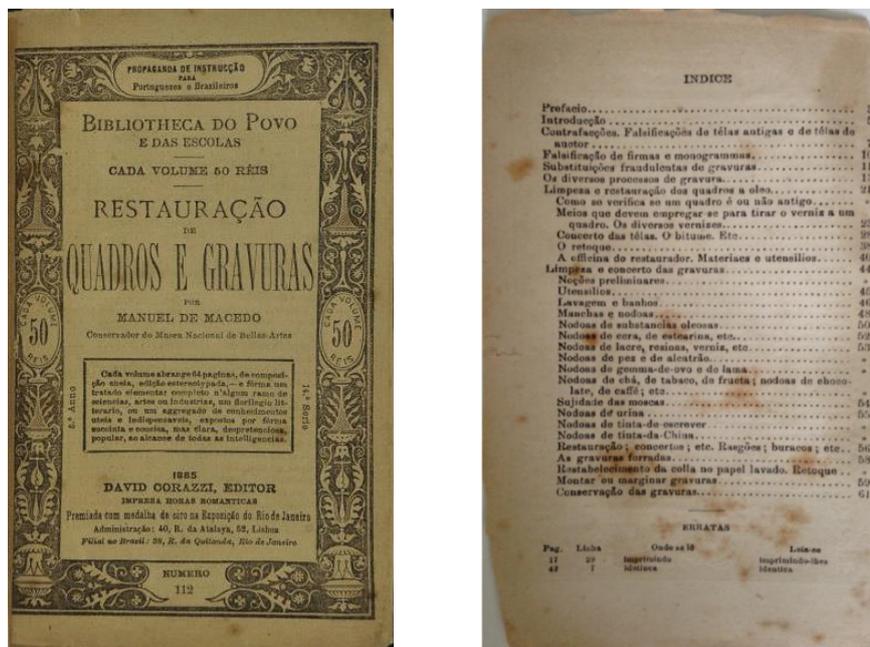
2. CAPÍTULO I: REVISÃO DA LITERATURA

Na revisão da literatura apresentamos os principais referenciais teóricos e pesquisas relevantes para o embasamento deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Na elaboração do glossário foi feita uma busca em diversos tipos de publicações – manuais, livros, dicionários, relatórios, glossários em apêndices de trabalhos especializados, artigos científicos, monografias – referentes à área de conservação-restauração, não somente sobre escultura, pois algumas referências trazem conteúdos amplos e outros específicos.

As publicações sobre restauração de bens culturais fornecem informações pertinentes relacionadas a procedimentos, materiais, pesquisas, como no exemplar publicado em 1885, “Restauração de Quadros e Gravuras²” de Manuel de Macedo, o qual já apresentava uma linguagem específica da área (Figura 1).

Figura 1 – Capa e índice da publicação *Restauração de Quadros e Gravuras*, 1885



Fonte: CARVALHO, 2015, p. 40.

Na busca de um entendimento na evolução dos conceitos relacionados à escultura, foi fundamental a pesquisa e busca em dicionários como o “Diccionario Technico e Historico:

² MACEDO, Manuel de. Restauração de quadros e gravuras. Lisboa: David Corazzi, 1885.

Pintura, Esculptura, Architectura e Gravura³”, de Francisco de Assis Rodrigues, de 1875, que se trata de um dicionário português de Belas Artes, que segundo Teixeira⁴ (1995, p.14), foi por cerca de um século, o único livro de termos técnicos das artes em Portugal (Figura 2).

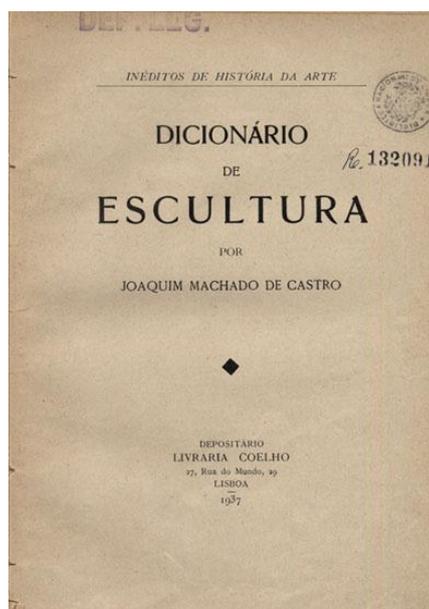
De autoria de Joaquim Machado de Castro, o “Dicionário de escultura⁵”, apesar de publicado em 1937, foi escrito em 1838, sendo um manuscrito de 61 páginas, que oferece a descrição de alguns termos da técnica do desenho e da escultura, como um manual relacionado ao fazer artístico, juntamente com a nomenclatura dos instrumentos, e utensílios indispensáveis no seu exercício (Figura 3).

Figura 2 – Dicionario tecnico e histórico



Fonte: <<http://www.bnportugal.pt/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

Figura 3 – Dicionário de Escultura



Fonte: <<http://www.bnportugal.pt/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

O “Manual do Artista⁶” de Ralph Mayer, com a primeira edição em 1940, concerne-se numa obra de referência completa de materiais e métodos para o artista, trazendo

³ RODRIGUES, Francisco de Assis. Dicionario technico e historico de pintura, esculptura, architectura e gravura. Lisboa: Imprensa Nacional, 1875. Disponível em: <<http://www.bnportugal.pt/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

⁴ TEIXEIRA, Miriam Prado; HILL, Marcos Cesar de Senna UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Glossário poliglota da talha e da imaginaria do Brasil Colonial. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Artes e Cultura, 1995. 97 p.

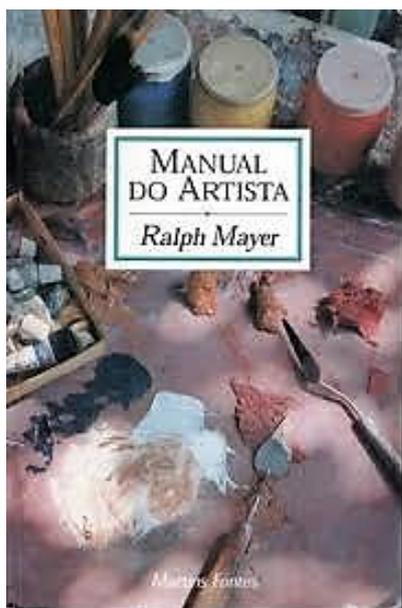
⁵ CASTRO, Joaquim Machado de. Dicionário de escultura. Lisboa: Livraria Coelho, 1937. (Inéditos de história da arte). Disponível em: <<http://www.bnportugal.pt/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

⁶ MAYER, Ralph. Manual do artista de técnicas e materiais. Tradução de Christine Nazareth. Ed. 5. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

informações claras e precisas sobre os materiais próprios para cada técnica ou modalidade, discute sobre suportes, aglutinantes, vernizes, pigmentos, e material utilizado em um ateliê (Figura 4).

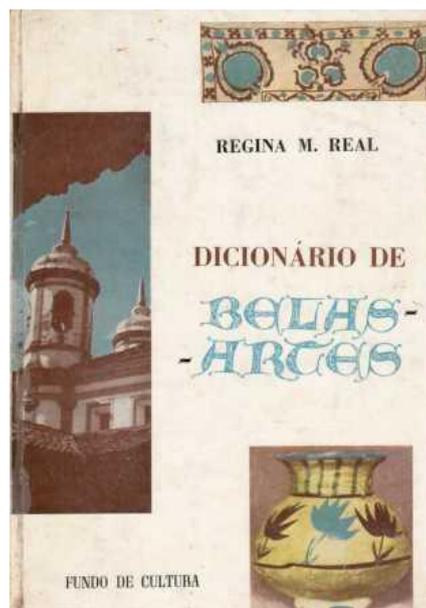
A autora, Regina M. Real, conservadora da Casa de Ruy Barbosa (Rio de Janeiro) reuniu em forma de dicionário os termos técnicos e conceitos relacionados às artes em geral, numa obra com dois volumes ilustrados com fotografias e desenhos, o “Dicionário de Belas Artes: termos técnicos e matérias afins⁷”, em 1962 (Figura 5).

Figura 4 – Manual do Artista



Fonte: <<https://www.estantevirtual.com.br/>>. Acesso em: 06 nov. 2018.

Figura 5 – Dicionário de Belas Artes



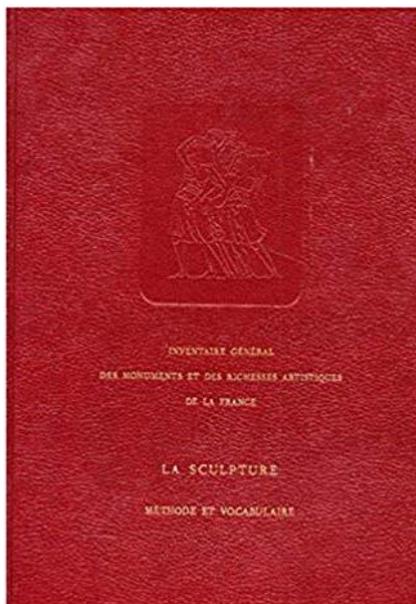
Fonte: <<https://www.estantevirtual.com.br/>>. Acesso em: 06 nov. 2018.

“Principes d'analyse scientifique: la sculpture, méthode et vocabulaire/inventaire général des monuments et des richesses artistiques de la France⁸”, é uma das referências de maior abrangência sobre escultura, trazendo os métodos e vocabulários específicos em 765 páginas, e teve sua primeira edição em 1978 (Figura 6).

⁷ REAL, Regina M. Dicionário de Belas Artes: termos técnicos e matérias afins. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 2 volumes, 1962.

⁸ BAUDRY, Marie-Thérèse; BOZO, Dominique; CHASTEL André. Principes d'analyse scientifique: la sculpture, méthode et vocabulaire/inventaire général des monuments et des richesses artistiques de la France. Paris Imprimerie Nationale MCMXC, 1990.

Figura 6 – Principes d’analyse scientifique



Fonte: <<https://www.amazon.es/>>. Acesso em: 06 nov. 2018.

Produzido em 1979 por Affonso Ávila, João Marcos Machado Gontijo e Reinaldo Guedes Machado, a obra “Barroco Mineiro: Glossário de arquitetura e ornamentação⁹”, apresenta termos específicos da arquitetura e ornamentação, exibindo ilustrações. Obra terminográfica conceitual indispensável a este estudo (Figura 7). Bem como, a publicação de Sueli Damasceno, “Igrejas Mineiras: glossário de bens móveis¹⁰” de 1987, que fornece aos leitores uma catalogação de vocábulos levantados, de objetos encontrados no acervo, com o projeto de Cadastramento de Bens Móveis e Integrados das Igrejas, Capelas e Passos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias de Ouro Preto. Constam de 367 verbetes, em ordem alfabética, alguns ilustrados, levando em consideração objetos como, paramentos litúrgicos, luminárias, ferragens, mobiliário e outras peças da arte colonial brasileira (Figura 8).

⁹ ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação. Coedição. Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Fundação Roberto Marinho, 1979.

¹⁰ DAMASCENO, Sueli. Igrejas Mineiras: glossário de bens móveis. Ouro Preto: Instituto de Artes e Cultura - UFOP, 1987.

Figura 7 – Barroco Mineiro: Glossário de Arquitetura e Ornamentação



Fonte: <<http://www.onzedinheiros.lel.br>>.
Acesso em: 03 abr. 2018.

Figura 8 – Igrejas Mineiras: glossário de bens móveis



Fonte: <<http://www.marciopinho.com.br>>.
Acesso em: 03 abr. 2018.

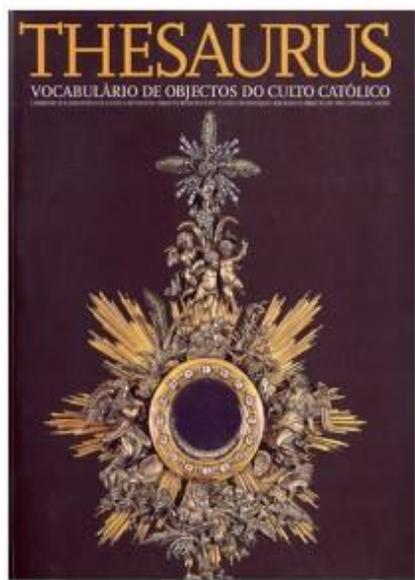
Dicionários de terminologia específica sobre restauração não é comum no Brasil, temos a publicação de Lenora Lerrer Rosenfield, “Glossário Técnico de Conservação e Restauração em Pintura¹¹”, de 1997, um trabalho que traz a terminologia na área de conservação-restauração de pintura em cavalete sobre tela e madeira, abrangendo termos utilizados em diagnóstico de estado de conservação, materiais e técnicas de procedimentos.

A publicação da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, “Thesaurus – Vocabulário de Objectos do Culto Católico¹²”, de 2004, é o resultado de um projeto internacional, coordenado pelo *Istituto Centrale per il Catalogo e la Documentazione do Ministério italiano para os Bens e as Actividades Culturais* (Figura 9). Trata-se de um instrumento científico para a compreensão da arte sacra com o conhecimento da religião e do culto. Compreendem as designações e utilizações culturais de grande número de objetos de arte religiosa, paramentos e mobiliário.

¹¹ ROSENFELD, Lenora Lerrer. Glossário técnico de conservação e restauração em pintura. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.

¹² THESAURUS - vocabulário de objectos do culto católico. Universidade Católica Portuguesa, Fundação da Casa de Bragança. Lisboa: Textype, 2004. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view>>. Acesso em: 22 set. 2017.

Figura 9 – THESAURUS



Fonte: <<https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view>>. Acesso em: 22 set. 2017.

Para o levantamento da terminologia associada aos bens culturais, foi produtiva a consulta ao “Dicionário Iphan de Patrimônio Cultural”, disponível no Portal do Iphan¹³, que segundo o seu projeto, procura estabelecer a socialização dos conceitos com os quais o IPHAN opera ao longo de 70 anos, apresentando a evolução histórica dos conceitos e revelando a problematização do uso dessa terminologia.

O MatrizNet¹⁴ é o catálogo coletivo *on-line* dos Museus da administração central do Estado Português, permite atualmente o acesso a informação selecionada sobre mais de 100.000 bens culturais móveis. Consistindo num motor para pesquisa simultânea sobre 34 bases de dados de inventário, constituindo um importante instrumento, não apenas de trabalho, para profissionais ligados ao setor patrimonial e museológico e para o público estudantil, em funcionamento desde 2002, disponibiliza publicações com vários títulos da coleção “Normas de Inventário”, publicados pela DGPC no âmbito das suas competências em matéria da elaboração de normativos e recomendações na área do inventário e da digitalização de Patrimônio Cultural Móvel, com destaque para os volumes “Escultura”, “Pintura”, “Ourivesaria”, “Cerâmica” e “Mobiliário”.

¹³ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural>>. Acesso em:

¹⁴ Disponível em: <<http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/NormasInventario.aspx>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

A publicação “Peinture et dessin: vocabulaire typologique et technique. Paris: Éditions du patrimoine¹⁵”, de 2009 possui 1.850 termos e 2.500 ilustrações para abordar os diferentes aspectos de obras em pintura ou em desenho da Antiguidade até os dias de hoje (Figura 10). Define muito precisamente todos os termos ligados às tipologias, formas e técnicas em 2 volumes com 584 páginas cada. Este livro abrange também termos relacionados à escultura e sua policromia.

Figura 10 – Peinture et dessin



Fonte: <<https://www.editions-du-patrimoine.fr/Librairie/>>. Acesso em: 06 nov. 2018.

Estudos e trabalhos relacionados à escultura policromada são fontes imprescindíveis para o conhecimento e levantamento necessário dos conceitos e definições para a produção do glossário.

Um levantamento através do “CONGRESSO INTERNACIONAL POLICROMIA - a escultura policromada religiosa dos séculos XVII e XVIII: estudo comparativo das técnicas, alterações e conservação em Portugal, Espanha e Bélgica¹⁶”, realizado em 2002, resultou em estudos importantes, como o próprio título esclarece, relacionados à escultura

¹⁵ LANGLE, Ségolène Bergeon; CURIE, Pierre. Peinture et dessin: vocabulaire typologique et technique. Paris: Éditions du patrimoine - Centre des Monuments Nationaux, 2009. 2 vols. (Collection Vocabulaires).

¹⁶ CONGRESSO INTERNACIONAL POLICROMIA - a escultura policromada religiosa dos séculos XVII e XVIII: estudo comparativo das técnicas, alterações e conservação em Portugal, Espanha e Bélgica. Actas do congresso Internacional, Lisboa 29, 30 e 31 de outubro de 2002.

policromada, desde a história e evolução da Policromia Barroca até a apresentação de um glossário específico de policromia, tratando de termos técnicos.

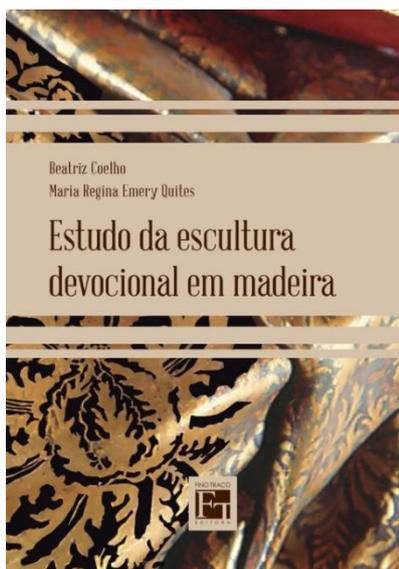
Relacionado à policromia de esculturas, está o “Tratado del dorado, plateado y su policromia: tecnología, conservación y restauración¹⁷” de Enriqueta González-Alonso Martínez, de 1997, que traz um conjunto de informações com linguagem precisa e compreensível sobre douramento e prateamento abordando as técnicas e os materiais específicos nesses procedimentos.

A obra de Beatriz Coelho e Maria Regina Emery Quites, “Estudo da escultura devocional em madeira¹⁸”, de 2014, trata-se de um guia didático, extremamente importante, por apresentar conceitos fundamentais e específicos sobre imagens devocionais e sua classificação, materiais e técnicas relacionadas ao suporte e à policromia, e expõe uma metodologia para direcionar o conservador-restaurador nas suas análises: iconográfica, histórica, técnica construtiva, formal e estilística, a exames e documentação (Figura 11). O trabalho não aborda diagnóstico do estado de conservação e tampouco entra em critérios de restauração.

¹⁷ GONZÁLEZ-MARTÍNEZ ALONSO, Enriqueta. Tratado del dorado, plateado y su policromia: tecnología, conservación y restauración. Universitat Politècnica de Valencia – Valencia: Servicio de Publicaciones, 1997.

¹⁸ COELHO, Beatriz; QUITES, Maria Regina Emery. Estudo da escultura devocional em madeira. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014.

Figura 11 – Estudo da escultura devocional em madeira



Fonte: <<http://www.finoetracoeditora.com.br>>.
Acesso em: 03 abr. 2018.

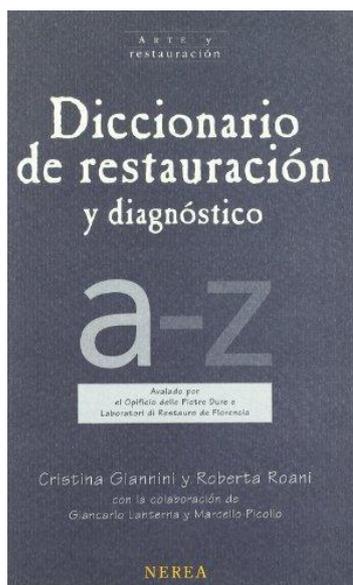
Já no idioma espanhol encontram-se muitas obras relacionadas a termos técnicos da área, onde a pesquisa se consolidou, iniciando pela tradução de Ariadna Viñas, o “Diccionario de restauración y diagnóstico a-z¹⁹” (2008) de Cristina Giannini e Roberta Roani, que abrange toda a terminologia utilizada no diagnóstico e nos procedimentos em conservação e restauração de obras de arte, apresentando os conceitos relacionados às técnicas, materiais e equipamentos (Figura 12). O volume contém mais de 1.500 verbetes e expressões da linguagem e metodologia específica.

Outra referência muito pertinente é a obra de Ana Calvo “Conservación y restauración: materiales, técnicas y procedimientos: de la A a la Z²⁰”, de 1997, resultado de um trabalho e projeto de pesquisa realizada no doutorado da autora (Figura 13). É apresentado em formato de dicionário, com termos relacionados à conservação-restauração de bens culturais, abrangendo: materiais, diagnósticos, procedimentos, etc.

¹⁹ GIANNINI, Cristina; ROANI, Roberta. Diccionario de restauración y diagnóstico. (Traducción de Ariadna Viñas). Editorial NEREA, 2008. (Vol. 14; Arte y Restauración).

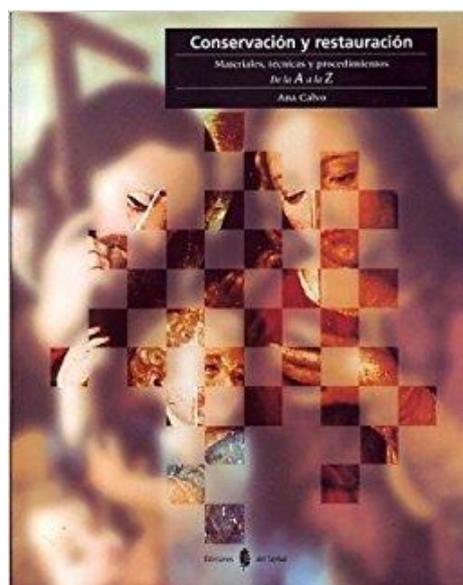
²⁰ CALVO MANUEL, Ana. Conservación y restauración: materiales, técnicas y procedimientos: de la A a la Z. Barcelona: Ediciones del Serbal. 1997.

Figura 12 – Dicionário de restauración y diagnóstico a-z



Fonte: <<http://www.nerea.net>>. Acesso em: 03 abr. 2018

Figura 13 – Conservación y restauración: materiales, técnicas y procedimientos: de la A a la Z



Fonte: <<https://www.abebooks.com>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

Como apoio técnico da terminologia específica em outros idiomas, utilizou-se o “Diccionario técnico Akal de conservación y restauración de bienes culturales²¹”, de 2003, organizado por Celia Martínez Cabetas, Lourdes Rico Martínez, por possuir mais de 10.000 termos em cinco idiomas – espanhol, inglês, alemão, italiano e francês – com entrada a partir de cada um deles, este dicionário apresenta acepções relacionadas à conservação-restauração de bens culturais, porém não oferece as definições, traz apenas os termos abrangendo: pintura, escultura, papel, fotografia, arqueologia, arquitetura, cerâmica, vidro, têxteis, móveis, marcenaria, metais, pigmentos, materiais, técnicas e procedimentos artísticos, gravura, impressão, encadernação, arquivos, bibliotecas, óptica, química, biologia, botânica, segurança, museologia, embalagem, transporte e exposições de obras de arte (Figura 14).

Contudo, o “Diccionario Técnico Akal de materiales de restauración²²”, de Salvador Muñoz Viñas, Julia Osca Pons e Ignasi Gironés Sarrió, de 2014, é uma compilação, revisada e atualizada das informações mais importantes sobre os materiais utilizados na restauração, apresentando cerca de 1.400 verbetes, seguidos de suas definições,

²¹ MARTÍNEZ CABETAS, Celia (coord.); MARTÍNEZ, Lourdes Rico (coord.). Diccionario técnico Akal de conservación y restauración de bienes culturales: Español-Alemán-Inglés-Italiano-Francés. Madrid: Ediciones Akal, 2003.

²² MUÑOZ VIÑAS, Salvador; OSCA PONS, Julia; GIRONÉS SARRÓ, Ignasi. Diccionario Técnico Akal de Materiales de Restauración. Madrid: Ediciones Akal, 2014.

complementado por ilustrações, tabelas e apêndices. Destaca-se por sua abrangência e clareza de exposição (Figura 15). Apresenta termos de física e química utilizados na restauração, juntamente com substâncias, produtos e instrumentos, expõe sua formulação ou seu modo de aplicação, com noções fundamentais que facilitam a compreensão.

Figura 14 – Dic. Akal conservación y restauración



Fonte: <<https://www.akal.com>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

Figura 15 – Dic. Akal-materiales



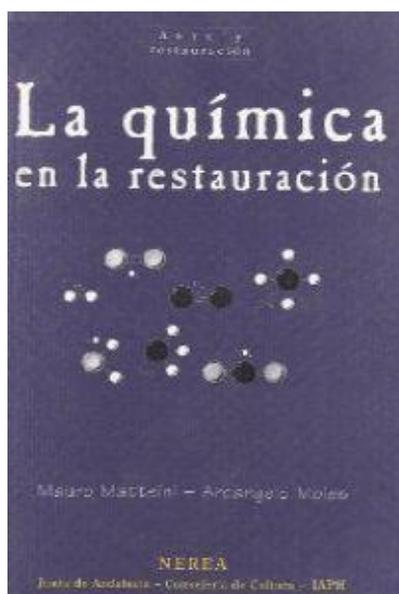
Fonte: <<https://www.akal.com>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

No apoio relacionado à química aplicada à conservação-restauração destaca-se a obra de Mauro Matteini e Arcangelo Moles, “La química en la restauración: los materiales del arte pictórico²³” com 508 páginas, publicada em 2001, por apresentar materiais pictóricos e produtos para a restauração especificamente (Figura 16). Outra publicação em espanhol dos mesmos autores “Ciencia y restauración: método de investigación²⁴”, traz os métodos de estudo científico em obras de arte, descreve o princípio físico no qual o método é baseado e as situações práticas nas quais ele pode ser aplicado (Figura 17). Apresenta um conjunto de técnicas, desde as mais tradicionais até as mais recentes.

²³ MATTEINI, Mauro; MOLES, Arcangelo. La química en la restauración: los materiales del arte pictórico. Traducción de Emiliano Bruno y Giuliana Lain. Hondarríbia: Nerea, Sevilla: Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 2001. 508 p.

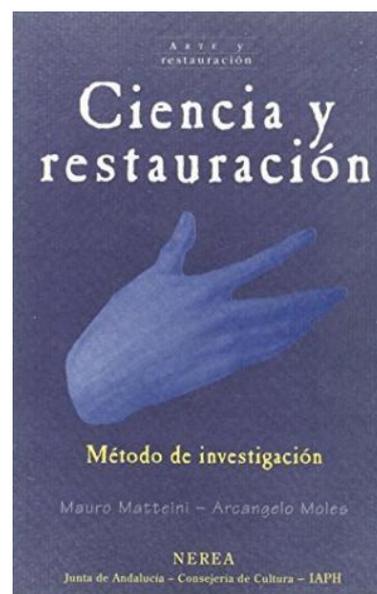
²⁴ MATTEINI, Mauro; MOLES, Arcangelo. Ciencia y restauración: método de investigación. Traducción de Marina Martínez de Marañón. Nerea, Sevilla: Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 2001.

Figura 16 – La química en la restauración



Fonte: <<https://www.abebooks.co.uk/>>.
Acesso em: 06 nov. 2018.

Figura 17 – Ciencia y restauración

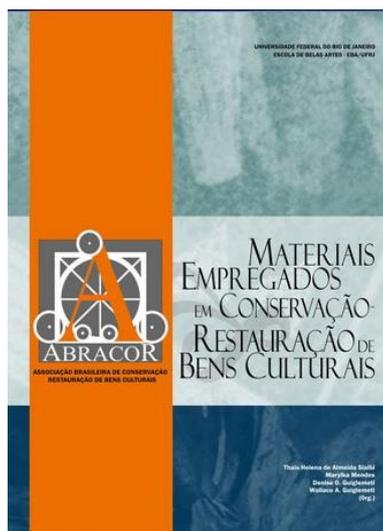


Fonte: <<https://www.abebooks.co.uk/>>.
Acesso em: 06 nov. 2018.

Tão relevante ao estudo, está a publicação da ABRACOR – “Banco de dados: materiais empregados em conservação-restauração de bens culturais²⁵”, sendo em 1990 a sua primeira edição, e organizado por Thais Helena de A. Slaibi, Maryka Mendes, Denise O. Guiglemeti e Wallace A. Guiglemeti a edição de 2011 que foi revista e ampliada (Figura 18). Trata-se de uma ferramenta de pesquisa muito importante por compilar a grande quantidade de informações sobre materiais usados na conservação-restauração, fornecendo uma ficha com os respectivos dados técnicos e suas aplicações, auxiliando consideravelmente o conservador-restaurador.

²⁵ BANCO DE DADOS: materiais empregados em conservação-restauração de bens culturais. Organização: SLAIBI, Thais Helena de Almeida; MENDES, Maryka; GUIGLEMETI, Denise O.; GUIGLEMETI, Wallace A. 2ª. ed. Rio de Janeiro: ABRACOR, 2011.

Figura 18 – Banco de dados da ABRACOR



Fonte: <<http://www.abracor.com.br>>.
Acesso em: 03 abr. 2018.

As monografias levantadas para o estudo desse trabalho foram de diversas áreas, uma delas muito oportuna foi a Monografia de Especialização em Cultura e Arte Barroca, de Miriam Prado Teixeira, “Glossário poliglota da talha e da imaginária do Brasil colonial”, de 1995, a monografia é um glossário que apresenta os termos e expressões relativos à técnica da escultura em madeira produzida no período colonial brasileiro, trazendo a equivalência em outros quatro idiomas – francês, inglês, espanhol e italiano. Outro trabalho importante foi a Dissertação de Mestrado em Química da Universidade Federal do Espírito Santo de Julia Wanguestel Serrate, “Caracterização química de materiais pictóricos usados em escultura policromada: estudo de caso de uma escultura capixaba²⁶”, de 2011, por apresentar os materiais que constituem uma escultura em madeira policromada.

Um trabalho significativo pesquisado foi a Dissertação de Mestrado em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, de Alessandra Rosado, “Conservação preventiva da Escultura colonial Mineira em cedro: um estudo preliminar para estimar flutuações permissíveis de umidade relativa²⁷”, de 2004, a qual traz um estudo que auxiliou no esclarecimento das tipologias de degradação de esculturas em cedro

²⁶ SERRATE, Júlia Wanguestel. Caracterização química de materiais pictóricos usados em escultura policromada – estudo de caso de uma escultura capixaba. 2011. Dissertação (Mestrado em Química do Centro de Ciências Exatas) Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

²⁷ ROSADO, A. Conservação preventiva da escultura colonial mineira em cedro: um estudo preliminar para estimar flutuações permissíveis de umidade relativa. 2004. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

decorrentes da movimentação mecânica, e uma importante abrangência sobre o fazer e a técnica da escultura colonial mineira. Outra referência que muito contribuiu foi o Mestrado em Artes, de Gilca Flores Medeiros, de 2000, “Tecnologia de acabamento de douramento em esculturas em madeira policromada no período Barroco e Rococó em Minas Gerais: estudo de um grupo de técnicas”.²⁸

Muitos artigos científicos foram consultados e dentre eles destacam-se alguns como o de Ana Bailão “As Técnicas de Reintegração Cromática na Pintura: revisão historiográfica²⁹”, publicado em 2011 na revista *Ge-Conservación* do Grupo Espanhol de Instituto Internacional para a Conservação de Obras Histórico e Artístico – GEIIC, que faz uma descrição conceitual e prática das técnicas de reintegração cromática. Da mesma autora outro artigo – “Terminologia associada à conservação e restauro de pintura³⁰”, uma publicação de 2014 na revista “Conservar Património” da Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal (ARP), que discute a terminologia relacionada à reintegração cromática.

Na publicação de 1996 do *The Getty Conservation Institute* “Historical and Philosophical Issues in the Conservation of Cultural Heritage” Paul Philippot no seu artigo, “The Idea of Patina and the Cleaning of Paintings³¹”, esclarece o conceito de *pátina* e já no seu artigo “Historic Preservation: Philosophy, Criteria, Guidelines³²”, apresenta a definição para

²⁸ MEDEIROS, Gilca Flores de. Tecnologia de acabamento de douramento em esculturas em madeira policromada no período Barroco e Rococó em Minas Gerais: estudo de um grupo de técnicas. 2000. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2000.

²⁹ BAILÃO, Ana. As Técnicas de Reintegração Cromática na Pintura: revisão historiográfica. *Ge-conservación*, nº 2, 2011, pp. 45-63. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4018797.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2017.

³⁰ BAILÃO, Ana. Terminologia associada à conservação e restauro de pintura. *Conservar Património*, v. 18, p. 55-62, 2014. Disponível em: <<http://revista.arp.org.pt/pdf/2013010.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

³¹ PHILIPPOT, Paul. The Idea of Patina and the Cleaning of Paintings. In: *Historical and Philosophical Issues in the Conservation of Cultural Heritage*. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 1996, p. 372-376.

³² PHILIPPOT, Paul. Historic Preservation: Philosophy, Criteria, Guidelines, II. In: *Historical and philosophical issues in the conservation of cultural heritage*. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 1996, p. 268-274.

lacuna. Juntamente, Paolo Mora, Laura Mora e Paul Philippot, trazem as tipologias de *perdas*, no artigo “Problems of Presentation”³³.

A tradução de Beatriz Coelho (Boletim do CEIB – 2005), “Breve história da evolução dos tratamentos das esculturas”³⁴, do artigo de Myriam Serck-Dewaide – “Bref historique de l’évolution des traitements des sculptures” (Bulletin de l’IRPA – 2000), o qual trata de procedimentos que foram utilizados na restauração de esculturas e sua evolução, trabalho imprescindível para o entendimento desses processos e de como refletir e assegurar a integridade da obra de arte.

Agnès Ballestrem apresenta uma importante bibliografia sobre escultura policromada através do artigo “Sculpture polychrome: Bibliographie”³⁵, publicado em 1970, sendo um importante guia de consulta relacionada e específica do assunto.

Como fonte mais recente, foi consultado “Proyecto Coremans”³⁶, do ano de 2017, que trata-se de um projeto promovido pelo Instituto do Patrimônio Cultural da Espanha (IPCE), com o objetivo de propor e definir de um conjunto de critérios e recomendações fundamentais ao intervir na conservação e restauração de obras ou objetos que fazem parte do patrimônio cultural e cujo suporte material é fundamentalmente de madeira, talhada e policromada. Este trabalho é apresentado em dois idiomas (espanhol e inglês) trazendo inclusive um glossário específico.

Inviável citar aqui todas as referências consultadas para este trabalho, portanto reiterando que acima estão os principais referenciais teóricos relacionados à terminologia relacionada à escultura.

³³ MORA, Paolo; MORA, Laura; PHILIPPOT, Paul. Problems of Presentation. In: Historical and Philosophical Issues in the Conservation of Cultural Heritage. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 1996, p. 343-354.

³⁴ SERCK-DEWAIDE, Myriam. Breve história da evolução dos tratamentos das esculturas. Tradução de Beatriz Coelho. Boletim do CEIB, Belo Horizonte, v. 9, n. 31, jul./2005. SERCK-DEWAIDE, Myriam. Bref historique de l’évolution des traitements des sculptures. Bulletin de l’IRPA, Les cinquante ans de l’IRPA (1948-1998), Institut Royal du Patrimoine Artistique, Bruxelles, n. 27, 2000. P. 157-174.

³⁵ BALLESTREM, Agnès. Sculpture polychrome: bibliographie. Studies in Conservation, v. 15, n. 4, 1970, pp. 253-271. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1505526>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

³⁶ COREMANS, Proyecto. Criterios de intervención en retablos y escultura policromada. Catálogo de publicaciones del Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. Edita: Secretaría General Técnica, 2017.

3. CAPÍTULO II: GLOSSÁRIO DE ESCULTURA

ESPAÑHOL [*esp*]

INGLÊS [*ing*]

ITALIANO [*it*]

FRANÇÊS [*fr*]

**AB-57**

[Ma] Fórmula: NH_4HCO_3 . Um sal inorgânico, em pó branco, usado em soluções aquosas com outros reagentes e materiais inertes para a preparação de misturas de limpeza e emplastos³⁷, formulado pelos restauradores Paolo e Laura Mora do *Istituto Superiore per la Conservazione ed il Restauro* – ICR – Roma, foi utilizado na década de 1970 no tratamento de mármore e pedras calcárias que apresentavam eflorescências e crostas endurecidas por carbonatação. Usado amplamente em pinturas murais nos anos oitenta, inclusive na limpeza das pinturas de Miguelângelo na Capela Sistina para eliminar camadas escurecidas de cola animal aplicadas em intervenções anteriores. A proporção dos componentes na mistura pode variar em função das características e natureza dos problemas a serem tratados (MUÑOZ VIÑAS; OSCA PONS; GIRONÉS SARRÓ, 2014, p. 16). O solvente é composto por uma solução de sais ligeiramente básicos – bicarbonatos de amônio e sódio – agentes como EDTA, tixotrópicos – carboximetilcelulose – fungicidas e tensoativo – Desogen® (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 15). Remove crosta negra e mancha de ferrugens.

ABA

borde [esp]
edge [ing]
bordo [it]
bord [fr]

1. [Mo] Em mobiliário, é o elemento plano, geralmente com entalhes e recortes, aplicado em sentido vertical sob a caixa de certas cômodas e mesas, ou sob o assento de cadeiras. Designa também a parte dobradiça das mesas de aba e cancela (DAMASCENO, 1987, p. 1). Em relação às mesas, que se identificam como bancas, no gênero das bancas de leque ou de abrir, as mesas de abas, como passaram a ser chamadas, de influência inglesa, na forma retangular, quadrada e redonda, e tinham pés de burro (FLEXOR, 2009, p. 118). 2. [Ar] Saliência do telhado, que aparece além de sua prumada externa. 3. [It] Faixa lisa com que, pelo lado inferior, se arrematam as cimalthas (ÁVILA, 1979, p. 17).

ABAÇANADO

basané, bistré [fr]

[Ou] Escurecido; arroxado; baço (REAL, 1962, p. 13).

ÁBACO

1. [Rb] Elemento superior do capitel de uma coluna sobre o qual

³⁷ Informações obtidas pela empresa CTS que, desde 1984, fornece todos os produtos e equipamentos necessários para a restauração, a conservação e o armazenamento de obras de arte históricas, artísticas e monumentais, com sede em Altavilla Vicentina – Itália. Disponível em: <<https://www.ctseurope.com/en/scheda-prodotto.php?id=2648>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

<i>ábaco [esp]</i> <i>abacus [ing]</i> <i>abaco [it]</i> <i>abaque [fr]</i>	assenta a arquitrave, geralmente quadrangular. 2. [Ar] Pedra ou placa metálica, quadrangular, de revestimento ou ornamentação de parede (ÁVILA, 1979, p. 125). 3. [Ou] Antigo instrumento de cálculo.
ABAIXAR <i>rabattre [fr]</i>	[Pi] Consiste em diminuir a intensidade de um tom com a mistura de cor escura (REAL, 1962, p. 14).
ABAIXA-VOZ	[Ig] Dossel que cobre o púlpito, para efeito de acústica durante as prédicas do sacerdote. Guarda-voz (ÁVILA, 1979, p. 125).
ABALCOADO	1. [Mo] Em forma de balcão ou que o possui. 2. [Ar] Diz-se principalmente de sacadas e muxarabis (ÁVILA, 1979, p. 17).
ABASTARDAR <i>abâtardir [fr]</i>	[Ar] Confundir estilos nas composições arquitetônicas; enriquecer com demasiados ornatos uma ordem ou empobrecê-la dos que lhe são próprios (REAL, 1962, p. 14).
ABAULAMENTO <i>curvadura,</i> <i>abultado [esp]</i> <i>swelling [ing]</i> <i>curvità, sporgente [it]</i> <i>renflé, bombement [fr]</i>	[Dt] O mesmo que abaulado, que se tornou curvo, convexo ou arqueado; que passou a possuir um forma parecida com a tampa de um baú, a qual é curva.
ABCH	[Og] Associação Brasileira de Cidades Históricas.
ABELHEIRA	[Ac] Casa de abelhas. Os arquitetos e estatuários chamavam abelheiros aos buracos, que aparecem nas pedras e mármore, pela semelhança que têm com os buracos, que fazem as abelhas para entrada das casas, que fabricam em troncos de árvores (RODRIGUES, 1875, p. 12).
ABER	[Og] Associação Brasileira de Encadernação e Restauro.
ABERTURA	Ver FISSURA .
ABETA	[Ar] Aba pequena (REAL, 1962, p. 14).
ABÉTE ou ABÉTO <i>abeto [esp]</i> <i>fir tree [ing]</i> <i>abete [it]</i> <i>sapin [fr]</i>	[Bo] Do latim <i>abies</i> ou <i>sapinus</i> . Árvore gigantesca, semelhante ao pinheiro, resinosa, é muito útil para construções civis e navais, havendo algumas nos Estados Unidos que excedem a 30 metros de altura, dela se extrai a terebintina, que tem grande aplicação em obras artísticas (RODRIGUES, 1875, p. 13).
ABM	[Og] Associação Brasileira de Museologia
ABNT	[Or] Associação Brasileira de Normas Técnicas. Órgão nacional responsável pela normalização técnica brasileira.
ABÓBADA	1. [It] Cobertura de forma curva, côncava, de um vão entre duas ou

<i>cúpula [esp]</i> <i>dome [ing]</i> <i>cupola [it]</i> <i>domê [fr]</i>	mais paredes. Pode ser simples ou composta, lisa ou decorada. ³⁸ ABÓBADA DE ARESTA - É a que resulta da interseção de duas abóbadas de berço de igual altura, cortando-se em ângulo reto. ABÓBADA DE BERÇO - É a cobertura côncava gerada pelo deslocamento de uma semicircunferência ou de seção semicircular (ÁVILA, 1979, p. 17), ou por um arco que se desloca ao longo de um eixo situado na maior dimensão do cômodo. ³⁹ ABÓBADA DE MEIO CANHÃO - trata-se do mesmo que abóbada de berço. ABÓBADA FACETADA - Diz-se da abóbada formada por planos. ABOBADILHA - É abóbada em forma de semicilindro, construída geralmente de tijolos e usada na edificação de sobrados (ÁVILA, 1979, p. 18).
ABOLAR <i>bosseler [fr]</i>	[Ou] Achatar, formar bossa ou mozza, amolgadura, saliência, relevo. ABOLEIMADO - <i>plât, grossier, lourd [fr]</i> . Achatado; espalmado; abolachado; grosseiro; tosco (REAL, 1962, p. 17).
ABOSSADURA	Ver BOSSAGEM .
ABRAÇO <i>accolement [fr]</i>	[Rb] Anel ou ornato que envolve o fuste da coluna, delimitando o terço inferior, podendo ser em simples cordão ou decorado com guirlanda, festões, folhagens lavradas. É muito comum encontra-los nas colunas dos retábulos barroco e rococó. ⁴⁰
ABRACOR	[Og] Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais.
ABRASÃO <i>abrasión [esp]</i> <i>abrasion [ing]</i> <i>abrasione [it]</i> <i>abrasion [fr]</i>	[Dt] Dano ou desgaste mecânico na superfície de um material, sobre a camada pictórica, ou sobre o suporte, ocasionado por atrito (SPINELLI JR., 1997. p. 77) ou fricção. Pode ser superficial alterando a textura, cor e brilho, ou profunda causando sulcos no suporte.
ABRASIVO <i>abrasivo [esp]</i> <i>abrasive [ing]</i> <i>abrasivo [it]</i> <i>abrasif [fr]</i>	[Dt] O que causa abrasão, desgaste por raspagem. E o que apresenta grande dureza ou capacidade para desagregar, por fricção, partículas de outros corpos.
ABRIDOR <i>ouvreur, ouvrier,</i>	[Eq] Gravador; entalhador; burilador. Instrumento para abrir (REAL, 1962, p. 17).

³⁸ GLOSSÁRIO. Disponível em:
<<http://www.museumachadocastro.gov.pt/ptPT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

³⁹ CONJUNTO... 2007. p. 174.

⁴⁰ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000.

graveur [fr]

ABRIR [Tc] Gravar; esculpir; fender; rachar; rasgar (REAL, 1962, p. 17).

ABSIDE [Ig] Recinto semicircular ou poligonal, em geral abobadado, em que termina o coro da igreja e, às vezes, o transepto (geralmente nas igrejas românicas e góticas) (NUNES, 2008, p. 19). Esse local ficou reservado ao altar de celebração e ao coro, lugar de assento dos clérigos, dando origem à capela-mor e ao presbitério. Com a introdução dos retábulos por trás do altar-mor, a abside desaparece, dando lugar à parede posterior da capela-mor.⁴¹ **ABSIDES SECUNDÁRIAS** – Verdadeiras capelas, são quase sempre em número ímpar; aquela correspondente ao eixo da igreja, é de dimensão mais vasta que as demais, absidiola (REAL, 1962, p. 17).

ABSORÇÃO [Ge] Indica a propriedade do material em embeber-se, com maior ou menor facilidade, em líquidos (como a água), soluções ou produtos químicos específicos. Pode ser medida por: tempo necessário para absorver determinado volume do líquido; altura que o líquido sobe em uma faixa do material mergulhada no mesmo, em tempo determinado; quantidade em peso do líquido absorvido por área determinada do material em tempo determinado.⁴²

ABSTRAÇÃO CROMÁTICA [Re] Técnica de reintegração cromática aplicada quando não é possível a reconstrução da imagem, a cor é executada a partir dos valores cromáticos inerentes à pintura original. Esta técnica resulta da sobreposição sucessiva de camadas de cores puras sob a forma de curtos traços, ligeiramente encurvados e espontâneos. A orientação dos traços varia da primeira à quarta camada. A paleta é limitada e os tons são combinados para criar uma opção quente e outra fria (CASAZZA, 1981, p. 67-69 *apud* BAILÃO, 2011, p. 57-58)⁴³.

Amarelo + vermelho + azul + preto = frio

Amarelo + laranja + azul + preto = frio

Amarelo + laranja + verde + preto = quente

Amarelo + vermelho + verde + preto = quente

A primeira camada de traços tem como finalidade fechar ou reduzir a intensidade do branco da massa de nivelamento. Estes traços são efetuados com uma orientação predominantemente vertical. As linhas

⁴¹ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000.

⁴² GLOSSÁRIO. Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁴³ CASAZZA, Ornella. Il restauro pittorico nell'unita di metodologia. Firenze: Nardini, 1981. 157 p. (Collana Arte e restauro).

<p>da segunda camada, quase horizontais, uma vez que têm de cruzar os traços da primeira, deixam de ser rígidas e passam a ser um gesto livre e espontâneo da mão. As duas camadas seguintes de traços são todas aplicadas com um ângulo oblíquo variável. Desta forma consegue-se uma trama homogênea e variada de cores sobrepostas. O manuseio das pinceladas fica mais complexo quando aplicado a uma escultura, uma vez que alterna segundo a orientação das formas circundantes. À semelhança da seleção cromática, esta técnica é percebida pelo olho como uma vibração de cor dinâmica, produto da mistura ótica e cromática que se gera nas diversas etapas da sobreposição de cores (BALDINI, 1981, p. 45-46 <i>apud</i> BAILÃO, 2011, p. 57-58).⁴⁴ Esta técnica foi aplicada pela primeira vez, em 1975, na reintegração cromática da pintura “Crucifixo” de autoria de Cimabue ou Cenni di Petro (BAILÃO, 2011, p. 57-58).</p>	
<p>ABSTRACIONISMO <i>abstractionnisme [fr]</i></p>	<p>[Et] Corrente não figurativista; que procura dar a qualidade ou propriedade de uma coisa sem a representar sob forma definida (REAL, 1962, p. 18).</p>
<p>ABSTRATO <i>abstrait [fr]</i></p>	<p>[Ap] Concepção plástica de formas sem preocupação de representação figurativa (REAL, 1962, p. 18).</p>
<p>ACABAMENTO <i>acabamiento [esp]</i> <i>perfectionment [ing]</i> <i>finimento [it]</i> <i>achèvement [fr]</i></p>	<p>1. [Tc] Última etapa a cumprir na execução de uma obra, são os retoques finais (TEIXEIRA, 1995, p. 18). 2. [Es] De talha – alisado, raspado e polido. Em geral: acrescentados à escultura para proteger, modificar, alterar (TEIXIDO I CAMI, 1997).</p>
<p>ACABAR <i>acabar [esp]</i> <i>to perfect [ing]</i> <i>finire [it]</i> <i>achever [fr]</i></p>	<p>[Tc] Terminar, finalizar, concluir uma obra (TEIXEIRA, 1995, p. 18).</p>
<p>AÇAFRÃO <i>azafrán [esp]</i> <i>saffron [ing]</i> <i>zafferano [it]</i> <i>safran [fr]</i></p>	<p>1. [Sp] Flor de açafrão (<i>Crocus sativus</i> L.) de onde se extrai um corante alaranjado que entra na composição do <i>vermeil</i> (TEIXEIRA, 1995, p. 18). 2. [Ma] Preparação metálica de cor amarela (NUNES, 2008, p. 19). Cor amarela brilhante, desbota muito à luz do dia. Usada nos tempos romanos (MAYER, 1996, p. 40).</p>
<p>ACANTO <i>acanto [esp]</i> <i>acanthus [ing]</i> <i>acanto [it]</i> <i>acanthé, feuille</i></p>	<p>[Or] Do grego <i>akanthos</i> (IMC, 2011, p. 114), ornamento ou elemento decorativo, originalmente, típico dos capitéis coríntios e, que representa a folha do acanto espinhoso (ÁVILA, 1979, p. 125). Os bordos superiores se enrolam ligeiramente em volutas (REAL, 1962, p.</p>

⁴⁴ BALDINI, Umberto. Teoria del restauro e unita di metodologia. Firenze, Italia: Nardini, 1978-1981. 2 vol. (Arte e restauro).

<i>d'acanthé [fr]</i>	240). Planta cujas folhas estilizadas são utilizadas como tema decorativo desde a Grécia antiga ⁴⁵ , na época românica, o acanto assume uma forma muito estilizada, enquanto que no renascimento e no barroco volta a ter uma forma rica em detalhes, podendo apresentar-se enrolada em volutas, como motivo ornamental na talha e na decoração. Espécie de cardo (unha de urso), encontrado nas circunvizinhanças do Mar Mediterrâneo, dotado de folhas grandes e listradas. Este elemento é usado desde a antiguidade clássica como elemento decorativo comum em construções. Elemento característico do capitel coríntio, encontrado com frequência na arquitetura sepulcral, daí o simbolismo que vincula o acanto à imortalidade (FABRINO, 2012, p. 49).
ACEPILHADOR <i>acepilhador [esp]</i> <i>rabbet plane [ing]</i> <i>piallatore [it]</i> <i>[raboteur fr]</i>	[Tc] Aquilo que acepilha, lima, alisa. ACEPILHAR – [Tc] Ação de alisar, polir, limar, aplainar, brunir, desbastar com cepilho, plaina ou rebote o que é áspero (TEIXEIRA, 1995, p. 18).
ACERVO <i>coleccion [esp]</i> <i>collection [ing]</i> <i>collezione [it]</i> <i>collection [fr]</i>	[Ge] Um conjunto de objetos ou itens adquiridos, junto com informações coligidas a respeito, cuja guarda é mantida pela instituição de guarda; ou os itens mantidos por um colecionador. Na terminologia de arquivo do Reino Unido, o termo “coleccionador” é comumente usado como sinônimo de “aficionado”. Além dos itens preservados dentro de um edifício, um acervo pode incluir o próprio edifício ou o local onde se encontra. ⁴⁶ Pode ser arqueológico, arquitetônico, artístico, documental (arquivístico e bibliográfico), museológico, paisagístico, tombado, urbanístico, fotográfico.
ACESSO <i>acceso [esp]</i> <i>access [ing]</i> <i>accesso [it]</i> <i>accès [fr]</i>	[Ge] Possibilidade de consulta a documentos e informações. Função arquivística destinada a tornar acessíveis os documentos e a promover sua utilização. ⁴⁷
ACETATO <i>acetato [esp]</i> <i>acetate [ing]</i> <i>acetato [it]</i> <i>acétate [fr]</i>	[Ma] Um sal ou éster de ácido acético. A fibra de acetato é uma fibra sintética, termoplástica, formada por acetato de celulose. O filme de acetato de celulose, geralmente, é mais durável, transparente, e plástico. Usado em folhas para desenhos, laminações, suporte de filmes fotográficos, conservação de documentos, e fitas adesivas (CALVO, 1997, p. 11).
ACETATO DE	[Ma] Fórmula: C ₇ H ₁₄ O ₂ . Solvente, éster de ácido acético e álcool

⁴⁵ CONJUNTO... 2007, p. 174.

⁴⁶ PARÂMETROS... 2004. p. 37.

⁴⁷ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.arquivos.uff.br/index.php/glossario-de-terminologia-arquivistica>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

<p>AMILA</p> <p><i>acetato de amilo [esp]</i> <i>amyl acetate [ing]</i> <i>acetato di amile [it]</i> <i>acétate d'amyle [fr]</i></p>	<p>amílico. Líquido claro, com odor penetrante. Produto tóxico. Em 1882 foi introduzido como um solvente para nitrato de celulose, sendo substituído por acetato de butila. O acetato de amila é um bom solvente para muitas resinas, sendo miscível com óleo de linhaça. É levemente miscível com água. Alguns produtos sintéticos, constituídos por cinco acetatos de amila isoméricos são vendidos como pentacetato. Sua aplicação é como solvente de lacas, vernizes e colas de fitas adesivas. Deve-se manipular longe de fontes de fogo (ABRACOR, 2011, p. 91). Sinonímia: Óleo de banana.</p>
<p>ACETATO DE AMÔNIO</p> <p><i>acetato de amonio [esp]</i> <i>ammonium acetate [ing]</i> <i>acetato di ammonio [it]</i> <i>acétate d'ammonium [fr]</i></p>	<p>[Ma] Fórmula $C_2H_7NO_2$. Sal orgânico. Sólido, odor fraco de amônia, afunda e mistura com água.⁴⁸ Cristais brancos higroscópicos, usados para eliminar produtos de corrosão de chumbo (CALVO, 1997, p. 11). Sinonímia: ácido acético; sal de amônio.</p>
<p>ACETATO DE BUTILA</p> <p><i>acetato de butilo [esp]</i> <i>butyl acetate [ing]</i> <i>acetato di butile [it]</i> <i>acétate de butyle [fr]</i></p>	<p>[Ma] Fórmula: $C_6H_{12}O_2$. Éster obtido a partir da condensação do ácido acético e álcool butílico em presença de um catalizador. Trata-se de um líquido transparente, moderadamente polar com odor frutado muito característico, moderadamente tóxico, e altamente inflamável. Na restauração é usado como solvente para a preparação de adesivos ou vernizes, em especial os de natureza acrílica. Dissolve perfeitamente produtos como: Paraloid, Plexisol ou Elvacite. Também usado em processos de limpeza para a remoção de vernizes (MUÑOZ VIÑAS; OSCA PONS; GIRONÉS SARRÓ, 2014, p. 21).</p>
<p>ACETATO DE CELULOSE</p> <p><i>acetato de celulosa [esp]</i> <i>cellulose acetate [ing]</i> <i>acetato di cellulosa [it]</i> <i>acétate de cellulose [fr]</i></p>	<p>[Ma] Um nome genérico para polímeros termoplásticos. Semissintético derivado da celulose. Éster de celulose. É transparente, ligeiramente eletrostático. O acetato de celulose foi desenvolvido pela primeira vez pela Schutzenberger em 1865. Em 1908 foi introduzido como <i>safety film</i> pela Eastman Kodak e em 1910, com a produção da Dreyfus na França, o acetato começou a substituir o filme de nitrato de celulose. Fibras de acetato de celulose foram fabricadas comercialmente na Grã-Bretanha em 1919 (Celanese®). O acetato de celulose é preparado a partir de fibras de algodão e/ou polpa de madeira purificada. À medida que o acetato de celulose envelhece, os plastificantes podem migrar para a superfície, produzindo um filme oleoso e pegajoso. Degrada na luz do sol, calor e alta umidade. Resistente a insetos, lentamente degradado por microrganismos. Degradação produz ácido acético volátil. Degrada em ácidos e álcalis concentrados. Solúvel em acetona,</p>

⁴⁸ FICHA técnica. Disponível em: http://sistemasinter.cetesb.sp.gov.br/produtos/ficha_completa1.asp?consulta=ACETATO%20DE%20AM%20D4NIO>. Acesso em: 24 abr. 2018.

fenol e clorofórmio. Produz minúsculas faíscas quando queimadas e dá um leve odor a ácido acético. As resinas de acetato de celulose são usadas em lacas, filmes fotográficos, folhas transparentes e como fibras. Sinonímia: Celanese – British Celanese; Kodacel – Eastman Kodak; Tenite; Similoid.⁴⁹

ACETATO DE COBRE, BÁSICO

acetato básico de cobre [esp]
basic copper acetate [ing]
acetato básico di rame [it]
acétate basique en cuivre [fr]

[Ma] Fórmula: $(C_2H_3O_2)_2(OH)_2Cu_3$. Substância em pó cristalino verde-azulado, pigmento verde chamado *verdigris* ou verdete. Tóxico por ingestão. O acetato básico de cobre foi preparado desde os tempos antigos. É um composto complexo que contém acetato cúprico, hidróxido cúprico e água em proporções variáveis. O verdete comum, ou verdete verde, tem as proporções de 2:1:5 (acetato cúprico: hidróxido cúprico: água), enquanto o verdete francês, ou verdete azul, tem as proporções de 1:1:5, respectivamente. Solúvel em ácidos e amônia. Ligeiramente solúvel em etanol, água. Quando combinado com resinas terpenóides, como a terebintina de Veneza, o verdete forma o resinato de cobre. O verdete é também utilizado como pesticida, fungicida, catalisador, corante têxtil e pigmento para tintas e cerâmicas. Sinonímia: *cardenillo (Esp.)*; *common verdigris*; *green verdigris*; *French verdigris*; *blue verdigris*. Pode ficar marrom ou preto em contato com o ar.⁵⁰

ACETATO DE ETILA

acetato de etilo [esp]
ethyl acetate [ing]
etilacetato [it]
acétate d'éthyle [fr]

[Ma] Fórmula: $C_4H_8O_2$. Solvente, éter acético. Éster obtido da destilação lenta do ácido acético, álcool etílico e ácido sulfúrico. Líquido incolor, transparente, moderadamente polar com odor frutado, sua volatilidade está entre a acetona e o álcool etílico. Tóxico e muito inflamável. Na restauração é usado como solvente, tanto na preparação de adesivos ou vernizes sintéticos como para sua remoção, muito eficaz com resinas naturais como o Damar, goma laca ou cera (MUÑOZ VIÑAS; OSCA PONS; GIRONÉS SARRÓ, 2014, p. 21). É utilizado em soluções para remoção de adesivos e fitas adesivas. Usado na preparação de fixativos. Solúvel em água (ver especificações técnicas do produto), álcool, éter, acetona, benzeno e clorofórmio (ABRACOR, 2011, p. 92).

ACETATO DE METILA

acetato de metilo [esp]
methyl acetate [ing]
acetato di metile [it]
acétate de méthyle [fr]

[Ma] Fórmula: CH_3COOCH_3 . Solvente da família dos ésteres. Moderadamente tóxico. Inflamável e explosivo. Solvente incolor com um odor perfumado. O acetato de metilo é o éster metílico do ácido acético. Solúvel em água. Miscível em etanol e éter. É usado como solvente para nitrato de celulose e como removedor de tinta, também é usado na fabricação de couro artificial.⁵¹ Na restauração é usado como solvente para limpezas e em fórmulas de decapantes. Remove pinturas e lacas (MUÑOZ VIÑAS; OSCA PONS; GIRONÉS SARRÓ, 2014, p.

⁴⁹ Disponível em: <http://cameo.mfa.org/wiki/Cellulose_acetate>. Acesso em: 24 abr. 2018.

⁵⁰ Disponível em: <http://cameo.mfa.org/wiki/Copper_acetate,_basic>. Acesso em: 24 abr. 2018.

⁵¹ Disponível em: <http://cameo.mfa.org/wiki/Methyl_acetate>. Acesso em: 24 abr. 2018.

21). Sinonímia: éster metílico de ácido acético.

ACETATO DE POLIVINILA

acetato de ponivinilo [esp]
polyvinyl acetate [ing]
acetato di polivinile [it]
acétate de polyvinyle [fr]

[Ma] Fórmula: $(C_4H_6O_2)_n$. Adesivo. Polihidrocarboneto esterificado. Éster vinílico do tipo acetato. Resina termoplástica, polar, não tóxica, preparada pela polimerização de acetato de vinila. Em forma pura o PVA é um sólido transparente, incolor, insípido, de estrutura cristalina relativamente ramificada. Comercialmente é apresentado em dispersão aquosa. Sintetizado pela primeira vez em 1912, e seu uso para fins artísticos começou em 1938. Apresenta boa aderência, baixa velocidade de “envelhecimento”, boa estabilidade à luz solar, UV e ao calor. Baixa resistência mecânica e pouca resistência à água, aos ácidos, às bases e às soluções salinas. Torna-se quebradiço entre 10 °C e 15 °C. É solúvel em: água, etanol, isopropanol, ciclohexona, diacetona álcool, metiletilcetona, acetatos de butila, etila e metila, tetracloroeto de carbono, di e triclouroetileno, ácido acético, benzeno e tolueno. É aplicado como adesivo, consolidante, película de revestimento e ligante em tintas a base de água; em encadernação; na massa de nivelamento de camadas pictóricas perdidas; em consolidação de têxteis. Soluções diluídas em álcool e tolueno são usadas para consolidar fragmentos de vidro. Sinonímia: Poliacetato de vinila, PVA, PVAC, Cascorez, Mowilith, AVAA, AVAC, AVAF, AVAT (ABRACOR, 2011, p. 15).

ACETONA

acetona [esp]
acetone [ing]
acetone [it]
acétone [fr]

[Ma] Fórmula: C_3H_6O . Solvente orgânico alifático. Cetona alifática. Líquido incolor, moderadamente tóxico, muito inflamável, muito polar, muito volátil de odor característico adocicado. Utilizado como solvente de produtos orgânicos, agente de limpeza e eliminação de resíduos de consolidantes. Usada pura ou em soluções para remoção de verniz, lacas, pintura, repinturas, acetato de celulose, fitas adesivas, crepes e gomadas. É aplicada na realização de produtos químicos, e é o dissolvente de numerosos adesivos comerciais. Solúvel em qualquer proporção de água, álcool, éter, benzeno e clorofórmio. Incompatível com materiais oxidantes e ácidos. Sinonímia: Dimetilcetona (ABRACOR, 2011, p. 93).

ACHAROAR

acharolar [esp]
chinese lacquer [ing]
conferire aspetto di coppale [it]
vernir en imitant le verniz de la Chine [fr]

[Tc] Pintar com verniz de charão (TEIXEIRA, 1995, p. 18). **ACHAROADO** – [Tc] Técnica do século XVIII, pela qual os artesãos imitavam a laca oriental com tintas e vernizes (QUEIMADO, 2007, p. 176).

ACÍCULA

[Ou] Gancho de metal, de osso ou de madeira, com que as romanas seguravam os cabelos (REAL, 1962, p. 20).

ACIDEZ

acidez [esp]
acidity,

[Ge] Qualidade, estado ou grau de ser ácido. É um dos agentes de alteração mais importantes na conservação de bens culturais, sobretudo do papel e dos suportes celulósicos, a sua ação caustica rompe a cadeia

<i>acid content [ing]</i> <i>acidità [it]</i> <i>acideté [fr]</i>	molecular da celulose enfraquecendo as suas propriedades físicas e chegando inclusive à desintegração, a sua atuação não se manifesta até que estejam produzidos os danos. ⁵²
ÁCIDO <i>ácido [esp]</i> <i>acid [ing]</i> <i>acido [it]</i> <i>acide [fr]</i>	[Ge] Segundo a definição clássica de Arrhenius ⁵³ , um ácido, ou uma substância ácida, é um tipo de composto químico que, ao reagir com outro composto – chamado base – libera, em solução aquosa, íon de hidrogênio H ⁺ . Outra maneira de se dizer é, com pH inferior a 7,0. Os Ácidos deterioram o papel e outras substâncias orgânicas porque quebram as ligações moleculares. Um exemplo é o papel que se torna amarelo e quebradiço. ⁵⁴
ÁCIDO ACÉTICO <i>ácido acético [esp]</i> <i>acetic acid [ing]</i> <i>acido acetico [it]</i> <i>acide acétique [fr]</i>	[Ma] Fórmula: CH ₃ COOH. Ácido carboxílico. O composto puro denomina-se ácido acético glacial. Solvente. Ácido orgânico leve. Incolor, tóxico, inflamável, viscoso, corrosivo, com odor penetrante semelhante ao vinagre. Usado para impedir a migração de corantes e/ou tintas. Frequentemente escolhido para neutralizar excesso de álcalis após um processo de branqueamento. Utilizado no processamento fotográfico para interrupção da ação redutora do agente revelador. Aplicado como solvente em gomas, resinas e óleos voláteis. É bastante utilizado na manufatura de acetatos e plásticos, em pesticidas, lixívia e removedor de manchas. É solúvel, em qualquer proporção de água, éter, acetona, benzeno e outros solventes orgânicos. Excelente solvente para muitos compostos orgânicos. Dissolve fósforo, enxofre e ácidos halogênicos. Insolúvel em dissulfeto de carbono. Solúvel também em glicerol e tetracloreto de carbono. Sinonímia: Ácido Etanóico (ABRACOR, 2011, p. 94).
ÁCIDO BÓRICO <i>ácido bórico [esp]</i> <i>boric acid [ing]</i> <i>acido borico [it]</i> <i>acide borique [fr]</i>	[Ma] Fórmula: H ₃ BO ₃ . Ácido inorgânico. Inseticida. Moderadamente tóxico. Incolor, inodoro. Ácido fraco. Sólido cristalino branco, obtido pelo tratamento do bórax com ácidos inorgânicos. Também encontrado na natureza como mineral chamado sassolita. Solúvel em água, álcool e glicerina (CALVO, 1997, p. 12). Usado como antisséptico, base de iscas para baratas, em fibras de vidro e em esmaltes de porcelana. Sinonímia: Pla-Pluff; ácido ortobórico; ácido borácico (ABRACOR, 2011, p. 267).
ÁCIDO CLORÍDRICO <i>ácido clorhídrico [esp]</i>	[Ma] Fórmula: HCl. Reagente. Ácido inorgânico. Ácido forte. Solução aquosa do gás cloreto de hidrogênio. Venenoso, corrosivo. Solúvel em água, álcool, éter e benzeno. Usado na preparação de diversas soluções

⁵² Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁵³ Svante August Arrhenius (1859-1927), sueco, foi um importante químico, físico e matemático. Em 1904, dirigiu o Instituto Nobel de Química e Física até 1927. Em 1903, recebeu o Prêmio Nobel de Química por seu extraordinário serviço prestado à tecnologia e à química. Desenvolveu outros trabalhos na área de físico-química como a velocidade das reações químicas e alguns trabalhos sobre imunização e astronomia. Disponível em: <<https://www.soq.com.br/biografias/arrhenius/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

⁵⁴ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

<p><i>hydrochloric acid [ing]</i> <i>acido cloridrico [it]</i> <i>acide chlorydrique [fr]</i></p>	<p>para processamento e tratamento de conservação de emulsões fotográficas (banhos de viragens, rebaixadores, intensificadores, etc.), componente de reativos para identificação de fibras, lignina e cargas minerais em papéis. Usado em solução a 5% no tratamento de enzimas. Sinonímia: ácido muriático; cloreto de hidrogênio (ABRACOR, 2011, p. 133).</p>
<p>ÁCIDO FÍTICO</p>	<p>[Ma] Fórmula: $C_6H_{18}O_{24}P_6$. Reagente. Ácido orgânico. Apresenta-se na forma de solução a 40% em água, de cor amarela ou levemente marrom. É um produto natural. Não tóxico e altamente estável. Vendido em solução de 50 ml. Utilizado na preparação de filato, no tratamento de estabilização de tinta ferrogálica (ABRACOR, 2011, p. 134). O ácido escurece com o passar do tempo, para prevenir pode ser conservado em refrigeração (MUÑOZ VIÑAS; OSCA PONS; GIRONÉS SARRÓ, 2014, p. 24). Sinonímia: ácido inositol hexafosfórico; fitina; IP6.</p>
<p>ÁCIDO FÓRMICO</p> <p><i>ácido fórmico [esp]</i> <i>formic acid, acid of ants (EUA) [ing]</i> <i>acido formico [it]</i> <i>acide formique [fr]</i></p>	<p>[Ma] Fórmula: HCOOH. Reagente. Ácido orgânico. Líquido incolor, odor pungente. Tóxico. Poderoso agente redutor. Miscível com água, álcool, éter e glicerol. Usado na remoção de pelos em couros. Redutor de corantes de lã de cores rápidas, em análise química (ABRACOR, 2011, p. 135). Utilizado nos tratamentos do bronze, eliminação da corrosão do cobre sobre a prata e descalcificador (CALVO, 1997, p. 13). Sinonímia: ácido metanóico.</p>
<p>ÁCIDO OXÁLICO</p> <p><i>ácido oxálico [esp]</i> <i>oxalic acid [ing]</i> <i>acido assalico [it]</i> <i>acide oxalique [fr]</i></p>	<p>[Ma] Fórmula: $C_2H_2O_4$. Substância se apresenta em pó ou cristais incolores, transparentes. Muito tóxico e irritante. Usado na limpeza de metais, curtimento de couro, como catalisador, branqueamento de têxteis (CALVO, 1997, p. 13). Utiliza em baixas concentrações, para eliminar produtos de corrosão em ferros arqueológicos (MUÑOZ VIÑAS; OSCA PONS; GIRONÉS SARRÓ, 2014, p. 25).</p>
<p>ÁCIDO SULFÚRICO</p> <p><i>ácido sulfúrico [esp]</i> <i>sulphuric acid [ing]</i> <i>acido solforico [it]</i> <i>acide sulfurique [fr]</i></p>	<p>[Ma] Fórmula: H_2SO_4. Reagente. Ácido forte. Líquido oleoso, incolor ou marrom claro, inodoro. Muito corrosivo. Tóxico. Tem afinidade muito grande com água. Carboniza açúcares, madeira, papel, etc. Miscível com água com geração de muito calor e com contração em volume. Quando for diluído, o ácido deve ser acrescentado ao diluente, e nunca o inverso. Utilizado na acidulação de reveladores, fixadores fotográficos e no preparo de soluções fotográficas (ABRACOR, 2011, p. 136). Usado para eliminar a corrosão do cobre, especialmente cuprita (CALVO, 1997, p. 13). Sinonímia: óleo de vitríolo; vitríolo.</p>
<p>ACLIMATAR</p> <p><i>aclimatar [esp]</i> <i>acclimatize [ing]</i> <i>acclimatare [it]</i> <i>acclimater [fr]</i></p>	<p>[Cv] Refere-se ao tempo que as embalagens devem permanecer fechadas; uma boa embalagem deve manter, durante o trânsito dos bens culturais, a estabilidade climática (ACAM Portinari, 2012, p. 93).</p>

AÇOITE	[Ab] Instrumento composto por cabo curto, em que estão ligadas duas ou três tiras de couro, onde nas extremidades se fixam ossos ou pedaços de chumbo. Insígnia de algumas divindades gregas. Utilizado para flagelação ou açoitamento. Na iconografia religiosa era utilizado pelos santos no ritual de flagelação e na Paixão de Cristo.
ACONDICIONAMENTO	1. [Cv] Ato ou efeito de embalar ou guardar um objeto de forma apropriada à sua preservação e acesso. ⁵⁵ 2. Proteção, separação ou isolamento do bem cultural do ambiente que o cerca. ⁵⁶
ACORDELADO	[Ce] Técnica de confecção de peças de cerâmica, que consiste em superpor roletes de pastas de comprimento variável, em sentido circular até construir as paredes do vaso. ⁵⁷
ACRÉSCIMO	[Re] Aquilo que se acrescenta. Em escultura quando há adição ou é acrescido alguma parte faltante ou algum elemento na obra.
ACRÍLICA <i>acrílica [esp]</i> <i>acrylic [ing]</i> <i>acrilica [it]</i> <i>acrylique [fr]</i>	1. [Ma] Tinta composta por mistura de resina acrílica (aglutinante) e pigmento, teve seu uso difundido a partir de 1960. É solúvel em água e se caracteriza pela secagem rápida e aspecto brilhoso. Permite a realização de ampla gama de efeitos diversificados. ⁵⁸
ACRÍLICO <i>acrílico [esp]</i> <i>acrylic [ing]</i> <i>acrilico [it]</i> <i>acrylique [fr]</i>	1. [Ma] Plástico de metacrilato de polimetil usado frequentemente em molduras no lugar do vidro. Comercializado sob vários nomes, entre os quais Plexiglas, Lucite, Crylux e Acrylite. ⁵⁹ Apresenta versatilidade de forma e acabamento, transparência, é resistente às intempéries, além de ser isolante térmico e seguro quanto a possível estilhaçamento (ACAM Portinari, 2010, p. 102). 2. [Ta] Técnica de pintura que tem como aglutinante um polímero sintético, dissolvido com solventes orgânicos ou em emulsão aquosa. É usado industrialmente em tintas artísticas a partir dos anos 60 do século XX. ⁶⁰
ACROSTÓLIO	[Or] Ornato em forma de capacete, escudo, ou cabeça de cisne (NUNES, 2008, p.19), que eram instalados nas proas dos navios. Aparece como ornamento nas navetas dos séculos XVII e XVIII.
ACROTÉRIO	1. [Ar] Do grego <i>akrotérion</i> . Ponto mais elevado ou cimo de uma

⁵⁵ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://panucarmi2.wikidot.com/glossario>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁵⁶ MUSEU de Astronomia, 1995. p. 31.

⁵⁷ Dicionário de Termos Arqueológicos (em construção). Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵⁸ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/escultura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁵⁹ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<p><i>acrótera [esp]</i> <i>acroterion [ing]</i> <i>acroterio [it]</i> <i>acrotère [fr]</i></p>	<p>construção. 2. [Ar] Pequeno pedestal, colocado no frontão ou em platibandas como suporte de cruz, de estátuas ou outras peças escultóricas (ÁVILA, 1979, p. 125). 3. [Or] A forma mais comum de acrotério é o vegetalista, mas é possível encontrar vasos, bolas, globos, prismas facetados, pinhas, animais fantásticos e até estatuetas humanas.</p>
<p>AÇUCENA</p>	<p>[Es] Abertura do castiçal no qual se introduz a vela (mandela/cachimbo) (NUNES, 2008, p.19).</p>
<p>ADENTAR <i>adentellar [esp]</i> <i>to dent [ing]</i> <i>dentelare [it]</i> <i>denteler [fr]</i></p>	<p>[Tc] Entalhar em forma de dentes, ou pequenos ângulos (TEIXEIRA, 1995, p. 19). Ver ENTALHAR.</p>
<p>ADEREÇO</p>	<p>[Ge] Adorno, enfeite, joia (NUNES, 2008, p.19).</p>
<p>ADESÃO <i>adhesión [esp]</i> <i>adesione [it]</i></p>	<p>[De] Por adesão se entende a união por contato superficial, como por exemplo, a adesão da camada pictórica ao suporte (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 18). As forças adesivas são forças que surgem na interface entre dois materiais e os mantêm unidos. Para Figueiredo Jr. (2012, p. 122) a adesão é um fenômeno complexo e nenhuma teoria sozinha consegue explicá-lo, assim temos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Teoria mecânica – considera que ao provocarmos rugosidades nas superfícies dos substratos em ordens de grandezas de milímetros ou próximas há uma melhor adesão. Estas rugosidades funcionarão como encaixes entre os dois substratos que se encontram mais facilmente. Madeiras e pedras costumam ter sua rugosidade aumentada através de limas para apresentarem boa aderência. • Teoria da difusão – o líquido adesivo penetra em ambos os substratos (difunde-se por eles) através de seus poros formando uma ponte entre eles. Desse modo não há uma interface bem definida entre os substratos e o filme. • Teoria da absorção física e química – consiste no jogo de atração entre as interações intermoleculares. Quanto mais polares forem as substâncias presentes nos adesivos maior será a atração. Por isso proteínas e gomas, que fazem ligações de hidrogênio, são ótimos adesivos ao contrário de ceras, que fazem fracas interações de forças de London.
<p>ADESIVO <i>adhesivo [esp]</i> <i>adhesive, glue [ing]</i> <i>adesivo [it]</i> <i>adhésif [fr]</i></p>	<p>[Ma] Substância que adere uma superfície a outra e é capaz de manter unidos os fragmentos. Adesivos fornecem uma ampla seleção de propriedades, como: solubilidade, aderência, tempo de adesão e resistência de colagem. Eles podem ser usados em quase todos os tipos de superfícies, como madeira, vidro, metal, plástico, papel, tecido e</p>

borracha. Os adesivos geralmente são ativados por água, solventes, pressão, calor, frio ou radiação UV.⁶¹ Conceitualmente, adesivo é o material que tem a propriedade de unir, juntar, colar, ligar, aderir substratos. São chamados ou conhecidos como: colas, cimentos, pastas ou selantes, desde que se saiba que “toda cola é um adesivo, porém nem todo adesivo é uma cola.”⁶² Os adesivos são pontes entre as superfícies de substratos (mesmo material ou não). Os mecanismos físico-químicos dependem: da resistência da ligação do adesivo ao substrato – força de adesão; e da resistência dentro do adesivo – força de coesão.

Para o emprego de um adesivo em uma obra de arte deve-se ter um total conhecimento de suas características como: cor, fluidez, tempo de dissolução, tempo de secagem (ou polimerização), ponto de fusão, adesão (tanto maior quanto menor), preenchimento, maciez, translucidez, as técnicas de aplicação e a reação do produto sobre o substrato, a absorção pelos substratos, a resistência a microrganismos ou agentes de deterioração.

Em alguns casos, pode ser necessário tratamento superficial, abrasão ou um promotor de adesão para aumentar a resistência ou a durabilidade da ligação adesiva. Podem apresentar-se em pasta, pó, fita ou líquido, variando sua forma de aplicação e o tempo de secagem varia segundo as características do adesivo e das condições de umidade e temperatura (CALVO, 1997, p. 15). Os adesivos podem ser classificados como:

De acordo com a composição química –

- inorgânicos: gesso de Paris e o cimento
- orgânicos podem ser classificados de acordo com a origem:
 - natural:
 - animal (pele, osso, sangue, caseína, clara de ovo, cera de abelhas, etc.);
 - vegetal (amido, goma, resina natural, cera (carnaúba), etc.); e
 - mineral (betume, cera microcristalina).⁶³
 - sintético (acrílico, acetato de vinila, cianoacrilato, epóxi, silicone, etc.):
 - acrílicos e
 - vinílicos.

⁶¹ Disponível em: <<http://cameo.mfa.org/wiki/Adhesive>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

⁶² A cola contém colágeno.

⁶³ Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1188774>>. Acesso em: 02 out. 2018.

	<ul style="list-style-type: none"> • semissintético - que são os derivados dos produtos naturais que sofreram modificações químicas: CMC – Carboximetilcelulose.
--	---

ADESIVO LASCAUX 360HV/498HV	Ver LASCAUX .
------------------------------------	----------------------

ADESIVO SINTÉTICO	[Ma] Adesivo de origem sintética. O termo agrupa todas as resinas sintéticas (especialmente polímeros vinílicos e acrílicos, bem como poliésteres, resinas epoxídicas e silicones) e resinas semissintéticas (principalmente derivados de celulose). Os adesivos sintéticos foram uma alternativa aos tradicionais adesivos naturais, já que seu poder de adesão é maior. As resinas acrílicas têm sido amplamente utilizadas como ligantes em técnicas pictóricas contemporâneas. ⁶⁴
--------------------------	--

ADIÇÃO	1. [Tc] Processo escultórico que permite formar volumes acrescentando material modelável (TEIXIDO I CAMI, 1997). 2. [Re] Ver ACRÉSCIMO .
---------------	---

ADOÇAR <i>suavizar [esp]</i> <i>to mollify, to reduce in harshness ou asperity [ing]</i> <i>addolcire [it]</i> <i>adoucir [fr]</i>	[Tc] Corrigir as asperezas provocadas pelos instrumentos, suavizando a obra (TEIXEIRA, 1995, p. 19).
---	--

ADORNO	[Ge] Adequado tratamento de um tema (TEIXIDO I CAMI, 1997).
---------------	---

ADOSSADO – <i>adosado [esp]</i> <i>addorsed,</i> <i>backed [ing]</i> <i>appoggiato [it]</i> <i>adossé [fr]</i>	[Tc] Diz-se de qualquer escultura, independentemente do seu volume ou grau de saliência, cujas costas se encostam ou aplicam contra uma superfície plana (parede, muro de um edifício, painel de um móvel, painel de um retábulo) e estão fixas através de diversos meios (ganchos, pregos, etc.). Os relevos de adossamento são relevos relacionados e fixados depois do acabamento sobre um fundo independente, não tendo sido concebidos para estarem destacados (baixo ou alto relevo aplicado num retábulo, por exemplo). Não deve confundir-se a escultura adossada com uma escultura com as costas planas sem trabalho, nem com uma escultura com as costas escavadas, apesar destas poderem estar associadas a um enquadramento ou albergue arquitetônico e terem sido feitas para serem vistas apenas de frente. ⁶⁵ Diz-se de duas figuras iguais que se apresentam dorso contra dorso (TEIXEIRA, 1995, p. 19).
--	---

⁶⁴ TESAUROS. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1176348>>. Acesso em: 07 Out. 2018.

⁶⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

ADRO	[It] Etimologicamente, a palavra deriva do latim <i>atrium</i> , que significa pátio de entrada ou de acesso a uma edificação. É área de terreno livre à frente ou em torno das igrejas católicas. Pode ser aberto ou fechado por muros baixos, plano ou escalonado. Para alguns autores, compreende o conjunto de construções anteriores ao edifício religioso (TRINDADE, 1998, p. 382).
ADUELA	1. [Ig] Peça encurvada de madeira correspondente ao arco ou arquivolta na estrutura do coroamento ou remate do retábulo (ÁVILA, 1979, p. 125). [Ar] 2. [Ar] Pedra talhada que compõe os arcos ou abóbadas. 3. [Ar] Peças de sentido vertical dos quadros de portas e janelas que recebem as folhas. Diz-se também da face interna destas peças (ÁVILA, 1979, p. 18).
ADUFA	[Ar] Fasquias (ripas) de madeira, superpostas e intervaladas (ÁVILA, 1979, p. 18), usada em portas e janelas.
ADÚSSIA <i>arrimado [esp]</i> <i>shelving-bed [ing]</i> <i>appoggiato [it]</i> <i>adossé [fr]</i>	[Ig] Espaço que fica entre o arco-cruzeiro e a capela-mor (NUNES, 2008, p.19). [Ar] Encostado, ou apoiado; significa o espaço da igreja compreendida pelo arco-cruzeiro, ou capela-mor, que fica encostada, ou apoiada no corpo da igreja (RODRIGUES, 1875, p. 22).
AERINITE <i>aerinita [esp]</i> <i>aerinite [ing]</i>	[Ma] Mineral azul fibroso contendo ferro e magnésio, encontrado nos Pireneus. Foi usado como pigmento por vários mestres pintores do românico e é o azul do <i>Pantocrator de Sant Climent de Taiüll</i> . O nome vem do grego <i>aerinos</i> que significa "céu". ⁶⁶
AEROGRAFIA	[Ta] Técnica de decoração que consiste na aplicação na chacota da cor por jato pulverizado, o pigmento aplicado sob pressão com um "aerógrafo", sendo o desenho realizado através de estampilhas de zinco. ⁶⁷
AFASTAMENTO DE BLOCOS	[Dt] Movimentação e deslocamento dos blocos que constituem o objeto por diversas causas, como: flutuações de UR (%). Ver DESLOCAMENTO DE BLOCOS .
AFEIÇOAR	[Tc] Dar ou exprimir feições a algum corpo (TEIXEIRA, 1995, p. 19).
AFIADO	[Ge] Amolado (TEIXEIRA, 1995, p. 19). AFIAR – <i>[esp]</i> ; <i>[ing]</i> ; <i>[it]</i> ; <i>[fr]</i> . [Ge] Amolar ou dar fio ao gume dos instrumentos para cortarem melhor (TEIXEIRA, 1995, p. 19). [Tc] Polir o bisel de uma goiva (TEIXIDO I CAMI, 1997).

⁶⁶ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/en/aerinite>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

⁶⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

AFINAR 1. [Tc] Aperfeiçoar o corte de uma goiva. (TEIXIDO I CAMI, 1997).
2. [Tc] Emagrecer a figura, tornando-a mais esbelta e elegante. Harmonizar (TEIXEIRA, 1995, p. 19).

AFRESCO [Ta] Método de pintura mural que consiste na aplicação de pigmentos puros, misturados somente com água, sobre uma base de gesso ou nata de cal ainda úmida. As cores fixam-se na superfície da parede através do processo de carbonatação da cal que se desenvolve quando esta, secando, se combina com o anidrido carbônico do ar, criando-se, assim, uma película dura e compacta que engloba as cores. A técnica é também chamada afresco verdadeiro, para distinguir-se da pintura sobre gesso seco. O afresco verdadeiro tem excepcional durabilidade em climas secos, mas, tornando-se úmida a parede, o gesso pode rachar, e com ele a pintura.⁶⁸

**AGAR-AGAR ou
ÁGAR-ÁGAR**

agar-agar [esp]
agar-agar [ing]
agar-agar [it]
agar-agar [fr]

A palavra "ágar" significa algas marinhas. Quando uma palavra é duplicada, como em ágar-ágar, a maioria das traduções considera isso como uma forma superlativa da palavra. Assim, "ágar-ágar" significa "melhor ágar" ou "melhor alga marinha". O uso atual cai o termo repetido.⁶⁹ [Ma] Adesivo, goma vegetal. Substância polissacarídica, semelhante à gelatina, extraída de várias espécies de algas vermelhas, pertencente à classe *Rhodophyceae*, que crescem nos oceanos Pacífico e Índico e no Mar do Japão. Segundo a lenda, o ágar foi descoberto em meados do século XVII no Japão. Agar contém agarose e agarpectina. O ágar está disponível na forma granulada, pó, tiras e em folhas finas. É fortemente hidrofílico e pode absorver mais de 20 vezes o seu próprio peso em água fria. O ágar dissolve-se em água quente e forma uma gelatina dura e clara após o resfriamento, mesmo em concentrações tão baixas quanto 0,7%. No entanto, quando os filmes de ágar são dessecados, eles encolhem significativamente. Mais comumente usado como meio de cultura de bactérias e fungos. É um importante agente emulsionante em alimentos, fotografias, materiais para moldes odontológicos, cosméticos e adesivos. Agar também foi usado para fazer um tecido experimental de gaze sintética na Inglaterra. As principais fontes comerciais de ágar são o Japão, a Nova Zelândia, a Austrália, a Rússia e os Estados Unidos. Insolúvel em etanol; incha em água fria. Lentamente solúvel em água quente e forma um gel no resfriamento (37-40 °C)⁷⁰, e se liquefaz à temperatura entre 60-70 °C. É um adesivo aglutinante usado na marmorização de papéis. Uma vez resfriada, a solução espessa, pode formar géis de alta viscosidade, tornando-se inclusive rígidos. Esses géis são muito eficazes nas limpezas de materiais porosos como gesso ou papel. Também utilizado como estabilizador, emulsionante e espessante em

⁶⁸ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/escultura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁶⁹ Disponível em: <<http://cameo.mfa.org/wiki/Agar-agar>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

⁷⁰ Disponível em: <<http://cameo.mfa.org/wiki/Agar>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

	algumas formulações de argamassa para evitar que as cargas se decantem (MUÑOZ VIÑAS; OSCA PONS; GIRONÉS SARRÓ, 2014, p. 30). Não inflamável. Nenhum perigo conhecido. Sinonímia: ágar-ágar (AAT); ágar; gelatina japonesa; kanten; agar australiano; gelose; agarose.
ÁGATA	[Ma] Pedra semipreciosa usada para polir ou brunir no douramento à água (TEIXEIRA, 1995, p. 19). Geralmente é anexada a um cabo para facilitar o manuseio no brunimento.
AGENTES ATMOSFÉRICOS <i>Agentes atmosféricos [esp] agenti atmosferici [it]</i>	[Dt] São elementos que compõem o ar, como o oxigênio, dióxido de carbono e vapor de água, aos quais devemos adicionar poluentes ambientais, como óxidos de nitrogênio, compostos de chumbo e outros derivados das atividades humanas. Todas essas substâncias interferem de diferentes maneiras na conservação de obras artísticas, como esculturas e decorações de pedras preservadas ao ar livre, ativando processos químicos ou alterações físicas muito danosas e, por vezes, irreversíveis (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 19).
AGENTES BIÓTICOS <i>agentes bióticos [esp] agenti biotici [it]</i>	[Dt] Agentes degradantes de madeira, papel, tecidos, pedra e outros, associados à ação de organismos vivos como fungos, bactérias e insetos (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 19).
AGENTES DE BIODETERIORAÇÃO <i>agentes de biodeterioro [esp] biodeteriogeni [it]</i>	[Dt] Sinônimo de organismos como bactérias, musgos, líquens, fungos ou algas que favorecem em processos de degradação de materiais artísticos, tanto naturais como artificiais, bem como os de natureza orgânica, como madeira, têxteis ou papel. Em geral, os fatores termohigrométricos desfavoráveis (alta umidade, acúmulo de água, exposição à luz, etc.) facilitam a expansão desses organismos. Eles devem ser removidos por limpeza mecânica e química (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 19-20).
AGENTES DE DETERIORAÇÃO	[Dt] Forças físicas diretas (choques, vibrações, abrasões e gravidade); roubo, desvios e vandalismo; fogo; água; pragas; contaminantes; radiações; temperatura incorreta; umidade relativa incorreta. ⁷¹
AGENTES QUÍMICOS	[Dt] Existentes na poluição, colaboram para a degradação dos objetos. As impurezas sólidas e gasosas, que se depositam nas superfícies dos materiais, podem provocar reações químicas, além de concentrar gases e umidade no ambiente (ACAM PORTINARI, 2010, p. 84).
AGLOMERADO	[Ma] É formado pela mistura de resíduos de madeira prensados. Aceita bem pintura e verniz e é utilizado para a fabricação de móveis e gavetas. Sua principal vantagem é o baixo custo, no entanto, tem baixa

⁷¹ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://panucarmi2.wikidot.com/glossario>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

	resistência à umidade, suporta pouco peso e apresenta curta durabilidade. ⁷²
--	---

AGLOMERANTES	[Ma] Materiais empregados na composição de argamassas e pastas que têm a propriedade de dar coesão às partículas de areia, endurecer com o passar do tempo e dar durabilidade. Exemplos de aglomerantes são o gesso, a argila, a cal, a cal hidráulica, o cimento, o betume e outros (KANAN, 2008. p. 164).
---------------------	---

AGLUTINANTE <i>liant [fr]</i>	[Ma] Substância que mantém as partículas de pigmentos, corantes e de cargas inertes unidas entre si, de forma a ligá-los (aglutiná-los) e provocar a sua coesão e aderência ao preparo e ao suporte. O tipo de aglutinante determina a técnica utilizada pelo artista. Podem ser aquosos (cola animal, ovo, caseína), ou oleosos (óleo de linho); ou sintéticos (acrílicos, vinílicos). ⁷³
---	---

AGLUTINANTE PICTÓRICO	[Ma] Esta substância se denomina <i>médium</i> , <i>veículo</i> ou aglutinante pictórico. Material necessário, com a função de intermediário entre as partículas do pigmento (material cromático), e a superfície a revestir. A principal função do aglutinante é proporcionar coesão às partículas inconexas do pigmento e, ao mesmo tempo, fazer com que a fina camada formada seja aderida a superfície do suporte. Depois da aplicação, o aglutinante deve secar dentro de um tempo razoável. Isto supõe a transformação da substância filmógena em uma película fina com propriedades adequadas de dureza e flexibilidade que garantam sua conservação com o tempo (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 95). Vários materiais podem ser utilizados para proporcionar a ação aglutinante, cada qual produzindo efeitos visuais distintos. A escolha do material aglutinante irá definir a técnica pictórica empregada pelo artista (SERRATE, 2011, p. 14).
------------------------------	--

AGLUTINANTES SINTÉTICOS	[Ma] Variedade de resinas sintéticas com diferentes aplicações, algumas utilizadas na composição de tintas e vernizes e, as três classes mais importantes são as acrílicas, vinílicas e alquídicas. Outras classes de resinas sintéticas usadas em menor escala: celulósicas, epoxídicas e poliuretânicas. A tinta acrílica se baseia na polimerização de monômeros de acrilatos e metacrilatos, sendo os mais comuns os que possuem a cadeia alquílica com até quatro átomos de carbono. É usada como emulsão a base de água. No campo específico de materiais pictóricos artísticos, as emulsões acrílicas têm uso muito mais difundido que qualquer outra resina sintética. A maior vantagem das emulsões aquosas é facilidade de aplicação sem as precauções de segurança exigidas para as tintas à base de solventes orgânicos. Foi desenvolvida em meados do século XX, possuindo qualidades como a
--------------------------------	---

⁷² Disponível em: <<https://martelaria.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

⁷³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

rápida secagem e durabilidade. Os produtos que levam em sua composição as resinas acrílicas tornaram-se populares e admirados por sua resistência e plasticidade (SERRATE, 2011, p. 20).

AGNUS-DEI

1. [Rg] Selo de cera branca, geralmente de forma oval ou circular, e apresentando, no anverso, a efigie do cordeiro místico e, no reverso, imagens de santos ou as armas papais. O *Agnus-Dei*, benzido pelo Papa, é feito com cera parcialmente recuperada dos círios pascais das basílicas romanas ou oferecidos ao sumo pontífice. É geralmente conservado numa caixa envidraçada (caixa de *agnus-Dei*), num medalhão suspenso ao pescoço (medalhão de *agnus-Dei*) ou montado num relicário em forma de ostensório (relicário de *Agnus-Dei*) (THESAURUS, 2004, p. 94). 2. [Ic] Representa o Cordeiro de Deus.

ÁGUA

agua [esp]
water [ing]

[Ma] Fórmula: H₂O. Um líquido claro, incolor e inodoro que é essencial para a maioria das plantas e vida animal. Água pura ocorre na natureza como chuva, enquanto a água em lagos, córregos e oceanos contém sais minerais dissolvidos (sílica, ferro, cálcio, magnésio, potássio, sódio, sulfatos, cloretos, carbonatos, nitritos/nitratos, etc.). Quantidades excessivas de sólidos dissolvidos constituem "água dura". Os sólidos dissolvidos são removidos por destilação, filtração, osmose reversa ou amaciadores de água. A água é comumente usada como solvente e diluente para tintas aquosas (guache, têmpera, aquarela, afresco, etc.), para pasta de papel, corantes têxteis, misturas de cimento, soluções fotográficas, detergentes e adesivos. Também é usada para limpeza, resfriamento, armazenamento de energia e apagamento de incêndios.⁷⁴ [Re] A água é o solvente mais usado em restauração. Sua característica mais notável é a distribuição espacial dos átomos de hidrogênio. A polaridade da molécula de água explica a formação de forças atrativas muito fortes entre as próprias moléculas de água, ou entre as moléculas de água e outras moléculas polares ou com grupos funcionais polares. Graças à sua alta polaridade, a água pode dissolver compostos insolúveis na grande maioria dos solventes, como cola animal, amido, gomas vegetais ou alguns éteres de celulose comumente usados na restauração (MUÑOZ VIÑAS; OSCA PONS; GIRONÉS SARRÓ, 2014, p. 31).

ÁGUA DEIONIZADA

deionized water [ing]

[Ma] Água que teve todas as partículas carregadas removidas. A água deionizada (água DI) é produzida usando um processo de troca iônica. A imersão de qualquer material em água deionizada dissolverá ou dispersará prontamente quaisquer sais ou íons.⁷⁵

ÁGUA DESTILADA

distilled water [ing]

[Ma] Água que foi aquecida até seu ponto de ebulição de 100 °C, vaporizada, depois condensada em uma superfície fria e coletada. A água destilada é mais pura do que a água da torneira porque os sólidos

⁷⁴ Disponível em: <<http://cameo.mfa.org/wiki/Water>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

⁷⁵ Disponível em: <http://cameo.mfa.org/wiki/Deionized_water>. Acesso em: 16 nov. 2018.

	dissolvidos, como os sais, não evaporam. No entanto, alguns materiais orgânicos dissolvidos podem co-destilar com a água. ⁷⁶
--	---

AGUADA	[Ta] Pintura com tinta diluída em água e goma usada na aquarela e no desenho avivado. ⁷⁷
---------------	---

AGUARELA	[Ta] As duas palavras, tanto <i>aguarela</i> como <i>aquarela</i> , existem na língua portuguesa e estão corretas. A palavra <i>aquarela</i> é a mais utilizada no português do Brasil enquanto a palavra <i>aguarela</i> é a mais utilizada no português de Portugal. Referem-se à tinta, à técnica de pintura e às pinturas produzidas. As palavras <i>aquarela</i> e <i>aguarela</i> têm sua origem na palavra em italiano <i>acquarella</i> . A palavra <i>aquarela</i> é tida como a mais correta e socialmente aceita, sendo a mais utilizada. A palavra <i>aguarela</i> , embora com menor uso, aparece em dicionários como sendo o mesmo que <i>aquarela</i> . ⁷⁸ Ver AQUARELA .
-----------------	--

AGUARRÁS <i>aguarrás [esp]</i> <i>acquaragia [it]</i>	[Ma] Essência de terebintina, usada na preparação de verniz para pintura (TEIXEIRA, 1995, p. 19). A palavra vem de <i>água</i> , e do árabe <i>hareq</i> (queimar) espírito, ou essência de terebintina (RODRIGUES, 1875, p. 24). A expressão é uma contração da expressão “água de Ras”, como antigamente era conhecido esse material. Frequentemente era utilizado esse termo para se referir às essências de terebintina de baixa qualidade (MUÑOZ VIÑAS; OSCA PONS; GIRONÉS SARRÓ, 2014, p. 36). Pode ser aguarrás mineral ou aguarrás vegetal .
--	---

AGULHA	[Ar] 1. Arremate piramidal ou cônico, de pequena base e grande altura, que aparece geralmente no coroamento agudo de torres de igrejas. Ver CORUCHÉU. 2. [Ar] Diz-se igualmente de peça cilíndrica de madeira empregada no travamento do taipal para as construções de taipal de pilão (ÁVILA, 1979, p. 18).
---------------	--

AGULHETA	[Mo] Em mobiliário, designa os remates ornamentais de formato pontiagudo que se colocam nas extremidades de determinadas peças. Ver CARAPETA e PINÁCULO. (DAMASCENO, 1987, p. 1).
-----------------	---

AIPO	[Or] Decoração usada em certos tipos de capitéis da época ogival, com a representação da planta da família das umbelíferas, cuja folha é composta de três lóbulos recortados (REAL, 1962, p. 31).
-------------	---

AJUNTAMENTO	[Ge] União de várias peças, para formar um só corpo (TEIXEIRA, 1995, p. 19).
--------------------	--

ALADO	[Ge] Quando provido de asa.
--------------	-----------------------------

⁷⁶ Disponível em: <http://cameo.mfa.org/wiki/Distilled_water>. Acesso em: 16 nov. 2018.

⁷⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁷⁸ Disponível em: <<https://duvidas.dicio.com.br/aquarela-ou-aguarela/>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

ALAMAR	[In] Galão de seda, de lã, ou de fio metálico trançado ou torcido, usado como adorno e abotoadura de certas peças de vestuário. Geralmente aparece na parte frontal das capas de asperges (DAMASCENO, 1987, p. 1).
ALBARRADA	[Ut] Vaso de flores ladeado por pássaros, golfinhos ou <i>putti</i> , composições autônomas na 2ª metade do séc. XVII que, no século XVIII se transformam em motivos de repetição intercalados por motivos vegetalistas, constituindo painéis seriados formando silhares. ⁷⁹
ALBÍNEO (ALVÍNEO)	[At] Ver ALVANEL .
ALBUMINA <i>albumina</i> (esp.) <i>albumina</i> (it.) <i>albumine</i> (fr.)	[Ma] Proteína natural, solúvel em água, encontrada na clara de ovo, no leite e no sangue. Quando se diz <i>albumen</i> , o uso geralmente refere-se a proteínas de clara de ovo usadas na indústria de alimentos e em emulsões fotográficas do século XIX. A albumina é uma proteína forte e coagulante que é usada em adesivos, revestimentos de papel, emulsões litográficas e fotográficas, tingimento têxtil, couro dourado, ligantes de tinta e vernizes. A albumina seca (pó) é amarelada e forma uma solução incolor na água. A proteína da albumina permanecerá solúvel em água, a menos que seja aquecida a temperaturas acima de 50 °C (122 °F) ou exposta à luz intensa ou em longo prazo. Medicinalmente, é usado como um antídoto para o envenenamento por mercúrio. Solúvel em água, etanol. ⁸⁰ Foi usada no século XIX como meio ligante da prata nas provas fotográficas em papel designadas de albuminas. Foi também usada com o mesmo fim em negativos de vidro. Material pouco estável, a albumina é fonte de numerosos problemas em conservação fotográfica. Tem tendência para amarelecer com a umidade, com a luz e em contato com ácidos. A albumina tem uma forte tendência para reagir com os íons de prata e com o enxofre, formando sulfureto de prata, substância amarela que provoca manchas na imagem. A albumina contrai e expande com as flutuações da umidade relativa do ar, acabando por se tornar quebradiça e abrindo pequenas fissuras na superfície da imagem. ⁸¹
ALBURNO	[Bo] Também conhecido como <i>borne</i> , ou <i>brancal</i> . Parte exterior do tronco, em contato com a casca. É a zona mais branda do tronco, cuja função principal é a condução dos sais minerais solúveis desde as raízes até às folhas. É composto por fibras grossas, ricas em linfa. Com a passagem dos anos, transforma-se em durâmen. O corpo lenhoso interpõe-se entre a casca e a medula, a última é constituída pelo cerne, que é por sua vez envolvido pelo alburno. A madeira e propriamente

⁷⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁸⁰ Disponível em: <<http://cameo.mfa.org/wiki/Albumin>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

⁸¹ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?!letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

	constituída pelo cerne que é compacto e duro. O alburno é mais claro, endurece com o tempo, de dentro para fora. A sua massa contém elementos deteriorantes, apreciados pelos insetos xilófagos pela fácil putrefação (RESCALA, 1984, p. 30).
--	---

ALÇA	[Ge] Argola ou puxadeira para levantar, prender ou transportar um objeto (DAMASCENO, 1987, p. 1).
-------------	---

ÁLCALI	[Qm] Substância com propriedades básicas, capaz de formar sais se em contato com os ácidos. Qualquer hidróxido, ou óxido, dos metais alcalinos (lítio, sódio, potássio, rubídio e célio). ⁸²
---------------	---

ALCALINIDADE	[Qm] Excesso de íons oxidrilo negativos numa solução aquosa. Propriedade de uma substância química alcalina; alcalicidade, basicidade.
---------------------	--

ALCATIFAS	[Ou] Tapetes, colchas ou toalhas bordados em cores diferentes. No período colonial era costume enfeitar-se de <i>alcatifas</i> as janelas das casas, por ocasião de festividades religiosas. Esse tipo de ornamentação é, ainda hoje, bastante comum em festas de cidades mineiras (ÁVILA, 1979, p. 125).
------------------	---

ÁLCOOL	[Ma] Denominam-se assim todos os compostos orgânicos que contêm na sua molécula o grupo hidroxila –OH, unido a um átomo de carbono. Sempre que se cite simplesmente álcool, sem especificar, faz-se referência ao álcool etílico ou etanol. Os álcoois, em geral, são líquidos incolores com uma grande gama de pontos de ebulição. Todos são fortemente polares (a polaridade diminuiu com o aumento da longitude da cadeia numa série homóloga), muitos são inflamáveis. Um dos mais tóxicos é o álcool metílico. O seu uso mais importante é como dissolvente. Classificação dos álcoois pelo número de grupos hidroxilos da sua molécula (monoálcoois e poliálcoois); pelo número de radicais alcoxi (primários, secundários, terciários) e desde que existam em ligações simples ou múltiplas na molécula (saturados e insaturados). ⁸³ Muitos compostos alcoólicos ocorrem naturalmente nas plantas enquanto outros são produzidos sinteticamente. Eles são usados para solventes, bebidas, plastificantes e combustíveis. Antes de 1800, os compostos alcoólicos eram chamados de <i>espíritos</i> . ⁸⁴
---------------	--

ÁLCOOL ABSOLUTO	[Ma] Fórmula: C ₂ H ₅ OH. Etanol puro que contém menos de um por cento de água. Inflamável. O álcool etílico é miscível em água em todas as proporções e destila como um azeotropo (mistura em ebulição
------------------------	---

⁸² Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?sa=X&biw=1229&bih=603&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=%C3%A1lcali>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

⁸³ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁸⁴ Disponível em: <http://cameo.mfa.org/wiki/Absolute_alcohol>. Acesso em: 12 abr. 2018.

constante) contendo 5% de água. Para a desidratação completa, o etanol é misturado com aguardente mineral, aguarrás ou cal viva e redistilado. O álcool absoluto é frequentemente preferido como um solvente para lacas, uma vez que elas secam com mais nitidez e com mais força na ausência de umidade. O álcool absoluto é fortemente higroscópico e reabsorve a água do ar em um recipiente aberto. Sinonímia: álcool etílico puro; álcool anidro; etanol anidro.⁸⁵

ÁLCOOL AMÍLICO [Ma] Fórmula: $C_5H_{12}O$. Solvente orgânico. Líquido incolor e inflamável. Aplicado em remoção de fitas adesivas, manchas de gordura, óleos e graxas. Insolúvel em água. Completamente solúvel em álcool e éter. Parcialmente solúvel em acetona. Sinonímia: Pentanol, Butilcarbinol, Álcool n-pentílico (ABRACOR, 2011, p. 96).

ÁLCOOL BENZÍLICO [Ma] Fórmula: $C_6H_5CH_2OH$. Solvente orgânico. Álcool aromático, tóxico, translúcido, que é utilizado como conservante e como solvente. Normalmente, é obtido pela combinação de clorídrico de benzeno com hidróxido de sódio. É extremamente polar e reage com ácidos (acético, benzóico, etc.) de modo a formar ésteres, sais e outros compostos. É parcialmente solúvel em água, mas bastante solúvel em alcoóis e éteres. Geralmente é utilizado como solvente para tintas, lacas e resinas epóxicas, sendo também utilizado como agente desengordurante. Sinonímia: Fenilcarbinol, metanol de benzeno (PEIXOTO, 2012, p. 109).

ÁLCOOL ISOPROPÍLICO [Ma] Fórmula: C_3H_8O . Álcool alifático. Solvente líquido. Inflamável e moderadamente tóxico. Utilizado em soluções para remoção de vernizes, repinturas oleosas, remoção de colas e repinturas polissacarídeas. Sinonímia: Isopropanol, 2-propanol, Isopropil álcool (ABRACOR, 2011, p. 97).

ÁLCOOL POLIVINÍLICO [Ma] Adesivo. Poliálcool (Glicol), álcool poli-hídrico. Não tóxico, não inflamável. Resina termoplástica. Polímero preparado a partir de acetatos de polivinila pela substituição dos grupos acetato por grupos hidroxila. Forma um filme tenaz com excelente resistência à tração. Estável ao calor acima de 100 °C. Sensível à água, entretanto, a sensibilidade pode ser diminuída por tratamento com formol ou por aquecimento superior a 150 °C. Amarelecimento e insolubilidade resultam de aquecimento superior a 100 °C. Tem bom poder de adesão, flexibilidade e estabilidade à luz. Exposições prolongadas à luz resultam em leve perda do poder de adesão, maior do que a perda de solubilidade, devido às ligações cruzadas. Solúvel em água, insolúveis em solventes de petróleo e solventes orgânicos. É utilizado como fixador (para fixação de camadas pictóricas e policromia) e consolidante de camadas pictóricas. Excelente para fixar têmpera. Sinonímia: Ethenol Homopolymer, Mowiol, PVOH, Elvanol,

⁸⁵ Disponível em: <http://cameo.mfa.org/wiki/Absolute_alcohol>. Acesso em: 12 abr. 2018.

Liquifilm, Solvar, Rhodoviol (ABRACOR, 2011, p. 19).

**ALDRABA ou
ALDRAVA**

[Ar] Argola de metal, fixa por uma extremidade, na parte anterior das portas, e que se levanta e se deixa cair sobre uma plaqueta metálica quando se quer bater à porta. Às vezes possui um dispositivo que permite abaixar ou girar o ferrolho, que segura a porta pelo lado posterior (DAMASCENO, 1987, p. 1).

ALEGORIA
allégorie [fr]

[Ap] Personificação de um conceito. Representação de uma ideia através de um personagem ou personagens, eles próprios frequentemente acompanhados por símbolos (LANGLE; CURIE, 2009, p. 93). O termo alegoria designa uma figura de estilo utilizada nas artes visuais e na literatura para expressar ideias abstratas e/ou sentimentos. Trata-se de expressar um pensamento ou conceito por meio de uma ou várias imagens (ou metáforas), com as quais se passa de um sentido literal a um sentido figurado ou alegórico.⁸⁶ Na arte cristã, principalmente no período Barroco foi comum a representação das alegorias das virtudes tanto em pintura como escultura, às vezes em conjunto completo das sete, ou apenas as teologais (fé, esperança e caridade) ou as virtudes cardeais (prudência, fortaleza, justiça e temperança) ou ainda individualmente. A alegoria era geralmente a figura de mulheres jovens portando os atributos que a identifica. A fé identifica-se pela cruz e cálice que traz nas mãos; a esperança pela âncora e caridade pelas crianças que traz nos braços e um coração; a prudência representa-se com uma serpente na mão e um cálice; a fortaleza porta uma coluna; a justiça uma balança e espada; e a temperança por um espelho e um cálice.⁸⁷

ALFAIA

[Li] Palavra usada pela Igreja Católica na acepção das coisas necessárias ao culto. Engloba, portanto, objetos e paramentos utilizados em cerimônias litúrgicas. (DAMASCENO, 1987, p. 1). Objetos de ouro ou prata, utilizados na celebração da missa ou na aplicação do viático (extrema unção) aos enfermos. Objetos: turíbulo, cálice, ostensório, custódia, naveta, varas do púlpito, cruz processional (NUNES, 2008, p. 14). Empregada tanto no singular como no plural, é costume dizer-se *alfaias sagradas* quando se quer falar de objetos, utensílios e paramentos da Igreja.

ALFERES

[Ou] Oficial do exército inferior ao tenente. É um porta-bandeira, provavelmente, aquele que, na irmandade, levava o estandarte (NUNES, 2008, p. 20).

⁸⁶ PINTURA Alegórica. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3819/pintura-alegorica>>. Acesso em: 16 de nov. 2018. Verbete da Enciclopédia.

⁸⁷ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 243.

ALGUIDAR	[Rg] Vaso de barro ou metal, em forma de tronco de cone invertido, próprio para abluções (DAMASCENO, 1987, p. 1).
ALICATADO	[Ta] Composição decorativa constituída pela combinação de secções recortadas de azulejo de diferentes cores lisas, com múltiplas formas geométricas justapostas, segundo esquemas preestabelecidos. ⁸⁸
ALICER	[Ce] Peça cerâmica monocroma, de pequenas dimensões, usada na composição de mosaicos. ⁸⁹ Também chamado <i>tacelo</i> .
ALIMPADOR	[At] O artista ou artífice que alimpa, purifica, acaba os trabalhos de escultura (TEIXEIRA, 1995, p. 19).
ALIMPAR	[Tc] limpar, purificar, acabar os trabalhos de escultura (TEIXEIRA, 1995, p. 19).
ALISADO	[Ce] Processo de nivelção da superfície das peças cerâmicas podendo variar em grau, como superfícies bem alisadas, regulares e irregulares. ⁹⁰
ALISADOR	[Eq] Seixos utilizados para alisar e polir a superfície das vasilhas cerâmicas. ⁹¹
ALISAR	[Tc] Eliminar as arestas das mordeduras de goiva (TEIXIDO I CAMI, 1997). Tirar a aspereza e escabrosidade da madeira. O escultor alisa para tirar as desigualdades das superfícies nas obras (TEIXEIRA, 1995, p. 19).
ALIZAR	[Ar] Peça de madeira que cobre junta entre a OMBREIRA de porta ou janela e o paramento das paredes. ALIZAR DE ORELHAS – Diz-se do alizar que apresenta ressaltos nos cantos (ÁVILA, 1979, p. 19).
ALMA	1. [Es] O que se tem no oco de uma escultura para lhe dar consistência (TEIXIDO I CAMI, 1997). 2. [Es] Maciço interior de uma figura, ou armadura de metal ou madeira, destinado a sustentar as partes delicadas de uma escultura. Molde em que se funde uma escultura (DAMASCENO, 1987, p. 1). 3. [Rg] Essência imaterial da vida humana. 4. [Ou] Denominação do habitante das povoações, vilas e cidades. Ex: Cidade de 2000 almas (NUNES, 2008, p. 20).
ALMAGRA ou	[Ma] Ver BOLO ARMÊNIO .

⁸⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁸⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹⁰ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹¹ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

 ALMAGRE

ALMÉCEGA [Ma] Resina de aroeira ou de lentisco amarelado, usada na preparação de verniz e mistura de tintas. É um tipo de goma (TEIXEIRA, 1995, p. 20).

ALMINHA 1. [Ic] Representação das Almas do Purgatório envolvidas pelas chamas. 2. [Rg] Manifestação de culto popular.⁹² [Rg] Em Portugal, são oratórios exteriores aos edifícios, que se encontram implantados em caminhos antigos e estradas. Normalmente são compostas por um painel que pode conter vários materiais e técnicas, seja azulejo, pintura ou relevo. A composição formal é variada. A estrutura que circunda o painel habitualmente diverge, podendo ser arquitetônica, retabular, semelhante a oratórios, ou mesmo um pequeno nicho na parede, não esquecendo os painéis que se encontram isentos de qualquer enquadramento cenográfico. No entanto, o que define o conceito de alminha é a representação nestes painéis do fogo do purgatório, com as almas. A partir daí há variações na representação onde podem surgir intermediários como Cristo, a Virgem, São Miguel Arcanjo ou anjos resgatando as almas. Teologicamente o fogo do purgatório diverge do fogo do inferno por ser purificador e significar a esperança na misericórdia divina. Daí as representações das almas que se encontram no fogo estarem em oração ou de braços elevados para os céus, numa demanda pela salvação (LOPES, 2016).

ALMOFADA 1. [Or] Elemento decorativo em relevo, geralmente em madeira, de forma quadrangular, que se aplica nas faces dos móveis. Pode ser contornado com moldura ou filetes.⁹³ 2. [Ar] Sobre a superfície de porta ou janela e encaixada como adorno. Geralmente apresenta forma geométrica, mas em algumas igrejas apresenta desenho simbólico ou figurativo. A almofada ocorre também em púlpitos, arcazes (cômodas) e outras peças de mobiliário (ÁVILA, 1979, p. 19). Diz-se porta ou janela de almofada as constituídas por engradamento que suporta painéis ou relevos almofadados (ÁVILA, 1979, p. 125).

ALMOFARIZ [Ut] Vaso de bronze, vidro, porcelana, madeira ou outro material, geralmente em forma de tronco de cone invertido, sendo o fundo uma concavidade hemisférica, em que se trituram ou misturam substâncias. Na parte superior, às vezes, apresenta um pequeno bico destinado a facilitar o escoamento de seu conteúdo. De uso doméstico, é usado nas igrejas para preparação do incenso. O mesmo que Gral ou Graal. Ver MÃO DO ALMOFARIZ e PILÃO. (DAMASCENO, 1987, p. 2).

⁹² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

ALMOTACÉ	[Ou] Juiz eleito pelos Senados das Câmaras, que tinha por função fiscalizar pesos e medidas, preços de gêneros, limpeza e conservação de bens públicos, etc. A ele competia também decidir sobre autorizações e demandas relativas às obras de construção. Usava-se igualmente a grafia <i>almotacei</i> (ÁVILA, 1979, p. 20).
ALOÉS	[Sp] Planta da família das liliáceas africanas do gênero aloes, de onde é extraído um corante verde-amarelo que entra na composição dos vernizes para douramento (<i>verniss à l'or</i>) e dos <i>vermeils</i> (TEIXEIRA, 1995, p. 20).
ALTAR	[Ig] Do latim <i>altar</i> . Estrutura que originalmente designava uma mesa criada em madeira, passando depois a ser em pedra ou em mármore, perante o qual se apresentavam as oferendas dedicadas às divindades pagãs. Nas igrejas cristãs é destinada à celebração da missa e outras cerimônias litúrgicas, e encontra-se no presbitério ou capela. O altar é constituído por diversas partes entre as quais a mesa que é o plano; o <i>estipes</i> , a estrutura de suporte, e o <i>sepulcrum</i> que contém relíquias. No cristianismo, é a mesa consagrada onde é celebrada missa (IMC, 2011, p. 63). A própria etimologia da palavra – alta ara – informa sobre o uso dos altares. Na aceção comum, pode-se tomar <i>pedra de ara</i> por altar, embora, no sentido restrito, pedra de ara constituía a parte principal do altar, sobre a qual repousam o cálice e a hóstia usados na missa. Os altares podem ser fixos (imóveis), quase fixos (dificilmente móveis) e portáteis (móveis). Primitivamente eram muito simples, semelhantes a uma mesa, passando depois a serem encostados às paredes, recebendo decorações e dando origem aos retábulos (TRINDADE, 1998, p. 382). Peças de um altar: ara, tabernáculo, cruz, castiçal, sacrário, velas, dossel. Ver RETÁBULO e PEDRA D'ARA.
ALTAR (ES) COLATERAL (IS)	[Rb] Dois altares de canto, localizados na nave, ladeando o arco-cruzeiro, sobre um degrau, que contorna todo o arco-cruzeiro e se prolonga pela capela-mor, ficando um degrau acima do plano da nave. São também chamados de <i>altares do arco-cruzeiro</i> . São dedicados a outros santos que não sejam o santo padroeiro do templo (TRINDADE, 1998, p. 382).
ALTAR ESTACIONAL	[Rg] Estrutura em forma de altar, colocada dentro ou fora da igreja, para expor a custódia com o Santíssimo Sacramento, uma imagem religiosa ou um objeto sagrado, durante uma paragem da procissão (THESAURUS, 2004, p. 61).
ALTAR (ES) LATERAL (IS)	[Ig] Altares colocados em parede, capela ou nichos laterais do corpo da igreja ou nave. São dedicados a outros santos, que não seja o santo padroeiro do templo (TRINDADE, 1998, p. 382).
ALTAR-MOR	[Ig] Altar principal de uma igreja, colocado no eixo da nave, geralmente ao fundo da capela-mor e de frente para a porta de entrada.

	Nele se conserva o Santíssimo e se celebram os atos principais do culto. Destina-se, ainda, às imagens ou relíquias do respectivo orago ou santo padroeiro. É também chamado de <i>retábulo-mor</i> (TRINDADE, 1998, p. 382).
--	---

ALTAR PORTÁTIL	[Rg] Caixa, em forma de cofre, arca ou mala de viagem que, ao abrir, se transforma num altar, ao qual era atribuído o privilégio de utilização, pelo presbítero, para celebrar fora do altar. No interior, encontra-se a pedra de ara. Pode incluir compartimentos para guardar alfaias e paramentos necessários à celebração da missa (THESAURUS, 2004, p. 20). Com a aprovação de seu uso pelo bispo. (DAMASCENO, 1987, p. 2).
-----------------------	--

ALTO-RELEVO	[Tc] Relevo cujas figuras ou formas apresentam, pela sua saliência, mais de metade do seu volume real, e em algumas das partes podem estar destacadas do fundo. ⁹⁴ Uma escultura está em alto-relevo, quando ela é realizada sobre uma base ou plano de fundo e sobressai mais do que a metade do modelo (TEIXEIRA, 1995, p. 20). Ver ESCULTURA .
--------------------	---

ALUMÍNIO	[Ma] Metal de cor e brilho semelhante aos da prata, leve e dúctil, muito maleável e resistente à oxidação. ⁹⁵
-----------------	--

ALVA	[In] O nome deriva de túnica Alba (túnica branca) (NUNES, 2008, p. 20). Túnica comprida, de mangas estreitas, normalmente de linho branco ou cânhamo. Pode ser ornamentada com renda e/ou bordado na parte inferior e na extremidade das mangas. Usada pelo sacerdote sob a casula, dalmatica, pluviál ⁹⁶ , para officiar a missa e outras celebrações litúrgicas. Simboliza a pureza de coração com que o sacerdote deve celebrar. É originária da túnica romana e grega de uso cotidiano e é, entre as vestes litúrgicas, uma das mais antigas (TRINDADE, 1998, p. 382).
-------------	---

ALVAIADE	[Ma] Pigmento branco, de carbonato de chumbo ou óxido de zinco, usado no polimento das encarnações, com vermelhão e óleo graxo (TEIXEIRA, 1995, p. 20), substância branca ou amarelada, muito usada na pintura a óleo (NUNES, 2008, p. 20). Ver BRANCO DE CHUMBO .
-----------------	---

ALVANEL	[At] O pedreiro que trabalha em obra de alvenaria (ÁVILA, 1979, p. 20).
----------------	---

⁹⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹⁵ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁹⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

AMARELAR	[Tc] Colocar uma tinta na base de preparação branca, composta de ocre diluído em cola, fazendo com que os locais onde o ouro não entra fiquem menos visíveis (TEIXEIRA, 1995, p. 20).
AMARELECIMENTO	[Dt] Deterioração própria dos vernizes. Produz-se como um efeito do envelhecimento, em que a luz e a umidade são fatores determinantes. ⁹⁷
AMARELO	[Ma] Ocre comum, triturado, peneirado e diluído na cola (TEIXEIRA, 1995, p. 20).
AMARELO DE CÁDMIO <i>amarillo de cadmio [esp]</i> <i>cadmium yellow [ing]</i> <i>giallo di cadmio [it]</i> <i>jaune de cadmium [fr]</i>	[Ma] Fórmula: CdS. O amarelo de cádmio é um pigmento artificial e quimicamente corresponde a sulfureto de cádmio. O metal cádmio foi descoberto por F. Stromeyer, em 1817, e entre os compostos que preparou conta-se o sulfureto sobre o qual disse em 1818: “devido à beleza e estabilidade da sua cor, bem como à propriedade que tem de se ligar bem às outras cores, especialmente ao azul, promete ser útil em pintura”. Não obstante as referências ao emprego do amarelo de cádmio em pintura em 1829, a sua comercialização parece ter-se iniciado cerca de 1846, embora devido ao seu elevado preço, resultante da escassa produção do metal, o pigmento só ganhe grande divulgação a partir de 1917, puro, e, sobretudo, a partir de 1921, neste caso diluído com sulfato de bário, na forma de litopone de amarelo de cádmio. Ainda em 1880, C.E. Guignet dizia que o amarelo de cádmio era “uma cor perfeita, se não fosse tão cara”. Juntando a esta razão económica o fato de os fabricantes franceses terem investido mais no amarelo de crómio, não é de estranhar o seu uso relativamente limitado entre os pintores impressionistas e pós-impressionistas. No entanto, foi utilizado, por exemplo, por Monet, Morisot, Manet e van Gogh. ⁹⁸
AMARELO DE CHUMBO E ESTANHO	[Ma] Fórmula: Pb ₂ SnO ₄ ou PbSnO ₃ . Pigmento artificial que é preparado aquecendo compostos de chumbo com óxido de estanho. É utilizado no fabrico de vidro e esmaltes desde antes de 1300. A partir desta data é introduzido como pigmento e já não é utilizado por volta de 1750. ⁹⁹
AMARELO DE CROMO <i>amarillo de cromo [esp]</i> <i>giallo di cromo [it]</i>	[Ma] Fórmula: PbCrO ₄ . Pigmento mineral sintético, comercializado a partir de 1818 e utilizado, principalmente, ao longo do século XIX. É um cromato de chumbo e sua cor varia entre um limão e um amarelo-alaranjado, dependendo do tamanho de suas partículas. Quando é quimicamente puro, é estável à luz, mas muitas vezes escurece com o tempo ou pode ficar esverdeado se exposto à luz solar intensa. Sua

⁹⁷ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁹⁸ CRUZ, António João. A matéria da imagem: dicionário sobre materiais, técnica, conservação e estudo laboratorial de pinturas. A Ciência e a Arte. Disponível em: <http://www.ciarte.pt/dic/a/amarelo_cadmio.html>. Acesso em: 12 set. 2017.

⁹⁹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/amarillo-de-plomo-y-estano>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

	mistura com pigmentos orgânicos geralmente se torna esverdeada e é incompatível com pigmentos contendo cromo ou enxofre. Geralmente é usado para pintura a óleo (é onde se comporta melhor). Somente a variedade básica (laranja ou vermelha) pode ser usada para a pintura afresco, porque ela reage com a cal. ¹⁰⁰
AMARELO DE CROMATO DE BÁRIO	[Ma] Primeiro dos pigmentos de cromo sintetizado em 1804 por Vauquelin e comercializado em 1809. O tom amarelo-limão, muito apreciado pelos pintores, é obtido pela adição de uma solução ácida à receita. ¹⁰¹
AMARELO DE NÁPOLES <i>amarillo de plomo [esp]</i> <i>Naples yellow [ing]</i> <i>giallo di Napoli [it]</i>	[Ma] Fórmula: $Pb_3(SbO_4)_2$. Pigmento, fundamentalmente artificial, embora existam também compostos minerais naturais. Conhecido na Babilônia e Assíria. Sua cor varia do amarelo pálido ao alaranjado, dependendo da composição. Utilizado em técnicas a óleo e menos na têmpera, pois pode enegrecer. É um amarelo de chumbo (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 69).
AMARELO INDIANO <i>indian yellow [ing]</i> <i>giallo indiano [it]</i>	[Ma] Fórmula: $C_{19}H_{16}MgO_{11}6H_2O$. Pigmento de origem orgânica de cor intensa e muito transparente. É um pigmento estável e pode ser utilizado em diversas técnicas, exceto no afresco (CASAZZA, 2007, p. 110).
AMARELO OCRE – <i>ocre amarillo [esp]</i> <i>yellow ochre [ing]</i> <i>ocra gialla [it]</i>	[Ma] Fórmula: $Fe_2O_3.nH_2O$. Terras naturais que contêm sílica e silico-aluminatos e que devem sua cor aos óxidos de ferro hidratados de que são compostos. De origem mineral natural. Conhecido e usado desde a Antiguidade. Cor amarelo-opaco, com diferentes tons dependendo do local de origem e composição. Tem um notável poder de cobertura. Estável na frente de todos os agentes. Usado em todas as técnicas (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 68).
AMBÃO	[Ig] Tribuna fixa, com uma ou mais estantes, fechada por parapeito e situada à entrada do coro. É geralmente duplo, colocando-se um no lado do Evangelho e o outro no lado da Epístola. Pode ser utilizado como púlpito (THESAURUS, 2004, p. 52).
ÂMBAR ou AMBRE <i>ámbar [esp]</i> <i>amber [ing]</i> <i>ambra [it]</i> <i>ambre [fr]</i>	[Ma] Resina pertencente à família de resina fóssil, de coloração amarela a castanho-avermelhada. De um modo genérico, o âmbar tem sido frequentemente chamado de qualquer resina fóssil encontrada na França, na Inglaterra, no Báltico, na Sicília, na Birmânia. Quase insolúvel em todos os solventes, o âmbar é necessário ser aquecido à alta temperatura (pirogênios), permitindo uma destilação parcial produzindo, por um lado, um óleo âmbar e, por outro lado, um resíduo

¹⁰⁰ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1181652>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

¹⁰¹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/amarillo-de-cromato-de-bario>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

	<p>indevidamente chamado - <i>resina âmbar</i> -, torna-se solúvel em óleo de linhaça muito seco. <i>Amber</i> é citado em textos, mas provavelmente não foi usado (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1023). Nome dado depois da Antiguidade a numerosas resinas chamadas também <i>karabé</i>, <i>elektron</i> ou <i>succin</i>, esta é uma resina fóssil (60 a 70 milhões de anos). Conforme os originais, são feitos de derivados do ácido abiético. São co-polímeros de <i>communol</i> e do ácido <i>comunique</i>. Bem que solventes “confonfu” dentro dos antigos escritos com o copal e, sempre foi muito utilizado para a fabricação dos vernizes (TEIXEIRA, 1995, p. 20).</p>
AMBIÊNCIA	<p>[Pa] <i>Ambiência</i> dos conjuntos históricos ou tradicionais, trata-se do quadro natural ou construído que influi na percepção estática ou dinâmica desses conjuntos, ou a eles se vincula de maneira imediata no espaço, ou por laços sociais, econômicos ou culturais (Recomendação de Nairóbi, 1976).¹⁰²</p>
AMBOR	<p>[Ig] Espécie de tribuna de pedra, com duas escadas em sentido oposto, colocadas à entrada da Capela-Mor, de algumas igrejas do século XVII (NUNES, 2008, p. 20).</p>
ÂMBULA	<p>Do latim <i>ampula</i>. 1. [Rg] Espécie de cálice dourado internamente e com tampa encimada por uma pequena cruz. Serve para conservar e distribuir as hóstias consagradas na comunhão. 2. [Rg] Vaso em que, nas igrejas, guardam-se os Santos Óleos (DAMASCENO, 1987, p. 2). Até a Idade Média constituía-se de uma caixinha de metal, marfim ou mesmo madeira, em forma simples e posteriormente inspirou-se nas formas arquitetônicas das igrejas. Somente a partir do século XVI ganha forma arredondada (NUNES, 2008, p. 21).</p>
AMIDO	<p>[Ma] Trata-se de um hidrocarboneto encontrado em abundância nas espécies vegetais, cuja forma pura se materializa num pó branco, de granulação definida e uniforme e característica do vegetal de onde é obtido. O amido é usado no fabrico de papel. Os amidos naturais são adicionados à massa na ordem de 2 a 3%, depois de cozidos, normalmente com vapor direto, durante 15 a 20 minutos em temperaturas em torno de 65 a 70 °C. Sua principal função é aumentar a retenção da carga mineral e dar ao papel melhores características de toque e brilho.¹⁰³ Substância extraída das sementes de cereais e leguminosas. Quando vem dos tubérculos é chamado <i>amido</i>. Misturado com água e aquecido, forma um gel com propriedades adesivas muito utilizadas na colagem de tecidos e papéis.¹⁰⁴</p>
AMIDO MODIFICADO	<p>[Ma] Nome genérico dado aos amidos sujeitos a um tratamento físico, químico ou biológico, para modificar as suas características básicas de</p>

¹⁰² MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG.

¹⁰³ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

¹⁰⁴ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/almidon>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

viscosidade e aderência. São utilizados na colagem superficial do papel e como adesivo no revestimento do papel.¹⁰⁵

AMITO

[In] Pano sagrado de cânhamo ou linho branco, de forma retangular, usado sob a alva ou, por vezes, sob a sobrepeliz ou o roquete. Servindo inicialmente para proteger o pescoço destes paramentos e do frio, o amito é posto sobre a nuca, enrolado sobre o colarinho das vestes inferiores, geralmente a sotaina, passa sob as espáduas e ata no peito com longas fitas ou cordões cosidos a correr por presilhas postas aos cantos de um dos lados. Estes cordões ou fitas, geralmente, são brancos, mas a cor pode variar consoante a dignidade eclesiástica: vermelho, para um cardeal; verde, para um bispo residente; violeta, para um bispo fora da sua diocese e em tempo de luto ou penitência. O lado por onde ata é marcado por uma cruz bordada. Pode ser ornamentado com bandas de tecido ou bordados com fios policromos ou pedrarias (amito adornado). É uma veste litúrgica usada pelo sacerdote sobre o pescoço e os ombros para proteger os PARAMENTOS contra o suor. Está em uso desde o século VIII (TRINDADE, 1998, p. 383). Um pequeno xale medindo cerca de 80 a 90 cm de comprimento.¹⁰⁶

AMOLECIMENTO

[De] Tornar mole, flexível, tenro, macio; brando. Diminuição da consistência, da rigidez; flexibilidade, maciez.¹⁰⁷

AMORINI

[Es] Figuras de meninos esculpidos utilizadas principalmente no século XVIII e posterior (QUEIMADO, 2007, p. 176).

AMOSTRA

muestra [esp]
sample [ing]

[Ex] Pequeno fragmento (da ordem de 1mm) representativo dos materiais que fazem parte de um objeto artístico e que, analisado, fornece informações sobre o processo criativo e o envelhecimento do trabalho.¹⁰⁸

AMPULHETA

1. [Ut] Do castelhano *ampolleta*. Cronômetro formado por duas âmbulas, cilíndricas ou cónicas, opostas pelo vértice, as quais comunicam por uma pequena abertura. Aplicados verticalmente e como o receptáculo superior de areia fina, a demora da passagem para o recipiente inferior representa um espaço de tempo preestabelecido (IMC, 2011, p. 64). 2. [Ic] Na iconografia da Ordem Franciscana, aparece normalmente associada a uma caveira, constituindo-se em representação alusiva à transitoriedade da vida (DAMASCENO, 1987,

¹⁰⁵ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

¹⁰⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁰⁷ Disponível em:
<<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=amolecimento>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

¹⁰⁸ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/muestra>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

p. 3).

ANAMORFOSE <i>anamorfosis [esp]</i> <i>anamorphosis [ing]</i> <i>anamorfosi [it]</i> <i>anamorphose [fr]</i>	<p>[Ap] Desenvolvimento da imagem de acordo com uma deformação desejada da perspectiva (LANGLE; CURIE, 2009, p. 82). Representação de figura (objeto, cena, etc.) de maneira que, quando observada frontalmente, parece distorcida ou mesmo irreconhecível, tornando-se legível quando vista de um determinado ângulo, a certa distância, ou ainda com o uso de lentes especiais ou de um espelho curvo.¹⁰⁹</p>
ANASTILOSE	<p>[Ar] É o processo de desmonte e remonte, ou apenas de remontagem, de uma edificação (ou parte desta) a partir da identificação, seleção, classificação e ordenamento de suas partes. Em Arqueologia é, basicamente, um estudo de “como era e onde estava”. No caso de intervenções de salvamento nesta era digital é indispensável à utilização de ferramentas de representação em 3D e holográficas antes de se proceder a ações diretas efetivas nos componentes construtivos do monumento.¹¹⁰</p>
ÂNCORA	<p>[Ic] Símbolo cristão. Expressa a ideia de confiança, esperança e segurança (NUNES, 2008, p. 21).</p>
ANDAIMES AMBULANTES	<p>[Eq] Tipo de andaime colocado em torno da peça que se quer trabalhar. É formado de cavaletes, onde se lançam tábuas grossas de um para o outro, podendo ser modificada a posição como convém (TEIXEIRA, 1995, p. 20).</p>
ANDAS FUNERÁRIAS	<p>[Rg] Estrutura para transportar o esquife. Geralmente em madeira, é composta por uma placa retangular de bordos levantados, com quatro varais para o transporte a braços ou aos ombros. Pode ter pés para ser colocado no chão durante as exéquias. É pintada com cores fúnebres e os topos são geralmente ornamentados. Quando integra um féretro descoberto ou encimado por arcos cobertos com panos negros, para levar ao cemitério os cadáveres dos pobres ou indigentes, diz-se tumba de misericórdia (THESAURUS, 2004, p. 39).</p>
ANDOR	<p>[Rg] Estrado ou trono de madeira ou metal, geralmente ornamentado, assente sobre estruturas de segurar, utilizado para transporte de imagens religiosas ou relíquias, em procissões. no passado, os andores eram conduzidos apenas por clérigos e por leigos decentemente vestidos e revestidos de opa. Atualmente, podem conduzi-lo os leigos com ou sem opa. Nas procissões em que vai a Eucaristia, é proibido o uso do andor (DAMASCENO, 1987, p. 3). Pode integrar um a dois</p>

¹⁰⁹ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=anamorfose>>. Acesso em: 24 set. 2018.

¹¹⁰ Disponível em: <<http://gestaoderestauo.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

	pedestais e ser encimado por baldaquino. As imagens, os relicários (porta-relicário processional) ou o seu suporte podem ser fixos à base da padiola. Quando apresenta maior dimensão, com uma estrutura mais complexa e ricamente decorada, diz-se máquina processional (THESAURUS, 2004, p. 58).
ANEL DE ÁGUA	[Ac] Medida equivalente a quatro penas de água (ÁVILA, 1979, p. 211).
ANEL DE CRESCIMENTO	[Bo] Marca do crescimento anual da árvore (TEIXIDO I CAMI, 1997). Dependendo da estrutura botânica podem ser bem visíveis.
ÂNFORA	[Ut] Vaso clássico de duas asas para transportar vinho e azeite, utilizado no século XVIII como motivo decorativo no repertório neoclássico (QUEIMADO, 2007, p. 176).
ANIDRITA ou ANIDRITE <i>anhidrita [esp]</i>	[Ma] Fórmula: CaSO ₄ . Mineral do grupo dos sulfatos (sulfato de cálcio anidro), que cristaliza formando, geralmente, agregados maciços ou fibrosos, branco-acinzentados. É um pouco mais duro que o gesso (entre 2 e 2,5), frágil. É facilmente alterada, pois absorve água rapidamente, tornando-se gesso e aumentando seu volume. Também é encontrado em rochas metamórficas e em fontes hidrotermais. É usado como pedra ornamental na decoração de interiores. O termo também é usado para designar o mineral sintético análogo, isto é, o gesso desidratado por calcinação. ¹¹¹
ANIL	Ver ÍNDIGO .
ANILINA <i>anilina [esp]</i>	[Ma] É a amina ¹¹² aromática mais simples e é obtida pela redução do nitrobenzeno. Foi descoberto em 1826 e é um líquido incolor e oleoso, tóxico por ingestão, inalação e absorção pela pele. É utilizado na indústria da borracha, como antioxidante, na fabricação de vernizes, produtos farmacêuticos e como solvente. A partir de meados do século XIX, começou a ser utilizado como material de base na fabricação de vários corantes e tinturas sintéticas. Por isso, de maneira coloquial, o termo "anilina" chegou a ser identificado como corante sintético. ¹¹³
ANISOTROPIA	[Ge] Característica dos materiais que apresentam variação nas propriedades físicas de acordo com a orientação espacial. [Md] A

¹¹¹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1031066>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

¹¹² As aminas são compostos orgânicos nitrogenados derivados teoricamente da amônia (NH₃), pela substituição de um, dois ou três hidrogênios por grupos alquila ou arila. Disponível em: <<https://www.soq.com.br/conteudos/em/funcoesorganicas/p21.php>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

¹¹³ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1014954>>. Acesso em 16 nov. 2018.

madeira, por exemplo, reage de maneira diferenciada dependendo do tipo de corte realizado. Sendo assim, conforme o tipo de corte e a posição da peça na tora, a madeira apresentará variedade de deformação por secagem ou absorção. **ANISOTRÓPICA** – [De] Qualidade de certos materiais cujas propriedades são diferentes consoante às direções, consequência de uma diferença nos índices de refração (FÉLIX, 2013).

ANJO

1. [De] Do latim *angelus*. Designa uma classe de seres puramente espirituais que, na Bíblia, aparecem como servos de Deus e, especialmente, como seus mensageiros – vínculos de comunicação entre Deus e os homens. Segundo uma classificação que remonta aos primeiros séculos da Era Cristã, dividem-se os anjos em três hierarquias, distribuídas cada uma em três coros:

- Serafins, Querubins e Tronos;
- Domínios, Virtudes e Poderes;
- Principados, Arcanjos e Anjos.

2. [Ge] É de uso corrente o emprego do termo *anjo* para designar genericamente as representações plásticas de qualquer um dos coros em que estão distribuídos hierarquicamente (DAMASCENO, 1987, p. 4). Os mais citados são os arcanjos Miguel – defensor do céu; Rafael – defesa contra o mal, acompanha nas viagens; e Gabriel – anúncio a Maria (NUNES, 2008, p. 21). 3. [Or] Representação artística de seres jovens alados e nimbados, incorpóreos, imortais (IMC, 2011, p. 114). 4. [Rb] Elemento ornamental dos mais comuns em retábulos e arcos-cruzeiros de igrejas mineiras. A escultura de anjos começa a aparecer em retábulos da fase de transição (cerca de 1730) do Estilo Nacional Português (1ª fase do Barroco em MG) para o Estilo Dom João V (2ª fase do Barroco em MG). Na fase Rococó (3ª fase do Barroco em MG), os anjos desaparecem das colunas e pilastras, passando a figurar de preferência em portadas, arcos-cruzeiros, cúpulas de capela-mor ou, algumas vezes, em coroamentos de retábulos. Os tipos mais comuns de anjos, na ornamentação religiosa em Minas, são os *querubins* e *serafins*, pequenos e com ou sem asas, lembrando alegres meninos, ou os *arcanjos*, figuras maiores, lembrando adolescentes ou adultos jovens, sendo geralmente desta espécie os anjos músicos e os anjos tocheiros. Há casos de anjos singulares, de feições e busto femininos, ou com traços orientais (ÁVILA, 1979, p. 126).

ANJO ADORADOR

[Ic] Representação plástica de anjo em atitude ou postura de adoração ou veneração (DAMASCENO, 1987, p. 4).

ANJO TOCHEIRO

[Es] Representação escultórica de anjo portando um tocheiro ou castiçal. Pode ser uma peça de escultura autônoma ou inserida no retábulo (ÁVILA, 1979, p. 126).

ANJO VOANTE	[Ic] Representação plástica de anjo em atitude ou postura de voo (DAMASCENO, 1987, p. 4).
ANÓXIA	[Re] Segue o princípio de que não há vida sem oxigênio. Os objetos são assim colocados num compartimento plástico, designado <i>bolha</i> , onde a atmosfera é modificada através da substituição do oxigênio por outro gás, levando à eliminação de todos os tipos de insetos, qualquer que seja a fase do seu ciclo de vida. Os gases utilizados podem ser vários, pode usar-se o dióxido de carbono, concentrado pelo menos a 60%, variando o tempo de exposição a tal atmosfera. Pode igualmente usar-se o nitrogênio, mas este só é eficaz a partir de concentrações superiores a 99%, isso faz com que o material usado no compartimento seja absolutamente impermeável ao oxigênio. Este processo é bastante dispendioso (FÉLIX, 2013, p. 80).
ANTEFIXO <i>antéfixe [fr]</i>	[Or] Ornato (grifos, folhagens, etc.) que se coloca verticalmente à frente das abas laterais dos telhados, ou nas extremidades do frontão (NUNES, 2008, p. 49).
ANTEMA	[Or] Motivo de flor de madressilva estilizada inspirada no motivo clássico grego, utilizada no século XVIII e XIX no mobiliário, prataria e decoração geral (QUEIMADO, 2007, p. 176).
ANTEPÊNDIO ou ANTIPÊNDIO	[Or] Parte do ornamento de altar, colocado na face anterior do altar. Em Portugal, é frequente o revestimento da face anterior do altar em painéis de azulejo (THESAURUS, 2004, p. 22). Ver FRONTAL DE ALTAR .
ANTIFONÁRIO	ATRIL.
ANTROPOMÓRFICA	[Or] Representação que possui ou sugere semelhanças com as formas do corpo humano (IMC, 2011, p. 114). ANTROPOMORFO – Que, pela forma, se assemelha ao homem. Representação da figura humana.
ANUNCIAÇÃO	[Ge] Ato de enunciar. [Ic] Mensagem do anjo Gabriel, que anunciou à Virgem o mistério da Encarnação (NUNES, 2008, p. 21).
ANVERSO	[De] O lado ou superfície de um objecto que corresponde ao seu lado da frente. O oposto ao reverso: Anverso=Frente; Reverso=Costas (IMC, 2011, p. 114).
APAINELADO	[Or] Superfície composta de almofadas ou painéis definidos por molduras (ÁVILA, 1979, p. 20). APAINELADO POR CORDÕES – [It] Tipo de forro, em painéis ou caixotões, com suas secções delimitadas por filetes de madeira (ÁVILA, 1979, p. 20).
APARADOR	[Mo] Peça de mobília de sala de jantar, em forma de mesa ou fechada com prateleiras e portas. Era, às vezes, denominada também <i>bufete</i>

(ÁVILA, 1979, p. 126).

APARELHADA	[Tc] Diz-se da peça de pedra ou madeira, desbastada, lavrada ou aplainada, geralmente destinada a trabalhos de acabamento mais cuidado (ÁVILA, 1979, p. 20).
APARELHAR	1. [Tc] Preparar, lavar, desbastar a madeira. O artista depois de projetar a obra, prepara a madeira, desbastando-a para depois esculpir e aperfeiçoar. São os preparativos indispensáveis para a boa execução da obra. 2. [Tc] Aplicar uma ou mais camadas de base de preparação sobre o objeto que se quer dourar. Essa base pode ser composta de bolo armênio, sanguínea, branco de chumbo e azeite de oliva ou óleo (TEIXEIRA, 1995, p. 21). APARELHAR DE BRANCO – [Tc] Aplicação de várias camadas de cola forte de pergaminho e branco de Espanha na obra que se quer dourar a têmpera e encolar (TEIXEIRA, 1995, p. 21). APARELHAMENTO – Ver ENCOLAGEM.
APARELHO	1. [Ma] Base confeccionada com gesso e cola animal, tem como objetivo nivelar as irregularidades da madeira isolando-a das camadas posteriores. É também denominado de base de preparação (FAUSTO, 2010, p. 275). 2. [Tc] Denominação do trabalho de preparação ou de base dado a uma superfície para receber a pintura. É a base intermediária entre a madeira e a capa de douração e pintura (TEIXEIRA, 1995, p. 21).
APARO <i>Punta di metallo [esp]</i>	[Eq] Instrumento usado desde a Idade Média para escrever e desenhar sobre pergaminho e sobre papel; são utilizados como metais o chumbo, o estanho, a prata, o ouro e o cobre. ¹¹⁴
APEANHAR	[Es] Fazer uma base para a obra em forma de peanha (TEIXEIRA, 1995, p. 21).
APICOADO	[Tc] Desbastado de forma tosca, a picão (ÁVILA, 1979, p. 20).
APLAINAR	[Tc] nivelar a superfície da madeira com a plaina ou o rebote; alisar (TEIXEIRA, 1995, p. 21).
APLICAÇÃO	[Po] Na policromia de escultura, aplicação é uma técnica de ornamentação, onde é colocado um ornamento por meio de adesão na obra. Entre as aplicações mais utilizadas estão as massas de vidro, pastas em relevo e cabuchões (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 661).
APLIQUE	[Or] Designação genérica dada a motivos ornamentais afixados na superfície de um objeto. (DAMASCENO, 1987, p. 4).

¹¹⁴ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

APÓCRIFO	[De] Documento de autenticidade não reconhecida.
APÓGRAFO	[De] Cópia manuscrita, de época, realizada por outro que não o autor.
APRESENTAÇÃO ESTÉTICA	[Re] A apresentação estética é uma problemática mais complexa que não se refere ao tratamento de lacunas especificamente, mas também a alterações de cores e sujidades, alterações irreversíveis dos materiais empregados e desequilíbrio de pátina. A apresentação estética não está somente vinculada à reintegração e inclusive antecede a restauração, selecionando técnicas, materiais, avaliando elementos ou eliminando-os, exigindo determinadas práticas que tratam problemas mais sutis da imagem seguindo uma leitura cromática, material e formal muito mais aguda, requerendo uma educação visual mais rigorosa. Ao falar de apresentação estética falamos de uma espécie de gosto ou sensibilidade racionalizada que inclui também, em relação a alguns objetos, problemas de molduras, pedestais, proteção, iluminação e outros elementos que determinam uma leitura mais adequada do objeto. ¹¹⁵
APRUMAR	[Tc] Equilibrar, colocar na vertical com o auxílio de instrumentos (TEIXEIRA, 1995, p. 21).
APUDECRÉSIA	[Ig] Fora da igreja, no adro – sepultado.
AQUAMANIL	Deriva da palavra latina <i>aquiminintlis</i> . [Ut] Recipiente destinado a conter água para a ablução das mãos, podendo ser usado em contexto civil ou litúrgico. Pode assumir variadíssimas formas, entre as quais a de animal e a humana são as mais recorrentes e, porventura, as mais interessantes. É provido de uma asa, de um orifício, geralmente com uma tampa articulada, para introdução da água e de um bico para a evacuação da mesma (IMC, 2011, p. 64).
AQUARELA <i>aquarelle [fr]</i>	[Ta] Técnica de pintura em que o aglutinante é a goma arábica, solúvel em água, aplicável sobre papel, cartão, pergaminho ou marfim, que permite a obtenção de camadas coloridas de grande transparência. ¹¹⁶ A principal característica é a transparência e a ausência de pigmentos opacos ou brancos. ¹¹⁷
AQUISIÇÃO	1. [Ge] Ato ou efeito de adquirir. 2. [Mu] Qualquer que seja a forma - compra, permuta, legado, coleta de campo, recolhimento, transferência - a aquisição só se efetiva quando a instituição passa a ter a guarda

¹¹⁵ JOIKO, Guillermo Henriquez. Teoria de la reintegracion. Coletânea de textos para o I Curso de Restauração do Centro de Restauração de Bogotá, Colômbia, 1978.

¹¹⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹¹⁷ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/acuarela>>. Acesso em: 20 maio 2018.

permanente do bem cultural, responsabilidade definitiva sobre o mesmo.¹¹⁸

ARA

1. [Rg] Local de dimensões reduzidas que na antiguidade se destinava à colocação das diversas oferendas. Era constituída por pedra de ara embutida num tampo (IMC, 2011, p. 65). Ver ALTAR. Altar dos sacrifícios. 2. [Li] Pedra d'ara: pedra no centro do altar contendo relíquias de santos (NUNES, 2008, p. 21). **ARA PORTÁTIL** – [esp]; *portable altar* [ing]; *altare portatile* [it]; *autel portatif* [fr]. [Li] Pedra de ara portátil, utilizada para celebrar a missa sobre um móvel ou num altar não consagrado. Geralmente, é emoldurada ou integra-se num suporte, tomando a forma de pequeno cofre (THESAURUS, 2004, p. 140). No altar, pedra consagrada em que se celebra a Eucaristia. Ver **PEDRA DE ARA**.

ARABESCO*arabesque* [fr]

Do italiano *arabesco*. [Or] Ornato característico da arte muçulmana. Caracteriza-se pela ausência da figura humana e pela profusão de linhas entrelaçadas, formando figuras geométricas complexas (IMC, 2011, p. 115).

ARALDIT©

[Ma] Resina epoxídica. Epóxi. Adesivo de dois componentes (resina e catalizador), livre de solventes, à base de resinas epóxi. Endurece entre 20 °C e 180 °C. Sistema universal para colagens flexíveis e transparentes. O Araldit AW 160 tem aspecto viscoso e cor bege, o endurecedor HV953U tem aspecto viscoso e cor amarela. Para a colagem, as superfícies de contato devem estar limpas e desengraxadas profundamente. As melhores propriedades de aderência resultam após tratamento prévio mecânico (escarificação, lixamento, etc.) ou químico. O tempo de utilização de 100g da mistura, à temperatura ambiente, é cerca de 2 horas. Proporção da mistura: 100 partes de peso ou volume de resina; 80 partes de peso ou volume de catalizador (ABRACOR, 2011. p. 21). Utilizada como adesivo em metais, cerâmica, madeira, vidro e plástico. Precauções: Os agentes endurecedores são bastante tóxicos. Evitar a inalação de pós e vapores, assim como evitar contacto com a pele e olhos. (PEIXOTO, 2012, p. 109).

ARANDELA

Do castelhano *arandela*. [Ut] Peça circular, lisa, repuxada ou cinzelada que tem a função de amparar os pingos das velas dos objetos de luminária. Quando situada abaixo do bocal é geralmente fixa e constitui parte integrante do próprio objeto. Em outros casos, constitui uma peça móvel, sendo por este motivo provida de um suporte tubular vertical que é encaixado ou aplicado no bocal. Encontramos esta tipologia produzida em avulso e adaptável, desde que do mesmo tamanho, aos objetos de luminária, datada sobretudo do século XIX. Denominação anterior: *Bobèche* (galicismo) (IMC, 2011, p. 115). [Ou]

¹¹⁸ MUSEU de Astronomia, 1995, p. 31.

	<p>Suporte ou pendente, preso à parede para a colocação de vela, lâmpada elétrica ou bico de gás. Também denominado <i>applique</i>. Peça circular, geralmente de metal, madeira ou vidro, apresentando orifício central e que, colocada na extremidade superior do castiçal, destinasse a aparar pingos de vela. Também denominada <i>açucena</i> (DAMASCENO, 1987, p. 4).</p>
ARBALETA	<p>[Rb] Coroamento na forma de uma arma medieval, também denominado <i>canga de boi</i> (FABRINO, 2012, p. 44).</p>
ARBIM	<p>[In] Antigo tecido grosseiro de lã que se usava como luto (NUNES, 2008, p. 21).</p>
ARCA	<p>[Mo] caixa de grandes dimensões para diversos fins. Móvel base na Idade Média, que se transforma em assento, mesa, etc. (QUEIMADO, 2007, p. 176). Peça de mobiliário formada por uma caixa retangular de madeira, com pés de tamanho e formato variáveis, geralmente com fechadura e alças de ferro ou metal amarelo. aparece também forrada de couro, no estilo dos baús, com decoração em pregaria miúda. nas igrejas é usada para guardar alfaías (DAMASCENO, 1987, p. 4). Com tampa plana, para guardar roupas e outros objetos. Algumas arcas, geralmente reforçadas de placas de ferro e cadeado, destinavam-se, antigamente, a guardar dinheiro, ouro e outros valores (ÁVILA, 1979, p. 20). Chamada de <i>ucha</i>, designa-se por arcaz ou caixão, podendo incorporar gavetas e portas.¹¹⁹ Ver ARCAZ, BAÚ, CÔMODA e CANASTRA. ARCA DE SACRISTIA – [Mo] Móvel de sacristia em forma de arca colocado na sacristia para guardar alfaías, paramentos, vestimentas, linhos, coberturas, etc. Pode aparecer isolado ou inserido no móvel de sacristia (THESAURUS, 2004, p. 44). ARCA PARA CAPAS – [Mo] Arca com seção em arco de círculo ou em losango para guardar na horizontal as capas e outros paramentos litúrgicos (THESAURUS, 2004, p. 44). ARCA-COFRE – [Mo] Tipo de arca reforçada com chapas metálicas, geralmente apresentando duas ou três fechaduras e alças laterais, própria para guardar e transportar objetos de valor (DAMASCENO, 1987, p. 5). ARCA-RELICÁRIO – [Mo] Receptáculo para relíquias, de grande dimensão, em forma de caixa de seção, em geral, retangular e com tampo plano (THESAURUS, 2004, p. 94).</p>
ARCADA	<p>1. [Ar] Sucessão de arcos contíguos; abertura em forma de arco. Sequência de arcos próximos, ou construção em forma de arco. 2. [Ig] São notáveis as arcadas de separação entre a nave central e as naves laterais da Matriz de Sabará, trabalhadas em talha característica da 1ª fase do Barroco em Minas Gerais (ÁVILA, 1979, p. 126). ARCADA</p>

¹¹⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	DE MEIO PONTO – Arcada formada por uma sucessão de arcos plenos, ou seja, semicircunferências perfeitas. ¹²⁰
ARCARIA	O mesmo que arcada.
ARCATURA	[Or] Motivo decorativo arquitetônico formado por pequenas arcadas, cegas ou abertas, aplicado em cornijas, portais, socos, etc. (IMC, 2011, p. 115).
ARCAZ	[Mo] Grande arca ou cômoda com gavetões, que, nas igrejas, é geralmente colocada nas sacristias para guardar paramentos e outros acessórios religiosos. em algumas igrejas mineiras, esse tipo de móvel apresenta rico trabalho em talha (ÁVILA, 1979, p. 127). Tampo fixo, gavetões com puxadores metálicos e, às vezes, portas dispostas no centro e nas laterais. Quase sempre confeccionado em madeira de lei (DAMASCENO, 1987, p. 5). Peça de mobiliário religioso. Arca com gavetas destinadas a guardar paramentos ou objetos de culto. Localiza-se na sacristia. No século XVIII, era denominado caixão. ¹²¹
ARCEBISPADO	[Rg] Dignidade de arcebispo. Território em que se exerce sua jurisdição. Residência do Arcebispo (NUNES, 2008, p. 21). ARCEBISPO – Prelado que tem bispo sufragâneo (NUNES, 2008, p. 22).
ARCHIOTE	[Ma] É uma pasta seca ou um extrato que se obtém pela infusão ou maceração das sementes de urucú ou <i>achiole</i> , árvore que se cultiva na América. Esta pasta, deve ser bem seca, vermelha, e de um cheiro forte e desagradável. Serve para fazer o <i>vermeil</i> (SILVA, 1900, p. 12).
ARCO	[Ar] Elemento de construção em forma de curva, destinado a ligar vãos entre dois apoios constituídos por colunas, pilares ou pilastras (ÁVILA, 1979, p. 20). ARCO ABATIDO – Diz-se do arco formado por segmento de círculo menor que 180° (ÁVILA, 1979, p. 20). ARCO ACHATADO – Também chamado arco abatido, é composto por um arco de círculo cuja altura é menor do que o raio. ¹²² ARCO AVIAJADO – Aquele cujo perfil constitui uma curva policêntrica, formada de arcos de círculo e que se apoia em impostas de níveis diferentes (ÁVILA, 1979, p. 20). ARCO DE MEIO PONTO – O mesmo que arco pleno. ARCO PLENO – Arco correspondente a um semicírculo perfeito. Nesse caso a altura do arco é igual ao raio. ¹²³ ARCOS CONCÊNTRICOS – O mesmo que arquivoltas concêntricas. Peças de madeira, na disposição de arco e tendo sempre um mesmo centro ou eixo ao alto, em trabalho de talha ornamental,

¹²⁰ CONJUNTO... 2007, p. 174.

¹²¹ CONJUNTO... 2007, p. 174.

¹²² CONJUNTO... 2007, p. 174.

¹²³ CONJUNTO... 2007, p. 174.

	que formam o remate ou coroamento de retábulos, especialmente os do chamado Estilo Nacional Português ou da 1ª fase do barroco em Minas (até cerca de 1730). Os arcos são continuções de colunas ou pilastras, a cujo número geralmente correspondem (ÁVILA, 1979, p. 127).
--	---

ARCO-CRUZEIRO	[Ig] Arco de entrada da capela-mor, separa a nave central e a capela-mor na parte da igreja denominada <i>cruzeiro</i> . Nas igrejas da 1ª metade do século XVIII em Minas, o arco-cruzeiro é geralmente de madeira revestida de trabalhos em talha. Nas da 2ª metade, o arco-cruzeiro já é de pedra de cantaria. Na chave (eixo) do arco-cruzeiro aparecem, sobrepostas, composições escultóricas com escudos, anjos e outras figurações, quase sempre alusivas ao patrono ou invocação da igreja. Junto ao arco-cruzeiro, a maioria das igrejas possui dois altares, no alinhamento ou em viés. São os chamados altares ou retábulos do arco-cruzeiro (ÁVILA, 1979, p. 127).
----------------------	--

ARCOBOTANTE	Do francês <i>archeboutant</i> . [Ar] Termo utilizado para classificar a estrutura exterior em arco que escora e liga uma parede ou abóbada a um contraforte (IMC, 2011, p. 115).
--------------------	---

ARCOSÓLIO	[Ig] Vão escavado em forma de arco numa parede interior ou no muro exterior de uma igreja ou capela, albergando um túmulo. ¹²⁴ Nicho em forma de arco que às vezes abriga um sepulcro. ¹²⁵
------------------	--

AREAR	[Tc] Polir a madeira mediante areia lançada à pressão (TEIXIDO I CAMI, 1997).
--------------	---

ARESTA	1. [Tc] Técnica de decoração hispano-mourisca que consistia na aplicação do barro cru em moldes de madeira ou metal, formando arestas salientes, que isolavam os diversos esmaltes coloridos. Surge em Sevilha em finais do século XV, prolongando-se a sua utilização no séc. XVI, substituindo a técnica de corda seca. ¹²⁶ 2. [Ds] Ângulo visível de uma peça, comum a duas faces adjacentes (TEIXEIRA, 1995, p. 21).
---------------	---

ARGAMASSA <i>mortier [fr]</i>	[Ma] Material cuja função é rejuntar pedras ou tijolos, ou cobrir uma parede para deixar lisa a superfície (LANGLE; CURIE, 2009, p. 681).
---	---

ARGILA	[Ma] Barro ou caulinita ou terra que, misturado com água, adquire plasticidade. ¹²⁷ Substância bastante homogênea, a argila é silicato
---------------	---

¹²⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹²⁵ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/arcosolio>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

¹²⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹²⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

hidratado de alumínio e contém componentes químicos variados, predominando a sílica (parte antiplástica), alumina (parte plástica), partículas de ferro, água, substâncias alcalinas e impurezas.¹²⁸

ARGILA BENTONITA – Argila absorvente, utilizada em restauração para limpeza de pedras.¹²⁹ **ARGILAS PRIMÁRIAS ou RESIDUAIS**

– A este tipo pertence o caulino ou argila de porcelana. É de estrutura quase cristalina, regular e com menor plasticidade. **ARGILAS SECUNDÁRIAS ou SEDIMENTÁRIAS** – Têm impurezas minerais e estrutura cristalina irregular, que se decompõe facilmente. Têm grande plasticidade e são de cor variada. **ARGILAS REFRAATÁRIAS** – Encontram-se em combinação com o carvão e podem queimar a temperaturas a partir dos 1500 °C.¹³⁰

ARMAÇÃO

1. [Es] Conjunto de peças de madeira ou de roca, utilizado como elemento de sustentação das vestes das imagens (TEIXEIRA, 1995, p. 21). 2. [Ge] Ato ou efeito de armar. 3. [Ar] Peças fixas de madeira. Guarnição de paredes, arcos, etc. 4. [Rg] Estruturas colocadas em locais pré-estabelecidos para passagem de procissões (NUNES, 2008, p. 22). 5. [Ig] Conjunto de tecidos, geralmente em veludo vermelho, que se armam no interior da igreja, nas paredes, em torno do altar-mor, nas pilastras e colunas e, eventualmente, no exterior, na porta de entrada (reposteiro de igreja), por ocasião de cerimônias solenes. Quando a armação é em tapeçaria, diz-se tapeçaria de igreja, sendo, neste caso, geralmente suspensa no coro (em francês, diz-se *tapisserie de choeur*) (THESAURUS, 2004, p. 79).

ARMÁRIO

[Mo] Móvel de conter, desenvolvendo-se geralmente em altura, constituído por um ou mais corpos fechados, acessíveis por portas, painéis deslizantes ou extensíveis. É por vezes rematado superiormente por cimalha e frontão. Pode ainda apresentar gavetas de acesso exterior, colocadas a dividir o corpo superior do inferior, ou só na parte inferior (guarda fatos/biblioteca). O seu interior é composto por elementos para suspensão, prateleiras, e/ou gavetas. Em pés fixos, soltos ou em rodapé.¹³¹ Geralmente de madeira, nas igrejas, é usado para guardar alfaias (DAMASCENO, 1987, p. 5). Ver REPOSITÓRIO.

ARMAS

[Ic] Insígnias ou emblemas oficiais ou de ordens religiosas, pintados ou esculpidos em brasões ou escudos. As armas do reino de Portugal apresentavam desenho em cinco quinas e sete torres sob uma coroa, tal como ainda se pode ver na cartela do Chafariz de São José, em Tiradentes. Quanto às armas de ordens religiosas, são comuns em

¹²⁸ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹²⁹ CONJUNTO... 2007, p. 174.

¹³⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹³¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	igrejas mineiras as de São Francisco – dois braços cruzados, de Cristo e do santo – e a do Carmo: o Monte Carmelo, entre nuvens e a trindade de estrelas, encimado por uma cruz (ÁVILA, 1979, p. 127).
--	--

ARMAZENAMENTO	[Cv] Proteção física de todas as coleções, não importa se em mobiliário de acesso público ou em reservas técnicas (PARÂMETROS... Roteiros Práticos 5, 2004, p. 37).
----------------------	---

ARQUEOMETRIA	[Mt] Ramo da ciência que utiliza técnicas físico-químicas de análise no estudo e caracterização de obras de arte e objetos de valor arqueológico. Através dessa ciência é possível obter informações sobre a composição química, a tecnologia de fabrico, o período histórico e o estado de conservação de objetos de valor artístico e histórico (CALZA, 2007, p. 2).
---------------------	--

ARQUETA	Do latim <i>arcula</i> . [Rg] Pequena arca presumivelmente com a função de guardar relíquias (IMC, 2011, p. 65). Arca pequena, de madeira ou recoberta de couro. Caixinha de esmolos usada nas igrejas. Também denominada <i>cofre-esmoler</i> (DAMASCENO, 1987, p. 6).
----------------	---

ARQUIBANCO	[Mo] Banco grande, geralmente possuindo braços e espaldar, e cujo assento é formado por uma ou mais tampas de uma espécie de arca com divisões internas. aparece com frequência em corredores e sacristias das igrejas mineiras do período colonial. Usado para guardar objetos diversos (DAMASCENO, 1987, p. 6).
-------------------	---

ARQUICONFRARIA	[Rg] Associação religiosa, com poder de agregação, instituída para o culto público de Deus e seus Santos e para a edificação das almas (TRINDADE, 1998, p. 383).
-----------------------	--

ARQUITRAVE	[Ar] Parte principal do entablamento entre o friso e o capitel da coluna, sobre a qual assenta (ÁVILA, 1979, p. 127).
-------------------	---

ARQUIVO	1. [Ge] Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte. Instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia o processamento técnico a custódia, o processamento técnico a conservação e o acesso a documentos. Instalações onde funcionam arquivos. 2. [Mo] Móvel destinado à guarda de documentos. ¹³²
----------------	---

ARQUIVOLTA	[Rb] Ornato em contorno ou que acompanha a forma do arco. As arquivoltas concêntricas, presentes no coroamento ou remate do retábulo, são umas das características dos altares da 1ª fase do barroco em Minas (ÁVILA, 1979, p. 127). [Ar] Elemento de arquitetura. Corresponde a cada um dos arcos que se sobrepõem a um portal,
-------------------	--

¹³² Disponível em: <<http://www.arquivos.uff.br/index.php/glossario-de-terminologia-arquivistica>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

	podendo apresentar-se decorados com esculturas adossadas ou em relevo. ¹³³ Ver ARCOS CONCÊNTRICOS.
--	---

ARRANHÃO <i>griffure [fr]</i>	[Dt] Traço linear, superficial ou profundo, deixado por um objeto, na camada pictórica. Pode ser acidental, mas também pode ser intencional. Há caso onde a depressão é simples, sem perda de material pictórico, em outro caso, a camada pictórica é profundamente atingida, até a preparação ou o suporte, com perda de material (LANGLE; CURIE, 2009, p. 820).
---	---

ARRANQUE	1. [Ar] Primeira aduela de arco que se apoia diretamente na imposta. ARRANQUE DE FRONTÃO – 1. [Ar] Fragmento de arco de uma voluta ou de frontão (FABRINO, 2012, p. 45). 2. [It] Diz-se também da parte inicial de um corrimão, geralmente trabalhado (ÁVILA, 1979, p. 24).
-----------------	--

ARRÁTEL	[Mt] Medida de peso portuguesa também utilizada no Brasil colonial. O arrátel equivale à <i>libra</i> , isto é, 459 gramas (ÁVILA, 1979, p. 211).
----------------	---

ARRECADA	[Or] Ornato geralmente em feitio de argola, aparecendo em forma encadeada (ÁVILA, 1979, p. 127).
-----------------	--

ARRENDADO	[Tc] técnica de cortar finas tiras de madeira ou metal em formas geométricas ou padrões (QUEIMADO, 2007, p. 176).
------------------	---

ARROBA	[Mt] Medida de peso equivalente a 14,688 Kg, ou seja, 32 libras (ÁVILA, 1979, p. 211).
---------------	--

ARTEFATO	[Ou] Objetos produzidos ou modificados pelo ser humano. De acordo com essa definição, o artefato pode ter dimensões, formatos e naturezas bem distintas entre si (ACAM PORTINARI, 2010, p. 102).
-----------------	--

ARTELHOS OU ARTELOS	[An] Mesmo que dedo do pé, exceto o dedão, pois apenas este é chamado de hálux, os demais, são artelhos 1,2,3 e 4.
----------------------------	--

ARTESÃO	1. [At] Operário, artífice, oficial ou artista que exerciam, mediante habilitação, determinado ofício manual. 2. [It] Painel quadrangular ou poligonal, com ornato ou moldura, para aplicação em tetos, abóbadas, arcos, etc. Daí a expressão teto ou <i>forro artesoadado</i> (ÁVILA, 1979, p. 24).
----------------	--

ARTESOADO	[It] Diz-se de teto (ou de voltas de arcos e abóbadas), com divisões entre molduras. As divisões, quando de desenho mais simples e formas retangulares, são chamadas comumente de caixotões (ÁVILA, 1979, p. 24).
------------------	---

¹³³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

ARTICULAÇÃO

[Es] As articulações fazem da técnica construtiva de esculturas articuladas, como em várias imagens de vestir. A utilização da articulação como recurso para propiciar movimento é muito antiga, tendo sido encontrada em um sarcófago romano, uma boneca do século I em madeira – carvalho – com articulações nos ombros, cotovelos, coxas, joelhos, dedos das mãos e pés. A articulação utilizada na imaginária processional tem duas funções específicas: a primeira é que, através dela, se pode alterar a gestualidade da escultura, possibilitando a mudança das representações iconográficas; outra função é promover maior facilidade no ato de vestir as imagens. De acordo com Coelho e Quites (2014, p. 50-53) segue a classificação de cinco modelos de articulações, tendo por base suas características formais:

- **Macho-fêmea simplificado** – a conexão central é realizada por um sistema macho-fêmea, onde as partes que compõem os membros do corpo humano fazem parte do sistema da articulação. A articulação se compõe de apenas uma peça solta que possui o prolongamento em cilindro com um entalhe em sua extremidade por onde passa um pino, permitindo também nesta área uma rotação de 360°. A outra parte é formada por algum membro da anatomia que se fixa à articulação e acompanha a movimentação da primeira;
 - **Esfera macho-fêmea** - articulação mais complexa, pois tem um sistema de conexão central macho-fêmea em forma de uma esfera, e a união dessas partes é realizada por um pino central. As partes que compõem a articulação propriamente dita são separadas das representações dos membros que compõem o corpo humano. Estas peças têm um prolongamento em cilindro, com um entalhe na extremidade, o qual se insere nas partes anatômicas com a finalidade de permitir o movimento e ao mesmo tempo impedir que essas peças se desprendam. Este sistema possibilita a execução de movimentos, verticais e horizontais, em uma rotação de 360°;
 - **Esfera bipartida** – as peças que compõem esta articulação são isoladas das que representam os membros do corpo humano, e a conexão central forma uma esfera partida ao meio unida por um pino ao centro. Estas peças possuem um prolongamento, formando um cilindro, com um entalhe em sua extremidade, por onde atravessa um pino fixo. Este modelo se diferencia do primeiro apenas na forma de conexão, que é uma esfera bipartida e não uma esfera com conexão em “macho e fêmea”;
 - **Esfera maciça** – sistema formado por uma única peça de madeira em forma de esfera maciça com um prolongamento em forma de cilindro e com um entalhe na extremidade, o qual se insere no ombro da imagem. Dessa esfera sai uma tira de couro que se comunica e se fixa aos braços. A área do braço é côncava, encaixando no convexo da esfera, e a tira de couro promove a
-

	união e o movimento;
	<ul style="list-style-type: none"> • Dobradiça – sistema mais simplificado, no qual a articulação é promovida por uma dobradiça de metal. Um exemplo desse sistema foi encontrado na escultura de São Jorge do Museu do Ouro de Sabará, que trata-se de uma imagem processional, que pode ser montada no dorso de um cavalo, tendo, portanto, articulações em dobradiça na junção das pernas com a área pélvica. Quando a imagem se apresenta de pé são inseridas cunhas de madeira e um gancho de metal faz a fixação das pernas nesta posição, auxiliada por um apoio de madeira que se encaixa entre as pernas e a base (COELHO; QUITES, 2014, p. 50-53).
ARTÍFICE	[At] Oficial que exercita algum ofício mecânico (TEIXEIRA, 1995, p. 22).
ÁRVORE	[Ic] As árvores são símbolos da vida humana, e no caso do cedro, ele significa excelência, o cipreste, incorruptível, e o plátano, alteza (FABRINO, 2012, p. 7).
ASA DE MINHOTO	Ver RABO DE MINHOTO .
ASPA <i>chevron [fr]</i>	1. [Tc] Cruzamento de peças em forma de “X”, para assegurar a estabilidade de armações ou estruturas. Diz-se também cruzeta de aspa (ÁVILA, 1979, p. 24). 2. [Or] Ornatos em feitiço de “V” que são empregues desencontrados, em grupo, com o vértice do “V” para cima, alternando com outro grupo com o vértice do “V” para baixo, e assim sucessivamente (IMC, 2011, p. 116). Ver ZIGUEZAGUE.
ASPERSÃO	[Ge] Molhar com pequenas gotas de qualquer líquido, borrifar, orvalhar, respingar. ¹³⁴ [Re] Procedimento pelo qual se faz a aplicação de verniz com compressor de ar.
ASSEMBLAGE ou ASSEMBLAGEM	ENSAMBLADURA.
ASSENTAR	1. [Ge] Aplicar sobre ou por em assento. 2. [Eq] Usa-se, também, pedra de assentar o fio dos instrumentos, o que significa pedra de afiar.
ASSENTAR O OURO	[Tc] No douramento é aplicar a folha de ouro sobre a camada do mordente (TEIXEIRA, 1995, p. 22), sobre a camada de bolo ou de mordente.
ASSENTO DE CELEBRANTE	[Mo] Assento de coro, utilizado durante a celebração da missa. É colocado no lado da Epístola. Faz parte de um conjunto de, em geral, três peças: a mais imponente, destinada ao concelebrante presidente,

¹³⁴ Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=aspers%C3%A3o>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

sedile [ing]
sedile per
concelebrazione [it]
siège de célébrant [fr]

colocada ao centro, pode ser uma cadeira de braços (cadeirão do celebrante), falsa-estala (falsa-estala do celebrante) ou estala (estala do celebrante); os outros dois, destinados aos outros concelebrantes ou aos diáconos assistentes, dispõem-se de cada um dos lados, podendo ser cadeirão (cadeirão do celebrante), cadeira (cadeira do celebrante), mocho (mocho do celebrante), tamborete (tamborete do celebrante), banco (banco do celebrante) ou banquetta (banqueta do celebrante). Estes assentos assemelham-se estilisticamente e podem ser solidários entre si ou integrem-se na arquitetura (THESAURUS, 2004, p. 25).

ASSIMETRIA

[De] Falta de simetria ou proporção entre desenhos em pintura ou escultura. A assimetria é um dos elementos definidores da ornamentação Rococó nas igrejas mineiras (a chamada 3ª fase do Barroco em Minas). O exemplo mais comum de assimetria é o do desenho das *rocailles* (ÁVILA, 1979, p. 128).

ASSINATURA

[Ge] Apesar de desde o século XIX a assinatura das pinturas se ter tornado vulgar, ela nem sempre é comum antes dessa data, variando de local para local, e consoante os pintores. A assinatura não garante, por si só, a autoria de uma obra, podendo encontrar-se assinaturas falsificadas sobre as obras autênticas, para valorizarem o preço da pintura. A forma mais comum de assinatura é a inscrição do nome, seguido por vezes da data. Por vezes esse nome é inscrito numa cartela ou moldura colocada num muro, ou num pequeno papel aparentemente caído, a que se dá o nome de *cartellino*. Por vezes a assinatura é condensada, limitando-se às iniciais do pintor, ou a uma característica forma de organizá-las, isto é, a um monograma. Outras estendem-se numa inscrição mais longa onde ao nome do pintor se juntam informações dos seus cargos, filiação artística ou física, ou sobre algumas circunstâncias relacionadas com a produção da obra. A assinatura é ainda acompanhada por vezes de uma palavra latina, que pode ser mais ou menos contraída: as mais comuns são *fecit* (fez), que pode aparecer contraído como *fec*, ou simplesmente *f.*, e *pinxit* (pintou), por vezes contraído como *pint*. *Invenit* – (ou nas abreviações *Inv.* ou *Inven.*), significa *inventou* e designa quem desenhou a obra, o que por vezes pode ser separado do seu executante (*exhcdudebat*). Se bem que nem sempre as assinaturas apareçam na face da pintura, é conveniente não as confundir com nomes ou palavras que se detectam mais usualmente no verso destas e que designam por vezes atribuições ou antigos possuidores.¹³⁵

ASSOALHO

[Ar] Piso ou pavimento de madeira (ÁVILA, 1979, p. 24).

ASSUNÇÃO

[Ic] Elevação milagrosa da Virgem em corpo e alma para o céu.¹³⁶

¹³⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹³⁶ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/asuncion>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

Asunción [esp]
Assumption [ing]

ASTERISCO [Li] Peça em forma de estrela que, depois de incensada, segurava o véu de cálice, protegendo-o e à hóstia consagrada que se encontrava na patena. Após o Concílio Vaticano II, este acessório litúrgico foi retirado da cerimónia de comunhão da Eucaristia (IMC, 2011, p. 65).

ASTRAGALO 1. [Mo] Perfil de meia-cana nas orlas dos armários ou portas, para esconder as juntas, também utilizado como caixilho nas portas envidraçadas (QUEIMADO, 2007, p. 176). 2. [Or] Pequena moldura de seção circular, decorada às vezes com motivos de *contas-de-rosário*, que aparece como ornato na parte superior do fuste da coluna (ÁVILA, 1979, p. 128).

ATACAMITA [Ma] Fórmula: $\text{Cu}_2(\text{OH})_3\text{Cl}$. Pigmento verde composto de cloreto básico de cobre. Atacamita existe no estado nativo, particularmente na Inglaterra, onde é usado em pintura mural desde a Idade Média. Também pode ser artificial, devido à corrosão do cobre. A atacamita também é um produto da decomposição da azurita e pode ter sido confundida com pigmento, enquanto é apenas uma degradação de outro pigmento (LANGLE; CURIE, 2009, p. 912).

atacamite [ing]
atacamite [fr]

ATELIÊ [Ge] Oficina, estúdio. Lugar de trabalho do artista (TEIXEIRA, 1995, p. 22).

atelier [fr]

ÁTICO [It] Na construção, pequeno andar de cima, que coroa todos os demais andares de um edifício, ornando ou dissimulando o telhado (FABRINO, 2012, p. 45).

ATHÉNIENNE [Mo] Peça com três pés para diversas utilidades, por exemplo, lavabo (bacia e jarro em porcelana) (QUEIMADO, 2007, p. 176).

ATLANTE [Es] Figura masculina de corpo inteiro ou meia figura em relevo ou em vulto que constitui um suporte arquitetônico. Pode ter as funções de um capitel, suportar um entablamento, uma cornija, um frontão. Estruturalmente, pode funcionar também como coluna ou pilastra.¹³⁷ A figura pode estar de pé ou ajoelhada na composição das talhas. O nome vem do gigante mitológico Atlas, que sustentava o mundo nas costas.¹³⁸ Colocada no lugar de colunas ou pilastras, sustentando, sobre a cabeça ou os ombros, elementos de arquitetura ou de decoração de edifícios (DAMASCENO, 1987, p. 6). Quando a figura de sustentação é feminina, dá-se o nome de *cariátide*.

¹³⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹³⁸ CONJUNTO... 2007, p. 174.

ATMOSFERA ANÓXIA Ver ANÓXIA.

**ATOS
LITÚRGICOS**

[Li] Capela de missa, encomendação, missa, ofício, oitavário, memento, procissão, ladainha, romaria, festas de padroeira, trezenas, ladário, setenário, novenas, rasouras, câmara ardente (NUNES, 2008, p. 14).

ATRIBUIÇÃO

[De] Ato de propor uma autoria para uma obra que não tem assinatura nem está fidedignamente documentada. A base da atribuição é a comparação com outras obras através dos estilemas ou cacoetes, pelo que é essencial haver sempre uma base documental fidedigna para fundar a comparação. Ampliações fotográficas e uma atenção muito grande ao detalhe foram as primeiras armas da atribuição, que hoje pode valer-se de uma quantidade de análises químicas e físicas que permitem aumentar o material documentado usado na comparação. Para que uma atribuição seja aceita pesam vários fatores, desde a qualidade da prova produzida, até à fiabilidade das comparações e, em grande medida, a autoridade científica sobre determinado autor ou escola, do historiador ou grupo que faz a atribuição. Muitas obras atribuídas são hoje unanimemente aceitas, de uma forma tão credível como uma assinatura autógrafa ou uma base documental clara, mas a simples menção da atribuição antes do nome do autor (atribuído a ...) indica-nos já uma margem de reserva, pelo que a expressão só se utiliza na falta de uma unanimidade da crítica. Um dos grandes problemas da atribuição é o fato de ela ser a ação da história da arte com maior implicação no mercado, podendo fazer subir ou baixar imenso o valor de uma obra de arte. Por vezes os historiadores são tentados a uma atribuição, mais ou menos forçada, condicionada a determinado estado da investigação, mas as implicações desse fato são imediatas no mercado, o que acaba por condicionar alguns aspectos do debate científico sobre as obras. Por maioria de razão.¹³⁹ Ver PERITAGEM e AUTENTIFICAÇÃO.

ATRIBUTO
attribute [esp]

[Ab] Símbolo, insígnia, distintivo ou qualquer elemento que auxilia na identificação de representações da iconografia cristã (DAMASCENO, 1987, p. 6). Na escultura, as imagens são representadas com os atributos particulares de cada personalidade que representam, por vezes amovíveis (IMC, 2011, p. 65). Elemento(s), objeto(s), animais, plantas, etc., que acompanha(m) as esculturas, em imagens de santos, de personagens sagradas, ou da mitologia, representam simbolicamente episódios das suas vidas.¹⁴⁰ **ATRIBUTOS DA PAIXÃO** – *instruments of the Passion [ing]; strumenti simbolici della Passione [it]; instruments de la Passion [fr]*. [Ic] São os símbolos da Paixão.

¹³⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁴⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	Representação dos objetos ligados à Paixão de Cristo (cruz, pregos, tenaz, martelo, coroa de espinhos, lança, coluna, cana, chicote, esponja, escada, dados, túnica, galo, sol, lua, mão, lanterna, etc.), expostos ou levados em procissão durante a Semana Santa (THESAURUS, 2004, p. 102).
--	---

ATRIL <i>lectern [ing]</i> <i>leggio [it]</i> <i>lutrín [fr]</i>	1. [Ge] Suporte, geralmente de madeira ou metal, composto por duas placas oblíquas e de tamanhos desiguais que formam um plano inclinado. 2. [Ig] Nas igrejas, é usado para sustentar Bíblia ou missal em cerimônias religiosas (DAMASCENO, 1987, p. 6). Geralmente coloca-se no meio do coro, mas pode ser posto entre este e a nave ou na tribuna (THESAURUS, 2004, p. 52). Também chamado <i>leitoril</i> , <i>facistol</i> ou <i>antifonário</i> . Ver ESTANTE DE MISSAL e ESTANTE DE CORO.
--	---

ÁTRIO	[Ar] Entrada ou vestíbulo de uma igreja ou construção civil (ÁVILA, 1979, p. 24).
--------------	---

ATRO	[Cor] Negro. De cor negra.
-------------	----------------------------

AURÉOLA	1. [Ab] Ornamento de metal (prata ou ouro), tipo uma coroa ou raio luminoso, colocado sobre a cabeça das imagens (TEIXEIRA, 1995, p. 22). 2. [Ic] Elemento em forma de amêndoa, que cerca Cristo, a Virgem e os santos, para significar sua glória (NUNES, 2008, p. 22). [Ic] Aura luminosa que circunda os corpos das Pessoas Divinas, geralmente representada de forma circular ou amendoada (DAMASCENO, 1987, p. 6). Ver RESPLENDOR e NIMBO.
----------------	---

AURIPIGMENTO	Ver OURO PIGMENTO .
---------------------	----------------------------

AUTENTICIDADE	[Ge] É o somatório das características substanciais, historicamente provadas, desde o estado original até à situação atual, como resultado das várias transformações que ocorreram no tempo. ¹⁴¹
----------------------	---

AUTENTIFICAÇÃO	[Ge] Certificação do carácter autêntico de uma obra de arte, quer no que respeita ao seu carácter de não falso, isto é, de correspondente à época, quer ao envolvimento artístico e provavelmente ao autor a que é atribuído. O termo autentificação é usado também para assegurar o carácter autêntico do espólio remanescente de um artista que, por sua morte, deixa frequentemente no atelier uma enorme quantidade de obras, estudos, desenhos, etc. não assinados. Nesse caso, a família, ou uma comissão de amigos, colegas ou executantes do testamento procede à autentificação desse espólio, carimbando-o e assinando a responsabilidade dessa autentificação. Por vezes pretende utilizar-se o termo aplicado a uma peritagem privada elaborada por um perito, historiador, restaurador, ou comerciante do ramo que, a pedido de um
-----------------------	---

¹⁴¹ CARTA DE CRACÓVIA 2000. Princípios para a conservação e o restauro do Património Construído.

	proprietário ou vendedor emite um documento em que “autentifica” determinada obra. A aceitação deste tipo de atribuição, sem publicitação e sem debate científico deve ser encarada com as maiores reservas. ¹⁴²
AUTO DE ARREMATAÇÃO	[Do] Documento contratual que estabelece as condições técnicas de execução de uma obra de construção ou ornamentação, bem como a remuneração correspondente. Diz-se também auto de rematação (ÁVILA, 1979, p. 24).
AUTOR <i>auteur [fr]</i>	[De] Pessoa, oficina, corporação ou grupo de pessoas que projeta uma obra e a executa ou realiza sob sua direção, sob seu controle ou como dirigido por ele (LANGLE; CURIE, 2009, p. 241).
AUTOTROFO <i>autotrofo [esp]</i>	[Bi] Organismo capaz de se alimentar de substâncias inorgânicas transformando-as em substâncias orgânicas assimiláveis. ¹⁴³
AVÃOAMENTO	[De] Segundo Paulo Thedim Barreto ¹⁴⁴ , em estudo sobre a Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, é o mesmo que balanço ou saliência (ÁVILA, 1979, p. 24).
AVENTAL	[Or] Aba, saia, saial. Elemento central que prolonga inferiormente a frente e as ilhargas de vários móveis e onde geralmente se concentra o trabalho decorativo. ¹⁴⁵
AZIMBRE	Ver CIMBRE .
AZUL BORRÃO	[Ta] Técnica de decoração em transfer-printing na qual a tinta escorre dentro do esmalte produzindo um aspecto borrado ou um efeito de halo ¹⁴⁶ .
AZUL-CELESTE	[Ma] Pigmento artificial azul claro. Foi introduzido como um pigmento por volta de 1860.
AZUL DA PRÚSSIA <i>azul de Prusia [esp]</i> <i>prussian blue [ing]</i> <i>blu di Prussia [it]</i>	[Ma] Fórmula: $Fe_4[Fe(CN)_6]_3$. Ferrocianeto férrico. É também chamado de <i>Azul de Berlim</i> , <i>Paris</i> , <i>Antuérpia</i> ou <i>China</i> . É um pigmento inorgânico considerado o primeiro dos pigmentos sintéticos modernos (1710). ¹⁴⁷ Azul intenso com tons esverdeados. Tem alto

¹⁴² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁴³ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

¹⁴⁴ Paulo Thedim Barreto (1906-1973), arquiteto.

¹⁴⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁴⁶ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁴⁷ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/azul-de-prusia>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

<i>bleu de Prusse [fr]</i>	poder de cobertura devido ao pequeno tamanho de suas partículas. É estável contra ácidos diluídos e agentes atmosféricos normais. Em meio alcalino, decompõe-se e transforma-se em hidróxido de ferro castanho. Devido à sua instabilidade aos álcalis, não pode ser usado em pinturas a fresco. Em outras técnicas, tem sido usado com frequência até a primeira metade do século XX (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 58). Pigmento muito utilizado no período colonial (TEIXEIRA, 1995, p. 22).
AZUL DE ACRE	[Ma] Designação arcaica geralmente usada para o pigmento azul ultramarino. ¹⁴⁸
AZUL DE COBALTO <i>cobalt blue, Thenard's blue [ing]</i> <i>blu di cobalto [it]</i> <i>bleu de cobalt [fr]</i>	[Ma] Fórmula: $\text{CoO} \cdot \text{Al}_2\text{O}_3$. Óxido de alumínio cobalto. De origem sintética. Descoberto no início do século XIX. Azul puro e intenso e com um notável poder de cobertura. Quimicamente muito estável. Utilizado em todas as técnicas artísticas (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 57-58).
AZUL DE ESMALTE <i>azzurro smalto [it]</i> <i>smalt [fr]</i>	[Ma] Silicato de potássio com óxido de cobalto. Pigmento artificial sintético já conhecido na Idade Média na indústria do vidro. Usado pela primeira vez em afresco, seu uso tornou-se difundido na pintura de cavaletes durante os séculos XVI e XVII. Aglutinado com óleo descolorido. ¹⁴⁹ Estável e resistente a todos os agentes. Tende a catalisar em processos de alteração dos aglutinantes orgânicos (têmpera) que frequentemente adquirem uma tonalidade marrom escuro. É empregado em todas as técnicas artísticas (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 57).
AZUL EGÍPCIO <i>blu Egiziano [it]</i> <i>bleu égyptien [fr]</i>	[Ma] Fórmula: $\text{CaOCuO}_4\text{SiO}_2$. Mistura de silicatos de cobre e cálcio. De origem sintética. Utilizado, principalmente, na Antiguidade. É o azul mais frequente nas pinturas murais do Egito, Mesopotâmia e Roma. Azul semelhante à azurita, de cristais grossos (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 60).
AZUL LÁPIS LAZÚLI ou LAZULITA <i>blu lapislazzuli [it]</i> <i>lapis-lazuli ou lazulite [fr]</i>	[Ma] Fórmula: $3\text{Na}_2\text{O} \cdot 3\text{Al}_2\text{O}_3 \cdot 6\text{SiO}_2 \cdot 2\text{Na}_2\text{S}$. É uma pedra semipreciosa de cor azul e veios de cor branca e dourada, da qual se obtém o pigmento azul ultramarino após laborioso processo de purificação, formado pela mineral lazulita misturada a outros silicatos secundários, incolor, e calcita e pirita, conhecida há mais de 6000 anos, nomeadamente nas civilizações egípcia e suméria, ocorrendo, principalmente, no Afeganistão. Na Antiguidade era denominada <i>sappheirus</i> e <i>ultramarinum</i> (IMC, 2011, p. 146). É também chamado, nos tempos medievais, <i>azul de Acre</i> . ¹⁵⁰ A cor do material obtido desta

¹⁴⁸ Disponível em: <http://www.ciarte.pt/dic/a/azul_acre.html>. Acesso em: 12 set. 2017.

¹⁴⁹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/azul-esmalte-0>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

¹⁵⁰ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/en/lapis-lazuli>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

forma é muito menos intensa do que a do azul ultramarino.¹⁵¹ Pigmento de origem natural mineral. Desde 1928 existe uma variedade artificial sintetizada por Guimet na França, o produto não contém impurezas. É um azul translúcido, conserva um aspecto mais brilhante na têmpera do que no óleo. Frequentemente é misturado a um pigmento branco. É estável aos agentes atmosféricos comuns. Pode ser utilizado em todas as técnicas, mais particularmente na têmpera (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 56). Ver AZUL ULTRAMARINO.

**AZUL
ULTRAMARINO**

azul ultramar [esp]
ultramarine blue [ing]
blu oltremare [it]
bleu outremer [fr]

[Ma] É um pigmento de origem natural, de cor azul escura ligeiramente arroxeadada, obtido a partir do lápis-lazúli — uma pedra semipreciosa que durante muitos séculos provinha quase exclusivamente de uma região do atual Afeganistão, de difícil acesso. O seu nome, ultramarino, resulta, portanto, de vir do outro lado do mar. Muitos dos pigmentos naturais podem ser obtidos apenas por simples trituração dos respectivos minerais, mas isso não sucede com o azul ultramarino. O lápis-lazúli é uma rocha constituída por vários minerais, dos quais apenas a lazurita tem cor azul. Se este não for separado dos outros minerais, nomeadamente a calcita (de cor branca) e a pirite (de cor dourada), obtém-se um pigmento de cor acinzentada e não de cor azul intensa. O processo de separação é muito complexo e só foi descoberto por volta de 1200. Este processo de preparação é minuciosamente descrito por Cennino Cennini. Mineralogicamente, o azul ultramarino corresponde à lazurita; quimicamente é essencialmente um aluminossilicato de sódio e cálcio com enxofre. O azul ultramarino foi especialmente apreciado na Idade Média, sendo então o pigmento azul com cor mais intensa e mais estável. A sua origem remota, o laborioso processo de preparação e a sua cor apreciada, fazem com que o azul ultramarino adquira o estatuto de material precioso e tenha preço elevado. Por isso, alguns contratos obrigam os pintores a usar azul ultramarino nas obras em causa e outros estabelecem que o pigmento seja pago à parte ou é fornecido diretamente pelo encomendante, tal como acontecia com o ouro. Devido ao fato de o lápis-lazúli chegar à Europa pelos portos italianos, particularmente o de Veneza, o azul ultramarino era com frequência usado na Itália nas pinturas mais importantes. Devido ao seu custo, em várias obras flamengas do século XV, o azul ultramarino foi aplicado numa fina camada superficial sobre uma camada de azurita, que dava o tom geral azul. O uso do nome azul ultramarino está documentado, pelo menos, desde 1571. O elevado valor monetário do pigmento é acompanhado de um importante valor simbólico, para o qual também contribuem as suas propriedades. Sobre o pigmento dizia Cennini: *Cor nobre e bela, a mais perfeita de todas as cores, da qual nada se pode dizer ou fazer que a sua qualidade não ultrapasse*. Por isso o azul

¹⁵¹ CRUZ, António João. A matéria da imagem: dicionário sobre materiais, técnica, conservação e estudo laboratorial de pinturas. A Ciência e a Arte. Disponível em: <<http://ciarte.pt/dic/a/arrependimento.html>>. Acesso em: 12 set. 2017.

ultramarino foi especialmente utilizado nos motivos mais importantes como no manto da Virgem Maria. Aliás, na Idade Média esse manto passou a ser pintado de azul, em vez de vermelho ou branco, provavelmente porque essa era a cor do azul ultramarino, ou seja, do pigmento mais precioso. Teve maior importância entre os séculos XIV a XVII, perdendo a partir do aparecimento de outros pigmentos azuis, sintéticos, muito mais económicos, especialmente o azul da Prússia, o azul de cobalto e, finalmente, o azul ultramarino artificial ou azul ultramarino francês, tendo a gradual substituição ao quase desaparecimento das paletas dos pintores na 2.^a metade do século XIX.¹⁵²

**AZUL
ULTRAMARINO
(artificial)**

[Ma] Fórmula: $\text{Na}_{8-10}\text{Al}_6\text{Si}_6\text{O}_{29}\text{S}_{2-4}$. Semelhante ao pigmento ultramar natural (lápiz lazuli), porém sem impurezas. De origem sintética. Azul mais intenso que o do lápiz lazúli (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 56).

AZULEJO

[Ce] Corpo cerâmico, de espessura variável, geralmente quadrado, constituído por base argilosa (chacota), decorada e vitrificada ou não numa das faces, destinada essencialmente a revestimento parietal. **AZULEJO DE FIGURA AVULSA** – Azulejo que contém em si mesmo todo o motivo principal - flores, frutos, animais, figuras humanas, barcos, cestos, construções variadas. Geralmente é decorado nos quatro cantos com pequenos ornatos que constituem elementos de ligação. **AZULEJO DE PADRÃO** – Ver **PADRÃO**. **AZULEJO HISPANO-MOURISCO** – Designação dada geralmente ao azulejo produzido na técnica de corda seca e de aresta, em Sevilha e Toledo nos séculos XV e XVI. **AZULEJO INDUSTRIAL** - Designação dada ao azulejo fabricado em série, com a chacota e a pintura realizados por processos mecânicos.¹⁵³ Usado para revestimento, impermeabilização e decoração de paredes. No período colonial brasileiro, foi largamente utilizado em construções religiosas e civis, principalmente do litoral. O uso nobre do azulejo levou à recriação, como a feita por Ataíde sobre madeira na capela-mor da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto (ÁVILA, 1979, p. 129).

AZURITA

azurite [esp]
azzurrite [it]
azurite [fr]

[Ma] Fórmula: $2\text{CuCO}_3 \cdot \text{Cu}(\text{OH})_2$. Carbonato básico de cobre. O pigmento, foi usado desde a Idade Média até o século XVII. É incompatível com afresco porque se transforma em atacamita verde. Muitas vezes aplicado sobre uma camada mais opaca de preto, vermelho, cinza ou azul.¹⁵⁴ Funciona muito mal com óleo (MAYER, 1996, p. 46).

¹⁵² Disponível em: <http://www.ciarte.pt/dic/a/azul_ultramarino.html>. Acesso em: 12 set. 2017.

¹⁵³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁵⁴ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/en/azurite>>. Acesso em: 25 jul. 2018.



BACIA

1. [It] Do latim tardio *baccea*. Designação genérica para recipiente covo, circular ou oval, de bordas largas, pouco profundo, próprio para abluções (DAMASCENO, 1987, p. 6). 2. [It] Base de pedra ou madeira, na qual se apoiam os balaústres das sacadas da parede e que serve de apoio a guarda-corpos de púlpitos, varandas, balcões, etc. 3. [It] Diz-se também de certo tipo de tanque de chafarizes, geralmente côncavo e de forma elíptica (ÁVILA, 1979, p. 25).

**BACIA DA PIA
BATISMAL**

baptismal font
basin[ing]
conca del fonte
battesimale [it]
bassin des fonts
baptismaux [fr]

[Ig] Grande recipiente móvel colocado dentro da cuba da pia batismal para recolher a água vertida sobre a cabeça do neófito. Apresenta geralmente um furo para vaziar a água. Pode ser tapada e estruturar-se em dois reservatórios, um para a reserva e o outro para o vazamento da água; compartimentos suplementares podem ser utilizados para guardar as alfaias utilizadas no batismo (THESAURUS, 2004, p. 150).

**BACIA DO
PÚLPITO**

[It] Peça em pedra ou madeira; sacada da parede em que se firma o tambor ou caixa do púlpito (ÁVILA, 1979, p. 130).

BACTÉRIAS

1. [Bi] As bactérias compõem-se de uma só célula, ou podem se associar a células similares, formando colônias. As células das bactérias não se diferenciam como as dos fungos, e se classificam, de acordo com o tipo de conformação das colônias. Normalmente sua reprodução se faz a partir da divisão de uma célula em duas iguais. Em condições desfavoráveis, certas bactérias também produzem esporos como forma de resistência. Neste caso, há formação de um esporo por célula. Embora as bactérias possam crescer numa ampla faixa de temperatura (de 0 a 80°C), as condições ideais estão na temperatura de 20 a 37°C. A umidade é indispensável tanto ao desenvolvimento das bactérias, como dos fungos. Os ambientes que possuem elevada umidade relativa favorecem seu crescimento e multiplicação.¹⁵⁵ 2. [Dt] O seu ataque resulta em alterações cromáticas e alteram pigmentos que contêm chumbo (FÉLIX, 2013, p. 58). O ataque de bactérias é comum em madeiras submersas por algumas semanas ou meses, ou ainda submetidas à condição de anaerobiose, como

¹⁵⁵ GLOSSÁRIO. Disponível em:

<<http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural//pagina/4404/perguntasfrequenteseglossario>>. Acesso em: 12 de set. 2017.

em estacas ou fundações. O fator mais importante para a instalação desses organismos é o elevado teor de umidade. O ataque da madeira por esses organismos se dá de forma muito lenta, podendo levar anos para que alterações consideráveis possam ocorrer. Inicialmente, o ataque se restringe aos materiais de reservas das células radiais, dirigindo-se, em seguida, para o próprio raio, que em estágio mais avançado de ataque, pode atingir outros elementos anatômicos como fibras e traqueídeos. Tem-se, também, registrada a ocorrência bastante frequente de ataque bacteriano, associada ao ataque por fungos, nas paredes celulares de peças de madeira, mantidas em contato com o solo. Macroscopicamente, o ataque aparece como manchas pequenas, distribuídas ao acaso na superfície da madeira, podendo, nos estágios avançados, ocorrer o amolecimento nestas áreas. Tais organismos são capazes de inativar preservativos. Um exemplo conhecido é o da *Pseudomonas creosotensis*, que é capaz de detoxificar o creosoto em estacas marinhas, permitindo o ataque de moluscos e crustáceos xilófagos, em peças de madeira preservadas, expostas ao mar.¹⁵⁶

BÁCULO
crose [fr]

[Ab] Do latim *baculum*. Bastão simbólico e pastoral que se entrega aos bispos na sua consagração e aos abades e abadessas na sua investidura. No início foi um simples cajado com a volta curva, perdendo no decurso do tempo a sua simplicidade rústica até se transformar numa obra de arte. Representando correção episcopal, a sua forma é também simbólica, tendo o sentido da missão pastoral do prelado. Com a parte curva deve o pastor trazer de volta ao rebanho os que se transviaram; a sua justiça deve ser inteira e reta como a vara do báculo. Até ao século XII, os báculos eram de madeira e com a forma de T, tendo só então começado a evoluir para os de metal com a extremidade superior rematada por uma voluta a que se dá o nome de *crossa*. Cedo o báculo surge como símbolo da importância do seu possuidor e como testemunho da riqueza e poder da diocese ou do convento (IMC, 2011, p. 67). Ver **CROSSA**, **CAJADO** e **RETORTA**.

**BADAME ou
BEDAME**
*badano [esp]
mortise-chisel [ing]
sgorbia [it]
bédame [fr]*

[Eq] Formão. Instrumento de cortar, especialmente em madeira: os carpinteiros é que dão mais uso a este utensílio, que tem quatro faces paralelas, duas largas e outras duas menores. O seu gume é no fim de uma destas partes mais estreitas. É chato na extremidade cortante, de ferro calçado de aço e o que tem cabo de madeira é usado pelos carpinteiros para abrir encaixes na madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 23). Ver **ESCOPRO** e **PONTEIRO**.

BAETA

[Ou] Pano felpudo de lã. Tecido grosso de algodão. **BAETÃO** – Baeta grossa. Cobertor de lã. **BAETILHA** – Pano de algodão felpudo (NUNES, 2008, p. 29).

¹⁵⁶ Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/cursos-produtosflorestais-agricultura/artigos/principais-microorganismos-que-atacam-a-madeira>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

<p>BAILÉU <i>andamio, tablado</i> <i>[esp]</i> <i>scaffold [ing]</i> <i>palco [it]</i> <i>échafaud [fr]</i></p>	<p>[Ou] Tipo de andaime formado por um conjunto de tábuas grossas e sustentado por cordas que sobem e descem por intermédio de um moitão ou roldana, fixado em barrotes, seguros nas paredes. É usado nos edifícios na parte interna e externa (TEIXEIRA, 1995, p. 23).</p>
<p>BAIXO RELEVO <i>bajo relieve [esp]</i> <i>low relief [ing]</i> <i>basso-rilievo [it]</i> <i>bas-relief [fr]</i></p>	<p>[Es] Relevo cujas formas criam uma saliência inferior à metade do volume real das figuras ou dos elementos representados.¹⁵⁷</p>
<p>BALANÇA <i>trébuchet [fr]</i></p>	<p>1. [Ab] Na iconografia cristã, em sua forma mais comum – dois pratinhos iguais dependurados em simetria bilateral – é um dos atributos do Arcanjo São Miguel e simboliza a separação dos bons e dos maus, no Juízo Final (DAMASCENO, 1987, p. 7), é também símbolo da justiça e da medida. 2. [Eq] Instrumento que serve para determinar peso.</p>
<p>BALANÇO <i>surplomb [fr]</i></p>	<p>1. [Mo] Em mobiliário, designa o prolongamento lateral do tampo (DAMASCENO, 1987, p. 7). 2. [Ou] Saliência não apoiada das construções, ficando sua projeção horizontal fora do perímetro determinado pelos elementos de sustentação da estrutura (ÁVILA, 1979, p. 130).</p>
<p>BALANDRAU <i>balandran [fr]</i></p>	<p>[In] Vestimenta talar, geralmente de tela de lã ou de seda, com capuz e mangas largas, abotoada na parte da frente, originalmente usada pelos mouros. Atualmente é uma espécie de opa provida de murça, usada pelos Irmãos da Misericórdia ou um hábito de algumas Ordens Terceiras (DAMASCENO, 1987, p. 7).</p>
<p>BALAUSTRADA <i>balustrade [fr]</i></p>	<p>[It] Série de balaústres intervalados, de preferência em número ímpar, formando varanda, corrimão ou grade, para servir de apoio, vedação ou motivo ornamental de obras arquitetônicas ou peças de mobiliário. Ver CANCELO (DAMASCENO, 1987, p. 7). Resguardo ou parapeito corrido amparado por uma fileira de balaústres, dispostos de forma regular como remate de uma estrutura arquitetônica ou anteparo do vão de uma varanda, tribuna, janela ou corrimão de escadas (IMC, 2011, p. 116). Em pedra ou madeira, delimitando uma área.</p>
<p>BALAÚSTRE <i>balustre [fr]</i></p>	<p>[It] Do italiano <i>balaustro</i>. Elemento vertical, em forma de pequena coluna ou pilar, geralmente torneado e mais grosso no meio do fuste, que sustenta com outros, intervalados, uma travessa ou corrimão, formando, assim, uma balaustrada. Aparece também de forma achatada, ou seja, apenas recortado, numa peça plana de madeira (DAMASCENO, 1987, p.</p>

¹⁵⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/ptPT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

8). O balaústre compõe-se de pedestal, fuste e capitel, podendo apresentar-se de diversas formas (IMC, 2011, p. 116). Pode ser coluna torneada em forma arredondada, usada nas pernas de mesas e costas de cadeiras (QUEIMADO, 2007, p. 177).

<p>BALCÃO <i>balcon [fr]</i></p>	<p>[Ar] Sacada, geralmente com balaústres, em fachadas de pisos superiores das construções, à qual se tem acesso por uma janela rasgada por inteiro (ÁVILA, 1979, p. 25).</p>
<p>BALDAQUIM (ou BALDAQUINO) <i>baldaquin [fr]</i></p>	<p>1. [De] Termo com origem na palavra italiana <i>baldacchino</i>. 2. [Ar] Peça de tapeçaria ou arquitetura semelhante a um dossel sustentado por colunas ou pendente junto às paredes que remata ou coroa um altar ou um trono. Também pode ser designado por cibório, quando cobre a custódia, com o Santíssimo em exposição, sobre o altar (IMC, 2011, p. 116), e aparece como proteção superior em alguns retábulos. 3. [Rb] O mesmo que sanefa ou guarda-pó (ÁVILA, 1979, p. 131), destinado a servir de cúpula a um trono, um sólio ou um altar. 4. [Mo] Pequeno móvel portátil, com mecanismo de abrir e fechar, usado, para abrigar o Santíssimo Sacramento quando no interior das igrejas é transportado de um local para outro. 5. [Ig] Por extensão, o termo é, às vezes, empregado para designar o palio e a umbela (DAMASCENO, 1987, p. 8). A poltrona dos prelados e príncipes fica sob o baldaquino (NUNES, 2008, p. 29). Ver DOSSSEL.</p>
<p>BALDAQUINO DE TRONO PONTIFICAL <i>baldacchino della cattedra pontificale [it]</i> <i>dais de trône pontifical [fr]</i> <i>pontifical throne canopy [ing]</i></p>	<p>[Ig] Dossel colocado sobre o trono pontifical. Costuma ser composto por uma armação guarnecida com tecidos (THESAURUS, 2004, p. 25).</p>
<p>BALDAQUINO PORTÁTIL <i>baldacchino portatile [it]</i> <i>baldaquin portatif [fr]</i> <i>portable canopy [ing]</i></p>	<p>[Ig] Estrutura de armar, de pequenas dimensões e em forma de pequeno baldaquino, com base, painel posterior e sobrecéu, para enquadrar o ostensório ou a píxide durante a adoração do Santíssimo, geralmente em celebrações no exterior da igreja. Ao fechar toma, geralmente, a forma de livro. Pode ser decorado com motivos e símbolos eucarísticos (THESAURUS, 2004, p. 123).</p>
<p>BALDRÉU</p>	<p>[Ma] Pelica de luvas ou os retalhos delas, cozidos, de cuja água, depois, se faz cola (REAL, 1962, p. 83) (cola de pelica).</p>
<p>BALMÁZIO</p>	<p>[Ma] Pequeno prego de cabeça arredondada usado para vários fins, como prender tapeçarias, estofos, sanefas, etiquetas (REAL, 1962, p. 84).</p>
<p>BALSA</p>	<p>1. [Bo] Trata-se da madeira mais leve. A <i>Ochroma pyramidale</i>, da família</p>

Bombacaceae, originária da Bolívia e do Peru, cuja densidade é inferior a 0,2 g/cm³. Como comparação a madeira mais pesada é o gáiac, ou guaiaco, *Guaiacum officinale*, de densidade superior a 1,2 g/cm³. A madeira brasileira mais densa é a aroeira-do-sertão ou urindeúva, *Astronium urundeuva*, da família Anacardiaceae com densidade maior que 1,10 g/cm³. E a madeira brasileira mais leve é o garapuvu, *Schizolobium parahyba*, com densidade menor que 0,4 g/cm³ (GONZAGA, 2006, p. 26). 2. [Re] A utilização da balsa na restauração: quando a madeira de uma escultura apresenta o material lenhoso sujeito a grandes tensões provocadas pela secagem, onde aparecem fendas, que normalmente aumentam e diminuem de dimensão, consoante a época do ano, patologia associada aos índices termo-higrométricos. Neste caso, são utilizadas madeiras de baixa densidade, como é o caso da balsa, para que, quando a fenda fechar, a zona de reintegração consiga acompanhar o fechamento da lacuna. Caso contrário, se as fendas, quando de dimensões consideráveis, forem preenchidas com madeiras densas, as tensões continuam a existir, mas em vez de se dispersarem pela fenda, criam outra ou outras fendas, em outro local da peça (QUEIMADO, 2007, p. 144).

BÁLSAMO
bálsamo [esp]

[Ma] Resinas balsâmicas. Secreções vegetais, sólidos macios ou semifluidos, caracterizados pela presença de derivados aromáticos. Eles consistem em terpenos, fenóis e ésteres de ácidos cinâmico e benzóico. Há, por exemplo, o bálsamo do Peru, o bálsamo de Tolú, a terebintina de Veneza. Eles são usados como ligantes para cores frias, em cerâmica, vidro e esmaltes (CALVO, 1997, p. 35).

BÁLSAMO DO CANADÁ
bálsamo do Canadá [esp]

[Ma] Oleorresina. Terebintina extraída a partir de resina do abeto *Abies balsamea*. Dissolvida em óleos essenciais, é vendida sob a forma de um líquido transparente ou amarelado e viscoso. Insolúvel em água, mas miscível com benzeno, clorofórmio e xileno. É uma substância amorfa quando seca e não cristaliza com o tempo, mantendo, assim, as suas propriedades óticas. Muito utilizado na identificação de madeiras, sendo que a amostra é preparada ao ser envolvida no bálsamo. Pois o bálsamo constitui um meio de preservar as amostras, ao colocá-las entre duas lamelas de vidro. Foi também bastante utilizado como adesivo em vidro, pois quando seca torna-se transparente. Durante a Segunda Guerra Mundial foi substituído como adesivo pelo poliéster e pelas resinas epóxicas. Sinonímia: Terebintina do Canadá (PEIXOTO, 2012, p. 110).

BALUGAS
brodequin [fr]

[In] Espécie de bota com atacadores. O mesmo que borzeguim e balegões (REAL, 1962, p. 84).

BAMBINELA

[Ou] Cortina decorada com franjas e galões, geralmente encimada por sanefa, usada como ornamento interior de janelas (DAMASCENO, 1987, p. 8).

BANCA

[Mo] Mesa de menores dimensões, com três lados decorados, sendo o

quarto lado colocado de encontro à parede. **BANCA DE ABRIR** – mesa com um tampo que podia ser montado ou desmontado, também chamada *banca de leque* ou *mesa de leque* (FLEXOR, 2009, p. 147). **BANCA DE ESBARRA** – [esp]; [ing]; [it]; [fr]. [Mo] Designação do século XVIII dada à peça hoje chamada console ou banca ou mesa de encostar (FLEXOR, 2009, p. 147).

BANCO	[Mo] Assento coletivo de madeira, metal, pedra ou outro material, de formas variadas, simples ou com trabalho decorativo, tendo, ou não, encosto e braços. Espécie de mesa estreita e alongada, geralmente de tampo espesso sobre a qual trabalham certos artífices (DAMASCENO, 1987, p. 8). Ver ARQUIBANCO.
BANCO DE ESCULTOR (ou de <i>carpinteiro, de entalhador e de marceneiro</i>) <i>banco de carpinteiro</i> [esp] <i>carpenter's bench</i> [ing] <i>pancone</i> [it] <i>banc, établi</i> [fr]	[Eq] Mesa ou bancada na qual o escultor ou o carpinteiro fixa as obras que deseja moldar, trabalhar. As madeiras são mantidas no banco por uma prensa frontal, e por outra prensa adaptada ao pé do banco, lateralmente, a qual segura as tábuas ou as peças a serem cortadas e trabalhadas (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 593). Também chamado <i>banco de barrilete</i> .
BANCO DE IGREJA <i>pew</i> [ing] <i>banco da chiesa</i> [it] <i>banc de fidèle</i> [fr]	[Ig] Assento para os fiéis. Integra, geralmente, espaldas com apoios para cotovelos e joelhos, no momento da genuflexão. Pode estar fixo e solidário aos outros bancos, tendo, neste caso, os acessos laterais eventualmente fechados por meias-portas. Quando integra uma caixa sob o assento, o qual lhe serve de tampa, diz-se arquibanco de igreja (THESAURUS, 2004, p. 26).
BANCO GENUFLEXÓRIO <i>kneeler</i> [ing] <i>inginocchiatoio</i> (sgabello) [it] <i>agenouilloir</i> [fr]	[Mo] Banco baixo para apoiar os joelhos flexionados durante a oração. Pode estar solto ou integrar-se num banco de igreja ou num genuflexório, estando, neste caso, associado a um apoio para os cotovelos e a uma estante para livros de orações (THESAURUS, 2004, p. 26).
BANCO-MOCHO	[Mo] Banco individual de madeira, sem encosto, composto de três ou quatro pernas e placa horizontal para assento. Também denominado <i>mocho</i> (DAMASCENO, 1987, p. 9).
BANDAS	[Or] Estreitas tiras decorativas de folheado ou embutido, geralmente formando uma orla (QUEIMADO, 2007, p. 177).
BANDEIRA <i>bannière</i> [fr]	1. [Ou] Retângulo de tecido, painel de madeira ou lâmina metálica, com uma das extremidades prendendo-se diretamente a um mastro. Apresenta cores ou símbolos distintivos da unidade política, religiosa ou outro tipo de agremiação a que pertence. 2. [Rg] Em Ouro Preto, chamam-se

bandeira de santo à que se costuma levar em procissão da casa do festeiro até o adro da igreja, onde será, durante ritual próprio, içada em mastro. A bandeira, neste caso, traz representação alusiva ao santo comemorado, como São João, Santa Cruz, São Sebastião e outros. 3. [Ar] Em arquitetura, designa a parte superior, fixa ou móvel, de portas ou janelas. Pode ser de madeira inteiriça, treliça, ornamento similar ou, ainda, envidraçada (DAMASCENO, 1987, p. 9). **BANDEIRA DE CONFRARIA** – [Rg] Insígnia de confraria. Consiste num painel rígido, geralmente pintado de ambos os lados, com iconografia relativa à invocação da confraria. Sustentada por haste e encimada por uma cruz, é levada nas procissões pelo confrade. Quando apresenta, no anverso, a Virgem da Misericórdia, diz-se *bandeira da Misericórdia* (THESAURUS, 2004, p. 134). **BANDEIRA DE MISERICÓRIDA** – [Rg] Insígnia da Misericórdia, confraria religiosa difundida em Portugal e em zonas de influência portuguesa. Consiste num painel rígido pintado com a figura da Virgem da Misericórdia, no anverso, e da Pietá ou de uma iconografia relacionada com a morte de Cristo, no reverso. Sustentada por haste e, geralmente, encimada por uma cruz, é levada nas procissões da Semana Santa à frente da confraria (THESAURUS, 2004, p. 134). **BANDEIRA PROCESSIONAL** – [Rg] Espécie de bandeira levada na procissão, geralmente em tecido, com formas e tamanhos diversos, fixada lateralmente sobre uma haste. Pode apresentar uma imagem religiosa ligada à igreja ou confraria a que pertence (THESAURUS, 2004, p. 134).

BANDEIROLA <i>Biffa</i> [it]	[Re] Elemento em madeira, ou em outro material, recortado em borboleta e colocado sobre uma rachadura com o objetivo de se controlarem eventuais alargamentos. ¹⁵⁸
BANHAR baño [esp] to bath [ing] bagnare [it] baigner [fr]	[Tc] Aplicação de qualquer substância sobre uma base de preparação (TEIXEIRA, 1995, p. 24).
BANHO <i>baño</i> [esp] <i>bath</i> [ing] <i>bagno</i> [it] <i>bain</i> [fr]	[Ge] Ação de banhar, dar banho. [Ce] Revestimento superficial, delgado, proveniente de um caldo ou nata de argila em suspensão na água, aplicado à superfície cerâmica antes da queima. ¹⁵⁹
BANQUETA <i>banquette</i> [fr]	1. [Rb] Nos retábulos, designa o primeiro degrau atrás do altar, ou acima da mesa de altar, onde se coloca a cruz de banqueta ao centro, o conjunto de castiçais com velas de cera e as palmas. 2. [Ig] Por extensão, <i>banqueta</i> designa o conjunto de castiçais com a cruz e as palmas, chamado também

¹⁵⁸ GLOSSÁRIO de Restauo (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauo.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

¹⁵⁹ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

de *banqueta de altar*. 3. [Mo] Banco pequeno, desprovido de braços e espaldar, ordinariamente para duas pessoas (DAMASCENO, 1987, p. 9).

BANQUETA DE ALTAR

gradine [ing]
gradino d'altare [it]
gradin d'autel [fr]

[Ig] Um ou vários plintos sobre a parte de trás do altar, onde se coloca a cruz, ladeada por castiçais (3+3); nos intervalos dos castiçais, pode colocar-se vasos de flores (2+2), imagens (geralmente, os 4 evangelistas, S. Pedro e S. Paulo) ou relicários (2+2). A banqueta pode conter relíquias (banqueta-relicário) (THESAURUS, 2004, p. 20).

BANZOS

branches [fr]

[Ou] Braços do andor, do esquiife (REAL, 1962, p. 85).

BAQUELITE

[Ma] Leo Hendrik Baekeland foi o criador da baquelita em 1909, dedicou-se a desenvolver um aparato que permitia o controle para variar o calor e a pressão da combinação de ácido carbólico (fenol) com formaldeído, que era o grande desafio da época para se fabricar uma resina plástica. Com este feito ele criou a primeira resina totalmente sintética, a Baquelita. Este material foi empregado para substituir inúmeros materiais naturais provenientes de animais, como marfim, cascos de tartarugas, madeira, etc. , fabricando-se pentes, manivelas de facas, botões, bolas de bilhar, materiais elétricos, joias e em produtos fabricados até hoje com ela. Essas resinas ficaram conhecidas como baquelites. O baquelite é o primeiro plástico totalmente sintético que surge em escala comercial.¹⁶⁰

BARBATE

ensambladura [esp]
slit and tongue
joint [ing]
indentatura,
intaccatura [it]
embrèvement [fr]

[Tc] Endentação, entalhe, ensambladura (TEIXEIRA, 1995, p. 24).

BARBOTINA

barbotina [esp]
barbotine [fr]

[Ce] Argila em suspensão líquida ou pasta cerâmica que se utiliza para unir as partes de uma peça em estado cru ou mole, na fabricação de corpos cerâmicos moldados.¹⁶¹ É um revestimento superficial de argila mais refinada, aplicada à cerâmica antes da queima.¹⁶²

BARITINA

[Ma] Mineral, à base de sulfato de bário, também chamado de barite. A variedade artificial (branco permanente), conhecida desde o início do século XIX, é usada na pintura (em preparações e na redução de pigmentos).¹⁶³

¹⁶⁰ Disponível em: <<http://www.mmgerdau.org.br/museu-expandido/historia-do-plastico/>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

¹⁶¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁶² Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

BARRA	[Ce] Tipo de guarnição composta, constituída por duas séries de azulejos justapostos e sobrepostos, limitando uma composição, tendo como soluções de fecho os cantos e contracantos. Atualmente designa, em geral, um motivo linear com as mesmas dimensões do azulejo que acompanha. ¹⁶⁴ A parte inferior de paredes, revestida de azulejos ou simplesmente de pintura decorativa – lisa ou figurativa (ÁVILA, 1979, p. 131).
BARRETE <i>biretta [ing]</i> <i>berretta [it]</i> <i>barrette [fr]</i>	1. [In] Cobertura para a cabeça dos clérigos, apresentando três ou quatro palas levantadas e unidas ao centro por uma pequena borla. Quando aparecem quatro palas, é denominado <i>barrete doutorai</i> . Ordinariamente confeccionado em tecido flexível, com um forro espesso de tecido, cartão ou couro, que o torna rígido, deve ser de cor preta para os sacerdotes, escarlate ou roxa para os bispos e púrpura ou encarnada para os cardeais (DAMASCENO, 1987, p. 10). Geralmente encimado por um tufo de seda. (NUNES, 2008, p. 29). 2. [Ar] Em arquitetura, designa a abóbada formada por quatro triângulos curvilíneos (DAMASCENO, 1987, p. 10).
BARRILETE – <i>barrilete [esp]</i> <i>carpenter's clamp,</i> <i>hold fast [ing]</i> <i>barilotto [it]</i> <i>valet [fr]</i>	[Eq] Instrumento de ferro, na forma de um “7” usado pelos marceneiros, entalhadores e escultores para firmar na bancada a madeira que será trabalhada (TEIXEIRA, 1995, p. 25).
BARRO <i>argile, terre glaise [fr]</i>	[Ce] Terra de grão fino formada pela decomposição de rochas ígneas que, quando combinada com água, é suficientemente plástica para dar forma; quando seca fica sólida e depois de cozida (queimada) a altas temperaturas ganha forte resistência física. ¹⁶⁵ BARRO-DE-MÃO – O mesmo que <i>pau-a-pique</i> (ÁVILA, 1979, p. 26).
BARROCO <i>Baroque [fr]</i>	[Et] O Barroco não foi apenas um estilo artístico, mas uma visão de mundo envolvendo formas de pensar, sentir, representar, comportar-se, acreditar, criar, viver e morrer. O termo Barroco significa pérola de esfericidade imperfeita e irregular, servindo para denominar a produção artística e cultural da Europa de fins do século XVI até o primeiro quartel do XVIII (CAMPOS, 2006, p. 7). Essa periodização não é rigorosa, pois varia de acordo com o país: <ul style="list-style-type: none"> • Itália – último quartel do século XVI; • Portugal – século XVII; e

¹⁶³ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/baritina>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

¹⁶⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁶⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

- Brasil – século XVII no litoral e século XVIII em Minas Gerais.

O estilo Barroco correspondeu historicamente à ação contrarreformista da Igreja Católica e também à expansão colonizadora de Portugal e Espanha. Foi por essa mesma época introduzido no litoral brasileiro, marcando com suas formas o programa arquitetônico e ornamental de igrejas e conventos. **BARROCO EM MINAS GERAIS** - O barroco em Minas Gerais, obedecendo às linhas gerais do estilo, se caracterizou:

- pela exuberância do elemento ornamental na decoração interior das igrejas;
- pelo uso intenso da talha policromada, com predominância do revestimento em ouro;
- pela gradativa tendência à movimentação e ao encurvamento das formas arquitetônicas, primeiro na arquitetura interna das igrejas, depois na própria arquitetura externa;
- pelo realismo das composições escultóricas e da imaginária; e
- pela presença de elementos ornamentais profanos, ao lado de elementos de simbologia religiosa (ÁVILA, 1979, p. 131).

BARROTE

poteau, solive, poutre, entrait [fr]

[Md] Trave grossa de madeira, de seção transversal e retangular, geralmente com as dimensões aproximadas de 17 x 7 cm, destinada ao vigamento de assoalho ou de tesoura, terça, cumeeira e frechal de telhado. É maior do que o caibro e menor do que a vigota (ÁVILA, 1979, p. 25).

BASE

1. [Es] Em escultura, o que sustenta a base de um objeto esculpido, por baixo, denomina-se *suporte*. Assim, um suporte é uma estrutura que confere estabilidade à obra (INSTITUTO, 2004, p. 35-37). Devemos considerar:

- **Suportes verticais** – podem ser simples bases poligonais, zoomórficos, antropomórficos ou ornamentais.
- **Suportes horizontais** – são normalmente estruturais, como o tirante e o arcobotante.

Em uma escultura de vulto, de madeira policromada, a base pode fazer parte do bloco principal da obra, ou também ser um bloco separado. Esta análise é fundamental pra conhecer a técnica construtiva da obra, gerar diagnósticos e decisões de critérios importantes para a estabilidade estrutural na conservação da escultura.

De acordo com as normas de Inventário do Instituto Português de Museus (2004, p. 35-37), a base de uma escultura de vulto entende-se ser a parte inferior que a suporta. A base assegura o equilíbrio, a solidez e a imobilidade da estátua, da imagem ou do grupo escultórico. Esta base pode ser constituída por uma plataforma e por um plinto. O objeto escultórico está apoiado diretamente sobre a plataforma; o plinto assenta

sobre o solo.

- **Plinto** – é o apoio inferior sobre o solo ou a superfície de apoio. Pode ser de planta quadrada, retangular, circular ou poligonal. Cria uma unidade com a escultura de vulto, podendo até ser talhado no mesmo bloco ou modelado na mesma pasta, embora neste caso não deva ser inventariado à parte, passando a ser descrito com a escultura.
 - **Plataforma** – é a parte superior da base que representa um meio natural (erva, flores) ou fabricado (pavimento, solo, almofada), sobre a qual se apoiam os pés (as pernas, os joelhos, as costas) de uma ou mais esculturas de vulto. Por extensão, constitui a parte superior da base, seja ela decorada ou não decorada.
 - **Coluna estatuária** – é um tipo de suporte vertical constituído por uma coluna que foi destinada a suportar uma estátua.
 - **Dado** – é um suporte vertical, geralmente de planta quadrada, servindo de apoio a um busto ou a uma estátua. O dado também pode constituir a parte central de um pedestal.
 - **Pedestal** – é um suporte de grandes dimensões, composto de três partes: a base, o dado e a cornija. A parte central (dado), é normalmente de planta quadrada, mas também pode ter planta circular, oval, octogonal, etc. O pedestal destina-se habitualmente a suportar obras de grandes dimensões, uma estátua equestre, um grupo escultórico, uma estátua de tamanho natural ou colossal, etc. O pedestal ornamentado é aquele cujas faces são enriquecidas com relevos. O pedestal pode apresentar também uma forma fantasiosa.
 - **Peanha** – é um pequeno suporte moldurado de formas variadas, de planta circular, oval, quadrada, retangular ou poligonal. A peanha que suporta um busto adere normalmente a este, mas pode ser executada em outro material, e apresenta habitualmente planta circular. Ver PEANHA.
 - **Escabelo** – também é um pequeno suporte, de forma comprida e estreita, surgindo por vezes coroado por um capitel, que serve para apoio de um busto ou de um vaso. A planta do escabelo aproxima-se tanto da forma do pedestal, da forma do soco como da forma da mísula.
 - **Soco** – termo que identifica um maciço de planta retangular ou poligonal, menos alto do que largo, que repousa por vezes sobre uma base unida ou moldurada e que serve para elevar uma imagem, uma estátua, um grupo, ou que entra na composição de um monumento funerário (soco suportando uma estátua jacente, etc.). Em museografia, o termo soco serve para designar todo o suporte maciço e não decorado, sem distinção de formas e de dimensões, que eleva uma escultura independente ou isolada, e na gíria é identificado como “plinto”. Não deve confundir-se o soco com a base de uma escultura
-

de vulto.

- **Mísula** – é uma espécie de soco em forma de tronco de pirâmide invertida. As esculturas de meio vulto e os bustos que rematam em mísula são ditos misulados. As esculturas e os bustos misulados podem servir de suporte, de decoração ou fazer parte de um conjunto arquitetônico (sobre chaminés, portas, retábulos).
- **Embasamento** – em um monumento esculpido (monumento funerário, Calvário monumental), é a parte inferior e maciça que pode ser construída diretamente sobre o solo, ou sobre um pavimento, e cuja função real ou aparente consiste em elevar e sustentar as partes superiores, isto é o soco, a pedra que serve de plataforma, as bases de várias esculturas, etc. O embasamento ornamentado é aquele que tem as suas faces enriquecidas com relevos.

2. [Qm] Substância com pH superior a 7,0.¹⁶⁶ 3. [Ou] Parte inferior, de sustentação do vaso. Sua forma pode ser: plana, côncava, plano-côncava, convexa, em pedestal, anelar, cônica, tríпода, tetrápoda, polípoda.¹⁶⁷ 4. [Rb] Base do retábulo. Ver **RETÁBULO**.

BASE ATRIBUTIVA [Ab] Algumas esculturas possuem na sua base elementos ou objetos que indicam a sua identificação iconográfica. Podendo trazer uma base atributiva em forma de globo, nuvens, ponte e outros atributos sobre a peanha, como animais e outros seres, torre, lua, etc. Geralmente, algo que representa simbolicamente episódios da vida do santo ou do personagem esculpido.

BASE DE PREPARAÇÃO Ver **PREPARAÇÃO**.

BASÍLICA
Basilique [fr]

1. [De] Uma grande sala com colaterais, tribunas e hemiciclo onde se administrava a justiça e tratava-se de negócios. Foram esses edifícios os escolhidos pelos cristãos para instalar a primitiva igreja. 2. [Ig] Do século IV ao XI as igrejas construídas obedeceram ao plano das basílicas antigas. 3. [Rg] Sob o ponto de vista litúrgico, a basílica tem certas prerrogativas honoríficas e privilégios sobre as demais igrejas, excetuando a catedral (NUNES, 2008, p. 29).

BASTÃO INTERROMPIDO
bâtons-rompus [fr]

[Or] Ornamento de moldura arredondado, interrompido de quando em vez ou quebrado em ângulos (REAL, 1962, p. 89). Ver **CHERRÃO**.

BASTÃO PASTORAL [Ab] Bastão apresentado como insígnia da sua dignidade por um alto dignitário eclesiástico (Papa, cardeal, arcebispo, bispo, abade, abadessa).

¹⁶⁶ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

¹⁶⁷ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>bastone pastorale [it]</i> <i>bâton pastoral [fr]</i> <i>pastoral staff [ing]</i>	Pode apresentar várias formas: báculo pastoral, férula, tau ou cruz pastoral (THESAURUS, 2004, p. 91).
BASTIÃOENS/ BASTIÃENS	[Es] Em ourivesaria, são relevos, geralmente com representações de animais, lavrados em objetos de ouro e prata (IMC, 2011, p. 116).
BATEDOR DE OURO	[At] Artífice que executa a tarefa de bater o ouro e a prata até o reduzir a lâminas finas (IMC, 2011, p. 129) Ver BATE-FOLHAS .
BATE-FOLHAS – batihoja [esp]	[At] Artífice que trabalha o ouro, prata ou outros metais e ligas metálicas em folhas delgadas que serão utilizadas para dourar, pratear ou aplicar nos acabamentos de esculturas (FÉLIX, 2013, p. 102). Também chamado de <i>batedor de ouro</i> ou <i>batedor de prata</i> . A fatura de folhas metálicas vem desde a Antiguidade. Homero, na Odisseia, já mencionava o uso da bigorna e do martelo na produção de folhas de ouro. Na antiga Roma, as decorações brilhavam com as folhas de ouro (Etzel, 1974, p. 287). Os egípcios teriam sido os primeiros praticantes desta arte, pois a primeira referência visual da prática do ouro sendo batido para se conseguir folhas se encontra nas pinturas murais das tumbas egípcias de Re’hem em Deir el-Gabrawi (tumba nº72), de 2300 a.C.(NICHOLSON, 1979, p. 161).
BATINA <i>soutane [fr]</i>	[Id] Com a <i>volta</i> (tira branca, engomada, usada à volta do pescoço), constitui o traje normal dos presbíteros. Normalmente em tecido preto, vermelho para os prelados, é comprida e abotoada de cima a baixo com pequenos botões ¹⁶⁸ , de mangas compridas, ajustada ao corpo por um cinto da mesma cor. Vestimenta ordinária do clero. Atualmente vem sendo substituída por um terno comum cinza ou preto, com colete e colarinho eclesiástico, denominado <i>clergyman</i> (DAMASCENO, 1987, p. 7). Papa: branca. Cardeais: escarlate. Bispos: púrpura (NUNES, 2008, p. 30).
BATISTÉRIO <i>baptistère [fr]</i>	[Ig] O termo indica, a partir do século IV, um edifício especial anexo à basílica destinado à administração do batismo. A partir do século XIII torna-se menos frequente porque se começou a administrar na própria igreja, colocando a fonte (pia) batismal numa capela lateral próxima da porta de entrada da igreja (NUNES, 2008, p. 30). Dependência onde é administrado o sacramento do batismo (DAMASCENO, 1987, p. 10). É usual ornar-se este cômodo com um quadro, retratando o Batismo de Jesus Cristo. A princípio, por ser proibida a entrada no templo de pessoas pagãs, o batistério se localizava em construção executada nos adros (TRINDADE, 1998, p. 383).
BAÚ <i>bahut [fr]</i>	[Mo] Cofre ou caixa retangular, de tampa em forma de abóbada convexa e geralmente de madeira com cobertura de couro, ornada de pregaria. (ÁVILA, 1979, p. 131). O seu uso é muito antigo e associa-se à bagagem

¹⁶⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

de transporte (guardar no *bahú* ou *embauhular*). A característica principal deste móvel refere-se à forma convexa da sua tampa, própria para deixar deslizar a água da chuva, durante a viagem. Podia ser executado em madeira ou vime, sendo na maioria dos casos coberto de couro e pregaria. Em alguns casos, a parte superior das ilhargas da caixa, corresponde à curvatura da tampa, em outros a tampa é fechada lateralmente¹⁶⁹, com fechadura e alças laterais. Ver também o verbete ARCA. **BAÚ-COFRE** – É destinado à guarda e ao transporte de valores, é reforçado com cintas, cantoneiras e hastes de ferro batido, e internamente, costuma conter escaninhos (DAMASCENO, 1987, p. 10).

BELA [Or] Espécie graciosa de ornato de arremate, que aparece em alguns tipos de construção, a exemplo das três "belas" espiraladas que encimam a verga do Chafariz dos Contos, em Ouro Preto (ÁVILA, 1979, p. 132).

BELAS ARTES [Ap] Esta expressão compreende todas as artes, que tem por fim deleitar os sentidos pela cultura do belo, tais são as artes do desenho, pintura, escultura, arquitetura, gravura, a poesia, a musica, da dança. A maior parte das nações civilizadas criou e estabeleceu diversas academias e escolas, para cultivar, animar e aperfeiçoar as Belas Artes (RODRIGUES, 1875, p. 78).
Beaux-Arts [fr]

BEM [Pa] Podendo ser: bem material; bem imaterial, bem público, bem privado, bem cultural, bem permanente, bem regional, bem simbólico, bens contemporâneos, bens culturais não consagrados, bens de interesse local, bens de interesse nacional, bens de natureza arqueológica ou pré-histórica, bens inscritos, bens naturais, bens paisagísticos, bens tombados, bens turísticos, entre outros.

BEM CULTURAL [Pa] Expressão utilizada para satisfazer a necessidade de uma designação que inclua a maior parte dos objetos materiais associados às tradições culturais. Dividem-se em:

1. Bem Material – Cultura material, bens arquitetônicos.

- **Bens Imóveis** – Os que, por sua natureza de imobilidade ou fixação ao solo, seja natural ou artificial, mas de modo permanente, dele não se possa mover, em seu todo, sem se desfazerem ou se destruírem. Ex.: os sítios arqueológicos, históricos ou científicos, edificações (edifício, prédio) ou outros elementos de valor histórico, científico, artístico ou arquitetônico, religiosos (igrejas, capelas) ou seculares, incluídos os conjuntos tradicionais, os bairros históricos das zonas urbanas e rurais e os vestígios de civilizações anteriores que possuam valor etnológico.¹⁷⁰ Podendo ser: palácios, casas, fazendas, quintas, casas de câmara e cadeia, marcos, chafarizes, pontes, conjuntos

¹⁶⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁷⁰ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

paisagísticos, cidades, etc.

- **Bens Móveis** – Conjunto de elementos artísticos, por sua natureza de mobilidade, são artefatos culturais e objetos significativos para a memória que abrange imagens, alfaias, mobiliário¹⁷¹, obras de arte, livros, manuscritos, objetos arqueológicos, coleções científicas, mobiliário, credência, imaginária, pintura (quadros), xilogravura, etc.¹⁷²;
- **Bens Integrados** – De natureza integrada ao bem imóvel, podem ser removidos, mas não são concebidos para ter mobilidade. Também chamados *elementos artísticos* ou *artes aplicadas*, constituem-se na ornamentação que compõe a ambiência arquitetônica das edificações.¹⁷³ O termo “Bem Integrado” passou a figurar como uma classe do patrimônio a partir de 1980. Quando o IPHAN começou a realizar os inventários de monumentos tombados, revelou-se um número considerável de bens que não se encaixavam nas duas classificações acima, mas participavam de ambas ao mesmo tempo, pois se encontravam fixos ou integrados à arquitetura, mas podiam ser desmontados ou removidos para outros lugares. Esses bens estão presentes em edificações religiosas, civis e militares, cravados ou apensos a paredes, muros, forros ou mesmo em áreas externas, como pátios e adros de igreja. De natureza escultórica e/ou pictural, são cantarias, pilastras, coluna, arcos-cruzeiro, púlpitos, balaustradas, retábulos, forros policromados, painéis parietais, pinturas de parede e suas molduras esculpidas, revestimentos azulejares e esculpidos, acabamento do arco do cruzeiro, tribunas, para-ventos, grades trabalhadas da nave e do coro, pias de batismo e de água benta, portadas e portas, lápides tumulares gravadas ou em relevo, lavabos, nichos e móveis embutidos, conjuntos escultóricos fixos, ornatos em relevo, fontes, chafarizes, cruzeiros, pelourinhos, marcos (FABRINO, 2012. p. 6), mosaicos, mísulas, vitrais.

2. Bens Imateriais ou Intangíveis– visto que este é representado em acervos institucionais através de suportes que o documentam.¹⁷⁴ Compreendem as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes.¹⁷⁵ Exemplos: cantos, cantos e danças populares, feiras, festas religiosas,

¹⁷¹ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

¹⁷² Dicionário IPHAN de patrimônio cultural/Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência - COPEDOC. Rio de Janeiro: IPHAN, COPEDOC, 2008. 84 p.

¹⁷³ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

¹⁷⁴ MUSEU de Astronomia, 1995, p. 31

¹⁷⁵ Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

festas, folguedos, manufatura caseira, procissões litúrgicas, produção artesanal, tecelagem popular, modos de fazer e criar, ritos, ofícios.¹⁷⁶

BENS DE MÃO MORTA	[Pa] Os que pertencem a certas corporações como irmandades, ordens terceiras, confrarias, conventos, igrejas. Bens que não podem ser alienados (NUNES, 2008, p. 30).
BENÇÃO A MANEIRA GREGA	[Ic] A mão direita Cristo acena um gesto de bênção “à maneira grega”. Muitas vezes os dedos estão colocados de maneira que indicam as quatro letras gregas ICXC, que significam o peixe (<i>ictus</i>), um dos símbolos de Jesus Cristo. Pode-se assim perceber que: <ul style="list-style-type: none"> • O indicador é reto para fazer o I; • O médio é curvado para fazer o C; • O anular se cruza com o polegar para fazer o X; e • O auricular (dedo mínimo) é curvado para fazer o C. <p>Nesse gesto de bênção é notado que o polegar, o auricular e o anelar se encontram para simbolizar a Trindade, enquanto o médio e o indicador, quase retos, querem expressar as duas naturezas de Jesus – divina e humana (VIGNERON, 2006, p. 75).</p>
BENDITO	[Rg] Canto religioso que principia por essa palavra (louvado, abençoado) (NUNES, 2008, p. 30).
BENEDITINO	[Rg] Frade da Ordem de São Bento (NUNES, 2008, p. 30). Ver ORDEM RELIGIOSA.
BENEFÍCIO	[Rg] No Direito Canônico consiste no ofício eclesiástico ou na graça que é atribuída a eclesiásticos não professos ou a religiosos. Ao primeiro com o direito de fruir a renda de certos bens consagrados a Deus. Ao segundo como graça a ser como tal fruída sem qualquer remuneração. Provisão para os cargos eclesiásticos. Dotação concedida a uma função eclesiástica. Sua renda garante a manutenção de quem é encarregado dessa função (NUNES, 2008, p. 30).
BENJOIM	[Ma] É uma resina produzida na Tailândia, Sumatra e outras ilhas vizinhas; é às vezes mencionada em algumas das antigas receitas de vernizes nas quais, utilizavam-na pelo seu aroma, já que tem pouco valor como ingrediente de verniz. Também chamada <i>Gum Benjamim</i> (MAYER, 1996, p. 246).
BENTINHO <i>devotinal</i> <i>scapular [ing]</i>	[Rg] Espécie de escapulário bento, formado geralmente por dois saquinhos de pano com imagens ou insígnias de santos, pintadas ou bordadas. Esses saquinhos, que costumavam conter relíquias de santos,

¹⁷⁶ Dicionário IPHAN de patrimônio cultural/Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência - COPEDOC. Rio de Janeiro: IPHAN, COPEDOC, 2008. 84 p.

scapolare
devozionale [it]
scapulaire
dévotionnel [fr]

são presos por cadarços. Eram usados pendentos sobre o peito e sobre as costas, como sinal de devoção àqueles oragos e de pedido de proteção. O escapulário constitui-se em atributo de algumas imagens como Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora das Mercês. Em Ouro Preto, na Ordem Terceira de Nossa Senhora das Mercês e Perdões, por estatuto chamava-se *Irmão de Bentinho* àquele que, sem professar, era a ela filiado e recebia o Bentinho, ao invés do hábito com o escapulário, que era destinado ao irmão professo (DAMASCENO, 1987, p. 10).

BENZENO

[Ma] Fórmula: C₆H₆. Solvente orgânico. Hidrocarboneto aromático. Líquido transparente. Obtido da destilação do petróleo. Levemente solúvel em água e solúvel em qualquer proporção em álcool, éter, acetona, clorofórmio e ácido acético. Utilizado como diluente de vernizes, óleos, gorduras e resinas. É um dos solventes mais perigosos na restauração. Ele é cancerígeno, sua absorção pela pele é acelerada. É extremamente tóxico por inalação e causa envenenamento crônico, é muito inflamável.¹⁷⁷ Sinonímia: Benzina (ABRACOR, 2011, p. 98).

BESANTE

besants [fr]

[Or] Elemento de ornato arquitetônico da classe dos ornatos geométricos interrompidos, muito usados no estilo bizantino; consta de uma linha de discos equidistantes, com a configuração de moedas ou de pérolas (REAL, 1962, p. 93). Designa um motivo ornamental que consiste numa fiada de elementos ovóides ou de meias esferas (IMC, 2011, p. 116).

BETUMAR

betunar [esp]
to cover with
bitumen [ing]
bituminare [it]
bituminer [fr]

[Tc] Colocar betume nas falhas das obras de madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 25).

BETUME

betún [esp]
bitumen [ing]
mumma,
bruno asfalto [it]
bitume [fr]

1. [Ma] Composição de cal, azeite, breu e outros ingredientes que, à maneira de betume, se usava para vedar condutos de água ou tapar juntas nas pedras (ÁVILA, 1979, p. 26). 2. [Ma] Mistura de hidrocarbonetos líquida, sólida ou pastosa, de cor castanha escura transparente, que pode ser natural ou pelo processo de destilação, onde se extrai do petróleo pela evaporação das partes voláteis e por oxidação da substância residual. Nunca seca completamente e, por isso, é causa de formação de fissuração.¹⁷⁸ Existem vários tipos de betume, mas o mais utilizado pelos escultores é composto de cera e pó de madeira e serve para tapar falhas na madeira e unir pequenas partes separadas em uma obra (TEIXEIRA, 1995, p. 25). 3. [Es] Foi usado sobre policromias de esculturas com objetivos variados, como envelhecer, escurecer, esconder

¹⁷⁷ Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

¹⁷⁸ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

ou mesmo falsificar.

**BETUME DA
JUDÉIA**

bétun de Judea [esp]

bitumen [ing]

asfalto [it]

asfalte [fr]

[Ma] Material combustível, rico em carbono e em hidrogênio, que entra na composição do mordente para douramento a óleo (TEIXEIRA, 1995, p. 25).

BEVA™ 371

[Ma] Adesivo termo aplicável especialmente formulado para a consolidação e reentelamentos de pinturas sobre telas. Foi criado pelo restaurador Gustav Berger no final dos anos 60, e supostamente uma verdadeira revolução. Ao longo da sua existência e devido a razões comerciais, este produto recebeu diferentes nomenclaturas. Dependendo da empresa que os distribui ou fabrica, estes produtos podem incluir em seu nome a abreviatura "OF" (*Original Formula*), referindo-se à fórmula original criada por Gustav Berger. Acetado vinílico. Filme/gel. Formulação de resinas de baixa viscosidade, mesmo à temperatura ambiente. Sua fórmula original é uma mistura de 60% tolueno/heptano, 40% mistura de copolímero de acetado de etileno vinil, éster ftalato de álcool hidroabietil e parafina. Apresenta-se na forma de gel branco opaco, com odor aromático, que deve ser diluído. O Beva™ 371 adere virtualmente a todas as superfícies, incluindo filme de poliéster. Não adere a camada de silicone. Pode ser aplicado com spray, pincel ou rolo. A vaporização do adesivo pode produzir efeito de "flocagem" que pode ser desejável para um reentelamento, mas não necessariamente para consolidação. O adesivo é muito pegajoso, mesmo em soluções diluídas. É aplicado a quente para melhores resultados. Depois de seco, o adesivo fica fosco, com aparência de cera. O filme permanece sensível ao calor, podendo ser ativado com espátula ou mesa térmica. Pode ser aplicado solvente topicamente para remover o adesivo residual da superfície do trabalho. O Beva™ 371 também é encontrado como um filme, preso a uma base de Mylar, ou Melinex (filme de poliéster), revestido com silicone, formando uma folha transparente. Este filme é livre de solventes, não é tóxico e não mancha. Também é ativado com calor ou com solventes, da mesma forma que o gel. Excelente estabilidade e reversibilidade em testes de envelhecimento simulado. O gel pode ser diluído com nafta, benzeno, petróleo, acetona, álcool e tolueno. Tanto o gel como o filme, são reversíveis com hexano ou acetona, que agem sobre o adesivo provocando seu inchamento, sem contaminar ou manchar materiais absorventes. Utilizado como consolidante para pinturas e têxteis e na conservação de papéis. Na fixação de pinturas a óleo ou acrílico em escamação. Reentelamentos (onde é comum diluir o Beva com um volume igual de nafta ou hexano). Beva filme é auxiliar na consolidação de colagens e materiais sensíveis às manchas. Ideal para aplicações onde o Beva líquido não é adequado. É um produto inflamável (ABRACOR, 2011, p. 25).

BEXIGA <i>vessie [fr]</i>	[Ut] As cores a óleo eram, antigamente, guardadas em pequenos sacos feitos de bexigas de porco. Um pequeno furo com alfinete era suficiente para que, espremidas, a tinta saísse (REAL, 1962, p. 94).
BÍBLIA <i>Bible [fr]</i>	[Rg] Coleção de livros da Sagrada Escritura, segundo a tradição judaica aceita pelos cristãos. Divide-se em Antigo ou Velho Testamento e Novo Testamento. O Antigo narra a história do povo judaico e contém toda a revelação anterior a Cristo. O Novo contém a vida de Cristo e a revelação divina conforme registrada por seu intermédio e pelos Evangelistas (DAMASCENO, 1987, p. 10).
BICA	[It] Nos chafarizes e lavabos, é o cano através do qual são abastecidos de água. Nos exemplos mais trabalhados dessas obras, as bicas partem geralmente de ornatos em forma de carrancas, peixes, golfinhos, etc. (ÁVILA, 1979, p. 27). Ver GÁRGULA .
BICO D'ASNO <i>barrilete [esp]</i> <i>mortise-chisel [ing]</i> <i>sgorbia [it]</i> <i>bec-d'âne, bédane [fr]</i>	[Eq] Instrumento de carpinteiro e marceneiro, semelhante a um buril de duas faces (TEIXEIRA, 1995, p. 25).
BICO DE DIAMANTE	Ver PONTA DE DIAMANTE .
BICORNE DE CONFRARIA <i>confraternity</i> <i>bicorn hat [ing]</i> <i>bicorno di</i> <i>confraternita [it]</i> <i>bicorne de</i> <i>confrérie [fr]</i>	[In] Cobertura para a cabeça em forma de chapéu de duas pontas, usado pelos membros de algumas confrarias (THESAURUS, 2004, p. 165).
BIFACE	[Eq] É uma ferramenta de bloco, teoricamente, trabalhada na totalidade de suas duas faces de modo a determinar um gume em bisel duplo, contínuo e periférico. ¹⁷⁹ De uso desde a pré-história.
BIFRONTE <i>bifrons [fr]</i>	[Es] Estátua ou busto com duas faces opostas unidas pela parte posterior, apresentando as mesmas proporções e as mesmas decorações (REAL, 1962, p. 94).
BIGORNA <i>yunque [esp]</i> <i>anvil [ing]</i> <i>incudine [it]</i>	[Eq] Pedra cuja parte útil é constituída por uma face mais ou menos plana, onde é apoiado o material destinado a ser batido, quebrado, por meio de um percutor. ¹⁸⁰ Na confecção da folha de ouro, uma pequena bigorna era utilizada para bater os lingotes de ouro, formando tiras finas

¹⁷⁹ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁸⁰ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>enclume [fr]</i>	(TEIXEIRA, 1995, p. 25).
BILBOQUÊ – <i>bilboque [esp]</i> <i>bilboquet [ing]</i> <i>bilboquet [fr]</i>	[Eq] Retângulo de madeira coberto de tela, utilizado pelos douradores para levantar e aplicar a folha de ouro (TEIXEIRA, 1995, p. 25).
BILHA <i>cruche [fr]</i>	[Ut] Vaso bojudo e de gargalo estreito, ordinariamente de barro, próprio para conter líquidos potáveis (DAMASCENO, 1987, p. 10).
BILHETA <i>billetes [fr]</i>	[Or] Ornato côncavo constituído por pequenos cilindros ou retângulos projetados (IMC, 2011, p. 117).
BILRO <i>fuseau [fr]</i>	1. [Or] Em mobiliário, designa o ornato torneado, de metal ou madeira, empregado na decoração de certas peças. Seu formato se assemelha a um pequeno fuso usado para fazer rendas de almofada (DAMASCENO, 1987, p. 10), com que se adornavam os arremates de certos tipos de cama, de esmerado trabalho de marcenaria, característicos do século XVIII. As camas em bilros e torneados eram bastante comuns nas residências mais nobres do período colonial mineiro. 2. [Ou] Peça de fazer renda (ÁVILA, 1979, p. 132), peça de madeira ou de metal, semelhante ao fuso, com que se fazem rendas de almofada (REAL, 1962, p. 95).
BIOCIDA <i>biocida [it]</i>	[Ma] Nome genérico para qualquer substância que mata ou inibe o crescimento de microrganismos como bactérias e fungos. Na sua maioria são muito tóxicos. Podem ser ao mesmo tempo anticépticos, desinfetantes, e fungicidas. ¹⁸¹
BIOCO	[In] Mantilha para envolver, capuz (REAL, 1962, p. 95). Véu ou mantilha que cobre a cabeça e parte do rosto usado por freiras.
BIODETERIORAÇÃO	[Dt] Pode ser caracterizada como um processo que resulta na mudança das propriedades de um material causada pela atividade vital de organismos – materiais alterados por ação biológica. Podem ser: <ul style="list-style-type: none"> • Biodeterioração física ou mecânica: neste tipo de processo, os organismos simplesmente causam a ruptura ou distorção do material pelo seu crescimento, alimentação ou movimento; • Biodeterioração estética: neste caso, a simples presença do organismo ou de restos de sua estrutura morta resulta em manchas na superfície. Pode também ser causada pela excreção de produtos metabólicos de organismos. Microrganismos, podem ser encontrados crescendo em materiais ilesos, utilizando-se da sujeira e detritos presentes. Nesse caso, o desempenho dos materiais não é afetado,

¹⁸¹ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

mas resulta em uma aparência geralmente desagradável;

- **Biodeterioração por assimilação química:** corresponde ao processo em que o organismo utiliza o próprio material como fonte de energia ou alimento. Por exemplo, enzimas microbianas que quebram a celulose para obtenção de nutrientes, causando a destruição do material;
- **Biodeterioração por dissimilação química:** neste tipo de degradação, o material sofre alterações de natureza química, mas não como resultado direto da ingestão de nutrientes pelo organismo. Muitos organismos excretam resíduos, como componentes pigmentados ou ácidos, que desfiguram ou danificam os materiais. Esse tipo de biodeterioração está, por vezes, associada à biodeterioração por assimilação química e o desenvolvimento de biofilmes, podendo tornar-se difícil sua diferenciação (GUERRA, 2012, p. 75-76).

BIOFILME

[Dt] É uma matriz polimérica de aspecto gelatinoso, aderida a uma superfície sólida, quase sempre imersa em meio líquido, constituída essencialmente por microrganismos, pelas substâncias poliméricas extracelulares que estes excretam e por água. As células microbianas aderem firmemente a quase todas as superfícies imersas em solução aquosa. Estas células aderidas crescem, reproduzem-se e produzem substâncias poliméricas extracelulares, que se estendem para além da superfície das células, formando um emaranhado polimérico que envolve toda a biomassa aderida, assumindo o conjunto a designação de biofilme. Os biofilmes não são necessariamente uniformes quer no tempo quer no espaço, podendo englobar partículas sólidas (argilas, areias, produtos de corrosão e partículas orgânicas) provenientes do meio aquoso onde estão imersos (CHAVES, 2004, p. 4-5).

BISAGRA

[It] Espécie de dobradiça de chapas alongadas, geralmente com recortes curvos e vários orifícios através dos quais é afixada à superfície de elementos arquitetônicos ou peças de mobiliário que se abrem e fecham. O mesmo que charneira (DAMASCENO, 1987, p. 11).

BISCOITO ou BISCUIT

biscuit [fr]

[Ce] Termo que descreve toda a faiança queimada uma vez, mas não vidrada. Foi primeiro utilizada pela fábrica francesa de Sèvres, em meados do século XVIII, e propositalmente deixada sem vidrar.¹⁸²

BISEL

bisel [esp]
bevel, cant,
feather-edge,
sloped edge [ing]
taglio oblique,

1. [Tc] Corte ou chanfradura na extremidade de uma peça de madeira (ÁVILA, 1979, p. 27). Corte oblíquo que na extremidade forma o fio de uma goiva (TEIXIDO I CAMI, 1997). 2. [Ou] Orla oblíqua decorativa em vidro ou espelho (QUEIMADO, 2007, p. 177). 3. [Es] Em escultura, corte aplicado obliquamente em relação ao plano de um objeto, de uma

¹⁸² Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>augnatura [it]</i> <i>biseau [fr]</i>	superfície. O corte chanfrado é especialmente utilizado para motivos geométricos e florais. ¹⁸³
BISELADO <i>biseaulé [fr]</i>	[Tc] Talhe efetuado em bisel, que consiste numa incisão oblíqua sem uma aresta ou quina (IMC, 2011, p. 129).
BISPADO	[Rg] Território circunscrito pela Santa Sé dentro do qual o bispo exerce a jurisdição espiritual com todos os direitos e regalias nas funções litúrgicas. - O mesmo que diocese (TRINDADE, 1998, p. 383).
BISPO	[Rg] Etimologicamente, bispo deriva do grego <i>episcopas</i> , que significa superintendente, guarda. É sucessor dos Apóstolos e, por instituição divina, prelado que tem a seu cargo a direção espiritual de uma diocese, tendo recebido a plenitude do sacramento da Ordem pela Igreja Católica Apostólica Romana (TRINDADE, 1998, p. 383). Bispo <i>in partibus infidelium</i> – Bispo cuja diocese é em terra de infiéis e cujo título é portanto puramente honorífico (NUNES, 2008, p. 28).
BISTRE	[Ma] Tinta de cor semelhante à do alcatrão (castanha), transparente, obtida pela diluição de fuligem de madeira queimada em água. Utilizada desde o século XIV na ilustração de livros e, posteriormente no desenho à pena e aquarela. É instável à luz. Foi substituída no século XIX pela sépia. ¹⁸⁴ Ver SÉPIA.
BISTURI <i>bisturí [esp]</i>]. [Eq] Instrumento cortante empregue em cirurgia que se utiliza habitualmente em conservação e restauro. Existem diferentes tipos de cabos e lâminas descartáveis, adequadas para os diversos fins. O seu fio cortante requer que se trabalhe com destreza e prática, sobretudo quando se trabalha em superfícies pintadas ou decoradas. ¹⁸⁵
BITOLA (VITOLA)	[Mt] Padrão usado de determinada medida para elementos ou peças de uma construção (ÁVILA, 1979, p. 27).
BLOCO	[Tc] Conjunto de madeiras coladas, pregadas, encaixadas ou unidas de que se esculpe uma obra (TEIXIDO I CAMI, 1997). Uma escultura em madeira pode ser confeccionada contendo um bloco ou vários. A quantidade de blocos tem relação também como estilo de época. Os blocos possuem sistemas de encaixe ou são fixados por pinos de madeira, cravos ou pregos. Partes mais extremas e delicadas da escultura, como mãos, atributos são geralmente feitas em blocos separados (COELHO; QUITES, 2014, p. 137). BLOCO PRINCIPAL – Trata-se de um único bloco que abrange a maior parte da escultura, como cabeça, tronco,

¹⁸³ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/bisel>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

¹⁸⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁸⁵ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

membros superiores e membros inferiores,. **BLOCOS SECUNDÁRIOS** – São aqueles blocos de menor dimensão que o bloco principal, os quais são encaixados, aderidos, juntados, como: mãos, braços, parte de braços, pernas, parte de pernas, atributos, parte dos panejamentos, querubins, bases, etc.

BOBINA	[Mo] Coluna torneada em forma de alinhamento de série de esferas, utilizadas normalmente nas pernas e nos esticadores de mesas e cadeiras (QUEIMADO, 2007, p. 177).
BOCA	1. [Eq] Extremo cortante de uma goiva que inclui bisel e fio (TEIXIDO I CAMI, 1997). 2. [Ut] Abertura do vaso. Quanto à forma, a boca pode ser: circular, elíptica, quadrangular, retangular e irregular. ¹⁸⁶
BOCA DA TRIBUNA ou BOCA DE CAMARIM	[It] Abertura da tribuna do trono em um altar ou retábulo (ÁVILA, 1979, p. 132). Ver PERFIL DA TRIBUNA.
BOCA-DE-LOBO <i>gueule de loup [fr]</i>	[Tc] Ensamblagem que permite girar duas peças de madeira justapostas (TEIXEIRA, 1995, p. 26).
BOCAL (de castiçal)	[De] Cavidade de secção cilíndrica ou em forma de pequeno copo na qual é introduzida a vela. Constitui parte integrante do castiçal, do candelabro, da palmatória e, ocasionalmente, da escrivaninha (IMC, 2011, p. 117). Ver ARANDELA .
BOCEL <i>boudin [fr]</i>	[Ar] Parte do piso do degrau que sobressai do apoio vertical, formando um dente. Tem geralmente poucos centímetros e um acabamento arredondado na parte inferior da coluna. ¹⁸⁷
BOCELÃO <i>tore [fr]</i>	[Ar] Moldura grossa, de forma geralmente redonda, na base de uma coluna. Diz-se também bocel (ÁVILA, 1979, p. 27).
BOCELINO	[Ar] Parte mais estreita da coluna junto ao capitel (REAL, 1962, p. 96).
BOFETE (BUFETE)	[Mo] Espécie de banca, secretária ou escrivaninha com gaveta, geralmente em fino trabalho de marcenaria. Aparador (ÁVILA, 1979, p. 132). Espécie de banca lavrada de melhor madeira (TRINDADE, 1998, p. 383).
BOIÃO <i>pot [fr]</i>	[Ut] Recipiente bojudo e de boca larga (REAL, 1962, p. 96), usado para guardar conservas, tintas, pomadas etc.
BOJO	1. [De] Parte convexa e arredondada do corpo central de um objeto (IMC, 2011, p. 117). 2. [Ou] Parte de maior diâmetro externo do vaso. ¹⁸⁸

¹⁸⁶ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁸⁷ CONJUNTO... 2007, p. 174.

¹⁸⁸ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

panse [fr]

BOLACHA [Or] Ornatos torneados, de forma esferoide e achatada, que aparecem em balaústres, grades, entramento e suportes de móveis, etc. (ÁVILA, 1979, p. 132).

BOLEAR [Tc] Ação de conferir uma forma arredondada a uma determinada superfície (IMC, 2011, p. 130).

BOLHA [Dt] Parte da camada pictórica apresentando um relevo hemisférico. Quando a bolha é oca, pode ser proveniente de algum material pictórico, ou devido à falta do suporte sob a policromia, ou entre a superfície da policromia e o suporte, pode ser por movimentação da madeira ou por desprendimento da camada pictórica, ou pode ocorrer bolha quando a policromia sofre ação de calor ou fogo, como também devido à difusão de vapores de solventes ou umidade na camada pictórica, gerados por intervenção de restauração (LANGLE; CURIE, 2009, p. 817).

BOLO ARMÊNIO ou BOLO [Ma] Óxido de ferro hidratado. Camada prévia do douramento a água, constituída por argilas muito finas e purificadas (alumino silicatos, óxidos de ferro) aglutinadas com cola que aplicada sobre o aparelho (preparação) permite, depois, a brunimento da folha de ouro.¹⁸⁹ É preparado com argila (como carga) e cola proteica (como aglutinante) deve ser muito refinada, lisa e escorregadia para receber a folha metálica. Possui duas funções:

- **estrutural** – fixar a folha, pois é rica em cola, e permitir seu brunimento;
- **ótica** – essa função é determinada pela sua cor, que irá influenciar na cor do douramento ou do prateamento. Um douramento mais “quente” pode ser obtido com um bolo vermelho, já um bolo amarelo claro pode ser usado para um douramento mais “frio” (COELHO; QUITES, 2014, p. 148).

Existem diversas cores de bolos: amarelo ocre (variados), vermelho, branco, cinza, preto, verde, rosa. Também chamado *bolo francês*, *bolus* ou *bolo d’armenia*. O mesmo que *almagre*.

BOMBARDA 1. [Ou] Espécie de canhão antigo, grosso e curto, para arremesso de grandes bolas de ferro ou de pedra. [Or] Fala-se em gárgulas em forma de bombardas, com relação às existentes na fachada da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto (ÁVILA, 1979, p. 27)

BONECA 1. [Eq] Invólucro de tecido ou qualquer outro material que cobre uma bola de algodão, a qual serve para espalhar ou aplicar tinta ou verniz, quando está cheio de carvão moído serve para desenho (*spolvero*)

¹⁸⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

(REAL, 1962, p. 98). 2. [Ar] Saliência de alvenaria, onde se fixa o marco das portas. O mesmo que espoleta (ÁVILA, 1979, p. 27).

<p>BÓRAX <i>borax [esp]</i> <i>borax [ing]</i> <i>borace [it]</i> <i>borax [fr]</i></p>	<p>[Ma] Fórmula: Na₂B₄O₇. Nome comum do tetraborato de sódio, Usado na desacidificação do papel, e possui propriedades biocidas. Provoca amarelecimento no papel (MUÑOZ VIÑAS; OSCA PONS; GIRONÉS SARRÓ, 2014, p. 298). Na preparação da folha de ouro, o bórax era usado como fundente, auxiliando na formação dos lingotes de ouro (barras de metal fundido) (TEIXEIRA, 1995, p. 26).</p>
<p>BORDA <i>bordure, marli [fr]</i></p>	<p>[Ou] Limite e/ou remate de uma superfície, de que constituem exemplos: a aba, o bocal ou a base de um objeto (IMC, 2011, p. 117).</p>
<p>BORDÃO DE PEREGRINO <i>pilgrim's staff [ing]</i> <i>bordone [it]</i> <i>bâton de pèlerin [fr]</i></p>	<p>[Ab] Longo bastão com ponteira, com terminação superior em forma de pomo ou de gancho, a que se prende um lenço e a cabaça. Pode ser ornamentado com cenas e inscrições religiosas (THESAURUS, 2004, p. 112). Atributo de São Roque, São José (na fuga do Egito) (TAVARES, 1990, p. 182).</p>
<p>BORLA</p>	<p>[Or] Motivo ornamental composto de uma série de fios que pendem de um elemento de forma campanular, geralmente coroadado por uma cabeça semiesférica. Peça circular, geralmente de madeira, que arremata os mastros das bandeiras (DAMASCENO, 1987, p. 11). Pode ser de seda ou veludo (TRINDADE, 1998, p. 383).</p>
<p>BORNE</p>	<p>[Mo] Sofá circular para várias pessoas e encosto único elevado (QUEIMADO, 2007, p. 177).</p>
<p>BORRACHA</p>	<p>[Ma] Borracha pode tanto ser obtida através do uso de polímeros naturais como o látex provindo das seringueiras ou mesmo uma variedade de polímeros sintéticos, sendo ainda necessário que o produto passe por um tratamento conhecido como ligação cruzada. Essa ligação geralmente é elaborada pelo uso de agentes químicos variados que irão definir as características do produto final, lembrando que há diversos tipos de borrachas, como as utilizadas em pneus e mangueiras, por exemplo, e que possuem condições mecânicas, estados químicos e estabilidades térmicas diferentes entre si. De comum aos diferentes tipos de borracha existente estão a sua capacidade de ser esticada e voltar ao seu formato original sem a mesma pressão, tendo assim um potencial de elasticidade único quando comparados a outros materiais.¹⁹⁰</p>
<p>BORZEGUIM <i>brodequin [fr]</i></p>	<p>[In] Botina cujo cano se fecha por meio de cordões (REAL, 1962, p. 99).</p>
<p>BOSQUEJO <i>boron, bosquejo,</i></p>	<p>[Es] São os primeiros traços rápidos de uma composição escultórica, as primeiras ideias de uma obra, rabiscadas sobre qualquer superfície e que</p>

¹⁹⁰ Disponível em: <<http://injecaodeplasticos.com.br/>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

<p><i>esbozo [esp]</i> <i>boasting, rough sketch [ing]</i> <i>abbozzo, sbozzo [it]</i> <i>ébauche [fr]</i></p>	<p>depois será aperfeiçoada para a execução (TEIXEIRA, 1995, p. 26). Esboço.</p>
<p>BOSSA <i>bosse [fr]</i></p>	<p>1. [Or] Projeção ornamental oval ou circular, utilizada para esconder a junção de perfis (QUEIMADO, 2007, p. 177). 2. [Dt] Protuberância, saliência por motivo de pancada ou pressão (REAL, 1962, p. 99). Ver MOSSA.</p>
<p>BOSSAGEM ou BOSSAGE <i>relieve [esp]</i> <i>relief [ing]</i> <i>rilievo [it]</i> <i>bossage [fr]</i></p>	<p>1. [Ou] Toda madeira que sobressai da sua superfície, formando uma saliência (TEIXEIRA, 1995, p. 26). 2. [Ar] Trabalho de revestimento ou ornamentação que ressaí da superfície da construção (ÁVILA, 1979, p. 132).</p>
<p>BOTÃO <i>bouton, bouquet, bourgeons [fr]</i></p>	<p>[Or] Motivo ornamental que representa uma flor de três pétalas sobre uma esfera (IMC, 2011, p. 117). Ornamento escultural figurando um botão de flor, esférico ou entreaberto, muito comum na arquitetura dos séculos XII e XIII. Ornato com pérolas e bagos em florão (REAL, 1962, p. 99).</p>
<p>BOTARÉU <i>boutée, butée [fr]</i></p>	<p>[Ar] Do castelhano <i>botarel</i> – contraforte ou pilastra de reforço para sustentar paredes, com o objetivo de proceder à descarga do arcobotante (IMC, 2011, p. 118).</p>
<p>BOULÉ (em)</p>	<p>[Md] Tronco descascado (TEIXIDO I CAMI, 1997).</p>
<p>BOULLE</p>	<p>[Tc] Estilo de marchetaria com embutidos de tartaruga e latão, aperfeiçoado pelo marceneiro de Luís XV, André-Charles Boulle, no início do século XVIII (QUEIMADO, 2007, p. 177).</p>
<p>BOZZETTO <i>boceto [esp]</i> <i>sketch, desing [ing]</i> <i>bozzetto, schizzo [it]</i> <i>esquisse [fr]</i></p>	<p>[Es] Esboço ou primeiro modelo escultórico (TEIXEIRA, 1995, p. 26).</p>
<p>BRAÇA</p>	<p>[Mt] Medida de comprimento equivalente a 2,20 m. No sistema antigo de medidas correspondia a duas <i>varas</i> (ÁVILA, 1979, p. 211).</p>
<p>BRAÇA QUADRADA</p>	<p>[Mt] Antiga medida agrária de área, equivalente a 3,052 m. Diz se também <i>braça em quadro</i> (ÁVILA, 1979, p. 211).</p>
<p>BRAÇOS</p>	<p>[Mo] Travessas horizontais geralmente fixas na prumada traseira da cadeira, com apoio vertical na extremidade livre. Servem para descansar os antebraços. Por vezes as costas baixas prolongam-se acompanhando o assento lateral servindo assim para apoiar os braços de quem nelas se</p>

senta.¹⁹¹

BRAÇOS DE CRUZ <i>croisillon [fr]</i>	[Es] Elementos horizontais de uma cruz colocados de forma transversal à haste vertical e utilizados para prender ou pregar as mãos de Cristo (IMC, 2011, p. 117).
BRAÇO-TOCHEIRO	[Es] Peça de talha em forma de braço humano segurando uma tocha, utilizada como elemento de iluminação. ¹⁹²
BRAGANZA FOOT	[Mo] Pé terminando em forma de pincel, usado em cadeiras (QUEIMADO, 2007, p. 177).
BRANCO <i>blanco [esp]</i> <i>gros-blanc [fr]</i>	1. [Cor] Cor branca. 2. [Tc] Composição a base de gesso, cola e água que se aplica sobre as obras em madeira destinadas a serem douradas a folha (TEIXEIRA, 1995, p. 26).
BRANCO DE BISMUTO ou BOUGIVAL	[Ma] Nitrato de bismuto. Obsoleto desde a introdução do branco de zinco. De uso breve e limitado durante o princípio do século XIX como um substituto menos venenoso para o branco de chumbo. É mais sensível que o branco de chumbo à ação escurecedora dos gases sulfurosos (MAYER, 1996, p. 47).
BRANCO DE CHUMBO <i>blanco de plomo [esp]</i> <i>lead withe [ing]</i> <i>bianco di piombo,</i> <i>biacca [it]</i> <i>blanc de plomb [fr]</i>	[Ma] Fórmula: 2PbCO ₃ .Pb(OH) ₂ . Pigmento muito utilizado no período colonial (TEIXEIRA, 1995, p. 26). Carbonato e carbonato básico de chumbo. É também chamado de <i>cerusa</i> , <i>blanco de plata</i> ou <i>alvaide</i> . É o pigmento mais importante na pintura ocidental, desde a Antiguidade até o século XX. ¹⁹³ Origem sintética. Branco com notável poder de cobertura. Quando empregado na pintura a têmpera sobre tende a enegrecer por ação do sulfeto de hidrogênio que em contato com o ar pode se transformar em sulfeto de chumbo (PbS) negro (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 48).
BRANCO DE ESPANHA <i>blanco de España,</i> <i>yeso mate [esp]</i> <i>Spanish white,</i> <i>whiting [ing]</i> <i>bianco di Spagna [it]</i> <i>blanc d' Espagne,</i> <i>blanc de Meudon [fr]</i>	[Ma] Carbonato de cálcio obtido de calcários pulverizados, lavados ou refinado. Este é o nome dado à variedade usada para preparar massas, e para tornar mais claro e melhorar a secagem de preparações espanholas do século XVII. ¹⁹⁴ É um produto inerte de considerável volume que se usa na pintura a óleo, mas só como carga ou adulterante. Quando moído em óleo, forma uma pasta que não conserva sua cor branca, mas sim uma cor amarelada e escura. Usado com meios aquosos ou com cola, conserva sua alvura. As melhores qualidades se conhecem pelo nome de <i>branco de Paris</i> (MAYER, 1996, p. 48).

¹⁹¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁹² CONJUNTO... 2007, p. 175.

¹⁹³ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/blanco-de-plomo>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

¹⁹⁴ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1181641>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

<p>BRANCO DE PRATA</p> <p><i>blanco de plata [esp]</i> <i>silver White [ing]</i> <i>biannco d'argento [it]</i> <i>blanc d'argent [fr]</i></p>	<p>[Ma] Pigmento usado na fabricação de tinta branca, a partir de óxido de chumbo.¹⁹⁵</p>
<p>BRANCO DE TITÂNIO</p> <p><i>blanco de titânio [esp]</i> <i>titanium white [ing]</i> <i>bianco di titânio [it]</i> <i>blanc de titane [fr]</i></p>	<p>[Ma] Fórmula: TiO₂. Dióxido de titânio (frequentemente misturado com sulfato de cálcio, sulfato de bário ou branco de zinco). Pigmento sintético, disponível desde 1920. É um branco com elevado poder de cobertura. Quimicamente estável. É empregado em todas as técnicas artísticas. Não possui propriedades secativas, portanto, se for usado em óleo, deve ser misturado com pigmentos que tenham essa característica (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 49).</p>
<p>BRANCO DE ZINCO</p> <p><i>blanco de zinc, blanco de cinc [esp]</i> <i>zinc white [ing]</i> <i>bianco di zinc [it]</i> <i>blanc de zinc [fr]</i></p>	<p>[Ma] Fórmula: ZnO. Óxido de zinco. Também chamado <i>branco de China</i>. Pigmento sintético. Conhecido desde 1782, e comercializado como pigmento a partir da metade do século XIX. Branco com notável poder de cobertura, diante da luz UV apresenta fluorescência. Possui boa resistência à luz e aos agentes atmosféricos. Tem tendência a converter-se em carbonado de zinco, também branco. É solúvel em soluções ácidas e básicas. É compatível com todos os pigmentos. É usado em todas as técnicas, inclusive as que utilizam aglutinantes aquosos (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 49).</p>
<p>BRANCO FIXO</p> <p><i>blanco fijo [esp]</i></p>	<p>[Ma] Fórmula: BaSO₄. Sulfato de bário. Também chamado <i>branco permanente</i>. Pigmento de origem natural e sintética. Por seu limitado poder de cobertura, é utilizado como carga inerte e como base para a preparação de lacas (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 51).</p>
<p>BRANCO DE ANTIMÔNIO</p> <p><i>blanco de antimonio [esp]</i></p>	<p>[Ma] Fórmula: Sb₂O₃+BaSO₄. Óxido de antimônio e sulfato de bário. Às vezes se encontra misturado com ZnO. Pigmento mineral sintético. Usado na primeira metade do século XX. É um pigmento branco pouco usado, devido à sua tendência a escurecer e à sua toxicidade (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 51).</p>
<p>BRANQUEAR</p> <p><i>cepillar, emblanquecer [esp]</i> <i>to whiten [ing]</i> <i>imbiancare [it]</i> <i>blanchir [fr]</i></p>	<p>1. [Tc] Tirar as asperezas da madeira com a enxó e a plaina, alisando-a. 2. [Tc] Pintar de branco com cal, gesso ou alvaiade (TEIXEIRA, 1995, p. 26).</p>
<p>BRASÃO</p> <p><i>blason, armoiries [fr]</i></p>	<p>1. [Ou] Conjunto de regras e termos que codificam a composição e descrição do brasão de armas. 2. [Ou] Emblema, em cores, próprio de uma família, a uma pessoa jurídica ou mais raramente a um indivíduo, e</p>

¹⁹⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

sujeito em sua forma e na disposição de suas figuras e cores a regras precisas (LANGLE; CURIE, 2009, p. 140).

BRASIL	[Ma] Corante natural utilizado na manufatura das lacas vermelhas (TEIXEIRA, 1995, p. 26). Ver LACA VERMELHA (Pau-Brasil) .
BRETANHA	[Ou] Tecido fino de linho, vindo da província francesa da Bretanha (TRINDADE, 1998, p. 383).
BREU <i>colophane, poix [fr]</i>	[Ma] Resina macia extraída, através de incisão profunda do tronco de várias plantas, especialmente de coníferas (<i>Pinus palustris</i> , etc.), obtendo secreções resinosas, ou da destilação do alcatrão. Trata-se de um sólido escuro, inflamável, também chamado: breu de colofônia, colofônia, colofônio. ¹⁹⁶
BRILHANTE <i>brillant, brillante [fr]</i>	[De] Trata-se de uma camada pictórica ou um material refletindo toda ou parte da luz, tendo o ângulo de reflexão igual ao ângulo de incidência, sem difusão. Uma superfície é brilhante quando o aglutinante reveste completamente os pigmentos ou quando o verniz é liso (LANGLE; CURIE, 2009, p. 754).
BRILHO <i>chatoiement, éclat [fr]</i>	[De] Propriedade física que descreve a forma como a superfície de um material reflete a luz incidente e que é dependente do índice de refração e, no caso de pedras lapidadas, da sua dureza (por esta última condicionar a qualidade do polimento). ¹⁹⁷
BRILHO, dar	[Tc] Provocar zonas mais claras do que outras numa superfície (TEIXIDO I CAMI, 1997).
BROCA <i>taladro [esp]</i> <i>auger, rotary drill, wimble [ing]</i> <i>brocco, succhiello, trapano, trivello [it]</i> <i>tarière [fr]</i>	[Eq] Instrumento para cortar ou abrir furos circulares (TEIXEIRA, 1995, p. 27).
BROCA	[Bi] As brocas são coleópteros, insetos da família dos besouros, um pouco maiores e mais robustos que os cupins e geralmente possuem uma coloração que tende ao marrom escuro. [Dt] Sua principal característica é possuir mandíbulas fortes, que permitem que as mesmas perfurem madeira com certa facilidade. Apesar de ser possível identificar inúmeras

¹⁹⁶ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=breu&oq=breu&aqs=chrome.0.69i59l3j0l3.4984j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 06 out. 2018.

¹⁹⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

brocas num mesmo material atacado, elas vivem de forma completamente individualizada.¹⁹⁸ Os coleópteros possuem metamorfose completa: passam do ovo para a larva, desta para a pupa e, finalmente, ao inseto adulto. Suas espécies variam de acordo com as condições climáticas de cada região. São vulgarmente denominados de brocas, carunchos ou besourinho. Estes insetos perfuram as folhas compactadas ou de encadernados, até rendilhá-las.¹⁹⁹

**BROCADO
APLICADO**

brocado aplicado

[esp]

brocart applique [fr]

[Po] Brocado aplicado é uma técnica muito elaborada, utilizada em pintura e escultura na Europa nos séculos XV e XVI. Ela permite repetir várias vezes os mesmos motivos em relevo imitando o tecido bordado. A decoração é gravada em metal ou em madeira; uma folha de estanho é colocada em cima desta placa gravada para facilitar tirar o molde. Para oferecer maior resistência aos relevos gravados, preenchem o avesso da folha de estanho com a mistura de líquido do tipo graxo (cera, óleo, pigmento) ou do tipo magro (cola animal, giz, pigmento). Ao repetir esta operação, obtém-se uma série de placas em relevo que serão coladas sobre a obra e douradas na folha de ouro sobre a mixtion (TEIXEIRA, 1995, p. 27). O desconhecimento desta técnica pode causar prejuízos com tratamento inadequado. Não há conhecimento desta técnica em Minas ou em outros lugares do Brasil.

BROCATTEL

brocattelle [fr]

[Ou] Tecido imitando o brocado, porém muito mais leve; o ouro e a prata são excluídos. Tecido adamascado (REAL, 1962, p. 102).

BROCHA

[Tc] Pregos curtos de cabeça larga e chata (REAL, 1962, p. 102).

BROCHE

[Ou] Joia de metal, geralmente apresentando ornato em pedraria. Provida de alfinete e fecho, é usada como ornamento ou para prender peças de vestuário (DAMASCENO, 1987, p. 11).

BRONZE

bronze [fr]

[Me] Liga de cobre (em geral cerca de 90%) e estanho, contendo com frequência pequenas proporções de outros metais, como chumbo ou zinco. Desde a antiguidade o bronze tem sido o metal mais usado em esculturas fundidas, devido a sua durabilidade, solidez e ao fato de ser facilmente trabalhável – tanto a frio como a quente – por uma variedade de processos. É de mais fácil fundição que o cobre, pois tem um ponto de fusão mais baixo; e sua grande resistência a tração permite a extensão de partes proeminentes, sem apoio por baixo – o que representa uma vantagem em relação a escultura em mármore. A cor do bronze varia segundo a proporção de estanho ou de outros metais presentes na liga, e

¹⁹⁸ Disponível em: <<https://www.insectbye.com.br/brocas-o-que-sao/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

¹⁹⁹ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural//pagina/4404/perguntasfrequenteseglossario>>. Acesso em: 12 de set. 2017.

vai de tons prateados a um rico vermelho-cobre. A beleza de sua superfície pode ser realçada pela pátina.²⁰⁰ Com o tempo adquire patinas muito variadas, em tons de verdes. Os processos de oxidação constituem um dos principais problemas dos metais, são favorecidos pela umidade, sendo fundamental para a conservação preventiva o controle deste último fator. Em alguns casos, tanto a cuprita (oxidação do cobre de cor vermelho púrpura) como os carbonatos básicos verdes e azuis (malaquita e azurita) são estáveis, se não contêm cloros e protegem o metal subjacente da corrosão progressiva. Não existe uma substância protetora, cera ou verniz, que impeça a progressão do dano, se não de eliminarem mecânica e quimicamente os cloros.²⁰¹

BROQUEADO	[Tc] Aberto ou furado com broca (ÁVILA, 1979, p. 27).
BROQUEL <i>bouclier [fr]</i>	[In] Escudo antigo, redondo e pequeno (REAL, 1962, p. 102).
BRUNIDO <i>bruñido [esp]</i> <i>burnishing [ing]</i> <i>brunito [it]</i> <i>brunissage, poli,</i> <i>fourbissure [fr]</i>	[Po] Polido, lustrado (TEIXEIRA, 1995, p. 27).
BRUNIDOR <i>brunidor [esp]</i> <i>burnisher [ing]</i> <i>brunitoio [it]</i> <i>brunissoir, polissoir,</i> <i>lissoir [fr]</i>	[Eq] Instrumento de forma alongada, terminando com uma ponta em ágata polida e usado para dar polimento ao ouro (TEIXEIRA, 1995, p. 27). O mesmo que <i>dente de lobo</i> .
BRUNIDURA ou BRUNIMENTO <i>brunimiento,</i> <i>pulimento [esp]</i> <i>act ou result of result of burnishing [ing]</i> <i>brunitura [it]</i> <i>brunissage,</i> <i>polissage [fr]</i>	1. [Po] Ação de brunir ou resultado do polimento (TEIXEIRA, 1995, p. 28). 2. [Ce] É um revestimento (geralmente após a queima) de cera e fuligem para dar uma cor preta ou melhorar a impermeabilidade da cerâmica. ²⁰²
BRUNIR <i>bruñir [esp]</i> <i>to burnish [ing]</i> <i>brunire [it]</i>	1. [Tc] Polir, lustrar. Trabalho de conferir um aspecto de brilho a uma superfície, com o recurso de um brunidor (IMC, 2011, p. 130). 2. [Po] Consiste no acabamento brilhante produzido esfregando-se a superfície

²⁰⁰ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/escultura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

²⁰¹ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

²⁰² Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcaovarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

*brunir, polir,
fourbir [fr]*

dourada seca com uma ferramenta chamada brunidor de ágata. A ágata é esfregada sobre a superfície dourada para suavizar o estado mate que foi aplicado por debaixo, obtendo-se assim um aumento das propriedades reflexivas da folha de ouro ou prata. Em geral, é preferível brunir inicialmente a superfície com um movimento delicado e circular, e então repassar com pressão firme, usando ambas as mãos, em uma direção. Pode-se realçar o brilho voltando a brunir após alguns dias. Para áreas lisas, quanto maior for o tamanho do brunidor, melhor. O ouro só pode ser brunido sobre gesso ou bolo armênio. Na verdade é a superfície de gesso que é polida; o ouro não faz mais que adaptar-se à textura da superfície (LOURENÇO, 2003, p. 73-86).

BRUNO
brun [fr]

[Cor] Totalidade escura. Os brunos compõem-se, ordinariamente, de vermelho, amarelo e preto em proporções variadas (REAL, 1962, p. 103).

BRUTESCO
*marmousses, grotesque
[fr]*

[Or] Ornamento de grande dimensão representando animais, plantas ou seres fantásticos articulados entre si por imbricamentos de ornatos vegetalistas ou geométricos.²⁰³ Ver **GROTESCO**.

BUCRÂNIO
bucrâne [fr]

[Ma] Ornamentação que representa um crânio de boi adornado com grinaldas e flores (INSTITUTO, 2004, p. 111).

BUCHA QUÍMICA

[Ma] É uma resina de poliéster, ideal para a fixação de elementos metálicos que fiquem sujeitos a forças constantes como suporte. Fixações de elementos que não sigam métodos tradicionais, considerando as características do suporte e da força da fixação. Pode ser utilizado em materiais ocós ou compactos: cimento, pedra natural, alvenaria, etc. Permite a fixação de suportes, união de barras de reforço, consolidação de seções e barras perfiladas.²⁰⁴

BUGIA

[Ou] O mesmo que palmatória. Designa também a vela de cera fina que se costuma acender na bugia (DAMASCENO, 1987, p. 11).

BULA
bulle [fr]

1. [Me] Antigo selo de ouro, prata ou chumbo, pendente de documentos emitidos por Papas e outros soberanos, e que resultava da compressão do metal entre dois cunhos. 2. [Rg] Na Igreja Católica Apostólica Romana, refere-se à carta ou decreto pontifício, de caráter especialmente solene, que trata de alguma questão sobre matéria eclesiástica ou de graça espiritual concedida pelo Papa. E despachada pela Chancelaria do Vaticano. (TRINDADE, 1998, p. 384)

BUJARDA
gradina [it]

[Eq] Tipo de martelo com a cabeça quadrada e dentada na extremidade, usado pelos escultores para bater pregos na madeira (TEIXEIRA, 1995,

²⁰³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²⁰⁴ Ficha técnica. Disponível em: <http://www.weber.com.pt/uploads/media/FT_weber.bucha.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2018.

boucharde [fr]

p. 28).

BULBO

1. [Md] Vazio interno da madeira (TEIXIDO I CAMI, 1997). 2. [Or] Elemento em forma de bulbo de planta que constitui um nó nas decorações de elementos torneados, como balaustradas, tocheiros e castiçais. Nó alongado e mais estreito na parte superior.²⁰⁵

BURIL

buril [esp]

burin, chisel, graver,

graving-tool [ing]

bulino [it]

burin [fr]

[Eq] Instrumento de aço que apresenta acabamentos variados nas pontas, conforme o fim a que se destina e quando possui cabo, normalmente, é de madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 28). É o instrumento com que se grava o metal, constituído por uma barra de aço especialmente temperado com uma das extremidades biselada e extremamente cortante, e a outra engastada em cabo achatado. Os buris apresentam, atualmente, seções diversificadas permitindo ao gravador a obtenção de diferentes tipos de cortes. Esta ferramenta também é utilizada na cravação de pedras em peças de ourivesaria e joalheria, sobretudo na abertura dos respectivos engastes (IMC, 2011, p. 130).

BURILAMENTO

Ver **PUNÇÃO**.

BURRA DE CONFRARIA

confraternity

coffer [ing]

forziere di

confraternita [it]

coffre-fort de

confrérie [fr]

[Mo] Arca de madeira, revestida com chapa metálica ou reforçada com aros de ferro, utilizada sobretudo, para guardar o dinheiro da confraria, tendo uma parte fechada com, pelo menos, duas chaves diferentes (THESAURUS, 2004, p. 37).

BURRO

[It] Apoio de madeira que sustenta os baldrames (ÁVILA, 1979, p. 27).

BURSA

[Ig] Espécie de bolsa usada nas igrejas para guardar o corporal quando fora de uso. De forma quadrangular, com armação de papelão forrada com tecido que tenha a cor do paramento do dia, geralmente apresenta uma cruz bordada no centro. Atualmente está caindo em desuso (DAMASCENO, 1987, p. 11).

BUSTO

busto [esp]

bust [ing]

busto [it]

buste [fr]

[Es] Representação escultórica de vulto da parte superior de um corpo humano, incluindo uma ou várias cabeças, pescoço, uma porção variável dos ombros, os braços, peito e ventre. As formas dos bustos sofreram muitas mudanças, o termo abrange muitos tipos, desde os que mostram apenas a cabeça, pescoço e parte da clavícula, até aqueles que incluem ombros, braços e até mesmo mãos. O busto pode ser pintado, desenhado, gravado ou modelado; no século XVIII, a palavra era frequentemente usada para indicar um retrato pintado, hoje, por outro lado, geralmente se refere a um retrato esculpido. A palavra busto é de origem incerta, mas às

²⁰⁵ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 44.

vezes é aplicada como uma derivação do latim *bustum*, *monumento sepulcral*.²⁰⁶ De acordo com Baudry; Bozo e Chastel (1990, p. 519), os bustos podem ser:

- **Busto italiano** – busto cortado horizontalmente sob os ombros.
- **Busto de meio corpo** – busto representando a metade superior do corpo humano, incluindo braços. Podendo ser: busto de meio corpo com braço ou busto de meio corpo sem braços.
- **Busto em Hermes** – busto terminando lateralmente aos ombros por planos verticais ou oblíquos e formando a partir das clavículas ou no meio do peito uma massa substancialmente paralelepípedica. Os bustos em Hermes baseiam-se no plano quadrado, ou mais raramente retangular, que serve de base.
- **Busto laureado** – busto representando um personagem cuja cabeça é cercada por uma coroa de louros.
- **Busto acéfalo** - representação escultórica da parte superior de um corpo humano sem cabeça.
- **Busto geminado** – busto representando dois personagens diferentes e colocado de costas um para o outro.
- **Busto de três cabeças** – um busto composto por um único corpo e três cabeças viradas ou amarradas na mesma direção.
- **Busto relicário** – peça escultórica, geralmente representando um santo, em cujo peito se localiza uma concavidade para a guarda e exposição de relíquias, que quase sempre são do próprio santo (DAMASCENO, 1987, p. 11), ou forma de pingente. Muitas vezes fica sobre uma base ou pedestal que pode levar o nome do santo.²⁰⁷ No século XVII, no Brasil foi muito usual os bustos relicários, que eram colocados em nichos os retábulos das igrejas, desta época existem exemplares em barro cozido. No século XVIII os bustos relicários em madeira policromada e dourada foram comuns em Minas Gerais, sendo colocados entre castiçais da banquetta.²⁰⁸

BUXO

boj [esp]

the box-wood [ing]

bosso [it]

buis [fr]

[Bo] Pequena árvore de origem europeia e asiática, da família das buxáceas (*Buxus sempervirens*), cuja madeira é compacta e de cor amarela, utilizada para obras delicadas como figuras, imagens e ornamentos (TEIXEIRA, 1995, p. 28).

²⁰⁶ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/bienes culturales/1010954>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

²⁰⁷ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/bienes culturales/1001301>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

²⁰⁸ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 44.

BUZINOTE

[Ar] Pequeno pedaço de cano destinado ao escoamento das águas em balcões ou terraços (ÁVILA, 1979, p. 27).

BYERI

byeri [esp]

[Es] Figura ritual de madeira, antropomórfica, de ambos os sexos, pertencente às etnias *fang* (Guiné Equatorial, Gabão). Geralmente é um símbolo de culto aos ancestrais. Os pontos mais destacáveis da talha são: a cabeça – elemento espiritual, e o umbigo – conexão com a vida. O "byeri" é o intermediário entre o mundo real e o invisível. Adicionam elementos decorativos penas, miçangas, metais, etc. São inseridos através de um apêndice, uma caixa cilíndrica, contendo o crânio ou ossos de antepassados que distingue pela suas qualidades, pessoas de longa vida, heróis, fundadores de famílias ou mulheres que tiveram muitos filhos. Assim, essas figuras, colocadas no topo da caixa, tornam-se guardiões dos restos do ancestral. A realização dessa escultura leva consigo um complexo ritual que se inicia pedindo permissão ao espírito da árvore para cortar seu galho. Durante o ritual das esculturas, o escultor deve seguir regras sociais e culturais diferentes, como manter a abstinência sexual por alguns dias antes de iniciar seu trabalho.²⁰⁹

²⁰⁹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/bienes culturales/1181466>>. Acesso em: 03 nov. 2018.



CABAÇA DE PEREGRINO

pilgrim's gourd [ing]
fiasca di pellegrinaggio [it]
gourde de pèlerin [fr]

[Ab] Cabaça ou cantil em forma de cabaça com a água utilizada pelo peregrino para se dessedentar. Costuma ser levado a tiracolo ou atado no topo do bordão de peregrino (THESAURUS, 2004, p. 112). Ver BORDÃO DE PEREGRINO.

CABEÇA DE PREGO

[Or] Ornato com a forma de uma pirâmide de quatro faces (IMC, 2011, p. 118).

CABEÇÃO

clerical collar [ing]
collaro [it]
collaro [fr]

[In] Gola dos eclesiásticos, à qual se prende o colarinho (TRINDADE, 1998, p. 384).

CABECEIRA

1. [Ar] Peça que guarnece outra, sob a forma de contraforte. 2. [Ar] A parte de um edifício oposta à sua entrada (ÁVILA, 1979, p. 29). 3. [Mo] Parte da cama para onde fica virada a cabeça (QUEIMADO, 2007, p. 177). 4. [Ig] A parte mais interior do santuário ou capela-mor. Era ordinariamente circular e mais elevada que o resto da igreja, também chamada *aula* (REAL, 1962, p. 105).

CABEIRA

[Tc] A peça que arremata um tabuado (ÁVILA, 1979, p.29). Moldura de arremate em tetos e soalhos. Nos soalhos incorpora-se aos rodapés (REAL, 1962, p. 105).

CABIDO

chapitre [fr].

1. [Rg] Corpo de clérigos (cónegos ou capitulares) instituído para celebrar solenemente o culto nas igrejas catedrais e colegiados. Os cabidos catedrais formam o Senado e Conselho do Bispo e fazem as suas vezes no governo da diocese, quando esta se encontra vaga. Nos períodos colonial e imperial, sob o Real Padroado, pode ser indicado pelo bispo, sendo nomeado sempre pela Coroa (TRINDADE, 1998, p. 384). 2. [Rg] Capítulo ou assembleia, celebrada por uma ordem religiosa (NUNES, 2008, p. 33).

CABINET

[Mo] Móvel com gavetas, que surge no Renascimento, e assentado originalmente numa mesa. Evolui para móvel independente, em que a parte inferior, anteriormente a mesa, pode ser fechada ou aberta (QUEIMADO, 2007, p. 177).

<p>CABO <i>mango [esp]</i> <i>handle of a tool, stem [ing]</i> <i>manico [it]</i> <i>manche [fr]</i></p>	<p>1. [Eq] Elemento de prensão de um objeto, com posição habitualmente horizontal ou oblíqua e destacada em relação ao seu corpo. Pode ser fixo ou móvel e em alguns casos executado em madeira ou marfim, materiais que funcionam como isolantes térmicos (IMC, 2011, p. 118). Apêndice lateral, cilíndrico, em vasilhames cerâmicos, destinado à sua sustentação.²¹⁰ 2. [Ar] Moldura saliente ou incrustada, ornada de estrias em espiral, produzindo aspecto de corda grossa. 3. [Or] Elemento decorativo do bizantino e do manuelino (REAL, 1962, p. 105).</p>
<p>CABUCHÃO ou CABOCHÃO <i>cabochon [fr]</i></p>	<p>1. [Po] Tipo de aplicação de uma pedra fina, semipreciosa ou de uma massa em vidro esculpida, arredondada e polida que é mais frequentemente fixada na borda da roupa das estátuas (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 661). 2. [Or] Decoração elevada redonda ou oval, sem arestas, utilizada muitas vezes juntamente com folhas de acanto ou conchas, muito popular no século XVIII (QUEIMADO, 2007, p. 178).</p>
<p>CACHAÇO</p>	<p>[Mo] Numa cadeira, a parte superior do espaldar (QUEIMADO, 2007, p. 178). Seção superior horizontal do aro ou moldura do espaldar, topo.²¹¹</p>
<p>CACHIMBO</p>	<p>1. [Ou] Elemento cilíndrico e oco, que se coloca sobre as arandelas dos castiçais para encaixar velas (DAMASCENO, 1987, p. 11). 2. [It] Peça de ferragem da dobradiça, em que entra o leme de porta ou janela (ÁVILA, 1979, p. 29)</p>
<p>CACOETES</p>	<p>[Es] Presença repetida de formas representadas no conjunto da produção de um artista. Essas formas repetidas são chamadas de <i>cacoetes</i> ou <i>estilemas</i> (ELIAS, 2015, p. 66). Vícios do escultor. Marcas que se repetem, como uma assinatura do artista ou da oficina, podendo estar presentes nos detalhes da execução da escultura como: nas sobranceiras, orelhas, lacrimal, dedos e unhas, e que são informações importantes para atribuições de obras de arte (SOUZA, 2017, p. 26-27). De acordo com Hill (2001, p.120), baseada nas análises formal e estilística, a teoria dos “cacoetes” inaugurou uma metodologia imprescindível para a prática da atribuição correta de autoria. Criada na segunda metade do século XIX por Giovanni Morelli, médico italiano e profundo conhecedor da Pintura, ela tem servido como importante parâmetro para a avaliação de obras anônimas, desde os trabalhos de arte, tendendo para uma apreciação tanto dos detalhes como do conjunto.</p>
<p>CADEIRA</p>	<p>[Mo] Assento individual, possuindo espaldar, com ou sem braços, geralmente de madeira, podendo apresentar trabalho decorativo, inscrições ou símbolos (DAMASCENO, 1987, p. 12). Ver PRUMADA e TABELA.</p>

²¹⁰ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²¹¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CADEIRA DE SOLA	[Mo] Cadeira portuguesa do século XVII, rígida e revestida a couro no espaldar e assento, preso com pregaria de latão. A testeira é decorada e os pés terminam em pincel (QUEIMADO, 2007, p. 178). Designação vulgar para as cadeiras com costas e assento de couro grosso. ²¹²
CADEIRA EPISCOPAL	[Mo] Cadeira de espaldar alto e com baldaquino (NUNES, 2008, p. 33).
CADEIRA GESTATÓRIA	[Mo] Espécie de andor em que o Papa é conduzido nas solenidades pontifícias (NUNES, 2008, p. 33).
CADEIRAL <i>choir stall [ing]</i> <i>stalli del coro [it]</i> <i>stalle [fr]</i>	[Mo] Série de cadeiras de espaldar alto ligadas ou não entre si, pelos braços, dispõem-se numa ou mais filas, ao mesmo nível ou escalonadas. que aparecem encostadas nas paredes da capela-mor de algumas igrejas e de uso em coros, consistórios, etc. Na Catedral de Mariana, o cadeiral era originalmente reservado ao cabido, em cerimônias religiosas oficiadas com a presença do bispo. Atualmente, usam também os seminaristas. O mesmo que <i>estala</i> (DAMASCENO, 1987, p. 12). Os lugares junto à entrada ou no fundo do coro reservam-se ao clero de grau hierárquico mais elevado e distinguem-se pela maior imponência de tamanho e decoração (THESAURUS, 2004, p. 27).
CADERNO DE ENCARGOS	[Re] Discriminação, rigorosa e minuciosa, de todos os procedimentos e responsabilidades, obrigações e incumbências técnico-administrativas a serem observados na execução em uma obra ou serviço. É elaborado com base nas especificações técnicas. ²¹³
CADUCEU <i>caducée [fr]</i>	[Ab] Atributo de Mercúrio, compondo-se de uma vara com duas serpentes enroscadas e com asas nas extremidades. Insígnia de arauto de pas. Muito usado como ornato. (REAL, 1962, p. 109).
CAIAÇÃO <i>badigeon [fr]</i>	[Ou] Processo rústico de pintura, à base de água e cal, associado ou não a pigmentos coloridos (ÁVILA, 1979, p. 29). Pintura composta de suspensão de cal hidratada (hidróxido de cálcio ou hidróxido de cálcio misturado com hidróxido de magnésio) em água. A cal para pintura deve apresentar granulometria de partículas muito finas. A coloração, quando existe, é dada por pigmentos e os aditivos usados tradicionalmente são o óleo de linhaça, a caseína, a gordura animal e outros (KANAN, 2008, p. 164). CAIADO – Revestido de cal.
CAIBRO (S)	[Md] Peças de madeira, de seção retangular, que, nos telhados, se apoiam nos frechais, nas terças e nas cumeeiras, para servir de sustentação às ripas, guarda-pós e telhas (ÁVILA, 1979, p. 29).

²¹² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²¹³ Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

CAIXA GUARDA-CORPO ou PARAPEITO do PÚLPITO	[It] Nas igrejas mineiras ocorrem vários tipos de caixas de púlpitos, desde as caixas simples, fechadas ou vazadas, em madeira lisa pintada ou madeira recortada (ex. Capela do Ó, em Sabará), até as caixas em balaústres trabalhados (ex. Matriz de Sabará) e as fechadas com trabalhos de talha (ex. Matriz do Pilar, em Ouro Preto) ou esculturas em baixo relevo (ex. Igreja do Carmo em Sabará). Quando a caixa é fechada e abaulada, costuma-se chamar também de <i>tambor do púlpito</i> (ÁVILA, 1979, p. 133).
CAIXA SEDENTÁRIA	[Eq] Caixa usada pelo escultor para colocar seus trabalhos ou usar como assento (TEIXEIRA, 1995, p. 30).
CAIXÃO	1. [Ou] Cercadura em tábuas dos vãos composta de aduelas e alizares. 2. [It] Diz-se do forro dividido em partes retangulares por meio de vigas que se cruzam (ÁVILA, 1979, p. 29). 3. [Ou] Mesmo que esquite e ataúde. Caixa abaulada para encerrar os defuntos (NUNES, 2008, p. 33).
CAIXILHO	[It] Obra de carpintaria ou serralheria, espécie de moldura que serve para cercar um vão de porta ou janela e sustentar ou guarnecer vidros, almofadas de madeira, etc. (ÁVILA, 1979, p. 29).
CAIXOTÃO	[It] Vão, geralmente quadrado e artesoado, com moldura simples ou em ornatos de relevo, entre o madeiramento de sustentação de tetos. Em várias igrejas mineiras, os caixotões contêm pinturas de figuração ou simbologia religiosa, a exemplo dos forros da Capela do Ó e da Matriz de Sabará. Ver ARTESOADO (ÁVILA, 1979, p. 133).
CAJADO	[Ab] Bordão pastoral, com a extremidade superior arqueada (DAMASCENO, 1987, p. 12). Bastão, báculo. Algumas imagens possuem cajado, ornamento relativo a sua invocação (NUNES, 2008, p. 33). Ver BÁCULO .
CAL <i>calce [it]</i> <i>chaux [fr]</i>	[Ma] Óxido de cálcio obtido pela calcinação da pedra calcária. ²¹⁴ CAL AÉREA – Cal constituída principalmente por óxido ou hidróxido de cálcio, que endurece mediante carbonatação, quando exposta ao ar (KANAN, 2008, p. 164). CAL CALCÍTICA E DOLOMÍTICA – Cal calcítica é a que contém somente carbonato de cálcio, e dolomítica é a que contém carbonato de cálcio e de magnésio (KANAN, 2008, p. 164). CAL DE REGADA – Diz-se da cal regada com água. O mesmo que cal extinta (ÁVILA, 1979, p. 29). CAL GORDA – Cal cuja pasta é muito plástica e apresenta ótima trabalhabilidade (KANAN, 2008, p. 164). CAL HIDRATADA – Cal resultante da extinção da cal virgem com água. Pode ser produzida em pó ou em pasta (KANAN, 2008, p. 165). CAL HIDRÁULICA – Cal que apresenta entre os constituintes argila rica em sílica, alumina e ferro e que endurece tanto em contato com o ar

²¹⁴ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

como com a água (KANAN, 2008, p. 165). CAL VIRGEM – Cal constituída principalmente por óxido de cálcio ou magnésio produzida pela calcinação do calcário ou dolomita. A cal virgem tem reação exotérmica em contato com a água (KANAN, 2008, p. 165). Cal virgem, na verdade o óxido de cálcio, também conhecida como cal viva, quando em contato com água, torna-se o que chamamos de cal hidratada, na reação $\text{CaO} + \text{H}_2\text{O} + \text{Ca}(\text{OH})_2$.	
---	--

CALAFETAR	[Ou] Impedir a passagem de líquidos ou de ar pela vedação, com massa apropriada, estopa, papel, pano etc., de juntas, fendas e frestas. ²¹⁵
------------------	--

CALCINAÇÃO	Ou] Tratamento térmico de sólidos, capaz de promover transformações sioquímicas como a eliminação de substâncias voláteis neles contidas (ex., ióxido de carbono de carbonatos, água de argilas, matéria orgânica de materiais diversos), a produção de óxidos (ex., a obtenção de cal a partir de arbonato de sódio), a pulverização, etc. ²¹⁶
-------------------	--

CALCITA	[Ma] A forma mineral do carbonato de cálcio (KANAN, 2008, p. 165). É o componente essencial do mármore e estalactites, e é encontrado em pedras calcárias. ²¹⁷
----------------	---

CALCO OU DECALCO	[Ta] Modo de transposição de um desenho que consiste em pressionar uma superfície sobre o desenho original, ou as costas deste sobre a superfície a imprimir. ²¹⁸
-------------------------	--

CÁLICE	1. [Li] Do latim <i>cálix</i> . Vaso de/para ritual litúrgico composto por uma copa, haste, nó e base, usado durante a missa na sagração do vinho. Esta peça é a primeira entre as alfaias litúrgicas sagradas pelos bispos, dado que a custódia e o cibório são apenas abençoados. Desde os primórdios cristãos que existiram três tipos de cálices: <i>ordinários</i> , <i>ministeriais</i> e <i>os offertorii</i> . Os primeiros eram utilizados pelos padres nas penitências da missa; os ministeriais tinham um grande volume e serviam para dar aos fiéis o vinho santificado, pelo que, por vezes, possuíam duas asas – terminando no século XIII, altura em que foi interdito a eucaristia das duas espécies. Nos offertorii, os diáconos recolhiam o vinho ofertado pelos fiéis. No período gótico aparece o costume do emprego de tintinábulo na falsa copa. A partir da 2. ^a metade do século XVI desenvolve-se o cálice-custódia, através do encaixe do hostiário na copa. Regra geral, os cálices são acompanhados pelas patenas e, por vezes, de
---------------	---

²¹⁵ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=calafetar>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

²¹⁶ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=calcina%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

²¹⁷ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/calcita>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

²¹⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	uma pequenina concha, sendo estes elementos e a copa do cálice dourados na parte interna. Ver Patena (IMC, 2011, p. 72). A copa deve ser dourada internamente e, externamente, pode ser de estanho ou prata. O nó e a base ou pé admitem metal inferior (TRINDADE, 1998, p. 384). 2. [It] Bacia ou tanque de chafariz em forma de cálice (ÁVILA, 1979, p. 30).
CALOTA (olhos de vidro)	Ver OLHOS DE VIDRO .
CALVÁRIO <i>Calvary</i> [ing] <i>calvario</i> [it] <i>calvaire</i> [fr]	[Es] Grupo escultórico integrando uma cruz ou crucifixo, ladeados pela Virgem e São João Evangelista e, por vezes, Santa Maria Madalena (THESAURUS, 2004, p. 58). Nome da colina perto de Jerusalém, onde Jesus foi crucificado. ²¹⁹ Também chamado <i>calvarinho</i> .
CAMA	[Es] Mecanismo de madeira e tela que imobiliza e protege a escultura (TEIXIDO I CAMI, 1997).
CAMA DE BILROS	[Mo] Cama típica portuguesa do século XVII, em que a cabeceira é decorada com torneados em espiral encimados por pequenas peças chamadas bilros (QUEIMADO, 2007, p. 178).
CAMADA <i>capa, baño</i> [esp] <i>layer, coat</i> [ing] <i>strato, mano</i> [it] <i>couche</i> [fr]	1. [Po] Mão de pintura (TEIXIDO I CAMI, 1997). Independentemente da técnica de execução, quase todas as policromias e pinturas apresentam uma estrutura articulada em estratos, onde ao menos um corresponde à camada pictórica (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 46). Ver CAMADA PICTÓRICA.
CAMADA DE ACABAMENTO <i>couche de finition</i> [fr]	Camada de material pictórico com função de proteção (essencialmente composta de aglutinante) ou com função estética de imitação (carregado com pigmentos), falsa pátina (LANGLE; CURIE, 2009, p. 746).
CAMADA DE IMPRESSÃO	[Po] Camada de isolamento oleosa, localizada sobre a base de preparação, portanto, anterior a camada pictórica ou o <i>mixtion</i> (TEIXEIRA, 1995, p. 30).
CAMADA DE PREPARAÇÃO	Ver PREPARAÇÃO .
CAMADA DE PROTEÇÃO <i>couche de protection</i> [fr]	[Po] Estrato superior da camada pictórica, constituída por uma película transparente que a isola do seu ambiente e que, na maioria dos casos, torna a superfície lisa, de modo que a cor é aprofundada pela supressão da luz difusa. A sinonímia entre verniz e camada protetora é frequentemente aceita porque, na grande maioria dos casos, consiste em uma ou mais resinas aplicadas em solução. Pode ser resinosa, oleosa, à base de clara de ovo batida ou carboidratos, como a goma arábica, que protege certas cores da iluminação, o que confere a essas áreas um brilho

²¹⁹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/calvario>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

	específico e provoca, ao mesmo tempo, um aumento da espessura, o aparecimento de microcraquelês, descamação e microlacunas (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1033). Esta camada tem como principal função proteger a camada pictórica através da formação de uma barreira física entre a pintura e o meio externo. Deve ser transparente, incolor, elástica, de alta estabilidade e de fácil remoção. Ver VERNIZ.
--	--

<p>CAMADA PICTÓRICA</p> <p><i>capa pictorica [esp]</i> <i>picture layer [ing]</i> <i>strato pittorico [it]</i> <i>couche picturale [fr]</i></p>	<p>[Ge] Camada de tinta que recobre um suporte. A camada pictórica é a camada de tinta propriamente dita, que contém tanto cargas e materiais coloridos (pigmentos e corantes) quanto um aglutinante (SOUZA, 1996, p. 15). [Po] É a camada de pintura composta por um ou mais estratos que incluem desde a encolagem do suporte, a preparação/imprimatura e as camadas de cor (pigmentos ou folhas metálicas e aglutinante) até os vernizes, se houver.²²⁰ Ver ESTRATIGRAFIA. Pode aparecer alterada por defeitos de técnica, ou por condições ambientais, mas, quase sempre os problemas de conservação estão associados ao suporte, à preparação ou à camada de proteção. A conservação da camada pictórica depende em primeiro lugar do estado do suporte e das suas reações com o ambiente. A pintura, uma vez seca, não tem a flexibilidade da madeira ou da tela, quando estes se movem, pelas alterações da umidade fundamentalmente, a camada pictórica deforma-se.²²¹</p>
---	--

<p>CAMADA TRANSLÚCIDA</p> <p><i>couche translucide [fr]</i></p>	<p>Qualifica uma camada pictórica na qual a luz penetra largamente, menos que em uma camada transparente, mas mais que em uma camada opaca. Isso permite perceber uma camada subjacente, mas sem a precisão perfeita do contorno das formas (LANGLE; CURIE, 2009, p. 750).</p>
--	--

<p>CAMADA TRANSPARENTE</p> <p><i>couche transparent [fr]</i></p>	<p>Descreve uma camada pictórica na qual a luz penetra em toda a sua profundidade (LANGLE; CURIE, 2009, p. 748).</p>
---	--

<p>CAMAFEU</p>	<p>[Ta] Gravura em relevo, geralmente efetuada em pedras translúcidas a opacas (ágata, concha), em que o desenho sobressai de um fundo de cor contrastante. São também conhecidos camafeus obtidos por moldagem ou por prensagem em materiais como o vidro e cerâmica.²²²</p>
-----------------------	--

<p>CAMAÏEU</p> <p><i>camaïeu [fr]</i></p>	<p>[Pi] Composição monocromática que apresenta variações de valor (degradê), regulares ou não, e cujo tom pode ser mais ou menos puro (LANGLE; CURIE, 2009, p. 50).</p>
--	---

<p>CÂMARA CLARA</p>	<p>[Eq] Instrumento de óptica em que se suporta numa haste um prisma quadrangular com um ângulo reto e um ângulo de 135°, ou um prisma</p>
----------------------------	--

²²⁰ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/capa-pictorica>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

²²¹ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

²²² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

triangular e uma placa de vidro, permitindo obter uma imagem projetada sobre uma superfície onde se pode desenhar. Embora a câmara clara, ou câmara lúcida, tivesse sido uma invenção de Wollaston no século XIX, alguns autores consideram que processos semelhantes teriam sido utilizados no Renascimento e na pintura holandesa do século XVII, debate que foi reaberto por um recente artigo de David Hockney.²²³

CÂMARA ESCURA [Eq] Instrumento óptico que está na base da descoberta da fotografia. Permite obter uma determinada imagem e retê-la, numa chapa fotográfica, numa memória digital ou, simplesmente num vidro despolido, permitindo a execução de um desenho. Na história da pintura foi utilizada provavelmente desde o século XV, havendo menção expressa de melhoramentos ao sistema desde a segunda metade do século XVI (Giovanni Battista della Porta, 1588). Pintores como Vermeer, nos seus interiores, ou Canaletto nas suas vistas de Veneza utilizaram a Câmara Escura, embora este último tecesse críticas à distorção da perspectiva que o seu uso implicava.²²⁴

CÂMARA ÚMIDA [Cv] Processo desenvolvido para promover um microclima impedindo as oscilações de umidade relativa, e dessa forma estabilizando tanto a policromia como o suporte de uma escultura, como permitindo que rachaduras permaneçam estáveis sem que ocorram alterações dimensionais. A obra juntamente com recipientes com água ficam vedados com filme de poliéster (Melinex®), criando assim uma espécie de câmara úmida. Estas condições favoreceram para que a obra não perca a umidade para o ambiente externo.

CAMARIM [Rb] Nicho ou vão, por cima ou na parte interna central do altar-mor ou de altares laterais ou do arco-cruzeiro, onde se arma o trono para exposição do santíssimo ou da imagem de um santo. Nas principais igrejas mineiras, os camarins são geralmente delimitados por *molduras ou perfis em talha trabalhada*, com pintura ou talha em baixo-relevo nos panos (superfícies) parietais (laterais) ou de fundo. O camarim é também chamado *tribuna do trono* (ÁVILA, 1979, p. 133).

CAMAURO [In] Cobertura para a cabeça, exclusiva do Papa, maior que o solidéu, de forma a cobrir as orelhas. É de veludo vermelho, guarnecido a cetim da mesma cor, debruado com plumas de cisne e forrado a arminho; durante a semana *in albis*, o camauro é branco (THESAURUS, 2004, p. 161).
camauro [ing]
camauro [it]
camauro [fr]

CÂMBIO [Md] Parte do tronco próxima à casca da madeira que gera o crescimento de novos anéis (TEIXIDO I CAMI, 1997).

²²³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²²⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CAMBOTA	[It] Forma semicircular no molde para armação de arcos ou abóbadas (ÁVILA, 1979, p. 30). Peça curva que estrutura e sustenta os forros abobadados em madeira. ²²⁵
CAMILHA	[Es] Pequena cama, geralmente de madeira, onde se colocam imagens religiosas (DAMASCENO, 1987, p. 13).
CAMPA	[Ou] Pedra sepulcral rasa que fecha as sepulturas (NUNES, 2008, p. 33). Peça superior das sepulturas rasas, de tábuas ou outro material, podendo apresentar ou não inscrição. Frequentemente forma parte do piso das igrejas, onde se faziam sepultamentos (TRINDADE, 1998, p. 384).
CAMPAINHA	1. [De] Do latim vulgar <i>campanina</i> , diminutivo de sino. Acessório constituído por uma seção inferior em forma de copa invertida, com badalo suspenso no interior, munido de um cabo axial para preensão. 2. [Li] Num contexto litúrgico, a campainha é utilizada para chamar a atenção dos fiéis em relação a determinados momentos do serviço litúrgico ou durante a visita Pascal (IMC, 2011, p. 73). O mesmo que sineta. 3. <i>Clochette [fr]</i> - [Or] Pequenos ornamentos de forma cônica que se colocavam ordinariamente nos triglifos. Ver GOTA . 4. [Or] Diz-se também dos ornamentos em estilo chinês suspensos nos entablamentos e saliências dos capitéis e telhados arrebitados (REAL, 1962, p. 144).
CANAPÉ	[Mo] Móvel de descanso com assento longo, para estender o corpo, em palhinha ou estofado, possuindo braços e espaldar, para duas ou três pessoas (DAMASCENO, 1987, p. 14). No início do século XVIII designou-se este assento coletivo por banco preguiçeiro, espreguiceira, preguiçadeira, diferenciando-se depois do canapé, por apresentar o assento mais fundo. A nomenclatura só será mais clara no final de setecentos, embora (seja) confusa na documentação, a destrinça, entre estes dois móveis. ²²⁶
CANASTRA	[Ou] Espécie de caixa revestida de couro, ordinariamente com fechadura e duas argolas nas ilhargas. Utilizada em viagens, é atualmente nas igrejas usada para guardar objetos diversos (DAMASCENO, 1987, p. 14).
CANCELA	Ver TRANSENA .
CANCELO	1. [It] Nas igrejas, designa a grade nobre em balaústres torneados ou trabalhados em talha, intervalados e unidos por travessa, que separa a capela-mor do corpo da igreja e/ou o corpo da igreja dos altares laterais. São comuns designações mais simples como "grade de separação" e "balaustrada de separação". Aplica-se também a vedação que protege o

²²⁵ CONJUNTO... 2007, p. 175.

²²⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	batistério e que fecha o adro e o cemitério (TRINDADE, 1998, p. 384). Ver BALAUSTRADA . 2. [Rg] Ver EXPOSITÓRIO EUCARÍSTICO .
CANDEEIRO	[Ou] Aparelho fixo ou portátil de iluminação, alimentado a gás ou óleo, com camisa ou mecha e envolto por um bojo ou manga (ÁVILA, 1979, p. 133).
CANDEIA (de azeite ou óleo)	[Ou] Do latim <i>candula</i> (vela). Tipo de lâmpada de combustão de azeite ou óleo para iluminação artificial, dotado de pávio e recipiente em forma de vaso de ferro, latão ou cerâmica, que é abastecido com óleo ou querosene e que, geralmente, fica pendente das paredes (ÁVILA, 1979, p. 133). Geralmente possui uma haste serrilhada que se prende a uma peça de sustentação.
CANDELA <i>bugia [ing]</i> <i>palmtree [it]</i> <i>bougeoir pontifical [fr]</i>	[Ou] Castiçal portátil, geralmente de prata, baixo, composto por um prato com bocal central e uma empunhadura em forma de anel ou um cabo comprido, que poderá ser oco de forma a conter uma vela de reserva. Utilizada para iluminar os livros litúrgicos durante as funções pontificais, é reservada ao uso de cardeais, bispos, abades ou altos prelados, de quem podem apresentar as armas (THESAURUS, 2004, p. 132).
CANDELABRO	[Ou] Do latim <i>candelabrum</i> (castiçal). Castiçal grande, geralmente com ramificações, onde se colocam lâmpadas ou velas. É destinado a iluminar ambientes extensos (DAMASCENO, 1987, p. 14). Utensílio de luminária constituído por uma haste, mais ou menos alta, da qual partem dois ou mais braços providos de bocais e arandelas, destinados a igual número de velas. A haste assentada sobre uma base de forma circular, oval, quadrada, recortada ou poligonal, podendo ou não apresentar pés. A ligação entre a haste e os braços pode apresentar um elemento decorativo fixo ou um bocal. É por vezes designado pelo número de lumes que comporta, como, candelabro de seis lumes e, quando os braços se desenvolvem em elaborados movimentos de torção dispostos em vários níveis, pode também ocorrer a designação de serpentina (IMC, 2011, p. 74). Podendo ser candelabro de coro, candelabro de igreja, candelabro de trevas, candelabro funerário (THESAURUS, 2004, p. 34).
CANELADO	1. [Or] Objeto ou ornato que apresenta formas em caneluras ou sulcos em meia-cana (ÁVILA, 1979, p. 134). 2. [Ce] Tipo de decoração que consiste em pressionar, com a extremidade do dedo, a face interna do recipiente, em sentido perpendicular à borda, ocasionando caneluras salientes e alongadas na face oposta. ²²⁷ 3. [Or] Decoração semelhante às estrias, mas com nervuras convexas paralelas (QUEIMADO, 2007, p. 178).
CANELAR	[Tc] Talhar e esculpir canais ou estrias (TEIXEIRA, 1995, p. 30).

²²⁷ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcaovarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

acanalalar [esp]
to groove or flute [ing]
scanalare [it]
canneler [fr]

CANELEIRA Ver **CANELURA**.

CANELURA 1. [Tc] Sulco aberto como meia-cana, verticalmente, em colunas ou pilastras de retábulos. As *colunas* com caneluras ou estrias verticais são mais comuns nos retábulos do período Rococó (ÁVILA, 1979, p. 134). 2. [Ou] Moldura cilíndrica ou helicoidal, de perfil côncavo (IMC, 2011, p. 118).

acanaladura, estria [esp]
fluting, groove [ing]
scanalatura [it]
cannelure [fr]

CANGA [Ma] Minério de ferro, usado para alvenarias. Com ele foram feitas as paredes de muitas capelas e também das primeiras habitações do chamado Morro de Ouro Preto (ÁVILA, 1979, p. 30).

CANHESTRA (imagem) [Es] Diz-se das esculturas executadas sem destreza ou maestria, sem habilidades.

CÂNON 1. [Rg] Regra. Decisão de um concílio sobre questões de fé e disciplina religiosa. 2. [Ou] Catálogo dos santos conhecidos pela Igreja. Catálogo dos livros inspirados (Escrituras). 3. [Li] Orações e cerimônias essenciais da missa desde o prefácio até a comunhão (NUNES, 2008, p. 34).

CÂNONE [Es] O termo cânone deriva do grego *kanón*, usado para designar uma vara que servia de referência como unidade de medida, já na língua portuguesa o termo, significa regra, preceito ou norma. São as medidas e proporções humanas que correspondem a um tipo ideal e que, quando aplicadas, resultam numa harmonia perfeita entre as diferentes partes do corpo (INSTITUTO, 2004, p. 113). Segundo Elias (2015, 41-53) algumas classificações de cânones:

- **Egípcio** – apresenta como base uma diagramação construída a partir do cruzamento de linhas verticais e linhas horizontais que resultam numa malha quadriculada, tomada como base para a representação da figura humana. Essa malha trata de um modelo geométrico onde é representada a figura em linhas, que dão o aspecto de achatamento, sendo representada a partir de um eixo central. A representação é feita, voltada para a direita ou para a esquerda, não apresentando forma em profundidade, ou seja, em perspectiva. O cânone egípcio é caracterizado pelo recorte do corpo humano seguindo um quadriculado que serve de grade de reprodução.
 - **Vitruviano** – tem como base aspectos do sistema de medição romana que parte da utilização de unidades de medidas a partir das dimensões de parte do corpo, como pé, cotovelo, palma da mão, e admite a existência de uma pluralidade de valores canônicos em comparação com diferentes níveis usados na arquitetura. Os artistas do
-

Renascimento, com a exceção de Alberti, adotavam esse cânone ou o Canon Bizantino e em alguns casos tentam até conciliá-los. Nos estudos de Vitrúvius, sobre as proporções humanas, estão inseridos os padrões considerados perfeitos para a representação e para a relação entre as partes do corpo humano e suas variações. Leonardo Da Vinci trata então de estudar e reunir os conceitos de Vitrúvio, que resultaram no Homem Vitruviano que apresenta um modelo ideal para a representação do corpo humano. Nele as proporções são consideradas perfeitas a partir do ideal clássico de beleza. Ao tratar da representação da face para ele o rosto é a distância que vai da primeira raiz dos cabelos, sobre a testa, até o queixo, sendo $1/10$ da altura do corpo. No caso da cabeça ela é dimensionada pela distância entre o topo e o queixo, sendo $1/8$ da altura total. Ele faz também a descrição completa das medidas do corpo humano, o que leva a concluir que um homem com as pernas e braços abertos caberia perfeitamente dentro de um quadrado e de um círculo, (figuras geométricas perfeitas).

- **de Leonardo Da Vinci** – tenta conciliar Vitrúvius e o método modular, ou seja, refere-se ao método de frações comuns, sem rejeitar completamente a divisão do corpo em nove ou dez lados, isso reflete nas transformações orgânica do Canon levando em consideração o movimento e também como diferencial, além das características intrínsecas da idade, sexo e tipos sociais.
 - **Bizantino** – é um canon modular codificado que expressa o corpo com suas principais medidas. A face é dividida em três zonas, igual a um comprimento do nariz (compasso centralizado). Neste sistema o comprimento do corpo é dividido em oito partes que correspondem às articulações naturais. Trata de representar o corpo através da multiplicação de um módulo correspondente à do próprio módulo.
 - **de Alberti** – trata de um sistema chamado de *Exempeda* e expressa as principais medidas do corpo tomadas pela multiplicação de um módulo a partir de um instrumento chamado *Finitorium*, usado para determinar as medidas de seres humanos. Este instrumento consiste de um círculo graduado e uma longa escala graduada de seis metros, que pode ser deslocada conforme a intenção e nele podem ser apoiados a marca do raio, da extremidade do prumo, simples ou duplo. Neste sistema o comprimento do corpo é dividido em oito partes que correspondem às articulações naturais, enquanto que o nono é dividido pelas peças adicionais: por exemplo o solidéu (medido da parte da frente para a parte superior do crânio) e altura do joelho pé para o tornozelo, o qual se desloca ligeiramente em direção ao centro das partes genitais do corpo.
 - **de Cennini** – também é modular, ele divide o corpo humano em oito lados e dois terços. Trata do sistema que é caracterizado por dividir comprimentos presentes na face a partir de referências do estômago e
-

do umbigo, mantendo como centro de cálculo do corpo a púbis..

- **Científico** – é estabelecido por medições em seres vivos que corresponde ao desejado campo da antropometria moderna. Parte da análise dimensional da cabeça e sua relação com o resto do corpo. A cabeça é tomada como um módulo e deve estar contida sete vezes e meia na altura do corpo, determinando a configuração que recebe o nome de Canon Médio. Quando a cabeça está contida oito vezes na altura do corpo é denominada pelo nome de Canon Fino. No caso da dimensão da cabeça estar contida no número menor do que 7 vezes e meia a altura do corpo representado, denominamos como Canon Curto.

CANONICAL	[Rg] Relativo a cónegos (NUNES, 2008, p. 34).
CANÔNICO	[Rg] Relativo, conforme os cânones da Igreja (penas canônicas). Horas canônicas – Orações que os padres devem rezar diariamente, a certas horas. Direito canônico – O que regula a disciplina na Igreja (NUNES, 2008, p. 34).
CANONIZAR	[Rg] Inscrever no rol dos santos (NUNES, 2008, p. 34).
CANTARIA	1. [Ar] Obra de pedra aparelhada. Era geralmente usada nos elementos ou partes mais nobres das construções antigas (ÁVILA, 1979, p. 30). 2. [Pe] Pedra rija, esquadrada para construções. Pedra de cantaria que pode ser ou foi lavrada (NUNES, 2008, p. 34).
CANTEIRO	[At] O oficial ou mestre que lavra as pedras de cantaria ou o escultor que realiza obras com esse tipo de material (ÁVILA, 1979, p. 30).
CANTERBURY	[Mo] Estante móvel do estilo <i>regency</i> , na Inglaterra, e que apresenta divisões verticais para colocar pautas de música (QUEIMADO, 2007, p. 178).
CANTIL <i>guillame [esp]</i> <i>rabbit plane,</i> <i>tonguing-and-</i> <i>grooving plane [ing]</i> <i>sgorbia [it]</i> <i>bouvet,</i> <i>sorte de rabot [fr]</i>	1. [Eq] Instrumento de canteiro, para alisar pedras. 2. [Eq] Instrumento de carpinteiro, semelhante a uma plaina, para esquadriar tábuas a serem ajustadas pelos lados, com ranhuras e taleiras (TEIXEIRA, 1995, p. 31).
CANTO	[Pe] Pedra grande e aparelhada, geralmente para servir no cunhal de um edifício; esquadria de pedra (ÁVILA, 1979, p. 30).
CANTOCHÃO	[Li] Canto tradicional da Igreja, de uma só voz e cujo ritmo se funda na acentuação e nas divisões do fraseado. Canto liso. Canto litúrgico. É denominado canto gregoriano devido ao repertório ter sido coordenado e completado por São Gregório Magno. O cantochão é uma simples e igual

	prolação de notas, que não se pode aumentar nem diminuir. A música do cantochão escreve-se geralmente sobre uma pauta de quatro linhas.
CANTONEIRA	[Ce] Peça cerâmica utilizada como acabamento das arestas entre duas superfícies perpendiculares de azulejo. ²²⁸
CAPA <i>capa [esp]</i> <i>coat of paint [ing]</i> <i>cappa [it]</i> <i>cape [fr]</i>	[Tc] Camada. Demão de tinta dada sobre uma superfície (TEIXEIRA, 1995, p. 31).
CAPA DE ASPERGES	[In] Vestimenta eclesiástica, capa comprida de forma semicircular e acolchelada na parte frontal, usada, entre outras funções, nas aspersões dos fiéis. Também designada como <i>pluvial</i> , <i>capa pluvial</i> ou <i>capa magna</i> . Como veste litúrgica é conhecida desde o século IX, substituindo a casula, que passou a ser usada exclusivamente na missa (TRINDADE, 1998, p. 384).
CAPA MAGNA	[In] Capa de cerimónia, por vezes com cauda, formalmente semelhante ao pluvial. Pode ser ornamentada com arminho. É própria dos cardeais e bispos, bem como dos abades e abadessas. ²²⁹ O mesmo que capa de asperges.
CAPACETE	[In] Peça de armadura com copa oval, para proteger a cabeça. [Ab] Aparece geralmente como atributo de imagens do Arcanjo São Miguel e de santos militares ou guerreiros (DAMASCENO, 1987, p. 15).
CAPACITAÇÃO	[Ge] Fornecer instrumental de trabalho para determinadas áreas específicas através de conhecimentos teóricos e práticos. A capacitação pode se dar através de especialização e/ou habilitação. ²³⁰
CAPEADO	1. [Ge] Revestido, pavimentado. 2. [Ou] Trabalho de construção revestido de capeias (ÁVILA, 1979, p. 30).
CAPEIA	[Pe] Pedra grande destinada a revestimento da parte superior de paredes (ÁVILA, 1979, p. 30).
CAPELA	1. [Ig] Edifício religioso próprio ou qualquer outro recinto de mesmo fim, podendo ser de menores extensões, de pequeno porte, geralmente sem torres ou com apenas uma. Destina-se ao culto, tendo uso público ou privado. Para alguns estudiosos, do ponto de vista formal, não há

²²⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²²⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²³⁰ MUSEU de Astronomia e Ciências Afins – MAST/CNPq. Política de Preservação de Acervos Institucionais. Rio de Janeiro, 1995. p. 31

diferença entre capela e igreja. Ambas podem ter o mesmo tamanho, o mesmo número de altares, batistério e coro. A distinção entre ambas é de caráter administrativo, segundo o direito canônico. A capela é desprovida de padre, não sendo sede de paróquia e estando fora da jurisdição da diocese e, portanto da paróquia (TRINDADE, 1998, p. 384). Assinalam os etimologistas que a palavra se origina de *capsa*, caixa em que se guardavam os ossos e relíquias dos mártires, formando então, capela (do latim *capella*) para designar o local em que esta caixa ou cofre era guardado. Desse modo, em sua origem, designava o oratório, em que os fiéis se reuniam para cultivar a memória dos santos mártires, tendo presentes suas santas relíquias. Em sentido geral, designa hoje todo o edifício consagrado ao culto, ou seja, o oratório ou igreja particular, sendo, assim, as capelas *sub dio*, segundo a expressão dos canonistas, para indicar que são separadas ou desapegadas de qualquer Igreja. Do mesmo modo, dá-se idêntico nome para anotar os oratórios particulares ou domésticos, existentes no interior dos mosteiros, dos palácios, dos hospitais, os quais não se consideram propriamente igrejas, embora neles se possa rezar o Sacrifício da Missa. Na linguagem religiosa, também se chama de capela a parte da igreja onde há altar, e a ela os canonistas chamam de *sub tecto*, porque se encontra debaixo do mesmo teto da igreja. No Direito antigo, as capelas eram administradas por um Administrador ou Provedor. E quando instituídas, em regra, vêm com os encargos de rezar missa, ou resposos, ou distribuir esmolas, pela alma do doador, por certo tempo, ou como se tenha estabelecido (NUNES, 2008, p. 35-36). 2. [Ig] Na nomenclatura eclesiástica, são também chamadas de capelas quaisquer templos que não sejam igrejas matrizes. 3. [Ig] Recinto de uma igreja com um altar (ÁVILA, 1979, p. 30). 4. [Ou] Grupo de músicos que tocam ou cantam em igreja de capela. 5. [Ou] Coro litúrgico sem acompanhamento de instrumentos. **CAPELA ARDENTE/CÂMARA ARDENTE** – Sala em que se expõe o corpo de um finado, entre tochas. **CAPELA COLADA** – Capela com direito a benefício eclesiástico (TRINDADE, 1998, p. 385). **CAPELA CURADA** – Capela pertencente a uma determinada Cúria, que é o órgão centralizador das igrejas e paróquias de uma diocese (TRINDADE, 1998, p. 385). **CAPELA DO SANTÍSSIMO** – Nas igrejas são destinadas a abrigar o altar com o sacrário e a lâmpada do Santíssimo, que deve estar acesa dia e noite. Geralmente situada em local de destaque nas igrejas ou reservado do público em formato de capela interna, com acesso pela nave, denominada *capela funda*.²³¹ **CAPELA FILIAL** – Capela sob a jurisdição de uma igreja matriz (TRINDADE, 1998, p. 385). **CAPELA LATERAL** – Estrutura construída dos lados da nave. Tem como finalidade conter o altar ou retábulo lateral.²³² **CAPELA DE MISSA** – Lote de cinquenta missas celebradas do 1º dia do falecimento ao 50º dia

²³¹ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 56.

²³² CONJUNTO... 2007, p. 175.

do sepultamento (NUNES, 2008, p. 34). CAPELA-MOR – Capela principal, no interior das igrejas, onde se situa o retábulo-mor. Geralmente, é separada da nave por uma balaustrada, formando um espaço distinto do corpo do templo (TRINDADE, 1998, p. 384).	
---	--

CAPELÃO	[Rg] Em sentido amplo, capelão aplica-se para designar o eclesiástico ou padre, que serve, isto é, presta serviços religiosos, em uma capela ou em uma igreja, sem qualquer distinção de categoria. Desse modo, distingue-se do pároco, que tem a seu cargo a direção de toda uma paróquia na qual se compreendem todas as igrejas e capelas. O capelão é só de uma igreja ou só de uma capela (NUNES, 2008, p. 36).
----------------	--

CAPELO	[In] Capuz de frades. Espécie de murça, que os doutores põem sobre os ombros em ato solene. Chapéu cardinalício. Tomar capelo = obter grau de doutor em (NUNES, 2008, p. 36).
---------------	---

CAPILARIDADE	[De] Capilaridade é o fenômeno de atração e repulsão onde se observa o contato dos líquidos com um sólido fazendo com que esse líquido suba ou desça, conforme molhe ou não um material. A tendência dos líquidos subirem nos tubos capilares é chamada de capilaridade ou ação capilar, sendo isso consequência da tensão superficial. ²³³ Capacidade de um material tem de absorver naturalmente um líquido. Permite quantificar a impermeabilidade, quanto menor a capacidade, mais impermeável é o material.
---------------------	---

CAPITEL	[Ar] Geralmente esculpida, é a parte superior de uma coluna ou pilastra, que se eleva acima do fuste, ligando-o ao entablamento. A forma do capitel caracteriza a ordem arquitetônica a que pertence à coluna (DAMASCENO, 1987, p. 15). Em Minas Gerais, o tipo de capitel mais usado é o compósito, de adoção caracteristicamente barroca e resultante da associação de elementos decorativos dos capitéis jônico e coríntio (ÁVILA, 1979, p. 135). De acordo com Real (1962, p. 121-122), os capitéis são classificados como: <ul style="list-style-type: none"> • Capitel ático – é um capitel elegante, simples, sóbrio; • Capitel bizantino – decorado com motivos geométricos, em geral, pouco salientes e o ábaco em bisel; • Capitel compósito – aquele em que são empregadas as folhagens do coríntio e as volutas do jônico, sendo simétrico em todas as suas faces; • Capitel coríntio – caracterizado por ordens de folhas de acanto superpostas e alternadas com as volutas dos ângulos que suportam o ábaco; este não é mais quadrado, mas em curva côncava. Há uma grande variedade de capitéis coríntios, principalmente no período da
----------------	--

²³³ Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosINIC/INIC1653_01_O.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2018.

Renascença e em edifícios de estilo neoclássico;

- **Capitel de cunha** – o que no ângulo de uma pilastra faz volta em ângulo reto com o entablamento;
- **Capitel dórico** – de perfil sóbrio nos edifícios gregos, compõe-se de garganta, equino ou ovado e ábaco (bloco quadrado com moldura formada de um quarto de círculo). O dórico romano é mais enfeitado; foi acrescido com molduras e astrágalo;
- **Capitel egípcio** – tem como ornamento a flor de loto, figuras hieráticas, folhas como uma corola aberta;
- **Capitel indiano** – de ornamentação rica e variada, onde predominam grupos de figuras, animais, flores e frutos;
- **Capitel jónico** – caracterizado pelas volutas abaixo do ábaco. O jônico grego é mais delicado que o romano; este tem mais detalhes ornamentais;
- **Capitel mourisco** – de estilo árabe. Tem a forma de cubos unindo-se por meio de curvas à volta do fuste cilíndrico. Decorado com motivos geométricos;
- **Capitel ogival** – não atinge a importância dos do período clássico. É caracterizado pela ornamentação de folhagens inspiradas na flora local;
- **Capitel pérsico** – ornado de cabeças de cavalo, licorne e touro, sobre fuste cilíndrico com caneluras;
- **Capitel renascentista** – inspirado nos capiteis clássicos acrescido de maior ornamentação e mais abundantemente esculpido;
- **Capitel românico** – de grande riqueza ornamental, simbólica e instrutiva, porque historiava as cenas, os dogmas e os personagens do Antigo e Novo Testamento;
- **Capitel toscano** – variedade bastarda do dórico grego.

CAPÍTULO

chapitre [fr]

[Rg] Junta de religiosos; assembleia de dignidades eclesiásticas; lugar de reunião de CÓNEGOS ou frades em assembleia; colegiado (TRINDADE, 1998, p. 385).

CAPUZ

froc, aumusse, capuchon [fr]

[In] Cobertura para cabeça e geralmente presa à capa, ao hábito ou ao casacão (NUNES, 2008, p. 37).

CAQUESSEITÃO

[It] Rara tipologia de aquamanil representando um animal fantástico de corpo semelhante ao de um pato, integralmente coberto de escamas, com duas asas articuladas que se projetam de ambos os lados do corpo em direção à cauda e duas patas de ave. Apresenta cabeça de dragão com boca entreaberta para saída da água, ostentando entre os dentes uma pequena ave que poderá ser fixa ou móvel, funcionando neste caso como

	tampa. A cauda, imitando a de um peixe, é rematada por uma tampa através da qual se introduz a água. Asa articulada sobre o dorso. Tipologia característica do século XVII, de provável influência indo-portuguesa ou oriental. (IMC, 2011, p. 74). Ver AQUAMANIL.
CAQUETOIRE	[Mo] Cadeira de espaldar inclinado que surge na França durante o Renascimento (QUEIMADO, 2007, p. 178).
CARANTONHA	Ver CARRANCA .
CARAPETA	[Or] Espécie de pináculo usado como arremate de certas peças de mobiliário (DAMASCENO, 1987, p. 15).
CARAPINA	[At] Carpinteiro; oficial de carpintaria (ÁVILA, 1979, p. 31).
CARBONATAÇÃO	[Ou] Processo de formação do carbonato de cálcio atingido quando o hidróxido de cálcio reage com o dióxido de carbono do ar e desenvolve a sua cura e resistência (KANAN, 2008, p. 165).
CARBONATAÇÃO DE CHUMBO	[Ma] Forma característica de alteração do chumbo, que reage rapidamente com os vapores orgânicos (especialmente o ácido acético) da madeira para produzir o acetato de chumbo e, mais tarde, o carbonato de chumbo, branco, em detrimento do chumbo metálico. ²³⁴
CARBONATO BÁSICO DE CHUMBO	Ver BRANCO DE CHUMBO .
CARBONATO DE CÁLCIO <i>carbonato di calcio</i> <i>[it]</i>	1. [Ma] Fórmula: CaCO ₃ . Carga que compõe a base de preparação. De origem natural ou sintética. Quando usado como pigmento, é conhecido como branco de São João (<i>Bianco Sangiovanni[it]</i>). Está presente nas preparações de madeira dos países do norte da Europa, incluindo a pintura flamenga. Também é chamado de giz. ²³⁵
CARBONIZADO	[Dt] Que foi reduzido a carvão. É um processo químico de combustão incompleta de determinados sólidos quando submetidos ao calor elevado. O produto desta reação química é chamado de carvão. Pela ação do calor, a carbonização remove hidrogênio e oxigênio do sólido, de modo que a matéria restante é composta principalmente de carbono. Polímeros, como termofixos ou mais sólidos compostos orgânicos como madeira ou tecido biológico, são exemplos de materiais que podem ser carbonizados. Carbonização é o resultado de processos naturais como o fogo, mas também uma reação deliberada e controlada utilizada na fabricação de certos produtos. O mecanismo de carbonização é parte da queima normal de certos combustíveis sólidos tais como madeira. Durante a combustão normal, os compostos voláteis criados por carbonização e pirólise são

²³⁴ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/carbonatacion-del-plomo>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

²³⁵ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/carbonato-de-calcio>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

	consumidos para as chamas dentro do fogo, enquanto combustão de carvão pode ser visto como carvões de incandescência vermelhos ou brasas que queimam sem a presença de chamas. ²³⁶
--	---

CARBOPOL®	[Ma] Adesivo acrílico. Polímero de ácido acrílico. Vende-se sob a forma de um pó branco com um odor ligeiramente semelhante ao vinagre. É um produto ácido que, ao ser neutralizado, aumenta o seu poder espessante. Propriedades físico químicas: pH (solução diluída): 2.5 – 4 Aplicações: Utilizado em conjunto com a amina de coco para espessar meios alcalinos, facilitando a formação de géis. Precauções: Lavar as mãos após a sua utilização. Provoca lesões oculares e irritações cutâneas. Condições de armazenamento: Não guardar perto de fontes de calor. Deve ser armazenado em locais bem ventilados, devendo-se evitar a acumulação de pós nestes locais (PEIXOTO, 2012, p. 111).
------------------	--

CARBOXIMETILCELULOSE DE SÓDIO	[Ma] Adesivo. Celulose modificada. Pó branco que ao ser dissolvido forma um gel transparente. Éter de celulose, aniônico, que forma soluções homogêneas de diversas viscosidades. Com CMC é possível obter viscosidades maiores do que com metilcelulose. Sob condições normais, o efeito da temperatura sobre a viscosidade é reversível. As soluções de CMC podem ser aquecidas a 100 °C, sem ocorrer degradação do produto. As soluções de CMC apresentam máxima viscosidade e melhor estabilidade na faixa de pH de 7 a 9. CMC é compatível com inúmeros polímeros solúveis em água (caseína, gelatina, amido, goma arábica, hidroxietilcelulose e álcool polivinílico), com plastificantes solúveis em água (glicerina, etanolaminas, etilenoglicol), com polímeros de látex (acetato de polivinila, poliestireno, copolímero de butadieno). O aumento da temperatura de uma solução de CMC diminui sua viscosidade. Solúvel em água fria ou quente. A elevação da temperatura aumenta a solubilidade. É utilizado como encolante e consolidante em conservação-restauração de documentos, fotografias, encadernações e em faceamentos. Na retirada de reentelamentos, na remoção de colas e manchas. Produto fisiologicamente inerte. Sinonímia: CMC, Carboximetilcelulose (ABRACOR, 2011, p. 27).
--------------------------------------	--

CARDA	[Eq] Plana de puas metálicas (TEIXIDO I CAMI, 1997).
--------------	--

CARDOS	[Or] Representação decorativa de uma planta com o mesmo nome, constituída por folhas espinhosas (IMC, 2011, p. 118).
---------------	--

CARENADO	[Ce] Forma de bojo que se apresenta com um ângulo agudo na parte central do vaso. É uma característica da cerâmica pintada Tupi-guarani. ²³⁷
-----------------	---

CARGA <i>carica [it]</i>	[Ma] Material adicionado a um aglutinante ou uma mistura de pigmentos e aglutinante, cuja função é aumentar o volume, a viscosidade e atuar na
------------------------------------	--

²³⁶ Disponível em: <<https://educalingo.com/pt/dic-pt/carbonizacao>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

²³⁷ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcoavarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>charge</i> [fr]	opacidade do todo (LANGLE; CURIE, 2009, p. 886). Material inerte que, quando usado com cola, serve para nivelar a superfície da madeira. Pode ser acrescido de pigmento ou não (TEIXEIRA, 1995, p. 31). Material em pó que se torna incolor ou quase incolor nas tintas, pigmento inerte ou enchimento inerte. Pigmento branco ou quase branco que possui baixos índices de refração e, quando misturado à tinta, possui pouca ou nenhuma opacidade ou efeito tintorial. Usado como elemento barateador de preço, e para fornecer às tintas a óleo várias propriedades tais como volume, reforço da película, rigidez, etc. Quando misturado com aglutinantes aquosos, são menos transparentes, e em alguns casos, como na mistura de gesso-crê (essencialmente carbonato de cálcio) e cola, muitos deles produzem revestimentos brilhantes, brancos e adequadamente opacos (SERRATE, 2011, p. 7).
CARGOS RELIGIOSOS	[Rg] Dignatária – Arcebispo, acólito, bispo, cônego, cura, prior, primaz, chantre, deão, diácono, vigário, presbítero, coadjutor, provedor, arcediágo, arcepestre, frade, pároco, capitular, monsenhor, vigário colado, provedor, familiar, clero, vigário encomendado, visitador, visita <i>ad limina</i> (NUNES, 2008, p. 14).
CARIÁTIDE	[Es] Do plural grego <i>karyátides</i> , do singular <i>karyátis</i> = as mulheres da cidade de Karyai ou Karya, na Lacônia. Figura de mulher, de corpo inteiro ou meio-corpo, sobre a qual assenta uma cornija ou arquitrave. Pode-se falar em cariátides com relação às figuras das sílfides ou sereias que ornamentam os púlpitos da Matriz de Sabará em Minas Gerais (ÁVILA, 1979, p. 135). Variação feminina do atlante, exercendo, geralmente, a função de sustentar elementos arquitetônicos ou decorativos (DAMASCENO, 1987, p. 15). Na função de coluna, a parte inferior do corpo pode ter a forma de pedestal. ²³⁸
CARIDADE	[Ic] A terceira das três virtudes teológicas. Amor de Deus e do próximo. Compaixão, beneficência, esmola (NUNES, 2008, p. 37).
CARIMBADO	[Ce] Tipo de decoração em que se imprime, na pasta úmida, a marca de um instrumento: concha, taquara, cartucho de bala, botão etc. ²³⁹
CARMIM	Ver LACA VERMELHA (Cochonilha, laca carmim).
CARNAÇÃO <i>carnación,</i> <i>encarnaciones</i> [esp] <i>flesh color</i> [ing] <i>carnagione,</i> <i>carnato</i> [it] <i>carnation</i> [fr]	[Po] Pintura cor de carne, ou cor da pele aplicada na parte desnuda do corpo das imagens. Nesse processo, a pintura era geralmente feita a óleo e polida (ÁVILA, 1979, p. 135). Técnica que visa imitar o aspecto da pele, A policromia da carnação era feita geralmente a óleo ou em têmpera oleosa, composta por várias camadas sobrepostas formuladas com pigmentos brancos, como o branco de chumbo, conhecido também como

²³⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²³⁹ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	alvaiade, para conferir luminosidade; o vermelhão, sulfeto de mercúrio, um vermelho puro, brilhante e com boa cobertura, para dar o colorido, ambos distribuídos em muitas camadas, que proporciona o aspecto rosado da pele e tons amarelos e azulados em regiões da barba e veias (MORESI, 1994, p.133-138).
--	--

CARNADURA <i>carnadura [esp]</i> <i>fleshy part of the body [ing]</i> <i>carnagione [it]</i> <i>charnure [fr]</i>	[Es] Modo de representação do modelado escultórico (TEIXEIRA, 1995, p. 31).
--	---

CARNES <i>las carnes [esp]</i> <i>flesh parts [ing]</i> <i>carnagione [it]</i> <i>chairs [fr]</i>	[Es] Na escultura, são as formas carnosas ou, também, as diferentes cores da pele humana e dos animais (TEIXEIRA, 1995, p. 31). Ver CARNAÇÃO .
--	---

CARPINTEIRO <i>carpinteiro [esp]</i> <i>a carpenter [ing]</i> <i>carpentiere [it]</i> <i>charpentier [fr]</i>	[At] O artesão ou oficial que trabalha com obras grosseiras de madeira, em construções ou outros fins. Existem diferentes classes de carpinteiro: de casas, de assemblagem, de machado, etc. (TEIXEIRA, 1995, p. 31).
--	---

CARRANCA <i>mascaron, mufla [fr]</i>	[Es] Elemento decorativo formado por cabeça ou cara disforme, humana, animal ou híbrida, usada como ornamento, de pedra, madeira ou metal com que se ornam bicas de chafariz ou lavabos, retábulos, argolas, ou aldras de portas, etc., sendo mais comuns, no entanto, as carrancas em pedra de chafarizes (ÁVILA, 1979, p. 135). Também se dá a mesma designação à peça de ferro que segura a vidraça ou veneziana para que não bata (REAL, 1962, p. 125). Ver MASCARÃO .
--	---

CÁRTAMO	[Ma] Corante orgânico de origem natural vegetal e de cor vermelho-claro. Utilizado na Antiguidade no Oriente para preparar pigmentos e como tinta para tecidos (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 83).
----------------	--

CARTAS DE FLANDRES	[Ou] Denominava-se antigamente pelo nome de <i>carta</i> o papel contendo impressão de estampas ou imagens religiosas. A expressão <i>Cartas de Flandres</i> se referia às gravuras religiosas provenientes dos chamados Países Baixos (ÁVILA, 1979, p. 135).
---------------------------	---

CARTAS PATRIMONIAIS	[Do] Conjunto de documentos, produzidos e subscritos por especialistas e entidades nacionais e internacionais, com o objetivo de nortear as intervenções no patrimônio cultural e natural. ²⁴⁰
----------------------------	---

²⁴⁰ Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

CARTELA	[Or] Ornamento liso com o contorno em forma de escudo, de moldura ou de uma folha de pergaminho com os cantos enrolados (IMC, 2011, p. 118), colocada no meio de um friso ou um pedestal, para se gravar uma inscrição ou para ornato (ÁVILA, 1979, p. 135), que pode conter uma legenda ou um elemento escultórico. Placa de forma decorativa, muitas vezes rodeada de arabescos, utilizada para inscrever símbolos heráldicos (QUEIMADO, 2007, p. 178). Ornamentação baseada na representação de uma superfície lisa, emoldurada e aplicada sobre um fundo, destinada a receber uma inscrição, um monograma, uma decoração. Pode apresentar a forma de uma pele seca de animal cujas margens surgem enroladas sobre si, dobradas, arredondadas ou cortadas. ²⁴¹ Ver TARJA.
CÁRTULA	[Or] Ornato simulando uma folha de papel ou de pergaminho enrolada nas extremidades, com espaço para legenda (NUNES, 2008, p. 37).
CARTUXA	[Rg] Ordem religiosa contemplativa fundada por São Bruno.
CARVÃO <i>carboncino [it]</i>	[Ma] Resíduo obtido pela carbonização da madeira (vegetal) ou de ossos (animal), que pode servir como material riscador, ou de pigmento negro. ²⁴² Material usado para esboços e desenhos preparatórios, obtido pela carbonização de pauzinhos da madeira. É composto por 80% de carbono, 10% de substâncias voláteis, 5% de cinza e os restante 5% de umidade. É quimicamente estável e inerte, e a sua cor não envelhece, mas só se segura muito fracamente sobre as fibras do suporte e tende a desaparecer, se esfregado. ²⁴³ CARVÃO VEGETAL – [Ma] Usado como pigmento e para fazer marcações do <i>pastíglia</i> (TEIXEIRA, 1995, p. 31).
CASA DOS CAIXÕES	[Ig] Dependência anexa a uma construção religiosa, geralmente junto à sacristia, e destinada a armários para guarda de apetrechos do culto ou documentos (ÁVILA, 1979, p. 31).
CASEÍNA <i>caseina [it]</i> <i>caséine [fr]</i>	[Ma] Substância proteica que se encontra no leite dos mamíferos sob a forma de dispersão coloidal, utiliza-se em solução alcalina como cola, obtida a partir do leite coalhado. É usada como aglutinante para a têmpera e na preparação dos quadros de grande dimensão. ²⁴⁴ É uma fosfoproteína contida no leite em forma de um sal cálcico em dispersão coloidal. É possível extraí-la desnatando-se o leite, aquecendo a 35°C e provocando a floculação da proteína por meio de ácidos com pH 4,8. Posteriormente, a substância obtida é lavada com o mesmo ácido e é

²⁴¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²⁴² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²⁴³ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

²⁴⁴ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

	deixada secar. A caseína que se elabora com este procedimento não é solúvel em água, e para que possa ser empregada, deve transformar-se em outra substância solúvel chamada <i>caseinato</i> . A transformação se faz reagindo a caseína com álcalis, reação que é possível porque os ácidos carboxílicos livres da caseína são preponderantes com respeito a grupos aminos básicos. Os caseinatos mais utilizados são os de amônio e caseinato de cálcio. As propriedades fundamentais da caseína são sua rapidez de secagem e formação de uma película mate (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 122-123).
--	---

CASEINATO DE CÁLCIO	[Ma] Produto formado pela reação da caseína (proteína do leite) com o óxido de cálcio (cal). Ele tem sido usado como um adesivo insolúvel para a água na transferência de pinturas murais na tela. ²⁴⁵
----------------------------	---

CASTANHO	[Md] Madeira da árvore <i>Castanea sativa</i> , de cor ocre avermelhada. ²⁴⁶
-----------------	---

CASTÃO	[Or] Ornato na parte superior de bengalas e bastões. ²⁴⁷
---------------	---

CASTIÇAL	<p>[Es] Objeto de iluminação. De provável origem latina da palavra <i>cannicistal</i> – utensílio com a função de suportar uma vela ou um círio. É constituído por uma haste, mais ou menos alta, assentada sobre uma base de forma circular, oval, quadrada, recortada ou poligonal, podendo ou não apresentar pés. Na extremidade superior apresenta o bocal e a arandela, fixa ou móvel. A sua altura pode variar bastante ao ponto de apresentar uma estrutura sem haste, em que o bocal apoia diretamente sobre a base ou tendo por vezes, de permeio, apenas um pequeno nó. Aos pequenos castiçais dá-se o nome de <i>bugia</i>. De acordo com a sua tipologia recebe uma designação complementar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • de saia – caracteriza-se por apresentar uma base de perfil côncavo contínuo, semelhante a uma saia espraçada, por vezes com ligeira torção espiralada. É também conhecido por <i>castiçal de trombeta</i>. Tipologia muito característica da ourivesaria portuguesa setecentista (IMC, 2011, p. 76). • de palmatória, ver PALMATÓRIA. <p>Nas principais igrejas mineiras do período colonial, os castiçais eram geralmente de prata ou de madeira entalhada, pintada, dourada ou policromada (TRINDADE, 1998, p. 385). Ver ARANDELA e CACHIMBO.</p>
-----------------	--

CASULA	[In] Paramento litúrgico usado pelo celebrante sobre a alva e a estola. É
---------------	---

²⁴⁵ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/caseinato-de-calcio>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

²⁴⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²⁴⁷ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=cast%C3%A3o>>. Acesso em : 08 nov. 2018.

formada de duas partes, unidas à altura dos ombros, caindo para o peito e para as costas, sem costuras laterais. Geralmente apresenta uma cruz bordada na face posterior. É originária de um manto que envolvia todo o corpo, descendo até os tornozelos, tendo somente abertura para a cabeça (TRINDADE, 1998, p. 385). Sua cor deve ser condizente com o ciclo litúrgico (DAMASCENO, 1987, p. 16). Com forma variável através dos tempos, desde as casulas góticas amplas e maleáveis às peças inteiriças e de recorte pronunciado. Executada em tecido (s), ornamentada com bordados e galões, é a peça liturgicamente mais importante, especificamente destinada à celebração da Eucarística. É envergada apenas pelo celebrante, exceto no caso de se encontrarem presentes vários bispos ou noutra circunstância muito específica. Este fato explica a presença de várias casulas iguais em certos paramentos, quando normalmente só surge uma.²⁴⁸

CATAFALCO

[It] Estrado alto coberto de crepe sobre o qual se coloca o féretro ou representação de um esquife. O mesmo que *essa* (NUNES, 2008, p. 37).

CATALISADOR

catalizzatore [it]

[Ma] Substância que tem a capacidade de modificar a velocidade de uma reação química.²⁴⁹

CATALOGAÇÃO

[Mu] É a descrição normalizada de cada bem cultural do acervo, mediante dados contidos, em geral, no próprio bem cultural, objetivando ordená-los de tal modo que possam ser localizados e usados para consulta, empréstimo, exposição, referência, etc.²⁵⁰ Em Documentação Museológica são os procedimentos padronizados, a partir de sua normalização, que visam identificar e descrever um objeto/documento museológico. Existem vários procedimentos de catalogação que, além de mapear as informações sobre o objeto em si, vão desde sua situação jurídica até a descrição de sua materialidade, além de focar na trajetória museológica do objeto. Todas as disciplinas que praticam a gestão de informação, tais como a arquivologia e a biblioteconomia também utilizam o recurso da catalogação com sentidos próximos, mas não idênticos (ACAM PORTINARI, 2010, p. 102). Instrumento de pesquisa organizado segundo critérios temáticos, cronológicos, onomásticos ou toponímicos, reunindo a descrição individualizada de documentos pertencentes a um ou mais fundos de forma sumária ou analítica.²⁵¹

CÁTEDRA

[Mo] No gótico é o assento para as pessoas mais ilustres, que pode ser coberto por um baldaquino. É a cadeira episcopal no coro de uma

²⁴⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²⁴⁹ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

²⁵⁰ MUSEU de Astronomia, 1995, p. 31.

²⁵¹ Disponível em: <<http://www.arquivos.uff.br/index.php/glossario-de-terminologia-arquivistica>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

	catedral, ou a cadeira elevada a partir de onde alguém faz um discurso (QUEIMADO, 2007, p. 178). Antigamente colocada no fundo da abside (NUNES, 2008, p. 37).
CATEDRAL <i>cathédrale [fr]</i>	[Ig] Igreja episcopal de uma diocese (REAL, 1962, p. 131).
CATEQUIZAÇÃO	[Rg] Instrução sobre princípios da doutrina cristã e dos mistérios da fé (TRINDADE, 1998, p. 385).
CATRE DE BILRO	[Mo] O termo catre origina-se do termo indu <i>catle</i> . Cama de pouca largura, com ou sem varais para dossel, usada no século XVII e XVIII, sendo os pés, varais e cabeceira torneados em bolachas e bulbos, daí o nome de <i>bilro</i> , à vezes com algum entalhe na cabeceira. Há um exemplar no museu do Ouro em Sabará, MG, proveniente do povoado de Catas Altas do Mato Dentro. ²⁵²
CAUDA DE ANDORINHA	[Tc] Peças de madeira embutidas nas juntas de duas tábuas com o intuito de uni-las, e formam dois triângulos com vértice oposto (QUEIMADO, 2007, p. 178).
CAULIM	[Ma] Fórmula: $Al_2O_3 \cdot 2SiO_2 \cdot 2H_2O$. Silicato de alumínio hidratado. Argila branca ou branco-amarelada e muito pura. Massa terrosa ou pó branco, semitransparente, finamente dividido e homogêneo. Não abrasivo, de baixo índice de dureza. Quimicamente inerte, não é afetado por ácidos fortes ou alcalis. Insolúvel em água. Usada na preparação de base de pinturas. Misturado em colas para nivelamentos de áreas de perdas de policromia. Misturado com cera para fabricação de porcelana e papel. Usado também como base nos douramentos (ABRACOR, 2011, p. 144).
CAURI	[Or] Concha ou búzios. Usados na ornamentação de oratórios. [Bi] Molusco gastrópode, encontrado nas regiões tropicais dos oceanos Índico e Pacífico, cuja concha foi usada no passado como moeda, na África e na Ásia; também chamados <i>cauril</i> e <i>caurim</i> . ²⁵³
CAVALETE	[Eq] Banco de escultor com plataforma giratória (TEIXIDO I CAMI, 1997).
CAVALETE DE ANDAIME	[Eq] Peça com degraus, de tábuas atravessadas, usada para trabalhar em lugares elevados (TEIXEIRA, 1995, p. 32).
CAVALINHA ou	[Bo] O seu nome é de origem latina, composto por “equi” (cavalo) e

²⁵² GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 60.

²⁵³ Disponível em:
<<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=CAURI%20>>.
Acesso em: 08 nov. 2018.

RABO DE CAVALO <i>prêle [fr]</i>	“setum” (cauda), ou seja, rabo de cavalo. São plantas vasculares, perfazendo cerca de 16 espécies de plantas do género Equisetum. A haste dessa planta cuja rugosidade semelhante grãos de areia serve para alisar e polir a madeira e até mesmo o metal. Alguns escultores usam-na em modelos de terracota para dar aspereza em certas superfícies (REAL, 1962, p. 131). Usada para lixar a base de preparação, dando-lhe textura com nuances originais da madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 32).
CAVEIRA	1. [Ic] Na simbologia ornamental religiosa, a caveira representa a morte. 2. [Ab] Aparece como atributo nas imagens de São Francisco de Assis, que geralmente a traz numa das mãos (ÁVILA, 1979, p. 135), e também de outros santos.
CAVILHA <i>clavija,</i> <i>enclavijadura [esp]</i> <i>peg [ing]</i> <i>caviglia [it]</i> <i>cheville, goujon [fr]</i>	[Eq] Haste de madeira ou metal, redonda ou cônica, utilizada com as mesmas funções do prego, com cabeça numa extremidade e geralmente fenda na outra, destinada a unir ou segurar presa por uma chaveta, peças de madeira ou outro material (ÁVILA, 1979, p. 31). Pode ser introduzida num orifício com cola (QUEIMADO, 2007, p. 178).
CAVILHAR <i>enclavijar [esp]</i> <i>to fasten</i> <i>with a peg [ing]</i> <i>incavicchiare [it]</i> <i>cheviller, joindre [fr]</i>	[Tc] Pregar cavilhas (TEIXEIRA, 1995, p. 32).
CECOR	[Og] Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais é um órgão complementar da Escola de Belas Artes da UFMG constituído para apoiar e desenvolver ensino, extensão e pesquisa na área de conservação e restauração de obras artísticas e culturais. Nos ateliês e laboratórios do Cecor inúmeros bens do patrimônio artístico e histórico nacional são constantemente conservados e restaurados, por meio de convênios institucionais, projetos acadêmicos e prestações de serviços. A atuação do Cecor enfatiza a recuperação de documentos, esculturas, fotografias, livros, obras em papel e pinturas; bem como, a conservação preventiva, documentação e análise técnica de obras de arte e de objetos culturais. Atualmente, a infraestrutura instalada no Cecor permite viabilizar o Curso de Graduação em Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes da UFMG que, desde a década de 1980, vem contribuindo para qualificar profissionais de nível superior para atuarem na área de conservação e restauração. Além disso, o Cecor apoia atividades avançadas de ensino, extensão e pesquisa relacionadas aos cursos de Pós-Graduação, sediados no Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes na linha de pesquisa Preservação do Patrimônio Cultural. ²⁵⁴

²⁵⁴ Disponível em: <<https://www.eba.ufmg.br/cecor/cecor.html>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

CECI

[Og] Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada. É uma pessoa jurídica de direito privado, uma associação de fins não econômicos. Já foi declarada OSCIP - Organização Social de Interesse Público pelo Ministério da Justiça. Tem a sua sede em Olinda – Pernambuco. Tem como missão desenvolver a consciência, o conhecimento e a prática social da conservação integrada do patrimônio cultural e ambiental nas cidades, dentro da perspectiva do desenvolvimento sustentável. Suas atividades são dirigidas para a comunidade técnica e acadêmica brasileira e internacional. Promove cursos especializados, desenvolve pesquisas e disseminar a abordagem da conservação integrada e a proteção do patrimônio cultural construído; promove conferências, seminários e encontros de especialistas e acadêmicos.²⁵⁵

CEDRO

cedro [esp]
cedro [it]
cèdre [fr]

[Bo] *Cedrela* sp da família *Meliaceae*. O gênero *Cedrela* no Brasil é representado por várias espécies, sendo, porém, 3 as principais: *Cedrela Odorata* L., comum na floresta amazônica, em terra firme em várzeas altas, estendendo-se até o norte do estado do Espírito Santo; *Cedrela Angustifolia* S. & Moc. Em florestas úmidas da região costeira, desde o Estado do Espírito Santo até o sul do país e *Cedrela Fissilis* Vell., em matas do interior, desde o Estado de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul. Uma das mais importantes madeiras do país, dependendo da cor castanha que as caracteriza ser mais ou menos acentuada, pode receber o nome de cedro-rosa, cedro vermelho, cedro branco, dependendo da cor castanha que as caracteriza ser mais ou menos acentuada (QUITES, 2006, p. 260). Tipo de madeira muito utilizada na escultura colonial brasileira. Leve, de cerne variando do bege-rosado-escuro ou castanho-claro-rosado, mais ou menos intenso, até ao castanho-avermelhado. Tem a textura grossa e grã direita ou ligeiramente ondulada, a superfície é lustrosa com reflexos dourados e o gosto amargo (TEIXEIRA, 1995, p. 32).

CEIB

[Og] Centro de Estudos da Imaginária Brasileira. O CEIB foi oficialmente fundado em reunião realizada a 29 de outubro de 1996, no Museu Mineiro de Belo Horizonte, e desde então vem recebendo o apoio entusiasta de profissionais de variados setores e de pessoas interessadas no tema de um modo geral, incluindo colecionadores e estudantes. Uma organização de caráter independente de instituições e sem fins lucrativos, sua sobrevivência depende exclusivamente de iniciativas, apoios particulares e do trabalho voluntário de seus membros. A criação do CEIB, é a realização de uma necessidade que há muito se fazia sentir, veio reunir em uma associação interdisciplinar, pesquisadores focados no estudo e análise das imagens sacras, tanto as que se conservam em seus locais de origem nas igrejas e instituições religiosas, quanto as que integram acervos de museus e coleções particulares brasileiras. O centro de estudos já produziu mais de 60 boletins quadrimestrais, 07 revistas

²⁵⁵ Disponível em: <<http://www.ceci-br.org/ceci/>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

	Bianuais e 08 congressos sendo: o I e II Congressos em Mariana, MG(1998 e 2001); o III e IV em São João del Rei, MG(2003 e 2005), o V em Vitória, ES (2007); o VI em Rio de Janeiro, RJ(2009); o VII em Ouro Preto, MG, o VIII em Pium, Parnamirim, RN(2013); o IX em São Paulo, SP(2015), e o X em Salvador, BA(2017). ²⁵⁶
--	--

CELULOSE <i>cellulosa [it]</i>	[Ma] Complexo de hidratos e carbono. Polímero natural estrutural encontrado nos vegetais e constitui a substância de sustentação das paredes celulares das plantas (cerca de 33% do peso da planta), em combinação com a lignina, hemicelulose e pectina e não é digerível pelo homem, constituindo uma fibra dietética. A celulose tem uma estrutura linear, fibrosa e úmida, na qual se estabelecem múltiplas ligações de hidrogênio, fazendo-as impenetráveis à água e, portanto, insolúveis, originando fibras compactas que constituem a parede celular dos vegetais (FÉLIX, 2013, p. 102). Quimicamente é um polissacarídeo pertencente à classe dos carboidratos, cujo monômero é constituído por glucose. É insolúvel em água e na maior parte dos solventes orgânicos. ²⁵⁷ É constituída pela polimerização da celobiose, substância branca, fibrosa, usada na fabricação do papel. ²⁵⁸
--	--

CENA <i>scène [fr]</i>	[Ic] Representação de vários personagens relacionados uns aos outros por um episódio, um evento histórico ou uma história de ordem literária, religiosa, lendária ou imaginária (LANGLE; CURIE, 2009, p. 87).
----------------------------------	---

CENDAL	[In] Veste usada por Jesus Cristo na crucificação e que se resume a uma faixa estreita de pano que envolve o corpo abaixo da cintura. Sinônimo de <i>perizônio</i> , do latim <i>perisonium</i> . ²⁵⁹
---------------	--

CENOTÁFIO <i>[ing] cenotaph</i> <i>[it] cenotafio</i> <i>[fr] cénotaphe</i>	[Ou] Túmulo honorífico. Monumento funerário erigido em memória de um morto, mas sem conter o corpo. Distingue-se do túmulo, por estar vazio (THESAURUS, 2004, p. 40).
---	---

CEPILHAR	Ver ACEPILHAR .
-----------------	------------------------

CEPILHO <i>cepillo, garlopa, cincel</i> <i>dentado [esp]</i> <i>smoll carpenter's</i> <i>plane [ing]</i> <i>barlotta, pialla [it]</i>	[Eq] Instrumento de marcenaria para alisar e aplainar madeiras. É uma plaina pequena ou rabote, espécie de escopro ou gradim largo (TEIXEIRA, 1995, p. 32). Ver GARLOPA.
---	--

²⁵⁶ Disponível em: <<http://www.ceib.org.br/apresenta.html>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

²⁵⁷ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

²⁵⁸ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

²⁵⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

riflard [fr]

CEPO

wood block [ing]
ceppo [it]
tronc d'un arbre
coupé, souche [fr]

[Eq] Tronco de madeira cortado da árvore que serve para vários fins, inclusive a confecção de esculturas. [Es] Diz-se também da escultura sem feito, deselegante (TEIXEIRA, 1995, p. 33).'

CERCEAR

recortar [esp]
to clip, to shave,
to trim [ing]
ritagliare [it]
rogner, retrancher,
diminuer [fr]

[Tc] Cortar rente ou pela raiz (TEIXEIRA, 1995, p. 33).

CERA

cera [esp]
cire [fr]

[Ma] Muitos compostos alifáticos possuem um número suficiente de átomos de carbono que determinam um estado de agregação semissólido e dão a eles uma aparência cerosa. Do ponto de vista químico, o termo *ceras* se designa a uma família específica de compostos naturais formados por uma mistura de numerosas substâncias, entre as quais prevalecem alguns ésteres de ácidos graxos saturados, alguns monoálcoois também saturados e com um elevado número de átomos de carbono (14-33) e, em quantidades menores, ácidos graxos livres. Tratando-se de misturas de substâncias quase que completamente saturadas, as ceras naturais não sofrem oxidação nem polimerização, como ocorre com os óleos, mas mostram uma notável inércia com respeito a qualquer tipo de alteração química (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 244). Substância natural ou sintética alto peso molecular. São sólidos insolúveis em água e solúveis em solventes orgânicos. Têm um baixo ponto de fusão (geralmente inferior a 100 °C), são repelentes à água e mostram uma inércia notável às alterações químicas. São classificadas de acordo com sua origem em: *ceras naturais* e *ceras sintéticas*. Nas técnicas artísticas foram utilizadas ceras naturais (principalmente cera de abelha) desde a Antiguidade como aglutinantes da pintura encáustica. Também eram usadas como espessantes em tintas a óleo, como aditivos de verniz mate, embora de forma muito limitada, bem como na fabricação de mármore artificiais para iluminar sua superfície. Normalmente, o termo *cera* também é aplicado a algumas substâncias de aparência cerosa, embora elas não tenham ésteres de ácidos graxos em sua composição, como cera japonesa, parafina, ceresina ou cera microcristalina.²⁶⁰

CERA DE ABELHA

cire d'abeille [fr]

[Ma] Cera produzida pela abelha *Apis Mellifica*, sendo refinada pela fusão e filtração dos favos ou por extração sobre pressão. A cera de abelha ou cera virgem é amorfa, pegajosa, brilhosa e razoavelmente

²⁶⁰ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1188757>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

quebradiça. Odor característico de mel, gosto aromático, é um produto de consistência plástica, enquanto quente ou quando amassada com as mãos. Variedade de textura e cores, indo do amarelo claro ao escuro, do esverdeado ao marrom-esverdeado. As cores claras são usadas diretamente em qualquer caso; as escuras são clarificadas à base de substâncias terrosas ou carvão vegetal. A cera virgem branca (cera branca) é mais pesada e quebradiça, porém de forma regular. É composta de palmitato de miricila, ácidos ceróticos e homólogos, com pequenas quantidades de hidrocarbonetos, ésteres de colesterol e álcoois cerílicos. Contém, também, pólen e própolis (cola de abelha) responsáveis pela coloração. A cera de abelha é encontrada nas gradações crua, clarificada ou não clarificada, em pedaços ou blocos, em escamas, lâminas ou esferas. É facilmente saponificada com álcalis. É permeável ao vapor de água. É utilizada como adesivo em reentelamento e faceamento. Como consolidante e fixador de película pictórica. Como agente de cobertura em pintura, para dar acabamento e amaciamento em couros, inclusive em encadernações e em madeiras. Tradicionalmente usada com *medium* em encáustica. (ABRACOR, 2011, p. 29). Muito fusível (63/64 °C), com densidade próxima da água, muito maleável e solúvel em gorduras. Sua coloração varia conforme o tipo de abelha e a vegetação ao redor da colmeia. A cera é uma substância oleosa, que se solidifica em forma de lâminas delgadas, quase transparentes. Sua composição é de natureza lipídica, basicamente ácidos graxos. A cera tem uma estrutura cristalina granular, onde a cristalização depende da temperatura. A sua particularidade são que suas características físicas são estáveis.²⁶¹ Sinonímia: cera virgem, cera flava (amarelada), cera alba (branca).

**CERA DE
CARNAÚBA**

cire de carnauba [fr]

[Ma] É uma cera obtida das folhas da palmeira Copernicia prunifera, uma planta nativa do Brasil, que cresce somente nos estados do CE, PI, e RN. Tem um ponto de fusão muito maior que outras ceras (78 °C), além de ser extremamente dura. Isso faz com que seja ideal para criar coberturas extremamente fortes para pisos, automóveis, entre outros. Não é facilmente solúvel. A água não pode romper uma camada de cera de carnaúba, apenas outros solventes o podem em combinação com calor. Possui alta durabilidade.²⁶²

**CERA
MICROCRISTALINA**

[Ma] Cera Sintética. Adesivo/consolidante. Cera opalescente derivada do petróleo. Cera mineral flexível, com grande poder de aderência plástica devido à estrutura microcristalina. Resistente à umidade e ácidos. Formada a partir de hidrocarbonetos saturados de cadeia longa, contendo entre 40 a 60 átomos de carbono, ciclohexanonas e metil-ciclohexanonas unidas em cadeia por reação com formaldeído. Apresenta diversas colorações: branca, amarela, âmbar, marrom e preta. Propriedades físico-

²⁶¹ Disponível em: <<https://www.ebah.com.br/content/ABAAAAmxEAI/cerade-abelhas>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²⁶² Disponível em: <<http://www.naturezabela.com.br/2011/11/carnauba-copernicia-prunifera.html>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

químicas: Ponto de fusão: 60°C a 95°C. Compatível com ceras vegetais e animais, e resinas naturais em todas as proporções. Solúvel em éter de petróleo e sensível à maioria dos solventes orgânicos, incluindo álcoois. Utilizada como adesivo a ser aplicado a quente. Como substituto de ceras de abelhas em reentelamento e nivelamento de pinturas a óleo. Também pode ser utilizada como camada de revestimento e em misturas de cera-resina. Serve de consolidante de pedra e madeira. Em mistura, é utilizada em ixação de película pictórica, faceamento. Precauções: é combustível, não deve ser exposta ao fogo diretamente (ABRACOR, 2011, p. 30). Foi produzida pela primeira vez em 1930 pela Baker Petrolite em Barnsdall, Oklahoma, EUA. É quimicamente inerte e não emulsiona facilmente. (PEIXOTO, 2012, p. 112). Sinonímia: Cera Mineral.

CERA MINERAL

cire minérale [fr]

[Ma] Hidrocarboneto saturado de óleo, com longas cadeias flexíveis como a parafina (simplesmente separadas do óleo por destilação), ou com uma grande proporção de cadeias cíclicas como ceras microcristalinas (obtidas por sucessivas dissoluções do óleo). **PARAFINA** – A parafina é frágil e não muito dura, mas muito inerte, quimicamente, funde a cerca de 50-60 °C. No final do século XIX, a parafina é recomendada como substituto da cera de abelha (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1008).

CERA PÚNICA

cera punica [it]

[Ma] Cera virgem de abelhas fervida repetidamente em água do mar. Para se solubilizar a cera, juntava-se o nitrato, carbonato de sódio adicionado com outros componentes, entre os quais a soda ou a potassa. Esta massa, solúvel em água, era usada para a técnica da encáustica.²⁶³

CERÂMICA

ceramica [it]

1. [Ce] Qualquer material argiloso, essencialmente inorgânico, não metálico, moldado a frio e consolidado a quente.²⁶⁴ 2. [Ce] Todo o objeto constituído por uma pasta argilosa que sofreu alterações físicas e químicas por ação de temperatura superiores a 600°C.²⁶⁵ Abrange todos os produtos derivados de uma composição de argila e outras substâncias minerais, postos ao cozimento para obter solidez e inalterabilidade.²⁶⁶

CERÂMICA NEO-BRASILEIRA

[Ce] Cerâmica confeccionada por grupos familiares, chamados de neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências, onde são diagnosticadas as decorações: corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, bem como asas, alças, base planas em pedestal.²⁶⁷

²⁶³ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

²⁶⁴ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

²⁶⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²⁶⁶ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²⁶⁷ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CERÂMICA TORNEADA	[Ce] Cerâmica feita com o auxílio do torno. ²⁶⁸
CERCADURA	[Ce] Tipo de moldura simples, constituída por uma série de azulejos justapostos. A decoração é limitada por dois bordos. ²⁶⁹
CERUSSA	1. [Ma] Mistura de branco de chumbo e gesso cré ou branco de mármore, ou seja, alvaiade ou carbonato básico de chumbo, branco de prata (TEIXEIRA, 1995, p. 33). 2. [Ac] Nome antigo do branco de chumbo. ²⁷⁰
CERUSA CALCINADA	[Ma] <i>Minium</i> ou óxido de chumbo. Sua reação é branco de chumbo que, perdendo carbonato, se transforma em óxido de chumbo de tonalidade vermelha-alaranjada, para dar o mínio (TEIXEIRA, 1995, p. 33).
CETRO	[Ab] Bastão curto, insígnia dos soberanos e outras autoridades civis ou religiosas. Pode ser coroado por elementos como globo, águia, cruz, esfera com flor-de-lis, pomba, e outros, segundo a significação política, jurídica ou religiosa da personagem a que pertence (DAMASCENO, 1987, p. 16).
CHACOTA	[Ce] Objetos e peças cerâmicas que foram cozidas no forno uma única vez e ainda não apresentam vidrado. Para o caso específico da porcelana usa-se o termo biscoito. ²⁷¹
CHAFARIZ	[It] Construção que apresenta uma ou mais bicas, por onde corre água potável (ÁVILA, 1979, p. 31). Eram destinados a fornecerem água à população. No período colonial os chafarizes tinham grande importância no contexto urbano das cidades e vilas porque não havia serviço de distribuição de água canalizada e as câmaras se esmeravam na construção destas fontes que às vezes eram verdadeiros monumentos. Os chafarizes podem ser do tipo parietal ou centrado. Em Minas Gerais foram construídos em alvenaria de pedra e cantaria entalhada em conchas, volutas e outros elementos, com as bicas decoradas com carantonhas. Alguns possuem nicho com imagem de santo na fachada ou busto de mulher arrematando o frontão. Foi comum o uso de decoração em conchas, pratos e cacos de louça embrechados na alvenaria. Além dos

²⁶⁸ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²⁶⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²⁷⁰ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

²⁷¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	públicos, algumas residências possuíam pequenas fontes ou chafarizes para uso doméstico. ²⁷²
CHAGA	[Es] Representação de ferida aberta em imagem sacra, exemplos: Cristo Crucificado e São Francisco e Cristo. Ver ESTIGMAS .
CHAISE-LONGUE	[Mo] Cadeira que surge nos finais do século XVII e que permite estender as pernas (podendo-se unir, para isso, 2 ou 3 assentos) (QUEIMADO, 2007, p. 178).
CHAMBRANLE [fr]	[Or] Ornato em ombreiras de portas, janelas e outros vãos, aparecendo mais geralmente, em fachadas de igrejas. Exemplo: <i>chambranles</i> das ombreiras da porta principal da Matriz de Caeté (ÁVILA, 1979, p. 135).
CHAMOTE OU GROG	[Ce] Argila já queimada e moída em vários tamanhos de grãos. Fornece estabilidade às massas cerâmicas e facilita a secagem por igual reduzindo o encolhimento e o empenamento (como já foi queimado, o chamote é inerte). ²⁷³
CHANFRADURA <i>chaflanadura</i> [esp] <i>hollowing</i> [ing] <i>incavatura</i> [it] <i>échancrer</i> [fr]	[Tc] Tipo de corte em ângulo nas extremidades de um objeto de madeira; chanfro (TEIXEIRA, 1995, p. 33). CHANFRAR – Fazer chanfro ou cortar em ângulo, formando faces na superfície da madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 33). CHANFRO – Uma superfície oblíqua que se alcança biselando uma aresta, normalmente efetuado a um ângulo de 45° (IMC, 2011, p. 131).
CHANTOURNÉ <i>chantourné</i> [fr]	[Ou] É um trabalho de tecido aplicado em um painel de madeira (com volutas ou linhas côncavas e convexas) colocado na cabeceira da cama. Este tipo de decoração estava no centro das atenções sob o reinado de Luís XV, e por extensão, esta palavra também se refere a todos os tipos de estacas feitas principalmente em madeira (<i>fretwork</i>). Este termo deriva do verbo <i>chantourner</i> , que significa "cortar ou ocar segundo um perfil curvilíneo". ²⁷⁴
CHAPA DE TESTA	Ver FECHADURA .
CHAPUZ	[Tc] Peça de madeira, chumbado na parede, para fixação de alguma peça com prego. Diz-se também bucha (ÁVILA, 1979, p. 31).
CHARÃO <i>laca, charol</i> [esp] <i>chinese lacquer,</i>	[Ma] Verniz de laca, de origem chinesa ou japonesa, lustroso e duradouro, usado para envernizar madeiras (TEIXEIRA, 1995, p. 33).

²⁷² GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 62.

²⁷³ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/ceramica>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

²⁷⁴ Disponível em: <<http://dictionnaire.sensagent.leparisien.fr/chantourn%C3%A9/fr-fr/>>. Acesso em: 27 set. 2018.

<p><i>japanese waxtree [ing]</i> <i>lacca, vernice dela</i> <i>China [it]</i> <i>laque, vernis de la</i> <i>Chine [fr]</i></p>	
--	--

<p>CHARNEIRA <i>charnela [esp]</i> <i>hinge, turning joint</i> <i>[ing]</i> <i>cerniera [it]</i> <i>charnière [fr]</i></p>	<p>[Eq] Peça de serralheria de metal ou madeira, de duas partes móveis, encravadas uma na outra e unidas por um eixo comum, unidas por meio de uma cavilha, geralmente em janelas do tipo rótula ou gelosia. Dobradiça (ÁVILA, 1979, p. 31). O mesmo que bisagra.</p>
--	---

<p>CHASSI</p>	<p>1. [Pi] Ou bastidor. Estrutura de madeira sobre a qual se prende o tecido para esticar e formar a tela. 2. [Mo] Em mobiliário, designa a armação que cerca o estofado, a palhinha ou o couro dos assentos (DAMASCENO, 1987, p. 16). Ver MOLDURA e CAIXILHO.</p>
----------------------	--

<p>CHATO <i>plano [esp]</i> <i>flat [ing]</i> <i>piatto, piano [it]</i> <i>plat [fr]</i></p>	<p>[Es] Ausência de relevo nas obras de escultura. Plano com a superfície lisa, sem tratamento (TEIXEIRA, 1995, p. 34).</p>
---	---

<p>CHAUFFEUSE</p>	<p>[Mo] Assento para colocar frente à lareira (QUEIMADO, 2007, p. 179).</p>
--------------------------	---

<p>CHAVE</p>	<p>1. [Ou] Artefato de metal, que movimenta a lingueta das fechaduras, com as quais forma conjunto. [Ic] Na iconografia cristã, constitui-se num dos atributos de São Pedro (DAMASCENO, 1987, p. 16). Ver PALHETÃO. 2. [Ar] Fecho ou parte mais alta de uma abóbada, arco, verga, etc. (ÁVILA, 1979, p. 31). CHAVES CRUZADAS – Representa o papado (NUNES, 2008, p. 38).</p>
---------------------	---

<p>CHAVETA</p>	<p>1. [It] Peça de ferro para segurar a cavilha. 2. [It] Haste em que se articulam dobradiças (ÁVILA, 1979, p. 31).</p>
-----------------------	---

<p>CHERRÃO <i>bâtons-rompus [fr]</i></p>	<p>[Or] Ornato arquitetônico formado por um ou mais filetes quebrados resultando num ziguezague (REAL, 1962, p. 138). Ver BASTÃO INTERROMPIDO.</p>
--	---

<p>CHEST OF DRAWERS</p>	<p>[Mo] Equivalente a cómoda, o termo surge em Inglaterra durante o estilo <i>Queen Anne</i> (QUEIMADO, 2007, p. 179).</p>
--------------------------------	--

<p>CHINESICE ou CHINOISERIE</p>	<p>1. Decoração que consiste na adaptação à arte europeia de motivos orientais, tais como pagodes, pássaros ou mandarins (IMC, 2011, p. 119). Pinturas decorativas de paisagens e personagens chinesas.²⁷⁵ Trabalho ornamental, geralmente pintado de vermelho, azul e ouro, à imitação oriental. Pode-se falar também em <i>chinesices</i> com relação aos painéis ou</p>
--	---

²⁷⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

portas pintados com motivos da China, existentes em algumas igrejas mineiras, a exemplo da Capela do Ó, em Sabará, e da Matriz da mesma cidade. 2. Pintura de <i>charão</i> , verniz da China e do Japão, feito de laca e outros materiais (ÁVILA, 1979, p. 135).	
CHIPOLIN	[Ma] Foi o nome dado no passado ao processo envernizado de pintura a têmpera, formando uma espécie de verniz. Esta inovação na decoração foi inventada pelos irmãos Martin por volta de 1730. ²⁷⁶ Ver LACA DE VENEZA.
CHIPPENDALE	[Mo] Estilo de mobiliário na Inglaterra no século XVIII criado por Thomas Chippendale (QUEIMADO, 2007, p. 179).
CHUMBO	1. [Me] Metal cinzento prateado, pesado e dúctil, com fusão aos 327°C. A superfície do metal, brilhante quando fundida, escurece rapidamente quando entra em contato com o ar. A camada externa de óxidos e de carbonatos protege as camadas subjacentes do metal contra a corrosão atmosférica. A sua grande maleabilidade possibilita a repuxagem, mas a sua fraca resistência à ruptura e o seu peso não permitem adelgacá-lo muito (INSTITUTO, 2004, p. 115).
CIBÓRIO	1. [Rg] De origem grega, esta palavra significa recipiente sagrado destinado a guardar as hóstias consagradas – o corpo de Jesus Cristo consagrado – ou a conservar as partículas sagradas depois da missa (IMC, 2011, p. 78). [Rg] Podendo ser um vaso eucarístico coberto com véu branco, como uma caixa redonda em que o sacerdote leva a hóstia ao doente (NUNES, 2008, p. 38). Ver PÍXIDE. 2. [Ar] Elemento arquitetônico, originalmente, pavilhão por cima do altar, sustentado por colunas, usado nas igrejas basílicas e, posteriormente, substituído pelo baldaquino. Por extensão, chama-se <i>cibório</i> a qualquer cobertura, abóbada ou cavidade onde se coloca a âmbula com o Santíssimo Sacramento, designando, inclusive, a própria âmbula (DAMASCENO, 1987, p. 15).
CILÍCIO	1. [Ab] Cinto ou cordão de pelo ou lã áspera com as pontas aramadas, para penitência. 2. [Ic] Na iconografia cristã, aparece geralmente em representações da Ordem Franciscana (DAMASCENO, 1987, p. 16). 3. [Ou] Tormento, sacrifício voluntário (NUNES, 2008, p. 38).
CIMALHA	[It] Moldura em ressaltado que remata a cornija da frontaria de uma construção (IMC, 2011, p. 119). Arremate superior da parede que faz a concordância entre esta e o plano do forro ou do beiral. No frontispício das igrejas, diz-se, por analogia, da cornija que corresponde às cimalthas das fachadas laterais, como se fosse seu prolongamento (ÁVILA, 1979, p. 31). CIMALHA ERGUIDA À ROMANA – 1. [It] Expressão usada relativamente às cimalthas previstas para janelas rasgadas por inteiro e

²⁷⁶ Disponível em: <<https://www.meubliz.com/definicion/chipolin/>>. Acesso em: 27 set. 2018.

	portadas. 2. [Ar] Na antiga terminologia arquitetônica, chamava-se também de <i>romano</i> um tipo de folhagem do friso (ÁVILA, 1979, p. 32). CIMALHA REAL – Cimalha ou arremate de parede interna, ao nível do teto, de função geralmente mais ornamental do que de estrutura. Em muitas igrejas mineiras, a cimalha real da capela-mor, trabalhada em talha e pintura, dá continuidade ao entablamento do altar-mor, estendendo-se às duas paredes laterais do cômodo ou recinto (ÁVILA, 1979, p. 32).
CIMBRE	[Ou] Armação de madeira que serve de molde e suporte durante a construção de arcos e abóbadas e que, depois, é retirada (ÁVILA, 1979, p. 32).
CINABRE <i>cinabrio [esp]</i> <i>cinabro [it]</i>	[Ma] Sulfureto de mercúrio cristalizado (TEIXEIRA, 1995, p. 34). Chamado <i>cinábrio-vermelhão</i> , é o principal mineral do mercúrio, a partir do qual é obtido um pigmento vermelho vivo. No entanto, desde os tempos antigos, era conhecido como combinar enxofre e mercúrio para obter o mesmo composto químico, que então recebe o nome de vermelhão. ²⁷⁷
CINCO-FOLHAS <i>cinq-feuilles [fr]</i>	[Or] Ornato inscrito numa rosácea com cinco partes ou lóbulos (REAL, 1962, p. 140).
CÍNGULO	[In] Cordão com as pontas arrematadas por pingentes, usado pelo sacerdote para apertar a alva à cintura (DAMASCENO, 1987, p. 16). Nos tempos dos gregos e romanos, a túnica era presa com um cinto, modernamente usa-se um cordão com borlas ou franjas nas extremidades (NUNES, 2008, p. 38).
CÍNGULO DE IMAGEM <i>statue cord [ing]</i> <i>cingolo di veste di statua [it]</i> <i>cordon de costume de statue [fr]</i>	[Es] Acessório para cingir o vestido de imagem, geralmente de fios torcidos ou entrançados. Faz parte do enxoval de imagem de vestir (THESAURUS, 2004, p. 166).
CINTEL <i>compás de cuerda [esp]</i> <i>beam compass, carpenter's line [ing]</i> <i>compasso per tracciare grandi circoli [it]</i> <i>simbleau [fr]</i>	[Eq] Instrumento de madeira usado para traçar grandes círculos como o compasso. São duas réguas compridas com um ponteiro em forma de eixo em uma de suas extremidades (TEIXEIRA, 1995, p. 34).

²⁷⁷ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/cinabrio-bermellon>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

CINTURA	[Mo] Numa cadeira é a moldura que liga as pernas ao assento (QUEIMADO, 2007, p. 179).
CINZEL	[Eq] Pequena grossa adequada para alisar superfícies difíceis (TEIXIDO I CAMI, 1997). O cinzel poderá definir-se como um dos numerosos utensílios não cortantes, aptos para criar, a golpes de martelo, um desenho com fins decorativos sobre chapas e peças de metal. A sua variedade formal permite ao cinzelador a obtenção de efeitos distintos sobre a superfície metálica. Este mesmo nome serve para caracterizar o trabalho efetuado pelo cinzelador, isto é, a deformação plástica obtida por intermédio do cinzel. Sob os golpes do martelo, produz-se um deslocamento plástico do metal, com uma série de relevos e reentrâncias sobre planos diferentes (IMC, 2011, p. 132).
CIRCULADOR DE AR	Sugere-se a utilização de aparelhos ventiladores com coluna regulável da altura, com movimentos circulares, ligados dia e noite e focados indiretamente nos objetos. Além de movimentar o ar estagnado, os circuladores auxiliam no controle da temperatura ambiental. É recomendável também o uso de ventilação natural, que possa ser eficiente na renovação do ar, sem atingir diretamente os objetos (ACAM PORTINARI, 2010, p. 86).
CÍRIAL <i>processional</i> <i>candleholder [ing]</i> <i>candelabro</i> <i>portatile [it]</i> <i>porte-cierges de</i> <i>procession [fr]</i>	[Ig] Espécie de tocheiro de grandes dimensões, em que se coloca o círio pascal (DAMASCENO, 1987, p. 16). Cada uma das lanternas, fixas em uma madeira, que vão à direita e à esquerda da cruz nas procissões. Castiçal para colocar o círio. Círio grande de cera (NUNES, 2008, p. 38). Ver LANTERNA PROCESSIONAL .
CÍRIO <i>liturgical candle [ing]</i> <i>cero litúrgico [it]</i> <i>cierge [fr]</i>	[Ig] Grande vela utilizada na igreja. É feito, sobretudo de cera de abelha purificada: a vela utilizada no castiçal de altar deve ser de cera branca (vela de altar); a que é utilizada na missa de defuntos, da Sexta-feira Santa e nos ofícios das Trevas devem ser de cera amarela não tratada. Sobre o altar deve por-se: sete círios, pelo menos, para a missa pontifical; seis, para a missa solene; quatro, para a missa cantada; dois, para a missa ordinária. O círio pode ser alumiado junto a uma representação religiosa particularmente venerada (círio votivo): de grande dimensão, pode apresentar decoração pintada ou relevada, com imagens relativas ao doador ou a uma devoção específica. Quando de menor dimensão, diz-se vela votiva (THESAURUS, 2004, p. 133). Outras especificações: círio da Candelária, círio de luto, círio fúnebre.
CÍRIO PASCAL <i>Paschal candle [in]</i> <i>cero Pasquale [it]</i> <i>cierge paschal [fr]</i>	[Ig] Vela grande de cera branca, no qual se abrem cinco buracos dispostos em cruz e onde se colocam grãos de incenso. O círio pascal é apresentado no tocheiro pascal e alumiado com a serpentina (vela). Coloca-se, durante o tempo pascal, no coro ou na capela-mor; no resto do ano, pode ser colocado junto à pia batismal, mantendo-se aceso por

<p>ocasião do batismo, ou junto ao féretro durante as exéquias (THESAURUS, 2004, p. 147). Que se benze nas cerimônias do Sábado Santo, antes da Missa de Aleluia, e se conserva junto ao altar, do lado do evangelho, até o dia da Ascensão do Senhor (DAMASCENO, 1987, p. 17).</p>	
<p>CÍRIO PROCESSIONAL <i>processional</i> <i>candle [ing]</i> <i>cero processionale [it]</i> <i>cierge de</i> <i>procession [fr]</i></p>	<p>[Rg] Vela de grande dimensão levada na procissão. Pode ser pintado ou decorado de diversas maneiras e apresentar uma tabela de círio processional (THESAURUS, 2004, p. 134).</p>
<p>CLARA DE OVO <i>clara del huevo [esp]</i> <i>egg white [ing]</i> <i>chiara, bianco [it]</i> <i>blanc d'oeuf [fr]</i></p>	<p>[Ma] Albumina utilizada como verniz. Por ser muito forte é misturada com três partes de água comum e aplicada sobre as imagens (TEIXEIRA, 1995, p. 34). Parte do ovo, essencialmente proteica, líquida e transparente, que envolve a gema do ovo. Utilizada em técnicas artísticas, tradicionalmente como adesivo (em douramento e para a preparação de certos corantes) e como verniz (em pintura, escultura policromada ou em encadernações de couro). A clara de ovo também foi usada como emulsão fotográfica, tanto na produção de negativos quanto em positivos. O processo de sua preparação consistia em batê-la várias vezes, deixando-o repousar entre cada batida, até obter um líquido transparente. Às vezes, eram usados aditivos, como água ou vinagre, para modificar algumas de suas propriedades. Clara de ovo é comumente conhecida como albumina, ou seja, a principal proteína presente em sua composição.²⁷⁸</p>
<p>CLARABOIA</p>	<p>[It] Abertura em cima de uma construção destinada à iluminação (ÁVILA, 1979, p. 32). Também chamada <i>lucerna</i> ou <i>lucarna</i>. Ver ÓCULO.</p>
<p>CLARO-ESCURO <i>chiaroscuro [it]</i> <i>clair-obscur [fr]</i></p>	<p>[Ap] Em uma composição, trata-se do contraste de áreas claras e escuras. Essa oposição sugere a modelagem de formas na sombra ou na luz (LANGLE; CURIE, 2009, p. 46). O mesmo que <i>luz e sombra</i>.</p>
<p>CLASSIFICAÇÃO</p>	<p>[Mu] Em uma coleção museológica é a definição do objeto do ponto de vista de sua importância cultural. Portanto, a classificação determina a inclusão do objeto museológico em categorias específicas que orientam sua tipologia. Classificação é o processo de identificação de características semelhantes de um mesmo grupo de objetos. Em biblioteconomia, a classificação é usada para mapear o conhecimento e orientar a identificação dos assuntos dos documentos; em museologia, a classificação corresponde à área cultural que o objeto está inserido e, muitas vezes, será feita por especialistas (ACAM PORTINARI, 2010, p.</p>

²⁷⁸ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/materias/1012860>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

	102).
CLAUSTRO	[Ar] Pátio interno de convento ou mosteiro, descoberto e em geral rodeado de pórticos (NUNES, 2008, p. 38).
CLEREZIA	[Rg] Classe clerical. Clero (NUNES, 2008, p. 39).
CLERICAL	[Rg] Relativo aos clérigos. Disciplina clerical (NUNES, 2008, p. 39).
CLÉRIGO	[Rg] Aquele que tem algumas ou todas as ordens sacras da Igreja Católica. Padre (NUNES, 2008, p. 39).
CLERO	[Rg] Classe eclesiástica. A corporação dos sacerdotes (NUNES, 2008, p. 39). CLERO REGULAR – Corpo de clérigos ligado a uma ordem religiosa, que escolhem viver em comunidade, segundo uma regra comum. Tendendo à vida perfeita, emitem votos solenes evangélicos (Pobreza, Castidade e Obediência) (TRINDADE, 1998, p. 385). CLERO SECULAR – Designação dos clérigos que prestam obediência direta ao bispo. Sem vida comum em ordem religiosa e sem votos solenes, cuidam do pastoreio das almas (TRINDADE, 1998, p. 385).
CLIMA	[Cv] Condições ambientais, particularmente os parâmetros físicos medíveis, fundamentalmente a umidade e a temperatura que influenciam o restauro é a consequência da ausência de meios preventivos. ²⁷⁹
CLIMATIZAÇÃO	[Cv] Processo para se obter, em recinto fechado, por meio de aparelhos, condições ambientais de temperatura e umidade adequadas à boa conservação dos objetos à adaptação a novas condições climáticas. ²⁸⁰
CMC	Ver CARBOXIMETILCELULOSE .
CNART	Cadastro Nacional de Negociantes de Obras de Arte e Antiguidades. ²⁸¹
CNPq	[Og] Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
COBERTA de ALTAR	[Pm] Pano destinado a proteger o altar e a toalha de altar. Atualmente costuma acompanhar a cor litúrgica. ²⁸²
COBERTURA de CUSTÓDIA/VÉU	[Pm] Formada por duas peças de tecido, unidas pelos lados superiores, ou apresentando-se com outras variações formais. Normalmente em seda branca, pode apresentar monograma cristológico bordado. ²⁸³

²⁷⁹ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

²⁸⁰ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

²⁸¹ Disponível em: <<http://cnart.iphan.gov.br/cnart/pagina-inicial.jsf?faces-redirect=true>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

²⁸² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

COBRE

1. [Me] Metal. Material amarelado ou avermelhado que habitualmente se usa para executar obras de pequenas dimensões. 2. [Es] Em escultura, é trabalhado com a técnica de martelagem e de repuxagem. No seu estado puro, é muito maleável e apresenta boas qualidades de resistência mecânica. Quando exposto à umidade forma-se na sua superfície uma camada de carbonato hidratado, de cor verde, denominado verdete. É um importante componente de várias ligas metálicas (INSTITUTO, 2004, p.16). 3. [Ap] A pintura sobre suportes de cobre desenvolveu-se sobretudo depois de meados do século XVI, altura em que foi possível obter pranchas finas e homogêneas de alguma dimensão, embora antes fosse já utilizado em pequenos retratos, miniaturas e como base de esmaltes. Apesar de poder oxidar, o cobre é um suporte com alguma resistência a variações de temperatura e umidade, mas a dimensão possível de obter e trabalhar foi sempre uma limitação que afastou os maiores mestres deste material e, pelo contrário, fez a preferência de um mercado de cópias, réplicas e imagens devocionais de pequenas dimensões. O seu uso no paisagismo nórdico merece no entanto ser realçado. Caiu francamente em desuso ao longo do século XVIII.²⁸⁴

COBRE AMARELO

[Ma] Metal utilizado no lugar do ouro em folhas, sendo mais barato, de fácil manipulação e lustre discreto. Por oxidar, necessita ser coberto por uma camada de verniz (TEIXEIRA, 1995, p. 34).

COCHONILHA

[Ma] Corante orgânico vermelho-escuro de origem animal, procedente de várias espécies de insetos dos gêneros *Dactylopius* e, especialmente, *Dactylopius coccus* (anteriormente conhecido como *Coctus cacti*). Esses insetos vivem nos ramos do cacto na América Central e do Sul, embora atualmente tenham sido introduzidos e cultivados em vários países como, por exemplo, na Espanha (Ilhas Canárias). O corante é extraído das fêmeas dos insetos, dissecadas e trituradas. Este corante surgiu na Europa em meados do século XVI, após a conquista do México, e foi usado até o século XIX, quando começou a ser substituído por corantes sintéticos. O principal elemento químico do corante é o ácido carmínico, que apresenta uma solução avermelhada em álcool e água, e uma cor violeta em soluções alcalinas. Todas as variedades deste corante são pouco permanentes na luz, especialmente em aquarelas, e muito mais estável em óleo. Os nativos da América Central chamavam esse corante *nochteztl* e o usavam extensivamente no tingimento de tecidos. A importância desse corante nas práticas artísticas e da indústria têxtil europeia mostra que o comércio era um monopólio da Coroa Espanhola durante os séculos XVI e XVII, ocupando o segundo lugar no comércio, ficando somente após a negociação de prata. Nas fontes escritas da tecnologia artística a terminologia é, muitas vezes confusa com relação ao uso do nome

²⁸³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

²⁸⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<p>"carmim" e "grana" que poderia identificar tanto cochonilha como kermes (ou quermes). Além disso, o termo "cochonilha" é usado para designar tanto as espécies da América (gênero <i>Dactylopius</i>) como insetos nativos da Europa Oriental do gênero <i>Porphyrophora</i>, tradicionalmente usados como corante vermelho. Utilizado na manufatura das lacas vermelhas (TEIXEIRA, 1995, p. 34). Ver LACA VERMELHA.</p>	
--	--

<p>COESÃO</p> <p><i>cohesión [esp]</i> <i>coesione [it]</i></p>	<p>[De] Termo usado em relação às diferentes camadas de material que compõem uma pintura. Coesão é a força exercida entre o suporte e a preparação e entre ela e a camada pictórica. A ausência ou perda de coesão pode causar sérios danos (desprendimento) na conservação do trabalho (GIANNINI; ROANI, 2008, p.56).</p>
--	--

<p>COFRE</p>	<p>[Mo] Móvel utilizado para guardar objetos de valor afetivo, simbólico ou material. Possui, em regra, fechadura. Tanto pode designar um móvel de grandes dimensões com a tampa acuminada, como um móvel de pequenas dimensões portátil, executado geralmente em materiais ricos. Designa-se por <i>cofre-forte</i> ou <i>burra</i> quando se destina a guardar ouro, prata ou objetos de grande valor, sendo executado muitas vezes em madeira coberta de placa de metal no interior e no exterior ou só em ferro. Comporta geralmente uma ou mais fechaduras ligadas a um mecanismo complexo incorporado no reverso da tampa.²⁸⁵ COFRE ESMOLER – Ver ARQUETA. COFRE EUCARÍSTICO – Alfaia do culto denominada de urna da quinta-feira santa, já que se destinava a conter a hóstia consagrada na missa de quinta-feira santa. Simbolicamente, este tipo de caixa aludia à desaparecida Arca da Aliança, que se encontrava exposta no Templo de Jerusalém e na qual se guardava, numa urna de ouro, o Maná divino (IMC, 2011, p. 79). Caixa com tampa abaulada ou segmentada, de pequenas dimensões e munida de fechadura, feita em metais preciosos, utilizada para transportar as hóstias em cortejo solene antes da eucaristia. Em Portugal, vulgarizaram-se os cofres em materiais exóticos como a tartaruga ou a madrepérola (THESAURUS, 2004, p. 126).</p>
---------------------	--

<p>COGULA</p>	<p>[In] Túnica longa, de mangas fartas e capuz, usada pelos membros de algumas ordens monásticas (DAMASCENO, 1987, p. 17).</p>
----------------------	--

<p>COGULHO</p>	<p>[Or] Elemento decorativo composto por folhagem em forma de repolho, usado na decoração de cornijas, arcos, coruchéus, pináculos, etc. Pode ser, igualmente, designado por <i>cogoiolo</i> (IMC, 2011, p. 119).</p>
-----------------------	---

<p>COIFA</p>	<p>1. [Rb] Em decoração usa-se no sentido figurado para nomear a cobertura em meia cúpula ou pequeno dossel sobre as imagens nos intercolúnios dos retábulos no período Barroco, D. João V e no período Rococó. Ao</p>
---------------------	--

²⁸⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

conjunto da base e cobertura chama-se peanha e coifa. 2. [In] Espécie de toucado, que envolve a cabeça das freiras, tem suas origens nas vestes das senhoras da Idade média. Pode ser visto nas imagens de Santa Rita, Santa Tereza d'Ávila, Santa Escolástica e Santana.²⁸⁶ Cobre a cabeça e o pescoço como em Nossa Senhora da Piedade de Felixlândia em MG. 3. [Ar] Chaminé em forma de campânula, usada em certos fogões, a exemplo do existente na Casa dos Contos, em Ouro Preto, onde a peça aparece em balanço, apoiada sobre VIGAS (ÁVILA, 1979, p. 33).

COIFFEUSE

[Mo] Mesa com espelho que se pode baixar para servir de apoio à escrita (QUEIMADO, 2007, p. 179).

COLA

colle [fr]

1. [Ma] Substância natural, artificial ou sintética cuja função é, quando seca, aderir dois sólidos um ao outro (LANGLE; CURIE, 2009, p. 988). Termo genérico que é atualmente usado para designar adesivos que, no momento da aplicação, são emulsificados ou dissolvidos em água, sem referência à sua origem, modo de uso ou composição. Tradicionalmente, o termo é empregado para designar as colas de origem animal, assim como de origem vegetal – cola de amido e a cola de alho. As colas podem levar vários aditivos, a fim de melhorar algumas de suas características, como a fluidez, ou facilitar sua conservação. A força de adesão das colas é mecânica e é obtida com a perda de solvente. Para além da sua utilização como adesivos, as colas têm sido tradicionalmente usadas como aglutinantes em algumas técnicas pictóricas, bem como para colagem e preparação de suportes pictóricos.²⁸⁷ As mais utilizadas são as colas origem animal, obtidas de cartilagem ou peles, como coelho, boi ou esturjão.²⁸⁸ 2. [Re] Material adesivo que, em restauração, deve permitir a reversibilidade do processo de colagem.²⁸⁹ Refere-se geralmente ao adesivo de origem animal, constituída por colágeno, obtido por cocção de pele de animais, tendo sido utilizada desde a Pré-história como aglutinante. Filipe Nunes refere-se a esta cola como de *Baldreu*.²⁹⁰

COLA ANIMAL

colla animale [it]

[Ma] Cola de origem animal, constituída essencialmente por colágeno (produto da hidrólise do colágeno, o qual é o constituinte proteico existente nas peles, nas cartilagens e nos ossos dos animais) e por quantidades menores de outros elementos de origem orgânica e inorgânica, dissolvida em água quente, constitui juntamente com o

²⁸⁶ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 66.

²⁸⁷ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1187248>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

²⁸⁸ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/cola>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

²⁸⁹ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://panucarmi2.wikidot.com/glossario>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

²⁹⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

suporte, uma ligação adesiva eficaz, cuja resistência é função da relação cola – água.²⁹¹ As propriedades da cola animal dependem das matérias-primas e do processo de sua fabricação. Eles são extraídos por um longo cozimento de resíduos animais, como peles, cartilagens, ossos e espinhas de peixes. Os menos puros são geralmente chamados de *colas fortes* e as *gelatinas* mais puras, compostas quase exclusivamente de colágeno. As colas mais puras, como a cola de peixe e cola de pergaminho, foram usadas como aglutinantes em algumas técnicas de pintura (têmpera), enquanto o restante das colas foram usadas como adesivos. Colas puras dissolvidas em água eram comumente usadas para fixação do ouro sobre o bolo armênio para polir. A mistura de gesso com cola animal teve grande importância histórica nas técnicas pictóricas, devido ao seu amplo uso como preparação pictórica.²⁹² A cola seca e endurece formando camadas adesivas ou aglutinantes, mas nenhuma de suas características originais é modificada e a aplicação subsequente de água irá redissolvê-la (SERRATE, 2011, p. 100).

COLA DE ALGAS

colle d'algues [fr]

[Ma] Substância adesiva, essencialmente à base de carboidrato (açúcar), mas às vezes proteína, derivada de vários tipos de algas: vermelha, marrom ou azul-esverdeado. Muito utilizada no Oriente, mas pouco na Europa, fornecem adesivos que podem formar uma camada muito fina. O princípio adesivo das algas vermelhas é devido ao gelose: na Ásia ágar (Ágar-ágar) é a matéria-prima de um gel que pode solidificar usado em têxtil, um produto para acabamento de couro e um adesivo; na Europa, a carragenina (algas carragínófitas), ou musgo irlandês, estabiliza as emulsões; o produto final, chamado *funori* no Japão, é muito usado na restauração porque após a fixação, a tinta permanece fosca. O princípio adesivo das algas marrons é um alginato. Anteriormente conhecido como *fucus*, é uma substância aquosa, um gel com propriedades coloidais, que pode formar filmes para a fabricação de têxteis artificiais; é uma substância útil no fabrico de têxteis impressos. A estrutura da alga azul-esverdeada é tripla: o exterior é uma mucilagem, o centro é uma pectina, o interior é celulose, enquanto as algas mais comuns têm uma estrutura de pectina externa e celulose interna (LANGLE; CURIE, 2009, p. 999)

COLA DE AMIDO

cola de almidón [esp]
colles d'amidon [fr]

[Ma] Fórmula: $(C_6H_{10}O_5)_n \cdot 2H_2O$. Adesivo vegetal à base de amido, usado em conservação por ser facilmente removível com água e muito estável quimicamente. As colas de amido são bastante fortes, de secagem lenta, flexíveis quando aplicadas em camadas finas e são por excelência as colas usadas em conservação de papel e fotografia. Apresentam os inconvenientes de esticarem o papel, serem de preparação laboriosa requerendo cozedura e azedarem rapidamente. Os amidos mais usados

²⁹¹ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

²⁹² TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/materias/1008619>>. Acesso em: 02 out. 2018.

são o de trigo, milho e arroz. Encontram-se no mercado colas de amido pré-cozidas, de fácil preparação.²⁹³ DEXTRINA - Produto derivado do amido, de menor peso molecular, quando sua estrutura é modificada por aquecimento a temperaturas acima de 100 °C, com ou sem a adição de agentes químicos, a fim de melhorar sua solubilidade (é completamente solúvel em água fria) e seu uso como adesivo. Seu poder de adesão é maior que o da cola de amido. No entanto, após a secagem, são completamente insolúveis. Colas de dextrina têm sido usadas como adesivos (massa de ligação) e como aglutinantes, às vezes substituindo a goma-arábica na técnica de aquarela.²⁹⁴

COLA DE COELHO

[Ma] Adesivo Proteico. Adesivo forte proveniente de tecido animal. Consiste maioritariamente, em gelatina, resíduos de baixo peso molecular como colágeno, queratina e elastina. Na sua composição ainda estão presentes material orgânico não proteico e sais inorgânicos. Comercialmente, está disponível em várias formas e cores (branco, amarelo e castanho), podendo ser transparente, translúcida ou opaca. É um material higroscópico, sendo que a sua contração durante a secagem é proporcional à quantidade de água usada na preparação da solução. Dissolve-se em água, em banho-maria. Usada como adesivo e aglutinante na produção das camadas de preparação em pintura e escultura. Precauções: a cola envelhecida que contenha água pode ser um foco de proliferação de microrganismos tóxicos ou irritantes (PEIXOTO, 2012, p. 113). **COLA de COELHO (preparação)** – Para 8 partes de água, utiliza-se uma parte de cola de coelho. Normalmente, a cola é comercializada sobre a forma de granulado ou pó, mas antigamente aparecia sobre a forma de pastilhas que tinham de ser moídas. Recomenda-se a utilização de recipientes vidrados e graduados para facilitar esta operação. De referir que a adesividade da cola difere de fabricante para fabricante e devem realizar-se testes antes de utilizar o adesivo em larga escala, ajustando e adequando as proporções às necessidades de cada peça. A cola deve ficar bem submersa em água por cerca de 12 horas até inchar bem. Para preparar a cola propriamente dita, coloca-se o recipiente em banho-maria sem ferver, aliás, deve-se evitar que ultrapasse os 60°C. Mexe-se regularmente para que a cola não se agarre ao fundo do recipiente. Depois de bem dissolvida, juntar e mexer bem o conservante de cola em proporções referenciadas pelo fabricante. Retira-se do lume e deixa-se arrefecer até ficar em gelatina. Comprova-se desta maneira a adesividade da cola. A cola deve ser armazenada em local bem fresco e seco, preferencialmente no refrigerador (QUEIMADO, 2007, p. 56).

COLA DE ESTURJÃO

[Ma] Cola de peixe feita de ovos de esturjão. Consiste em uma gelatina de colágeno muito puro; seu poder adesivo é muito forte, de película

²⁹³ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

²⁹⁴ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/materias/1172785>>. Acesso em: 02 out. 2018.

<i>cola de pescado [esp]</i> <i>colle d'esturgeon [fr]</i>	muito fina, faz com que douradores e restauradores a apreciem (LANGLE; CURIE, 2009, p. 998). A cola de esturção tem maior adesão e menor viscosidade comparada a outras colas de origem animal, como a de gelatina ou de coelho. Adesivo de alta qualidade que pode ser reativado com água. Usada em consolidação de área em desprendimento da camada pictórica. Utilizada também em pergaminhos. Revestimentos de tecidos (ABRACOR, 2011, p. 33). Sinonímia: cola de peixe.
COLA DE FARINHA <i>engrudo [esp]</i> <i>colle de farine [fr]</i>	[Ma] Cola obtida por aquecimento de farinhas vegetais (trigo, centeio, cevada, milho ...) e que contém uma grande quantidade de amido e um pouco de glúten (LANGLE; CURIE, 2009, p. 996).
COLA DE PEIXE <i>cola de pescado [esp]</i> <i>colle de poisson [fr]</i>	[Ma] Adesivo proteico cujo colágeno é extraído, em meio levemente ácido, das espinhas e bexigas natatórias de peixes (LANGLE; CURIE, 2009, p. 998). Consiste numa gelatina pura, de baixo peso molecular, incapaz de formar um gel. É mais flexível e mais penetrante que a cola de mamíferos.
COLA DE PELICA <i>cola de guantes [esp]</i>	[Ma] Cola semelhante à cola de marceneiro (TEIXEIRA, 1995, p. 34). Cola feita de retalhos, pedaços, ou de pergaminho. Feita de pele de cordeiro ou cabrito. Uma variante é aquela chamada por Palomino <i>ajicola</i> , cola de pelica cozida com alho (CALVO, 1997, p. 61).
COLA DE PERGAMINHO <i>cola de pergamino [esp]</i>	[Ma] Aglutinante usado na base de preparação (TEIXEIRA, 1995, p. 34). Cola animal preparada com pedaços de pergaminho, cozida com água até ficar espessa e transparente. É uma cola de excelente qualidade e com bom poder de aderência. Foi utilizada quente desde a Idade Média como aglutinante em várias técnicas (pintura a têmpera, pintura mural, etc.), bem como adesivo para encadernações e para temperar os gessos nas preparações pictóricas. ²⁹⁵
COLAGEM	[Re] Processo que tem em visa a melhoria da estabilidade física do bem cultural, tentando reconstituir a sua forma e prevenindo a sua deterioração. Tal como o próprio conceito indica, colar é também aqui unir vários elementos do mesmo material ou de materiais diferentes, através de um produto com propriedades adesivas. Também aqui podemos ter produtos de origem sintética ou natural, sendo a sua escolha condicionada pelo seu poder de adesão, capacidade de penetração, reversibilidade e estabilidade, mas também pela sua resistência a vários fatores, como a umidade e o calor. Assume particular relevância a porosidade dos materiais a colar, a sua resistência à umidade e temperatura e a sua compatibilidade com solventes orgânicos, mas também o tipo e tamanho das fraturas e o peso do objeto na sua totalidade, bem como das partes a colar (FÉLIX, 2013, p. 89).

²⁹⁵ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1188776>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

COLEÇÃO	[Mu] Corresponde à reunião intencional de objetos de qualquer natureza e que, pelo destaque proporcionado por tal agrupamento, se torna alvo de cuidados especiais, de estudos e de exposição (ACAM PORTINARI, 2010, p. 102).
COLECCIONADOR	[Ou] Entidade coletiva, pessoa ou família responsável pela formação de uma coleção.
COLEÓPTERO	Ver INSETO.
COLÓDIO	[Ma] Substância líquida e viscosa à base de nitrato de celulose dissolvido em álcool e éter. Misturado com nitrato de prata, espalha-se por qualquer superfície e, quando os solventes evaporam, forma-se uma camada fina, uniforme e transparente. ²⁹⁶
COLOFONIA <i>colofonia [it]</i>	[Ma] Resina natural. Verniz. Diterpeno (terpenóide). Resíduo que permanece depois que a essência de terebintina é destilada do bálsamo produzido por diversas espécies de Pinho. Depois da destilação, o resíduo (mais escuro) precisa ser purificado. Contém cerca de 95% de ácidos resinosos. A colofônia tem um ponto de fusão muito baixo, tornando-se pegajosa à simples exposição ao sol. Extremamente suscetível à oxidação, escurecendo rapidamente. Caracteriza-se pela alta retenção de solventes, semelhante aos vernizes que secam lentamente e permanecem pegajosos por longo tempo. Seu alto valor ácido faz com que seja perigoso seu uso junto de pigmentos básicos e em contato com fibras de celulose. É incompatível com oxidantes fortes. Solúvel em etanol, acetona, benzeno, butanol, celossolve, tetracloreto de carbono, dietil éter, diacetona álcool, acetato de etila, dicloroetileno, metanol, terebintina e tolueno. Usada como plastificante de resinas duras para melhorar a fluidez de verniz. Na indústria é usada, muitas vezes, como clarificador da resina Damar e de outros vernizes de resinas naturais. Não é recomendado como verniz. É empregado em conservação de pedra em misturas de cera de abelhas e resina de Damar. Usada em mistura para reentelamento (ABRACOR, 2011, p. 35). É usada na produção do papel como cola, misturada com a pasta antes da fabricação das folhas. ²⁹⁷ Também é conhecido como <i>peixe grego</i> ou <i>resina violinista</i> . ²⁹⁸ Sinonímia: breu.
COLUNA	[Rb] Elemento de sustentação com seção circular. pilar cilíndrico, dividido em base, fuste e capitel, que serve de estrutura e ornato dos retábulos alternando em geral com pilastras, ou elemento de sustentação de obras de arquitetura ou de mobiliário. Os tipos mais comuns de colunas das igrejas mineiras do século XVIII são: No estilo Nacional

²⁹⁶ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/colodion>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

²⁹⁷ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

²⁹⁸ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/colofonia>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

	Português, a coluna torsa ou salomónica, espiralada, inteiramente em talha dourada, com sulcos ou espiras preenchidos com ornatos fitomorfos (cachos de uva, folhas de parreira, acanto, etc.) e zoomorfos (aves, geralmente fênix ou pelicanos); no Estilo Dom João V, as colunas torsas, com terço inferior estriado e motivos ornamentais mais discretos (folhagens, flores, etc.), em dourado ou policromia em branco e dourado, às vezes com a presença de anjos, que aparecem mais comumente nas pilastras ou nos remates do retábulo; no Estilo Rococó, as colunas com caneluras ou estrias verticais, policromia em branco e frisos ligeiramente dourados, ornatos delicados em formas <i>rocaille</i> e ausência de anjos (ÁVILA, 1979, p. 135-136).
COLUNA DE ENSAMBLAGEM <i>d'assemblage [fr]</i>	[Rb] Encontrada na maior parte dos retábulos e é feita de peças de madeira ensambladas, cavilhadas, e em alguns casos com caneluras (TEIXEIRA, 1995, p. 34).
COLUNA SALOMÔNICA	[Rb] É a coluna que tem o fuste espiralado, com estrias ou caneluras no terço inferior (DAMASCENO, 1987, p. 17). É aquela em que o fuste, ou a parte entre a base e o capitel, é helicoidal ou em espiral, simples ou decorado, característica da decoração barroca. ²⁹⁹ À semelhança das do <i>Sancta Sanctorum</i> do templo de Salomão (NUNES, 2008, p. 40).
COLUNA TORSÁ	[Rb] É a coluna que tem o fuste de forma espiralada ou torcida (DAMASCENO, 1987, p. 17).
COLUNELO	[Rb] Do latim <i>columnella</i> . Coluna de fuste alargado, normalmente de pequena escala, frequentemente com uma função puramente ornamental. Também pode ser designado por coluneta (IMC, 2011, p. 119).
CÔMODA	[Mo] Espécie de mesa, bofete, ou armário baixo composto de gavetas e gavetões, geralmente da base ao tampo, para guarda de roupas ou outros objetos. A cômoda era geralmente de uso doméstico, preferindo-se a designação arcaiz para móveis semelhantes usados nas sacristias de igrejas (ÁVILA, 1979, p. 137). A cômoda se tornou numa importante peça a partir do século XVIII (QUEIMADO, 2007, p. 179). Móvel de conter, característico do século XVIII, destinado geralmente a adornar os salões e quartos de vestir. A sua denominação deriva diretamente da funcionalidade ou da “comodidade” que o caracterizam. Pode ainda, como móvel combinado, apresentar alçado, sendo nesse caso designada por cômoda com alçado. O alçado ou armário pode servir para guardar livros ou no caso nacional, utilizar-se como oratório, contendo imagens. São lhe atribuídas inúmeras designações consoante for a forma da frente, das ilhargas, número e disposição das gavetas, ou portas ou funções específicas para as quais foi executada. ³⁰⁰

²⁹⁹ CONJUNTO... 2007, p. 175.

³⁰⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

COMODATO	<p>[Mu] Empréstimo à longo prazo. É uma forma de contrato por meio do qual um proprietário (comodante) transfere ao museu (comodatário) de forma gratuita a posse temporária de bens patrimoniais para fins de exposição, estudo e quaisquer outras funções de natureza museológica. O objeto em comodato receberá os mesmos cuidados devidos ao acervo do museu. Deverá ser devolvido nas mesmas condições em que foi entregue (salvo no caso em que tenha passado por algum processo de restauração autorizada pelo comodante, quando, então, será devolvido em condições melhores que a anterior) ao final do prazo estipulado (ACAM PORTINARI, 2010, p. 103).</p>
<p>COMPASSO</p> <p><i>compás [esp]</i> <i>compass [ing]</i> <i>compasso [it]</i> <i>compas [fr]</i></p>	<p>[Eq] Instrumento de precisão, de metal ou de madeira, que serve para fazer medição e traçar círculos e curvas. É formado de dois braços terminados em ponta e unidos na extremidade oposta, possibilitando abrir e fechar na distância desejada. Os de aparelhador e escultor são grandes, feitos de madeira e ferro, e os braços se movem sobre um arco de círculo. Para medir superfícies côncavas, eles utilizam compasso de braços desiguais e curvos (TEIXEIRA, 1995, p.35).</p>
<p>COMPASSO NOS OLHOS</p>	<p>[Eq] Quer dizer, que os Artistas devem estar tão ensaiados nas proporções e configurações, que apenas observar sua obra (e mesmo ao tempo de executá-la) vá conhecendo igualmente se nela se acha o devido equilíbrio; se as partes entre si conte devida simetria (CASTRO, 1937, p. 37).</p>
<p>COMPLEMENTAÇÃO</p>	<p>[Re] Com a função de restabelecer uma continuidade formal interrompida, trata-se de uma reconstituição, equivale a reconstruir as partes ausentes para recompor a unidade da imagem (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 58). COMPLEMENTAÇÃO DE PARTES FALTANTES – [Re] Algumas obras em madeira apresentam perdas de suporte. As áreas que apresentam essa degradação, se for o caso e houver referência, podem ser refeitas com enxertos em madeira maciça, seca, compatível com o original e tratada, utilizando a técnica adequada ao tipo de perda e a área a ser complementada.</p>
<p>COMPONENTES CONSTRUTIVOS</p>	<p>[Ou] Designa um corpo da construção, elaborado pela união de materiais que reunidos com outros elementos concorre com e para a configuração/formação de um objeto com funcionalidade. Exemplos: a tesoura de um telhado é um componente do sistema estrutural da cobertura; o ferrolho de uma janela é um componente da esquadria. Os componentes construtivos podem ser:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Componentes aplicados – referem-se aos elementos que não são interlegados às estruturas da edificação, ou seja, a fixação é feita a posteriori da execução do suporte, como por exemplo, tarjas, florões, jarros em cornijas, retábulos em madeira, etc.; • Componentes integrados – referem-se aos elementos que são interligados às estruturas, ou seja, que são executados

	simultaneamente com o suporte, como por exemplo, as cornijas de um beiral em estuque ou a colunata em pedra de um claustro, etc.. Os componentes aplicados e integrados quando produzidos para a ornamentação da edificação são considerados componentes artísticos. ³⁰¹
--	---

COMPOSIÇÃO	[Ar] Esquema de ordenação cromática e das massas pictóricas ou escultóricas de que o artista se serve para obter harmonia no conjunto visual (ex.: a composição em pirâmide na pintura do Renascimento; a composição em serpentina na escultura maneirista). ³⁰²
-------------------	---

COMPÓSITA	[Ar] Ordem clássica de arquitetura, caracterizada pelo capitel constituído de adornos combinados das ordens jônica e coríntia (volutas e folhas de acanto), fuste com caneluras e presença de base. Era uma das ordens de uso mais generalizado no chamado período Barroco Mineiro, especialmente pelas características dos capitéis (ÁVILA, 1979, p. 137).
------------------	---

COMPRESSA	[Re] Processo onde se mantém um algodão embebido com determinado líquido sobre o local em que se deseja realizar um procedimento, seja de limpeza ou de remoção de matéria.
------------------	---

CONCHA	1. [Ou] Substância orgânica essencialmente constituída por aragonite e que constitui o exoesqueleto de certos moluscos, podendo ser nacarada (madrepérola) ou alaranjada a rosa e branca (IMC, 2011, p. 133). 2. [Or] Objeto ou ornato de feitiço análogo à concha. É um dos motivos decorativos predominantes na ornamentação barroca. Fala-se também em <i>conchoides</i> , ou <i>concheados</i> (ÁVILA, 1979, p. 137). Ver ROCAÍLLE .
---------------	---

CONCHA BATISMAL	[It] Pequeno utensílio com a forma de concha que serve para verter a água-benta na cerimónia do sacramento do Batismo (IMC, 2011, p. 80).
----------------------------	---

baptismal shell [ing]
conchiglia
battesimale [it]
coquille de
baptême [fr]

CONCHEADO	[Or] Decoração com motivos de conchas, muito utilizado no Rococó (QUEIMADO, 2007, p. 179).
------------------	--

CONCHEAMENTO DA POLICROMIA)	[Dt] Pequena parte da camada pictórica delimitada por craquelês, em forma de conchas (LANGLE; CURIE, 2009, p. 812).
--	---

écaille [fr]

CONCÍLIO	[Rg] Assembleia dos bispos reunidos para discutir questões doutrinárias,
-----------------	--

³⁰¹ Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

³⁰² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	disciplinares e pastorais. É considerado ecumênico quando é a legítima reunião de todos os bispos e outros pastores representantes da Igreja universal convocado pelo pontífice romano a quem compete presidi-lo, transferi-lo, dissolvê-lo e aprovar os seus decretos (NUNES, 2008, p. 40).
--	--

CONDENSAÇÃO <i>condensazione [esp]</i>	[Qm] É o fenômeno de passagem da água do estado de vapor ao estado líquido. ³⁰³
--	--

CÔNEGO	[Rg] Clérigo (ou leigo), ordinariamente sacerdote, escolhido e nomeado pelo bispo para compor o cabido; honorificência concedida pelo bispo a um sacerdote de méritos, para compor o Cabido. O cónego catedrático era membro efetivo do Cabido e o cónego honorário só usufruía da honra do título (TRINDADE, 1998, p. 385). Clérigo secular, que faz parte de um cabido, e ao qual impendem obrigações religiosas, numa Sé ou colegiada (NUNES, 2008, p. 40).
---------------	--

CONFESSIONÁRIO <i>confessional [ing]</i> <i>confessionale [it]</i> <i>confessional [fr]</i>	[Ig] Lugar onde o sacerdote ouve em confissão os fiéis. O termo é também aplicado ao Diretório para Confissão (livro de instruções sobre o referido sacramento). A princípio, o confessionário era um mocho ou cadeira com braços, colocada atrás do altar-mor ou na nave da igreja. Com o tempo, tomou forma de assento com uma ou duas paredes laterais, com grade perfurada ao meio, para o sacerdote ouvir a confissão sacramental dos fiéis. Esta forma generalizou-se depois do Concílio de Trento (1545-1563), sobretudo para a confissão de mulheres (TRINDADE, 1998, p. 385). Móvel onde o sacerdote ouve a confissão, ficando separado do penitente por uma grade. É chamado <i>Tribunal da Penitência</i> (DAMASCENO, 1987, p. 17),
---	--

CONFIDENT	[Mo] Dois sofás unidos lateralmente, mas em direções opostas, onde os ocupantes podem falar de frente (QUEIMADO, 2007, p. 179).
------------------	---

CONFRARIA	[Rg] Irmandade. Associação para fins religiosos. Sociedade: conjunto de pessoas que exercem a mesma profissão ou têm o mesmo modo de vida (NUNES, 2008, p. 40). Ver IRMANDADE.
------------------	--

CONJUNTO ESCULTÓRICO	[Rg] Um conjunto resulta de um agrupamento lógico, são elementos que se encontram reunidos fisicamente e que resultam numa unidade (um retábulo), unidos tematicamente mas constituindo partes individualizadas (imagens que constituem um Presépio, imagens que constituem um Calvário), unidos funcionalmente (um túmulo e uma placa com epitáfio). Na maior parte dos casos, os conjuntos agrupam elementos que, quando desagregados, podem ganhar e manter uma identidade individual, como acontece por exemplo com um grupo escultórico que represente os Reis Magos, ou a Virgem com o Menino e São José, ou uma outra qualquer imagem de Presépio que originalmente fazia parte de uma obra integral
-----------------------------	---

³⁰³ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

(INSTITUTO, 2004, p. 54).

CONOPEU

conopaeum [ing]
conopeo di
tabernacolo [it]
conopée [fr]

[Ig] Cortina de tecido delicado de seda, usada para cobrir a porta do sacrário quando o Santíssimo Sacramento está presente. Deve ter a cor do tempo litúrgico ou, então, ser branco ou dourado. O mesmo que *pavilhão* ou *véu de sacrário* (DAMASCENO, 1987, p. 17).

CONSERVAÇÃO

[Cv] Segundo a Carta de Cracóvia³⁰⁴ é o conjunto das atitudes de uma comunidade que contribuem para perpetuar o patrimônio e os seus monumentos. A conservação do patrimônio construído é realizada, quer no respeito pelo significado da sua identidade, quer no reconhecimento dos valores que lhe estão associados. Assim sendo, são todas as ações e medidas utilizadas que tenham como objetivo a salvaguarda do patrimônio, assegurando desta forma o seu acesso às gerações futuras. A Conservação engloba a Conservação Preventiva, a Conservação Curativa e o Restauro. Sobretudo, e mais importante, estas medidas e ações deverão respeitar o significado e as propriedades físicas do bem cultural ao qual são aplicadas. Consiste numa ação direta sobre os bens culturais procurando alcançar o seu equilíbrio físico-químico, anulando os processos de degradação (QUEIMADO, 2007, p. 83). Conjunto de procedimentos e medidas de variadas naturezas (administrativa, técnica, etc.) de natureza permanente que visa salvaguardar e assegurar a proteção contra agentes de deterioração os bens culturais em suas diversas categorias, considerando tanto a obra de arte quanto seu testemunho histórico.³⁰⁵ A conservação abrange as atividades que visam adotar medidas para que um determinado bem experimente o menor número de alterações durante o maior espaço de tempo possível.³⁰⁶

CONSERVAÇÃO CURATIVA

[Cv] É o conjunto de ações e medidas aplicadas diretamente sobre um bem cultural e que tem como objetivo estabilizar os processos nocivos presentes e reforçar a estrutura desse mesmo bem. Estes procedimentos só se levam a cabo quando o estado de fragilidade dos bens é evidente ou se encontram num estado de deterioração avançado, num ritmo elevado, podendo perder-se assim num tempo relativamente curto. Neste caso, as ações que se aplicam podem modificar o aspeto original ou anterior dos bens. De acordo com ICOM-CC – 15ª Conferência Trienal³⁰⁷, alguns exemplos de conservação curativa incluem a desinfestação de têxteis, a dessalinização de cerâmicas, a desacidificação do papel, a desidratação de materiais arqueológicos umedecidos, a estabilização de metais corroídos, a consolidação de pinturas murais, a remoção de vegetação em

³⁰⁴ CARTA DE CRACÓVIA 2000. Princípios para a conservação e o restauro do Património Construído.

³⁰⁵ MUSEU de Astronomia e Ciências Afins – MAST/CNPq. Política de Preservação de Acervos Institucionais. Rio de Janeiro, 1995. p. 31

³⁰⁶ Disponível em: <<http://gestaoderestauro.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

³⁰⁷ Disponível em: <<http://www.icom-cc.org/>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

mosaicos (FÉLIX, 2013, p. 9).

**CONSERVAÇÃO
PREVENTIVA**

[Cv] Consiste, tal como na Conservação, em todas as medidas e ações que tenham o objetivo de evitar ou minimizar futuras deteriorações ou perdas de material. A atuação realiza-se sobre o contexto ou área circundante ao bem em questão, são ações e medidas indiretas, pois não interferem com a sua estrutura e materiais, e assim sendo não modificam a sua aparência. Contudo, o emprego regular destas ações que ajudam a evitar a degradação é variável e aplicado conforme o grau de conhecimento dos técnicos de que dispõe a instituição. Nos museus estes comportamentos costumam ser exercidos de forma adequada, refletida e periódica. De acordo com ICOM-CC – 15ª Conferência Trienal³⁰⁸, alguns exemplos de conservação preventiva incluem as medidas e ações necessárias para o registo, armazenamento, manipulação, embalagem e transporte, controle das condições ambiente (luz, umidade, contaminação atmosférica e insetos), plano de emergência, educação do pessoal, sensibilização do público (FÉLIX, 2013, p. 10). É o conjunto de medidas que visam a prevenção e o retardamento do inevitável processo de degradação e envelhecimento a que estão sujeitos os bens culturais. Desta forma, deve ser uma das prioridades de um museu pois atesta a estabilidade dos acervos, permitindo o seu estudo, divulgação e exposição desses mesmos bens.

CONSERVADOR

[Cv] Profissional que se dedica à conservação. Englobam-se nesta definição que as pessoas que se dedicam exclusivamente à conservação preventiva como as que atuam sobre os objetos. Contudo, denomina-se tradicionalmente “conservador” ao profissional que se dedica à conservação preventiva e “conservador-restaurador” ou só “restaurador” aos que atuam sobre o objeto.³⁰⁹ Indivíduo com formação e experiência específicas em conservação no nível requerido pelos órgãos profissionais de conservação para a atuação profissional. Internacionalmente conhecido por *conservador-restaurador* a bem da clareza, pois as nomenclaturas locais variam (Museologia, Roteiros práticos 5, 2004, p. 38).

CONSISTÓRIO

[Ig] Sala localizada geralmente na parte posterior das igrejas, no piso superior, acima da sacristia, destinada a reuniões e assembleias religiosas (TRINDADE, 1998, p. 386). Também chamado *sala da mesa*.³¹⁰ Assembleia de cardeais, presidida pelo papa. Assembleia dirigente de rabinos ou de pastores protestantes (NUNES, 2008, p. 41).

CONSOLIDAÇÃO

[Re] Em escultura de madeira o termo pode indicar três tipos de procedimentos: o enrijecimento, o preenchimento (obturação de galerias,

³⁰⁸ Disponível em: <<http://www.icom-cc.org/>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

³⁰⁹ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

³¹⁰ CONJUNTO... 2007, p. 175.

de orifícios, de rachaduras ou fendas), e a fixação de blocos soltos.

- **Enrijecimento** – impregnação com produtos sintéticos. São em geral resinas sintéticas usadas como agentes de impregnação para consolidar a madeira. A impregnação é feita na estrutura da madeira por meio de pincéis, ou injeções com seringas ou por submersão parcial, (de modo a que o suporte lenhoso absorva por capilaridade). Injeta-se o produto no sentido vertical da madeira para que penetre em maior profundidade, termina-se a operação cobrindo toda a superfície em tratamento. Ao volatilizar-se depois o solvente, a resina introduzida consolidará o tecido lenhoso,³¹¹ pois a resina fica agregada às fibras da madeira interligando-as, reforçando deste modo as zonas fragilizadas. A metodologia de aplicação passa por aplicar a solução de consolidante em diversas fases, começando com uma concentração de cerca de 5%, aumentando-a gradualmente para 7%, 10%, 15% e assim sucessivamente até que a peça apresente boa estabilidade estrutural. As concentrações mais baixas vão penetrar mais em profundidade no suporte e o aumento gradual vai preencher o vazio entre as fibras. Entre cada aplicação é necessário que o solvente evapore completamente para se passar a uma nova aplicação, caso contrário, se as galerias ainda estiverem cheias de solvente, existe o perigo de a resina criar um filme à superfície, deixando o suporte de absorver o consolidante. (QUEIMADO, 2007, p. 139).
- **Preenchimento** – trata-se de uma consolidação do suporte com a utilização de massas feitas com aglutinantes e cargas (pó de serragem, microesfera de vidro, e outros), com uma sequência, em que a massa feita com microesfera de vidro ou com serragem grossa é usada para as lacunas mais profundas e serragem mais fina para as lacunas com pouca espessura ou mais superficiais. A aplicação dessa massa de consolidação é feita, geralmente, com auxílio de uma espátula e em alguns locais onde a profundidade da lacuna era muito profunda, pode ser injetada com seringa. O preenchimento deve ser em toda área de galerias e perdas de matéria. Há casos onde é necessária a utilização de taliscas de madeira no preenchimento. Importante deixar um milímetro de espessura até chegar à superfície, pois esse espaço é reservado para ser preenchido com a massa de nivelamento. De acordo com a obra o consolidante pode ficar no nível correto e ter a cor adequada para se integrar ao redor da lacuna. O preenchimento não necessita ser completo internamente, caso a obra possua estrutura para ser autoportante. É necessário o preenchimento de todas as galerias mais externas, estas sim podem romper-se, caso não sejam tratadas.
- **Fixação de blocos soltos** – quando a obra possui uma unidade

³¹¹ Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

	composta por blocos que se desprenderam e necessitam ser novamente recolocadas no lugar e fixados.
--	--

CONSOLIDAÇÃO (de madeiras embebidas de água)	[Re] A consolidação das madeiras embebidas de água é de grande importância na Europa, devido à existência de civilizações lacustres e conseqüentemente de achados de peças que ficaram submersas em água durante muito tempo. Há um processo que é realizado em duas etapas: <ul style="list-style-type: none"> • substituição de água por um monômetro polimerizável; • endurecimento por irradiação gama.³¹²
---	---

CONSOLIDANTE <i>consolidante [it]</i>	[Ma] Substância que se faz penetrar, em estado fluido, no interior de um material que, em consequência de processos de degradação, tenha sofrido uma destruição da sua estrutura, com o objetivo de lhe repor a coesão. ³¹³
---	--

CONSOLO ou CONSOLE	1. [Or] Peça de ornamentação em pedra ou madeira que sobressai de uma superfície vertical, alargando-se para o alto, servindo de suporte para elementos de arquitetura como cornijas e balcões, ou, ainda, para sustentar imagens ou objetos decorativos. Também chamado <i>console</i> , designando peanha, ou peça saliente na parede, serve de apoio a elementos da estrutura ou decorativos. ³¹⁴ 2. [Mo] Em mobiliário, designa uma espécie de mesa com a parte superior saliente, de caráter geralmente ornamental, em que se colocam jarras e pequenos objetos de adorno. Diz-se também da peça saliente que sustenta o tampo de certos móveis (DAMASCENO, 1987, p. 17). Com a designação <i>consola</i> , em Portugal, é uma espécie de mesa cortada ao meio para encostar à parede (QUEIMADO, 2007, p. 179). Ver CREDÊNCIA e MÍSULA .
-------------------------------	--

CONSTITUIÇÕES SINODAIS	[Rg] Resultante do Concílio de Trento (1545-1563), que determinava a adaptação do projeto reformador às localidades a partir da realização de sínodo diocesano ou concílio provincial que deviam elaborar a constituição. No Brasil, apesar de tentativas anteriores, só em 1707, com D. Sebastião Monteiro da Vide (1702-1722) realizou-se o sínodo que publicou as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, documento doutrinal que tinha em conta a arquidiocese baiana. Entretanto acabou expandindo-se para as dioceses sufragâneas da Bahia. Vigorou como a principal legislação da América Portuguesa no período colonial (NUNES, 2008, p. 41).
-----------------------------------	--

CONSULTA	[Ge] Busca direta ou indireta de informações.
-----------------	---

CONTA	[Ou] Forma, geralmente esférica, cilíndrica, oblonga, poligonal ou
--------------	--

³¹² Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

³¹³ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

³¹⁴ CONJUNTO... 2007, p. 175.

<i>chapelet [fr]</i>	irregular, que é polida, furada, e que pode, eventualmente, apresentar facetas (IMC, 2011, p. 133).
CONTAS	[Or] Ornato em forma de pequenas pérolas (IMC, 2011, p. 119) justapostas ou composto de pequenas esferas. ³¹⁵
CONTA DE REZAR <i>prayer nut [ing]</i> <i>grano devozionale [it]</i> <i>grain de chapelet [fr]</i>	[Rg] Objeto de devoção, que pode constituir a conta de remate de um rosário. Geralmente feito em marfim ou madeira, é esférico, em forma de grande conta de rosário, abrindo em duas partes. A superfície externa é decorada e, ao abrir-se, apresenta no interior, uma cena religiosa, geralmente uma cena do Calvário (THESAURUS, 2004, p. 97).
CONTADOR	[Mo] Móvel antigo, espécie de armário com pequenas gavetas e firmado numa peanha ou em quatro pés (ÁVILA, 1979, p. 137). Versão do <i>cabinet</i> em Portugal no século XVII, em que as gavetas estão à vista (QUEIMADO, 2007, p. 179). Móvel utilizado para a guarda de documentos ou pequenos objetos de valor, é constituído por um corpo ou caixa, onde se inserem, sobrepostas e justapostas, um número de gavetas, à vista, com as frentes aparentemente iguais, podendo esconder um ou mais segredos. Quando de maiores dimensões, apoia-se numa base, mesa ou trempe propositadamente executada para o efeito, quase sempre rematada com um avental mais ou menos elaborado. A base é constituída por uma mesa simples, em alguns casos com gavetas e/ou gavetões ou, mais raramente, por um armário baixo. O contador com mesa, encontra-se habitualmente encostado à parede, e só raramente apresenta decoração nas costas. Este termo que designa um móvel de feição nacional, não tem correspondência nos seus congéneres europeus, cuja parte superior apresenta diversas variantes: tampa ou alçapão superior, gavetas de frentes desiguais agrupadas em torno de um nicho ou escaninho e duas portas. ³¹⁶ Ver PAPELEIRA.
CONTORNAR <i>contornear [esp]</i> <i>to contour [ing]</i> <i>contornare [it]</i> <i>contourner [fr]</i>	[Tc] Trabalhar com os instrumentos em torno do limite exterior de qualquer obra (TEIXEIRA, 1995, p. 35).
CONTORNO <i>contorno [esp]</i> <i>outline [ing]</i> <i>contorno [it]</i> <i>contour [fr]</i>	[Es] Os relevos são limitados pelas linhas de contorno que circunscrevem a obra (TEIXEIRA, 1995, p. 35). De acordo com Castro (1937, p. 37), contorno é a circunscrição de qualquer corpo, dentro da qual se expressa a individuação de suas partes. [Ou] Conjunto de linhas que separa uma forma de outra, em desenho, pintura ou gravura. No desenho ou na gravura, o modo como o contorno é traçado, pode além de estabelecer a fronteira entre o corpo delineado e os restantes, sugerir a sua própria

³¹⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

³¹⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	textura. Na pintura, é variável a maneira de sugerir o contorno, sublinhando-o com traços delimitando rigorosamente a cor (contorno nítido), ou deixando a mancha daquela, através de tonalidades graduadas, sugerir a fronteira de modo difuso (contorno impreciso). ³¹⁷
CONTRACANTO	Ver BARRA .
CONTRAFIO, a	[Tc] Corte áspero para contrariar a direção do crescimento das fibras (TEIXIDO I CAMI, 1997).
CONTRAFORTE	[Ar] Suporte adossado a uma parede exterior ou interior, com a função de lhe aumentar a resistência e estabilidade às pressões exercidas por vários elementos arquitetônicos (IMC, 2011, p. 119).
CONTRALUZ	[Ou] Luz oposta ao espectador de determinado objeto, prejudicando a sua apreensão. Representação da figura ou objeto a essa luz evidenciando o contorno. ³¹⁸
CONTRAPOSTO	[Es] Atitude ou pose da figura humana em que há uma contraposição de partes do corpo (parte superior virada para um lado enquanto a inferior se volta para o outro, partes em tensão, outras distendidas). O contraposto foi desenvolvido pelos escultores gregos na época clássica e voltou a ser empregue a partir do séc. XVI e, sobretudo durante o Maneirismo. ³¹⁹
CONTRASTE ou CONTRA POSIÇÃO	[De] Por contra ou por uma coisa defronte da outra, variar as linha e atitudes das figuras em pintura, baixo-relevo ou ornato (REAL, 1962, p. 158).
CONTRASTES SIMULTÂNEOS	[Cor] Propriedade das cores que, quando colocadas lado a lado, agem uma sobre a outra, mostrando a relatividade da aparência da cor (NEVES, 2013, p. 97-98).
CONTROLE AMBIENTAL	[Cv] Criação e manutenção de ambiente de armazenamento propício à preservação, compreendendo controle de temperatura, da umidade relativa, da qualidade do ar, da luminosidade, bem como prevenção de infestação biológica, procedimentos de manutenção, segurança e proteção contra fogo e danos por água. ³²⁰
CONVENTO	[Ig] Casa onde habita uma comunidade de religiosos ou religiosas. Internato de moças sob a direção de religiosas (NUNES, 2008, p. 41).

³¹⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

³¹⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

³¹⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

³²⁰ Disponível em: <http://terminologiaarquivistica.blogspot.com/2011/05/controle-ambiental_09.html>. Acesso em: 09 nov. 2018.

	<p>CONVENTUAL – 1. [Rg] Relativo a conventos. 2. [Rg] Diz-se da missa rezada pelo pároco nos domingos e dias santificados e que também se chama missa do dia. 3. [Rg] Pessoa residente num convento (NUNES, 2008, p. 41).</p>
<p>CONVERSADEIRA</p>	<p>1. [Ar] Assento construído ao lado da janela, rasgada por dentro logo abaixo do peitoril. as conversadeiras podem ser de madeira, de cantaria ou da própria alvenaria da parede (ÁVILA, 1979, p. 33). Aparece com frequência nos corredores e sacristias das igrejas mineiras do período colonial. 2. [Mo] Pequeno sofá em forma de “S”, ou cadeira dupla ou tripla, com assentos dispostos de forma a ficarem as pessoas em posição cômoda, permitindo a conversa íntima entre elas (DAMASCENO, 1987, p. 18).</p>
<p>CONVERSOR DE ÓXIDOS (ácido fosfórico)</p>	<p>[Qm] Que consiste num ácido que, quando aplicado numa superfície oxidada, transforma o óxido num composto metal-orgânico, formando um filme inibidor que protege a superfície metálica de uma corrosão posterior. A utilização do conversor impede de forma efetiva o contato do oxigénio com o metal oxidado, evitando a formação de novos óxidos (PEIXOTO, 2012, p. 62).</p>
<p>COPAL</p> <p><i>copal [esp]</i> <i>copal [ing]</i> <i>coppale [it]</i> <i>copal [fr]</i></p>	<p>[Ma] Resina pertencente à família de resinas fósseis, muito duras, ou não-fósseis, chamadas “moles”, originárias da América (México, de onde viria o nome copal, ou o Brasil e outros países onde a araucária cresce), África (Zanzibar, Congo, Madagascar: os filmes obtidos são brilhantes e resistentes) ou Extremo Oriente (Filipinas, onde a resina obtida é solúvel em álcool e os filmes são flexíveis) (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1022). Resina que serve para fazer verniz, extraída de árvore das regiões tropicais (TEIXEIRA, 1995, p. 35). Secreção resinosa de coníferas.</p>
<p>CÓPIA</p> <p><i>copie [fr]</i></p>	<p>[Ap] Reprodução manual de toda ou parte de uma composição, o modelo, do qual o copista não é o autor (LANGLE; CURIE, 2009, p. 248). Versão de uma obra original feita para ser aceita como tal e não como se a obra original, diferenciando-se desta forma do contrafeito (ou falso) em que há uma intenção de prejudicar deliberadamente o receptor. Distingue-se também da réplica, que é uma versão de determinada obra executada pelo mesmo artista que criou o original, ou pela sua oficina. Uma cópia é normalmente motivada por fatores didáticos, copiar era a base do ensino tradicional das artes, ou pela vontade de alguém possuir uma imagem cujo original é inacessível. Em ambos os casos pressupõe a admiração do original, mas se no primeiro responde à Academia, no segundo é motivada pelo colecionismo. A cópia por vezes era ainda utilizada parcialmente, dentro de uma forma normal de compor usando modelos e figuras conhecidas popularizadas pela fama e pelas gravuras.³²¹</p>

³²¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

COQUILHO (cordões de)	[Or] Espécie de moldura ou guarnição de uma peça, em forma de pequenos cocos ou contas de rosário (ÁVILA, 1979, p. 137).
COR	[Cor] Sensação percebida pelos órgãos da visão (olho e cérebro) durante a observação dos corpos. Esta observação é feita sob uma determinada luz, natural ou artificial, difusa ou dirigida. Uma cor é caracterizada por três grandezas: seu tom, seu valor e sua pureza. Um corpo absorve parte da energia luminosa que recebe e reflete outra parte: é essa luz, a resposta seletiva do corpo, que lhe dá cor. Quando um objeto é atingido por uma luz branca e ele aparece vermelho, por exemplo, é pela absorção das outras cores (LANGLE; CURIE, 2009, p. 42). Ver TOM, VALOR e PUREZA.
COR CARMELITANA	Marrom. ³²²
CORAÇÃO	1. [Md] Tábua que dá o diâmetro de um tronco (TEIXIDO I CAMI, 1997). 2. [Or] Ornato cujos contornos lembram a forma do coração (REAL, 1962, p. 160).
CORANTES <i>colorant [fr]</i>	[Ma] Material corante. Uma substância química colorida que consiste em moléculas individuais dissolvidas em um dado meio ao qual ela confere cor (LANGLE; CURIE, 2009, p. 886). Corantes se diferem dos pigmentos por serem solúveis. Corantes são substâncias coloridas que se dissolvem e que concedem a outros materiais seus efeitos de cor, manchando-os ou sendo por eles absorvidas, são classificadas como tinturas ou corantes (MAYER, 1996, p. 34). São geralmente classificados de acordo com sua origem em: corantes naturais e corantes sintéticos.
CORDA SECA (técnica de)	[Ce] Técnica de decoração hispano-mourisca que consistia em desenhar o contorno dos motivos decorativos com a mistura de uma substância gorda, geralmente óleo de linhaça e manganês, evitando assim que na queima as cores se misturassem. ³²³
CORDÃO	1. [In] Tira formada por fios de tecido entrelaçados, geralmente, arrematada por borlas, usada pelos monges e frades para cingir o hábito à cintura. Fio formado por pequenos anéis metálicos entrelaçados, utilizado geralmente no pescoço para sustentar medalhas religiosas ou objetos de adorno (DAMASCENO, 1987, p. 18). 2. [Ar] Fieira ou série de peças de cantaria, alvenaria, etc. Cordel (ÁVILA, 1979, p. 33).
CORDEAR	1. [Ou] Tomar com cordas as medidas de uma construção. 2. [Ar] Dar direção reta aos muros, paredes, ruas, etc. (ÁVILA, 1979, p. 34).

³²² CONJUNTO... 2007, p. 175.

³²³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CORDEIRO	[Ic] Às vezes segurando um estandarte, representando Cristo, oriundo das palavras de João Batista: “Eis o Cordeiro de Deus” – <i>Agnus Dei</i> (NUNES, 2008, p. 42).
CORDIFORME	[Or] Elemento decorativo em forma de coração (IMC, 2011, p. 119).
CORÍNTIA	[Ar] Ordem clássica de arquitetura, caracterizada pelo adorno de folhas de acanto no capitel e fuste com caneluras, apoiando-se a coluna sobre uma base (ÁVILA, 1979, p. 138). Ver ENTABLAMENTO e ORDEM .
CORLADURA <i>corladura [esp]</i> <i>Mecca gilded [ing]</i>	Aplicação de uma laca tingido amarelado que, aplicada sobre uma folha de metal de estanho, prata ou outros metais, dá um brilho dourado semelhante. ³²⁴
CORNIJA	[It] Do francês <i>cornice</i> . Elemento decorativo horizontal, formado por molduras salientes, que servem de remate à construção. Quando se situa no limite superior do edifício, apoiando o beiral, é chamado cimalha. ³²⁵ Parte superior de um entablamento, formando uma moldura ressaltada que corre ao longo de um edifício, com a função de proteger as paredes das águas pluviais. (IMC, 2011, p. 119). Moldura sobreposta, formando saliências na parte superior da parede, móvel, etc. No retábulo é a parte superior do entablamento que, em ornato sobre o friso, aparece em forma saliente com relação ao plano geral. A cornija aparece também na composição do frontispício de algumas igrejas (ÁVILA, 1979, p. 138). Ver CIMALHA .
CORNUCÓPIA	[Or] Tem forma de vaso em corno, geralmente retorcido, donde caem frutos e flores, muito usado como ornato. [Ab] Atributo de abundância e símbolo da agricultura e do comércio (REAL, 1962, p. 163). Nas decorações das igrejas, existem os anjos tocheiros portando uma cornucópia retorcida onde os frutos são substituídos por círios ou ainda na mão de anjos com flores. ³²⁶
CORO	[Ig] Balcão situado por cima da porta central de entrada da igreja, destinado a abrigar os cónegos ou membros de colegiados, ordinariamente, também os cantores e instrumentistas, em cerimônias religiosas (DAMASCENO, 1987, p. 18). Antigamente o coro situava-se na capela-mor. Após a reforma do Concílio de Trento, passou a localizar-se em posição elevada sobre a entrada do templo. ³²⁷
COROA	1. [In] Do latim <i>corona</i> . Objeto de formato circular, geralmente de ouro

³²⁴ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/corladura>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

³²⁵ CONJUNTO... 2007, p. 175.

³²⁶ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 77.

³²⁷ CONJUNTO... 2007, p. 175.

<i>crown [ing]</i> <i>corona [it]</i> <i>couronne [fr]</i>	ou prata lavrados, decorado, às vezes, com pedrarias. Adorno de cabeça, geralmente símbolo de dignidade e de prestígio, que coroa as cabeças reais e de outros dignitários da nobreza, insígnia de soberania. 2. [Ic] Na iconografia cristã, aparece de forma fechada na cabeça do Menino Deus e da Virgem Maria e de forma aberta, na cabeça de santos nobres (DAMASCENO, 1987, p. 18), bem como certas esculturas santificadas. Também se constitui como símbolo heráldico, acompanhando um escudo brasonado. Tendo por base um aro circular, a coroa adota diversas formas, podendo o seu coroamento ser aberto ou fechado por hastes (IMC, 2011, p. 81). 3. [Or] Ornato com que se cinge a cabeça, grinalda de flores ou folhas com que se rodeia a cabeça. 4. [Rg] Tonsura circular na cabeça dos eclesiásticos. Rosário com sete padre nossos e sete dezenas de ave-marias (NUNES, 2008, p. 42). Ver DIADEMA. 5. [Pe] Porção superior de uma pedra facetada separada do pavilhão pela cintura onde, caso exista, se encontra a mesa. No talhe rosa, a coroa é o conjunto das facetas acima da base. ³²⁸
COROAÇÃO	[Ic] Cerimônia Mariana. Coroação de Nossa Senhora como rainha do céu (NUNES, 2008, p. 42).
COROAMENTO	[It] A parte superior ou remate, geralmente ornado, de uma determinada construção, de um retábulo, de um chafariz, etc. (ÁVILA, 1979, p. 138).
CORPO	[Ge] Parte principal de um objeto que caracteriza a sua forma e função (IMC, 2011, p. 119).
CORPO DA IGREJA	[Ig] Espaço interno da igreja que vai desde a entrada até o arco-cruzeiro. Também denominado <i>nave</i> , pode ser subdividido através de colunas ou pilastras, dando origem a uma nave central e duas laterais (TRINDADE, 1998, p. 386).
CORPORAL	[Li] Pano quadrangular, geralmente de linho branco, com uma cruz bordada no centro, onde se colocam a hóstia consagrada e o cálice, durante a celebração da missa ou fora dela. Na liturgia da missa, recorda o Santo Sudário (TRINDADE, 1998, p. 386). Engomado, tendo apenas como decoração renda ou bordado simples na orla, e pequena cruz situada no terço inferior da peça. Estende-se sobre o altar para colocar o cálice e patena. ³²⁹ Ver BURSA e SUDÁRIO.
CORRIMÃO	1. [It] Peça ao longo e ao lado de uma escada, para se firmar a mão. 2. [It] Barrote que sustenta os balaústres e serve de encosto ou parapeito nos guarda-corpos (ÁVILA, 1979, p. 34).

³²⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

³²⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CORRUGADO	[Ce] Tipo de decoração em que, depois da colocação de cada rolete, este é ligado ao anterior por meio de pressões mais ou menos regulares, espaçadas, executadas com as pontas dos dedos, em sentido perpendicular ou transversal ao vaso. ³³⁰ [Ma] Tipo de papel.
CORTA-MÃO <i>escuadra [esp]</i> <i>carpenter's square [ing]</i> <i>squadra [it]</i> <i>équerre [fr]</i>	[Eq] Esquadro. Pode ser de metal, madeira ou outro material e possui dois braços em ângulo reto (TEIXEIRA, 1995, p. 35).
CORTAR <i>cortar [esp]</i> <i>to cut [ing]</i> <i>tagliare [it]</i> <i>couper [fr]</i>	[Ge] Dividir, talhar com instrumento de gume. Diz-se cortar a madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 36).
CORTE <i>corte [esp]</i> <i>cuts [ing]</i> <i>taglio [it]</i> <i>coupe [fr]</i>	[Es] São as faces que o escultor manda fazer na madeira ou na pedra quando dá início a uma obra (REAL, 1962, p. 165). [Ge] Também pode ser qualquer incisão feita com instrumento cortante (TEIXEIRA, 1995, p. 36).
CORTE ESTRATIGRÁFICO	[Ex] Corte que permite estudar a estrutura pictórica de uma obra, o seu número de camadas, espessura, repinturas, vernizes, colas, veladuras, bem como fazer a análise química dos componentes de cada camada (QUEIMADO, 2007, p. 179).
CORTE FACIAL	[Tc] Em escultura de madeira quando possui olhos de vidro, a técnica mais comum encontrada era fazer um corte na seção longitudinal na cabeça, para que os olhos fossem colocados por dentro da face. O corte facial geralmente é feito com um golpe de ferramenta e isto fica evidente quando vemos que o mesmo acompanhou as fibras da madeira no sentido longitudinal, separando a cabeça em dois blocos: face e crânio. Pode haver ou não uma área oca no interior da cabeça, ou somente um escavado na direção do encaixe dos olhos. Para a fixação novamente da face à cabeça é mais comum usar somente cola no caso de obras pequenas ou cravos ou pinos de madeira em obras maiores. Existem diversas técnicas de corte facial para colocação dos olhos de vidro na cabeça. A mais comum corta do alto da cabeça até debaixo do queixo. Muitas vezes este corte fica invisível a olho nu (COELHO; QUITES, 2014, p. 145-146).
CORTE DA MADEIRA	[Tc] Estão sempre associados planos de corte. Os planos determinam-se por <i>planos transversal, radial e tangencial</i> . Quando o corte é feito transversalmente ao sentido das fibras da madeira, denomina-se por <i>corte</i>

³³⁰ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	<i>transversal</i> . Quando o corte é feito longitudinalmente e no sentido do centro do tronco da estrutura de raios ou parênquimas radiais denomina-se por <i>corte radial</i> . Quando o corte é feito paralelamente ao eixo central do tronco e também longitudinalmente tangente aos anéis de crescimento, denomina-se por <i>plano tangencial</i> (QUEIMADO, 2007, p. 47).
--	---

CORTECHÉ <i>a type of scraper plane [ing]</i>	[Eq] Instrumento de carpinteiro e marceneiro usado para cortar e alisar superfícies curvas (TEIXEIRA, 1995, p. 36).
---	---

CORTINA DO ALTAR <i>riddel [ing]</i> <i>cortina d'altare [it]</i> <i>courtine d'autel [fr]</i>	[Ig] O mesmo que sanefa, baldaquim ou guarda-pó de altar ou retábulo. A expressão "cortina de madeira do altar" é usada por Manuel da Costa Athaide nos Autos de Justificação das pinturas da Igreja do Rosário de Mariana (1826) (ÁVILA, 1979, p. 138).
--	--

CORTINA, BAMBINELA, ALMOFADA, REPOSTEIRO, GUARDA-ROUPA	[Ig] Agrupam-se assim várias peças de adorno da Igreja, por ocasiões festivas. Podem ser nos mais variados tecidos. ³³¹
---	--

CORUCHÉU	[Or] Ornamento geralmente de pedra, remate piramidal ou cónico que coroa e decora uma torre, um telhado, frontões, um campanário ou uma colunata (IMC, 2011, p. 120).
-----------------	---

COSTAS, ESPALDAR, ESPALDAS, ENCOSTO, RECOSTO	[Mo] Superfície vertical ou oblíqua que serve para se apoiar as costas (e excepcionalmente o peito). As costas podem ter as seguintes características: <ul style="list-style-type: none"> • Móveis – quando comportam um sistema ou mecanismo, destinado a alterar a posição; • Cheias (sem qualquer abertura) – as costas cheias podem ainda ser constituídas por uma armação móvel (falsas costas), com guarnição de mudar mantida num encaixe (caixilho ou aro de recosto), por meio de parafusos, ou de pequena lingueta giratória; • Abertas ou vazadas – com aberturas executadas mediante diversos desenhos e processos. Quando constituídas por travessas verticais, a travessa do meio designa-se por tabela, sendo geralmente mais decorada e que pode, por sua vez, ser cheia ou vazada.³³²
---	--

COTA <i>cotta [ing]</i>	[In] Veste litúrgica prescrita para os acólitos. Semelhante à sobrepeliz, da qual difere por ter as mangas curtas. É feita em linho branco ou algodão. Evolução de sobrepeliz mais curta e menos ampla, as mangas
-----------------------------------	---

³³¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

³³² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>cotta</i> [fr]	atingem o cotovelo, tanto estas como a orla são enfeitadas com renda (NUNES, 2008, p. 42).
COUCEIRA	[It] Parte da porta sobre que se pregam as dobradiças. Coice da porta (ÁVILA, 1979, p. 34).
COURRIER	[Mu] Membro da equipe ou indivíduo, profissionalmente treinado, responsável pelo transporte de itens de acervo entre instituições (Museologia, Roteiros práticos 5, 2004, p. 38). Representante institucional com atribuições para cumprir e fazer cumprir acordos normas e procedimentos relacionados com: manipulação, embalagem e transporte, segurança, conservação-restauração dos bens que estão sob sua responsabilidade. ³³³
CÔVADO	[Mt] Antiga medida de comprimento equivalente a 68 centímetros ou 3 palmos. Há indicações de que valeria em Lisboa 66 centímetros e, no Porto, 66,41 centímetros (ÁVILA, 1979, p. 211).
COXIA	[Ig] Numa igreja, é o espaço compreendido entre as paredes laterais da nave e as fileiras formadas pelos bancos. Geralmente, é delimitado por balaustradas ou cancelos (ÁVILA, 1979, p. 34).
COXIM <i>almohadilla</i> [esp] <i>small pillow or cushion</i> [ing] <i>cuscino</i> [it] <i>coussin</i> [fr]	[Eq] Peça de madeira retangular, com moldura coberto por de pergaminho pouco elevada, formando uma espécie de retângulo, onde se colocam as folhas de ouro (TEIXEIRA, 1995, p. 36). Madeira retangular de superfície almofadada e revestido de couro de camurça que serve para segurar e cortar a folha de ouro. ³³⁴
CRAQUELÊS <i>grieta</i> [esp] <i>a crack</i> [ing] <i>scropolatura,</i> <i>scrostatura</i> [it] <i>craquelure</i> [fr]	[Dt] Rede de fendas ou fissuras numa superfície pintada, ou esmaltada. Ocorre em todas as camadas da pintura por diversos motivos. Podendo ser decorrentes de envelhecimento - nesse caso formam uma rede quase microscópica que vai até ao suporte, resultante das diferenças de dilatação deste e das tintas, uma vez completamente seca a pintura; ser precoce – originados por secagem irregular das camadas ou brusca mudança de temperatura: o caso da rede forçada do “craquelê” das falsificações; movimentação do suporte; ressecamento das camadas de preparação e da camada pictórica; tensões locais; natureza do aglutinante; perda de coesão das massas com o tempo ou má execução técnica (QUEIMADO, 2007, p. 179); degradação dos materiais, à técnica construtiva, a manipulação do objeto e a reação dos componentes entre si. Sendo assim é possível encontrar diferentes tipologias de craquelês. Na escultura são mais comumente observados em trabalhos com tinta a óleo, do que nos demais. O tipo de material que compõe a obra de arte vai determinar o padrão de formação do craquelê. O craquelê do verniz, pode

³³³ Notas de aula da Disciplina Prática de Conservação ministrada pela Prof.^a Magali Melleu Sehn no ano de 2018.

³³⁴ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/almohadilla-de-dorar>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

ocorrer por ter se usado uma resina muito dura. Quando o solvente evapora fica só a resina.³³⁵ Podem atravessar a pintura e preparação envolvendo ou não todas as camadas até ao suporte. A deformação da madeira (contração ou dilatação) produz um tipo de craquelê que atinge todas as camadas da policromia. Podemos identificar três fases de deterioração:

1. a camada pictórica craquela apresentando várias rachaduras;
2. concheamento;
3. perda da camada pictórica.

A pintura precisa ser fixada.

CRAVAÇÃO	[Tc] Forma como as pedras estão cravadas, engastadas ou encastoadas no metal das joias. Sinónimo de engaste. ³³⁶
CRAVO	1. [Ma] Tipo de prego de madeira muito encontrado na escultura colonial brasileira (TEIXEIRA, 1995, p. 36). 2. [Ic] Relacionado ao momento da crucificação de Jesus. Instrumento em ferro, outro metal, prata ou madeira, com a extremidade superior piramidal e a inferior pontiaguda, aparece geralmente associado à coroa de espinhos, início e fim do suplício. 2. [Ab] Atributo de Jesus Cristo, de José de Arimatéia e Nicodemos, de São Luís Rei de França, Santa Helena, São Manuel. Constitui emblema da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos. ³³⁷
CRAYON	[Ma] Termo utilizado para designar barras de giz em geral. ³³⁸
CRÉ <i>clarion, greda [esp]</i> <i>chalk [ing]</i> <i>creta [it]</i> <i>craie [fr]</i>	[Ma] Fórmula: CaCO ₃ . Substância natural calcário-argilosa constituída por carbonato de cálcio e silicatos. É porosa, muito friável e redutível a um pó finíssimo. ³³⁹ Carga inerte de carbonato de cálcio que misturado com aglutinante, constitui um tipo de preparo da pintura, sobretudo associado ao norte da Europa, uniformizando as telas ou as tábuas e permitindo uma maior impermeabilização destes suportes. ³⁴⁰
CREDENCIA	1. [Ig] Pequena mesa ao pé do altar, onde se colocam as galhetas, o cálice

³³⁵ Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

³³⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

³³⁷ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 80.

³³⁸ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/desenho>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

³³⁹ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

³⁴⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	e outros acessórios da missa (ÁVILA, 1979, p. 138), quase sempre apresentando ornamentação de talha ou pintura. Usada geralmente aos pares, integra, nas igrejas, o mobiliário da capela-mor, embora apenas uma, a do lado da epístola. Costuma receber também a denominação, de <i>consolo</i> (DAMASCENO, 1987, p. 18). 2. [Mo] Armário baixo com portas, que surge no Renascimento, e sobre o qual assenta um tampo mais largo (QUEIMADO, 2007, p. 180).
CREOSOTO	[Ma] Derivado do alcatrão que conserva a madeira (TEIXIDO I CAMI, 1997).
CRESCENTE	[Or] Ornato com a forma de uma meia-lua (IMC, 2011, p. 120). Também chamado de <i>crescente lunar</i> .
CRESTAMENTO	[Dt] Queimadura superficial, ressecamento produzido por excesso de calor (ACAM PORTINARI, 2010, p. 91).
CRIPTA	[Ig] Galeria subterrânea que, em alguns conventos e igrejas, se destinam ao sepultamento de religiosos (ÁVILA, 1979, p. 34).
CRISMAL <i>chrism cloth [ing]</i> <i>crismale [it]</i> <i>chrêmeau [fr]</i>	[Ig] Tela de linho embebida em cera derretida, usada para envolver a pedra d'ara (DAMASCENO, 1987, p. 18).
CRISOCALCO <i>crisocalco [esp]</i> <i>chrysocale [fr]</i>	[Ma] Liga metálica que imita o ouro e se compõe geralmente de cobre, zinco e estanho. Serve para revestimentos dourados (TEIXEIRA, 1995, p. 36).
CRISOGRAFIA <i>chrysographie [fr]</i>	[Ou] Escrita à tinta de ouro. Arte de escrever com caracteres em ouro. Os romanos usavam a crisografia em pergaminhos cor de púrpura (REAL, 1962, p. 167).
CRISTA	[Or] Decoração entalhada ao longo da trave superior de uma cadeira, moldura de espelho ou armário (QUEIMADO, 2007, p. 180).
CRISTADO DE CHAMAS	[Or] Terminação com decoração em forma de chamas. A chama, assim como a concha, são temas da decoração estilo Rococó. ³⁴¹
CRISTO	[Rg] Do latim <i>Christu</i> , derivado do grego <i>Khristós</i> , que significa “ungido”, que por sua vez deriva do hebraico <i>Mashiach</i> que significa “Messias”. ³⁴²
CRISTO MORTO	[Es] Imagem, geralmente de madeira esculpida e policromada, representando a figura de Jesus Cristo Morto, após sua retirada da cruz, para ser venerada nos altares e transportada na Procissão do Enterro

³⁴¹ CONJUNTO... 2007, p. 175.

³⁴² Disponível em: <<https://www.significados.com.br/cristo/>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

	dentro de esquite próprio (DAMASCENO, 1987, p. 18).
CRISTOLÓGICO	[Ic] Tema relacionado ao nascimento, infância, vida pública, paixão, morte e ressurreição de Cristo (CAMPOS, 2006, p. 9).
CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO	[Re] Segundo Maria Regina Emery Quites é o estabelecimento de normas que norteiam uma reflexão metodológica, em que prevaleça raciocínio, juízo crítico e bom senso, para que se defina uma intervenção.
CRIVO	[It] O espaço entre as reixas (pequenas tábuas) de engradamento das gelosias (ÁVILA, 1979, p. 34).
CROMOLITO (técnica de)	[Ta] Técnica de decoração usada no grés duro não vidrado e que consiste na criação de zonas de cores diferentes, através da incrustação de pastas de diferente coloração. ³⁴³
CROSSA <i>riccio di pastorale [it]</i> <i>crosseron [fr]</i>	[Ab] Parte da terminação superior da vara do báculo. Inicialmente em forma de tau, a crossa evolui para um modelo semelhante ao desenho de uma voluta (IMC, 2011, p. 82). Ver BÁCULO .
CROSTA NEGRA	[Dt] Depósito de impurezas ambientais, formando grossa camada escura que reage com a pedra, levando à sua degradação (ALMEIDA, 2000, p. 24).
CRUCIFERÁRIO	[Rg] Aquele que leva a cruz na procissão (NUNES, 2008, p. 43).
CRUCIFICADO	[Ic] Designação atribuída à imagem de Jesus Cristo pregado na cruz, geralmente de madeira esculpida e policromada, podendo apresentar dimensões variadas. Em alguns casos, apresenta o corpo articulado, o que lhe permite exercer também, após o descendimento da cruz, a função de Cristo Morto (DAMASCENO, 1987, p. 18).
CRUCIFIXO <i>crocifisso [it]</i>	[Es] Cruz, geralmente de madeira ou metal, à qual se acha afixada a imagem do Crucificado, podendo destinar-se à colocação em paredes, Oratórios, arcazes, ou ser usada como acessório do altar. Representação de Cristo na Cruz. (DAMASCENO, 1987, p. 18).
CRUZ <i>cross [ing]</i> <i>croce [it]</i> <i>croix [fr]</i>	[Es] Do latim <i>crux</i> ou <i>crucis</i> . Designação genérica de peça, geralmente de madeira ou metal, composta basicamente de duas traves – haste e braços – sobrepostas uma sobre a outra, de forma transversal, apresentando diversidade de dimensão e formato. Era utilizada para prender ou pregar os condenados à morte. Instrumento de suplício em madeira onde Jesus Cristo foi pregado e que se tornou o símbolo do Cristianismo (IMC, 2011, p. 82), utilizada nas igrejas ou em outros locais como símbolo da Paixão de Cristo. Segundo a forma, o comprimento e a disposição de seus elementos, costuma receber diferentes denominações

³⁴³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	<p>como, por exemplo: <i>Cruz Florenciada, Cruz Gamada, Cruz Grega, Cruz Latina, Cruz de Malta, Cruz Patriarcal, Cruz Pontificai, Cruz de Santo André, Cruz de São Jorge, Cruz em Jau</i>. Nos crucifixos e cruzeiros, a forma mais comum é a da <i>Cruz Latina</i> – a que tem o ramo interior mais comprido que os outros (DAMASCENO, 1987, p. 19). Insígnia de Ordens religiosas-militares: a Cruz de Cristo, a de São Tiago, a Cruz de Avis. Existem diversos tipos entre as quais cita-se a <i>egípcia, grega, latina, em T, de Santo André, de Lorena, de Malta, trifoliada, de âncora, papal</i> (NUNES, 2008, p. 43). Quando, sobre a cruz, é fixada a figura de Cristo crucificado em escultura de pleno vulto, diz-se <i>crucifixo</i> (THESAURUS, 2004, p. 98).</p>
<p>CRUZ DA CONSAGRAÇÃO <i>consecration</i> <i>cross [ing]</i> <i>croce di</i> <i>consacrazione [it]</i> <i>croix de</i> <i>consécratio [fr]</i></p>	<p>[Es] Cada uma das doze cruces aplicadas ou, como é mais frequente, diretamente pintadas, gravadas ou esculpidas nas paredes, colunas ou pilastras no interior de uma igreja. As cruces da consagração recebem a unção do Santo Crisma e do Óleo dos Catecúmenos, durante a consagração da igreja pelo bispo (THESAURUS, 2004, p. 121).</p>
<p>CRUZ DA PAIXÃO <i>Passion cross [ing]</i> <i>croce della</i> <i>Passione [it]</i> <i>croix de la</i> <i>Passion [fr]</i></p>	<p>[Es] Cruz ornada com os símbolos da Paixão, utilizada por uma confraria de penitentes para abrir a procissão da Semana Santa. Em Portugal, a cruz que abre a procissão da Semana Santa é ornada apenas por uma faixa de tecido branco, em memória do sudário de Cristo (THESAURUS, 2004, p. 135).</p>
<p>CRUZ DA PENITÊNCIA</p>	<p>[Es] Diz-se da cruz de duas hastes que se constitui num dos símbolos da Venerável Ordem de São Francisco da Penitência. É, às vezes, chamada também <i>cruz patriarcal</i> ou <i>cruz de Lorena</i> (ÁVILA, 1979, p. 138).</p>
<p>CRUZ DE ALTAR <i>altar cross [ing]</i> <i>croce d'altare [it]</i> <i>croix d'autel [fr]</i></p>	<p>[Es] Cruz, geralmente com a imagem de Cristo, colocada ao centro da mesa de altar, da banqueta ou do sacrário. Costuma fazer conjunto com os castiçais de altar (THESAURUS, 2004, p. 141).</p>
<p>CRUZ DE ASSENTO</p>	<p>[Es] Tal como a sua denominação menciona, trata-se de uma cruz que assenta sobre a mesa de altar. Esta prática generalizou-se ao longo do século XIII, sendo que a haste inferior podia finalizar num espigão, o que possibilitava assentar a cruz ao próprio altar, ou numa base concebida especialmente para essa finalidade (IMC, 2011, p. 82).</p>
<p>CRUZ DE BANQUETA</p>	<p>[Es] Crucifixo composto de base e cruz de haste longa, com a imagem do Crucificado. É utilizado sobre a banqueta em posição de destaque, lembrando o drama do calvário (DAMASCENO, 1987, p. 19).</p>
<p>CRUZ DE ÂNCORA</p>	<p>[Es] Cruz que tem suas quatro extremidades na forma de uma âncora. Simboliza a ressurreição e seu uso precede o cristianismo. Portanto, a atribuição da cruz coroada ou ancorada é indicativa da autoridade,</p>

	entidades ou sistema da ressurreição dos mortos. ³⁴⁴
--	---

CRUZ DE AVIS	[Es] A Cruz de Avis, semelhante à cruz de Calatrava, com as pontas terminando em flores de lis, mas em verde, foi nessa altura integrada na bandeira portuguesa, assim permanecendo durante pelo menos um século. ³⁴⁵
---------------------	--

CRUZ DE BATISMO	[Es] Pequena cruz, com aro de suspensão, que se traz suspensa ao pescoço ou presa sobre a roupa, como sinal de devoção. Oferecida por ocasião do batismo, costuma apresentar, no reverso, uma inscrição com o nome e apelido do neófito, bem como a data do sacramento (THESAURUS, 2004, p. 98).
<i>baptismal cross [ing]</i>	
<i>crocetta</i>	
<i>battesimale [it]</i>	
<i>croix de baptême [fr]</i>	

CRUZ DE CEMITÉRIO	[Es] Cruz ou crucifixo monumental, colocados sobre um pedestal no cemitério (THESAURUS, 2004, p. 58).
<i>cemetery cross [ing]</i>	
<i>croce cimenteriale [it]</i>	
<i>croix de cimetièrre [fr]</i>	

CRUZ DE CONFESSONÁRIO	[Es] Cruz de pequenas dimensões, eventualmente com a representação de Cristo, fixado no vão do confessionário reservado ao penitente, em geral, sobre a grade (THESAURUS, 2004, p. 99).
<i>confessional booth</i>	
<i>cross [ing]</i>	
<i>croce del</i>	
<i>confessionale [it]</i>	
<i>croix de confessional</i>	
<i>[fr]</i>	

CRUZ DE JUBÉU	[Es] Cruz de grandes dimensões colocada no centro do jubéu da igreja (THESAURUS, 2004, p. 99).
<i>rood (screen) [ing]</i>	
<i>croce del pontilhe [it]</i>	
<i>croix de jubé [fr]</i>	

CRUZ DE LORENA	[Es] Um tipo de cruz patriarcal, com dois braços transversais, também conhecida como a Cruz de Anjou. A cruz de Lorena estava no brasão de armas dos duques de Anjou, depois convertido nos duques de Lorena a partir de 1431. ³⁴⁶
-----------------------	---

CRUZ DE MALTA	[Es] Cruz de Jerusalém com entalhes nas pontas ou pontas cortadas. Esta cruz é considerada a marca dos Cavaleiros de Malta, uma ordem religiosa
----------------------	---

³⁴⁴ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/bienes culturales/1189314>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

³⁴⁵ Disponível em: <<http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=179>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

³⁴⁶ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/bienes culturales/1009896>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

	<p>militar cuja origem remonta às Cruzadas. Atualmente é uma Ordem Honorífica.³⁴⁷</p>
CRUZ DE MARTÍRIO	[Es] Quando apresenta elementos alusivos à Paixão de Cristo (DAMASCENO, 1987, p. 19).
CRUZ DE PENITENTE <i>penitential cross [ing]</i> <i>croce penitenziale [it]</i> <i>croix de penitente [fr]</i>	[Es] Grande cruz, geralmente nua, levada aos ombros por um ou mais penitentes na procissão da Semana Santa. Os braços da cruz podem ter a forma natural de tronco de árvore (THESAURUS, 2004, p. 136).
CRUZ DE PÚLPITO <i>pulpit cross [ing]</i> <i>croce del pulpito [it]</i> <i>croix de chaire à prêcher [fr]</i>	[Es] Cruz colocada na face dianteira do púlpito, sobre o parapeito, geralmente com um suporte em forma de braço (THESAURUS, 2004, p. 99).
CRUZ DE SACRISTIA <i>sacristy cross [ing]</i> <i>croce di sacristia [it]</i> <i>croix de sacristie [fr]</i>	[Es] Cruz, geralmente colocada sobre o armário de sacristia, diante da qual o presbítero se inclina, ao entrar ou ao sair (THESAURUS, 2004, p. 99).
CRUZ DE SANTA MISSÃO <i>missionary cross [ing]</i> <i>croce di missione [it]</i> <i>croix de mission [fr]</i>	[Es] Cruz erguida em memória de uma missão, ou seja, de uma jornada de um ou mais dias de catequese. Apresenta, geralmente uma inscrição comemorativa e a data da missão. Pode ser guardada no interior ou no exterior da igreja (THESAURUS, 2004, p. 59).
CRUZ DE SANTO ANDRÉ	[Es] Cruz em forma de "X", com as hastes ou braços cortados obliquamente. Também chamada de Cruz de Borgonha. De acordo com uma tradição que remonta ao século IV, Santo André foi crucificado, sobrevivendo dois dias durante os quais pregou o Evangelho na cruz. Mais tarde, afirma-se que foi na forma de "X", que representou a inicial em grego do nome de Cristo. Santo André é o santo padroeiro da Grécia, Romênia, Rússia e Escócia, cuja bandeira traz o símbolo da cruz de Santo André.
CRUZ DE SÃO JORGE	[Es] Segundo a lenda, São Jorge lutou e matou um poderoso dragão para proteger uma princesa. Após matar o monstro, fez uma cruz em seu escudo com o sangue do dragão. A bandeira da Inglaterra é chamada de "Bandeira de São Jorge" ou de "Cruz de São Jorge", entre os ingleses. ³⁴⁸

³⁴⁷ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/bienes culturales/1009894>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

³⁴⁸ Disponível em: <<https://www.significados.com.br/bandeira-da-inglaterra/>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

CRUZ DE SANTIAGO	[Es] Cruz de cor vermelha, em forma de espada. A cruz de Santiago foi o lema da Ordem de Santiago, fundada em 1161 por 12 cavaleiros de Leão, para proteger os peregrinos que iam a Compostela. ³⁴⁹
CRUZ DE SEXTA-FEIRA SANTA	[Es] Cruz, geralmente de grandes dimensões e sem a imagem do Crucificado, posta diretamente no chão ou na credência, sobre a almofada de Sexta-feira Santa, durante a cerimónia da adoração da cruz, que ocorre neste dia. Pode ser uma cruz-relicário (THESAURUS, 2004, p. 147).
<i>Good Friday cross</i> [ing] <i>croce del Venerdì Santo</i> [it] <i>croix du Vendredi</i> <i>Saint</i> [fr]	
CRUZ DE TRAVE TRIUNFAL	[Es] Cruz de grandes dimensões colocada no centro da trave triunfal da igreja (THESAURUS, 2004, p. 99).
<i>rood (beam)</i> [ing] <i>croce del trave trionfale</i> [it] <i>croix de poutre de gloire</i> [fr]	
CRUZ EGÍPCIA	[Es] Também chamada <i>Cruz Alçada</i> ou <i>Chave do Nilo</i> . Era um símbolo de vida, provavelmente também de vida eterna. O círculo superior representaria a mulher e a reta o homem. O círculo também poderia sugerir a divindade, a fonte de energia universal que com seu alento dota de vida e movimento ao que é terreno, simbolizado pela linha horizontal. Pode significar ainda o sol, o céu e a terra, círculo, braço vertical e horizontal respectivamente; ou do ponto de vista do indivíduo, a razão, os braços e o corpo. Os egípcios a chamaram <i>ankh</i> e era considerada uma chave mágica que abria a fronteira para a imortalidade. ³⁵⁰
CRUZ EMOLDURADA	[Rg] Cruz, crucifixo ou calvário, aplicados sobre um fundo revestido de tecido precioso e inserido numa moldura, pendurados na parede da sacristia ou de uma casa particular para devoção privada (THESAURUS, 2004, p. 99).
<i>enframed cross</i> [ing] <i>croce incorniciata</i> [it] <i>croix encadrée</i> [fr]	
CRUZ FLORENCIADA	[Es] A cruz florenciada é um símbolo frequentemente utilizado na arte tumular e representa a fé em Jesus Cristo. A sua estrutura assemelha-se com a cruz latina, mas as suas extremidades são ornamentadas com formas parecidas com a flor-de-lis. A cruz florenciada está muito presente na heráldica e é um símbolo tradicional nos brasões militares. É o símbolo da Ordem de Avis, que era uma ordem religiosa de origem militar criada por cavaleiros portugueses. A Ordem de Avis foi instituída

³⁴⁹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/bienes culturales/1190064>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

³⁵⁰ Disponível em: <https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/miscellaneous/cruz_suas_formas_e_seus_significados.html>. Acesso em: 09 nov. 2018.

	no século XII. Ela foi extinta depois de virar ordem honorífica, em 1910. ³⁵¹ Ver CRUZ DE AVIS.
--	--

CRUZ FUNERÁRIA <i>tomb cross [ing]</i> <i>croce tombale [it]</i> <i>croix funéraire [fr]</i>	[Es] Cruz posta sobre um pequeno pedestal para indicar o local de uma sepultura, geralmente em correspondência com o local da cabeça do morto (THESAURUS, 2004, p. 40).
--	---

CRUZ GAMADA	[Es] Cruz formada por quatro faixas cruzadas. É usado em todas as eras cristãs como um monograma de Cristo. A suástica, assim como um símbolo religioso, foi adotada como símbolo político ou racista. ³⁵² Símbolo judeu, ou mesmo, hindu.
--------------------	---

CRUZ GREGA	[Es] Cruz consistindo de um bastão e uma barra transversal de tamanho igual e corte nos pontos intermediários. Na arte bizantina é representada desde o século V. A cruz grega simboliza o poder taumatúrgico de Jesus Cristo, normalmente usado para abençoar. ³⁵³
-------------------	--

CRUZ LATINA	[Es] Cruz formada por um braço vertical e por outra cruz mais curta, que atravessam mais de meia altura. Esse tipo manteve o significado "triumfante" das primeiras cruzes de Constantino. ³⁵⁴ É a mais comum de todas as cruzes. Ela era um instrumento de condenação à morte nos tempos de Jesus. Ela nos lembra o supremo sacrifício que Jesus ofereceu pelos pecados de todo mundo. Tradicionalmente ela simboliza a crucificação, no entanto, como é totalmente vazia, também nos lembra a ressurreição e a esperança da vida eterna. ³⁵⁵
--------------------	--

CRUZ MONUMENTAL <i>monumental cross [ing]</i> <i>croce stazionale [it]</i> <i>croix monumentale [fr]</i>	[Es] Cruz, crucifixo (crucifixo monumental) ou calvário (calvário monumental), com pedestal, colocados no exterior de uma igreja, para indicar um lugar de particular devoção. Pode encontrar-se num adro, numa encruzilhada, na berma de um caminho (cruzeiro, crucifixo viário, calvário viário), ou fazer parte de um monte-calvário, como pode ser uma cruz de santa missão, cruz de cemitério ou calvário de cemitério (THESAURUS, 2004, p. 59).
--	---

CRUZ PAPAL <i>papal cross [ing]</i> <i>croce papale [it]</i>	[Es] Insígnia papal em forma de cruz, geralmente, com tripla travessa (THESAURUS, 2004, p. 92).
---	---

³⁵¹ Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/cruz-florenciada/>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

³⁵² TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/bienes culturales/1189311>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

³⁵³ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/bienes culturales/1001166>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

³⁵⁴ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/bienes culturales/1038755>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

³⁵⁵ Disponível em: <https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/miscellaneous/cruz_suas_formas_e_seus_significados.html>. Acesso em: 09 nov. 2018.

croix papale [fr]

CRUZ PASTORAL [Es] Insígnia papal, de patriarca e de arcebispo usada nas cerimónias. Apresenta a forma de um alto bastão encimado por cruz: a cruz pastoral do Papa (cruz papal) tem, geralmente, tripla travessa; a do patriarca (cruz patriarcal) tem dupla travessa (THESAURUS, 2004, p. 92).

cross staff [ing]
croce pastorale [it]
croix pastorale [fr]

CRUZ PATRIARCAL [Es] Insígnia de patriarca em forma de cruz com dupla travessa. (THESAURUS, 2004, p. 92).

patriacal cross [ing]
croce patriarcale [it]
croix patriarcale [fr]

CRUZ PEITORAL [Es] Cruz de pequenas dimensões, que os bispos trazem ao peito, geralmente de ouro ou prata lavrados, contendo no interior um minúsculo pedaço do *Santo Lenho de Cristo* (DAMASCENO, 1987, p. 19).

croce pettorale [it]
croix pectorale [fr]
pectoral cross [ing]

CRUZ PONTIFICAL [Es] A cruz de três hastes, também chamada *papal* (ÁVILA, 1979, p. 138).

CRUZ PORTÁTIL [Es] Cruz, com um prolongamento sob a haste inferior, que abre um cortejo processional ou fúnebre. Distingue-se da cruz processional por não ser montada sobre uma haste móvel (THESAURUS, 2004, p. 136).

croce portatile [it]

CRUZ PROCESSIONAL [Es] Cruz usual no serviço litúrgico das procissões solenes, erguida na vertical por uma comprida haste (IMC, 2011, p. 83). Geralmente de madeira, prata ou outro metal menos nobre afixado na extremidade superior de uma haste roliça, ladeada por dois ciriais. Chama-se *cruciferário* o condutor da cruz, nas procissões (DAMASCENO, 1987, p. 19). Cruz que abre um cortejo processional ou fúnebre. Apresenta, geralmente, a figura de Cristo, no anverso, e a da Virgem ou outro santo, no reverso; eventualmente, apresenta as imagens da Virgem e de São João Evangelista sobre um suporte próprio adjacente, um nó junto à base e tintinábulo. Pode ser montada sobre uma haste ou apresentar um prolongamento sob o braço inferior (cruz portátil). Pode ser colocada no altar sobre a base da cruz de altar (THESAURUS, 2004, p. 136).

processional cross [ing]
croce processionale [it]
croix de procession [fr]

CRUZ RAIONADA [Es] Com raios, raiada.

CRUZ-RELICÁRIO [Es] Cruz de assento com receptáculos para relíquias ou relicário em forma de cruz. Quando contém uma relíquia da Vera Cruz, diz-se *estauroteca* (THESAURUS, 2004, p. 99). Cruz com diversidade de material e formato, possuindo cavidade geralmente envidraçada, para a guarda e exposição de relíquias de santos ou do *Santo Lenho de Cristo* (DAMASCENO, 1987, p. 19).

cross-reliquary [ing]
reliquiario a croce [it]
croix-reliquaire [fr]

CRUZ TRIFOLIADA	[Es] Cruz cujos braços terminam em flor ou trevo. ³⁵⁶
CRUZ DA TRINDADE	[Es] Os remates de três círculos interseccionados, representa a Trindade. ³⁵⁷
CRUZ TRIUNFANTE	[Es] Representa o triunfo final e reinado de Jesus Cristo sobre o mundo. Também é símbolo da evangelização mundial. Na arte cristã, esta cruz é usada no topo do cetro de Jesus para mostrar seu Reino em glória. ³⁵⁸
CRUZEIRO <i>wayside cross [ing]</i> <i>croce viária [it]</i> <i>croix de chemin [fr]</i>	1. [Es] Cruz geralmente de grandes dimensões, colocada fora da igreja, num adro, numa encruzilhada, cemitérios, largos, praças, ou na berma de um caminho, para indicar um lugar de particular devoção (THESAURUS, 2004, p. 59). Alguns cruzeiros apresentam a forma conhecida como "Cruz dos Martírios", que traz os instrumentos do suplício de Cristo. 2. [It] A parte da igreja compreendida entre a capela-mor e a nave central (ÁVILA, 1979, p. 34).
CULTO	[Rg] Homenagem prestada à divindade. Adoração, veneração (NUNES, 2008, p. 44).
CULTURA	[Ge] A cultura, no amplo conceito antropológico, é o elemento identificador das sociedades humanas e engloba tanto a linguagem na qual o povo se comunica, conta suas histórias e faz seus poemas, como a forma como prepara seus alimentos, suas crenças, sua religião, o saber e o saber fazer as coisas, seu direito. Os instrumentos de trabalho, as armas e as técnicas agrícolas são resultado da cultura de um povo, tanto quanto suas lendas, adornos e canções. ³⁵⁹
CUNHA	1. [Tc] Peça de metal ou madeira dura cortada em ângulo agudo, usada para fender pedra ou madeira, bem como para calçar, nivelar ou ajustar objetos. 2. [Eq] Na carpintaria é uma peça que mantém na posição correta a lâmina existente em ferramentas como a plaina. ³⁶⁰
CUNHAL	[Ar] Ângulo externo e saliente, formado por duas paredes convergentes, podendo ser de madeira, pedra ou massa, conforme o sistema construtivo adotado. Quando a estrutura é de madeira, o cunhal se compõe de esteios

³⁵⁶ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/bienes culturales/1009895>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

³⁵⁷ Disponível em: <https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/miscellaneous/cruz_suas_formas_e_seus_significados.html>. Acesso em: 09 nov. 2018.

³⁵⁸ Disponível em: <https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/miscellaneous/cruz_suas_formas_e_seus_significados.html>. Acesso em: 09 nov. 2018.

³⁵⁹ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

³⁶⁰ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=cunha>>. Acesso em: 09 de nov. 2018.

aflorados. Quando de pedra, seja de alvenaria e massa ou de cantaria, sempre aparece ressaltado da parede. Alguns cunhais, especialmente os de massa do século XIX, costumam apresentar decoração em relevo (ÁVILA, 1979, p. 34). Pilastra decorativa de argamassa ou pedra de cantaria.³⁶¹

**CUNHAL EM
QUILHA DE NAVIO**

[Ar] Algumas construções antigas, de esquina, principalmente em Ouro Preto, apresentam interessante tipo de cunhal, que, partindo de uma aresta ou quina viva, se abre a uma certa altura em forma de uma quilha de navio. Exemplo: casa com nicho externo ou oratório, na esquina das ruas Bernardo de Vasconcelos e dos Paulistas, na referida cidade (ÁVILA, 1979, p. 34).

CUPIM

[Dt] Os cupins se organizam numa sociedade de castas, onde cada integrante possui uma função específica no ataque à propriedade e aos bens, sejam eles móveis ou imóveis. Podem ser encontrados em quase todo o mundo, mas estão distribuídos principalmente em regiões tropicais e subtropicais. A fonte alimentar básica destes insetos é material celulósico, que em termos gerais é digerido com o auxílio de microrganismos simbiotes intestinais. Cupins são insetos eussociais³⁶². Nas colônias os indivíduos têm funções diferentes de acordo com a casta que ocupam, bem como morfologias adaptadas a estas funções. Rainha e Rei: São os elementos-chave de qualquer colônia. Suas únicas funções são acasalar e ovopositar. Outros cupins tratam da alimentação e segurança dos casais reais. A rainha vive de 25 a 50 anos. Ovos: Milhares deles são produzidos pela rainha em cada ano e ficam incubados por aproximadamente duas semanas sob o cuidado dos cupins-operários. Acasalamento: Procuram a luz neste momento (no mais são insetos lucífugos), após os curtos voos, os reprodutores perdem suas asas. Aqueles que sobrevivem aos predadores iniciam com seus parceiros o processo de acasalamento para a cópula. Ressurgimento: O par formado entoca-se na madeira, iniciando sua própria colônia como rei e rainha. O ciclo de vida repete-se quando a nova rainha deposita seus ovos, que se tornarão ninfas, soldados, operários e reprodutores. Revoada: Todos reprodutores adultos deixam a colônia simultaneamente, de preferência na primavera e no outono. Os operários os ajudam a se movimentar por entre os túneis até as saídas. Péssimos voadores, estes reprodutores

³⁶¹ CONJUNTO... 2007, p. 175.

³⁶² Segundo a pesquisadora Prof.^a Elena Diehl, os cupins e as formigas (juntamente com as abelhas e algumas vespas) são considerados insetos eussociais porque apresentam três características fundamentais: 1) vivem em colônias nas quais ocorre sobreposição de gerações; 2) os indivíduos mais velhos cuidam dos mais jovens (cuidados com a prole); 3) ocorre a divisão do trabalho reprodutivo, havendo uma casta responsável apenas pela reprodução e uma casta assimilativa responsável pelas demais funções da colônia. Esta terceira característica é a que define especialmente a eussocialidade (socialidade verdadeira ou completa). Os demais insetos não apresentam estas características, podem viver em grupos anônimos (onde não há reconhecimento individual). Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=614&secao=205>. Acesso em: 26 nov. 2018.

planam por poucos metros e caem rapidamente no solo. Ninfas: Assumem uma determinada posição nas castas após uma série de estágios de crescimento. Operários: Estéreis e cegos, os cupins-operários são ávidos por celulose, o alimento básico para toda a colônia. Alguns também atuam na segurança da rainha, seus ovos e suas ninfas. Trabalham 24 horas por dia, perfurando o interior das madeiras. Soldados: No seu estágio final de crescimento adquirem uma blindagem na cabeça, bem como grandes e fortes mandíbulas. Eles estão geneticamente programados para defender a colônia dos inimigos, especialmente as formigas. Dividem-se em:

- **Cupim de madeira seca** – instalam-se dentro de peças de madeira com baixo teor de umidade. São comuns em madeiras de telhados, batentes, esquadrias, móveis, etc. Embora uma colônia desses cupins não seja muito grande, o ataque pode causar sérios prejuízos, uma vez que só é possível detectá-lo quando as partes internas de uma peça já estão em adiantado estado de destruição. Os cupins constroem galerias dentro da madeira, por onde circulam e produzem pequenos grânulos ovalados, suas fezes, que acumulam em uma câmara próxima à superfície da madeira e que, de tempos em tempos, são descarregados para fora da peça atacada, como forma de limpeza das galerias, em seguida fecham estes orifícios com produto que produzem. De setembro a dezembro, os cupins alados abandonam seus abrigos e voam até desprenderem suas asas, que são muito frágeis. Os cupins são lucífugos: não aparecem à luz e deslocam-se em galerias cavadas dentro da madeira. Toda a região em madeira é danificada; batendo-se em uma muito atacada, percebe-se um som oco. Dentro da madeira, os cupins fazem galerias longitudinais; a certos intervalos constroem pequenos canais perpendiculares às galerias, que se abrem ao exterior, por onde soltam os excrementos. Os resíduos fecais são facilmente percebidos: são secos, muito duros e a medida que envelhecem ficam oxidados e escuros, com cerca de 1mm de diâmetro são de formato ovalado ao microscópio.
 - **Cupim Subterrâneo** – é uma praga urbana dotada de elevado potencial destruidor, o que consome grandes custos para o controle e o reparo de estruturas e materiais danificados. Os cupins subterrâneos alimentam-se de madeira e de outros materiais que contenham celulose e precisam de umidade para sobreviver. Por isso, normalmente, a colônia está estabelecida no solo, o que provê a umidade necessária para a manutenção de seu ciclo biológico, podendo estar também em árvores ou mesmo em locais escondidos de edificações. Em construções, a madeira pode estar em contato direto com o solo ou não. Em construções de alvenaria, os cupins constroem seus tubos de acesso através das fundações, paredes, tubulações de água e luz, caixões perdidos, etc., enquanto o núcleo da colônia permanece no solo. Os operários deslocam-se entre a construção e o solo para levar alimento para a colônia. Os operários retornam ao solo pelo menos uma vez a cada 24 horas para terem
-

acesso à umidade, pois, do contrário, não sobreviveriam. Tubos ou túneis de lama são indicativos da infestação por cupins subterrâneos. Quando atravessam concreto ou materiais similares para alcançar madeira ou outras fontes de alimento, os cupins fazem estes túneis construídos com fezes, restos de alimentação e areia do solo, como abrigos.

- **Cupim Arborícola** – esta espécie destrói madeira dura ou mole, seca ou úmida, trabalhada ou não, e prefere o alburno ao cerne. Ataca madeiras de edificações, postes de madeira e mourões de cerca. É bastante comum a ocorrência de ninhos em árvores próximo a casas que apresentam problemas de ataque dessa espécie, porém nem sempre os túneis de comunicação podem ser vistos, uma vez que a conexão pode ocorrer através do solo.
- **Cupim de Campo** – ou cupins de montículo, são insetos que, comumente, infestam as pastagens e vivem em ninhos que apresentam uma porção visível na superfície do solo, chamados “cupinzeiros” ou “murundus”.³⁶³ Ver **INSETO**.

CURA

[Rg] Pároco, prior, coadjutor. Sacerdote que tem um benefício com encargo de doutrinar e dirigir espiritualmente certo número de fiéis (TRINDADE, 1998, p. 386). Sacerdote que pastoreia um pequeno povo. Coadjuntos de pároco. **CURA DE ALMAS** – Sacerdote que tem o encargo de dirigir espiritualmente número de fiéis ou habitantes de um lugar (NUNES, 2008, p. 44).

CURADORIA DE COLEÇÕES

[Mu] Processo de tratamento conceitual e técnico de coleções museológicas feito por áreas de especialidade referentes às coleções em questão. A curadoria de coleções é uma atividade científica e praticada por especialistas e docentes que atuam em museus, centros de pesquisa e laboratórios. Ela tem como foco um estudo aprofundado dos objetos. Sua forma de divulgação dependerá da área de atuação, podendo acontecer por meio de publicações científicas em revistas e periódicos especializados, apresentação em fóruns e congressos e, também, por meio de exposições museológicas (ACAM PORTINARI, 2010, p. 103).

CURADORIA DE EXPOSIÇÕES

[Mu] Processo de interpretação de áreas diversas do conhecimento com vistas à elaboração de exposições museológicas. Os curadores de exposição estudam coleções museológicas e propõem recortes curatoriais objetivando oferecer formas mais amplas de conhecimento das coleções por meio de exposições de longa duração, temporárias e itinerantes (ACAM PORTINARI, 2010, p. 103).

CÚRCUMA

[Ma] Planta herbácea, rizomatosa, da família *Zingiberáceas*, *Curcuma domestica* e *Curcuma longa*, nativa da Ásia tropical. De suas raízes se extrai um corante amarelo (curcumina), usado desde a Antiguidade como

³⁶³ Disponível em: <<http://www.jimo.com.br/br/pragas/cupins>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

	<p>corante têxtil. Nas técnicas pictóricas foi usada em manuscritos iluminados, nas veladuras a óleo, nas pinturas em madeira e como corante de vernizes aplicados sobre metais (principalmente em ouro). Cúrcuma é um dos poucos corantes que não precisa de um mordente para fixar-se em suportes têxteis. Para extraí-lo é necessária uma solução alcalina, embora para prepará-lo na forma de um pigmento laca uma solução levemente ácida é melhor³⁶⁴, utilizado na confecção de tintas laca (TEIXEIRA, 1995, p. 36).</p>
CÚRIA	<p>1. [Ou] A expressão vem do Império Romano. Subdivisão da tribo entre os romanos. Lugar onde se reunia o senado romano. Senado dos municípios romanos. 2. [Rg] Tribunal eclesiástico das dioceses. Cúria romana, a corte pontifícia (NUNES, 2008, p. 44).</p>
CURULE	<p>[Mo] Banco da Roma Antiga com as pernas cruzadas em X (QUEIMADO, 2007, p. 180).</p>
CUSTÓDIA	<p>1. [Li] Do latim <i>Custodia</i>. Aro circular de ouro ou prata ou metal dourado ou prateado guarnecido de raios e fechado com vidro de ambos os lados para dentro ser colocada a luneta com a hóstia consagrada, prática que apareceu apenas depois do século XIII. Com efeito, a festa do <i>Corpus Christi</i> foi decretada no ano de 1264, existindo a necessidade de conceber uma peça devocional diferente, com a intenção de se ostentar de forma solene o Corpo do Senhor à adoração dos fiéis e de transportá-lo em procissão pelos espaços públicos. Este objeto devocional é constituído por uma base, haste, nó e hostiário (IMC, 2011, p. 83). Receptáculo assenta-se sobre um pedestal e é encimada por uma cruz. É usada para exposição, bênção e procissão do Santíssimo Sacramento. Está em uso desde o século XIV, quando foi instituída a Procissão do Corpo de Deus e a exposição solene do Santíssimo. O mesmo que ostensório (TRINDADE, 1998, p. 386). 2. [Mu] Responsabilidade jurídica de guarda e proteção de arquivos independentemente de vínculo de propriedade.³⁶⁵</p>
CUTELO	<p>[Eq] Aço plano sem bisel com que se cortam os fiapos (TEIXIDO I CAMI, 1997).</p>

³⁶⁴ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1014597>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

³⁶⁵ Disponível em: <<http://www.arquivos.uff.br/index.php/glossario-de-terminologia-arquivistica>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

**DADO**

[Rb] Área retangular ou quadrada, que forma a parte central de um pedestal, entre as molduras da base e a base.³⁶⁶

DALMÁTICA

dalmática [esp]
dalmatic [ing]
dalmatica [it]
dalmatique [fr]

[In] Veste litúrgica semelhante a uma casula, com mangas largas e abertas, desprovida de costuras laterais. Nas missas solenes, era usada pelos diáconos e subdiáconos, que a colocavam sobre a alva. Deve ser do mesmo tecido da casula do celebrante (DAMASCENO, 1987, p. 20), é frequentemente ornamentada com bordados, galões e borlas. Como os paramentos, toma as cores litúrgicas. No século II, era adotada pelos romanos como vestimenta de luxo dos dálmatas. Tornou-se, no século seguinte, veste litúrgica, a princípio reservada ao Sumo Pontífice e depois para seus diáconos (TRINDADE, 1998, p. 386). **DALMATICELA** – Veste formalmente idêntica a uma dalmática, usada pelo Papa, cardeais, bispos durante a celebração de uma missa solene (THESAURUS, 2004, p. 178).

DAMAR

dammar [fr]

[Ma] Resina natural vegetal pertencente à família de resinas macias ou tenras, extraídas de várias árvores da Indonésia e da Malásia, dos gêneros *Shorea*, *Hopea*, *Balanocarpus* e *Vatera*, da família *Dipterocarpaceas*. Triterpeno (terpenóide). Substância sólida, semipegasosa, mais ou menos transparente, quebradiça, cor amarelo-pálida e insípida. Funde facilmente e não é volátil. O principal componente é o ácido damarólico. A resina de damar baixa o ponto de fusão da cera de abelha e aumenta seu poder adesivo. Amarelece com o tempo. É compatível com muitas outras resinas, ceras e óleos. É levemente ácida, podendo ser usada com pigmentos básicos ou sobre tela de linho. Recomenda-se que a resina seja dissolvida em solventes mornos, uma vez que os vernizes resultantes são mais transparentes que os preparados a frio. Os filmes obtidos com damar são macios, têm baixa resistência e tendem a ficar levemente pegajosos. À medida que envelhece, o filme amarela e tende a ficar menos solúvel. Solúvel em solventes aromáticos, dicloroetileno, tetracloreto de carbono, mistura de xileno-acetona (50:50), *white spirit*, e essência de terebintina. Utilizada como consolidante, plastificante e verniz. Misturas de cera-resina para consolidação e adesão de madeira, pintura de cavalete, preparo de vernizes e reentelamento. Dissolvida em xileno ou aguarrás, a 20 ou

³⁶⁶ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/bienes culturales/1005208>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

	30%, também é aplicada em verniz, reentelamentos e encáustica (ABRACOR, 2011, p. 79).
--	---

DAMASCO <i>damas [fr]</i>	[Ou] Tecido de seda, lavrado, confeccionado pela combinação de técnicas distintas de tecelagem, produzindo efeitos decorativos através do fosco e brilhantes dos cruzamentos. O damasco se caracteriza por ser um tecido reversível, ou seja, tanto o lado direito quanto o esquerdo apresentam a mesma decoração. Damasco foi centro importante de atividades artesanais, e o tecido produzido na região foi introduzido na Europa pelos cruzados, no século XI, sendo copiado na Itália e depois em Flandres. Posteriormente, a indústria têxtil introduziu a lã, o algodão e o linho na técnica, produzindo os chamados tecidos <i>adamascados</i> . O damasco foi usado em paramentos, colchas, cortinados, sitiais, sanefas, etc. ³⁶⁷
-------------------------------------	---

DAMASQUINAR <i>damasquiner [fr]</i>	[Ta] Arte de embutir desenhos de ouro ou prata em metal, que serve de fundo (REAL, 1962, p. 176).
---	---

DANO <i>damage [ing]</i>	[Dt] Modificação e agravamento do comportamento estrutural produzido por ações mecânicas e/ou por redução da sua resistência ³⁶⁸ . São patologias identificadas por meio de um diagnóstico, onde são observados dados e aspectos relacionados ao estado de conservação da peça. Pode ser caracterizado como: dano estrutural ou dano estético. Especificamente em obras em que o suporte é de madeira podem ser identificados os seguintes danos: fendas, fissuras, fraturas, empenamento, desagregação, lacunas/perda de material, mutilação, orifícios de pregos, ataque de insetos xilófagos, alteração da cor do suporte, oxidação, ataque fúngico, podridão, pulverulência, etc. Na camada pictórica os danos podem ser: intervenções anteriores, alterações cromáticas, destacamentos ou desprendimentos, levantamentos, envelhecimento da camada de verniz, depósitos de sujidade, craquelês, manchas, etc. (FÉLIX, 2013, p. 64).
------------------------------------	---

DARDO <i>dard [fr]</i>	[Or] Ornato em forma de ponta de flecha, que alterna com óvulos (IMC, 2011, p. 120).
----------------------------------	--

DARDO DE JÚPITER	[Tc] Espécie de emenda usada em trabalhos de carpintaria, em forma de dardo (ÁVILA, 1979, p. 37).
-------------------------	---

³⁶⁷ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 56.

³⁶⁸ CARTA do ICOMOS 2003. Recomendações para a análise, conservação e restauro estrutural do patrimônio arquitetónico: linhas de orientação. Tradução por António de Borja Araújo, dez. de 2006, p. 20.

DARTEK®	[Ma] Marca registrada de um filme termoplástico de nylon composto por Nylon 6,6 ³⁶⁹ . O Dartek® é um filme claro e forte, com baixa permeabilidade e resistência à abrasão, óleo, produtos químicos e vapores. É um filme macio, transparente e elástico, adapta-se a qualquer formato usando vácuo ou aquecimento suave. É vendido para uso como uma película de cobertura para revestimento de pinturas em uma mesa a vácuo. O filme resiste a rasgos, tem baixa permeabilidade ao oxigênio e à umidade e pode ser facilmente aderido a outras superfícies ou a si próprio com calor, <i>hot melt</i> ou fita dupla face. Na indústria é usado para laminação e embalagem. Comercializado em rolos. Filmes não contêm aditivos ou plastificantes. Pode absorver até 10% do seu peso em umidade. ³⁷⁰
DATA	[Ge] Cronologia do objeto, Indicação da data de produção da obra. As datas devem ser fornecidas de maneira completa, quando precisas: dd/mm/aaaa. No caso de imprecisão há duas possibilidades: indicar períodos limite, quando o objeto, por suas características pode ter sido produzido em um período mais amplo. As datas limite indicam o lapso de tempo correspondente, ex.: 1890-1900; ou indicar a data aproximada (cerca de) com uma precisão maior, quando o objeto, por estudos mais precisos, mas ainda inconclusivos, pode ter sido produzido naquele período, ex.: (c.1986) (ACAM PORTINARI, 2010, p. 70), ou ainda informando apenas o século da produção, ex.: séc. XVIII.
DEAMBULATÓRIO <i>déambuloire [fr]</i>	[Ig] Galeria, corredor semicircular por trás da capela-mor (em Portugal, <i>charola</i>) (REAL, 1962, p. 176).
DEBUXO	Ver ESBOÇO .
DECALCAR <i>contre-calquer [fr]</i>	Reproduzir um desenho por meio de um decalque (REAL, 1962, p. 176). DECALCOMANIA – [<i>esp</i>]; [<i>ing</i>]; [<i>it</i>]; <i>décalcomanie [fr]</i> . [Ce] Técnica de impressão em louça que substituiu, no final do século XIX, o <i>transfer-printing</i> . ³⁷¹
DECALQUE <i>décalque [fr]</i>	[Ds] Desenho por transferência direta de uma camada ou de desenho (LANGLE; CURIE, 2009, p. 235).
DECANTAÇÃO	[Ce] Operação que consiste em colocar a argila plástica da faiança em

³⁶⁹ Nylon 6,6 é uma poliamida. Os Nylons são identificados por um sistema de numeração que indica o número de átomos de carbono em cada um dos monômeros. Por exemplo, havendo seis átomos de carbono na hexametilenodiamina e no ácido adípico, o Nylon correspondente é o 6,6. Os Nylons 6,6 são importantes por possuírem elevada resistência mecânica, resistência ao impacto e rigidez, boa transparência, excelente barreira ao oxigênio, ausência de toxicidade e grande resistência química. Disponível em: <<http://web.ccead.puc-rio.br/condigital/mvsl/linha%20tempo/Nylon/nylon66.html>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

³⁷⁰ Disponível em: <<http://cameo.mfa.org/wiki/Dartek>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

³⁷¹ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcoavarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

lavage des pâtes [fr] suspensão, na água, de forma que os fragmentos mais pesados possam ser separados da argila pela decantação (REAL, 1962, p. 176).

DECAPANTE

[Ma] Produto empregado para a remoção de repinturas, em muitos casos em forma de gel ou pasta, que amolece as camadas superiores. Também em forma de solventes pouco voláteis que sensibilizam as camadas durante um tempo mais ou menos longo (CALVO, 1997, p. 74). Pode também ser empregado na remoção de outros acabamentos e também para limpar a superfície subjacente. Um teste é indispensável para determinar o melhor decapante para cada aplicação. Duas categorias básicas de decapantes são:

- **Cáusticos** - Removedores de tinta cáustica, tipicamente hidróxido de sódio (também conhecido como soda cáustica), trabalham quebrando as ligações químicas da tinta, geralmente por hidrólise das ligações de cadeia dos polímeros que formam a tinta. Os removedores cáusticos devem ser neutralizados ou o novo acabamento apresentará problemas. Essas soluções aquosas cáusticas são tipicamente usadas por antiquários que pretendem restaurar móveis antigos, retirando vernizes gastos, por exemplo.
- **Solventes** - os decapantes penetram nas camadas de tinta e quebram a ligação entre a tinta e o objeto ao dilatar a tinta. O solvente mais comum é o diclorometano, também chamado cloreto de metileno.³⁷²

Deve ser usado com cautela, pois é muito forte e tóxico.

DECÊNCIA

[Ac] Do latim *decentia*, de *decens*, de *deceo*, ser decente, estar bem. Ainda que o termo pareça sinônimo de decoro, tomado no sentido genérico em que o tomam alguns artistas, contudo alguns autores modernos o entendem para significar com especialidade a regra invariável, que o artista deve observar nas suas composições, de concorrer para a boa moral e prática das virtudes, não ofendendo jamais os olhos e o coração dos espectadores pela representação de histórias indecentes, figuras ou objetos torpes e desonestos (RODRIGUES, 1875, p. 133). [Rg] Recomendações tridentinas para a confecção de imagens religiosas, sobretudo o resguardo do decoro e da decência devida às coisas sagradas, as representações de Jesus Cristo, de Nossa Senhora e demais personagens e cenas bíblicas. Ver DECORO.

DECLARAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA

[Do] É um documento técnico-especializado que busca descrever por que um lugar, edificação ou coisa é importante. Explica sobre seus valores e sua significação cultural, bem como a importância para a sociedade ou grupos dentro de uma comunidade. Na Declaração podem ser descritos os valores estético-arquitetônicos, históricos, tecnológicos, sociais e econômicos, inclusive com as características que oferecem os valores intrínsecos. A Declaração visa registrar os valores significantes

³⁷² Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/ajim.22167>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

	como ponto central ao processo de proteção do patrimônio cultural. Informa sobre a maneira de se preservar adequadamente esses valores e explica sua significação aos usuários do bem. É o primeiro ato essencial no desenvolvimento de um Plano de Gestão da Conservação ou Plano Diretor da Conservação, documento que apresenta os procedimentos para proteção da significância, dos valores culturais do bem. ³⁷³
DECORAÇÃO <i>décoration</i> [fr]	[Or] Arte de ornamentar, de enfeitar, de ornar (REAL, 1962, p. 176). [Ce] Colocação de enfeites suplementares em metal ou pasta para completar a decoração de uma peça, podendo ser: em relevo negativo ou em relevo positivo. DECORAÇÃO INCISADA – com embutidos. DECORAÇÃO PLÁSTICA – [esp]; [ing]; [it]; [fr]. [Ce] É aquela que resulta da modificação tridimensional da superfície da parede de uma vasilha com argila ainda moldável e anterior à queima. ³⁷⁴
DECORO	[Ac] Do latim <i>decor</i> ou <i>decorum</i> , de <i>deceo</i> , ser decente, decoroso; aplica-se tanto as Belas Letras como as Belas Artes e consiste na congruência e conformidade das ações, da linguagem, dos costumes, com o caráter das pessoas, e com as circunstâncias de tempo e lugar (RODRIGUES, 1875, p. 134). O decoro deveria ser observado na forma e nos materiais, de modo que as pinturas e as imagens estivessem compostas e decentes, o que seria sumariamente observado nas visitas pastorais nos templos (REZENDE, 2016, p. 61).
DEDADA <i>coup de pouce</i> [fr]	[Tc] A habilidade manual que caracteriza a individualidade de um pintor ou de um escultor (REAL, 1962, p. 177).
DEDEIRA	[Ou] Pequena peça de ferro, geralmente circular, na parte exterior da porta, que, movendo uma alavanca interna, serve para abri-la. Ver ALDRABA (ÁVILA, 1979, p. 141).
DEDO (partes)	Ver MÃO.
DEFORMAÇÃO <i>déformation</i> [fr]	[Dt] Alteração da forma física de um objeto causada pela ação de uma força ou tensão interna combinada com a ação das flutuações de UR (%). As deformações aparecem em materiais com um certo grau de flexibilidade como madeira, papel, têxtil, metal e menos vezes em cerâmica e vidro. Podem ser provocados por diversas causas. Em alguns casos, provêm de defeitos de execução (por exemplo cerâmica e vidro), fazem parte da qualidade material da obra e portanto não são tratáveis. Em outros casos podem ser derivados do uso e destino do

³⁷³ GESTÃO de Restauro. Glossário de Conservação do Patrimônio Cultural construído. Disponível em: <<http://gestaoderestauo.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

³⁷⁴ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

objeto. Contudo, também podem existir deformações por acidentes, golpes, pressão ou más condições ambientais. ³⁷⁵ Pode ser de dois tipos:	
<ul style="list-style-type: none"> • elástica – o objeto pode ter sua forma recuperada cessando a ação da força atuante. • plástica – esse tipo de deformação é definitiva. 	

DEGRADAÇÃO <i>dégradation [fr]</i>	<p>[Dt] Alteração e agravamento das características dos materiais produzida por ações químicas ou biológicas. Degradação química relacionada com a destruição dos materiais de que é composto um sistema estrutural. Perda de qualidade, apodrecimento, degradação do tecido (CARTA do ICOMOS, 2003, p. 20-21). A degradação da madeira pode ser:</p> <ul style="list-style-type: none"> • física – o fogo é considerado o principal agente físico de destruição; • química – quando entra em contato com substâncias químicas (ex.: ácidos ou bases fortes) pode sofrer transformações químicas, reduzindo suas propriedades físico-mecânicas; e • biológica – é causada por organismos xilófagos compreendidos basicamente por: fungos, insetos, moluscos, crustáceos e bactérias (MENDES; ALVES, 1988, p. 7-8).
--	--

DEGRADÊ	[Cor] Variação regular no valor de um tom (cor), do mais escuro ao mais claro (LANGLE; CURIE, 2009, p. 48).
----------------	---

DEGRAUS DE ALTAR <i>altar step [ing]</i> <i>gradinata d'altare [it]</i> <i>degré d'autel [fr]</i>	<p>[Ig] Conjunto de degraus, geralmente em número de três, para acesso ao altar. O altar é geralmente elevado sobre os degraus de altar (THESAURUS, 2004, p. 21).</p>
---	---

DELFIM	Ver GOLFINHO .
---------------	-----------------------

DELTA MÍSTICO	<p>[Ig] Triângulo guarnecido de raios que, na Igreja Católica, constitui um símbolo da Santíssima Trindade. Em seu interior podem aparecer as letras hebraicas que compõem o nome Javé – Y H W H – ou um olho, simbolizando o olho de Deus, que tudo vê (DAMASCENO, 1987, p. 20).</p>
----------------------	---

DEMÃO (S) <i>mano [esp]</i> <i>layer, coat [ing]</i> <i>mano [it]</i> <i>main, couche [fr]</i>	<p>[Ge] Cada camada de tinta, verniz ou outros, aplicada sobre uma superfície (TEIXEIRA, 1995, p. 37).</p>
---	--

³⁷⁵ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

DEMOLIÇÃO <i>rasement, démolition</i> [fr]	[Ge] Ação de demolir, ou seja, de romper a ligação de um edifício ou de uma massa construída. A demolição faz parte das práticas de todas as culturas e de todas as sociedades: ela é a outra face indissociável da construção. A invenção do monumento histórico vem frear esta prática ancestral de demolição, particularmente em nome de valores artísticos e históricos aos quais os edifícios do passado dão suporte. ³⁷⁶
DENDRO-CRONOLOGIA <i>dendrochronologie</i> [fr]	[Md] Técnica de identificação e datação dos materiais lenhosos, através do estudo dos anéis de crescimento, contagem e avaliação da sua espessura. O resultado é de particular importância no estudo arqueológico e histórico-artístico, já que conseguem atingir um notável grau de precisão na datação da madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 37).
DENTE <i>diente [esp]</i> <i>dent [ing]</i> <i>dente [it]</i> <i>dent [fr]</i>	[Tc] Tipo de entalhe feito na extremidade das tábuas para uni-las entre si (TEIXEIRA, 1995, p. 37).
DENTE DE CÃO <i>dent-de-chien [fr]</i>	[Or] Ornato formado por quatro folhas aguçadas, partindo de um mesmo centro, geralmente colocadas em diagonal (IMC, 2011, p. 120).
DENTE-DE-LOBO <i>dente de loup [fr]</i>	[Eq] Brunidor de ágata, usado pelos douradores para polirem suas obras (TEIXEIRA, 1995, p. 37).
DENTE-DE-SERRA <i>dent-de-scie [fr]</i>	[Or] Ornato pontiagudo e regular lembrando uma lâmina de serra, comum nos estilos românico e ogival (REAL, 1962, p. 178).
DENTEADO <i>crénelé [fr]</i>	1. [Or] Recortes retangulares e regularmente espaçados feitos num objeto qualquer para fins de adorno. 2. [Ar] Ornato em forma de dente nos frisos, nas cornijas, etc. (REAL, 1962, p. 178).
DENTELO ou DENTÍCULO <i>denticule [fr]</i>	[Or] Motivo de ornamentação na moldura do entablamento formado por cortes retangulares ao longo do listel. Geralmente a altura dos dentículos é o dobro de sua largura e ficam separados por um espaço vazio (<i>metátomo</i>) cuja distância é igual à sua metade (REAL, 1962, p. 178).
DENTICULADO	1. [Or] Guarnecido de dentículo, isto é, de ornato em forma de pequeno bloco quadrado, usado em série no friso de ordem jônica ou coríntia. 2. [Tc] Entalhe em forma de dentículos (ÁVILA, 1979, p. 141).
DEPOSIÇÃO DA CRUZ	[Ic] Diz-se dos quadros religiosos representando a cena da descida do Corpo de Cristo da cruz. O mesmo que Descida ou Descimento (NUNES, 2008, p. 57).

³⁷⁶ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

DEPRECIADO <i>déreécié [fr]</i>	[Ap] Obra de arte de menor valor, suscetível de depreciação (REAL, 1962, p. 179).
DE-RESTAURAÇÃO	[Re] Termo citado por Myriam Serck-Dewaide ³⁷⁷ (1995) para identificar as intervenções de remoção de restaurações realizadas anteriormente.
DESACIDIFICAÇÃO	[Re] Tratamento para eliminação da acidez de um material, utilizando uma substância que reage com o ácido neutralizando a ação dos átomos de hidrogênio com a formação de produtos (sais) que não alteram ou que melhoram a aparência e a resistência do material tratado. ³⁷⁸
DESAGREGAÇÃO	[Dt] Separação de algo em partes; divisão, desunião, fragmentação. Perda da unidade, da coesão de um conjunto organizado. ³⁷⁹
DESAPRUMO	[Dt] Perda de prumo, desalinhamento vertical, falta de perpendicularidade. ³⁸⁰
DESASSEMBLAR <i>disassemble,</i> <i>disjoint [ing]</i> <i>distaccare [it]</i> <i>désassembler [fr]</i>	[Tc] Separar, desmontar, desunir, despregar as partes de uma obra (TEIXEIRA, 1995, p. 37).
DESBASTADOR <i>desbastador [esp]</i> <i>jack plane [ing]</i> <i>sgrossatore,</i> <i>digrossatore [it]</i> <i>celui qui dégrossit,</i> <i>mirette [fr]</i>	1. [Eq] Instrumento de carpinteiro semelhante a uma plaina grande, utilizado para desengrossar a madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 37). 2. [Eq] Pequeno instrumento de ferro, de forma triangular e com cabo. Serve para modelar o barro, desbastar e nivelar superfícies (REAL, 1962, p. 179).
DESBASTAR <i>desbastar [esp]</i> <i>to block out, to chip, to</i> <i>rough-hew [ing]</i> <i>digrossare [it]</i> <i>dégrossir,</i>	1. [Ge] Desengrossar, tirar, cortar fora as partes grossas da madeira, diminuindo a espessura e preparando para executar uma obra (TEIXEIRA, 1995, p. 37). 2. [Es] Processo de eliminação de muita madeira até determinar os volumes da escultura (TEIXIDO I CAMI, 1997).

³⁷⁷ SERCK-DEWAIDE, Myriam. Exemples de restauration, dé-restauration, re-restauration de quelques sculptures: analyse des faits et réflexions. In: COLLOQUE DE L'ASSOCIATION DES RESTAURATEURS D'ART ET D'ARCHÉOLOGIE DE FORMATION UNIVERSITAIRE, 4e, 1995, Paris, 5-7 oct. 1995. Paris: ARAAFU, 1995. P. 213-221.

³⁷⁸ PEQUENO Glossário Dinâmico da Disciplina Conservação e Restauração de Documentos. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

³⁷⁹ Disponível em:
<<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=desagrega%C3%A7%C3%A3o>>.
Acesso em: 10 nov. 2018.

³⁸⁰ CONJUNTO... 2007, p. 176.

<i>dégauchir [fr]</i>	
-----------------------	--

DESBASTE	[Tc] Ação de desengrossar a madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 38).
<i>desbaste [esp]</i>	
<i>a paring down [ing]</i>	
<i>digrossamento [it]</i>	
<i>dégrossissage,</i>	
<i>débillardemente [fr]</i>	

DESBOTAR	[Dt] Perder a viveza do colorido primitivo (REAL, 1962, p. 180).
<i>pâlis [fr]</i>	

DESCAMAÇÃO	[Dt] Início do desprendimento da camada pictórica (LANGLE; CURIE, 2009, p. 814). Apresenta forma de escamas.
<i>descamación [esp]</i>	
<i>sfaldamento [it]</i>	
<i>écaillage [fr]</i>	

DESCANSO	[Mo] Pequena mísula colocada sob os assentos móveis das cadeiras do coro das igrejas, de modo a permitir que tenha aparência de estar de pé quem está assentado (DAMASCENO, 1987, p. 20).
-----------------	---

DESCARACTERIZ AÇÃO	[Dt] Processo de adulteração de uma obra de arte onde não há mais o seu reconhecimento.
-------------------------------	---

DESCARGA	1. [Rg] Livro de registro das irmandades religiosas e dos conventos (NUNES, 2008, p. 57).
-----------------	---

DESCARTE	[Mu] Procedimento de dar baixa, de suprimir qualquer bem cultural do acervo. ³⁸¹
-----------------	---

DESCASCAR	[Dt] Limpar uma superfície, tirar camadas de tinta de uma superfície
<i>décaper [fr]</i>	

DESCIDA	[Es] Conjunto escultórico que representa o momento em que Cristo se desprende da cruz (TEIXIDO I CAMI, 1997).
----------------	---

DESCODEAR	[Pe] Tirar a côdea ou crosta da pedra (REAL, 1962, p. 180).
------------------	---

DESCOLAMENTO	[Dt] Processo que ocorre quando não há mais adesão entre duas superfícies. Exemplo em escultura: quando o adesivo que unia dois blocos não oferece mais aderência e, portanto, há o descolamento de blocos.
---------------------	---

DESCORAR, DESCOLORAR ou DESCOLORIR	[Dt] Privar da cor; perda ou diminuição da cor (REAL, 1962, p. 180). O mesmo que esmaecer.
---	--

³⁸¹ MUSEU de Astronomia e Ciências Afins – MAST/CNPq. Política de Preservação de Acervos Institucionais. Rio de Janeiro, 1995. p. 31.

décolorer [fr]

DESCRIÇÃO

[Es] Em escultura, é a caracterização da figura representada, com a finalidade de ajudar na sua identificação, complementando a documentação de uma obra de arte. São descritas as principais características da imagem de maneira sucinta ou mais detalhada dependendo do objetivo da descrição, evitando juízo crítico e adjetivos. No caso de imagens religiosas, descrever primeiramente a anatomia representada, depois a vestimenta, a base e por último os atributos e anexos. Sempre iniciar de cima para baixo, começando pela cabeça até os membros inferiores. O panejamento deve ser descrito iniciando pela túnica/hábito, manto/capa, véu/capuz e sandália/sapatos. As cores devem ser descritas da forma como são apresentadas na obra, mesmo que esteja com repintura (COELHO; QUITES, 2014, p. 103).

DESCRIÇÃO SUMÁRIA – Numa catalogação ou inventário a descrição deve fornecer elementos mais precisos e que vão além da simples denominação do objeto. Deve ser padronizada e formal, ou seja, serão indicados aspectos de visualidade e não culturais. Não serão indicadas questões de gosto, apuro na forma de produção, indicações de grandeza ou determinação de frontalidade quando isto não for claro. Nomes de cores devem ser precisos e determinados a partir do uso de tabelas. Cada tipologia de objeto irá requerer formas distintas de descrição (ACAM PORTINARI, 2010, p. 69-70). Nos casos de esculturas policromadas, os inventários devem ser atualizados ou possuir adendos após uma remoção de repintura que modifica principalmente as cores.

DESDOURAR

[Tc] Tirar o ouro do objeto dourado (TEIXEIRA, 1995, p. 38).

desdorar [esp]
to tarnish [ing]
disdorare [it]
dédorer [fr]

DESENCAVILHAR

[Tc] Retirar a cavilha ou espiga da união de duas peças (TEIXEIRA, 1995, p. 38).

desenclavijar [esp]
staccare [it]
décheviller [fr]

DESENFOMAR

[Ce] Retirar uma peça moldada de dentro do molde (REAL, 1962, p. 180).

démouler [fr]

DESENGORDURAR

[Tc] No douramento é passar um pano úmido, um pincel macio ou esponja para limpar a superfície que se quer dourar, tirando a gordura (TEIXEIRA, 1995, p. 38).

desengrasar [esp]
to remove the grease
from [ing]
dimagrire [it]
dégraissier [fr]

DESENGROSSAR

[Tc] Desbastar, adelgaçar, preparar a madeira, dando a forma inicial

<p><i>desbastar [esp]</i> <i>to rough-hew, make</i> <i>less thick [ing]</i> <i>sgrossare,</i> <i>digrossare [it]</i> <i>dégrossir [fr]</i></p>	<p>que, em seguida, vai-se aperfeiçoar (TEIXEIRA, 1995, p. 38).</p>
<p>DESENHO <i>dessin, croquis [fr]</i></p>	<p>[Ds] Genericamente, o desenho é uma representação gráfica de formas executada ordinariamente com lápis, caneta, sanguínea, tinta ou pastel sobre papel, pergaminho ou outro material. Na pintura, desenho caracteriza o conjunto de linhas de contorno que permitem caracterizar uma forma, sendo tradicionalmente uma das partes constituintes da pintura, além do colorido, da composição, da invenção e do decoro. Desenho feito a lápis de carvão sobre papel ou tela. Fácil de apagar com um pano ou pincel, o carvão foi muito usado em estudos preparatórios e até em obras de arte, uma vez fixado.³⁸²</p>
<p>DESEFIGURAR <i>défigurer [fr]</i></p>	<p>[Dt] Mudar a figura e a beleza das feições; deturpar as formas de uma estátua, de uma pintura (REAL, 1962, p. 181).</p>
<p>DESGASTE <i>usure [fr]</i></p>	<p>[Dt] Perda de material muito superficial da camada de tinta ou do suporte, devido à fricção ou limpeza mal controlada. Por extensão, estado de uma pintura que exhibe microlacunas. Por definição, resultado do uso (ação dos homens) (LANGLE; CURIE, 2009, p. 822)</p>
<p>DESINFECÇÃO</p>	<p>[Re] Processo de destruição ou inibição da atividade de microrganismos.³⁸³</p>
<p>DESINFESTAÇÃO</p>	<p>[Re] Desinfestação é tratamento curativo, já a imunização é tratamento preventivo. Quando realizada com inseticida o processo pode ser tanto curativo, quanto preventivo. É um processo de destruição ou inibição da atividade de insetos. Os métodos utilizados são: anóxia (ver ANÓXIA) e o de exposição a baixas temperaturas, sendo os menos agressivos e mais fiáveis; e o recurso químico é outro método que se aconselha em casos extremos. Os métodos são escolhidos conforme o bem cultural que será intervencionado, em função dos seus materiais e da extensão do ataque. O método de exposição a baixas temperaturas é aconselhável para todas as fases do ciclo de vida dos insetos, revelando-se extremamente eficaz quando usado corretamente. Neste método os objetos são isolados em manga plástica, selada e colocados a 30 °C negativos durante três dias no mínimo. Esta temperatura tem de ser atingida em menos de quatro horas, levando muitas vezes à construção de estruturas próprias, porque no momento de manuseio a peça encontra-se extremamente frágil. Esta estrutura garante assim um</p>

³⁸² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

³⁸³ PANUCARMI. Preservação, Conservação e Restauro Documental. Glossário. Disponível em: <<http://panucarmi2.wikidot.com/glossario>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

manuseio seguro e a integridade física do objeto. Depois deste período, o objeto deve ser retirado da câmara frigorífica e colocado em segurança até voltar a atingir a temperatura ambiente, retirando posteriormente a embalagem plástica, passados pelo menos dois dias. Quando os aparelhos não conseguem atingir os 30 °C negativos, pode recorrer-se a outros estimando o tempo necessário para o método surtir efeito, mantendo-se o resto do tratamento igual (FÉLIX, 2013, p. 79-80). **DESINFESTAÇÃO POR VIA LÍQUIDA E POR VIA GASOSA** – [Re] No caso de ataque por insetos xilófagos, há a necessidade de desinfestar a peça dos agentes biológicos destruidores do suporte. Os insetos (coleópteros) atacam a madeira em estado de larva e é nesse momento que devem ser eliminados. Térmitas e anóbios confundem-se à observação a olho nu, quando em estado de larva. Deve considerar-se sempre a existência de insetos retardatários e outros precoces. Enquanto óvulos, a desinfestação é praticamente inócua uma vez que estes são protegidos por uma membrana invulnerável a gases e outros inseticidas comuns. Enquanto adulto, o combate só tem significado enquanto destruidor de potenciais novas posturas, uma vez que nesta fase o inseto não destrói a madeira e o seu tempo de vida é muito reduzido. Atualmente, são utilizados vários processos de desinfestação. O tradicional por via líquida com agente líquido desinfestante. Este processo não é recomendado para peças de grandes dimensões uma vez que o poder de penetrabilidade é de poucos milímetros, não atacando deste modo os insetos que se encontram no centro da peça. Nos processos modernos utiliza-se o expurgo por fumigação, onde é lançado um gás numa atmosfera fechada ou o choque térmico, onde a peça é sujeita a uma baixa de temperatura controlada, eliminando desta forma os insetos xilófagos em todas as suas formas (QUEIMADO, 2007, p. 109-110).

DESLAVADO [Dt] Enfraquecido de cores; desbotado. O mesmo que desmaiado (*délavé* [fr])

DESLOCAMENTO DE BLOCOS [Dt] Em escultura, tipo de dano que ocorre quando há uma mudança na posição dos blocos que a compõem, podendo provocar sua soltura ou descolamento.

DESLUSTRAR [Tc] Tirar o brilho, o lustre de qualquer obra (TEIXEIRA, 1995, p. 38).
deslustrar [esp]
to tarnish [ing]
dislustrare [it]
ternir, dépolir [fr]

DESMOLDAR Ver **DESENFORMAR**.

DESMONTAGEM [Re] Numa restauração de escultura, quando é necessário, é feita a desmontagem da obra, ou seja, a separação das peças para o devido tratamento individual. É muito importante que seja feito um

	mapeamento das peças e o registro fotográfico desse procedimento, para auxiliar na montagem após a restauração.
DESOXIDAR <i>décaper [fr]</i>	[Re] Limpar uma superfície metálica por meio de um ácido (REAL, 1962, p. 182).
DESPRENDIMENTO O (da camada pictórica) <i>desprendimiento, levantamiento [esp] lifting [ing] sollevamento [it]</i>	[Dt] Termo genérico que se refere à separação entre as camadas pictóricas que constituem uma pintura (entre estas e a preparação ou entre a preparação e o suporte). Em escultura, é a fase final ou resultado de um processo de levantamento da policromia (do filme pictórico ou de todos os estratos) onde foi perdida sua adesão ao suporte produzindo separação parcial ou total (sem perda de policromia) de uma área significativa da obra (COREMANS, 2017, p. 70). As variações termo-higrométricas são as principais responsáveis pelos desprendimentos de camadas pictóricas. As variações da própria madeira quando absorve água, aumentando de volume, fazem com que as camadas pictóricas não consigam acompanhar esses movimentos, partindo-se e criando os craquelês. Quando o contrário acontece, ou seja, quando há desidratação da madeira, as camadas pictóricas criam bolsas de ar, sendo este caso pior do que o anterior porque há o perigo eminente de desprendimento. Se isto acontecer é necessário recorrer a uma fixação dessas camadas, usando aglutinantes para que as zonas levantadas fixem sobre o suporte. Os aglutinantes são também selecionados para cada tipo de situação. Em casos de desprendimento extremo deve recorrer-se a outro processo de fixação, como o faceamento, de forma a permitir o manuseio das peças ou a sua desmontagem. Esta técnica tem duas funções – proteger as camadas pictóricas e evitar que haja grandes desprendimentos, ajudando a fixar através do adesivo que penetra nas áreas levantadas (FÉLIX, 2013, p. 88). O desprendimento pode assumir diferentes formas dependendo do seu nível de origem ou gravidade. Em escultura policromada, podem adotar a forma de escamas (descamação), placas, bolhas ou conchas (ver CONCHEAMENTO).
DESSAMOURCAR	[Pe] Desbastar a superfície das pedras (REAL, 1962, p. 182). O mesmo que descodear.
DESSECANTE	[Ma] Material não volátil que absorve a umidade do ar. Utilizado para desumidificar embalagens, armários, caixas, etc. O dessecante mais utilizado é a sílica gel, que pode ser regenerado por aquecimento. ³⁸⁴
DESTACAMENTO	[Dt] Ver DESPRENDIMENTO .
DESTOMBAMENTO	[Pa] Também nominado de cancelamento do tombamento, se dá a partir de dois atos administrativos: o primeiro tem assento quando o próprio órgão que tombou cancela o processo de tombamento e promove a exclusão do bem cultural do Livro do Tombo, por diversos interesses,

³⁸⁴ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

tais como pressão exercida pelo proprietário contra o ato de proteção oficial. Na segunda forma de destombamento, o Poder Judiciário promoverá o cancelamento da Resolução de Tombamento, ainda que não haja consentimento do órgão responsável pela proteção oficial e dos proprietários.³⁸⁵

DESUMIDIFICAÇÃO [Ge] Redução da umidade relativa do ar em áreas determinadas, por meio de processos mecânicos ou químicos. **DESUMIDIFICADOR** – Sistema eletromagnético capaz de modificar o conteúdo de umidade no ar (SPINELLI JR., 1997, p. 97). É um aparelho que possibilita a retirada de umidade do ar, por meio da condensação do vapor d'água existente no ar em um recipiente próprio. Deve funcionar ininterruptamente, com programação para desligamento ao atingir 50% de UR. Dessa forma, ele agirá na filtragem e retenção de partículas em suspensão, impossibilitando a presença de fungos e ácaros no ambiente (ACAM PORTINARI, 2010, p. 86).

DETERGENTE [Ma] Qualquer substância que faz diminuir a tensão superficial da água e serve para eliminar a sujidade. Especificamente, um agente tensoativo que se concentra nas superfícies de separação da água-gordura exerce uma ação emulsificante e deste modo facilita a eliminação de gorduras.³⁸⁶ Quimicamente, pertence à categoria de solventes de natureza sulfonato de sódio, também chamado *agente tensoativo*. São compostos do tipo benzenossulfonados de sódio, de cadeia alquílica de 12 a 18 átomos de carbono (ex.: dodecilbenzeno). Frequentemente usados no processo de limpeza por via aquosa, que agem por diminuição da tensão interfacial do sistema água-sujeira. Os detergentes são classificados como aniônicos, catiônicos, não iônicos e anfólitos. De acordo com o tipo de cadeia carbônica, são agrupados como biodegradáveis e não biodegradáveis. Diferenciam-se dos sabões porque estes são somente sais, igualmente de sódio, de ácidos graxos (ABRACOR, 2011, p. 101). Sinonímia: Surfactante.

DETERIORAÇÃO [Dt] Ação ou efeito de deteriorar; estrago.³⁸⁷ Envelhecimento gradual de materiais devido a ações diversas, ocasionando sua destruição. É o fenômeno incidente nos componentes construtivos através do processo natural (entrópico) de interação com o meio ambiente. Pode ocorrer naturalmente ou provocado por falhas construtivas ou ocorrências ambientais diversas.³⁸⁸

³⁸⁵ Disponível em: <http://ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=17590&revista_caderno=4>. Acesso em: 11 nov. 2018.

³⁸⁶ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

³⁸⁷ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

³⁸⁸ GESTÃO de Restauro. Glossário de Conservação do Patrimônio Cultural construído. Disponível em: <<http://gestaoderestauro.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

DETERTEC-7	[Ma] Categoria solvente. Sulfonato de sódio. Agente tensoativo. Detergente neutro específico para laboratórios. Integrante de soluções aquosas para limpeza de superfícies. Concentrações variáveis. Possui pH: 6,5-7,5. Utilizado em lavagem de documentos e tecidos. Limpeza de vidraria (ABRACOR, 2011, p. 102).
DETURPAR <i>défigurer, dénaturer, altérer [fr]</i>	[Dt] Desfigurar, alterar, estragar. Os retoques feitos em obras de arte por mãos inábeis foram prejudiciais (REAL, 1962, p. 182).
DEVOCIONAL	[Rg] É a demonstração da devoção e admiração por algo ou alguma coisa, normalmente relacionado com aspectos religiosos. No âmbito religioso, devocional é o período de tempo que uma pessoa separa para se dedicar a Deus, ou seja, fazer orações, agradecimentos, leituras e discussões sobre a Bíblia. ³⁸⁹
DEXTRINA	Ver COLA DE AMIDO.
DEZENA <i>decade [ing]</i> <i>decina di rosario [it]</i> <i>dizainier [fr]</i>	[Rg] Objeto de devoção constituída por uma feira de dez contas de rosário, tendo suspensa uma feira mais curta rematada por cruz (THESAURUS, 2004, p. 100).
DIACETONA	[Ma] Fórmula: C ₆ H ₁₂ O ₂ . Solvente. Cetona/álcool. Líquido transparente e inflamável. Odor semelhante à menta. Moderadamente tóxico. Não se mistura com hidrocarbonetos de petróleo. Completamente solúvel em água, álcool, éter e com a maioria dos solventes orgânicos. Utilizado como retardador da velocidade de evaporação em misturas de solventes e como retardador da secagem de vernizes, pra torná-los mais fluidos. Bom solvente para acetato de celulose. Muito importante para restauração de pinturas devido a sua miscibilidade, lenta e habilidade de selar fissuras em vernizes antigos (ABRACOR, 2011, p. 103). Sinonímia: 4-Hidroxi-2-Pentanona.
DIACÔNICO <i>diaconicum [fr]</i>	[Ig] Lugar onde, nas primitivas igrejas, se guardavam os vasos litúrgicos, os paramentos, também era chamado de <i>secretarium</i> . Hoje é a sacristia (REAL, 1962, p. 182).
DIADEMA	[Ab] Ornato de forma semicircular, usado na fronte como emblema de soberania. Constitui-se em atributo de santas nobres (DAMASCENO, 1987, p. 21). Podendo ser uma faixa circular ornamental, de metal ou de estofa (NUNES, 2008, p. 58). Ver COROA.
DIÁFANO <i>diaphane [fr]</i>	[De] Transparente, que deixa passar os raios luminosos. Ex.: céu diáfano. (REAL, 1962, p. 183).

³⁸⁹ Disponível em: <<https://www.significados.com.br/devocional/>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

DIAGNÓSTICO <i>diagnosis [ing]</i>	<p>[Ex] Ato ou processo de identificação ou determinação da natureza e causa dos danos e da degradação através da observação, investigação e análise histórica (CARTA do ICOMOS, 2003, p. 21). O diagnóstico e levantamento do estado de conservação de uma peça, baseia-se em três pontos essenciais: observação, a olho nu ou através de lupas binoculares; registo fotográfico; e elaboração de uma ficha com dados relativos ao estado de conservação da peça. Após estes três parâmetros os danos e patologias são identificados, dividindo-se o processo entre o suporte de madeira e a superfície pictórica, pois ambas as seções apresentam problemas diferentes (FÉLIX, 2013, p. 64).</p>
--	--

DIÁGRAFO <i>diagraphe [fr]</i>	<p>[Eq] Instrumento inventado no século XVI pelo arquiteto Cigose e aperfeiçoado por M.Gavard (1831). Tem a função de reduzir a imagem de qualquer objeto, e traçar, por meio de um movimento contínuo, toda espécie de figuras retilíneas e curvilíneas, fazendo o mesmo que o pantógrafo (REAL, 1962, p. 183).</p>
--	--

DIAMANTE <i>diamante [it]</i> <i>diamant [fr]</i>	<p>1. [Eq] Uma espécie de formão longamente biselado em ambas as faces, utilizado para tornear a madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 38). 2. [Pe] A mais dura e brilhante pedra preciosa. O diamante risca todos os outros corpos e não é riscado por nenhum (REAL, 1962, p. 183).</p>
--	--

DIÂMÉTRO <i>diamètre [fr]</i>	<p>[De] Segmento de reta que une dois pontos de uma circunferência, passando pelo centro (REAL, 1962, p. 183).</p>
---	--

DICLOROMETANO	<p>[Ma] Fórmula: CH₂CL₂. Solvente. Hidrocarboneto clorado. Líquido claro, muito volátil, estável à luz e à umidade. Inflamável. Produz vapores tóxicos. Levemente solúvel em água (% de massa a 20 °C: produto na água: 1,30; água no produto: 0,198) e completamente solúvel em álcool e éter. Utilizado como solvente de pinturas e vernizes. Agente desengordurante. Solvente bom para óleos, resinas, borracha e alguns derivados de celulose. Em solução, para remoção de colas ou repinturas proteicas (ABRACOR, 2011, p. 104). Sinonímia: Cloreto de metileno.</p>
----------------------	---

DIFRAÇÃO DE RX	<p>[Ex] Fenômeno que permite realizar análises qualitativas e cristalográficas de qualquer substância cristalina. Em particular, no caso de obras de arte, é válida para as análises de pigmentos, sais contaminantes, produtos de corrosão, materiais pétreos em geral, ligas metálicas, materiais cerâmicos. Quantitativamente esse exame oferece informações menos precisas. O princípio básico está na correlação entre o espectro de difração X causado pelos planos cristalinos das substâncias e a natureza químico-cristalográfica da substância (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 131). DIFRATOMETRIA DE</p>
-----------------------	---

RAIOS-X	[Ex] Técnica analítica que permite identificar cristais de minerais. ³⁹⁰ A diferença está em que a difração de raios X é o fenômeno e difratometria de raios X é a técnica.
----------------	--

DIFUSO	[De] Que se espalha em todas as direções. Diz-se da luz refletida irregularmente em diferentes direções, cujos raios, por se refletirem confusamente, não projetam sombras definidas. Por extensão, cujos contornos não estão nitidamente definidos. ³⁹¹
---------------	---

DIGITALIZAÇÃO (tridimensional)	<p>[Es] As técnicas de digitalização tridimensional sem contato subdividem-se em três tipos básicos de tecnologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a comparação entre imagens de um mesmo objeto obtidas a partir de pontos diferentes (estereopar); • a análise da deformação da luz projetada sobre um objeto (luz estruturada); e • a obtenção de medidas polares (distância + ângulo) por meio da contagem do tempo que uma determinada radiação leva até alcançar um objeto (time of flight).³⁹² <p>Essas técnicas permitem a digitalização de detalhes arquitetônicos, como esculturas e ornamentos, etc. Pode ser uma ferramenta de preservação digital em 3D. No caso realizado em Congonhas – MG, os profetas de Aleijadinho passaram em 2011 por um processo de digitalização que compreendeu três etapas principais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a captura de diversas vistas do objeto (escultura) por meio de um sistema de aquisição de imagens 2D e 3D, que utiliza um scanner laser e uma câmera de alta resolução; • a integração destas imagens capturadas para a reconstrução da geometria e textura do objeto; e • a geração do modelo final em 3D com alta resolução para ser visualizado em um ambiente virtual. <p>Foi usado um manipulador telescópico, equipamento utilizado para manipulação e içamento de cargas. Posicionado em frente ao adro da Basílica, erguendo o robô NJ 110, até a altura dos profetas. O robô, com um escâner 3D adaptado em sua extremidade, percorre automaticamente toda a superfície das obras. Os dados coletados pelo equipamento são enviados a um computador que reúne as informações e imagens captadas, gerando uma cópia digital em altíssima resolução das esculturas. Para garantir a segurança e integridade das obras,</p>
---------------------------------------	--

³⁹⁰ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/difraccion-de-rx>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

³⁹¹ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=difuso>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

³⁹² Disponível em: <<http://www.fec.unicamp.br/~lapac/papers/celani-cancehrini-2009.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

sensores a laser foram desenvolvidos para impedir que o robô ultrapasse um limite de segurança e mantendo sempre a mesma distância dos profetas. O processo todo executado à noite para garantir a luminosidade uniforme na coleta das imagens. ³⁹³	
DÍGLIFO <i>diglyphe [fr]</i>	[Or] Ornato composto de duas estrias ou canais, como os triglifos o são de três, nos modilhões (REAL, 1962, p. 184).
DILETANTE <i>dilettante [it]</i>	[Ap] Aportuguesado do italiano <i>dilettante</i> , significa amador; pessoa que exerce uma arte por gosto, e não por ofício (REAL, 1962, p. 184).
DILUENTE <i>diluente [esp]</i>	[Ma] Nas técnicas pictóricas são diluentes todas as substâncias que têm a propriedade de diminuir a concentração de outro líquido sem lhe alterarem as suas propriedades características. ³⁹⁴
DILUIÇÃO <i>dilution [fr]</i>	[De] Fluidificação de um líquido (emulsão ou solução) pela adição de um material volátil, de forma que uma película muito fina seja obtida rapidamente (LANGLE; CURIE, 2009, p. 980)
DIMENSÕES	<p>[De] Devem ser exatas e expressas em centímetros. Para isso é necessário usar trenas, paquímetros e outros instrumentos com escalas precisas. O uso de réguas e trenas de metal deve ser evitado, pois pode causar danos aos objetos. As réguas de plástico, por sua vez, são imprecisas. As medidas mais usadas em museologia são justamente aquelas que definem um sólido no espaço tridimensional:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Altura – dimensão vertical de um objeto da base para cima; • Largura – extensão de um objeto; • Profundidade – medida de distância perpendicular à largura. <p>Há outras medidas utilizadas para objetos especiais seja por seu tamanho ou por sua natureza. Por exemplo, moedas devem ser pesadas, bem como esculturas de grande porte; o volume interno de vasos arqueológicos deve ser medido. Para fornecer as medidas da maneira correta, é preciso conhecer a posição “natural” do objeto.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Objetos bidimensionais – altura x largura. Ex.: desenho – 12,3 x 14,7cm. • Objetos tridimensionais – altura x largura x profundidade. Ex.: escultura – 118 x 63,5 x 47,7cm. • Objetos com formatos diferenciados – medir diâmetro; diâmetro maior; maior altura; maior comprimento, etc. dependendo da tipologia do objeto. Ex.: pintura oval com moldura – 45,3cm

³⁹³ Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/profetas-de-aleijadinho-sao-digitalizados-em-congonhas-mg/>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

³⁹⁴ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

	(diâmetro maior) x 29,2cm (diâmetro menor).
	<ul style="list-style-type: none"> • Objetos com molduras – a medida deve ser feita pelo verso e incluir a moldura; • Objetos irregulares – indicar maiores medidas sempre. Ex.: móbile – 102cm (maior altura) x 61 cm (maior comprimento) (ACAM PORTINARI, 2010, p. 70).

DIMETILFOR- MAMIDA	[Ma] Fórmula: C ₃ H ₇ NO. Solvente orgânico nitrogenado. Líquido do grupo das amidas. Inflamável. Em contato com a pele deve ser imediatamente eliminado com água, pois provoca danos irreversíveis ao organismo. Completamente solúvel em água álcool, éter, acetona, benzeno e clorofórmio. Usado como um solvente em geral. Utilizado em soluções para remoção de vernizes, resinas e repinturas oleosas (ABRACOR, 2011, p. 106). Sinonímia: DMF.
-------------------------------	--

DIMETILSUL- FÓXIDO	[Ma] Fórmula: C ₂ H ₆ OS. Solvente orgânico. Líquido muito higroscópico. Odor característico. Incolor. Nocivo por inalação. Solúvel em água. Incompatível com metais alcalinos, halogênios, halogenetos, redutor, trietil-alumínio, nitratos, óxidos metálicos, óxidos não metálicos. Reações violentas são possíveis com oxidantes fortes e hidrocarbonetos halogenados. Degradabilidade: Biodegradação 90%. Utilizado em limpeza de pintura e remoção de repinturas (ABRACOR, 2011, p. 105).
-------------------------------	--

DINHEIRO	[Mt] É a fração de prata pura existente em qualquer liga cujo indicador é 12. Título da prata entre os moedeiros, bem como o quilate o é do ouro. A prata de lei é de 12 dinheiros: isto é, considera-se a prata pura de uma moeda como dividida em 12 partes, ou dinheiros, e quando lhe misturam 1/12 de liga, ficará a prata de lei de 11 dinheiros; se a ligam com 2/12 de liga, ficará de lei 10 dinheiros, etc. Em cada dinheiro há 24 grãos grandes, e 384 pequenos; nos marcos de prata corresponde o dinheiro a 5/8, e 24 grãos; na onça a 48 grãos; e na oitava a 6 grãos do marco. Título – Termo adoptado a partir de 1886 para indicar a fração de prata pura existente na liga e que veio substituir a nomenclatura dada em dinheiro. Os antigos 11 e 10 dinheiros passaram a corresponder à prata denominada de 1.º e 2.º títulos, indicados por permilagens: 1.º título – 916 e 2.º título – 833 (IMC, 2011, p. 136).
-----------------	---

DINTEL, LINTEL, PADIEIRA, LINDEIRA	[It] Travessa horizontal de porta ou janela que assenta sobre as ombreiras. [Mo] Cada um dos degraus laterais sobre que assentam as prateleiras da estante (REAL, 1962, p. 184).
	<i>linteau, plat-bande [fr]</i>

DINTORNO	[Ap] Delineamento de uma figura ou de um objeto, contido dentro no contorno. ³⁹⁵ Assim os olhos, as sobrancelhas, as faces e outras partes
-----------------	---

³⁹⁵ REAL, Regina M. Dicionário de Belas Artes: termos técnicos e matérias afins. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 2 volumes, 1962. Vol. 1, p. 184.

<i>linéament [fr]</i>	interiores são chamados dintornos, a respeito dos contornos que circunscrevem as formas exteriores dos corpos (RODRIGUES, 1875, p. 142).
DIOCESE <i>diocèse [fr]</i>	[Rg] Circunscrição territorial, sujeita à administração eclesiástica de um bispo, arcebispo ou patriarca. [Ou] Cada uma das quatorze províncias do Império romano, no século IV (NUNES, 2008, p. 58). O mesmo que bispado.
DIÓPTRICA <i>dioptrique [fr]</i>	[Cv] Parte da física que investiga a refração da luz em meios de diferentes densidades; anaclástica.
DIORAMA <i>diorama [fr]</i>	1. [Pi] Quadro de grandes dimensões que, submetido a luzes especiais, muda de aspecto, forma e cor, criando-se efeitos tridimensionais e de movimento. 2. [Ou] Por extensão panorama; paisagem. 3. [Ap] Câmara escura com um orifício, através do qual são vistas figuras numa tela translúcida e iluminada. 4. [Mu] Representação de uma cena, onde objetos, esculturas, animais empalhados, etc. inserem-se em um fundo pintado realisticamente. ³⁹⁶
DÍPTICO <i>diptych [ing]</i> <i>dittico [it]</i> <i>diptyque [fr]</i>	[De] Do latim <i>diptychus</i> . Conjunto formado por dois painéis, geralmente de marfim ou de madeira, mas igualmente em diversas ligas metálicas, articuladas por dobradiças ou charneiras, que se abrem como um livro. Podem ser esculpidos (baixo-relevo) ou pintados. Existem dois tipos de dípticos: os de carácter civil, que celebravam acontecimentos importantes, e os de carácter religioso que continham representações relativas à vida de Cristo, da Virgem ou dos Santos (IMC, 2011, p. 84).
DIREITO AUTORAL	[Ge] Direito exercido pelo autor, ou por quem o represente no tocante à publicação, tradução, venda e reprodução de suas obras. ³⁹⁷
DIRETÓRIO	1. [Et] Estilo de mobiliário da França do século XVIII que antecede o estilo império (QUEIMADO, 2007, p. 180). 2. [Li] Nome dado ao livro no qual a autoridade competente (Bispo, Abade, Provincial) indica os ofícios de cada dia e os paramentos com que estes devem ser celebrados. É também chamado de <i>Ordo</i> e <i>Calendário</i> (TRINDADE, 1998, p. 387).
DISCO <i>piécettes [fr]</i>	[Or] Ornato constituindo de pequenos discos achatados ou ligeiramente abaulados, postos em fila como contas de rosário. Usado em molduras convexas (REAL, 1962, p. 185).
DISCÓBOLO	[Es] Escultura do escultor grego Míron, que representa um atleta

³⁹⁶ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=diorama>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

³⁹⁷ Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

<i>discobole [fr]</i>	momentos antes de lançar um disco.
DISJUNÇÃO	[Dt] Quando há uma desunião, separação.
DISPERSÃO <i>dispersion [fr]</i>	1. [Qm] Disseminação de uma substância em um fluido no qual não é solúvel. 2. [Ou] Variação do índice de refração num meio de acordo com o comprimento de onda da radiação. ³⁹⁸
DISSEMINAÇÃO	[Mu] Com o sentido de difusão, programação e popularização, envolve os meios utilizados para tornar público o bem cultural e seu conteúdo informacional, bem como o resultado das pesquisas realizadas nas instituições culturais. ³⁹⁹
DISSOLVENTE <i>dissolvente [esp]</i> <i>dissolvent,</i> <i>solvent [ing]</i> <i>dissolvente [it]</i> <i>dissolvant [fr]</i>	[Ma] O que dissolve, solvente. Na restauração dissolve tintas, vernizes, etc. (TEIXEIRA, 1995, p. 38).
DISTAL	Ver MÃO .
DIVINO ESPÍRITO SANTO <i>Divine Holy Spirit [ing]</i>	[Ic] Representação da terceira pessoa da Santíssima Trindade. Foi por decisão do Concílio de Nicéia, em 325, que o Espírito Santo passou a ser representado na forma de uma pomba branca, símbolo tomado do texto evangélico de São Marcos sobre o batismo de Cristo (1:10). Nas representações mais comuns, a pomba figura de frente, com as asas abertas. Do seu corpo partem raios de luz, podendo incluir nuvens e querubins (OLIVEIRA, 2008, p. 163).
DIVISÃO (de forma) <i>cloison de moulage [fr]</i>	[Ce] Diz-se das divisões (em argila ou lâmina de cobre) que o modelador fixa verticalmente sobre o objeto a ser reproduzido, de forma a determinar o contorno de cada parte (REAL, 1962, p. 186).
DOBLETE <i>doublet [fr]</i>	[Or] Peça de vidro que imita pedra preciosa (REAL, 1962, p. 185).
DOBRA	Ver DRAPEADO e PLISSADO .
DOBRADIÇA <i>charnière [fr]</i>	[It] Peça de metal formada por duas chapas unidas por um eixo comum que lhes permite movimento giratório. Usada para movimentar portas, janelas e outros elementos que se abrem e fecham (DAMASCENO, 1987, p. 21). O mesmo gonzo. Ver BISAGRA .

³⁹⁸ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=dispers%C3%A3o>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

³⁹⁹ MUSEU de Astronomia e Ciências Afins – MAST/CNPq. Política de Preservação de Acervos Institucionais. Rio de Janeiro, 1995. p.32.

-
- DOCUMENTAÇÃO** [Do] Conjunto de documentos. [Re] A documentação tem várias características, podendo ser: fotográfica, escrita, ou com outro tipo de imagem.
- **Documentação fotográfica** – é de fundamental importância para acompanhar todos os processos de conservação-restauração das obras, desde os exames realizados antes, como durante e após as intervenções. Ficam registrados exatamente as condições e o aspecto da escultura antes de qualquer estudo ou intervenção. O ideal é que a escultura seja documentada em toda sua tridimensionalidade. Também são necessárias fotos de detalhes, importantes do ponto de vista formal, estilístico, técnico, do estado de conservação e as das intervenções que vão sendo realizadas na obra.
 - **Documentação escrita** – pode ser o preenchimento de um formulário ou de uma ficha técnica ou qualquer outra anotação que se faça sobre os exames. Seja qual for o meio, o mais importante é arquivar essas anotações, que fazem parte do dossiê da obra. Gráficos e esquemas sintetizam os resultados dos exames e de outras documentações (COELHO; QUITES, 2014, p. 106-107).

**DOCUMENTAÇÃO
CIENTÍFICA**

[Do] A documentação científica de bens culturais é um dos processos-chave na metodologia de conservação-restauração destes bens. Aliada à documentação dos processos de restauração, constitui recurso de investigação das características materiais e de produção das obras, além de representar apoio para a execução destes processos, possibilitando o conhecimento de características muito particulares às obras, bem como o acompanhamento de todas as etapas de sua realização. As instituições promovem a digitalização de seus acervos de imagens e criam sistemas de gerenciamento e distribuição destas informações através de meios eletrônicos. Isto permite, entre outros benefícios, maior fidelidade na reprodução fotográfica das obras, bem como o arquivamento e distribuição das imagens obtidas pela Internet e outras redes de divulgação. Esse processo compreende o uso de dispositivos de captura digital por varredura (scanners), seja em dispositivos de leitura plana (flatbed scanners) ou em dispositivos acoplados a câmaras fotográficas de formato médio ou grande (scanning backs). Estes últimos dispositivos, empregados tanto para fotografar objetos planos quanto tridimensionais, são capazes de gerar imagens em altíssima resolução, atualmente de até 360 megapixels. A eficiência dos processos de documentação fotográfica e a sua utilidade nos trabalhos de análise científica ligados à preservação de bens culturais estão diretamente ligadas à sua capacidade de registrar com suficiente fidelidade as cores e tons das imagens originais, gerando matrizes de alta qualidade para análise e arquivamento. A utilização de tecnologias de gerenciamento digital da cor, com sistemas de calibração e caracterização dos vários dispositivos e processos envolvidos, é parte fundamental do controle de

qualidade destes procedimentos. A otimização destes processos depende da utilização de parâmetros de referência adequados aos tipos específicos de materiais das obras fotografadas, aos pigmentos empregados, bem como às condições de iluminação da captura da imagem.⁴⁰⁰

DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA

[Do] Trata-se de um sistema baseado em uma metodologia que busca registrar de distintas formas todas as informações sobre os objetos museológicos. O método da documentação museológica permite a coleta de informações, sua organização e disponibilização. Ao mesmo tempo, uma das importantes funções da museologia é preservar o objeto de manipulação desnecessária. Além da documentação de acervos, a documentação museológica orienta a gestão da informação do museu e, quando bem estruturada, gera conhecimento sobre as coleções e sobre a própria história institucional (ACAM PORTINARI, 2010, p. 104). Expressa somente a ação de documentar, isto é, o uso do conjunto de conhecimentos e técnicas que permitirão o processamento (tratamento técnico) dos bens culturais ou de seus dados. Tem início na localização e percorre a identificação, aquisição, análise, armazenamento, recuperação, circulação e preservação de informação especializada para usuários. Para efeito deste trabalho, o termo documentação não significa o conjunto de documentos no sentido de acervo.

DOCUMENTAÇÃO TÉCNICA – Conjunto de informações produzidas a partir da documentação e pesquisa do bem cultural.⁴⁰¹

DOCUMENTO

[Do] unidade de registro constituída pela informação, qualquer que seja o suporte ou formato.⁴⁰² Qualquer base de conhecimento fixada materialmente e disposta de maneira que se possa utilizar para consulta, estudo, prova, etc.⁴⁰³ Podendo ser:

- **Documento audiovisual** – que contém imagens, fixas ou em movimento, e registros sonoros, independente do formato e suporte;
 - **Documento cartográfico** – que contém representações gráficas da superfície terrestre ou de corpos celestes e desenhos técnicos, como mapas, plantas, perfis e fotografias aéreas;
 - **Documento cinematográfico** – imagens em movimento, com ou sem som, como filme e fita videomagnética;
 - **Documento eletrônico** – documento em meio eletrônico;⁴⁰⁴
-

⁴⁰⁰ Disponível em: <http://www.forumpatrimonio.com.br/view_full.php?articleID=142&modo=1>. Acesso em: 12 nov. 2018.

⁴⁰¹ MUSEU de Astronomia, 1995, p. 32.

⁴⁰² Disponível em: <<http://www.arquivos.uff.br/index.php/glossario-de-terminologia-arquivistica>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

⁴⁰³ MUSEU de Astronomia, 1995, p. 32.

⁴⁰⁴ Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

- **Documento especial** – documento em linguagem não textual, em suporte não convencional, ou, no caso de papel, em formato e dimensões excepcionais, que exige procedimentos específicos para seu processamento técnico, guarda e preservação e cujo acesso depende, na maioria das vezes, intermediação tecnológica;⁴⁰⁵
- **Documento fotográfico** – fotografia em positivo ou negativo;
- **Documento iconográfico** – imagem fixa, impressa, desenhada ou fotografada;
- **Documento impresso** – documento textual impresso ou multigrafado;
- **Documento micrográfico** – documentos em microforma;⁴⁰⁶
- **Documento pessoal** – documento cujo teor é de caráter estritamente particular. Documento que serve à identificação de uma pessoa.
- **Documento público** – do ponto de vista da acumulação, documento de arquivo público. Do ponto de vista da propriedade, documento pertencente ao poder público. Do ponto de vista da produção, documento emanado do poder público;⁴⁰⁷
- **Documento textual** – Documento manuscrito, datilografado ou impresso.
- **Documentos religiosos** – demissória, breve, descarga, breviário, provisão, encíclica, constituição (NUNES, 2008, p. 14).

DOGMA*dogme [fr]*

[Rg] Na Igreja Católica Apostólica Romana, é ponto fundamenta e indiscutível de doutrina já por ela definido como expressão legítima e necessária de sua fé (TRINDADE, 1998, p. 387).

DOLOMITAS

[Pe] Calcário dolomítico. Rocha calcária em que predomina o mineral dolomita, que apresenta grande proporção de carbonato de magnésio, além do carbonato de cálcio (KANAN, 2008, p. 165).

DOM JOÃO V

[Et] Estilo de mobiliário em Portugal no século XVIII (QUEIMADO, 2007, p. 138).

DOM JOSÉ

[Et] Estilo de mobiliário em Portugal no século XVIII (QUEIMADO, 2007, p. 138).

DOMINAÇÕES

[Ic] Categoria de anjos pertencente Pa segunda ordem dos coros

⁴⁰⁵ Disponível em: <<http://www.arquivos.uff.br/index.php/glossario-de-terminologia-arquivistica>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

⁴⁰⁶ Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁴⁰⁷ Disponível em: <<http://www.arquivos.uff.br/index.php/glossario-de-terminologia-arquivistica>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

	angelicais, que eram representados vestidos de longa túnica branca com cinto de ouro e estrelas verdes. Na pintura colonial brasileira, especialmente em Minas Gerais, as Cominações eram representadas livremente, à maneira de anjos adultos, alados, com vestes coloridas e complicadas, trazendo às vezes um cetro e globo com cruz nas mãos. ⁴⁰⁸
--	--

DOMINICANO	[Rg] Membro da ordem mendicante fundada por São Domingos de Gusmão no início do século XIII. Os dominicanos, também chamados de irmãos pregadores, destacavam-se no campo da teologia e tinham o controle da Inquisição medieval. Além do fundador, entre os principais santos da congregação estão São Pedro Mártir, Santo Tomás de Aquino, Santo Alberto, o Grande, São Vicente Ferre e Santa Catarina de Siena. ⁴⁰⁹
-------------------	---

DONA MARIA	[Et] Estilo de mobiliário em Portugal no século XVIII (QUEIMADO, 2007, p. 183).
-------------------	---

DONZELA	[Ut] Espécie de redoma de vidro ou cristal, com abertura na parte superior, usada para proteger a chama de castiçais, arandelas e candelabros (DAMASCENO, 1987, p. 21). Ver MANGA.
----------------	--

DONZELA-DE-CANDEEIRO	[Es] Peça de madeira torneada com uma abertura no centro para nela se colocar candeeiro ou castiçal (NUNES, 2008, p. 58).
-----------------------------	---

DÓRICA <i>dorique [fr]</i>	[Ar] Ordem clássica de arquitetura, caracterizada pelo capitel destituído de ornato, fuste com caneluras e diâmetros maior na parte inferior e menor na superior e ausência de base. A coluna dórica tinha no máximo oito diâmetros de altura (ÁVILA, 1979, p. 141).
--------------------------------------	--

DORMENTE <i>bastidor inmovil [esp]</i> <i>fixed frame [ing]</i> <i>telaio maestro [it]</i> <i>dormant [fr]</i>	[Eq] Peça fixa de marcenaria ou serralheria (TEIXEIRA, 1995, p. 38).
---	--

DORSEL <i>dorsal [fr]</i>	[Mo] Tecidos ricos ou tapeçarias suspensas no espaldar das cadeiras. Certas estalas de coro são ornadas com esculturas imitando tecidos (REAL, 1962, p. 188).
-------------------------------------	---

DORSO	[Es] Sinônimo de costas e reverso. Termo que designa a parte traseira de uma escultura (INSTITUTO, 2004, p. 118).
--------------	---

DOSSEL <i>dais [fr]</i>	1. [Rb] Armação saliente, em trabalho de talha, com bordas franjadas e, às vezes, forrada internamente. Usado como ornamento sobre tronos e
-----------------------------------	---

⁴⁰⁸ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 88.

⁴⁰⁹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/dominico>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

<p>leitos, ou sobre os retábulos, e formando como que um pequeno teto incorporado ao camarim. Sua forma é variável, segundo o estilo e a época. É também chamado <i>sobrecéu</i>. (DAMASCENO, 1987, p. 21). O dossel é o elemento mais característico do retábulo estilo Dom João V (ÁVILA, 1979, p. 141). 2. [Ge] Qualquer cobertura situada à meia altura no interior de um cômodo. Em geral é colocado sobre um altar, um púlpito, uma cama ou trono real. Quando sustentado por colunas, chama-se baldaquino.⁴¹⁰ Podendo também ser uma armação formada por vários panos de tecido, basicamente um vertical e outro horizontal, destinada a conferir relevo.⁴¹¹ Ver BALDAQUINO.</p>	
<p>DOSSIÊ <i>dossier [fr]</i></p>	<p>[Do] Conjunto de documentos relacionados entre si por assunto (ação, evento, pessoa, lugar, projeto), que constitui uma unidade de arquivamento.⁴¹² DOSSIÊ DE TOMBAMENTO – [Do] Conjunto de informações necessárias à justificação do tombamento do bem, constando necessariamente de levantamento histórico, diagnóstico e análise, bem como de informações detalhadas sobre suas características e estado físico. No caso de bens imóveis, são também definidos o perímetro e o entorno de proteção. Modernamente o dossiê de tombamento incorpora também diretrizes para a proteção (Ministério Público do Estado de Minas Gerais – MPMG).</p>
<p>DOURADO</p>	<p>[Po] Recobrimento de uma escultura com folha de ouro ou pintura que o imite (TEIXIDO I CAMI, 1997). Aplicação de ouro em folha ou em pó sobre diversos suportes.⁴¹³ Ver DOURAMENTO.</p>
<p>DOURADOR</p>	<p>[At] Oficial que executa o douramento e, muitas vezes, a policromia da obra em madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 38), pois o pintor-dourador poderia executar o douramento e a policromia, embora o douramento pudesse ser executado por um artífice, no caso o dourador e a policromia por outro artífice, o policromador ou pintor.</p>
<p>DOURADURA <i>corladura [esp]</i> <i>doratura [it]</i></p>	<p>1. [Po] O mesmo que prata dourada. Consiste na aplicação de uma veladura ou verniz colorido sobre superfícies com prateamento para dar-lhe o aspecto de dourado. Existem outras funções da douradura quando aplicada sobre douramentos para que fiquem com aparência de novo. 2. [De] E segundo Bluteau (1712-1728, v. 3, p. 298-299), douradura é uma composição de espírito de vinho, mirra, rom, (que é uma tinta amarela) e várias gomas, a qual depois de posta ao lume, e desfeita, sobre qualquer prateado de tempera, ou óleo se aplica, e o faz</p>

⁴¹⁰ CONJUNTO... 2007, p. 176.

⁴¹¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴¹² Disponível em: <<http://www.arquivos.uff.br/index.php/glossario-de-terminologia-arquivistica>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

⁴¹³ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

parecer propriamente ouro, e sobre prata brunida, melhor, e sobre dourado velho, lhe torna a dar o seu primeiro lustre. 3. [Po] Termo utilizado como sinônimo de douramento em dicionários de escultura, em Portugal no século XIX. Do latim *auratura*, operação pela qual se cobre de uma folha ou camada de ouro mais ou menos grossa a superfície dos objetos, a que se quer dar o brilho d'este metal. Douram-se os metais, a madeira, a argila, o barro cozido, a porcelana, o gesso, o mármore, o vidro, e muitas outras matérias. A douradura sobre madeira faz-se a óleo ou a tempera, e segue os mesmos processos sobre a argila, pedra, gesso, etc. (RODRIGUES, 1875, p. 146).

DOURAMENTO

dorado [esp]

dorure [fr]

[Po] É uma técnica conhecida desde a Antiguidade, tratando-se de um recurso estético que confere à obra requinte e nobreza, sendo vastamente aplicado nas representações religiosas, seja na imaginária ou nos ornamentos e retábulos das igrejas. Sobre o douramento, várias técnicas de ornamentação e acabamento poderiam ser empregadas, cada qual servindo a um fim gerando um efeito estético específico, como esgratito, punção, pintura a pincel. O douramento consiste na aplicação de folhas de ouro, o que pode ser feito através de diversas técnicas, dependendo do efeito que se queira obter. Nas esculturas em madeira essa aplicação tornou-se bastante usual, principalmente na execução do estofamento (MEDEIROS, 2000, p. 37). O douramento pode ser feito sobre várias superfícies como estuque, pedra, metal e madeira. O processo de douramento tem várias fases preparatórias das madeiras até que estas possam receber o ouro: isolamento da madeira com cola animal; aplicação de várias camadas de preparação branca; modelação e nivelamento da preparação branca; aplicação de bolo armênio. Somente após todas estas fases se começa realmente a aplicar a folha de ouro. Depois da madeira preparada, o dourador inicia douramento. Dos dois processos mais utilizados para dourar madeira - douramento a água e douramento a mordente (QUEIMADO, 2007, p. 53).

- **Douramento a água** – também chamado de *douramento a tempera*. Este processo só pode ser aplicado em interiores, pois não resiste à ação dos agentes atmosféricos ao contrário do douramento com mordente. Este douramento permite ao dourador tornar o ouro reluzente e brilhante quando brunido e criar tons foscos para dar realce. A primeira fase da aplicação da folha de ouro consiste na colocação da folha no coxim. Para isso, agarra-se o livro sempre pelo lado da costura sem apertar ao centro, abre-se e põe-se a folha sobre o coxim, ou faz-se deslizar sobre a folha de papel do livro. Para que a folha estique sobre o coxim, dá-se um pequeno sopro sobre a folha de ouro. Também se pode retirar a folha com o auxílio da faca de dourador. O livrinho deve estar afastado da água, as folhas de ouro quando salpicadas com água são destruídas. A segunda fase consiste no corte da folha. Com a faca de dourador coloca a folha no centro do coxim e estende-se a folha o melhor possível. Em seguida, com a faca de dourador, corta-se o ouro nas
-

dimensões da área a dourar. Se a área a dourar for plana e de dimensões razoáveis faz-se o douramento com a folha de ouro inteira. Molham-se as zonas a dourar com água límpida e fria utilizando-se pincéis de molhar de diferentes espessuras, tendo o cuidado de apenas molhar as partes que se vão dourar e a aplicação do ouro deve ser feita rapidamente antes que a zona umedecida seque. A água deve ser renovada regularmente para evitar o depósito de poeiras e sujidades, o que poderá comprometer o resultado final do douramento. O ouro é transportado do coxim com a paleta de dourar, pelonesa, e aplica-se na área. Para o ouro aderir à paleta, passa-se com esta levemente sobre um pouco de gordura que se coloca na costa da mão, na face ou na testa. O douramento faz-se das zonas mais fundas para as zonas mais salientes e de cima para baixo. O ouro, depois de duas ou três horas da sua aplicação pode ser brunido com a pedra de ágata para ficar mais brilhante e luminoso. Não se deve deixar secar demasiadamente o ouro, o que tornaria menos belo o brunido. Antes de brunir é conveniente passar sobre o ouro um pincel macio para tirar a poeira que tenha aderido à superfície. O processo é o seguinte: deve passar-se a pedra de ágata suavemente sobre o ouro, guiando-a com as duas mãos de modo a passar somente nas zonas pretendidas. Quantas mais vezes se passarem as pedras sobre o ouro, maior será o brilho adquirido. Se constatar que o ouro resiste bem à passagem das pedras pode-se aumentar a força da fricção, sendo o brilho cada vez mais visível e acentuado (QUEIMADO, 2007, p. 60-61).

- **Douramento a mordente** – também conhecido como *douramento a óleo*, ou *com mordente*, ou *com a mixtion*. Serve para o ouro que se intenciona deixar mate, porque neste caso além de não haver o refinamento do bolo sob a folha metálica, o mordente gera uma superfície mais rugosa, e essa técnica não permite o brunimento. Sua aplicação é mais simples e rápida, porém não propicia variações em sua aparência final (MEDEIROS, 2000, p. 38).

DOURAMENTO A MORDENTE DE ÓLEO COM OURO FALSO

[Po] Também conhecido como *ouro de imitação* ou *italiano*, considerado relativamente fácil, sendo a simples fixação de uma folha de ouro sobre uma peça. O ouro falso ou de imitação tem uma pequena percentagem de ouro misturado com outros metais. Este tipo de ouro é de qualidade inferior e é normalmente utilizado no douramento a mordente, não sendo praticamente utilizado no douramento a água, uma vez que oxida muito facilmente. Vem em livros de papel semelhantes aos de ouro fino com 100 folhas tendo a particularidade de, cada folha, corresponder em área a 4 folhas de ouro fino. A sua resistência desta combinação às intempéries tem muitas utilizações em trabalhos de exteriores como por exemplo cúpulas, estátuas, gradeamentos de vedação e varandas. Esta técnica pode aplicar-se em qualquer superfície sem necessitar de encolagem, preparação branca e bolo armênio, para além de ser muito mais econômico. Contrariamente ao douramento a

água, este tipo de douramento não pode ser brunido, dependendo o seu brilho do fundo que deve ser liso e homogêneo. Sobre a superfície a dourar aplica-se uma ou duas demãos de goma-laca e deixa-se secar. A goma-laca impede que o mordente seja absorvido pela superfície, seque e conseqüentemente o ouro não agarre. Com uma brocha ou um pincel de cerdas aplica-se uma demão de mordente e estende-se o mais fino e uniformemente possível. Esta operação é determinante no resultado final do dourado. Quando se aplica o mordente, a brocha ou pincel devem estar bem escorridos para que este fique bem estirado. Um bom mordente deve ter a propriedade de secar depressa, mas manter por muito tempo a sua capacidade de colagem. No comércio encontram-se mordentes de óleo de 3, 6, 12 e 24 horas. O melhor mordente será o de 24 horas, pois tem menor quantidade de secativos, o que aumenta o seu poder adesivo. Hoje em dia, encontram-se no mercado outros tipos de mordente, nomeadamente mordente a água e mordente a álcool com tempos de atuação na ordem dos 15 a 30 minutos. Depois de “seco”, aplica-se o ouro de modo semelhante ao douramento a água. Quando bem assentado, escova-se ligeiramente o ouro e para finalizar enverniza-se o douramento com verniz de álcool, por exemplo goma-laca. Este verniz deve ser aplicado assim que possível para evitar eventuais oxidações da folha de ouro de imitação. É recomendada a utilização de luvas para manipular o ouro (QUEIMADO, 2007, p. 62-63).

**DOURAMENTO
COM OURO EM PÓ**

Ver **OURO DE CONCHA**.

**DOURAMENTO
GRANULOSO**

[Tc] Tipo de douramento, no qual é aplicado sobre a preparação grãos de areia, dando um aspecto granuloso à superfície e aumentando o contraste com as partes brunidas (TEIXEIRA, 1995, p. 39).

DOURAR

dorar [esp]
to gild [ing]
dorare [it]
dorer [fr]

[Tc] Aplicação de ouro em folha ou em pó sobre a superfície que se quer dourar (TEIXEIRA, 1995, p. 39).

DOURATURA

DOURADURA.

DRACMA

[Ou] Medida de peso equivalente a aproximadamente 3,58 gramas (ÁVILA, 1979, p. 211) O mesmo que oitava.

DRAGÃO

dragon [fr]

[Ic] Animal fabuloso com garras de leão, cauda de serpente e asas de águia. Na escultura bizantina simbolizava calamidade pública (REAL, 1962, p. 188). Representações de dragão podem ser vistas nas imagens de São Jorge e São Miguel. É comum aparecer encimando cetro de imperadores, uma vez que é potência ordenadora das funções régias e dos ritmos da vida, garantindo a ordem e a prosperidade. É o símbolo da Casa de Bragança, aparecendo como insígnia dos imperadores

	brasileiros. ⁴¹⁴
--	-----------------------------

DRAPEADO ou DRAPEAMENTO	[Es] Tratam-se da disposição ou distribuição de um conjunto de pregas, dobras, vincos ou plissados dos panejamentos e das vestes das esculturas, de acordo com as tensões e os caimentos do tecido. Principalmente nos drapeados de esculturas humanas, a dobra resulta de uma saliência do tecido em relação a seu plano. A dobra forma uma prega, e o drapeado é composto por um conjunto de dobras formadas por uma ou por várias partes do tecido. As dobras do drapeado são muitas vezes ligadas umas às outras em sequências. A natureza e o tratamento do tecido desempenham naturalmente um papel importante na execução do drapeado. Este poderá ser caracterizado principalmente como macio, seco, plano, pictural (LEFFTZ, 2006, p. 109). Existem diversas formas de representações dos drapeados sendo diferenciados de acordo com as dobras (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 699-703). Ver PLISSADO .
--------------------------------	---

DRAPEJAR <i>panos, ropaje [esp]</i> <i>to drape [ing]</i> <i>pannegio,</i> <i>panneggiamento,</i> <i>panneggiatura [it]</i> <i>drapé, draper [fr]</i>	[Es] Modo de dispor ou representar o panejamento com pregas ou dobras (TEIXEIRA, 1995, p. 39), em pintura ou em escultura.
--	--

DROGUETE <i>droguet [fr]</i>	[Ma] Estofa de seda, lã ou algodão guarnecido de desenho em relevo, que não são tecidos na fazenda (REAL, 1962, p. 189).
--	--

DRUM-TOPPED TABLE	[Mo] Mesa do estilo <i>regency</i> , da Inglaterra, que pode ser circular ou com 8 lados, com gavetas a toda a volta e, por vezes, giratória (QUEIMADO, 2007, p. 180).
--------------------------	--

DUCINA <i>doucine, petite onde [fr]</i>	[Ar] Moldura côncava na metade superior e convexa na inferior (REAL, 1962, p. 189).
---	---

DUCTILIDADE	[De] O sólido dúctil estende-se com facilidade, formando fios. Maleável. Exemplo: O ouro é bastante dúctil. Com 1 grama desse material é possível fazer um fio de 2 Km. ⁴¹⁵
--------------------	--

DULIA <i>dulie [fr]</i>	[Rg] Culto prestado aos santos e aos anjos (REAL, 1962, p. 189). É a veneração dos Santos aprovados por tais pela Igreja. ⁴¹⁶
-----------------------------------	--

⁴¹⁴ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 90.

⁴¹⁵ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁴¹⁶ Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. Livro Primeiro, Título VII. Parágrafos 19, 20 e 21.

DUNQUERQUE	[Mo] Pequeno armário, geralmente envidraçado, para exposição de objetos de uso ou adorno (ÁVILA, 1979, p. 141).
DURAME ou DURÂMEN <i>Duramen [it]</i>	[Es] Parte do tronco ideal para a talha por ser seca e compacta (TEIXIDO I CAMI, 1997). [Md] Cerne. Zona do tronco que circunda a medula. É a parte principal do tronco, constituída por uma massa compacta e resistente capaz de armazenar substâncias de reserva. Tem uma estrutura em anéis concêntricos. ⁴¹⁷
DURANTE	[Ou] Tecido de lã, lustroso semelhante ao cetim. ⁴¹⁸
DUREZA	1. [De] Propriedade física que representa a resistência dos materiais à abrasão ou à penetração, geralmente apresentada em função da Escala de Mohs. Esta é uma escala numérica relativa, que foi idealizada pelo mineralogista alemão Frederick Mohs, em 1822, dispondo 10 minerais comuns numa sequência de 1 a 10, dos menos duros aos mais duros, sendo que os de número superior riscam os de número inferior, nunca sendo riscados por estes: 1- Talco, 2- Gesso, 3- Calcite, 4- Fluorite, 5- Apatite, 6- Ortoclase, 7- Quartzo, 8- Topázio, 9- Corindo, 10- Diamante. Em gemologia, é altamente desencorajado o teste de durezas, já que este, sendo potencialmente destrutivo, pode danificar as amostras. 2. [Ce] Capacidade plástica da pasta que depende do seu conteúdo de água, permitindo ou não a moldagem. ⁴¹⁹ 3. [Ce] Determinação ou julgamento do grau de resistência da cerâmica ao risco, quebra ou choque. ⁴²⁰ DUREZA BRINELL – É um método de medição da dureza, utilizado principalmente nos materiais metálicos não ferrosos. Este método foi proposto em 1900, pelo engenheiro sueco Johan August Brinell. (FÉLIX, 2013, p. 103).
DURO <i>dur, sec [fr]</i>	[Es] Diz-se de um contorno, de um modelado, de um efeito com aspecto seco, anguloso, recortado, sem a suavidade (REAL, 1962, p. 190).

⁴¹⁷ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁴¹⁸ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 90.

⁴¹⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴²⁰ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcoavarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

**EBANISTERIA**

ebanistería [esp]
cabinetmaking [ing]
ebanisteria [it]
ébénisterie [fr]

[Tc] Originalmente refere-se ao ato de trabalhar o ébano, mas passou a ser aplicado a todo o tipo de marcenaria de alta qualidade, especialmente com folheados e marchetaria (QUEIMADO, 2007, p. 136). **EBANISTA** – ébéniste [fr]. [At] Profissional que trabalha em ébano; marceneiro; entalhador (REAL, 1962, p. 191). Ver *MENUISIER*.

ÉBANO

ébano [esp]
ebony [ing]
ebano [it]
ébène [fr]

[Md] Madeira escura e muito resistente, originária da Ásia, do Ceilão e de Madagascar. Muito estimada pelos estatuários antigos, que desta madeira deixaram obras de escultura, móveis, painéis e molduras (REAL, 1962, p. 191). [Bo] Nome científico: *Diospyros ebenum* J.Koenig ex Retz⁴²¹.

EBONITE

ébonite [fr]

[Ma] Resina artificial, marrom escura ou preta, muito dura e quebradiça, feita de borracha endurecida, por adição quente de uma proporção significativa de enxofre (até 60%) durante a vulcanização da borracha. Este nome, que vem do inglês, lembra a aparência e a dureza do ébano (patente de Nelson Goodyear, 1851). Este é o primeiro material plástico termoendurecível.

EBÓREO

ebóreo [esp]
ivory [ing]
avorio, eburneo [it]
ivoire [fr]

[Mf] Feito de marfim; da cor do marfim (REAL, 1962, p. 191). O mesmo que ebúrneo.

EÇA

Ver **ESSA**.

ECLÉTICO

Eclético [esp]
eclectic [ing]
eclottico [it]
éclectique [fr]

[Et] Diz-se daquele que é partidário do ecletismo; que não segue uma escola única; diz-se de uma coleção variada; de uma escola de arte com manifestações diferenciadas (REAL, 1962, p. 191).

ECOFATO

[Ou] Refere-se a objetos coletados diretamente da natureza e que não sofreram interferência humana no formato ou confecção (galhos,

⁴²¹ WORKSHOP Regional Asiático (Conservação e Manejo Sustentável de Árvores, Vietnã, agosto de 1996). 1998. *Diospyros ebenum*. A Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN 1998. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.1998.RLTS.T32296A9688568.en>>. Acesso em: 29 de jun. 2018.

	colmeias, carvão etc.) (ACAM PORTINARI, 2010, p. 104).
--	--

EDÍCULA	1. [Ar] Pequena edificação para abrigar um altar ou imagens de santos. [Rb] Espécie de pequeno nicho, onde geralmente se colocam imagens de santos (DAMASCENO, 1987, p. 21).
----------------	--

EFEITO	1. [Ge] Do latim <i>effectus</i> . O que se segue de alguma causa, e é produzido por ela; impressão que produz á primeira vista, e na imaginação uma obra de arte, antes mesmo de se fazer dela aprofundado exame (RODRIGUES, 1875, p. 148). 2. [Pi] Impressão produzida, em pintura, pela oposição de cores de sombra e luz, de linhas, etc. Uma obra de arte produz <i>bom efeito</i> ou <i>mau efeito</i> (REAL, 1962, p. 192).
---------------	--

EFÍGIE	Figura, imagem, representação de uma pessoa (REAL, 1962, p. 192).
---------------	---

EFLORESCÊNCIA	[Dt] Camada de sal cristalizado na superfície da alvenaria. A eflorescência ocorre quando o material contém sais solúveis, que são transportados pela umidade até à superfície da alvenaria. Ali, em contato com o ar, esses sais se cristalizam, formando a eflorescência e deteriorando a camada superficial do revestimento. ⁴²² Trata-se de uma grande concentração de sais solúveis cristalizados na superfície dos materiais porosos. A eflorescência de sais acontece fora dos poros do material, por isso mesmo o grau de deterioração é menor. No entanto a eflorescência é um forte indicador de contaminação interna da pedra por sais solúveis, sabidamente causadores de estresses no interior da pedra (MANUAL DE ALMEIDA, 2000, p. 19).
----------------------	---

EGICRÂNIO	[Or] Cabeça de bode ou cabra, empregada como tema de ornamento pelos escultores da Antiguidade (REAL, 1962, p. 192).
------------------	--

EGLOMIZAÇÃO	[Tc] Técnica de pintura realizada sobre vidro na parte interna da superfície a ser divisada pelo espectador (em referência aos olhos de vidros em escultura) (COELHO, 2005, p. 238). 2. [Tc] Diz-se do trabalho de decoração de uma peça de vidro, dourada por dentro (REAL, 1962, p. 192).
--------------------	---

EGLOMIZADO	Ver OLHOS EGLOMIZADOS.
-------------------	-------------------------------

EIXO <i>eje [esp]</i> <i>axis [ing]</i> <i>asse [it]</i> <i>essieu, axe [fr]</i>	1. [Tc] Reta vertical, real ou imaginária, que passa pelo centro de um corpo (ou de uma peça), dividindo-o em partes simétricas e equilibradas (TEIXEIRA, 1995, p. 40). 2. [Es] O centro a partir do qual se produz a ordenação simétrica de um grupo ou da composição escultórica; pode ser horizontal ou vertical (INSTITUTO, 2004, p. 119).
---	--

⁴²² CONJUNTO... 2007, p. 176.

ELASTICIDADE	[De] O sólido elástico deforma-se e recupera a forma original quando a força que produziu a deformação é retirada. Exemplo: A borracha é um material elástico. ⁴²³
ELECTRO	[Me] Mistura de ouro e prata (REAL, 1962, p. 192).
ELEFANTINO	[Mf] Que é feito de marfim, ebúrneo. Em estatuetas, quando ao marfim se juntam metais preciosos, principalmente o ouro, diz-se <i>criselefantina</i> (REAL, 1962, p. 192).
ELEMENTOS	[Es] Fragmentos que formam um bloco (TEIXIDO I CAMI, 1997).
ELEMENTOS METÁLICOS	<p>1. [Tc] São os pregos, cravos, tachas, placas, coroas. Caso seja necessário proceder à desmontagem de uma obra, deve-se ter atenção para a localização exata dos elementos metálicos, nomeadamente pregos que se encontrem em estado de oxidação (ferrugem). 2. [Dt] A reação de oxidação do ferro ocorre de uma reação química deste com o oxigênio, transformando o ferro em óxido de ferro, que, para além de manchar o suporte lenhoso, mancha muitas vezes as próprias camadas pictóricas. Durante a reação de oxidação o ferro aumenta de volume, provocando fendas, perda de resistência por parte das zonas oxidadas e dos próprios elementos metálicos. 3. [Ex] Uma das metodologias de identificação da localização dos elementos metálicos é através de exames laboratoriais, mais especificamente através da Radiografia, que nos vai revelar o interior da peça. 4. [Re] Para fazer a remoção de elementos metálicos oxidados, os processos são vários e dependem da sua localização e direção. O que acontece inúmeras vezes, é que os pregos com a expansão da oxidação ficam muito agregados às estruturas de madeira com aplicação de reforços e colagens com cavilhamento. Pode-se perfurar no entorno com uma broca fina, para libertar o elemento metálico, procedendo a sua remoção numa segunda fase com o auxílio de uma turquês. Ter sempre em atenção quando a superfície de remoção é decorada, uma vez que o processo irá danificar a zona circundante. Outro dos métodos utilizados neste caso é o de desgastar a cabeça do prego com uma mó e, estabilizando-o de seguida com EDTA e isolando-o de seguida com uma resina acrílica diluída. Quando os elementos metálicos são elementos de sustentação ou auxiliares de montagem, a sua desoxidação poderá passar por uma limpeza mecânica com lixa fina, ou com escova de aço para libertar a peça da oxidação solta e numa segunda fase pode-se submergir ou colocar algodão com uma solução de EDTA (EthyleneDiamineTetrAcetic acid), ácido etilenodiamino tetraacético. É um composto orgânico que age como ligante, formando complexos muito estáveis com diversos íons metálicos, estabilizando deste modo a oxidação. Normalmente, a remontagem dos elementos estruturais é feita nas zonas de união por colagem com adesivo adequado. A fixação das peças no local onde existiam pregos pode ser</p>

⁴²³ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

feita por parafusos inoxidáveis ou por cavilhas de madeira, evitando a todo o custo a utilização de elementos de ferro. Normalmente são utilizados os buracos da localização inicial dos pregos de modo a não danificar mais as superfícies decoradas. A substituição de elementos lenhosos a nível estrutural, só deve ser efetuada quando estritamente necessária, isto é, quando não há possibilidade de consolidar os elementos lenhosos originais devido à sua debilidade estrutural, ou por extrema necessidade de reforço da estrutura. Também neste caso as madeiras utilizadas devem ter a remoção de elementos metálicos oxidados, neste caso pregos, e desgaste das zonas oxidadas, com o comportamento o mais semelhante possível ao original, de modo a que haja compatibilidade entre madeiras nos movimentos estruturais (QUEIMADO, 2007, p. 140-141).

ELEMI <i>élémi</i> [fr]	[Ma] Resina vegetal extraída da árvore homônima (<i>Canarium luzonicum</i>) da família Burseráceas, nativa das ilhas das Filipinas. A resina elemi é um semissólido balsâmico branco-amarelado, grosso e pegajoso, com um odor característico. É solúvel em hidrocarbonetos aromáticos e em álcool. Tem sido utilizado como um plastificante de vernizes para madeira, como um aditivo para ceras talagarça em alguns processos e como um componente de algumas tintas de impressão. Com o nome de "elemi" identificaram vários exsudatos balsâmicos de várias espécies da família dos Burseraceae, conhecido geralmente com o nome de sua origem geográfica (Elemi Brasil, elemi Índia, etc.). ⁴²⁴
ELEVAR O TOM	[Pi] Em pintura, tornar um tom menos sombrio, menos carregado (REAL, 1962, p. 193).
ELMO	1. [In] Parte da armadura antiga que cobria a cabeça e o pescoço; espécie de capacete. 2. [Ic] Atributo de Santo Espedito (REAL, 1962, p. 193).
ELUDÓRICO	[Pi] Diz-se de uma pintura feita de óleo e água. O mesmo que <i>eleídrico</i> (REAL, 1962, p. 193),
EMAGRECENTES	[Ce] Materiais que diminuem a plasticidade das cerâmicas. Os principais são: chamote, sílica, carvão; e outras substâncias que submetidas à cozedura não entram em reação química (REAL, 1962, p. 193).
EMALHETAMENTO <i>ensambladura</i> [esp] <i>coupling, joining, joint</i> <i>[ing] commessura,</i> <i>congiunzione</i> [it] <i>assemblage</i> [fr]	[Tc] Travamento de madeiras por malhetes; ensamblagem; sambladura; juntura (REAL, 1962, p. 193).

⁴²⁴ TESAUROS. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1171521>>. Acesso em: 07 Out. 2018.

EMALHETAR <i>ensamblar [esp]</i> <i>to join [ing]</i> <i>adunare,</i> <i>incastrare [it]</i> <i>assembler [fr]</i>	[Tc] Ensamblar, encaixar, malhetar, unir peças de madeira por meio de malhetes (TEIXEIRA, 1995, p. 40).
EMASSAMENTO	Ver NIVELAMENTO .
EMBAÇADO	[Pi] Tom sombreado; amarelado; trigueiro; baço (REAL, 1962, p. 193).
EMBALAGEM	[Cv] acondicionamento individual ou coletivo do bem cultural, com a finalidade de transporte. ⁴²⁵
EMBEBIDO <i>emboîté [fr]</i>	[Es] Obra (peça) escultórica em que parte da sua superfície se introduz num muro, pilar, etc. (TEIXEIRA, 1995, p. 40).
EMBLEMA	[Ic] Do latim <i>emblema</i> . Figura metafórica, em geral associada a um lema ou divisa. Na Antiguidade, o termo indicava um ornamento metálico de tipo simbólico, posteriormente, passou a ser utilizado também como sinônimo, atributo ou insígnia (IMC, 2011, p. 84). Figura simbólica; atributo que serve a caracterizar certas figuras ou personagens; símbolo (REAL, 1962, p. 194).
ÊMBOLO	[Me] Longa barra de ferro que permite controlar o metal em fusão que escorre do forno para a fundição de uma estátua (REAL, 1962, p. 194).
EMBRECHADOS	[Or] Pequenos pedaços ou cacos de louça, cristal, vidros, pedras e conchas, com que se formam e ornamentam grutas artificiais, chafarizes, paredes, etc. (ÁVILA, 1979, p. 143).
EMBUTIDO <i>placage, incrustation</i> <i>[fr]</i>	1. [Ge] Encaixado; introduzido; engastado. 2. [Tc] Marchetado; obra de mosaico ou de marchetaria. Técnica onde são utilizadas madeiras contrastantes, metais como é o caso do latão, marfim, madrepérola, e outros materiais que são colocados em reentrâncias cortadas nas superfícies. Podem ser queimados para maiores contrastes. Podem ter incisões para demarcar pormenores (QUEIMADO, 2007, p. 136). 3. [Ar] Estátuas embutidas em fachadas, ângulos, pilastra, etc. (REAL, 1962, p. 194).
EMBUTIR <i>embutir [esp]</i> <i>to encrust [ing]</i> <i>imbottire [it]</i> <i>incruster [fr]</i>	[Tc] Fazer embutidos, entalhar, encaixar, embeber (TEIXEIRA, 1995, p. 41). Marchetar (REAL, 1962, p. 194).

⁴²⁵ MUSEU de Astronomia e Ciências Afins – MAST/CNPq. Política de Preservação de Acervos Institucionais. Rio de Janeiro, 1995. p.30.

EMOLDURAMENTO	[It] Moldura, friso de acabamento em torno de um elemento arquitetônico (janela, porta, beiral, cunhal etc.). ⁴²⁶ EMOLDURAR – Meter em moldura; encaixilhar; enastar (REAL, 1962, p. 194).
EMPARELHAR	[Ou] Termo muito usado nas Belas Artes para significar aproximação, equilíbrio de estátuas, figuras iguais ou semelhantes, etc. [Ar] colocar par a par dois elementos arquitetônicos, como aproximar colunas ou pilastras (REAL, 1962, p. 194).
EMPASTADO, GORDO, RICO	[Pi] Diz-se em pintura, dos tons empastados, das cores abundantes; da execução com pinceladas grossas e espessas. [Ds] Em desenho, dos contornos largos, gordos. Em gravura, manchas negras e opacas em virtude de traços muito untos, dando como consequência tais manchas e não sombras. EMPASTAR – [Pi] Colocar os tons, justapondo-os, enquanto a pasta está fresca de forma a poder fundi-los (REAL, 1962, p. 194-195).
EMPASTE ou EMPASTAMENTO <i>empâtement [fr]</i>	[Es] Ação, efeito ou trabalho de empastar as tintas, as obras de escultura, e ainda as massas de claro-escuro no desenho e na gravura (RODRIGUES, 1875, p. 158). [Pi] Emprego abundante, na superfície de uma tela, de pasta ou de tinta a óleo. Tem por objetivo dar relevo, brilho, solidez aos objetos representados (REAL, 1962, p. 194).
EMPENA	[It]1. Parte superior triangular, acima do forro, fechando o vão formado pelas duas águas da cobertura. 2. [Ar] Por extensão, a parede lateral. 3. [Ig] Nas fachadas principais, especialmente em igrejas, a empena é denominada frontão e quase sempre aparece com trabalhos ornamentais (ÁVILA, 1979, p. 39).
EMPENAMENTO	[Dt] Diz-se das superfícies planas que se deformam (REAL, 1962, p. 195). Também chamado <i>empeno</i> . [Md] Na madeira são defeitos originados durante a secagem do material. São originados pela deficiência de sistemas de secagem e pelo armazenamento das peças por um uso inadequado. Ocorrem, geralmente, em virtude da perda de sua umidade natural (12%). De acordo com o Manual de Classificação Visual, ⁴²⁷ Seguem alguns tipos de empenamentos: <ul style="list-style-type: none"> • Encanoamento – é o empenamento transversal da face; curvatura através da largura de uma peça de madeira. • Arqueamento – é o empenamento longitudinal das bordas; curvatura ao longo do comprimento da peça de madeira, num plano paralelo à face. • Encurvamento – é o empenamento longitudinal da face; curvatura

⁴²⁶ CONJUNTO... 2007, p. 176.

⁴²⁷ Disponível em:
<http://www.set.eesc.usp.br/lamem/Templates/material/manual_de_%20classificacao_%20visual.pdf>.
Acesso em: 29 jun. 2017.

	ao longo do comprimento da peça de madeira num plano perpendicular à face.
	<ul style="list-style-type: none"> • Torcimento – é o empenamento helicoidal ou espiral no sentido do eixo da peça de madeira.
EMPÍREO	[Ic] Morada dos deuses; lugar dos santos; céu (REAL, 1962, p. 195).
EMPLASTO	[Ma] Pasta consistente que se aplica sobre uma superfície, geralmente como veículo de um produto de limpeza. ⁴²⁸
EMPOLA	[Dt] Parte da pintura que por diversas razões se eleva e destaca da tela ou do suporte, formando bolha (REAL, 1962, p. 195).
EMPOSTA	[Ar] A última pedra sobre o pilar ou pilastra, e da qual nasce à volta do arco (REAL, 1962, p. 195).
EMPRÉSTIMO	[Mu] Transferência física e temporária de obra de arte ou objeto, com fins de referência, consulta, pesquisa ou exposição.
EMULSÃO <i>émulsion [fr]</i>	1. [Qm] Dispersão estável de líquidos imiscíveis postos em contato através de um tensoativo que atua como emulgente. ⁴²⁹ 2. [Ma] Líquido que possibilita a combinação de água com óleo ou resina, evitando a separação da mistura em duas fases. O veículo da pintura a têmpera é sempre uma emulsão. As emulsões mais naturais empregadas na pintura são a gema de ovo e a caseína. Ambas, uma vez secas, tem a vantagem se serem insolúveis em água. ⁴³⁰
ENCABAR	[Ge] Acoplar o cabo a uma goiva ou grosa (TEIXIDO I CAMI, 1997). ENCABADOURO – [Ou] Abertura em que entra o cabo de qualquer instrumento de metal (REAL, 1962, p. 196).
ENCAIXAR <i>encajar [esp]</i> <i>to fit ou set (one par tinto another),</i> <i>to join [ing]</i> <i>incastrare [it]</i> <i>encastrer, encaisser,</i> <i>enchâsser,</i> <i>emboîter [fr]</i>	[Tc] Colocar em encaixe, ensamblar, emalhetar (TEIXEIRA, 1995, p. 41).
ENCAIXE <i>encaje [esp]</i> <i>a joint, a setting ou</i> <i>fitting of one thing into</i>	[Tc] Local de união de duas peças (TEIXEIRA, 1995, p. 41). ENCAIXE NA MADEIRA – <i>Mortaise [fr]</i> . [Tc] Pode ser feita de maneiras diversas: reta, oblíqua, etc. Espécie de armação na qual são colocados os blocos de madeira para trabalhar que, pela sua pequena

⁴²⁸ CONJUNTO... 2007, p. 176.

⁴²⁹ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁴³⁰ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/pintura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

<p><i>another [ing]</i> <i>incassatura [it]</i> <i>assemblage,</i> <i>emboîture,</i> <i>jointure [fr]</i></p>	<p>dimensão, seria difícil manejar (REAL, 1962, p. 196).</p>
<p>ENCAIXES, LIGAÇÕES E SAMBLAGENS</p>	<p>[Tc] São mecanismos constituídos de peças que têm a função de unir. Existem uniões complexas e fortes, conferindo mais resistência e complexidade construtiva às peças. As cargas em direção axial, ou seja, no sentido das fibras, são aplicadas quer pela compressão quer pela flexão das peças. As cargas em direção transversal, ou seja, ortogonalmente ao sentido das fibras, são aplicadas por compressão, tensão, fendimento e corte. Pode então dizer-se que às ligações e samblagens estão sempre associadas às cargas mecânicas. De acordo com Queimado (2007, p. 49), alguns exemplos de samblagens utilizadas na construção de obras de arte:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ligações em L 01 - Ligação à meia madeira em cruzeta; 02 - Ligação com respiga engasgada simples e cavilha; 03 - Ligação pelas faces; 04 - Ligação com espartilha à meia esquadria; 05 - Ligação pelas faces do rebaixo; 06 - Ligação pelas faces com reforço; 07 - Ligação com respiga engasgada; • Ligações em T 08 - Cauda de andorinha; 09 - Entalhe com ganzepe aparente; 10 - Entalhe com ganzepe recolhido; 11 - Pelas faces à meia madeira e cauda de andorinha; 12 - Entalhe de fundo com cavilhas; • Ligações em malhete 13 - Malhetes direitos; 14 - Malhetes semiescondidos ou de frente de gaveta; 15 - Malhetes à vista ou clássicos.
<p>ENCAPELADO</p>	<p>[Rg] Vinculado a uma capela (em relação aos bens) (NUNES, 2008, p. 61).</p>
<p>ENCARNA <i>mortaja [esp]</i> <i>mortice [ing]</i></p>	<p>[Tc] Local aberto numa peça para encaixar outra (TEIXEIRA, 1995, p. 41). Encaixe. Engaste, em obra de ourives (NUNES, 2008, p. 61).</p>

cavo, incavo [it]
mortaise [fr]

ENCARNAÇÃO

encarnación [esp]
flesh tone [ing]
carnagione [it]
carnation [fr]

[Po] Do latim *incanatio*. Pintura feita nas imagens que imita a cor da pele humana. (TEIXEIRA, 1995, p. 41). É a parte do colorido que imita a carne, ou todas as partes nuas do corpo ou corpos humanos, representados em quadros ou em vulto. As carnes são suscetíveis de uma infinidade de gradações de tons, se a pele é fina, transparente, mais ou menos colorida pelo sangue que corre debaixo da epiderme. Em escultura é também usado e aplicado este termo para exprimir o colorido ou encarnação que se dá às imagens do culto católico. Há duas espécies de encarnação: uma chamada de polimento, outra de pincel (RODRIGUES, 1875, p. 154). Ver **CARNAÇÃO**.

ENCARNAR

encarnar [esp]
to make flesh colored [ing]
incarnare [it]
rougir, donner la couleur de chair [fr]

[Po] Dar cor de carne às partes desnudas das figuras (TEIXEIRA, 1995, p. 41); dar cor de carne a pinturas ou imagens, aplicando polimento às partes do corpo que devem aparecer (ÁVILA, 1979, p. 143). Ver **CARNAÇÃO**.

ENCARPO

[Or] Ornato arquitetônico que apresenta folhas, flores e frutos entrelaçados; espécie de grinalda (REAL, 1962, p. 196).

ENCARRAPITADO

[Or] Pequena figura grotesca, contorcionada, muito em uso na arquitetura medieval e que sustenta mísulas, gárgulas e também serve como ornato em capitéis (REAL, 1962, p. 197). Ver **ENGRIMANÇO**.

ENCASAMENTO

encaje,
ensambladura [esp]
incassatura [it]
emboîture [fr]

[Tc] Partes da superfície de uma obra destinadas a receber decoração. Entalhe, encaixe, engaste (TEIXEIRA, 1995, p. 40).

ENCASTALHO

Ver **ENCAIXE**.

ENCASTOAR

Ver **ENGASTAR**.

ENCÁUSTICA

[Ta] Técnica de pintura em que os pigmentos são misturados com cera quente. O nome deriva de uma palavra grega *enkausticos* que significa “queimado em” ou “gravar a fogo”. Foi a técnica mais comum nos primeiros séculos da era cristã. Desde então várias vezes tentou-se retomá-la.⁴³¹ É uma técnica de pintura que se caracteriza pelo uso da cera como aglutinante dos pigmentos. A técnica tem alto poder de cobertura e é densa e cremosa. A tinta é aplicada com um pincel ou com uma espátula quente. A mistura de cera para encáustica utilizada por muitos artistas de encáustica na atualidade se compõe de cera de abelhas

⁴³¹ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/pintura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

refinada e resina de damar. Outros tipos de cera que também podem ser utilizados para a encáustica são a parafina, derivada do petróleo, e as ceras de carnaúba e candelila, que são resinas extraídas das respectivas plantas. Como utensílios auxiliares, se necessitam de forno e recipientes de metal para derreter a cera e realizar as misturas de cores. Para a mistura, se adiciona uma proporção 1:8 de damar e cera. A razão porque se adiciona damar é produzir uma cera mais dura e resistente a arranhões (MAYER, 1996, p. 389-394).

ENCAVA [Tc] Cavilha. [Ar] Peça que une dois corpos (TEIXEIRA, 1995, p. 41).

clavija, enclavijadura

[esp]

peg [ing]

caviglia [it]

cheville [fr]

ENCAVAR [Tc] Escavar, colocar na cavidade (TEIXEIRA, 1995, p. 41).

engastar [esp]

to enshrine, to set

[ing]

incastonare,

incastrare [it]

enchâsser [fr]

ENCAVILHAR [Tc] Encaixar com cavilhas (TEIXEIRA, 1995, p. 41).

clavar [esp]

to fasten with pegs

[ing]

incavicchiare [it]

cheviller [fr]

ENCAVO [De] O côncavo; a parte cavada (REAL, 1962, p. 197).

ENCHACOTAR [Ce] Dar a primeira queima à louca, antes de ser vidrada (REAL, 1962, p. 197).

ENCHIMENTO [Ce] Tapamento dos orifícios ocasionados durante a execução da peça (REAL, 1962, p. 197).

ENCHÓ Ver **ENXÓ**.

ENCOLAGEM [Po] Camada responsável pela proteção e impermeabilização do suporte, além do aumento da adesão à preparação. Normalmente esta camada é de cola animal (TEIXEIRA, 1995, p. 42). Confeccionada com cola proteica fabricada a partir da cartilagem, ossos ou pele de animais é a primeira etapa para aplicação da policromia em esculturas de madeira (FAUSTO, 2010, p. 275). Trata-se da fase de preparação da superfície a ser dourada, sendo a primeira fase da tarefa atribuída ao dourador. A madeira passa por vários tratamentos com o objetivo de se obter uma superfície completamente lisa. A durabilidade da decoração depende de

três fatores principais: o tipo de cola utilizada, o número de camadas de preparação branca e a qualidade do bolo armênio. **ENCOLAGEM (aplicação)** – A cola deve estar bem quente para que penetre bem na madeira. A cola de coelho é utilizada em muitas das fases do douramento, sendo necessário preparar inicialmente uma quantidade de cola que seja a suficiente para todo o processo. A cola pode ser preparada de diversas maneiras e com várias “receitas”. A encolagem consiste em aplicar a cola animal por toda a superfície da madeira a ser dourada, com a finalidade de diminuir a capacidade de absorção da mesma e criar um bom suporte para a preparação branca. Para este processo, retira-se uma determinada quantidade da cola preparada inicialmente, coloca-se num recipiente, acrescenta-se uma quantidade de água equivalente à cola e desfaz-se por aquecimento. Deixa-se aquecer sem que coza, mexendo-a sempre. A encolagem deve ser aplicada a 40-45°C, com o auxílio de um pincel plano, se for uma peça plana, ou com uma brocha redonda se for talha ou outro adorno. A cola é aplicada várias vezes por toda a superfície a dourar sem deixar excessos. Durante a aplicação, a cola nunca pode esfriar de modo a que penetre bem em todos os poros da madeira. Este processo deve repetir-se tantas vezes quantas as necessárias, dependendo da espécie da madeira. Quando a madeira estiver bem impregnada, deixa-se secar durante várias horas até que a superfície da madeira fique áspera e possua um brilho semilúcido, comprovando-se deste modo que a cola está completamente seca (QUEIMADO, 2007, p. 55-57).

ENCOLAR

encolar [esp]
to gum [ing]
incollare [it]
encoller [fr]

[Tc] Passar uma demão de cola animal diluída em água e aplicar quente sobre a superfície para impermeabilizar os poros da madeira ou dar um aparelho a fim de tirar as desigualdades da madeira para lhe aplicar as cores (TEIXEIRA, 1995, p. 42).

ENCÓLPIO

encolpion [ing]
reliquiario a
capsula [it]
encolpion [fr]

[Rg] Pequeno relicário para se trazer ao pescoço (NUNES, 2008, p. 61). O recipiente da relíquia pode ser constituído por dois elementos que se encaixam um no outro ou inserir-se em moldura. O encólpio pode ser em forma de cruz (encólpio cruciforme), de medalhão (medalhão-relicário) ou de pendente (pendente-relicário) (THESAURUS, 2004, p. 100).

ENCORDAMENTO

[Or] Motivo decorativo em forma de corda (IMC, 2011, p. 120).

ENCOSTO

[Mo] Parte do móvel a que alguém se encosta (REAL, 1962, p. 198). O mesmo que espaldar.

**ENCRAVADA
(estátuas, pilastra)**

[Es] Diz-se das estátuas cuja extremidade inferior está presa dentro de uma espécie de invólucro. Grande número de cariátides é apresentado assim (REAL, 1962, p. 198).

ENCRAVADO

[Ge] Encaixado, embutido, engastado (TEIXEIRA, 1995, p. 42).

<i>embedded (in) [ing]</i> <i>incastrato [it]</i> <i>cloué [fr]</i>	
---	--

ENCRAVAR <i>to embed [ing]</i> <i>incastrare [it]</i> <i>clouer, enclouer,</i> <i>fixer [fr]</i>	[Tc] Embutir, engastar (TEIXEIRA, 1995, p. 42).
---	---

ENCRESPAR ou FRANZIR	[Ce] Diz-se do mau efeito, produzido na queima, das pinturas em porcelana e faiança e para cuja execução as cores usadas foram diluídas com excesso de graxo (REAL, 1962, p. 198).
-----------------------------	--

ENDUAPE	[Or] Ornamento de penas dos guerreiros tupis caindo da cintura na parte posterior (REAL, 1962, p. 198).
----------------	---

ENEGRECIDO	[Dt] Pintura escurecida por várias razões de ordem técnica, relacionadas com o material empregado (REAL, 1962, p. 198).
-------------------	---

ENEGRECIMENTO <i>ennegrecimiento [esp]</i> <i>blackening [ing]</i> <i>annerimento [it]</i>	[Dt] É um dos fenômenos de alteração mais comuns em pinturas a óleo, já encontrado na literatura artística dos séculos XVI-XVIII. Em qualquer caso, o escurecimento devido a depósitos de partículas de diferentes origens e composições também é registrado em pedra, madeira, metal e outros materiais (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 79).
--	--

ÊNEO	[Ou] De bronze; semelhante ao bronze; relativo ao bronze (REAL, 1962, p. 198).
-------------	--

ENFEITAR	[Or] Embelezar; enriquecer com ornatos de maneira agradável e bem sucedida (REAL, 1962, p. 198).
-----------------	--

ENFORNAÇÃO	[Ce] É o processo de dispor, dentro do forno, as peças que vão ser queimadas. ENFORNAR – Distribuição dentro do forno das peças a serem queimadas. É exigido do ceramista prática e habilidade na distribuição para evitar acidentes, má temperatura, etc. (REAL, 1962, p. 199).
-------------------	---

ENGASTADA	[Es] Embutida, presa à parede por uma das faces: coluna, pilastra (REAL, 1962, p. 199). ENGASTAR - [Tc] Embutir, encravar (em ouro ou prata), cravar pedras preciosas (REAL, 1962, p. 199). Prender, embutir, encaixar. ⁴³²
------------------	---

ENGESSAR	[Tc] Cobrir de gesso (líquido); branquear; processo preparatório e necessário a várias técnicas: telas, paredes, metal (REAL, 1962, p. 200).
-----------------	--

ENGOBAR	[Ce] Recobrir de engobo ou engobe uma peça de cerâmica (REAL, 1962, p. 200). ENGOBE – [Ce] Argila em estado mais líquido que a
----------------	---

⁴³² CONJUNTO... 2007, p. 176.

	barbotina. Usado como elemento decorativo em peças cruas com diversas tonalidades. Pode ser acrescido de óxidos corantes e/ou pigmentos para produzir variadas tonalidades. ⁴³³ Preparado argiloso de consistência cremosa bastante fluida, de cor natural ou corada com óxidos metálicos, utilizado para decoração do corpo cerâmico. ⁴³⁴ ENGOBO – [Tc] É um banho que não é de argila, mas de tinta, e que recobre a totalidade da superfície. ⁴³⁵
ENGOMAR	[Ce] Operação que tem por fim revestir de uma camada de goma as porcelanas delicadas antes da queima, de forma a evitar aderência com seus apoios (suportes, etc.) (REAL, 1962, p. 200).
ENGONÇO <i>gozne, pernio [esp]</i> <i>hinge, joint [ing]</i> <i>cardine [it]</i> <i>gond, jointure [fr]</i>	[Tc] Gonzo, dobradiça, articulação, encaixe de duas peças que permite os movimentos (TEIXEIRA, 1995, p. 42).
ENGRIMANÇO	[Pi] Figuras sem justas proporções; figura grotesca (REAL, 1962, p. 200).
ENJAMBRAR	[Dt] Diz-se da tábua que torce ou empena (REAL, 1962, p. 200).
ENRIJECIMENTO	Ver CONSOLIDAÇÃO .
ENROSCADO	[Or] Ornatos em espiral, em volutas, em forma de rosca (REAL, 1962, p. 201).
ENRUGAMENTO	[Dt] Deformação física que ocorre em diversos materiais, especificamente no papel ou no plástico, consistindo na ondulação de todo o artefato ou apenas das suas margens. Deve-se a uma alteração dimensional numa direção, causada pela infiltração de umidade. ⁴³⁶
ENSAIADOR	[At] Aquele que faz o ensaio, aquele que exerce a profissão de examinar e pesar o ouro e a prata (REAL, 1962, p. 201). ENSAIAR – Esboçar; fazer o primeiro desenho de uma composição; experimentar; exercitar; preparar (REAL, 1962, p. 201). ENSAIO – Tentativa; prova; primeira experiência de uma obra de arte.
ENSAMBLADOR <i>ensamblador [esp]</i> <i>joiner, carpenter [ing]</i> <i>intagliatore,</i>	[At] Aquele que ensambla peças de madeira. Compete ao ensamblador, por exemplo, organizar as peças e encaixes que compõem o retábulo e adoçar este à parede da capela (TEIXEIRA, 1995, p. 42).

⁴³³ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/ceramica>>. Acesso em 29 jun. 2017.

⁴³⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴³⁵ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴³⁶ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

intarsiatore [it]
assembleur [fr]

ENSAMBLADURA, ENSAMBLAGE, ENSAMBLAGEM, ENSAMBLAMENTO [Tc] Ação ou efeito de ensamblar, reunir peças de madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 42). **ENSAMBLAR** – *ensamblar [esp]; to join, to assemble [ing]; adunare, intagliare, intarsiare [it]; assembler, emboûter [fr]*. [Tc] Reunir, juntar, encaixar ou entalhar peças de madeira ou outro material (ÁVILA, 1979, p. 39). [Es] Unir partes, elementos ou peças que constituem uma obra esculpida. [Rb] Termo usado na retabulística para designar a atividade de montagem do conjunto.⁴³⁷

ensambladura [esp]
coupling, joining, joint [ing]
commessura,
congiunzione, intaglio,
intarsio [it]
assemblage [fr]

ENSARILHAR [Es] Termo usado pelos escultores quando querem notar o defeito ou irregularidade das feições de um rosto, onde não há correspondência dos olhos com a direção de linha da boca, nem essa a do nariz, etc. (TEIXEIRA, 1995, p. 43).

ENSILHARIA [Pe] Pedra com face aparente aparelhada (ÁVILA, 1979, p. 39).

ENSUTADO [Tc] Demarcado com a suta (ÁVILA, 1979, p. 39).

ENTABLAMENTO 1. [Ar] Um dos elementos caracterizadores das ordens clássicas da arquitetura. 2. [Rb] No retábulo, é a parte superior das colunas e pilastras, compreendendo a arquitrave, o friso e a cornija (ÁVILA, 1979, p. 143). 3. [Mo] Termo arquitetônico que designa a estrutura que remata superiormente as colunas adossadas dispostas no armário, adotado pelos marceneiros.⁴³⁸

ENTALHA [Tc] Corte ou abertura feito na madeira para entrar mais facilmente o machado ou outra ferramenta (TEIXEIRA, 1995, p. 43).

entalladura [esp]
groove, notch,
carve [ing]
intaccatura,
intaglio [it]
entaille [fr]

ENTALHADOR [At] Aquele que faz obra de talha. Nos documentos antigos é sinônimo de talhista, oficial que faz figuras e ornatos em madeira. Compete ao entalhador, esculpir as formas ornamentais e estruturais dos capitéis e colunas até entablamentos, arquivoltas, aduelas, cartelas, frisos e molduras (TEIXEIRA, 1995, p. 43). **ENTALHADO** – Esculpido.

entallador [esp]
wood carver [ing]
intagliatore in
legno[it]
sculpteur [fr]

⁴³⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴³⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

ENTALHAR

entalar [esp]
to carve [ing]
intagliare, scolpire [it]
entailler, sculpter [fr]

[Tc] Esculpir em relevo na madeira, fazer obra de talha (TEIXEIRA, 1995, p. 43). Termo clássico que define o objetivo do desbaste: formar a talha (TEIXIDO I CAMI, 1997).

ENTALHE ou ENTALHO

entalladura,
talla [esp]
notch, groove,
carve [ing]
intaccatura,
intaglio [it]
entaille [fr]

[Tc] É um dos mais antigos processos usados para esculpir. Consiste num processo subtrativo executado sobre uma massa sólida de material resistente (suporte) através do corte, cinzelagem ou abrasão de modo a criar uma forma determinada.⁴³⁹ Corte, incisão, chanfradura, abertura feita na madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 43). **TÉCNICAS DE ENTALHE EM MADEIRA – 1.** [Tc] As diferentes etapas do entalhe da madeira processam-se depois de traçado o ornato, ou a figura decorativa na peça, assim determinado perfeitamente o desbaste grosso dos planos secundários. O escultor ou entalhador deve respeitar criteriosamente as propriedades e particularidades físicas e mecânicas dos materiais em que está trabalhando. Cada tipo de madeira tem propriedades físicas próprias, existindo madeiras que limitam o seu uso no corte ou entalhamento, enquanto outras espécies se mostram mais adequadas a determinados projetos. Na execução de um relevo ou de ornato, o entalhamento da madeira supõe o respeito de certas regras no manejo dos utensílios. No entalhamento da madeira, os golpes dos utensílios devem ser dados respeitando ao máximo o sentido das fibras, deixando um traço liso e uniforme. No caso de ser necessário entalhar contra o veio, o conjunto de goivas deve estar perfeitamente afiado, caso contrário provocará fendas e traço rugoso. Raras são as madeiras, como a tília e a nogueira, que graças às suas características físicas podem ser talhadas em todos os sentidos. O entalhe com as ferramentas de corte perpendicularmente às fibras da madeira dá melhores resultados sobre madeiras duras e densas do que em madeiras macias com grandes espaços entre as fibras. Uma das técnicas bastante utilizada na construção de grandes cenas entalhadas e com vários planos de perspectiva assentava em regras complexas: sem perder de vista o efeito final pretendido, o escultor era levado a dividir o conjunto da representação em vários planos ou em elementos de cada plano separadamente. As figuras em primeiro plano, eram construídas num ou em vários blocos espessos e as do segundo plano, eram constituídas por peças de madeira menos espessa, entalhadas na própria prancha. Numa segunda fase, os blocos com as figuras mais salientes eram colados na prancha e era dado entalhe fino de acabamento. Numerosas razões, nomeadamente as que estão associadas às tensões, proíbem efetivamente que se recorresse a um painel único sobre o qual figuraria a totalidade da composição. Este método por etapas sucessivas obriga a uma grande habilidade técnica e só foi seguido, na maioria dos casos, pelos grandes mestres escultores e entalhadores. O entalhamento de

⁴³⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

altos-relevos em madeira teve grandes mudanças ao longo do tempo. Desde a Idade Média que os escultores e entalhadores, depois de escolherem e esquadrejarem a madeira, nesta fase, procediam ao desbaste grosso para libertar os principais contornos das figuras. Nesta fase do trabalho só intervinham o machado, a enxó, a grossa e a goiva. A peça desbastada era em seguida colocada horizontalmente numa bancada, entre dois eixos, que entravam nas extremidades, e que permitia, quando necessário, rodar a peça para desbastar à volta do seu eixo. Encontram-se às vezes, no centro da base e cabeça de certas esculturas, e em colunas, orifícios abertos para colocar os eixos. A segunda fase do trabalho consistia em afinar as formas já desbastadas. Nas operações de entalhamento, particularmente das esculturas, existem elementos que são quase sempre trabalhados separadamente: as mãos que são introduzidas em cavidades da seção circular ou quadrada, os antebraços e os rostos, que depois eram colados e afinados com o resto do conjunto (QUEIMADO, 2007, p. 50-51). 2. [Ou] Gravação de pedras, geralmente translúcidas a opacas, com sulcos em profundidade, que difere do camafeu por este último ser em relevo, e que é utilizado, por exemplo, em manufatura de selos com motivos heráldicos ou outros.⁴⁴⁰

ENTELADO

entelado [esp]
Clothing [ing]

[Tc] Adesão de tecido à superfície de um suporte de madeira ou tiras de tecido sobre as juntas de tábuas nas tabelas ou tamanhos, antes de aplicar a camada de preparação e a policromia.⁴⁴¹

ENTERRAMENTO DO MOLDE

[Me] Na operação da fundição, o molde é revestido de uma camada de gesso e, posteriormente, enterrado para que não sofra a pressão do metal em fusão (REAL, 1962, p. 202).

ENTORNO

1. [De] Toda área circundante de uma construção. 2. [Ar] O conjunto de todos os elementos, área verde, construções vizinhas, anexas, etc., que interferem em sua paisagem (ÁVILA, 1979, p. 40). 3. [Pa] Definição geométrica do espaço de proteção visual ou urbanística do bem tombado com a finalidade de preservação de sua visibilidade, fruição física e acessibilidade. As alterações a serem realizadas dentro desse perímetro devem ser harmonizadas com essas diretrizes.⁴⁴²

ENTRANÇADO

[Or] Motivo decorativo que se dispõe em forma de trança (IMC, 2011, p. 120).

ENTRECANA

[Ar] Espaço que separa as estrias duma coluna (REAL, 1962, p. 202).

⁴⁴⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴⁴¹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/entelado>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

⁴⁴² MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural. Disponível em: <<http://patrimoniocultural.blog.br/glossario/>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

ENTREFORRO	[It] Guarda-pó, de madeira, por baixo do telhado (REAL, 1962, p. 202). Chamado <i>desvão</i> .
ENTRELAÇADO <i>boucle, entrelacs [fr]</i>	[Or] Ornato feito de motivos que entram uns dentro dos outros, descrevem curvas e contracurvas, confundem-se, misturam-se. O entrelaçado é um dos principais elementos da ornamentação árabe e também muito usado nas artes decorativas (REAL, 1962, p. 202).
ENTREPANOS	1. [Mo] Septo ou painel, vertical ou horizontal, que divide interiormente o móvel. ⁴⁴³ 2. [Ar] Espaço entre duas pilastras ou colunas (REAL, 1962, p. 202).
ENTRESSULCO	[Tc] Incisão de espessura desigual executada de forma a ser mais larga e profunda ao centro. Na xilogravura é obtido, portanto, afinando para as extremidades, e na gravura sobre a chapa aprofundando com o buril (REAL, 1962, p. 202).
ENTALHADURA	[Tc] Debuxo recortado, labores (REAL, 1962, p. 202).
ENTRETALHAR <i>entretallar [esp]</i> <i>intagliare, scolpire [it]</i> <i>sculpter em demi-relief, faire des bas-reliefs [fr]</i>	[Tc] Esculpir em meio-relevo, fazer labores cortados ou vazados (TEIXEIRA, 1995, p. 43).
ENTRETALHO <i>bajo relieve [esp]</i> <i>half relief [ing]</i> <i>bassorilievo,</i> <i>intaglio [it]</i>	[Es] Baixo relevo; recorte (TEIXEIRA, 1995, p. 43).
ENTRONIZAÇÃO	[Rg] Cerimônia religiosa em que se benze, numa casa de família ou num local público, a imagem ou estampa do Sagrado Coração de Jesus, do Sagrado Coração de Maria ou do Crucifixo. ENTRONIZAR/ENTRONEAR/ENTRONAR – [Rg] Por imagem em altar ou estampa de santo em quadro à parede. Elevar ao trono (NUNES, 2008, p. 62).
ENTUPIDO	[Es] Excesso de tintas ou repinturas que modificam a superfície da escultura (TEIXEIRA, 1995, p. 43).
ENVASIADO	[It] Designação que se dá ao rebaixo ou ranhura onde são encaixadas as almofadas das portas e janelas (REAL, 1962, p. 203).
ENVELHECIMENTO	[Dt] Transformações que sofrem os materiais com o passar do tempo.

⁴⁴³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	No caso do envelhecimento natural produz-se uma tendência ao equilíbrio com o meio que pode ver-se afetado por certas condições adversas. O envelhecimento natural mesmo que tenha causado alterações aos objetos não é causa de tratamento, mas sim devem vigiar-se os fatores para reduzir o mais possível a sua velocidade e efeitos. Os fatores que influenciam o envelhecimento são: umidade, calor e luz. ⁴⁴⁴
--	--

ENVERNIZADO <i>barnizado [esp]</i> <i>verniciatura [it]</i>	[Po] Aplicação de uma ou mais camadas de verniz com o objetivo de conservar o brilho da cor e do metal, ou para estabilizar as pátinas (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 38).
--	--

ENVERNIZAR	[Po] Aplicar verniz sobre a obra.
-------------------	-----------------------------------

ENVIOS	[Ap] Obras originais, estudos ou cópias que os pensionistas da antiga Imperial Academia de Belas Artes, e posteriormente Escola Nacional de Belas Artes, enviavam da Europa, anualmente, cumprindo disposições regulamentares (REAL, 1962, p. 203).
---------------	---

ENXAQUETADO	[Ce] Composição decorativa obtida por um esquema de aplicação de azulejos de duas cores em alternância com formas geométricas e dimensões variáveis, separados por faixas retangulares, tarjas em geral de cores lisas. Utilizou-se em revestimentos parietais desde a segunda metade do séc. XVI até meados do séc. XVII. ENXAQUETADO COMPÓSITO (técnica de) - Variante do enxaquetado em que os azulejos brancos interiores são substituídos por azulejos decorados, geralmente de padrão. ⁴⁴⁵
--------------------	--

ENXÓ <i>azueta, doladera [esp]</i> <i>axe [ing]</i> <i>ascia [it]</i> <i>hache [fr]</i>	[Eq] Instrumento semelhante a uma enxada ou machado, mas de cabo curto, cortado em bisel numa das pontas e usado para desbastar a madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 43). Usado por escultor, entalhador e carpinteiro, em forma de martelo (REAL, 1962, p. 204), com lâmina curva e utilizada para trabalhar a madeira (FÉLIX, 2013, p. 103).
--	---

ENXOVAL DE IMAGEM DE VESTIR <i>statue costume [ing]</i> <i>vestiario di statua [it]</i> <i>costume de statue [fr]</i>	[In] Conjunto de paramentos de uma imagem de vestir, objeto de particular devoção: vestido (vestido de imagem), eventualmente com um manto (manto de imagem), um véu (véu de imagem), uma capa curta (romeira de imagem) e um cingulo (cingulo de imagem) ou uma faixa para a cinta (cinto de imagem), etc. (THESAURUS, 2004, p. 167).
---	--

ENZIMA <i>Enzima [it]</i>	[Ma] Macromolécula proteica. É um catalisador orgânico produzido pelas células vivas, para intermediar e promover reações químicas. ⁴⁴⁶
-------------------------------------	--

⁴⁴⁴ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁴⁴⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴⁴⁶ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

EOSINA	[Ma] Matéria corante para tingir sedas, fazer tintas, etc. as soluções são vermelhas (REAL, 1962, p. 204).
EPI	[Ge] Equipamento de proteção individual.
EPÍGRAFE	[Ou] Inscrição; título ou frase comemorativo; frase que serve de tema a um assunto (REAL, 1962, p. 204). EPIGRAFIA – parte da Paleografia que estuda e explica as epígrafes, isto é, as inscrições em lápides e monumentos (REAL, 1962, p. 204). Disciplina adjunta de História que estuda as inscrições. ⁴⁴⁷
EPISCOPAL	[Rg] Relativo ao bispo (NUNES, 2008, p. 62).
EPISTÍLIO	[Ar] Arquitrave ou viga horizontal colocada sobre os capitéis das colunas de modo a uni-los uns aos outros para servir de suporte (REAL, 1962, p. 204).
EPÍSTOLA (lado da) <i>epitaph [ing]</i> <i>epitaffio [it]</i> <i>épitaphe [fr]</i>	1. [Ig] Lado direito do interior da igreja, designa o lado direito do altar, em relação aos assistentes, onde é feita, durante a missa, a leitura da Epístola, a qual precede a do Evangelho. 2. [Rg] Denominação das Cartas dos Apóstolos, no Novo Testamento (DAMASCENO, 1987, p. 22).
EPITÁFIO	[Ou] Inscrição gravada diretamente num monumento funerário ou numa placa separada, adossada ou não ao túmulo. ⁴⁴⁸
EPÍTOGA ou TABARDO	[In] Capa que os romanos usavam sobre a toga (REAL, 1962, p. 205).
ÉPOCA	[Do] Datação. Determinado tempo considerado em relação aos acontecimentos nele ocorridos, suas características distintas, ou aos homens que nele viveram. ⁴⁴⁹
EPÓXI	Ver RESINA EPÓXI.
EQUESTRE	[Es] Diz-se das estátuas representando um personagem a cavalo (REAL, 1962, p. 205).
EQUILIBRAR	[Es] Combinar, ponderar as massas de um grupo, de uma composição. Diz-se que uma composição está bem <i>equilibrada</i> quando o conjunto é harmonioso (REAL, 1962, p. 205).

⁴⁴⁷ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/epigrafia>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

⁴⁴⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴⁴⁹ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?biw=1229&bih=564&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=%C3%A9poca>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

EQUILÍBRIO	[Ap] Justa proporção ou combinação das formas ou das massas numa obra de arte, de forma a dar, ao todo, grande harmonia. Diz-se também da posição natural, estável, de uma figura (REAL, 1962, p. 205).
EQUINO	1. [Ar] Parte inferior dos capitéis, intermediária entre o ábaco e o fuso da coluna. Usado largamente como corpo decorativo pelas ordens clássicas antigas (REAL, 1962, p. 205). 2. [Rb] Moldura curva ou arredondada, sob o ábaco do capitel Dórico. Diz-se também da moldura recoberta de óvulos e dardos de um capitel Jônico (ÁVILA, 1979, p. 143).
ÉREBO	[Ic] Região tenebrosa que ficava por baixo da terra e por cima do inferno (REAL, 1962, p. 205).
EREÇÃO	[Tc] Ato ou efeito de erigir ou construir uma estátua, um edifício, um monumento (REAL, 1962, p. 205).
ERÉTRIA	[Ma] Espécie de alvaiade tirado da ilha de Eubéia (onde está a cidade de Erétria) e empregado em pintura (REAL, 1962, p. 205).
ERMIDA	[Ig] Pequeno templo, ou igreja em lugar ermo. Pode ser pública ou particular. A ermida particular é geralmente, de uso familiar (TRINDADE, 1998, p. 387).
ERODIDA	[Ce] Aparência da cerâmica carcomida ou corroída por agentes naturais. ⁴⁵⁰
ERUDITA	[Tc] Além da diferenciação por função, as imagens diferem com relação a sua fatura, podendo ser classificadas como eruditas, populares e de fronteira. As imagens eruditas seguem um cânone ou um programa específico relacionado ao seu estilo. Este programa se baseia na busca de um ideal artístico, uma melhor forma de representar, e é determinado pelo ambiente artístico cultural presente em cada época e lugar. Estas imagens apresentam como características o conhecimento das diversas proporções do corpo e suas articulações, o que promove uma coerência anatômica na escultura. É a boa relação entre as partes do corpo que determina o êxito na confecção do panejamento, fazendo-o se ajustar aos seus contornos. De acordo com Etzel (1979, p. 29) alguns pontos que podem ser observados em uma imagem erudita, e a partir da análise de aspectos como o movimento da imagem, atitude e roupa, pode-se indicar sua época e procedência: <ol style="list-style-type: none"> 1. O primeiro passo de um exame detalhado deve ser virar a peça e observar sua face interior, para averiguar o material de que foi feita: madeira, barro, marfim, gesso, osso, pedra, mármore, cera, etc. 2. Os cabelos também são um importante indicativo de época e

⁴⁵⁰ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

procedência. Nos séculos XVI e XVII, a grande maioria das imagens femininas tem a cabeça descoberta e os cabelos soltos, caídos sobre os ombros e as costas, representados geralmente com madeixas grossas de sulcos profundos e verticais, tanto na madeira quanto no barro. No século XVIII era costume fazer a cabeça de imagens femininas cobertas com um manto ou véu, com o cabelo em tranças aparecendo somente ao lado do rosto. Nesse período, as cabeleiras, quando ficavam à mostra, tornaram-se muito elaboradas, com uso de laços de fita, trançados ou caindo em rebuscadas mechas. No século XIX, o uso do véu ou manto permanece, mas as cabeleiras voltam a ser contidas, sem a movimentação do período anterior.

3. Devem ser examinadas algumas atitudes das imagens, a começar pelo rosto: deve-se observar se os olhos são de vidro ou não. As imagens dos séculos XVI e XVII possuem rostos rechonchudos e estáticos, substituídos pela expressão de êxtase ou sofrimento das imagens do XVIII. No século seguinte, a expressão é de calma e serenidade. A atitude dos braços e mãos acompanha as expressões do rosto, mais contidos nos séculos XVI e XVII, mais agitados no século seguinte, voltando a ficar contidos no século XIX.
 4. A atitude dos braços, das mãos e do rosto está de acordo com a atitude do panejamento. Este, em geral, é mais simples nos séculos XVI e XVII, utilizando vestes lisas, caídas, com poucas dobras e pregas que, geralmente, são retas, sem maiores movimentos, o que lhes dá um aspecto simplificado. O panejamento das imagens do XVIII é de uma concepção ilusória, em um movimento profuso e irreal. Essa movimentação se apoia mais na fantasia do artista do que na realidade de uma roupagem. Utilização de pregas e dobras em diagonais, com as sobras do tecido, em um movimento esvoaçante, associada às expressões do rosto e das mãos, conferem grande dinamismo às imagens do período. No século seguinte, o panejamento fica mais contido, com poucas pregas e dobras, geralmente em caimento vertical.
 5. As bases devem ser examinadas também com certa atenção. Excetuando alguns artífices, como Frei Agostinho da Piedade e Frei Agostinho de Jesus, que, em meados do século XVII, já colocavam querubins nas bases de suas Virgens. De forma geral, até o final do século XVII, quando havia bases, essas eram simples, usadas apenas como suporte para as imagens. Com a tendência ao movimento e dinamismo, começam a aparecer, a partir do último quartel do século XVII, as bases com um querubim central. Mais tarde, os querubins passam a aparecer em número de três, arrumados de forma simétrica, com um ao centro e os restantes nas laterais. Com a chegada do século XVIII, as bases começam a atingir um grande dinamismo, principalmente nas imagens das Virgens, com grande número de cabeças de anjos, às vezes anjos inteiros, dispostos de
-

forma desarrumada e assimétrica. No século XIX, voltaram a ser mais simplificadas. No entanto, sempre houve, em todos os períodos, a utilização de bases lisas e simples.

6. Estofamento é o tratamento de pintura sobre a folha de ouro, aplicado às partes que representam a vestimenta da imagem, para dar a noção de tecidos nobres. As imagens eruditas de barro (terracota) do século XVII utilizavam cores lisas e sóbrias e não possuíam douramento. As imagens de madeira do mesmo período seguiam um processo semelhante e, raramente, tinham aplicação de folhas de ouro. O estofamento propriamente dito só começa a ser comum nas imagens do século XVIII, e compreende todo o processo de pintura, incluindo as aplicações das bases de preparação, folhas de ouro e policromia (pintura). A partir das primeiras décadas do século XIX, o douramento se reduz ao máximo, muitas vezes com o uso de purpurina ao invés de folhas de ouro, as cores das pinturas das partes de tecido voltam a ser lisas e uniformes (FABRINO, 2012, p. 63 apud ETZEL, 1979).

ERUGINOSO [Dt] Oxidado; que tem azebre (azinhavre); cor de azebre; esverdeado (REAL, 1962, p. 205).

ERVAS [Ic] Representa a brevidade (FABRINO, 2012, p. 7).

ESBARBADO [Tc] Aparado, tirado ou limpo de asperezas (REAL, 1962, p. 205).

ESBATER [Es] Graduar com instrumentos apropriados o volume numa escultura (TEIXEIRA, 1995, p. 43). [Es] Dar relevo batendo com o maço para fazer sobressair a figura: esbater um baixo-relevo. [Pi] Fazer sobressair, por meio de claro-escuro, os objetos representados; graduar tintas numa pintura; dispor gradualmente (REAL, 1962, p. 206).

ESBOÇAR [Ge] Debuxar, delinear, bosquejar. [Es] Equivale a desbastar a madeira para entalhar e esculpir, fazendo o esboço da obra (pintura, escultura e gravura). Fazer esboço de um quadro, de um baixo relevo, de uma estátua ou grupo. O esboçar do escultor consiste em dispor o modelo da sua obra em barro ou cera, mais ou menos acabado, e em fazer depois os desbastes necessários para acabar com perfeição, traspassando-a do modelo ao mármore ou à madeira. O esboçar do pintor é desenhar ou traçar as linhas do seu quadro. O esboçar do gravador consiste em preparar a chapa, traçar os contornos principais, e as maiores massas de sombra, a água forte é o processo mais ordinário para esboçar a gravura (RODRIGUES, 1875, p. 163).

ESBOCETO [Tc] Pequeno esboço (TEIXEIRA, 1995, p. 44).

bosquejo, esbozo,
borrón [esp]
small sketch [ing]
bozzetto [it]

ébauche, esquisse [fr]

ESBOÇO [Ge] Delineamento inicial de qualquer composição artística (REAL, 1962, p. 206). [Es] Formas gerais do modelo feito em barro, cera, ou vasado em gesso (TEIXEIRA, 1995, p. 44).
bosquejo, esbozo, borron [esp]
boasting, rough sketch [ing]
abbozzo, sbozzo [it]
ébauche, esquisse [fr]

ESBULHAR [Ge] Despojar, retirar a posse de alguma coisa, privar (NUNES, 2008, p. 62).

ESCABELO 1. [Mo] Banco com espaldar comprido e largo e cujo assento serve de tampa a uma caixa formada pelo mesmo móvel. 2. [Mo] Pequeno estrado, ou banco para descanso dos pés (ÁVILA, 1979, p. 143). O mesmo que *escano*.

ESCAIOLA [Ta] Revestimento artístico de origem italiana, produzido a base de pasta de cal maturada e gesso, com adição de cola e pigmentos naturais (óxidos), cujo brilho do polimento dá um resultado final semelhante aos mármore coloridos e jaspes utilizados nas naves e salões do Vaticano.⁴⁵¹ Imita o mármore feito para revestir estátuas, paredes, coluna, etc. (TEIXEIRA, 1995, p. 44). De acabamento liso e brilhante, geralmente com pigmentos e texturas marmorizadas. Típico do século XIX na Bahia. Também chamado *escaiola*, ou *escaiole*, ou *escarirole*.⁴⁵²

ESCALA GRÁFICA Ver **PETIPÉ**.

ESCALÍMETRO [Eq] Régua que contém diversas escalas.

ESCALPELAR [Tc] Trabalhar com o escalpelo ou o escopro (REAL, 1962, p. 207). ESCALPELO – Ver ESCOPRO.

ESCAMA [Or] Ornato em forma de escama (REAL, 1962, p. 207). **ESCAMA DE PEIXE** – [Or] Ornamento obtido pela justaposição de círculos, imitando as escamas de um peixe (IMC, 2011, p. 120). **ESCAMAR** – 1. [Ce] Pedacos de esmalte que saltam deixando o barro cozido aparente. É causado pela maior dilatação do esmalte que a pasta. 2. [Dt] Diz-se do mármore, da cerâmica, da superfície de um quadro que se destaca em escamas (REAL, 1962, p. 207).

ESCANINHO [Mo] Pequeno compartimento, às vezes secreto, no interior de caixas, armários, gavetas, ou outras peças de mobiliário. (DAMASCENO, 1987, p. 22).

⁴⁵¹ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁴⁵² CONJUNTO... 2007, p. 176.

ESCANO	Ver ESCABELO .
ESCANTILHÃO <i>muestra [esp]</i> <i>template, sample [ing]</i> <i>campione [it]</i> <i>échantillon, étalon,</i> <i>mesure [fr]</i>	[Es] Medida ou modelo para aferir as dimensões ou proporções de uma peça na sua execução (TEIXEIRA, 1995, p. 44).
ESCANTILHAR <i>to bevel edge [ing]</i> <i>tagliare a sghembo [it]</i> <i>échantillonner [fr]</i>	[Tc] Cortar uma peça de carpinteiro de forma que os ângulos não fiquem retos (TEIXEIRA, 1995, p. 44). ESCANTILHADOR – [Eq] Instrumento de aço temperado cuja parte cortante, com forma de bisel, serve para lascar a pedra (REAL, 1962, p. 208).
ESCAPO	[Ar] Adoçamento em quarto de círculo como elemento de ligação entre o fuste de uma coluna e a base, ou na junção com o capitel (REAL, 1962, p. 208).
ESCAPULÁRIO <i>scapular [ing]</i> <i>scapolare [it]</i> <i>scapulaire [fr]</i>	1. [In] Peça de vestuário religioso, composta por duas faixas de pano presas por fitas ou cordões, as quais caem sobre os ombros, para frente e para trás, compondo o hábito de certas ordens religiosas como a dos Carmelitas, Mercedários e Dominicanos (DAMASCENO, 1987, p. 22). Frades e freiras de algumas ordens trazem pendente sobre o peito. O dos carmelitas traz um lado do pano com a estampa de Nossa Senhora do Carmo, e o outro a do Sagrado Coração de Jesus, ou o emblema da Ordem do Carmo. Símbolo de consagração para os religiosos carmelitas, para os fiéis leigos é sinal de devoção e afeto à Senhora do Carmo. Às vezes substituído por uma medalha-escapulário, seu uso data da Idade Média. ⁴⁵³ 2. [Ic] Na iconografia cristã, constitui-se, em atributo de alguns santos. O escapulário é um dos símbolos da Ordem Carmelita, aparecendo em pinturas ou esculturas alusivas a Nossa Senhora do Carmo (ÁVILA, 1979, p. 143). Distintivo de várias ordens religiosas. Não aparece nos primeiros tempos como um elemento singular na Ordem Carmelita. Nas confrarias agregadas à Ordem, que começaram a surgir já por volta de 1280, o uso do escapulário não era prescrito antes do século XVI. O bem-aventurado Simão Stock, numa visão tida em 16 de julho de 1251, em Cambridge, teria recebido da Virgem o escapulário, como penhor de salvação para todos aqueles que com ele morressem revestidos. [In] Espécie de capuz em uso entre os Beneditinos. (NUNES, 2008, p. 62-63). Quando não ligado a uma confraria, diz-se <i>bentinho</i> (THESAURUS, 2004, p. 66).
ESCAQUES	1. [Ou] Usa-se em heráldica a mesma designação para as divisões quadradas do escudo, em cores alternadas. 2. [Ou] As divisões quadradas do tabuleiro de xadrez (REAL, 1962, p. 208).

⁴⁵³ CONJUNTO... 2007, p. 176.

ESCARCELA	[In] Bolsa de couro que se prende à cintura. Parte da armadura desde a cintura até o joelho (REAL, 1962, p. 208).
ESCARIFICAÇÃO	[Ou] Série de arranhões ou pequenas incisões praticadas sobre uma superfície. Processo de raspagem vigorosa para se eliminar restos e impregnações das argamassas dos rebocos e chapiscos removidos nas faces e rejuntas dos tijolos, pedras ou outros componentes constitutivos da alvenaria. ⁴⁵⁴
ESCARIOLE	Ver ESCAIOLA .
ESCARLATE	1. [Cor] Cor vermelha muito viva. A mais antiga é preparada com pedra-ume, tártaro e hermes-escarlata de Veneza. Melhorada por Gil ou João Gobelín, tomou o nome de escarlata de França ou de Gobelíns. Outro escarlata fazia-se com estanho, tártaro e cochonilha. 2. [Ou] Tecido de seda ou lã desta cor (REAL, 1962, p. 208).
ESCARVA <i>escarva [esp]</i> <i>scarf joint [ing]</i> <i>incastro [it]</i> <i>écart [fr]</i>	[Tc] Encaixe de duas peças de madeira idênticas, ou outro material (TEIXEIRA, 1995, p. 44).
ESCLAVINA	[In] Espécie de opa de escravo ou cativo resgatado, usada também pelos romeiros que iam a Santiago de Compostela. É aberta na parte da frente, como uma murça ornada de conchas, e aparece comumente vestindo imagens de São Roque (DAMASCENO, 1987, p. 22).
ESCATELAR	[Tc] Fixar uma cavilha com uma chaveta ou cunha (REAL, 1962, p. 209).
ESCÓCIA	[Ar] Moldura côncava em meia-cana, entre duas convexas, que faz parte da base de uma coluna (ÁVILA, 1979, p. 40). O mesmo que <i>nacela</i> .
ESCODA	[Eq] Martelo de escultor, dotado de dentes em forma de ‘V’ e usado para lavar, desbastar e usar a superfície das pedras mais duras. Tem uma tendência a deixar sobre a pedra marcas que resistem ao polimento final; desse modo, raramente é utilizado quando o trabalho se aproxima da fase conclusiva. ⁴⁵⁵ ESCODADO – [Pe] Lavrado com escoda, tipo de martelo dentado usado pelos canteiros para alisar pedra (ÁVILA, 1979, p. 40).
ESCOLA	[Ou] Conjunto de adeptos de um mestre, de um sistema; determinada concepção técnica e estética de arte, seguida por vários artistas (REAL,

⁴⁵⁴ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁴⁵⁵ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/escultura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

	1962, p. 209).
ESCONSO	[De] Inclinado, oblíquo, torto (REAL, 1962, p. 209).
ESCOPRO	[Eq] Instrumento de aço temperado terminado em forma de lâmina larga ou estreita, com extremidade cortante reta ou arredondada usado para lavar pedra, madeira, etc. Os estreitos são também chamados cinzéis (REAL, 1962, p. 210). ESCOPRO AGULHA – É o escopro muito fino (REAL, 1962, p. 210).
ESCORÇAR	[Tc] Encurtar, diminuir, contrair (REAL, 1962, p. 210).
ESCORCHADO	[Dt] Descascado, esfolado (REAL, 1962, p. 210).
ESCORÇO	1. [Es] Encurtamento ou diminuição. 2. [Pi] É a representação perspéctica de um objeto, sob de um ponto de vista, que a sucessão dos planos, por meio da qual conhecemos, a sua extensão, se rouba a nossos olhos. Ou o aspecto que apresenta uma figura, ou uma parte dela, que não se vê ao todo. É formado por um objeto que se oferece a vista de frente e longitudinalmente, apresentado transversalmente (RODRIGUES, 1875, p. 166). Representação perspectivada de um corpo de forma a que este apareça numa imagem mais curta do que a sua representação frontal. Assim, a cabeça, ou os pés, são o elemento que aparece no primeiro plano. ⁴⁵⁶
ESCOVADO	[Ce] Tipo de decoração que consiste em passar, na superfície ainda úmida do vasilhame, um instrumento com pontas múltiplas, ou outros objetos que deixam sulcos bem visíveis, guardando entre si certo paralelismo e proximidade. ⁴⁵⁷
ESCRÓPULO	[Mt] Antiga medida de peso, equivalente a 1,19531256 gramas (ÁVILA, 1979, p. 211).
ESCUDETE	1. [In] Pequeno escudo (REAL, 1962, p. 211). 2. [It] O mesmo que espelho de fechadura.
ESCUDO	1. [Ou] Peça com representação escultórica ou pictórica de armas heráldicas ou símbolos religiosos alusivos a determinado santo, ordem religiosa ou outro tipo de agremiação (DAMASCENO, 1987, p. 23). Emblema onde são representadas as armas de uma família, de uma corporação, de uma nação, etc. Designa-se por escudete quando as suas dimensões são reduzidas (IMC, 2011, p. 120). 2. [Ig] O escudo aparece geralmente em portadas (sobreportas), eixo da volta do arco-cruzeiro ou coroamento de retábulo (ÁVILA, 1979, p. 143). Ver CARTELA. 3. [Ou] Arma defensiva para livrar dos golpes de espada ou lança (REAL,

⁴⁵⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴⁵⁷ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcaovarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

1962, p. 211).

ESCULPIDOR

Ver **ESCULTOR**.

ESCULPIR

esculpir [esp]
to sculpture [ing]
scolpire [it]
sculpter [fr]

[Es] Lavrar, entalhar formas em madeira com os instrumentos adequados, cinzelar. A matéria é talhada, isto é, golpeada, cortada; o relevo é obtido por meio de desbaste (REAL, 1962, p. 211). Esculpe-se em madeira, marfim, pedra e metais. Para esculpir em madeira e marfim são utilizadas diversas ferramentas, como: serras, enxós, rebotes, plainas, graminhos, esquadros, formões, e goivas, de diversos tamanhos, e feitos. Para o acabamento das peças em madeira e marfim servem as lixas. Em mármore, os instrumentos para esculpir são: ponteiros, badames, escopros lisos e dentados, brocas de vários tamanhos. Para o acabamento da peça de escultura em pedra servem as grosas, ou raspas, pedra de brunir e pedra pomes. Em metais, trabalho quase sempre é em peças fundidas, que ao tempo em que se fundem tomam a sua principal configuração; o estatuário deve deixar os modelos para a fundição que fiquem na maior perfeição, porque depois de fundido não tem emenda. No acabamento utilizam-se: lima, cinzel, talhadeira, rascadores (CASTRO, 1937, p. 17-20).

ESCULPIDO

[Es] Que recebeu determinada forma (em material duro ou macio) depois de trabalhado por escultor.⁴⁵⁸

ESCULTOR

escultor [esp]
sculptor [ing]
scultore [it]
sculpteur [fr]

[At] Aquele que esculpe, entalha formas (TEIXEIRA, 1995, p. 44). Artista que faz escultura (REAL, 1962, p. 211). Artista, que por meio da matéria sólida, como o barro, a cera, a madeira, a pedra ou o bronze, cria esculturas (RODRIGUES, 1875, p. 167).

ESCULTURA

escultura [esp]
sculpture [ing]
scultura [it]
sculpture [fr]

1. [Es] Por definição, uma escultura é um objeto artístico tridimensional que ocupa um determinado espaço com os seus volumes (INSTITUTO, 2004, p. 17). [Ta] Arte de representar em vulto ou relevo (TEIXEIRA, 1995, p. 44). Arte de esculpir, arte feita por escultor, estatuária. Arte de modelar em gesso, em barro, cera, estuque, ou de arte de esculpir em madeira, pedra, marfim ou de fundir em metais, estátuas, baixo-relevos e outras obras em vulto. Além da estatuária e da escultura propriamente dita, compreende a parte principal, que é a plástica ou a arte de modelar, a moldagem, a cinzelagem, e mesmo algumas vezes a arte de fundir. A arte da escultura é antiquíssima, mas a sua origem é duvidosa. A verdadeira escultura nasceu na Grécia, e atribui-se a Dédalo a primeira invenção da arte, que é contestado por vários escritores. Os gregos cultivaram ao mesmo tempo, a estatuária e a escultura ornamental, inventaram a *toreutica*, que consiste em formar uma estátua com partes separadas. Os escultores começaram a trabalhar em barro ou argilla, e em cera, matérias muito brandas e flexíveis, passaram depois a trabalhar

⁴⁵⁸ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=esculpido>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

em madeira e marfim, e posterior em pedra e mármore (RODRIGUES, 1875, p. 167-168). Seus materiais: madeira, mármore, marfim, metal, alabastro, pedras, pedra sabão, gesso, barro, etc. A escultura compreende a estatuária, e a escultura de ornamentos. De acordo com os objetos esculpido e da sua identidade funcional, isto é, os significados e as funções de uma escultura isolada (seja ela uma estátua ou uma imagem religiosa), de um grupo escultórico, de uma escultura ornamental, de um objeto heráldico esculpido, de qualquer relevo que se relacione com uma parede, de uma escultura aplicada no interior ou no exterior de um espaço arquitetônico, de um conjunto escultórico reunido num retábulo, ou de um monumento funerário, são obviamente diferentes, portanto, é possível fazer uma divisão em quatro subcategorias (INSTITUTO, 2004, p. 19):

- **Escultura Arquitetônica**
- **Escultura de Vulto**
- **Escultura Funerária**
- **Escultura Heráldica.**

ESCULTURA ARQUITETÔNICA

[Es] A escultura arquitetônica é aquela que integra uma parte de um edifício ou aquela que foi criada para decorar ou ornamentar uma estrutura arquitetônica, mesmo quando destacada do seu contexto de origem. Esta subcategoria da escultura é, a mais vasta, abarcando uma grande diversidade de objetos que apresentamos agrupados pelas suas características funcionais. Tecnicamente, os objetos esculpido classificáveis como escultura arquitetônica integram a produção escultórica mais ligada às artes e aos ofícios da cantaria e da talha ornamental. Para além dos retábulos de escultura, constituindo eles próprios estruturas arquiteturalizadas, quase sempre destinados a ser adossados a uma superfície parietal, funcionando com ela e “habitando-a”, incluem-se também nesta subcategoria os próprios elementos da arquitetura quando apresentam ornamentação e a escultura em relevo para aplicação mural, como acontece com as edículas esculpido dos Calvários. Os suportes da escultura, quando não são parte indistinta do objecto, encontrando-se descontextualizados, ou sendo autonomizáveis, logo individualmente inventariáveis, também serão catalogados nesta subcategoria. A escultura arquitetônica integra “Elementos de Arquitetura” e “Talha”. Pressupõe-se, que a talha é, por definição, uma técnica da qual resulta um trabalho com volume, no que diz respeito à técnica escultórica, encontra-se, sobretudo o **relevo**, termo que identifica qualquer obra esculpido na qual as figuras se projetam a partir de um fundo. Classificam-se pelo grau da projeção do seu volume. Os relevos, seja qual for a sua volumetria interna, sejam ou não obras individuais e autônomas, dependem obrigatoriamente de uma superfície de adocamento. As formas representadas no relevo têm, em princípio, menos de três quartos do volume real de um corpo ou de um objeto. Estas formas aderem a um fundo plano, côncavo ou convexo, do qual se

destacam. Distinguem-se os vários tipos de relevos pela maneira como as figuras ou os ornamentos representados saem do fundo (INSTITUTO, 2004, p. 27-34).

- Um **baixo-relevo** é aquele cujas diferentes formas em saliência, aderindo a um fundo plano, côncavo ou convexo, representam menos de metade do volume real de um corpo ou de um objeto.
 - O termo **médio-relevo** identifica um relevo cujas formas em saliência, podendo aderir a um fundo plano, convexo ou côncavo, representam cerca de metade do volume real de um corpo ou de um objeto.
 - O **alto-relevo** tem formas em saliência que aderem a um fundo plano, côncavo ou convexo, e que representam mais da metade do volume real de um corpo ou de um objeto sem exceder os 3/4 do seu volume. Num alto-relevo as figuras esculpidas podem apresentar partes completamente destacadas do fundo (braço, pernas, cabeça) e por vezes só mantêm alguns pontos de contato com o plano de fundo. O alto-relevo aproxima-se do vulto, mas não deve confundir-se com ele, pois, por definição, tem de possuir um plano de fundo.
 - O **medalhão** é um relevo de forma geralmente de circular ou elíptica.
 - O termo **painel** identifica qualquer elemento ou conjunto de elementos, em madeira de espessura reduzida, que cria uma superfície contínua destinada a receber uma decoração ou uma representação figurativa ou abstrata. O **painel simples** é constituído por um único elemento e o **painel composto** por vários elementos de níveis justapostos ou ensamblados no sentido do fio da madeira. O **painel perfurado** é um relevo perfurado integrado numa composição decorativa. A designação “painel” também é utilizada para os Retábulos, pois os painéis surgem normalmente integrados nas suas estruturas; por extensão, neste caso particular da retabulística, a palavra é aplicável mesmo quando a matéria é a pedra.
 - Uma **placa escultórica** é executada em pedra, em marfim ou em metal (quando este tem uma espessura superior à da lâmina), tem uma forma retangular, pode ser pouco espessa, mas é sempre rígida, apresentando um campo figurativo, uma ornamentação gravada ou uma inscrição, em relevo ou insculpida. A placa poderá ser aplicada a um edifício ou a um monumento: por definição, supõe sempre que se relacione com uma superfície de adocamento. Quando é executada em metal, denomina-se **lâmina**. A placa não deve ser confundida com a estela ou a lápide, que têm uma função funerária. Em escultura dá-se o nome de **plaqueta** a uma placa de forma retangular que, em geral, não ultrapassa os 20 cm de altura.
 - São elementos constituintes dos relevos: a **moldura**, enquadra um
-

painel esculpido, uma placa, uma plaqueta, um medalhão, etc. A moldura pode ser plana, côncava ou convexa, lisa ou ornamentada; a **mandorla** é uma moldura com forma elíptica, ou de amêndoa. Iconograficamente, surge associada a Cristo ou à Virgem Maria em Majestade; o **fundo** é o plano que está atrás, o plano mais recuado sobre o qual se destacam as formas em saliência. O fundo de um relevo pode ser uma superfície plana, convexa ou côncava. O fundo de um relevo pictórico é o último plano da composição; o **rebordo** é uma moldura em saliência, lisa ou decorada, que limita ou enquadra um relevo. O rebordo apresenta-se normalmente talhado no mesmo material que o relevo envolvido. O **rebordo a florado** está ao mesmo nível das partes mais salientes do relevo (este plano é normalmente o plano do entalhe). O **rebordo saliente** é mais alto que o plano das partes mais salientes do relevo. O **rebordo reentrante** é mais baixo que o plano das partes mais salientes do relevo. Alguns relevos têm um rebordo saliente na parte superior e reentrante na parte inferior.

Escultura Arquitetônica integra elementos de arquitetura, elementos decorativos, retábulos, elementos de suporte da escultura, modelos e fragmentos de qualquer um destes tipos de objetos, sendo:

- O **Retábulo**, sendo constituído por base, corpo e coroamento, e, normalmente, apresentando uma estrutura composta, de baixo para cima, por sotobanco, banco, predela, nicho(s) ou painel(éis). O Retábulo pode ser dividido, conforme a estrutura arquitetônica, em retábulos de corpo único, dípticos, trípticos, polípticos e ainda retábulos em arco triunfal.
- **Elementos de suporte da escultura** – o que sustenta a base de um objeto esculpido, por baixo, denomina-se **suporte**. Assim, um suporte é uma estrutura que confere estabilidade à obra. Devemos considerar os suportes verticais e os suportes horizontais. Os suportes verticais podem ser simples bases poligonais, zoomórficos, antropomórficos ou ornamentais. Os suportes horizontais são normalmente estruturais, como o tirante e o arcobotante. A **base** de uma escultura de vulto entende-se ser a parte inferior que a suporta, com todas suas especificações, como: plintos, plataformas, peanhas, escabelos, mísulas, coluna estatuária, dado, pedestal, soco e embasamento. Ver **BASE**.
- **Modelo** - por **maquete** entende-se um modelo à escala de uma edificação ou de um retábulo.

ESCULTURA DE VULTO

[Es] Com base no conceito escultórico de **vulto** e nas diferentes funções que ele tem. Uma **escultura de vulto** é aquela cujo volume corresponde pelo menos a 3/4 do volume real de um corpo ou de um objeto, podendo apresentar-se trabalhada na íntegra (frente, perfis e costas) e ser um **vulto pleno**, trabalhada apenas em três lados (frente e perfis) e ser um **vulto a 3/4 com as costas sem trabalho, planas** ou **escavadas**, ou ser

apenas um **meio vulto**. A escultura de vulto, ao contrário da maior parte dos relevos, nunca tem plano de fundo. Em sentido lato, um vulto pleno é uma escultura, figurativa ou não figurativa, completamente trabalhada e que pode ser considerada a partir de tantos pontos de vista quantos existem no espaço que a rodeia. De acordo com este princípio, apresentam-se as diferentes funções de uma escultura de vulto (INSTITUTO, 2004, p. 20-27):

- **Estátua** – Uma estátua (termo específico do geral Estatuária) é toda a escultura de vulto que representa uma figura completa (homem, animal, híbrido) de pé, sentada, ajoelhada ou deitada, em qualquer material (madeira, gesso, barro, pedra, mármore, metal, etc.). A estátua que representa um homem de pé, em repouso ou caminhando, denomina-se estátua **de pé**. A estátua que representa uma figura humana ou animal deitada é um **jacente**. A estátua que representa um homem a cavalo denomina-se **estátua equestre**. Não devemos confundir estátua equestre e figura equestre, sendo esta última a representação de uma figura a cavalo em desenho ou em pintura. Distinguem-se vários tipos de estátuas, de acordo com a sua relação com o tamanho real do que representam (**metade do natural, tamanho natural, pequena escala**). Quando a figuração diminui, perde a designação de estátua e passa a ter a de **estatueta** ou de **figurinha**. Pelo contrário, quando aumenta, conserva o título de estátua, como **estátua colossal**, que se distingue do **colosso**. As estátuas comportam diversas identificações, ou géneros, segundo um critério iconográfico, funcional e por vezes técnico (**estátua acrólita, estátua alegórica, estátua-coluna, estátua fontenária, estátua geminada, estátua cantoneira, estátua menir, estátua tumular, etc.**). O termo **estátua** emprega-se com mais propriedade e frequência na escultura com funções monumentais, nomeadamente na escultura disposta em espaço público, na escultura funerária, na escultura da Antiguidade ou na escultura claramente classicista. Para todos os outros casos, deve usar-se o termo **imagem**, produto da imaginária.
 - **Imagem** – a designação **estátua** para identificação de representações esculpidas de carácter maioritariamente religioso, tende a substituir-se por **imagem**. O termo aplica-se às obras que eram produzidas pelos **mestres de imaginária** ou **imaginários**.
 - **Busto** – O termo busto, em escultura, identifica um tipo de representação em vulto da parte superior do corpo humano, incluindo uma ou mais cabeças (**bifronte, trifronte**), o pescoço, uma parte variável das costas, dos braços, do peito e do estômago. Um fragmento de estátua ou de imagem, com ou sem braços, não pode ser considerado um busto. Os bustos podem entrar na composição de monumentos comemorativos ou participar da decoração interior ou exterior de um edifício. Na imaginária, os bustos também podem ser bustos-relicário, quando têm a função de
-

guardar e mostrar relíquias. De acordo com a sua função, os bustos associam-se tanto à estatuária como à imaginária, dentro da subcategoria de escultura de vulto.

- **Torso** – Em escultura, identifica a representação em vulto de um corpo sem cabeça, sem braços e sem pernas. Note-se contudo, que embora um torso constitua um fragmento de corpo de estátua ou de imagem na estatuária clássica ou na imaginária religiosa, a que o tempo amputou os braços, a cabeça e as pernas, na escultura de produção mais recente um torso pode assumir o carácter de uma representação acabada, intencional.
 - **Cabeça** – À semelhança do torso e do busto, o termo **cabeça** identifica, tanto na estatuária como na imaginária, a escultura que, em vulto, representa de forma individualizada e autónoma uma parte do corpo, a parte correspondente à extremidade superior do corpo humano ou à extremidade anterior do corpo de um animal incluindo a cabeça e o pescoço. Uma escultura identificada como cabeça não deve, no entanto, confundir-se com um fragmento de imagem da qual resta apenas a cabeça.
 - **Grupo escultórico** – O termo identifica a reunião de duas ou mais figuras de vulto sobre um mesmo suporte (soco, embasamento, pedestal) que participam numa mesma ação ou estão relacionadas por uma situação que lhes é comum. Aplica-se tanto no contexto da estatuária, como no da imaginária. O termo **grupo escultórico agregado** designa a reunião sobre um mesmo suporte de duas ou mais figuras de vulto que participam na mesma ação e que estão ligadas entre si por uma **base comum** de modo a formar um todo materialmente indissociável (plataforma, base, plinto). O termo **grupo não agregado** identifica a reunião sobre um mesmo suporte de duas ou mais figuras de vulto que participam numa ação mas que conservam umas em relação às outras uma certa independência material. Num grupo não agregado, uma ou mais figuras, embora solidárias do ponto de vista iconográfico, têm **bases distintas** embora haja necessidade de relacioná-las sobre um mesmo suporte ou num mesmo contentor de escultura, tal como acontece num Presépio que se guarda numa maquete ou num oratório. O grupo não agregado da Fuga para o Egito compreende duas esculturas de vulto, uma Virgem com o Menino e um São José, ambos com bases distintas: estas imagens, apesar de materialmente independentes estão, por princípio, dispostas sobre o mesmo suporte. Alguns agrupamentos escultóricos de sentido iconográfico (representações associadas numa ação ou numa situação comum) podem ser considerados apenas como estátuas ou como imagens individualizadas, em particular quando algumas imagens representadas são de dimensões muito pequenas ou têm o significado de atributos (cordeiro de São João Baptista sobre um livro, Menino Jesus do Santo António) e não têm apoio no solo.
-

Assim, a Virgem com o Menino é designada pela sua função de imagem e não é entendida como um grupo escultórico.

- **Figura de proa e figura de popa** – Os termos identificam aquelas esculturas de vulto que são aplicadas sobre a proa, isto é, a parte mais avançada de uma embarcação, ou sobre a popa, a parte mais recuada da embarcação. Na escultura de vulto, o termo figura só deve ser usado nestes dois casos.
 - **Modelo: esboço, estudo, maquete** – os modelos da estatuária, da imaginária ou dos grupos escultóricos. O significado genérico de **modelo**, é o de uma obra acabada que, modelada numa matéria plástica, se destina a ser reproduzida num material definitivo, isto é, em pedra, mármore, bronze, etc. O modelo pode ter a mesma dimensão que a obra definitiva, ou apresentar uma relação de escala com ela, depois transposta mecanicamente. No sistema de edição escultórica é, por assim dizer, a obra primeira. No entanto, este termo também está relacionado com as diferentes fases de criação de uma escultura antes de resultar numa obra final – pode ser apenas um esboço, ou já um estudo mais avançado –, sempre com o sentido de maquete preparatória. Os diferentes **formatos** da escultura de vulto também estão na origem do conjunto. A designação **figurinha** identifica uma escultura de vulto de pequenas dimensões, executada habitualmente em barro, em marfim, em pedra ou em metal. Uma figurinha tem uma dimensão em altura que é inferior a 25 cm. O termo aplica-se tanto no domínio da estatuária, como no da imaginária. A **estatueta** é uma escultura de vulto cujas dimensões são inferiores, para o homem, a cerca de metade das dimensões naturais do corpo humano, e tem usualmente entre os 25 e 80 cm O termo emprega-se sobretudo na estatuária; é muito pouco recorrente na imaginária, pelo que não deve ser usado neste domínio. Uma **figura académica** é uma escultura de vulto que representa o corpo humano com dimensões que variam entre os 54 e os 65 cm. As figuras académicas, geralmente modeladas, servem como estudos nas academias e nas oficinas. O termo também é mais recorrente no domínio da estatuária. Uma representação a **metade do natural** caracteriza-se por ter metade das dimensões naturais do homem em idade adulta, isto é uma dimensão em altura que varia entre os 80 e os 90 cm. A escultura de vulto de **tamanho natural** é aquela que tem as dimensões equivalentes às dimensões naturais do que é representado. Uma imagem ou uma estátua que represente uma figura humana de tamanho natural tem uma dimensão em altura que varia aproximadamente entre os 160 e os 180 cm. Uma **estátua**, ou uma **imagem, colossal** tem dimensões que ultrapassam as dimensões naturais, passando dos 180 cm de altura, até atingir o triplo da altura de um homem de estatura média. Não deve confundir-se com o termo colosso, que se aplica apenas na estatuária.
-

**ESCULTURA
FUNERÁRIA**

[Es] A escultura funerária é produzida para rituais que comemoram um indivíduo morto ou que representam uma expressão individual da dor da morte. Nas culturas cristianizadas, surge em espaços de enterramento (interiores ou exteriores) ou está associada aos rituais fúnebres para documentar, reverenciar, representar e identificar um morto, nos túmulos, nas tampas de sarcófago, nas estelas, nas efígies, nos jacentes ou nas lápides. Diferencia-se da escultura das outras subcategorias pela função. Pode incluir elementos decorativos, pedras de armas ou relevos de monumentos funerários que, quando desmembrados e descontextualizados, seria possível catalogar nas subcategorias “Escultura Arquitetônica” ou “Escultura Heráldica”, jacentes e imagens cinerárias na subcategoria “Escultura de vulto”. Sempre que haja conhecimento exato e preciso da função funerária que as peças desempenharam na origem, deve optar-se por selecionar e encaixá-las nesta subcategoria. Com este propósito, para precisar a sua função, uma lâmina deve ser identificada como lâmina funerária, uma lápide como lápide funerária, uma máscara como máscara funerária, uma imagem orante como um orante funerário, uma placa como placa funerária, e assim por diante. Nas suas diversas espécies, a escultura funerária está associada à tumulária e a alguns objetos do mobiliário fúnebre (INSTITUTO, 2004, p. 38-41).

- O **túmulo**, com ou sem expressão monumental, é constituído por um conjunto de elementos individualizáveis. Não deve ser confundido com a simples **campa**, que é o espaço escavado no solo utilizado para os enterramentos, nem com o **mausoléu**, que é uma construção monumental com função cemiterial como o jazigo. Por sua vez, o **cenotáfio** é o monumento funerário erigido em honra de alguém que está sepultado em outro local. O **túmulo** é, assim, o conjunto constituído pelo espaço da sepultura, pelo **sarcófago** – que, por sua vez, é a caixa, arca ou urna que está edificada com o propósito de receber o corpo de um defunto –, e por todo o equipamento arquitetônico a ele associado, quer este seja uma estrutura rasgada numa parede (**arcosólio**), quer uma estrutura de tipo retabular que pode ter a forma duma simples edícula ou ser uma estrutura retabular mais complexa. Estas estruturas a que se associa não excluem que um sarcófago ou um túmulo possa surgir **exento** conservado num convento. Os termos túmulo ou sarcófago identificam assim a construção erguida acima do solo, que obrigatoriamente alberga ou albergou um morto, num espaço vocacionado para o enterramento, que pode estar situado no interior ou no exterior de um edifício.
 - O **jacente** é uma escultura de vulto (geralmente a 3/4 com as costas planas ou em meio vulto) que representa a efígie do defunto, por vezes acompanhado de um animal protetor, como o **lebreu**. Quando representa o morto como cadáver, nu ou envolto num sudário, denomina-se **transi**. O jacente surge colocado sobre a **tampa** da
-

arca funerária do sarcófago, com a cabeça repousando sobre uma almofada, por vezes protegida por um **baldaquino funerário**. Por oposição à posição do jacente, o **orante funerário** é a efígie de um defunto representado de joelhos, geralmente de mãos postas.

- As arcas podem apresentar um **facial**, ou os faciais, esculpidos com uma sequência narrativa, com símbolos heráldicos ou apenas ornamentais. É comum a estrutura de
- um sarcófago erguer-se apoiada sobre representações zoomórficas, como os **leões** que, também velando o morto, suportam a caixa tumular.
- A **estela funerária** é uma pedra, monolítica ou não monolítica, colocada sempre na vertical, que assinala um ponto de enterramento. Surge quer com forma redonda, quadrada ou retangular, e pode receber uma inscrição, uma simples representação simbólica, ou um campo figurado.
- Uma **placa funerária** pode ter a função de uma **laje sepulcral**, ou seja, uma tampa de campa rasa ou uma tampa de túmulo, ou de uma **lápide**. Considera-se como uma lápide quando inclui um campo historiado ou decorado e/ou uma inscrição relacionada com a morte do defunto (**epitáfio**) ou com os rituais celebrados em sua memória (dedicação de missas, etc.). Devemos ter presente que estas placas funerárias estão diretamente associadas ao túmulo ou surgem encastradas, embutidas, em muros próximos do espaço de tumulação.
- Uma **lâmina funerária** é uma placa de metal, rígida, que serve de tampa a uma **campa rasa** ou a um sarcófago. É trabalhada através de técnicas como a repuxagem ou a gravação, apresentando uma inscrição e/ou figuração e/ou motivos heráldicos.
- O termo **cinerária (o)** aplica-se quando qualquer um dos elementos se destina a conter as cinzas do defunto e não o seu corpo.

Alguns exemplares de **equipamento funerário** monumental podem ser esculpidos e, por isso, ser integrados e catalogados nesta subcategoria da Escultura. Incluem-se:

- O **catafalco** é o termo que identifica o estrado usado numa igreja ou numa capela mortuária, sobre o qual é colocado o caixão ou urna durante as cerimónias fúnebres que precedem o enterro.
 - O **obelisco** é uma pirâmide quadrangular, habitualmente monolítica, que retoma a forma criada no Médio Oriente (Babilónia, Egito), podendo ou não apresentar hieróglifos insculpidos. É usada fundamentalmente como marco monumental.
 - A **cruz funerária** adquire neste contexto o sentido de marcar religiosamente o espaço dedicado à tumulação.
-

ESCULTURA HERÁLDICA	[Es] É uma subcategoria de escultura onde o termo designa a “insígnia ou distintivo de pessoa ou família nobres conferidos, geralmente, por merecimento, constituído por figuras e ornatos dispostos num escudo. O significado heráldico de brasão estende-se aos símbolos distintivos de instituições civis, eclesiásticas, mas não pode aplicar-se naqueles casos que não contêm significado conceitual e que são apenas ornamentais. Um brasão é, neste sentido, um objeto heráldico esculpido através do processo escultórico do talhe ou do entalhe, apresentando-se trabalhado como um relevo. Apresenta com frequência a forma de um escudo , cuja morfologia tem origem na arma defensiva que se prendia ao braço com a mesma denominação. Nesta subcategoria utiliza-se o léxico da heráldica (INSTITUTO, 2004, p. 38).
ESCULTURA POLICROMADA	[Es] As esculturas podem ser agrupadas em três tipos principais em relação ao cromatismo ⁴⁵⁹ : <ul style="list-style-type: none"> • Monocromática – executada em suporte ou superfície de uma única cor; • Policromática – obra composta por materiais de cores diferentes; e • Policromada – obra recoberta por policromia.
ESCULTURA – POLÍPTICO <i>statue-polyptych [ing]</i> <i>statua apribile [it]</i> <i>statue ouvrante [fr]</i>	[Es] Escultura ou grupo escultórico, geralmente representando a Virgem com o Menino (Virgem abrideira), que se abre ao centro ou lateralmente para constituir um díptico ou um tríptico. No interior, as representações religiosas podem ser pintadas ou em relevo (THESAURUS, 2004, p. 22).
ESCULTURESCO	[Es] Objeto ou coisa esculpida, que tem relação com a escultura ou arte estatuária, obra de vulto, cuja concepção e execução por boa merece essa qualificação de esculturesca (RODRIGUES, 1875, p. 168).
ESCURECER	[Pi] Sombrear, escurecer as partes em que não incide a luz (REAL, 1962, p. 211). ESCURECIDO – [Pi] Diz-se do verniz sobre a pintura que com o tempo escurece, tomando um tom amarelado (REAL, 1962, p. 211). ESCURECIMENTO – [Dt] Diz-se do inconveniente que apresentam certas tintas que, sob a ação do ar e do tempo, escurecem (REAL, 1962, p. 211).
ESFERA	1. [Ic] Globo, orbe (REAL, 1962, p. 211). 2. [Or] Ornato de forma redonda ou esférica, de pedra ou outro material, usado em arremates de fachadas, muros, chafarizes, amuradas de pontes, etc. (ÁVILA, 1979, p. 143).
ESFERA ARMILAR	1. [Ou] É formada de círculos (armilas) representativos da esfera celeste

⁴⁵⁹ SERCK-DEWAIDE, 1996/1998, p. 157-174 apud COELHO; QUITES, 2014, p. 19.

	(REAL, 1962, p. 212). Instrumento astronômico constituído por numerosos anéis metálicos através do qual se representavam as relações dos corpos do sistema planetário. 2. [Or] Aparece como ornamento de torres ou frontões de algumas igrejas mineiras do período colonial, muitas vezes associado ao galo (DAMASCENO, 1987, p. 23).
ESFINGE	[Ic] Monstro fabuloso com corpo de leão e cabeça humana. Estátuas colossais tanto na arte egípcia como na grega. A esfinge é empregada na Arquitetura como remate nos acrotérios, nas extremidades de uma balaustrada, etc. (REAL, 1962, p. 212).
ESFOLADO <i>figura desollada [esp]</i> <i>anatomical skinless figure,</i> <i>flayed man [ing]</i> <i>scorticato, scudiato,</i> <i>spellato [it]</i> <i>écorche [fr]</i>	[Es] Nome dos modelos anatômicos em gesso ou os desenhos de figuras sem a pele, podendo-se observar os músculos. Para os escultores é importante o estudo do modelo esfolado (TEIXEIRA, 1995, p. 45).
ESFREGAÇO	[Pi] Camada transparente e leve de tinta sobre a pintura esfregando-se o pincel de maneira que haja interpenetração superficial das camadas. O esfregaço pela sua leveza e transparência valoriza as sombras (REAL, 1962, p. 212).
ESFRIAR	[Pi] Tirar a luminosidade de um tom, de uma cor (REAL, 1962, p. 212).
ESFUMADO	[Ta] Do italiano <i>sfumato</i> . Contornos esbatidos com preocupação da forma e não da linha, o que é obtido com a fusão de tonalidades e com o jogo do claro-escuro (REAL, 1962, p. 212). Tratamento difuso do contorno das formas (LANGLE; CURIE, 2009, p. 55).
ESFUMAR	[Pi] Esbater ou sombrear com o esfuminho (REAL, 1962, p. 212).
ESFUMATURA	[Pi] Conjugação das tonalidades, da luz e da sombra (REAL, 1962, p. 212).
ESFUMINHO	[Eq] Rolo de pelica ou papel, aparado em ponta para esbater o desenho (REAL, 1962, p. 212).
ESGACHE	[Eq] Instrumento de marcenaria e carpintaria, constituído de cepo e ferro quase vertical, utilizado para moldar os bordos das peças de madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 45).
ESGARAVATIL	[Eq] Instrumento para fazer encaixes na madeira (REAL, 1962, p. 212). O mesmo que <i>esgravatil</i> .
ESGRAFIADO	Ver ESGRAFITO .

ESGRAFIAR <i>esgrafiar [esp]</i> <i>scratch [ing]</i> <i>sgraffire [it]</i> <i>égratignure [fr]</i>	[Tc] Desenhar a esgrafito (TEIXEIRA, 1995, p. 45).
ESGRAFIATO	Ver ESGRAFITO .
ESGRAFITADO	[Ce] Técnica de decoração que consiste na gravação com estilete ou prego no corpo cerâmico dos motivos decorativos, retirando o vidrado e deixando aparecer a chacota. ⁴⁶⁰
ESGRAFITO <i>esgrafiado [esp]</i> <i>scratch-work [ing]</i> <i>sgraffito [it]</i> <i>sgraffite, sgraffito [fr]</i>	[Po] Termo também utilizado em Portugal. Técnica realizada na policromia de escultura, remoção com ferramenta pontiaguda da camada pictórica destinada a mostrar a folha metálica subjacente, para criar um motivo decorativo. A palavra italiana <i>sgraffare</i> (prefixo - s - significa remover e - <i>graffare</i> - riscar, portanto, remover riscando) data do século XVI (Vasari, 1568). O significado original de Vasari corresponde a uma técnica de pintura mural aplicada às fachadas, cuja origem seria a cerâmica (LANGLE; CURIE, 2009, p. 776). O esgrafito é uma das técnicas mais frequentes no estofamento, pois é o que faz a representação da estamparia dos tecidos. Seu efeito provém não só da diferença de cor entre tais camadas, mas também do contraste entre o brilho do ouro e a camada mate da têmpera (MEDEIROS, 2000, p. 47-48). Depois que a folha metálica é aplicada e brunida, a superfície é pintada (em geral com têmpera), e, quando está em fase de secagem, removem-se partes da camada colorida com ferramenta de ponta fina, deixando aparecer o douramento ou prateamento, formando-se então os desenhos desejados. No Brasil, os motivos utilizados são fitomorfos, geométricos ou mistos, variando suas formas e dimensões de acordo com o pintor-dourador ou a época da sua elaboração. O esgrafito sempre está acompanhado de pintura a pincel e punções, enfatizando algumas partes do desenho de folhas e flores. A fatura do esgrafito fornece muitas informações sobre o seu executor; se experiente, com mão firme e segura, ou se ainda aprendiz ou iniciante, com traços inseguros e vacilantes (COELHO, 2005, p. 240).
ESGRAVATIL <i>tool for making mortises or sockets in wood [ing]</i>	[Eq] Instrumento para fazer encaixes na madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 45).
ESMAECER	[Dt] Perder a cor, desmaiar, enfraquecer, esmorecer (REAL, 1962, p. 213).

⁴⁶⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

ESMALTAÇÃO

[Ce] Vidrado (*glaze*). Revestimento impermeabilizante de aspecto semelhante ao vidro resultante da mistura de substâncias minerais que ao se fundirem aderem ao corpo cerâmico de forma definitiva. Podem ser coloridos, transparentes ou opacos. Torna a cerâmica mais resistente.⁴⁶¹ **ESMALTAGEM** – [Ce] Técnica que consiste na cobertura do corpo cerâmico com substância vítrea transparente mais densa ou de cores opacas.⁴⁶²

ESMALTADO

1. [Me] Trabalho artístico que tem por finalidade cobrir os metais de um colorido semelhante ao esmalte, usando para tal fim o fogo e óxidos metálicos. 2. [Ce] Também chamado *vidrado* e *glasura*, a camada vítrea que serve de cobertura a uma peça de cerâmica (REAL, 1962, p. 213).

ESMALTE

smalto [it]

1. [Ma] Pó de vidro formado por uma mistura de chumbo, bórax e óxidos com vários compostos metálicos que proporcionam a cor transparente, e que podem ser opacificados. É aplicado à superfície de um objeto, geralmente metálico, e se funde no forno. As principais técnicas de aplicação são cloisonné, champlevé, grisaille e esmaltes pintados.⁴⁶³ Substância vitrificável que se aplica, como ornato, sobre metais ou porcelana (REAL, 1962, p. 213). Cor de origem mineral vitrificável e opaca, usada na decoração cerâmica.⁴⁶⁴ 3. [Pi] Tinta azul, que usam os pintores, composta de cobalto (REAL, 1962, p. 213). 4. [Ta] Técnica pictórica que consiste na fusão de um pó de vidro colorido amassado com água e aplicado com uma lâmina metálica. Por extensão, fala-se de esmalte no caso de decorações executadas com pastas vítreas sobre objetos cerâmicos e, seguidamente, vidradas a quente⁴⁶⁵. **ESMALTE CORDA SECA** – Muito usado na cerâmica espanhola. Consiste em encobrir todo o contorno da decoração, já marcada na respectiva superfície em biscoito, com um óleo e preencher os vazios do desenho com esmaltes coloridos. A peça depois de cozida, em consequência do filete de óleo, apresenta a decoração de esmaltes coloridos em relevo e conserva o seu limite. **ESMALTE CRU** – Quando contém substâncias insolúveis em água. **ESMALTE ESCORRIDO** – É a aplicação de mais de um esmalte, com pontos de fusão diferentes, provocando assim o entrosamento das cores e formando inesperados e interessantes efeitos de tonalidade. **ESMALTE FRITADO** – Quando contém substâncias solúveis em água, tornando-se necessário submetê-las a uma fritagem para fins de homogeneidade.

⁴⁶¹ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/ceramica>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁴⁶² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴⁶³ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/esmalte>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

⁴⁶⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴⁶⁵ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

ESMERIL <i>esmeril [esp]</i> <i>emery [ing]</i> <i>smeriglio [it]</i> <i>émeri [fr]</i>	[Eq] Pedra utilizada para afiar os instrumentos (TEIXEIRA, 1995, p. 45).
ESMOLER	[Rg] Clérigo incumbido de distribuir esmolas (NUNES, 2008, p. 63).
ESMOUCAR ou ESMOCAR	[Dt] Danificar com pancadas nas bordas (louças, móveis) (REAL, 1962, p. 213).
ESPAÇOS CULTURAIS	[Pa] Espaços ou equipamentos destinados ao uso ou frequência coletivos, orientados principalmente para a produção, criação, prática, acolhimento, divulgação e/ou comercialização de bens e serviços culturais, geridos por instituições públicas ou particulares. ⁴⁶⁶
ESPADA	[In] Arma branca, mais ou menos longa e pontiaguda, com lâmina de um ou dois gumes, ordinariamente trazida suspensa à cintura. [Ic] Na iconografia cristã aparece como atributo nas representações de santos de caráter guerreiro ou militar (DAMASCENO, 1987, p. 23).
ESPALDAR	1. [Mo] Em mobiliário, designa o encosto de móveis de assento como cadeiras, bancos, arquibancos (DAMASCENO, 1987, p. 23). 2. [It] A parte superior do dossel (REAL, 1962, p. 214).
ESPALDEIRA	[In] Parte da armadura cobrindo o ombro (REAL, 1962, p. 214).
ESPALTO	[Pi] Cor escura e transparente aplicada sobre escarlate (REAL, 1962, p. 214).
ESPÁTULA	[Eq] Instrumento que tem inúmeras utilidades, entre elas, misturar tintas e aplicar cola (TEIXEIRA, 1995, p. 45). Instrumento de madeira, marfim ou aço, em forma de faca, os escultores usam a espátula nos trabalhos em barro, gesso ou estuque (REAL, 1962, p. 214).
ESPECTRO	[Ou] Imagem com as cores do arco-íris resultante da decomposição da luz solar através de um prisma em câmara escura (REAL, 1962, p. 214). Representação gráfica do resultado da interação de uma determinada energia com a matéria. A intensidade é geralmente representada de acordo com diferentes valores característicos: comprimento de onda, frequência, etc. ⁴⁶⁷
ESPECTRO ELETROMAGNÉTICO	[Ou] É o intervalo completo da radiação eletromagnética que contém as ondas de rádio, as micro-ondas, o infravermelho, os raios X, a radiação gama, os raios violeta e a luz visível ao olho humano (PELEJA, 2014, p.

⁴⁶⁶ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

⁴⁶⁷ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/espectro>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

	23).
--	------

ESPECTROFOTOMETRIA	[Ex] O método espectrofotométrico de análise da cor consiste em iluminar uma amostra sucessivamente com um raio de cada tonalidade do espectro e medir depois a proporção da luz, uma vez refletida pela amostra. É um aparelho que tem sido utilizado para o estudo com exatidão das cores em uma ampla escala de pigmentos. ⁴⁶⁸ ESPECTRÔMETRO – [Eq] Instrumento empregado em análises espectrométricas.
---------------------------	---

ESPECTROSCOPIA NO INFRAVERMELHO POR TRANSFORMADA DE FOURIER – FT-IR	[Ex] É considerada uma das mais importantes técnicas experimentais para a caracterização de polímeros, em termos de identificação e/ou determinação de características estruturais dos polímeros, principalmente no que se refere a grupos funcionais e de ligações presentes na amostra. Além das informações qualitativas, a análise por FTIR permite a determinação semiquantitativa de componentes de uma amostra ou mistura, esteja ela no estado sólido, líquido, gasoso ou em solução (não aquosa). Dependendo da natureza da amostra a ser analisada pode ser uma técnica fácil e rápida (pode prover informações em menos de 5 minutos), sendo possível também analisar amostras pequenas ou em pequenas quantidades. ⁴⁶⁹ Técnica pela qual a interação de uma radiação IR com matéria vibra as ligações moleculares de uma maneira característica para cada composto químico, que é traduzido em um espectro ou impressão digital que permite, por comparação, fazer identificações. ⁴⁷⁰
--	--

ESPELHIM	[Ma] Gesso branco lustroso (REAL, 1962, p. 215).
-----------------	--

ESPELHO	1. [Ou] Placa refletora de vidro ou cristal, geralmente emoldurada. 2. [Ar] A face vertical do degrau de uma escada. 3. [It] Diz-se também de uma superfície plana numa parede, num chafariz, etc. (ÁVILA, 1979, p. 144). ESPELHO DE FECHADURA – [It] Peça exterior da fechadura, de ferro ou outro metal, com orifício central para introdução da chave. Aparecendo tanto na arquitetura como no mobiliário, também era usado para decorar as alças e as chapas dos ferrolhos. Geralmente apresenta recortes ornamentais ou alusivos à função do local ao qual é destinado (DAMASCENO, 1987, p. 23), geralmente, trabalhados em forma de ornatos ou símbolos. Também denominado <i>escudete</i> .
----------------	---

ESPERANÇA	[Ic] A segunda das três virtudes teológicas, simbolizada por uma âncora ou pela cor verde (NUNES, 2008, p. 63).
------------------	---

⁴⁶⁸ Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

⁴⁶⁹ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/lapol/ftir.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

⁴⁷⁰ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/espectroscopia-ft-ir-fourier-transform-infrared>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

ESPERMACETE (<i>SPERMACETE</i>)	[Ma] Substância branca e sólida que se encontra na cabeça do cachalote com que se fabricam velas (NUNES, 2008, p. 63).
ESPIGA	1. [Tc] Parte de uma peça de madeira ou metal que entra no furo de outra peça. 2. [Mu] Painel movediço, próprio para exposições nas salas e galerias (REAL, 1962, p. 216). 3. [Ic] Sinal de fatura (FABRINO, 2012, p. 7).
ESPINHA	[Me] Instrumento das fundições para passagem do metal fundido (REAL, 1962, p. 216).
ESPINHADO	[Or] Padrões de decoração em V, muito popular em peças góticas e <i>art déco</i> (QUEIMADO, 2007, p. 136).
ESPIRA	1. [Rb] Cada uma das voltas ou contorno da espiral. Sulco disposto em forma de espiral numa coluna de retábulo, ou em outras peças de ornamentação ou construção (ÁVILA, 1979, p. 144). 2. [Ar] Base de uma coluna quando o perfil é serpeado (REAL, 1962, p. 216).
ESPIRAIS	[Or] Motivo ornamental que lembra as volutas em espiral das gavinhas (REAL, 1962, p. 216).
ESPIRAL	[De] Linha curva, não fechada, que se afasta cada vez mais do seu ponto de partida fazendo revoluções em torno dele (REAL, 1962, p. 216).
ESPIRALADO	[Or] Que tem forma de espiral ou de caracol (REAL, 1962, p. 216). Ornamento helicoidal que se compõe de uma sucessão de curvas convexas. Estes enrolamentos são normalmente encontrados em superfícies também curvas e em mais do que um plano (IMC, 2011, p. 120). O mesmo de espiróide.
ESPÍRITO DE VINHO <i>l'esprit du vin</i> [fr]	[Ma] O verniz de espírito de vinho não serve para a pintura a óleo, emprega-se pela maior parte em obras de esmalte, dissolvendo o copal no éter ordinário, e é tão secativo, que ferve debaixo do pincel por efeito da rápida evaporação do éter. Emprega-se também sobre moveis, caixas, cartões, etc., dissolvendo no álcool, em banho-maria, resinas, como o sandáracca, a almacega, a terebintina, a goma laca, etc., e podem misturar diferentes cores (RODRIGUES, 1875, p. 377).
ESPONJADO	[Ce] Técnica de decoração que consiste no uso de uma esponja embebida em pigmentos cerâmicos ou óxidos no corpo cerâmico para obter uma decoração com aparência de pedra. Usada desde o séc. XVIII, especialmente no revestimento de rodapés. ⁴⁷¹
ESPONTÂNEO	1. [Ge] Trabalho feito de uma só vez, numa só sessão. 2. [Pi] Diz-se de um quadro cuja execução é fácil, livre, sem grande procura na execução

⁴⁷¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

(REAL, 1962, p. 217).

ESPORÃO	[Or] Ponta de ferro ou de aço colocada na proa das galeras antigas, empregada comumente como motivo de ornamentação (REAL, 1962, p. 217).
ESPUMA	[Me] Diz-se da superfície borbulhante exposta ao ar de um líquido em fusão. Na fundição de estátuas retira-se a espuma com uma barra de ferro recurvada, antes de deitar o metal em fusão no molde (REAL, 1962, p. 217).
ESPUMA DE POLIETILENO EXPANDIDO (ETHAFOAM®)	[Ma] Composta por polietileno expandido, sendo esta a propriedade ideal para a confecção de bases e suportes para alguns artefatos que têm a necessidade de permanecerem no formato original (ACAM PORTINARI, 2010, p. 95).
ESQUADRAR <i>escuadra [esp]</i> <i>to square [ing]</i> <i>squadra [it]</i> <i>équarrir [fr]</i>	[Tc] Traçar, riscar ou cortar a madeira em ângulo reto, utilizando o esquadro (TEIXEIRA, 1995, p. 46).
ESQUADRIA	[It] Designação genérica para indicar portas, caixilhos, venezianas, etc. (ÁVILA, 1979, p. 41).
ESQUADRO <i>escuadra [esp]</i> <i>square [ing]</i> <i>squadra [it]</i> <i>équerre [fr]</i>	[Eq] Instrumento para traçar ângulos retos e tirar linhas perpendiculares de ferro, cobre ou madeira, composto de duas régua unidas perpendicularmente por uma de suas extremidades (TEIXEIRA, 1995, p. 45). O mesmo que <i>corta-mão</i> . ESQUADRIADO – [Tc] Delimitado a esquadro, em ângulo reto.
ESQUEMÁTICO	[Ds] Diz-se de uma representação animal ou humana reduzida a seu traço essencial, simplificada às vezes ao limite da compreensão. ⁴⁷²
ESQUIÇA, ESQUISSO, ESQUIZO <i>boceto, borron,</i> <i>borroncillo,</i> <i>esbozo [esp]</i> <i>sketch [ing]</i> <i>schizzo [it]</i> <i>esquisse [fr]</i>	[Tc] Pequeno desenho ou modelo imperfeito que exprime a ideia ou projeto de uma obra de arte (TEIXEIRA, 1995, p. 46). Ver BOSQUEJO.
ESQUIÇAR, ESQUISSAR <i>espitar [esp]</i> <i>to sketch [ing]</i>	[Tc] Fazer um pequeno desenho ou modelo imperfeito que define o projeto ou pensamento de uma obra de arte, já realizada em borrão (TEIXEIRA, 1995, p. 46).

⁴⁷² Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcoavarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

schizzare [it]
esquisser [fr]

ESQUIFE

[Rg] Suporte de madeira, do tipo padiola, com laterais vazadas e varais de suspensão. Utilizado até o início deste século para enterros sem caixão, conduzindo o corpo apenas amortalhado, é usado nas Procissões do Enterro para transportar o Cristo Morto (DAMASCENO, 1987, p. 23). **ESQUIFE DE ESPOSIÇÃO** – Féretro descoberto ou com tampa envidraçada, guardado na igreja, para expor o defunto durante as exéquias ou para a apresentação permanente dos seus restos mortais. É geralmente feito em madeira com ornamentação (THESAURUS, 2004, p. 41).

ESSA (EÇA)

cenotáfio [esp]
coffin stand [ing]
portaferetro,
niausoleum [it]
cenotaphe, porte-
cercueil [fr]

1. [Es] Do latim *cenotaphium*. Túmulo honorífico de madeira, ornado de esculturas e inscrições, sobre o qual se coloca o caixão, quase sempre vazio, mas em que algumas vezes se deposita o cadáver da pessoa, quando se lhe fazem ofícios fúnebres (RODRIGUES, 1875, p. 147). 2. [Ou] Túmulo honorífico que se levanta nas exéquias de um defunto. Nos documentos, foram encontrados também como sinônimo o termo “armação” (NUNES, 2008, p. 61). 3. [Ig] Espécie de estrado colocado nas igrejas para nele se depositar o caixão com o cadáver enquanto são efetuadas as cerimônias fúnebres (DAMASCENO, 1987, p. 24).

ESTABILIZAÇÃO

[Re] Este conceito relaciona-se com o restabelecimento da forma, aparência e funções originais do bem cultural, assim como o cessamento das reações químicas que levam à sua deterioração. Este processo pode envolver: destruição de microrganismos; tratamento das alterações geradas pelos microrganismos; transformação de produtos de alteração instáveis em produtos estáveis. Com a inibição é possível uma estabilização química e a deterioração é retardada. Os produtos mais utilizados para uma estabilização são ceras e resinas, sintéticas ou naturais, resinas de poliéster e mantas de vidro. Já na estabilização química recorre-se a compostos químicos que inibem a formação dos produtos de alteração instáveis (FÉLIX, 2013, p. 86-87).

ESTADELA

[Mo] Cadeira alta em que se sentavam os reis e os magistrados (REAL, 1962, p. 218).

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

[Ec] O estado de conservação de uma obra de arte é o modo de estar, a situação com que a obra apresenta-se no momento da sua observação, da sua análise. Dever ser analisado cada estrato: suporte, policromia, verniz, ornamentos, anexos. O estado da obra está diretamente ligado à sua construção e trajetória durante o decorrer do tempo. A obra constituída por matéria, poderá apresentar deteriorações intrínsecas e/ou extrínsecas, ou seja deteriorações decorrentes da sua construção, do envelhecimento natural de seus materiais ou deteriorações causadas por agentes externos. Antes de qualquer intervenção de conservação ou de restauração, o estado de conservação e as causas das deteriorações apresentadas pela obra deverão ser analisados e documentados. Essa

análise deve ser realizada com o auxílio de exames técnicos e científicos.⁴⁷³ Podendo haver três possibilidades:

- **Bom:** objetos inteiros, sem problemas evidentes e com integralidade de leitura;
- **Regular:** objetos com problemas de conservação, sem alteração e comprometimento de sua estrutura e com leitura integral ou praticamente integral;
- **Ruim:** objetos com problemas de conservação, alteração e comprometimento de estrutura e leitura parcial ou completamente comprometidas (ACAM PORTINARI, 2010, p. 71).

<p>ESTALA</p> <p><i>stall [ing]</i> <i>stallo [it]</i> <i>stalle [fr]</i></p>	<p>[Mo] Cadeira de espaldar alto no coro ou capela-mor das igrejas, para os eclesiásticos. Nas primitivas basílicas cristãs eram de pedra ou mármore. A partir do século XIII passam a ser de madeira e, no Barroco, são objetos esculpidos de valor artístico (NUNES, 2008, p. 64). O mesmo que cadeiral.</p>
<p>ESTALADO</p> <p><i>grietado [esp]</i> <i>crackled [ing]</i> <i>reticolato,</i> <i>screpolato [it]</i> <i>craquelé, fendillé [fr]</i></p>	<p>[Dt] Rachado (TEIXEIRA, 1995, p. 46). [Dt] Designa a rede de pequenas fissuras que cobrem uma pintura em consequência do seu envelhecimento, derivado da forma diferente como as diversas camadas pictóricas e o suporte vão se movimentando com as variações das condições ambiente, ou da utilização de certos materiais ou imperfeições técnicas.⁴⁷⁴ O mesmo que craquelê.</p>
<p>ESTALAR</p> <p><i>to crack [ing]</i> <i>fendersi [it]</i> <i>fendiller [fr]</i></p>	<p>[Dt] Rachar, fender-se. A madeira e algumas pinturas estalam devido à variação de temperatura, umidade e, também, em função da qualidade da tinta ou tipo de preparo (TEIXEIRA, 1995, p. 46).</p>
<p>ESTAMPA</p>	<p>[Or] Imagem, figura impressa, produção da gravura em suas várias modalidades (REAL, 1962, p. 220).</p>
<p>ESTAMPAGEM</p>	<p>[Ce] Técnica de decoração que consiste na aplicação do desenho por meio de uma estampa ou decalcomania com ponteados no vidro, numa só cor.⁴⁷⁵ Consiste em imprimir letras, ornatos, figuras sobre um corpo resistente (metal, cerâmica, etc.), seja em cavo ou relevo. [Ce] A moletagem ou estampagem se efetua também por compressão, estando já gravado o desenho, em sentido inverso na roseta ou moleta de aço,</p>

⁴⁷³ Notas de aula da disciplina: Técnicas e Materiais em Escultura Policromada, ministrada pela Prof^a. Maria Regina Emery Quites, no 5º período do Curso de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no ano de 2015.

⁴⁷⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴⁷⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	executado no torno ou em superfícies cilíndricas (REAL, 1962, p. 220).
--	--

ESTAMPILHAGEM	[Ce] Técnica de decoração que consiste na colocação de uma máscara ou “estampilha” – papel oleado ou placa metálica -, com o desenho que se quer reproduzir sobre o azulejo. O motivo é pintado à trincha e, consoante o número de cores, assim varia o número de estampilhas. ⁴⁷⁶
----------------------	---

ESTANDARTE	1. [Ge] Bandeira. 2. [Ou] Insígnia de corporação religiosa, militar ou civil, geralmente pendente de uma barra horizontal, presa no topo de um mastro, e apresentando cores, imagens ou símbolos representativos da agremiação a que pertence (DAMASCENO, 1987, p. 21). ESTANDARTE PROCESSIONAL – <i>processional standard [ing]; vessillo processionale [it]; étendard de procession [fr]</i> . [Rg] Tecido decorado com representações e inscrições específicas, levado em procissão pelos membros de uma confraria religiosa, de uma congregação ou de uma paróquia. É geralmente retangular e suspende-se de um varão horizontal suportado por haste; pode comportar cordões laterais com borlas nas extremidades (THESAURUS, 2004, p. 136).
-------------------	--

ESTANHO	[Me] Elemento metálico (Sn). É um metal prateado mole e maleável que se lamina facilmente em folhas. Ocasionalmente também foi usado em forma de pó. É um dos metais conhecidos desde a antiguidade e empregue desde cedo na pintura para imitar a prata e o ouro. ⁴⁷⁷
----------------	---

ESTANTE DE ALTAR	[Ig] que se coloca um só livro grande. Estante de pequenas dimensões, usada nos altares para apoio do livro. ⁴⁷⁸
-------------------------	---

ESTANTE DE CORO	[Mo] Suporte destinado a colocar os livros dos ofícios litúrgicos. São altos para facilitar a leitura ou o canto de pé (NUNES, 2008, p. 64), sobre um suporte central com base, a qual pode ter a forma de um armário com portas. Denominado também <i>atril</i> , <i>facistol</i> ou <i>antifonário</i> . ⁴⁷⁹
------------------------	---

ESTANTE DE MISSAL <i>missal stand [ing]</i> <i>leggio d'altare [it]</i> <i>pupitre d'autel [fr]</i>	[Ig] Suporte inclinado, em madeira ou metal, eventualmente com dobradiças, utilizado para colocar um livro litúrgico sobre o altar (THESAURUS, 2004, p. 141). O mesmo que atril.
---	--

⁴⁷⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴⁷⁷ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁴⁷⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴⁷⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

ESTANTE DE PÉ ALTO	[Mo] Móvel portátil, comportando apenas um plano inclinado com travão para apoio do livro. Possui um suporte alto, formado por um fuste, e uma base triangular, quadrada ou circular. ⁴⁸⁰
ESTANTE DE PÚLPITO	[Mo] Pequena estante de ferro ou madeira que apoia ou encaixa no balcão do púlpito. ⁴⁸¹
ESTANTE DE TESOURA	[Mo] Móvel articulado cuja estrutura, habitualmente em ferro ou em madeira, poderá ser integralmente revestida de tecido. Apresenta um plano inclinado para o apoio do livro - em couro ou tecido, de modo a permitir a sua articulação - e respectivo travão. A articulação é feita através de dois eixos que permitem a rotação das pernas, unindo as pernas traseiras e as dianteiras. ⁴⁸²
ESTÁTICO	[De] Firme, imóvel, em equilíbrio, diz-se de figuras que dão a impressão de imobilidade, repouso, firmeza (REAL, 1962, p. 221).
ESTÁTUA <i>estatua [esp]</i> <i>statue [ing]</i> <i>statua [it]</i> <i>statue [fr]</i>	[Es] Peça de escultura em vulto, ou pleno-relevo representando uma figura inteira de homem, mulher, divindade ou animal. Existem diversas classificações de estátuas (TEIXEIRA, 1995, p. 46). Tipologia: <ul style="list-style-type: none"> • Estátua-coluna – diz-se das estátuas embutidas, encravadas, presas pela parte inferior, talhada no mesmo bloco do fuste da coluna e sobressaindo em alto-relevo. • Estátua curul – a que representa um homem num carro, como se vê nos hipódromos antigos. • Estátua equestre – representa personagem montado a cavalo. • Estátua jacente – a figura representada deitada, em geral, sobre o túmulo de personagens célebres. • Estátua pérsica – diz-se, às vezes, das cariátides (REAL, 1962, p. 222). • Estátua-relicário – estátua ou estatueta em que se inserem receptáculos de relíquias, colocados num ou em vários compartimentos no corpo das estátuas, na base ou num recipiente de formas variadas sustentado pela figura (THESAURUS, 2004, p. 100).
ESTATUÁRIA <i>estatuaría [esp]</i>	[Ta] Arte de esculpir ou fazer estátuas, escultura. Arte de fazer imagem (TEIXEIRA, 1995, p. 46).

⁴⁸⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴⁸¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴⁸² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>statuary [ing]</i> <i>arte statuaria [it]</i> <i>statuaire [fr]</i>	
--	--

ESTATUÁRIO	[At] Escultor que faz estátuas (TEIXEIRA, 1995, p. 46).
<i>estatuario [esp]</i> <i>sculptor [ing]</i> <i>statuario [it]</i> <i>statuaire [fr]</i>	

ESTATUETA	[Es] Estátua de pequenas dimensões (DAMASCENO, 1987, p. 24), ou inferior a da figura humana.
<i>estatuilla [esp]</i> <i>small statue [ing]</i> <i>statuette [it]</i> <i>statuette [fr]</i>	

ESTAURÓTECA	[Rg] Relicário que contém a relíquia da Vera Cruz (em francês, diz-se <i>croix reliquaire de la Vraie Croix</i>), em forma de cruz ou de caixa retangular e achatada. Ver CRUZ-RELICÁRIO (THESAURUS, 2004, p. 101).
<i>staurothèque [ing]</i> <i>stauroteca [it]</i> <i>reliquaire de la Vraie Croix [fr]</i>	

ESTAURÓFORO	[Rg] Aquele que leva a cruz nas procissões; cruciferário (REAL, 1962, p. 222).
--------------------	--

ESTAURÓLATRA	[Rg] Aquele que adora a cruz, nome dado especialmente a uns sectários armênios que não adoravam outra imagem além da cruz (REAL, 1962, p. 222).
---------------------	---

ESTEIRA	[It] Tipo de material feito de fibras trançadas, podendo ou não formar desenhos, usado para forros e outros elementos da construção. No primeiro caso, aparece em planos inclinados, acompanhando a declividade do telhado, ou em planos horizontais (ÁVILA, 1979, p. 41). Ver URUPEMA.
----------------	---

ESTELA	[Ar] Monólito, espécie de coluna destinada a ter uma inscrição, marco (REAL, 1962, p. 222).
---------------	---

ESTEMA	1. [In] Coroa, grinalda. 2. [Ou] Árvore genealógica, linhagem (REAL, 1962, p. 223).
---------------	---

ESTÊNCIL	[Ta] Folha de papel ou outro material com um padrão desenhado com pequenos furos feitos a punção. Quando esfregado com um pigmento em pó, deixa os pós-coloridos passarem pelos orifícios e transferir o padrão para a camada de preparação. ⁴⁸³
<i>estarcido [esp]</i> <i>stencil [ing]</i>	

ÉSTER	[Ma] Na química orgânica e bioquímica, os ésteres constituem o grupo funcional, que consiste em um radical orgânico unido ao resíduo de
--------------	---

⁴⁸³ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/estarcido>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

qualquer ácido oxigenado, orgânico ou inorgânico. Um éster é o produto da reação de um ácido (geralmente orgânico) com um álcool (o hidrogênio do ácido R-COOH é substituído por um grupo alquilo R"). Os ésteres mais comuns que se encontram na natureza são as gorduras e os óleos vegetais, os quais são ésteres de glicerol e de ácidos graxos. Os ésteres resultam frequentemente da condensação (uma reação que produz água) de um ácido carboxílico e de um álcool. Ao processo dá-se o nome de esterificação.⁴⁸⁴

ESTEROTIPADO	[Ge] Reproduzido fielmente, fixo, inalterável (REAL, 1962, p. 223).
ESTIGMA	[Ic] Os estigmas seriam as marcas das cinco chagas de Jesus pregado na cruz, e surgem nas mãos e pés, costas (marcas das chibatadas) e cabeça (marca da coroa de espinhos). ⁴⁸⁵
ESTILEMA	[Es] É a marca ou traço pessoal que se torna uma constante do estilo de um autor. ⁴⁸⁶ Na escultura, são considerados <i>estilemas</i> , aquelas unidades mínimas que permeiam a obra de um artista e que necessariamente não são idênticas, mesmo porque as obras evoluem e estão sujeitas a mudanças iconográficas, formais e estéticas embutidas na linguagem da arte. Nas artes plásticas também são usados “cacoete”, “assinatura”, “caligrafia”, termos que fazem analogia, mas não expressam o forte significado de traços ou sinais que identificam uma obra e um autor. Um método de atribuição tem suas raízes no fim do século XIX, com o médico Giovanni Morelli, que usando a pintura italiana, dizia que era importante não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas e mais facilmente imitáveis das obras. Ao contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia, como: lóbulos de orelhas, unhas, dedos dos pés e das mãos. Ginzburg discute a analogia entre as pistas: signos pictóricos para Morelli, indícios para Sherlock Holmes e sintomas para Freud. ⁴⁸⁷ Ver CACOETE.
ESTILETE <i>estilete [esp]</i> <i>stiletto [ing]</i> <i>stiletto [it]</i> <i>stylet,</i> <i>petit poignard [fr]</i>	[Eq] Instrumento com lâmina fina e pontiaguda, utilizado para diversos fins, entre eles, esgrafiar (TEIXEIRA, 1995, p. 47).

⁴⁸⁴ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁴⁸⁵ Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/o-que-sao-estigmas/>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

⁴⁸⁶ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/estilema>>. Acesso em: 14 maio 2018.

⁴⁸⁷ GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e história. São Paulo, Companhia das letras. 1990. P. 144.

ESTILÍSTICA	[Et] Tratado das diferentes formas ou espécies de estilo e dos preceitos concernentes a cada um (REAL, 1962, p. 223).
ESTILIZAÇÃO	[Ap] Representação de um animal, de um humano ou de um objeto numa forma simplificada para obter um efeito decorativo. ⁴⁸⁸
ESTILIZAR	[Ds] Desenhar, modificando com intenção decorativa, as linhas do modelo (REAL, 1962, p. 223).
ESTILO	[Et] Maneira original de um artista se exprimir. Às vezes o termo é impropriamente usado para indicar as características comuns a uma época, a um período ou a uma corrente. ⁴⁸⁹ Termo ambíguo, difícil de definir, tratando-se de um conjunto de caracteres técnicos e estéticos comuns as obras atribuídas a uma mesma época. ⁴⁹⁰
ESTILÓBATO	[Ar] Plano ou, mais propriamente, o último degrau de uma escadaria no qual se apoia uma colunata (ÁVILA, 1979, p. 42).
ESTIMATIVA	[Ou] Avaliação, diz-se do valor que um perito dá a uma obra de arte (REAL, 1962, p. 224).
ESTÍPIDA	[Ar] Coluna abalaustrada ou invertida (REAL, 1962, p. 224).
ESTÍPITE	[Rb] Pilastra em forma de estípite, isto é; tronco ou caule de onde nascem os ramos (ÁVILA, 1979, p. 144). Elemento de sustentação com estreitamento voltado para baixo, seccionado de forma quadrangular e apresentando decoração em ramagens nas faces planas. Muito comum no barroco hispânico, aparece ocasionalmente em Minas Gerais (coro da Matriz de Tiradentes; retábulo-mor do Santuário de Congonhas e retábulo de Nossa Senhora da Boa Morte da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias de Ouro Preto) (DAMASCENO, 1987, p. 24).
ESTOFADOR	[At] Artífice que faz estofamento (TEIXEIRA, 1995, p. 47).
ESTOFAMENTO ou ESTOFADO <i>estofado [esp]</i> <i>Estofat (Quilting) [ing]</i>	[Po] É a representação do panejamento (tecidos, bordados, etc.). Na imaginária, essa representação pode chegar a um requinte, com a utilização de várias técnicas de ornamentação: esgrafito, <i>pastiglia</i> , punção, pintura a pincel, além da utilização de recursos como colocação de rendas, incrustação de pedras, etc. (MEDEIROS, 2000, p. 47). A imaginária, principalmente a que foi decorada a partir do século XVIII, tem na sua generalidade uma decoração muito rica que era executada sobre mantos, roupagens, nuvens e asas de querubins, com diferentes

⁴⁸⁸ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴⁸⁹ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural. Disponível em: <<http://patrimoniocultural.blog.br/glossario/>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

⁴⁹⁰ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<p>tons. O termo tem origem na palavra francesa <i>etóffe</i>, sendo utilizado para a pintura sobre a folha metálica imitando os tecidos de ricos lavores, como os adamascados e brocados (FAUSTO, 2010, p. 275). Diz-se do processo de policromia usado para fingir a indumentária de imagens de santos e anjos. Pode consistir na aplicação de pintura sobre o douramento da peça (ÁVILA, 1979, p. 144).</p>	
--	--

<p>ESTOFAR</p>	<p>[Tc] Ação de branquear uma figura talhada ou entalhada para dourar e aplicar sobre ela os pães de ouro. Significa também a ornamentação das vestes das imagens trabalhada de modo a imitar tecidos.⁴⁹¹ Fazer estofamento. Retirar ou riscar, com um ponteiro ou estilete, a camada de tinta sobre o ouro brunido, fazendo desenhos ornamentais nas vestes das imagens (TEIXEIRA, 1995, p. 47). Cobrir de estofa; acolchoar (REAL, 1962, p. 224). Ver ESTOFAMENTO.</p>
-----------------------	--

<p>ESTOLA</p> <p><i>stole</i> [ing] <i>stola</i> [it] <i>étole</i> [fr]</p>	<p>[In] Paramento litúrgico em forma de tira comprida, com cruz bordada no meio e nas pontas franjadas. O sacerdote usa-a sobre o peito, para officiar. Deve ser confeccionada com o mesmo tecido da casula (DAMASCENO, 1987, p. 25). Sua origem deve estar associada aos senadores e cônsules romanos para mostrar posição de autoridade. Passou a ser usado após o reconhecimento da Igreja por Constantino no século IV. É distintivo de ofício sacerdotal (NUNES, 2008, p. 64).</p>
--	---

<p>ESTRADO</p>	<p>[Ge] Parte elevada num lugar qualquer, em que se coloca um trono, um leito; tablado; palanque; supedâneo (REAL, 1962, p. 224).</p>
-----------------------	---

<p>ESTRATIGRAFIA</p>	<p>[Ex] Sequência de camadas numa pintura ou policromia de escultura, geralmente notadas em ordem numérica crescente, do suporte até a última camada externa, que pode ser uma folha metálica, um verniz, uma veladura, ou uma camada de tinta (SOUZA, 1996, p. 12). Seção transversal de uma amostra de pintura na qual todos os estratos são observados como resultado de um determinado processo criativo, que é baseado na superposição de diferentes camadas.⁴⁹²</p>
-----------------------------	--

<p>ESTRATO</p>	<p>[Es] Cada uma das camadas reduzidas durante o processo de talha (TEIXIDO I CAMI, 1997). Ver ESTRATIGRAFIA.</p>
-----------------------	--

<p>ESTRELA</p> <p><i>etoile</i> [fr]</p>	<p>[Or] Ornato com pontas de número variável que lembra as estrelas (REAL, 1962, p. 224).</p>
---	---

<p>ESTRESIR</p>	<p>[Ta] Passar de um papel para outro (um desenho) picando-so nos contornos e deitando-lhe pó de lápis ou carvão; estresido (REAL, 1962, p. 225).</p>
------------------------	---

⁴⁹¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴⁹² Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/estratigrafia>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

<p>ESTRIA <i>estria [esp]</i> <i>groove, hatching,</i> <i>streak [ing]</i> <i>stria [it]</i> <i>strie, cannelure [fr]</i></p>	<p>1. [Or] Ornamento muito utilizado nas colunas. É um canal fino, formando um sulco na madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 47). Cortes ou nervuras verticais num objeto cilíndrico ou numa coluna (QUEIMADO, 2007, p. 136). Cada uma das caneluras ou meias-canais que ornam uma coluna ou pilastra (ÁVILA, 1979, p. 144). O mesmo que canelura. 2. [Pi] Molduras fingidas executadas sobre pintura de ornamentação. Têm o aspecto de filetes dourados, paralelos, semelhantes às estrias produzidas pelo gradim (REAL, 1962, p. 225).</p>
<p>ESTRIAR <i>estriar [esp]</i> <i>to groove,</i> <i>to flute [ing]</i> <i>scanalare, striare [it]</i> <i>strier, canneler [fr]</i></p>	<p>[Tc] Fazer sulcos, canais, estrias na superfície da madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 47).</p>
<p>ESTRIGIL</p>	<p>[Ar] Caneluras fundas que, em vez de serem verticais, descrevem curvas em “S” ou em espiral (REAL, 1962, p. 225).</p>
<p>ESTUCHA</p>	<p>[Ou] Peça de ferro ou madeira que serve de cunha (REAL, 1962, p. 225).</p>
<p>ESTÚDIO <i>estudio, taller de</i> <i>artista [esp]</i> <i>studio [ing]</i> <i>studio [it]</i> <i>atelier [fr]</i></p>	<p>[Ou] Ateliê, local de trabalho do artista (TEIXEIRA, 1995, p. 47).</p>
<p>ESTUDO <i>estudio [esp]</i> <i>study, preparatory</i> <i>drawing [ing]</i> <i>studio, modelo [it]</i> <i>étude [fr]</i></p>	<p>[Tc] Detalhe de uma obra feito em desenho, modelação ou outros (TEIXEIRA, 1995, p. 47).</p>
<p>ESTUFA ou CÂMARA DE SECAGEM</p>	<p>[Ce] Local com temperatura apropriada à secagem do material em preparação ou das peças de cerâmica (REAL, 1962, p. 226).</p>
<p>ESTUQUE <i>stuc [fr]</i></p>	<p>1. [Tc] Argamassa feita de gesso ou cal, areia fina ou pó de mármore, revestindo trançado de metal ou treliça de madeira que se usam como paredes secundárias, forros e ornamentos (ÁVILA, 1979, p. 42). O estuque é usado para preparar uma superfície ou nivelá-la, ou para obter relevos decorativos, esculpidos ou moldados.⁴⁹³ Massa de revestimento que se torna dura e impermeável. O escaiole é um tipo de estuque. A palavra estuque é usada também para descrever uma parede com</p>

⁴⁹³ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/estuco>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

	estrutura em entramado de madeira, sobre o qual a massa de revestimento é aplicada. ⁴⁹⁴ ESTUQUE VENEZIANO – O mesmo que marmorino.
--	--

ETANOL	[Ma] Fórmula: C ₂ H ₆ O. Álcool alifático. Solvente orgânico alifático. Líquido transparente, translúcido, higroscópico, altamente inflamável e com odor característico. É vendido em várias porcentagens, chegando aos 95% para o público em geral. É completamente solúvel em água, álcoois, éter, acetona, clorofórmio e ácido acético. Solúvel em benzeno. Usado como solvente de uma forma geral, sendo utilizado para diminuir a tensão superficial de uma solução. Usado puro ou em soluções na eliminação de vernizes e repinturas. Serve também como agente acelerador de evaporação de água. Solvente de produtos orgânicos, antigel. Utilizado no primeiro banho (após testes) para melhorar a absorção de água pelo papel, facilitando uma limpeza mais profunda. Desinfecção. Fungicida. Remoção de fitas adesivas. Não deve ser guardado perto de peróxidos, ácido nítrico e ácido clorídrico (ABRACOR, 2011, p. 108). Sinonímia: Álcool etílico.
---------------	---

ETHAFOAM®	Ver ESPUMA DE POLIETILENO EXPANDIDO .
------------------	--

ETHOMEEN®-C12	[Ma] Base. Líquido transparente, amarelado e de odor característico, semelhante ao amoníaco. Praticamente insolúvel em água. Solúvel em solventes apolares como xileno, tolueno, white spirit e essência de terebintina. Juntamente com o ácido poliacrílico, é utilizado na preparação de géis de solventes apolares. Substância alcalina e corrosiva que provoca irritação cutânea grave quando em contato com a pele (PEIXOTO, 2012, p. 115). Sinonímia: Amina de coco.
----------------------	--

EUPLÁTICO	[Ap] Relativo às formas plásticas (REAL, 1962, p. 226).
------------------	---

EURRITMIA	[Ap] Regularidade; beleza das proporções (REAL, 1962, p. 226).
------------------	--

EVANGELHO (lado do)	[Ig] Lado esquerdo do interior da igreja, o lado esquerdo do altar, em relação aos assistentes, local onde tradicionalmente são feitas as leituras dos Evangelhos. [Rg] Cada um dos quatro principais livros do Novo Testamento, escritos respectivamente por São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João, que narram fatos da vida de Cristo (DAMASCENO, 1987, p. 25).
----------------------------	--

EVAPORAÇÃO	[Qm] Processo físico que consiste na passagem de uma substância em estado líquido para estado de vapor, em função de aumento natural ou artificial de temperatura. ⁴⁹⁵
-------------------	---

⁴⁹⁴ CONJUNTO... 2007, p. 176.

⁴⁹⁵ Disponível em:
 <<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=evapora%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

EXAME	[Ex] Determina a natureza e método de composição ou as propriedades dos materiais utilizados na realização dos artefatos e identifica as causas da sua deterioração (ACAM PORTINARI, 2010, p. 104).
EXAME ESTRATIGRÁFICO	[Ex] Em escultura, significa examinar os estratos da policromia que na escultura possui grande complexidade. Devem ser feitos para verificar se a policromia é original, se possui repolicromias ou repinturas. No caso da pintura original, este exame é importante para se conhecer a técnica construtiva, ou seja, como é a estrutura das camadas: se a preparação é espessa ou fina, a cor do bolo armênio, se o douramento é total ou de reserva, se a folha metálica é ouro ou prata, se há folha de prata imitando ouro. No caso de indícios de repolicromia e repinturas este exame é de fundamental importância, pois toda tomada de decisão, para uma remoção ou não, depende de exames criteriosos e bem executados. É realizado pelo restaurador a olho nu, com lupas de aumento ou microscópio estereoscópio com aumentos de 5 a 40 vezes (COELHO; QUITES, 2014, p. 153).
EXAMES GLOBAIS E PONTUAIS	[Ex] Os globais são aqueles realizados na obra como um todo e os pontuais ou não. Podendo ser chamados de não destrutivos (globais) e destrutivos (pontuais) (COELHO; QUITES, 2014, p. 107).
EXAMES ORGANOLÉPTICOS	[Ex] Em escultura, são aqueles realizados pelo conservador-restaurador or meio dos seus órgãos de sentido (visão, tato, audição) com o objetivo de realizar um primeiro diagnóstico básico das condições da obra. Devem ser feitos preferencialmente com boa luz, sem nenhuma lupa ou lente de aumento. A obra deve ser observada em detalhes e em toda sua tridimensionalidade sendo importante ressaltar que a obra deve ser vista de frente, verso, lateral direita e esquerda, na parte superior da cabeça e na parte inferior da base. Por meio do tato pode-se sentir desníveis de suporte e policromia. Com a audição fazemos o exame de percussão batendo levemente na superfície para diagnosticar possíveis diferenças de som e, conseqüentemente, áreas de densidade diferente. Por exemplo, um vazio entre o suporte e a policromia ou áreas ocas no suporte, por ataque de insetos, ou pela técnica construtiva (COELHO; QUITES, 2014, p. 107).
EXAMES TOPOGRÁFICOS	Ver LUZ RASANTE e TANGENCIAL .
EXÉQUIAS	[Li] Celebração litúrgica de uma comunidade que se despede de um membro falecido. O ritual das exéquias está organizado em três estações: o local do velório, no templo e no cemitério (NUNES, 2008, p. 64).
EXOTÉRMICA	[Qm] Reação química com desprendimento de calor. Reação que ocorre durante a hidratação da cal virgem (óxido de cálcio) com a água (KANAN, 2008, p. 166).

EXPERTISE	[Ap] Termo francês. Peritagem. EXPERT – Profissional conhecedor e avaliador de obras de arte (REAL, 1962, p. 227). O mesmo que perito.
EXPOGRAFIA	[Mu] Termo que designa as atividades que envolvem a montagem de uma exposição. Conjunto de conceitos e técnicas associados, focados na tradução de um conceito curatorial em linguagem expositiva museológica. Diferente da cenografia, a expografia tem como foco o objeto museológico. Ele deve ser o alvo de atenções, e todas as estratégias de manipulação do espaço devem prever sua valorização e, em igual equilíbrio, sua segurança. Soluções sobre percursos expositivos, uso de cores de painéis e bases, uso de vitrinas, linguagem de apoio, etiquetas entre outros, são objeto de atenção da expografia (ACAM PORTINARI, 2010, p. 104).
EXPOSIÇÃO	[Mu] Mostra de trabalhos de arte, ciência ou história em recinto apropriado. Pode ser permanente (coleções de museus), temporária (por tempo determinado), itinerante (em várias localidades), retrospectiva, comemorativa (REAL, 1962, p. 227).
EXPOSITÓRIO EUCARÍSTICO ou CANCELO <i>exposition throne [ing] tronetto per esposizione eucaristica [it] exposition [fr]</i>	[Rg] Estrutura em forma de edícula com base saliente, na qual se coloca o ostensório durante a adoração do Santíssimo Sacramento. Pode ser fixo ao sacrário (sacrário-expositório) ou móvel, colocando-se, geralmente, sobre o altar. É frequente integrar um painel de fundo e, como cobertura, um dossel ou um resplendor. Quando apresenta maior dimensão e estrutura arquitetônica mais complexa, diz-se trono eucarístico (THESAURUS, 2004, p. 49).
EXPRESSÃO	[Ap] Diz-se da interpretação de uma figura ou fato em que está bem expresso seu caráter intrínseco (REAL, 1962, p. 227).
EXSUDAÇÃO	[Bo] Transpiração, passagem de líquido pelos poros de um objeto ou planta (ACAM PORTINARI, 2010, p. 91).
EXTRATIVOS	[Ma] São considerados constituintes secundários e são compostos químicos que não fazem parte da parede celular, estando principalmente presentes na casca. Eles englobam óleos essenciais, resinas e pigmentos (FÉLIX, 2013, p. 103).
EX-VOTO	[Rg] Peça geralmente pintada ou esculpida, que se oferece e expõe numa igreja ou capela em comemoração de voto ou promessa cumpridos, após uma graça alcançada. Em escultura, quase sempre reproduz membros do corpo humano curados de alguma enfermidade grave, ou representa alguma situação difícil da qual o ofertante se livrou. É também comum serem oferecidas mechas de cabelo e objetos de uso pessoal do fiel (DAMASCENO, 1987, p. 25). Algumas destas peças são acompanhadas por inscrições de agradecimento e que

descrevem a graça concedida ou o milagre realizado (IMC, 2011, p. 114). Na generalidade são obras de arte de carácter popular.⁴⁹⁶ O mesmo que milagre.

⁴⁹⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.



**FÁBRICA ou
FÁBRICA DA
IGREJA**

fabrique [fr]

[Ig] Conjunto dos bens patrimoniais, ou dos seus rendimentos, destinados à conservação e reparo das igrejas, bem como às despesas e à manutenção do culto divino (TRINDADE, 1998, p. 388).

**FACA DE
DOURADOR**

*cuchillo [esp]
a knife [ing]
coltello [it]
couteau [fr]*

[Eq] Instrumento cortante, de aço ou outro material, com cabo de feitio variado. No douramento é utilizada uma faca pouco afiada para não cortar a almofada onde estão depositadas as folhas de ouro. Esta faca deve ser limpa com cortiça e a seco (TEIXEIRA, 1995, p. 48).

FACE

face, panneau [fr]

[De] Designa as superfícies de um objeto.⁴⁹⁷ Toda superfície plana e aparelhada e que fica à vista, seja madeira, pedra, tijolo; anverso (REAL, 1962, p. 229).

FACEAMENTO

*facing [ing]; [it]
cartonnage [fr]*

[Re] Processo utilizada na proteção de camadas pictóricas, consiste em aplicar papel japonês, ou um material recomendável para criar essa face, um papel geralmente de fibras longas capazes de terem forças suficientes para prender a pintura, colado sobre a superfície decorada. O adesivo deve ser previamente testado e pode ser utilizada uma cola proteica (cola de coelho ou cola de peixe), ou resina acrílica termoplástica, dependendo dos adesivos das preparações originais e da resistência das policromias. Processo de fixação indicada em casos de desprendimento, sendo utilizada para permitir o manuseio das peças, ou a sua desmontagem, ou a restauração da obra. A sua remoção deve ser feita com o solvente adequado à diluição do adesivo somente depois do tratamento das estruturas. O faceamento tem assim duas funções: a de proteger as camadas pictóricas e de evitar que haja grandes desprendimentos, ajudando a fixar as zonas em desprendimento uma vez que o adesivo vai penetrar nas áreas levantadas (QUEIMADO, 2007, p. 137), porém, é importante saber que em alguns casos é necessário aplicar um verniz protetor, antes de fazer o faceamento, pois pode ter um efeito contrário ao ser removido.

FACISTOL

lutrin [fr]

[Mo] Grande estante de madeira presente geralmente na parte do coro das igrejas, conventos e mosteiros. É utilizado para colocação de livros

⁴⁹⁷ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	de canto ou litúrgicos (FABRINO, 2012, p. 126). Com o plano inclinado, muitas vezes, consistindo numa escultura em forma de águia com as asas abertas (THESAURUS, 2004, p. 52).
--	---

FAIANÇA <i>faïence [fr]</i>	[Ce] Designação que tem origem na cidade italiana de Faenza, importante centro produtor e exportador de cerâmica desde o século XV. Atualmente, refere-se a um grande grupo de produtos cerâmicos de pasta mais ou menos porosa, e mais frequentemente branca, recoberta por um revestimento de vidro com ou sem decoração. Inclui-se neste grupo uma grande parte das louças utilitárias, de mesa e decorativas. ⁴⁹⁸ No período colonial brasileiro, esse material chegou a ser utilizado como ornato do revestimento de algumas fachadas à maneira dos azulejos (ÁVILA, 1979, p. 147). FAIANÇA FINA – <i>cailloutage [fr]</i> . [Ce] É uma louça com a pasta permeável, opaca, de textura granular e quebra irregular que, para se tornar impermeável a líquidos, deve ser coberta com um esmalte. Sua temperatura de queima varia entre 600°C e 1150°C. Foi a classe de louça doméstica mais popular no Brasil no século XIX. FAIANÇA PORTUGUESA – [Ce] Designação corrente da cerâmica argilosa de vidrado estanífero. A faiança lusitana tem como elementos básicos na sua composição a argila plástica (barro) e o carbonato de cálcio, na dosagem aproximada de seis e quatro partes. A coloração e resistência da pasta dependem da natureza das terras. ⁴⁹⁹
---------------------------------------	--

FAISCADO	[Ta] Pintura à imitação de mármore (ÁVILA, 1979, p. 147). O mesmo que mármore fingido.
-----------------	--

FAIXA <i>bande, bandeau, ceinture [fr]</i>	1. [Ar] Banda, friso ou qualquer cinta mais ou menos estreita e comprida; moldura chata de pouca largura (REAL, 1962, p. 231). 2. [Ce] Tipo de moldura linear que pode ou não limitar uma composição ou uma área de cor lisa. Geralmente, a faixa tem metade do tamanho do azulejo que acompanha. ⁵⁰⁰
--	--

FALBALÁ ou FOLHO <i>falbala, prêtintailles [fr]</i>	[Ig] Guarnição de pregas, tira de tecido franzida ou pregueada que serve para adornar a parte inferior de vestuário, cortinas, toalhas de altar, etc. (REAL, 1962, p. 231).
---	---

FALDA <i>falda [ing]</i> <i>falda [it]</i> <i>falda [fr]</i>	[In] Veste talar, larga, comprida e com cauda de seda branca, usada pelo Papa nas celebrações litúrgicas e consistórios (THESAURUS, 2004, p. 173).
--	--

FALDISTÓRIO	[Mo] Também designado por <i>facistol</i> , é um móvel de assento utilizado
--------------------	---

⁴⁹⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁴⁹⁹ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵⁰⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>faldstool [ing]</i> <i>faldistorio [it]</i> <i>faldistoire,</i> <i>faudesteuils,</i> <i>chaières [fr]</i>	pelo prelado. A maioria dos exemplares conhecidos é executada em metal, ou em madeira. Possui uma estrutura em regra rígida, habitualmente desprovida de espaldar, mas sempre com braços. Deveria ser coberto de tecido de acordo com a cor litúrgica do dia, e era colocado diante do altar. ⁵⁰¹ Cadeira episcopal sem espaldar e pernas cruzadas, colocada ao lado do altar-mor numa igreja (QUEIMADO, 2007, p. 180).
FALHA <i>soufflure [fr]</i>	[Es] Cavidade que se produz no interior das peças fundidas; defeitos comuns ocorridos em estátuas fundidas (REAL, 1962, p. 231).
FALQUEAR, FALQUEJAR <i>desbastar [esp]</i> <i>to rough-hew, to</i> <i>square [ing]</i> <i>squadrare [it]</i> <i>équarrir [fr]</i>	[Tc] Desbastar, esquadriar a machado ou a enxó (TEIXEIRA, 1995, p. 48).
FALSIFICAÇÃO ou CONTRAFACÇÃO <i>contrefaçom, trucege,</i> <i>truquage [fr]</i>	[Ap] Reprodução; imitação fraudulenta. FALCIFICADOR – Aquele que falsifica. FALSIFICAR – Copiar uma obra de arte com o intuito de fazê-la passar pela original (REAL, 1962, p. 231).
FALSO <i>faux [fr]</i>	1. [Ge] Adulterado, falsificado. Cópia ou imitação feita com a intenção de enganar, que é introduzida no mercado passando-a através do trabalho de um determinado período artístico ou de um artista valorizado, diferente daquele que realmente o fez. 2. [Ap] Às vezes, uma cópia feita sem vontade fraudulenta pode acabar sendo uma farsa no comércio de arte. ⁵⁰² Um falso é uma obra de arte feita com a intenção expressa de ser comercializada ou circular como uma outra diferente. Esta intenção afasta da noção de falso as réplicas, feitas no atelier de onde procede o original pelo pintor ou pelos seus discípulos, as cópias feitas com intenção de multiplicar o modelo antes da reprodutibilidade mecânica da obra de arte, ou por razões de estudo e aprendizagem e, finalmente, as más atribuições, isto é, o reconhecimento em determinada fase, pela historiografia, ou pelo comércio, de uma autoria que mais tarde não se comprova. A história dos falsos remonta pelo menos à antiguidade romana, onde algumas esculturas importadas como gregas eram efetivamente forjadas para serem vendidas como tais. A assinatura falsa, feita com intenção de burla, ou para sublinhar uma atribuição existiu desde há muito, correspondendo a modas que hoje nos podem parecer absurdas. Outra situação é quando um pequeno fragmento de pintura é continuado com técnicas que pretendem não deixar entender a parte completada. Conhecem-se casos, por exemplo, nos chamados “Primitivos Flamengos”, em que mais de

⁵⁰¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵⁰² Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/falso>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

metade da composição foi completamente refeita. A situação foi relativamente corrente no século XIX, quando os restauradores eram, sobretudo, artistas, habituados à execução de cópias, mas continuou, nos finais do século e no século XX, associada a uma tentativa de aumentar o valor comercial das obras, isto é, de alguma forma, a falsificar, ainda que uma parte da pintura seja verdadeira. A análise do suporte, a detecção de pigmentos ou ligantes que não se encontravam em uso, na época e a análise à luz ultravioleta são elementos de despistagem dos falsos, cuja detecção se torna mais difícil quanto mais contemporânea é a obra falsificada.⁵⁰³

FANFRELUCHE

[Ou] Coisa leve; ornamento de pouco valor (REAL, 1962, p. 232).

fanfreluche [fr]

FANHÃO

papal fanon [ing]

fanone papale [it]

fanon papal [fr]

[In] Veste exclusiva do Papa. De seda com riscas brancas e douradas, é constituída por duas romeiras sobrepostas, unidas no decote, ambas de corte circular, mas sendo a de cima mais curta e com chanfradura nas costas, orlada com galão de ouro e debruada a arminho; à frente, apresenta uma cruz bordada a ouro. É vestida entre a alva e o roquete ou a casula, mas deixando passar a romeira de cima a cair sobre estes.

FASQUIA

ripia [esp]

lath [ing]

Ranghette [it]

latte, liteau [fr]

1. [Ma] Sarrafo, ripa, pedaço de madeira comprido e estreito (TEIXEIRA, 1995, p. 48). Talisca ou ripa de madeira. Elemento componente das treliças (ÁVILA, 1979, p. 43). 2. [Md] Paralelepípedo retangular, em madeira dura, colocado num alojamento adequado, com as fibras ao contrário à da madeira do suporte.⁵⁰⁴ **FASQUIAR** – [esp]; *to lath* [ing]; [it]; *latter, liteler* [fr]. [Tc] Serrar em fasquias ou construir com fasquias (TEIXEIRA, 1995, p. 48).

FATORES DE DETERIORAÇÃO

[Dt] Podem ser classificados como fundamentais, secundários e acidentais, conforme a sua importância. Nos primeiros incluem-se todos os parâmetros que caracterizam o meio ambiente, a luz, a poluição, temperatura e umidade relativa. Os secundários são aqueles que englobam parasitas, vibrações, embalagens e a utilização incorreta de equipamentos. Por último, os fatores acidentais prendem-se com catástrofes naturais, fogos e atos de vandalismo, e estes podem nunca ocorrer. Tal como outros materiais, a madeira está sujeita a fatores de degradação de vários tipos. Estes podem ser físicos e químicos, mas são sobretudo de ordem biológica. (FÉLIX, 2013, p. 50).

FATURA

factura [esp]

handling [ing]

[Tc] Modo de executar uma obra de arte própria de um artista (TEIXEIRA, 1995, p. 48).

⁵⁰³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵⁰⁴ GLOSSÁRIO de Restauo (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauo.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<i>fattura [it]</i> <i>facture [fr]</i>	
FAUNO <i>faune [fr]</i>	[Ic] Divindade campestre carípede, cornuda e cabeluda. Representada com muita frequência em escultura, em baixo-relevo de frisos, em decorações mitológicas, etc. (REAL, 1962, p. 233).
FAUTEUIL	[Mo] Com origem no faldistório é um assento com espaldar e braços, muito desenvolvido no século XVIII (QUEIMADO, 2007, p. 181).
FAZENDA	[Ou] Tecido; pano.
FAZERES	[At] Modos de fazer e criar. Ofícios.
FÉ	[Ic] A primeira das três virtudes teológicas (NUNES, 2008, p. 69).
FECHADURA	[It] Peça de metal que, por meio de uma ou mais linguetas e com auxílio de uma chave, é utilizada para tranca de portas, cofres, urnas, oratórios e outras peças de guarda de valores. O mecanismo de uma fechadura é essencialmente composto de três partes: a fechadura propriamente dita - espécie de caixa de metal que contém um dispositivo que impele a lingueta; a chave; e a CHAPA DETESTA – pequena caixa metálica vertical, pregada na porta, que espera e recebe a extremidade da lingueta (DAMASCENO, 1987, p. 25).
FECHAMENTO <i>fini, achevé [fr]</i>	[Ge] É o arremate, o retoque, o acabamento de qualquer obra (REAL, 1962, p. 233).
FECHO DE OGIVA <i>d'arc d'ogive [fr]</i>	[Or] Pedra ornamentada onde se encontram, no seu vértice, os arcos de uma abóbada ogival. Estes fechos prolongam-se e fazem grandes <i>pendurais</i> decorados (REAL, 1962, p. 234).
FECHO PENDURAL ou CHAVE PENDENTE <i>clef pendante [fr]</i>	[Or] Fecho de abóbada ou arco cuja parte inferior se prolonga e termina com um ornato (REAL, 1962, p. 234).
FEITURA	[Ge] Ato, efeito ou modo de fazer uma obra, um trabalho (REAL, 1962, p. 234).
FEIXE (de coluna) <i>faisceau [fr]</i>	[Ar] Grupo de colunas delgadas, reunidas e formando um pilar, muito em uso na arquitetura gótica. FEIXE DE ORNATO – <i>tore de laurier [fr]</i> . Folhas de loureiro, ou qualquer ramagem reunida para formar uma moldura (REAL, 1962, p. 235). Ver TORÇAL DE LOURO .
FEL DE BOI	[Ma] Bêlis de boi, usada para desengordurar a madeira antes de passar a cola, facilitando a sua aderência (TEIXEIRA, 1995, p. 48). Tensativo orgânico. Fel (Líquido produzido pela vesícula biliar) extraído de bovinos que é misturado com álcool etílico. É um líquido verde acastanhado

	constituído por colesterol, ácido glicólico e outros compostos orgânicos. É utilizado em conservação e restauro como tensoativo. Pode ainda ser usado como aditivo em aquarela e guache, melhorando a sua fluidez (PEIXOTO, 2012, p. 116).
FELOPLÁSTICA <i>phelloplastique [fr]</i>	[Es] Arte de esculpir em cortiça (REAL, 1962, p. 235).
FENDA <i>gerçure [fr]</i>	[Dt] Rachadura. Abertura natural da madeira na mesma direção que o veio. É resultado das diferenças de umidade. Depois de estabilizar as condições ambientais não é necessária outra intervenção, contudo, em algumas ocasiões pode ser conveniente preenche-las com um adesivo que evite a continuidade da tensão de abertura e proteja a entrada de pó e insetos. ⁵⁰⁵ Apresenta abertura maior e mais profunda que a fissura. Altera as propriedades mecânicas e resistência do objeto. Pode ser uma abertura natural da madeira na mesma direção que o veio.
FENDILHADO	Ver CRAQUELÊ .
FÊNIX (ave)	1. [Ic] Ave que, segundo a mitologia, vivia muitos séculos e, depois de queimada, renascia das próprias cinzas. Segundo esses relatos mitológicos, designa uma ave que, ao pressentir seu próprio fim, construía um ninho de madeira e plantas aromáticas e o expunha ao sol, para que ardesse. Nas chamas desse ninho, a fênix se consumia para que renascesse uma nova ave. Por analogia, é usada na iconografia cristã para simbolizar a Ressurreição (DAMASCENO, 1987, p. 25) e a eternidade. 2. [Or] A ave Fênix aparece como um dos ornamentos mais comuns da talha da 1ª fase do barroco em MG (ÁVILA, 1979, p. 147).
FÉRCULO	[Ou] Andor ou palanquim em certas solenidades pagãs; entre os romanos, bandeja para fazer iguarias ou serviços à mesa (REAL, 1962, p. 235).
FÉRETRO <i>coffin [ing]</i> <i>feretro [it]</i> <i>cercueil [fr]</i>	[Ou] Caixa, geralmente em madeira ou metal, que recebe o corpo do defunto para a sua sepultura. O mesmo que ataúde ou caixão (THESAURUS, 2004, p. 41).
FERRAGEM	[Ou] Conjunto ou porção de peças de ferro empregadas em certos elementos da construção, a exemplo de fechaduras, espelhos de fechaduras, trincos, ferrolhos, aldравas, puxadores, dobradiças, argolas de bater, etc. (ÁVILA, 1979, p. 43).
FERRAMENTA <i>erramienta [esp]</i> <i>tool [ing]</i> <i>strumento [it]</i>	[Eq] Qualquer instrumento ou utensílio utilizado para a execução de uma obra de arte ou ofício (TEIXEIRA, 1995, p. 49).

⁵⁰⁵ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

outil [fr]

FERRAMENTAS DE ENTALHADOR [Eq] Formões; goivas laças ou deslavadas - curvatura muito suave; goivas curvas ou crespas - curvatura mais acentuada; goivas de meia cana - em forma de meio círculo; esgache - em forma de V; palhetes - forma retilínea; goivas tortas - com a forma de todas as anteriores, mas de corpo curvo; goivas de incisão ou goivadas - de todos os tipos, mas de pequenas dimensões; maços; grosas; brocas (QUEIMADO, 2007, p. 51-52).

FERRO 1. [Me] No período colonial mineiro, o ferro era em boa parte fabricado em forjas locais e rudimentares, das quais provinha geralmente a matéria prima com que os ferreiros confeccionavam peças de uso geral nas construções, a exemplo de fechaduras, pregos, dobradiças, etc., bem como instrumentais de mineração. Também ocorria a importação de ferro estrangeiro, vindo de preferência da Espanha, Suécia, Inglaterra, etc. (ÁVILA, 1979, p. 43). 2. [Ds] Desenhos dourados a quente, na lombada ou capa de um livro, essencialmente de cabedal.⁵⁰⁶

FERROLHO [Ou] ou [It] Tranqueta de ferro corrediça, usada para fechar portas e janelas (DAMASCENO, 1987, p. 26).

FERRUGEM [Dt] Oxidação do ferro, de cor roxo alaranjado que se forma pela presença de umidade e do oxigênio, constituem-na uma mistura de hidróxidos férricos e ferrosos que se formam em oxido férrico hidratado à medida que se intensifica a oxidação, na presença de sais que atuam como eletrólitos favorecendo os processos de mineralização. Se esta incrustação está seca e livre de cloro pode ser estável em condições ambientais controladas sem precisar de tratamento.⁵⁰⁷

FÉRULA [Ab] Bastão semelhante ao cetro, que, na Idade Média, era usado pelos papas; primitiva designação do báculo episcopal (REAL, 1962, p. 236).

FESTA [Rg] Solenidade religiosa ou civil, pública ou particular, em comemoração de um fato importante. No Brasil, as festas religiosas eram de dois tipos: os ritos dedicados ao Senhor (natividade, morte e ressurreição) e aos santos (Virgem Maria, padroeiros, mártires); e as festas públicas promovidas pela monarquia portuguesa e autoridades coloniais que poderiam ser de naturezas diversas: celebração da coroação de soberanos, nascimento e casamento dos príncipes. No sentido eclesiástico, dia de festa é dia santificado, ou seja, dia consagrado ou instituído em honra de Deus ou dos santos. Diz-se também *dia de guarda* (NUNES, 2008, p. 69).

FESTÃO 1. [Or] Trabalho de ornamentação em talha que imita as grinaldas de flores. Composto de ramos de flores, frutos e folhas entrelaçados com

⁵⁰⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵⁰⁷ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

<i>feston</i> [fr]	fitas e dispostos quase sempre de forma pendente (FABRINO, 2012, p. 49), de feição curva, suspensas nas extremidades por meio de uma laçada (IMC, 2011, p. 120). 2. [Mo] Motivo decorativo popular no mobiliário barroco e neoclássico (QUEIMADO, 2007, p. 181). FESTONADO – Ornado de festões; recortado em festão (REAL, 1962, p. 236).
FETICHE <i>fétiche</i> [fr]	[Rg] Objeto venerado como ídolo (REAL, 1962, p. 235), que se presta culto.
FEZES DE OURO	[Ma] Resíduo de ouro usado no douramento de peças de madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 48). Escória de ouro, usada no processo de douramento de peças de madeira (ÁVILA, 1979, p. 147).
FIAPO	[Ma] Extremidade da fibra da madeira (TEIXIDO I CAMI, 1997).
FIBRA	[Md] Examinadas ao microscópio, nota-se que as madeiras brandas são formadas por elementos alongados, fusiformes, chamados <i>fibras</i> (do ponto de vista anatômico não são fibras e sim traqueídes, com funções ao mesmo tempo de suporte e condução), cujos eixos são paralelos ao eixo vertical do tronco ou ramo. Suas paredes exibem uma série de acidentes denominados pontuações, através dos quais a seiva caminha de fibra a fibra. Certas madeiras brandas, como a dos pinheiros, têm canais ou dutos resinosos, que correm paralelamente às fibras. A principal diferença entre as madeiras duras e as brandas está em que as primeiras possuem vãos condutores resultantes da fusão, pelo desaparecimento dos septos intermediários, de séries longitudinais de elementos vasculares. Assim se formam longos tubos contínuos, cujo comprimento pode alcançar vários metros. Oferecem uma resistência muito menor à circulação da seiva e no corte transversal são descritos como poros, frequentemente visíveis a olho nu. Além dos vasos, as madeiras duras contêm outros elementos, entre eles fibras de várias formas. Ambos os tipos de madeira mostram ainda os chamados raios medulares, que são estruturas orientadas em ângulo reto com a direção das fibras, em forma de fita ou de cordão, que se dirigem de fora para dentro, em direção à medula. Esses raios, nas madeiras brandas, são muito menos notáveis do que nas duras. ⁵⁰⁸
FÍBULA <i>fibule</i> [fr]	[In] Peça que prendia duas partes da indumentária antiga; fivela, colchete (REAL, 1962, p. 236).
FIEL <i>fidèle</i> [fr]	1. [Ge] Exato; verídico. 2. [Ap] Em Arte, tem o sentido de semelhante, isto é, um retrato, uma cópia de original (REAL, 1962, p. 236).
FIGA	[Ic] Pequeno objeto em forma de mão fechada com o polegar entre o indicador e o médio e que se usa supersticiosamente contra malefícios (REAL, 1962, p. 236).

⁵⁰⁸ Disponível em: <<https://biomania.com.br/artigo/madeira>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

FIGULINO	[Ce] Diz-se do barro ou da argila fácil de amassar; feito de barro; que se pode amassar como barro (REAL, 1962, p. 236).
FIGURA <i>figure [fr]</i>	1. [De] É a imagem delineada de qualquer objeto, um triângulo, um círculo, são figuras geométricas. 2. [Ap] Tratando-se porém, de escultura ou pintura, sempre se refere a indivíduo vivente, racional ou brutal. É a principal figura de qualquer quadro e deve ocupar sempre o melhor lugar, e a mais visível (CASTRO, 1937, p. 47). FIGURA DE PRESÉPIO – [Es] Escultura de pleno vulto que integra o presépio (THESAURUS, 2004, p. 148). FIGURA DE PROA – [Es] Estátua que se colocava na proa das embarcações. Costume adotado por vários povos com a crendice de que com a representação de ídolos, deuses do mar, etc. eram tripulantes resguardados dos maus fados escondidos nos mares (REAL, 1962, p. 236). FIGURA de CONVITE – [Ce] Painel de azulejos representando figuras à escala natural - lacaios, alabardeiros, damas ou guerreiros - em atitude de receber, colocadas em átrios, escadas e jardins. Estão normalmente associadas a um silhar de azulejos figurativos ou de padrão de que se destacam, sendo a parte superior do corpo feita com azulejos recortados. Foram produzidos nos séculos XVIII e XIX. ⁵⁰⁹
FIGURAR <i>figurer [fr]</i>	[Ge] Simbolizar; representar por meio de figura (REAL, 1962, p. 237).
FIGURATIVISMO	[Ap] Que representa os objetos pela sua forma real e não somente por planos e linhas; sistema em oposição ao Abstracionismo (REAL, 1962, p. 237).
FIGURATIVO <i>figuratif [fr]</i>	[Ic] Termo empregado para qualificar a arte que representa temas reconhecíveis. ⁵¹⁰ Que é representado pela figura (REAL, 1962, p. 237).
FILACTÉRIO <i>phylactères [fr]</i>	[Or] Espécie de pergaminho esculpido, desenhado ou pintado, com inscrições bíblicas ou outros dizeres de sentido religioso (ÁVILA, 1979, p. 147). FILACTERIA – Cercadura ou fita com as extremidades enroladas, imitando um pergaminho, concebida para ser preenchida com uma divisa, legenda ou inscrição de cariz religioso (IMC, 2011, p. 121).
FILETE <i>filet, bandelette [fr]</i>	[Or] Elemento ornamental representando um fio fino. ⁵¹¹ Ornato em forma de guarnição estreita ou pequenos fios (ÁVILA, 1979, p. 147). FILETE PERLADO – <i>galon [fr]</i> . [Or] Ornato formado de uma série de pérolas colocadas, em fileira, entre estrias (REAL, 1962, p. 238).

⁵⁰⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵¹⁰ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵¹¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

FILOTECNIA <i>philotchnie [fr]</i>	[Ap] Amor às artes (REAL, 1962, p. 238).
FILTRO ABSORVENTE DE RADIAÇÃO ULTRAVIOLETA	[Ma] material que contém substâncias capazes de absorver a radiação ultravioleta (SPINELLI JR, 1997, p. 77).
FILTRO FOTOGRÁFICO	[Ma] Um filtro fotográfico é um acessório de câmera fotográfica ou de vídeo que possibilita o manejo de cores e/ou a obtenção de efeitos de luz pela sua inserção no caminho ótico da imagem. Os filtros são de gelatina, plástico, vidro ou cristal, na maioria das vezes montadas em anéis rosqueáveis na objetiva, ou em anéis elásticos para montar no cilindro liso da objetiva (FONSECA, 2014, p. 23).
FINGIDO	Ver TROMPE L'OEIL .
FINGIMENTO DE PEDRA	Ver MÁRMORE FINGIDO ou FAISCADO .
FINTO-MÁRMORE	Ver MARMORINO .
FIO	1. [Eq] Extremo cortante de uma goiva (TEIXIDO I CAMI, 1997). 2. [Ma] Fio embutido em finas linhas, em metal ou madeiras contrastantes (QUEIMADO, 2007, p. 181).
FIRMAL <i>morse [ing]</i> <i>fermaglio</i> <i>di piviale [it]</i> <i>mors de chape,</i> <i>fermail [fr]</i>	[In] Adorno usado para prender mantos ou vestidos, ou encastado em faixas na cabeça, surgindo muitas vezes a ornamentar as imagens e esculturas. ⁵¹² Espécie de broche com que se prendiam peças de vestuário (DAMASCENO, 1987, p. 27). Elemento que une, à frente, os dois lados da capa e que consiste numa pala de tecido com colchetes ou num broche metálico (THESAURUS, 2004, p. 173).
FISSURA <i>fissure [fr]</i>	[Dt] Fenda de maior ou menor profundidade que não chega a separar os fragmentos, é causada por golpes ou por diferenças de temperatura (por exemplo em cerâmica, pedra e madeira). ⁵¹³ Pequena abertura muito estreita, geralmente planar, observável à lupa de 10x. ⁵¹⁴ FISSURA NA POLICROMIA OU NO SUPORTE – Abertura linear de pequenas proporções (fina, alongada e superficial, no máximo 1mm largura) que podem ter formação em zonas distintas ou sobre toda superfície de determinado objeto. Não implica na redução da resistência do objeto.
FITA	[Or] Ornamento.

⁵¹² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵¹³ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁵¹⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>ruban [fr]</i>	
FITA FALANTE	[Or] Inscrição esculpida, desenhada ou pintada, à feição de fita, com dizeres alusivos ao motivo de determinado ornato (ÁVILA, 1979, p. 147).
FITÃO	Ver TARJA .
FITOMÓRFICO	[Or] Motivo decorativo com uma forma vegetal (IMC, 2011, p. 121).
FITOMORFO	[Or] Forma vegetal.
FIXA	[It] Parte da dobradiça que se embute na madeira (REAL, 1962, p. 238).
FIXAÇÃO (de policromia) <i>refixage [fr]</i>	[Re] Consiste na aplicação de um adesivo apropriado capaz de restabelecer a aderência da camada pictórica à camada de preparação e desta ao suporte, bem como a coesão de cada um ou de todos estes elementos. As variações termo-higrométricas são as principais responsáveis pelos desprendimentos das camadas pictóricas. Mas as próprias variações dimensionais do suporte muitas vezes são maiores que o índice de elasticidade das preparações. Este fator vai fazer com que, quando o suporte de madeira absorve umidade, aumenta de volume e as camadas pictóricas quando não o conseguem acompanhar, partem-se, criando craquelês. No sentido inverso, quando o suporte perde muita água contrai e as camadas cromáticas como não conseguem contrair por questões físicas, criam bolsas de ar entre elas e o suporte. Este último caso torna-se mais grave que o primeiro porque há o perigo eminente de desprendimento. Se as camadas cromáticas estiverem efetivamente em desprendimento, há a necessidade de fazer uma fixação das mesmas. O processo consiste em aplicar um aglutinante com um pincel por baixo das zonas levantadas e fazê-las assentar cuidadosamente sobre o suporte. O tipo de aglutinante também tem de ser testado, podendo ser várias as opções de aplicação, consoante cada caso específico. Este processo é fundamental em tratamento emergencial e em muitas situações, como também para que se possam manusear as peças sem se correr o risco de danificar ainda mais a peça. Em casos de desprendimento extremo pode-se ainda utilizar outra técnica de fixação, para permitir o manuseamento das peças ou a sua desmontagem, ver FACEAMENTO (QUEIMADO) , 2007, p. 136-137). Os materiais utilizados neste processo são sobretudo adesivos que, quando aplicados, formam uma película sólida. Mais uma vez são utilizadas resinas sintéticas, ceras naturais ou colas de origem vegetal ou animal.
FIXAÇÃO DE BLOCOS	[Re] Este processo pretende a manutenção e/ou o restabelecimento do equilíbrio físico de uma peça (FÉLIX, 2013, p. 88).
FIXATIVO ou FIXADOR	[Ma] Substância especial para fixar os traços de um desenho a carvão, do pastel, etc., protegendo e impedindo que se apaguem (REAL, 1962, p.

<i>fixatif [fr]</i>	238).
FLABELIFORME <i>flabelliforme [fr]</i>	[Or] Ornato formado de palmas e folhas imitando o leque (REAL, 1962, p. 238).
FLABELO <i>flabellum, chassemouches [fr]</i>	[Ou] Grande leque, de forma circular, feito de penas de pavão e de flores, adaptado a um comprido cabo, usado outrora nas igrejas orientais, na antiga Roma e ainda nas cerimônias católicas até o século XIV (NUNES, 2008, p. 69-70).
FLAGAVIL	[Es] Imagem esculpida (REAL, 1962, p. 239).
FLAGELAÇÃO	[Ic] Suplício dos azorragues ou das varas (NUNES, 2008, p. 70).
FLAGELO	[Ge] Azorrague, açoite, castigo, tortura (NUNES, 2008, p. 70).
FLAMEJANTE <i>gothique flamboyant [fr]</i>	[Or] Caráter do estilo gótico da decadência em que os ornatos curvam-se e recurvam-se em forma de chamas (REAL, 1962, p. 239).
FLÂMULA	[Or] Pequena chama (REAL, 1962, p. 239).
FLAVESCENTE <i>flavescent [fr]</i>	[Dt] Que amarelece; que se enlourece; que se torna flavo (REAL, 1962, p. 239).
FLAVO <i>blond [fr]</i>	[Cor] Louro; fulvo; da cor do trigo maduro; da cor do ouro (REAL, 1962, p. 239).
FLECHA <i>flèche [fr]</i>	1. [Ic] Semelhante a um raio solar representa a arma talhada na madeira, simbolizando também a morte súbita, e a busca da união divina. 2. [Ab] Aparece nos símbolos tricordianos, no coração de José, Santa Úrsula, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, quando cravada no braço ou na mão, São Gil, inflamada, atravessando o coração, Santo Agostinho e Santa Tereza de Ávila. ⁵¹⁵ 3. [Ar] Pirâmide aguda dos campanários, primitivamente construída de madeira, coberta de chumbo, e depois de pedra (REAL, 1962, p. 239).
FLECHIFORME <i>fléchière [fr]</i>	[Or] Ornato em forma de flecha, pontiagudo (REAL, 1962, p. 239).
FLEXIBILIDADE	[De] O sólido flexível dobra-se sem romper-se. Exemplo: Algodão, lã, náilon e outras fibras têxteis são materiais flexíveis. ⁵¹⁶
FLEXÔMETRO	[Eq] Máquina que mediante um braço flexível transmite um movimento

⁵¹⁵ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 111.

⁵¹⁶ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

	circular a uma fresa (TEIXIDO I CAMI, 1997).
--	--

FLORAIS (MOTIVOS)	[Or] São vários os ornamentos em motivos florais: folhas de acanto, margaridas, rosas, girassóis, camélias, lírios, cravos, etc., podendo aparecer isolados ou em guirlandas nos retábulos, arcos-cruzeiros, portadas, etc. (ÁVILA, 1979, p. 147).
-----------------------------	--

FLORÃO <i>fleuron [fr]</i>	[Or] Ornamento de forma circular ou com a configuração de uma flor estilizada, usado frequentemente no centro de um teto, no fecho de uma abóbada ou de um arco (IMC, 2011, p. 121), de onde costuma pender um lustre ou similar (DAMASCENO, 1987, p. 27). Ornato baseado na estilização em relevo de uma flor circular. ⁵¹⁷ Ornato do feitio de flor que aparece geralmente em teto, abóbada, volta de arco-cruzeiro ou coroamento de retábulo (ÁVILA, 1979, p. 148). Também chamado de <i>rosácea</i> (REAL, 1962, p. 239).
--------------------------------------	--

FLOR-DE-LIS	[Or] Do francês <i>fleur-de-lis</i> . Flor estilizada de três pétalas habitualmente usada na heráldica e como motivo decorativo (IMC, 2011, p. 121).
--------------------	--

FLOREADO	[Or] Ornato com flores (REAL, 1962, p. 239).
-----------------	--

FLORES	[Ic] São símbolos de esperança e entre as flores, os jacintos representam a sabedoria; os narcisos, gentileza; e o lírio, pureza (FABRINO, 2012, p. 7).
---------------	---

FLORETA	[Or] Ornato imitando flor (REAL, 1962, p. 239).
----------------	---

FLORIM	[Mt] Unidade monetária de ouro originalmente de Florença e imitado muito cedo em grande parte da Europa. ⁵¹⁸
---------------	---

FLUIDEZ <i>fluidité [fr]</i>	[De] Propriedade de um líquido que flui rapidamente e pode constituir camadas finas (LANGLE; CURIE, 2009, p. 979).
--	--

FLUORESCÊNCIA	[Ex] Técnica de iluminação em microscopia óptica que permite obter imagens coloridas de acordo com a resposta dos materiais à excitação com luz de diferentes comprimentos de onda. ⁵¹⁹ É a capacidade de uma substância de emitir luz quando exposta a radiações do tipo ultravioleta (UV), raios catódicos ou raios X (FONSECA, 2014, p. 23).
----------------------	--

FLUORESCÊNCIA DE ULTRAVIOLETA	[Ex] É obtida com iluminação por lâmpadas ultravioletas que, empregadas sobre materiais diferentes, em função de sua capacidade de absorção e reflexão, emitem também fluorescências diferentes. Permite detectar áreas superficiais da policromia com repinturas, vernizes,
--------------------------------------	--

⁵¹⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵¹⁸ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/florin>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

⁵¹⁹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/fluorescencia>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

	pigmentos, como, também, detectar inscrições e marcas ocultas. Pode também ser usada para registrar as intervenções de restauração realizadas nas obras, como por exemplo, lacunas de policromia reintegradas com técnica ilusionista (COELHO; QUITES, 2014, p. 108).
FOGARÉU <i>flamme [fr]</i>	1. [Or] Ornato composto de uma pirâmide ou agulha terminando numa imitação de labareda. 2. [Ic] Na igreja simboliza a fé, a devoção e o sacrifício (REAL, 1962, p. 240).
FOGO <i>feu [fr]</i>	1. [Ac] Chama-se fogo á vivacidade, e energia com que se expressam as figuras; não só com os seus semblantes, ou fisionomias, mas em suas atitudes, sem excetuar as vestes ou panejamentos: porque estes concorrem para expressar o dito fogo (CASTRO, 1937, p. 47-48). 2. [Ou] Termo usado no lugar de fogões; metonímia de casas, lares (TRINDADE, 1998, p. 388).
FOLHA <i>feuille [fr]</i>	1. [Or] Ornato em forma de folha de vegetal (REAL, 1962, p. 240). 2. [Ma] Fina lâmina composta por uma liga metálica de ouro, de prata ou de outro metal (IMC, 2011, p. 143). 3. [Ma] Unidade em que é cortado o papel plano. ⁵²⁰ 4. [It] Lado, divisão ou parte móvel das portas e janelas (DAMASCENO, 1987, p. 27).
FOLHA DE ACANTO	Ver ACANTO .
FOLHA DE AIPO <i>feuille d'ache [fr]</i>	[Or] Ornato imitando a folha desta planta, muito em uso no gótico inglês (REAL, 1962, p. 240).
FOLHA DE ESTANHO <i>tain [fr]</i>	[Me] Amálgama de estanho passada na parte posterior do espelho, a qual o possibilita refletir imagens (REAL, 1962, p. 240).
FOLHA-DE-FLANDRES	[Ma] Lâmina de ferro estanhado, empregado na confecção de numerosos utensílios domésticos ou litúrgicos (DAMASCENO, 1987, p. 27).
FOLHA DE LOURO <i>feuille de laurier [fr]</i>	[Or] Simboliza vitória, prêmio, triunfo (REAL, 1962, p. 240).
FOLHA DE OURO <i>pan de oro [esp]</i> <i>gold leaf [ing]</i> <i>foglia di oro [it]</i> <i>feuille d'or [fr]</i>	[Ma] Lâminas finas de ouro batido, usadas no douramento (TEIXEIRA, 1995, p. 49). De acordo com Etzel (1974, p. 287), o uso e fatura de folhas metálicas vêm desde a Antiguidade, e que, de longa data os homens conheciam a possibilidade de fazer do ouro uma folha fina. Homero, na Odisseia, já mencionava o uso da bigorna e do martelo na produção de folhas de ouro. Na antiga Roma, as decorações brilhavam com as folhas de ouro, e Plínio, o Velho, registrou que uma pequena quantidade de ouro podia ser batida até formar 750 folhas de 4 dedos quadrados. De acordo com Nicholson (1979) por cinco mil anos, os artesãos exploraram a

⁵²⁰ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

grande maleabilidade do ouro, martelando-o em folhas, e por sua beleza e durabilidade, poderia ser empregada para ornamentar e proteger onde fosse aplicada. Os egípcios teriam sido os primeiros praticantes desta arte, pois a primeira referência visual da prática do ouro batido para se conseguir folhas se encontra nas pinturas murais das tumbas egípcias de Re'hem em Deir el-Gabrawi (tumba nº72), de 2300 a.C., e em Mereruka, Saqqara, de 2323-2291 a.C. . As inscrições mostram os batedores de ouro trabalhando juntamente com fundidores e ourives, tratando-se do documento mais antigo sobre folha de ouro. Etzel (1974, p. 294) calculou a folha de ouro alemão de 23 quilates com 8 x 8 cm de superfície, assim 500 folhas pesando 9,216 g podiam cobrir uma superfície de 3,2 m², portanto 1 m² utilizaria 2,880 g de ouro puro. Oscilando entre 20 e 24 quilates o ouro apresentava uma cor dourada intensa, sendo designado ao longo dos séculos XVII e XVIII como “ouro subido”, a sua venda fazia-se por milheiros, sendo cada milheiro formado por dez livros, cada um com cem pães de ouro (Martínez, 1997, p. 127). De acordo com ETZEL (1974, p. 294) as folhas de ouro no Brasil-colônia eram muito mais espessas, por serem feitas por processos manuais e mais rudimentares.

FOLHA DE PRATA

[Ma] Lâminas finas de prata batida, usadas no prateamento. A folha de prata segue o mesmo processo de fatura que a folha de ouro. Martinez (1997, p. 14) afirma que os pães de prata são mais fortes, ou melhor, eles têm mais corpo do que os pães de ouro, mas com a desvantagem de escurecer facilmente em contato com o oxigênio pela formação de sulfeto de prata. A folha de prata com sua composição exclusivamente de prata sem nenhum tipo de liga, tem o preço inferior ao ouro e às vezes é utilizada para imitá-lo, apresentando uma cor característica mediante douradura. Por ser um metal branco possui só uma cor. Apresenta maior espessura que as folhas de ouro, até quatro vezes mais grossas. O paládio, nos dias atuais, tem sido usado na liga, e devido a sua excelente qualidade, não escurece e oferece um brilho apreciado. Depois do ouro e o metal de maior maleabilidade e dúctil podendo ser reduzido às lâminas ou folhas finas com a espessura de 0,00025 mm, e fios tão finos e flexíveis que possam se obter 2540-2550 metros por um único grama. Seu peso específico é 10,5; funde a 960 °C (TURCO, 1991, p. 83). **FOLHA DE PRATA (falsa)** – Denomina-se *pão de prata falso*, quando a falsa prata é uma liga da fusão de estanho e zinco, muito usada na fabricação de espelhos. Hoje está sendo substituída pelo alumínio. (MARTINEZ, 1997, p. 135).

**FOLHA
ENCRESPADA**

feuille de chou [fr]

[Or] Ornato dos cogulhos medievais (REAL, 1962, p. 240).

FOLHA METÁLICA [Ma] A da fatura das folhas metálicas utilizadas no século XVIII segundo a tradução da Diderot Pictorial Encyclopedia⁵²¹ (apud ETZEL, 1974, p. 288): Os lingotes de ouro eram moldados em uma forma pequena, pré-aquecida e untada com óleo vegetal (*palm oil*). O primeiro passo era bater os lingotes para formar tiras finas (3X4 polegadas) em uma pequena bigorna. Essas tiras eram então tornadas mais finas em um pequeno laminador à mão ou então batendo outra vez – às vezes usando os dois métodos – findo o que, a espessura era de 1/16 de polegada. Cortavam o ouro em fitas de uma polegada por uma de meia e acondicionavam-no em pacotes nos quais as camadas de ouro eram alternadas com tiras de papel velino. A estrutura desta pilha (monte) era muito complicada e, a espaços, colocavam-se outras tiras, de pergaminho, para dar a necessária elasticidade. É nessa pilha que o batedor está trabalhando e trabalhará por mais uma hora batendo a partir do centro. A seguir, as folhas já aumentadas de tamanho, são cortadas pela metade e o pacote rearranjado para ser batido uma segunda vez. Mesmo com isso, o processo não está terminado e uma terceira “batida” é necessária na qual a pilha é formada, não com papel velino e pergaminho, mas com pergaminho e pedaços de pele curtida de ventre de gado vacum (intestino grosso). Esta pele, e não outra, pode ser impregnada com gesso em pó, de maneira que o ouro sairá brunido, depois desta última batida [...].

FOLHAGEM [Or] Decoração efetuada sob a forma de folhas e ramos (IMC, 2011, p. 121). Trabalho em talha, escultura ou pintura representando folhas, usado como ornato em retábulos, arcos-cruzeiros, paredes, painéis pintados, etc. (*feuillage* [fr]) (ÁVILA, 1979, p. 148). É um dos motivos de ornamentação mais usado em todas as épocas e estilos (REAL, 1962, p. 240).

FOLHEADO [Ma] Fina folha de madeira de grão atraente, aplicada sobre uma superfície para efeitos decorativos (QUEIMADO, 2007, p. 181).

FOLHETA [Ma] Pequena folha metálica refletora muito fina, antigamente obtida a martelo, a partir de ouro, prata, cobre ou outra liga metálica, que podia ser tingida com pigmentos. Este forro era habitualmente colocado atrás das pedras engastadas em cravação fechada para lhes melhorar o seu brilho e/ou cor (IMC, 2011, p. 143).

FONTE [It] Chafariz. Bebedouro. Bica.

FORA DE PRUMO, DESAPRUMO [Ge] Sair do prumo, pender, inclinar-se (TEIXEIRA, 1995, p. 49).

desplome [esp]
want of
plumbness [ing]
strapiombo [it]

⁵²¹ A DIDEROT PICTORIAL ENCYCLOPEDIA OF TRADES AND INDUSTRY. 2 vol. Dover Ublication Inc. New York, 1958, vol. 2.

*dévers, manque
d'aplomb,
inclinaison [fr]*

FORJADO [Me] Fundido e malhado numa forja até adquirir determinada forma (diz-se de metal, artefato etc.).⁵²²

FORMA
forme [fr]

1. [De] É a configuração que se exprime no objeto (CASTRO, 1937, p. 48). Disposição ou feição de um corpo. O oposto do linear. 2. [Ar] Em arquitetura, o conceito é complexo porque, além da realização material da construção, a forma tem que ter sentido e expressão ao fim a que se destina (REAL, 1962, p. 241). 3. [Es] Molde do objeto que se deseja reproduzir em gesso. 4. [Ce] Molde, modelo oco em que se vaza material fluído ou então modelo sobre o qual se molda um objeto. **FORMA BOA** – *bon creux [fr]*. Molde em gesso de um objeto a reproduzir e do qual se obtém várias reproduções. **FORMA DE TACELOS** – [Ce] Em cerâmica forma de gesso de uma ou mais peças para a reprodução de modelo em barbotina para fins industriais. **FORMA-MÃE** – *mères [fr]*. [Ce] Contraprova em gesso dos modelos-tipos e com o auxílio da qual se obtém os moldes para fabricação. **FORMA PERDIDA** – *creux perdu [fr]*. Forma em gesso de um objeto do qual só se pode obter uma prova porque para desenformar torna-se necessário quebrar o molde (REAL, 1962, p. 241).

FORMA (dar)
façonner [fr]

[Tc] Construir, desenhar, esculpir (REAL, 1962, p. 241).

FORMÁLIO Ver FIRMAL.

FORMÃO
*fórmon [esp]
buckle [ing]
scalpello da
falegname [it]
fermoir [fr]*

[Eq] Instrumento usado para desbastar a madeira. Tem uma extremidade cortante chata e larga e a outra embutida em cabo de madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 49). Ferramenta de carpinteiro semelhante a uma goiva. Fresa. Metal dentado de pequenas dimensões que, movido por uma máquina, reduz a madeira (TEIXIDO I CAMI, 1997).

FORNADA
fournée [fr]

[Ce] O que se queima num forno de uma só vez (REAL, 1962, p. 241).

FORRO
couverte [fr]

[It] Teto ou revestimento interno da parte superior dos cômodos de uma edificação civil ou religiosa (TRINDADE, 1998, p. 388). Alguns forros: *forros apainelado e saia e camisa*.

FOSCAR
*dépolissage, dépolir,
matter [fr]*

[Tc] Tornar fosco; tirar a transparência a um vidro; tirar o brilho excessivo de uma peça dourada por meio de uma camada de cola de pergaminho (REAL, 1962, p. 242).

⁵²² Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=forjado>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

FOSCO	[Cor] Sem brilho; diz-se das cores esbatidas (REAL, 1962, p. 242). <i>mat, terne [fr]</i>
--------------	--

FOTODEGRADAÇÃO	[Dt] Processo de deterioração influenciado pelas radiações de luz (SPINELLI JR, 1997, p. 77). Pode ocorrer na camada pictórica e nos suportes. Um desses processos de degradação é a foto-oxidação. Os raios ultravioletas atuam como catalisador do processo de degradação ao transportarem grande quantidade de energia para dentro das matérias orgânicas, desencadeando assim uma série de reações químicas que levam, não apenas à mudança de coloração desses materiais, mas também a deterioração, desintegração destes. Essas reações são irreversíveis e cumulativas, isto é, a cada dia esses objetos se degradam mais mesmo que isso não seja tão visível a olho nu, como no caso do papel de jornal, que é de baixa qualidade. O fato de não percebermos esta degradação gradual, não significa que ela não ocorra. Ela ocorre constantemente e de maneira degenerativa quando a obra não possui qualquer tipo de proteção. ⁵²³
-----------------------	--

FOTOGRAFIA	[Ex] Imagem positiva formada em suporte opaco previamente emulsionado, exposto e revelado quimicamente. Técnica e arte de produzir imagens visíveis sobre superfícies sensíveis, direta ou indiretamente, pela ação de luz ou outra forma de energia radiante. ⁵²⁴
-------------------	---

FOTOGRAFIA DE FLUORESCÊNCIA DE ULTRAVIOLETA	[Ex] Esta técnica registra a radiação visível imitada pelos materiais quando expostos à radiação UV. Para alguns dos materiais a fluorescência aumenta conforme os anos. Este processo fornece informações relativas às descontinuidades e a sobreposição de materiais (FÉLIX, 2013, p. 39).
--	--

FOTOGRAFIA DE INFRAVERMELHO	[Ex] Permite a visualização de desenhos subjacentes. Este tipo de radiação possui um comprimento de onda que lhe permite atravessar a camada pictórica e atingir a camada de preparação (FÉLIX, 2013, p. 39).
------------------------------------	---

FOTOGRAFIA LUZ VISÍVEL	[Ex] Captura da imagem do objeto feita com a câmera digital, observando os pré-ajustes da câmera, de luz, temperatura de cor, balanço de branco e gerenciamento de cor em função da tipologia da obra e do local onde as fotografias serão realizadas. A primeira fotografia do objeto sempre é feita utilizando-se (de maneira adequada) a cartela de referência de cores, como a do fabricante ColorChecker, ou as cartelas da empresa sueca chamada <i>QPCard</i> (R-OZEILOV, 2009, apud ROSADO, 2011, p. 101).
-------------------------------	--

FOTÔMETRO	[Eq] O fotômetro é um aparelho que mede a intensidade da luz (por exemplo, para adequá-la às necessidades específicas de um fotógrafo ou de um cineasta) através de parâmetros fotográficos. Este converte a luz
------------------	--

⁵²³ Disponível em: <<http://www.artprotect.com.br/agentes-degradacao-obras-arte.php>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

⁵²⁴ PEQUENO Glossário Dinâmico da Disciplina Conservação e Restauração de Documentos. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

	em corrente eléctrica podendo ser medida em valores referentes à velocidade de obturação ou abertura de diafragma (“F”) . Os fotógrafos e cinegrafistas por exemplo usam o fotômetro para medir a intensidade da luz no ambiente para conseguir bons filmes e imagens (FONSECA, 2014, p. 23).
--	---

FOXING <i>foxing [it]</i>	[Dt] Formação, na superfície de um papel ou prova fotográfica, de minúsculos pontos castanhos, semelhantes a sardas, devido à elevada umidade e a detritos ferrosos ou fungos existentes no papel. ⁵²⁵ Manchas amarelas ou castanhas que se manifestam no papel. São provavelmente provocadas pelo desenvolvimento de um microrganismo ⁵²⁶ .
-------------------------------------	--

FRADE	[Rg] Membro de uma comunidade religiosa masculina (NUNES, 2008, p. 70).
--------------	---

FRAGILIDADE	[Ec] O sólido frágil rompe-se com facilidade sem antes deformar-se. Exemplo: grafite é um material frágil. ⁵²⁷
--------------------	---

FRAGMENTO	[Ec] Parte de uma obra que se encontra desmembrada. O fragmento de um grupo pode estar íntegro ou apresentar lacunas. Uma escultura de vulto destacada por ruptura de um grupo escultórico não é considerada uma imagem ou uma estátua isolada, e sim um elemento fragmentário de um grupo. ⁵²⁸
------------------	--

FRAILERO	[Mo] Cadeira de braços que se desenvolve no Renascimento espanhol, de estrutura rígida e com espaldar e assento cobertos por couro ou tecido preso com cravos metálicos. As travessas das pernas são baixas, junto ao chão, e a testeira é mais larga e decorada (QUEIMADO, 2007, p. 181).
-----------------	--

FRANCISCANO	[Rg] Membro da ordem mendicante fundada por São Francisco de Assis no início do século XIII. ⁵²⁹
--------------------	---

FRATURA	[Dt] Em escultura pode ocorrer no suporte. Rompimento, quebra, fragmentado.
----------------	---

FREGUESIA	[Rg] Distrito de uma paróquia; povoação, sob o aspecto eclesiástico. O sinónimo de paróquia (TRINDADE, 1998, p. 388). Distrito em que se exerce a jurisdição espiritual de um prior (NUNES, 2008, p. 70).
------------------	---

FREIRA	[Rg] Religiosa que pertence a uma Ordem monástica. Monja (NUNES,
---------------	--

⁵²⁵ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁵²⁶ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁵²⁷ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁵²⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵²⁹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/franciscano>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

	2008, p. 70).
--	---------------

FRESCO	Ver AFRESCO .
---------------	----------------------

FRESE <i>fraisoir [fr]</i>	[Eq] Rodinha dentada, de aço, própria para cortar; espécie de goiva; instrumento de metal, em forma de cone, que serve para alargar um orifício (REAL, 1962, p. 245).
--------------------------------------	---

FRIÁVEL	[Ec] Que se esfarela ou se reduz a fragmentos ou a pó sem grande esforço.
----------------	---

FRISO <i>bande, frise [fr]</i>	1. [Rb] Nas colunas e pilastras do retábulo, é o espaço que separa a arquitrave da cornija. Usa-se, às vezes, a palavra no feminino – <i>frisa</i> , com o mesmo significado. 2. [Or] Qualquer ornato em forma de friso. Faixa estreita, decorada (ÁVILA, 1979, p. 148). Elemento decorativo desenvolvido horizontalmente empregado na ornamentação da arquitetura, mas igualmente nas artes decorativas (IMC, 2011, p. 121). 3. [Ar] Na arquitetura clássica, é o espaço horizontal que aparece entre a arquitrave e a cornija. ⁵³⁰ Nome genérico que recebem as barras pintadas ou esculpidas em uma parede. ⁵³¹ 4. [Ce] Tipo de moldura simples, constituída por seções retangulares de azulejo. ⁵³²
--	--

FRITAGEM ou FRITA <i>fritte [fr]</i>	[Ce] Fusão de todas as substâncias que compõem um esmalte (REAL, 1962, p. 245).
--	---

FRÍVOLO <i>coquet [fr]</i>	[Pi] Designativo do gênero de pintura das cenas galantes (REAL, 1962, p. 245).
--------------------------------------	--

FROTAGEM <i>coquet [fr]</i>	[Ds] Do francês <i>frottage</i> = <i>fricção</i> . Técnica de desenho na qual um papel é colocado sobre qualquer suporte áspero, como pedaços de madeira ou pedra, e tratado com lápis ou crayon até adquirir a qualidade superficial da substância abaixo. ⁵³³
---------------------------------------	--

FRONTAL ou FRONTAL DE ALTAR <i>altar frontal [ing]</i> <i>devant d'autel [fr]</i>	1. [Rb] A parte da frente da mesa do altar, quase sempre revestida de trabalho ornamental (ÁVILA, 1979, p. 148), painel ou ornato em talha dourada ou policromada ou ainda em pintura ornamental que reveste a frente dos altares. 2. [Ig] Toalha de tecido, geralmente de seda ou damasco, cobrindo-o parcialmente ou até a base, é colocada sobre a terceira toalha de altar que pende da parte superior do altar. Sua cor deve ser condizente com o ciclo litúrgico (DAMASCENO, 1987, p. 27) e as
--	--

⁵³⁰ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/friso>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

⁵³¹ CONJUNTO... 2007, p. 176.

⁵³² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵³³ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/desenho>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

festas de Jesus Cristo, Nossa Senhora e santos (verde, vermelho, roxo, branco, rosa, preto) (NUNES, 2008, p. 70). Pode ser designado também por *antependium*, quando é referida apenas a parte anterior do altar. Executado em tecido (s), é decorado com bordados, galões e tem normalmente franja a definir a parte inferior da fronteira.⁵³⁴ O mesmo que antepêndio. 3. [Rg] Faixa que os judeus usam em volta da cabeça. 4. [Or] Ornato arquitetônico, por cima das portas ou janelas. Tabique, taipa, parapeito de baluarte. 5. [Ce] Painel de azulejos para revestimentos de altares, ditos de caixa, utilizados do século XVI ao século XVIII. É constituído por três partes: sanefa, sebastos e pano, podendo este último ser inteiro, bipartido ou tripartido. Na sua decoração é evidente a influência de frontais têxteis, imitando os bordados nas sanefas e sebastos, e brocados e tecidos indianos nos panos.⁵³⁵ 6. [Me] O frontal de altar em prata reproduz as diferentes partes do revestimento têxtil, constituído por fronteira (barra superior), painéis, sebastos (tiras verticais que separam os painéis) e barra inferior (IMC, 2011, p. 87).

FRONTAL DE ARCO-CRUZEIRO

[Ig] Superfície do arco cruzeiro voltada para a nave (REAL, 1962, p. 246).

FRONTÃO

fronton [fr]

1. [Ar] Peça ou conjunto arquitetônico que adorna a parte superior de portas, janelas ou da entrada principal de edifícios, às vezes semicircular, o frontão clássico é triangular. A parte lisa, compreendida entre as linhas do frontão, chama-se *tímpano*.⁵³⁶ Fica entre as torres sineiras (NUNES, 2008, p. 70). Espécie de empena que serve para coroar a parte central do frontispício da igreja, quase sempre trabalhada e encimada ao meio por uma cruz. 2. [Rb] Costuma-se falar também em frontão com relação ao coroamento ou remate do retábulo. 3. [Mo] Termo arquitetônico utilizado para designar o remate triangular, que pode ser colocado no topo de um armário. Pode ser interrompido ao centro, sendo preenchido com um elemento decorativo ou uma peça de porcelana.⁵³⁷ **FRONTÃO ABERTO ou VAZADO** – Diz-se do frontão que tem um óculo ou abertura no tímpano. **FRONTÃO ONDULADO** – cujo contorno se define, na parte superior, por linhas curvas (ÁVILA, 1979, p. 45).

FRONTISPICIO

frontispice,
devanture [fr]

[Ar] Fachada principal de um edifício. O mesmo que frontaria (TRINDADE, 1998, p. 388).

FRUIÇÃO

[Ap] O verbo fruir relaciona-se a usufruir, desfrutar, amar uma coisa em

⁵³⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵³⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵³⁶ CONJUNTO... 2007, p. 176.

⁵³⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

si mesma. O conceito de fruição defendido por Humberto Eco: *cada fruição é, assim, uma interpretação e uma execução, pois em cada fruição a obra revive dentro de uma perspectiva original*. Trata-se de um conceito contemporâneo baseado na noção criada pelo autor de obra “aberta”, que põe o sujeito interpretante no centro ativo de uma rede de relações inesgotáveis, entre as quais ele livremente *instaura sua própria forma, sem ser determinado por uma necessidade que lhe prescreva os modos definitivos de organização da obra fruída (...)*. Em suma, para Eco, uma obra é aberta enquanto permanece obra. A situação frutiva é uma situação de compreensão do objeto produzido pelo artista-autor, através do *jogo de respostas à configuração de efeitos sentida como estímulo pela sensibilidade e pela inteligência* (FERNANDES, 2013 apud ECO⁵³⁸, 1989, p. 40-41). Esse domínio, sensível, fecundo, do indizível, do inefável, do não racional é próprio do espírito poético da obra, que joga e se faz jogo de apreensão do mundo.

FRUSTO*fruste [fr]*

[Dt] Diz-se de estátua, baixo-relevo, ornato, medalha ou moeda cujos caracteres ou labores estão danificados (carcomidos) pelo tempo (REAL, 1962, p. 247).

FRUTO

[Ic] Trata-se de um representativo de realizações, no caso da maçã, representa a discórdia; o pêssego, intimidade; e a pera, perfeição (FABRINO, 2012, p. 7).

FUCSINA ÁCIDA

[Ma] Fórmula: C₂₀H₁₇N₃O₉S₃Na₂. Corante de pH ácido de tom magenta, constituída por sais (acetato e clorídrico). Os seus cristais são de um tom verde brilhante que produzem uma solução rosada quando dissolvidos em água. Solúvel em água pH: 12.0 – 14.0. Usada como identificador colágeno, assim como outros materiais proteicos, na identificação de aglutinantes de preparações de camadas cromáticas (PEIXOTO, 2012, p. 116).

FUGIR DO PRUMO

Ver **FORA DE PRUMO**.

FÚLVIDO

[Cor] Fulvo, luzente; da cor do ouro (REAL, 1962, p. 248).

FUMAGEM

[Tc] Dourado falso que se dá à prata (REAL, 1962, p. 248).

FUMIGAÇÃO

[Re] Ato de exterminar todos os organismos vivos que afetam acervos, por meio da volatilização de substâncias específicas em câmaras herméticas (SPINELLI JR., 1997, p. 77). Exposição de documentos a vapores químicos, geralmente em câmaras especiais, a vácuo ou não, para destruição de insetos, fungos e outros microrganismos.⁵³⁹

⁵³⁸ ECO, Umberto. *Obra Aberta*, Lisboa: Difel, 1989.

⁵³⁹ PEQUENO Glossário Dinâmico da Disciplina Conservação e Restauração de Documentos. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

FUNDENTES <i>fondants [fr]</i>	[Ma] Substâncias que facilitam a fusão de outras matérias (REAL, 1962, p. 248).
FUNDIÇÃO <i>fonte [fr]</i>	[Me] A fundição tem por fim obter, em metal, um modelo do original, trabalhado, por exemplo, em gesso. FONDERIE – estabelecimento onde se funde estátuas (REAL, 1962, p. 248).
FUNDIDO	1. [Me] Tornar-se líquido; derretido. 2. [Es] Vazado em forma o material derretido. Passar para metal um modelo de escultura em gesso (REAL, 1962, p. 248), moldada uma escultura. [Ou] Incorporado, associado, unido. ⁵⁴⁰
FUNDINHO	[Mo] Espécie de biombo com duas folhas, atrás de portas dos salões, simulando corredor de comunicação para outras áreas (REAL, 1962, p. 248).
FUNDO <i>fond, champ [fr]</i>	1. [Tc] Toda superfície preparada para receber um acabamento (REAL, 1962, p. 248). 2. [Pi] Tonalidade que ser serviu de base para a composição pictórica (REAL, 1962, p. 248). 3. [Pi] Parte da composição de uma pintura que enquadra as figuras ou as formas principais do quadro, que dele sobressaem. ⁵⁴¹
FUNDO DE PREPARAÇÃO	[Tc] É a base sobre a qual se faz a pintura, geralmente ela é feita de um material inerte (gesso) e uma cola. Problemas com o fundo de preparação podem ser detectados a olho nu, outras vezes se faz necessário o uso de exames mais minuciosos. Podemos testar a adesão do fundo de preparação e o suporte, solubilizando esse fundo com água. Outro problema grave que ocorre com o fundo de preparação é o craquelê. ⁵⁴² Ver PREPARAÇÃO .
FUNGICIDA	[Ma] Substância geralmente de carácter químico utilizada na eliminação ou no desenvolvimento de fungos. Pode ser sólida, líquida e gasosa. ⁵⁴³
FUNGO <i>Fungo [it]</i>	[Bi] Organismo vegetal privado de clorofila. ⁵⁴⁴ Planta talófita parasita ou que vive sobre matéria orgânica em condições preferentes de umidade e temperatura média, geralmente no escuro e sem ventilação. São frequentes em locais escuros, mal ventilados e constituem uma causa de deterioração nos materiais. ⁵⁴⁵ As condições ideais para o crescimento dos

⁵⁴⁰ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=fundir>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

⁵⁴¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵⁴² Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

⁵⁴³ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁵⁴⁴ CONJUNTO... 2007, p. 176.

⁵⁴⁵ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

fungos estão entre 22 a 30 °C, sendo que este desenvolvimento pode também ocorrer em condições de 0 a 62 °C. No papel, as colônias de fungos costumam ser identificadas por manchas de cor amarela, mais escuras no centro e mais claras nos contornos. Dependendo da espécie de fungo, as manchas se ampliam e se apresentam sob diversas tonalidades. Em condições muito favoráveis, formam bolores e seus esporos, em grande quantidade, dão a impressão de um pó.⁵⁴⁶ Organismo conhecido como agente microbiológico de degradação também conhecido como mofo.⁵⁴⁷ Os fungos, às vezes chamados de *mofo*s ou *bolores*, atacam todos os tipos de acervos independentemente dos seus materiais constitutivos. Os danos que causam vão desde uma simples coloração até a deterioração da estrutura das obras. Os fungos são vegetais desclorofilados, portanto, incapazes de realizar fotossíntese. Desse modo, necessitam instalar-se sobre matérias que lhe possibilitem obter os nutrientes numa forma pré-elaborada, isto é, de fácil assimilação. A disseminação dos fungos se dá através dos esporos, que são carregados por meio de diversos veículos como, por exemplo, correntes aéreas, gotas d'água, insetos, vestuário, etc. O desenvolvimento dos fungos é afetado por diversos fatores, dos quais destacam-se a luz, pH, natureza do material constitutivo dos documentos e a presença de outros microrganismos (SPINELLI JR, 1997, p. 77). São microrganismos que mais danificam a madeira, pois nela encontram nutrientes como o açúcar e amido. Desenvolvem-se tanto a nível interior, como exterior, atacando apenas a madeira quando esta está úmida, mas podendo alastrar-se às zonas secas. Podem considerar-se dois tipos de deterioração, conforme a cor que assume a madeira depois de atacada – podridão branca e podridão castanha. A primeira resulta da destruição da lignina por parte dos fungos, a segunda quando os fungos só atacam a celulose, deixando os resíduos acastanhados da lignina, assumindo a madeira, depois de seca, uma cor mais escura e fragmentada. Os bolores também são considerados fungos e o seu ataque provoca alterações cromáticas ou a formação de películas superficiais, e as propriedades mecânicas da madeira não são afetadas (FÉLIX, 2013, p. 58). Tipos de fungos:

- **Fungos apodrecedores** – na sua maioria são constituídos por basidiomicetos, ascomicetos e fungos imperfeitos os quais são responsáveis por diferentes tipos de podridão nas madeiras, tais como:
 1. **Podridão branca** - pertence aos basidiomicetos. A madeira perde progressivamente seu peso bem como sua resistência física e mecânica. O fungo destrói a celulose, hemicelulose e a lignina da madeira. Aspectos visuais são:
 - A madeira perde seu aspecto lustroso e a cor natural.

⁵⁴⁶ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/pagina/4404/perguntasfrequenteseglossario>>. Acesso em: 12 de set. 2017.

⁵⁴⁷ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://panucarmi2.wikidot.com/glossario>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

- Torna-se esbranquiçada devido a destruição dos pigmentos.

- Alguns casos linhas escuras demarcam a região atacada.

Em nível celular: O ataque inicia no lúmen e progride em direção a lamela média. Pode ocorrer ainda: aumento no diâmetro das pontuações; fissuras radiais na parede celular; separação entre as células na região da lamela média e; pequenas cavidades rombóides na parede secundária.

Exemplos: *Coriolus versicolor* L., *Fr. Polyporus versicolor* L, *Fr. Ganoderma applanatum* Pers., *Walh. Polyporus sanguineus* L.

2. **Podridão parda** – pertence aos basidiomicetos. A madeira perde progressivamente seu peso bem como sua resistência física e mecânica. O fungo destrói a celulose e a hemicelulose ficando a lignina praticamente intacta. Aspectos visuais são:

- Aspecto de levemente queimada, adquirindo uma cor o parda.

- Apresenta inúmeras rachaduras perpendiculares e ao longo da direção das fibras.

- A madeira colapsa com facilidade.

Em nível celular: A lignina mantém a estrutura da célula, por isso não ocorre a degradação da célula na direção lúmen/lamela média. A hifa do fungo no lúmen, secreta enzimas e difundem-se através da parede celular destruindo os carboidratos. O colapso ocorre porque a lignina residual não suporta as forças exercidas sobre a célula. O fungo produz perfurações na parede celular.

Exemplos: *Lentinus lepideus*, *Lenzites trabea* Pers., *Poria monticola* Murr.

3. **Podridão Mole** – pertence aos ascomicetos e fungos imperfeitos. Compromete as características físicas-mecânicas da madeira. Classe de fungo estudada por W.P.K. Findlay e J.G. Savory do "Princes Risborough Laboratory" da Inglaterra desde 1950. Aspectos visuais são:

- O ataque muitas vezes confundido com o de agentes químicos.

- Capazes de atacar madeiras em situações que outros são inibidos, sendo mais tolerantes a preservativos de madeira.

- Seu ataque cria condições para o ataque de outros fungos xilófagos.

- O ataque se restringe a superfície da madeira não ultrapassando mais que 20 mm de profundidade.

- A região atacada facilmente é destacada.

- A madeira úmida quando atacada apresenta sua superfície amolecida, da o nome "soft rot" por J.G. Savory.

- Quando seca, a parte apodrecida, apresenta-se escurecida lembrando ataque de podridão parda.

Em nível celular: As hifas do fungo colonizam o lúmen das células e passam de uma para outra através das pontuações. Utilizam as substâncias de reserva como fonte de energia. Algumas vezes a hifa inicia a degradação da parede celular pelo lúmen. No caso da degradação em forma de "V", hifas de diâmetro diminuto nascem lateralmente na hifa mãe, as quais atravessam a parede celular. No caso da degradação em forma de "T", da hifa mãe, presente no lúmen, parte uma hifa de diâmetro menor que penetra na camada da parede secundária. Cada braço do "T" cresce em sentido oposto e penetra na camada no sentido das microfibrilas da celulose, formando cavidades rombóides. Em estágio avançado de ataque toda a parede secundária e primária destruída.

Exemplos: *Chaetomium globosum*, *Trichoderma viride*.⁵⁴⁸

- **Fungos emboloradores** – macroscopicamente, a madeira embolorada apresenta na superfície uma formação pulverulenta, de coloração variada, facilmente removível da camada superficial. Tal camada pulverulenta é destacada pela formação de uma massa de esporos coloridos na superfície da madeira. Esses bolores são comuns em toras recém-abatidas e em peças de madeira serrada, durante o período inicial da secagem. São encontrados ainda em madeiras mantidas em altos teores de umidades ou seca em ambientes com umidade relativa, acima de 90%. Células de paredes finas, tais como aquelas do parênquima axial e radial, podem ser destruídas nos estágios mais avançados de desenvolvimento. Com exceção da resistência ao impacto, que poderá ser reduzida, as demais propriedades mecânicas são pouco afetadas. A permeabilidade também aumenta significativamente, sendo consequência da destruição de membranas. Um aspecto importante, em tais organismos, é a capacidade que algumas espécies têm de tolerar altas concentrações de preservativos.⁵⁴⁹
- **Fungos manchadores** – mancham a madeira porque possuem hifas coloridas, ou produzem substâncias coloridas, que são lançadas no meio. Podem destruir membranas, por ação mecânica, ou podem penetrar nos espaços existentes ou abertos por bactérias. O dano físico causado ao substrato é pequeno, com exceção da resistência ao impacto, causando, no entanto, problemas de natureza estética, reduzindo drasticamente o valor comercial da madeira. Esses fungos, normalmente, atacam toras recém abatidas de madeiras de coloração

⁵⁴⁸ Disponível em:

<http://www.remade.com.br/br/revistadamadeira_materia.php?num=1652&subject=Preservante&title=Principais%20agentes%20deterioradores%20de%20madeiras>. Acesso em: 27 nov. 2018.

⁵⁴⁹ Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/cursos-produtosflorestais-agricultura/artigos/principais-microorganismos-que-atacam-a-madeira>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

	<p>clara, como as espécies do gênero <i>Pinus</i>, e também de folhosas. Eles ocorrem também em peças de madeiras secas, submetidas a uma condição de umedecimento. Normalmente, as suas hifas penetram profundamente na madeira, alimentando-se de substâncias de reservas, existentes nos lúmens das células. Como os fungos emboloradores, estes também toleram vários tipos de substâncias preservativas. Normalmente, a infestação por fungos manchadores, sendo a mancha azul a mais conhecida e importante, ocorre nas primeiras horas após o abate da árvore. As hifas caminham em direção ao interior da madeira por meio do parênquima lenhoso, destacando o detalhe das células de traqueídeo do raio, completamente intactas.⁵⁵⁰</p>
--	---

FUNORI	Ver COLA DE ALGAS .
---------------	----------------------------

FURFURILAÇÃO	[Re] Modificação por impregnação através de álcool furfurílico (FÉLIX, 2013, p. 103).
---------------------	---

FURTA-COR <i>chageant [fr]</i>	[Cor] Cambiante; que apresenta cor diversa segundo a luz projetada (REAL, 1962, p. 249).
--	--

FUSELADO <i>fuselé [fr]</i>	[Ar] Diz-se das colunas e suportes em forma de fuso, isto é, com alargamento ao centro (REAL, 1962, p. 249).
---------------------------------------	--

FUSO <i>fuseaux [fr]</i>	[Or] Ornato em forma de fuso (REAL, 1962, p. 249).
------------------------------------	--

FUSTE <i>fût [fr]</i>	[Ar] Elemento de arquitetura. Parte central da coluna; apresenta-se geralmente com uma seção cilíndrica, podendo ganhar uma forma tronco cônica ou galbada. Quando é executado numa só peça denomina-se monolítico; quando se compõe de vários elementos diz-se aparelhado, composto por tambores sobrepostos. A superfície do fuste pode ser lisa ou canelada. ⁵⁵¹ A parede ou tronco da coluna entre a base e o capitel. Parte principal da coluna, entre o capitel e a base (ÁVILA, 1979, p. 45).
---------------------------------	---

⁵⁵⁰ Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/cursos-produtosflorestais-agricultura/artigos/principais-microrganismos-que-atacam-a-madeira>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

⁵⁵¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

**GABARITO**

gálibo [esp]
model, mould, profile
[ing]
módano [it]
gabarit [fr]

[Ge] Tipo de molde. [Po] Os gabaritos são muito usados na execução do estofamento, quando se quer repetir um mesmo padrão de desenho (TEIXEIRA, 1995, p. 50). [Es] Padrão em madeira ou papelão, no tamanho da execução, usado por escultores de madeira. Para uma escultura de vulto, normalmente são necessários dois modelos diferentes: um para o perfil e outro para o rosto (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 578).

GABLETE

gâble [fr]

[Rb] Parede ornamental ou terminação de portais e janelas, retábulos e nichos de estruturas arquitetônicas góticas, em forma de frontão triangular (IMC, 2011, p.121). Também chamado “pinhão”.

GALALITE

galalithe [fr]

[Ma] Nome comercial da caseína-formaldeído, resina termoendurecível obtida por tratamento de caseína do leite pura com formol e que fornece um produto plástico suscetível de numerosas utilizações (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 573).

GALÃO

[In] Tira tecida em seda, lã, linho ou algodão ou outra fibra sintética, com margens bem definidas, elaborada com padronagem decorativa. Usado como elemento decorativo em bordados ou como acabamento nas peças de vestes sacerdotais ou decoração. Pode também ser confeccionado com fios metálicos, de prata ou de ouro.⁵⁵²

GÁLEA

[In] Capacete de guerreiro; elmo (REAL, 1962, p. 251).

GALERIA

galerie [fr]

1. [Ar] Corredor largo. 2. [Mu] Sala ou espaço em que se expõe quadros, estátuas, mostruários, etc. (REAL, 1962, p. 252). **GALERIA DAS TRIBUNAS** – [Ig] Corredor que se situa no pavimento superior de igreja. Abre-se para a nave por meio de janelas rasgadas com balcões, as chamadas tribunas.⁵⁵³ **GALERIA DE INSETO** – [Dt] São espaços, vãos deixados no interior de uma peça de madeira, após o ataque de insetos xilófagos. As galerias configuram perda de suporte na área afetada.

⁵⁵² GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 115.

⁵⁵³ CONJUNTO... 2007, p. 177.

GALILÉ <i>galilée [fr]</i>	[It] Área coberta, integrada à fachada da igreja, geralmente delimitada por colunas ou arcadas, formando uma varanda ⁵⁵⁴ , ou uma galeria entre a parede do frontispício e as portas da nave, em algumas igrejas (ÁVILA, 1979, p. 49). Servia de ponto de partida para as procissões, abrigo aos viajantes e peregrinos e para encontro entre os fiéis antes de adentrarem ao templo. Elemento comum nas igrejas de estilo maneirista, quase totalmente suprimido na arquitetura barroca (FABRINO, 2012, p. 50). GALILÉ ou GALILÉIA – [Ig] Cemitério, destinado ao enterro de pessoas nobres em alguns conventos (NUNES, 2008, p. 75).
GALO	1. [Or] Elemento recortado em chapa de ferro, cobre ou outro metal, com a forma de um galo, que aparece frequentemente nos cata-ventos das grimpas das igrejas, por vezes encimado pela cruz, e costuma vir associado à esfera armilar. 2. [Ic] Símbolo alusivo à vigilância. Usado também com o fim de afugentar maus espíritos. Emblema da altivez, seu canto anuncia o sol e tem poder contra as influências maléficas da noite. ⁵⁵⁵ 3. [Rg] Vela que, ocupando o vértice do tenebrário, é a última a ser apagada durante o Ofício de Trevas (DAMASCENO, 1987, p. 28). Também denominada <i>galo-das-trevas</i> . GALO (ARMAS CHRISTI) – Relacionado ao arrependimento de São Pedro – episódio da prisão de Jesus Cristo, onde há a negação de São Pedro. Está presente em retábulos, pratarias e cruzeiros. ⁵⁵⁶
GALVANIZAR <i>galvaniser [fr]</i>	[Tc] Dourar ou pratear por meio da galvanoplastia. GALVANOPLASTIA – Processo de reprodução de estátuas, baixos-relevos, gravuras, por meio de moldes revestidos por uma camada de metal que adere por meio da pilha galvânica. A espessura e a solidez do relevo são proporcionais ao tempo em que o objeto ficou mergulhado (REAL, 1962, p. 253).
GAMELA	[It] Forro em forma de gamela, constituído geralmente por quatro painéis inclinados e um horizontal retangular (ÁVILA, 1979, p. 49).
GANGA	1. [Ou] Tecido azul ou amarelo, originário da Índia. 2 [Ou] Instrumento de suplício, na China. [Ma] Substância que tem de mistura metal e pedra preciosa (REAL, 1962, p. 253).
GANOSIS	[Tc] Termo grego, que indica uma técnica de acabamento para escultura em pedra ou mármore, bem como em pintura mural, que consistia na aplicação de cera na superfície para dar-lhe uma aparência brilhante, um

⁵⁵⁴ CONJUNTO... 2007, p. 177.

⁵⁵⁵ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 116.

⁵⁵⁶ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 116.

		tom mais quente e, além disso, serviu como uma medida de proteção para áreas pintadas e sem pintura. Em seguida, as superfícies enceradas eram polidas. Às vezes, o pigmentos eram adicionados à cera para obter diferentes efeitos cromáticos. O ganosis foi amplamente utilizado a partir do século V a.C. na escultura grega clássica em mármore, bem como pintura mural romana (KROUSTALLIS, 2015, p. 208).
GANZEPE <i>cola de golondrina, a cola de milano [esp] swallow-tail, dovetail joint [ing] coda di rondine [it] queue d'aronde [fr]</i>		[Tc] Tipo de abertura, entalhe ou furo em peças de madeira, que se estreita de baixo para cima, para encaixe de outra peça (ÁVILA, 1979, p. 149). Tem a forma de “calda de andorinha” (REAL, 1962, p. 253).
GARANÇA <i>granza [esp] garance [fr]</i>		[Ma] Corante orgânico natural vegetal vermelho, cujo componente principal é a alizarina. Derivado originalmente da raiz da garança, da espécie <i>Rubia tinctorum</i> . Como todos os corantes orgânicos, é sensível a luz. Porém, muito estável. Foi usado em técnicas pictóricas em forma de laca, desde a Antiguidade egípcia até o final do século XIX, quando foi substituído por corantes sintéticos (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 80).
GARBO		[Ap] Aplica-se o termo à forma elegante de qualquer objeto de arte: um zimbório, um ornato, o contorno de uma figura; diz-se quando são bem desenhados, que têm garbo (REAL, 1962, p. 254).
GARÇO		[Cor] Esverdeado; verde-azulado (REAL, 1962, p. 254).
GARGANTA <i>gorge [fr]</i>		[Ar] Moldura de perfil côncavo mais larga e menos profunda que a escócia (REAL, 1962, p. 254), em círculo ou elipse. Ver GOLA.
GÁRGULA <i>gargouille [fr]</i>		[It] 1. Do latim <i>gargula</i> . Abertura por onde corre a água de um chafariz ou fonte. 2. [Ar] Cano estreito na cimalha do telhado para dar saída às águas pluviais (ÁVILA, 1979, p. 49). 3. [Ic] Regra geral, exibem representações naturalistas zoomórficas ou de animais fantásticos (IMC, 2011, p. 121) e figuras grotescas. Ver BUZINOTE.
GARLOPA <i>garlopa [esp] jointing-plane, jack plane [ing] barlotta [it] varlope, grand rabot [fr]</i>		[Eq] Grande plaina de metal para desbastar grandes peças de madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 50).
GARNACHA GARNACHO	ou	[In] Capote de mangas, capuz e cabeção (REAL, 1962, p. 254). Também chamado “gabão”.
GARRA		[Or] Imitação da garra de leão ou de outros animais que serve de ornato para algumas peças de arquitetura e de móveis, como pés de cadeira

<i>griffe [fr]</i>	(REAL, 1962, p. 254).
GASTALHO <i>cárcel [esp]</i> <i>clamp, cramp [ing]</i> <i>sergente [it]</i> <i>sergent, serre-joint [fr]</i>	[Eq] Instrumento de carpinteiro e marceneiro, semelhante a um grampo, para apertar no banco a peça de madeira que se lavra (TEIXEIRA, 1995, p. 51).
GATO ou GRAMPO <i>agrafe, happe, harpon, crampon [fr]</i>	1. [Ou] Em Portugal é um elemento metálico constituído por 2 espigões ligados entre si por uma chapa longitudinal (PEIXOTO, 2012, p. 37). 2. [Ou] Peça de ferro que, em parede, muro, une e segura duas pedras de cantaria (ÁVILA, 1979, p. 49).
GEL <i>gel [fr]</i>	[Ma] Produto da coagulação de uma dispersão coloidal (LANGLE; CURIE, 2009, p. 981). [Qm] Sistema coloidal de duas fases que apresenta elementos sólidos e líquidos, de consistência gelatinosa. ⁵⁵⁷
GEL BÁSICO <i>gel [fr]</i>	[Ma] Solução para a formulação de outros géis (MAIA, 2011, p. 8).
GEL DE LIPASE <i>gel [fr]</i>	[Re] Utilizado para remoção de repintura oleosa (atua sobre matérias que contenham óleos secativos) (MAIA, 2011, p. 8). <ul style="list-style-type: none"> • 1,0 g de lipase para 100 mL de gel básico.
GELATINA <i>gelatina [esp]</i>	[Ma] Adesivo. Proteína. Colóide. Mistura heterogênea de proteínas solúveis em água, de alto peso molecular. Colóide hidrófilo obtido pelo aquecimento do colágeno em água, a 80°C ou 90°C. Incolor ou ligeiramente amarelada, transparente, quebradiça, praticamente inodora e insípida. Apresenta-se em escamas, folhas e pó. Incha absorvendo 5-10 vezes seu peso em água para formar um gel em soluções abaixo de 35°C – 40°C. Composta de carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio. É caracterizada pelo alto conteúdo de glicina, prolina e hidroxiprolina. A distinção entre as gelatinas é relacionada à diferença de tamanho das moléculas e grau de pureza. As formas mais puras são denominadas “gelatinas” e as mais impuras, “colas”. Dependendo das condições de hidrólise, as gelatinas são obtidas com diferentes pesos moleculares. O pH é ajustado adicionando ácido acético. Em certas aplicações, pode ser necessário adicionar plastificantes (glicerol, sorbitol, mel), preservativos (ácido bórico, betanofol, sulfato de zinco) ou agentes químicos que promovam insolubilidade (formaldeído, dicromato de potássio em presença de luz). Sua viscosidade varia de acordo com o pH para uma concentração. A viscosidade mínima é observada no ponto isoelétrico, de pH 4,5 – 5,0. É solúvel em água quente, glicerol e ácido acético. Insolúvel em solventes orgânicos. É aplicada como adesivo, em fixação de películas pictóricas em desprendimento, gel em emulsões fotográficas (gelatina de maior peso molecular, de 150.000 a 50.000). Encolante para

⁵⁵⁷ Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/gel>>. Acesso em: 21 out. 2018.

	papéis e veladuras (laminação) (ABRACOR, 2011, p. 51).
GELOSIA <i>jalousie, persienne [fr]</i>	[It] Paineis ou folha de janela ou porta preenchida por treliça de madeira (ÁVILA, 1979, p. 49).
GEMA <i>gemme [fr]</i>	[Pe] Pedra preciosa (REAL, 1962, p. 256).
GÊNERO <i>genre [fr]</i>	Classe de assunto ou de técnica e também o que distingue as obras de um autor ou dos autores de uma época, de uma escola (REAL, 1962, p. 256).
GÊNIO <i>génie [fr]</i>	1. [Ap] Diz-se das aptidões de um artista que ultrapassa as manifestações comuns. 2. [Ic] Figura de menino alado com atributos diversos, que servem para ornamento (REAL, 1962, p. 256).
GENUFLEXÓRIO <i>prie-dieu [ing]</i> <i>inginocchiatoio [it]</i> <i>prie-Dieu [fr]</i>	[Mo] Móvel com um pequeno estrado baixo onde se ajoelha para rezar. Possui uma parte elevada, que fica na frente do corpo, com um rebordo superior para apoiar as mãos e os braços (DAMASCENO, 1987, p. 28).
GEOMETRAL <i>géométral [fr]</i>	[Ds] Que mostra a dimensão, forma e posição das partes de uma obra. Em perspectiva, o plano sobre que está traçada a projeção horizontal (REAL, 1962, p. 256).
GERENCIAMENTO DE ACERVOS	[Mu] Todas as atividades relacionadas ao cuidado com o acervo, desde o momento em que documentos ou objetos (inclusive os digitais) são adquiridos até sua eventual baixa. Gerenciamento de acervo compreende na documentação (tombamento e catalogação); digitalização; manuseio (armazenamento, conservação, exposição); empréstimo e baixa patrimonial de itens. ⁵⁵⁸
GESSADA <i>mordiente [esp]</i> <i>gilding size [ing]</i> <i>assiette [fr]</i>	[Po] Massa que cobre a superfície na qual os douradores assentam o ouro (TEIXEIRA, 1995, p. 51). Massa formada por bolo armênio, hematita e algumas gotas de azeite (REAL, 1962, p. 256).
GESSAR <i>cubrir con yeso [esp]</i> <i>to cover with gesso for painting [ing]</i> <i>gessare [it]</i> <i>plâtrer [fr]</i>	[Tc] Revestir com gesso para pintar ou dourar (TEIXEIRA, 1995, p. 51).
GESSO <i>yeso [esp]</i> <i>plaster [ing]</i> <i>gesso [it]</i>	[Ma] Fórmula: CaSO ₄ .2H ₂ O. Sulfato de cálcio di-hidratado. Sal inorgânico de cálcio. Cristais monicíclicos, incolores. Material estável. O sulfato de cálcio aquecido entre 100°C e 190°C perde ¾ da água de cristalização, transformando-se em CaSO ₄ . Quando adicionado a um

⁵⁵⁸ PARÂMETROS... Roteiros práticos 5, 2004, p. 39.

plâtre [fr]

volume igual ou de cerca de 1/3 de seu peso, em água fria, fica sólido. Como endurece com velocidade maior que a evaporação da água não ocorre contração. Solúvel em água, álcool, tiosulfato de amônio, tiosulfato de sódio, ácidos; levemente solúvel em glicerol e praticamente insolúvel na maioria dos solventes orgânicos. Utilizado como preparação de bases de pinturas, puro ou misturado com branco de zinco ou junto com colas, uma vez que o gesso não tem propriedades aderentes. É também usado como carga ou pigmento branco em pinturas, ou em nivelamento de áreas de camadas pictóricas perdidas. Sinonímia: Sulfato de cálcio, Sulfato de cálcio precipitado, Terra Alba, Alabastro, Branco mineral (ABRACOR, 2011, p. 165). Substância inerte natural que tem sido amplamente utilizado nas camadas de preparação de trabalhos em madeira, esculturais, também usado como suporte para modelagem e escultura.⁵⁵⁹ Material feito com gipsita e água destinado na preparação de superfícies em madeira que serão douradas (TEIXEIRA, 1995, p. 51), usado na composição de estuques (quando resultante do tratamento térmico da gipsita).⁵⁶⁰

GESSO DE PARIS

yeso de París [esp]
plaster of paris [ing]

[Ma] Pó muito fino, branco ou rosado, feito pela calcinação ou desidratação da gipsita, e que, quando misturado a água, forma uma pasta de solidificação rápida que, quando seca, transforma-se numa massa homogênea, sólida e inerte. O gesso é usado na escultura para confecção de moldes.⁵⁶¹ Também chamado “Gesso da França”, pois antigamente era extraído principalmente na região de Paris. Essencialmente, como todos os gessos, o sulfato de cálcio hemi hidratado é obtido a partir de pedra de gesso calcinada e moída a uma temperatura entre 120°C e 150°C, aproximadamente. É o componente principal, juntamente com as colas de gelatina do tipo animal, das típicas preparações de gesso para imprimaturas de suportes pictóricos rígidos e em várias formulações adesivas ou de preenchimento. Não deve ser confundido com o “Gesso Parian”, também chamado em italiano *gesso al borace* (para bórax) (MUÑOZ VIÑAS; OSCA PONS; GIRONÉS SARRÓ, 2014, p. 320).

GESSO DE PREZA

[Ma] O gesso é uma certa espécie de pedra naturalmente mole, a que se dá diversos graus de calcinação. Quando é para uso de estufadores de Imagens, ou outro qualquer dourado em madeira, dá-se todo o cozimento, ou calcinação. Quando se destina misturar com cal virgem compõe estuque, da-se menos cozimento: é deste modo que se denomina “gesso de preza”. Também neste grau de cozimento é que serve para tirar formas sobre modelos (CASTRO, 1937, p.49).

⁵⁵⁹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/yeso>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

⁵⁶⁰ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=gesso>>. Acesso em: 27 set. 2018.

⁵⁶¹ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/escultura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

GESSO DIHIDRATADO	Ver GESSO .
GESSO ESCAIOLA	Ver ESCAIOLA .
GESSO FINO <i>yeso fino [esp]</i>	[Ma] Ou <i>gesso sottile</i> . Também dito gesso macio. O gesso é finamente pulverizado e disperso em água, depois deixado a macerar e, água durante longos períodos. ⁵⁶² Cennino Cennini descreve sua preparação. Nem sempre é encontrado na policromia de esculturas. Trata-se de um gesso muito mais delicado, que precisa ser preparado com antecedência, pois seu refinamento é resultado da hidratação do sulfato de cálcio, através de lavagens e decantações contínuas. Em manuais antigos como o de Fillipe Nunes ⁵⁶³ , indicam o tempo desse processo podendo variar entre 10 e 30 dias. ⁵⁶⁴ Qualidade de gesso com granulometria uniforme e muito fina. Nas técnicas pictóricas e esculturas o termo refere-se à preparação realizada com este tipo gesso e com cola de pergaminho (ou outra cola animal), aplicado como a última camada antes de receber a imprimatura. ⁵⁶⁵
GESSO GROSSO <i>yeso grueso [esp]</i>	[Ma] Pedra de gesso, pulverizada e crivada que, depois de cozida, é amassada com cola animal. Cristaliza lentamente, tem uma consistência grosseira mas muita resistência e durabilidade. ⁵⁶⁶ Qualidade de gesso, peneirado com peneira pouco espessa, usada para trabalhos menos finos ou como base para gesso fino. Em técnicas pictóricas, o termo refere-se à preparação feita com este tipo de gesso, misturado com uma cola animal. Tradicionalmente, a preparação era feita com gesso grosso. ⁵⁶⁷
GESSO HEMI HIDRATADO <i>yeso [esp]</i>	[Ma] Fórmula: $\text{CaSO}_4 \cdot 1/2\text{H}_2\text{O}$. É através do processo de aquecimento (110°C-130°C) que transforma o minério gipsita (gesso dihidratado) em gesso hemi hidratado. Esse processo chama-se calcinação. Ver GESSO DE PARIS .
GESSO MATE <i>yeso mate [esp]</i>	[Ma] Gesso composto de sulfato de cálcio, branco, mate, muito duro, que, parcial ou totalmente hidratado, moído e misturado com cola

⁵⁶² GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁵⁶³ NUNES, Filipe. Arte da Pintura, Symmetria e Perspectiva. Composta por Philippe Nunes natural de Villa Real. 1.^a ed. Lisboa, 1615. /e 2.^a ed. Lisboa: na officina de João Baptista Alvares, 1767.

⁵⁶⁴ Apostila do Curso Conhecimento das Técnicas de Douramento, ministrado pela Prof^a. Gilca Flores de Medeiros e coordenação da Prof^a. Maria Regina Emery Quites. Escola de Belas Artes da UFMG, em Belo Horizonte, nos dias 10 a 14 de dezembro de 2001.

⁵⁶⁵ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/materias/1186072>>. Acesso em: 22 out. 2018.

⁵⁶⁶ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁵⁶⁷ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/materias/1186088>>. Acesso em: 22 out. 2018.

	proteica, geralmente cola animal, é utilizado nas técnicas pictóricas e em esculturas na preparação para a pintura e douramento, bem como para outras utilizações. ⁵⁶⁸
--	---

GESSO NEGRO <i>yeso negro [esp]</i>	[Ma] Gesso com um teor de sulfato de cálcio hemi hidratado inferior a 50%. É preparado a partir de minerais de gesso de diferentes qualidades. Sua cor mais escura é devido à presença de impurezas, pois é calcinado diretamente em contato com fumaça e cinzas. É usado principalmente como imprimatura antes do gesso branco ou acabamento e em áreas que não são aparentes. ⁵⁶⁹
---	--

GESSO SOTTILE	Ver GESSO FINO .
----------------------	-------------------------

GESTALDISMO	[Ou] O termo alemão <i>gestalt</i> não tem tradução exata para a língua portuguesa. Significa forma, estrutura ou configuração e é usado para designar a corrente psicológica que surgiu no final do século XIX, que se fundamenta na ideia de que o todo é mais do que a simples soma das suas partes. A psicologia da Gestalt surgiu como uma forma de protesto contra o atomismo psicológico e o behaviorismo norte-americano. Os primeiros acreditavam que a consciência humana se decompunha em sensações; os segundos defendiam o determinismo do comportamento e só a partir da totalidade é que se podem compreender verdadeiramente os fenômenos. Deste modo, para os gestaltistas, a organização perceptiva e as leis que presidem a essa organização estão relacionadas com capacidades inatas ligadas ao funcionamento do cérebro, não sendo susceptíveis de sofrer alterações por meio da aprendizagem. O ponto de partida do gestaltismo é a percepção. Esta não é redutível a uma soma de elementos sensoriais simples, sendo antes a apreensão de uma forma, que é inata e que implica uma distinção e relação forma/fundo (BAILÃO, 2009, 129-130).
--------------------	---

GESTÃO DE DEPÓSITO	[Mu] Administração do depósito no tocante à utilização do espaço, localização e movimentação do acervo, armazenamento, climatização, higiene e segurança. ⁵⁷⁰
---------------------------	--

GIBÃO <i>brandebourg [fr]</i>	[In] Antigo sobretudo sem mangas (REAL, 1962, p. 256).
---	--

GIGANTE <i>gontrefort [fr]</i>	[Ar] Contraforte para escora ou arrimo de determinado muro ou parede de uma construção. [It] Fala-se em gigante do chafariz com relação ao seu pano ou parede de alvenaria ou cantaria (ÁVILA, 1979, p. 49).
--	--

⁵⁶⁸ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1186092>>. Acesso em: 22 out. 2018.

⁵⁶⁹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1186109>>. Acesso em: 22 out. 2018.

⁵⁷⁰ PEQUENO Glossário Dinâmico da Disciplina Conservação e Restauração de Documentos. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

	Também chamado botaréu.
GIOTESCOS <i>giottesques [fr]</i>	[Ap] Discípulos ou seguidores de Giotto (REAL, 1962, p. 257).
GIPSO <i>gipse [fr]</i>	[Ma] Sulfato de cálcio; gesso (REAL, 1962, p. 257).
GIRO	[Mo] Ferragem que se adapta às portas de certos móveis, consiste num par de lâminas de ferro com um pino de encaixe (REAL, 1962, p. 257).
GIZ <i>craie [fr]</i>	[Ma] Variedade de carbonato de cálcio. [Pi] É usado à semelhança do lápis ou do carvão para traçar o esboço da composição (REAL, 1962, p. 257).
GLACIS <i>glacis [fr]</i>	[Ta] Camada transparente colorida. O glacis é uma palavra antiga usada em atelier, ainda no século XVII, com as definições de uso em textos técnicos como os de Pierre Lebrun (1635) ou de Roger de Piles (1673). Considerado como uma forma de reforçar uma cor por uma camada cuja transparência remete à uma pedra preciosa. É fácil confundir glacis com a veladura, palavra derivada da <i>velatura</i> italiana, que sugere a ideia de atenuar o brilho de uma cor forte demais para obter uma harmonia geral, um efeito agradável. Com o tempo, o significado da palavra “glacis” evoluiu sob influência italiana e no século XVIII designou uma conexão, uma passagem entre cores. Tecnicamente, o glacis é uma camada transparente e não translúcida. Intensifica um tom (LANGLE; CURIE, 2009, p. 738). Ver VELADURA.
GLASSINE	[Ma] Papel industrializado. Papel linear siliconado, barnco translúcido. Gramatura 62 g/m ² . Anti aderente à base de polímeros de silicone, pH neutro, livre de ácido, proteção de carbonato de cálcio. Super calandrado frente e verso. Usado como papel base para produtos autoadesivos em geral. Restauração e pequenos reparos em livros, entrefolheamento de fotografias e demais obras (ABRACOR, 2011, p. 222). Utilizado em embalagem de obras de arte.
GLASURA <i>glaçure, lustre [fr]</i>	[Ce] Substância vitrificada que cobre as porcelanas e as torna impermeáveis (REAL, 1962, p. 257).
GLAUÇO <i>glauque [fr]</i>	[Cor] De cor verde-azulada, verde claro (REAL, 1962, p. 257).
GLICERINA <i>glicerina [esp]</i>	[Ma] Constituinte tri-hidroxílico do álcool, como o glicerídeo, de gorduras, óleos e fosfolipídios naturais. É um líquido incolor e viscoso com um sabor adocicado. É miscível com solventes polares e insolúvel

	em todos os solventes hidrofóbicos. É utilizado, principalmente, como agente amaciante e plastificante de colas e pinturas a água. ⁵⁷¹
--	---

GLICEROL	[Ma] Fórmula: HOCH ₂ CH(OH)CH ₂ OH. Solvente. Triol. Líquido transparente e viscoso. Prejudicial à saúde, se ingerido. Pode ser explosivo em contato com oxidantes fortes. Completamente solúvel em água e álcool. Levemente solúvel em éter e acetato de etila. Empregado como lubrificante e amaciante e em tratamentos de conservação fotográfica, em especial para remoção de emulsões de gelatina aderidas a vidro. Sinonímia: glicerian, propanotriol (ABRACOR, 2011, p. 112).
-----------------	--

GLIFO <i>glyphe [fr]</i>	[Or] Designação do traço encavo existente em ornatos arquitetônicos (REAL, 1962, p. 257). Canelura.
------------------------------------	---

GLOBO FLAMEJANTE	[Or] Elemento ornamental na forma de um globo em chamas muito empregado no período barroco (GLOSSÁRIO, 2015, p. 79).
-------------------------	--

GLÓRIA	1. [Or] Composição, em talha, escultura ou pintura em que, circundando uma figura central de Deus ou de santos, aparecem uma auréola de raios luminosos ou um conjunto de anjos. Quando essa auréola se limita a cercar apenas a cabeça, chama-se <i>nimbo</i> (REAL, 1962, p. 257). No período barroco, eram comuns as ornamentações do tipo glória nos tetos de igrejas ou sobre o altar-mor (ÁVILA, 1979, p. 149). Diz-se também apoteose. [Ic] Representação plástica do céu aberto com a corte celeste ou das Pessoas da Santíssima Trindade, circundada por anjos ou auréola luminosa. 3. [Ou] Nome de um hino que os anjos cantaram na noite de Natal. 4. [Li] Parte da missa em que se canta o hino com esse nome (DAMASCENO, 1987, p. 28).
---------------	---

GODÊ <i>godet [fr]</i>	[Eq] Recipiente em que se prepara a tinta.
----------------------------------	--

GODRÃO GODRON <i>godron [fr]</i>	ou 1. [Or] Motivo decorativo em forma de lóbulo convexo. É frequentemente empregado em faixas e, por vezes, ligeiramente curvado (IMC, 2011, p. 121). 2. [Ou] Ornatos de forma oval em peças de ourivesaria. 3. [Es] Em arquitetura e escultura, trata-se de ornatos elípticos, talhados sobre molduras, em pregas ou plissados, ocorrendo mais geralmente no desenho das <i>rocailles</i> (ÁVILA, 1979, p. 149). Também chamado de GOMO.
--	--

GOIVA <i>gubia [esp]</i> <i>carpenter's gouge [ing]</i> <i>sgorbia, gorbia [it]</i>	[Eq] Instrumento de escultor, entalhador, marceneiro e carpinteiro, de metal com cabo de madeira, em forma de meia cana na extremidade cortante, podendo ser encontrado em diferentes tamanhos e espessuras (TEIXEIRA, 1995, p. 51). As goivas são de duas espécies: <i>direitas</i> , que têm o seu corte, e gume pela parte convexa; e as de <i>releixo</i> , pela
---	--

⁵⁷¹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1040799>>. Acesso em: 22 out. 2018.

<i>gouge</i> [fr]	côncava, por isso são mais encorpadas para dar lugar ao releixo que lhes faz tomar corte retrógrado (CASTRO, 1937, p. 49). Ferramenta de trabalho com forma semelhante ao formão, mas com a parte superior mais delgada, utilizada para talhar zonas curvas (FÉLIX, 2013, p. 103). Pequeno escalpelo com lâmina modelada de secção curva. ⁵⁷²
GOIVA (feito a)	[Tc] Processo de entalhamento, feito com o emprego da goiva, instrumento como formão, com corte em secção curva. Utiliza-se em trabalhos de marcenaria, escultura, gravura em madeira, etc. (ÁVILA, 1979, p. 149).
GOIVETE <i>gunia pequeña</i> [esp] <i>grooving plane</i> [ing] <i>sponderuolo</i> [it] <i>gougette</i> [fr]	[Eq] Plaina com dois ferros, semelhantes ao guilherme (TEIXEIRA, 1995, p. 51).
GOLA <i>gorge</i> [fr]	[Ar] Moldura sinuosa formada de dois arcos de círculo; perfil em forma de "S" (REAL, 1962, p. 258). Ver HIPOTRAQUÉLIO.
GOLFINHO <i>dauphin</i> [fr]	[Or] Representação que presta-se para arremates, torneiras, complemento de detalhes em friso, baixo-relevo de fontes, chafarizes, etc. (REAL, 1962, p. 258).
GÓLGOTA	[Ic] Lugar onde crucificaram Cristo, também denominado Calvário (DAMASCENO, 1987, p. 28).
GOMA <i>goma</i> [esp] <i>gomme</i> [fr]	[Ma] Material vegetal, constituído por polissacarídeos, secretados por certas plantas para impedir a secagem e impedir a destruição das células durante a alteração física (cortes, etc.) (LANGLE; CURIE, 2009, p. 994). Líquido viscoso extraído de alguns vegetais e que, em vários tipos tem sido empregado como veículo de pintura desde a antiguidade. A goma é o veículo padrão das tintas a base de água e do pastel e, por ser capaz de emulsionar o óleo, é desde há muito tempo veículo para a têmpera. ⁵⁷³ Produzida naturalmente ou artificialmente (por incisão), que geralmente está no estado sólido. A principal diferença em relação às resinas vegetais é o facto de as gomas serem apenas solúveis em água e insolúveis em solventes orgânicos, incluindo o álcool. São usadas como aglutinantes, bem como em técnicas fotográficas, como mordentes no processo de douramento, como adesivos e como agentes espessantes em várias misturas. Atualmente, o termo "goma" é comumente usado para designar vários materiais elásticos de origem natural ou artificial e

⁵⁷² GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁵⁷³ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/pintura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

insolúveis em água, que devem ser agrupados sob o nome de elastômeros.⁵⁷⁴

GOMA-ARÁBICA
goma arábica [esp]
gomme arabique [fr]

[Ma] Polissacarídeo. Adesivo, verniz. Exudado resinoso produzido por diversas espécies de “Acácia” (da África, Índia, Austrália), a *Acácia Senegal* é a mais explorada comercialmente. Apresenta-se na forma de “pérolas” incolores ou levemente amarelas, quebradiças, de fratura vítrea (expondo um interior transparente), incolor nos graus mais finos. Contém sais de cálcio, magnésio e potássio do ácido arábico. Também contém carbonatos de cálcio, magnésio, potássio a 3%. Umidade: 16,1%. A viscosidade da solução da goma-arábica depende do seu pH. A viscosidade máxima é alcançada no ponto de pH neutro (7). Dissolve completamente (lentamente) em 2 partes de água. É um excelente colóide protetor, usado como estabilizante de emulsões ou dispersões e como agente espessante. Uma solução aquosa da goma é usada como veículo (aglutinante) em aquarelas e “guaches” e serve como adesivo para papel e cartão. Usada também na preparação de fotografias através do processo de goma bicromatada. Foi, por algum tempo, usada como veículo das tintas ditas ferrogálicas (ABRACOR, 2011, p. 52). É frequentemente adicionado um plastificante higroscópico, como glicerina ou mel, um desinfetante (cânfora) e às vezes até um pouco de óleo. (LANGLE; CURIE, 2009, p. 994)

GOMA DE CEREJA
goma de cerezo [esp]

[Ma] Goma natural que flui do tronco e ramos da cerejeira. Foi amplamente utilizado desde a antiguidade como substituto econômico da goma-arábica. Com o tempo, tornou-se um nome genérico para as secreções de diferentes árvores frutíferas usadas como adesivos ou aglutinantes em técnicas artísticas e, principalmente, na iluminura de manuscritos.⁵⁷⁵

GOMA DE TRAGACANTO
goma de tragacanto [esp]
gomme adragante [fr]

[Ma] Goma natural esbranquiçada, obtida da seiva seca de diversas espécies de leguminosas do Oriente Médio do gênero *Astragalus*. É parcialmente solúvel em água fria e geralmente forma soluções muito viscosas. Anteriormente, era utilizada na preparação de medicamentos, embora seu uso principal fosse como aglutinante dos pigmentos nas miniaturas e nas tintas de escrita, bem como verniz e espessante em várias misturas.⁵⁷⁶

GOMA-GUTA
goma guta [esp]

[Ma] Resina da árvore Carcapulli que produz um verniz encorpado, brilhante e de cor amarelo-limão que entra na composição dos *vermeils* (TEIXEIRA, 1995, p. 52). Apresenta-se em formas de massas irregulares

⁵⁷⁴ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1008548>>. Acesso em: 01 out. 2018.

⁵⁷⁵ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1172486>>. Acesso em: 01 out. 2018.

⁵⁷⁶ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1012851>>. Acesso em: 01 out. 2018.

ou em pó de cor amarelo-alaranjada. É parcialmente solúvel em água e solúvel em álcool. É utilizada como ingrediente para as aquarelas e têmperas, e como corante de *corladuras* (MUÑOZ VIÑAS; OSCA PONS; GIRONÉS SARRÓ, 2014, p. 157-158).

GOMA-LACA

goma laca [esp]
gomme-laque [fr]

[Ma] É a única resina natural de origem animal. É secretada por alguns insetos da família *Kerriidae* e, principalmente, pela espécie *Kerria lacca*. Esses insetos vivem como parasitas nos galhos de certas árvores nativas da Índia e do leste da Ásia. O inseto fêmea segrega esta substância misturada com a seiva da árvore, formam uma película colorida, dura, a fim de proteger tanto os ovos depositados nos ramos, como o subsequente crescimento de larvas que se desenvolvem dentro. A qualidade da goma-laca depende diretamente da árvore hospedeira, sendo melhor as espécie dos gêneros *Croton* (*Euphorbiaceae*) e *Ficus* (*Moracea*). A goma-laca foi usada desde a Antiguidade como um corante vermelho. Índia e China foram muito importantes para o tingimento de pele, lã e seda, cujo tom pode mudar do violeta ao vermelho, dependendo da alcalinidade da solução. Também tem sido usado no tratamento final de superfícies de madeira de móveis e instrumentos musicais, às vezes como um verniz, misturado com resinas vegetais. O filme que se forma é brilhante e adesivo e resiste a cargas mecânicas, mas torna-se insolúvel à medida que envelhece e escurece por oxidação. No Ocidente era conhecido desde a era greco-romana, mas seu uso se espalhou a partir do final da Idade Média e, especialmente, ao longo do século XVI para fazer imitações europeias de peças orientais. Nas técnicas de pintura, tem sido utilizada como pigmento laca, precipitado e fixado em alumínio. A resina é um polímero natural e pode ser moldada pelos efeitos do calor e da pressão. Por essa razão, seu uso como plástico natural tem sido amplamente utilizado durante o século XIX na fabricação de pequenos objetos decorativos, como casos de daguerótipos, molduras, discos de gramofone ou suportes para espelho. Nestes casos, foram adicionadas cargas (como pó de ardósia ou serragem) e corantes. O termo "goma-laca" é ambíguo, pois não é uma goma, mas sim uma resina. Além disso, a nomenclatura das espécies de insetos mudou várias vezes e os nomes *Laccifer lacca*, *Coccus lacca* e *Tachardia lacca* são usados como sinônimos. Da mesma forma, o nome *Kerriidae* da família é bastante estabelecido, embora os antigos nomes *Lacciferidae* e *Tachardiidae* ainda sejam usados.⁵⁷⁷

GAMBOGE

[Ma] Extrato vegetal de resina colorida que entra na composição dos *vermeils* (TEIXEIRA, 1995, p. 52). Chega ao mercado em pedaços cilíndricos que são feitos dissolvendo-se a resina e moldando-a em bambus. Hoje o amarelo-de-cobalto o substituiu. Esta resina desbota

⁵⁷⁷ TESAURO. Disponível em: < <http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1040958>>. Acesso em: 01 out. 2018.

	rapidamente na luz do sol. O mesmo que GOMA-GUTA .
GOMO <i>godron [fr]</i>	1. [Ar] Em arquitetura, uma das oito partes em que se divide a cúpula de um octógono. 2. [Or] Por extensão, qualquer ornato em forma de gomo (ÁVILA, 1979, p. 149). Ver <i>GODRON</i> .
GONZO <i>gond [fr]</i>	[Ou] Dobradiça; bisagra (REAL, 1962, p. 260). Ver <i>GIRO</i> .
GORE-TEX™	[Ma] – [esp]; [ing]; [it]; [fr]. [Ma] Têxtil. Teflon. Nome comercial da membrana branca de politetrafluoretileno (PTFE, Teflon) laminada sobre um tecido de 100% poliéster não tramado, com uma superfície não aderente. Quimicamente inerte com excelente resistência à tração (rasgos). Atua como barreira para água, pó, esporos de fungos, bactérias e fumaça, porém é permeável a vapores. Cada polegada quadrada da membrana apresenta cerca de 9 bilhoes de poros microscópicos distribuídos aleatoriamente, sendo cada poro 20.000 vezes menor do que uma gota d'água, mas 700 vezes maior que uma molécula de vapor de água. Material disponível, também, na forma de fita selável sob pressão, jaquetas e capas protetoras para vestuário. Tintas solúveis em água podem ser usadas para escrever na membrana Gore-Tex. Não se deve usar tintas à base de solventes orgânicos. Utilizada no tratamento de umidificação e planificação de fotografias, invólucros para artefatos e documentos, forro de caixas, capas protetoras para livros e vestuário. Artefatos em invólucros de membrana Gore-Tex podem ser esterilizados conservando-se desta forma durante um certo tempo (ABRACOR, 2011, p. 252).
GÓRGONA <i>gorgone [fr]</i>	[Or] Motivo de decoração representando uma cabeça de mulher, viste de face, tendo serpentes por cabelo e boca aberta (semelhante à Medusa) (REAL, 1962, p. 260).
GORJETA <i>gorget [fr]</i>	[Eq] Escopro delgado para trabalhar em mármore; pequena alavanca para auxiliar a exata colocação de pedras num muro (REAL, 1962, p. 260).
GOTA <i>goutte, tringle, larme [fr]</i>	[Or] Ornato estilizado em forma redonda, quadrada, cônica ou piramidal, que se coloca no friso das colunas Dóricas. Diz-se também de certo tipo de arremate, usado por sob as cimalthas (ÁVILA, 1979, p. 149). Também chamado <i>CAMPAINHA</i> .
GOTEJAMENTO	[Re] Procedimento realizado no tratamento de conservação e restauração com a utilização de um conta-gotas para a aplicação cuidadosa e lenta de material necessário, seja em desinfestações ou em consolidações e enrijecimentos, para que não ocorra o excesso do líquido aplicado. A obra deve estar bem posicionada, sobre uma base plana que a acomode e sem causar escorrimentos.
GÓTICO	[Et] Estilo arquitetônico ogival que se seguiu ao românico. Caracteriza-

<i>Gothique [fr].</i>	se pela existência das nervuras cruzadas denominadas <i>ogivas</i> ou <i>arcos ogivos</i> . Teve sua origem na ilha de França, espalhando-se por toda a Europa. ImproPRIAMENTE denominada gótica, por ter sido erroneamente atribuída aos godos. Teve três períodos ou aspectos: lanceolado, radiante e flamejante (REAL, 1962, p. 261).
GRÃ	1. [Cor] A cor escarlate, (REAL, 1962, p. 262) carmim. 2. [Md] O termo indica o arranjo, a orientação dos tecidos (elementos celulares constitutivos das madeiras) em relação ao eixo principal do tronco (sentido axial). Pode ser direita, quando há paralelismo dos tecidos; reversa, quando os tecidos se entrecruzam; e ondulada, quando mantém suaves movimentos, formando belos desenhos. De certa forma, confunde-se com fio e veios. Nas madeiras de grã direita, fibras retas e longitudinais, o corte no fio produz bom acabamento. Todavia, nas madeiras de grã reversa, ou perto dos nós, não há como não contrariar as fibras retorcidas, produzindo superfície áspera (GONZAGA, 2006, p. 235).
GRAAL ou GRAL	Ver ALMOFARIZ .
GRAÇA	[Li] Favor que se dispensa ou se recebe. Benefícios espirituais, indulgências concedidas pela igreja (NUNES, 2008, p. 75).
GRADE <i>chancel screen [ing]</i> <i>recinzione [it]</i> <i>clôture, barreau,</i> <i>grillage [fr]</i>	[It] Elemento divisório, em metal, pedra ou madeira, que isola, por um ou vários lados, a capela do Santíssimo do corpo da igreja (grade da capela do Santíssimo); o acesso faz-se por uma porta integrada na grade. Elemento que impede o acesso livre ao altar, sublinhando o carácter sagrado do espaço que envolve; o acesso faz-se por uma porta integrada na grade (grade de altar). E a que isola, por um ou vários lados, uma capela do corpo da igreja (grade de capela) (THESAURUS, 2004, p. 31-32).
GRADE DE CORO <i>recinzione del coro [it]</i> <i>clôture de choeur [fr]</i>	[It] Designação que se aplica à balaustrada que protege o coro (DAMASCENO, 1987, p. 29). Separa a nave da capela-mor. Elemento divisório, em metal, pedra ou madeira, que isola, por um ou vários lados, o coro litúrgico do corpo da igreja. Durante a Alta Idade Média, este elemento designava-se por <i>cancela</i> ou <i>transena</i> . Quando delimita a parte baixa do coro reservada aos cantores, diz-se grade de <i>schola cantorum</i> . Quando é feita em balaustres de pedra ou madeira, diz-se balaustrada de coro. Em italiano, se a grade for de metal, diz-se <i>cancelleta del coro</i> ; de pedra ou madeira em painéis lisos, diz-se <i>plutei</i> ; em painéis com decoração vazada, diz-se <i>transenne</i> ; em painéis com decoração relevada, diz-se <i>recinto del coro</i> (THESAURUS, 2004, p. 31).
GRADE DIVISÓRIA DE SEXOS	[It] Designação aplicada à balaustrada que separava o lugar dos homens e das mulheres dentro das igrejas, durante o culto (TRINDADE, 1998, p. 388). Ver CANCELO .

GRADEADO	1. [Or] Toda decoração em grade. 2. [Mo] Disposição de certas peças, em móveis, completando encosto, pernas, etc. (REAL, 1962, p. 262).
GRADIL	[It] Armação de ferro ou outro material, em forma de grades, para vedação ou proteção, o seu uso foi a partir da segunda metade do século XVIII. Eram, a princípio, de ferro batido, sendo mais tarde adotados os de ferro laminado (ÁVILA, 1979, p. 149).
GRADIM GRADIN <i>gradine, ripe [fr]</i>	ou [Eq] Instrumento de escultor para desbastar as asperezas que o ponteiro deixou no mármore (REAL, 1962, p. 262).
GRADINAR <i>bretteler, layer [fr]</i>	[Tc] Trabalhar, talhar o mármore, a pedra com o auxílio de um instrumento guarnecido de dentes (REAL, 1962, p. 263).
GRADINATA	[It] Balaustrada de varanda ou escadaria (REAL, 1962, p. 263).
GRAFFITI	[Ta] Num sentido amplo, aplica-se a qualquer técnica gráfica em que o resultado final seja obtido mediante a raspagem de uma camada de tinta ou outro material, de modo a revelar uma base de cor diferente. Termo hoje aplicado, na maioria dos casos, a um desenho ou inscrição gravado, pintado ou desenhado em uma parede. ⁵⁷⁸
GRAFILAR	[Tc] Gravar; esculpir (REAL, 1962, p. 263).
GRÁFIO <i>style [fr]</i>	[Eq] Ponteiro ou estilete com o qual os antigos escreviam nas tábuas enceradas. Era geralmente de osso, ferro ou mesmo de prata, tendo uma extremidade aguçada para traçar as letras e a outra achatada para poder apagar a escrita (REAL, 1962, p. 263).
GRAFITE	1. [Ds] Alótropo do carbono natural, desde tempos remotos o grafite foi utilizado como instrumento de desenho. Seu método atual de fabricação foi desenvolvido em 1795, por Conté, e consiste na mescla de grafite com argila a altas temperaturas. É oferecido em diferentes graus de dureza, que variam de acordo com a quantidade de argila que contém (quanto maior a quantidade de argila, mais rígido). Sua textura e acabamento são variáveis de acordo com a característica da cera que os reveste em sua etapa última de produção. Por ser este material muito sensível às variações de pressão e movimento exercidos pelo gesto do artista, o desenho a grafite é uma técnica que oferece grande versatilidade. 3. [Ma] Forma cristalina natural do carvão. Mineral que serve para fazer lápis. ⁵⁷⁹

⁵⁷⁸ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/pintura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁵⁷⁹ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/escultura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

<p>GRAMINHO <i>gramil [esp]</i> <i>scriber [ing]</i> <i>graffietto da</i> <i>falegname [it]</i> <i>trusquin [fr]</i></p>	<p>[Eq] Instrumento utilizados por carpinteiros, marceneiros e outros artífices para traçar linhas retas na madeira (RODRIGUES, 1875, p. 208). Instrumento para tirar medidas pequenas (aproximadamente até 10cm), e utilizado normalmente para trabalhos em madeira (FÉLIX, 2013, p. 103).</p>
<p>GRAMPO <i>cárcel [esp]</i> <i>cramp-iron [ing]</i> <i>granchio da</i> <i>falegname [it]</i> <i>crampon [fr]</i></p>	<p>[Eq] Instrumento de apertar os objetos de madeira por meio de rosca ou parafuso (TEIXEIRA, 1995, p. 52). O mesmo que GATO.</p>
<p>GRANITO</p>	<p>[Pe] Rocha ígnea cristalina, granular não estratificada, amálgama de quartzo, feldspato e mica. O granito distribui-se pelo mundo inteiro e apresenta inúmeras variedades, diferindo a textura. Ocorre numa larga gama de cores: cinza, verde, rosado, amarelo, e os pequenos fragmentos de mica dão-lhe um vivo faiscar. Pode ser polido ao ponto de adquirir a superfície lisa do espelho, mas é uma das pedras de mais difícil entalhe, por se demasiado compacta. Seus componentes são mais duros que o aço comum. Não obstante, sua durabilidade e resistência as intempéries fizeram-no popular para a confecção de esculturas monumentais em todas as épocas em que a permanência foi valorizada, especialmente no Egito antigo. É muito pouco usado em esculturas de pequeno porte, já que suas propriedades impossibilitam um trabalho de entalhe delicado.⁵⁸⁰</p>
<p>GRANULOMETRIA</p>	<p>[De] É a distribuição, em porcentagem, dos diversos tamanhos de grãos. É a determinação das dimensões das partículas do agregado e de suas respectivas porcentagens de ocorrência.⁵⁸¹</p>
<p>GRANULOSO <i>grumeleux,</i> <i>grumeleuse [fr]</i></p>	<p>[De] Refere-se ao estado heterogêneo de um líquido ou uma pasta que tem protuberâncias (grumos) (LANGLE; CURIE, 2009, p. 758).</p>
<p>GRÃO</p>	<p>1. [Md] Partículas de madeira que ao desprenderem-se formam a serragem (TEIXIDO I CAMI, 1997). 2. [Mt] Medida de peso equivalente a 0,04980469 gramas. Também chamado <i>grão pequeno</i>, em diferenciação do <i>grão grande</i>, cujo peso equivale a cerca de 0,7968750 gramas (ÁVILA, 1979, p. 211).</p>
<p>GRAVAR <i>graver, couper [fr]</i></p>	<p>[Tc] Com o auxílio de instrumentos cortantes ou reagentes químicos, entalhar, esculpir, abrir na madeira, no metal ou outra substância</p>

⁵⁸⁰ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/escultura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁵⁸¹ Disponível em: <<https://docente.ifrn.edu.br/marciovarela/disciplinas/materiais-de-construcao/granulometria-1/granulometria>>. Acesso em: 22 out. 2018.

	apropriada, desenho destinado à impressão (REAL, 1962, p. 265).
GRAVATIL	[Eq] Instrumento de carpinteiro, semelhante a uma plaina em forma de triângulo, com que se faz a fêmea de um entalhe (ÁVILA, 1979, p. 49).
GRAVURA	[Ta] Estampa resultante da impressão, em papel ou outros materiais, de desenhos ou textos gravados em pranchas de madeira, pedra ou metal, por meio de entalhe, ranhura ou corrosão. ⁵⁸²
GRAXO <i>graso [esp]</i> <i>greasy [ing]</i> <i>grasso [it]</i> <i>gras [fr]</i>	[Ma] Aplica-se aos produtos que contêm óleos ou gorduras. Tipo de óleo utilizado na pintura, inclusive na pintura de esculturas (TEIXEIRA, 1995, p. 53). Ver ÓLEO GRAXO .
GREDA <i>glaise [fr]</i>	[Ce] Espécie de barro, muito macio, pulverulento (REAL, 1962, p. 265).
GREDELÉM	[Cor] De cor semelhante á da flor do linho (REAL, 1962, p. 266).
GREGA <i>grecque, frette [fr]</i>	[Or] Ornamento decorativo composto por uma série de linhas retas quebradas, paralelas, entrelaçadas, formando um meandro, (IMC, 2011, p. 121) ou ângulos retos e que apresentam formas reentrantes, umas nas outras (ÁVILA, 1979, p. 149).
GRÉS ou GRÊS <i>arenisca [esp]</i> <i>red sandstone [ing]</i> <i>arenaria, pietra serena [it]</i> <i>grès [fr]</i>	1. [Eq] Espécie de rocha utilizada para amolar ferramentas de aço (TEIXEIRA, 1995, p. 53). 2. [Pe] Rocha formada de grãos de quartzo. 3. [Ce] Pasta em que o barro e o vidro estão misturados completamente, dando lugar a um corpo cerâmico vitrificado e não poroso, e sujeito a uma queima a temperatura superior a 1200°C. ⁵⁸³ [Ce] Cerâmica de contextura muito forte, densa, impermeável, de grão fino, com queima a altas temperaturas e levados a vitrificação total. Sua origem é alemã do séc. XV, foi uma tentativa em tentar chegar a fórmula da porcelana. A cor do grés pode variar do areia ou creme ao alaranjado chegando até o marrom avermelhado. ⁵⁸⁴
GRETA <i>grieta [esp]</i>	1. [Dt] Abertura que se produz nos materiais sólidos por efeito de movimentos (como em pedras) e impactos (em cerâmicas), ou por reações dos materiais orgânicos às diferenças de umidade (em madeira, marfim). ⁵⁸⁵ 2. [Md] Rachadura da madeira originada da secagem dos dutos que transportam a seiva até à medula (TEIXIDO I CAMI, 1997).

⁵⁸² PEQUENO Glossário Dinâmico da Disciplina Conservação e Restauração de Documentos. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁵⁸³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵⁸⁴ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

⁵⁸⁵ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em 12 jun. 2017.

GRETADA	[Ce] Aparência da superfície da cerâmica, rachada ou trincada pela ação da temperatura. ⁵⁸⁶ Processo de fabricação de cerâmica, onde as gretaduras irregulares cobrem a superfície esmaltada com finalidade decorativa (REAL, 1962, p. 266).
GRETADURA <i>grieta [esp]</i> <i>crack, crackled</i> <i>glaze [ing]</i> <i>scropolatura,</i> <i>spaccatura, fessura [it]</i> <i>craquelure [fr]</i>	[Dt] O mesmo que CRAQUELÊ .
GREVA <i>grève, jambière [fr]</i>	[In] Parte da antiga armadura que cobria a perna, do joelho ao pé (REAL, 1962, p. 266).
GRICHO	[It] Bica de chafariz (REAL, 1962, p. 266).
GRIFO <i>griffon [fr]</i>	[Or] Animal fantástico composto por cabeça de águia e corpo de leão alado. GRIFO – <i>Griffe [fr]</i> . [Or] Ornamento em forma de garra (IMC, 2011, p. 121).
GRILHÃO <i>chaîne [fr]</i>	1. [Ou] Cadeia ou argola metálica com pontas aceradas, que se costumava colocar no tornozelo dos escravos fugitivos. 2. [Rg] Cordão grosso de ouro para adorno ou para pendurar relógio ou medalhas religiosas (DAMASCENO, 1987, p. 29).
GRIMPA <i>girouette [fr]</i>	[Or] Ornato, geralmente de folha plana de metal, que aparece no remate das torres de igrejas ou outros edifícios, à maneira de cata-vento. Por extensão, a parte mais alta de um edifício (ÁVILA, 1979, p. 149).
GRINALDA <i>guirlande [fr]</i>	[Or] Ornato em forma de arranjo de folhas ou flores, à maneira de fita disposta verticalmente ou em ligeira curva (ÁVILA, 1979, p. 149). Diferencia-se do festão por não conter frutos.
GRIS <i>gris [fr]</i>	[Cor] Cor cinzenta (REAL, 1962, p. 267). GRÍSEA ou GRISÉU – Acizentada/o.
GRISALHA <i>grisalla [esp]</i>	[Pi] Pintura monocromática em tons de cinzento (gris), usada normalmente no verso dos volantes de trípticos ou polípticos. ⁵⁸⁷ Destinada a dar impressão de escultura e baixo-relevo (REAL, 1962, p. 267). Ver <i>CAMAÏEU</i> .
GRITANTE	[Pi] Diz-se dos tons que, por má distribuição, parecem muito vivos,

⁵⁸⁶ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

⁵⁸⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>criard, voyant [fr]</i>	muito crus (REAL, 1962, p. 267).
GROSA <i>lima, escofina de carpintero [esp]</i> <i>rasp [ing]</i> <i>lima grossa da falegname, raspa [it]</i> <i>grosse [fr]</i>	[Eq] Lima grossa de metal, com as superfícies ásperas, usada para desbastar, gastar e empastar a madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 53). Ferramenta cuja parte metálica é dentada e por fricção elimina os vestígios da goiva (TEIXIDO I CAMI, 1997).
GROSAR <i>limar [esp]</i> <i>to rasp [ing]</i> <i>raspare [it]</i> <i>dégrossir avec la lime dite grosa [fr]</i>	[Tc] Gastar, empastar, igualar com grossa (TEIXEIRA, 1995, p. 53).
GROTESCO <i>grotesque [fr]</i>	[Or] Adorno combinando entrelaçados, figuras excêntricas e animais fantásticos (IMC, 2011, p. 122). Relevo caprichoso, às vezes burlesco ou surrealista (TEIXIDO I CAMI, 1997). Ornamento que consiste em motivos dispostos com profusão, sem aparente relação entre si, incluindo frequentemente figuras humanas, pássaros e outros animais, e monstros dispostos entre grades e medalhões pintados. ⁵⁸⁸ Os escultores da Idade Média executaram grotescos com rara perfeição. Foram reproduzidas pinturas achadas nas ruínas (grutas) das termas do Tito e das casas romanas. Ornatos artísticos reproduzindo a natureza. Daí a confusão com grutesco. Porde-se, pois, dizer: <i>grotesco</i> , de caricato, extravagante, excêntrico, como <i>grutesco</i> , de gruta e imitação da natureza (REAL, 1962, p. 267). GRUTESCO ou BRUTESCO – [esp]; [ing]; [it]; [fr]. [Or] Pintura ou escultura em que se representam grutas ou em que há ornatos de folhas, caracóis, penhascos, penedos, árvores, etc. Por extensão, ornatos que reproduzem objetos da natureza (ÁVILA, 1979, p. 150).
GRUDE <i>colle de pâte [fr]</i>	[Ma] Cola feita de farinha de trigo. Muito usada em restauração, em desenhos, cartonagem, encadernação, etc. (REAL, 1962, p. 267).
GRUPO ESCULTÓRICO	[Es] Representação escultórica de duas ou mais figuras de vulto, que concorrem na mesma ação ou que sejam unidas por uma situação comum. Um grupo escultórico não deve ser confundido com a escultura, que é composta por uma única figura de vulto. Às vezes, na escultura, certos grupos são considerados apenas como esculturas, particularmente quando algumas das figuras representadas são de pequenas dimensões. Assim, a Virgem e o Menino são comumente referidos como uma escultura e não como um grupo. Um dos mais famosos grupos escultóricos é o Laoconte, descoberto em Roma, em 1506 (BAUDRY;

⁵⁸⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

BOZO; CHASTEL, 1990, p. 508).

GUACHE

gouache [esp]
gouache [it]
gouache [fr]

[Ta] Palavra de origem francesa *gouache* que denomina uma técnica pictórica que possui características muito similares às da aquarela, nos materiais (cores aglutinadas com goma-arábica e água), porém de efeito opaco devido à sua formulação que contém pigmentação branca (vários tipos de branco, de prata, de zinco, de chumbo, de gesso) e responsável por conferir toques de luz e tons mais pálidos. Assim, as áreas claras da imagem são construídas através da variação de tonalidade, não apoiando-se no tom subjacente. Por sua espessura e opacidade característica, se presta bem para a criação de zonas de cor uniformes e traços independentes.⁵⁸⁹ Possui alto poder de cobertura.⁵⁹⁰

GUALDO, GUALDE ou JALNE

jaunâtre [fr]

[Cor] Amarelo da cor do ouro (REAL, 1962, p. 268).

GUALDRAS

heurtoir [fr]

[Mo] Argolas grossas, executadas geralmente em ferro, que se colocam lateralmente em móveis de grande porte servindo para o seu transporte.⁵⁹¹

GUANTE

gantélet [fr]

[In] Luva de ferro, na armadura antiga (REAL, 1962, p. 268).

GUARDA

[It] Grade ou balaustrada que exerce proteção de meia-altura na beira de balcões, janelas, varandas, sacadas e púlpitos. Também denominada *guarda-corpo* (DAMASCENO, 1987, p. 29).

GUARDA-CORPO

[It] Proteção de meia altura feita na beira de escadas, varandas, sacadas, patamares, púlpitos, balcões, escadas, etc. Podem ser cheios ou vazados (ÁVILA, 1979, p. 50). Pode ser uma parede, uma grade de madeira ou ferro, uma balaustrada etc.⁵⁹²

GUARDA-PÓ

bardeau, échandole [fr]

1. [It] Forro sobreposto aos caibros, composto de tábuas e abaixo das telhas. 2. [Rb] Peça de cobertura, protetora ou simplesmente ornamental, colocada acima de alguns retábulos. Tem comumente a forma retangular e fica pendente da parede. O mesmo que baldaquim ou, segundo determinadas interpretações, sanefa ou dossel (ÁVILA, 1979, p. 150).

GUARDA-SAIA

[It] Rodapé onde são presos os peitoris vazados de balcões e sacadas

⁵⁸⁹ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/pintura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁵⁹⁰ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁵⁹¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵⁹² CONJUNTO... 2007, p. 177.

(REAL, 1962, p. 269).

GUARDA-VENTO <i>swinging door [ing]</i> <i>bussola [it]</i> <i>tambour de porte [fr]</i>	<p>[It] Anteparo em madeira, colocado no interior da igreja, face à porta principal de entrada, com dois grandes batentes centrais e dois laterais de menor dimensão, por onde em geral se fazem as entradas e saídas, resguardando do vento e do ar frio o interior do edifício (THESAURUS, 2004, p. 31). O mesmo que para-vento ou biombo.</p>
GUARDA-VOZ <i>abat-voix [fr]</i>	<p>[It] Espécie de dossel que geralmente aparece cobrindo os púlpitos, cuja função é fazer com que a voz do celebrante se espalhe com harmonia pelo ambiente. (DAMASCENO, 1987, p. 29). Também denominado “abaixa-voz”.</p>
GUARNIÇÃO	<p>1. [It] Conjunto de peças com ornato ou trabalho de arremate no enquadramento de um vão de porta ou janela, ou seja, ombreira, verga, sobreverga, etc. 2. [Ar] Camada de cal ou gesso com que se branqueiam as paredes depois de rebocadas (ÁVILA, 1979, p. 50). 3. [Ce] Limite de uma composição por fiadas simples – cercaduras e frisos; fiadas duplas – barras ou fiadas compósitas de azulejos.⁵⁹³</p>
GUIÃO	<p>[Rg] Espécie de pendão ou estandarte que vai à frente de procissões solenes. Em Ouro Preto é levado, geralmente, pela Irmandade do Santíssimo Sacramento, o guião roxo, com a inscrição latina <i>SPQR</i>, sai nas Procissões do Depósito, Encontro e Enterro, durante a Semana Santa, o guião vermelho, com a custódia bordada, é usado para abrir as Procissões da Ressurreição e <i>Corpus Christi</i> (DAMASCENO, 1987, p. 29).</p>
GUIEIRO	<p>[It] Pequena fasquia ou ripa de madeira que serve de guia para o movimento da janela de guilhotina (ÁVILA, 1979, p. 50).</p>
GUILDAS <i>gilde, ghilde, gilde [fr]</i>	<p>[At] Associações formadas na Idade Média entre as corporações de ofícios, operários, artistas, negociantes (REAL, 1962, p. 270).</p>
GUILHERME <i>guillame [esp]</i> <i>a tonguing annd</i> <i>grooving plane,</i> <i>william [ing]</i> <i>sponderuola [it]</i> <i>guillaume [fr]</i>	<p>[Eq] Instrumento semelhante a uma plaina ou rabote que corta só pelo meio (TEIXEIRA, 1995, p. 53). Faz filetes e ranhuras (REAL, 1962, p. 270).</p>
GUILHOCHÊ ou GUILOCHÊ <i>guilloquis [esp]</i>	<p>[Or] Ornamento geométrico formado por linhas paralelas, retas ou curvas, que se cruzam ou se entrelaçam em simetria, formando losangos ou quadrados (COELHO, 2005, p. 240), criando uma rede simétrica, por</p>

⁵⁹³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>guilloche</i> [ing] <i>guilloché</i> [fr]	vezes, semelhante a uma trança (IMC, 2011, p. 122). O guilochê foi largamente usado na talha do período D. João V, com douramento e às vezes com fundos policromos. Também foi usado na decoração da prataria. ⁵⁹⁴ Usa-se também a grafia <i>guilloché</i> .
GUIO	[Eq] Cunha de ferro que serve para abrir ou lascar, regularmente, grandes blocos de pedra (REAL, 1962, p. 270). Ver PINCHOTE.
GUIRLANDA	[Or] Ornato em forma de arranjos de flores, frutas e ramagens entrelaçadas comumente pintadas ou entalhadas em madeira (GLOSSÁRIO, 2015, p. 82).
GUISAMENTO	[Rg] Alfaias de culto, vinho e hóstias para missa (NUNES, 2008, p. 75).
GUME <i>corte</i> [esp] <i>cutting edge</i> [ing] <i>taglio</i> [it] <i>tranchant, fil</i> [fr]	[Ge] Local onde está afiado o instrumento de corte (TEIXEIRA, 1995, p. 53).
GUTA-PERCHA <i>gutapercha</i> [esp] <i>gutta-percha</i> [fr]	[Ma] Resina obtida da secreção de árvores tropicais da família Sapotaceae e especialmente a <i>Palaquium oblongifolium</i> e <i>Guta Inosandra</i> , em forma de látex. Este nome vem do <i>getah</i> da Malásia (goma) e percha (árvore). Importada de Cingapura desde 1844, esta resina não elástica foi apresentada na Feira Mundial em 1851. Seu uso está se tornando escasso na Europa desde o final do século XIX (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1020). Resina translúcida, sólida, flexível e insolúvel em água. Branqueada e aquecida em água torna-se bastante macia, adesiva e capaz de esticar em folhas e tomar qualquer forma, que é tenazmente retida depois de seca. Foi introduzido na Europa em 1822 e tem sido usado em decorações de moldes para móveis. Atualmente tem grande aplicação na indústria para fabricar tecidos isolantes e impermeáveis, bem como para assentos estofados. ⁵⁹⁵

⁵⁹⁴ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 120.

⁵⁹⁵ TESAUROS. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1181723>>. Acesso em: 07 Out. 2018.



HABILIDADE	[De] Capacidade que tem um mestre, um artista em manejar os pincéis, o lápis, o buril, o escopro (REAL, 1962, p. 271).
-------------------	--

HÁBITO	[In] Vestimenta talar de ordens religiosas, dos frades e freiras, irmandades e confrarias, usada também pelos irmãos das Ordens Terceiras, em cerimônias religiosas (DAMASCENO, 1987, p. 29), identifica tais ordens: agostiniana, franciscana, dominicana, carmelita, mercedária, da ordem dos mínimos. Geralmente um hábito pode ser composto por uma túnica cintada ou solta, com ou sem capuz, um escapulário e uma capa. Os monges e frades usam o hábito constantemente, porém membros de irmandades e confrarias de leigos somente em solenidades litúrgicas e procissões. ⁵⁹⁶ Insígnia de cavaleiro ou oficial de certas ordens militares: hábito de Cristo. Tomar o hábito = professar (NUNES, 2008, p. 79).
---------------	--

HACHURA <i>hachures [fr]</i>	[Ta] Um conjunto de linhas ou traços, de diferentes comprimentos, paralelos ou em interseção (LANGLE; CURIE, 2009, p. 723). Técnica artística utilizada para criar efeitos de tons ou sombras a partir do desenho de linhas paralelas próximas. ⁵⁹⁷
--	--

HAGIOGRAFIA <i>hagiographie [fr]</i>	[Rg] Biografia de um santo ou santa. ⁵⁹⁸
--	---

HALO <i>halo [fr]</i>	[Ab] Glória, auréola (REAL, 1962, p. 271).
---------------------------------	--

HÁLUX	[An] Em anatomia humana geral, é o dedo grande do pé. Em Anatomia zoológica, trata-se do primeiro dedo das patas traseiras dos animais. ⁵⁹⁹
--------------	--

⁵⁹⁶ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 120-121.

⁵⁹⁷ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=hachura>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

⁵⁹⁸ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/hagiografia>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

⁵⁹⁹ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?hl=pt-R&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=h%C3%A1lux>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

HARMONIA <i>harmonie [fr]</i>	[Ap] Proporção; ordem; disposição bem ordenada numa composição (REAL, 1962, p. 271).
HARPIA <i>harpie [fr]</i>	[Ic] Monstro fabuloso com rosto de mulher e corpo de abutre. Serve de ornamento em fachadas, frisos, etc. (REAL, 1962, p. 271).
HASTE	[Ge] Elemento de suporte, mais ou menos longo e delgado, disposto na vertical e que sustenta um corpo ou outro elemento. Pode constituir o próprio corpo de um objeto (ex. castiçal) (IMC, 2011, p. 122). HASTE DA CRUZ – Ver CRUZ .
HÉLICE <i>hélice [fr]</i>	[Ar] Pequenas volutas dos capitéis coríntios e que também se chamam <i>orelhas</i> (REAL, 1962, p. 272).
HELIOTROPO <i>heliotropo [esp]</i>	[Pe] Variedade de calcedônia ⁶⁰⁰ verde com pequenos pontos vermelhos de jaspe. Na Idade Média, esses pontos vermelhos eram considerados gotas do sangue de Cristo e, por essa razão, poderes miraculosos eram atribuídos a ele. Tem sido usado, tradicionalmente, como um amuleto contra envenenamentos. ⁶⁰¹
HEMATITA <i>hematites [esp]</i>	[Pe] Variedade terrosa de oligisto (óxido de ferro anidro). É um mineral com fórmula química Fe ₂ O ₃ . Sua dureza, na escala de Mohs vai de 5,5 a 6,5. Principal mineral constituinte do minério de ferro. Ocorre em cristais tabulares formando rosetas (rosas de ferro). Sua coloração varia de preta, cinza a marrom-avermelhado. Quando pulverizada apresenta sempre uma coloração marrom-avermelhada, tendo sido usada como pigmento. É o minério de ferro mais importante. Nas técnicas artísticas, tem sido usado como pigmento vermelho e também é encontrado na composição de outros pigmentos, como ocre vermelho, sombra ou siena. Também tem sido usado como polidor de metal e, principalmente, para brunir pães de ouro. ⁶⁰²
HERÁLDICA <i>héraldique [fr]</i>	[Ou] Disciplina auxiliar de História que visa estudar escudos, brasões e sinais distintivos de linhagens, corporações, instituições ou entidades territoriais. ⁶⁰³
HERMA <i>Hèrmes [fr]</i>	[Es] Busto ou figura em meio corpo prolongando-se em pedestal, com as costas cortadas por planos verticais. Estátuas frequentemente colocadas em jardins, praças públicas, comemorativas de personagens ilustres, chafarizes, fachadas e plintos (REAL, 1962, p. 272).

⁶⁰⁰ Variedade criptocristalina de quartzo, transparente ou translúcida, também usada como gema. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=calced%C3%B4nia>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

⁶⁰¹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1001055>>. Acesso em: 09 out. 2018.

⁶⁰² TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1001066>>. Acesso em: 09 out. 2018.

⁶⁰³ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/heraldica>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

HERMES <i>Hèrmes [fr]</i>	[Es] Estátuas representando Mercúrio (REAL, 1962, p. 272).
HERMETA <i>Hèrmes [fr]</i>	[Es] Coluna que tem um Hermes sobreposto (REAL, 1962, p. 272).
HIDROCARBONETO <i>hidrocarburo [esp]</i> <i>hydrocarbon [ing]</i> <i>idrocarburi [it]</i>	[Ma] Composto formado exclusivamente por átomos de carbono e hidrogênio. São agrupados em três séries principais: alifáticos, alicíclicos e aromáticos. Hidrocarbonetos naturais que podem ser obtidos diretamente a partir de formações geológicas, em estado líquido ou sólido, são de petróleo, betume e asfalto, e gás natural gasoso. A maioria dos hidrocarbonetos é o produto da transformação de matéria vegetal ou animal, sujeita à ação de altas temperaturas e pressões durante longos períodos geológicos. ⁶⁰⁴
HIDROCARBONETO ALIFÁTICO <i>hidrocarburo alifático [esp]</i> <i>aliphatic hydrocarbon [ing]</i> <i>Idrocarburi [it]</i>	[Ma] Que tem uma cadeia aberta (linear ou ramificada), subdividida em: <ul style="list-style-type: none"> • hidrocarbonetos alifáticos saturados, também denominados parafinas ou alcanos: só apresentam na cadeia simples ligações C – C; • hidrocarbonetos alifáticos insaturados, conhecidos como olefinas ou alcenos: apresentam, pelo menos, uma ligação dupla C = C; • hidrocarbonetos alifáticos insaturados, também chamados acetilênicos ou alcinos: presentes na cadeia, pelo menos, uma ligação tripla C ≡ C (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 453).
HIDROCARBONETO ALICÍCLICO <i>hidrocarburo alicíclico [esp]</i> <i>hydrocarbon [ing]</i> <i>Idrocarburi [it]</i>	[Ma] Com uma cadeia fechada, com ou sem ramificações (cadeias laterais): <ul style="list-style-type: none"> • hidrocarbonetos cíclicos saturados ou cicloparafinas: eles só têm ligações simples; • hidrocarbonetos cíclicos insaturados: apresentam, pelo menos, uma ligação múltipla (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 454).
HIDROCARBONETO AROMÁTICO <i>hidrocarburos aromáticos [esp]</i> <i>aromatic hydrocarbon [ing]</i> <i>Idrocarburi aromatici [it]</i>	[Ma] Há uma série particular de hidrocarbonetos cíclicos insaturados com propriedades características diferentes dos hidrocarbonetos insaturados normais. Eles têm sua própria estrutura, na qual os átomos de carbono constituem um ciclo, geralmente de seis, unidos por duas em duas ligações simples e, todos juntos, por outro tipo de ligação formada por seis elétrons que formam um orbital molecular, comum aos seis átomos de carbono do ciclo. O hidrocarboneto aromático mais simples é o benzeno (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 454).
HIDRÓFORO <i>hydrophore [fr]</i>	[Es] Diz-se das estátuas carregando vasos dos quais escorre água (REAL, 1962, p. 273).
HIDRÓLISE <i>hidrólisis [esp]</i>	[Qm] Qualquer reação química que envolva a quebra de uma molécula por ação da molécula de água. Hidro (água) e lise (quebra). ⁶⁰⁵

⁶⁰⁴ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1186420>>. Acesso em: 09 out. 2018.

⁶⁰⁵ Disponível em: <<https://www.infoescola.com/reacoes-quimicas/hidrolise/>>. Acesso em: 09 out. 2018.

idrolisi [it]

HIDROXILO	[Qm] Em química é um grupo funcional presente nas bases dos hidróxidos, representado e formado por um átomo de hidrogênio e um de oxigênio. Obtidas geralmente através da dissociação de uma base, os hidroxilos também determinam o caráter acidobásico (pH) de uma solução (FÉLIX, 2013, p. 104).
HIERÁTICO <i>hiérathique [fr]</i>	[Rg] Diz-se das formas tradicionais que a religião impôs às obras de arte (NUNES, 2008, p. 79). Diz-se de formas artísticas consagradas pela tradição religiosa.
HIEROGRAFIA <i>hiérogaphie [fr]</i>	[Rg] Descrição das coisas sagradas (REAL, 1962, p. 273).
HIFA <i>ifa [it]</i>	[Bi] Unidade filamentosa que compõe o micélio dos fungos. ⁶⁰⁶
HIGIENIZAÇÃO	[Re] Remoção, por meio de técnicas apropriadas, de poeira, sujidade e outros resíduos depositados ou aderidos ao objeto, com vistas à sua preservação. Ver LIMPEZA.
HIGRÔMETRO <i>igroscopicità [it]</i>	[Eq] Instrumento utilizado para medir a umidade de um ambiente (SPINELLI JR, 1997, p. 77). HIGROMETRIA – Parte da física que determina o grau de umidade da atmosfera (REAL, 1962, p. 273).
HIGROSCOPIA ou HIGROSCOPI-CIDADE	[De] Capacidade que certos materiais possuem de absorver água (FÉLIX, 2013, p. 104). Propriedade de alguns objetos inorgânicos e de todos os orgânicos de absorver e liberar umidade dependendo das condições ambientais que os rodeiam. É fundamental o seu conhecimento e controle já que é a causa de movimentos nos materiais que podem provocar importantes alterações. ⁶⁰⁷
HIPERTÍRIO	[Ar] Espécie de cimalha em forma de friso em relevo por cima da porta dórica (REAL, 1962, p. 274).
HIPOCAMPO <i>hippocampe [fr]</i>	[Ic] Monstro fabuloso, metade cavalo metade peixe, semelhante ao cavalo-marinho (REAL, 1962, p. 274).
HIPOGRIFO <i>hippogriffe [fr]</i>	[Ic] Animal fabuloso, alado, metade cavalo metade grifo (REAL, 1962, p. 274).
HIPÓPODE <i>hippopode [fr]</i>	[Ic] Monstro fabuloso; figura de homem com pés de cavalo (REAL, 1962, p. 274).
HIPOTRAQUÉLIO <i>hypotrachelium [fr]</i>	[Ar] Parte superior do fuste da coluna que fica logo abaixo do capitel, pode ser chamado de <i>colar</i> (REAL, 1962, p. 274). O mesmo que GOLA.

⁶⁰⁶ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁶⁰⁷ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

HOATCHI <i>hoat-chi [fr]</i>	[Ce] Terra muito branca que os chineses empregam para fabricar porcelana (REAL, 1962, p. 275).
HOMENS SILVESTRES	[Ic] Figuras fantásticas do imaginário medieval, com feição antropomórfica totalmente cobertas de pelos, representando homens selvagens em caçadas e combates, lavradas e relevadas no metal, com maior aplicação na decoração de salvas (IMC, 2011, p. 122).
HOSPITALEIRO	[Rg] Ordem criada em meados do século XI para cuidar dos peregrinos que visitavam a Terra Santa e que ganhavam importância ao longo do século XII, muitas vezes sob o impulso da monarquia. ⁶⁰⁸
HUCHA <i>huche [fr]</i>	[Mo] Arca; cofre grande (REAL, 1962, p. 275).

⁶⁰⁸ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/hospitalario>>. Acesso em: 27 jul. 2018.



IAB	[Og] Instituto de Arqueologia Brasileira. ⁶⁰⁹
IBRAM	[Og] Instituto Brasileiro de Museus. ⁶¹⁰
ICOM	[Og] International Council of Museums. ⁶¹¹
ICOMOS	[Og] International Council on Monuments and Sites. ⁶¹²
ÍCONE <i>icono [esp]</i> <i>icône [fr]</i>	[Ic] Termo empregado na arte do Oriente Próximo, principalmente nas igrejas russa e grega, para designar uma pintura executada sobre madeira, representando a figura de Cristo, da Virgem ou de um santo (DAMASCENO, 1987, p. 30). Na tradição ortodoxa, representação religiosa e sagrada. O termo vem do grego <i>eikôn</i> , que significa <i>imagem</i> , <i>semelhança</i> , <i>retrato</i> . O ícone distingue-se da pintura religiosa católica pela vontade do artista de expressar, em todos os detalhes, uma <i>verdade teológica</i> (LANGLE; CURIE, 2009, p. 91). Objeto que designa qualquer imagem de um caráter sagrado. Além dos pintados, há também exemplos raros de ícones em baixo-relevo policromados e mosaicos. ⁶¹³
ICÔNICO ou ICÁSTICO	[Ap] Retrato ao vivo ou estátua feita do natural. A origem foi dos que venciam três vezes nos jogos olímpicos e lhes faziam retratos ou estátuas do tamanho natural (REAL, 1962, p. 277).
ICONOCLASTA <i>iconoclaste [fr]</i>	[Ou] Destruidor de imagens (REAL, 1962, p. 277), ou se opõe à sua adoração.
ICONÓFILO	[Ou] Aquele que coleciona ou gosta de imagens (esculturas), quadros, estampas (REAL, 1962, p. 277).
ICONOGRAFIA	[Ic] O significado literal do termo é “descrição das imagens”, pois, se o

⁶⁰⁹ Disponível em: <<http://www.arqueologia-iab.com.br/>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

⁶¹⁰ Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/o-ibram/>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

⁶¹¹ Disponível em: <<https://icom.museum/en/>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

⁶¹² Disponível em: <<https://www.icomos.org/en/>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

⁶¹³ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/bienes culturales/1011810>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

<i>iconographie [fr]</i>	sufixo "grafia" denota algo descritivo. Ramo de estudo da História da Arte que trata do conteúdo temático ou mensagem das obras de arte, enquanto algo diferente de sua forma ⁶¹⁴ . Identifica e classifica os temas de uma obra de arte (PANOFSKY, 1986, p. 47-65). Estudo sobre a descrição, identificação, classificação e interpretação das imagens, estórias e alegorias representadas. ⁶¹⁵
ICONOLOGIA <i>iconologie [fr]</i>	[Ic] Representação alegórica ou emblemática de entidades; explicação de imagens, das figuras alegóricas e dos seus atributos (REAL, 1962, p. 277). O sufixo "logia" – derivado de logos, que quer dizer "pensamento", "razão" – denota algo interpretativo. A descoberta e interpretação dos valores "simbólicos" (que, muitas vezes, são desconhecidos pelo próprio artista e podem, até, diferir enfaticamente do que ele conscientemente tentou expressar) é o objeto do que se poderia designar por "iconologia". Iconologia, portanto, é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. Pode-se concluir que é feita: descrição pré-iconográfica, análise iconográfica e interpretação iconológica (PANOFSKY, 1986, p. 47-65).
ICONÓSTASE <i>iconostasio [esp]</i> <i>iconostase [fr]</i>	[It] Espécie de grande biombo em forma de tríptico, coberto de imagens sagradas, atrás do qual o padre faz a consagração nas igrejas do rito oriental. Era nesta vedação que gregos e russos começaram a dispor os ícones em grande número e que eram assim apresentados à adoração dos fiéis. O iconóstase é um repositório de ícones, o qual pela sua altura veda a vista do santuário. Etimologicamente, quer dizer suporte para as imagens sagradas (REAL, 1962, p. 277-278). Nas igrejas ortodoxas, divisão com ícones que separa o santuário da nave (LANGLE; CURIE, 2009, p. 292).
ICONOTECA	[Mu] Coleção iconográfica ou local que lhe é destinado num museu ou biblioteca (REAL, 1962, p. 278).
ICCROM	International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property. ⁶¹⁶
ICTIS <i>Ichthys [fr]</i>	[De] Termo grego que significa peixe, do qual os primeiros cristãos se serviam como sinal secreto no tempo das perseguições. A palavra é um acróstico da frase grega cuja tradução é Jesus Cristo Filho de Deus Salvador (<i>Iesus Christos Theon Ios Soter</i>) (NUNES, 2008, p. 81).
IDADE <i>Epoque [fr]</i>	[Ou] Diz-se das épocas históricas e geológicas: da pedra, do ferro, do bronze, etc. (REAL, 1962, p. 278).
IDENTIDADE	[Ou] O homem imprime suas características nas coisas que produz, que manifesta. Cada pessoa e a sociedade possuem caracteres que lhes são

⁶¹⁴ Forma: estrutura geral de cor, linhas e volumes que constitui nosso mundo visual.

⁶¹⁵ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/iconografia>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

⁶¹⁶ Disponível em: <<https://www.iccrom.org/>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

CULTURAL

próprios e exclusivos. O reconhecimento dos elementos individualizadores dá ao bem, ou seja, ao produto ou à manifestação, sua identidade. A identidade cultural é o conjunto de propriedades intrínsecas e extrínsecas das manifestações do homem que marcam sua produção no tempo e no espaço. A noção de espaço cultural une-se a de identidade, ou seja, ao lugar onde as características do bem se apresentam em sua plenitude.⁶¹⁷

IDENTIFICAÇÃO

[Do] Identificar, declarar a autenticidade de um objeto qualquer; atribuir a autor ou artista, com segurança, a autenticidade de uma obra (REAL, 1962, p. 278). A identificação pode ocorrer através do título se houver, seja através de documentação ou inscrita na própria obra, ou pode ficar evidente quando a representação iconográfica da imagem é de fácil leitura e compreensão. A escultura também pode ser identificada por diversos elementos como por exemplo: uma imagem com o hábito de determinada ordem religiosa, pode ser chamado “santo carmelita ou santo jesuíta” (COELHO; QUITES, 2014, p. 100). Ver TÍTULO.

IDEOGRAMA

[Ou] Notação ou símbolo gráfico que, em lugar dos sons de uma palavra, representa diretamente a ideia que a mesma palavra exprime, como os algarismos e, em parte, a escrita chinesa e os hieróglifos (REAL, 1962, p. 278).

ÍDOLO

ídolo [esp]

idole [fr]

1. [Ic] Figura representativa de uma divindade e a que se presta culto. A arte primitiva e indígena contribuiu para a grande variedade de obras de arte nesse sentido (REAL, 1962, p. 278). 2. [Es] Recriação tridimensional de objetos transportáveis, como pequenas esculturas, que geralmente representam uma força ou divindade natural, objeto de adoração. Normalmente, estas estatuetas são realizadas de forma esquemática e frequentemente se assemelham ao humano, é a referência para o contorno em si, a reiteração dos olhos, algumas decorações corporais ou, no caso excepcional, a representação do sexo normalmente feminino, caracterizada por seus grandes olhos, cabelos em séries verticais de ziguezagues e, em muitos casos, representação esquemática dos ornamentos ou roupas baseados em esquemas geométricos. As silhuetas que delimita o contorno correspondente da cabeça, tronco diferenciada, com ou sem representação dos braços, morfologias estranhas, que frequentemente não têm qualquer referência corpórea ou decorativa.⁶¹⁸

IGREJA

iglesia [esp]

1. [Ig] Templo cristão. 2. [Rg] Conjunto de fiéis ligados pela mesma fé e sujeitos aos mesmos chefes espirituais (NUNES, 2008, p. 81). [Ab] Igreja nas mãos é um atributo dos quatro grandes Doutores da Igreja, e ainda São Tomás de Aquino, Santa Isabel da Hungria, Santa Helena

⁶¹⁷ Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁶¹⁸ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/bienes culturales/1011811>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

(TAVARES, 1990, p. 191). **IGREJA CONVENTUAL** – De um convento; de uma Ordem religiosa regular, cuja construção está integrada ao prédio do convento ou mosteiro, servindo aos frades e monges, assim como aos fiéis em geral.⁶¹⁹ **IGREJA FILIAL** – Expressão com que se designa uma igreja física, secundária, subordinada à matriz, ou uma comunidade de fiéis subordinada à orientação do centro da paróquia. **IGREJA MATRIZ** – A primeira e mais importante de uma paróquia ou freguesia; o mesmo que igreja paroquial. É a sede principal da paróquia, sagrada ou solenemente benta, destinada para o culto público dos paroquianos e o exercício das funções paroquiais (TRINDADE, 1998, p. 389).

IGREJINHA, IGREJOLA, IGREJÓ	[Ig] Pequena paróquia; pequena igreja (REAL, 1962, p. 279).
IGUALAR <i>raccorder, rabaltre [fr]</i>	1. [Pi] Emparelhar as tintas, as massas na composição. 2. [Pe] Polir a superfície do mármore ou pedra. 3. [Ou] Nivelar o terreno, o solo, o pavimento da casa, etc. 4. [Re] Cobrir a superfície da tela com tons que igualam e se confundem com as partes antigas da pintura (REAL, 1962, p. 279).
IHGB	[Og] Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
I.H.S.	[Rg] Monograma cercado por um resplendor. Representa o nome de Jesus escrito numa forma grega abreviada e originalmente nada tinha a ver com as palavras latinas <i>Jesus Hominum Salvator</i> (Jesus Salvador dos Homens) que Ihe são ligadas. O I.H.S. foi popularizado por São Bernardino de Siena, no século XV e, mais tarde, adotado pela Companhia de Jesus (NUNES, 2008, p. 81).
IIC	International Institute for Conservation of Historic and Artistic Work. ⁶²⁰
ILHARGA	1. [Mo] Face lateral de um móvel (QUEIMADO, 2007, p. 182). 2. [Rb] Peças frontais de esteio de um retábulo, arco-cruzeiro, etc., que aparecem lateralmente em relação ao vão central. Equivaleriam à ombreira dos outros vãos (ÁVILA, 1979, p. 151).
ILUMINAÇÃO <i>iluminación [esp]</i>	[Cv] A luz, natural ou artificial, é um tipo de radiação eletromagnética capaz de fragilizar os materiais constitutivos de obras de diversos acervos, induzindo um processo de envelhecimento acelerado. Além da radiação visível, a ultravioleta e a infravermelho são duas tipologias de radiação eletromagnética nocivas à conservação de acervos, particularmente aqueles constituídos de papel. As radiações são

⁶¹⁹ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 121.

⁶²⁰ Disponível em: <<https://www.iiconservation.org/>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

classificadas de acordo com seus comprimentos de onda. Desse modo, a radiação ultravioleta situa-se entre 200 e 400 nm (nanômetros), a radiação visível entre 400 e 700 nm e a radiação infravermelha acima de 700 nm. Embora as três radiações mencionadas sejam potencialmente agressivas, os mecanismos de fotodegradação são diferentes, devido às diferenças de energias envolvidas, associadas aos comprimentos de onda. A deterioração fotoquímica depende de diversos fatores como, por exemplo, faixa de comprimento de ondas, intensidade de radiação, tempo de exposição e natureza química do material (papel, pergaminho, couro, etc.). Dentre as fontes promotoras de danos fotoquímicos estão: a luz solar e as lâmpadas elétricas. O sol é o manancial luminoso mais perfeito que se conhece e a sua luz é dita “contínua” porque emite radiações em todo espectro eletromagnético. As lâmpadas artificiais, por outro lado, são dispositivos artificiais que tentam reproduzir a luz natural. O espectro dessas lâmpadas é dito “descontínuo”, cuja faixa de comprimento de onda é predominantemente das características construtivas das lâmpadas. O controle das radiações eletromagnéticas em acervos é feito através de cortinas, persianas, *brise-soleil*, filtros especiais para absorção do ultravioleta, filmes refletores de calor, etc. É importante assinalar que, até o momento, não foi descoberto nenhum tipo de lâmpada ideal, ou seja, capaz de iluminar sem danificar o material. Em razão disso, as medidas de proteção contra a deterioração fotoquímica devem ser frutos de estudos amadurecidos e conduzidos por profissionais no assunto (SPINELLI JR., 1997, p. 30-31). Existem algumas indicações como: utilizar iluminação do tipo tungstênio incandescente por apresentar regularidade na quantidade de luz e na emissão de calor; recomenda-se que as lâmpadas sejam acesas apenas quando necessário ou que sejam revestidas por filtros que retenham a radiação ultravioleta, causadora do processo de contração e retração nos materiais que compõem o objeto e também do esmaecimento da cor; as lâmpadas incandescentes do tipo alógenas emitem pouca radiação ultravioleta, mas também emitem infravermelhos (calor) e por isso devem ficar distantes dos artefatos; a luz natural direta também causa prejuízo à integridade física dos artefatos; como medida preventiva, é sugerida a instalação de anteparos, como cortinas confeccionadas em material impermeável, com mecanismo *rolon*, ou cortinas de TNT que podem ser substituídas periodicamente, e que elas devem ser higienizadas com frequência, evitando o acúmulo de sujidade (ACAM PORTINARI, 2010, p. 85-86). A iluminação pode ser: indireta (por reflexo), lateral, difusa, zenital, natural e artificial (REAL, 1962, p. 279).

ILUSIONISTA
(pintura)

illusionist
painting [ing]

[Pi] Pintura em que os objetos ou figuras adquirem, por efeito de perspectiva, a ilusão de serem reais ou palpáveis (ÁVILA, 1979, p. 151). O mesmo que TROMP L’OEIL. Ver **PERSPECTIVA (pintura)**.

ILUSTRAÇÃO

[Ou] Ato ou efeito de ilustrar; diz-se dos ornatos, vinhetas que enfeitam

illustration [fr]

os manuscritos; estampa ou gravura de publicação (REAL, 1962, p. 279).

IMAGEM

image [fr]

1. [De] Designação geral da representação de um objeto, de uma pessoa pelo desenho, pintura ou escultura, etc. (REAL, 1962, p. 281). Representação gráfica, plástica ou fotográfica de seres, objetos ou fatos. 2. [Es] Representação escultórica de uma figura ou objeto obtido por vários procedimentos, seja imitação ou invenção, figurativa ou não figurativa. 3. [Rg] Representação da Divindade, dos santos, pequena estampa que representa um assunto religioso (NUNES, 2008, p. 14). Representação plástica de Deus, santos, pessoas ou animais. O termo, comumente empregado, corresponde a um santo (DAMASCENO, 1987, p. 30).

IMAGEM DEVOCIONAL

[Es] Também chamada de “escultura sacra” ou “imaginária devocional”. O uso de imagens sagradas como suporte do culto religioso, oficial ou doméstico, é universal. Confeccionadas nas mais variadas formas e materiais e cumprindo funções diversificadas para atender a todos os tipos de necessidade do ser humano, sua presença é atestada em diferentes culturas desde épocas remotas. De um modo geral, as principais religiões históricas distinguem três categorias básicas de imagens: as representações de deuses e divindades que personificam o sagrado pela própria natureza, as de seres intermediários como anjos e gênios que dele participam de formas diversas, e as de homens e mulheres excepcionais, propostos como modelos ou intercessores, como os *bodhisattvas* do budismo e os santos cristãos (OLIVEIRA, 2000, p. 36). A imagem devocional é dotada de um valor religioso, usando-os como meio de alcançar um relacionamento direto entre Deus e os fiéis.⁶²¹ Podem ser classificadas de acordo com suas funções, como:

- Exposição em retábulos de igrejas e capelas;
- Uso em procissões e outros rituais católicos a céu aberto;
- Participação em conjuntos cenográficos: vias sacras e presépios;
- Inclusão em oratórios domésticos.

Outra classificação da imagem devocional está relacionada à sua fatura, de acordo com Coelho e Quites (2014, p. 39-43):

- **Imagem de vulto** - é aquela que está livre no espaço e pode ser inteiramente trabalhada na frente e no verso possuindo vários pontos de vista dentro do espaço que se insere⁶²² (ver ESCULTURA DE VULTO) – podendo ser:
 - **De talha inteira** – são totalmente talhadas, definidas em uma única posição, não possuindo articulações, podem ser constituídas de um ou vários blocos de madeira, com suas estruturas ocas ou maciças. Em sua maioria apresentam-se policromadas com os panejamentos com ornamentações que

⁶²¹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/bienes culturales/1181392>>. Acesso em: 29 out. 2018.

⁶²² QUITES, 2006, p. 222.

imitam tecidos. Os cabelos também são talhados e policromados, e os olhos de vidro ou esculpido. Podem ser executadas:

- sem complementações;
 - com complementação de vestes em tecido, ou cabeleiras naturais e outros materiais; ou
 - aquelas que foram feitas para serem vistas sem roupas e as recebem por devoção ou “decência”.
Por exemplo o menino Jesus de Nossa Senhora.
- **Imagem articulada** – possuem alto nível de elaboração da talha e da policromia como nas imagens de talha inteira, porém com articulações. Como estas imagens não possuem vestes de tecido sobre o corpo, as engrenagens das articulações são cobertas originalmente por pelica e posteriormente policromadas. Estas esculturas na maior parte das vezes possuem cabelos esculpido e policromado e os olhos podem ser esculpido e policromado, ou de vidro. Podem ser classificadas como:
 - toda articulada – possui articulação em todos os membros; ou
 - semiarticulada – possui articulação principalmente nos ombros.
 - **Imagem de vestir** (ver **IMAGEM DE VESTIR**) – são subdivididas em:
 - imagens cortadas ou desbastadas;
 - corpo inteiro ou anatomizadas;
 - corpo inteiro/roca; ou
 - de roca.
- **Imagem de relevo** – ver **ESCULTURA DE RELEVO**.

IMAGEM DE ROCA [Es] Uma “imagem de roca” é sempre uma “imagem de vestir”, mais uma “imagem de vestir” nem sempre é de roca. Possui todas as características gerais da imagem de vestir (COELHO; QUITES, 2014, p. 46). O termo Roca é utilizado para definir uma categoria de imaginária, em Portugal e no Brasil. De acordo com os vários significados para a palavra “Roca”, pode-se considerar, por analogia ao termo, o significado das imagens que possuem sustentação realizada através de ripas. Essas esculturas têm uma estrutura bem mais simplificada que as demais imagens de vestir, possuindo um gradeado de ripas, principalmente, de forma arredondada, em substituição aos membros inferiores, ou uma espécie de armação substituindo toda a área escondida sob as vestes. O tratamento esmerado da talha e da policromia está presente somente nas mãos e cabeça, e às vezes pés. Geralmente, os cabelos e as vestes são naturais, possuem articulações, e os olhos podem ser esculpido e policromado, ou de vidro (QUITES, 2001, p. 91). De acordo com a iconografia representada podem também se apresentar de pé, joelhos ou sentadas. Existe uma grande variação das formas da roca em posição “de pé”. Há gradeados de ripas que partem do peito, da cintura ou do quadril até a base da escultura. Há modelos em que a roca é bipartida, do peito até o quadril e do quadril até a base. Há rocas redondas, ovaladas, quadradas ou retangulares, com

variação não determinada de quantidade de ripas. Podem ter pernas, pés ou somente a ponta dos pés, podendo ser encaixados ou fixados por pinos. O tronco pode se apresentar maciço ou oco, e ser definido apenas pelos ombros e parte do peito, ou até a cintura, ou até o quadril. No caso de imagem feminina pode trazer a definição de seios (COELHO; QUITES, 2014, p. 47). Ver **ARTICULAÇÕES**.

IMAGEM DE VESTIR

[Es] É uma categoria escultórica que sempre vai possuir o têxtil na representação das vestes (COELHO; QUITES, 2014, p. 44). São esculturas que possuem a parte da talha, que fica escondida sob as vestes, resolvida de forma simplificada, como um “manequim”, ou seja, o corpo está definido com todas as suas formas, porém esculpido de forma simplificada ou tosca, deixando, portanto, muito explícita a intenção do artista, de cobri-la posteriormente, com uma veste de tecido natural. A policromia se resume às áreas de carnação, havendo geralmente partes do corpo monocromadas representando vestes de baixo ou, então, totalmente sem policromia, deixando aparente a madeira. As partes visíveis, como rosto, mãos e pés recebem tratamento esmerado na talha e na policromia. Podem possuir articulações, cabelos e vestes naturais e os olhos podem ser esculpidos na madeira e policromados, ou de vidro (QUITES, 2001, p. 91). Todas as categorias deste grupo podem ser representadas de pé, de joelhos ou sentadas, normalmente, possuem dimensões próximas à estatura humana, mas são encontradas também imagens pequenas e médias. Segundo Coelho e Quites (2014, p. 44) as imagens de vestir, de acordo com sua estrutura formal, podem ser subdivididas em quatro grupos:

- **Imagens cortadas ou desbastadas** – são esculturas de vulto construídas originalmente de talha inteira, mas que, por motivos diversos, foram alteradas, retirando-se ou desbastando-se determinadas partes da escultura para transformá-la numa imagem de vestir;
 - **Imagens de corpo inteiro ou anatomizadas** – foram concebidas para usar vestes naturais e possuem definições anatômicas de todas as partes do corpo. Esta concepção da anatomia pode ser bastante variada na forma de execução, pois há imagens com a presença do tronco e de todos os membros, executados da forma bem definida, às vezes com uma policromia simplificada, ou obras que apresentam toda a anatomia executada, de forma bastante tosca e com a madeira aparente, ou com a representação simplificada de túnicas;
 - **Imagens de corpo inteiro/roca** – trata-se de uma categoria intermediária entre as imagens de corpo inteiro anatomizadas e as imagens de roca, pois possuem o corpo entalhado em algumas partes, mas em outras é utilizada a colocação de pequenas áreas de ripas para complementação da imagem. Às vezes as ripas entre o joelho e a coxa, entre a coxa e o quadril, entre a cintura e o peito, etc. Possuem todas as características gerais da imagem de
-

vestir, e sempre que ocorra numa imagem a utilização das ripas de madeira em substituição às partes do corpo são definidas como “imagens de roca”;

- **Imagem de roca** – Ver **IMAGEM DE ROCA**.

IMAGEM DE VULTO	Ver ESCULTURA DE VULTO .
IMAGEM PROCESSIONAL	[Rg] Imagem de culto que acompanha uma procissão litúrgica, o que representa em geral, o Cristo, a Virgem, apóstolos ou santos e geralmente dispostos em uma base ou em um andor. As imagens processionais podem ser, por sua vez, imagens de vestir e/ou imagens devocionais, como também muitas imagens de talha inteira, podendo ser imagens retabulares e sendo processionais ao mesmo tempo. Os materiais dessas esculturas são diversos. ⁶²³ Para maior realismo muitas imagens de procissão, além das vestes de tecidos ricos, usavam cabeleiras, tinham olhos de vidro, lágrimas de cristal, gotas de sangue de resina, dentes de marfim e eram adornadas com joias como brincos, broches, pulseiras, tarjas, rosários e cordões de ouro, prata e pedraria. As imagens processionais geralmente têm uma peanha que excede a base ornamentada, com dois ou quatro furos para serem fixadas no andor, ou por vezes um único furo ao centro para encaixe no andor. ⁶²⁴
IMAGE OUVRANTE (<i>francês</i>) ou IMAGEN ABRIDERA (<i>espanhol</i>)	[Es] Escultura, estatueta, ou grupo, cuja parte frontal é aberta ao meio, através de dobradiças que permitem desdobrar-se como um tríptico revelando dentro outras figuras, relíquias ou cenas religiosas pintadas ou esculpidas, geralmente alusivo aos personagens representados (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 521). Eles geralmente são feitos de marfim ou madeira. O grande apogeu dessas imagens ocorre durante a Idade Média, sofrendo um grande número de falsificações durante o século XIX. ⁶²⁵
IMAGEM SACRA	[Rg] São todas as imagens por um contexto sagrado. Ver IMAGEM DE CULTO e IMAGEM DEVOCIONAL .
IMAGINÁRIA <i>imageria [esp]</i> <i>imagerie [fr]</i>	1. [Es] Arte de esculpir ou talhar imagens religiosas em madeira ou outros materiais. 2. [Rg] Conjunto de imagens de uma igreja ou de um determinado período (ex.: imaginária barroca), ⁶²⁶ de um local (ex.: imaginária brasileira), ou de uma escola (ex.: imaginária maranhense). 2. Conjunto de imagens que constituem o acervo da espécie em determinado museu, etc. Pode-se falar, também, em imaginária, relativamente à obra

⁶²³ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/bienes culturales/1181392>>. Acesso em: 29 out. 2018.

⁶²⁴ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 124.

⁶²⁵ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/bienes culturales/1181397>>. Acesso em: 29 out. 2018.

⁶²⁶ CONJUNTO... 2007, p. 177.

de determinado artista (ÁVILA, 1979, p. 151). Um exemplo é chamar-se de “imaginária paulista” a qual é representada por imagens de barro cozido, de vasta produção entre 1560 a 1803, como também pelas “paulistinhas”, imagens de santos e santas de barro produzidas em escala semi-industrial para o consumo popular (IMAGINÁRIA PAULISTA, 1999, p. 9). Ver PAULISTINHA.

IMAGINÁRIO

imaginario [esp]
image graver [ing]
immaginario [it]
imaginaire [fr]

[At] Escultor que faz imagens, santeiro (TEIXEIRA, 1995, p. 55).
 Artistas que esculpiam esculturas religiosas (FAUSTO, 2010, p. 275).

IMBRICAÇÃO

imbricación [esp]
imbrication,
enchevauchure [fr]

[Or] Disposição das coisas sobrepostas, à maneira das telhas no telhado. Há ornatos arquitetônicos *imbricados* como escamas de peixe (REAL, 1962, p. 281).

IMBUIA

imbuya [ing]
imbuia [it]

[Md] Também chamada *canela-imbuia*, árvore brasileira de nome científico *Ocotea porosa* (Nees & C. Mart.) Barroso, da família Lauraceae. Moderadamente pesada, dura, de cor muito variada, geralmente com a presença de veios escuros, superfície irregularmente lustrosa e lisa, de grande durabilidade. Procuradíssima para confecção de mobiliário e marcenaria de luxo, usada em peças torneadas, coronhas de armas de fogo, instrumentos musicais ou parte deles, como também na decoração interna com painéis decorativos, divisórias, tacos, esquadrias e lambris. Recebe bem verniz e pintura. Na construção, aparece sempre como vigas, ripas, caibros e portas e, externamente, como moirões, pontes e dormentes.⁶²⁷

IMERSÃO

inmersión [esp]

1. [Re] Procedimento utilizado na Europa dos anos 50 e início dos 60, para a consolidação e desinfestação de madeiras deterioradas por xilófagos, baseados na teoria da substituição dos vazios, os restauradores, lamentavelmente não respeitavam a estética da obra, nem a conservação das policromias. Esse processo consistia na desinfestação das esculturas com a utilização de gás com Zyklon B e na consolidação por preenchimento, das galerias no suporte deixadas pelos insetos, através de um banho com uma mistura de cera e de parafina (SERCK-DEWAIDE, 2005, p. 3). As esculturas eram imersas em enormes recipientes próprios para o banho de cera, presentes em vários centros de restauração, inclusive fora da Europa. Além de ineficaz, o método causou estragos em policromias frágeis, acarretando mudanças cromáticas e perdas de matéria pictórica. No início dos anos 60 o banho de imersão foi abandonado em prol da consolidação local, feita com injeções de

⁶²⁷ Informações obtidas de IPT - Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de SP. Disponível em: <http://www.ipt.br/informacoes_madeiras/37-imbuia.htm>. Acesso em: 28 out. 2018.

consolidante líquido (RABELO, 2016, p. 2). 2. [Ce] Processo que consiste em introduzir as peças cerâmicas num recipiente contendo esmalte ou qualquer outra substância que se destine a recobri-las (REAL, 1962, p. 281).

IMITAÇÃO <i>mitación [esp]</i> <i>imitazione [it]</i> <i>imitation [fr]</i>	[Ou] Ato ou efeito de imitar; representação ou reprodução de uma coisa, fazendo-a semelhante à outra (REAL, 1962, p. 281).
IMOSCAPO <i>imoscapo [esp]</i>	[Ar] O diâmetro inferior do fuste da coluna (REAL, 1962, p. 281).
IMPÉRIO	[Mo] Estilo de mobiliário na França do século XIX que antecede o estilo restauração (QUEIMADO, 2007, p. 182).
IMPOSTA <i>imposte [fr]</i>	[It] Elemento saliente ao alto do pé-direito de uma parede, em que se assenta a pedra inicial de um arco. É às vezes constituído por uma moldura em forma de consolo (ÁVILA, 1979, p. 53).
IMPREGNAÇÃO <i>impregnación [esp]</i> <i>impregnazione [it]</i>	[Re] Método utilizado em conservação e restauro com o objetivo de aplicar certos produtos químicos, para que se difundam até ao interior de um determinado material. É o tratamento geralmente utilizado em consolidações. ⁶²⁸ São em geral resinas sintéticas diluídas usadas como agentes de impregnação para consolidar a madeira. A impregnação é feita por meio de pincéis ou seringas. Injeta-se o produto no sentido vertical da madeira para que penetre em maior profundidade, termina-se a operação cobrindo toda a superfície em tratamento. Ao volatizar-se depois o solvente, a resina introduzida consolida o tecido lenhoso. (RESCALA, 1984, p. 260).
IMPRESSÃO <i>impresión [esp]</i> <i>stampa [it]</i> <i>impression [fr]</i>	[Ou] Ato ou efeito de fixar informação através de gravação ou reprodução, mediante pressão sobre suporte apropriado. ⁶²⁹
IMPRESSÃO ou REPRODUÇÃO	[Es] Reprodução, em encavo ou em relevo, obtida diretamente sobre o objeto (REAL, 1962, p. 281).
IMPRESSIONISMO <i>impressionnisme [fr]</i>	[Et] Escola de pintura surgida na França, no séc. XIX, que visava captar, em princípio, a impressão visual produzida por cenas e formas derivadas da natureza, e as variações nelas ocasionadas pela incidência de luz, e que se baseava especialmente no emprego das cores e de suas relações e

⁶²⁸ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁶²⁹ PEQUENO Glossário Dinâmico da Disciplina Conservação e Restauração de Documentos. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

contrastes (NEVES, 2013, p. 97-98).

**IMPRIMATURA ou
IMPRIMAÇÃO**

imprimación [esp]
imprimatura [it]

[Pi] Camada fina entre a preparação e a camada pictórica. Serve para tornar mais lisa e menos porosa a preparação e para conferir aos estratos pictóricos uma coloração de base transparente ou opaca.⁶³⁰ Tom neutro geral dado por toda a superfície, logo a seguir ao preparo (QUEIMADO, 2007, p. 182). Na pintura em suportes diferentes, indica a camada pigmentada, que é aplicada nas camadas de preparação. Obtém-se um fundo suave e não poroso que pode criar efeitos estéticos de transparência ao aplicar as outras camadas de cor no topo.⁶³¹

IMUNIZAÇÃO

[Cv] Pode ser considerado um procedimento preventivo. Imunizar a madeira é um processo fundamental para proteger a madeira contra o ataque de cupins, fungos, umidade e outros agentes.⁶³² No caso de escultura em madeira, a imunização é realizada com o objetivo de proteger o suporte contra futuros ataques de insetos xilófagos. Utiliza-se um inseticida ou fungicida diluído de acordo com as especificações técnicas, e aplicado com o auxílio de pincel e seringa. É feita a aplicação em todas as galerias e orifícios (se houver), ou mesmo no caso de não haver infestação. Ver **DESINFESTAÇÃO**.

INCISADO

incise [fr]

[Ce] Decoração obtida por meio de um instrumento pontiagudo, em superfícies cerâmicas, de preferência cruas e úmidas, desenhando linhas em relevo negativo (REAL, 1962, p. 282).

INCISÃO

*incisión, hendidura,
muesca [esp]*
notch, score [ing]
*incisione, taglio,
tacca [it]*
enchoche [fr]

1. [Tc] Talho, corte (TEIXEIRA, 1995, p. 55). 2. [Pi] Na pintura sobre madeira e na pintura mural, o desenho preliminar gravado no topo da camada de preparação com um utensílio afiado, que determina as linhas gerais de uma composição.⁶³³ **INCISÃO ou RANHURA** – [Po] Tipo de ornamentação usada em folhas metálicas, que são feitas sobre a preparação, antes da aplicação da folha, com linhas paralelas ou que se cruzam, círculos escavados na preparação, incisões que formam folhas, flores, etc. Técnica encontrada no Campos das Vertentes em Minas Gerais em policromias realizadas por Joaquim José da Natividade, em uma moldura entalhada e dourada do Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana e em retábulos das igrejas de Diamantina douradas por José Soares de Araújo (COELHO, 2005, p. 241).

INCISO

inciso [esp]
incisé [fr]

1. [Tc] Processo técnico em que o ornamento é escavado num plano (IMC, 2011, p. 146). 2. [Or] Tipo de decoração plástica que consiste em incisões praticadas por meio da extremidade aguçada de instrumentos de diferentes formatos e dimensões na superfície da pasta ainda úmida. Estas

⁶³⁰ GLOSSÁRIO de Restauo (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauo.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁶³¹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/emprimacion>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

⁶³² Disponível em: <<https://www.ibflorestas.org.br/>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

⁶³³ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/incision>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

incisões de dimensões variadas, em comprimento, largura e profundidade, podem apresentar secções regulares ou irregulares, dependendo da resistência da superfície no momento da operação e das características da extremidade do instrumento utilizado. **INCISO LOSANGULADO** – incisões oblíquas em relação ao eixo da peça inclinada para a direita e para a esquerda, com linhas que se cruzam formando um xadrez losangulado. **INCISO OBLÍQUO E PARALELO** – conjunto de traços incisos realizados paralelos horizontalmente ao eixo da peça e traços oblíquos para direita ou esquerda. Há uma série de variações para este tipo de decoração. **INCISO ZIG-ZAG** – Tipo de decoração em que se imprimem marcas contínuas, em zig-zag, conseguidas fazendo avançar um instrumento em forma de lâmina com movimento de semirrotação. Alternada, da direita para a esquerda e vice-versa.⁶³⁴

INCLINADO <i>rampant, incliné, en pente [fr]</i>	[Ge] Colocado obliquamente (REAL, 1962, p. 282).
INCRALAC™ <i>incralac [esp]</i>	[Ma] Nome comercial de um produto protetor do bronze, que contém um polímero acrílico e um inibidor (benzotriazol) (CALVO, 1997, p. 120).
INCRUSTAÇÃO <i>incrustación [esp]</i> <i>incrustation [ing]</i> <i>incrostatatura [it]</i> <i>incrustation [fr]</i>	1. [Or] Todo ornato inserido, embutido, tauxiado, gravado em outra peça. Faz-se incrustação de pedra, de mármore coloridos, de ouro, de prata, de esmalte, de bronze, de marfim, etc. (REAL, 1962, p. 282). Embutir, inserir peças na madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 55). 2. [Po] A incrustação é usada para decorar as esculturas ou enfatizar certos detalhes anatômicos ou de vestimenta (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 661). 3. [Ce] Técnica decorativa oriental que consiste em moldar um desenho sobre a argila mole, preenchendo os vazios com outras argilas coloridas. ⁶³⁵
INDEX	[Rg] A congregação do Index foi criada em 1562 pelo Concílio de Trento para examinar a conformidade dos ensinamentos da doutrina tridentina. Em 1559 foi instituído um Index dos Livros Proibidos que foi abolido em 1966 pelo Papa Paulo VI (NUNES, 2008, p. 81).
ÍNDICE DE REFRAÇÃO <i>índice de refracción [esp]</i>	[Dt] Quando a luz passa de um meio para outro, sua velocidade aumenta ou diminui devido as diferenças das estruturas atômicas das duas substâncias, ou de suas densidades ópticas ou índices de refração. ⁶³⁶
ÍNDIGO <i>indigo [esp]</i>	[Ma] Fórmula: C ₁₆ H ₁₀ O ₂ N ₂ . Substância corante que serve para tingir de azul e que se extrai das folhas do indigueiro (REAL, 1962, p. 284), planta

⁶³⁴ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

⁶³⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁶³⁶ Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/petrologia/nardy/mon.html>>. Acesso em: 29 out. 2018.

indaco [it]
indigo [fr]

da família das leguminosas *Indigofera tinctoria*, nativa das regiões tropicais da América, África e Índia, seu nome deriva desse último país de onde era importado. No final do século 19, foi desenvolvido o índigo sintético.⁶³⁷ Conhecido desde a Antiguidade. Azul intenso com tonalidades violetas, granulação finíssima. Quimicamente estável. Aplicado em camadas muito finas e exposto a uma iluminação solar intensa, tem a tendência a perder a cor. Pode ser usado com óleo, mas tem um resultado melhor na têmpera e na aquarela (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 59).

INDUMENTÁRIA

indumentaria [esp]
costume [fr]

[In] Vestuário, traje. Conjunto de peças de vestir que se tem usado através dos tempos.

INDUTO

capa [esp]
coating, plastering
[ing]
incollatura [it]
enduit [fr]

[Po] No douramento, é a preparação ou revestimento da superfície a ser dourada (TEIXEIRA, 1995, p. 55). Cobertura, revestimento composto de alvaiade, letargírio e óleo secante. Em seguida, é alisado, para a obtenção de uma superfície polida, sobre a qual se aplica o mordente. Sobre este vêm folhas muito delgadas de ouro, cuja aderência se obtém através de cola especial (CAMPOS, 2003, p. 380).

INÉDITO

inédit [fr]

[Ge] Obra original (REAL, 1962, p. 284).

INERTE

inerte [it]

[De] Material que não está sujeito a nenhuma variação dimensional.⁶³⁸ Desprovido de movimentação.

INFESTAÇÃO

infestación [esp]
infestazione [it]

[Dt] Ataque, estabelecimento, proliferação e ação deletéria no objeto por insetos, fungos, líquens ou bactérias. Infestações de pragas e pestes. Sua presença torna-se indesejada e é nociva para a preservação de todo tipo de acervo, causando-lhe intensas degradações e perdas de informação contida nos bens culturais. Na avaliação deste fator de deterioração de origem biológica muitos aspetos têm de ser analisados:

- as condições ambientais;
- a composição química dos materiais constituintes;
- o tipo de organismo e microrganismo; e
- o habitat propício ao seu desenvolvimento.

A principal causa de infestações por parte de pragas e pestes é a umidade relativa elevada. Como a madeira é um material higroscópico o seu conteúdo de umidade deve estar em equilíbrio com o do ambiente, assim convém que a umidade relativa esteja num nível baixo, mas sem causar a desidratação e alteração das propriedades mecânicas dos bens culturais.

⁶³⁷ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1001121>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

⁶³⁸ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

Também as temperaturas elevadas provocam o desenvolvimento da maioria destes microrganismos e insetos, e as temperaturas baixas podem minimizar estes ataques, mas não os inibem por completo. Também a luz, artificial ou natural, torna os materiais mais vulneráveis às infestações, pois provoca o seu envelhecimento e aumenta assim a suscetibilidade da peça. A fraca ventilação também proporciona os referidos ataques, consequência dos fenômenos de condensação sobre as superfícies. Este fator de deterioração é, por vezes, difícil de identificar pois não se desenvolve á superfície, mas no interior do material. São vários os organismos e micro organismos que atacam a madeira. (FÉLIX, 2013, p. 54-55). Ver INSETOS.

INFRAVERMELHO <i>infrarrojo [esp]</i> <i>infrared [ing]</i> <i>infrarosso [it]</i>	<p>[Ex] Raios invisíveis de onda mais larga que os visíveis. Constituem em 55% da luz do sol (CALVO, 1997, p. 121). O infravermelho é uma radiação que age numa frequência, além da capacidade humana de visão, ou seja, é invisível aos nossos olhos. Ela é liberada de todos os corpos que soltam calor e tem esse nome por estar depois da cor vermelha no espectro de cores, realizado por Isaac Newton em 1666. O astrônomo, Willian Herschel (1738-1822) descobriu qual das cores conseguiria produzir mais calor, e o vermelho foi a cor com temperaturas mais altas. No entanto, numa área um pouco escura, situada depois da cor vermelha, conseguiu superar o vermelho e, por não ser visível, e por causa da sua localização no espectro, ficou conhecido como Infravermelho. Em relação ao tamanho da onda: a curta (0,5 a 1,5 micrômetros) a média (1,5 a 10 micrômetros) e a longa (10 a 1000 micrômetros). O infravermelho não é uma radiação ionizante, ou seja, não oferece riscos à saúde humana.⁶³⁹ Ver FOTOGRAFIA de INFRAVERMELHO e REFLECTOGRAFIA INFRAVERMELHA.</p>
--	---

ÍNFULA	<p>O mesmo que MITRA.</p>
---------------	---------------------------

INHUMAÇÃO	<p>[Ou] Enterramento. INHUMADO - Enterrado, sepultado (NUNES, 2008, p. 82).</p>
------------------	---

INJEÇÃO <i>inyección [esp]</i> <i>iniezione [it]</i>	<p>[Re] Consiste na introdução de um líquido através de uma seringa. Muitos produtos usados em conservação devem ser aplicados com seringa para se conseguir a penetração adequada. Tal como nos casos dos adesivos e consolidantes.⁶⁴⁰</p>
---	--

INORGÂNICOS (materiais) <i>inorgánicos [esp]</i>	<p>[Ma] São os metais e seus sais, e materiais silicosos e afins (pedra, cerâmica, vidro), são menos sensíveis à umidade. No entanto, alguns deles que são porosos são afetados por variações de umidade já que a água circula através dos poros. Existem compostos deliquescentes que se dissolvem na água, outros que carregam sais, etc. Eles também são menos sensíveis à temperatura e aos fatores de degradação biológica, embora</p>
--	---

⁶³⁹ Disponível em: <<http://infravermelho.info/>>. Acesso em: 30 out. 2018.

⁶⁴⁰ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

também não sejam isentos (CALVO, 1997, p. 121-122).

IN.R.I	[Rg] Iniciais das palavras latinas <i>Jesus Nazarenus Rex Iudeorum</i> (Jesus Nazareno Rei dos Judeus) colocadas em cartula (NUNES, 2008, p. 82).
INSCRIÇÃO <i>inscription [fr]</i>	1. [Do] Legenda. Frase ou texto que de forma abreviada ou extensa esclarece o sentido de uma imagem, a sua fonte iconografica ou as condicões da sua execuco. ⁶⁴¹ 2. [Ou] São escritos feitos livremente ou em carimbos. 3. [Dt]  um tipo de dano e deterioraco causado pela aco humana sobre o material (vandalismo). Ver MARCA DO AUTOR.
INSCULPIR <i>graver [fr]</i>	[Tc] Gravar; inscrever; abrir ao buril (REAL, 1962, p. 284).
INSETICIDA <i>insecticida [esp]</i>	[Ma] Produtos, geralmente de caráter químico, utilizados para erradicar insetos. Podem ser sólidos, líquidos ou gasosos. Devem ser aplicados com as precaucões correspondentes segundo sua toxicidade, inflamabilidade, etc. Entre os produtos inseticidas utilizados na conservaco se encontram o paradiclorobenceno, paraformaldeído, timol, formaldeído, pentaclorofenol, óxido de etileno, brometo de metilo, peritrinas, etc., na maioria tóxicos. Atualmente, o emprego de gases inertes  uma técnica altamente eficaz e inócua, contra o uso de produtos tóxicos (CALVO, 1997, p. 122).
INSETO <i>insecto [esp]</i>	[Bi] Os insetos pertencem  classe <i>Insecta</i> do filo <i>Arthropoda</i> . [Dt] Essa classe  dividida em mais de trinta ordens, das quais somente cinco são importantes na deterioraco de madeira. Duas ordens mais importantes, economicamente, são: a Isptera e a Coleóptera. <ul style="list-style-type: none"> • Isptera: Um dos mais importantes grupos de organismos destruidores de materiais celulósicos, incluindo a madeira, são os térmitas ou cupins. Esses insetos, sociais, são encontrados em ampla faixa do ambiente terrestre e são distribuídos pelas regiões mais quentes do mundo. Eles vivem em colônias com as atividades distribuídas pelas castas. Em uma colônia típica, existem quatro castas: rainha, reprodutores, soldados e operários. A rainha tem a funco de depositar ovos, os reprodutores contribuem para a dispersão da espécie e para o estabelecimento de novas colônias, com os soldados tendo a funco de defesa dessas dos invasores, já os operários são os que constroem os ninhos, atacam a madeira e alimentam as outras castas. • Coleóptera: Essa  a maior ordem de insetos, compreendendo mais de 40% dos insetos conhecidos, com cerca de 350.000 espécies descritas. São os besouros, carunchos, brocas. Variam de tamanho, desde aqueles menores que 1,0 mm, até 200 mm de comprimento, podendo ser encontrados em todos os ambientes habitados por outros

⁶⁴¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoos/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

insetos. Várias famílias possuem espécies xilófagas, sendo as mais importantes as famílias *Cerambycidae*, *Scolytidae*, *Platypodidae*, *Bostrychidae*, *Lyctidae* e *Anobiidae*.⁶⁴²

- **Thysanura:** que corresponde a ordem que pertencem as traças-de-livro, *Lepisma saccharina*. As fêmeas depositam os ovos em grupos de cerca de cem ovos, em rachaduras e fendas. Estes são ovais e possuem aproximadamente 1 mm em tamanho. Ao contrário de muitos outros insetos, a traça-de-livros continua mudando ao longo da vida e regeneram órgãos assim como pernas que estiveram acidentalmente perdidas.
- **Blattoideas:** *Periplaneta americana*, as baratas. Esses insetos fazem uma metamorfose incompleta, passando do ovo para a ninfa e a seguir à fase adulta. Preferem os locais escuros, quentes e úmidos. Em geral se desenvolvem nos depósitos e nos condutores de instalações hidráulicas e elétricas. São atraídas para os ambientes pelos resíduos alimentares. Tal como as traças, causam danos nas superfícies e em documentos e encadernações.

Grandes inimigos das madeiras são os anóbios da ordem dos coleópteros, que têm as suas asas protegidas por uma capa, como os besouros. A sua presença é mais notada quando estão em estado adulto, mas é justamente nessa fase que já não representam grande perigo, a não ser pelo fato da sua desova (QUEIMADO, 2007, p. 137-138). No geral os insetos são animais invertebrados que causam grandes danos aos bens culturais. Entre os xilófagos que atacam a madeira, o papel e outros materiais, temos as térmitas (os insetos mais vorazes), que são as mais perigosas e abundantes (insetos tropicais), porque formam grandes colônias que trabalham fugindo da luz, consumindo os objetos pelo interior, portanto são imperceptíveis, causando assim danos irreparáveis. Os insetos produzem diferentes tipos de galerias e de orifícios de saída segundo o seu tamanho. Outro tipo de insetos causam igualmente danos aos objetos, como por exemplo, as moscas que deixam seus dejetos na sua superfície. A ação destrutiva é maior nas regiões de clima tropical, cujas condições de calor e umidade relativa elevadas provocam numerosos ciclos reprodutivos anuais e desenvolvimento embrionário mais rápido.⁶⁴³ [Re] Para o tratamento contra outros insetos usam-se desinfestantes e inseticidas.⁶⁴⁴ **Ver XILÓFAGO.**

INSÍGNIA

insigne [fr]

[Ic] Sinal distintivo; venera; estandarte; emblema (REAL, 1962, p. 284). **INSÍGNIA DE CONFRARIA** - Distintivo de uma confraria, geralmente em forma de medalhão com um anel de suspensão que se coloca num fio ao pescoço ou se prende sobre a roupa. Apresenta, geralmente, uma

⁶⁴² Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/cursos-produtosflorestais-agricultura/artigos/principais-microrganismos-que-atacam-a-madeira>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

⁶⁴³ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/pagina/4404/perguntasfrequenteseglossario>>. Acesso em: 12 de set. 2017.

⁶⁴⁴ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

imagem do santo patrono ou o símbolo da confraria (THESAURUS, 2004, p. 137).

INSPEÇÃO	[Ge] É o relato da visita com o propósito de confrontação de eventos e fenômenos com uma norma ou padrão pré-estabelecido. ⁶⁴⁵
INSTALAÇÃO <i>instalación [esp]</i> <i>allestimento [it]</i>	[Ap] O termo instalação foi incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960, designado assemblage ou ambiente construído em espaços de galerias e museus. Inicia-se com as primeiras experimentações modernistas estabelecidas por Kurt Schwitters (Merzbau, 1923) e Marcel Duchamp (16 milhas de fio, 1942). No mundo contemporâneo, sua força expressiva toma forma com as linguagens da <i>Land Art</i> , <i>Minimal Art</i> , <i>Work in Progress</i> e Intervenções Urbanas. A Instalação é uma forma de arte que utiliza a ampliação de ambientes que são transformados em cenários do tamanho de uma sala. Pintura, escultura e outros materiais são usados conjuntamente para ativar o espaço arquitetônico. O espectador participa ativamente da obra e, portanto, não se comporta somente como apreciador. Ela pode ter um caráter efêmero (só existir na hora da exposição) ou pode ser desmontada e recriada em outro local. Diferentemente do que ocorre tradicionalmente com as esculturas ou pinturas, nem sempre a mão do artista não está presente na obra como um item notável. Uma instalação pode ser multimídia e provocar sensações: táteis, térmicas, odoríficas, auditivas, visuais entre outras. ⁶⁴⁶
INSTITUIÇÃO	[Mu] Normalmente, o órgão que tem a guarda legal do acervo e que se refere a este nos seus propósitos estatutários. Acervos podem ser mantidos por instituições que não têm a manutenção e preservação de acervos como suas funções centrais – universidades, por exemplo. Nesses casos, o termo “instituição” refere-se à unidade específica que detém a responsabilidade sobre o acervo – uma biblioteca universitária, por exemplo (PARÂMETROS... Roteiros Práticos 5, 2004, p. 39). INSTITUIÇÃO RELIGIOSA – Recolhimento, irmandade, confraria, corporação, ordem religiosa, hospício, seminário (NUNES, 2008, p. 14).
INSTRUMENTOS DA PAIXÃO	Ver ATRIBUTOS DA PAIXÃO .
INTALHO <i>intaglio [it]</i>	[Tc] Aportuguesamento do termo italiano <i>intaglio</i> , para designar a pedra fina gravada em oco e que serve para sinete, dando sobre cera mole ou lacre modelos em relevo. (REAL, 1962, p. 284).
INTARSIA <i>intarsia [esp]</i>	[Tc] Embutido de natureza morta ou motivo arquitetônico, com madeiras de diversas cores, utilizado no século XVI e XVII (QUEIMADO, 2007, p. 182). Técnica de ebanisteria ou marcenaria que consiste em cortar

⁶⁴⁵ Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁶⁴⁶ Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/instalacao/>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

peças de madeiras finas de diferentes cores, alternando por vezes com outras de marfim, fixando-as numa superfície lenhosa, criando motivos, muitas vezes figurativos. Já utilizado no mundo islâmico, este tipo de trabalho teve um desenvolvimento na Itália, especialmente na Toscana, no século XV, essa técnica arquitetônicas ou perspectivas, tem conexão com a obra de Piero della Francesca ou Paolo Uccello. Primeiramente os motivos são desenhados em um papelão, sendo então cortado nos contornos dos diferentes elementos para fazer modelos; esses modelos são colocados em folhas finas de madeiras de diferentes qualidades e, com cinzéis e outras ferramentas afiadas, a madeira foi aparada seguindo as bordas do papelão. Em seguida, os estênceis de madeira são colados no suporte de madeira com resina para conformar o design pré-estabelecido. O termo também tem sido usado com frequência para se referir a um trabalho de embutido semelhante feito em pedras duras (GLOSARIO VISUAL, 2009, p. 222).

INTEGRAÇÃO CROMÁTICA

Segundo pesquisa realizada por Bailão (2015, 29) ambos os conceitos, “reintegração” e “integração” são usados em Portugal e em outros países como sinônimos, designando, a fase final de uma intervenção em pintura, excluindo a camada de verniz. Em relação aos termos “pictórica” e “cromática”, a opção é feita em função da reconstrução ou não do desenho pictórico. Em 1959, o termo “integração” é usado por Albert e Paul Philippot⁶⁴⁷, embora não de um modo constante, em outro texto, de 1972⁶⁴⁸, o mesmo autor usa “integration” no título do artigo *Lacunae and Their Integration* e “reintegration” no restante texto. Cesare Brandi, em 1963⁶⁴⁹, usou a palavra “integração”, não estando explícito o motivo pelo qual utiliza esse termo e não outro. Para Salvador Diaz-Berrio e Olga Orive B.⁶⁵⁰ “integração” significa contribuição de elementos claramente novos e visíveis para assegurar a conservação do objeto. Afirmando ainda que a definição é sintética, para que tenha uma aplicação geral a vários termos comumente usados nesta matéria. Os autores, para proferirem tal afirmação, fundamentaram-se na Carta de Veneza de 1964 (BAILÃO, 2015, p. 29-34). Ver **REINTEGRAÇÃO CROMÁTICA**.

⁶⁴⁷ PHILIPPOT, Albert, PHILIPPOT, Paul. Le probleme de l’integration des lacunes dans la restauration peintures. Bulletin de l’Institut Royal du Patrimoine Artistique. Bruxelles: IRPA, v. 2, 1959, p. 5-19. Apud BAILÃO, 2015, p. 29-34.

⁶⁴⁸ PHILIPPOT, Paul. Historic Preservation: Philosophy, Criteria, Guidelines. In Preservation and Conservation: Principles and Practices, Proceeding of the North American International Regional Conference, Williamsburg, Virginia and Philadelphia, Pennsylvania, 1972, pp. 367-374. Apud BAILÃO, 2015, p. 29-34.

⁶⁴⁹ BRANDI, Cesare – Il Trattamento delle lacune della gestalt psychologie. In XX International Congress of History of Art. Nova Iorque, 1961, pp. 146-151. Apud BAILÃO, 2015, p. 29-34.

⁶⁵⁰ DÍAZ-BERRIO, Salvador e ORIVE B., Olga – Terminología del Patrimonio Cultural Prehispánico. In Cuadernos de Arquitectura Mesoamericana, n.3, México, División de Estudios de Posgrado, Facultad de Arquitectura, UNAM, diciembre, p. 7. Apud BAILÃO, 2015, p. 29-34.

INTEGRIDADE <i>integridad [esp]</i> <i>integritá [it]</i>	[Ge] Estado ou característica daquilo que está inteiro, que não sofreu qualquer diminuição; plenitude, inteireza, ou daquilo que se apresenta ileso, intato, que não foi atingido ou agredido. ⁶⁵¹
INTEIRIÇA	[Md] Viga de maiores dimensões que se pode obter de um tronco (TEIXIDO I CAMI, 1997).
INTEMPERISMO	[Dt] Ação das intempéries. Degradação ou desgaste sofrido pelos materiais que se acham expostos ao meio ambiente. ⁶⁵²
INTENÇÃO DO ARTISTA	[Ap] É em grande parte a essência da própria obra de arte. Os artistas expressam as suas percepções, emoções e sensações através de diversos recursos linguísticos, plásticos e sonoros. Uma obra de arte, por conseguinte, é um produto que transmite uma ideia ou uma expressão sensível. Trata-se da criação que projeta ou reflete a intenção de um artista. ⁶⁵³
INTENSO <i>soutenu [fr]</i>	[De] Diz-se de uma coloração forte, de tons que fazem sobressair um modelado (REAL, 1962, p. 284).
INTERCOLÚNIO	[Ar] Espaço entre colunas (ÁVILA, 1979, p. 53).
INTERDISCIPLINARIDADE	[Ge] A interdisciplinaridade é vislumbrada como uma possível estratégia pedagógica e epistemológica para responder aos diferentes problemas de uma determinada área, cuja resposta ou solução demanda conhecimentos oriundos de diferentes áreas (PINHEIRO; GRANATO, 2012, p. 29). Na conservação-restauração, há uma abordagem interdisciplinar, onde a ciência da conservação e outros ramos das Ciências Naturais, Sociais e Humanas têm muito a contribuir entre si e com outras disciplinas relacionadas ao conhecimento, usos e conservação (HOLLÓS; PEDERSOLI JR., 2009, p. 79).
INTERFACE	[De] Aquilo que proporciona uma ligação física ou lógica entre dois sistemas ou entre partes de um sistema que não poderiam ser conectados diretamente. ⁶⁵⁴ Trata-se de uma superfície que permanece entre duas superfícies separadas. [Re] Exemplo: na restauração de uma escultura em madeira, em um procedimento de tratamento de rachaduras, ao preenchê-la ou consolida-la, deve-se prever uma possível movimentação, devido à higroscopia da madeira, portanto não deve ser preenchida integralmente,

⁶⁵¹ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=integridade>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

⁶⁵² CONJUNTO... 2007, p. 177.

⁶⁵³ Disponível em: <<https://conceito.de/obra-de-arte>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

⁶⁵⁴ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=interface>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

deve ser feita uma interface com folha de acetado ou poliéster na junção, a qual depois é retirada. Outra forma de interface em restauração está na complementação de partes faltantes de uma escultura, pois quando se utiliza algum material como uma resina epóxi modelando no formado que integre a peça, nesta junção da parte complementar aderida à obra deve-se fazer uma interface com uma massa de PVA e água (1:1) e serragem fina, devido à movimentação diferenciada do material à madeira e para possibilitar reversibilidade caso necessário no futuro.

INTERVENÇÃO

intervención [esp]

[Re] Processo de conservação curativa ou restauração a que se submete um objeto quando as medidas de conservação preventiva não foram suficientes para a sua preservação (CALVO, 1997, p. 122). Antes de qualquer intervenção, o estado de conservação e as causas das deteriorações apresentadas pela obra deverão ser analisados e documentados, com o auxílio de exames técnicos e científicos. Com essas informações, o conservador-restaurador poderá definir a intervenção a ser realizada, buscando os materiais, instrumentos e técnicas apropriados para cada caso.⁶⁵⁵ **INTERVENÇÃO ANTERIOR** – uma restauração ou reparo feito anterior ao exame atual. Em alguns casos é possível encontrar intervenções feitas em restaurações anteriores, com a inserção de materiais diferentes do original, como por exemplo, pregos, preenchimento com ceras, massas, gesso e cimento.

INTRADORSO

[It] Superfície interior, côncava, da abóbada ou do arco. Numa forma construtiva, é o oposto de extradorso (ÁVILA, 1979, p. 53).

INVENTÁRIO

[Mu] O termo inventário, de acordo com a sua etimologia, se origina do termo latino *inventarium*, com o sentido de “achar” ou em outras palavras por à mostra, dar a conhecer. Relação individualizada dos bens culturais de uma instituição, contendo itens registrados com suas respectivas descrições e condições de conservação, objetivando sua salvaguarda. É um espelho fiel da localização física de cada um deles (MUSEU de Astronomia... 1995. p. 32). Nos museus, o inventário é muito utilizado para se fazer controle de objetos. Devem ser padronizados e, em geral, exigem informações sobre os objetos que são fundamentais para identificá-los e localizá-los. Todo procedimento de inventário deve ser datado e seus responsáveis, identificados (ACAM PORTINARI, 2010, p. 104). Há necessidade de atualização dos inventários.

INVESTIGAÇÃO

investigation [it]

[Ex] Avaliação sistemática e pormenorizada de um edifício que pode incluir exames, ensaios de materiais, análises estruturais e ensaios estruturais (CARTA do ICOMOS, 2003, p. 21).

INVOCAÇÃO

[Rg] Proteção divina. Igreja sob a invocação de Nossa Senhora ou de Santos (NUNES, 2008, p. 82). Tipo de inscrição, às vezes reduzida a uma

⁶⁵⁵ Nota de aula da disciplina: Técnicas e Materiais em Escultura Policromada, ministrada pela Prof^a. Maria Regina Emery Quites, no 5º período do Curso de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no ano de 2015.

<i>invocation</i> [fr]	abreviação ou a um sinal (cruz, etc.), pela qual a obra é colocada sob o patronato de Deus ou de seus santos (LANGLE; CURIE, 2009, p. 296).
INVÓLUCRO	[Cv] acondicionamento individual do bem cultural, com a finalidade de guarda e proteção (MUSEU de Astronomia... 1995. p. 32).
IPÊ	[Md] Nome científico <i>Tabebuia spp.</i> , da família <i>Bignoniaceae</i> . Árvore de ocorrência no Brasil. A madeira de ipê pertence ao grupo de espécies do gênero <i>Tabebuia</i> que produzem madeiras pesadas, duras, de coloração pardo-acastanhada, com seus vasos obstruídos por ipeína (substância de cor amarelo-esverdeada). Usada também em esquadrias de portas, janelas, batentes, ou em guarnições, rodapés, forros, lambris, assoalhos, e em mobiliário de alta qualidade. ⁶⁵⁶
IPHAN	[Og] Instituto Histórico e Artístico Nacional. É uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. O Iphan possui 27 Superintendências (uma em cada Unidade Federativa); 28 Escritórios Técnicos, a maioria deles localizados em cidades que são conjuntos urbanos tombados, as chamadas Cidades Históricas; e, ainda, 5 Unidades Especiais, sendo quatro delas no Rio de Janeiro: Centro Lucio Costa, Sítio Roberto Burle Marx, Paço Imperial e Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular; e, uma em Brasília, o Centro Nacional de Arqueologia. O Iphan também responde pela conservação, salvaguarda e monitoramento dos bens culturais brasileiros inscritos na Lista do Patrimônio Mundial e na Lista o Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, conforme convenções da Unesco, respectivamente, a Convenção do Patrimônio Mundial de 1972 e a Convenção do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003. Sua criação, em 13 de janeiro de 1937, por meio da Lei nº 378, assinada pelo então presidente Getúlio Vargas. ⁶⁵⁷
IRIANTE	[Cor] Que iria; que cintila (REAL, 1962, p. 285). IRIAR – <i>iriser</i> [fr]. Dar as cores do íris a; abrilhantar. IRIDESCENTE – Que mostra as cores do arco-íris.
IRISAÇÃO <i>irisation</i> [fr]	[De] Conjunto de reflexos de diferentes cores ao longo do eixo de observação que apresenta um material ou a superfície de contato entre dois materiais (LANGLE; CURIE, 2009, p. 54).
IRMANDADE RELIGIOSA	[Rg] Associação pia, organicamente constituída que, além da vida cristã, promove o culto divino público (TRINDADE, 1998, p. 389). É a

⁶⁵⁶ Informações obtidas de IPT - Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de SP. Disponível em: <https://www.ipt.br/informacoes_madeiras/38-a_madeira_de_ipe_e_moderadamente_dificil_de_trabalhar_principalmente_com_ferramentas_manuais_que_ipe.htm>. Acesso em: 28 out. 2018.

⁶⁵⁷ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

denominação dada a toda espécie, genericamente, de congregação ou companhia religiosa constituída por certo número de fiéis, para fins piedosos ou de caridade, sob o patrocínio de um santo. Designa-se, também, por associação de *mão morta* ou corporação religiosa, mas, nesta denominação, tanto se incluem as irmandades, os cabidos ou as colegiadas, bem como as capelas e igrejas. A irmandade designa-se, especialmente, as confrarias, arquiconfrarias e congregações, que em regra, se constituem por leigos, adotando compromisso ou estatutos que são aprovados pelas autoridades eclesiásticas. Embora como associações religiosas, canonicamente eretas por leigos – *sodalitia auduint* – e se encontrarem subordinadas às autoridades eclesiásticas, em suas relações de Direito Civil, consideram-se as irmandades pessoas jurídicas e, como tal, sujeitas às leis seculares (NUNES, 2008, p. 82). Segundo Campos (2006, p. 15) salienta-se que no período colonial e imperial existiram confrarias de diversas invocações, mas nem todas tiveram condições econômicas para praticar a assistência mútua. Os devotos tendiam a se unir conforme um critério racial, profissional e/ou sócioeconômico como:

- **Irmandades de sacerdotes** – São Pedro dos Clérigos;
- **Irmandades de brancos ricos** – Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Conceição, do Pilar, de Nazaré, São Miguel e Almas, Senhor dos Passos (militares), Santo Antônio, etc. Foram tipicamente masculinas e seletivas na aceitação de seus membros;
- **Irmandades de crioulos e mulatos** – Nossa Senhora das Mercês, do Amparo, da Boa Morte, São José dos Homens Pardos ou Bem Casados (artífices em geral), Santa Cecília (músicos), Mínimos de São Francisco de Paula, Senhor do Bom Jesus de Matozinhos, etc.;
- **Irmandades de africanos, mulatos, brancos pobres** – Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

IRRADIAÇÃO
rayonnement [fr]

[Cv] Propagação, difusão por meio de raios. Exposição de um material a um feixe de radiação ionizante, feita de modo natural ou artificial.⁶⁵⁸ Ver **RADIAÇÃO**.

IRRADIADO
radié [fr]

[Or] Ornato formado de raios (REAL, 1962, p. 286). Ver **RAIADO**.

IRREVERSÍVEL
irreversible [esp]
irreversibile [it]

[Re] Termo que indica a impossibilidade de anular uma intervenção de restauração e seus efeitos secundários. Na restauração moderna, especialmente preocupada com esse aspecto, a irreversibilidade depende dos materiais e das substâncias químicas utilizadas. No passado as adaptações de iconografia, as repinturas e os alguns procedimentos de limpeza, acabaram com as pátinas e vernizes, tornando-se irreversíveis. Também se refere às substâncias que não podem ser removidas depois de

⁶⁵⁸ Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=irradia%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

aplicadas (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 115). O conceito do critério de retratabilidade atualmente, é considerado como um termo paralelo e até mesmo substitutivo à expressão reversibilidade. Ver **RETRATABILIDADE**.

ISABEL <i>Isabelle</i> [fr]	[Cor] Cor de camurça; cor de café com leite (REAL, 1962, p. 286).
ISO	[Ou] É a sigla de <i>International Organization for Standardization</i> . Sensibilidade fotográfica, também conhecida como sensibilidade ISO é um termo utilizado para se referir à sensibilidade de superfícies fotossensíveis (sensíveis à luz) utilizadas na fotografia (filme fotográfico ou sensor de imagem) (FONSECA, 2014, p. 23). O ISO na câmera digital varia de valores que são de 800 a 1600 do qual tem a capacidade de permitir que o fotógrafo possa tirar fotos com pouca luz evitando que a imagem saia tremida.
ISOCEFALIA <i>isocéphalie</i> [fr]	[Ic] Que tem as cabeças de todas as figuras, quer em pé ou sentadas, quer montadas, mais ou menos no mesmo plano horizontal (REAL, 1962, p. 286).
ISOCTANO	[Ma] Fórmula: C ₈ H ₁₈ . Solvente orgânico alifático. Líquido límpido, translúcido e altamente inflamável. Insolúvel em água. Completamente solúvel em álcool etílico, acetona, benzeno, éter e clorofórmio. Utilizado em solução na remoção de vernizes e de repinturas. Devem-se guardar os recipientes num local bem ventilado, mantendo-os afastados de fontes de calor (PEIXOTO, 2012, p. 117).
ISOPROPANOL	Ver ÁLCOOL ISOPROPÍLICO .
ITA	[Pe] Pedra em tupi-guarani que entra na composição de muitos termos brasileiros e significa, principalmente, pedra (REAL, 1962, p. 286).
ITÃ	1. [Pe] Nome de certos ornatos de pedra polida que se encontram nas urnas funerárias de antigos povos aborígenes. 2. [Ou] Espécie de conchas bivalves que se encontram nas areias dos rios (REAL, 1962, p. 286).
ITACOLOMITO	[Pe] Tipo de rocha, variedade flexível de quartzito. Ocorre em grande quantidade na região próxima a Ouro Preto, tendo sido largamente empregado nas construções do período colonial mineiro. Diferencia-se da pedra-sabão pela coloração e textura, aparecendo em tons amarelados ou róseos avermelhados (ÁVILA, 1979, p. 53).
ITACUÃ	[Pe] Pedra de cor amarelada, que se emprega para alisar a louça de barro feita à mão (REAL, 1962, p. 286).



JACARANDÁ <i>jacaranda [ing]</i>	[Bo] Árvore da família das leguminosas, <i>Machaerium villosum</i> , de folhas penadas, flores pequenas, violáceas, legume alado e lenhoso e que fornece madeira de lei, de cor escura, desenhos variados (TEIXEIRA, 1995, p. 56), pesada, cerne geralmente pardo-escuro-arrocheado com listras pretas, às vezes bege-rosado com reflexos alaranjados, de textura grossa, superfície lisa ao tato e irregularmente lustrosa, possui cheiro característico, agradável e gosto adocicado. ⁶⁵⁹ Madeira brasileira com a qual se fez muitas obras de talha nas igrejas, imagens e móveis de luxo (REAL, 1962, p. 297), instrumentos musicais e peças torneadas.
JACENTE <i>yacente [esp]</i>	[Es] Efígie funerária, geralmente esculpida em vulto, representando o morto deitado e vestido; os jacentes encimam as caixas dos túmulos, ou são representados sobre um leito de aparato. ⁶⁶⁰
JACQUEMART ou JAQUEMART <i>[Designação francesa sem tradução]</i>	[Es] Estátuas ou figuras representando o homem, colocadas de cada lado de um relógio e que batem as horas com um martelo (REAL, 1962, p. 297).
JADE <i>jade [fr]</i>	[Pe] Pedra duríssima com a qual se faz estatuetas de grande valor artístico. É mais conhecida a de cor esverdeada, porém há jade branca, ou violácea, sempre em tom esbatido (REAL, 1962, p. 297).
JALDE, JALNE ou GUALDO <i>jaunâtre [fr]</i>	[Cor] Amarelo da cor do ouro (REAL, 1962, p. 298).
JAMBA	[It] Ombreira. Cada uma das duas partes verticais de que se compõe uma janela ou porta. ⁶⁶¹
JANELA DE ASSENTO	[It] Janela que possui conversadeira (ÁVILA, 1979, p. 55).

⁶⁵⁹ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 125-126.

⁶⁶⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁶⁶¹ CONJUNTO... 2007, p. 177.

JANELA DE GUILHOTINA	[It] Janela com duas folhas que correm em trilhos, verticalmente, como uma guilhotina. ⁶⁶²
JANICÉFALO	[Ic] Monstro de duas cabeças com as faces em sentido oposto (REAL, 1962, p. 298).
JARDIM FECHADO	[Ic] Símbolo de Nossa Senhora inspirado nas antífonas, representa o paraíso celeste, a morada do além reservada aos eleitos. ⁶⁶³
JASMIM	[Pi] Flor de origem oriental, de cor branca e muito perfumada, que se tornou comum na Europa a partir da invasão da Península Ibérica pelos mouros. É muito representada na pintura decorativa portuguesa a partir do século XVIII. No Brasil é encontrada nas pinturas de forros de igrejas, nos fundos dos camarins dos retábulos e nichos e em diversas situações, sempre junto a buquês de rosas, cravos e flores imaginárias. ⁶⁶⁴
JATO <i>jet [fr]</i>	[Ap] Obra feita do primeiro impulso; espontânea. [Es] Estátua fundida de um só jato, numa só peça ou forma (REAL, 1962, p. 297).
JATOBÁ	[Bo] Nome científico: <i>Hymenaea spp.</i> , <i>Leguminosae</i> . O gênero <i>Hymenaea</i> , com várias espécies (<i>Hymenaea courbaril L.</i> , <i>Hymenaea intermedia Ducke</i> , <i>Hymenaea oblongifolia Huber</i> , <i>Hymenaea parvifolia Huber</i> , <i>Hymenaea stilbocarpa Hayne</i>), é encontrado em quase todas as matas nativas do Brasil. Essas madeiras são semelhantes quanto à densidade de massa e caracteres anatômicos. Outros nomes populares: copal, courbaril, jataí, jataíba, jatobá-curuba, jatobazinho, jutaí, jutaí-açu, jutaí-do-igapó, jutaí-grande, jutaí-mirim, jutaí-vermelho, quebra machado. Presente em outros países: América Central, Argentina, Bolívia, Colômbia, Guiana, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname. Características sensoriais: cerne e alburno distintos pela cor, cerne variando do castanho-amarelado ao castanho-avermelhado, alburno branco-amarelado; cheiro e gosto imperceptíveis; densidade alta; dura ao corte; grã regular a irregular; textura média; superfície pouco lustrosa. Durabilidade natural: a espécie <i>Hymenaea courbaril L.</i> é considerada altamente resistente aos térmitas e fungos de podridão branca e parda, mas susceptível aos perfuradores marinhos. Em contato com o solo <i>Hymenaea stilbocarpa Hayne</i> apresentou vida média inferior a 9 anos sendo considerada moderadamente durável, já em ensaios de laboratório apresentou resistência média a alta ao ataque de organismos xilófagos. Em ambiente marinho a madeira de <i>Hymenaea sp.</i> ensaiada foi

⁶⁶² CONJUNTO... 2007, p. 177.

⁶⁶³ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 127.

⁶⁶⁴ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 127.

intensamente atacada por organismos perfuradores. Tratabilidade: o cerne de jatobá, quando submetido à impregnação sob pressão, demonstrou ser impermeável às soluções preservativas. Trabalhabilidade: a madeira de jatobá é moderadamente fácil de trabalhar, pode ser aplainada, colada, parafusada e pregada sem problemas. Apresenta resistência para toronar e faquear. O acabamento é bom. Aceita pintura, verniz e lustre. Observa-se a presença de rachaduras e empenamentos quando a secagem é muito rápida. Usada na construção civil: dormentes ferroviários, cruzetas, vigas, caibros, tesouras; portas; janelas; batentes; guarnições; rodapés; painéis; forros; lambris; assoalhos; mobiliário;⁶⁶⁵ peças torneadas.

JAZIGO	[Ou] Monumento funerário, sepultura (NUNES, 2008, p. 85).
--------	---

JESUÍTAS	[Rg] Companhia de Jesus. Fundada em 1535, na Espanha, pelo soldado Inácio de Loyola, dentro das ideias da contra reforma católica, com intento de educar e converter os fiéis. Os jesuítas tinham uma regra quase militar e dedicaram-se à educação e à conversão do gentio. Os jesuítas tiveram grande importância no Brasil, pois fundaram várias casas ou colégios, reduções onde catequizavam os índios e educavam a juventude. Os grandes nomes no Brasil, foram os padres Antônio Vieira, José de Anchieta e Manuel da Nóbrega. Entre os santos destacou-se São Francisco Xavier, missionário na Índia e na China, então possessões portuguesas. Em todo o litoral brasileiro os jesuítas deixaram pequenos santuários e aldeamentos em torno da igreja (Porto Seguro, Trancoso, Cabo Frio e outros). No sul em território pertencente à Espanha, os jesuítas italianos e espanhóis criaram uma verdadeira civilização entre os índios, cuja igreja do povo de São Miguel é hoje um exemplo extraordinário. Esses jesuítas desenvolveram uma imaginária muito curiosa\ de cunho erudito, copiada e reinterpretada pelos índios em gosto popular: imaginária missioneira. Os jesuítas vestiam o hábito preto com faixa como os seculares e às vezes uma capa curta também preta. ⁶⁶⁶
----------	--

JITO <i>echenau, échenal [fr]</i>	[Es] Na operação de fundição de estátuas, cano que conduz o metal derretido para o molde a encher (REAL, 1962, p. 300).
--------------------------------------	---

JOIA	[In] Artefato de matéria ou lavor precioso, de metal e/ou pedrarias, ordinariamente usado como adorno. As joias geralmente são feitas de uma liga, cujo <i>toque</i> é estabelecido por lei. Nas igrejas, podem aparecer ornamentando as imagens, quase sempre doadas por fiéis, como cumprimento de voto ou graça alcançada (DAMASCENO, 1987, p. 31).
------	--

JÔNICA	[Ar] Ordem clássica de arquitetura, caracterizada pelo capitel ornado de
--------	--

⁶⁶⁵ Disponível em: <http://www.ipt.br/informacoes_madeiras/14.htm>. Acesso em: 09 out. 2018.

⁶⁶⁶ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 127-128.

volutas, fuste com canelura e presença de base. A coluna jônica tinha de altura, nove vezes o seu diâmetro (ÁVILA, 1979, p. 154).

JUBÉU <i>rood screen [ing]</i> <i>pontile [it]</i> <i>jubé [fr]</i>	[It] Elemento arquitetônico da grade de coro, onde era lido o Evangelho. Em forma de tribuna, consistia numa plataforma elevada, com vedação, e era geralmente encimado por uma cruz (cruz de jubéu) ou um crucifixo (crucifixo de jubéu), eventualmente ladeados pela Virgem e São João Evangelista (calvário de jubéu) (THESAURUS, 2004, p. 32).
JUIZ DE OFÍCIO	[At] Mestre designado por uma Corporação de Ofícios para examinar aqueles que, numa dada profissão mecânica, desejavam se habilitar a exercer por conta própria a respectiva atividade (ÁVILA, 1979, p. 55).
JUNÇÃO <i>assemblage [fr]</i>	[Tc] Juntura; reunião; peças que se acertam juntando (REAL, 1962, p. 301). Nas junções podem existir vários tipos de encaixes.
JUNQUILHO	[Ar] Moldura estreita, convexa, análoga ao bocel, em regra usada duplicadamente na base das colunas jônica e coríntia. O junquilha inverso corresponde à moldura chamada <i>escócia</i> ou <i>meia-cana</i> (REAL, 1962, p. 301).
JUNTA SECA	1. [Tc] Tipo de junta que não apresenta nenhum encaixe entre os elementos, em que eles estão apenas encostados. 2. [Ar] Diz-se de muro, parede ou qualquer peça de alvenaria na qual não se empregou argamassa para rejuntamento dos tijolos, pedras, etc. (ÁVILA, 1979, p. 55).
JUNTAR <i>acepillar [esp]</i> <i>to join [ing]</i> <i>congiungere [it]</i> <i>joindre [fr]</i>	[Tc] Unir, ensamblar (TEIXEIRA, 1995, p. 56).
JUNTEIRA <i>garlopa, cepillo de carpintero [esp]</i> <i>joiner's plane [ing]</i> <i>pialla,</i> <i>sponderuola [it]</i> <i>rabot [fr]</i>	[Eq] Instrumento de marceneiro, entalhador e escultor, semelhante a um rabote, que corta só de um lado e utilizado para fazer as juntas das peças de madeira, unindo-as entre si (TEIXEIRA, 1995, p. 56).
JUNTURA <i>ensambladura [esp]</i> <i>coupling, joining, joint [ing]</i> <i>commessura,</i> <i>congiunzione [it]</i> <i>assemblage,</i> <i>jointure [fr]</i>	[Tc] Ensambladura, junção, articulação, emalhetamento (TEIXEIRA, 1995, p. 56).
JUSTAPOR	[Ge] Sobrepor; juntar; unir em contiguidade (REAL, 1962, p. 302).



KARABÉ

 Ver **ÂMBAR**.

KERMES
kermes, quermes [esp]
kermes [ing]
chermes [it]
kermès [fr]

[Ma] Corante natural, derivado da “secagem” da fêmea do inseto *Coccus illicis*, à base de ácido quermésico (C₁₈H₁₂O₉). É utilizado na manufatura das lacas vermelhas. Dele extrai-se o carmim. As lacas produzidas com esse corante não são brilhantes (TEIXEIRA, 1995, p. 57).

KLUCEL®

[Ma] Marca registrada para uma série de compostos de hidroxipropilcelulose (HPC). Os polímeros Klucel® são não iônicos, solúveis em água, éteres de celulose. Eles produzem soluções que variam em viscosidade. Os polímeros termoplásticos são usados como emulsificantes, estabilizadores, formadores de filme, espessantes e selantes em muitos tipos de soluções, como alimentos, cosméticos, tintas e esmaltes. Também são usados como aglutinantes para esmaltes cerâmicos. Polímeros Klucel® também são usados como agentes adesivos de papel e consolidantes para couro. Embora os polímeros de HPC, em geral, tenham boa estabilidade fotoquímica, eles podem exibir baixa estabilidade térmica e descolorir com a idade. Embora os produtos de baixo peso molecular, como o Klucel® G, tenham um desempenho melhor do que os produtos de alto peso molecular, como o Klucel® M, os testes indicam que os polímeros HPC não devem ser considerados para uso em longo prazo. Solúvel em água (abaixo de 38°C), etanol, acetona e muitos solventes orgânicos. Insolúvel em água (acima de 45°C).⁶⁶⁷

⁶⁶⁷ Disponível em: <<http://cameo.mfa.org/wiki/Klucel%C2%AE>>. Acesso em: 09 out. 2018.

**LÁBARO***labarum [fr]*

[Ab] Estandarte de Constantino (312), após a visão que teve das letras *XP* (monograma de Cristo) e as palavras *In hoc signo vinces*. Foi adotado depois pelos exércitos romanos; pendão; bandeira (REAL, 1962, p. 303).

LABORATÓRIO*laboratorio [esp]*

[Ou] Recinto provido de instalações, aparelhagem e produtos necessários a manipulações, exames e experiências efetuados no contexto de pesquisas científicas, de análises de materiais ou de ensino científico e técnico.⁶⁶⁸ O primeiro laboratório para exame de pinturas foi o do *Staatlichen Museen*, de Berlim, fundado em 1888 (CALVO, 1997, p. 129).

LABIRINTO

[Ou] Também conhecido como crivo, o labirinto é um tipo de renda que os fios de trama e urdidura são desfiados e cortados a partir de um desenho pré-definido. O fio desfiado é utilizado para tecê-la, seguindo os motivos ou desenhos estabelecidos. Como o rendendê⁶⁶⁹, o labirinto é uma técnica mais relacionada com o bordado, pois o trabalho é elaborado a partir de um tecido.⁶⁷⁰

LACA*laca [esp]**lac [ing]**lacca [it]**laque [fr]*

[Ma] Resina natural vegetal resultante da extração do tronco de várias espécies do género "Rhus" da família *Anacardiaceae* e especialmente das árvores *Rhus vernicifera* e *Rhus succedanea* do Extremo Oriente (Japão, China e Coreia). No momento da extração, sua cor é cinza, mas em contato com o ar e a umidade a resina polimeriza, endurece e escurece até adquirir tons marrons, avermelhados e até pretos. Por esta razão, é necessário submetê-la a um processo de purificação. Trata-se de um material pictórico muito duro, cuja superfície é lisa e brilhante. É tóxico, translúcido e quente. É usado em camadas finas sucessivas que requerem ar úmido para endurecer e proteger efetivamente o substrato. A laca é muito aplicada em móveis, podendo ser aplicada em diversas formas de decoração: coloração, com pó de metal, relevos, incisões e

⁶⁶⁸ Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=laborat%C3%B3rio>>. Acesso em: 26 out. 2018.

⁶⁶⁹ Tipo de bordado sobre linho, com pontos cheios e abertos, formando desenhos geométricos. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=rendend%C3%AA>>. Acesso em: 24 out. 2018.

⁶⁷⁰ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 128.

incrustações (LANGLE; CURIE, 2009, p. 662). Na China foi utilizada desde a Antiguidade como verniz de proteção em madeira, o seu uso se difundiu com a Dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.), era aplicada em objetos feitos a partir de uma variedade de materiais (madeira, tecido, couro, metal, etc.). A laca pode ser aplicada em sua tonalidade original ou tingida em várias cores, principalmente preto e vermelho. Tecnicamente, a execução da laca tratava-se de um processo muito complicado, pois era aplicada em várias camadas (às vezes combinando as cores) e deixada para secar por dias e depois eram polidas. A sobreposição de camadas atingia tais espessuras que, permitiam sua talha, técnica amplamente utilizada nas oficinas da Dinastia Ming (1368-1644) e Qing (1644-1911). O uso da laca foi introduzido no Japão no século VI, através da Coréia (laca japonesa). A partir do século XVI, peças decoradas com laca na Europa foram exportadas em massa (telas, baús, jarros, móveis, etc.), originando muitas imitações europeias. O termo "laca" sempre gerou certa confusão, devido à sua utilização desde a Idade Média como um nome genérico de *lacca* para designar várias substâncias coloridas, como a *goma laca* ou vernizes coloridos que imitavam a laca original, ou como a "laca da Índia", feita de goma-laca ou com sandáracas.⁶⁷¹ A verdadeira laca (charão) é originária do Oriente (QUEIMADO, 2007, p. 182). Em esculturas policromadas, a laca refere-se a uma cor transparente (vermelha, verde, amarela e azul) utilizada sobre folhas metálicas (ouro e prata) (FAUSTO, 2010, p. 275).

LACA AMARELA

laca amarilla [esp] *lac*
 [ing] *lacca*
 [it] *laque* [fr]

[Ma] As lacas são pigmentos de origem sintética, formadas por corantes naturais (geralmente de origem vegetal ou animal) fixados em um material (quase sempre em hidróxido de alumínio em pó). Deste modo obtém-se uma substância semitransparente que pode ser utilizada como veladura ou como pigmento normal, misturado com branco ou com outros pigmentos. Os corantes mencionados abaixo podem ser usados como pigmentos ou, precisamente, para preparar lacas amarelas (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 73-75).

- **Arzica** – corante orgânico a base de luteolina, de origem natural vegetal, conhecido desde a Antiguidade, é o mais estável a luz entre os corantes naturais;
 - **Laca amarela ou goma guta, ou gutagamba, ou camboge** – corante orgânico, de origem natural vegetal. Conhecido desde a Antiguidade, principalmente no Oriente. Na Europa foram os pintores flamengos os primeiros a utilizá-la. As cores são amarelo dourado ou alaranjado. Nas técnicas a água e exposto a luz do sol se esmaecem rapidamente. Utilizada como corante nas técnicas a óleo, e a água e em lacas para veladuras;
 - **Amarelo índio** – corante orgânico, de origem natural, obtido da
-

⁶⁷¹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1186624>>. Acesso em; 23 out. 2018.

urina da vaca alimentada com folhas de manga. Utilizado na Europa a partir do século XIX. É uma das lacas amarelas mais resistentes. É ligeiramente solúvel em água. Usada na pintura a óleo e também a água;

- **Amarelo de açafão** – corante orgânico, de origem natural vegetal, conhecido e utilizado desde a Antiguidade romana. Cor amarelo-dourado. Utilizado principalmente em têmpera para miniaturas;
- **Quercitrina** – amarelo orgânico a base de quercitrina, de origem natural vegetal, extraída da casca de uma espécie de carvalho. Foi introduzida na Europa no século XVIII. Sua cor na laca com alume⁶⁷² tem a tonalidade de amarelo-alaranjado. O corante é solúvel em água e esmaece se exposto a luz solar;
- **Laca amarela de espinheiro** – amarelo orgânico de origem natural vegetal, extraído de frutos (não maduros) do espinheiro. Utilizado a partir do século XVI;
- **Amarelo Hansa** – corante orgânico sintético. Usado a partir do século XX. Cor amarelo-claro brilhante e transparente, com notável poder de cobertura. Estável a luz. Usado com laca. Misturado com azul de ftalocianina para obter alguns tons de verde.

LACA CARMINADA [Ma] Usada na pintura a óleo e a aquarela (REAL, 1962, p. 303).

**LACA DE
COROMANDEL**

[Ta] Técnica artística com variedade de laca (muitas vezes preto, mas também vermelho escuro) côncava deixando o desenho em reserva; a parte inferior das cavidades assim obtidas é pintada de cores vivas e opacas, separadas por bordas pretas. Essa técnica, foi conhecida no Oriente no século XV, refere-se ao nome dos portos de carga desses objetos de origem chinesa, enviados para o Ocidente a partir de Coromandel. Seu nome *tiao chi* lembra sua origem chinesa. O efeito final é o de um baixo-relevo pintado em vez de uma escultura (LANGLE; CURIE, 2009, p. 665).

LACA DE VENEZA

[Ta] De tom bem vermelho (REAL, 1962, p. 303). Pintura a óleo envernizada e polida é uma tinta brilhante envernizada, com cores sólidas e vivas (vermelho, verde e amarelo) ou decorada com cenas ou flores, chamada de *verniss Martin*⁶⁷³ (LANGLE; CURIE, 2009, p. 668). *CHIPOLIN* - Foi o nome dado no passado ao processo envernizado de

⁶⁷² Alume, em química, é a designação dos sulfatos duplos de alumínio e metais alcalinos, com propriedades adstringentes, usado na fabricação de corantes, papel, porcelana, purificação de água, clarificação de açúcar, etc.

⁶⁷³ Martin foi uma família de pintores-envernizadores que se tornaram famosos pelo alto grau de perfeição de suas obras em variados campos que vão desde a restauração de painéis de laca oriental até a fabricação de decorações de laca (LANGLE; CURIE, 2009, p. 668).

pintura a têmpera, formando uma espécie de verniz. Esta inova o na decora o foi inventada pelos irmãos Martin por volta de 1730.⁶⁷⁴

LACA JAPONESA <i>laca japonesa [esp]</i>	[Ma] Laca extraída do tronco da árvore <i>Rhus vernicifera</i> , cultivada no Japão a partir do século VI e denominada <i>urushi</i> . Misturado com pigmentos tem sido usado como corante em técnicas pictóricas e como verniz decorativo em ebanisteria, joias e também em vários ofícios. Em seu estado natural como resina vegetal, tem sido usado na prote�o de madeiras e como adesivo, misturado com pasta de arroz ou aveia, conhecido como <i>nori-urushi</i> ou <i>mugi-urushi</i> . ⁶⁷⁵
LACA MEXICANA	[Ma] Verniz que decora e cobre a superfície de vários objetos, feito a partir da mistura de gordura animal, óleo vegetal e de pigmentos. A gordura animal � extraída da fêmea do inseto <i>Llaveia axin</i> ou <i>Coccus axin</i> , por meio de um processo longo e delicado (cozinhar, macerar). O �leo vegetal é tradicionalmente extraído da semente de chia <i>Salvia chian</i> do chicalote <i>Argemone mexicana</i> , embora o óleo de linhaça também seja usado atualmente. Finalmente, para esses componentes são adicionados “terras” como cargas e pigmentos, para alcançar o efeito e cor desejados. A laca mexicana foi amplamente utilizada em várias culturas indígenas do México na decora�o de recipientes chamados <i>j�caras</i> , feitos com a casca de várias frutas locais. A partir do século XVII, a laca mexicana foi usada na decora�o de caixas, cestos, baús, malas e outros objetos, para satisfazer a demanda local e para ser exportada para a Espanha. ⁶⁷⁶
LACA OCIDENTAL	[Ta] Revestimento resinoso com uma superfície brilhante e lisa que protege eficazmente a pintura, também chamada de “laca falsa” (LANGLE; CURIE, 2009, p. 666).
LACA POBRE (PAUVRE) <i>lacca povera [it]</i>	[Ta] Decora�o composta por estampas, cortadas ou não, coloridas ou não e coladas na superfície para enfeitar, depois cobertas com verniz (LANGLE; CURIE, 2009, p. 670). VERNIZ DES GOBELINS - Camada protetora flexível para têxteis, couro e madeira (LANGLE; CURIE, 2009, p. 670). LASURE – Cobertura de tinta cujo aglutinante e pigmentos são escolhidos para proteger e decorar a madeira deixando a mostra seus veios.
LACA VERDE <i>laca verde [esp]</i> <i>lac [ing]</i> <i>lacca [it]</i> <i>laque [fr]</i>	[Ma] Trata-se de uma série de lacas obtidas com corantes orgânicos ou sintéticos dispersos em um aglutinante gelatinoso. �s vezes são obtidas misturando azul da Prússia com lacas amarelas ou amarelo de zinco (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 66-68). <ul style="list-style-type: none">• Verde �ris – corante orgânico de origem natural vegetal, do suco das

⁶⁷⁴ Disponível em: <<https://www.meubliz.com/definition/chipolin/>>. Acesso em: 27 set. 2018.

⁶⁷⁵ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1190020>>. Acesso em: 23 out. 2018.

⁶⁷⁶ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1187186>>. Acesso em: 23 out. 2018.

flores de lírio. Usado nos séculos XIV e XV. Possui cor brilhante, sobretudo se misturado com alume;

- **Verde jugo** – corante orgânico utilizado antigamente para preparar lacas com alume. Atualmente, com este nome se definem algumas lacas preparadas com corantes orgânicos sintéticos. De origem natural vegetal; se obtém do fruto maduro do espinheiro “Rhamus” – *R. catarctica*. Usado desde a Idade Média. O pigmento antigo desbotava rapidamente quando exposto a luz;
- **Verde de Hooker** – mistura de azul da Prússia e laca amarela (goma-guta, gamboge). Atualmente se denomina uma mistura de corantes orgânicos sintéticos e amarelo Hansa ou amarelo de cobalto. Por ação da luz tende a virar azul pelo esmaecimento do elemento amarelo (gamboge). Empregado nas técnicas a água.
- **Verde permanente** – anteriormente tratava-se de uma mistura de amarelo de cádmio e verde veridiana, hoje se utiliza o verde de ftalocianina.
- **Verde de ftalocianina** – ftalocianina de cobre clorada. De origem sintética. Usado a partir de 1936, de cor verde-esmeralda brilhante e transparente.

LACA VERMELHA

laca [esp]

lac [ing]

lacca [it]

laque [fr]

[Ma] Corantes orgânicos de origem vegetal (como laca vermelha) ou de origem animal (como a cochonilha). Eles se tornam insolúveis por co-precipitação com uma carga inerte.⁶⁷⁷ Segue as lacas vermelhas descritas por Matteini e Moles (2001, p. 80-83):

- **Laca de garança** – Ver **GARANÇA**;
- **Alizarina** – corante orgânico de origem sintética. Usado desde o século XIX. Cor vermelho-púrpura, brilhante, transparente e de maior poder de cobertura que a laca de garança. É mais estável a luz e mais resistente que a laca de garança. Utilizada em todas as técnicas pictóricas como laca;
- **Cochonilha, laca carmim** – corante orgânico cujo elemento principal é o ácido carmínico. De origem natural animal. Surgiu na Europa em meados do século XVI e foi utilizado até o século XIX. Sua cor varia de escarlata à púrpura, dependendo do mordente empregado. Quase estável em óleo, resiste menos nas cores à têmpera por sua tendência a escurecer e a esmaecer por ação da luz. Utilizada principalmente em óleo, porém também nas técnicas a água.
- **Kermes** – Ver **KERMES**.
- **Laca indiana ou goma-laca** – Ver **GOMA-LACA**.
- **Púrpura** – corante orgânico, de origem natural animal. Extraído do

⁶⁷⁷ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/lacas-rojas>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

líquido segregado por uma espécie de molusco *Murex brandaris*. Cor muito apreciada, utilizado quase exclusivamente na Idade Romana para tingir os tecidos das vestes dos altos cargos e para decorar os manuscritos bizantinos. De cor vermelho-púrpura. E muito resistente;

- **Archil – Litmus – Tornasol** – São corantes orgânicos de composição muito similar e de origem vegetal. Foram utilizados ocasionalmente na Antiguidade para a decoração de manuscritos. As tonalidades da cor variam de vermelho-rubi ao violeta;
- **Logwood** – Corante vermelho-sangue de origem natural vegetal, do qual se obtém lacas de cor que variam do vermelho-pardo e o preto, passando pelo violeta. As tonalidades da cor dependem do mordente utilizado. Usado principalmente nas técnicas a água e com aglutinantes hidrófilos;
- **Cártamo** – Ver **CÁRTAMO**;
- **Pau-Brasil** – corante vermelho de origem vegetal, procedente da madeira da árvore brasileira *Caesalpinia braziliensis*. É preparado por precipitação da tinta sobre uma base inerte. Cor pouco sólida, no século XVIII era chamada também de *carmim* (CALVO, 1997, p. 138);
- **Sangue de dragão** – Ver **SANGUE DE DRAGÃO**.

LACA ZAPON

laca Zapón [esp]
Zapon-Lack [ing]

[Ma] Originalmente é o nome designado para um verniz de nitrato de celulose (patenteado em 1887) em uma mistura de solventes contendo acetato de amila, acetato de butila e acetato de propila. O verniz Zapon apresenta uma película transparente muito fina que foi originalmente comercializado como um verniz para peças de metais. Rathgen⁶⁷⁸ (1905) listou os procedimentos para o uso de Zapon em obras de arte como um revestimento para metal e consolidante de pedras. Em 1907, um boletim de notícias de artistas o recomendava como um fixador para aquarelas. Também foi usado por um curto período de tempo a partir do início do século XX como um verniz isolante para pinturas, no entanto, verificou-se que ele amarelece com a idade. Outro uso mal sucedido de Zapon foi como um consolidante para manuscritos degradados por tintas ferrogálicas. O nome, Zapon-Lack, é atualmente um nome comercial alemão para uma mistura de nitrato de celulose em acetato de amila, etanol e etilacetato.⁶⁷⁹

LAÇARIA

[Or] Motivo decorativo composto por festões e fitas entrelaçadas (IMC,

⁶⁷⁸ Friedrich Rathgen (1862-1942), químico alemão e um dos fundadores do campo da ciência da conservação. Considerado “O Pai da Conservação Arqueológica Moderna”, o primeiro diretor do Laboratório Químico dos Museus Reais de Berlim. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1179/019713687806027843?journalCode=yjac20>>. Acesso em: 23 out. 2018.

⁶⁷⁹ Disponível em: <http://cameo.mfa.org/wiki/Zapon_lacquer>. Acesso em: 23 out. 2018.

2011, p. 122).

LAÇO PROCESSIONAL	[Ou] Espécie de laço em tecido, damasco, veludo ou tafetá, que tem ao centro, rosácea em aljôfares ou pedras semipreciosas e é adornado à volta e nas extremidades com galões, rendas e franjas metálicas. É usado para adornar a lateral das charolas e andores nas procissões solenes e como arremate da parte superior das varas de pálio. ⁶⁸⁰
LACRE	[Ou] Composição de várias substâncias que tem sido usado desde a Idade Média para selar cartas ou outros documentos. Tradicionalmente o lacre era preparado por mistura de cera (especialmente a cera de abelha ou cera de carnaúba), uma resina natural (goma-laca, terebintina, colofônia, etc.), um tipo de carga (argilas) e colorido com pigmentos (geralmente vermelho, acrescentando à mistura de vermelhão). A mistura, uma vez derretida e derramada sobre o objeto, servia para lacrar cartas e imprimir selo, sinetes, carimbo e outras obras de gravura de cunho (NUNES, 2008, p. 89), a fim de garantir sua integridade textual e material, além de servir como elemento de validação e autenticação legal-diplomática. ⁶⁸¹
LACRIMAL	[An] Sistema produtor e condutor de lágrimas. [It] Face vertical de uma cornija, que é terminada por pequeno sulco ou pingadeira e destinada a impedir o escoamento da água da chuva pelo entablamento, pilastra ou parede (ÁVILA, 1979, p. 59).
LACUNA <i>laguna [esp]</i> <i>lacuna [it]</i> <i>lacune [fr]</i>	[Dt] Segundo Brandi (2004, p. 48) lacuna é uma interrupção formal indevida, é uma interrupção da representação estrutural e estética de uma obra de arte. É uma interrupção do tecido figurativo, como uma interrupção no texto de uma obra, não transmitida integralmente. Caracterizada pela projeção de uma área de perda que sai do papel de fundo e passa a ser figura (representativa), ou seja, torna-se destaque com relação à imagem, é um corpo estranho (BRANDI, 2004, p. 49). Do latim <i>lacuna</i> , denota um espaço vazio dentro de um corpo. De acordo com Langle e Curie (2009, p. 826) podemos entender por lacuna, a ausência de material original. É possível que aconteça em maior e menor dimensão no suporte, como também na policromia, podendo atingir a camada pictórica, a base de preparação e o suporte. Constitui a perda localizada de um ou mais estratos da camada pictórica ou de parte do material do suporte. A lacuna leva a uma ruptura na continuidade, em uma imagem ou uma interrupção na leitura. A lacuna pode ser definida pelo nível do estrato ausente: • Profunda ou de profundidade – quando também afeta a

⁶⁸⁰ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 129.

⁶⁸¹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1008621>>. Acesso em: 23 out. 2018.

preparação e podendo atingir o suporte (NEVES, 2013, p. 97-98) ou quando faltam os materiais do suporte. No caso da escultura em madeira, quando falta uma parte da “forma e representação”, parcial ou totalmente, perdendo, por conseguinte o suporte, a preparação, pigmento ou quando há perda somente na preparação; e

- **Superficial** – quando afeta apenas a camada pictórica, isto é, quando comprometem os primeiros estratos do objeto (verniz, pátina, camada pictórica).

A tipificação das lacunas pode ser referenciada à interrupção causada nos diferentes tipos de objetos:

- Nas obras de estrutura bidimensional (plano) como a pintura, a interrupção na imagem é fundamentalmente na representação;
- Nos objetos tridimensionais nos quais a representação e a forma coincidem, como no caso da escultura ou arquitetura, a interrupção na imagem é fundamentalmente de representação;
- Nos objetos nos quais a forma e a representação estão presentes, a interrupção é fundamentalmente formal, como no caso de uma cerâmica desenhada ou móveis pintados.

Outra maneira de classificação das lacunas está relacionada a uma avaliação qualitativa em função da representação ou da forma:

- **Lacunas irreversíveis** – quando estão perdidas parte da representação ou da forma do objeto, não sendo possível uma proposição hipotética. Ex.: um rosto em uma pintura, uma mão em uma escultura ou uma asa em uma cerâmica;
- **Lacunas parciais** – quando pode-se propor a parte faltante, segundo os elementos referenciais da áreas que as limitam. Ex.: partes de um fundo de uma pintura ou partes de uma mão, nas quais o restante permite reunir as linhas e recompor o desenho ou, em parte, a cor.

Quando a perda de material é pequena, usa-se o termo “perda” (de suporte ou de camada pictórica). O tamanho das lacunas, e sua posição na composição são muito importantes. De fato, uma lacuna não tem o mesmo impacto visual, dependendo no que diz respeito à mão, face ou simplesmente uma área de drapeados (LANGLE; CURIE, 2009, p. 826).

Alguns fatores podem causar essas perdas, como:

- Falta de meios preventivos (ambiente e guarda adequados ao objeto);
 - Vandalismo – depredação da obra por motivo religioso ou outro;
 - Técnica empregada pelo artista (incompatibilidade entre materiais – movimentação diferenciada entre camadas);
-

- Intervenções inadequadas; e
- Acidentes – imprevistos de quedas, movimentação constante do objeto.

Para Philippot (1970, p. 252) as lacunas de uma policromia na escultura não são iguais, do ponto de vista estético, como as lacunas de uma pintura. Em efeito, na medida em que está preservada a forma esculpida, trata-se apenas de uma **lacuna relativa** e não de uma **lacuna total**, como é o caso de uma pintura.

LACUNÁRIO <i>lacunar [fr]</i>	[Ar] Espaço entre vigas; ornato nos intercolúnios das arquitraves (REAL, 1962, p. 304).
LADAINHA	[Rg] Oração formada por uma longa série de curtas invocações, que a igreja canta em honra de Deus, da Virgem e dos Santos (NUNES, 2008, p. 89).
LADAIRO OU LADÁRIO	[Rg] Procissão de penitência por voto a algum santo. Círio. Prece por ocasião de alguma calamidade (NUNES, 2008, p. 89).
LÁDANO <i>ladanum [fr]</i>	[Ma] Goma-resina extraída principalmente do cisto de Creta (REAL, 1962, p. 304).
LADRILHO	[Ce] Peça retangular de barro cozido que serve, geralmente, para pavimentos (NUNES, 2008, p. 89). LADRILHO CERÂMICO – Peças para revestimento de pisos, ou paredes, de barro cozido. Diferencia-se do tijolo comum pelas dimensões, qualidade de acabamento e maior resistência. LADRILHO HIDRÁULICO – Peças para revestimento de pisos, obtidas pela prensagem hidráulica de argamassa de cimento. Podem apresentar-se na cor natural do cimento ou em outras cores (ÁVILA, 1979, p. 59).
LAJEADO	[It] Tipo de pavimentação que consiste de placas de pedra assentadas com argamassa de barro (ÁVILA, 1979, p. 59).
LAMBEL <i>lambel [fr]</i>	1. [Ou] Em heráldica, peça constituída por uma travessa horizontal que não toca na borda do escudo; na parte inferior tem três pendentes ou pingentes em forma de trapézio isósceles. 2. [Ou] Pano listrado com que se cobriam bancos; lençaria de pano listrado. 3. [Ar] Cimalha sobre as portas e janelas para evitar que por estas escorra a água (REAL, 1962, p. 304).
LAMBREQUIM	[Rb] Elemento decorativo em forma de barrado recortado, geralmente de madeira em trabalho de talha, couro ou lâmina metálica, pendente de beirais de telhados ou de sanefas, baldaquins ou dosséis de retábulos (DAMASCENO, 1987, p. 31). Peça de madeira trabalhada imitando drapeados com elaboradas borlas, muitas vezes douradas (QUEIMADO, 2007, p. 182). São, às vezes, chamados também de <i>sinhaninhas</i> (ÁVILA,

1979, p. 155).

<p>LAMBRIL OU LAMBRIS <i>wainscot [ing]</i> <i>revestimento di legno [it]</i> <i>lambris, boiserie [fr]</i></p>	<p>[It] Revestimento de madeira, mármore ou outro material, aplicado até determinada altura das paredes internas de um edifício (REAL, 1962, p. 305). O mesmo que ALIZAR.</p>
<p>LAMBRILHA</p>	<p>[Ce] Azulejo de dimensões reduzidas, de corda seca e aresta, utilizada nos séculos XV e XVI em Portugal, integrando revestimento de pavimento. Pode designar também um azulejo pintado, estampilhado ou estampado, usualmente como de figura avulsa, recuperado em 1937 por artistas modernistas com inspiração no imaginário e cultura populares.⁶⁸²</p>
<p>LAMBRIM</p>	<p>Ver SILHAR.</p>
<p>LÂMIA <i>lamie [fr]</i></p>	<p>[Ic] Espécie de feiticeira ou vampiro que os gregos representam com rosto de mulher e corpo de serpente e de quem se dizia que chupava o sangue das crianças e fazia outros malefícios (REAL, 1962, p. 305).</p>
<p>LÂMINA <i>planche, lane [fr]</i></p>	<p>1. [Ge] Chapa delgada (de metal, pedra, madeira) (REAL, 1962, p. 305), com a finalidade de se executar uma forração através da fixação da lâmina em um suporte - laminação. 2. [In] Fio metálico, geralmente de ouro ou prata usado na ornamentação dos bordados ou na composição dos tecidos. As lâminas foram bastante utilizadas nos bordados, tanto dos paramentos das igrejas quanto nas indumentárias religiosas. 3. [Ta] Técnica de pintura executada sobre suporte de vidro e que consiste em aplicar a camada pictórica pela parte posterior do suporte transparente.⁶⁸³</p>
<p>LÂMPADA</p>	<p>1. [Ic] Associa-se à emanção de luz, cujo uso metafórico e simbólico é muito frequente no Antigo e Novo Testamento, sendo identificado com a presença real de Deus. O uso de sempre se conservar uma luz diante do sacrário apareceu no século XIII, espalhando-se gradativamente até o século XVI, quando se generalizou. 2. [Ou] Peça destinada à iluminação, confeccionada em prata ou metal trabalhado, presa ao teto ou a um braço, normalmente por meio de correntes, de onde pendem dispositivos para um ou mais focos de luz. Recebe a designação de lampadário (TRINDADE, 1998, p. 389). 3. [Ab] A lâmpada acesa é atributo de São Lambert, São Nilo e Santa Clara de Assis. LAMPADEIRO – Haste de suporte da lâmpada (REAL, 1962, p. 305).</p>
<p>LÂMPADA DE</p>	<p>[Ex] A Lâmpada de Wood tem um arco de mercúrio que emite radiações</p>

⁶⁸² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁶⁸³ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 129.

WOOD

lâmpara
de Wood [esp]
lampada di Wood [it]

ultravioletas (FONSECA, 2014, p. 23). Consiste numa fonte de produção de radiação U.V. É uma lâmpada azul, quase negra. É formada por uma lâmpada de vapor de mercúrio a alta pressão com um filtro de óxido níquel que elimina os raios visíveis, deixando assim passar os raios ultravioletas. Para a realização do exame com esta lâmpada, a obra deve ficar exposta à lâmpada numa câmara escura, tendo sido colocado um filtro que só deixa passar a fluorescência U.V na câmara fotográfica, de modo a se conseguir registar a sua variação. As diferentes fluorescências apresentam-se sob a forma de manchas de coloração distinta, mais ou menos escuras (PEIXOTO, 2012, p. 29). Deve seu nome ao cientista americano Robert Wood, que, em 1913, inventou os filtros que levam o seu nome. Esta lâmpada é essencial em exames de vernizes. Nenhum outro método oferece resultados tão bons quando se deseja conhecer sua idade, espessura, forma de distribuição e eventuais tentativas anteriores de remoção (MENDES, 2005, p. 308). Ver VERNIZ (exame).

LAMPASSO

[Ou] Tipo de tecido lavrado cuja decoração é essencialmente constituída por lassa dos fios de trama, quase sempre ligadas pela técnica tafetá ou sarja.⁶⁸⁴

LANÇA

lance [fr]

[Ab] Arma ofensiva composta de uma haste de madeira terminada por um ferro pontiagudo (REAL, 1962, p. 305). [Ic] Aparece no frontão dos Passos da Paixão, retábulos, pinturas, pratarias e laterais das charolas de Nossa Senhora da Soledade. De acordo com Tavares (1990, p. 192) os santos que possuem a lança como atributo são:

- **Lança:** São Judas Tadeu, Santo Adalberto, São Canuto, São Demétrio, São Tomé Apóstolo, São Maurício, São Miguel Arcanjo, São Teodoro, São Venceslau, São Vital de Ravena, São Gerardo Sagredo;
- **Lança da crucificação:** São Longuinho;
- **Lança quebrada:** São Jorge;
- **Lanças cruzadas cravadas no peito:** São Benigno.

LANCEOLADO

lanéolé [fr]

[Or] Trabalho decorativo em forma de lança (IMC, 2011, p. 122).

LANCETADA

lancette [fr]

[Ar] Ogiva alongada do estilo gótico (REAL, 1962, p. 306).

LANOLINA

[Ma] Substância gordurosa contida na lã das ovelhas antes de ser submetida a qualquer tratamento. Quimicamente é semelhante a ceras naturais e é geralmente classificada em cera animal. Uma vez refinada,

⁶⁸⁴ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 130.

tem uma cor amarelo-amarronzado e uma aparência quase transparente, gordurosa e muito densa. É insolúvel em água e solúvel em solventes orgânicos. É usado como amaciante e para lubrificar as peles.⁶⁸⁵

LANTERNA

lantern [ing]

lanterna [it]

lanterne [fr]

[Ig] Objeto de iluminação constituído por uma caixa de metal ou madeira, guarnecida, nas laterais, por vidros ou lâminas metálicas perfuradas, dentro da qual se coloca um pequeno reservatório com azeite e a torcida, ou vela (DAMASCENO, 1987, p. 31). Utensílio feito ou guarnecido de matéria transparente, como o vidro, no qual se põe uma luz ao abrigo do vento (NUNES, 2008, p. 89). **LANTERNA PROCESSIONAL** – Peça de prata ou outro metal menos nobre, com trabalho decorativo, composta basicamente de haste roliça encimada por uma lanterna. Podendo apresentar diversidade de formato e ornamentação, é fechada lateralmente com vidro ou lâmina metálico-perfurada, apresentando em seu interior dispositivo para a colocação de vela. Em procissões, é transportada ao lado da cruz por membros de Confrarias e Irmandades Leigas, aos quais se denominam *luciferários* (DAMASCENO, 1987, p. 31). É levada na procissão com o Santíssimo Sacramento ou o viático. É montada sobre uma haste e costuma ser decorada com motivos religiosos. Apresenta-se geralmente em número par (THESAURUS, 2004, p. 137), e algumas tinham suporte em formato de U, deixando a peça livre, presa somente pela parte superior, que balança durante as caminhadas. [Ic] Símbolo da iluminação e da clareza de espírito.⁶⁸⁶ Às vezes é também chamada *cirial*.

LÁPIDE

tombstone [ing]

lapide [it]

plaque, pierre

sépulcrale [fr]

[Pe] Pedra talhada com forma geométrica, habitualmente com função em monumentos funerários. Pode apresentar inscrições epigráficas, decoração ou figuração.⁶⁸⁷ Pedra que contém inscrição para comemorar um fato ou celebrar a memória de alguém. Laje que cobre o túmulo (NUNES, 2008, p. 89). **LÁPIDE SEPULCRAL** – Mármore ou outra pedra que cobre o túmulo e constitui a parte superior de uma campa rasa; pode ser removida e embutida na parede. Apresenta, geralmente, uma ou mais efígies gravadas, esculpidas ou embutidas, uma inscrição (epitáfio) e, por vezes, as armas do defunto (THESAURUS, 2004, p. 41).

LÁPIS AQUARELA

lápiz

acuarelable [esp]

[Ma] Lápis composto por pigmentos aglutinados com (polietileno-glicol) goma-arábica ou com resina sintética solúvel em água e, após a aplicação da cor, pode ser trabalhado com um pincel molhado. Usado na reintegração cromática na restauração de pinturas, sobretudo em pintura mural (CALVO, 1997, p. 131).

⁶⁸⁵ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1105861>>. Acesso em: 24 out. 2018.

⁶⁸⁶ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 132.

⁶⁸⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

LÁPIS BORRACHA [Ma] Borracha com formulação de alta qualidade, livre de PVC. Atóxica.⁶⁸⁸ [Re] Usada na limpeza mecânica, na remoção de sujidades superficiais.

LÁPIS CONTÉ
lápiz conté [esp] [Ma] De fabricação industrial e composição heterogênea. Feito de carvão (ou grafite) misturado com argila ou outros materiais, como cera ou graxa, sujeito a altas temperaturas. Também é conhecido como lápis preto ou composto,⁶⁸⁹ com um traço fosco preto. Seu nome é devido ao inventor francês Nicolás-Jacques Conté, que o patenteou em 1795. Lápis preto que o artista usa sozinho ou combinado com outras cores (CALVO, 1997, p. 131).

LÁPIS DE CERA [Ma] O lápis ou giz de cera foi concebido com a finalidade de marcar superfícies em que o lápis comum não podia ser utilizado, como porcelana, metal e plásticos. Constitui-se por uma mistura de pigmentos e cera, que lhe confere o aspecto e toque gorduroso. Com efeito, visual que lembra o do pastel oleoso, se presta muito bem à produção de linhas fortes e oferece diversificados níveis de precisão no traçado.⁶⁹⁰

LÁPIS DE COR [Ma] Produzido de forma semelhante ao lápis comum, com a ressalva de que sua composição (pigmento, recheio de giz, talco ou caulim e aglutinante) não é aquecida em virtude da preservação da qualidade do pigmento. Particularmente sensível às propriedades do suporte, o lápis de cor possibilita o alcance de efeitos muito diversificados.⁶⁹¹ O JN Conté foi o primeiro a preparar os primeiros lápis de cor no final do século XVIII, embora tenha sido JS Staetler quem iniciou a sua produção industrial em 1835.⁶⁹²

LÁPIS LAZÚLI Ver **AZUL LÁPIS LAZULI**.

LAPONITE [Ma] Fórmula: $\text{Na}_{+0,7}[(\text{Si}_8\text{Mg}_{5,5}\text{Li}_{0,3})\text{O}_{20}(\text{OH})_4]^{-0,7}$. Argila sintética que produz um gel tixotrópico claro e transparente, quando se adiciona água. É constituída por uma combinação de sais de sódio, magnésio e lítio com silicatos de sódio, a temperaturas moderadas. Produz um precipitado amorfo que é então parcialmente cristalizado através de um tratamento que requer altas temperaturas. O produto resultante é filtrado, lavado, seco e moído até se conseguir o pó branco e fino. pH: 9.8 a 2% de suspensão. O gel forma-se a 2% de concentração, numa dispersão

⁶⁸⁸ Disponível em: <<http://www.faber-castell.com.br/Produto/escrever-marcas/borracha/ecolapis-borracha?page=1#>>. Acesso em: 24 out. 2018.

⁶⁸⁹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/lapiz-conte>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

⁶⁹⁰ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/desenho>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁶⁹¹ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/desenho>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁶⁹² TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1029607>>. Acesso em: 24 out. 2018.

coloidal. Quando misturada com água, a argila dispersa rapidamente e, com agitação, forma um gel transparente. A sua viscosidade depende do conteúdo sólido e do conteúdo de eletrólitos na água. Utilizado na gelificação de soluções de limpeza aquosas na conservação de pedra, materiais orgânicos, cerâmica e em pintura. Usado na remoção de adesivos solúveis em água e na remoção de sujeira agregada (PEIXOTO, 2012, p. 118).

LARQUEADO

lacado [esp]
laqué [fr]

[Tc] Cobrir com laca; diz-se dos móveis pintados com tinta de esmalte (REAL, 1962, p. 306). Técnica de decoração que pode ser aplicada em madeira, tecido, couro ou outros materiais e que consiste na aplicação de inúmeras camadas de laca, onde cada camada deve estar seca antes de ser aplicada a seguinte. Desta maneira, forma-se uma superfície tão espessa e tão dura que pode ser entalhada em relevo. É possível combinar camadas de duas cores ou mais, de modo que uma seja exposta ao esculpir a camada superior. Também é muito comum espalhar pequenas limalhas de ouro ou prata sobre a superfície durante a aplicação da laca para obter efeitos cromáticos.⁶⁹³ Ver *MAKI-E*.

LARÁRIO

laraire [fr]

[Ig] Capelinha dos deuses *lares*, entre os romanos antigos (REAL, 1962, p. 306).

LARES

lares [fr]

[Rg] Deuses domésticos, entre os etruscos e romanos (REAL, 1962, p. 307).

LAROPAL™ A81

[Ma] Resina sintética ureia-aldeídica. Trata-se de uma resina de baixo peso molecular. É uma resina com estabilidade fotoquímica (não amarelece) cuja maleabilidade se assemelha à das resinas naturais. É vendida em grãos translúcidos que variam de um tom esbranquiçado ao amarelado. Solúvel em hidrocarbonetos aromáticos, álcoois, cetonas e ésteres. Insolúvel em água, hidrocarbonetos alifáticos e óleos minerais. Aplicado como camada de revestimento final em processos de conservação e restauro, assim como aglutinante para pigmentos (PEIXOTO, 2012, p. 119).

LAROPAL™ K80

[Ma] Produto comercial (BASF). Resina do tipo cetônica, introduzido em 1979 como um substituto para Cetona Resina N. O Laropal K-80 é preparado pela policondensação do ciclo-hexanona em um processo contínuo. Policiclohexanonas lembram o *damar* na medida em que são solúveis em terebintina e formam um revestimento incolor e brilhante. No entanto, são mais duros e exibem menos rugas, amarelecendo mais do que as resinas naturais. Como os revestimentos de policiclohexanona são duros, no entanto, muitas formulações adicionam um plastificante à flexibilidade e muitos dos plastificantes tendem a amarelar. Além disso,

⁶⁹³ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/tecnicas/1002867>>. Acesso em: 24 out. 2018.

as policiclohexanonas oxidam, tornam-se frágeis e menos solúveis com a idade. Tem sido usado como aglutinante de pigmento para reintegração cromática e, ocasionalmente, para verniz final em pintura de cavalete. Solúvel em hidrocarbonetos, terebintina, isopropanol. Insolúvel em água e metanol. Parcialmente solúvel em etanol.⁶⁹⁴

LASCA

astilla [esp]
chip [ing]
scheggia [it]
éclat [fr]

[Dt] Pequeno pedaço de madeira que pode ser fino e longo arrancado ou quebrado acidentalmente no ato de desengrossar (TEIXEIRA, 1995, p. 58). Ruptura causada no suporte. Fragmento de rocha⁶⁹⁵. **LASCADO** – Quebrado em lasca (REAL, 1962, p. 307).

LASCAUX™

[Ma] Marca registrada⁶⁹⁶ do fabricante de produtos para conservação e restauração, como:

1. Adesivos e ceras

- Adesivos acrílicos Lascaux 303 HV, 498 20-X, 498 HV;
- Adesivo de vedação a calor 375 – anteriormente “BEVA”;
- Mistura Heat-Seal 385 – anteriormente “BEVA”;
- BEVA Filme;
- Cera adesiva 443-95;
- Cera microcristalina i30;
- Polyamide textile welding powder 5350.

2. Amidos e celuloses

- JunFunori®;
- TRI-Funori™;
- Tylose;
- Zin Shofu.

3. Resinas sintéticas e dispersões

- Plectol B 500;
- Resina acrílica P 550 (Plexisol);
- Paraloid B72;
- Mowilith (acetato de polivinil);
- Médio para retoque;
- Médio para consolidação.

⁶⁹⁴ Disponível em: <http://cameo.mfa.org/wiki/Laropal_K-80>. Acesso em: 24 out. 2018.

⁶⁹⁵ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁶⁹⁶ Disponível em: <<https://lascaux.ch/en/products/restauro>>. Acesso em: 26 out. 2018.

LATÃO <i>laiton [fr]</i>	[Ma] Liga de cobre e zinco, dúctil e maleável, também conhecido como metal amarelo. ⁶⁹⁷ LATÃO EM FOLHAS - Era frequentemente usado no século XVIII no lugar do ouro, devido ao baixo custo e a facilidade de manipulação por causa da espessura. O lustre é discreto e tem a desvantagem de, em contato com o ar, oxidar-se (TEIXEIRA, 1995, p. 58).
LATICLAVO <i>laticlave [fr]</i>	[In] Vestuário dos senadores e cavaleiros, na Roma antiga, guarnecido de uma orla larga de púrpura (REAL, 1962, p. 307).
LATRIA <i>latrie [fr]</i>	[Rg] Adoração devida a Deus (REAL, 1962, p. 307). De acordo com a legislação eclesiástica pós-tridentina, latria é adoração devida somente a Deus, e é ato de Religião (ato de fé) radicado na alma, com o qual se deve reconhecer sua Divina excelência. Também se aplica a adoração de latria à Santíssima Trindade, ao Cristo, ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia, porque nele o mesmo Deus, ao sagrado Lenho da Cruz e às imagens do mesmo Cristo enquanto o representam. ⁶⁹⁸
LAUDO	[Cv] É um relatório técnico especializado com a avaliação de determinada situação, convenientemente analisada no âmbito do conhecimento investigado. O laudo é a tradução das investigações e impressões do técnico especialista, através de vistoria, inspeção ou perícia, sendo resultado da sua expertise. ⁶⁹⁹
LAUREADO <i>lauré, lauréat [fr]</i>	1. [De] Diz-se daquele que mereceu uma láurea. 2. [Ab] Os bustos, as medalhas dos personagens laureados trazem, em geral, uma coroa de louros na cabeça (REAL, 1962, p. 307).
LAVABO ou LAVABO DE SACRISTIA <i>sacristy piscina [ing]</i> <i>lavabo da sacrestia [it]</i> <i>lavabo, lavabo de sacristie [fr]</i>	1. [It] Espécie de chafariz, que nas igrejas é geralmente situado na sacristia ou no corredor que liga esta à capela-mor (ÁVILA, 1979, p. 59), constando, basicamente, de bica e bacia, geralmente ornamentado, e com a função de suprir de água as sacristias. Construídos, na maioria, antes da existência de água encanada, os lavabos das igrejas mineiras do período colonial quase sempre apresentam um reservatório d'água embutido (DAMASCENO, 1987, p. 31). Era utilizado para a lavagem das mãos e dos utensílios de rituais, para as abluções do presbítero antes e depois da celebração da missa, para escoar a água da purificação e os resíduos das substâncias bentas depois de reduzidas a cinza (THESAURUS, 2004, p. 48). Podendo apresentar estruturas de pedra trabalhada com bacias em forma de concha. ⁷⁰⁰ No Brasil foi comum o uso do lavabo esculpido em

⁶⁹⁷ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 132.

⁶⁹⁸ Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia. Livro Primeiro, Título VII. Parágrafos 19, 20 e 21.

⁶⁹⁹ Disponível em: <<http://gestaoderestauo.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁷⁰⁰ CONJUNTO... 2007, p. 177.

pedra-sabão (REAL, 1962, p. 307). Pode apresentar na parte central e coroamento elementos esculpidos em relevo, com a predominância de ornatos fitomorfos e zoomorfos. No corpo central costumam figurar carrancas como bicas ou torneiras em metal, algumas vezes com a terminação em cabeça de delfim ou serpente.⁷⁰¹ 2. [Li] Oração que o sacerdote reza quando lava os dedos durante a missa. Toalha com que ele enxuga os dedos. Cerimônia de lavar os dedos durante a missa. Móvel guarnecido com todos os utensílios necessários para alguém se lavar. Lavatório (NUNES, 2008, p. 89).

LAVA-PÉS	[Rg] Cerimônia que se celebra na Quinta-feira Santa, em comemoração do ato de Jesus, que depois da Última Ceia lavou os pés dos seus discípulos (NUNES, 2008, p. 89).
LAVOR <i>travail manuel</i> <i>ciselures,</i> <i>broderies [fr]</i>	1. [Ge] Trabalho ou qualquer ocupação manual. [Ap] Obra de efeito estético e artístico, ornato em relevo. 3. [Ou] Obra de agulha seguindo um padrão de desenho, como bordados, rendas, brocados, etc. (REAL, 1962, p. 307).
LAVRADO <i>ciselé [fr]</i>	1. [Or] Ornado de labores ou relevos. 2. [Ou] Joia de ouro (REAL, 1962, p. 308).
LAVRAR <i>acepillar [esp]</i> <i>to carve [ing]</i> <i>squadrare,</i> <i>piallare [it]</i> <i>tailler [fr]</i>	[Tc] Preparar a madeira. Talhar, aplainar, abrir ornatos, cinzelar (TEIXEIRA, 1995, p. 58).
LAZULITA	Ver AZUL LÁPIS LAZULI .
LEÃO	[Ic] Simboliza a encarnação do poder, da sabedoria e da justiça. É a garantia do poder material e espiritual, aparecendo no trono de numerosas divindades, trono de Salomão, dos reis da Espanha e bispos medievais. No período medieval, a cabeça e a parte anterior do leão correspondem à natureza divina de Cristo, a parte posterior à fraqueza – natureza humana. [Ab] Atributo de São Marcos. ⁷⁰²
LECRON	[Eq] Espécie de esculpidor ou um tipo de espátula odontológica, confeccionada em aço cirúrgico, possui uma ponta em forma de faca e a outra em forma de colher. Ferramenta auxiliar em diversas tarefas do restaurador (PODER JUDICIÁRIO, 2012, p. 14).

⁷⁰¹ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 133.

⁷⁰² GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 133.

LEGADO	[Pa] É uma das formas de incorporação de bens patrimoniais móveis para o museu, nesse caso, na qualidade de acervo. O legado corresponde à parcela de herança, na qual o proprietário dos bens declara e registra, em testamento, o desejo de transferência da posse e propriedade dos mesmos para o museu. O legado pode ter várias modalidades. Das que interessam ao museu, destacamos duas: o legado puro e simples, no qual o proprietário transfere o direito de propriedade sem restrições de qualquer tipo; e o legado condicional, quando há cláusulas que devem ser cumpridas para que o legado seja efetivado. Pode-se, por exemplo, exigir que os bens nunca sejam transferidos para outros museus ou que os objetos fiquem em exposição permanente, etc. Recomenda-se que o museu aceite apenas legados simples, sem condicional (ACAM PORTINARI, 2010, p. 104).
LEGENDA <i>légende [fr]</i>	[Ou] Letreiro; inscrição; dístico; rótulo (REAL, 1962, p. 308). Inscrição que acompanha uma imagem e permite sua compreensão - título da cena, nome dos personagens (LANGLE; CURIE, 2009, p. 297).
LEGITIMIDADE	[De] Estado ou qualidade do que é legítimo. Fundado e amparado em lei; legal. Genuíno, lídimo, verdadeiro. ⁷⁰³
LEGRA <i>legra, trépano [esp]</i> <i>a half-roud</i> <i>gouge [ing]</i> <i>raschiatoio [it]</i>	[Eq] Instrumento com lâmina em forma de meia-cana que serve para escavar a madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 58).
LÉGUA	[Mt] Medida de comprimento, equivalente a 5.555,55 m. LÉGUA DE SESMARIA – [Mt] Medida de comprimento equivalente a cerca de 6.600 metros. Correspondia no sistema antigo de medidas a 3.000 braças (ÁVILA, 1979, p. 211).
LEIDA REPETIÇÃO	[Or] Diz-se, num determinado partido ornamental, da coincidência e repetição de um mesmo motivo decorativo em diferentes elementos ou peças de uma igreja, a exemplo de arco-cruzeiro, pilastras, retábulos, etc. (ÁVILA, 1979, p. 155).
LEILÃO <i>vente aux enchères [fr]</i>	[Ou] Venda pública de objetos a quem oferecer maior lance (valor). A avaliação das obras de arte é geralmente baseada nos lances de leilões (REAL, 1962, p. 308).
LEIS CANÓNICAS	[Rg] Conjunto de leis e regulamentos destinados a dar diretrizes jurídico-religiosas aos membros da Igreja Católica (TRINDADE, 1998, p. 389).
LEITE-DE-CAL	[Ma] Mistura de gesso e cola diluídos na água empregada para rebocar

⁷⁰³ Disponível em:
<<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=legitimidade>>.
Acesso em: 25 out. 2018.

<i>lait de chaux [fr]</i>	paredes (REAL, 1962, p. 308).
LEITORIL	Ver ATRIL .
LEITOSO <i>laiteux [fr]</i>	[De] Diz-se dos tons brancos ligeiramente opacos; que tem aspecto de leite (REAL, 1962, p. 309).
LEME	[Ou] O ferro da dobradiça que se engasta no vão da fêmea, geralmente chumbado na parede e sobre o qual se articulam as folhas de janela ou porta. Macho da dobradiça (ÁVILA, 1979, p. 59).
LEMNISCO <i>lemnisque [fr]</i>	1. [In] Fita pendente da coroa dos vencedores. 2. [Ou] Sinal ortográfico formado por um traço entre ou debaixo de dois pontos, indicando, no primeiro caso, transcrição (÷) da Bíblia e, no segundo, transposição (REAL, 1962, p. 309).
LENHINA	O mesmo que LIGNINA.
LETRA	[Or] Letreiro, inscrição com dizeres de alusão religiosa, geralmente em algum ornato de igreja, feito em cartela, filactério, fita falante, fitão e tarja (ÁVILA, 1979, p. 155).
LEVANTAMENTO	[Ex] Diagnóstico. Análise do estado geral de um acervo. O exame pode ser uma análise por amostragem ou um exame completo, item por item, que avalia a condição dos itens individualmente. Para um acervo de grandes dimensões, uma amostragem estatisticamente válida pode ser o meio mais eficiente de coligir informações. Os resultados podem ser usados para auxiliar na decisão sobre como melhor direcionar os recursos ou priorizar programas de conservação (PARÂMETROS... Roteiros Práticos 5, 2004, p. 39).
LEVANTAMENTO	[Dt] Nomenclatura utilizada em Portugal para designar Falta de aderência de camada pictórica à preparação ou ao suporte ou de ambas ao suporte (QUEIMADO, 2007, p. 182). Ver DESPRENDIMENTO .
LEVIGAÇÃO <i>marchage [fr]</i>	[Ce] Termo usado nos processos de cerâmica. Redução de uma substância a pó por moagem em água, seguida de sedimentação fracionada, a fim de separar as partículas mais finas das mais grosseiras (REAL, 1962, p. 309).
LIBRA	[Mt] Medida de peso equivalente a 459 gramas, segundo a maioria dos autores. Roberto Simonsen atribui o valor de 460,80 gramas (ÁVILA, 1979, p. 211). Peso de 12 onças. Na Inglaterra, é um termo usado nas farmácias equivalente a 31g (NUNES, 2008, p. 90).
LICORNE <i>licorne [fr]</i>	[Ic] Animal fabuloso, semelhante a um cavalo, com um único chifre na testa; na mitologia, símbolo de virtudes e de pureza, e cuja presença afastava o mal, unicórnio. Comumente reproduzido em frisos, em decorações (REAL, 1962, p. 310).

LIGA ou LIGA METÁLICA <i>aleación [esp]</i> <i>alloy [ing]</i>	[Me] Mistura de dois ou mais metais que são fundidos em proporções variáveis, originando outro metal com diferentes propriedades, como, dureza, resistência mecânica, maleabilidade e ponto de fusão. Normalmente um dos constituintes é preponderante em relação ao(s) restante(s) (IMC, 2011, p. 147).
LIGANTE	Ver AGLUTINANTE .
LIGNINA <i>lignina [ing]</i>	[Ma] Polímero tridimensional amorfo encontrado nas plantas terrestres, associado à parede celular vegetal, cuja função é de conferir rigidez, impermeabilidade e resistência a ataques microbiológicos e mecânicos aos tecidos vegetais. A lignina é formada pela polimerização dos álcoois cumarílico, coniferílico e sinapílico. ⁷⁰⁴ Também chamada <i>lenhina</i> é um ácido orgânico que existe naturalmente na madeira. É a principal causa da acidez do papel e é responsável, em grande parte, pela deterioração do papel. A lignina é neutralizada e removida quando a pasta de papel é fabricada por processos químicos. No fabrico mecânico de pasta de papel a lignina não é removida. ⁷⁰⁵
LIGROÍNA	[Ma] Solvente. Substância destilada do petróleo usada como solvente. Líquido transparente de odor característico. Solúvel em álcool, benzeno e clorofórmio. Insolúvel em água. Utilizado como solvente de resinas, tintas e vernizes. Solução tóxica. Provoca irritação do sistema digestivo se ingerido, e do sistema respiratório se inalado. Sinonímia: Ligroin (PEIXOTO, 2012, p. 119).
LILIFORME	[Or] Que tem forma de lírio (REAL, 1962, p. 311).
LIMA <i>lima [esp]</i> <i>file [ing]</i> <i>lima [it]</i> <i>[fr]</i>	[Eq] Instrumento de aço temperado em tamanhos variados que serve para desbastar e polir a madeira. As limas chatas têm os lados de mesma grossura e do meio para a ponta, assim como as de outros tipos, vão se estreitando. As de três quinas servem para apontar serras e têm outros usos. Os <i>limatões</i> são redondos, na forma de bastões e servem para aperfeiçoar ou aumentar furos. As <i>mursas</i> são de picadura finíssima e servem para o polimento (TEIXEIRA, 1995, p. 59). É uma ferramenta de metalúrgico que permite um alisado mais minucioso que a grossa (TEIXIDO I CAMI, 1997).
LIMALHA <i>limaille [fr]</i>	[Me] Pó ou partículas caídas de um metal ao ser limado (REAL, 1962, p. 311).
LIMAR <i>limar [esp]</i> <i>to file, to smooth [ing]</i>	[Tc] Desbastar, desgastar ou polir com lima (TEIXEIRA, 1995, p. 59).

⁷⁰⁴ PEQUENO Glossário Dinâmico da Disciplina Conservação e Restauração de Documentos. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁷⁰⁵ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

limare [it]
limer, polir,
dégrossir [fr]

LIMATÃO

limatón [esp]
round file [ing]
lima [it]
lime long et large [fr]

[Eq] Lima grande e grossa, instrumento de aço redondo e comprido usado para abrir ou aumentar furos (TEIXEIRA, 1995, p. 59).

LIMPEZA

limpieza [esp]
cleaning [ing]
pulitura [it]
dégagement,
nettoyage [fr]

[Re] Existem diversos tipos de limpeza. Basicamente pode-se distinguir entre a limpeza mecânica, a limpeza química e a limpeza baseada na utilização de métodos modernos como o laser e o ultrassom⁷⁰⁶. Limpeza deve entender-se como a remoção da sujidade, a nível parcial ou total, e que contribua para a aparência original da peça. A limpeza tem como principal função a remoção de corpos estranhos, ou seja, materiais que não se encontravam originalmente no objeto e que se foram misturando com os seus próprios materiais. Deve questionar-se sempre o porquê da limpeza, qual será o seu efeito e, sobretudo se a peça aguentará tal intervenção. A limpeza pode ser:

- **Mecânica** – normalmente é a primeira limpeza efetuada, através de processos físicos ou mecânicos, recorrendo a pincéis macios, trinchas, aspiradores de pó, pós de borracha, lápis borracha, bisturi; ou
- **Química** ou **por via úmida** – efetuada através de reações químicas que dissolvem a sujidade. A escolha dos produtos a utilizar também passa por critérios que avaliam o seu respeito pelo objeto e a sua toxicidade. O fato de uma errada utilização de produtos pode levar a consequências irremediáveis. As camadas pictóricas ficam sujeitas a uma maior agregação de sujidades. É sobre estas superfícies que se encontram grandes quantidades de vernizes, por vezes oxidados, que ocultam as verdadeiras cores da obra (FÉLIX, 2013, p. 85-86).

Outra caracterização da maneira de executar a limpeza está na sua abrangência, podendo ser:

- **Superficial** – geralmente se inicia com um pincel seco e macio ou um aspirador de pó com baixa sucção retirando a poeira leve, teias de aranha, excrementos de insetos, ou seja, todas as sujidades encontradas na superfície do verso e reverso da obra. Podemos recorrer ao uso do bisturi e do *swab* embebido com
-

⁷⁰⁶ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

água destilada; e

- **Profunda** – para a retirada da poeira endurecida, materiais gordurosos, ceras, já exigem o uso de solventes diversos e vários testes preliminares para a melhor escolha dos procedimentos⁷⁰⁷.

LINDA <i>borne [fr]</i>	[Ou] Limite; raia; extrema, marco, padrão; baliza (REAL, 1962, p. 311).
-----------------------------------	---

LINGOTE <i>lingot [fr]</i>	[Me] Barra de metal fundido (REAL, 1962, p. 312). Os lingotes de ouro ou de prata eram batidos para formar tiras finas, as quais eram então tornadas mais finas em um pequeno laminador, ou então batidas outra vez, que ao final do processo se transformavam em folhas de ouro ou de prata.
--------------------------------------	---

LÍNGUA DE GATA <i>burin-échoppe [fr]</i>	[Eq] Buril-escopro que serve para gravar em madeira (REAL, 1962, p. 312).
--	---

LINGUETA	[Or] Elemento decorativo em forma de uma língua, introduzido na parte central de uma rocalha, geralmente de relevo mais acentuado, usual no estilo rococó. Pode aparecer também na pintura rococó. ⁷⁰⁸
-----------------	---

LINHA	[Mt] Medida de comprimento equivalente a 2,29 milímetros. Subdividia-se em 12 pontos (ÁVILA, 1979, p. 211). 12 linhas equivalem a 1 polegada. Ver POLEGADA.
--------------	---

LINHO	[Ou] Tecido que se faz com as fibras de um gênero de lináceas (NUNES, 2008, p. 90). Considerado o tecido mais nobre, e adotado pelos judeus nos sepultamentos. Os cristãos conservaram seu uso para a confecção dos panos dos altares (TRINDADE, 1998, p. 389).
--------------	---

LINTEL	Ver DINTEL .
---------------	---------------------

LIOZ (mármore ou pedra de) <i>liais [fr]</i>	[Pe] Pedra calcária, tipo mármore, geralmente de origem portuguesa ⁷⁰⁹ , branca e rija, empregada na cantaria de edifícios ou na escultura de estátuas. Por extensão, é a pedra ou face lavrada da cantaria, voltada para a parte exterior de um edifício, ao contrário de <i>tardoz</i> (ÁVILA, 1979, p. 60).
--	---

LIPSANOTECA	[Ig] Conjunto das relíquias de diversos santos, contidos num ou mais relicários pequenos. O seu nome advém do grego <i>lipsana</i> , que significa restos, relíquias (IMC, 2011, p. 92).
--------------------	--

⁷⁰⁷ Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

⁷⁰⁸ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 134.

⁷⁰⁹ CONJUNTO... 2007, p. 177.

LÍQUENS <i>líquenes [esp]</i> <i>licheni [it]</i>	[Bo] Organismos autótrofos formados por uma associação permanente entre uma alga e um fungo, comumente encontrada nas árvores e sobre rochas. ⁷¹⁰
LÍQUIDO	[Ge] O estado líquido é um estado da matéria no qual a distância entre suas moléculas é suficiente para se adequar a qualquer meio (tomando sua forma), porém sem alterar o volume. Um líquido é uma das quatro principais fases da matéria, cuja forma é usualmente determinada por aquilo que o contém. As partículas do líquido (normalmente moléculas ou conjunto de moléculas) estão livres para se mover por todo o volume do líquido, mas sua atração mútua limita a capacidade destas partículas abandonarem o volume. O volume de uma quantidade de um líquido é determinado pela sua pressão e temperatura. Se este volume difere ligeiramente do volume do recipiente que o contém, uma superfície é observada. A superfície do líquido se comporta como uma membrana elástica, na qual a tensão superficial se manifesta. Devido a este efeito, o líquido forma gotas e bolhas. A capilaridade é outra consequência da tensão superficial. O líquido exerce pressão nos lados de um recipiente como também em qualquer coisa nela imersa. Esta pressão é transmitida em todas as direções e aumenta com a profundidade. ⁷¹¹
LÍRIO	1. [Bo] Flor branca com corola em forma de taça com quatro pétalas. 2. [Ic] Usada desde os primeiros anos do cristianismo para simbolizar a pureza. É muito representado na pintura e às vezes na talha. 3. [Ab] Aparece como atributo do Anjo Gabriel, de Santo Antônio, São José e outros santos. 4. [Rg] Maria é comparada ao lírio branco em hinos e orações. ⁷¹²
LISIM <i>lézarde [fr]</i>	[Pe] Veio na pedra ou no mármore. Quando o sulco é profundo, prejudica o trabalho de estatuária (REAL, 1962, p. 312).
LISO <i>lisse [fr]</i>	[De] Descreve um estado de superfície que não tem o toque de aspereza, ou rugosidade (LANGLE; CURIE, 2009, p. 757).
LISTEL <i>bandelette, listel [fr]</i>	[It] Filete que delimita as caneluras ou estrias verticais de uma coluna (ÁVILA, 1979, p. 155).
LITARGÍRIO <i>litharge [fr]</i>	[Ma] Fórmula: Pb ₃ O ₄ . Protóxido de chumbo fundido e cristalizado em lâminas vermelhas alaranjadas. Entra na fabricação do verniz para louça comum (REAL, 1962, p. 313).

⁷¹⁰ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

⁷¹¹ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁷¹² GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 134.

LÍTICO

[Pe] Relativo à pedra (REAL, 1962, p. 313).

LITOPONE*litopón [esp]*
litopone [it]

[Ma] Fórmula $ZnS + BaSO_4$. Pigmento branco sintético. Obtido por co-precipitação de sulfeto de zinco e sulfato de bário. Empregado a partir do final do século XIX. Maior poder de cobertura que o branco de zinco. Apresenta bastante resistência a numerosos agentes, exceto os ácidos. Não é utilizado como pigmento em pintura artística, mais sim em pinturas de edifícios. Encontra-se nas preparações comerciais modernas para telas (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 50).

LITURGIA*liturgie [fr]*

[Li] Ordem das cerimônias e das orações determinada pela autoridade especial competente. Complexo das cerimônias eclesíásticas. Ritual (NUNES, 2008, p. 90). **LITURGIA DAS HORAS** – [Rg] Livro de orações para se rezarem em certas horas do dia. *Horas Marianas*, livro de orações à Virgem. Um livro de orações é o breviário, que até a última reforma religiosa compunha-se de sete partes, chamadas **Horas**: Matinas, Laudes, Prima, Terça, Sexta, Noa, Vésperas e Completas. As matinas se rezam de madrugada. As Laudes são o louvor a Deus por mais um dia que começa com o raiar da aurora. As quatro horas seguintes – Prima, Terça, Sexta, Noa e Vésperas, são assim chamadas segundo o costume romano de contar as doze horas do dia: a Primeira Hora (Prima) equivale a 6 da manhã, a Hora Terceira (Terça) corresponde a 9 horas, a Sexta é o meio-dia, a Nona (Noa) é 3 da tarde. As Vésperas são a oração do pôr do sol, quando aparece no céu a estrela Vésper, e as Completas são a oração da noite (NUNES, 2008, p. 90).

LITÚRGICO

[Li] Relativo à liturgia.

LIVEL

[Ou] Nível. Pode-se referir igualmente a uma peça assentada em plano horizontal (ÁVILA, 1979, p. 60).

LIVRE DE BRANCO

[Md] Expressão utilizada em contratos no período colonial para aquisição de madeira sem o alburno, área da madeira onde são encontradas células vivas, onde havia a circulação da seiva (branco), região mais externa da tora, com propriedades mecânicas inferiores; com mais higroscopia que o cerne; e mais sensível à decomposição por fungos.

LIVRO

[Ic] Símbolo da ciência e da sabedoria, e do segredo divino que só é confiado ao iniciado. [Ab] Atributo de Jesus Cristo, ensinando aos apóstolos que escreveram as epístolas; dos Evangelistas; dos Doutores da Igreja; e dos Santos Diáconos, encarregados de guardar os livros litúrgicos: São Lourenço, Santo Antônio de Pádua, São Bernardo, São Domingos de Gusmão, São Tomás de Aquino, São Gonçalo de Amarante, São Felipe Néri, São Vicente Ferrer, São Raimundo de

Penaforte, São João da Cruz, Santa Teresa de Ávila, Santa Catarina de Sena e Santana.⁷¹³

LIVRO DE IRMANDADE

[Ig] Designação genérica dada aos códices de Irmandade, Confrarias e Ordens Terceiras, manuscritos ou impressos, onde se registram dados oficiais relativos àquelas associações. Entre outros, destacam-se:

- **Livro de Abecedário** ou simplesmente **Abecedário** – que contém lista ou rol dos nomes de irmãos, seguindo-se ordem alfabética;
- **Livro de Assentamentos** ou **de Entrada de Irmãos** – contendo registros gerais sobre os irmãos das associações;
- **Livro de Compromisso** – o qual contém a lei geral da Irmandade, Confraria ou Ordem Terceira;
- **Livro de Estatuto** – com as normas estatutárias ou o regimento interno;
- **Livro de Receita e Despesa** – que contém dados relativos à contabilidade;
- **Livro de Recibos de Missas e Sufrágios** – onde contém recibos de celebrações fúnebres por intenção de irmãos falecidos, passados pelo padre capelão da Irmandade;
- **Livro de Termos e Deliberações da Mesa** – contendo atas de reuniões administrativas das associações (DAMASCENO, 1987, p. 32).

LIXA

lija [esp]
sandpaper [ing]
carta vetrata [it]
squale, chien de mer,
roussette [fr]

[Ma] Substância abrasiva aglutinada a outro material que pode ser o papel, utilizada para polir as madeiras e outras superfícies (TEIXEIRA, 1995, p. 59).

LIXAR

lijar, pulimentar,
pulir [esp]
to sandpaper, to sand,
to smooth,
to polish [ing]
levigare, pulire,
lustrare [it]
polir [fr]

[Tc] Fazer uso da lixa, raspar, alisar, polir a superfície da madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 59). Eliminar o grão solto mediante fricção com folha abrasiva (TEIXIDO I CAMI, 1997).

LIXIVIAÇÃO

lixiviación [esp]

[Dt] Refere-se a uma patologia irreversível causada por uma intervenção de limpeza inadequada. Um solvente ou mistura com afinidade química

⁷¹³ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 135.

liscivazione [it] tanto com os materiais a remover quanto com aqueles a preservar, causa a distensão das camadas pictóricas originais, na sua espessura, e o conseqüente enfraquecimento do aglutinante quando exposto às moléculas do solvente. Quando o solvente evapora dá-se a contração das camadas pictóricas e a conseqüente perda de aglutinante e de pigmento. O grau de lixiviação depende do tipo de solvente utilizado, do tempo de contato do solvente com o substrato, e da espessura e da natureza deste último (CORDEIRO, 2010, P. 144).

LOBADO <i>lobé [fr]</i>	[De] Dividido em lobos ou lóbulos (REAL, 1962, p. 315).
LÓBULO ou LOBÉLIO <i>lobe [fr]</i>	1. [Or] Elemento arquitetônico, em forma de pequeno arco redondo, recortado na cornija dos arcos ogivais e mouriscos e no rendilhado gótico. Dependendo do número, podem ser trilobados ou quadrilobados (IMC, 2011, p. 122). 2. [An] Lóbulo da orelha.
LOCULADO <i>cloisonné [fr]</i>	[Ce] Que tem pequenas cavidades; dividido em lóculos. No processo de cerâmica, o esmalte é vazado em pequenas caixas feitas de aro metálico que compõem o desenho, e que depois da fusão do esmalte ficam dividindo as cores (REAL, 1962, p. 315).
LÓCULO	[De] Pequena cavidade (REAL, 1962, p. 315).
LOGGIA OU LÓJIA	[Ar] Palavra italiana que descreve uma galeria em arcos; pórtico abobadado, galeria. ⁷¹⁴
LÓIO	[Cor] Azulado; tirante ao azul (REAL, 1962, p. 315).
LOSANGO (em) <i>losange [fr]</i>	[Or] Ornatos em forma de losango. Muito comum os frisos com losangos unidos pelo seu ângulo agudo (REAL, 1962, p. 316).
LOSETAS	[Ce] Corpo cerâmico quadrado aplicado em mosaicos cerâmicos em articulação com <i>alfardons</i> , para revestimento do pavimento. ⁷¹⁵
LOSIA	[Ig] Palavra antiga que designava a capela-mor de uma igreja (REAL, 1962, p. 316). Ver ADÚSSIA.
LOTINOPLASTIA <i>lottinosplastic [fr]</i>	[Es] Processo de moldagem de baixo-relevo, inventado por Lottin de Laval ⁷¹⁶ , cujo molde é obtido com a compressão de várias camadas de

⁷¹⁴ CONJUNTO... 2007, p. 177.

⁷¹⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁷¹⁶ Lottin de Laval (1810-1903), nascido em Orbec, foi escritor, pintor, arqueólogo e inventor. Sua pesquisa durante campanhas de escavação no Oriente Médio permitiu a recuperação de dados arqueológicos por meio de impressões *in situ*. Esta técnica de moldagem, a lotinoplastia, é usada na arqueologia. Todo o procedimento está descrito em documento disponível em: <<http://www.bmlisieux.com/normandie/lottinop.htm>>. Acesso em: 25 out. 2018.

papel úmido impregnado com gelatina, sobre o modelo com a ajuda de um pincel, para que o papel fique na menor espessura (REAL, 1962, p. 316).

LÓTUS ou LOTO <i>lotus [fr]</i>	[Or] Folhas e flores da planta lótus empregadas como motivo de decoração na arquitetura egípcia (característica do capitel egípcio) (REAL, 1962, p. 316).
LOUÇA VIDRADA ou VITRIFICADA <i>potirie [fr]</i>	[Ce] Cerâmica de barro cozido de produção nacional feita em torno, de queima homogênea apresentando em sua superfície vitrificação. O vitrificado pode ser tanto na face externa ou interna, como em ambas. A coloração do vitrificado apresenta variações de tonalidades amarela, laranja e verde ⁷¹⁷ .
LOUÇAINHA <i>parure [fr]</i>	[Or] Gala; ornato; adorno; enfeite (REAL, 1962, p. 317).
LOURO <i>laurier [fr]</i>	[Or] Folha de loureiro; emblema de triunfo; glória (REAL, 1962, p. 317). Geralmente envolto por fitas, aparece na talha e molduras de quadros. ⁷¹⁸
LOUVAÇÃO	[At] Parecer ou laudo expedido pelo louvado designado para avaliação de determinada obra. LOUVADO – Pessoa designada, por autoridades ou partes contratantes, para examinar e avaliar o exato cumprimento das condições estipuladas para uma obra de construção ou trabalho similar e a respectiva execução. Os louvados eram sempre escolhidos entre mestres ou oficiais especializados no ramo relativo à obra em exame (ÁVILA, 1979, p. 60). LOUVAR – O mesmo que avaliar (REAL, 1962, p. 317).
LUA	1. [Md] Época do ano em que se talha a madeira. <i>Boa lua</i> : quando o crescimento da árvore é menor; a data é distinta segundo espécies e clima. <i>Má lua</i> : época de maior desenvolvimento da árvore; a madeira cortada na primavera greta e apodrece facilmente (TEIXIDO I CAMI, 1997). 2. [Ic] Símbolo de Nossa Senhora.
LUCERNA	Ver CLARABÓIA .
LUCIDAR <i>calquer [fr]</i>	[Ta] Calcar ou decalcar; passar para o papel vegetal um desenho, deixando transparecer as linhas; reproduzir contra a luz e sobre um vidro (REAL, 1962, p. 318).
LUÍS XIII	[Mo] Estilo de mobiliário francês do século XVII que antecede o estilo Luís XIV. O estilo Luís XIII corresponde ao período de transição entre o renascimento e o barroco. É nesta época que nasce, na realidade, a

⁷¹⁷ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

⁷¹⁸ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 136.

marcenaria, precisamente na França, quando a madeira de carvalho passa a ser substituída pela de nogueira ou por madeiras preciosas, como o ébano. Juntamente com esta nova técnica, destinada a obter um melhor aproveitamento das madeiras caras, surgem outras, como a marchetaria e a aplicação de bronze no mobiliário⁷¹⁹.

LUÍS XIV

[Mo] Estilo de mobiliário francês do século XVII que surge após o estilo Luís XIII e antecede o estilo regência. Na França o estilo Barroco surge sob a designação de Luís XIV. Este estilo é a clara expressão da vontade do rei. O mobiliário é sujeito, neste sentido, à mesma influência autoritária sofrida pela política interna e externa do reino ou pela atividade dos atores, poetas e pintores. Para Luiz XIV tudo deve servir para a glória do Estado e contribuir para o esplendor do reino e da sua própria pessoa. O móvel Luís XIV caracteriza-se basicamente pelas amplas dimensões, suntuosidade e simetria. A madeira mais utilizada é a nogueira, com acabamentos dourado ou natural. As estruturas representam uma grande mobilidade de linhas em forma de “S” alongado; as travessas têm de início a forma de “H”, para se cruzarem depois em “X”, curvarem-se ligeiramente e terminarem com um remate de talha no seu cruzamento. Os móveis mais característicos são, como sempre, os móveis de assento, cuja altura não excede 45 cm. O cadeirão apresenta um espaldar alto, estofado e ligeiramente curvado para trás. Os braços são de madeira, sem estofos e encurvados, e apoiam-se sobre as pernas dianteiras. Os modelos de móveis de assento mais utilizados, sobretudo na corte, são os tamboretos entalhados, ricamente ornamentados e guarnecidos com franjas. O cadeirão em *confessionnal* apresenta espaldar alto provido de orelhas e dará lugar, no estilo Regência, à *bergère em confessionnal*. Grande número destes móveis de assento aparece estofado, enquanto outros são revestidos de palhinha e completados com almofadão solto, forrado com veludo ou outro tipo de tecido. Finalmente, difunde-se o uso da cadeira com assento de palha, geralmente pintada com laca da China. As mesas são suntuosas e com uma decoração pesada. Possuem pés de madeira entalhada e dourada e tampo em mármore ou madeira, frequentemente com complicados marchetados e incrustações. Quando as mesas se destinam a ficar encostadas na parede são designadas por *consoles* e ornamentadas apenas nos três lados visíveis. As secretárias ou mesas de escritório são retangulares e com o tampo forrado de couro; acima do saial, de marchetaria, encontram-se duas ou três gavetas providas de ricos puxadores e fechaduras; as pernas e as arestas apresentam ornamentos e aplicações em bronze. Um dos móveis mais característicos deste estilo é a secretária de oito pernas, denominada *Mazarino*, que apresenta dois blocos de gavetas separados por um vão central. Estes blocos servem de apoio ao tampo e descansam por sua vez, cada um deles, sobre quatro

⁷¹⁹ Disponível em: <http://www.exatas.ufpr.br/portal/degraf_arabella/wp-content/uploads/sites/28/2016/08/Apostila-Hist%C3%B3ria-do-Mobili%C3%A1rio.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2018.

pernas unidas por duas travessas cruzadas; o móvel é completado por uma gaveta na zona central. As camas continuam ainda envoltas em tecidos suspensos de um baldaquino. A cama denominada *à quenouilles* apresenta quatro colunas que servem de suporte ao dossel; nas camas *d'ange* e *à la duchesse* o dossel, independente, está fixo à parede, ficando mais curto que a cama no primeiro caso e de iguais dimensões no segundo⁷²⁰.

LUÍS XV

[Mo] Estilo de mobiliário francês do século XVIII que surge após o estilo regência e antecede o estilo Luís XVI. A evolução iniciada sob a Regência em princípios do século XVIII adquire o máximo esplendor no reinado de Luís XV. Os móveis de assento diversificam-se e tornam-se mais leves; os espaldares dos cadeirões, ainda altos durante a Regência, tornam-se mais baixos e os braços destes móveis encurvam-se. A cômoda é o móvel mais característico do século. É geralmente colocada em frente ao fogão de sala e torna-se muito decorativa por ser frequentemente ornamentada por embutidos. Com Luís XV converte-se no modelo mais corrente: apresenta duas gavetas e os pés mais altos. O seu tampo, recortado e sempre ornamentado com bronzes, confunde-se com o perfil da gaveta superior. O estilo Luís XV sobressai especialmente em móveis de pequenas dimensões. Cria mesinhas para diversos usos, que apresentam gavetas e podem ser acrescentadas mediante partes móveis que se erguem ou abaixam e tampos suplementares; são utilizadas em diferentes combinações, conforme são destinadas, sejam para: o café, a escrita, o penteado, os trabalhos femininos e os jogos. Também surgem múltiplos modelos criados para guardar objetos, como as cantoneiras e estantes. O console evoluiu ao passar do estilo Regência para o Luís XV. É a peça favorita, sobre a qual se exhibe toda a espécie de objetos decorativos. É fabricada em madeira dourada e apresenta dois únicos pés, muito curvos e unidos nas extremidades. A cama *à quenouilles* tende a desaparecer, enquanto continuam a ser utilizadas as camas *à la duchesse* e *à l'ange*. No estilo Regência as pernas são ora curtas e encurvadas ora altas, e com frequência representam a pata de algum animal terminada por um pezunho. Com Luís XV, as pernas desenham-se com mais facilidade e assentam sobre um cubo ou sobre uma voluta. Frequentemente o pé aparece ornamentado por uma folha entalhada. No estilo Luís XV predominam conchas recortadas ou perfuradas, flores estilizadas, folhas de acanto recortadas, misturadas com louros e juncos, temas orientais e exóticos e motivos de caça, música e amor.⁷²¹

⁷²⁰ Disponível em: <http://www.exatas.ufpr.br/portal/degraf_arabella/wp-content/uploads/sites/28/2016/08/Apostila-Hist%C3%B3ria-do-Mobili%C3%A1rio.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2018.

⁷²¹ Disponível em: <http://www.exatas.ufpr.br/portal/degraf_arabella/wp-content/uploads/sites/28/2016/08/Apostila-Hist%C3%B3ria-do-Mobili%C3%A1rio.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2018.

LUÍS XVI

[Mo] Estilo de mobiliário francês do século XVIII que surge após o estilo Luís XV e antecede o estilo diretório. A estrutura dos móveis de assento deste estilo reconhece-se facilmente, pois os seus construtores colocam um cubo de madeira entalhada sublinhando o local em que as pernas se unem ao aro do assento. As pernas anteriores são sempre direitas e, geralmente, estriadas, enquanto que as posteriores são geralmente inclinadas para trás. Os braços encontram-se na vertical das pernas dianteiras e o assento é quadrado, ovalado à frente ou redondo e sempre estofado. Os espaldares, também estofados, apresentam formas múltiplas: quadrada, retangular, redonda, em medalhão, escudo e chapéu de cogumelo. Por vezes são ornamentados com motivos em forma de cesto, lira, feixe ou arcos. As mesas pequenas são em grande número e apresentam tampos de mármore, ou mesmo de porcelana, quadrados, retangulares, circulares, ovais ou em forma de rim. Neste estilo destaca-se, entre os móveis mais utilizados, a secretária de tampo horizontal, por vezes arrematado por um filete de cobre. A secretária de tampa de abater e a escrivaninha de tampa cilíndrica, que surgiram no tempo de Luís XV, são também muito numerosas, mas com as pernas retas, apresentando esta última um tampo cilíndrico articulado em vez de rígido. Entre os móveis fechados destaca-se a cômoda, frequentemente apoiada sobre pernas bastante curtas, provida de duas grandes gavetas na frente e de um saial estreito, com uma gaveta, por vezes dividida em três. A sua forma geral é retangular ou em meia-lua. Umhas cantoneiras acrescentadas às laterais da cômoda servem com frequência para expor objetos de arte. O *chiffonier* é um móvel alto com oito gavetas, semelhante à cômoda, e constitui um elemento essencial para completar o mobiliário dos aposentos femininos desta época. Os armários e os aparadores apresentam as mesmas estruturas que os do Luís XV, variando somente a sua ornamentação. A cama “à francesa” apresenta um dossel colocado perpendicularmente à parede e uma única cabeceira. A cama “à polaca” é colocada paralelamente e junto à parede, apresentando uma cabeceira e pés da mesma altura. Os elementos mais característicos do estilo Luís XVI são apresentados pelas pernas dos móveis de assento e de outros móveis, que podem ser de seção circular, quadrada ou hexagonal, mais delgada na parte inferior e entalhada com estrias retas ou em espiral. Os motivos decorativos do estilo Luís XVI são representados por grinaldas de flores, pilastras arquitetônicas, medalhões ovais enfeitados com faixas, rostos de mulheres e crianças e, com muita frequência, por simples repetições lineares de elementos clássicos: nós, corações, folhas, flores, listas estreitas e rolos de faixas.

LUMINÁRIAS

1. [Ou] Candeias ou quaisquer outros vasos de iluminação. 2. [Ou] Chamavam-se também *luminárias* as luzes que se colocavam obrigatoriamente em fachadas ou janelas, por ocasião de festas oficiais ou religiosas no período colonial (ÁVILA, 1979, p. 155).

LUNETAS

1. [Or] Decoração de repetidas meias luas entalhadas ou arrendadas

<i>lunette [ing]</i> <i>lunetta [it]</i> <i>lunette [fr]</i>	(QUEIMADO, 2007, p. 183). 2. [Rb] Pintura ou relevo, de forma semicircular ou oval, colocada em cima de um políptico, quadro de altar ou retábulo (THESAURUS, 2004, p. 22). 3. [It] Óculo ou fresta, circular ou oval, que se abre nas paredes, ou em lados da abóbada, para iluminação de um edifício (ÁVILA, 1979, p. 60). O mesmo que lúnula.
LÚNULA	[Li] Suporte em forma de crescente eucarístico (meia-lua), geralmente em metal nobre e, por vezes, enriquecido com gemas incolores, que segura a hóstia consagrada no interior do viril da custódia (IMC, 2011, p. 122). O mesmo que luneta.
LUPA BINOCULAR	[Eq] Instrumento óptico munido de lentes com capacidade de gerar imagens ampliadas. É utilizada para observar com mais facilidade pequenos objetos e alguns detalhes ou superfícies. Permite uma análise mais aprofundada, em casos de exames estratigráficos, onde são observadas as várias camadas existentes na policromia.
LUSÍADA	[Et] Estilo de mobiliário desenvolvido em Portugal no século XVII com características próprias (QUEIMADO, 2007, p. 183).
LUSTRAR <i>pulimentar, pulir [esp]</i> <i>to polish [ing]</i> <i>levigare, pulire,</i> <i>lustrare [it]</i> <i>lustrer, polir [fr]</i>	[Ge] Polir, dar brilho (TEIXEIRA, 1995, p. 59).
LUSTRE <i>lustre, polir [fr]</i>	1. [Ce] Tipo de decoração de aspecto metálico. É uma mistura de sais metálicos, resinas e nitrato de bismuto que se aplica sobre uma peça vidrada e se volta a queimar a temperatura mais baixa. ⁷²² 2. [Ou] Luminária geralmente de cristal ou metal, com muitos braços, que usa pendente do teto para iluminar ambientes (DAMASCENO, 1987, p. 32).
LUX <i>lux [esp]</i> <i>lux [it]</i>	[Mt] Unidade de medida da intensidade luminosa. ⁷²³ É expressa em lúmen por metro quadrado que serve como parâmetro de referência para a exposição de objetos. Unidade de medida usada exclusivamente para a radiação visível (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 126).
LUXÍMETRO <i>luxómetro [esp]</i> <i>luxmetro [it]</i>	[Eq] Aparelho que mede a intensidade luminosa em um ambiente. Deve-se registrar a medição apontada pelo aparelho, no período da manhã e no período da tarde, desenvolvendo gráfico para possíveis correções na emissão de raios UV, como por exemplo, decidir pela implantação de anteparos para redução de luminosidade do ambiente (ACAM PORTINARI, 2010, p. 86).

⁷²² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁷²³ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

LUZ

luz [esp]
light [ing]
luce [it]

1. [Cv] A luz é uma forma de energia radiante. Isto implica que existe uma fonte que gera e outra que a propaga através de um meio. Além disso, faz parte do espectro de energia eletromagnética que cobre todas as formas de radiação de sinais de rádio de menor frequência para radiação gama e cósmica. A diferença entre a luz e outras formas de energia é a forma como ela aparece em seu comprimento de onda e, muito importante, que este espectro de banda é visível para os seres humanos. A luz se propaga em uma linha reta a uma velocidade aproximada de 300.000 km/s. Dentro do espectro da luz visível, as cores azuis têm comprimentos de onda mais curto que as do vermelho, cada uma das cores que o olho humano pode distinguir se encontra dentro deste espectro e corresponde a um comprimento de onda determinada. Nossa capacidade de visão está compreendida entre 400 e 760 nm (nanômetro), é determinada pela curva de sensibilidade à luz do olho. O IES (Illuminating Engineering Society da América do Norte) define a luz como *a energia radiante que é capaz de excitar a retina humana e criar uma sensação visual*. Conceitos básicos sobre a medição da luz e suas unidades correspondentes:

- **Fluxo luminoso** – corresponde à quantidade de luz produzida por uma lâmpada. A unidade para medir é o lúmen, por exemplo, uma lâmpada incandescente tradicional de 60 watts produz 860 lumens;
- **Intensidade luminosa da luz em uma determinada direção;**
- **Nível de luz** ou iluminância – indica a quantidade de energia luminosa em um ponto ou em uma superfície medida em metros quadrados. A unidade é lux. Exemplo: o nível de luz ao meio-dia no verão e com céu limpo é de aproximadamente 100 000 luxes, e com a lua cheia à noite no campo aberto, podemos ter 1 ou 2 luxes.
- **Luminância** – é a intensidade da luz refletida por uma superfície em direção da vista de um observador.⁷²⁴

2. [Dt] A luz é um importante fator de degradação em obras de arte. A cor que a madeira possui inicialmente é o resultado de uma proporção de lignina e de celulose, situadas nas paredes celulares, e também de outros compostos. A luz, quer natural ou não, sobretudo a radiação ultravioleta, provoca alterações cromáticas, provocando o amarelecimento da celulose e o escurecimento da lignina. Isto leva à diminuição da resistência mecânica da madeira. Seja a luz solar direta ou indiretamente, a iluminação externa, a iluminação interior inadequada, toda a luz é nociva e tem um efeito cumulativo nos objetos. As radiações infravermelhas são responsáveis pela transmissão de calor e provocam o aceleração da

⁷²⁴ PALACIOS P., Víctor M. Manual de iluminación e instalaciones eléctricas en recintos religiosos. Consejo Nacional para la Cultura y las Artes. Instituto Nacional de Antropología e Historia - Coordinación Nacional de Restauración del Patrimonio Cultural - CONACULTA – INAH.

degradação, as radiações ultravioletas são mais enérgicas e logo mais destrutivas, e causam riscos inerentes:

- Envelhecimento acelerado;
- Amarelecimento;
- Escurecimento ou descoloração das camadas de policromia e douramento;
- Desintegração dos materiais (FÉLIX, 2013, p. 51).

<p>LUZ ARTIFICIAL <i>luz artificial [esp]</i> <i>luce artificiale [it]</i></p>	<p>[Cv] Termo que indica a luz procedente de fontes luminosas artificiais. Normalmente se classificam em função do método de produção de luz (fonte incandescente, fonte fluorescente, entre outras), (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 126).</p>
<p>LUZ BRANCA <i>luz blanca [esp]</i> <i>luce bianca [it]</i></p>	<p>[Cv] Possuem as radiações de igual intensidade do espectro da luz visível (380 nm - violeta e 780 nm - vermelho) (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 126).</p>
<p>LUZ DE SÓDIO</p>	<p>[Ex] A luz monocromática de sódio é o tipo de luz (tendo 589nm de comprimento de onda), que projetada sobre a superfície da obra, atravessa os estratos superficiais da pátina e do verniz e evidencia áreas de sombra da pintura, retoques e grafias⁷²⁵ (PERUSINI, 1994 apud ROSADO, 2011, p. 102); e permite distinguir uma gradação de cores que vai do amarelo ao preto. O fundamento da utilização da lâmpada de luz de sódio de baixa pressão nos exames de pinturas se baseia no fato de que ela emite uma luz praticamente monocromática quase que exclusivamente na faixa amarela do espectro, permitindo, portanto maior acuidade visual. Entretanto, de acordo com⁷²⁶ (GONZALEZ, 1994 apud ROSADO, 2011, p. 102), esse tipo de análise caiu em desuso devido ao desenvolvimento da fotografia no infravermelho e da reflectografia no infravermelho (ROSADO, 2011, p. 102).</p>
<p>LUZ E SOMBRA</p>	<p>Ver CLARO-ESCURO.</p>
<p>LUZ NATURAL <i>luz natural [esp]</i> <i>luce naturale [it]</i></p>	<p>[Cv] Radiação luminosa proporcionada pelo Sol. A luz natural emitida pelo sol tem uma temperatura de cor de 5.500 K (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 126).</p>
<p>LUZ POLARIZADA <i>luz polarizada [esp]</i> <i>luce polarizzata [it]</i></p>	<p>[Ex] Radiação eletromagnética que vibra em um só plano (ortogonal à direção da propagação), ao contrário da luz normal, que tem infinitas direções de vibração. A luz polarizada é obtida colocando-se um filtro polarizador na frente da fonte de luz (GIANNINI; ROANI, 2008, p. 126-127).</p>

⁷²⁵ PERUSINI, G. Il Restauro dei Dipinti e delle Sculture Lignee. Storia, teorie e tecniche. Udine: Del Bianco Editore, 1994.

⁷²⁶ GONZÁLEZ, Maria Luisa Gomez. Examen Científico Aplicado a la Conservación de Obras de Arte. Madrid: Instituto de Conservación y Restauración de Bienes Culturales, 1994.

127).

<p>LUZ RASANTE ou TANGENCIAL</p> <p><i>luz rasante [esp]</i> <i>raking light [ing]</i> <i>luce radente [it]</i></p>	<p>[Ex] Exame que deve ser feito em uma sala escura e consiste em incidir tangencialmente, sobre a superfície do objeto, uma fonte de iluminação visível o mais homogênea possível (formando um ângulo que varie entre 5° a 30 ° num plano em relação à obra). Essa técnica permite o registro da topografia de superfície da pintura, pois realça seus empastes e deformações do suporte. Para se obter um aproveitamento mais apurado dessa técnica, é necessário que a projeção da fonte de luz sob a superfície da obra seja efetuada sequencialmente nos quatros lados da tela, ou seja, nas laterais superior e inferior, direita e esquerda (ROSADO, 2011, p. 101). Destaca também as irregularidades, texturas, incisões, pinceladas ou elevações da camada pictórica.⁷²⁷</p>
<p>LUZ TRANSMITIDA ou REVERSA</p>	<p>[Ex] Consiste em projetar a fonte de luz dispersa sobre o verso da obra. Essa técnica evidencia áreas onde existem perdas, abrasões na camada pictórica, orifícios no suporte ou desenhos subjacentes, como quadriculados ou esboços (PERUSINI, 1994; GONZÁLEZ, 1994 apud ROSADO, 2011, p. 101). Este exame revela aspectos relacionados às diferenças de espessura ou densidade.⁷²⁸</p>
<p>LUZ ULTRAVIOLETA</p> <p><i>ultra violet light [ing]</i> <i>luce ultravioleta [it]</i></p>	<p>1. [Ex] Consiste em iluminar um objeto com radiação ultravioleta (<500 nanômetros), emitido por uma lâmpada de Wood, em um espaço escuro. Permite distinguir as adições e vernizes graças à diferente fluorescência e reflexão dos materiais.⁷²⁹ Ver FOTOGRAFIA DE FLUORESCÊNCIA DE ULTRAVIOLETA. 2. [Dt] A luz ultravioleta causa desintegração, descoloração, escurecimento, amarelecimento, e acelera os efeitos da acidez do papel.⁷³⁰ Invisíveis, são muito energéticas e muito prejudiciais para todos os objetos artísticos. São medidas em microwatts por lúmen (μw/lúmen).⁷³¹ Ver RADIAÇÃO.</p>
<p>LUZ VISÍVEL</p>	<p>1. [De] Antes do século XIX, o uso do termo “luz visível” não faria qualquer sentido. No entanto, em 1800-01, William Herschel⁷³² e Johann</p>

⁷²⁷ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/luz-rasante-examen-con>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

⁷²⁸ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/luz-transmitida-examen-con>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

⁷²⁹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/luz-ultravioleta-examen-con>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

⁷³⁰ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁷³¹ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁷³² William Herschel (1738-1822) foi um astrônomo e compositor alemão naturalizado inglês. Ficou famoso por sua descobrir o planeta Urano, assim como duas de suas luas (Titania e Oberon), e também descobriu duas luas de Saturno e a existência da radiação infravermelha. Disponível em: <<http://www.astronoo.com/pt/biografias/friedrich-william-herschel.html>>. Acesso em: 26 out. 2018.

Wilhelm Ritter⁷³³ expandiram os limites do espectro da luz para além daqueles definidos por Isaac Newton em 1666, demonstrando que a luz continha formas de energia invisíveis que iam para além do vermelho e do violeta. A luz visível distingue-se, então, apenas por ser uma forma de radiação visível para o olho humano e enquadra-se perto do centro do espectro eletromagnético, entre os 400-700 nm aproximadamente. Os comprimentos de onda correspondentes às radiações ultravioletas (UV) enquadram-se abaixo dos 400 nm enquanto os correspondentes ao infravermelho (IV) se encontram para além dos 700 nm. Logo, ambas as radiações são invisíveis para o olho humano (HOMEM, 2006, p. 226). 2. [Ex] Este é o processo mais básico, pois limita-se à observação direta, permitindo a elaboração da descrição geral da obra. Permite igualmente observar o realce do relevo superficial e colocar em evidência aspetos do estado de conservação (FÉLIX, 2013, p. 39). Ver **FOTOGRAFIA LUZ VISÍVEL**. 3. [Dt] formada por ondas eletromagnéticas, é extremamente nociva aos objetos e seu efeito é cumulativo. Para reduzir os danos causados pela iluminação, é fundamental haver uma avaliação das condições de armazenamento e exposição das peças para que sejam verificados o tipo e a intensidade da luz a qual estão submetidas (ACAM PORTINARI, 2010, p. 84). Ver **LUZ**.

⁷³³ Wilhelm Ritter (1776-1810) foi um químico alemão, físico e filósofo. Responsável pela descoberta da radiação ultravioleta. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Johann-Wilhelm-Ritter>>. Acesso em: 26 out. 2018.



MAÇA	[Eq] Martelo de madeira com duas cabeças (TEIXEIRA, 1995, p. 60). <i>mazo [esp]</i> <i>sledgehammer [ing]</i> <i>mazza [it]</i> <i>masse, maillet,</i> <i>gros marteau [fr]</i>
MAÇÃ	[Or] Ornato de forma esférica (REAL, 1962, p. 319). <i>pomme [fr]</i>
MAÇA DE PORTEIRO	[Rg] Acessório de dignidade cerimonial atribuído a um membro específico de uma organização religiosa (ordem, confraria ou irmandade), com o objetivo de identificar o seu possuidor. Geralmente adota uma forma de bastão com a terminação superior decorada, incluindo-se umas correntes para permitir a sua colocação ao ombro, de modo a melhor integrar as procissões (IMC, 2011, p. 92).
MACACARIA	[Or] Decoração onde os macacos aparecem entretidos em brincadeiras, vestidos com roupa de pessoas e desempenhando tarefas humanas. ⁷³⁴ Ver SINGERIE .
MACACO	[Eq] Instrumento metálico que permite fixar as madeiras (TEIXIDO I CAMI, 1997).
MAÇANETA	[It] Peça saliente na qual se pega para fazer funcionar o trinco das portas. Geralmente tem o formato esférico, ao contrário da aldraba, que é uma espécie de alça. Remate esférico ou piramidal, geralmente de metal, cristal ou vidro, para ornamento de certos objetos (DAMASCENO, 1987, p. 32).
MAÇAROCA	[Or] Decoração interpretando uma espiga de milho (IMC, 2011, p. 122). Ornato composto ou revestido com bagas e com folhas, idêntico a uma maçaroca de milho. ⁷³⁵
MACETE	[Eq] Diminutivo de maço (tipo de martelo), instrumento de madeira dura,

⁷³⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁷³⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<p><i>pequeña maza de esculpir [esp]</i> <i>a small maul, a carpenter's or carver's mallet [ing]</i> <i>mazzuolo [it]</i> <i>masse, maillet, mailloche [fr]</i></p>	<p>em forma quadrangular, com um cabo comprido ao meio, utilizado para bater no cabo das ferramentas (formões) e assim ir desbastando a madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 60). Também usado em pedras brandas, calcárias, pedra-sabão, etc. (REAL, 1962, p. 320).</p>
<p>MACHO</p>	<p>1. [Eq] Instrumento para tornar côncava a madeira; peça de aço em forma de espiral para abrir roscas em chapa de metal. 2. [Ce] Molde de barro que se emprega na fabricação de peças ocas (REAL, 1962, p. 320).</p>
<p>MACHO DE ENCAIXE OU DE SOLHO <i>languette [fr]</i></p>	<p>[Tc] Ponta em dente introduzida na ranhura de uma tábua (de assoalho) (REAL, 1962, p. 320).</p>
<p>MACHO-FÊMEA <i>a tonguing and grooving plane [ing]</i> <i>mâle [fr]</i></p>	<p>[Tc] Tipo de encaixe em que um pino entra num orifício (TEIXEIRA, 1995, p. 60), ou tipo de encaixe entre duas tábuas onde a saliência de uma peça (macho) encaixa na reentrância de outra peça (fêmea), ambas cavadas ao longo da espessura das ditas peças (ÁVILA, 1979, p. 61). Ver ARTICULAÇÃO.</p>
<p>MAÇO <i>mazo [esp]</i> <i>a wooden mallet, maul [ing]</i> <i>mazzuola di legno [it]</i> <i>maillet [fr]</i></p>	<p>[Eq] Instrumento de madeira dura, encabado no meio, semelhante a um martelo, usado para bater no cabo das ferramentas nos trabalhos de madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 60). Martelo de formas curvas, de madeira ou metal macio, com que se dá golpes na goiva (TEIXIDO I CAMI, 1997).</p>
<p>MAÇO REDONDO <i>chasse-rond [fr]</i></p>	<p>[Eq] Utensílio especial para executar molduras côncavas (REAL, 1962, p. 321).</p>
<p>MACROFOTOGRAFIA</p>	<p>[Ex] Classicamente, o campo da macrofotografia está delimitado pela captura de imagens em escala natural ou aumentada em até cerca de dez vezes seu tamanho natural (FONSECA, 2014, p. 23).</p>
<p>MADEIRA BALSA</p>	<p>Ver BALSA.</p>
<p>MADEIRA</p>	<p>[Bo] É uma matéria orgânica com uma estrutura celular organizada e interligada. É, maioritariamente, constituída por celulose, hemicelulose e lignina, sendo ainda composta por outros hidratos de carbono e água. É um tecido formado pelas plantas com uma função de sustentação, sendo por isso também utilizada pelo homem como material estrutural efetivo e eficiente. As árvores podem ser classificadas quanto à sua anatomia como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Coníferas – são conhecidas por serem mais macias, terem menor resistência e menor densidade, e as suas folhas são perenes em forma de agulha ou escama. Os Pinus são as mais usuais, com os

seus elementos anatômicos como os traqueídes e os raios medulares;

- **Dicotiledôneas** – nesse caso os elementos anatômicos são os vasos, as fibras e os raios medulares.

Dentro da estrutura da madeira constata-se que esta é um material sólido, orgânico e higroscópico, ou seja, que absorve água, e é ortotrópico, que quer dizer que tem um crescimento diferente nas dimensões espaciais. A madeira é obtida do tronco das plantas lenhosas, especialmente das árvores, mas também dos arbustos. Todas as árvores possuem certas características em comum:

- **tronco**, principal fonte de madeira, possui uma estrutura interna complexa que é visível a partir de um corte transversal;
- **casca**, facilmente reconhecível pelo seu aspecto rugoso;
- **câmbio**, uma camada microscopicamente fina de células vivas compostas por protoplasma;
- **xilema**, caracterizado pelos **anéis de crescimento** concentricamente dispostos em torno da **medula**. O grupo constituído pelos anéis de crescimento está dividido entre o borne (alburno) e o cerne.

Essas plantas são perenes e são caracterizadas pelos **caules** que crescem em diâmetro ano após ano. A estrutura do **caule** é composta por celulose, hemicelulose e lignina entre os seus tecidos. Pode-se então dizer que a madeira é constituída por fibras de celulose, unidas por lignina. Ao fazer um corte transversal num tronco, muitas espécies, dependendo diretamente da família a que pertencem – **Resinosas** ou **Folhosas** – é apresentada uma porção mais escura de madeira, na zona central do tronco, que corresponde ao **cerne** e uma porção mais clara, na parte externa, que corresponde ao **alburno** ou borne, aparecendo a **medula** bem distinta em algumas espécies como um ponto escuro no centro. A diferença entre o borne e o cerne nem sempre é facilmente perceptível uma vez que a mudança de cor tanto pode ser abrupta como gradual, ou seja:

- O **borne ou alburno** é a madeira nova e mais próxima da casca, constituída pelas células vivas na árvore em crescimento, podendo dizer-se que toda a madeira existente na árvore, é primeiramente formada como alburno. As principais funções desta zona do tronco são levar a água da raiz até às folhas, armazená-la e devolvê-la de acordo com a estação. Quanto mais folhas uma árvore suportar maior o volume de alburno necessário, logo mais vigoroso é o seu crescimento.
 - **Cerne** – ou **coração da madeira** - é constituído pela madeira mais próxima da medula, sendo esta mais antiga que o alburno. Ao longo dos anos de desenvolvimento da árvore, o seu diâmetro
-

aumenta, e uma porção interior do albarno torna-se inativa, deixando gradualmente de funcionar à medida que as células morrem. As células são formadas pelas paredes primárias e secundárias, lúmen ou abertura de células e intercélulas. As células não são mais que fibras que compõe, no seu conjunto, o corpo da madeira. Esta porção inerte é chamada de **cerne**. Concentra substâncias protetoras como resinas e taninos. Este conjunto de elementos confere às madeiras as suas características mecânicas e a sua resistência, faz com que se torne uma madeira mais dura, densa e resistente a ataques biológicos. Madeiras com a mesma seção, forma e volume reagem de maneiras diferentes ao corte, torção, flexão, compressão ou dobragem.

Logicamente a resistência das madeiras está diretamente associada à sua durabilidade. Dependendo das características físicas, químicas e mecânicas, e da forma como as fibras estão arrumadas no lenho, isto é, na porção de madeira a trabalhar, o artista deve ter sempre em consideração as solicitações que a obra vai sofrer quando trabalhada e colocada a uso (QUEIMADO, 2007, p. 30-32).

A madeira vai ser identificada a partir do seu corte transversal (perpendicular à direção das fibras), do corte tangencial (paralelo à direção das fibras e tangencial aos anéis de crescimento) e do corte radial (paralelo à direção das fibras e perpendicular aos anéis de crescimento).

Após o seu corte, a madeira tem sempre tendência para perder a água presente no seu interior. Esta secagem deve ser feita lentamente, pois se for muito brusca, geram-se tensões que originam fissuras e empenamentos. Essas tensões devem-se ao fato de a água estar desigualmente distribuída pelos tecidos periféricos e centrais e uma secagem brusca faz com que as partes úmidas se retraiam mais que as secas. A madeira é sempre suscetível às variações atmosféricas de temperatura e umidade, movimentando-se através de processos retração/dilatação até encontrar um ponto de equilíbrio com a atmosfera. Quando as variações do meio são bruscas, as consequências destes movimentos vão-se manifestar através do aparecimento de fendas e fissuras, cedência de juntas de união, podendo ainda haver descolagens e perda de elementos que foram entalhados separadamente. Por isso, é importante manter a peça num local em que estes dois fatores sejam constantes, evitando grandes variações (PEIXOTO, 2012, p. 91-92).

MADEIRA (uso)

A madeira foi um dos materiais de uso mais intenso e diversificado nas técnicas construtivas e obras de ornamentação do período colonial mineiro, de acordo com Ávila (1979, p. 61-62), nesse período eram utilizadas, com seus respectivos nomes, em:

1. Elementos construtivos

- esteios e cunhais: aroeira e braúna (baraúna);
 - madeiramento de telhados: bagre, candeia, canela, canela preta,
-

cangerena (cangerana), gendiaíba, guapeva (guapeba, andiroba, jendiroba), licorama, peúna (peúva, ipê, pau d'arco), sucupira (sicupira), tobu e upiúna;

- assoalho: bagre, baraúna, canela parda, cedro e sucupira;
- campas de igrejas: braúna e jacarandá preto;
- forros: canela parda, cedro e vinhático;
- escadas: canela parda;
- cambotas ou formas para arcos e abóbadas: canela preta e cedro;
- vigas do assoalho de coro de igreja: aroeira e peroba;

2. Esquadrias

- caixilhos: cedro, pinho nacional e pinho de riga;
- janelas e portas: braúna, canela, canela parda, canela preta, cedro, jacarandá vermelho, sucupira;

3. Ornamentação

- altares ou retábulos: cedro;
- balaustradas de igrejas: jacarandá;
- castiçais: cedro e jacarandá vermelho;
- imaginária: cedro;
- molduras: cedro;
- tarjas de arco-cruzeiro: cedro;

4. Mobiliário

- arcas: jacarandá, vinhático e ximbo;
- armários: jacarandá;
- bancos trabalhados de igreja: jacarandá;
- mesas: cedro e jacarandá.

MADEIRA (defeitos) [Dt] A madeira pode apresentar diferentes tipos de defeitos que podem influenciar na escultura:

- **defeitos de crescimento** – estão normalmente associados a problemas de plantio, de manejo e de ordem climática e influenciam a constituição do tronco, provocando irregularidades em cada época de vegetação, alterando a estrutura fibrosa da madeira e criando normalmente desvios dos veios. Um exemplo é constatado em zonas de ventos constantes onde aparecerem árvores torcidas e de tronco irregular. Existem ainda outros tipos de defeitos associados ao crescimento como é o caso dos nós. Os
-

nós são porções de ramos incluídos no caule da planta ou ramo principal. Os ramos desenvolvem-se a partir do eixo central do caule da planta e, enquanto vivos, aumentam em tamanho com a adição anual de camadas lenhosas que são uma continuação das camadas do caule. A porção incluída é de forma mais ou menos cônica e irregular com início na medula. Durante o desenvolvimento da árvore, a maior parte dos ramos, especialmente os mais baixos, morrem, mas continuam presos à árvore por algum tempo. Uma vez que o ramo está morto, as camadas de crescimento posteriores não crescem com o ramo, mas são depositados em seu redor. Assim os ramos mortos dão origem aos nós, que são considerados apenas o conteúdo de um “buraco”, podendo soltar-se facilmente quando a madeira é seca e serrada, isto no caso dos nós mortos. Existem ainda os nós vivos que se formam de uma forma fundida com os anéis de crescimento anual, não se soltando do resto da madeira. Os anéis de crescimento anual são diferentes nas estações frias e nas estações quentes, podendo-se identificar facilmente a idade da árvore pela contagem dos anéis de acordo com as zonas climáticas. Os nós afetam a resistência da madeira no que diz respeito a fendas, rachaduras e quebras, assim como seu manuseio e flexibilidade. O enfraquecimento ganha proporções maiores quando a madeira é submetida à tração e compressão, mas não influenciam materialmente a rigidez da madeira estrutural. Sendo que essa rigidez e o limite de elasticidade depende mais da qualidade da fibra da madeira do que dos defeitos.

- **defeitos de alteração de origem animal e de origem vegetal** – são determinados pelas condições de cultivo das árvores e das alterações que ocorrem ao longo do seu crescimento, influenciando a composição química e reduzindo o crescimento do material lenhoso. Os fungos e os insetos xilófagos são organismos vivos que se desenvolvem rapidamente em ambientes quentes e úmidos que levam à rápida putrefação e consumo das fibras da madeira.
 - **defeitos de exploração** – aparecem com mais intensidade no decorrer da serração, originando anomalias em termos de conversão da matéria bruta e de peças cortadas de acordo com a tipologia de tábuas, barrotes ou ripas e manifestam-se sob a forma de fendas e fraturas.
 - **defeitos de secagem** – são provocados geralmente por uma secagem mal conduzida e podem ser consideradas como todas as alterações produzidas a partir do momento em que as peças, depois de serradas, são colocadas em pilhas ou colocadas em câmaras de secagem (QUEIMADO, 2007, p. 34-35).
-

MADONA <i>Madona [it]</i>	[Rg] Nossa Senhora. Imagem pintada representando Nossa Senhora (REAL, 1962, p. 321).
MADREPÉROLA <i>nacre [fr]</i>	[Ma] Substância dura, nacarada, da qual se fazem peças de ornamentação, de incrustação, etc. (REAL, 1962, p. 321).
MAGENTA	[Ma] Da cidade da Itália. Matéria corante; variedade de fucsina. A cor vermelho-escura que essa matéria produz os impressores imitam-na misturando tinta roxa com vermelha (REAL, 1962, p. 321).
MAINEL <i>meneau [fr]</i>	1. [It] Pilarete que divide verticalmente uma janela ou abertura, suportando a parte superior do vão (lintel) (IMC, 2011, p. 122), ou pequeno pilar, dividindo em duas luzes frestas ou janelas geminadas. 2. [It] Parapeito ou corrimão de escada (ÁVILA, 1979, p. 62).
MAJESTADE	[Ic] Crucifixo que representa Cristo reinante na cruz (TEIXIDO I CAMI, 1997). A palavra aplicada na Catalunha a um tipo de imagem esculpida de Cristo na cruz, representada com os olhos abertos, vestida de túnica e com braços horizontais. Simboliza o triunfo de Cristo sobre a morte. No geral, o exemplo mais famoso é o <i>Volto Santo de Lucca</i> , na Toscana (Itália), cujo culto se espalhou na românica Catalunha, que destaca o modo - chamado <i>Majestade Batllo</i> , preservado no museu. ⁷³⁶
MAJÓLICA <i>majolique [fr]</i>	[Ce] (Técnica) Designação com origem provável no nome da ilha de Maiorca, cuja produção cerâmica se teria estendido a Itália no séc. XV, adquirindo aí a designação de <i>faiança</i> . Consistia no revestimento com vidrado estanífero da cerâmica, ficando a superfície preparada para se pintar diretamente a decoração. Utiliza-se por vezes para designar exclusivamente as faianças de pasta corada. ⁷³⁷
MAKI-E	[Ta] Técnica de laqueado que consiste em desenhar com laca motivos decorativos em objetos já laqueados e espalhar sobre os referidos motivos pó, geralmente ouro ou prata, que permanecem aderidos. O acabamento é muito variado. ⁷³⁸
MALAQUITA <i>malaquita [esp]</i> <i>malaquite [ing]</i> <i>malachite [fr]</i>	[Ma] Fórmula: $\text{CuCO}_3 \cdot \text{Cu}(\text{OH})_2$. Chamada “malaquite” em Portugal. Carbonato básico de cobre. Pigmento natural mineral, de um verde intenso, obtido por moagem e filtragem do minério de cobre. Conhecido e utilizado desde a Antiguidade até o século XIX, tem sido muito menos usado que a azurita, apesar de ter a mesma fórmula, hidratada. ⁷³⁹ Possui a cor verde-azulado claro. É estável em condições ambientais normais.

⁷³⁶ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/majestad>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

⁷³⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁷³⁸ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/tecnicas/1041155>>. Acesso em: 24 out. 2018.

⁷³⁹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/malaquita>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

	Porém, é sensível a ácidos e bases. Foi utilizado em todas as técnicas pictóricas, com melhores resultados nas tintas à têmpera (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 61-62).
MALAXAR <i>malaxer [fr]</i>	[Tc] Amassar, mexer ou bater muito uma substância qualquer para torná-la compacta (exemplo: a argila) (REAL, 1962, p. 322).
MALEAR <i>malléer [fr]</i>	[Tc] Converter em lâmina; distender (um metal) a martelo (REAL, 1962, p. 322).
MALGA <i>ecuelle, bol [fr]</i>	[Tc] Recipiente vidrado, servindo para por tinta (REAL, 1962, p. 322).
MALHA TUBULAR CIRÚRGICA	[Cv] Por ser um tecido de algodão, confeccionado para utilização na área ortopédica, pode ser empregado na construção de suportes (em embalagens), preenchendo internamente o objeto e evitando vinco e, conseqüentemente, a quebra das fibras (ACAM PORTINARI, 2010, p. 95).
MALHAL	[Es] Pedação de viga em que os escultores assentam a pedra que trabalham (REAL, 1962, p. 322).
MALHETAR <i>ensamblar [esp]</i> <i>to mortise [ing]</i> <i>incastrare [it]</i> <i>mortaiser [fr]</i>	[Tc] Encaixar uma peça de metal ou de madeira em outra (TEIXEIRA, 1995, p. 61).
MALHETE <i>mortaja, muesca [esp]</i> <i>a dent, mortise joint, mallet [ing]</i> <i>piccolo maglio, incassatura, incastro [it]</i> <i>mortaise, tenon [fr]</i>	[Tc] Cavidade ou encaixe nas extremidades de duas peças de madeira, a fim de se adaptarem e unirem-se justas (ÁVILA, 1979, p. 62). Pode ser também um pequeno malho ou maço (TEIXEIRA, 1995, p. 61). Designa-se por emalhetar a união obtida por meio de encaixes do elemento positivo-negativo macho-fêmea e que pode ser reforçada por colagem, cavilhas ou pregaria (QUEIMADO, 2007, p. 183). Ver ENCAIXE .
MALHO <i>mazo [esp]</i> <i>maul, mallet, hammer [ing]</i> <i>mazza [it]</i> <i>maillet, mail [fr]</i>	[Eq] Martelo de calceteiro; martelo de ferro (REAL, 1962, p. 322). Ver MAÇO .
MALTA <i>malthe [fr]</i>	[Ma] Betume glutinoso chamado <i>pez mineral</i> , semelhante ao alcatrão (REAL, 1962, p. 322).
MALTRATADO <i>strapassé [fr]</i>	[Tc] Pintura ou escultura feita às pressas, incorreta, atormentada (REAL, 1962, p. 322).

MANCAL	[Eq] Eixo de madeira, reforçado com ferro, sobre o qual se apoia um eixo de rotação. Há casos em que tratam-se dos apoios de sino. ⁷⁴⁰
MANCHAS	1. [Dt] Sujidade aderida que impregna a superfície de um objeto e também que tenha penetrado internamente. 2. [Re] A eliminação de manchas se considera uma intervenção pontual, podendo ser tratadas dependendo da sua natureza e dos materiais constitutivos da obra (CALVO, 1997, p. 139). As manchas podem ter a aparência esbranquiçada, escurecida, amarelada, etc., e podem ser relacionadas à umidade ou a inúmeros motivos.
MANCHETTE	[Or] Estofos nos braços de uma cadeira (QUEIMADO, 2007, p. 183).
MANDORLA <i>mandorla [it]</i>	[Or] Representação com a forma de nimbo (oval), ou de forma helicoidal ou de amêndoa mística, ou de um halo onde se inscreve a figura de Deus Pai, de Cristo em Majestade ou da Virgem (IMC, 2011, p. 122), isolando-a dos demais ou conferindo-lhe um caráter de dignidade, representação, na arte bizantina, do Cristo em glória ou triunfante (NUNES, 2008, p. 95).
MANEIRA <i>manière [fr]</i>	[Tc] Cunho pessoal das obras de um artista. Durante a sua carreira, principalmente se for longa, o artista muda de <i>maneira</i> de executar suas obras, a sua fatura, seu gênero, etc., mas é pela característica predominante (sempre conservada) que se torna conhecido. A <i>maneira</i> é, pois, a execução técnica de um artista (REAL, 1962, p. 323).
MANEIRISMO <i>Maniera [it]</i> <i>Maniérisme [fr]</i>	[Et] Estilo nascido na Itália, dos meados para a segunda metade do século XVI sendo, todavia, esta designação muito posterior, já do século XIX. Ser maneirista queria dizer “trabalhar à maneira de”, neste caso, imitando os grandes mestres do renascimento tardio. Foi uma derivação da arte clássica do renascimento. Os maneiristas recusavam aceitar cegamente as regras renascentistas que estipulavam harmonia e equilíbrio, tanto no conceito quanto na forma. O maneirismo propôs composições mais complexas, dando importância às distorções da escala e das proporções, combinando conjuntos de cores que saíam dos cânones clássicos. No maneirismo há uma tensão entre as formas, uma manifestação de subjetivismo, as próprias figuras humanas são deformadas, as cores utilizam o claro-escuro segundo a emoção e com menos preocupações de retratar fielmente a realidade. Pode considerar-se como um estilo artístico que adota as composições complexas, figuras alongadas em poses teatrais. Aborda os temas com “olhar” intelectual, o assunto deixa de ser puramente visual. É contestada a tradição artística, a maneira clássica de representar os temas. As cores ganham brilho e a figura humana certa dramaticidade, o que levou o termo a ser empregado como adjetivo pejorativo. ⁷⁴¹

⁷⁴⁰ CONJUNTO... 2007, p. 177.

⁷⁴¹ Disponível em: <<http://www.brasilarartesenciclopedias.com.br/internacional/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

<p>MANEQUIM <i>maniquí [esp]</i> <i>lay figure [ing]</i> <i>manichino [it]</i> <i>mannequin [fr]</i></p>	<p>[Tc] Figura articulada, de madeira ou outro material, que pode ser encontrada em vários tamanhos, inclusive o natural, sendo usada para o estudo das proporções, movimentos e panejamentos (TEIXEIRA, 1995, p. 61). Usado por pintores e escultores.</p>
<p>MANGA</p>	<p>[Ut] Peça de vidro ou cristal, de formato bojudo, destinada a proteger velas, arandelas e outros objetos de iluminação (DAMASCENO, 1987, p. 32). Ver DONZELA.</p>
<p>MANGOTE</p>	<p>[In] Parte da armadura que cobria os braços (REAL, 1962, p. 323).</p>
<p>MANICORA</p>	<p>[Or] Ornato arquitetônico, representando um animal híbrido, com cabeça e cauda de serpente e tronco globoso (REAL, 1962, p. 323).</p>
<p>MANÍPULO <i>manipule [fr]</i></p>	<p>[In] Paramento litúrgico usado pelo sacerdote no antebraço esquerdo, durante a celebração da missa. Em forma de uma pequena estola, tem, obrigatoriamente, uma cruz ao meio e, às vezes, outras nas extremidades franjadas. Internamente, um cadarço une as duas partes. O tecido, de que é feito, deve ser condizente com os demais paramentos. Sua origem não é ainda esclarecida. Foi introduzido em Roma, onde no século VI, era privilégio do clero. Para alguns especialistas, é uma transformação do lenço fino, trazido nas mãos pela aristocracia romana (TRINDADE, 1998, p. 390). Atualmente em desuso. Lenço, guardanapo levado pelos oficiais da corte romana com finalidade prática: servia para o imperador enxugar o rosto ou as mãos. Com o tempo se transformou em insígnia cívica levado na mão esquerda e dessa forma adotada no vestuário de culto cristão. O sacerdote o retira quando não está desempenhando uma ação diretamente ligada à missa, como a pregação (fora de uso atualmente) (NUNES, 2008, p. 95).</p>
<p>MANIQUETE <i>cuffs [ing]</i> <i>manichetti [it]</i> <i>manchettes [fr]</i></p>	<p>[In] Renda ou tecido que ornamenta as mangas das alvas dos padres (THESAURUS, 2004, p. 178).</p>
<p>MANOPLA <i>gantelet [fr]</i></p>	<p>1. [In] Luva de ferro que fazia parte das antigas armaduras; chicote comprido de cocheiro. 2. [Ap] Mão grande e mal feita (REAL, 1962, p. 324).</p>
<p>MANTELETE <i>mantelletta [ing]</i> <i>mantelletta [it]</i> <i>mantelet [fr]</i></p>	<p>1. [In] Vestidura curta que dignitários eclesiásticos usam sobre o roquete. Veste aberta, unida à frente por fitas de seda, curta, habitualmente até aos joelhos, e sem mangas, usada por todo o clero fora das funções litúrgicas; nos ofícios do coro apenas pode ser usada, sobre o roquete, pelos cardeais, bispos, abades e determinados clérigos, como os cónegos de capítulos privilegiados. O tecido e a cor variam consoante a dignidade eclesiástica do clérigo que o usa. (THESAURUS, 2004, p. 174). 2. [In] Capa curta com que os cavaleiros cobriam o escudo e o capacete (REAL,</p>

	1962, p. 324).
--	----------------

MANTÉU (MANTEAU)	[In] Capa com colarinho, usada por padres (NUNES, 2008, p. 95). Veste sem mangas, por vezes com aberturas laterais, geralmente preto ou roxo, usado, por alguns cónegos e beneficiados, sob a mozeta, nos ofícios do coro durante o inverno. Pode também ser usado por frades, como os franciscanos ou, nas pregações, por alguns clérigos regulares como os jesuítas. (THESAURUS, 2004, p. 174).
-----------------------------------	---

MANTO	[In] Espécie de capa larga e sem mangas, que se coloca por cima das outras vestes, caindo até os pés. Tradicional na região do Mediterrâneo Europeu, usada desde a Antiguidade Clássica para proteção contra o frio, aparece em representações de personagens bíblicas do Antigo e Novo Testamento (DAMASCENO, 1987, p. 32).
--------------	--

MANUELINO	[Et] Diz-se, especialmente, do estilo arquitetônico privativo de Portugal contemporâneo a D. Manuel e que é uma variante local do gótico flamejante (REAL, 1962, p. 325).
------------------	---

MANUFATURA	[Ge] Obra feita a mão (REAL, 1962, p. 325).
-------------------	---

MANUSCRITO	[Ge] Texto escrito à mão. ⁷⁴²
-------------------	--

MANUSTÉRGIO	[Li] Toalha geralmente de linho ou cânhamo, usada pelo sacerdote ou pelo bispo na purificação das mãos, durante a missa ou depois dela e em outras cerimônias litúrgicas (DAMASCENO, 1987, p. 33).
--------------------	--

MANUTENÇÃO	[Cv] Uma série de atividades empreendidas para a conservação do bom estado (CARTA do ICOMOS, 2003, p. 21). É o conjunto de medidas, de caráter preventivo, com o objetivo de manter as “coisas” livres da deterioração. Basicamente, consiste em atividades de revisão, limpeza, pintura, imunização, impermeabilização, capinação, etc. ⁷⁴³ Prevenção da deterioração; intervenção e tratamento técnico para garantir a continuidade do uso e do bom estado do edifício (SEBRAE, p. 33).
-------------------	--

MÃO	1. [Et] Maneira ou estilo peculiar de um artista (TEIXEIRA, 1995, p. 61). 2. [Rg] Representa Deus Pai, significando poder autoridade (NUNES, 2008, p. 95). 3. [An] Extremidade do membro superior, articulada com o antebraço pelo punho e terminada pelos dedos. Os ossos da mão podem ser divididos em três partes:
------------	--

⁷⁴² PEQUENO Glossário. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁷⁴³ Disponível em: <<http://gestaoderestauo.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

	<ul style="list-style-type: none"> • Oito ossos, dispostos em duas fileiras, proximal e distal, que constituem os carpos; • O esqueleto da mão propriamente dita é formado por cinco ossos que constituem os metacarpos; • O esqueleto dos dedos, representado pelas falanges, proximais, médias e distais.⁷⁴⁴
--	--

MÃO DE OBRA	[Ge] Trabalho do operário; custo da execução de uma obra (REAL, 1962, p. 325).
--------------------	--

MÃO-DE-TINTA	Ver DEMÃO .
---------------------	--------------------

mano [esp]
coat [ing]
couche de couler [fr]

MÃO DO ALMOFARIZ	Ver PILÃO .
-------------------------	--------------------

MAPA DE DANOS	[Ec] É a representação gráfico-fotográfica, sinóptica, onde são ilustradas e discriminadas, rigorosa e minuciosamente, todas as manifestações de deteriorações de um bem cultural. O mapa de danos é um documento que sintetiza o resultado das investigações sobre as alterações estruturais e funcionais nos materiais, nas técnicas, nos sistemas e nos componentes construtivos. O documento ilustra as realidades de uma edificação ou de uma obra de arte numa determinada data ou tempo. ⁷⁴⁵
----------------------	--

MAQUETA	[Tc] Pequeno esboço tridimensional, em barro ou em cera, de uma obra de escultura que se pretende executar (TEIXEIRA, 1995, p. 61). Modelo de uma escultura em material provisório (TEIXIDO I CAMI, 1997).
----------------	--

boceto, modelito [esp]
small rough
model [ing]
abbozzo, bozzetto,
machietta,
modelletto [it]
marquette [fr]

MÁQUINA PROCESSIONAL	[Rg] Andor de maior dimensão e que apresenta uma estrutura mais complexa e ricamente decorada (THESAURUS, 2004, p. 59).
-----------------------------	---

macchina
processionale [it]

MAQUINETA	1. [Ou] Sinônimo de oratório, armário contendor de imagem ou de imagens religiosas. Quando tem uma função não religiosa, por exemplo, quando serve de contendor de esculturas que representam o corpo humano, ou como armários que alberguem objetos esculpidos em
------------------	--

⁷⁴⁴ Disponível em: <<https://anatomia-papel-e-caneta.com/ossos-dos-mmss-carpos-metacarpos-e-falanges/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

⁷⁴⁵ Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

<i>paradis [fr]</i>	gabinetes de curiosidades, o termo maquina também pode ser empregado. ⁷⁴⁶ Caixa envidraçada em que se apresenta uma estatueta ou uma cena religiosa mais complexa, com vários cenários e composição cênica, geralmente, um presépio (THESAURUS, 2004, p. 103). 2. [Es] <i>machine à sculpter [fr]</i> . Aparelho que serve para a reprodução de um original para pedra ou mármore; espécie de pantógrafo que determina e marca os diferentes planos da figura a ser reproduzida (REAL, 1962, p. 325).
MARAJOARA	[Ce] Da ilha de Marajó. Os habitantes da região levaram a arte da cerâmica a um alto grau de valor artístico, não só na confecção das peças como em sua decoração, criando um estilo na arte indígena brasileira que tomou o nome de <i>estilo marajoara</i> . O traçado é linear e geralmente branco ou preto sobre o barro em sua cor natural. Os potes têm formas as mais variadas e por vezes são antropomorfos (REAL, 1962, p. 328).
MARAVALHAS <i>copeau [fr]</i>	[Md] Aparas de madeira; acendalhas; gravetos (REAL, 1962, p. 328).
MARCA <i>marca [esp]</i> <i>mark, sing,</i> <i>brand [ing]</i> <i>marca, segno,</i> <i>sigla [it]</i> <i>marque [fr]</i>	[Es] Sinal que se faz em uma peça de escultura que pode representar a assinatura do artista (TEIXEIRA, 1995, p. 61). <ul style="list-style-type: none"> • Marca do autor – <i>marque d’auteur [fr]</i> – Inscrição ou pictograma afixados no trabalho pelo próprio autor, ou seus assistentes, para serem identificados (LANGLE; CURIE, 2009, p. 299). • Iniciais – <i>initiales [fr]</i> – Marca do autor que consiste nas primeiras letras do nome e primeiro nome do autor (LANGLE; CURIE, 2009, p. 300). Ver MONOGRAMA. • Digital – <i>chiffre [fr]</i> – Marca do autor que consiste em suas iniciais, seu monograma ou seu lema, às vezes às vezes combinados com um símbolo figurado (cruz, coroa, etc.) (LANGLE; CURIE, 2009, p. 300). • Assinatura emblemática – Desenho ou pictograma pelo qual o autor criptografa sua identidade, a assinatura emblemática é às vezes acompanhada do nome do autor.
MARCAÇÃO QUADRANGULAR	[Or] Divisão do ornato em quadrados (REAL, 1962, p. 330).
MARCAÇÃO RETICULADA	[Or] Divisão do ornato em retículas; divisão das fachadas (em linhas retas), típicas do chamado <i>estilo jesuítico</i> (REAL, 1962, p. 330).

⁷⁴⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MARCADO COM CESTARIA	[Ce] Tipo de decoração em que a cerâmica é marcado por cestaria, antes de ser queimada, podendo ser do tipo espiralado. ⁷⁴⁷
MARCADO COM CORDA	[Ce] Tipo de decoração em que a cerâmica, antes de ser queimada, é marcada com cordas. ⁷⁴⁸
MARCENARIA <i>carpinteria [esp]</i> <i>joiner's work [ing]</i> <i>lavoro da falegname [it]</i> <i>menuiserie,</i> <i>ébénisterie [fr]</i>	[Tc] Ofício de trabalhar com madeira, especialmente na execução de móveis (TEIXEIRA, 1995, p. 62).
MARCENEIRO <i>carpintero,</i> <i>ensamblador [esp]</i> <i>joiner [ing]</i> <i>falegname [it]</i> <i>menuisier,</i> <i>ébéniste [fr]</i>	[At] Oficial que trabalha com madeira em obras delicadas de uma construção ou na execução de móveis. Deve ter conhecimento de geometria prática, de desenhos linear e de ornamentos (TEIXEIRA, 1995, p. 62).
MARCHETAR <i>incrustar, embutir [esp]</i> <i>to inlay [ing]</i> <i>impiallacciare,</i> <i>intarsiare [it]</i> <i>marqueter,</i> <i>damasquiner [fr]</i>	[Tc] Incrustar, embutir ou aplicar peças de madeira, marfim ou outros materiais em trabalhos de marcenaria, formando desenhos ou adornos (ÁVILA, 1979, p. 157).
MARCHETARIA ou MARQUETERIA <i>marqueterie,</i> <i>ébénisterie,</i> <i>damasquinerie,</i> <i>placage [fr]</i>	[Tc] Composição ornamental em folheado, feita através de diferentes materiais unidos como num <i>puzzle</i> ou mosaico (QUEIMADO, 2007, p. 183).
MARCO <i>borne, cippe [fr]</i>	1. [Ou] Poste; baliza; sinal de demarcação; bloco de pedra com inscrição assinalando um fato importante: posse de terra, data de um feitio qualquer, etc. (REAL, 1962, p. 330). 2. [Mt] Medida de peso equivalente a 229,50002304 gramas. Roberto Simonsen adota o valor de 230,40 gramas (ÁVILA, 1979, p. 211).
MARFIM <i>marfil [esp]</i> <i>ivory [ing]</i>	[Ma] Material essencialmente composto por fosfatos de cálcio e substâncias orgânicas (colágeno e elastina) que constitui o interior dos dentes dos mamíferos que tem, quando apropriado, aplicação nas artes

⁷⁴⁷ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

⁷⁴⁸ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

<i>avorio [it]</i> <i>ivoire [fr]</i>	decorativas (exemplo: elefante, hipopótamo, facochero, morsa, orca, cachalote, narval). O marfim é dos mais antigos materiais gemológicos utilizados pelo homem. Em virtude da situação de algumas espécies animais, existem variedades de marfim que têm a sua comercialização regulamentada pela CITES – Convenção Internacional para o Comércio de Espécies de Fauna e Flora em Vias de Extinção (IMC, 2011, p. 148). Na Antiguidade eram executadas não só estátuas de grandes dimensões como as estatuetas criselefantinas (de ouro e marfim). Os retábulos bizantinos eram de marfim, bem assim muitos objetos de culto e muitas obras de arte (REAL, 1962, p. 330).
MARLOTA <i>marlotte [fr]</i>	[In] Espécie de capote curto com capuz usado entre os mouros; manto comprido usado pelas mulheres no século XVI (REAL, 1962, p. 332).
MÁRMORE <i>marbre [fr]</i>	[Pe] Pedra calcária, dura, branca. Os estatuários preferem o mármore sem veios (REAL, 1962, p. 332). Para os pedreiros e a indústria da construção, o termo designa qualquer calcário resistente que possa ser cortado em lâminas relativamente finas e polido de modo a apresentar-se a trabalhos decorativos. Em um sentido mais estrito, refere-se a calcários metamórficos cuja estrutura tenha sido recristalizada pelo calor ou pela pressão. O puro mármore branco de Carrara, extraído das pedreiras de Massa, em Carrara, e de Pietra Santa, na Toscana, desde o século III a.C., é a mais famosa de todas as pedras. ⁷⁴⁹
MÁRMORE DO OJÔ	[Pe] O emprego do mármore dolomítico foi bastante raro no período colonial mineiro, utilizado no portal do antigo Palácio dos Governadores (Ouro Preto, MG), veio das jazidas de mármore branco existentes na localidade de Ojô, a cerca de 2 km da cidade de Ouro Preto (ÁVILA, 1979, p. 62).
MÁRMORE FINGIDO <i>marmol artificial [esp]</i> <i>artificial marble [ing]</i> <i>scagliola,</i> <i>finto marmo [it]</i> <i>marbre factice (faux marbre) [fr]</i>	[Po] Pintura imitando mármore, usada na madeira de retábulos ou na pedra de cantaria de arcos-cruzeiros, pilastras, paredes, etc. Em Minas, esse artifício aparece, às vezes, em ornamentações de fins do século XVIII ou princípios do XIX (ÁVILA, 1979, p. 157). O mesmo que FAISCADO. Ver MARMORIZADO.
MARMORINO	[Ta] Revestimento artístico com a finalidade de imitar as pedras mármore. Com origem na Roma antiga, foi no Renascimento italiano que essa técnica difundiu-se para o resto do mundo. É produzido a base de pasta de cal maturada e pó de mármore, sendo a decoração com pigmentos naturais coloridos aplicada com a argamassa ainda fresca. O

⁷⁴⁹ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/escultura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

	brilho do polimento dá um resultado final nobre e exuberante como as rochas essa técnica visa imitar. ⁷⁵⁰
--	--

MARMORIZADO	[Ta] Falso mármore, pintura que imita o mármore verdadeiro (TEIXEIRA, 1995, p. 62). MARMORIZAR – <i>marmorear [esp]; to marbleize [ing]; marmorizzato [it]; marbrer [fr]</i> . [Tc] Fazer imitação de mármore com uma combinação de tintas (TEIXEIRA, 1995, p. 62).
--------------------	--

MARQUESA <i>marquise [fr]</i>	[Mo] Espécie de canapé largo, com assento de madeira, palhinha ou encourado, geralmente com espaldar, possuindo braços altos e encurvados (DAMASCENO, 1987, p. 33).
---	---

MARRA OU MARRÃO <i>marteau [fr]</i>	[Eq] Grande martelo de ferro para quebrar pedra (REAL, 1962, p. 333).
---	---

MARRETA <i>marteau [fr]</i>	[Eq] Pequeno marrão, porém de cabo comprido (REAL, 1962, p. 333).
---------------------------------------	---

MARTELO <i>martillo [esp]</i> <i>to marbleize [ing]</i> <i>martello [it]</i> <i>mateau [fr]</i>	[Eq] Instrumento de ferro com cabo de madeira, de utilização variada, tendo sua aplicação mais associada a bater pregos na madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 62). MARTELO/CRAVOS – [Ic] Instrumentos que representam a crucificação (NUNES, 2008, p. 95).
--	--

MARUFLE <i>maroufle [fr]</i>	[Ma] Cola muito forte e resistente composta de verniz dourado espesso e aglutinante submetido a um cozimento prolongado, empregada pelos pintores para reforçar uma tela com outra ou para aplicar a mesma tela sobre madeira ou parede (REAL, 1962, p. 333).
--	---

MÁSCARA	1. [Or] Ornato, em talha de madeira ou escultura de cantaria, figurando uma cara, à feição de máscara. Aparece em retábulos e outras peças, quase sempre em forma vazada (ÁVILA, 1979, p. 157). 2. [Tc] Molde do rosto que substitui a talha quando essa não é realizada. 3. [Tc] Também denomina-se máscara ou <i>pochoir</i> o recorte que repete um padrão decorativo na execução dos desenhos das vestes (TEIXEIRA, 1995, p. 62). MÁSCARA MORTUÁRIA – [Es] Moldagem feita na face de uma pessoa falecida para lhe guardar os traços (REAL, 1962, p. 333).
----------------	--

MASCARÃO <i>mascaron [fr]</i>	[Or] Elemento decorativo esculpido com a forma de um rosto grotesco ou disforme (IMC, 2011, p. 123). Elemento decorativo formado por rosto humano ou animal, realista, caricatural ou fantástico. ⁷⁵¹ Ornamentando cimalhas, cartelas, feixes de abóbadas, etc. (REAL, 1962, p. 333). Ver
---	--

⁷⁵⁰ Disponível em: <<http://gestaoderestauro.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁷⁵¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CARRANCA.

MASSA PARA CONSOLIDAÇÃO*paste [ing]**futée [fr]*

[Ma] Quando da formação de galerias, que podem ocorrer com ataques de insetos ou perda de material, ou por movimentação devido à dilatação ou contração do mesmo constituinte da obra, a solução de preenchimento dessas lacunas, complementação de partes perdidas ou faltantes, ou até para dar maior resistência mecânica assegurando maior estabilidade à estrutura do suporte, utilizam-se consolidantes. Os consolidantes têm a função de aumentar a coesão do substrato. E ainda segundo Figueiredo Jr. (2012), há duas variáveis importantes para a ação de um consolidante:

- **Penetração** - a viscosidade do consolidante deve ser tal que permita que ele se movimente pelas partes danificadas até chegar às não danificadas. A umectação (molhabilidade) também deve ser boa. Para satisfazer estas necessidades é importante observar os valores de viscosidade e tensão superficial dos consolidantes.
- **Evaporação do solvente** - os consolidantes são aplicados em solução. A velocidade de evaporação do solvente é importante, pois se a evaporação ocorre antes do consolidante preencher todas as cavidades, sua ação é danificada.

Os consolidantes ou massas para consolidação são constituídos a partir da agregação de um adesivo, com função de aglutinante, em um consolidante, e podem também ser encontradas prontas industrializadas e comercializadas. Há diversas massas para consolidar madeira.

MASSA DE NIVELAMENTO

[Ma] Massas de nivelamento são utilizadas na restauração quando há lacuna na camada pictórica e também em intervenções feitas com massa de consolidação. A massa além de nivelar superficialmente, protege para que não haja mais perda. Na escultura policromada podemos fazer nivelamento de bordas ou dependendo da lacuna não é necessário nivelar. A preparação da massa varia para cada tipo de material, em geral, é composto por aglutinante e carga. Para chegar a um bom resultado devem ser observados a compatibilidade dos materiais, resistência, aplicabilidade, cor, brilho, aglutinação, craquelamento e retratabilidade. São aplicadas antes da reintegração da policromia. As massas de nivelamento têm as mesmas funções que as bases de preparação:

- Função estrutural - de interface entre o suporte e a camada pictórica para que os problemas estruturais tenham mais dificuldades em atingir a superfície;
- Função estética – torna a superfície mais lisa, mantém a tonalidade da pintura impedindo a interferência do suporte nas colorações.

As reintegrações de lacunas no nível das bases de preparações devem ser feitas com materiais física e quimicamente compatíveis com os materiais originais. A determinação das cargas e dos adesivos é essencial para garantir uma eficaz aplicação. A aplicação pode ser feita a pincel ou em

<p>zonas mais profundas pode ser aplicada com espátula. O ideal é que as camadas sejam finas e em camadas sucessivas para evitar o aparecimento de fendas ou fissuras. O resultado final das aplicações de massas de nivelamento deve ser semelhante ao original no que diz respeito às texturas. Comumente, as massas de nivelamento são usadas para preencher vãos e lacunas nas superfícies do suporte ou da camada de policromia, causadas por perdas, por ataques de insetos, por desgastes, por desprendimentos de policromias, etc.</p>	
--	--

<p>MASSA DE VIDRACEIRO</p>	<p>[Ma] Betume a base de gesso seco misturado a óleo de linhaça.⁷⁵²</p>
-----------------------------------	--

<p>MASSAME</p>	<p>1. [Ma] Argamassa simples, de cascalho, terra e cal, para receber o assentamento de pisos de pedra ou ladrilho. 2. [Ou] O material resultante da demolição de uma construção (ÁVILA, 1979, p. 62).</p>
-----------------------	---

<p>MASSICOTE <i>masicote [esp]</i> <i>massicot [ing]</i> <i>massicotto [it]</i> <i>massicot, jaune [fr]</i></p>	<p>[Ma] Fórmula: PbO. Termo que, no presente, designa um monóxido de chumbo, obtido pela calcinação do chumbo branco, como um produto intermediário entre ele e o mínio. No entanto, essa identificação só surgiu a partir do século XIX, já que em fontes anteriores o termo é usado como sinônimo de amarelo de chumbo e estanho. O massicote foi usado como um pigmento amarelo em todas as técnicas pictóricas.⁷⁵³</p>
--	---

<p>MASTIQUE ou MASTIC <i>almáciga,</i> <i>mástique [esp]</i> <i>mastic [ing]</i> <i>mastice [it]</i> <i>mastic [fr]</i></p>	<p>[Ma] Exsudado de uma espécie de pistache, <i>Pistacia lentiscus</i>, de Chios⁷⁵⁴ ou de Atlas. A resina de mastique (triterpeno) apresenta-se em pequenos fragmentos transparentes, sem cor ou amarelo-pálidos, “lágrimas”. Resina macia ou tenra, que dá uma película flexível mas que fica amarelada ao envelhecer, insolúvel no <i>white spirit</i>, é usada principalmente dissolvida na essência da terebintina (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1018). Composição pastosa empregada para tapar buracos e igualar superfícies; resina de almécega (aroeira ou lentisco) (REAL, 1962, p. 334).</p>
---	---

<p>MATAÇÃO</p>	<p>[Pe] Pedra de grande vulto, proveniente da decomposição de uma rocha usada na confecção de cantaria para obras de construção (ÁVILA, 1979,</p>
-----------------------	---

⁷⁵² Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁷⁵³ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/materias/1181648>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

⁷⁵⁴ Quios ou Quio (em grego: Χίος) é uma ilha e uma unidade regional da Grécia localizada no mar Egeu. Chios tem uma peculiaridade mundial, é o único lugar no mundo onde o tronco e os ramos do mastigue “estão chorando”. Diz a lenda que os mastiques começaram a chorar quando viram o atroz martírio de São Isidoro sendo torturado por sua crença no cristianismo. Depois, as lágrimas secam e coagulam para dar o mastique perfumado. Embora existam árvores de mastigue por toda a ilha, o mais incrível é que a produção de mastigue é colhida apenas no sul, em Mastihohoria. Algumas regiões mais ao norte, inteiramente cobertas destas árvores, não têm o privilégio de produzi-las. É precisamente esse *mastic* é o símbolo de Chios. Há também a hipótese de que o nome Quios tenha uma origem fenícia. Disponível em: <<https://www.smaragdine.fr/2016/12/09/verniss-cuit-au-mastic-de-chios-en-larmes/>>. Acesso em: 06 out. 2018.

	p. 62).
MATA-JUNTA	[Md] Qualquer ripa para tapar a junta entre tábuas (ÁVILA, 1979, p. 62).
MATE <i>mate [esp]</i> <i>mat, dull, flat,</i> <i>inpolished [ing]</i> <i>greggio, smorto,</i> <i>smortido [it]</i> <i>mat, terne [fr]</i>	1. [Ma] Tinta ou pintura fosca, não polida, sem brilho, usada no processo de douramento da talha em madeira (ÁVILA, 1979, p. 157). Qualifica uma camada pictórica ou material que reflete a luz (difusa) em todas as direções. MATAGE [fr] – Ação de tornar mate uma superfície brilhante de um verniz ou de uma folha metálica previamente polida. ACETINADO – <i>satiné [fr]</i> – Qualifica uma camada pictórica parcialmente reflexiva e parcialmente difusa (LANGLE; CURIE, 2009, p. 754-755).
MATERIAIS PARA ACONDICIONAMENTO	[Cv] Materiais indicados, que possuem propriedades compatíveis à preservação das peças. Exemplos: acetato, acrílico, espuma de polietileno expandido (Ethafoam®), malha tubular cirúrgica, placas em polipropileno corrugado, TNT (Tecido não tecido), etc. (ACAM PORTINARI, 2010, p. 95).
MATIZ <i>nuance, teinte [fr]</i>	[Cor] Gradação de cores. Variação de cores com a mistura do preto e do branco (NEVES, 2013, p. 97-98). MATIZADO – Tonalidades bem graduadas (REAL, 1962, p. 335).
MATRACA <i>clapper [ing]</i> <i>tabella; claquoir [fr]</i>	[Rg] Instrumento de percussão, formado por pequenas tábuas moveiças e/ou argolas metálicas, que se agitam para fazer barulho. Na liturgia católica, é usada na Semana Santa, durante as Trevas, ou seja, de Quinta-Feira à tarde até a madrugada de Domingo da Ressurreição (DAMASCENO, 1987, p. 33).
MATRIZ <i>matriz [esp]</i> <i>matrix [ing]</i> <i>matrice [it]</i> <i>matrice [fr]</i>	1. [Es] Molde em encavo com o auxílio do qual pode-se tirar grande número de provas em relevo (REAL, 1962, p. 335). 2. [Ig] Ver IGREJA .
MAUSOLÉU <i>mausoleum [ing]</i> <i>mausoleo [it]</i> <i>mausolé [fr]</i>	[Ou] Monumento suntuoso erguido em memória de um defunto (THESAURUS, 2004, p. 41). Túmulo, monumento funerário.
MDF - Medium Density Fiberboard	[Ma] É um painel produzido pela aglutinação de fibras de madeira com resina sintética e aditivos. É homogêneo, sem camadas. Sua superfície é ideal para aplicação de pintura, verniz, laca e laminados. O MDF permite móveis com formas e partes arredondadas. É bastante usado para fabricação de móveis, laterais e fundos de gavetas. Possui alta resistência a empenamentos. Outros painéis ou placas : • HDF – High Density Fiberboard – São fibras de madeira que passam por um processo de aglutinação com bastante pressão. As chapas são homogêneas e possuem superfície uniforme. Podem

receber pintura, verniz e laminados. Suporta peso e vence vãos maiores sem a necessidade de reforços, permite cortes e entalhes e é bom para fundos e laterais de móveis.

- **MDP – *Medium Density Particles*** – São camadas de partículas de madeira sobrepostas, com as maiores posicionadas no centro da chapa e as mais finas nas superfícies. É utilizado para móveis residenciais e comerciais, de preferência retilíneos. Possui boa estabilidade e garante bom acabamento. Além disso, tem boa fixação de ferragens e para o uso interno é mais rentável que o MDF.
- **OSB – *Oriented Strand Board*** – É uma placa composta por tiras de madeira prensadas. Como é um material rugoso, aceita somente aplicação de verniz e tinta. Essas chapas são empregadas em painéis, tapumes de obras e móveis. Possui resistência a umidade e pode ser utilizada em ambientes externos.
- **Compensado Laminado** – É feito com diversas lâminas de madeira de mesma espessura, que são coladas sucessivamente transformando-se em chapas. Tem boa resistência mecânica e é utilizado na fabricação de móveis e prateleiras.
- **Compensado Sarrafeado** – É composto por chapas com sarrafos de madeiras cortados que são colados lado a lado em um mesmo sentido. Essa placa é mais resistente e com menor grau de empenamento. É indicado para a produção de portas e estrutura de móveis.⁷⁵⁵

MEANDRO
méandre [fr]

[Or] Motivo de ornamentação formado de linhas que dão voltas sobre si mesmas (REAL, 1962, p. 335).

MECENATO

[Ap] Apoio econômico, por parte de um indivíduo, de uma organização particular ou do Estado, ao produtor cultural, de modo genérico, ou à produção de uma obra cultural, em particular. O termo deriva do nome próprio, *Mecenas*, Caio Clínio Mecenas que serviu ao Imperador Augusto (63 a.C. – 14 d.C.).⁷⁵⁶

MEDALHA

[Ou] Peça de metal, geralmente redonda, cunhada em memória de personagem ilustre, ou representando assunto de devoção, com emblema, efígie e inscrição, usada ao pescoço, ou servindo de berloque na corrente do relógio (DAMASCENO, 1987, p. 33).

MEDALHÃO

1. [De] Qualquer figura inscrita numa moldura oval ou circular.⁷⁵⁷ 2. [Ig] Termo que, nas igrejas, designa o ornato oval ou circular dentro do qual se colocam representações de santos ou alegorias alusivas a assuntos de

⁷⁵⁵ Disponível em: <<https://martelaria.com.br/blog/madeira-conheca-cada-tipo/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

⁷⁵⁶ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

⁷⁵⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	devoção (DAMASCENO, 1987, p. 33). 3. [Es] Trabalho em baixo-relevo, de talha ou escultura de pedra, que é usado como ornato ao alto de arcos-cruzeiros ou em portadas de igrejas. 4. [Mo] Diz-se <i>mobiliário de medalhão</i> , aquele em cujas peças aparecem ornatos em baixo-relevo, sob a forma de medalhões (ÁVILA, 1979, p. 157).
MÉDIO-RELEVO ou MEIO-RELEVO <i>bajo relieve [esp]</i> <i>middle or</i> <i>half relief [ing]</i> <i>mezzorilievo [it]</i> <i>demi-bosse [fr]</i>	[Es] Espessura de metade do vulto de uma figura sobre um plano (TEIXEIRA, 1995, p. 63). [Es] Assim se denominam os painéis de escultura, que não contêm nas suas configurações, mais que a metade do seu preciso vulto (CASTRO, 1937, p. 55). [Es] Figura ou ornato que ressaí do fundo, no sentido da espessura, como o alto e o baixo-relevo. Expressão menos usada que baixo-relevo, devido à sutileza da transição dos planos (REAL, 1962, p. 338). Ver ESCULTURA .
MEDRONHO	[Or] Representação de um fruto em forma de baga redonda (IMC, 2011, p. 123).
MEDULA <i>midollo [it]</i>	[Bo] Parte central da madeira, células que constituem o crescimento original da árvore. A sua posição marca o centro de crescimento a partir do qual gerou o crescimento da árvore (COELHO; QUITES, 2014, p. 135).
MEIA-CANA <i>demi-canal [fr]</i>	[It] Moldura côncava em forma de meio círculo. O mesmo que canelura (ÁVILA, 1979, p. 157).
MEIA CÔMODA	[Mo] Cômoda mais alta do que larga. ⁷⁵⁸
MEIA-COLUNA <i>demi-ceint, colonne</i> <i>adossée [fr]</i>	[Ar] Metade de uma coluna aparente porque a outra metade está engastada na parede (REAL, 1962, p. 337).
MEIA-FIGURA <i>media figura [esp]</i> <i>half-legth</i> <i>sculpture [ing]</i> <i>mezze figure [it]</i> <i>demi-figure [fr]</i>	[Es] Representação de uma figura, pintada ou esculpida até a cintura. O mesmo que meio-corpo (TEIXEIRA, 1995, p. 62).
MEIA-LARANJA <i>demi-cercle [fr]</i>	[Or] Ornato ou outro elemento em forma de meia esfera (ÁVILA, 1979, p. 62).
MEIA-LUA	1. [Or] Qualquer objeto ornamental que apresenta essa forma. 2. [Ic] Na simbologia católica, é insígnia de Nossa Senhora da Conceição, aparecendo como um de seus atributos nas imagens que a representam (ÁVILA, 1979, p. 157). Também chamado <i>crescente</i> .

⁷⁵⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MEIA-NATUREZA <i>demi-nature [fr]</i>	[Es] Representação de uma figura com a metade do tamanho natural do modelo (TEIXEIRA, 1995, p. 63).
MEIO BUSTO <i>medio busto [esp]</i> <i>half-bust [ing]</i> <i>mezzo busto [it]</i> <i>buste [fr]</i>	[Es] Representação da cabeça, o pescoço e parte dos ombros (TEIXEIRA, 1995, p. 63).
MEIO-CORPO	Ver MEIA-FIGURA .
MELAFÓLIO	Ver ACANTO .
MELINEX®	<p>[Ma] É transparente e siliconado nas duas faces, resiste bem ao calor, à umidade, às gorduras e é antiaderente.⁷⁵⁹ Filme sintético; é uma marca registada que se refere a uma série de 900 tipologias de filme de poliéster. A folha de Melinex® é um filme de politereftalato de etilenoglicol, obtido por um processo de extensão de uma matriz plana e consequente arrefecimento, de modo a prevenir a cristalização. De seguida, o filme é esticado longitudinal e transversalmente de modo a organizar a moléculas. Uma das fases finais de produção é a de submissão do filme a tratamento térmico sob tensão. Da marca Melinex®, dois tipos de filme são usados em conservação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Melinex® “O” – Filme transparente, adequado para procedimentos onde o importante é a sua alta transparência em detrimento das suas propriedades de manuseamento. É vendido em espessuras que variam entre os 125µm e os 175µm. Resistência química: Resistente a ácidos e bases diluídos, gorduras, óleos, solventes orgânicos, álcoois e hidrocarbonetos. Muito resistente a cetonas e ésteres. Aplicações: Acondicionamento de microfilmes e base para montagens fotográficas. Utilizado como filme separador durante operações de conservação e restauro. • Melinex® “S” – Filme com uma aparência levemente translúcida com excelentes características de manuseamento. É vendido em espessuras que variam entre os 36µm e os 125µm. Resistência química: Muito resistente a cetonas e ésteres, sendo que não se degrada na presença de ácidos e bases diluídos, gorduras, óleos, solventes orgânicos, álcoois e hidrocarbonetos. Aplicações: Utilizado como material auxiliar em prefixações, assim como para coberturas para trabalhos em mesa de vácuo ou mesa de baixa pressão. Sinonímia: poliéster, Millar (PEIXOTO, 2012, p. 120).
MENIR <i>menhir [fr]</i>	[Ap] Monumento celta que consiste num bloco de pedra levantado verticalmente (REAL, 1962, p. 338).

⁷⁵⁹ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

MENISCO <i>ménisque [fr]</i>	[Es] Entre os antigos se dava este nome a uma chapa em forma de calota que se colocava por cima da cabeça das estátuas para defendê-las dos rigores do tempo (REAL, 1962, p. 338).
MENUISIER	[At] Quem trabalha com a madeira maciça (QUEIMADO, 2007, p. 183). Ver EBANISTERIA.
MERINAQUE	[In] Saia enfunada por arcos ou varas flexíveis; saia-balão (NUNES, 2008, p. 96).
MERINÓ	[Ou] Tecido feito com lã de carneiro merinó (originário da Espanha) (NUNES, 2008, p. 96).
MESA	[Mo] Peça de mobiliário, composta basicamente de pés em número variado e de tampo em formatos diversos - quadrado, retangular, redondo, oval ou poligonal - possuindo, ou não, caixa com gavetas. Quando apresenta o tampo dobradiço, denomina-se <i>mesa de aba e cancela</i> (DAMASCENO, 1987, p. 33).
MESA DE CAVALETE	[Mo] Mesa em uso na Idade Média que consiste numa longa tábua de madeira sobre cavaletes, e que pode ser coberta por toalhas (QUEIMADO, 2007, p. 183).
MESA HOLANDESA	[Mo] Mesa de pequenas dimensões, com gavetas, pernas arqueadas em recortes e entramento trabalhado, geralmente usada para serviços de copa e cozinha. Os portugueses costumavam denominá-la também <i>mesa espanhola</i> (ÁVILA, 1979, p. 157).
MESQUINHO	[Ac] O estilo mesquinho se chama o que é oposto ao grandioso dos Artistas Antigos Gregos e Romanos (CASTRO, 1937, p. 56).
MESTICA	[Pi] Camada de preparação. É uma imprimatura muito colorida composta por terras coloridas misturadas com um aglutinante oleoso ou com um verniz. Tem o objetivo de constituir o fundo colorido para a pintura. ⁷⁶⁰
MESTRE <i>maestro [esp]</i> <i>a master of art [ing]</i> <i>maestro [it]</i> <i>maître [fr]</i>	1. [At] Aquele que dirige a oficina e ensina o ofício (TEIXEIRA, 1995, p. 63). 2. [Ou] Aquele que é versado numa arte ou ciência. Professor/Professora (NUNES, 2008, p. 96). MESTRE-DE-OFÍCIO – Profissional habilitado, mediante exame de licença, a exercer a responsabilidade de determinado ramo de ofício, de acordo com as regras do Regimento dos Oficiais Mecânicos, vigente no reino de Portugal já no século XVI. Exemplos: mestre-de-obras, mestre-pintor, mestre-carpinteiro, mestre-canteiro, etc. (ÁVILA, 1979, p. 62).
METADADOS	[Mu] Dados estruturados e codificados, que descrevem e permitem

⁷⁶⁰ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<p>acessar, gerenciar, compreender e/ou preservar outros dados ao longo do tempo.⁷⁶¹ São os itens de descrição de objetos e documentos. O termo foi criado por Jack Myres em 1969, para denominar os dados que descreviam registros de arquivos convencionais. Existem padrões de metadados, sobretudo para as áreas de arquivística e de biblioteconomia, alguns de alcance mundial. No caso da documentação museológica, chamamos de metadados os campos das fichas catalográficas e dos bancos de dados. É pela definição de padrões de metadados que conseguimos organizar as informações sobre os objetos estabelecendo, inclusive, hierarquias de informação, permitindo relacionamentos e facilitando a busca pelas informações de interesse do pesquisador (ACAM PORTINARI, 2010, p. 105).</p>	
<p>METAL</p>	<p>[Me] Minerais que têm como característica o brilho e condutibilidade elétrica. Dentre os mais conhecidos vamos ter: ferro, bronze, cobre, chumbo, alumínio, titânio, prata, ouro, etc. Os metais são muito utilizados nas construções, como reforços estruturais. Nos sítios históricos, eles vão ser encontrados na forma de ligas metálicas – união de dois ou mais metais, com a finalidade proporcionar resistência (se for utilizado em construção) ou condutibilidade elétrica –, em peças como: cravos, pregos, parafusos, dobradiças, aldrabas, maçanetas, batedores, talheres, moedas, adornos corporais, objetos lúdicos, bélicos, etc.⁷⁶²</p>
<p>METÁTOMO <i>métatome ou métoche [fr]</i></p>	<p>[Ar] Espaço entre dois dentículos de uma cornija (REAL, 1962, p. 339).</p>
<p>MÉTODOS MICROANALÍTICOS</p>	<p>[Ex] Quando os métodos analíticos são comparados de acordo com a quantidade de substância que está sendo analisada, a seguinte classificação pode ser feita: macro, semimicro e microanálise. Mediante a pequena disponibilidade de amostra quando se trata do estudo de obras de arte, faz-se uso de microanálises. Geralmente esta técnica envolve reações feitas em placa de porcelana e o uso de um microscópio para exame de reações microcristalográficas. Os métodos microanalíticos utilizados para o exame da composição de obras de arte são os testes microquímicos e testes de solubilidade (SERRATE, 2011, p. 29).</p>
<p>MÉTOPA ou MÉTOPE <i>métope [fr]</i></p>	<p>[Ar] Espaço entre os tríglifos do friso dórico geralmente coberto por placa de mármore ornada de esculturas em baixo-relevo (REAL, 1962, p. 340).</p>
<p>MHN</p>	<p>[Og] Museu Histórico Nacional.</p>
<p>MICA</p>	<p>[Ma] Silicato de alumínio de brilho metálico; o mesmo que <i>malacacheta</i>,</p>

⁷⁶¹ PEQUENO Glossário. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁷⁶² Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcaovarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

<i>mica</i> [fr]	com a qual se faz incrustações para fins decorativos (REAL, 1962, p. 340). Degrada-se em temperaturas acima de 900 a 1000 °C.
MICÉLIO <i>Micelio</i> [it]	[Bi] Corpo vegetativo dos fungos. ⁷⁶³
MICROESFERA DE VIDRO <i>microesferas de vidrio</i> [esp]	[Ma] Pó fino branco composto por vidro oco, que apresenta forma esférica e baixa granulometria. Como as microesferas são ocas, seu peso é muito leve em comparação com seu volume. Eles são usados como um aditivo em muitas formulações de polímeros para modificar suas qualidades tixotrópicas. No campo da restauração, também são usadas como material abrasivo em processos de limpeza de materiais de pedra, através de sua projeção através de microbrocas de areia. Apesar de terem uma dureza de sete na escala de Mohs, a esfericidade deste material permite uma limpeza menos agressiva do que aquelas feitas com a projeção de materiais granulares angulares. As microesferas de vidro também são usadas como um enchimento inerte em algumas formulações de massas de injeção para a consolidação de pinturas murais (MUÑOZ VIÑAS; OSCA PONS; GIRONÉS SARRÓ, 2014, p. 204) e esculturas. São utilizadas como carga em consolidantes acrílicos para preenchimentos.
MICROANÁLISE	[Ex] Exame feito a partir de um micro levantamento da camada cromática e preparação e que permite, por diferentes métodos, identificar o tipo de pigmento, vernizes, aglutinante, colas e cargas utilizados (QUEIMADO, 2007, p. 183).
MICROSCOPIA	[Ex] A microscopia estuda diminutas amostras de pintura ou de outras matérias. Utiliza-se um microscópio binocular de 6 a 50x. Pode-se identificar características evidentes de rachaduras em uma camada de tinta, falhas, manchas, existência de mofo e outras deteriorações. Utiliza-se microscopia ocasional para um reconhecimento especial de materiais como madeira, fibras de papel e outros suportes. ⁷⁶⁴ A análise de pigmentos presentes em uma obra de arte através da microscopia ótica é feita através de laminas de pó ou material granulado, obtidos através da raspagem de uma quantidade de amostra. O material é disperso em uma resina de índice de refração conhecido e observado no microscópio. Para a observação de espécies que permanecem opacas mesmo quando a sua espessura é de 30 micrômetros, o método escolhido é a microscopia de luz refletida , frequentemente chamada de microscopia de luz incidente . Uma vez que a luz não é transmitida através dessas partículas, ela precisa ser direcionada para a superfície da mesma e retornar para a objetiva do microscópio. A microscopia de luz polarizada (<i>polarized light</i>

⁷⁶³ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁷⁶⁴ Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

microscopy, PLM) é designada para observar e fotografar espécies que são visíveis primeiramente devido ao seu caráter opticamente anisotrópico. Os microscópios de luz polarizada possuem um alto grau de sensibilidade e podem ser usados para estudos tanto qualitativos quanto quantitativos em um grande número de espécies anisotrópicas. A **microscopia qualitativa** é bem popular, na prática. Em alguns campos da ciência, essa técnica foi relativamente abandonada e substituída por técnicas como fluorescência e difração de raios-X. Porém, a análise de um material em um microscópio pode detectar misturas e pequenos traços de elementos constituintes e identifica substâncias amorfas, como é o caso de alguns pigmentos. Diferencia grãos de uma mesma composição, mas com diferentes tamanhos e formas e faz uso de amostras muito pequenas (na ordem de nano ou picogramas). Dentro da geologia, o estudo de rochas e minerais fazendo o uso do microscópio de luz polarizada é chamado de *petrografia* (SERRATE, 2011, p. 31-33).

MICROSCOPIA ELETRÔNICA DE VARREDURA SEM-EDX (microscopia eletrônica de varredura - espectroscopia de raios x de energia dispersiva)

Técnica onde a varredura de uma amostra com um feixe de elétrons permite obter imagens, em preto e branco, de alta resolução, acima de 100.000 ampliações, o que possibilita estudar detalhes de sua morfologia. A análise elementar da superfície também é obtida.⁷⁶⁵

MICROESPECTROSCOPIA DE INFRAVERMELHO

Técnica em que um espectroscópio infravermelho é associado a um microscópio.⁷⁶⁶

MICRÓTOMO

[Eq] É um instrumento lacerante para preparar cortes em seção das camadas de pintura destinadas ao exame microscópio e microquímico.⁷⁶⁷

MIGRAÇÃO ÁCIDA

[Dt] Transferência da acidez de um material ácido para outro não ácido (ou com grau menor de acidez), quando os dois materiais estão juntos (SPINELLI JR, 1997, p. 77).

MIMÉTICA

Ver **REINTEGRAÇÃO CROMÁTICA**.

MINC

[Og] Ministério da Cultura.

MINERAL

[Ma] Substância sólida, homogênea, natural e inorgânica, com composição química susceptível de variar dentro de determinados limites,

⁷⁶⁵ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/microscopia-electronica-de-rastreo-sem-edx-scanning-electron-microscopy-energy-dispersive-x-ray-spectroscopy>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

⁷⁶⁶ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/microespectroscopia-de-infrarrojo>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

⁷⁶⁷ Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

	e estrutura cristalina bem definida. ⁷⁶⁸
--	---

MINHOTO	Ver RABO DE MINHOTO (junta de) .
---------	---

MÍNIMA INTERVENÇÃO	[Re] Parágrafo 7 do novo Código de Ética do conservador-restaurador de bens culturais ⁷⁶⁹ (brasileiro): Em qualquer trabalho executado em um bem cultural, o conservador-restaurador deve envidar esforços para atingir o máximo de qualidade de serviço, recomendando e executando aquilo que julgar ser o melhor no interesse do bem cultural, independente de sua opinião sobre o valor ou qualidade do mesmo e sempre de acordo com o princípio do respeito e da mínima intervenção possível.
---------------------------	--

MÍNIO <i>minio [esp]minium,</i> <i>red lead, red oxide of lead [ing]</i> <i>minio [it]</i> <i>minium [fr]</i>	[Ma] Fórmula: Pb ₃ O ₄ . Óxido salino de chumbo, de cor vermelha. Tem propriedades isolantes. ⁷⁷⁰ Também conhecido como <i>vermelho de chumbo</i> . É um dos mais antigos pigmentos sintéticos, já usado em tempos clássicos, com tonalidade laranja brilhante. A palavra <i>miniatura</i> vem do verbo latino <i>miniare</i> , isto é, "escrever com <i>minium</i> ". ⁷⁷¹ Nome que os antigos davam ao cinábrio (sulfureto vermelho de mercúrio pulverizado). Na Idade Média era com o cinábrio que se preparava a tinta vermelha usada pelos calígrafos na ornamentação dos códices. Ainda hoje é usado em pintura e em peças de ferro para as preservar da ferrugem. O mesmo que <i>zarcão</i> (REAL, 1962, p. 340).
--	---

MIRRITA <i>myrrhite [fr]</i>	[Pe] Ágata pequena (REAL, 1962, p. 341).
--	--

MISERICÓRDIA <i>miséricorde [fr]</i>	1. [Mo] Num cadeiral no coro de uma igreja, é a extremidade esculpida do assento, que quando recolhido verticalmente, oferece ao clérigo a possibilidade de repouso em caso de longas permanências de pé (QUEIMADO, 2007, p. 184). Também chamado de <i>descanso</i> . 2. [Ou] Instituição de piedade e caridade. Obras de misericórdia – os quatorze preceitos da Igreja concernentes aos diversos modos de exercer a caridade. As Misericórdias eram confrarias masculinas, pois atividades como visitar prisões e hospitais, à época, dificilmente seriam realizadas por mulheres (NUNES, 2008, p. 97).
--	---

⁷⁶⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁷⁶⁹ CÓDIGO DE ÉTICA DO CONSERVADOR-RESTAURADOR DE BENS CULTURAIS. Publicação conjunta das associações e entidades representantes de classe: Associação Brasileira de Encadernação e Restauo (Aber); Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (Abracor); Associação Paulista de Conservadores e Restauradores (APCR); Associação Catarinense de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (ACCR); Associação de Conservadores Restauradores de Bens Culturais do Rio Grande do Sul (ACOR-RS) e Associação de Restauradores e Conservadores de Bens Culturais (Arco.IT, Paraná), dez. 2013.

⁷⁷⁰ GLOSSÁRIO de Restauo (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauo.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁷⁷¹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/minio>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

MISONEÍSMO <i>misonéisme [fr]</i>	[Ap] Aversão sistemática a tudo que é novo; atitude prejudicial ao progresso das artes (REAL, 1962, p. 341).
---	--

MISSAL <i>missel [fr]</i>	[Rg] Do latim <i>missalis</i> . Livro que contém o ritual da missa para todos os dias do ano (Ciclo Litúrgico). O nome missal substituiu o de <i>sacramentário</i> . quando o sacrifício eucarístico recebeu o nome de missa. O missal atual foi editado após o Concílio do Vaticano II, pelo Papa Paulo VI (TRINDADE, 1998, p. 390). Missal de altar. Por vezes, as suas capas são enriquecidas por guarnições de metal precioso, de modo a conferir maior dignidade a esta alfaia litúrgica (IMC, 2011, p. 92). MISSAL ROMANO – Conjunto de textos para celebração da missa de acordo com o rito latino. Consta de dois livros: <ul style="list-style-type: none"> • o Missal – o livro de altar ou das orações e • o Lecionário – livro das leituras (NUNES, 2008, p. 99).
-------------------------------------	--

MISSÃO JESUÍTICA	[Rg] Diferentemente das outras ordens religiosas, cuja instalação no Brasil acompanhava o ritmo do povoamento, a Ordem dos Jesuítas, tinha um projeto definido, a atividade missionária com meta prioritária de evangelização. Mas além de conquistar mais fiéis no Rio Grande do Sul, havia as finalidades políticas, facilitar o domínio da colônia pelas coroas europeias. As incursões religiosas cristãs na América do Sul, surgiram entre os séculos XVII e XVIII, constituíram 30 povos jesuítico-guarani na Região Platina, onde hoje estão localizados os territórios da Argentina, Paraguai, Paraná até São Paulo e Rio Grande do Sul. Somente na segunda metade do século XVII surgem os Sete Povos das Missões dos Índios Guaranis: São Nicolau (1626), São Francisco de Borja (1682), São Luiz Gonzaga (1687), São Miguel Arcanjo (1687), São João Batista (1690), São Lourenço Mártir (1697) e Santo Ângelo Custódio (1706), no oeste do atual território do Rio Grande do Sul, integradas ao modelo missionário espanhol (as reduções). A catequese dos índios em reduções, consistia no ensino dos princípios do Evangelho, com auxílio da arte, na conquista espiritual na tentativa de adaptar os nativos ao trabalho organizado e a escultura foi uma das formas artísticas, das quais os jesuítas utilizaram nestes objetivos. As Missões só foram incorporadas ao território lusitano em 1750, com o Tratado de Madri, em troca da Colônia de Sacramento. Após este Tratado, e com a expulsão dos jesuítas em 1767-68, as Missões foram palco de vários conflitos (BACHETTINI, 2002).
-------------------------	--

MISSIONEIRO	Relativo às antigas missões jesuíticas do Uruguai e do Paraná; diz-se do natural ou habitante desses lugares (REAL, 1962, p. 341).
--------------------	--

MISSIONÁRIO	[Rg] Padre, empregado nas missões (NUNES, 2008, p. 99).
--------------------	---

MISTÃO OU MIXTÃO <i>mistión [esp]</i>	[Ma] Mordente composto de resina, essência e vermelhão que serve para fixar o ouro ao óleo (TEIXEIRA, 1995, p. 63).
---	---

MISTÉRIOS	[Rg] Composição teatral da Idade Média, cujo assunto era quase sempre retirado da Sagrada Escritura ou da vida dos santos. Festas populares que a Igreja estabeleceu para louvar os mistérios da fé. Esses espetáculos eram realizados no adro das igrejas e congregavam a população da cidade (NUNES, 2008, p. 99).
MÍSTICO <i>mystique [fr]</i>	[Ic] Alegórico; simbólico; de sentido oculto. Assunto místico em arte: aquele que é inspirado nas coisas da <i>psiquê</i> (REAL, 1962, p. 341).
MISTILÍNEO	[Or] Formado em parte por linhas retas e em parte por linhas curvas; designação de ornatos assim feitos (REAL, 1962, p. 341).
MISTIFICAÇÃO <i>mystification, fraude [fr]</i>	[Ap] Falsificação de obras de arte com o fito de burlar, enganar (REAL, 1962, p. 341).
MISTURA ÓTICA	[Cor] propriedade do olho humano em sintetizar as cores formando outras (NEVES, 2013, p. 97-98).
MÍSULA <i>consola [esp] bracket [ing] consolle [it] console, tas de charge [fr]</i>	1. [Rb] Suporte ornamental em talha de madeira ou cantaria. Peça de sustentação de imagens, saliente e com a parte superior mais larga que a inferior ou ao contrário (TEIXEIRA, 1995, p. 63), ou com maior profundidade do que altura. 2. [Ar] Elemento arquitetônico com diversas formas, suspenso, adossado e saliente da parede, cuja função é a de sustentar vigas, molduras, janelas, arcos ou varandas. Por vezes, serve de apoio a uma escultura (IMC, 2011, p. 123), ou de decoração. Também chamada <i>peanha</i> ou <i>mênsula</i> por alguns autores contemporâneos ⁷⁷² , à maneira do consolo, aparece em retábulos ou paredes (ÁVILA, 1979, p. 158).
MITOLOGIA <i>Mythologie [fr]</i>	[Ou] Ciência dos mitos; conjunto de fábulas. Em Arte, diz-se das figuras representando cenas ou personagens inspirado na Mitologia (REAL, 1962, p. 341).
MITRA <i>mitre [ing] mitria [it] mitre [fr]</i>	1. [Rg] O poder espiritual do Papa. A dignidade, a jurisdição, o património de um bispo, arcebispo ou patriarca (TRINDADE, 1998, p. 390). 2. [In] Espécie de barrete de forma cônica, fendido na parte superior, com duas fitas anexadas à inferior. Constitui insígnia eclesiástica usada por bispos, arcebispos, cardeais, abades e outros prelados que tenham permissão especial da Santa Sé (DAMASCENO, 1987, p. 33), usada para a realização de certas cerimônias. Cobertura de cabeça, formada por duas peças rígidas, de forma ovalóide ou triangular, podendo ser ligadas entre si por tecido. Da parte posterior pendem duas

⁷⁷² CONJUNTO... 2007, p. 177.

<p>tiras estreitas, os pendentos. Em tecido rico, profusamente ornamentado⁷⁷³, por vezes com a aplicação de pedrarias, as mitras integram os adereços de paramentaria têxtil, apenas existindo a sua representação em prata associada às esculturas devocionais dos santos que obtiveram essa dignidade eclesiástica (IMC, 2011, p. 92). 3. [In] Carapuça de papel que se colocava na cabeça dos condenados da Inquisição (NUNES, 2008, p. 100). MITRA DE IMAGEM SAGRADA – Atributo de imagem sagrada, geralmente uma estátua, aludindo à sua condição de santo bispo (THESAURUS, 2004, p. 104).</p>	
<p>MIXTION <i>mixtión [esp]</i> <i>mixtion [ing]</i> <i>missione [it]</i> <i>mixtion [fr]</i></p>	<p>1. [Ma] Cola ou aglutinante, cuja função é aderir uma folha metálica, ou unir partículas finas de metal (LANGLE; CURIE, 2009, p. 989). 2. [Tc] Técnica de dourado, também chamada de <i>mordente</i>. A folha de ouro é aplicada sobre um fundo oleoso de secagem lenta. O dourado “a mixtion” está largamente em uso desde os finais do séc. XVIII.⁷⁷⁴</p>
<p>MÓ <i>muela [esp]</i> <i>whetstone [ing]</i> <i>mola [it]</i> <i>meule [fr]</i></p>	<p>[Eq] Pedra de afiar instrumentos cortantes (TEIXEIRA, 1995, p. 63).</p>
<p>MOBILIÁRIO <i>ameublement,</i> <i>meublier, meuble [fr]</i></p>	<p>1. [Mo] Relativo à mobília. Ao lado da arte da talha, desenvolveu-se em MG, no período colonial, uma arte do mobiliário, de grande apuro artesanal e apresentando, em alguns casos, características bem definidas de estilo. Excelentes exemplares de mesas, camas, arcas, armários, etc., que constituem o chamado <i>mobiliário colonial mineiro</i> (ÁVILA, 1979, p. 158). 2. [Ig] Mobiliário de igreja: confessionário, arcaz, credência, sólio, cátedra, estala (NUNES, 2008, p. 100).</p>
<p>MOCHETA <i>mouchette [fr]</i></p>	<p>Ver LISTEL.</p>
<p>MOCHO <i>escabeau [fr]</i></p>	<p>[Mo] Banco sem encosto, de assento quadrado ou redondo, para uma só pessoa (ÁVILA, 1979, p. 158).</p>
<p>MOCOA</p>	<p>[Ma] Resina americana, de que os indígenas fazem um verniz semelhante ao charão (REAL, 1962, p. 342).</p>
<p>MODELADO</p>	<p>[Ce] Técnica de fabrico da cerâmica de peças únicas que ganham forma</p>

⁷⁷³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁷⁷⁴ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<i>modelado [esp]</i> <i>modelled [ing]</i> <i>modellato [it]</i> <i>modèle [fr]</i>	pela ação direta do artesão ou do artista através do uso da mão ou de instrumentos. ⁷⁷⁵ Técnica de manufatura, à mão livre, a partir de massa informe, até atingir a forma desejada. ⁷⁷⁶
MODELAGEM <i>modelage [fr]</i>	[Tc] Operação pela qual o escultor, o estatuário executa em gesso, barro ou qualquer substância maleável a sua obra, para depois ser fundida (REAL, 1962, p. 342).
MODELAR <i>modeler [fr]</i>	[Ce] É o exercício de fazer várias configurações em barro, em cera, e às vezes em estuque (CASTRO, 1937, p. 56).
MODELO <i>modelo [esp]</i> <i>an artist's model [ing]</i> <i>modello [it]</i> <i>modèle [fr]</i>	1. [Tc] Peça em tamanho natural ou reduzido feita para servir de guia na reprodução, com o objetivo de ser passada para outra matéria (TEIXEIRA, 1995, p. 63). 2. [Es] Em Escultura, é o exemplar que serve de guia às esculturas, que por ele se executam em mármore, em madeira, e em metal (CASTRO, 1937, p. 56). MODELO-VIVO – [Ap] Pessoa que posa para o artista (REAL, 1962, p. 343).
MODERNISMO <i>Modernisme [fr]</i>	[Et] Nome genérico de todo movimento avançado. Através da receptividade a novas técnicas, novas tendências, novas teorias, própria aos artistas de vanguarda, tornou-se possível o surgimento, no século XX, do cubismo, do neoplasticismo, do super-realismo, etc. etc. correntes do modernismo (REAL, 1962, p. 343).
MODILHÃO <i>modiglione [it]</i> <i>modillon [fr]</i>	1. [Or] Aplique saliente e geralmente entalhado, usado como decoração ou suporte em peças de mobiliário. 2. [Ar] Ornato arquitetônico em forma de “S” invertido, usado como elemento de sustentação (DAMASCENO, 1987, p. 34), suporte ou consolo, e pendente da cornija (ÁVILA, 1979, p. 158).
MODÍOLO	[Ar] Espaço que fica entre os modilhões (REAL, 1962, p. 343).
MODOSTUC®	[Ma] Massa de preenchimento. Pasta à base de carbonato de cálcio com pequenas quantidades de sulfato de bário. É vendida em várias colorações que vão desde o branco, o amarelo, castanho e avermelhado. Pasta aquosa, não muito densa. Não é tóxica nem inflamável. Pode ser aplicada em paredes, muros e cimento. Em conservação, a sua aplicação principal trata-se do preenchimento de lacunas no suporte e na policromia. Armazenar em local fresco e bem ventilado, longe dos raios solares (PEIXOTO, 2012, p. 122).
MÓDULO <i>module, étalon [fr]</i>	[Ce] Unidade de repetição composta por um ou vários azulejos, cuja justaposição cria o revestimento de padrão. Os motivos decorativos são concebidos tendo em vista o uso em repetição, existindo para tal

⁷⁷⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁷⁷⁶ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

	elementos de ligação e alternâncias de centros que garantem a continuidade da trama ornamental do padrão. ⁷⁷⁷
--	--

MOFO	[Dt] O termo “mofo” é popularmente usado para descrever uma substância de aspecto aveludado, produzida pelos fungos, que cresce na superfície dos materiais orgânicos. Também é utilizado para detalhar o crescimento de uma variedade de microrganismos, especialmente o dos fungos que provocam deteriorações nos objetos de valor cultural. Os “mofos ou fungos bolorentos” crescem sobre qualquer substrato que contenha os nutrientes necessários, inclusive o papel, os adesivos, o couro, os têxteis e todos os suportes orgânicos. Certas espécies preferem os amidos, as gomas e as proteínas facilmente degradáveis, como a base do papel e algumas tintas de desenho; enquanto outras são capazes de degradar a celulose e outros polímeros constituintes dos objetos de valor histórico-artístico. Isto faz com que o suporte se debilite e se manche de maneira irreversível (CALOL, 2013, p. 52).
-------------	---

MOGNO	[Md] Do inglês <i>mahogany</i> . Madeira de lei muito apreciada em marcenaria, existente na América Meridional e na Índia (REAL, 1962, p. 344).
--------------	---

MOINHO DE BOLAS	[Ce] Máquina constituída de um cilindro dentro do qual há uma certa quantidade de seixos, bolinhas de ferro ou de porcelana que permite a trituração de materiais cerâmicos (REAL, 1962, p. 344).
------------------------	---

MOIRÉ	[Ds] Desenho dos veios em forma de superfície aquática (TEIXIDO I CAMI, 1997).
--------------	--

MOLADA	[Tc] A porção de tinta que se mói de cada vez com a moleta (REAL, 1962, p. 344).
---------------	--

MOLDADO	[Ce] Técnica de manufatura de cerâmica realizada com o auxílio de um molde. ⁷⁷⁸
----------------	--

MOLDADOR <i>mouleur [fr]</i>	1. [At] Artífice que faz ou que prepara moldes (para fundição, peças de cerâmica, etc.). 2. [Eq] Instrumento de entalhador para ornar as molduras (REAL, 1962, p. 344).
--	---

MOLDAGEM <i>moulage [fr]</i>	1. [Tc] Operação de moldar, acomodando ao molde ou vazando em molde. 2. [Es] Operação que consiste em aplicar sobre a escultura uma substância própria que reproduzirá os seus contornos para servir de molde; reprodução com o auxílio do molde assim obtido. 3. [Ce] Acomodação da peça em molde de gesso que constituirá contraprova (matriz) para reprodução de muitas outras (REAL, 1962, p. 344).
--	---

⁷⁷⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁷⁷⁸ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcaovarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

<p>MOLDE <i>molde [esp]</i> <i>mould,</i> <i>mother mould [ing]</i> <i>forma, stampo [it]</i> <i>moule [fr]</i></p>	<p>1. [Tc] Modelo oco de um objeto para dele se tirar reproduções. O molde de uma escultura é feito em diversas peças separadas que se reúnem para a fundição (REAL, 1962, p. 344). Peça única ou composta por diversas partes, geralmente feita de gesso, que constitui o negativo de uma peça e permite numerosas reproduções da mesma.⁷⁷⁹ 2. [Ce] Técnica de confecção das louças que substitui o torno a partir de 1750.⁷⁸⁰ MOLDE DE BOA FORMA – O molde de peças destacáveis que fornece várias provas. MOLDE PERDIDO – Aquele que só fornece uma prova porque teve que ser partido para desenformar (REAL, 1962, p. 345).</p>
<p>MOLDURA <i>bordure, cadre,</i> <i>moulure [fr]</i></p>	<p>[Or] Ornamento de enquadramento, mais ou menos saliente, de contorno plano, circular ou ovalado (IMC, 2011, p. 123). Peça lisa ou lavrada, de formato e material variáveis, com que se cercam e/ou guarnecem pinturas, desenhos, estampas, painéis e espelhos. Ornato com cercadura saliente em obras de arquitetura ou de marcenaria (DAMASCENO, 1987, p. 34).</p> <ul style="list-style-type: none"> • As molduras de perfil plano – cornija, filete, listel, platibanda e plinto. • As molduras de perfil convexo – astrágalo e cordão, bocel e toro, quarto de círculo e quarto de círculo reverso. • As molduras de perfil côncavo – apófige, caveto direito, caveto reverso, gola e peanha. • As molduras de perfil côncavo e convexo – ducina direita e reversa, gola direita ou talão, gola reversa ou talão (REAL, 1962, p. 345).
<p>MOLDURA DE VARA <i>cadre uni [fr]</i></p>	<p>[Ou] Moldura para quadro, lisa, sem estilo definido, tendo apenas os cantos trabalhados (REAL, 1962, p. 345).</p>
<p>MOLDURAGEM <i>mouluration [fr]</i></p>	<p>[It] Conjunto de molduras que adorna uma peça de arquitetura (REAL, 1962, p. 345).</p>
<p>MOLDURAR ou EMOLDURAR <i>moulurer [fr]</i></p>	<p>[Ou] Ornar com moldura; encaixilhar em moldura. MOLDUREIRO – Fabricante de molduras; artífice especialista em fazer ou guarnecer com molduras (REAL, 1962, p. 345).</p>
<p>MOLEDO</p>	<p>[Pe] Rocha decomposta em calhaus ou saibro grosso; terra mole (ÁVILA, 1979, p. 63).</p>
<p>MOLETA <i>moleta [esp]</i></p>	<p>1. [Eq] Instrumento ou pilão de cristal, vidro, pedra, porcelana ou mármore utilizado para triturar pigmentos ou a folha de ouro com mel na</p>

⁷⁷⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁷⁸⁰ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

<i>grindstone [ing]</i> <i>macinello [it]</i> <i>molette, broyeur [fr]</i>	fabricação do ouro de concha (TEIXEIRA, 1995, p. 63). 2. [Ce] Pequena roda (como roseta de espora) com caracteres gravados para imprimir decorações na pasta cerâmica quando ainda mole (REAL, 1962, p. 345).
MOLHABILIDADE	[De] É a habilidade de um líquido em manter contato com uma superfície sólida, resultante de interações intermoleculares quando os dois são colocados juntos (FÉLIX, 2013, p. 104).
MONÁSTICO <i>monastique [fr]</i>	[Rg] Que diz respeito a monges, à vida monástica (REAL, 1962, p. 346).
MONGIL	[In] Túnica talar para mulheres (REAL, 1962, p. 346).
MONO <i>magot [fr]</i>	[Ic] Figuras grotescas cujas dimensões da cabeça são exageradas. Há, na arte chinesa e japonesa, tais figuras pintadas ou esculpidas em porcelana, bronze ou marfim, que são pequenas maravilhas (REAL, 1962, p. 346).
MONOCROMÁTICO <i>monochromie [fr]</i>	[Pi] Que é pintado com uma só cor (REAL, 1962, p. 346). Ver ESCULTURA POLICROMADA.
MONOCRÔMICO	[Pi] Pintura ou traço de apenas uma cor. ⁷⁸¹
MONOCROMO <i>monochrome [fr]</i>	[Cor] De uma só cor (REAL, 1962, p. 346).
MONOGRAMA <i>monogramme [fr]</i>	[De] Letra, ou letras entrelaçadas, utilizadas em substituição da assinatura. ⁷⁸² Iniciais relacionadas a um padrão gráfico (LANGLE; CURIE, 2009, p. 300).
MONOLIFORME	[De] Que tem a forma de rosário ou colar (REAL, 1962, p. 346).
MONÓLITO <i>monolithe [fr]</i>	[Pe] Obra ou monumento feito de um só bloco de pedra. Os obeliscos são monólitos (REAL, 1962, p. 346).
MONÔMERO	[Qm] Cada um das moléculas simples, de baixo peso molecular, que, sob certas condições, se unem formando cadeias de moléculas muito longas, as macromoléculas (FÉLIX, 2013, p. 104).
MONÓPTERO <i>monoptère [fr]</i>	[Ar] Templo circular e sem paredes, cuja cúpula é sustentada por uma só ordem de colunas (REAL, 1962, p. 346).
MONOTRÍGLIFO <i>monotriglyphe [fr]</i>	[Ar] É o espaço de um tríglifo e de duas métopas, entre duas colunas da ordem dórica (REAL, 1962, p. 348).

⁷⁸¹ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

⁷⁸² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<p>MONÓXILO <i>monóxilo [esp]</i> <i>made of wood in one piece [ing]</i> <i>monoxilo [it]</i> <i>monoxyle [fr]</i></p>	<p>[Es] Elemento ou obra de madeira executada em uma só peça de madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 63).</p>
<p>MONTAGEM <i>montaje [esp]</i> <i>assembly, mount [ing]</i> <i>montatura [it]</i> <i>montage [fr]</i></p>	<p>[Ge] Reunião de várias peças para formar um todo completo (TEIXEIRA, 1995, p. 63).</p>
<p>MONTANTE <i>rampante [fr]</i></p>	<p>[It] Estrutura de ferro ou madeira nos caixilhos de vidro. Diz-se também da moldura de porta ou janela (ÁVILA, 1979, p. 63).</p>
<p>MONTRA <i>montre [fr]</i></p>	<p>[Ou] O mesmo que mostruário e vitrine (REAL, 1962, p. 348).</p>
<p>MONUMENTO <i>monument [fr]</i></p>	<p>[Pa] Monumento é toda realização particularmente notável em função de seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, incluídos as instalações ou os elementos decorativos que fazem parte integrante desta realização.⁷⁸³ É uma identidade identificada pelo seu valor e que constitui um suporte da memória. Nele, a memória reconhece aspectos relevantes que guardam uma relação com atos e pensamentos humanos, associados ao curso da história e, todavia, acessíveis a todos (CARTA DE CRACÓVIA, 2000).</p>
<p>MORDEDURA</p>	<p>[Tc] Efeito da incisão da goiva sobre a madeira (TEIXIDO I CAMI, 1997).</p>
<p>MORDENTE <i>mordiente [esp]</i> <i>mordant [ing]</i> <i>mordente [it]</i> <i>mordant [fr]</i></p>	<p>[Ma] Trata-se de uma cola, um adesivo à água ou à óleo que se usa para adesão da folha de ouro à superfície. Existem dois tipos de mordentes. A variedade normal é um verniz oleoso que contém amarelo-de-cromodourado, e que deve ser aplicado na noite de véspera. Mantém a sua aderência por quarenta e oito horas e é, portanto, útil para operações longas, como a decoração de murais. Sua cor amarela não só torna as áreas claramente visíveis mas serve também para dissimular pequenas falhas a uma certa distância. O outro tipo é um verniz sintético transparente, de cor âmbar, às vezes chamado de <i>mordente de douração japonês</i> ou <i>mordente de secagem rápida</i>. Com estes materiais pode-se aplicar uma folha de ouro dentro de uma hora; o período de tempo em que permanece neste estágio varia de acordo com o tempo, a natureza da superfície, etc. Mas ele se torna totalmente seco e não mais adesivo dentro do período relativamente curto de tempo. O mordente feito com óleo supostamente produz efeitos mais brilhantes que o mordente de</p>

⁷⁸³ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

	secagem rápida. O grau exato de aderência é conseguido quando, ao se tocar a superfície com a ponta de um dedo, sentir-se algo pegajoso, mas não úmido (LOURENÇO, 2003, p. 73-86).
--	--

MORDER	[Tc] Aplicar o mordente (TEIXEIRA, 1995, p. 64).
<i>morder [esp]</i>	
<i>to bite, to etch [ing]</i>	
<i>mordere [it]</i>	
<i>mordre [fr]</i>	

MORRIÃO	[In] Antigo capacete de bordas levantadas e com tope enfeitado (REAL, 1962, p. 349).
<i>morion [fr]</i>	

MORTAGEM	[Tc] Malhete, chanfradura na extremidade de uma peça de madeira para receber o topo de outra peça (TEIXEIRA, 1995, p. 64).
<i>mortaja [esp]</i>	
<i>mortise [ing]</i>	
<i>incassatura, cava,</i>	
<i>incavo [it]</i>	
<i>mortaise [fr]</i>	

MORTALHA	1. [Eq] Oco que se faz no cabo para encaixar a espiga da goiva (TEIXIDO I CAMI, 1997). 2. [In] Vestidura em que se envolve o cadáver para ser enterrado (NUNES, 2008, p. 100).
-----------------	--

MOSAICO	[Ce] Revestimento decorativo de paredes ou pisos em que se formam desenhos com pequenos pedaços de pedras ou outros materiais (ÁVILA, 1979, p. 63). MOSAICO CERÂMICO – Composição decorativa para pavimentos constituída por peças cerâmicas autónomas, de formas variadas (polígonos hexagonais estrelados ou outros), justapostas segundo regras de repetição. ⁷⁸⁴
<i>mosaïque [fr]</i>	

MOSCÓVIA	[Ma] Couro curtido, em cor geralmente roxa ou castanha, originariamente da Rússia, com que se cobriam arcas, cadeiras, tamboretos, etc., no antigo mobiliário mineiro (ÁVILA, 1979, p. 158).
-----------------	--

MOSQUEADO	[Tc] Manchado, salpicado de diversas cores (REAL, 1962, p. 349).
<i>madré [fr]</i>	

MOSSA	[Tc] Entalho, cavidade feita por pressão (TEIXEIRA, 1995, p. 64).
<i>hendidura,</i>	
<i>muesca [esp]</i>	
<i>notch, dent, indetation,</i>	
<i>score [ing]</i>	
<i>dentello, tacca [it]</i>	
<i>encoche, entaille [fr]</i>	

⁷⁸⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MOSTEIRO <i>monstère, moutier [fr]</i>	[Rg] Habitação de monges ou monjas. Convento, igreja, junto da qual havia uma família obrigada a esmolar e a hospedar frades, sacerdotes ou peregrinos (NUNES, 2008, p. 100).
MOSTRA <i>montre, étalage [fr]</i>	[Mu] Exposição; objetos expostos em mostruário (REAL, 1962, p. 350).
MOSTRENGO <i>marmouset [fr]</i>	[Es] Figura desajeitada, pequena figura grotesca em mísulas, arremates, platibandas, etc. (REAL, 1962, p. 350).
MOTIVO <i>motivo [esp]</i> <i>a motif [ing]</i> <i>motivo [it]</i> <i>motif [fr]</i>	[Ap] Assunto ou tema de uma obra artística (TEIXEIRA, 1995, p. 64). Representação geométrica, geralmente complexa, que só aparece uma ou duas vezes, tornando-se um tema único. ⁷⁸⁵
MOURISCOS	[Or] Também denominados mourescos, é um termo utilizado para descrever certo tipo de folhagens debuxadas pelos ourives, de inspiração muçulmana (IMC, 2011, p. 123).
MÓVEIS	[De] Quando comportam um sistema ou mecanismo, destinado a alterar a posição.
MOVIMENTO <i>entraîn [fr]</i>	[Ap] Diz-se de certas qualidades de vivacidade, de espontaneidade, de imaginação e facilidade de execução que os artistas transmitem às suas obras (REAL, 1962, p. 350).
MOZETA <i>mozzetta [ing]</i> <i>mozzetta [it]</i> <i>mozette [fr]</i>	[In] Murça eclesiástica ou prelatícia (NUNES, 2008, p. 100). Capa curta e com pequeno capuz, aberta ou abotoada à frente, usada, durante o inverno, nos ofícios do coro, sobre a sotaina ou, eventualmente, sobre a sobrepeliz ou o roquete, por determinados clérigos (Papa, cardeais, bispos, abades, cónegos) como sinal de jurisdição. A cor e o tipo de tecido variam consoante o tempo litúrgico e a dignidade eclesiástica do clérigo que o usa. O capuz é costurado ou aplicado com botões ou colchetes. O clero que não usufrui o direito de usar mozeta ou os meninos de coro podem usar uma romeira de forma idêntica (em francês, diz-se <i>camail</i>) (THESAURUS, 2004, p. 174).
MUCILAGEM	[Ma] Secreção viscosa rica em polissacarídeos encontrada nos cactos e que, quando misturada com a caiação, modifica suas propriedades (KANAN, 2008, p. 166).
MUDÉJAR <i>mudéjare [fr]</i>	[Et] Diz-se do estilo mourisco que se espalhou pela península ibérica (REAL, 1962, p. 350).
MUIRUQUITÃ	[Es] Amuleto talhado em nefrita (jade), com formas diversas (batráquios,

⁷⁸⁵ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

	quelônios, serpentes, etc.) (REAL, 1962, p. 350).
--	---

MÚLEOS <i>pope's slippers [ing]</i> <i>pantofole papali [it]</i> <i>mules du pape [fr]</i>	[In] Sapatos utilizados pelo Papa durante as cerimônias litúrgicas com as vestes litúrgicas ou fora da igreja no tempo comum. São em marroquim, lã ou veludo de seda, durante o inverno, e seda, durante o verão, vermelhos ou brancos, com uma cruz bordada, sobre a gáspea, atados com um cordão de ouro com borlas da mesma cor (THESAURUS, 2004, p. 164).
--	---

MURÇA <i>almuce [ing]</i> <i>almucio [it]</i> <i>aumusse [fr]</i>	[In] Pequena capa redonda, abotoada na frente, caindo até o cotovelo, usada por certas dignidades eclesiásticas, em cima da sobrepeliz. A cor da murça eclesiástica varia conforme a dignidade, sendo preta para os cônegos, violeta para os bispos e vermelha para os cardeais. Varia também de acordo com as ordens religiosas (DAMASCENO, 1987, p. 34).
---	--

MURUCU	[Ab] Haste longa ornamentada com plumas e desenhos em alto-relevo, tendo numa das pontas uma lança e na outra um maracá trabalhado na própria madeira. Servia como insígnia de chefe e para guiar os guerreiros nos combates. Hoje serve para puxar as danças (REAL, 1962, p. 351).
---------------	---

MUSEALIZAÇÃO	[Mu] Processo pelo qual um objeto, ao ser retirado do fluxo cotidiano, integra uma coleção museológica e passa a ter um valor de representação. O processo de musealização implica todas as etapas do sistema de ações museológicas (ACAM PORTINARI, 2010, p. 105).
---------------------	---

MUSEOLOGIA <i>muséologie [fr]</i>	[Mu] Ciência que estuda o fato museal caracterizado pela relação entre o homem e o objeto em um cenário institucionalizado e ideal: o museu (ACAM PORTINARI, 2010, p. 105).
---	---

MUSEU <i>museo [esp]</i> <i>museum [ing]</i> <i>museo [it]</i> <i>musée [fr]</i>	[Mu] É uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade. ⁷⁸⁶ Existem várias definições oficiais do que é museu. A Secretaria de Estado da Cultura adota uma das mais recentes e aceitas pela comunidade museológica nacional e internacional: a definição aprovada pela 20ª Assembleia Geral do Conselho Internacional de Museus – ICOM em Barcelona, Espanha, 6 de julho de 2001: “Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade” (ACAM PORTINARI, 2010, p. 105).
---	---

MUSGO	1. [Bo] Pertencem à divisão das Briófitas (<i>Bryophyta</i>) que são vegetais, na maioria terrestres, apresentando características que as separam das
--------------	---

⁷⁸⁶ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

algas e das plantas vasculares. Compreendem esta divisão plantas herbáceas e pequenas, sem tecidos condutores (vasos) diferenciados.⁷⁸⁷ 2. [Dt] No caso dos objetos de origem inorgânica, tais como pedras, esculturas ao ar livre, cerâmicas, vidros e metais, é levada a cabo por musgos, plantas superiores e microrganismos autotróficos, que possuem as potencialidades metabólicas específicas para executar determinadas reações. Em alguns casos podem se estabelecer determinadas inter-relações entre os diferentes grupos (CALOL, 2013, p. 58).

MÚTULO [Ar] Modilhão largo, sem ornato, em cornija da ordem dórica (REAL, 1962, p. 352).
mutule [fr]

MYXOSTONE M3P [Ma] Aplicado em calcários porosos, mármore, estuques, argamassas, etc.

⁷⁸⁷ Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18862>>. Acesso em: 19 nov. 2018.



NACELA	Ver ESCÓCIA .
NACRITA	[Ma] Uma das variedades mais importantes do caulim (REAL, 1962, p. 353).
NAFTA <i>naphta [esp]</i> <i>nafta [it]</i>	[Ma] Termo genérico utilizado para designar os produtos voláteis destilados do petróleo. Refere-se também aos subprodutos destilados do alcatrão de carvão (<i>coal-tar</i>). Na restauração, é empregada a nafta VW&P (Varnish Maker's and Painter's Naphta), um solvente muito fraco para óleos e resinas de pinturas a óleo. É utilizado para limpezas de ceras, etc., pois não afeta a camada pictórica (ROSENFELD, 1997, p. 81).
NANÔMETRO	[Me] É um milionésimo de milímetro (FONSECA, 2014, p. 23).
NANQUIM	[Ma] Tinta negra composta de negro-de-fumo, pigmento originado da fuligem de resíduos de petróleo queimado. Usado desde a Pré-história, este é considerado o primeiro pigmento conhecido pelo homem. Disponível em versão líquida ou em barra, pode ser aplicado com caneta ou pincel. ⁷⁸⁸ Tinta à base de carvão, é a tinta caligráfica mais primitiva e de maior estabilidade. ⁷⁸⁹
NAOS	[Ig] Palavra de origem grega muitas vezes usada como nave – corpo da igreja (REAL, 1962, p. 353).
NAPEIAS <i>napée [fr]</i>	[Ic] Ninfas dos bosques e dos prados; dríades (REAL, 1962, p. 353).
NÁRTEX <i>narthex [fr]</i>	[Ig] Trata-se de um espaço localizado na entrada das igrejas sob a tribuna do coro. Antigamente era o espaço destinado a separar a igreja do barulho da rua, onde se reuniam os penitentes e catecúmenos, para os atos que precedem o batismo. Quando o catecumenato perdeu sua competência e cessaram as penitências públicas, o nártex diminuiu cada vez mais, sendo transformado em um pórtico no adro em toda a fachada,

⁷⁸⁸ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/desenho>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁷⁸⁹ PEQUENO Glossário Dinâmico da Disciplina Conservação e Restauração de Documentos. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

	era também chamado de paraíso, cuja denominação vem da Antiguidade, porque nele encontrava-se o pátio interno arborizado com a fonte. ⁷⁹⁰ Considerado uma espécie de vestíbulo transversal, que precede a nave de uma igreja, separada por colunas, gradil ou parede (ÁVILA, 1979, p. 65).
NATIVIDADE <i>nativité [fr]</i>	[Ic] Diz-se em arte sacra, da representação do nascimento de Jesus (NUNES, 2008, p. 105).
NATURALISMO <i>naturalisme [fr]</i>	[Ap] Doutrina que busca inspiração direta na natureza e a reproduz com fidelidade nas artes (REAL, 1962, p. 354).
NATUREZA <i>nature [fr]</i>	[Pi] Representação real de um objeto ou assunto da natureza. Usa-se a expressão francesa <i>d'après nature</i> para designar toda obra de arte copiada diretamente da natureza (REAL, 1962, p. 354).
NAVE	[Ig] Espaço interno da igreja que vai desde a entrada até o arco-cruzeiro, ocupando total ou parcialmente o corpo do edifício. Algumas igrejas apresentam naves laterais separadas da nave central por colunas ou pilastras (DAMASCENO, 1987, p. 34). O nome vem do latim <i>navis</i> = navio. Nos primórdios do Cristianismo o volume da igreja dava-lhe a impressão de um navio. A proa era figurada pela abside e a popa pela fachada simbolizando que a igreja é a sociedade dos fiéis, comparável a uma nau no alto mar, velejando para o porto da eternidade, nas ondas agitadas deste mundo, evocando uma ideia de força e segurança numa travessia difícil. No século XII, sofrem as igrejas uma série de modificações e ao simbolismo da nau integrou-se o simbolismo da cruz, ficando a igreja, como imagem de Cristo na cruz: o corpo era representado pela nave, os dois braços pelo transepto e a cabeça pela abside. ⁷⁹¹
NEGATOSCÓPIO <i>négatoscope [fr]</i>	[Eq] Aparelho que torna visíveis as imagens dos raios X que, após passarem através do corpo examinado, são projetadas. ⁷⁹²
NEGRÃO <i>sauce [fr]</i>	[Ma] Pó de cré preto, empregado no desenho a esfuminho, vulgarmente conhecido sob a denominação francesa de <i>sauce</i> (REAL, 1962, p. 354).
NEGRO DE CARVÃO	[Ma] Fórmula: C. Carbono amorfo que é obtido da calcinação de algumas madeiras selecionadas, sendo a videira a mais apreciada. Suas

⁷⁹⁰ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 154.

⁷⁹¹ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 154.

⁷⁹² Disponível em:
<<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=negatosc%C3%B3pio>>. Acesso em: 09 out. 2018.

<i>negro de carbón, negro de vid [esp]</i>	partículas retêm a estrutura celular do material usado. Portanto, o pigmento obtido possui tons azulados e possui baixo poder de cobertura (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 87).
NEGRO DE FUMO <i>negro de humo [esp]</i>	[Ma] Fórmula: C. Carbono amorfo. Pigmento preto sintético. É obtido a partir da combustão de gases, óleos e outras matérias orgânicas cuja fuligem é coletada de diferentes maneiras. Os negros obtidos com estes procedimentos são pigmentos estáveis e têm sido usados desde a antiguidade (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 87).
NEGRO DE MARFIM ou NEGRO DE OSSO <i>negro marfil [esp]</i>	[Ma] Fórmula: C + Ca ₃ (PO ₄) ₂ . Antigamente era obtido da calcinação do marfim, mas agora o marfim foi substituído por ossos de animais. O pigmento preto obtido contém carbono amorfo e quantidades notáveis de fosfato de cálcio e carbonato de cálcio. Sua cor é preta-azulada e tem um notável poder de cobertura. Hoje é o preto mais utilizado na pintura, em todas as suas técnicas (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 88).
NEOCLÁSSICO <i>Néo-classique [fr]</i>	[Et] Tendência de estilo inspirado nas ordens clássicas e escultura baseada na época greco-romana e que se desenvolveu no início do século XIX (REAL, 1962, p. 354). No Brasil, surgiram na talha alguns exemplares de retábulos de estrutura arquitetônica, com colunas caneladas, de gosto neoclássico. ⁷⁹³
NEOCOLONIAL	[Et] Surto artístico que apareceu no princípio do século XX no Brasil visando restabelecer a arquitetura colonial dos séculos XVII e XVIII (REAL, 1962, p. 354).
NEOGÓTICO	[Et] Estilo que retoma o vocabulário construtivo e decorativo do estilo gótico ou ogival, que surge na Inglaterra ainda no século XVIII, vai espalhar-se pela Europa no século XIX, chegando ao Brasil na segunda metade do oitocentos, principalmente na arquitetura religiosa e trazido pelos padres das congregações francesas instaladas no Brasil, como os lazaristas. Pode ser encontrado também em série de retábulos e altares neogóticos, construídos em mármore ou madeira, algo de mobiliário e peças de arte funerária, como túmulos. ⁷⁹⁴
NERVURA	[Or] Ou nervurado é de uso corrente na decoração de talha dourada e principalmente em pratária, para denominar as saliências entre os gomos de certas peças. ⁷⁹⁵

⁷⁹³ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 155.

⁷⁹⁴ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 155.

⁷⁹⁵ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 155.

NEUTRALIZAÇÃO	[Re] Eliminação da acidez de um material pelo uso de produto químico alcalino (SPINELLI JR, 1997, p. 77).
NEUTRO <i>neutre [fr]</i>	1. [Cor] Diz-se das colorações apagadas, vagas, sem tonalidade predominante (REAL, 1962, p. 355). 2. [Qm] O nível de ácido-base, quando neutro é igual a 7,0. Se o nível for entre 0 e 6 é ácido. E se for entre 8 e 14, a solução é básica, ou alcalina.
NICHO <i>nicho, hornacina [esp]</i> <i>niche [ing] nicchia</i> <i>[it] niche [fr]</i>	[Rb] Cavidade ou vão de formas variadas em parede, muro, retábulo, arco-cruzeiro, fachada de igreja, etc., destinado à colocação de imagens, figuras ou objetos ornamentais como vasos, urnas (ÁVILA, 1979, p. 159). Há nicho de altar, de tabernáculo, fingido ou simulado. Ver EDÍCULA e ORATÓRIO. NICHO ARBÓREO - Nicho devocional colocado numa árvore para assinalar um local de paragem e oração. NICHO DEVOCIONAL - Estrutura de tipo arquitetônico, que pode atingir as dimensões de um pequeno templo, erguida para proteger uma imagem sacra (pintura, escultura, placa, painel de azulejos, etc.) geralmente com iconografia mariana, colocada fora ou no interior de uma igreja ou de um edifício público ou privado, inserida no muro de um recinto, geralmente numa encruzilhada ou isolada em campo aberto (THESAURUS, 2004, p. 60). NICHO EXTERNO – Era costume nas antigas vilas e cidades mineiras, a presença, nas fachadas ou cunhais esquinados, de algumas casas residenciais, de pequenos vãos ou saliências, à maneira de nichos ou oratórios, vedados por portinholas de madeira ou vidraça, onde se colocavam imagens da devoção de seus moradores (ÁVILA, 1979, p. 159).
NIMBO <i>nimbo, aureola [esp]</i> <i>nimbus [ing]</i> <i>nimbo,</i> <i>corona di raggi [it]</i> <i>nimbe [fr]</i>	[Ab] Círculo ou auréola luminosa que cinge a cabeça de santos ou das Pessoas Divinas, nas representações plásticas (DAMASCENO, 1987, p. 34). Coroa luminosa que envolve a cabeça de um personagem e indica sua santidade. Pode ser de diversas formas e ter mais ou menos ornamentação. O halo crucífero, isto é, o halo com uma cruz inscrita no interior, é do próprio Cristo. Frequentemente, os caracteres do Antigo Testamento são representados com um <i>nimbus</i> poligonal, enquanto os do Novo Testamento o carregam ao redor. Na ocasião, Judas é retratado com um nimbo preto. ⁷⁹⁶ Círculo de luz que envolve a cabeça de Deus, de figuras santificadas e do Espírito Santo, evidenciando a sua sacralidade e elevando-as na sua espiritualidade. Por vezes, um nimbo cruciforme envolve a cabeça de Cristo (IMC, 2011, p. 123). Ver AURÉOLA.
NIPAGIN®	[Ma] Fórmula: C ₈ H ₈ O ₃ . Fungicida. Pó fino, com uma estrutura cristalina em forma de agulha. Solúvel em etanol. Parcialmente solúvel em água e benzeno. Utilizado como agente conservante em adesivos, tintas e cosmética. Produto tóxico. Evitar inalações e contato com a pele. Sinonímia: Metilparabeno (PEIXOTO, 2012, p. 122).

⁷⁹⁶ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/nimbo>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

NIVELAMENTO	<p>[Re] As áreas em que houve perda de algum dos estratos componentes da policromia da peça, promovendo um desnível ou a interrupção da continuidade da leitura formal da superfície, podem ou não ser niveladas. Ato de recompor a superfície pictórica, nivelando e dando textura idêntica da camada pictórica original.⁷⁹⁷ NIVELAMENTO DE BORDA – O nivelamento de borda é somente de borda, para dar estabilidade à perda. A qualidade do nivelamento é de suma importância para a reintegração cromática que será feita posteriormente, e que em última instância será responsável pela aparência estética da obra restaurada, pois uma reintegração cromática feita sobre um nivelamento mau feito não funciona. Existem vários materiais que podem ser utilizados para o nivelamento. O importante é que estes sejam reversíveis, estáveis e duráveis. A composição é feita de uma carga com um adesivo.⁷⁹⁸ Ver MASSA DE NIVELAMENTO.</p>
<p>NÓ <i>nudo [esp]</i> <i>a knot [ing]</i> <i>nodo [it]</i> <i>noeud [fr]</i></p>	<p>1. [Md] Do latim <i>nodus</i>. É a parte do tronco da árvore por onde saem os ramos. Na madeira é considerado um defeito encontrado nas madeiras que as faz ficarem mais duras nessa área. É também denominado de <i>nó podre</i> (TEIXEIRA, 1995, p. 65). 2. [Es] Elemento estrutural e decorativo de ligação de uma peça, sobressaindo à meio da haste de um cálice ou da base tubular de uma cruz processional, entre outras, podendo assumir várias formas geométricas ou de certos elementos arquiteturais (IMC, 2011, p. 123). 3. [Or] Elemento decorativo em forma de bola, esfera, bulbo ou bolacha, usado em objetos torneados, como balaústres ou pernas de móveis, prataria com colunas de cálices, âmbulas, custódias ou castiçais.⁷⁹⁹</p>
NOGUEIRADO	<p>[Ma] Corante que se obtém da casca da noz e que se usa dissolvido em água para imitar a cor da noqueira (TEIXIDO I CAMI, 1997).</p>
<p>NÔMINA <i>reliquiario a borsa [it]</i></p>	<p>[Li] Bolsa onde se guardam relíquias. Oração escrita e guardada numa bolsinha para nos livrar do mal (NUNES, 2008, p. 105).</p>
NORMAS TÉCNICAS	<p>[Ou] Documentos que contêm especificações técnicas ou critérios precisos a serem usados como regras, diretrizes, ou definições de características, para assegurar que materiais, produtos, processos e serviços estejam de acordo com seus propósitos (PARÂMETROS... Roteiros Práticos 5, 2004, p. 40).</p>
NU	<p>[Ap] Diz-se de toda representação da figura humana despida (REAL,</p>

⁷⁹⁷ Disponível em: <http://www.maurobandeira.com/restauro/sobre_r.html>. Acesso em: 12 set. 2017.

⁷⁹⁸ Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

⁷⁹⁹ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 156.

	1962, p. 356).
NUA <i>nue [fr]</i>	[De] Diz-se das superfícies lisas, sem ornatos ou saliências (REAL, 1962, p. 357).
NUANÇA, MATIZ ou ANCENÚBIO <i>nuance, teinte [fr]</i>	[Cor] Cada um dos diversos matizes por que pode passar uma cor (REAL, 1962, p. 357).
NUME <i>Divinité [fr]</i>	[Ic] Divindade mitológica; gênio (REAL, 1962, p. 357).
NÚMERO DE OURO	Ver PROPORÇÃO ÁUREA.
NYLON SOLÚVEL <i>nylon soluble [esp]</i>	[De] É obtido pela dissolução da poliamida PA 6-6 com ácido fórmico, formaldeído e metanol. Nylon solúvel foi utilizado na conservação-restauração de bens culturais como um adesivo e consolidante, mas seu uso é atualmente desaconselhável. ⁸⁰⁰

⁸⁰⁰ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1188387>>. Acesso em: 9 out. 2018.



OBCÔNICO	[De] Que tem a forma de um cone invertido (REAL, 1962, p. 359).
OBCORDIFORME	[De] Que tem a forma de um coração invertido (REAL, 1962, p. 359).
OBJETO DE CULTO	[Rg] Objetos associados a rituais e cerimônias religiosos sejam eles de cultura popular ou de natureza institucionalizada (por exemplo: cálice, ostensório) (ACAM PORTINARI, 2010, p. 78). Os objetos de uso litúrgico - missa ou procissão: pálio, sobraceu, umbela, cera (vela), missal, pala, pedra d'ara, santos óleos, sacras, flabelo, sanguinho. Objetos de uso do devoto: escapulário, bentinho, terço, rosário, ex-voto, encólpio, relicário (NUNES, 2008, p. 15).
OBRA <i>oeuvre, ouvrage [fr]</i>	[Ge] Trabalho; labor; coisa feita, fabricada (REAL, 1962, p. 359).
OBRA ATRIBUÍDA <i>oeuvre attribuée [fr]</i>	[Ap] Obra cujo autor não é conhecido com certeza, mas que um conjunto de critérios - histórico, estilístico e técnico - permite conectar-se ao corpus de um artista ou escola (LANGLE; CURIE, 2009, p. 258).
OBRA DE ARTE <i>obra de arte [esp]</i> <i>work of art [ing]</i> <i>opera d'arte [it]</i> <i>oeuvre d'art,</i> <i>objet d'art [fr]</i>	[Ap] Obra que pelo seu aspecto, seu valor, merece essa designação; obra executada por artista (REAL, 1962, p. 359).
OBRA DE OFICINA <i>oeuvre d'atelier [fr]</i>	[Ap] Trabalho realizado pelos colaboradores de um artista, na sua oficina ou com a sua aprovação e, por vezes, até com a sua participação. Neste caso, é reconhecido como parcialmente original (LANGLE; CURIE, 2009, p. 259).
OBRA EFÊMERA <i>oeuvre éphémère [fr]</i>	[Ap] Trabalhos realizados com materiais instáveis, em sua maioria orgânicos, ou em meios com fragilidade ou com destino temporário, assumidos pelo autor, com dificuldade de conservação (LANGLE; CURIE, 2009, p. 243).
OBRA ORIGINAL <i>oeuvre originale [fr]</i>	[Ap] Trata-se de uma obra única concebida por um (ou vários) escultor e inteiramente executada por sua mão. A composição do trabalho original resulta da invenção do escultor, ou de seu trabalho da natureza a partir da ideia que ele teve. Também são considerados como originais, as

	reproduções de um modelo original esculpido e destruído durante a fabricação nas técnicas de moldagem e fundição (estampas originais em barro, gesso, cópias originais em metal fundido). Durante as fases de criação, o tratamento do mesmo assunto pode levar à execução sucessiva de vários trabalhos originais preparatórios (esboço, modelo preparatório, modelo final) e vários trabalhos originais definitivos (versões) (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 546).
OBRA PRIMA <i>chef d'oeuvre [fr]</i>	[Ap] Obra de arte capital e superior; a melhor obra de um artista (REAL, 1962, p. 359); pode ser também a melhor obra de uma época.
OBSCURECIDO <i>terni [fr]</i>	[Pi] Turvo; fosco; sem brilho (REAL, 1962, p. 359).
OBSIDIANA <i>obsidiana [esp]</i> <i>obsidian [ing]</i> <i>ossidiana [it]</i> <i>obsidienne [fr]</i>	[Pe] Rocha vulcânica da mesma composição que o riolito, mas com uma estrutura completamente vítrea e muito compacta. Geralmente é preta, mas também é encontrada em tons muito escuros de verde ou marrom. Foi utilizado em tempos pré-históricos na indústria lítica e desde a Antiguidade na fabricação de facas e armas de corte, de espelhos (símbolo do poder da cultura Inca), de estatuetas, assim como pedra preciosa e decorativa, por causa de seu bom polimento. ⁸⁰¹
OBTURAÇÃO e OBTURAÇÃO DE GALERIAS	Ver CONSOLIDAÇÃO .
OCAR <i>hacer hueco, vaciar [esp]</i> <i>hollow [ing]</i> <i>cavo [it]</i> <i>rendre creux [fr]</i>	[Tc] Vazar, tornar oca uma peça esculpida (TEIXEIRA, 1995, p. 66).
OCRE <i>ocre [esp]</i> <i>ochre [ing]</i> <i>ocra [it]</i> <i>ocre [fr]</i>	1. [Ma] O termo "ocre" é usado para designar as terras naturais das cores amarela, vermelha ou marrom e usadas como pigmentos. Sua coloração deve-se, principalmente, à presença de óxidos ou hidróxidos de ferro em sua composição: goethita (amarelo ocre); hematita (ocre vermelho); limonita (ocre marrom). O tom também depende da presença de outros minerais, como sílica, gesso, alumínio, magnésio, etc., bem como o estado anidro ou hidratado do óxido de ferro. Ocre são os pigmentos mais antigos a serem usados em técnicas artísticas e foram usados constantemente da Pré-história até o presente. O uso do termo "ocre" é ambíguo, pois não corresponde a um apelo mineralógico próprio e porque seu significado mudou ao longo do tempo. Além disso, geralmente, os

⁸⁰¹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/materias/1001073>>. Acesso em: 10 out. 2018.

termos "ocre", "terra", "Siena" e "sombra" têm sido utilizados sem distinção para identificar os mesmos pigmentos minerais.⁸⁰² 2. [Cor] Designação da cor ocre.

OCRE AMARELO

ocre amarillo [esp]
yellow ochre [ing]
ocra gialla [it]
ocre jaune [fr]

[Ma] Fórmula: $\text{Fe}_2\text{O}_3 \cdot \text{H}_2\text{O}$. Pigmento mineral composto de terras argilosas de tons amarelos, devido à presença da goethita mineral em sua composição. O ocre amarelo foi um dos principais pigmentos em técnicas pictóricas, especialmente para pintura mural - afresco. Eles foram comercializados sob diferentes nomes, dependendo do seu tom ou origem (ocre de Veneza, terra natural de Siena, terra amarela, ocre escuro, etc.). Desde meados do século XIX, começou a ser fabricado artificialmente sob o nome "amarelo de Marte". Seu principal componente era o óxido de ferro fixado na alumina e, ao contrário do pigmento natural, sempre conserva a mesma tonalidade e pureza.⁸⁰³

OCRE MARROM ou CASTANHO

ocre marrón [esp]

[Ma] Fórmula: $\text{Fe}_2\text{O}_3 \cdot \text{H}_2\text{O}$. Ver **TERRA (pigmento)**.

OCRE VERMELHO

ocre rojo [esp]

[Ma] Fórmula: Fe_2O_3 . Pigmento mineral natural ou sintético vermelho. O pigmento natural é um mineral composto de terras argilosas avermelhadas, devido à presença do mineral hematita em sua composição. O pigmento sintético foi obtido a partir da calcinação do amarelo ocre. A cor do produto final depende da composição do ocre inicial e do tempo e temperatura a que foi submetido. O pigmento vermelho assim obtido foi usado desde o Paleolítico em todas as técnicas pictóricas, incluindo o afresco. Sanguina (peróxido de ferro) é um ocre vermelho preparado na forma de uma barra ou lápis, amplamente utilizado desde o Renascimento para fazer desenhos.⁸⁰⁴

ÓCULO

[It] Abertura arredondada – circular, oval ou lobulada – feita nas empenas ou frontões para iluminar e ventilar principalmente os desvãos do telhado.⁸⁰⁵ [Ar] Em arquitetura religiosa ou civil, é uma abertura ou janela circular ou elíptica, destinada à passagem de ar ou de luz. Por vezes, assume formas variadas, para efeitos também decorativos (ÁVILA, 1979, p. 67). Ver **OLHO DE BOI**.

OFICIAL-MECÂNICO

[At] As atividades de ferreiro, latoeiro, carpinteiro, carapina, marceneiro, pedreiro, oleiro, arrieiro, cangalheiro, tecelão, ceramista, telheiro, sapateiro, alfaiate, dentre outros, são delineadas como ofícios mecânicos

⁸⁰² TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1186784>>. Acesso em: 10 out. 2018.

⁸⁰³ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1170953>>. Acesso em: 10 out. 2018.

⁸⁰⁴ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1105705>>. Acesso em: 10 out. 2018.

⁸⁰⁵ CONJUNTO... 2007, p. 177.

rústicos. Por definição, tais ofícios se diferenciam dos artífices ocupados com os trabalhos de imaginária, entalhe, escultura e pintura. O conceito de artista e artífice (ou artesão) pode se confundir no período colonial em Minas Gerais. Segundo Caio César Boschi, os limites que separavam as práticas do mundo do trabalho não se delineavam com clareza (BOSCHI, 1988). De maneira geral, o termo oficial mecânico designava-se ao profissional possuidor de destreza ou maestria na prática de determinado ofício. Contudo, esse domínio prático não se constituía desassociado das clivagens próprias do campo social. Na Colônia, a principal particularidade do oficial era a liberdade para vender o seu produto ou mesmo a sua própria força de trabalho (PEREIRA, 2013, p. 2).

OFICINA <i>taller, estúdio [esp]</i> <i>studio, workshop [ing]</i> <i>bottega, studio [it]</i> <i>atelier [fr]</i>	[Ap] Local de trabalho de um artista. Atelier (TEIXEIRA, 1995, p. 66).
OFÍCIO <i>ofício [esp]</i> <i>art [ing]</i> <i>arte, mestiere [it]</i> <i>métie [fr]</i>	1. [At] Qualquer profissão mecânica ou manual (TEIXEIRA, 1995, p. 66). 2. [Rg] Conjunto das orações e das cerimônias litúrgicas. Ofício divino – a missa, as vésperas. Ofício de defuntos – preces por alma dos finados. Santo ofício – o Tribunal da Inquisição (NUNES, 2008, p. 107).
OIL RED	[Ma] Fórmula: $C_{26}H_{24}N_4O$. Corante que se dissolve em lipídios neutros, apresentando uma cor avermelhada. Usada para identificar triglicéridos neutros e lipídios na identificação de aglutinantes das camadas de preparação e de policromia (PEIXOTO, 2012, p. 123).
OITÃO ou OUTÃO	O mesmo que EMPENA .
OITAVA	1. [Me] Cada uma das oito partes iguais em que alguma coisa se pode dividir. 2. [Rg] Espaço de oito dias consagrado pela igreja à celebração de alguma festa importante (NUNES, 2008, p. 107). 3. [Me] Medida de peso equivalente a 3,58583768 gramas. Seu nome deriva de ser esta medida a oitava parte da <i>onça</i> . Roberto Simonsen ⁸⁰⁶ aproxima seu valor para 3,6 gramas (ÁVILA, 1979, p. 212). O mesmo que DRACMA .
ÓLEO <i>aceite [esp]</i> <i>oil [ing]</i>	[Ma] Substância gordurosa, líquida, viscosa, e de origem animal, vegetal, mineral ou sintética, é inflamável e combustível, insolúvel em água, mas solúvel em certos solventes orgânicos. Há diversos tipos de óleo que

⁸⁰⁶ Roberto Cochrane Simonsen, engenheiro, industrial, administrador, professor, historiador e político, nasceu em Santos, SP (18/02/1889), faleceu, no salão nobre da Academia Brasileira de Letras (25/05/1948). Foi membro de inúmeras instituições, nacionais e estrangeiras, entre as quais os institutos históricos e geográficos de São Paulo, Santos e Rio de Janeiro; a Academia Paulista de Letras; a Academia Portuguesa da História; o Clube de Engenharia do Rio de Janeiro; o Instituto de Engenharia de São Paulo; o National Geographic Society, de Washington e o Royal Geographic Society, de Londres. Disponível em: < <http://www.academia.org.br/academicos/roberto-simonsen/biografia>>. Acesso em: 10 out. 2018.

olio [it]
huile [fr]

variam conforme a substância da qual é extraído. Os óleos têm um amplo uso desde a antiguidade em alimentos, cosméticos, remédios, etc. Nas técnicas artísticas, alguns óleos têm sido utilizados principalmente na pintura (como óleos secativos, vernizes ou aglutinantes)⁸⁰⁷, e veículo para diluição do pigmento e corante (REAL, 1962, p. 360). Trata-se de um líquido usado como aglutinante na tinta e dotado de secagem com atitude de polimerização: o óleo, espalhado em uma camada fina, tem a propriedade de secar e formar um filme contínuo. O óleo tem uma baixa tensão superficial (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1002). Depois de aplicado, o óleo enrijece por oxidação, formando uma camada vítrea e fornece ao pigmento ação preventiva contra ácidos e gases sulfurosos. O mesmo não acontece com as técnicas a têmpera, em que a tinta, após seca, possui pouca quantidade de aglutinante circundando as partículas dos pigmentos. A denominação de óleo se emprega para os triglicerídeos que possuem cadeia insaturada, e à temperatura ambiente se encontram em estado líquido, enquanto que se denominam gorduras os triglicerídeos de cadeias saturadas que, em mesmas condições, se encontram em estado sólido ou semissólido (SERRATE, 2011, p. 16). [Ab] Óleo (ampola) é um atribulo de São Remígio (TAVARES, 1990, p. 195).

ÓLEO (tinta a)

[Ma] Tinta de consistência pastosa, feita com a dispersão de pigmento em óleo de linho ou outro tipo de óleo secativo. Esta tinta vem embalada em tubos e pode ser aplicada com pincel, espátula e outros instrumentos ou meios. Seu uso foi aperfeiçoado por Van Eyck, no século XV, e continuou a ser aprimorado durante o século XVI. O uso do óleo deveu-se ao fato de os artistas desse período, sentindo a necessidade de explorar novas técnicas de pintura, encontrarem no óleo possibilidades distintas da têmpera, até então empregada (ROSENFELD, 1997, p. 83-84).

ÓLEO DE ALFAZEMA ou DE LANVADA

huile d'aspic [fr]

[Ma] Este material não deve ser confundido com o verdadeiro e perfumado óleo de lavanda (*oleum lavandulae*), uma essência floral usada na perfumaria. O óleo de alfazema é destilado de uma variedade de folhas largas da lavanda, *Lavandula spica*, que cresce na Europa e é extensamente cultivada na Espanha. Foi inicialmente produzido no século XVI, seu uso em larga escala caiu em desuso com a produção e distribuição comercial da essência de terebintina americana. Suas propriedades e características químicas são similares às da essência de terebintina; embora tenha maior tendência pra oxidar quando exposto ao ar. Como se evapora lentamente é recomendado para uso em vernizes para melhorar o nivelamento ou fluidez das pinceladas. A maioria dos pintores o rejeitou em favor da essência de terebintina (MAYER, 1996, p. 491).

⁸⁰⁷ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/materias/1187752>>. Acesso em: 10 out. 2018.

<p>ÓLEO DE BALEIA <i>aceite de ballena [esp]</i> <i>whale oil [ing]</i> <i>huile de baleine [fr]</i></p>	<p>[Ma] Óleo animal extraído da gordura da baleia, usado para proteger couros, fabricar sabonetes, bem como lubrificante.⁸⁰⁸ Usado na construção, como ingrediente na composição de certos betumes para fazer argamassa e essa, por sua vez, é utilizada na fixação de peças (TEIXEIRA, 1995, p. 66).</p>
<p>ÓLEO DE BANANA <i>banana oil [ing]</i> <i>huile de banane [fr]</i></p>	<p>[Ma] Óleo brando de acetato de amila, usado em camadas de proteção de pintura e como solvente de tintas e pigmentos (TEIXEIRA, 1995, p. 66).</p>
<p>ÓLEO DE CÂNHAMO <i>aceite de cáñamo [esp]</i></p>	<p>[Ma] Óleo vegetal extraído das sementes da planta do cânhamo, <i>Cannabis sativa</i>. Tem sido usado desde a Idade Média na fabricação de vernizes. É considerado um bom aglutinante para pintura a óleo, embora não seja facilmente encontrado no comércio.⁸⁰⁹</p>
<p>ÓLEO DE CRAVO <i>huile d'oillette [fr]</i></p>	<p>[Ma] Óleo essencial. O óleo de cravo apresenta vantagem sobre o óleo de alfazema, por possuir sua secagem extremamente lenta, o que retarda o endurecimento da tinta a óleo. Conservante fraco cuja função se limita parcialmente a disfarçar o cheiro de decomposição, como também auxilia a conservação, evitando o crescimento de bolor (MAYER, 1996, p. 364 e 491).</p>
<p>ÓLEO DE GIRASSOL <i>aceite de girasol [esp]</i></p>	<p>[Ma] Óleo vegetal extraído das sementes da planta de girassol, <i>Helianthus annuus</i>. A planta foi introduzida na Europa no século XVI e a extração do óleo foi documentada a partir do século XVIII. O óleo é amarelo claro e é usado nos alimentos e na fabricação de sabonetes. Nas técnicas de pintura, tem sido usado desde o século XIX (especialmente na Europa Oriental) como óleo secante e na fabricação de vernizes⁸¹⁰.</p>
<p>ÓLEO DE LINHAÇA <i>aceite de linaza [esp]</i> <i>linseed oil [ing]</i> <i>huile de lin [fr]</i></p>	<p>[Ma] Óleo vegetal extraído das sementes do linho, <i>Linum usitatissimum</i>. É um líquido amarelado, embora dependendo do seu processo de extração e sua pureza possa ter tonalidades mais escuras. O óleo de linhaça tem sido amplamente utilizado como aglutinante em técnicas artísticas desde a Antiguidade. Desde a Idade Média, foi usado como óleo secativo em tintas, especialmente no norte da Europa, embora seu uso sistemático tenha começado no final do século XV. O óleo de linhaça forma um filme resistente, flexível e elástico, embora tenda a amarelar com umidade e escuridão, uma tendência que diminui quando misturado com óleo de noz ou óleo de papoula. Além disso, com o envelhecimento, a resistência do filme diminui e se torna mais sensível à umidade. Para</p>

⁸⁰⁸ TESAURO. Disponível em: < <http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1187758>>. Acesso em: 10 out. 2018.

⁸⁰⁹ TESAURO. Disponível em: < <http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1187762>>. Acesso em: 10 out. 2018.

⁸¹⁰ TESAURO. Disponível em: < <http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1105858>>. Acesso em: 10 out. 2018.

	além da sua utilização como óleo secante, o óleo de linhaça tem sido utilizado no fabrico de vernizes e tintas. ⁸¹¹
--	--

<p>ÓLEO DE NOZES <i>aceite de nuez [esp]</i> <i>huile de noix [fr]</i></p>	<p>[Ma] Óleo vegetal secativo extraído da noz, o fruto de noqueira, <i>Juglans regia</i>. Ele tem sido usado desde a Antiguidade em técnicas pictóricas como óleo secativo e como aglutinante de pigmentos claros e tintas. Suas principais desvantagens são a tendência a se tornar rançoso e degradar. Geralmente é misturado com óleo de linhaça, para evitar o amarelecimento.⁸¹² O óleo de noz é muito fluido, mais leve que o óleo de linhaça, e é por isso que tem sido usado, especialmente nos séculos XV e XVI, como pasta na cor azul; no entanto, é menos secativo que o óleo de linhaça.</p>
---	--

<p>ÓLEO DE PAPOULA <i>aceite de adormideras [esp]</i> <i>poppyoil, poppyseed oil [ing]</i> <i>olio di papavero [it]</i> <i>huile de pavot [fr]</i></p>	<p>[Ma] Óleo vegetal extraído de sementes de papoula negra <i>Papaver somniferum</i>. Aparece na pintura no século XVII e foi amplamente usado no século XVIII; no entanto, possui a secagem menor dos três óleos antigos; é essa propriedade que o fez ser apreciado no início do século XIX na fabricação de tintas em tubos (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1006). É incolor ou amarelo claro. O óleo de papoula seca menos que o óleo de linhaça, é mais macio e menos resistente a solventes e com certa propensão a rachar. Geralmente é misturado com óleo de linhaça porque amarelece menos.⁸¹³</p>
--	---

<p>ÓLEO ESSENCIAL <i>olio essenziale [it]</i></p>	<p>[Ma] Os óleos essenciais podem ser brevemente descritos como líquidos aromáticos ou perfumados extraídos das flores, folhas, madeiras e outras fontes vegetais, assim como de algumas fontes animais São eles: óleo de cravos, óleo de cedro, óleo de lavanda, óleo de sassafrás, gaultéria, citronela e limão (MAYER, 1996, p. 491). Substância que torna as tintas mais transparentes e fáceis de aplicar. Os óleos essenciais obtêm-se pela destilação de algumas resinas – como a essência de terebintina que se obtém da resina das coníferas – ou de algumas flores, entre as mais comuns, a lavanda, o rosmaninho e espique.⁸¹⁴</p>
---	--

<p>ÓLEO GORDO <i>fatty oil, fixed oil [ing]</i> <i>huile gras [fr]</i></p>	<p>[Ma] Óleo secante composto de alvaiade, óleo de linhaça e talco (TEIXEIRA, 1995, p. 67).</p>
---	---

<p>ÓLEO GRAXO <i>aceite graso [esp]</i></p>	<p>[Ma] Óleo polimerizado por calor ou exposição ao sol, ao qual se adiciona um secativo para acelerar a secagem. Eram óleos de consistência</p>
---	--

⁸¹¹ TESAURO. Disponível em: < <http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1015374>>. Acesso em: 10 out. 2018.

⁸¹² TESAURO. Disponível em: < <http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1030584>>. Acesso em: 10 out. 2018.

⁸¹³ TESAURO. Disponível em: < <http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1030581>>. Acesso em: 10 out. 2018.

⁸¹⁴ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

espessa, que proporcionavam um filme colorido mais suave e mais brilhante.⁸¹⁵ Óleo utilizado para aplicar nas encarnações das imagens no polimento (TEIXEIRA, 1995, p. 67).

ÓLEO SECATIVO

aceite secante [esp]

olio siccativo [it]

huile dessiccatif [fr]

[Ma] Óleo composto por uma mistura de triglicerídeos de ácidos graxos insaturados. Aplicado como um filme fino reage com o oxigênio atmosférico e polimeriza para formar um filme relativamente duro e elástico. A oxidação é acelerada na presença de metais, como cobalto ou manganês. Geralmente vem de produtos naturais, como óleo de linhaça, óleo de noz e óleo de papoula. O óleo secativo é usado como veículo ou aglutinante em tintas.⁸¹⁶ Estes óleos são quimicamente compostos por um éter de glicerina – obtido pela condensação de um álcool – e, pelo menos, por 65% de ácidos graxos insaturados, ácido linoleico e ácido linolênico.⁸¹⁷ A presença de insaturações irá conferir aos óleos o caráter secativo, em que as ligações duplas irão se combinar espontaneamente com o oxigênio atmosférico, iniciando uma cadeia de reações que terminam com a conversão do óleo numa película resistente, insolúvel e transparente denominada linoxina (SERRATE, 2011, p. 17). Segundo Matteini e Moles (2001, p. 128-129), as transformações mais importantes que ocorrem com os óleos devido à presença das duplas ligações em suas cadeias são as seguintes:

- a hidrogenação que os transforma em compostos saturados, estáveis e de maior consistência (gorduras);
- a oxidação de degradação, que os decompõe em compostos oxigenados de baixo peso molecular;
- a oxidação com polimerização, que os transforma em polímeros de consistência sólida.

O óleo de linhaça, exposto ao ar em uma fina camada, começa a absorver lentamente uma quantidade relevante de moléculas de oxigênio. Essas moléculas são adicionadas às duplas ligações carbono-carbono dos ácidos graxos, formando grupos peróxidos instáveis, que por sua vez se rompem muito facilmente, gerando radicais reativos. Esses radicais provocam o estabelecimento de ligações entre diferentes moléculas de triglicerídeo. Dessa maneira se forma progressivamente uma estrutura molecular reticulada. A camada pictórica formada por óleo de linhaça possui, graças a sua estrutura reticulada que engloba moléculas de triglicerídeo no estado líquido, características de resistência, coesão e elasticidade que são razão ao uso histórico tão estendido que se tem deste óleo nas técnicas pictóricas (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 129).

⁸¹⁵ TESAURO. Disponível em: < <http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1190043>>. Acesso em: 10 out. 2018.

⁸¹⁶ TESAURO. Disponível em: < <http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1185478>>. Acesso em: 10 out. 2018.

⁸¹⁷ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

OLHAL	[Ar] Cada um dos vãos ou aberturas de arcos entre pilares de pontes, arcadas, etc. (ÁVILA, 1979, p. 67).
OLHETE <i>hoyo [esp]</i> <i>eye [ing]</i> <i>piccola apertura [it]</i> <i>oeil [fr]</i>	[Tc] Pequena cavidade formada pela junção das dobras dos panejamentos e das figuras (nas articulações de braços e pernas) (TEIXEIRA, 1995, p. 67).
OLHO (atributo)	[Ab] De acordo com Tavares (1990, p. 195) os olhos que são atributos que representam os santos são: <ul style="list-style-type: none"> • Olho com mitra sobreposta: São Claro. • Olhos sobre um livro: Santa Odília. • Olhos sobre um panejamento de linho: São Léger. • Olhos sobre um prato ou taça: Santa Luzia e Santo Everardo.
OLHO DA VOLUTA	[Or] Círculo a partir do qual se desenvolve a espiral de uma voluta (ÁVILA, 1979, p. 161). OLHO-DE-VOLUTA – [Or] Pequeno círculo ornado de florão, na voluta jônica, de onde partem as circunvoluções (REAL, 1962, p. 362).
OLHO-DE-BOI <i>eil-de-baeuf [fr]</i>	[It] Pequeno óculo (ÁVILA, 1979, p. 67). [Ar] Abertura circular ou elíptica feita nos frontões, nos tetos ou paredes para dar luz (REAL, 1962, p. 362).
OLHOS ESMALTE	DE Termo encontrado em nove páginas no livro de Germain Bazin ⁸¹⁸ , estando relacionado com os olhos de vidro em esculturas - <i>com tal realismo e vigor que fazem supor um modelo vivo. As orelhas são buriladas com cuidado – as do personagem mais idoso, com desenho mais pronunciado que as do homem jovem. Surpreende-nos a sinceridade do olhar, quando sabemos que é feito com dois olhos de esmalte. Esquecemos demais ao julgarmos estas esculturas ibéricas que na arte, como na natureza, a vida do olho não é expressa apenas pelo globo ocular, mas por todo o rosto</i> (BAZIN, 1971, p. 179).
OLHOS escultura)	(na [Es] Os olhos numa escultura de representação humana podem ser esculpidos, pintados, esculpidos e policromados ou incrustados com materiais diferentes como pedras, conchas, vidro, cristal de rocha e outros materiais. O realismo do rosto em uma escultura era fundamental e culminava na representação dos olhos. ⁸¹⁹

⁸¹⁸ BAZIN, Germain. O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil. Editora Distribuidora Record, 1971.

⁸¹⁹ QUITES, M. Regina Emery, O “olhar” na escultura: história, técnica e preservação FORMAS, IMAGENS, SONS: O Universo Cultural da História da Arte. Org. Magno Moraes Mello, Clio Gestão Cultural e editora. 2014. p. 175-184. Disponível em: <<http://heema.org/wp-content/uploads/2014/12/SEMIN%C3%81RIO-ARTE-BELO-HORIZONTE-2014-2.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2018.

OLHOS DE VIDRO

[Es] Tipo de olhos que imitam os olhos verdadeiros, utilizado em esculturas (TEIXEIRA, 1995, p. 67). Os olhos de vidro exigem um estudo mais aprofundado para caracterizar sua técnica construtiva, que pode ser variada. Os olhos de vidro aproximam-se mais da estética barroca, que busca o realismo da imagem, mas sua utilização na imagem sacra ultrapassa os limites da escultura barroca em madeira policromada, sendo utilizada também na imaginária de gesso (QUITES, 2014, p. 175-184). **OLHOS DE VIDRO (fatura)** - A manufatura dos olhos se dá pela perícia do vidreiro. Os olhos ocos e esféricos são produzidos com vidro em tubo, pela técnica de sopro, que resulta do pedúnculo. Esta é uma técnica construtiva, em que o vidro é soprado por um tubo transparente ou branco e depois são acrescentadas as cores da íris (castanho, preto, azul, verde) e em seguida a pupila, sempre preta, tudo isto fundido junto durante o sopro. No caso do olho maciço, no lugar do tubo é manipulado um bastão. De acordo com a pesquisa realizada por Quites (2014, p. 175-184), foram encontrados na imaginária estudada, olhos de vidro executados nas seguintes tipologias:

- ocos e esféricos, em tubo de vidro soprado, com pedúnculo;
- ocos e semiesféricos, em tubo de vidro soprado, com pedúnculo;
- maciços esféricos, com pedúnculo em bastão de vidro;
- maciços de pequena dimensão, com fio de metal;
- calota de vidro em forma convexa;
- vidro maciço em forma de uma amêndoa.

Na técnica dos olhos maciços com fio de metal, este era usado na manufatura, manuseando o vidro ainda maleável, tornando-se também importante para a fixação dos olhos nas cavidades da face, cumprindo o mesmo papel do pedúnculo no olho oco. Dentre estes modelos citados, os olhos executados em tubo de vidro soprado são os mais complexos de executar, considerando-se, também, que são feitos em diversos tamanhos. Sobre a cor dos olhos, determinada pela íris, encontram-se olhos castanhos, variando do claro ao escuro, olhos azuis ou verdes. Para maior perfeição do trabalho é necessário muito cuidado na centralização da pinta preta (pupila). A fatura da íris pode variar de técnica, desde a feita com raiados ou esfumados (olhos com a pinta preta pouco definida) (QUITES, 2014, p. 175-184). **OLHOS DE VIDRO (exame raios X)** - O exame de raios X é imprescindível para a visualização da técnica dos olhos. Geralmente são feitas radiografias de frente e perfil, podendo assim visualizar tanto a tipologia dos olhos, bem como o tipo de corte facial para a sua colocação e o modo de fixação da face à cabeça. Na imagem do exame é possível visualizar os contornos mais acentuados da esfera oca, na visão frontal, e na vista de perfil o pedúnculo é perfeitamente visível longitudinalmente. Os olhos maciços são visualizados totalmente brancos na radiografia e quando pequenos possuem um fio de metal ao qual estão fixados (QUITES, 2014, p. 175-184). **OLHOS DE VIDRO (colocação)** – Também é exigida a perícia na colocação dos olhos de vidro na escultura, pois um erro de

posicionamento pode provocar um estrabismo, perdendo o paralelismo ou simetria do olhar. Existem diversas formas de fixação dos olhos de vidro nas cabeças das esculturas, com vários tipos de cortes faciais. Para a colocação dos olhos de vidro, após o término da talha, o escultor abria a cabeça da figura no sentido vertical (o da direção das fibras da madeira), entre a face e o crânio, fixando-os com uma cera escura, conhecida como cera do Equador. Muitas vezes, ligava a abertura da boca ao espaço para os olhos e ao orifício para a colocação de resplendor, quando da inserção da língua e dentes. Após a colocação dos olhos, o escultor fixava a face ao crânio com cola. Entretanto, em muitas esculturas a face foi fixada ao crânio também com cravos (COELHO; QUITES, 2014, p. 71). O corte mais comum é o localizado longitudinalmente entre o alto da cabeça e debaixo do queixo. Quando a escultura é de grande dimensão a fixação da face à cabeça é realizada através de cravos de metal, o que se justifica pelo peso do bloco. Já as cabeças menores, geralmente, são fixadas somente através de cola. Sobre a colocação dos olhos de vidro nas esculturas, ainda não encontramos documentos que atestam claramente esta tarefa, porém, é ofício de um escultor executar um corte na madeira, cavar em direção aos olhos ou ocar uma cabeça e novamente fixar a face, colar ou colocar cravos, pois, todas as ferramentas e técnicas empregadas são habituais em um atelier ou oficina de escultura e não de um pintor.

OLHOS DE VIDRO (danos) – As principais deteriorações relacionadas aos olhos de vidro:

- devido à fragilidade do material vidro, que sofrendo algum impacto mecânico se quebra com facilidade;
- deslocamento dos olhos no interior da cabeça. Este problema se deve à fixação do olho de vidro na órbita ocular, com material ceroso e que, dependendo das condições de preservação da obra, pode ressecar e perder esta função (QUITES, 2014, p. 175-184).

OLHOS EGLOMIZADOS

[Es] Trata-se de uma continuidade de um procedimento usado desde a antiguidade, que consiste na aplicação de folhas metálicas no reverso de vidros. Na França, o decorador de arte Jean-Baptiste Glomy, no final do século XVIII, retomou o procedimento nos seus trabalhos artísticos, dando em seguida seu nome à técnica. O exemplo dessa técnica no Brasil são praticamente todas as figuras dos Cristos do conjunto dos Passos da Paixão do Santuário do Bom Jesus de Congonhas, em Minas Gerais (COELHO; QUITES, 2014, p. 71). A pintura no verso do vidro tem origem romana, século VIII a.C. A técnica consiste na aplicação de lacas, pintura oleosa ou folha de ouro ou prata no verso do vidro. Existem dois termos usados para denominar este tipo de arte *Hinterglasmalerei* (=pintura no verso do vidro) e *Verre églomisé* ou *Glomyised* (NEWTON⁸²⁰, 1989, p. 86 apud ROSADO, 2002, p. 46).

OLIFANTE

[Ou] Instrumento musical, do grupo dos aerofones, particularmente raro,

⁸²⁰ NEWTON, Roy. Conservation of glass. London: Butterworth & Co, 1989

<i>oliphant [ing]</i> <i>olifante [it]</i> <i>olifant [fr]</i>	utilizado outrora, antes das cerimônias religiosas, para chamar os fiéis. Era feito de presa de elefante, oco, geralmente decorado com motivos relevados ou esculpidos e montado numa estrutura de metal precioso. Era utilizado também como relicário ou recipiente para os Santos Óleos (THESAURUS, 2004, p. 182).
OLIVA <i>olive, pirouette [fr]</i>	[Or] Ornato em forma de azeitona ou pérolas oblongas, e em fiada, que enfeita as varinhas, os astrágalos e as caneluras. Muitas vezes alterna com as pérolas e os discos (REAL, 1962, p. 363).
OMBREIRA <i>jambage, dossierer [fr]</i>	[It] Cada uma das peças verticais das portas e janelas que sustentam as padieiras ou vergas (ÁVILA, 1979, p. 67). O mesmo que UMBRAL.
OMBRO	[Ce] Parte ressaltada da peça cerâmica, acima do bojo. ⁸²¹
OMÓRFIO	[Ab] Versão bizantina do pátio (TAVARES, 1990, p. 195).
ONÇA	[Me] Medida de peso equivalente a 28,68750144 gramas (ÁVILA, 1979, p. 212).
ONDAS <i>ondes, vagues [fr]</i>	[Or] Ornato em forma de um cordão ondulado. Ornato formado pela repetição de uma curva do feitiço de um “S” deitado (REAL, 1962, p. 363).
ONDULADO <i>condolé [fr]</i>	1. [Dt] Diz-se da madeira empenada, do papel mal esticado, do qual a água da aquarela ou da aguada faz perder, momentaneamente, a superfície plana. Com ondulações. 2. [Or] Ornato imitando ondas (REAL, 1962, p. 363).
ONGLETE <i>pequeño buril [esp]</i> <i>mitre-joint, burin [ing]</i> <i>ugnetto [it]</i> <i>onglet [fr]</i>	[Eq] Pequeno buril chato e arredondado, usado pelos serralheiros (TEIXEIRA, 1995, p. 67).
OPA	[In] Manto ou capa sem mangas e com aberturas por onde passam os braços, usado pelos irmãos de confrarias e irmandades leigas como distintivo para assistir às funções eclesíásticas, ou acompanharem as procissões (TRINDADE, 1998, p. 391), com diversidade de cores e distintivos alusivos a estas corporações (DAMASCENO, 1987, p. 34). OPALANDA - Grande opa; vestuário talar (NUNES, 2008, p. 108).
OPACIDADE ou AZULAMENTO <i>bloom [ing]</i> <i>opalescenza</i> <i>bluastro [it]</i>	[Dt] Manchas brancas que aparecem na superfície de vernizes antigos, causadas pela presença de pequenos poros e rachaduras. Neste caso, a camada de verniz não absorve luz e sua luminância é a mesma em toda a sua superfície, independentemente da direção da incidência da luz (ROSENFELD, 1997, p. 84).

⁸²¹ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

OPACO <i>opaque [fr]</i>	[Pi] Diz-se das tonalidades pesadas, sem transparência (REAL, 1962, p. 363). Descreve uma camada pictórica na qual a luz não penetra ou quase nada (LANGLE; CURIE, 2009, p. 752).
OPALA <i>opale [fr]</i>	[Pe] Variedade de quartzo hidratado, de cor leitosa e azulada (REAL, 1962, p. 363).
OPALINA	[De] Que tem cor leitosa e azulada; que tem reflexos irisados como os da opala; opalescente (REAL, 1962, p. 363).
OPALESCENTE <i>opalescent [fr]</i>	[Pi] Efeito de névoa obtido pela aplicação de uma camada clara translúcida sobre uma camada escura (LANGLE; CURIE, 2009, p. 751).
OPÍFICE	Ver ARTÍFICE .
ORAGO <i>patron [fr]</i>	[Rg] Santo da invocação a quem se dedica uma igreja ou uma capela (TRINDADE, 1998, p. 391); e que se dá o nome a um templo ou freguesia (NUNES, 2008, p. 108). Santo de devoção de uma igreja ou entronizado num altar secundário. ⁸²²
ORANTE <i>orante [fr]</i>	[Ic] Personagem de pé com os braços levantados em atitude suplicante. Muito comum na decoração da pintura cristã primitiva (NUNES, 2008, p. 108).
ORATÓRIO <i>oratoire [fr]</i>	1. [De] O termo deriva do latim <i>oratorium</i> que indica lugar de oração. No Brasil popularizou-se o termo “capela”, ou “ermida”, para designar o oratório e passou-se a denominar oratório também as pequenas maqui­netas ⁸²³ ou caixas, redomas onde se guardam os santos que ficavam nos oratórios domésticos, nas casas urbanas. ⁸²⁴ 2. [Rg] O oratório é um objeto devocional, sua origem remonta à antiguidade greco-romana, quando as estatuetas dos deuses lares eram guardadas em tipo semelhante de tabernáculo, visto em determinados lugares do espaço doméstico. A era cristã assinalou as edículas romanas com a cruz e nelas recolheu os ícones de Jesus e Maria, apóstolos e mártires. A canonização dos santos transformou-as em morada coletiva dos beatificados (MUSEU DO ORATÓRIO, 2013, p. 13). Pequena edificação destinada ao culto divino. Pode ser público, quando feito para a comodidade de agremiação ou mesmo de particulares, mas franqueado a todos os fiéis; semipúblico, sem entrada franca para qualquer fiel; privado ou doméstico, quando instalado em casa particular para atender a uma família ou pessoa privada. Os

⁸²² CONJUNTO... 2007, p. 178.

⁸²³ As maqui­netas são representações miniaturizadas de ambientes, inertes ou movimentadas por engrenagens próprias, em moda no período barroco, uma herança sempre resgatada por artista popular como o mestre da Bahia (MUSEU DO ORATÓRIO, 2013, p. 23).

⁸²⁴ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 158.

oratórios públicos devem ser bentos ou sagrados; os semipúblicos e privados podem ser bentos (TRINDADE, 1998, p. 391). 3. [Mo] Também chamado de “capela doméstica”. Espécie de nicho ou pequeno armário de madeira, geralmente ornamentado, com portas envidraçadas, ou não, para colocação de imagens religiosas. Geralmente é colocado em sacristias, sobre os arcazes, ou em residências particulares (DAMASCENO, 1987, p. 35). Peça de mobiliário a maneira de uma maquete, decorada com talha ou pintura.⁸²⁵ 4. [Rg] Espécie de drama musical sobre assunto religioso. 5. [Rg] Nome de uma antiga congregação religiosa. 6. [Ou] Lugar onde em alguns países fiéis condenados à morte fazem oração antes do suplício. *Estar de oratório* – achar-se no oratório dos condenados à morte, isto é, prestes a ser executado (NUNES, 2008, p. 108). **ORATÓRIO DE VIAGEM** – Ou oratórios portáteis, segundo o livro do Museu do Oratório (2013) são classificados por seu caráter itinerante. Com a função de proteger o devoto e encorajá-lo durante as caminhadas, eram carregados em lombo de burro, como:

- **oratórios de algibeira:** oratórios de menor tamanho, levados no bolso ou junto do corpo, funcionavam como objetos de fetiche ou amuletos.
- **oratórios bala:** são oratórios de viagem, os quais levam esse nome em alusão à forma da bala da arma de fogo (cartucheira). Para evitar perdas ou avarias, os santos de devoção às vezes eram colados ou entalhados na própria caixa. No século XIX, surgiram peças feitas dentro de balas de cartucheira propriamente ditas. Procedem do Nordeste do Brasil e de Minas Gerais. Eram utilizados nas viagens, especialmente por tropeiros e mascates, bem como pelos padres. Presos a tiras de couro, eram levados a cavalo. Guardavam-se também entre os equipamentos de viagem – arcas, baús e malas, enrolados em mantas.
- **oratório esmoler:** itinerante e restrito ao espaço urbano, prestava-se à arrecadação de dinheiro para construir os templos das irmandades, fazer festas religiosas ou ajudar na sobrevivência de doentes e mendigos.
- **oratório de convento:** feitos por freiras, são caixilhos decorados com recortes, flores e colagens, trazendo no centro uma gravura ou estampa, o popular santinho. Na composição desses oratórios, usava-se papelão, papel fantasia, laminados, flores secas de algodão, entre outros materiais. Eram fabricados e vendidos a particulares com o fim de arrecadar fundos para as ordens religiosas.

ORATÓRIO DOMÉSTICO ou DOMICILIAR – Ocupava lugar de destaque na residência, alguns ficavam sobre as mesas, nos salões (**oratórios de salão**), para uso particular ou de toda a família durante as novenas ou preces coletivas, ou nos quartos (**oratório de alcova**).

⁸²⁵ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 125-126.

Refletem o estilo da casa, o modo de vida, o poder econômico e a espiritualidade dos proprietários e moradores. Eram encontrados nos diversos cômodos da casa. Oratórios no quarto do casal acolhiam a Sagrada Família. Santana Mestra e a Virgem Maria destinavam-se ao aposento da donzela, onde Santo Antônio era indispensável, por ser popularmente celebrado como o “santo casamenteiro”. Esses oratórios apresentavam grande diversidade de formas e dimensões, e sua decoração variava segundo a condição financeira do devoto. Muitos eram dourados e policromados, imitando os elementos comuns às igrejas barrocas. Outros eram pequenos armários toscos e decorados modestamente. Outros mantinham padrões formais nos motivos, na iconografia, na policromia, etc. (MUSEU DO ORATÓRIO, 2013, p. 20) **ORATÓRIO AFRO-BRASILEIRO** – Empregavam materiais diferenciados, da madeira recortada e entalhada ao ferro batido e à lata. De fatura popular, de entalhe simples, às vezes apenas escavado num tronco de madeira, revestidos de policromia viva, e de formas consideradas profanas (na época). Os santos negros: Efigênia, Elesbão, Antônio de Noto ou Caltagirona e Benedito eram venerados pelos africanos e suas imagens eram recorrentes nestes oratórios. Neles colocavam-se moedas, terços, ex-votos, pequenos quadros de santos, gravuras, flores, contas de colares do candomblé. Com motivos geométricos, cosmológicos ou ligados à natureza. Os objetos de devoção mais usados pelos negros eram o Divino Espírito Santo, a Virgem do Rosário, São Cosme e São Damião, São Jorge, e os santos negros citados acima (MUSEU DO ORATÓRIO, 2013, p. 20). **ORATÓRIO DE SACRISTIA** – Ostentavam formas refinadas e elegantes. Em sacristias e consistórios de igrejas, ocupavam lugar proeminente na distribuição do mobiliário (MUSEU DO ORATÓRIO, 2013, p.20). **ORATÓRIO DE FACHADA ou ORATÓRIO DE RUA** – Incrustavam-se nas esquinas das ruas brasileiras para esconjurarem assombrações e fantasmas, almas penadas, mulas sem cabeça e lobisomens das lendas em verso e prosa (MUSEU DO ORATÓRIO, 2013, p. 21). Ver NICHOS EXTERNOS. **ORATÓRIO ERMIDA** – São oratórios de grande formato. Muitas vezes integradas na arquitetura, eram instalados em locais de afluência de público, como varandas junto a largos pátios, portais e fachadas, na cidade ou na zona rural. As ermidas ensejavam a celebração de ofícios, novenas, missas e festividades diversas (MUSEU DO ORATÓRIO, 2013, p. 21). **ORATÓRIO DE LAPINHA** – São típicos do final do século XVIII em Minas Gerais, ligados à devoção ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Adotando o estilo rococó, os lapinhas compõem-se quase sempre de dois nichos. No superior, monta-se a cena do Calvário, tendo o Crucificado de Matosinhos ao centro; no inferior, invariavelmente um presépio, com a cena da natividade de Jesus, daí o nome, pois lapa significa a pequena gruta com a manjedoura do Natal. As imagens são todas entalhadas em calcita, pedra muito alva, encontrada nas estalagmites das grutas, que evoca o alabastro europeu. Recebiam um toque de douramento e discreta policromia (MUSEU DO ORATÓRIO, 2013, p. 21).

ORBE	[Ab] Esfera que simboliza o globo terrestre, geralmente usada como atributo de representações de Pessoas Divinas (DAMASCENO, 1987, p. 35). Também chamado de <i>globo imperial</i> , que quando está aos pés é atributo de São Bruno e quando está na mão trata-se de atributo dos santos que foram reis ou imperadores (TAVARES, 1990, p. 191).
-------------	--

ORDEM <i>ordres [fr]</i>	[Ar] Forma e disposição das partes salientes e, sobretudo das colunas e do entablamento, que distinguem os diferentes processos clássicos de construção. Por extensão, a definição se aplica à estrutura do retábulo. As principais ordens são: a Dórica, Jónica, Coríntia, Toscana e Compósita (ÁVILA, 1979, p. 161).
------------------------------------	--

ORDEM PRIMEIRA	[Rg] Ordem do clero regular. Existe clero secular e regular. Clero secular são da hierarquia da igreja: papa, arcebispos, bispos, etc. Os regulares são de ordens religiosas que podem ser primeiras, segunda e terceira.
-----------------------	---

ORDEM RELIGIOSA	<p>[Rg] A par da hierarquia da Igreja, concretizou-se a partir do século IV, um movimento religioso de natureza ascética iniciado por S.^{to} Antão e outros eremitas egípcios. Era um movimento místico, de renúncia ao mundo, que se opunha à atitude social corrente na época de viver bem a vida numa sociedade supostamente decadente. Esta atitude de recusa de tudo o que é material a favor do espiritual levou a que proliferassem os eremitas e os anacoretas – religiosos solitários que viviam por desertos e ermos, entre jejuns, penitências e orações. Este mesmo espírito levou à criação na Europa (principalmente) de agrupamentos de pessoas muito religiosas que viviam em comunidades sob votos de pobreza, castidade e obediência. Eram os primeiros conventos de monjas e monges. Coube a São Bento, no século V, regulamentar o comportamento destas comunidades com leis de carácter social e religioso – a Regra. Mediante esta regra, passou a ser possível aos religiosos levar uma vida contemplativa e simultaneamente praticar trabalho manual árduo e simples, essencial à manutenção daqueles conventos. Tais conventos e mosteiros foram repositórios de conhecimentos, arquivos de livros e documentos raros e depois foram fontes de ensino e meio de conservação da cultura da Antiguidade. Com o tempo os conventos e mosteiros foram se degradando e a regra monástica teve de ser reestruturada por notáveis reformadores, São Bruno (1030-1101) e São Bernardo (1090-1153). Embora monges e freiras mantendo seu estado de pobreza, os conventos e mosteiros enriqueceram, assim esquecendo o ideal de pobreza original. Contrariando esta tendência e assumindo uma forma de pobreza total, surgem, no princípio do século XIII, as ordens de frades mendicantes – os Franciscanos e os Dominicanos, a seguir os Carmelitas (TAVARES, 1990, p. 169). Abaixo algumas ordens religiosas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Companhia de Jesus (Jesuítas): Fundada em 1535 por Santo Inácio de Loyola, no espírito da Contra Reforma com intensão diversa das outras Ordens. • Agostinho.
------------------------	---

-
- **Ordem de Cister.**
 - **Cartuxos.**
 - **Dominicanos – Ordem dos Pregadores:** Agremiação fundada por São Domingos de Gusmão em 1215. Governada por um mestre geral e dividida em províncias com um prior provincial e conventos comandados por um prior. Aos dominicanos pertenceram São Alberto Magno e São Tomás de Aquino. A Ordem dos pregadores teve estreita ligação com a Inquisição e combate aos albigenses⁸²⁶. O ramo feminino foi fundado em 1216, tendo sido posteriormente reformado por Santa Catarina de Siena.
 - **Cônegos Regulares (Gilbertinos, de Santo Antão e da Santíssima Trindade – Trinitários):**
 - **Franciscanos – Ordem dos Frades Menores:** Fundada por São Francisco de Assis, aprovada em 1215 e ratificada em 1223, ordem de frades mendicantes que deviam viver na pobreza e pregar o Evangelho aos pobres. São Francisco colocou a ordem sob proteção da Imaculada Conceição da Porciúncula e determinou que fosse dirigida por um ministro geral, as províncias por ministros provinciais e os conventos por guardiães. A Ordem divide-se em conventuais, capuchinhos e terceiros, sendo os capuchinhos andarilhos e a ordem terceira composta de leigos. Ainda há a parte feminina chamada de **Clarissas**, pois foi fundada por Santa Clara, segundo a regra feita por São Francisco. Os franciscanos têm por armas um escudo contendo as cinco chagas, em alusão aos estigmas de Cristo que São Francisco recebeu no Monte Alverne, encimados pelos braços de Cristo e São Francisco cruzados, uma coroa de espinhos e a cruz latina. Às vezes pode aparecer ainda o cordão nodal da ordem e duas ou quatro asas, em alusão à visão que São Francisco teve do Cristo seráfico quando recebeu os estigmas naquele monte.
 - **Frades Menores Capuchinhos:** Responsáveis pela guarda dos santos lugares de Jerusalém. Usavam a cruz do Santo Sepulcro com símbolo, que contém uma cruz maior e quatro menores nos quadrantes.
 - **Ordem dos Mínimos de São Francisco de Paula:** O santo italiano, junto com outros companheiros fundou uma comunidade, que em 1447 recebeu a regra. O santo chamou de Mínimos para diferenciar dos frades menores e baseou sua doutrina na caridade.
 - **Carmelitas - Irmãos de Nossa Senhora do Monte Carmelo:** É da tradição que desde tempos remotos Nossa Senhora se havia revelado ao profeta Elias no Monte Carmelo, situado na Síria, o que está documentado é que entre 1206 e 1214, São Bertoldo de Calábria construiu um convento no Monte Carmelo, tendo depois recebido uma regra de Santo Alberto, patriarca de Jerusalém. No século XVI
-

⁸²⁶ Relativo à ou membro de uma seita religiosa que, desde o século XI, se propagou no Sul da França, nos arredores de Albi, e contra a qual o papa Inocêncio III ordenou uma cruzada (1209). Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/albigenses>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Santa Tereza d'Ávila e São João da Cruz reformaram a ordem, criando os carmelitas descalços. A ordem divide-se em primeira (masculina), segunda (feminina) e terceira (ambos os sexos, leigos) regidas por um prior geral, sendo as descalças por um preposto geral e é dividida em províncias e conventos, sendo a província dirigida por um prior provincial e os conventos por um prior. Os carmelitas calçados usam o antigo rito da igreja do Santo Sepulcro e os descalços o rito romano. As armas carmelitas são compostas pelo Monte Carmelo, encimado por cruz com uma trindade de estrelas.⁸²⁷

- **Ordem dos Mercedários:** Ordem de Nossa Senhora das Mercês, fundada em 1221 e oficializada em 1223 pelo rei Jaime I de Aragão, junto com São Raimundo Penafort, da ordem dominicana e o cavaleiro São Pedro Nolasco, de origem francesa. A ordem tinha como objetivo a redenção dos cativos pobres em mãos dos mouros. Originalmente era apenas uma ordem militar, que além dos três votos monásticos, comprometia-se a se entregar aos mouros para libertar os cativos. No século XIV perdeu seu caráter militar, para tornar-se apenas eclesiástica.⁸²⁸

ORDENS MILITARES

Segundo Tavares (1990, p. 171-172), as guerras religiosas, que foram as Cruzadas, deram grande motivação para que se criassem ordens militares de freis guerreiros. Como os:

- **Templários:** com o nome Milícia de Jesus Cristo ou Irmãos Soldados Pobres de Jesus Cristo. Fundada após a conquista de Jerusalém no princípio do século XII.
 - **Ordem de São João de Jerusalém:** conhecida por Ordem do Hospital, e depois como Ordem de Rodes e, finalmente, por **Ordem de Malta**. Foi fundada em Jerusalém no princípio do século XII.
 - **Ordem de Ala:** Ordem portuguesa, fundada por D. Afonso Henriques, deu origem, no século XII, a dois ramos de ordens militares espanholas, ramos autônomos, visto serem portugueses – Ordem de Alcântara (ou Calatrava) e Ordem de Santiago da Espada.
 - **Ordem de Avis:** fundada por D. Afonso Henriques, teve originalmente o nome de Nova Ordem. Sua sede esteve em várias localidades, fixando-se em Avis.
 - **Ordem de São Julião do Pereiro** (de Pinhel): Ordem portuguesa dos tempos da fundação da nacionalidade, de que pouco se sabe.
 - **Ordem Teutônica:** Fundada na Palestina, durante o cerco de São João do Acre (1189-1190). Atuou principalmente no Norte da Europa.
-

⁸²⁷ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 165.

⁸²⁸ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 162.

- **Ordem de Cristo:** Ordem na qual D. Dinis transformou habilmente o ramo português da Ordem do Templo, quando os Templários foram perseguidos e extintos no princípio do século XIV. A cruz adotada foi uma cruz pateada com uma cruz branca sobreposta mais ou menos estilizada – a conhecida Cruz de Cristo considerada hoje um símbolo nacional português.

Todos os fundadores e reformadores de ordens e respectivas regras cuidaram da maneira de vestir de seus frades e freiras, sempre atentos á pobreza e dignidade das vestes, com vestimentas usadas pelos humildes do seu tempo. As mulheres admitidas na vida monástica começaram a usar o cabelo cortado debaixo dos toucados, a partir do século XIII. Uma moda dessa época levou-as a cobrir a cabeça com o manto, em bioco, moda que se refletiu na colocação do manto em muitas imagens da Virgem. Estas comunidades eram dirigidas por abades ou abadesa, conforme eram de frades ou freiras, que ao assumirem funções, recebiam, juntamente com a bênção, do Bispo, um anel e uma cruz peitoral, que eram as insígnias do seu cargo, e, ainda, um báculo, se eram abades (TAVARES, 1990, p. 170). Ver HÁBITO.

ORDEM SEGUNDA [Rg] Ordem das religiosas conventuais.

**ORDEM
TERCEIRA**

[Rg] Agremiação religiosa laica, agrupada em torno de uma devoção. A ordem terceira deriva da vontade dos leigos em seguir as regras e preceitos da ordem regular, mas continuando em vida laica. Eram governadas por uma mesa administrativa com todos os cargos de outras irmandades, além de mestre de noviços. A mesa diretora prestava obediência não ao bispo da diocese onde estava situada a ordem terceira, mas à província eclesiástica da ordem primeira, através do padre provincial. As ordens terceiras tinham mais privilégios do que as outras irmandades. Os terceiros mais conhecidos eram os franciscanos, os carmelitas, os dominicanos e os mercedários. Onde havia convento dos regulares, a ordem terceira geralmente construía sua capela, sempre ao lado da capela ou igreja conventual, comunicando-se internamente. Onde não havia conventos das ordens primeiras, como em Minas Gerais, os terceiros construíram suas capelas independentes, em posição de destaque na malha urbana das cidades e vilas, geralmente suntuosas.⁸²⁹ Associação pia cujas ações visam à perfeição da vida cristã de seus membros. Os terceiros se vinculam a uma ordem religiosa, da qual extraem e adaptam regras para uma vida cristã no mundo, que devem ter a aprovação da Santa Sé. Foram efetivamente organizadas em fins do século XII, princípios do século XIII pelos franciscanos (TRINDADE, 1998, p. 391).

**ORDENAÇÕES
CANÓICAS**

[Rg] Regulamentos relativos a princípios de fé e disciplina, segundo os

⁸²⁹ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 169.

	preceitos da Igreja (TRINDADE, 1998, p. 391).
--	---

ORDENANÇA <i>ordonnance [fr]</i>	[Es] Resultado da ação de organizar, arranjar de acordo com uma certa ordem os diferentes elementos que se mantêm em uma composição. A ordenação de um relevo é confusa quando está sobrecarregada de objetos, fica claro quando todos os objetos ou figuras são distinguidos à primeira vista. O termo "ordenança" é usado em particular para especificar a aparência geral de uma composição do ponto de vista do movimento de linhas (traços de orientação) e o equilíbrio de massas (simetria ou dissimetria). ORDENANÇA PITORESCA – Composição de um relevo no qual predominam as linhas oblíquas, côncavas ou convexas, e de onde linhas horizontais e linhas perpendiculares são parcialmente excluídas. Nesta composição, o olho do espectador, para atingir a figura principal, situada geralmente no centro, segue uma diagonal sugerida pela respectiva disposição de objetos e figuras. ORDEANÇA GEOMÉTRICA - Composição de um relevo no qual as figuras são dispostas de acordo com esquemas geométricos (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 676).
--	--

ORÉADE <i>oréade [fr]</i>	[Ic] Ninfa das montanhas. Denominação de uma das cinco divisões florísticas brasileiras, a qual compreende toda a região campestre do Brasil (REAL, 1962, p. 365), segundo classificação elaborada, em 1824, pelo botânico alemão Carl Friedrich Philipp von Martius, descrita como região dos campos e cerrados, e que corresponde ao planalto Central. ⁸³⁰
-------------------------------------	---

ORELHA ou HÉLICE <i>hélice [fr]</i>	1. [Ar] Pequenas volutas do capitel coríntio. 2. [Ar] Face lateral do capitel jônico (as volutas) (REAL, 1962, p. 365). Ver OLHO-DEVOLUTA.
---	--

ORGANIZAÇÕES SOCIAIS DE CULTURA	[Og] Também conhecidas como OS, são instituições não governamentais, associações ou fundações de direito privado e sem fins lucrativos, que atuam na área cultural, qualificadas a partir de uma série de critérios definidos em lei, para atuar em parceria com o governo do Estado, por meio da Secretaria da Cultura, na gestão de equipamentos e programas Culturais (ACAM PORTINARI, 2010, p. 105).
--	--

ÓRGÃO <i>organ [ing]</i> <i>organo [it]</i> <i>orgue [fr]</i>	[It] Instrumento composto de tubos, cujo som é obtido pela introdução de ar através de um fole, acionado mediante pressão exercida sobre um teclado próprio. Em sua forma antiga, o instrumento exigia grande espaço para sua colocação, normalmente junto aos coros, nas igrejas, recebendo seu conjunto ou caixa, apurado trabalho ornamental (ÁVILA, 1979, p. 161).
---	--

ORIFÍCIO	[Tc] Perfurações de diversas dimensões, localizadas em áreas específicas, como os que foram feitos na base da escultura para sua fixação no torno
-----------------	---

⁸³⁰ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=asyn/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=or%C3%A9ade>>. Acesso em: 14 out. 2018.

mecânico ou banco de escultor para o entalhe da peça, ou ainda os realizados para encaixar a escultura em andor de procissão, que neste caso é comum aparecer uma peça de metal fixada à base por cravos metálicos, esta peça possui vários formatos e um orifício central com rosca (COELHO; QUITES, 2014, p. 139). Existem também os orifícios presentes na cabeça para encaixe de coroas, resplendores, ou em outros locais da escultura para o apoio de palmas e outros atributos. [Dt] Os furos que possivelmente são causados por impactos, ou pregos e cravos removidos, como também os causados pelo ataque de insetos xilófagos, podem deixar o suporte fragilizado.

ORIGEM*origine [fr]*

[De] Proveniência geográfica de um sólido estável. A origem de uma rocha é o seu lugar de extração, a de madeira é a localização geográfica da árvore que produziu a madeira (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 606). Bem como a origem de uma escultura trata-se da localidade de sua produção, onde nem sempre é o mesmo que a sua procedência. Ver PROCEDÊNCIA.

ORIGINAL*original [fr]*

[Ge] Que é autêntico; executado pelo próprio artista. Diz-se um *original* quando se quer referir a uma obra autêntica (REAL, 1962, p. 365). [Es] Novo, inventado ou feito da natureza e executado pelo próprio escultor (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 546).

ORIGINALIDADE*originalité [fr]*

[Ge] Característica do que é original. [Es] A originalidade na escultura diz respeito essencialmente à disposição dos elementos do assunto tratado e executado por um escultor (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 546).

ORLA

orla [esp]
fillet [ing]
orlo [it]
bord [fr]

[Or] Borda, cercadura ou filete num ornato (TEIXEIRA, 1995, p. 67). Barra, guarnição, ou faixa em torno de trabalho ornamental em talha, pintura ou cantaria (ÁVILA, 1979, p. 161).

ORNAMENTAÇÃO

ornamentación [esp]
ornamentation [fr]

1. [Or] Arte com que são dispostos os ornamentos numa decoração (REAL, 1962, p. 366). Conjunto de adornos que decoram um objeto (CALVO, 1997, p. 160). 2. [Po] Em escultura policromada, segundo Fausto (2007, p. 50) as técnicas de ornamentação empregadas na policromia são:

- **Punção:** também conhecido como burilamento, ouro picotado, gravado ou martelado também confeccionados com carretilha, martelamento de cabeças de pregos e instrumentos pontiagudos. Ver PUNÇÃO.
 - **Relevo:** também chamado de pastilho ou pastilhamento. Consistem em ornamentos em relevo, sob o douramento, feitos geralmente nas bordas dos mantos, túnica, golas e punhos. Ver PASTILHO.
 - **Rendas:** uso de rendas ou bicos aplicados nas bordas dos mantos e véus, com o intuito de conferir mais realismo à imagem. Ver
-

RENDA.

- **Lacas coloridas:** foram muito usadas como ornamentação, sendo aplicadas sobre as folhas metálicas em tons de vermelho, verde, amarelo e azul.
- **Cabochão:** técnica muito rara na imaginária brasileira, que consiste na incrustação de cristal de rocha em uma cavidade encoberta com folha de ouro ou prata. Ver CABUCHÃO.
- **Incrustação:** de pedras preciosas ou semipreciosas usadas como imitação de broches, lágrimas e decoração de barras do manto e túnica. Ver INCRUSTAÇÃO.
- **Pintura a pincel:** aplicada com um pincel fino sobre o esgrafito, pintura com motivos fitomorfos, flores, ramos, folhas (COELHO, 2005, p. 241). Ver PINTURA A PINCEL.
- **Incisão:** Técnica realizada sobre a base de preparação antes da aplicação da folha metálica, com linhas paralelas ou que se cruzam, círculos escavados na preparação, incisões que formam folhas, flores, etc. (COELHO, 2005, p. 241). Ver INCISÃO.
- **Brocado aplicado:** Ver BROCADO.
- **Esgrafito:** Técnica onde depois de aplicada e brunida a folha metálica, a superfície é pintada (em geral com têmpera), e, na fase de secagem, remove-se partes da tinta com uma ferramenta de ponta fina, formando desenhos onde fica aparente a folha metálica. O mesmo que esgrafiado. Ver ESGRAFITO.

ORNAMENTO ou ORNATO

adorno, ornato [esp]
ornament [ing]
addobbo,
adornamento,
ornamento [it]
ornement [fr]

1. [Or] Elemento decorativo aplicado a uma determinada superfície que valoriza esteticamente a sua forma. Termo equivalente a adorno, ornamento, enfeite ou motivo decorativo (IMC, 2011, p. 124), decoração de uma obra de arte (TEIXEIRA, 1995, p. 67). 2. [Li] Termo genérico empregado para se referir aos paramentos, alfaias de uma igreja (TRINDADE, 1998, p. 391), nome comum dado às vestes sagradas. 3. [Rg] Ornato dos santos: coroa, resplendor, tonsura, cajado, rosário, diadema, tocheiro, castiçal, toalha de altar, cruz processional, frontal, cirial (NUNES, 2008, p. 109). Todo elemento usado como decoração. São ornamentos: arabesco; aspas ou ziguezague; bastão interrompido e cherrão; besante; bicos ou ponta de diamante; bilheta; cabo ou torçal; cabeça-de-prego; cinco folhas; corações; dente de serra; dentelo; dentículo; discos; entrelaçado; escamas; estrela; fuso; gotas; grega; grinalda ou festão; faixa; fita; gomos ou ovais; imbricação; meandro; oliva; ondas; óvalo ou dardo; palma; palmeta; pérolas ou filete perlado; rosácea; rosário ou contas; ramagem; torçal de louro; trançado; trevo; torçal; vermiculura; xadrez. **ORNATOS APLICADOS** – Trata-se da ornamentação que não é solidária às estruturas ou aos elementos construtivos da edificação, como por exemplo: tarjas, flores, jarros em cornijas, retábulos em madeira, adoçados nas capelas.⁸³¹ **ORNATOS**

⁸³¹ Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

	INTEGRADOS – Trata-se da ornamentação que é solidária às estruturas ou aos elementos construtivos da edificação, como por exemplo, os elementos de um entablamento com arquitrave, friso e as cornijas ou a colunata em pedra de um claustro. ⁸³²
--	---

ORNATISTA <i>ornatista [esp]</i> <i>ornamenter [ing]</i> <i>adornista [it]</i> <i>ornemeniste [fr]</i>	[At] Artista que esculpe ornatos (TEIXEIRA, 1995, p. 67).
---	---

ORNITORRINCO <i>bec d'oiseau [fr]</i>	[Or] Ornato usado na Inglaterra na decoração romano-bizantina, consistindo numa série de bicos de pássaros em saliência sobre molduras (REAL, 1962, p. 370).
---	--

OSIA	Ver OUSIA .
-------------	--------------------

OSIER	[Ce] Desenho em relevo na cerâmica, para criar o efeito da malha dos cestos de vime. ⁸³³
--------------	---

OSTENSÓRIO	[Li] Termo que tem origem na palavra latina <i>ostensum</i> – peça litúrgica idêntica à custódia. Esta tipologia também se pode referir a uma espécie de relicário que guarda uma imagem ou relíquia santificada, ou ainda um selo oval em cera com a representação do <i>Ágnus-dei</i> (IMC, 2011, p. 95). O mesmo que CUSTÓDIA.
-------------------	---

OTTOMANE OU OTOMANA	[Mo] Canapé baixo, estofado e de espaldar curvo (QUEIMADO, 2007, p. 184).
----------------------------	---

OURIVES <i>orfèvre [fr]</i>	[At] Artífice que trabalha o ouro, que produz peças ou objetos de ourivesaria (REAL, 1962, p. 370). OURIVES DA PRATA – O mesmo que PRATEIRO .
---------------------------------------	---

OURO <i>oro [esp]</i> <i>gold [ing]</i> <i>oro [it]</i> <i>or [fr]</i>	[Me] Metal nobre de cor amarela e brilhante, extremamente maleável e dúctil, inoxidável e inatacável pelos ácidos (quimicamente inerte), empregado, por exemplo, em ourivesaria e em moedagem. Trata-se de um mineral, elemento nativo, com símbolo Au, ponto de fusão a cerca de 1063 °C, dureza de 21/2 na escala de Mohs. Pode estar ligado, em diversas proporções, com a prata, o cobre, o zinco ou o paládio para obtenção de ligas de cores e propriedades diferentes (IMC, 2011, p. 150). Tem sido usado desde a antiguidade como metal precioso ou nobre, em várias técnicas artísticas e artesanais (ourivesaria, pintura, escultura, mosaico, vidro, vários objetos, revestimentos, etc.) ou na cunhagem de
---	--

⁸³² Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁸³³ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcaovarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

moedas. O ouro livre de impurezas é geralmente chamado de "ouro fino" ou "ouro de 24 quilates".⁸³⁴ A cor da liga de ouro está relacionada à da natureza e proporção dos metais que fazem esta liga. Os tons de ouro são os seguintes: ouro azul (75% de ouro e 25% de ferro), ouro cinza (94% de ouro e 6% de ferro), ouro branco (75% de ouro, 5% de cobre e 20% de prata), ouro rosa (75% de ouro, 10% de cobre e 15% de prata), ouro vermelho (75% de ouro e 25% de cobre) e ouro verde (75% de ouro e 25% de prata, ou 60% de ouro e 40% de prata). O quilate, unidade de massa, é 1/5 g. A caracterização em quilates de uma liga é definida pela quantidade de ouro fino (puro) contido nesta liga expressa em 24 unidades da massa total; ouro puro é, portanto, um ouro de 24 quilates; o ouro de 18 quilates (18/24 de ouro puro) é, portanto, composto de 75% de ouro e 25% de um ou mais metais (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1055).

**OURO DE
CONCHA**

or coquille [fr]

[Ma] Tinta metálica constituída por pó de ouro misturado com um aglutinante graxo (óleo e resina) ou aquoso (mel, ovo, alho, sucos e gomas). A expressão, que remonta ao século XIV, vem do recipiente em que a mistura era feita, uma concha. Às vezes a prata de concha também é encontrada (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1093). Como a tinta, ela é aplicada com um pincel, usado nos motivos decorativos de tecidos,⁸³⁵ e utilizada pelos pintores para dar aspecto fosco ao douramento (TEIXEIRA, 1995, p. 67). O ouro de concha é uma “aquarela” de pó de ouro (triturado ou moído). Consiste em um pó de ouro extremamente fino, feito da folha de ouro, que é misturado a uma água gomada, e é solúvel em água como uma aquarela. Para obter este pó é preciso triturar a folha, mas como ela é um material que adere a qualquer superfície, é necessária uma técnica específica para isso. Então para transformar a folha em pó utiliza-se um processo por uma via úmida, colocando algum material que possua uma consistência espessa que umedeça a folha e a peça de grudar na superfície do recipiente. Para isso, de acordo com os manuais artísticos, utiliza-se o mel (VIANA, 2010, p. 71).

OURO DE LEI

[Me] Denominação que indica que a liga de ouro obedece à proporção estabelecida por lei (IMC, 2011, p. 151).

OURO EM PÓ

poudre d'or [fr]

[Ma] Partículas finas de ouro obtidas por diferentes processos. As folhas de ouro podem ser moídas com mel com a utilização de uma moleta, e constituem uma pasta que é dissolvida em água e decantada recupera o pó de ouro. O pó assim obtido, diluído em água contendo goma arábica, é chamado de “ouro de concha”. As folhas de ouro também podem ser dissolvidas em água régia⁸³⁶ para formar um líquido no qual são trapos

⁸³⁴ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1181264>>. Acesso em: 14 out. 2018.

⁸³⁵ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/oro-de-coquilla>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

⁸³⁶ A água régia (do latim *aqua regia* que significa “água real”) é uma mistura de ácido nítrico e ácido clorídrico concentrados, geralmente na proporção de 1 para 3. É um líquido altamente corrosivo de coloração amarela. É uma das poucas substâncias que pode dissolver o ouro e a platina. E tem este nome

são embebidos e queimados. O pó de ouro assim obtido é chamado “ouro de cinzas”. O pó de ouro verde é obtido por moagem de uma mistura de folhas de ouro e de prata; pó de ouro vermelho – são moídas folhas de ouro e cobre (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 659). Ouro utilizado para brunir no douramento, através de atrito e como auxílio de uma boneca ou rolha de cortiça (TEIXEIRA, 1995, p. 67).

OURO MATE

[Po] Ouro não brunido. Método rápido de douramento, o qual se aplica duas camadas de preparação branca, seguida da colocação da folha de ouro. Como esse douramento não pode ser brunido, passa-se sobre o ouro apenas duas camadas de cola, ficando assim com aspecto fosco (TEIXEIRA, 1995, p. 68). Técnica de tratamento de superfície, que se produz um revestimento uma aparência fosca, a qual é obtida de várias maneiras: mecanicamente com a utilização de abrasivos (jato de areia fina ou arenito em pó); e quimicamente com a corrosão do metal, seja com ácidos ou com sais ácidos (douramento de mercúrio) (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 659).

OURO PIGMENTO

oropimente [esp]
orpiment [ing]
orpimento,
giallo reale [it]
orpiment [fr]

[Ma] Fórmula: As_2S_3 . Sulfeto de arsênio III. Os gregos chamavam de *arsenikos* e do latim *auripigment* para se referir ao seu tom dourado.⁸³⁷ De cor entre amarelo-dourado brilhante e laranja. Pigmento natural mineral e desde o século XVIII, sintético. Conhecido desde a Antiguidade egípcia. Foi encontrado também em pinturas persas e chinesas. No século XIX caiu em desuso devido ao seu alto teor de toxicidade (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 70). Era um pigmento apropriado para a técnica a têmpera, mas não era usado em tinta a óleo (tinha secagem muito lenta) ou em afresco. É um pigmento estável à luz e ao ar, mas não é compatível com pigmentos de cobre e chumbo.⁸³⁸ Foi um pigmento usado para fazer “os rubis”, pingos de sangue encontrados nas imagens (TEIXEIRA, 1995, p. 68).

OUROPEL

oropel [esp]
tinsel, dutch gold [ing]
orpello [it]
oripeau [fr]

[Ma] Folha de latão, fina e lustrosa, semelhante à folha de ouro (TEIXEIRA, 1995, p. 68). Imitando a folha de ouro. Ouro falso (REAL, 1962, p. 370).

OUSIA

adusia [fr]

[Ig] Designação antiga de capela-mor. Arco-cruzeiro da capela-mor. [Mo] Dizia-se da cadeira de grande espaldar, de encosto ou de dossel (REAL, 1962, p. 371).

OVADO

echine [fr]

[Ar] Moldura principal do capitel dórico (REAL, 1962, p. 371). Ver EQUINO.

de “água régia” devido à propriedade de dissolver os metais nobres (“régios”). Disponível em: <<https://mundoquimico.com.br/agua-regia/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

⁸³⁷ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/oropimente>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

⁸³⁸ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1014974>>.

OVAL <i>godrons [fr]</i>	[Or] Ornato em forma de molduras ovais, separadas por caneluras; ornato bojudo em forma de azeitona (REAL, 1962, p. 371). O mesmo que GOMO.
ÓVALO, ÓVANO ou ÓVULO <i>ove [fr]</i>	[Or] Perfil decorativo de secção em forma de quarto de círculo convexo (QUEIMADO, 2007, p. 184). Ornato comum em forma de ovos truncados separados por dardos ou folhas. ⁸³⁹ Motivo ornamental, gravado ou talhado em forma de ovos (ÁVILA, 1979, p. 161), que decora molduras, peças de talha, objetos de prataria, castiçais e outros. ⁸⁴⁰ Motivo decorativo composto por formas ovais (IMC, 2011, p. 124). O óvalo das ordens clássicas tem como cercadura uma folhagem e é separado por dardos pontiagudos (REAL, 1962, p. 371). Ver DARDO.
OXIDAÇÃO <i>oxidación [esp]</i> <i>oxudation [ing]</i> <i>ossidazione [it]</i> <i>oxydation [fr]</i>	[Dt] No sentido restrito é uma reação química de combinação com o oxigênio, convertendo um elemento num óxido. No sentido mais <i>lato</i> da palavra refere a qualquer reação química que envolva a perda de um elétron. ⁸⁴¹ Em longo prazo, o material oxidado fica fragilizado. ⁸⁴² Trata-se de um fenômeno químico causado pela ação de um oxidante, ao formar óxidos ou sais traz consequências diversas aos objetos, como pátinas ou a corrosão em metais, e as alterações de certos pigmentos. A oxidação de um elemento sempre envolve a redução de outro, de modo que as reações ocorrem esses processos, são chamadas de oxidação-redução. Luz e umidade aceleram a oxidação. Os óleos secativos e outras substâncias oxidantes atuam em tecidos enfraquecidos (CALVO, 1997, p. 161). OXIDAÇÃO DO VERNIZ – O verniz aplicado em uma obra de arte pode sofrer oxidação, ou seja, um escurecimento causado pelo tempo, o que é da natureza das resinas. Este processo é agravado pela luz excessiva, calor, poeira, etc. FOTO-OXIDAÇÃO – Ver FOTODEGRADAÇÃO .
ÓXIDO DE FERRO <i>óxido de hierro [esp]</i> <i>iron oxide [ing]</i> <i>ossido di ferro [it]</i> <i>oxyde de fer [fr]</i>	[Ma] Cada um dos compostos formados por oxigênio e ferro. O óxido de ferro é parte da composição de várias argilas foram muito utilizados como pigmentos em várias técnicas pictóricas (óxido de ferro vermelho), bem como cerâmica vidrada e na fabricação de esmaltes. ⁸⁴³ ÓXIDO DE FERRO VERMELHO - Pigmento mineral natural preparado a partir de argilas cujo componente principal é o óxido de ferro. Em estado natural podem ser encontrados em anidro (hematita) ou hidratado (goethita) e sua

⁸³⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁸⁴⁰ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 171.

⁸⁴¹ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁸⁴² GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁸⁴³ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecc.es/tesauros/materias/1001113>>. Acesso em: 15 out. 2018.

cor pode variar (de um vermelho amarronzado para tons amarelos) dependendo, precisamente, do seu grau de hidratação. Tem sido usado como pigmento em todas as técnicas pictóricas e, principalmente, na pintura afresco. Este pigmento é encontrado naturalmente em várias partes do mundo e possui uma variedade de nomes, dependendo do local de origem, da sua tonalidade ou do método da sua preparação.⁸⁴⁴ Pigmento que adicionado ao caulim forma o bolo armênio (TEIXEIRA, 1995, p. 68). **ÓXIDO DE FERRO SINTÉTICO** – Pigmento sintético com a cor variando entre o amarelo e o vermelho. Desenvolvido pela Bayer em 1925 como subproduto da fabricação de anilina. Eles são pigmentos estáveis, porém de pouca cobertura (LANGLE; CURIE, 2009, p. 940).

⁸⁴⁴ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1030578>>. Acesso em: 15 out. 2018.



PÁ	[Eq] Corpo metálico de uma goiva (TEIXIDO I CAMI, 1997).
PADIEIRA	Ver VERGA .
PADRÃO <i>parangon [fr]</i>	[Ge] Modelo, exemplar; tipo (REAL, 1962, p. 373). [Ta] Composição decorativa regrada pela repetição de um módulo. Foi largamente utilizado do século XVI ao XVIII e, também nos século XIX, então como revestimento de fachadas. ⁸⁴⁵
PADROEIRO	1. [Rg] O que tem o direito do padroado. Protetor, defensor, patrono. Também se refere a quem fundou mosteiro, fazendo doações com encargos. 2. [Rg] Santo protetor de uma localidade (NUNES, 2008, p. 113).
PAGODE <i>pagode [fr]</i>	[Rg] Templo religioso de alguns povos da Ásia, como a Índia (REAL, 1962, p. 373). [Or] A representação de pagodes como motivo ornamental usado em pinturas com fundos escuros em vermelho, azul ou verde imitando laca chinesa, sobressaindo o dourado, paisagens de inspiração oriental (chinesice).
PAINEL <i>panneau [fr]</i>	1. [It] Quadro com representações figuradas ou decorativas em pintura ou talha, aplicado nas paredes de um edifício. 2. [Ar] Relevo arquitetônico em feição de moldura, aplicado sobre um plano. 3. [It] Designa também as almofadas de portas e janelas (DAMASCENO, 1987, p. 35). 4. [Ap] Composição formada por um número variável de elementos cuja leitura constitui uma unidade formal, funcional e estética. ⁸⁴⁶ 5. [Aq] É formado por representações agrupadas em um espaço natural delimitado ou que definem um espaço gráfico próprio, único ou distinto de todos os outros de um mesmo lugar. ⁸⁴⁷ 6. [Pi] Pintura de grandes proporções, em tetos e paredes de igrejas, sacristias, consistórios, etc. 7. [Es] Pode-se falar também em painel em escultura, no caso de baixos-relevos como o existente na portada da Igreja de Bom Jesus das Cabeças, em Ouro Preto, da autoria do Aleijadinho (ÁVILA, 1979, p. 163).

⁸⁴⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁸⁴⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁸⁴⁷ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcaovarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

<p>PALA <i>sertissure, chaton,</i> <i>pale [fr]</i></p>	<p>1. [Ou] Engaste de pedra preciosa. 2. [Li] Cartão guarnecido de pano, em geral linho, bordado com pequena cruz ao centro, com o qual o sacerdote cobre o cálice durante a missa. 3. [In] Poncho leve de brim, vicunha, merinó, ou até de seda, com as pontas franjadas (REAL, 1962, p. 373).</p>
<p>PALEOGRAFIA <i>paléographie [fr]</i></p>	<p>[Ou] Disciplina que estuda a escrita manuscrita antiga, suas formas e variações através do tempo.⁸⁴⁸</p>
<p>PALETA <i>palette [fr]</i></p>	<p>[Pi] Utensílio utilizado para se colocar as tintas e comumente usado para determinar as cores que o artista seleciona para fazer uma pintura (NEVES, 2013, p. 97-98). Algumas são retangulares, outras ovais. São de madeira para tintas a óleo, e de porcelana para aquarela e guache (REAL, 1962, p. 376).</p>
<p>PALETA DE DOURADOR <i>paleta [esp]</i> <i>a gilder's</i> <i>pallet [ing]</i> <i>paletta,</i> <i>tavolozza [it]</i> <i>palette dorer [fr]</i></p>	<p>[Eq] Utensílio em madeira no qual o dourador coloca as folhas de ouro (TEIXEIRA, 1995, p. 69).</p>
<p>PALHETÃO <i>panneton [fr]</i></p>	<p>[It] A parte da chave que impele a lingueta da fechadura (DAMASCENO, 1987, p. 35).</p>
<p>PALIMPSESTO <i>palimpseste [fr]</i></p>	<p>[Ou] Pergaminho reutilizado mediante raspagem ou lavagem do texto anterior.⁸⁴⁹</p>
<p>PÁLIO <i>pallium [ing]</i> <i>pallio [it]</i> <i>pallium, dais [fr]</i></p>	<p>1. [Rg] Sobrecéu portátil, geralmente de tecido brocado ou seda adamascada, sustentado por seis ou oito varas, que os irmãos levam em cortejos ou procissões para proteger o Santíssimo Sacramento, as relíquias do Santo Lenho. 2. [In] Peça do vestuário litúrgico usada pelo Papa e por arcebispos. Consta de uma faixa de lã branca, guarnecida de cruces, colocada pendente para a frente e para as costas, por cima das vestes pontificais, presa por alfinetes preciosos (DAMASCENO, 1987, p. 35). 3. [In] Amplo manto grego que os romanos adotaram desde o princípio da República (TRINDADE, 1998, p. 391). Ver VARA DE PÁLIO.</p>
<p>PALMA <i>palme [fr]</i></p>	<p>1. [Or] Motivo neoclássico em forma de folha de palmeira (QUEIMADO, 2007, p. 184), ou de palma (ÁVILA, 1979, p. 163), ou folhagens estilizadas. Peça ornamental de prata, madeira, couro ou outros materiais,</p>

⁸⁴⁸ PEQUENO Glossário. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁸⁴⁹ PEQUENO Glossário. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

usada aos pares nos retábulos ou banquetas dos retábulos (DAMASCENO, 1987, p. 36). 2. [Ic] Símbolo da vitória, do triunfo (REAL, 1962, p. 376). **PALMA DE MARTÍRIO** – [Ab] Folha de palmeira estilizada, geralmente de prata lavrada ou madeira entalhada e pintada, consistindo em atributo de imagens de santos mártires. Simboliza a morte gloriosa, em nome da fé (DAMASCENO, 1987, p. 36). **PALMA-CASTIÇAL** – Palma geralmente de prata lavrada ou madeira entalhada e dourada com ornatos em ramos ou em folhas de palmeira, possuindo no ato arandela com bocal para colocação de velas (DAMASCENO, 1987, p. 36). **PALMA-RELICÁRIO** – Peça escultórica, geralmente de prata lavrada ou madeira entalhada e dourada, com ornatos diversos, apresentando cavidade central envidraçada, para guarda e exposição de relíquias de santos (DAMASCENO, 1987, p. 36).

PALMATI-FOLIADO ou PALMATIFORME

[De] Que tem a forma de palma (REAL, 1962, p. 376).

PALMATÓRIA

bougeoir [fr]

[Ig] Do latim *palmatoria*. Utensílio de luminária portátil e de pequena altura destinado a suportar uma vela. É constituído por um prato circular com um bocal fixo ao centro, provido ou não de arandela, podendo ainda ser acompanhado de um apagador de velas e de uma tesoura de espevitar. Poderá apresentar uma asa vertical com apoio para o polegar ou um cabo que poderá ser oco, de forma a conter uma vela de reserva. Ocasionalmente poderá comportar dois bocais, assumindo nestes casos forma retangular. As suas características formais e reduzida dimensão propiciam a sua mobilidade de acordo com as necessidades de iluminação. No âmbito religioso é utilizado para iluminar os livros litúrgicos durante as funções pontificais, estando o seu uso reservado a cardeais, bispos, abades ou altos prelados (IMC, 2011, p. 96). Castiçal baixo e portátil com asa. Nas igrejas é conduzida com vela de cera pelo ministro, ao lado do bispo, em funções pontificais (DAMASCENO, 1987, p. 37). O mesmo que *bugia*.

PALMETA

palmette [fr]

1. [Or] Elemento decorativo formado por folhas de palmeira estilizadas, em número ímpar, e colocadas em forma de leque. A folha maior situa-se no centro (IMC, 2011, p. 124). Ornamento, geralmente utilizado em bandas ou frisos (QUEIMADO, 2007, p. 184). 2. [Ou] Cunha pequena (REAL, 1962, p. 376).

PALMO

[Mt] Medida de comprimento equivalente a 22 cm, ou seja, ao palmo da mão aberta. Subdividia-se, no sistema antigo de medidas, em 8 polegadas. **PALMO CRAVEIRO** – [Mt] Corresponde a 12 polegadas ou 30,5 cm. Em especificações antigas apareciam também as expressões *palmo limpo* e *palmo esforçado* (ÁVILA, 1979, p. 212).

PALOMBINO

palombin [fr]

[Pe] Mármore branco e fino que se encontra em certos monumentos antigos (REAL, 1962, p. 377).

PÂMPANOS <i>pampre [fr]</i>	[Or] Motivo decorativo figurando hastes de videira com parras e cachos de uvas (IMC, 2011, p. 124). Comumente decora o fuste das colunas salomônicas e torsas do estilo barroco (REAL, 1962, p. 377).
PANEJAMENTO <i>paños,</i> <i>ropaje [esp]</i> <i>drapery [ing]</i> <i>panneggiamento,</i> <i>drappeggiamento [it]</i> <i>draperie, drapé [fr]</i>	[Es] Vestes ou panos representadas em escultura (TEIXEIRA, 1995, p. 69). Modo como o artista cobre as figuras, tirando efeitos plásticos dos trajes, pela organização das pregas, cores, texturas, etc. ⁸⁵⁰ Diz-se da roupagem de figuras pintadas ou esculpidas, com relação às dobras ou ondulações de suas vestes. A forma ou desenho do panejamento serve, às vezes, para identificação do estilo de determinado artista (ÁVILA, 1979, p. 163). Ver DRAPEADO.
PANO	1. [Or] Ornato imitando pano, quase sempre com dobras ou pregas. 2. [It] Dá-se o nome de <i>pano</i> também a uma superfície plana em parede, retábulo, arco cruzeiro. etc. Daí falar-se em "pano de fundo" do camarim ou tribuna do trono de um retábulo (ÁVILA, 1979, p. 163). 3. [Ar] Lanço ou seção de muro ou parede em construção que tem mais de uma face (ÁVILA, 1979, p. 69). PANO DE PEITO – Ver PEITORIL . PANO DE COBERTURA – Cada uma das superfícies revestidas de telhas. ⁸⁵¹ PANO DE PÚLPITO – Espécie de toalha com que se ornamenta o púlpito em ocasiões festivas (DAMASCENO, 1987, p. 37). PANO FUNERÁRIO – Pano preto com que se adornam as igrejas por ocasião das exéquias, e sobre o qual se vêm os brasões dos defuntos (NUNES, 2008, p. 113).
PANO DE PUREZA <i>pañno de pureza [esp]</i>	[In] No Brasil é o tecido que envolve o menino Jesus, muitas vezes sobre os braços de Nossa Senhora. Na Espanha diz ser a faixa do pano que se coloca em torno da cintura de Cristo nas representações das cenas da Paixão, o mesmo que perizônio.
PANÓPLIA <i>panoplie [fr]</i>	1. [Ou] Coleção de armas ou emblemas dispostos sobre um escudo (DAMASCENO, 1987, p. 37). 2. [In] Armadura completa de um cavaleiro da Idade Média. 3. [Mo] Encosto de cadeiras lavradas (REAL, 1962, p. 378).
PANTIM	[Ou] Lamparina de barro ou de bronze, na Índia portuguesa (NUNES, 2008, p. 113).
PANTOCRATOR <i>Pantocrator [fr]</i>	[Ic] Aquele que governa tudo. Representação da divindade suprema: Zeus, para os gregos; Cristo, para os cristãos, sendo representado em glória nos altares e nas cúpulas das igrejas bizantinas, com majestade, e quase sempre de grandes dimensões (REAL, 1962, p. 379).
PANTÓGRAFO	[Eq] Instrumento com o auxílio do qual reduz-se ou amplia-se um

⁸⁵⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁸⁵¹ CONJUNTO... 2007, p. 178.

<i>pantographe [fr]</i>	desenho em proporção absolutamente exata (REAL, 1962, p. 379).
PÃO-DE-CERA VIRGEM <i>marquette [fr]</i>	[Ma] Material próprio para vários fins: modelagem, cerâmica, etc. (REAL, 1962, p. 379).
PÃO-DE-ESMALTE <i>pain d'émail [fr]</i>	[Ma] Pequenos discos de esmalte de diferentes cores que os pintores trituram num almofariz de ágata (REAL, 1962, p. 379).
PÃO DE OURO <i>pan de oro [esp]</i> <i>gold leaf [ing]</i> <i>foglia di oro [it]</i> <i>feuille d'or [fr]</i>	Ver FOLHA DE OURO .
PÃO DE PRATA <i>pan de plata [esp]</i> <i>silver leaf [ing]</i> <i>foglia d'argento[it]</i> <i>feuille d'argent [fr]</i>	Ver FOLHA DE PRATA .
PAPEL <i>papel [esp]</i> <i>paper [ing]</i> <i>carta [it]</i> <i>papier [fr]</i>	[Ma] Material em folhas, fabricado de massa úmida de fibras maceradas de celulose secada e prensada, que substitui o couro e a lousa como suporte para a escrita e, com o advento da imprensa, permitiu a fabricação dos livros no formato e estilos modernos. Pasta de matéria fibrosa de origem vegetal, refinada e, quando necessário, branqueada, contendo cola, carga de fibras e, às vezes, corantes, a qual se reduz, manual ou mecanicamente, a folhas secas finas e flexíveis, bobinadas ou resmadas, usadas para escrever, imprimir, desenhar, embrulhar, limpar e construir. ⁸⁵² Nome genérico dado a uma folha, formada, seca e acabada em uma máquina de papel, partindo-se de uma suspensão de fibras vegetais constituídas essencialmente de celulose polimerizada, fibras estas que foram desagregadas refinadas e depuradas, e tiveram ou não adição de outros ingredientes para dar ao produto final características de utilização. ⁸⁵³ <ul style="list-style-type: none"> • Papel apergaminhado – De qualidade superior, feito de trapos e pasta química, que imita o pergaminho. • Papel-arroz – Muito fino, feito de palha de arroz. • Papel avergado (<i>vergé</i>) – O que deixa ver, por transparência, linhas horizontais e verticais (linhas d'água). • Papel bufon – Papel leve, fofo. O mesmo que papel-pluma.

⁸⁵² PEQUENO Glossário. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁸⁵³ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

-
- **Papel couché** – Papel recoberto com fina camada de substâncias minerais, próprio para impressão de gravuras a meio-tom.
 - **Papel da china** – Delgado, sedoso, resistente, próprio para edições de luxo.
 - Papel glassine – Ver **GLASSINE**.
 - **Papel kraft** – Papel gomado utilizado para a “cartonagem” parcial, para forrar e para a aplicação de tirantes na tela. Existe em diversas dimensões.⁸⁵⁴
 - **Papel lustroso** – De superfície lisa e brilhante.
 - Papel maché – Usa-se a designação francesa. Ver **PAPIER MACHÉ**.
 - **Papel não ácido ou papel neutro** – [*esp*]; [*ing*]; [*it*]; [*fr*]. [Ma] Ou *Acid Free* é o papel utilizado em conservação que apresenta um pH neutro (7.0), ou próximo do neutro. Este tipo de papel pode ser fabricado a partir de trapo de algodão ou linho, ou a partir de pasta de madeira purificada quimicamente.⁸⁵⁵ Papel não ácido ou ligeiramente alcalino e que, portanto, não se deteriora com facilidade.⁸⁵⁶ É o cartão-pedra.
 - **Papel velino** – Papel forte, liso, compacto, bom para a tiragem de vinhetas em relevo (REAL, 1962, p. 380).
 - **Papel japonês** – [*esp*]; [*ing*]; *Carta giapponese* [*it*]; [*fr*]. [Ma] Assim denominados por ser o Japão o país que produz em larga escala estes papéis adequados às artes plásticas e à restauração. São papéis de gramatura variável, desde muito finos e transparentes até a espessura de cartões, obtidos de forma natural ou semi-industrial obedecendo às etapas técnicas de tradição milenar. São confeccionados com fibras longas obtidas da entrecasca de arbustos de climas temperados, como amoreira, kozo, mitsumata, gampi, etc. As técnicas de preparação da massa impedem a existência de resíduos de lignina nestes papéis. A resistência ao rasgo, nestes papéis, é conferida apenas pela estrutura promovida pelo entrelaçamento das fibras; e a transparência nos papéis de baixa gramatura se deve à inexistência de fibrilas, devido à ausência de refino de massa (SPINELLI JR, 1997, p. 77). Papel com baixo conteúdo de cola e
-

⁸⁵⁴ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁸⁵⁵ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁸⁵⁶ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://panucarmi2.wikidot.com/glossario>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

	forte absorvência. É um papel forte, quimicamente estável. Existe em diferentes espessuras e tonalidades de cor. ⁸⁵⁷
--	---

PAPELÃO <i>carton [fr]</i>	[Ma] Nome genérico dado a papéis mais rústicos, geralmente de acabamento pobre, feito preponderantemente com matéria-prima inferior, e normalmente em várias camadas de elevado peso e espessura. ⁸⁵⁸
--------------------------------------	--

PAPELEIRA <i>casier [fr]</i>	[Mo] Espécie de secretária ou escrivaninha, com tampa inclinada, gavetas e repartimentos para guardar papéis (ÁVILA, 1979, p. 163).
--	---

PAPIER MACHÉ	[Ma] Mistura de pasta de papel, água, areia e giz, que pode ser moldada e endurece quando seca. Utilizada no mobiliário do século XIX (QUEIMADO, 2007, p. 184).
---------------------	---

PAPIRO <i>papiro [esp]</i> <i>papyrus [ing]</i> <i>papiro [it]</i> <i>papyrus [fr]</i>	[Bo] Planta da família das <i>Ciperáceas</i> , nos folhetos de cuja haste, antigamente, se escrevia. As hastes da planta após tratamento adequado (batidas e deixadas a secar) eram colocadas em duas camadas: as de fibra vertical (<i>schda</i>) sobre as de fibra horizontal (<i>plagula</i>) e coladas com cola de amido (<i>glúten</i>) (REAL, 1962, p. 380). Suporte para escrita, obtido do caule de planta aquática de mesmo nome. Também conhecido como Papel Augusto. ⁸⁵⁹
---	--

PAPO-DE-ROLA (ou de POMBA) <i>gueule renversée,</i> <i>talon [fr]</i>	[It] Segundo Paulo Thedim Barreto, em seu trabalho sobre a Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, trata-se de uma moldura côncava para cima e convexa para baixo, usada nos coroamentos e nas cornijas. É chamada, às vezes, de garganta (ÁVILA, 1979, p. 69). Linha formada de duas curvas opostas, sendo a côncava em baixo e a convexa em cima (REAL, 1962, p. 380).
--	--

PAQUIFE <i>cimier [fr]</i>	[Or] Ornatos que nascendo da parte superior do elmo ornam o escudo de um lado e outro (REAL, 1962, p. 380).
--------------------------------------	---

PARAFINA	Ver CERA MINERAL .
-----------------	---------------------------

PARALOID™ B-72	[Ma] Resina acrílica. Copolímero de etilmetilacrilato e metilacrilato. É uma das resinas mais estáveis utilizadas em conservação e restauro. É extremamente durável, não amarelece com o tempo e é compatível com todo o tipo de materiais filmogêneos, podendo ser combinado com os mesmos para formar películas de revestimento com uma larga variedade de transparências e intensidade de brilho. Forma filmes claros, flexíveis e resistentes a ambientes com humidade reduzida e a ataques de microrganismos. Ponto de fusão: 150°C. Temperatura de transição vítrea:
-----------------------	--

⁸⁵⁷ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁸⁵⁸ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁸⁵⁹ PEQUENO Glossário Dinâmico da Disciplina Conservação e Restauração de Documentos. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

	40°C. Solúvel em tolueno e xileno, em misturas tolueno/etanol, acetona. É insolúvel em isopropanol e água. É utilizado como verniz e consolidante. Altamente inflamável, devendo ser manuseado com luvas (PEIXOTO, 2012, p. 123).
PARAMENTÁRIO <i>liturgical vestments</i> <i>cupboard [ing]</i> <i>mobile per paramenti</i> <i>liturgici [it]</i> <i>armoire des</i> <i>ornements</i> <i>sacerdotaux [fr]</i>	[Mo] Móvel para guardar paramentos litúrgicos, em forma de cómoda ou armário, com ou sem espaldar, eventualmente de forma retabular, e encimado por cruz (THESAURUS, 2004, p. 47).
PARAMENTO <i>Parmento [esp]</i> <i>wall facing [ing]</i> <i>paramento [it]</i> <i>ornement ,</i> <i>parement [fr]</i>	<p>1. [Pm] Vestes oficiais do clero nas funções do culto divino e alfaias de uma igreja. Também chamados, genericamente, de <i>ornamentos</i> (TRINDADE, 1998, p. 391). As vestimentas, geralmente bordadas ou agaloadas, usadas no desempenho das funções religiosas, não sendo permitido seu uso em atividades profanas. As formas e o simbolismo dos paramentos remontam aos costumes da época de Cristo, especialmente do vestuário romano. Os tons variam de acordo com os tempos e as festas do Ano Litúrgico. Estabelecidos no Concílio de Trento, são os seguintes: branco, vermelho, verde, roxo, preto e cor-de-rosa, este último usado apenas duas vezes ao ano. Atualmente, o preto tende a desaparecer da liturgia, sendo substituído pelo roxo. Além destes seis tons oficiais, usa-se também o dourado, que pode substituir os outros, menos o preto e o roxo, e o prateado, que somente substitui o branco e, em alguns países, o azul, para festas e missas votivas da Imaculada Conceição (DAMASCENO, 1987, p. 37). O conjunto de peças diretamente utilizadas na liturgia, sendo: casula, dalmática e tunicela, estola e manípulo – outras peças como o pluvial, bolsas, véus e frontal estão associadas, apresentando as mesmas características. Por vezes, peças apenas idênticas na cor são utilizadas como parte de um mesmo paramento, por já não existirem as originais.⁸⁶⁰ Ver VESTES LITÚRGICAS.</p> <p>2. [It] Face de uma parede, geralmente coberta, parcial ou inteiramente, de madeira ou outro material, com função impermeabilizante ou decorativa (ÁVILA, 1979, p. 163).</p>
PARAPEITO	Ver PEITORIL .
PARASSEMA-TOGRAFIA	Ver HERÁLDICA .
PARA-VENTO <i>contrevente,</i>	[It] Anteparo de madeira disposto internamente diante das portas, sobretudo portas de igrejas, entre o vestíbulo e a nave central, para

⁸⁶⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>paravent</i> , <i>abri-vent [fr]</i>	resguardo do vento, e da visão externa (DAMASCENO, 1987, p. 37). O mesmo que <i>tapa-vento</i> e <i>guarda-vento</i> .
PARAZÔNIO	[Ab] Espada curta, com talabarte; acessório das estátuas de Marte e dos heróis (REAL, 1962, p. 382).
PARDO	[Cor] De cor entre branco e preto (REAL, 1962, p. 382).
PARECER	[Do] É uma opinião especializada, balizada por teorias, estudos e situações similares. Assim como o laudo, o parecer é o resultado de investigações por vistoria, inspeção ou perícia. ⁸⁶¹
PARÊNQUIMA <i>parenchima [it]</i>	[Bo] Em botânica, é o tecido fundamental constituído por células vivas, com uma membrana fina não lenhificada. ⁸⁶²
PARERGO <i>parergon [fr]</i>	[Ac] Acrescentamento; ornato (REAL, 1962, p. 382).
PÁROCO <i>curé de</i> <i>paroisse [fr]</i>	[Ig] Sacerdote que tem a seu cargo uma paróquia. Prior. Cura (NUNES, 2008, p. 114), a quem está entregue a cura das almas numa paróquia. PÁROCO COLADO – Pároco que goza de benefício eclesiástico e da prerrogativa de inamovibilidade. PÁROCO ENCOMENDADO – Sacerdote que administra uma igreja ou paróquia por escolha do prelado da diocese, sem nomeação do Poder Civil (TRINDADE, 1998, p. 391).
PARÓQUIA <i>paroisse [fr]</i>	[Ig] O mesmo que freguesia, junta de paróquia. Corporação eleita pelos paroquianos para administrar a fábrica da igreja, os bens e os interesses da paróquia (NUNES, 2008, p. 114). Ver FREGUESIA. PARÓQUIA COLADA – Paróquia de criação régia, com direito a receber cômguas do Poder Civil (TRINDADE, 1998, p. 392).
PARQUETARIA	[Ta] Forma de marchetaria com base num padrão geométrico e repetitivo, executado em madeiras contrastantes (QUEIMADO, 2007, p. 184).
PARQUETE <i>parquet [fr]</i>	[It] Pavimento feito de tacos de madeira formando desenhos (REAL, 1962, p. 382).
PARRA <i>feuille de vigne [fr]</i>	[Or] Folha de videira; folha reproduzida na estatuária antiga para cobrir a nudez das estátuas (REAL, 1962, p. 383).
PARREIRA ou VIDEIRA	[Or] Usada como emblema nas decorações arquitetônicas (REAL, 1962, p. 383).

⁸⁶¹ Disponível em: <<http://gestaoderestauo.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁸⁶² GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

vignef [fr]

PARTENON
Parthénon [fr]. [Ou] O mais perfeito dos templos gregos construído sobre a acrópole de Atenas no período áureo da arte deste povo (século V a.C); construção toda em mármore no estilo dórico períptero octástilo, decorado por Fídias. As esculturas monumentais em baixo-relevo do frontão e dos frisos reproduziam a procissão das Panateneias; grande parte desta obra encontra-se no British Museum de Londres, adquirida em 1816 por Lord Helgin (REAL, 1962, p. 383).

PARTIDO [Ap] A intenção plástica do artista ao interpretar um assunto qualquer (REAL, 1962, p. 383).

PASSAMANARIA
passementerie [fr] [Ou] Obra de passamanes; ofício ou estabelecimento de passamanes. **PASSAMANES** – Fitas ou galões entretecidos a prata, ouro, seda ou algodão (REAL, 1962, p. 383-384)

PASSAMENTO [Ic] Passagem da vida à morte. A morte (NUNES, 2008, p. 114).

PASSE-PARTOUT [Ou] Cartão onde se prende um desenho ou gravura, deixando margem como uma moldura; cercadura (REAL, 1962, p. 384).

PASSO
Station of the Cross [ing]
stazione del cammino del Calvario [it]
repositoir, station du Chemin de Croix [fr] 1. [Ic] Estação processional da Via Sacra. Apresenta uma iconografia referente a cada um dos passos da Via Sacra e junto ao qual a procissão efetua uma paragem para escutar um sermão relacionado com a temática que evoca. 2. [Ig] Pequena capela onde se encontram essas representações (DAMASCENO, 1987, p. 37), ou capela que abriga esculturas ou pinturas representando cenas da Paixão de Cristo (ÁVILA, 1979, p. 71).

PASSO GEOMÉTRICO [Mt] Medida de comprimento correspondente a 1,65 m ou 60 polegadas (ÁVILA, 1979, p. 212).

PASSO ORDINÁRIO [Mt] Medida de comprimento equivalente a 82,5 cm. Correspondia no sistema antigo a 30 polegadas (ÁVILA, 1979, p. 212).

PASTA
pâte [fr] 1. [Ce] Mistura de várias argilas minerais e outras matérias não plásticas, que constitui o corpo cerâmico.⁸⁶³ Mistura de barro e antiplástico ou tempero usada na confecção de cerâmica.⁸⁶⁴ 2. [Ap] Mistura, em proporções convenientes, de materiais moídos e apropriados para diferentes usos nas técnicas de arte (REAL, 1962, p. 384).

⁸⁶³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁸⁶⁴ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcaovarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

PASTEL

pastel [esp]
pastel drawing [ing]
pastello [it]
pastel [fr]

[Ta] Técnica pictórica que é aplicada a seco. Técnica de desenho desenvolvida no século XVI. O suporte mais adequado ao pastel é o papel, mas pode-se encontrar mesmo sobre tela de trama fina. Os pigmentos moídos em pó finíssimo, às vezes misturado com cargas brancas ou corantes que expandem sua faixa cromática, são misturados com um aglutinante – goma-arábica, leite de figo, açúcar cristalizado, goma adragante, mel – em solução aquosa, para se obter uma pasta homogênea que é moldada em forma de pequenos bastões e deixada secar. O pastel é estável à luz, mas sensível ao menor atrito ou vibração, que lhe provocam a queda de cor.⁸⁶⁵ **PASTEL SECO** – Crayon seco recheado com pigmento em pó aglutinado. Encontrado em diferentes graduações de maciez, é mais comumente utilizado o tipo macio, sendo o médio e duro eleitos geralmente para resultados bem específicos. São oferecidos em formatos variados, puro ou recoberto de madeira, em versão mais rígida. Seu grau de maciez varia também de acordo com a cor do bastão, pois cada pigmento atinge um grau específico de dureza quando misturado ao aglutinante, desde muito fraco (sombra natural) a muito forte (vermelho de alizarina). Possibilitam a construção de imagens por linhas independentes ou mescla de tons. A superfície trabalhada com este pastel é bastante vulnerável, sendo imprescindível o uso de fixadores.⁸⁶⁶ **PASTEL OLEOSO** – Constituído de pigmento, cera e gordura animal. Sua maleabilidade altera-se conforme a temperatura ambiente: quanto mais quente, mais difícil torna-se sua utilização e mais facilmente o pigmento fica retido ao papel. Pode ser misturado a solventes como álcool ou terebintina para efeitos mais suaves.⁸⁶⁷

PASTICHE

pastiche [esp]
pastiche [ing]
pastiche [it]
pastiche [fr]

[Ap] Obra mal imitada de um mestre (REAL, 1962, p. 384). Cópia. Obra a maneira de pintar, desenhar ou de compor de um artista ou uma escola, incorporando ou não elementos ou motivos copiados ou emprestados (LANGLE; CURIE, 2009, p. 262).

PASTILHO ou PASTIGLIO

[Tc] É a utilização do relevo na formação de desenhos decorativos. Sua aplicação pode ser encontrada em várias áreas, sendo mais comum na decoração dos barrados das vestimentas. Esse relevo é realizado no nível da base de preparação: após o nivelamento do gesso fino, esse mesmo gesso é aplicado de forma mais líquida, nas áreas em que se quer formar um relevo (MEDEIROS, 2000, p. 49). Nome dado aos relevos aplicados sobre o douramento. O *pastíglío* é feito sobre a base de preparação já lixada e lisa. Podem-se utilizar diversos materiais como barbante, tecido,

⁸⁶⁵ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁸⁶⁶ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/desenho>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁸⁶⁷ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/desenho>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

etc., molhados em cola e depois recobertos com massa de preparação. Esse procedimento forma relevos decorativos no panejamento (TEIXEIRA, 1995, p. 69). Ornamentos em relevo, feitos geralmente nas bordas dos mantos, túnicas, golas e punhos enquanto a base de preparação está úmida (FAUSTO, 2010, p. 275). Também chamado *pastiglia* ou *relevo*.

PASTORIL

[Es] O gênero Pastoril é na Escultura o mesmo que o gênero das Paisagens é na Pintura. Ele tem por fim representar com toda a verdade os Pastores, os gados, as árvores, e todos os mais objetos campestres (CASTRO, 1937, p. 58).

PÁTERA

[Or] Sinônimo latino da palavra grega *philae*. Ornato circular moldurado ou envolvido por folhas de acanto ou pétalas de rosa (IMC, 2011, p. 124). Motivo circular ou oval em baixo relevo, normalmente utilizado como ornamento no mobiliário do neoclássico (QUEIMADO, 2007, p. 184).

PÁTINA

pátina [esp]
patina [ing]
patina [it]
patine [fr]

[Dt] Com a ação do tempo, a oxidação das tintas e vernizes ou as partículas depositadas na superfície dos objetos adquirem um aspecto aveludado, cujo nome é pátina (TEIXEIRA, 1995, p. 69). O termo pátina, identifica o envelhecimento natural e as sucessivas camadas de sujidade e gordura que se acumularam no ouro ou nas policromias com o decorrer dos anos, sobretudo nas decorações trabalhadas e nos entalhes. A pátina pode ser imitada com uma velatura que se dá sobre o ouro ou a pintura que dá mais contraste entre as zonas côncavas e convexas. As pátinas têm de ser feitas consoante o tom do ouro ou o efeito final pretendido. Antigamente, para o douramento a água, a pátina era feita com tintas a óleo combinando-se várias cores até se atingir o tom certo. A cor base era terra Siena natural. A esta cor acrescentava-se terra Siena queimada e amarelo em pequenas quantidades, fazendo-se o acerto do tom na paleta. Quando se atingia o tom desejado, misturava-se essência de terebintina até a tinta ficar bem fluida, mas com algum corpo, aplicando-se uniformemente uma camada muito estirada a pincel. Quando se usavam tintas a têmpera, o processo de preparação e acerto de tom era o mesmo, apenas com a diferença de o solvente ser a água-cola muito diluída. Atualmente, existem no mercado, pátinas de diferentes tons prontas a aplicar, o que simplifica muito esta operação, como é o caso do betume judaico, que se pode aplicar com diversas densidades: para ficar mais fluido basta diluir com um pouco *white spirit*. Depois de aplicado, passe-se um pano nas zonas mais altas da talha, deixando os resíduos nas zonas côncavas, o que confere ao ouro maior volumetria. Quando se aplica betume judaico sobre o douramento a mordente há que ter em consideração que este dissolve o mordente, arrastando deste modo o ouro quando se passa o pano (QUEIMADO, 2007, p. 64-65).

PATOGENIA	[Ex] É o estudo que trata da maneira pela qual os agentes agredem os materiais construtivos. A hermenêutica leva-nos à Etiologia que é o estudo das causas. ⁸⁶⁸
------------------	--

PATOLOGIA	[Ec] No âmbito do patrimônio cultural construído, corresponde às investigações para o conhecimento das alterações estruturais e funcionais, produzidas por ações endógenas ou exógenas, nos materiais, nas técnicas, nos sistemas e nos componentes construtivos. Processo de conhecimento que tem por objetivo explicar as razões e a localização dos sinais e sintomas manifestos, enquanto fornece uma base para os cuidados de intervenções corretivas e preventivas. ⁸⁶⁹
------------------	--

PATRIMÔNIO – [esp]; [ing]; [it]; [fr].	<p>[Pa] Bem, ou um conjunto de bens, de natureza material ou imaterial, de reconhecido ou interesse (cultural, histórico, ambiental, etc.) para determinada região, país, etc. Entre outros os patrimônios podem ser:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Arqueológico De acordo com a Carta de Lausanne, compreende a porção do patrimônio material para a qual os métodos da arqueologia fornecem os conhecimentos primários. Engloba todos os vestígios da existência humana e interessa todos os lugares onde há indícios de atividades humanas não importando quais sejam elas, estruturais e vestígios abandonados de todo tipo, na superfície, no subsolo ou sob as águas, assim como o material a eles associados.⁸⁷⁰ • Arquitetônico – É formado pelos bens imóveis edificados (monumentos, edifícios representativos da evolução histórica ou exemplares de determinado período ou manifestação cultural). Neste caso é também importante a garantia de preservação do entorno da edificação, de forma a assegurar sua distinção e percepção no contexto onde se insere.⁸⁷¹ • Cultural – O conceito de patrimônio, em geral, tem sentidos amplos que abarcam aspectos jurídicos, administrativos, identitários e morais. Durante muito tempo, o patrimônio cultural foi definido como semelhante à herança cultural, ou seja, resultado de algo que nos foi legado do passado de forma cumulativa do qual seríamos, então, seus “herdeiros”. Atualmente, a noção de patrimônio cultural se ampliou integrando não apenas artefatos, mas também, ecofatos, práticas sociais e tecnologias específicas (ACAM PORTINARI, 2010, p. 105). • Documental – Formado por documentos que constituem acervo
---	---

⁸⁶⁸ Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁸⁶⁹ Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁸⁷⁰ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

⁸⁷¹ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

histórico e fonte de comprovação de fatos históricos e memoráveis. Materializado sob diversas formas e sobre diferentes bases, constitui muitas vezes o principal acervo dos arquivos públicos.⁸⁷²

- **Espeleológico** – Formado pelo conjunto de ocorrências geológicas que criam formações especiais e cavidades naturais no solo tais como grutas, cavernas, fontes, etc.⁸⁷³
- **Imaterial** – Incluem-se neste conceito as formas de expressão e os modos de criar, fazer e viver, considerando: os Saberes (conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades), as Celebrações (rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social), as Formas de Expressão (manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas) e os Lugares (mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas).⁸⁷⁴
- **Paisagístico** – Entende-se por patrimônio paisagístico aquela paisagem natural de especial significado simbólico para o homem e a comunidade, que seja representativa da noção de lugar e história e que identifique, especialmente, determinado povo. São exemplos de patrimônio paisagístico o Pico do Itacolomi (que identifica a cidade de Ouro Preto) e a Serra do Curral (que emoldura a cidade de Belo Horizonte). A paisagem transformada pelo homem, como jardins históricos ou espaços abertos no campo ou nas cidades é, também, considerada patrimônio paisagístico, inserido, neste caso, na ideia de paisagem cultural.
- **Urbanístico** – Formado pelas estruturas urbanas e/ou conjuntos urbanos de especial importância que guardam homogeneidade paisagística e ambiental ou são referenciais formadores da personalidade única do lugar.⁸⁷⁵

PATRONO

O mesmo que **PADROEIRO**.

PAU-FERRO

[Md] Trata-se de uma madeira brasileira e tem cor vermelha clara. Durável, tem alta resistência ao ataque de fungos, porém, é difícil de trabalhar, já que tem baixa permeabilidade às soluções preservantes. A Pau-Ferro pode ser usada na construção civil e de esquadrias, na fabricação de mobiliário de alta qualidade, assoalhos domésticos, embarcações, transportes, utensílios, instrumentos musicais e decoração.⁸⁷⁶

⁸⁷² MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

⁸⁷³ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

⁸⁷⁴ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

⁸⁷⁵ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

⁸⁷⁶ Disponível em: <<https://martelaria.com.br/blog/madeira-conheca-cada-tipo/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

PAULISTINHA

Possuem a denominação de “paulistinhas”, as imagens de barro de pequeno tamanho – que variam de 5 a 30 cm de altura. Estas imagens apresentam duas características permanentes:

- As figuras sempre estão sobre um pedestal tronco-cônico ou tronco-piramidal (redondo ou facetado); e
- São ocas a partir da base – essas cavidades são sistemática e intencionalmente cônicas, a espessura da borda chega a ser de 3 a 4 mm, e daí para cima, a grossura do barro aumenta, com o furo diminuindo até zero no vértice do oco.

São imagens de barro queimado, que influíram no mercado da imaginária doméstica de São Paulo. Foram desenvolvidas durante aproximadamente 130 anos, até o final do século XIX e início do XX. A imagem está montada sobre uma base ou peanha peculiar, redonda ou facetada, que ocupa um terço da altura total da peça. São todas ocas e o vazio representa um cone ou funil, completo ou truncado, que alcança até o alto da imagem ou é curto, indo pouco acima da base (ETZEL, 1971, p. 104). Imagem geralmente feita para oratórios. Sua origem está ligada às imagens portuguesas da mesma época, e de inspiração beneditina.

- **Iconografia:** a mais encontrada foi a de Nossa Senhora da Conceição, e depois Santo Antônio.
- **A confecção da imagem:** O uso de moldes para a confecção dos barros queimados. O molde teria que ser grosseiro para dar o vulto geral da imagem, o acabamento com linhas gerais do modelo era dado pelo santeiro com uma espécie de buril. A face posterior era lisa e feita à mão livre. Já os braços, cabeça e o Menino Jesus, eram incorporados à matriz para o acabamento final e individual.
- **A confecção do cone interno:** É liso e regular. A peça é esvaziada, a partir do centro da superfície inferior, com movimentos circulares de um instrumento como uma faca, aprofundando até o alto.
- **A pintura:** Era feita após o cozimento. As cores usadas eram simples: azul, vermelho, preto, pérola. E em alguns casos o douramento.
- **Os santeiros:** Em sua maioria são desconhecidos e humildes. Alguns deixaram registros. Juca Angélico; Dito Pituba; Dito Luzia; Mestre Pedro; Francisco Ferreira; Alfredinho do Morro; José Benedito da Cruz.

As pequenas imagens foram confeccionadas somente no estado de São Paulo, com grande demanda na região do Vale do Paraíba do Sul. O século XIX foi tido como um período fértil da produção deste tipo de imagem sacra. Os santeiros, um perfil de artífices que se emanciparam da subordinação das oficinas convencionais e não conheciam os cânones de

perspectiva de representação clássica, mas possuíam um olhar perspicaz, estavam empenhados na tarefa da moldagem e, posteriormente, da modelagem destas imagens para atender as solicitações dos devotos. Mesmo sem a orientação de um mestre, mas partindo de um protótipo ou simplesmente inspirados pelas imagens que contemplavam nos altares das igrejas, o que concerne em uma base importante para os procedimentos de execução, alcançaram uma autonomia formal bastante criativa e singular. As características gerais desta imaginária são:

- o caráter predominante da configuração é o da frontalidade e o hieratismo;
- rigidez na postura dos braços e das pernas, geralmente cobertas;
- tratamento pictórico bastante limitado tanto na qualidade, como na cor;
- imagens sobre uma peanha alta, com base redonda ou facetada;
- podem ser encontradas em barro cru ou cozido;
- um orifício cônico, no interior das de barro, que vai da base à metade da peça. (ALCÂNTARA, 2008, p. 14-15).

PAUS DE PEITO	[Md] As travessas superiores de madeira de um peitoril (ÁVILA, 1979, p. 71).
PAVÃO	[Ic] Representa o Deus “que tudo vê” (dos “cem olhos” da sua cauda) (NUNES, 2008, p. 114).
PAVILHÃO <i>pavillon [fr].</i>	[Ig] Cortina de tecido fino. usada para cobrir a porta do sacrário. Pode ser sempre branca ou variar segundo a cor do ofício do dia. O mesmo que conopeu ou véu de sacrário (TRINDADE, 1998, p. 392).
PAVONAÇO	[Cor] Da cor da violeta (REAL, 1962, p. 387).
PAX OU PAZ <i>paix [fr]</i>	[Li] Placa de metal, geralmente circular, gravada, que o celebrante dava a beijar aos fiéis durante as missas solenes (peça em desuso) (NUNES, 2008, p. 114).
PCH	[Og] Programa de Cidades Históricas.
PÉ <i>pied [fr]</i>	1. [Mt] Medida de comprimento equivalente a 33 cm. Correspondia no sistema antigo de medidas a um palmo e meio. A medida anglo-saxônica de mesmo nome equivale a 30,48 cm (ÁVILA, 1979, p. 212). 2. [Mo] Parte sobre a qual se assentam peças de mobiliário e outros objetos (DAMASCENO, 1987, p. 37). Suporte; pedestal (REAL, 1962, p. 387).
PÉ-DIREITO	1. [Ar] Distância entre o piso e o forro de um pavimento. 2. [Ar] Elemento vertical das estruturas, esteio (ÁVILA, 1979, p. 71).
PÉ DO ALTAR	[Rg] O rendimento que o padre tira do seu sacerdócio (NUNES, 2008, p.

	115).
PÉ EM BOLACHA	[Mo] Perna de mobiliário terminando em bola achatada (QUEIMADO, 2007, p. 184).
PÉ EM GARRA E BOLA	[Mo] Perna de mobiliário que termina em garra de animal a agarrar uma bola (QUEIMADO, 2007, p. 184).
PEAL <i>escarpin [fr]</i>	[In] Sapato de entrada rasa, de sola fina (REAL, 1962, p. 387).
PEANHA <i>peaña, mensula, basa pequeña [esp] small pedestal, stand [ing] base, piedistallo [it] piédouche [fr]</i>	[Es] Do latim <i>pedanea</i> . Pequeno pedestal ou base que suporta, geralmente, uma escultura, uma cruz (IMC, 2011, p. 124), bustos, estatuetas, vasos, etc. Possui diferentes formas (DAMASCENO, 1987, p. 37). Pequena peça saliente de paredes, retábulos, etc., sobre a qual se colocam imagens, crucifixos, etc. (ÁVILA, 1979, p. 163), terminando em adocamento com molduras, e algumas vezes ornamentado, (RODRIGUES, 1875, p. 288). De acordo com o Dicionário Bluteau (1728, p. 491) a definição de peanha é: o que serve de <i>soster</i> alguma estátua, ou figura, chama-se peanha, porque nela se assentam os pés da figura. [...] Sem controvérsia alguma a peanha de qualquer estátua, ou figura se poderá chamar, <i>basis</i> (plural de <i>base</i> na grafia antiga). Ver BASE .
PECHISBEQUE <i>toc [fr]</i>	[Me] Liga de cobre e zinco, imitando ouro (REAL, 1962, p. 387).
PECILOCROMÁTICO	[Pi] Pintado de várias cores; variegado (REAL, 1962, p. 387).
PEDAUCA <i>pédauque [fr]</i>	[Es] Imagem ou estátua de mulher com pés de pata que se encontra em alguns monumentos da Idade Média (REAL, 1962, p. 388).
PEDESTAL <i>pedestal [esp] pedestal [ing] piedistallo [it] piédestal [fr]</i>	1. [Rb] Suporte, de material variado, que sustenta uma coluna, um busto, uma estátua, peça ornamental, etc. (TEIXEIRA, 1995, p. 70), pode ser uma base em pedra, metal, madeira, etc. (ÁVILA, 1979, p. 71). Ver BASE .
PEDRA D'ARA <i>altar stone [ing] pietra sacra [it] pierre d'autel [fr]</i>	[Ig] Pedra retangular, pequena e pouco espessa, colocada sobre mesa do altar, tendo, no centro, pequena cavidade contendo relíquias dos mártires e dos santos. Deve vir envolvida em linho grosso, e ser consagrada pelo bispo. É a peça essencial do altar e sobre ela repousam o cálice e a hóstia, na celebração da missa. Sem ela, esta se tornaria ilícita. Nos altares de mármore ou granito, toda a mesa é consagrada, não havendo, pois, necessidade da pedra d'ara (DAMASCENO, 1987, p. 38). Lugar onde se celebra o sacrifício (NUNES, 2008, p. 115). Deve ser consagrada pelo

	bispo. (TRINDADE, 1998, p. 392).
--	----------------------------------

PEDRA DE BRUNIR	[Eq] Pedra dura, transparente e polida, talhada em dente de lobo ou em ângulo e adaptada a um cabo de madeira, usada na douração para brunir o ouro (TEIXEIRA, 1995, p. 70). Ver ÁGATA.
<i>pedra [esp]</i>	
<i>whetstone [ing]</i>	
<i>pietra [it]</i>	
<i>pietre brunir [fr]</i>	

PEDRA DE PENITÊNCIA	[Pe] Pedra de peso significativo, que é conduzida pelos fiéis em ato penitencial (DAMASCENO, 1987, p. 38).
----------------------------	--

PEDRA DURA	[Pe] Material gemológico (mineral ou rocha) geralmente translúcido a opaco, usualmente empregado em pequenas estatuetas decorativas e bibelôs (malaquita, ágata, lápis lazúli). ⁸⁷⁷
-------------------	--

PEDRA ESCORRIDA	[Pe] Pedra lavrada a escopro (ÁVILA, 1979, p. 71).
------------------------	--

PEDRA POMES	[Pe] É a lava do Vesúvio coagulada; e serve para acabamento das estátuas em/de mármore, em/de metais, tendo outros usos (CASTRO, 1937, p. 59). Pedra vulcânica, leve e porosa, de polir ou limpar (REAL, 1962, p. 389).
<i>pietre ponce [fr]</i>	

PEDRA-SABÃO	[Pe] Também chamada <i>esteatita</i> . ⁸⁷⁸ Um tipo de rocha muito rica em talco, bastante macia e lisa, de aspecto marmóreo na superfície, mas de textura semelhante à do sabão. Aceita bem o polimento e é tão macia que pode ser trabalhada com uma faca. Sua cor é um cinza palidamente esverdeado ou azulado, ou às vezes marrom. É vulnerável à umidade atmosférica, sendo adequada a esculturas destinadas a locais protegidos. ⁸⁷⁹ É rica em silicato de magnésio (talco), mineral muito macio (número 1 na Escala de dureza de Mohs), de cor cinza ou, às vezes, azul ou esverdeada. A pedra-sabão, de grande ocorrência na região central de MG, foi largamente utilizada na escultura ornamental religiosa do período colonial (ÁVILA, 1979, p. 71).
<i>stéatite [fr]</i>	

PEDRA SECA	[Pe] Pedra usada em muros ou paredes, assentada à maneira de <i>junta seca</i> (ÁVILA, 1979, p. 71).
-------------------	--

PEDRA SEMIPRECIOSA	[Pe] Termo enganador, internacionalmente banido pela CIBJO - Confederação Internacional da Ourivesaria - que não deve ser empregue
---------------------------	--

⁸⁷⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁸⁷⁸ Esteatita pode ser sinônimo do mineral talco. A rocha com talco (pedra-sabão) é o esteatito (do ponto de vista geológico).

⁸⁷⁹ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/escultura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

	em gemologia ou ourivesaria. Sugere-se a utilização das expressões pedra preciosa ou gema. ⁸⁸⁰
--	---

PEDRA SEM VENTO NEM QUEBRA	[Pe] A expressão se refere às pedras de cantaria inteiriças e sem falhas, totalmente maciças, preferidas para serviços finos de acabamento (ÁVILA, 1979, p. 72).
-----------------------------------	--

PEDRA-VERDE <i>pierre verte ou pierre á l'eau [fr]</i>	[Ce] Arenito muito fino, com o auxílio do qual se retira a pintura sobre porcelana ou faiança, que sofreu o processo de escamação (REAL, 1962, p. 389).
--	---

PEDÚNCULO	[Es] Suporte para os olhos de vidro (TEIXEIRA, 1995, p. 70). No caso de olhos de vidro ocos e esféricos que são produzidos pela técnica de sopro com vidro em tubo (o vidro é soprado por um tubo transparente ou branco), resultam num pedúnculo (COELHO; QUITES, 2014, p. 142). Ver OLHOS DE VIDRO.
------------------	---

PEITORIL	[It] Mesmo que parapeito. Peça horizontal que dá acabamento à parte inferior de uma janela. Local onde o peito se apoia ao debruçar. ⁸⁸¹ Superfície horizontal, para apoio, na parte inferior de uma janela. Por extensão, o muro ou o elemento cheio ou vazado, de meia altura, que protege os vãos. mureta, parapeito, pano de peito (ÁVILA, 1979, p. 72).
-----------------	---

PEIXE	[Ic] Expressão exterior da crença na divindade de Cristo. O símbolo é um acróstico no qual as primeiras letras das palavras gregas “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”, formam a palavra <i>Ikhthys</i> = peixe (NUNES, 2008, p. 115).
--------------	--

PELE DE TUBARÃO	[Ma] Pele usada como abrasivo (TEIXEIRA, 1995, p. 70).
------------------------	--

PELENESA <i>polonesa para dorar [esp]</i> <i>gilder's tip [ing]</i> <i>paletta da doratore,</i> <i>pennellessa per foglia d'oro [it]</i> <i>palette à dorer [fr]</i>	[Eq] Tipo de paleta própria para pegar a folha de ouro (TEIXEIRA, 1995, p. 71). Escova larga e plana de pelos finos usada para transferir a folha de ouro da almofada (coxim) para a superfície onde ela deve ser aplicada. ⁸⁸²
--	--

PELERINE	[In] Pequeno manto de senhora que cobre só parte das costas e do peito
-----------------	--

⁸⁸⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁸⁸¹ CONJUNTO... 2007, p. 178.

⁸⁸² Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/polonesa>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

<i>pèlerine [fr]</i>	(REAL, 1962, p. 390).
PELICANO	[Ic] Ave aquática palmípede, dotada de bico longo e achatado, cuja fêmea alimenta os filhotes com reservas acumuladas numa bolsa membranosa situada na mandíbula inferior. Para esvaziar a bolsa, comprime o peito com o bico, fato que deu origem à lenda de que fere o peito para dar o próprio sangue ou suas entranhas como alimento aos filhotes. O pelicano é tomado pela igreja como símbolo de Cristo, que deu a vida para salvar a humanidade. Na iconografia cristã, é geralmente representado com três filhotes, dando-lhes de comer (DAMASCENO, 1987, p. 38). Na simbologia ornamental religiosa, representa, por analogia, a instituição da Eucaristia. Trata-se de um dos motivos ornamentais mais usados na talha do primeiro período do Barroco Mineiro. Diferencia-se da fênix (ave) pela forma do bico e dos pés (ÁVILA, 1979, p. 164). Representa o Santíssimo Sacramento (NUNES, 2008, p. 115).
PEMBROKE TABLE	[Mo] Mesa do estilo <i>Regency</i> , que deixa cair duas abas laterais para reduzir a sua dimensão quando necessário (QUEIMADO, 2007, p. 184).
PENA DE ÁGUA	[Mt] Antiga medida usada na partilha de água, aproximadamente da grossura de uma pena de pato (ÁVILA, 1979, p. 163).
PENACHO <i>plumet [fr]</i>	[Or] Ornato em forma de penacho, com uma ou mais penas postas em ramo ou espécie de leque (ÁVILA, 1979, p. 213).
PENDURICALHO <i>pendeloques,</i> <i>fanfreluche [fr]</i>	[Or] Coisa pendente para adornar; pingente; berloque; balangandã (REAL, 1962, p. 391).
PENELA	[Es] Peanha pequena (TEIXEIRA, 1995, p. 70).
PENITENTE	[Rg] Aquele que se arrepende, que faz penitência. Membro de certas ordens religiosas. O que acompanha procissão em penitência (NUNES, 2008, p. 115).
PENTATEUCO <i>pentateuque [fr]</i>	[Rg] Os cinco primeiros livros da Bíblia (REAL, 1962, p. 391).
PENTÉLICO <i>pentélique [fr]</i>	[Pe] Diz-se do mármore do monte Pentélico, em Atenas, muito apreciado pelos escultores (REAL, 1962, p. 391).
PENÚLO <i>pénule [fr]</i>	[In] Na antiga Roma, manto curto, redondo, sem mangas que se vestia passando a cabeça pela abertura, semelhante ao poncho (REAL, 1962, p. 391).
PENUMBRA <i>pénombre [fr]</i>	[De] Gradação de luz para a sombra; meia-luz. No ponto em que a luz viva se funde com a sombra, os contornos tornam-se menos secos, menos

	duros (REAL, 1962, p. 391).
PEPLO <i>péplo [fr]</i>	[In] Entre os antigos, túnica sem mangas, presa ao ombro por fivela (REAL, 1962, p. 391).
PERCEPÇÃO	[Ge] Processo mental de identificar informações, tendo por base conhecimento anteriormente adquiridos (NEVES, 2013, p. 97-98).
PERDA	[Dt] Perda de blocos - Perda de partes que constituem o objeto por descolamento, folga dos encaixes ou cravos. Superfície de formato regular com marcas de encaixe ou resíduos de adesivos. Perda de suporte – Perda de material que constitui o suporte (ex.: madeira). Perda de camada pictórica – Quando ocorre desprendimento de camada pictórica do suporte. ⁸⁸³
PERDA DE TRANSPARÊNCIA (VERNIZ) <i>perte de transparence [fr]</i>	[Dt] Esse tipo de perda ocasiona algumas manchas: <ul style="list-style-type: none"> • Mancha – <i>ternissure [fr]</i>. Perda leve da transparência ou brilho do verniz. O verniz fica manchado por uma modificação intrínseca da camada de verniz (início de microfissuras) ou por uma modificação de superfície (poeira oleosa ou simples atrito). • Mancha azul – <i>blooming [ing]; bleuissement [fr]</i>. Reflexos azul-acinzentados do verniz, muitas vezes irregulares, devido, em geral, a uma microcondensação de vapor de água da atmosfera. Este fenômeno, que muitas vezes aparece durante uma queda de temperatura, não tem a mesma extensão em todos os vernizes. Pode ser continuado por uma hidrólise com uma migração para a superfície da tinta, ácidos graxos do aglutinante.
PERFIL <i>profil [fr]</i>	1. [Ds] Delineamento ou linha de contorno de um corpo construtivo, segundo a sua largura e altura. 2. [Ar] Perfis com relação às fachadas de um edifício (ÁVILA, 1979, p. 72).
PERFIL DA TRIBUNA	[Or] Contorno ou orla que delinea o vão do camarim ou tribuna do trono de um retábulo, quase sempre em talha de desenho bordado ou recortado (ÁVILA, 1979, p. 164).
PERFILADOS ROCAILLE	[Or] Delineamentos com formas em <i>rocaille</i> . ⁸⁸⁴
PERGAMINHO <i>vélin,</i>	[Ou] Suporte para escrita obtido de pele de animal, por impregnação em cal, desbaste, estiramento e polimento. ⁸⁸⁵ Pele de carneiro, ovelha ou cordeiro adelgada e bem preparada (REAL, 1962, p. 392).

⁸⁸³ Disponível em: <http://www.maurobandeira.com/restauro/sobre_r.html>. Acesso em: 12 set. 2017.

⁸⁸⁴ CONJUNTO... 2007, p. 178.

⁸⁸⁵ PEQUENO Glossário Dinâmico da Disciplina Conservação e Restauração de Documentos. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

parchemin [fr]

PÉRGULA [Ar] Elemento divisório que, nas basílicas paleo-cristãs, separava o coro do corpo da igreja; o acesso faz-se por uma porta integrada na grade. Consistia numa colunata assentada sobre parapeito e encimada por arquitrave de onde se suspendiam as lâmpadas. A pérgula corresponde à iconostase das igrejas de rito oriental (THESAURUS, 2004, p. 33).

pergula [ing]
pergula [it]
pergula [fr]

PERITAGEM [Ex] Exame metuculofo de uma obra de arte para saber de sua autenticidade, valor artístico e monetário (REAL, 1962, p. 392). PERITO – Aquele que faz peritagem; são profissionais que conhecem o valor e a autenticidade de uma obra de arte (REAL, 1962, p. 393).

expertise [fr]

PERIZÔNIO [In] Termo comumente empregado para designar o tecido ou que cobre a nudez do Cristo Crucificado, desde a cintura até ao nível dos joelhos (IMC, 2011, p. 124). Ver CENDAL.

PERNO [It] Pequeno eixo cilíndrico de ferro sobre o qual se movimentam as portas de determinadas construções (ÁVILA, 1979, p. 72).

PÉROLA [Or] Ornamento em forma de pequenos grãos postos em fila (REAL, 1962, p. 393). Ver FILETE PERLADO.

perles [fr]

PEROLADO 1. [Cor] Cor que imita a cor iridescente da madreperla, a substância interna das conchas de moluscos, muitas vezes branca com tons de rosa ou cinza com tons de verde e preto. 2. [Pi] Por extensão, o termo se aplica a uma pintura de tons claros, frios e com superfície translúcida (LANGLE; CURIE, 2009, p. 54).

nacré, nacrée [fr]

PERÓXIDO DE HIDROGÊNIO [Ma] Fórmula: H₂O₂. Reagente inorgânico. Líquido incolor e instável, de características oxidantes. Não inflamável. Completamente solúvel em água. Solúvel em álcool e insolúvel em éter de petróleo. Utilizado como “branqueador” em papel. Regeneração da cor do pigmento branco de chumbo quando este escurece devido à poluição atmosférica. Provoca queimaduras na pele (ABRACOR, 2011, p. 179). Foi usado para clarear madeira na década de 80 e 90. Sinonímia: água oxigenada.

PERSPECTIVA [Ta] Meio de transposição sobre um plano de um espaço a três dimensões. Nesta técnica incluem-se não só a perspectiva geométrica clássica, definida no Renascimento, mas todos os processos empíricos utilizados para criar a ilusão de tridimensionalidade.⁸⁸⁶

perspective [fr]

PERSPECTIVA (pintura em) 1. [Pi] Pintura que busca representar num plano os objetos ou figuras tais como se apresentam à vista, ocorrendo variedades de perspectivas, de acordo com os diferentes ângulos em que se coloque o observador

⁸⁸⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

(ÁVILA, 1979, p. 164). 2. [It] Estilo de pintura de forro ou parietal em que o artista cria em continuação da arquitetura imitada na pintura, aumentando ilusoriamente o espaço, para jardins, pérgolas e no caso dos forros, abrindo para um céu em pintura, onde aparecem os santos e divindades. A pintura em perspectiva teve origem no famoso teto da igreja de Jesus em Roma, da Companhia de Jesus; pintado pelo padre Andrea Pozzo em 1694, e no tratado de autoria do mesmo artista. Pintores como Tiepolo utilizaram-se magistralmente deste modelo de pintura que os artistas italianos como Vincenzo Bracarelli, levaram para Portugal. No Brasil, as pinturas de forro perspectivadas aparecem também no Rio de Janeiro, primeiramente na igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, em obra de Caetano da Costa Coelho, na Bahia, o teto da Basílica da Conceição da Praia, de autoria do pintor José Joaquim da Rocha, e em Minas Gerais, onde houve grande desenvolvimento deste tipo de pintura, sobrevivem mais de quarenta exemplares entre o estilo Barroco e o Rococó, destacando-se o da capela terceira franciscana de Ouro Preto de autoria de Manuel da Costa Ataíde. Ainda teve alguns reflexos em Goiás onde existem dois forros, e em São Paulo, alguns exemplares de autoria do Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Até por volta de 1770 os forros de perspectiva eram de estilo Barroco com trama complicada de arquitetura fingida, passando a partir desta data a aparecer pinturas em estilo Rococó, onde as ligações da arquitetura com a tarja central se tomam tênues elementos *rocailles* até desaparecerem por completo, ficando apenas os balcões à volta, com figuras de santos e vasos com o céu aberto, onde se insere a figura de perspectiva rococó.⁸⁸⁷ O mesmo que *trompe l'oeil* ou *pintura ilusionista*.

PÉS ENTALHADOS

[Mo] Terminais simples, hoje chamados de *sapata*, *cachimbo*, *dupla voluta*, *de bola*, *de bolacha*, conforme o recorte. As designações de pés *de pincel*, *de pato*, *de cachimbo* também são contemporâneas. De acordo com Flexor (2009, p.154-155), existem diversas formas de pés para mobiliários:

- **Pés de burro ou de cabra** – Pés utilizados em todos os móveis barrocos e rococós; representavam fielmente os cascos desses animais;
 - **Pés de galo** – Pés em forma de garras de aves ou compostos de uma perna que termina em três hastes de apoio;
 - **Pés de garra** – Extremidade de apoio dos móveis, banheiras antigas, etc., apresentando forma de garras ou unhas aguçadas e curvas (ÁVILA, 1979, p. 164);
 - **Pés de grã besta** – Pés de leão, referidos como “pés de garra” pelos historiadores atuais;
-

⁸⁸⁷ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 186-187.

	<ul style="list-style-type: none"> • Pés de grade – Pés em forma de engradado que serviam de suporte para as arcas. Substituíram os pés altos; • Pés de volta – Pés de forma arqueada, quase em interrogação, caracterizando o móvel como um todo. São hoje chamados <i>cabriole</i>, <i>cabriola</i>, <i>pernas arqueadas</i> ou, ainda, <i>pernas tortas</i>. • Pião – <i>toupie [fr]</i> – Diz-se de certos pés de móveis que terminam em forma de pião (REAL, 1962, p. 394).
--	--

PESCOÇO	[Ce] Parte estrangulada intermediária entre a boca e o corpo de uma peça cerâmica. ⁸⁸⁸
----------------	---

PESQUISA	[Do] Estudos técnicos. Em sentido amplo, compreende a pesquisa levada a efeito para complementar a documentação técnica. Em sentido estrito, consiste em uma atividade voltada para a solução de problemas, que se utiliza de um método para investigar e analisar essas soluções, buscando também algo “novo” no processo do conhecimento. ⁸⁸⁹ Há vários tipos de pesquisa: científica, aplicada, experimental, entre outras. O que a caracteriza, no entanto, é a existência de um método de abordagem de um fenômeno ou de um problema e a forma como se apresentam seus resultados (ACAM PORTINARI, 2010, p. 105).
-----------------	---

PÉTALAS DE MARGARIDA	[Or] Diz-se da forma ornamental dos caixilhos de vidro, à imitação de pétalas de margarida, que aparecem com frequência nas bandeiras de portas e janelas de construções antigas. Por extensão, qualquer ornato com essa forma (ÁVILA, 1979, p. 164).
-----------------------------	---

PETIÁ	[Md] Madeira para marchetar (REAL, 1962, p. 394).
--------------	---

PETIPÉ	1. [Mt] Escala, régua ou simplesmente linha esticada com divisões, destinadas à medição de nível ou superfície em sentido horizontal. 2. [Mt] Escala de reduções indicada em mapas (ÁVILA, 1979, p. 72). 3. [Mt] Escala gráfica.
---------------	--

PETRIFICAR <i>pétrifier [fr]</i>	[Ou] Tornar em pedra; empedernir; encrostar (REAL, 1962, p. 394).
--	---

PETRÓGLIFO <i>pétroglyphe [fr]</i>	[Es] Figura ou inscrição grosseiramente esculpida na rocha, especialmente as que remontam à época pré-histórica (REAL, 1962, p. 394).
--	---

PEZ	1. [Ma] Resina que exsuda dos pinheiros. 2. [Ma] Substância densa obtida pela destilação de alcatrão; piche. Breu (REAL, 1962, p. 394).
------------	---

pH	[Mt] Medida da acidez ou alcalinidade de uma substância ou material. A
-----------	--

⁸⁸⁸ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

⁸⁸⁹ MUSEU de Astronomia, 1995. p. 33.

	escala de pH varia de pH 1 (acidez máxima) a pH 14 (alcalinidade máxima), sendo o pH 7 considerado neutro. ⁸⁹⁰ Grandeza associada à concentração do íon de hidrogênio (SPINELLI JR., 1997, p. 78), porque são os íons de hidrogênio que caracterizam a presença dos ácidos. Todos os produtos químicos capazes de cederem um próton (H+) são ácidos e todos os produtos capazes de captarem um próton são bases. ⁸⁹¹
--	--

PIA BATISMAL	[It] Grande pia ou bacia, sustentada em uma coluna e dotada de tampa, na qual se conserva a água utilizada no batismo. Geralmente, é colocada à entrada da igreja ou em cômodo especial, chamado batistério, destinado ao ato do sacramento do batismo (TRINDADE, 1998, p. 392). Nas igrejas mineiras do período colonial, as pias batismais eram comumente esculpidas em belos trabalhos de pedra-sabão (ÁVILA, 1979, p. 164).
---------------------	---

<i>baptismal font [ing]</i>	
<i>fonte</i>	
<i>battesimale [it]</i>	
<i>fonts</i>	
<i>baptismaux [fr]</i>	

PIA DE ÁGUA BENTA	[It] Recipiente de pedra, em forma de bacia ou concha, colocado junto a paredes de igrejas, contendo água benta com que se aspergem os fiéis. A água apresenta significações simbólicas, expressas em três temas dominantes: fonte de vida; meio de purificação; centro de regenerescência (TRINDADE, 1998, p. 392). Nas igrejas mineiras do período colonial, as pias de água-benta eram geralmente feitas em cuidadoso trabalho de pedra-sabão (ÁVILA, 1979, p. 165).
--------------------------	---

<i>holy water stoup [ing]</i>	
<i>acquasantiera [it]</i>	
<i>bénitier [fr]</i>	

PIÃO	Ver PÉS ENTALHADOS .
-------------	-----------------------------

PICÃO ou PICARETA	[Eq] Instrumento usado pelo canteiro para lavrar ou picar pedras de modo tosco (ÁVILA, 1979, p. 72). Martelo pontiagudo dos dois lados (REAL, 1962, p. 394).
--------------------------	--

<i>pic, smille [fr]</i>	
-------------------------	--

PICOLA	[Eq] Em Portugal chama-se <i>bujarda</i> . Martelo com dentes para trabalhar a pedra (REAL, 1962, p. 394).
---------------	--

<i>boucharde [fr]</i>	
-----------------------	--

PICTÓRICO	[Ap] Relativo à pintura (REAL, 1962, p. 395).
------------------	---

<i>pictural [fr]</i>	
----------------------	--

PIGMENTO	[Ma] São compostos químicos orgânicos ou inorgânicos , de origem natural (mineral, vegetal ou animal) ou artificial , insolúveis no veículo dispersante (aglutinante) com propriedades de cobertura. ⁸⁹² São geralmente obtidos por moagem, cocção, etc., ou por procedimentos sintéticos. Trata-se de uma substância com a capacidade para transmitir a
-----------------	---

<i>pigmento [esp]</i>	
<i>pigment [ing]</i>	
<i>pigmento [it]</i>	
<i>pigment [fr]</i>	

⁸⁹⁰ PEQUENO Glossário. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁸⁹¹ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁸⁹² GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

sua coloração a outra substância, e quando misturada a um aglutinante dá origem a uma tinta.⁸⁹³ São partículas coloridas e em pó que se mantêm insolúveis e suspensas no material aglutinante enquanto que o corante é solúvel. Os pigmentos diferem em propriedades tais como aparência (cor), composição química, permanência aos efeitos da luz e compatibilidade com o aglutinante, as quais determinam a sua seleção. A classificação dos pigmentos pode ser de acordo com sua cor, seu uso, sua permanência, etc. De acordo com Mayer (1996, p. 35) a classificação relacionada com sua origem é:

- **Inorgânica** (mineral)
 - terras-naturais: ocre, sombra-natural, etc.
 - terras-naturais calcinadas: sombra-queimada, siena-queimada, etc.
 - cores sintéticas inorgânicas: amarelo-de-cádmio, óxido de zinco, etc.
- **Orgânica**
 - Vegetal: gamboge (goma-guta), índigo, garança, etc.
 - Animal: cochonilha, amarelo-indiano, etc.
 - Pigmentos orgânicos sintéticos.

Os pigmentos são partículas (pó) com características físicas e químicas especiais, estáveis e também quimicamente inertes (não reagir com nada). Os pigmentos são utilizados em várias técnicas de pintura: óleo, têmpera, aquarela, afresco, encáustica, etc. O que muda entre elas, são os veículos.⁸⁹⁴

- Os de origem **natural**, de um modo geral, são utilizados há muitos séculos ou mesmo milênios. Na arte paleolítica, somente eram conhecidos os pigmentos amarelos, vermelhos, pretos e em um ou dois casos, branco. São geralmente de origem mineral (óxido de ferro e de manganês), mais raramente de origem vegetal (carvão de madeira).⁸⁹⁵
- Dos pigmentos de origem **artificial**, alguns remontam à Antiguidade, como o azul do Egito - provavelmente o mais antigo - ou o branco de chumbo, mas a maioria começou a ser preparada nos últimos séculos, especialmente nos séculos XIX e XX. No início do século XVIII foi produzido pela primeira vez um pigmento em laboratório, o azul da Prússia ($\text{Fe}_4[\text{Fe}(\text{CN})_6]_3$). Desde então, sobretudo a partir do século XIX, muitos outros

⁸⁹³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁸⁹⁴ Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

⁸⁹⁵ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

pigmentos passaram a ser sintetizados em laboratório para substituir materiais já empregados como pigmentos ou para produzir materiais nunca antes utilizados.

A luz branca é composta de inúmeras ondas com frequências diferentes que, se isoladas, teriam a propriedade de produzir uma sensação de cor específica ao olho. Quando um raio de luz branca é incidido sobre um pigmento, são absorvidas certas ondas e outras são refletidas. Isso determina seu efeito de cor (MAYER, 1996). Os pigmentos devem suas cores aos vários comprimentos de ondas que absorvem ou refletem (SERRATE, 2011, p. 7-10). Segue a classificação por cor:

Pigmentos azuis

- Lápis-lazúli: $3\text{Na}_2\text{O} \cdot 3\text{Al}_2\text{O}_3 \cdot 6\text{SiO}_2 \cdot 2\text{Na}_2\text{S}$. Pigmento inorgânico natural, mineral. Ultramarino natural.
- Azul ultramar artificial: $\text{Na}_{8-10}\text{Al}_6\text{Si}_6\text{O}_{29}\text{S}_{2-4}$. Pigmento inorgânico artificial.
- Azurita: $2(\text{CuCO}_3) \cdot \text{Cu}(\text{OH})_2$. Pigmento inorgânico natural e mineral, carbonato básico de cobre.
- Azul egípcio: $\text{CaO} \cdot \text{CuO} \cdot 4\text{SiO}_2$. Pigmento inorgânico artificial.
- Azul cobalto: $\text{CoO} \cdot \text{Al}_2\text{O}_3$. Pigmento inorgânico artificial.
- Azul de esmalte: Silicato de K, Co, Al. Pigmento inorgânico mineral sintético.
- Azul cerúleo: $\text{CoO} \cdot n(\text{SnO}_2)$. Pigmento inorgânico sintético.
- Azul verditer: $\text{Cu}_3(\text{OHCO}_3)_2$. Pigmento inorgânico sintético.
- Azul da Prússia: $\text{Fe}_4[\text{Fe}(\text{CN})_6]_3$. Pigmento inorgânico sintético.
- Azul de manganês: BaMnO_4 ; BaSO_4 . Pigmento inorgânico sintético.

Pigmentos amarelos

- Ocre amarelo: $\text{Fe}_2\text{O}_3 \cdot \text{H}_2\text{O}$. Pigmento natural mineral.
- Massicote: PbO . Pigmento sintético.
- Amarelo de chumbo e estanho: Pb_2SnO_4 ou PbSnO_3 .
- Ouropigmento: As_2S_3 . Pigmento natural mineral e sintético.
- Amarelo de Nápoles: $\text{Pb}_3(\text{SbO}_4)_2$. Fundamentalmente artificial, porém há compostos minerais naturais.
- Amarelo de cromo: PbCrO_4 . Pigmento sintético.
- Amarelo de cádmio: CdS . Pigmento artificial.

Pigmentos brancos

- Barite: BaSO_4 . Pigmento natural e sintético.
-

-
- Branco de chumbo: $2\text{PbCO}_3 \cdot \text{Pb(OH)}_2$. Pigmento sintético. Carbonato básico de chumbo.
 - Crê: CaCO_3 . Pigmento natural mineral e sintético. Carbonato de cálcio.
 - Gesso: $\text{CaSO}_4 \cdot 2\text{H}_2\text{O}$. Pigmento natural e sintético.
 - Branco de zinco: ZnO . Pigmento sintético. Óxido de zinco.
 - Litopone: 30% ZnS + 70% BaSO_4 . Pigmento sintético.
 - Branco de titânio: TiO_2 . Pigmento sintético.
 - Branco de Espanha: Carbonato de cálcio obtido de calcários pulverizados, lavados ou refinados.

Pigmentos castanhos

- Ocre castanho: $\text{Fe}_2\text{O}_3 \cdot \text{H}_2\text{O}$.
- Úmbria: Óxido de Fe, Mn, Al.
- Betume: Hidrocarbonetos.

Pigmentos negros

- Negro vegetal: C.
- Negro de osso: $\text{C} + \text{Ca}_3(\text{PO}_4)_2 + \text{CaCO}_3$.

Pigmentos verdes

- Malaquita $\text{CuCO}_3 \cdot \text{Cu(OH)}_2$. Pigmento natural mineral.
- Verdete ou Verdegris: $\text{Cu}(\text{CH}_3\text{COO})_2 \cdot 2\text{Cu(OH)}_2$. Pigmento sintético.
- Terra verde: $\text{K}[(\text{Al}, \text{Fe III}), (\text{Fe II}, \text{Mg})](\text{AlSi}_3, \text{Si}_4)\text{O}_{10}(\text{OH})_2$. Pigmento natural mineral.
- Verde de óxido de cromo: Cr_2O_3 . Pigmento sintético
- Verde esmeralda: $\text{Cu}(\text{CH}_3\text{COO})_2 \cdot 3\text{Cu(AsO}_2)_2$. Pigmento artificial.
- Viridian: $\text{Cr}_2\text{O(OH)}_2$. Pigmento sintético.
- Verde de cromo: $\text{Fe}_4[\text{Fe(CN)}_6]_3 + \text{PbCrO}_4$. Pigmento sintético.

Pigmentos vermelhos e alaranjados

- Ocre vermelho: Fe_2O_3 . Pigmento natural mineral e sintético.
 - Siena: Fe_2O_3 + argila.
 - Vermelhão: HgS . Pigmento natural mineral e sintético.
 - Vermelho de chumbo: Pb_3O_4 .
 - Vermelho de cádmio: $\text{CdS} + \text{CdSe}$. Pigmento sintético.
-

Pigmentos violetas

- Fluorita: CaF_2 . Pigmento Natural de origem mineral.
- Violeta manganês: $(\text{NH}_4)_2\text{Mn}_2(\text{P}_2\text{O}_7)_2$. Pigmento artificial, de origem mineral.
- Violeta de cobalto: $\text{Co}_3(\text{PO}_4)_2$; $\text{Co}_3(\text{AsO}_4)_2$. Pigmento artificial, de origem mineral.
- Malva: Pigmento sintético, orgânico.
- Violeta vegetal: Pigmento orgânico, obtido a partir de madeira *campeche*.
- Violeta solferino: Pigmento sintético orgânico.
- *Paghonazzo*: Mistura de azurita laca vermelha e carbonato de chumbo.

PIGMENTO-VERNIZ

[Ma] Material para a pintura onde os pigmentos são aglutinados em vernizes, de resinas naturais ou sintéticas, solúveis em solventes aromáticos (NEVES, 2013, p. 97-98).

PILÃO

pilon [fr]

[Eq] Espécie de cilindro terminado de forma esférica, geralmente do mesmo material do almofariz e destinado a misturar ou triturar as substâncias que este contém (DAMASCENO, 1987, p. 38). Também denominado *mão do almofariz*.

PILAR

pilier [fr]

1. [Ar] Coluna simples. Elemento vertical de sustentação, de seção quadrada ou poligonal, que suporta parte de uma construção. 2. [Ab] Às vezes apresenta seção circular, constituindo-se num dos atributos de imagens de Nossa Senhora do Pilar (DAMASCENO, 1987, p. 38).

PILARETE

[Ar] Pilar pequeno (REAL, 1962, p. 395).

PILASTRA

pilastre [fr]

[Ar] Elementos de sustentação – colunas ou pilares – geralmente de quatro faces, integrados à fachada de um prédio ou embutidos numa parede, apresentando-se ligeiramente salientes (DAMASCENO, 1987, p. 38). Podendo se alternar com as colunas na estrutura dos retábulos. O arco cruzeiro também é apoiado em pilastras. Na arquitetura clássica, ou na classicista, corresponde a uma determinada ordem arquitetônica. Apoia-se sobre uma base e remata num capitel.⁸⁹⁶ Às vezes apresenta uma função mais decorativa do que estrutural (IMC, 2011, p. 124). **PILASTRA MISULADA** – Pilastra com relevo em forma de mísula, também chamada *quartelão* (ÁVILA, 1979, p. 165).

PÍLEO ou PILÉOLO

[In] Barrete clerical sem gomos. Barrete de feltro usado pelos antigos romanos saturnais e em outras solenidades, o qual se ajustava

⁸⁹⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>pileus [fr]</i>	perfeitamente à cabeça (REAL, 1962, p. 395).
PINÁCULO <i>pinacle [fr]</i>	[Or] Remate entalhado ou torneado que é colocado encima de algumas edificações ou peças de mobiliário (DAMASCENO, 1987, p. 39). É a parte mais alta do edifício. Do latim <i>pinnaculum</i> . Elemento decorativo de coroamento de um contraforte, arcobotante ou de uma parede, com uma forma cônica ou piramidal, alongada e pontiaguda. Por vezes, a sua terminação pode ser decorada por folhagem (IMC, 2011, p. 124). Ver CORUCHÉU.
PINÁSIO <i>croisillon [fr]</i>	[It] Fasquia ou filete de madeira que, nos caixilhos das portas e janelas, serve para segurar e separar os vidros (ÁVILA, 1979, p. 73).
PINCEL DE DOURADOR <i>pincel [esp]</i> <i>gilder's brush [ing]</i> <i>pennello,</i> <i>spazzola [it]</i> <i>blaireau [fr]</i>	[Eq] Pincel de pelo de marta, macio, largo e cilíndrico, umedecido serve para pegar a folha de ouro (TEIXEIRA, 1995, p. 70).
PINCEL DE REMENDOS OU ASSENTADORES	[Eq] É um pincel que possui dois lados: um com cerdas maiores para remendar e o outro com cerdas menores para testar a aderência ao bolo da folha ao ouro (TEIXEIRA, 1995, p. 70).
PINCELADA	[Tc] Toque de pincel (REAL, 1962, p. 397).
PINCHOTE	[Pe] Ferro para encunhar a pedra a fim de fendê-la (REAL, 1962, p. 397).
PINHA ou PINHÃO <i>pomme de pin,</i> <i>amortissement [fr]</i>	[Or] Ornato imitando o fruto do pinheiro. Muito usado na ornamentação exterior de residências, em varandas, portões, telhados, etc. (ÁVILA, 1979, p. 165).
PINHOTA	[Or] Cacho de ornato que se assemelha ao conjunto de pinhas (REAL, 1962, p. 398).
PINHO	[Md] É uma madeira durável e resistente. Sua cor clara. É utilizada como ripas, tábuas de forro, formas para concreto, rodapés, estrutura de móveis e prateleiras. ⁸⁹⁷
PINHO DE RIGA	[Md] O pinho-de-Riga atualmente se refere à madeira da espécie <i>Pinus sylvestris</i> , que possui distribuição da Escócia à Rússia, sendo comum nas suas florestas. Nome popular português utilizado para se referir às madeiras de coníferas exportadas da Europa pelo porto de Riga (na atual Letônia). Foi uma madeira muito exportada para a América, sendo

⁸⁹⁷ Disponível em: <<https://martelaria.com.br/blog/madeira-conheca-cada-tipo/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

encontrada em edificações históricas, como peças estruturais (caibros e vigas), forros, assoalhos, partes de escadarias e mobiliários. Essa madeira tem sido encontrada também em algumas esculturas devocionais no Brasil. Com a pesquisa histórica foi possível encontrar o uso recorrente do “pinho-de-Riga” na construção civil em várias cidades brasileiras, sendo sempre descrita como uma madeira importada que levava ao requinte e à sofisticação, ou descrita por suas qualidades, tornando-a um material ideal e viável em várias circunstâncias. A ocorrência mais remota encontrada sobre a vinda do “pinho-de-Riga” para o Brasil foi para a construção de casas por holandeses no Recife - PE, no século XVII (QUITES; MEDRANO; PIGOZZO; BETTIO, 2015, p. 198-207).

PINO	[Md] Os pinos são sistemas de encaixe que servem para fixar e unir com facilidade peças em geral. Em escultura podem fixar blocos ou anexos ou auxiliar na complementação de partes faltantes. Podem ser de metal ou de madeira.
PINTADO	[Ce] Tipo de decoração executada antes ou depois da queima, com pigmentos minerais ou vegetais, diretamente sobre a superfície a preparar ou sobre engobo ou banho, previamente aplicado. Pode ser executada tanto na superfície interna como na externa, cobrindo toda ou parte das mesmas. ⁸⁹⁸
PINTOR <i>peintre [fr]</i>	[At] Aquele que sabe ou exerce a arte da pintura. Conforme a preferência ou especialização, pode-se dizer: pintor de batalhas, de natureza-morta, paisagista, marinista, sacro, acadêmico, modernista, cubista, figurativista, abstracionista, tachista, etc. (REAL, 1962, p. 398).
PINTURA <i>peinture [fr]</i>	[Pi] Arte de pintar; obra de pintor; quadro. Há vários processos e gêneros de pintura. PINTURA (suportes) – A pintura pode ser sobre pedra, madeira, pergaminho, marfim, tela, papel, parede, metal, etc. Cada uma destas bases ou superfícies é submetida a uma preparação especial (aparelho) para receber a pintura definitiva (REAL, 1962, p. 399).
PINTURA A ÓLEO	[Ta] Técnica pictórica realizada com a tinta que consiste de partículas de pigmento finamente divididas e dispersadas por igual num <i>medium</i> ou veículo líquido; possui a propriedade de secar e formar uma película contínua, aderente, quando aplicada a uma superfície com fins decorativos ou de proteção. Quando um óleo secativo é utilizado como <i>medium</i> para a pintura, ele desempenha as seguintes funções: <ul style="list-style-type: none"> • Executiva – permite que as cores sejam aplicadas e espalhadas. • Aglutinante – mantém as partículas de pigmento aglutinadas numa película, protegendo-as da ação atmosférica ou acidentes mecânicos, além de permitir a aplicação subsequente de outras camadas de tinta.

⁸⁹⁸ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

- **Adesiva** – seca e age como um adesivo, fixando as cores ao fundo.
- **Óptica** – também tem um efeito óptico, que realça a profundidade e tonalidade do pigmento, dando a este uma qualidade diferente daquela que possuía no estado seco.

Apesar de a história das tintas elaboradas com óleos secativos vegetais remontar à Idade Média e tintas a óleo serem conhecidas pelos pintores do século XIV e mesmo antes, estas não foram amplamente adotadas para uso em pintura de cavalete até o século XV. Pela metade do século XVI esse método já estava em pleno desenvolvimento. Seus principais defeitos são o escurecimento eventual ou o amarelecimento do óleo, e a possível desintegração da película de tinta por rachadura, descamação, etc. (MAYER, 1996, p. 179-181).

**PINTURA A
PINCEL**

[Po] Técnica executada com pincel fino sobre partes coloridas do esgrafito para destacar motivos fitomorfos, em representações de flores, ramos e folhas, ou para representação completa desses elementos, com pincéis de espessura variada, essa técnica esteve presente, tanto na primeira, quanto na segunda metade do século XVIII (COELHO; QUITES, 2014, p. 88).

**PINTURA A
TÊMPERA**

[Pi] No uso moderno do termo, a pintura a têmpera é aquela que emprega um *medium* que pode ser livremente diluído com água, mas que após secar torna-se suficientemente insolúvel para permitir sobrepinturas com mais têmpera ou com *mediuns* de óleo e verniz. Os veículos de têmpera devem suas características distintas ao fato de serem emulsões. Uma emulsão é uma mistura estável de um líquido aquoso com uma substância oleosa, gordurosa, cerosa ou resinosa. As emulsões de têmpera secam formando películas transparentes; sua aparência leitosa, quando úmidas, é causada pela refração e dispersão da luz nos inúmeros e minúsculos glóbulos de óleo. O mais antigo e natural tipo de emulsão de têmpera é a gema de ovo. Há também têmpera com emulsões feitas de goma-arábica, emulsões de cera, emulsões de soluções de caseína com óleos. As pinturas a têmpera são mais bem executadas em painéis rígidos preparados com cola e gesso. São pinturas caracterizadas por um aspecto. Quando feitas sem o emprego de veladuras, elas têm um agradável acabamento fosco ou ligeiramente brilhante. Quando são feitas com o uso de veladuras, podem apresentar um aspecto muito elaborado. Quando a tinta está seca as cores lembram seu estado seco original. Para a intensificação dos tons, é necessária uma aplicação final de verniz ou veladuras transparentes (MAYER, 1996, p. 287-313).

**PINTURA
ACRÍLICA**

[Pi] Tinta composta por mistura de resina acrílica (aglutinante) e pigmento, teve seu uso difundido a partir de 1960. É solúvel em água e se

	caracteriza pela secagem rápida e aspecto brilhoso. Permite a realização de ampla gama de efeitos diversificados. ⁸⁹⁹
PINTURA ESGRAFITADA	Ver ESGRAFITO .
PINTURA ILUSIONISTA	[Ta] Pintura perspectivada que visa dar a sensação de profundidade ao espaço. Muito comum nos forros das naves das igrejas barrocas, geralmente utilizando elementos arquitetônicos para criar ilusão de altura maior. ⁹⁰⁰ Ver PERSPECTIVA (pintura em) .
PINTURA SOBRE O DOURAMENTO	[Tc] Pintura, geralmente têmpera, aplicada sobre o douramento (TEIXEIRA, 1995, p. 71).
PINUS	[Md] É uma madeira de reflorestamento fácil de trabalhar. Possui múltiplas aplicabilidades, como ripas, rodapés e forros. Recomendada também para fabricação de móveis, prateleiras e estantes. Sua tonalidade é clara e suave. ⁹⁰¹
PIRÂMIDE <i>pyramide [fr]</i>	[Or] Sólido de base poligonal e de lados triangulares com um único vértice comum no topo. Entre nós, antigamente, foi comum dar-se o nome de pirâmide aos obeliscos. Muitas das igrejas e capelas mineiras do período colonial apresentam coruchéus em forma de pirâmides (ÁVILA, 1979, p. 73).
PITÃO	[Eq] Parafuso terminado por anel numa das extremidades (REAL, 1962, p. 400).
PITUÁ <i>putois [fr]</i>	[Eq] Pequeno pincel feito de sedas finas, usado por douradores e ceramistas (REAL, 1962, p. 400).
PÍXIDE <i>pyxide [fr]</i>	[Li] Pequeno vaso, geralmente de prata, apresentando interiormente dispositivo para a colocação de hóstias, com tampa e argola ou elemento de sustentação na parte superior externa. Destina-se ao transporte de hóstias consagradas - Santo Viático - aos enfermos em perigo de morte (TRINDADE, 1998, p. 392). Termo derivado da palavra grega <i>pyxis</i> . A sua mais antiga referência data do século III, sendo a forma primeira deste recipiente a pomba eucarística. Surgem posteriormente as <i>píxides</i> que, até ao século XIII, sendo de pequenas dimensões, eram frequentemente suspensas nas igrejas. Posteriormente, estabelece-se o hábito de fixá-las sobre uma base e haste parecidas com as dos cálices, aparecendo, deste modo, o cibório com o formato de um cálice fechado

⁸⁹⁹ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/desenho>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁹⁰⁰ CONJUNTO... 2007, p. 178.

⁹⁰¹ Disponível em: <<https://martelaria.com.br/blog/madeira-conheca-cada-tipo/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

	por uma tampa rematada por uma cruz, mas perdurando sempre a tipologia da pílax (IMC, 2011, p. 98). Praticamente em desuso. Também chamado <i>teca</i> .
PLACA <i>plaque, tôle [fr]</i>	[Ce] Corpo cerâmico de espessura e forma variáveis e de maiores dimensões do que o azulejo, constituído por base argilosa, lisa ou modelada, decorado e vitrificado ou não numa das faces. ⁹⁰²
PLACA EM POLIPROPILENO CORRUGADO	[Cv] Também conhecido como Polionda®, as placas de cor leitosa (branca) são usadas para a confecção de caixas de acondicionamento, que devem ter as dimensões necessárias ao conforto do artefato. Essas caixas são recomendadas para acondicionar têxteis, objetos de pequeno porte ou frágeis e documentos em celulose (ACAM PORTINARI, 2010, p. 94).
PLÁGIO <i>plagiat [fr]</i>	[Ap] Cópia com apropriação de um original de outrem (REAL, 1962, p. 401).
PLAINA <i>cepillo,</i> <i>garlopa [esp]</i> <i>carpenter's</i> <i>plane [ing]</i> <i>pialla [it]</i> <i>rabot,</i> <i>guimbarde [fr]</i>	[Eq] Instrumento de ferro, semelhante ao rebote, com abertura transversal em plano inclinado onde é colocada uma lâmina, que serve para nivelar e alisar a madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 71), geralmente utilizada em carpintarias para determinar a espessura das peças, e o seu próprio fabrico (FÉLIX, 2013, p. 104).
PLANIFICAÇÃO	[Re] Técnica usada para planificar, tensionar a superfície pictórica com abaulamentos ou mossas. ⁹⁰³
PLANO DE RESCALDO	[Mu] Plano de emergência direcionado à retirada rápida de acervos. ⁹⁰⁴
PLANTA BAIXA	[Ar] Representação gráfica do corte de uma obra feito horizontalmente (ÁVILA, 1979, p. 73).
PLASMAR	O mesmo que MODELAR
PLÁSTICA <i>plastique [fr]</i>	[Es] Arte de plasmar; conjunto de formas; arte de reproduzir os objetos pelo relevo, pela forma (REAL, 1962, p. 401).
PLASTILINA ou PLASTICINA	[Ce] Espécie de argila muito plástica, que se emprega na modelagem (REAL, 1962, p. 401).

⁹⁰² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹⁰³ Disponível em: <http://www.maurobandeira.com/restauro/sobre_r.html>. Acesso em: 12 set. 2017.

⁹⁰⁴ MUSEU de Astronomia, 1995, p. 32.

PLATINAR	[Ou] Branquear com uma mistura de estanho e mercúrio (REAL, 1962, p. 401).
<i>platiner [fr]</i>	
PLENO-RELEVO	[Es] Obra tridimensional em escultura que pode ser observada de qualquer ângulo. É também denominada <i>vulto</i> (TEIXEIRA, 1995, p. 71). Ver ESCULTURA .
<i>bulto entero [esp]</i>	
<i>in full round,</i>	
<i>detached</i>	
<i>statuary [ing]</i>	
<i>figura, a tutto</i>	
<i>tondo [it]</i>	
<i>ronde-bosse [fr]</i>	
PLEOCROÍSMO	[Cor] A cor de um mineral é função de sua absorção por certos comprimentos de onda que compõem a luz branca. Esta absorção ocorre tanto para minerais isotrópicos quanto para os anisotrópicos. Entretanto, para minerais coloridos e anisotrópicos, a cor poderá variar dependendo da direção de vibração da luz que os atravessa. Assim, a luz, ao transmitir-se através do mineral pode ser absorvida de maneira seletiva dependendo da direção de sua vibração e, conseqüentemente, o mineral apresentará cores diferentes. A este fenômeno dá-se o nome de <i>pleocroísmo</i> , ou seja, é o fenômeno que certos minerais transparentes e coloridos apresentam, de absorverem a luz de maneira diferente segundo diferentes direções de vibração no seu interior. Desta forma, quando um mineral é pleocróico, girando-se a platina do microscópio ele muda de cor. Na direção de vibração para a qual se verifica a máxima absorção, a cor do mineral será escura e na de absorção menor a cor será clara (SERRATE, 2011, p. 35).
PLEXIGLAS™	[Ma] Resina sintética tendo a transparência do cristal. Por sua resistência, transparência e duração, vem sendo usado, com resultado, nos museus para substituir os vidros dos mostruários (REAL, 1962, p. 402).
<i>plexiglas [fr]</i>	
PLINTO	1. [Ar] Peça em forma quadrangular que serve de base a uma estátua, coluna, pilar ou pedestal (TEIXEIRA, 1995, p. 71). Base saliente, usualmente de faces quadradas, soco de forma chata. Em geral, é nesta peça que se inscreve o nome do homenageado, a dedicatória, a data, etc. (REAL, 1962, p. 402). Também chamado <i>alaque</i> . 2. [Ar] Na Ordem Toscana, é a parte superior do capitel (ÁVILA, 1979, p. 167). Ver BASE .
<i>plinto [esp]</i>	
<i>plinth [ing]</i>	
<i>plinto [it]</i>	
<i>plinthe [fr]</i>	
PLISSADO	[In] Efeito de pregas sucessivas feitas no tecido, por diversos processos. Dobra permanente de um tecido formando dobras de diferentes larguras e diferentes ângulos. Na escultura essas pregas são entalhadas para dar movimento ao panejamento. Ver DRAPEADO e PREGA .
PLUMAGEM	1. [Or] Ornato imitando plumagem ou feixes de plumas. 2. [Ic] Na simbologia cristã, as plumas simbolizam a fé e a contemplação (ÁVILA, 1979, p. 167).

PLUVIAL <i>chape [fr]</i>	[In] A designação pluvial advém do uso original da capa nas funções litúrgicas ao descampado, para proteção contra as chuvas (DAMASCENO, 1987, p. 39). Capa de asperges. Capa de chuva romana de uso utilitário. Mesmo sendo usado desde o século VI só no século XI se transformou em paramento litúrgico (NUNES, 2008, p. 115). É uma capa semicircular, podendo unir na frente por pequeno retângulo de tecido ou peça metálica – o firmal. Nas costas, apresenta uma peça destacada em forma de escudete, frequentemente presa por elementos de passamanaria - o capuz. Executada em tecido, e/ou bordado, com galões e franjas. É essencialmente uma veste processional, também usada em bênçãos solenes, e outras. ⁹⁰⁵
PÓ-DE-PEDRA	[Ma] Pasta a que se adiciona caulino para obter brancura e maior dureza. ⁹⁰⁶
PÓ DE CARVÃO	[Ma] Usava-se o pó de carvão peneirado, associado à cal, para dar tonalidade escura a determinados acabamentos de reboco (ÁVILA, 1979, p. 73).
PÓ-DE-SAPATO	[Ma] Pó escuro fornecido pela fuligem ou pela combustão do marfim ou de outras substâncias que entra na composição da graxa e serve para diferentes usos; negro de fumo. (REAL, 1962, p. 403).
PÓ DE SERRA	Ver SERRAGEM .
PODRIDÃO	[Dt] Infestação por fungos apodrecedores que diminuem a resistência mecânica da madeira. Podem ser de três tipos: <ul style="list-style-type: none"> • Podridão branca – A madeira assume aparência “fibrosa” e tende para uma cor ligeiramente mais clara. Não existe as fraturas ou fissuras como nas podridões parda e mole. • Podridão mole – Restringe-se à superfície da madeira, dificilmente penetrando mais que 2 cm de profundidade. Contudo, a parte sã sob a região atacada pode ser facilmente exposta e prontamente deteriorada, pela fácil remoção mecânica do material atacado. • Podridão parda – Provoca a fratura da madeira numa forma cúbica e profunda; esta madeira também escurece, com o aspecto de queimado. Os “cubos” podem variar de tamanho conforme a madeira e as condições, mas eles são, geralmente, muito visíveis e distintos, especialmente quando a madeira seca.

⁹⁰⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹⁰⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

POEIRA	[Dt] No pó estão contidas partículas de substâncias químicas cristalinas e amorfas, como terra, areia, fuligem e grande diversidade de microrganismos, além de resíduos ácidos e gasosos provenientes da combustão em geral e de atividades industriais. O pó não modifica apenas a estética dos materiais. Um exemplo é de quando observamos a sujeira retida nos papéis, como os excrementos dos insetos, colas e poluentes atmosféricos, observamos a ação destrutiva. As pequenas partículas possuem ação cortante e abrasiva. A aderência do pó não é apenas superficial, mas também no interior da fibra, que é absorvida por meio de ligações químicas. ⁹⁰⁷
POIAL	[It] Lugar onde se põe ou assenta alguma coisa. No chafariz, é a parte ao lado do tanque ou bacia, geralmente em pedra lavrada, onde se colocam os vasos, potes ou outros recipientes (ÁVILA, 1979, p. 73).
POLARIDADE <i>polarità [it]</i>	[Qm] Ligação entre átomos com eletronegatividade diferente. ⁹⁰⁸
POLEGADA	[Mt] Medida antiga de comprimento equivalente a 2,75 cm. Subdividia-se em 12 linhas. No sistema inglês, a polegada vale 25,40 mm (ÁVILA, 1979, p. 213).
POLIACETATO DE VINILA (PVA)	[Ma] É uma das resinas vinílicas mais utilizadas por restauradores e conservadores. Mas apesar de possuir boas propriedades para o uso em restauração e conservação, os adesivos a base de PVA apresentam-se menos flexíveis e tornam-se amarelados mais rapidamente quando comparados com os adesivos acrílicos (SERRATE, 2011, p. 21). Ver ACETATO DE POLIVINILA
POLICROMADA	[Es] A escultura policromada é uma obra artística tridimensional em qualquer suporte – metal, pedra, madeira, barros cozidos ou não recoberto por camada de cor em qualquer material ou técnica, como metal, gemas, folhas metálicas, tintas e esmalte em peças de barro cozido (COELHO; QUITES, 2014, p. 20). Ver POLICROMIA .
POLICROMADOR	[At] Artífice que faz a policromia. Por vezes policroma encarnando e dourando esculturas.
POLICROMÁTICA	[Es] A escultura policromática é uma obra composta por materiais de cores diferentes (COELHO; QUITES, 2014, p. 141).
POLICROMIA	[Po] De acordo com artigo do Congresso Internacional Policromia ⁹⁰⁹ , a

⁹⁰⁷ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural//pagina/4404/perguntasfrequenteseglossario>>. Acesso em: 12 de set. 2017.

⁹⁰⁸ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<p><i>policromia [esp]</i> <i>polychromy [ing]</i> <i>policromia [it]</i> <i>polychromie,</i> <i>etoffage [fr]</i></p>	<p>definição para policromia é: a capa ou capas, com ou sem preparação, realizada com diferentes técnicas pictóricas e decorativas, que cobre total ou parcialmente esculturas, elementos arquitetônicos ou ornamentais com o fim de proporcionar a estes objetos um acabamento ou decoração. Ela é indivisível da sua concepção e imagem (ESPINOSA et al, 2002, p. 37). A policromia tem várias funcionalidades, com ela é possível a imitação das carnações e cabelos, a decoração em relevo, como lágrimas e gotas de sangue, a aplicação de brocados e ainda a técnica do estofado, com punção e esgrafito, e com a aplicação de folha metálica dourada ou prateada. A madeira tem de possuir igualmente algumas características como o fato de estar bem seca, para não se formarem fissuras, e os nós de resina têm de ser queimados e fechados, de preferência com o mesmo tipo de madeira. A preparação do suporte é bastante demorada pois é composta por várias fases – encolagem, onde se utiliza cola de animal, camadas de preparação branca e o bolo armênio, depois é necessário betumar, nivelar e polir a superfície para que esta fique lisa, e procede-se ao douramento a água ou mordente (FÉLIX, 2013, p. 29-33).</p>
--	--

POLIÉSTER

[Ma] Material plástico, transparente, flexível composto de teraftalato de polietileno. Comercialmente tem os nomes de Mylar, Melinex e Scotchpar.⁹¹⁰

POLIESTIRENO

[Ma] Material normalmente derivado do petróleo, mais conhecido na sua forma expandida, pelos nomes comerciais *isopor*, *estiropor* e, em Portugal, sob o nome de *esferovite*. É usado como um isolante térmico e elétrico e na fabricação de objetos plásticos. O processo específico de polimerização do estireno, que emprega um gás de expansão - normalmente, o pentano - gera o poliestireno expandido. É um homopolímero resultante da polimerização do monômero de estireno que, à temperatura ambiente, se apresenta no estado sólido. Trata-se de uma resina do grupo dos termoplásticos, cuja característica reside na sua fácil flexibilidade ou maleabilidade sob a ação do calor. Os processos de moldagem do poliestireno são principalmente a termoformagem a vácuo e a extrusão. Sob a ação do calor, a resina toma a forma líquida ou pastosa, moldando-se com facilidade em torno de um molde. É um termoplástico duro e quebradiço com transparência cristalina, semelhante ao vidro, e foi descoberto acidentalmente em 1839 por Eduard Simon, um farmacêutico em Berlim, a partir de uma resina de âmbar destilada.⁹¹¹

⁹⁰⁹ CONGRESSO INTERNACIONAL POLICROMIA “A escultura policromada religiosa dos séculos XVII e XVIII”. Lisboa, 2002.

⁹¹⁰ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁹¹¹ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

POLIETILENO	[Ma] Termoplástico quimicamente inerte, translúcido, com baixa temperatura de fusão. Considerado adequado como material de embalagem de arquivo desde que não tenha aditivos ou revestimentos. ⁹¹²
POLIFILLA	[Ou] Estuque à base de pós de celulose. ⁹¹³
POLIMENTO <i>pulimento [esp]</i> <i>polished [ing]</i> <i>pulimento,</i> <i>brunitura [it]</i> <i>poli, brunissure,</i> <i>brunissage [fr]</i>	1. [Tc] Ato ou efeito de polir, dar brilho com processo e utensílio apropriados (TEIXEIRA, 1995, p. 71). 2. [Ce] Técnica de complementação do alisado, feita com vaso já seco ao sol durante curto período (aproximadamente uma hora), pois se a argila estiver totalmente seca, o polimento torna a superfície lustrosa. Para polir são utilizadas pedras, ossos, madeira resistente etc. ⁹¹⁴ POLIR – <i>pulir, pulimenar [esp]; to polish [ing]; pulire, brunire, lustrare [it]; polir, egrener, adoucir [fr]</i> . [Tc] Dar brilho, alisar, brunir, lustrar uma obra. Usar o alvaiade, vermelhão e o óleo graxo para aplicar nas encarnações das imagens, polindo-as com a pele do bucho de carneiro (TEIXEIRA, 1995, p. 71). Eliminar o grão solto da madeira para dar maior brilho ao grão que aderiu (TEIXIDO I CAMI, 1997). POLIDO – [De] Lustrado; brunido. Que recebeu polimento.
POLIMERIZAÇÃO <i>polimerizzazione</i> <i>[it]</i>	[Qm] Reação química que dá origem aos polímeros (FÉLIX, 2013, p. 104). Processo químico pelo qual os compostos simples, ditos monômeros, constituídos por poucos átomos, se somam entre si para formarem moléculas muito maiores, chamadas macromoléculas, que têm propriedades físicas e químicas diferentes das substâncias simples que as originaram. ⁹¹⁵
POLÍMEROS	[Ma] Os polímeros são compostos químicos de elevada massa molecular, resultantes de reações químicas de polimerização (FÉLIX, 2013, p. 104).
POLÍPTICO <i>polyptych [ing]</i> <i>polittico [it]</i> <i>polyptyque [fr]</i>	[Rb] Representação de cenas ou figuras religiosas, pintadas ou em relevo, emolduradas ou inseridas numa caixa e colocadas sobre o altar ou presas à parede atrás deste. É composto por, pelo menos, dois elementos designados por painéis de políptico, quando são fixos, e volantes de políptico, quando articulados. Se for de dimensões reduzidas, diz-se políptico portátil . Uma predela ou uma luneta podem integrar ou serem elementos destacados de um políptico. (Em italiano, quando o políptico integra pinturas e esculturas e toma uma forma complexa, diz-se <i>retablo</i>) (THESAURUS, 2004, p. 22). Denomina-se políptico um retábulo com vários painéis, ora fixos, ora móveis (REAL, 1962, p. 404).

⁹¹² Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁹¹³ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁹¹⁴ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcaovarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹¹⁵ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

POLISSACARÍDEO	[Qm] Polímero formado pela condensação de diversas moléculas de açúcares simples (monossacarídeos) ou de alguns seus derivados. ⁹¹⁶ A mucilagem dos cactos, por exemplo, é um exemplo de polissacarídeo usado como aditivo da cal (KANAN, 2008, p. 166). POLISSACARÍDEOS AMORFOS – São compostos macromoleculares formadas pela união de muitos monossacarídeos. Os três polissacarídeos mais conhecidos são o amido , o glicogênio e a celulose (FÉLIX, 2013, p. 104).
POLIVINIL- ACETATO (PVAC)	Ver ACETATO DE POLIVINILA .
POLUIÇÃO AMBIENTAL	[Dt] A atmosfera pode ser considerada um grande recipiente onde permanentemente, são lançados sólidos, líquidos e gases capazes de comprometer a integridade dos acervos. Dentre os poluentes mais agressivos às obras, destacam-se a poeira e os gases ácidos devido à queima de combustíveis. A deposição contínua da poeira sobre as obras prejudica a estética das peças, favorece o desenvolvimento de microrganismos e pode acelerar a deterioração do material devido aos ácidos contidos. Por outro lado, os gases ácidos agredem mais rapidamente a estrutura química dos materiais constitutivos das peças do acervo. A velocidade de degradação por poluentes atmosféricos é função do percentual de umidade relativa no acervo e circunvizinhanças. Como medidas de proteção à ação de poluentes atmosféricos citam-se os sistemas de ventilação artificial como acoplamento de filtros especiais destinados à retenção dos componentes nocivos ao material (SPINELLI JR, 1997, p. 29-30). <ul style="list-style-type: none"> • Poluição externa (fator de degradação) – gases de automóveis (nitrogênio), de fábricas (dióxido de enxofre), ozônio e partículas sólidas; • Poluição interna – pó, poeiras, fumo de tabaco; certos tipos de lâmpadas; resíduos de materiais de construção ou expositivos; liberação de dióxido de carbono pelos visitantes; produtos de limpeza; riscos inerentes; deposição de sujidades (FÉLIX, 2013, p. 52).
POMBA	[Ic] Representa o Espírito Santo (pelo seu aparecimento no batismo de Jesus) (NUNES, 2008, p. 115).
POMBALINO <i>Pombalin [fr]</i>	[Et] Estilo neoclássico português introduzido pelo Marquês de Pombal em Lisboa após o tremor que assolou a cidade em 1755 (REAL, 1962, p. 404).
PONTA DE	[Or] Motivo decorativo com a forma de uma pirâmide quadrangular

⁹¹⁶ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2017.

DIAMANTE <i>pointe de diamant [fr]</i>	saliente e que se destaca da superfície (IMC, 2011, p. 125). Ornato semelhante ao talhe do diamante lapidado, muito usado no arremate em saliência das almofadas de folhas de portas ou janelas (ÁVILA, 1979, p. 73). Característico do estilo românico. O mesmo que <i>bico de diamante</i> .
PONTAL <i>pointal [fr]</i>	[Es] Peça de ferro que entra na armação dos modelos das estátuas que vão ser fundidas (REAL, 1962, p. 405).
PONTEADO	[Or] Tipo de decoração feito com pontas, deixando marcas independentes, podendo ser de várias formas e tamanhos. ⁹¹⁷
PONTEAR <i>mise au point ou points de pratique [fr]</i>	[Es] Operação que tem por fim copiar, num bloco de pedra ou mármore, com toda precisão, o modelo de gesso, por meio de pontos de referência (REAL, 1962, p. 405).
PONTEIRO <i>puntero [esp] point chisel [ing] pointe, ciseua de tailleur de pierre [fr]</i>	1. [Eq] Instrumento, semelhante ao estilete, usado para fazer desenhos ornamentais na camada de tinta sobre o ouro brunido das vestes das imagens (TEIXEIRA, 1995, p. 71). 2. [Eq] Instrumento adaptado para o desbaste da escultura de pedra (CASTRO, 1937, p. 61).
PONTEL <i>tenon [fr]</i>	[Es] Porção de pedra ou de mármore que se conserva durante a execução de uma estátua, para que se não quebrem as partes delicadas com a vibração das pancadas do martelo. Esses pontéis são posteriormente retirados; contudo, por vezes, conservam-se alguns quando os braços e pernas são muito movimentados ou muito afastados do corpo; troncos de árvore, panejamentos que vão até o chão são outros tantos pontéis disfarçados (REAL, 1962, p. 406).
PONTILHA	[Ou] Franja de prata ou de ouro dos tecidos de passamanaria (REAL, 1962, p. 406).
PONTILHISMO <i>pointillisme [fr]</i>	1. [Ta] Técnica pictórica de se conseguir efeitos de cores ou simplesmente a aplicação de cores por meio de pequenos pontos (NEVES, 2013, p. 97-98). Diretamente inspirado na decomposição das cores, estudado por Chevreul, o pontilhismo foi experimentado no século XIX pelos impressionistas e desenvolveu-se em bases científicas com os neoimpressionistas. [Re] O pontilhismo representa o ponto último da evolução do divisionismo. Foi introduzido na Conservação e Restauro em 1972. Todavia, segundo Ségolène Bergeon, o primeiro trabalho de pontilhismo bem discernível foi executado na obra <i>Une Vierge á l'Enfant de um imitador de Lippi</i> , apresentada na exposição de obras intervencionadas no Museu do Louvre, em 1980, com a denominação

⁹¹⁷ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcaovarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<p>Restauration des Peintures. Este procedimento de reintegração é mais flexível que o <i>tratteggio</i>. Trata-se de um conjunto de pontos de cores puras justapostas, adaptando-se a pinturas antigas e a pinturas recentes. Consoante a superfície pictórica original ou a própria textura do suporte, o tamanho e a distância dos pontos, o pontilhismo pode resultar numa reintegração diferenciada ou ilusionista. Neste ultimo caso, os pontos realizados são tão pequenos que o olho humano não consegue apreciá-los a não ser com a ajuda de um instrumento óptico de aumento. Sobre um fundo claro, mas onde já foi aplicada uma fina camada de tinta mais fria e clara que o original, colocam-se pontos de cor, de diferentes valores cromáticos, que vão recriar as formas. À semelhança da <i>selezione cromatica</i>, também o pontilhismo restabelece a continuidade das linhas, formas e cores.⁹¹⁸</p>
--

<p>PONTO <i>point</i> [fr]</p>	<p>1. [Mt] Medida de comprimento equivalente a 0,190833... mm. Era a menor medida do antigo sistema (ÁVILA, 1979, p. 213). 2. [Es] Marca que se faz numa escultura que se deseja reproduzir (REAL, 1962, p. 406).</p>
---	---

<p>PORCELANA <i>porcellana</i> [it] <i>porcelaine</i> [fr]</p>	<p>[Ce] Cerâmica de estrutura sólida, branca, vitrificada, translúcida e sonora. Sua composição é de 50% de caulim, 25% de feldspato e 25% de quartzo e, a variação das dosagens influencia em sua qualidade. A porcelana é uma invenção chinesa (no período Tang - 618 a 906 a.C.) gerou fascínio na Europa e muitos tentaram copiá-la no Velho Mundo. O primeiro exemplar europeu só foi produzido na Alemanha no século XIX.⁹¹⁹</p>
---	---

<p>PORO</p>	<p>[Md] Pequeno orifício na estrutura ou na superfície de qualquer ser vivo ou corpo inanimado.⁹²⁰</p>
--------------------	---

<p>POROSIDADE</p>	<p>[Md] Característica daquilo que é poroso. É a quantidade de poros existentes numa superfície ou numa substância.⁹²¹</p>
--------------------------	---

<p>PORTA DE SACRÁRIO <i>tabernacle</i> <i>door</i> [ing] <i>sportello di</i> <i>tabernacolo</i> [it]</p>	<p>[Ig] Pequena porta que fecha o sacrário. É apenas decorada com iconografia relativa à eucaristia (THESAURUS, 2004, p. 50).</p>
---	---

⁹¹⁸ BAILÃO, Ana. As Técnicas de Reintegração Cromática na Pintura: revisão historiográfica. Ge-conservación, nº 2, 2011, p. 58-59. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4018797.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2017.

⁹¹⁹ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹²⁰ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=poro>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

⁹²¹ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=porosidade>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

*porte de
tabernacle [fr]*

PORTADA [It] Numa edificação, a grande porta principal, geralmente enquadrada por uma composição ornamental (TRINDADE, 1998, p. 392), de grandes dimensões e geralmente decorada.⁹²²

portail [fr]

PORTAL 1. [It] A porta principal ou conjunto de portas principais de uma igreja ou outro edifício, geralmente artisticamente trabalhadas. 2. [Ar] Diz-se, por extensão, do frontispício ou fachada do edifício onde fica a porta principal (ÁVILA, 1979, p. 76).

PORTA-PAZ [Li] Pequeno painel em metal, marfim, madeira ou outro, tendo aplicado em relevo uma representação religiosa e que na missa, antes da consagração, se dá a beijar aos fiéis na ocasião do “beijo da paz”, concedendo-lhe assim o nome de osculatório. De início usava-se um relicário, mas não tardou que se fizessem pequenos quadros, sobre os quais apareciam cenas das vidas de Cristo, da Virgem ou de Santos (IMC, 2011, p. 100). O mesmo que *osculatório*.

PORTARIA INTERMINISTERIAL Nº 69 DE 1979 Portaria que aprova normas comuns sobre a pesquisa, exploração, remoção e demolição de coisas ou bens de valor artístico, de interesse histórico ou arqueológico, afundados, submersos, encalhados e perdidos em águas sob jurisdição nacional, em terrenos marginais, em decorrência de sinistro, alijamento ou fortuna do mar.⁹²³

PÓRTICO 1. [Ar] Espaço coberto, aberto ou parcialmente fechado, formando a entrada e parte central de uma fachada de igreja ou outro edifício, usualmente com colunas separadas. 2. [It] Portada (ÁVILA, 1979, p. 76).

*avant-portail,
portique [fr]*

PORTLANDITA [Ma] Cristais de hidróxido de cálcio (Ca (OH)₂) (KANAN, 2008, p. 166).

POSE [Ap] Ato de servir de modelo a um pintor ou escultor (REAL, 1962, p. 408).

pose, séance [fr]

POSTURAS [Ac] Código de leis, então da alçada do Senado da Câmara, que ordenava a vida em comunidade nas vilas e cidades.⁹²⁴

POTEIA 1. [Ma] Óxido de estanho reduzido a pó, para polir granitos (em obra de escultura), espelhos e outros objetos. 2. [Es] Composto que serve para

⁹²² CONJUNTO... 2007, p. 178.

⁹²³ Disponível em: <
http://www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/bresil/brazil_portaria_interministerial_69_23_01_1989_por_orof.pdf>. Acesso em 10 jun. 2017.

⁹²⁴ CONJUNTO... 2007, p. 178.

	fazer molde de fundição (REAL, 1962, p. 410).
POTESTADE	[Ic] Anjos da sexta hierarquia.
POUDREUSE	[Mo] Mesa com espelho (QUEIMADO, 2007, p. 184).
PRÁSINA	[Ma] Espécie de terra verde que os pintores utilizavam (REAL, 1962, p. 410).
PRÁSINO	[Cor] Designação antiga do verde (REAL, 1962, p. 410).
PRATA <i>plata [esp]</i> <i>silver [ing]</i> <i>argento [it]</i> <i>argent [fr]</i>	[Me] Metal de cor branca, muito maleável e dúctil, ótimo condutor da corrente elétrica e do calor, muito usado em ligas de moedas, em ourivesaria e na indústria. Trata-se de um mineral, elemento nativo, com o símbolo Ag, ponto de fusão a cerca de 906 °C, dureza de 21/2 na escala de Mohs. Pode ser ligado ao cobre para obtenção de ligas trabalháveis nas artes decorativas (IMC, 2011, p. 153).
PRATEAMENTO	[Po] Técnica realizada na policromia com a aplicação da folha de prata. Em todos os aspectos, é feita como no douramento, seguindo todos os procedimentos e etapas. Uma diferença está na folha de prata ser mais espessa do que a de ouro, indicando uma maior facilidade na aplicação. Para se conservar a cor do prateamento tem que submetê-la a uma camada protetora, senão o metal, com o tempo se oxida e escurece. Ver DOURAMENTO .
PRATEIRO <i>platero [esp]</i> <i>silversmith [ing]</i> <i>argentiere [it]</i> <i>argenteur [fr]</i>	[At] Aquele que trabalha a prata (REAL, 1962, p. 410).
PREDELA <i>predella [ing]</i> <i>predella [it]</i> <i>prédelle [fr]</i>	[Rb] Um painel ou um conjunto dos painéis colocados horizontalmente na parte inferior do retábulo, do quadro de altar ou do políptico. Posto diretamente sobre o altar, a predela é preenchida com uma ou várias representações de cenas ou figuras geralmente relacionadas com a temática dos restantes painéis do retábulo, do quadro de altar ou do políptico (THESAURUS, 2004, p. 23). Base de sustentação ou espaço que marca a parte inferior de retábulos. Na Idade Média e Renascimento era ornada com pequenos quadros, numa tábua estreita, sob o tema principal, em geral ilustrando a vida da figura retratada na imagem maior. ⁹²⁵ Também chamado <i>banco</i> .
PREGA ou PREGUEADO	[Es] O traçado das pregas representadas numa imagem ou numa escultura pode ser muito variado, tentando imitar a realidade ou ser distribuído arbitrariamente. O estudo deste traçado entra em grande parte na

⁹²⁵ CONJUNTO... 2007, p. 178.

	apreciação estilística das obras esculpidas; os historiadores de arte utilizam várias denominações para distinguir os diferentes tipos de pregas de acordo com o traçado, o relevo ou a sua distribuição: pregas em “V”, pregas em voluta, pregas enfunadas, pregas aplanadas, pregas caneladas, pregas em leque, pregas em aba, etc. ⁹²⁶ Ver DRAPEADO e PLISSADO.
PREGARIA	[Or] Conjunto de pregos, de função ao mesmo tempo utilitária e ornamental, que, em variados desenhos, se salientavam nas superfícies de portas, janelas, assentos de cadeiras, arcas, baús, etc. (ÁVILA, 1979, p. 167).
PREGOS <i>clou, sémences [fr]</i>	[Ma] Peça metálica com cabeça lisa e redonda. O uso dos pregos de ferro já era comum em Minas Gerais na altura de 1713, quando o Senado da Câmara de Vila Rica, diante do alto preço cobrado para o material pelos mestres ferreiros, resolveu fixar tabela relativa aos vários tipos de pregos, ou seja: pregos caibrais, pregos ripais, pregos caixaís, etc. Como se deduz, o material era então mais frequentemente empregado no madeiramento dos telhados (ÁVILA, 1979, p. 78).
PREGO, CABEÇA DE <i>tête de clou [fr]</i>	[Or] Ornato simples de almofada de porta, de pequenos móveis, etc. (REAL, 1962, p. 411).
PREGUICEIRO	[Mo] Leito de repouso com 6 a 8 pernas e espaldar inclinado para trás (QUEIMADO, 2007, p. 184).
PRENSAGEM	[Ce] Processo de fabricação de objetos cerâmicos ou de decoração dos mesmos por meio de pressão em moldes, ou de prensas manuais, ou mecânicas (REAL, 1962, p. 412).
PREPARAÇÃO (camada de ou base de) <i>aparejamiento</i> <i>[esp]</i> <i>preparation,</i> <i>priming,</i> <i>underpaint,</i> <i>underpainting [ing]</i> <i>preparazione,</i> <i>preparato [it]</i> <i>préparation [fr]</i>	[Po] Mistura aplicada sobre uma superfície, numa etapa anterior a do recebimento da policromia. Essa camada ou base de preparação apresenta espessura variada, sendo geralmente lisa, e tem por fim nivelar e impedir que as tintas sejam absorvidas (TEIXEIRA, 1995, p. 71). Os suportes necessitam ser preparados para receber a pintura. No caso de suportes não porosos, como o vidro, é realizado a encolagem, com a função de criar uma superfície com um perfil que permita a adesão de camadas de pintura. Já para suportes porosos, a encolagem tem o objetivo de pré-impregnar o suporte, a fim de que este não absorva o aglutinante da base de preparação. Essa camada é geralmente constituída de uma cola proteica e é aplicada diretamente sobre o suporte. Sobre a encolagem é aplicada a base de preparação com o objetivo de aplainar irregularidades na superfície e interferir na luminosidade das cores. Essas bases são compostas de um aglutinante, normalmente a mesma cola utilizada na encolagem, e uma carga. A técnica antiga de bases de preparação

⁹²⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

envolvia a aplicação de duas camadas. A primeira, mais próxima ao suporte denominada **gesso grosso**, servia para corrigir alguma imperfeição na talha. Para essa camada, o artista normalmente usava de um material muito puro, sendo composta por caulim (mistura de silicatos hidratados de alumínio), carbonato de cálcio ou sulfato de cálcio. Após, era aplicada uma camada de **gesso sotille**, sendo previamente misturado a um aglutinante, com objetivo de produzir uma camada muito lisa, que deverá então receber a camada pictórica (SERRATE, 2011, p. 24-25).

PRESBITÉRIO

1. [Ig] Parte elevada da capela-mor de uma igreja; recinto reservado aos sacerdotes (TRINDADE, 1998, p. 392). É empregado para designar a residência paroquial ou habitação do presbítero (o clérigo que tem ordens para celebrar o sacrifício da missa). Designa, também, a área compreendida entre o altar-mor até as grades que o separam do corpo da igreja, na qual, geralmente, os presbíteros assistem ao ofício divino. 2. [Rg] É ainda empregado para nomear a reunião dos presbíteros, juntamente com os bispos (NUNES, 2008, p. 116).

PRESEPIO

crèche [ing]
presepio [it]
crèche [fr]

[Ic] Representação plástica do estábulo de Belém e das figuras que, segundo o evangelho, participaram e assistiram ao nascimento de Jesus e das cenas que a ele se seguiram (DAMASCENO, 1987, p. 39). Pode ser a representação tridimensional da Natividade, num cenário mais ou menos elaborado; compreende, geralmente, a Adoração dos Pastores, a Adoração dos Reis Magos, Anjos, entre outras cenas do ciclo da Natividade e pode apresentar, ainda, cenas e personagens da vida cotidiana e animais (conforme o tamanho, figuras ou figurinhas de presépio). De variadas dimensões, o presépio é montado nas igrejas, casas particulares ou lugares públicos durante a época natalícia. Por vezes insere-se numa caixa envidraçada (maquineta). (Em francês, a figura ou a figurinha de presépio diz-se *santon*) (THESAURUS, 2004, p. 148).

PRESERVAÇÃO

[Cv] É uma consciência, mentalidade, política (individual ou coletiva, particular ou institucional) com o objetivo de proteger e salvaguardar o Patrimônio. Resguardar o bem cultural, prevenindo possíveis malefícios e proporcionando a este condições adequadas de “saúde”. É o controle ambiental, composto por técnicas preventivas que envolvam o manuseio, acondicionamento, transporte e exposição.⁹²⁷ Preservação é toda e qualquer ação do Poder Público ou da sociedade civil que vise conservar o patrimônio cultural para assegurar sua integridade e perenidade. Existem várias formas legais de preservação, além de atividades que se caracterizam como ações de fomento e que têm como consequência a preservação. O processo de preservação, por sua complexidade, demanda concurso interdisciplinar e ação interinstitucional. Para conhecimento e preservação do patrimônio cultural e natural, faz-se necessária a apropriação de métodos específicos e de técnicas especializadas. O êxito

⁹²⁷ PEQUENO Glossário. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

de uma política de preservação tem como fator fundamental o engajamento da comunidade.⁹²⁸ Todas as considerações gerenciais, financeiras e técnicas aplicadas a retardar a deterioração, que previnem danos e prolongam a vida útil de materiais e objetos de acervos, para assegurar sua contínua disponibilidade. Essas considerações incluem monitoramento e controle apropriado de condições ambientais; provisão adequada de armazenamento e proteção física; estabelecimento de políticas para exposições e empréstimos e procedimentos adequados de manuseio; provisão de tratamento de conservação, planos de emergência e produção e uso de reproduções (PARÂMETROS... Roteiros Práticos 5, 2004, p. 40).

PRESÍDIA

[Rg] A presídia constituía-se basicamente por “subsedes” filiais de uma agremiação religiosa, por exemplo Ordem Terceira, estendendo sua jurisdição por um território, ampliando, nesse caso, o poder e a influência dessa agremiação, bem como elevando os seus recolhimentos financeiros (REZENDE, 2016, p. 22). Os irmãos de presídias obtinham os mesmos direitos e deveres dos irmãos que frequentavam a sede. Poderiam fazer uso de hábitos em ocasiões solenes, realizar exercícios espirituais e pagar os anuais, preservando os sufrágios *post-mortem* (SANTIAGO⁹²⁹, 2012 apud REZENDE, 2016, p. 22-23).

PRETOLIM

[Ma] Verniz dos espadeiros (REAL, 1962, p. 413).

PRETO de OSSO

negro marfil o de hueso [esp]
Ivory or Bone
Black [ing]

[Ma] Pigmento preto, conhecido desde o Egito antigo, obtido a partir da calcinação e esmagamento de marfim ou osso. Sua composição difere do negro de fumo na presença de fósforo.⁹³⁰

PRIMAL™

[Ma] Marca registrada para uma série de dispersões aquosas de acrílico vendidas na Europa que são equivalentes às da série Rhoplex nos EUA. Introduzido pela primeira vez em 1953, o Primal AC-33 foi vendido como um aglutinante de tinta de emulsão acrílica. Resinas primárias estão disponíveis em vários graus que variam em dureza e flexibilidade. Eles são usados como adesivos, consolidantes e revestimentos,⁹³¹ especialmente em pintura.

**PRIMITIVAS,
CORES**

[Cor] As sete cores do espectro solar (REAL, 1962, p. 413).

⁹²⁸ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

⁹²⁹ SANTIAGO, Felipe José Flausino. Presídias do Carmo de Vila Rica: Relações de poder em Minas Colonial. In.: XVIII Encontro Regional ANPUH-MG, 2012, Mariana. Anais do XVIII Encontro Regional ANPUH-MG. Ouro Preto: EDUFOP, 2012.

⁹³⁰ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/negro-marfil-o-de-hueso>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

⁹³¹ Disponível em: <<http://cameo.mfa.org/wiki/Primal>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

PRIMITIVISMO <i>primitivisme [fr]</i>	[Et] Tendência artística que toma por modelo a ingenuidade da forma e o sentimento da arte popular (REAL, 1962, p. 413).
PRIOR <i>prieur [fr]</i>	[Rg] Pároco. Superior de certos conventos. Dignatários nas antigas ordens militares (NUNES, 2008, p. 117).
PROBANDADO	[Rg] Período de tempo que procede ao noviciado ou o postulante em que se testam as condições e os requisitos do aspirante à vida religiosa (NUNES, 2008, p. 117).
PROCEDÊNCIA	[Do] Local de onde a obra procede, não necessariamente onde foi produzida.
PROCESSAMENTO TÉCNICO	[Mu] Tratamento a que é submetido todo bem cultural adquirido para o acervo com o fim de fornecer subsídios para sua recuperação e acesso, bem como da informação nele registrada, com precisão e rapidez. Tem início após o recebimento da aquisição e engloba as atividades de registro, análise (classificação, catalogação, indexação), preparo físico (marcação, codificação) e armazenamento. ⁹³²
PROCISSÃO	[Rg] Solene préstito religioso do povo com o clero, que geralmente se dirige de uma igreja a outra, para exercitar a piedade dos fiéis, louvar a Deus, dar graças ou pedir sua proteção. A procissão pode ser ordinária, quando acontece todos os anos em dia e ocasião definida, e extraordinária, quando prescrita pela autoridade eclesiástica ou permitida para fins e circunstâncias especiais. Ex: Procissão das Almas, do Terço do Rosário de Nossa Senhora, de <i>Corpus Christi</i> , etc. (TRINDADE, 1998, p. 392). Cortejo acompanhado de cantos e rezas. Pode ser de caráter penitencial (via-sacra) ou de louvor e de ação de graças, além de súplica (NUNES, 2008, p. 117).
PROFANO <i>profane [fr]</i>	[Rg] Que não é sagrado (NUNES, 2008, p. 118).
PROFESSAR	[Rg] Que faz voto numa ordem. Proferir votos solenes, ligando-se a uma religião, a uma doutrina, a uma Ordem religiosa ou militar. PROFESSO – Que faz votos. CASA PROFESSA – Convento de religiosos professos (NUNES, 2008, p. 118).
PROGRAMA	[Re] Conjunto das necessidades de espaço e função que o projeto de construção ou restauração deve atender. ⁹³³
PROMESSA	[Rg] Ato ou efeito de prometer. Voto feito a Deus ou aos santos para obtenção de alguma coisa, cujo cumprimento depende dessa obtenção.

⁹³² MUSEU de Astronomia, 1995, p. 33.

⁹³³ CONJUNTO... 2007, p. 178.

	Objeto de cera ou outro material, de forma variada que as pessoas oferecem às igrejas ao alcançarem seus pedidos (NUNES, 2008, p. 118).
--	---

PROSPECÇÃO	[Ex] Exame realizado pelo conservador-restaurador com objetivo de visualizar as camadas da policromia e, dependendo do caso, avaliar a camada original ou aquela de algum valor estético ou histórico. É usada, principalmente, quando há possibilidade de policromias originais subjacentes às repinturas. O exame deve ser feito em locais pré-determinados, de acordo com a dimensão e variações das áreas na obra. Possui dois objetivos: avaliar a quantidade de original que existe, e verificar a possibilidade de remoção, ou seja, a técnica de execução do trabalho de remoção da repintura. Mas, o mais importante, é uma avaliação precisa dos exames e prospecções para a tomada de decisão criteriosa e segura (COELHO; QUITES, 2014, p. 109). Seleciona-se uma área na obra de arte, onde não seja uma região de grandes visibilidades (como face, por exemplo), normalmente em formato retangular, trata de um espaço de observação das condições regressas da obra. Através dela, restauradores observam o passado, obtendo as anterioridades históricas dessas superfícies.
-------------------	---

PROTO-APOSTÓLICO	[Rg] É um livro que diz a verdade, porém não foram inspirados no Espírito Santo.
-------------------------	--

PROVEDOR	[Ou] Que prove e examina o estado de alguma arrecadação, fábricas, provimentos, bens e administrações, segundo suas leis; seus direitos e ofícios constam de regimentos (TRINDADE, 1998, p. 393). Designação especial do chefe de alguns estabelecimentos pios (NUNES, 2008, p. 118).
-----------------	---

PROVISÃO	[Ac] Espécie de escrito passado pelos tribunais, Conselho Ultramarino, Mesa de Consciência e Ordens, a requerimento das partes ou ex-ofício. Havia duas espécies: por consulta e por concessão régia. Carta pela qual o governo confere mercê, cargo ou expede qualquer visa ou providência. Provisão de boca: mantimento. Provisão de guerra: pólvora, projéteis (NUNES, 2008, p. 118).
-----------------	--

PRUMADA	[Mo] Conjunto de elementos verticais que, dando continuidade às pernas traseiras das cadeiras, serve de suporte para o espaldar (DAMASCENO, 1987, p. 39). MONTANTES PRUMADAS – Peças verticais estruturais. Neste caso, constituem as pernas dianteiras ou traseiras. São geralmente colocadas nos ângulos do assento. Têm a mesma designação nos móveis de conter. ⁹³⁴
----------------	---

PRUMO <i>plomada,</i>	[Eq] Peça piramidal de chumbo, presa a uma linha e utilizada para determinar a direção vertical nas obras de escultura (TEIXEIRA, 1995, p.
---------------------------------	--

⁹³⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>plomo [esp]</i> <i>lead, plumb [ing]</i> <i>piombo [it]</i> <i>fil plomb [fr]</i>	72).
PSICRÔMETRO	[Eq] Instrumento com que se mede a umidade, constituído de dois termômetros semelhantes (SPINELLI JR, 1997, p. 78).
PSYCHÉ	[Mo] Espelho retangular que pode ser inclinado como se deseje, inserido em moldura móvel (QUEIMADO, 2007, p. 184).
PÚLPITO <i>pulpit [ing]</i> <i>pulpito [it]</i> <i>chaire</i> <i>à prêcher [fr]</i>	[It] Tribuna elevada, no interior de igrejas, destinada à pregação ou sermões do sacerdote que é realizada apenas no púlpito à esquerda dos assistentes, do lado do evangelho. Entretanto a maioria das igrejas mineiras possuem dois púlpitos, o púlpito do evangelho, o da epístola, supondo-se que esta composição se deva a razões de equilíbrio ornamental (DAMASCENO, 1987, p. 39). Na função das prédicas, é utilizado apenas o púlpito do lado do Evangelho. O outro parece ocorrer apenas como elemento compositivo ou ornamental (ÁVILA, 1979, p. 167).
PULVERULÊNCIA <i>pulvérulence [fr]</i>	[Dt] Na policromia, o estado pulverulento de toda ou parte da camada pictórica, com aspecto de pó, desagregado. Resulta da perda de flexibilidade de uma camada homogênea (verniz) ou da perda de coesão da camada de cor, seja por causa de uma quantidade muito pequena de aglutinante original, ou devido ao enfraquecimento deste aglutinante (dessecação devido a uma perda de flexibilidade). O menor atrito pode transformar toda ou parte da tinta (ou verniz) em pó (LANGLE; CURIE, 2009, p. 798).
PUNÇÃO	1. [Eq] Carimbo metálico com desenhos gravados, utilizados nos puncionamentos (TEIXEIRA, 1995, p. 72). 2. [Ou] Marca aposta sobre um artefato de ourivesaria, moedas, selos ou outros, para comunicar a sua autenticidade (IMC, 2011, p. 154). 3. [Po] Marcação com peças de metal com pontas e tamanhos variados sobre a folha metálica, formando círculos, esferas, estrelas, triângulos (COELHO, 2005, p. 241), também denominadas de <i>ouro picotado</i> , <i>ouro burilado</i> , <i>ouro gravado</i> ou <i>martelado</i> , consiste em desenhos executados com instrumentos especiais ou buril sobre a folha metálica (FAUSTO, 2010, p. 276). São feitas logo após a aplicação do douramento sobre as folhas ainda maleáveis. Sua distribuição varia muito e aparece às vezes, preenchendo todo um espaço, formando texturas para distinguir das áreas de dourado liso e brilhante e, outras vezes, contornando folhas, pétalas de flores, ou ainda, formando ziguezagues em barras de túnicas e mantos (COELHO, 2005, p. 241). Em Portugal é chamado <i>puncionamento</i> .
PUNHAL	1. [At] Pequena arma branca de lâmina curta e penetrante. 2. [Ic] Na iconografia cristã, constitui-se num dos atributos de Nossa Senhora,

	simbolizando suas dores. Aparece em representações de Nossa Senhora da Soledade - apenas um; e sete, em Nossa Senhora das Dores (DAMASCENO, 1987, p. 39).
PUREZA (cor) <i>pureté [fr]</i>	[Cor] Qualidade da cor de um corpo, cuja curva espectral tem um pico muito pronunciado, espectro de banda estreita. O tom é então dito <i>puro</i> (LANGLE; CURIE, 2009, p. 46). Ver SATURAÇÃO (cor).
PUTTI	[Or] Do italiano <i>putto</i> (singular) que significa criança pequena. É a representação de uma criança, geralmente nua, às vezes alada, frequentemente incluída como elemento simbólico ou decorativo em pinturas e esculturas da Renascença, inspirado em modelos dos antigos Eros (FAUSTO, 2010, p. 276). Figuras representando meninos, cúpidos ou querubins decorativos (QUEIMADO, 2007, p. 184).
PVA	Ver ACETATO DE POLIVINILA .



<p>QUADERNA</p>	<p>[Or] Em heráldica é o conjunto de quatro quadrados em forma de crescentes apontados e iguais, simetricamente dispostos e afrontados, formando uma espécie de rosa ou cruz; caderna, lunel. [Ou] No dado, a face que tem quatro pontos, ou os quatro pontos da face de um dado (REAL, 1962, p. 419).</p>
<p>QUADRATURA <i>quadrature [fr]</i></p>	<p>[Ds] De quadra; redução geométrica de uma figura. [Pi] Pintura de ornatos arquitetônicos. QUADRATURISTA – Pintor que trabalha em arquitetura ornamental (REAL, 1962, p. 419).</p>
<p>QUADRIFÓLIO</p>	<p>[Or] Elemento decorativo composto por quatro folhas estilizadas, dispostas de forma simétrica (IMC, 2011, p. 125).</p>
<p>QUADRILÓBULO <i>quatre-feuil-le [fr]</i></p>	<p>[Or] Ornato arquitetônico formado por quatro porções de arco tendo como centro os ângulos de um quadrado. Também chamado <i>trevo-de-quatro-folhas</i> (REAL, 1962, p. 420).</p>
<p>QUADRO <i>tableau [fr]</i></p>	<p>[Pi] Painel pintado em madeira, tela, etc. ou mesmo sobre parede, circunscrito por moldura (REAL, 1962, p. 420). QUADRO DE CAVALETE – Quadro de pequena dimensão.</p>
<p>QUADRO DE ALTAR <i>altarpiece [ing] pala d'altare [it] tableau d'autel [fr]</i></p>	<p>[It] Representação de cenas ou figuras religiosas, pintada ou em relevo, colocada sobre o altar ou presa à parede atrás deste. De formas variadas, insere-se em moldura ou num retábulo. Uma predela ou uma luneta podem integrar ou ser elementos destacados de um quadro de altar. Em italiano, se o quadro de altar é pintado sobre madeira, indissociável da moldura, pode dizer-se “ancona” (THESAURUS, 2004, p. 23).</p>
<p>QUADRO DEVOCIONAL <i>devotional scene [ing] quadro d'altare [it] tableau de dévotion [fr]</i></p>	<p>[Rg] Pequena representação religiosa (Virgem das Dores, Sagrado Coração de Jesus, etc.), pintada ou em relevo, colocada ao centro do altar, geralmente entre o sacrário e o quadro de altar. Costuma inserir-se numa moldura com dois pequenos pés que asseguram a sua estabilidade e pode integrar dois braços de castiçal (THESAURUS, 2004, p. 23).</p>
<p>QUADRO EX-VOTO <i>painting ex-voto [ing] dipinto ex voto [it] tableau ex-voto [fr]</i></p>	<p>[Rg] Quadro pintado oferecido a uma igreja, como ex-voto, e cuja iconografia e inscrição evocam um acontecimento infeliz (doença, acidente, etc.), para o qual foi pedida e concedida a obtenção de uma graça. Em Portugal, a inscrição começa geralmente pela expressão</p>

“milagre que fez” (THESAURUS, 2004, p. 108). Ver **EX-VOTO**.

QUARENTENA [Cv] Designação de um espaço ou de um período destinado para avaliação e controle de objetos que serão introduzidos em áreas de guarda. Toda instituição gerenciadora de acervos deve ter, se possível, uma sala especial para triagem e quarentena de acervos coletados, doados ou adquiridos. Esta sala também deve ser utilizada para a observação de acervos que saíram para exposições ou consulta externa, antes de sua entrada nas áreas de reserva técnica. Bancadas de alvenaria, lupas e uma iluminação mais forte auxilia o exame dos objetos. Porém, o tempo de estadia não deve ser superior a uma semana, para que esta sala não perca sua função e acabe virando um depósito improvisado. Esse local pode atuar como um espaço das obras em trânsito, seleção prévia para exposição e avaliação prévia para atividades interventivas (FRONER; SOUZA, 2008, p. 17).

QUARESMA [Rg] Tempo de abstinência para os católicos entre a quarta-feira de Cinzas e a Páscoa (NUNES, 2008, p. 127).

QUARTELA [Or] Peça que, numa estrutura ornamental, serve de sustentação a outra. Espécie de mísula pendente sustentando fecho de abóbada, de arcos, de colunas (REAL, 1962, p. 420). [It] Peça que sustenta outra em determinada estrutura, a exemplo de suportes de corrimão (ÁVILA, 1979, p. 79).

QUARTELÃO [Rb] Pilastra com relevo em talha trabalhada, que em igrejas mineiras aparece, geralmente, em retábulos estilo Dom João V e Estilo Rococó (ÁVILA, 1979, p. 169). Pilastra com relevo em forma de mísula, também chamada de “pilastra misulada” (FABRINO, 2012, p. 52).

QUATRO CORES [Pm] Forma genérica de se referir às quatro cores tradicionalmente presentes nos paramentos litúrgicos. A princípio, usava-se somente a cor branca, que era a cor do vestuário da Antiguidade Clássica. Desde o século IX, há notícias de determinadas cores para certas festas. Mas só foi por volta do ano de 1200, que se adotaram as cores como litúrgicas. A variação no seu emprego durou até a reforma do Missal, depois do Concílio de Trento. Desde então, há cinco cores litúrgicas: branca, vermelha, verde, roxa e preta, cujo uso depende das festas a celebrar e do ano eclesiástico. A verde é usada no Tempo Comum, em sinal de esperança. A branca é usada no Tempo do Natal, Páscoa, em festas de Nossa Senhora e em momentos de alegria como batizados e casamentos. A roxa é usada nos momentos de luto e penitência, no Tempo da Quaresma. A vermelha, no Tempo de Pentecostes e nas festas dos santos mártires. Presume-se que a referência específica às "quatro cores" exclua a cor preta, cujo emprego é mais restrito (somente na Sexta-feira da Paixão e nos ofícios fúnebres) (TRINDADE, 1998, p. 393).

QUEBRA [Dt] Ruptura de parte do suporte causado por impacto mecânico.

QUEBRAR O TOM [Pi] Diminuir a intensidade, o brilho de uma cor (REAL, 1962, p. 422).

*rompre une
couleur [fr]*

QUEEN ANNE [Et] Estilo de mobiliário na Inglaterra no século XVIII. Durante o reinado da Rainha Ana produz-se uma reação que simplifica o mobiliário, dando preferência à forma sobre a ornamentação, embora se continue a usar as pernas torneadas e o frontão com volutas. O estilo *Rainha Ana* constitui uma especial contribuição inglesa ao mobiliário barroco. Não se tratam de móveis em que predominem o luxo e a ostentação e diferem bastante dos existentes no período anterior, pois com o desenvolvimento da classe média, o mobiliário evolui no seu desenho procurando modelos de maior comodidade e simplicidade. Aparecem formas enquadradas em curvas ligeiras e de belas proporções. Suprime-se em grande parte os motivos decorativos, orientando-se os artesãos para o fabrico de um móvel de perfil claro e elegante, sóbrio e ponderado. Constituem-se o elemento mais característico deste estilo as pernas *cabriolet*, que perdem os seus primitivos aspectos pesados, suavizando sua linha e apresentando na extremidade uma garra de águia segurando uma bola. Estas pernas são utilizadas nos móveis de assento, cômodas, mesas e consoles. Por outro lado, nos espaldares entalhados dos móveis de assento de linha suave e curva, surge um elemento central com figura de pá vertical talhada em forma de taça. Por fim a maneira de usar a laca acrescenta novas particularidades: os laçados são utilizados especialmente nos armários, escrivaninhas, vitrines e secretárias, empregando fundos vermelhos, verdes ou pretos, sobre os quais se faz sobressair dourados ou prateados que representam, quase sempre, paisagens e figuras orientais.⁹³⁵

QUEIMA [Ce] Processo físico-químico que consiste em transformar o barro ou a argila em cerâmica, por meio de elevação de temperatura, durante o qual a maior ou menor presença de oxigênio determina a oxidação ou redução, evidenciada pela textura e cor da cerâmica.⁹³⁶

QUENTE (tonalidade) [Pi] Diz-se que um quadro tem tonalidade quente quando é vivamente colorido ou quando são empregadas cores quentes, como o vermelho, o amarelo (REAL, 1962, p. 422).

chaud [fr]

QUERCITRINA [Ma] Substância corante, vermelha, tirada de uma espécie de carvalho (REAL, 1962, p. 422).

QUERMES Ver **KERMES**.

⁹³⁵ Disponível em: <http://www.exatas.ufpr.br/portal/degraf_arabella/wp-content/uploads/sites/28/2016/08/Apostila-Hist%C3%B3ria-do-Mobili%C3%A1rio.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2018.

⁹³⁶ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

QUERMESSE [Rg] Feira paroquial. Feira anual celebrada com grandes folguedos populares (NUNES, 2008, p. 127).
kermesse [fr]

QUERUBIM 1. [Or] Representação de uma cabeça angelical de criança com um par de asas sobre os ombros (IMC, 2011, p. 125). 2. [Ic] Anjo da primeira hierarquia, a qual se situa entre os serafins e o trono. 3. [Ap] Em pintura, escultura e arquitetura, cabeça de criança com asas representando o anjo de ascensão (NUNES, 2008, p. 127). Segundo Etzel (1995, p. 37-38) a palavra “querubim” tem sua origem nos seres alados da cultura assíria. Mas na linguagem e conotação contemporânea, querubim é a cabeça, alada ou não, do bambino, a criança rechonchuda da expressão brejeira que lembra o amor num misto de Eros e santidade. Na escultura antropomorfa do barroco foi elemento obrigatório dos retábulos e das peanhas das imagens da Virgem. E também guarneceram os altares do século XIX já com sua talha simplificada e subordinada ao neoclassicismo. O que caracteriza o querubim clássico é a exuberância das bochechas que, expandindo-se, afundam as órbitas e o nariz, ao passo que o tecido compacto e fixo do mento (queixo) se torna bem delimitado e saliente. É a visão exagerada da criança sadia. A este exagero de bochechas chamou-se “defeito borrominesco”.

QUILATE [Mt] Valor, peso, pureza ou perfeição do ouro e das pedras preciosas. Proporção do metal precioso que entra numa liga (REAL, 1962, p. 422). Unidade de valorização da pureza do ouro, cujo grau máximo é valorizado em uma lei de 24 quilates⁹³⁷. Termo de origem árabe, *qirát*, corno pequeno, que derivou do grego *kirátion* e que alude à forma corniforme das vagens da alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*), cujas sementes têm um peso médio aproximado de 0,2 gramas e que eram antigamente utilizadas como medida de peso. Atualmente, é a unidade internacional de medida do peso das pedrarias que equivale a 200 miligramas, tendo a sigla “ct”, aprovada como padrão em 1907 pelo Comité Internacional des Poids et Mesures.⁹³⁸ A designação quilate métrico significa peso ou massa de dois decigramas (ÁVILA, 1979, p. 213). Anteriormente, 1 quilate era equivalente a 205,75 mg. É usual usar-se a sigla “kt”. **QUILATE ANTIGO** – Expressão que diz respeito ao peso de pedras registrado antes da homologação do quilate métrico. Via de regra, o peso de uma pedra em quilates antigos é numericamente inferior ao seu peso em quilates métricos. A sua representação não era feita no sistema decimal (e.g. 2 ct 1/2 1/4 1/8) (IMC, 2011, p. 154).

QUIMERA [Ic] Monstro fabuloso. Empregado como motivo de decoração, tanto na Idade Média como na Renascença. Em móveis do Renascimento, foram dispostos como cariátides (REAL, 1962, p. 423).
chimère [fr]

⁹³⁷ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/quilate>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

⁹³⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

QUINTAL

[Mt] Medida de peso correspondente a cerca de 58,752 kg, ou seja, 4 arrobas. Sobre esta medida divergem os diversos autores, como:

- Roberto Simonsen – 1 quintal = 58,982 kg;
- Lejeune para o Brasil – 1 quintal = 58,72 kg; e para Portugal – 1 quintal = 58,75 kg;
- Hoppe – 1 quintal = 58,725 kg;
- Tacchini – 1 quintal = 58,745306 kg.

Existe também a expressão quintal métrico que significa 100 quilogramas (ÁVILA, 1979, p. 213).

QUITÃO ou QUÍTON [In] Túnica jônica e dórica, usada sob o peplo (REAL, 1962, p. 425).

khiton, chiton [fr]



RABO DE ANDORINHA

cola de golondrina,
cola de milano [esp]
dovetail [ing]
coda di rondine [it]
queue d'aronde [fr]

[Tc] Tipo de encaixe, em forma de trapézio, onde a união se dá pelo lado mais estreito e é semelhante a cauda de andorinha. O mesmo que *ganzepe* (TEIXEIRA, 1995, p. 74).

RABO DE MINHOTO (junta de)

[Tc] Peça de madeira constituída de dois trapézios unidos pela base menor, destinada a garantir a rigidez da junção de duas peças maiores. Sua função corresponde à do gato nos trabalhos de cantaria (ÁVILA, 1979, p. 81).

RABOTE

cepillo de
carpintero [esp]
joiner's plane [ing]
pialla [it]
rabot [fr]

[Eq] Plaina grande de carpinteiro (TEIXEIRA, 1995, p. 74).

RACHADURA

[Dt] Apresenta uma abertura de tal tamanho que ocasiona interferências estéticas e estruturais, deixando o suporte fragilizado e, dependendo de sua intensidade, provocando a ruptura da peça. A ocorrência de fendas na superfície da peça, decorrentes de diferentes tensões por contração, entre os vários tecidos da madeira. Essas diferenças de contração causam esforços que excedem a resistência da madeira fazendo com que ela rache.

RADIAÇÃO

[Ou] Emissão ou transferência de energia na forma de ondas eletromagnéticas ou de partículas.

RADIAÇÃO ELETROMAGNÉTICA

[Re] Designação da energia que se propaga no espaço através de um campo elétrico ou magnético (SPINELLI JR, 1997, p. 78). Têm uma categoria energética de 10² a 10⁷ eletrovolts (eV). A fraca interação dessas radiações limita seu poder de penetração nos materiais. Existem diversos tipos de radiações eletromagnéticas:

- As radiações gama podem ser letais para os insetos em todos os seus estágios de desenvolvimento, assim como para os microrganismos, incluindo os esporos, dependendo da dose aplicada. Logo que são emitidos pela fonte – normalmente isotópica de cobalto 60 (60 Co) – e ao serem absorvidos pelo material irradiado, os raios interagem
-

com todos os componentes, originando mudanças que estão em relação direta com a dose de radiação que, por sua vez, relaciona-se ao tempo de exposição (maior dose, mais tempo e maior efeito). Seu nível de penetração depende da energia dos raios, da intensidade, do material e da massa específica do objeto. São muito utilizados para a esterilização de produtos descartáveis de uso frequente, tais como utensílios médicos, alimentos para animais domésticos e tratamento do câncer. A tolerância ou a sensibilidade a estas radiações está relacionada aos tipos de suportes, já que há produtos que são mais radiorresistentes ou mais radiolábeis do que outros. É muito importante destacar que o tipo de radiação emitida pelos dois radioisótopos que se empregam nestes tratamentos (o outro é Césio 137) tem baixa energia, por isto não transformam o material irradiado em um objeto radioativo. O fenômeno de indução de radioatividade ocorre a partir dos 12 MeV. Uma vantagem destas radiações é sua boa penetração nos materiais, o que permite que os objetos sejam tratados em pacotes. Por outra parte, grandes quantidades de materiais podem ser irradiadas ao mesmo tempo. O processo é simples e rápido e os materiais podem ser usados imediatamente depois da desinfecção. O emprego destas radiações representa uma alternativa segura para o controle de populações de insetos e de outros artrópodes em quaisquer dos seus estágios biológicos e, imediatamente depois do tratamento, os materiais podem ser utilizados com toda segurança, já que não estão radioativos nem tóxicos e somente contêm uma fauna infestante lesada ou morta. No entanto, existem dúvidas acerca das mudanças químicas que podem ocorrer nos materiais e nos resíduos deixados. As altas energias às quais são expostos os objetos causam excitação e ionização das moléculas, rompendo suas ligações químicas e formando alguns radicais. Os materiais celulósicos são os mais vulneráveis. Por outro lado, os objetos tornam-se mais sensíveis a um novo ataque biológico (CALOL, 2013, p. 111).

- As **radiações Röntgen (raios X)** têm atividade inseticida e possivelmente, também fungicida. Seus efeitos podem ser comparados aos produzidos pela irradiação gama. Pode haver uma redução exponencial da resistência à tensão, assim como a perda da cristalinidade pelo efeito destas radiações. Os objetos pintados requerem um cuidado especial porque 1 KGy pode provocar mudanças na camada pictórica (CALOL, 2013, p. 111).
 - Os **raios ultravioletas** têm uma menor energia e um limitado poder de penetração. Têm efeito fotoquímico, pois causam excitação eletrônica, seguida de ruptura das ligações químicas. Não provocam ionização. As propriedades físico-químicas do papel alteram-se quando o material é exposto a uma longitude de onda de 330-440 nanômetros. Neste caso produz-se a foto-oxidação, que provoca acidificação, perda do grau de polimerização e aumento dos grupos redutores. A madeira pode perder a cor pelas radiações ultravioletas
-

(CALOL, 2013, p. 111). As frequências desta radiação são superiores às da região visível ao olho humano. Estas radiações são emitidas pelos átomos quando excitados, como por exemplo, em lâmpadas de vapor mercúrio (Hg), acompanhando a emissão de luz. Por não serem visíveis os raios ultravioletas podem causar sérios danos à visão humana (FONSECA, 2014, p. 23). Com a utilização do filtro de Wood é um dos exames mais usados pelos restauradores. O emprego dos raios ultravioleta, com filtro especial, tem a capacidade de mostrar, nitidamente, a diversidade de fluorescência dos materiais contidos na camada pictórica da obra. É um meio eficiente de investigação para avaliarmos a existência de repinturas e a presença de elementos estranhos à obra, ou intervenções de restauração. Cada pigmento e veículo que entra na composição das tintas possui uma fluorescência particular. Em geral a sua intensidade se acentua na medida em que os materiais envelhecem.⁹³⁹

- **Radiação visível** – As ondas eletromagnéticas que possuem frequência compreendida entre $4,6 \times 10^{14}$ Hz e $6,7 \times 10^{14}$, são de extrema importância para nós, seres humanos, pois elas são capazes de sensibilizar a nossa visão, essas são as chamadas radiações luminosas, ou seja, a luz. As radiações luminosas possuem um pequeno espaço no espectro eletromagnético. Sendo assim, o olho humano não consegue ver o restante das radiações que compõe o espectro eletromagnético (FONSECA, 2014, p. 23).
- **Raios infravermelhos** – [Ex] As radiações de infravermelho têm a capacidade de penetrar através da camada de verniz amarelecido e da película de tinta de superfície, permitindo fotografar os elementos da estrutura e os defeitos que possam existir em uma obra.⁹⁴⁰

RADIAL

radial [esp]

radial, glory [ing]

corona [it]

couronne radiale [fr]

[In] Coroa radial é um resplendor com raios, colocado na cabeça das imagens e usado como ornamento (TEIXEIRA, 1995, p. 74).

RADIOGRAFIA

radiography (método),

radiograph (documento)

[ing]

radiographie [fr].

[Ex] Designa um método de análise bem como o documento que regista os resultados obtidos e consiste na imagem visível numa certa película fotográfica ou, mais rigorosamente, radiográfica. Através da radiografia é possível verificar se as obras são realizadas apenas num só bloco ou em vários, assim como confirmar, quando não são detectadas assemblagens, se pequenos elementos são colados. Este processo também é importante para se perceber se os diversos elementos que compõem a obra fazem parte do bloco de madeira original, e permite visualizar todos os suportes

⁹³⁹ Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

⁹⁴⁰ Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

metálicos que são utilizados para a unificação das diversas partes. Além disso, registra a diferente opacidade dos materiais, que depende da espessura de cada um e da sua composição (FÉLIX, 2013, p. 38). Esta opacidade aos raios X depende da espessura, massa específica (densidade) e número atômico dos elementos do material, sendo tanto maior quanto maiores forem tais grandezas. Um objeto colocado entre a fonte de radiação e uma película radiográfica origina, deste modo, uma imagem nesta, em cinzentos, que está relacionada com a variação da opacidade aos raios X naquele objeto, devida à diversa qualidade e quantidade dos vários materiais empregados, correspondendo às manchas mais claras da radiografia às zonas de maior absorção. Os materiais mais opacos aos raios X ou mais absorventes dão lugar aos tons mais claros da radiografia, a que corresponde menor densidade radiográfica (é menor a intensidade dos raios X que atingem a película ou o detector), e os mais transparentes ou que menos absorvem os raios X dão origem às zonas mais escuras, ou seja, com maior densidade radiográfica. Permite distinguir a natureza dos pigmentos. Os aglutinantes, como todos os materiais orgânicos, absorvem pouco esta radiação. De uma forma geral, os pigmentos mais opacos são o vermelhão e os que têm chumbo na sua composição, como o branco de chumbo, o amarelo de chumbo e estanho, o amarelo de Nápoles, o amarelo de crómio ou o mínio. Os corantes, como a garança ou o índigo, e o azul ultramarino contam-se entre os materiais colorantes menos opacos aos raios X. No entanto, a opacidade de uma tinta também depende da sua densidade, ou seja da razão pigmento/aglutinante, sendo tanto maior quanto maior é esta razão. Há casos em que se identifica a madeira, utilizada como suporte, bem como galerias no seu interior, por ocasião de ataque de insetos. Há um século e meio que são usados pigmentos brancos bem menos opacos (branco de zinco e branco de titânio). A principal utilidade da radiografia resulta da possibilidade de detectar camadas de pintura não superficiais que podem estar relacionadas com a execução de um motivo, a sobreposição de diferentes motivos, os arrependimentos ou os repinturas. A radiografia pode ser muito útil para a determinação do estado de conservação de uma obra e a sua caracterização técnica e do artista. A primeira radiografia foi feita de uma pintura em 1896 por W. König, tendo já sido reconhecido nessa ocasião o interesse para a detecção de estruturas não visíveis, o diagnóstico do estado de conservação e os estudos relacionados com a autoria e a autenticidade. A sua utilização, porém, só ganhou dimensão significativa após a I Guerra Mundial, na França, quando foi aproveitado equipamento médico ambulante que ficou disponível. Os interessantes resultados obtidos levaram à aquisição de equipamento especializado pelo Museu do Louvre em 1926 e pela National Gallery, em Londres, em 1934.⁹⁴¹

⁹⁴¹ CRUZ, António João. A matéria da imagem: dicionário sobre materiais, técnica, conservação e estudo laboratorial de pinturas. A Ciência e a Arte. Disponível em: <<http://ciarte.pt/dic/a/arrependimento.html>>. Acesso em: 12 set. 2017.

RAIOS	[Rb] Peças que cruzam, vertical ou diagonalmente, os arcos ou arquivoltas no coroamento ou remate do retábulo, ligando e estruturando as suas aduelas ou peças encurvadas (ÁVILA, 1979, p. 171).
RAIOS X	Ver RADIOGRAFIA .
RAJOLA	[Ce] Placas quadradas destinadas a mosaicos cerâmicos, decoradas a azul e roxo sobre vidrado estanífero, utilizadas em composições repetitivas. Produção de Valência bastante comum até finais do século XV. ⁹⁴²
RALO	[It] Folha de metal ou madeira traspassada de pequenos furos, usada em confessionários e parlatórios de religiosos (NUNES, 2008, p. 131).
RAMAGEM ou RAMADA <i>branchage, rinceaux, ramage [fr]</i>	[Or] Ornato em forma de ramos e folhas (ÁVILA, 1979, p. 171). Ver FOLHAGEM .
RAMICELOS	[Or] Pequenos ramos, ramalhetes. ⁹⁴³
RAMOS	[Or] Último domingo da Quaresma em que se comemora a entrada de Jesus em Jerusalém (NUNES, 2008, p. 131).
RANHURA <i>estria, acanaladura, muesca [esp] groove [ing] incassatura, incavo, cavit [it] rainure [fr]</i>	[Tc] Entalhe e forma de canais ou estria (TEIXEIRA, 1995, p. 74). RANHURAS ou INCISÕES – [Po] Técnica realizada sobre a base de preparação antes da aplicação da folha metálica, com linhas paralelas ou que se cruzam, círculos escavados na preparação, incisões que formam folhas, flores, etc. Técnica encontrada no Campos das Vertentes (MG) em policromias realizadas por Joaquim José da Natividade, em uma moldura entalhada e dourada do Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana e em retábulos das igrejas de Diamantina douradas por José Soares de Araújo (COELHO, 2005, p. 241).
RASCADOR <i>rascador, rascadera [esp] scraper [ing] raschiatoio [it] racloir [fr]</i>	[Eq] Instrumento para raspar ou rascar superfícies em madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 74).
RASCUNHO <i>boceto, borron, borroncillo, esbozzo [esp] sketch [ing]</i>	[Tc] Esboço ou bosquejo (TEIXEIRA, 1995, p. 74).

⁹⁴² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹⁴³ CONJUNTO... 2007, p. 178.

<i>schizzo, abbozzo [it]</i> <i>esquisse, ébauche [fr]</i>	
---	--

RASO	[Ou] Que não tem nada escrito. Tecido fino de seda lustrosa sem labores (NUNES, 2008, p. 131).
-------------	--

RASOURAR <i>raer, raspar [esp]</i> <i>to scrape [ing]</i> <i>raschiare, rasierare [it]</i> <i>racler [fr]</i>	[Tc] Nivelar ou igualar a madeira com a rasoura (TEIXEIRA, 1995, p. 75).
--	--

RASPADEIRA ou RASPADOR <i>raedera, raspador [esp]</i> <i>scraper,</i> <i>ripping chisel [ing]</i> <i>rastiatioio, raspa [it]</i> <i>ripe [fr]</i>	[Eq] Instrumento afiado próprio para raspar a superfície da madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 75).
---	--

RASPAS <i>raspador [esp]</i> <i>scrapings [ing]</i> <i>raspa [it]</i> <i>raclure [fr]</i>	[Eq] Raspas ou grosas são instrumentos de ferro ou aço que dividem-se em três partes: a do meio acilindrada e lisa e as outras duras são picadas e usadas como lixas grossas para limar superfícies ásperas (CASTRO, 1937, p. 62).
--	--

RASPINHADO	[Tc] Superfície lavrada com raspas (TEIXEIRA, 1995, p. 75).
-------------------	---

RASTILHA	[Eq] Instrumento para raspar e alisar curvas na madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 75).
-----------------	--

RAW	[Do] Raw, é uma denominação genérica de formatos de arquivos de imagens digitais que contém a totalidade dos dados da imagem tal como captada pelo sensor da câmara fotográfica. Tais formatos não podem ter aplicada a compressão com perda de informação, como ocorre com o popular JPEG. Esse formato contém todos os dados da imagem captada pela câmara e uma maior profundidade de cor, em geral 30 ou 36 bits/píxel – seus arquivos são muito grandes, salvo quando são comprimidos (sem perdas). É muitas vezes chamado de <i>negativo digital</i> , pois é equivalente a um filme negativo na fotografia analógica, ou seja, o negativo não é usável como uma imagem, mas contém todas as informações necessárias para criar uma. O processo de converter uma imagem raw para um formato visível é muitas vezes chamado de revelação de imagem raw (FONSECA, 2014, p. 23).
------------	---

REBITE	[Ma] Cilindro de metal, com cabeça, destinado a unir duas peças de metal. Antigamente, era usado sob o processo de uma volta dada à ponta de um prego (ÁVILA, 1979, p. 81). Pequenos pregos de prata, achatados nas extremidades, que são empregues na ligação de diferentes elementos de uma peça (IMC, 2011, p. 155).
---------------	---

REBOTE	Ver RABOTE .
RECENAR <i>redorer [fr]</i>	[Po] Dourar ou pratear novamente (TEIXEIRA, 1995, p. 75).
RÉCHAMPI	[Ta] Processo pictórico que consiste em destacar certas formas do fundo já pintado, a fim de destacá-lo (LANGLE; CURIE, 2009, p. 728). Em que se pinta enfatizando a linha ou a oposição das cores, com a utilização de relevos ou desenhos que se destacam contra um fundo ao contrário de cores. ⁹⁴⁴
RECOLETA	[Rg] Casa de religiosos da Ordem de Frades Menores. RECOLETO – Religioso que leva vida austera (NUNES, 2008, p. 131).
RECOLHIMENTO FEMININO	[Ou] Instituição voltada à tutela da honra feminina e que garantia que certas mulheres – com a reputação em perigo ou até danificada – pudessem reintegrar o corpo social consoante regras vigentes. As donzelas seriam fechadas no recolhimento onde seriam educadas e ficavam ao abrigo das tentações do mundo até aparecer um pretendente que, ao casar, as tirassem da instituição enquanto mulheres honradas (NUNES, 2008, p. 131).
RECONSTITUIÇÃO	[Re] Se realiza por razões de apresentação, para apreciar formas inteiras e para dar maior resistência mecânica às peças. O princípio de reversibilidade ou retratabilidade é, também, prioritário. ⁹⁴⁵
RECONSTRUÇÃO VIRTUAL	[Re] Imagem, mais ou menos realista, de um trabalho criado com um programa de desenho ou tratamento de imagens e que é indicado como uma proposta visual baseada nos dados obtidos em um estudo anterior. ⁹⁴⁶
RECORTAR <i>recortar [esp]</i> <i>to notch [ing]</i> <i>tagliare [it]</i> <i>tailler [fr]</i>	[Tc] Escavar a madeira seguindo um contorno determinado (TEIXEIRA, 1995, p. 75).
RECUPERAÇÃO	[Re] (do latim <i>recuperatione</i>), ato ou efeito de recuperar, recobrar algo perdido, adquirir novamente, reabilitar, restaurar (SEBRAE, p. 33).
REFAZIMENTO	[Re] Em casos específicos, quando há uma perda ou uma falta numa obra de arte, pode ser necessário uma adição ou um acréscimo desse elemento faltante, seja parte do suporte ou parte de membros ou o membro integral (no caso de uma escultura). Isso dependerá de cada caso, após adotados e esclarecidos os critérios desta intervenção, se será feito e integrado uma

⁹⁴⁴ Disponível em: <<https://www.meubliz.com/definition/rechampi/>>. Acesso em: 27 set. 2018.

⁹⁴⁵ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

⁹⁴⁶ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/reconstruccion-virtual-0>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

	nova parte ou um novo membro para esta obra. O refazimento é a confecção e a colocação desse elemento faltante na peça.
REFECHAMENTO DE JUNTAS <i>Repointing [ing]</i>	[Re] Resultado da reparação ou do restauro de uma junta deteriorada. Pode ser homogêneo com a junta existente ou feito com um material diferente (CARTA do ICOMOS, 2003, p. 22).
REFENDER <i>labrar en relieve [esp]</i> <i>to split [ing]</i> <i>lavorare in rilievo,</i> <i>rifendere [it]</i> <i>refendre [fr]</i>	[Tc] Lavrar mais a madeira em certos lugares para receberem mais sombra, ficando as outras partes mais reveladas (TEIXEIRA, 1995, p. 75).
REFENDIDO	1. [Es] Lavrado em relevo. 2. [Es] Diz-se de trabalho em que há refendimento, ou seja, escultura em alto relevo (ÁVILA, 1979, p. 81).
REFENDIMENTO <i>herder [esp]</i> <i>to splitting [ing]</i> <i>rifendimento [it]</i>	[Tc] Ação de refender, entalhar, golpear (TEIXEIRA, 1995, p. 75).
REFIXAÇÃO	Ver FIXAÇÃO .
REFLECTOGRAFIA	[Ex] É o nome dado ao método de registro do raio refletido de luz sobre uma superfície. Reflectografia Infravermelho, em especial, tem aplicação na observação de desenhos subjacentes em pinturas (FONSECA, 2014, p. 23). REFLECTOGRAFIA INFRAVERMELHA - Técnica de exame baseada nas propriedades ópticas de materiais expostos à radiação infravermelha que permite estudar as camadas subjacentes das camadas pictóricas. Uma câmera sensível processa a radiação refletida pelo objeto e imagens ou reflectogramas são obtidos. ⁹⁴⁷
REFLEXO METÁLICO	[Ce] Técnica de decoração que confere um brilho metálico à superfície do vidro obtido pela cozedura num forno com atmosfera redutora. ⁹⁴⁸
REFORÇO <i>Strengthening [ing]</i>	[Re] Intervenções destinadas ao aumento da capacidade de carga de uma estrutura (CARTA do ICOMOS, 2003, p. 22).
REGALREZ™ 1094	[Ma] Resina sintética. É uma resina composta por hidrocarbonetos, produzida a partir da polimerização e hidrogenação de monômeros puros dos hidrocarbonetos. É uma resina apolar com grande estabilidade térmica, resistente à radiação U.V. e de baixo peso molecular. Temperatura de transição vítrea: 40 °C. Solúvel em solventes aromáticos e alifáticos e cetonas. Insolúvel em éteres de glicol e álcoois. Utilizada

⁹⁴⁷ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/reflectografia-de-infrarrojo>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

⁹⁴⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	na modificação de plásticos, como adesivo e como material filmogêneo protetor contra degradação ambiental. Usado como verniz em procedimentos de conservação e restauro. Não armazenar perto de fontes de calor. É necessário uma vistoria regular ao local de armazenamento, uma vez que a resina pode alterar-se nos meses de calor (PEIXOTO, 2012, p. 125).
--	--

REGÊNCIA	[Et] Estilo de mobiliário francês do século XVII que antecede o estilo Luís XV (QUEIMADO, 2007, p. 185).
-----------------	--

REGENCY	[Et] Estilo de mobiliário na Inglaterra no século XIX (QUEIMADO, 2007, p. 185).
----------------	---

REGISTO	[Ce] Painel de azulejos decorativos de intenção devocional, colocado nas fachadas de prédios, invocando a proteção da Virgem ou Santos contra cataclismos, cuja aplicação foi largamente difundida ao longo do século XVIII. ⁹⁴⁹
----------------	---

REGISTRO	[Do] Identificação de cada bem cultural adquirido pela instituição, com atribuição de código numérico ou alfanumérico e informações gerais que o caracterizam. O registro é feito com a utilização de fichas, livros ou recursos de informática. ⁹⁵⁰
-----------------	---

REGRAXAR <i>dipingere su doratura o argentatura [it]</i> <i>appliquer la couleur d'une certaine manière [fr]</i>	[Tc] Pintar sobre uma superfície de modo que pela transparência da tinta se possa ver a cor do ouro (TEIXEIRA, 1995, p. 75).
---	--

REGRAXO <i>pittura su oggetto dorato o argentato [it]</i> <i>couche de peinture transparente sur un objet argenté ou doré [fr]</i>	[Tc] Pintura que deixa transparecer a cor do ouro, preparada com óleo graxo e verniz de goma copal (TEIXEIRA, 1995, p. 75). Processo de pintura em que um elemento dourado ou prateado é recoberto de tinta transparente, deixando que se entreveja, por baixo, o ouro ou a prata (ÁVILA, 1979, p. 171).
---	--

RÉGUA DE CARPINTEIRO <i>regla de carpintero [esp]</i> <i>carpenter's ruler [ing]</i> <i>regola, riga [it]</i> <i>limande, regle [fr]</i>	[Eq] Instrumento comprido feito de madeira, metal ou outros para traçar linhas retas (TEIXEIRA, 1995, p. 76).
---	---

⁹⁴⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹⁵⁰ MUSEU de Astronomia, 1995, p. 33.

**REINTEGRAÇÃO
CROMÁTICA**

[Re] O termo *reintegração* introduzida por Cesare Brandi e esclarecido por Philippot diz: é uma intervenção praticada sobre uma obra que apresenta lacunas na camada pictórica. Essas lacunas são consideradas como rupturas da forma e da cor que interferem na leitura e na compreensão da imagem realizada pela matéria. A reintegração pictórica não consiste no preenchimento das lacunas a todo custo, mas em passá-las para segundo plano a fim de ficar com o original remanescente (...).⁹⁵¹ A designação do termo *reintegração cromática* ou *reintegração pictórica*, Bailão (2015, 29) explica que os termos “pictórica” e “cromática”, a opção é feita em função da reconstrução ou não do desenho pictórico. O procedimento trata da operação estética realizada em uma obra para melhorar sua leitura. A reintegração cromática tem como objetivo minorar as evidências da deterioração da obra e restabelecer a interpretação visual das formas e dos conteúdos iconográficos dos objetos artísticos. Este processo pode implicar uma ação nas lacunas pictóricas e nos desgastes da camada cromática.⁹⁵²

**REINTEGRAÇÃO
CROMÁTICA
MIMÉTICA ou
ILUSIONISTA**

[Re] O termo *mimético* refere-se à imitação, visto que se pretende imitar a zona de lacuna, imitando as cores anteriores, e acabando por dar uma leitura pictórica igual à que se encontra em seu redor. O segundo processo visa a diferenciação entre o original e a zona da lacuna, assinalando este local para dar conhecimento de que ali já houve uma lacuna. Neste método podem usar-se diferentes técnicas de reintegração:

- *Trattegio* – onde se utilizam pequenos traços paralelos de cores puras;
- *Pontilhismo* – é semelhante à técnica anterior, mas em vez de traços são utilizados pontos;
- *Mancha de Cor* – é normalmente efetuada em zonas decoradas com motivos, mas na zona da lacuna a reintegração é feita com a cor de fundo e não se imitam os motivos.
- *Tom Diferenciado* – técnica onde são reproduzidos os padrões, mas com tons abaixo ou acima do original.

Em todos estes casos é a leitura ótica que irá misturar as cores e criar a ilusão de que se está perante a cor real. Os materiais utilizados na reintegração devem ser, como em todas as outras intervenções, o mais reversível possível. Para isso, utilizam-se as têmperas sob forma de aguarela, pois são fáceis de remover. Em casos particulares podem usar-se outros tipos de tinta, como as acrílicas ou vinílicas, mas, sobretudo em peças que vão estar sujeitas a condições termo-higrométricas bruscas. No

⁹⁵¹ PHILIPPOT, Paul – L’oeuvre d’art, le temps et la restauration. In Histoire de l’art, De la restauration à l’histoire de l’art, 32 (1995,) p. 8.

⁹⁵² BAILÃO, Ana; HENRIQUES, Frederico; CABRAL, Madalena; GONÇALVES, Alexandre. Primeiros passos de maturidade a caminho da reintegração cromática diferenciada em pintura de cavalete em Portugal. Aproximación de criterios y técnicas de conservación entre Portugal y España, Ge-conservación/conservação nº 1, 2010. Disponível em: <<http://ge-iic.com/revista/numero-2es#descargar>>. Acesso em: 29 jun. 2017, p. 127.

caso das aquarelas, basta passar um *swab* umedecido em água para que estas se dissolvam, nas acrílicas e vinílicas é necessário usar solventes como o etanol ou acetona. No que se refere às reintegrações cromáticas em **superfícies douradas**, a metodologia utilizada é basicamente a mesma. Quando a técnica do original é efetuada em ouro de lei, na reintegração mimética utiliza-se ouro verdadeiro, ou poder-se utilizar, por exemplo, tintas acrílicas com pigmentos não oxidáveis para o preenchimento das lacunas. Quando a reintegração for através do processo de diferenciação, podem ser utilizados pigmentos, como por exemplo, micas em tom diferenciado ou tintas acrílicas. Em todos os casos referidos nunca se pode esquecer que as reintegrações apenas se devem limitar à zona da lacuna, nunca sobrepondo o original pois esta ação será considerada um repinte (FÉLIX, 2013, p. 90-92).

REINTEGRAÇÃO FRAGMENTÁRIA

[Re] São deixadas certas lacunas visíveis enquanto outras, as maiores, são reintegradas. Este método anotado por Emile-Mâle, é conveniente para pinturas muito degradadas ou para certas obras com valor documental, onde a reintegração deve apenas devolver a imagem coerente sem recorrer à recriação.⁹⁵³

REINTEGRAÇÃO MIMÉTICA DIFERENCIADA

[Re] O objetivo desta técnica é apresentar ao observador uma imagem completa “de uma distância de observação normal”, porém, se a reintegração for observada mais de perto, deverá ser claramente reconhecida. Um sistema específico de aplicação da tinta difere do original para que se atinja este objetivo – com uma série de linhas finas, pequenos pontos, etc. Idealmente, esta técnica alcançaria uma harmonização balanceada, combinando as vantagens da reintegração mimética com compensação diferenciada. As técnicas italianas diferenciadas, assim como o *pointillisme* francês, podem ser utilizadas desta maneira. Na prática, uma execução refinada desta abordagem prescinde de muita técnica e tempo. Se não for feita corretamente, poderá a reintegração ser percebida como um óbvio elemento estranho (muito perturbador ao observador). Inicialmente documentada a Roma, nos trabalhos de Carlo Maratti, início de 1700; desenvolvimento consistente aparente a partir do início de 1800, por Palmaroli e outros. Principais modalidades: *Tratteggio*, *Selezione cromatica*, *Cross hatching* (linhas cruzadas), *Pointillisme* (francês).⁹⁵⁴

REINTEGRAÇÃO VISÍVEL OU DIFERENCIADA

[Re] A reintegração diferenciada, além de restabelecer o potencial expressivo da obra, tem como objetivo mostrar com honestidade as deteriorações sofridas ao longo da existência do objeto, tais como as lacunas. Para cumprir esta dupla exigência – estética e histórica – segundo Brandi, a reintegração deve ser facilmente identificável, com respeito pelos elementos originais da obra, tendo em atenção a noção de

⁹⁵³ BAILÃO, 2017, p. 133.

⁹⁵⁴ Disponível em: < <http://www.ateliearterestauracao.com.br/a-conservacao-restauracao-de-pinturas-a-opcao-pela-reintegracao-cromatica-tecnicas-e-evolucao/>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

“figura-fundo” (Brandi, 1961, 149-151), tanto a nível estético como a nível técnico.⁹⁵⁵

RELEIXO

sharp edge [ing]
sponda di riparo [it]
berme [fr]

[Eq] Face cortante dos ferros usados para os trabalhos em madeira ou pedra. É o gume dos instrumentos de cortar (TEIXEIRA, 1995, p. 76).

RELEVADO

[Ce] Técnica de formatação da cerâmica através da marcação de formas em volume, mais ou menos destacado, pela aplicação da pasta em moldes.⁹⁵⁶

RELEVO

relieve [esp]
relief [ing]
rilievo [it]
relief [fr]

1. [Ge] Saliência sobre uma superfície plana. 2. [Po] Os relevos no Brasil são chamados há algumas décadas de *pastilhos* ou *pastiglios*, em italiano, porém essa palavra no masculino não existe nem em português nem em italiano. O termo em italiano é *pastiglia*. O tipo de ornamentação, que foi utilizada quase que exclusivamente em Minas Gerais, prefere-se a denominação *relevos*, que atende ao que sabe-se ter sido usado no Brasil e em países da Europa, embora, em Portugal seja comum o uso dos termos *pastilha* ou *pastilho*. No Brasil os relevos são feitos com a preparação colocada em várias camadas. São aplicados geralmente, em bordas de túnicas e mantos (COELHO; QUITES, 2014, p. 83-84). Relevo ornamental feito com gesso e cola animal, sobre o qual é aplicada uma folha metálica de ouro, prata, estanho ou cobre. Imita bordados ou ourivesaria.⁹⁵⁷ Ver *PASTIGLIO*. 3. [Ou] As seções ou fragmentos de um cristal ao microscópio são caracterizados por superfícies e bordas desiguais, irregulares, ou mesmo porosas. Ao maior ou menor contraste destas feições dá-se o nome de relevo. O relevo depende da diferença entre os índices de refração do cristal e do seu meio envolvente (SERRATE, 2011, p. 37). 4. [Es] Obra de escultura com gradação de planos (TEIXEIRA, 1995, p. 76). Técnica escultórica que consiste em representação tridimensional ou de volume em um suporte bidimensional de uma imagem. Obra esculpida que apresenta elementos em resalto de um fundo. Existem três tipos de denominação: alto, médio ou baixo-relevo, conceitos atribuídos de acordo com a profundidade entre os planos obtidos.⁹⁵⁸ Qualquer trabalho de escultura ou talha mais ou menos saliente ou ressaltado da superfície natural de parede ou pano de retábulo, arco-cruzeiro, etc. (ÁVILA, 1979, p. 171). Ver **BAIXO-RELEVO**, **MÉDIO-RELEVO**, **ALTO-RELEVO** e **ESCULTURA ARQUITETÔNICA**.

⁹⁵⁵ BAILÃO, Ana. As Técnicas de Reintegração Cromática na Pintura: revisão historiográfica. Ge-conservación, nº 2, 2011, p. 49. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4018797.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2017.

⁹⁵⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹⁵⁷ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/embutido>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

⁹⁵⁸ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/relieve-escultorico>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

RELICÁRIO

reliquary [ing]
reliquiario [it]
reliquaire [fr]

[Rg] Termo que deriva da palavra latina *reliquiae*. Receptáculo (urna, caixa, vaso ou cofre) geralmente portátil, que teve a sua gênese no antigo costume de se preservarem os restos mortais dos mártires e dos Santos, como igualmente algumas partes da sua indumentária e objetos de uso (reliquias de contato), remontando este preceito aos princípios do Cristianismo. Tal culto chegou ao ponto de, durante o período medieval, nenhum juramento importante poder fazer-se sem estar na presença de certas relíquias. Em caso de calamidade pública, epidemias ou guerras eminentes, faziam-se procissões nas quais as relíquias de santos patronos ganhavam o espaço central, circulando nas ruas das localidades. À medida que o culto das relíquias se desenvolve, os relicários inicialmente de madeira passam a ser construídos em matérias nobres, cobertos por placas de cobre, com aplicação de pedras preciosas ou enriquecidos com esmaltes e pregaria rica. Surgem assim os relicários braço, relicários-pé, em forma de busto, de cabeça ou de uma mão, entre outros, existindo mesmo relicários de corpo inteiro quando se tratava de esqueletos completos. Cofres e cruzes guardavam algumas das mais preciosas relíquias santificadas. Temos também conjuntos de relíquias, as lipsanotecas, para as quais a ourivesaria concebeu uma série de formas. Existiam também aqueles que se destinavam a encerrar fragmentos da Santa Cruz (Santo Lenho ou Vera Cruz) ou da Coroa de Espinhos (Santo Espinho), os chamados objetos santificados. Por vezes os relicários transformavam-se em peças de uso pessoal ou em joias (IMC, 2011, p. 103). Destinado à guarda e exposição de relíquias. A princípio, conservavam-se as relíquias fechadas. A partir do século XIV, passaram a serem expostas por detrás de um vidro, tomando os relicários diferentes formas (TRINDADE, 1998, p. 393), quase sempre com trabalho artístico. Pode ser de diversos materiais e assumir várias formas, inclusive a de escultura antropomorfa. Tem origem na tradição de se conservarem relíquias de mártires, santos da Virgem Maria ou de Cristo, como ossos, cabelos e peças de vestuário (DAMASCENO, 1987, p. 39). Exemplos: imagem relicário, busto relicário, cabeça relicário, grupo escultórico relicário, retábulo relicário. Incluem-se nesta denominação as tipologias de objetos com representações figurativas humanas, incluindo partes constituintes da morfologia (bustos, cabeças, braços, mãos), conjuntos ou grupos de imagens (grupo escultórico relicário) ou retábulos completos.⁹⁵⁹ **RELICÁRIO ANTROPOMÓRFICO** - Receptáculo que reproduz a forma do corpo que constitui a relíquia (cabeça-relicário, relicário de crânio, braço-relicário, dedo-relicário, perna-relicário, coxa-relicário, joelho-relicário, pé-relicário, costela-relicário, etc.) (THESAURUS, 2004, p. 109).

RELÍQUIA

[Rg] Restos corporais de caráter santo ou algum elemento com o qual ele esteve em contato e que são objetos de veneração.⁹⁶⁰ Corpo ou fragmento

⁹⁵⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹⁶⁰ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/reliquia>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

<p>do corpo de uma personagem santa, em particular de um mártir, objeto(s) utilizado(s) na sua vida ou durante o(s) seu(s) suplício(s) ou tecidos e outros objetos santificado(s) por contato com os seus corpos (do latim <i>brandeum, brandea</i>), cuja veneração é autorizada pelas igrejas Católica e Ortodoxa.⁹⁶¹</p>	
--	--

<p>REMATAR <i>rematar [esp]</i> <i>to finish [ing]</i> <i>finire [it]</i> <i>finir [fr]</i></p>	<p>[Tc] Terminar, acabar, concluir qualquer obra de arte (TEIXEIRA, 1995, p. 76).</p>
--	---

<p>REMATE <i>remate [esp]</i> <i>finish [ing]</i> <i>coronamento [it]</i> <i>fin [fr]</i></p>	<p>[Rb] Objeto que serve para terminar ou concluir uma obra de arte. Pode ser um grupo de estátuas ou ornatos que rematam a parte superior de uma fachada ou retábulo. Acabamento (TEIXEIRA, 1995, p. 76). [Rb] O coroamento do retábulo (ÁVILA, 1979, p. 171).</p>
--	---

<p>REMIR</p>	<p>[Rg] Livrar ônus. IRMÃ REMIDA – [Rg] Provavelmente aquela que estava liberada de efetuar os pagamentos referentes à irmandade.</p>
---------------------	--

<p>REMOÇÃO</p>	<p>[Re] Trata-se da retirada de materiais presentes na obra de arte, os quais não são compatíveis ao material original ou esteticamente, devido às intervenções anteriores, como blocos, partes, materiais, etc. Sendo necessário um estudo aprofundado para a utilização correta e coerente com procedimentos adequados respeitando os critérios de intervenção à essa remoção.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Remoção de cera, manchas e vernizes – Procedimento realizado em restauração para a remoção materiais indevidamente utilizados em obras de arte. Essa remoção pode ser feita quimicamente com utilização de solventes adequados e indicados, ou mecanicamente com o auxílio de espátulas, bisturis, etc. • Remoção de repintura – <i>dégagement (exclusivo para escultura, purification [fr]</i>. Intervenção que consiste em remover repinturas, a seco mecanicamente ou com uso de solventes, de uma obra. Em escultura policromada, a remoção da repintura para deixá-la na policromia original é possível de acordo com o estado de conservação das camadas subjacentes (LANGLE; CURIE, 2009, p. 844), sem danificar o original. • Remoção de vernizes – É uma das mais perigosas atividades da restauração, e só deve ser realizada quando absolutamente necessário. A pintura é uma superfície porosa, facilmente ela absorve o solvente e este constrói ligações químicas com o óleo no interior da tinta. A pintura incha como resultado. E ao secar, ou seja, ao evaporar o solvente carregará diversos componentes voláteis do óleo
-----------------------	--

⁹⁶¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

que são partes integrantes da tinta, responsáveis pela plasticidade da tinta óleo. O resultado disso é uma pintura mais quebradiça. Muitas vezes a aparência da pintura fica modificada, esbranquiçada. Ao procedermos a remoção de vernizes devemos primeiro realizar vários testes de solventes. Estes testes devem se basear na potência do solvente, ou seja, na sua forma de ligação química, na sua polaridade. Um solvente considerado quimicamente polar é mais "forte". Um solvente considerado quimicamente apolar é menos potente. Alguns solventes polares: acetona, álcool etílico, álcool isopropílico. Alguns solventes apolares: aguarrás e xilol. ⁹⁶²	
REMOÇÃO MECÂNICA	[Re] Ato de remover mecanicamente, com utilização de equipamentos dependendo do procedimento e do material a ser removido.
REMODELAR	[Re] Tornar a modelar, refazer com ou sem modificações, manejar (SEBRAE, p. 33)
RENDA	[Or] Qualquer trabalho ou motivo ornamental à imitação de renda (ÁVILA, 1979, p. 171). RENDAS DOURADAS – Foram muito empregadas na escultura policromada devocional em Minas Gerais, segundo análises realizadas no Cecor, eram utilizadas rendas de bilro tradicionais, feitas com fios de linho, douradas e coladas sobre as extremidades das túnicas, véus e mantos. Algumas imagens já perderam a renda, porém é possível identificar os resquícios do tecido aderido à escultura. Existem, também, rendas feitas com fios metálicos (COELHO; QUITES, 2014, p. 93).
RENDILHADO	[Or] Ornamentação com a borda recortada e a superfície preenchida por uma malha perfurada de um lado ao outro (IMC, 2011, p. 125).
REPINTURA <i>overpainting [ing]</i> <i>repeint [fr]</i>	[Dt] Camadas de pintura sobrepostas à original. Material pictórico aplicado sobre a camada pictórica original. Durante uma restauração, as repinturas podem ser preservadas, removidas ou cobertas (LANGLE; CURIE, 2009, p. 828). Podem ocorrer por ações de intervenção posterior na obra derivadas de critérios estéticos, estilísticos ou iconográficos. São sempre posteriores à finalização da obra, distinguindo-se por isso dos arrependimentos e alterações efetuados pelo próprio autor, e também se diferenciam das reintegrações, colocados em regiões de perda de policromia por ações de conservação e restauro. ⁹⁶³
RÉPLICA <i>réplique [fr]</i>	[Ap] Reprodução ou cópia fiel de uma obra de arte feita pelo mesmo autor ou autorizada por ele. Para arte antiga, autógrafos ou réplicas de

⁹⁶² Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

⁹⁶³ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

estúdio são faladas e, para arte contemporânea, réplicas de artistas, réplicas autenticadas, etc. ⁹⁶⁴ A réplica é uma cópia de uma obra original feita no atelier do artista que criou a primeira. Por razões de mercado muitas vezes os artistas tendiam a satisfazer vários encomendadores com a mesma imagem, fosse pela fortuna e agrado que ela obtinha, fosse por outro tipo de necessidades, como acontecia no caso dos retratos, que eram frequentemente replicados para trocas diplomáticas e para estarem presentes em diferentes palácios e serviços públicos. A réplica distingue-se da cópia, que é feita sobre um original, mas por artista distinto, e da versão, em que o artista ensaia para o mesmo tema uma solução com algumas variantes. ⁹⁶⁵	
REPOLICROMIA <i>repolicromia [esp]</i> <i>repolychroming [ing]</i>	[Po] Material pictórico aplicado parcial ou totalmente em policromia existente, muitas vezes deteriorado, para renová-lo e adaptá-lo ao gosto do tempo. ⁹⁶⁶
REPOSITÓRIO	[Mo] Armário embutido em paredes de sacristias de igrejas, podendo apresentar várias divisões internas. Destina-se à guarda de objetos litúrgicos (DAMASCENO, 1987, p. 40).
REPOUSO	[Es] No baixo e meio-relevo, é a distribuição das figuras, de modo que não se confundam umas com outras (CASTRO, 1937, p. 63).
REPRESA	[It] Espécie de cachorro ou consolo, para sustentar arcos, ogivas, cimalkas, ou alguma peça ornamental (ÁVILA, 1979, p. 81).
REPRODUÇÃO	1. [Ap] Peça tirada por molde a partir de um original. Pode apresentar-se em forma de estampa, fotografia, gravura, etc. ⁹⁶⁷ Processo de produção de cópia de um documento no conteúdo e na forma, mas não necessariamente em suas dimensões. ⁹⁶⁸ 2. [Es] Sistema tradicional de copiar uma escultura com a maior fidelidade possível (TEIXIDO I CAMI, 1997).
REPUXO	1. [It] Chafariz construído de modo a que a água se eleve em jato. 2. [Ar] Botaréu ou encosto que sustém um pé de arco (ÁVILA, 1979, p. 81).
RE-RESTAURAÇÃO	[Re] Foi um termo apresentado por Myriam Serck-Dewaide (1995) para identificar processos de intervenção nos quais se realizam a remoção de restaurações anteriores (de-restauração) e posterior restauração.

⁹⁶⁴ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/replica>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

⁹⁶⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹⁶⁶ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/repolicromia>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

⁹⁶⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹⁶⁸ Glossário de Terminologia Arquivística. Disponível em: <<http://www.arquivos.uff.br/index.php/glossario-de-terminologia-arquivistica>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

RESERVA

1. [Ap] Área autônoma delimitada por filete ou moldura e que se destina à inscrição de uma legenda, símbolos ou representações de cenas ou paisagens.⁹⁶⁹ 2. [Ce] Na cerâmica, área deixada em branco para outra decoração, como, por exemplo, um escudo de armas, um timbre, uma cena ou flores.⁹⁷⁰ **RESERVA DE OURO** – Aplicação da folha metálica somente nos locais que ficarão visíveis (FAUSTO, 2010, p. 276).

RESERVA TÉCNICA

[Cv] Nos museus, corresponde à área de segurança, pois abriga todos os objetos de uma coleção museológica que não estão em exposição. Considerando que, atualmente, a maior parte das exposições abriga uma porcentagem muito reduzida de peças nas suas exposições de longa duração, temporárias e itinerantes, a reserva técnica tem papel estratégico na preservação dos acervos museológicos. Por isso, são espaços que recebem atenção especial e, em geral, sua gestão é compartilhada entre as áreas de documentação museológica e de conservação preventiva. As reservas técnicas são locais adaptados para que haja rígido controle climático (temperatura, umidade, umidade relativa, emissão de luz) e de segurança (ACAM PORTINARI, 2010, p. 106).

RESINA

resina [esp]
resin [ing]
resina [it]
résine [fr]

[Ma] Material orgânico natural ou sintético, capaz de ser disperso ou dissolvido em um líquido e formar uma película fina e contínua, após evaporação do solvente e frequentemente reações complexas de polimerização. Também pode ser moldado em placas grossas. A função de uma resina pode ser de um adesivo, um aglutinante ou um verniz, às vezes até um suporte (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1016). Classe de substâncias poliméricas empregadas como principais componentes dos vernizes.⁹⁷¹ As resinas podem ter diferentes classificações.

RESINA ACRÍLICA

resina acrílica [esp]
acrylic resin [ing]
resina acrilica [it]
résine acrylique [fr]

[Ma] Resina sintética feita de polímeros de cadeia ramificada compreendendo ésteres derivados de ácidos acrílico e metacrílico. Sólido incolor, solúvel em muitos solventes, ou pode estar na forma líquida de uma dispersão aquosa (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1029). Polímero acrílico termoplástico. É uma das resinas sintéticas mais utilizadas desde meados do século XX em técnicas artísticas, bem como na restauração de bens culturais, como verniz, aglutinante, fixador e consolidador. São líquidos incolores, transparentes e estáveis, com pouca tendência ao amarelo e excelentes propriedades adesivas. Eles têm uma forte tendência a polimerizar na presença de luz, calor ou catalisadores. São facilmente solúveis em hidrocarbonetos aromáticos, éteres, cetonas e em clorados e nitroderivados. São insolúveis em álcoois e hidrocarbonetos

⁹⁶⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

⁹⁷⁰ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso: em 10 jun. 2017.

⁹⁷¹ GLOSSÁRIO de Restauo (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauo.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

alifáticos e podem formar dispersões aquosas adicionando um surfactante⁹⁷². Resinas acrílicas são as marcas registradas: Paraloid®, Primal®, Xynocril®, com letras e números diferentes de acordo com suas características.⁹⁷³

**RESINA ACRÍLICA
TECHNOVIT 4004®**

[Ma] Resina sintética. Produto à base de metacrilatos, nomeadamente, metil metacrilatos e Ndimetil-p-toluidina. É vendido em pó com um catalizador que ao ser adicionado à resina forma um líquido incolor com um odor característico. Insolúvel e imiscível em água. Resina utilizada na preparação de amostras estratigráficas da policromia, de modo a se conseguir uma melhor manipulação, sendo, também, um meio de conservação das mesmas. Substância altamente inflamável. Pode causar irritação das vias respiratórias e da pele. Deve ser manuseado com luvas. Manter o recipiente hermeticamente fechado, armazenando-o fora do alcance de fontes de calor (PEIXOTO, 2012, p. 126).

RESINA ALQUÍDICA

resina alquídica [esp]
alkyd resin [ing]
resina alchidica [it]
résine alkyde [fr]

[Ma] Resina sintética obtida de poliésteres insaturados. São muito importantes resinas alquídicas modificadas com óleos de secagem e resinas naturais como colofônia, utilizado como revestimentos e como aglutinantes.⁹⁷⁴ As propriedades das resinas alquídicas são modificadas com aditivos: a adição de óleos sintéticos ou naturais aumenta sua flexibilidade. As resinas alquídicas estão no mercado desde a década de 1960 (no setor automotivo, de construção, etc.); por volta de 1970, a firma Winsor & Newton comercializou um aglutinante alquídico (adição de óleo de soja), flexível e não amarelado (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1031).

RESINA AMINA

resina amínica [esp]
résine aminoplaste [fr]

[Ma] Resina sintética termoendurecível obtida por condensação entre amina e formaldeído. Este tipo de resina começou a ser comercializada a partir de 1930 e foram utilizadas como vernizes e aglutinantes de tintas industriais, além de adesivos. São insolúveis em água e em solventes orgânicos e fornecem um filme duro e quebradiço. As resinas aminas mais utilizadas são as da ureia-formol, utilizadas na fabricação de compensados e melamina-formaldeído, que são utilizadas na indústria têxtil e de papel para fabricação de produtos resistentes à água.⁹⁷⁵ As resinas aminoplásticas, transparentes, muito duras, pouco sensíveis a solventes e raios ultravioletas. São usadas em pinturas industriais (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1032).

⁹⁷² SURFACTANTE: diz-se de ou qualquer composto que reduza a tensão superficial de uma solução, como os detergentes e emulsificantes; surfactante. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=surfactante>>. Acesso em: 07 out. 2018.

⁹⁷³ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1008611>>. Acesso em: 07 out. 2018.

⁹⁷⁴ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1171524>>. Acesso em: 07 out. 2018.

⁹⁷⁵ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1171528>>. Acesso em: 07 out. 2018.

**RESINA
ARTIFICIAL***résine artificielle [fr]*

[Ma] Resina obtida por transformação química de materiais naturais. A partir de materiais poliméricos já existentes na natureza, como celulose (nitrato e acetato de celulose, na segunda metade do século XIX), borracha (ebonite, 1850) e caseína (Galalithe, 1889). Muitas vezes erroneamente confundida com resinas sintéticas (resinas obtidas por síntese química). As resinas artificiais estão relacionadas com a invenção da fotografia (colódio) e do cinema (suportes de nitrato e acetatos de celulose), mas também para muitos substitutos do marfim, concha, etc., a partir da segunda metade do século XIX. No campo industrial, graças à sua facilidade de aplicação e à sua robustez, substituíram, por volta de 1920, os vernizes antigos (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1024).

**RESINA
CELULÓSICA***résine cellulosique [fr]*

[Ma] Resina pertencente à família de resinas artificiais, feita a partir de celulose, solúvel em solventes orgânicos, tais como ésteres de celulose (resultado da ação de um ácido em um álcool) – nitrato de celulose e acetato de celulose – esses ésteres de celulose têm sido usados como adesivos e como suportes flexíveis; ou solúvel em água ou em solventes orgânicos, tais como éteres de celulose (resultado da desidratação de dois álcoois) – metilcelulose, carboximetilcelulose e hidroxipropilcelulose – os quais têm sido usados como adesivos, aglutinantes e consolidantes, especialmente em técnicas pictóricas aquosas (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1024).

RESINA CETÔNICA*résine cétonique [fr]*

[Ma] Resina sintética formada pela policondensação de várias moléculas com funções cetônicas. A transparência, a flexibilidade, qualidades das resinas cetônicas, são próximas das resinas naturais - mastique e damar - fizeram com que elas fossem escolhidas como vernizes (preenchem bem os vazios da camada pictórica), mas também desempenham a função adesiva (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1028).

RESINA DE DAMAR

[Ma] Resina feita a partir do damar, termo usado para designar alguns tipos de resinas naturais extraídas de árvores tropicais, de inúmeras variedades de Shorea e Hopea, originárias da Malásia, de Bornéu, de Java e da Sumatra. Terebintina: Solvente utilizado em tintas a óleo e vernizes. É extraída da resina de pinho e constituída basicamente por terpenos, possuindo massa molar aproximada de 136g/mol e ponto de ebulição variando de 150 a 170 °C (SERRATE, 2011, p. 101).

**RESINA DE
POLIÉSTER***resina de poliéster [esp]
polyester resin [ing]
resina di poliesterre [it]
résine de polyester [fr]*

[Ma] Resina sintética obtida de poliésteres saturados ou insaturados. Os poliésteres podem ser termoplásticos (poliésteres saturados lineares) ou termoendurecíveis (poliésteres insaturados de estrutura reticulada). As resinas de poliéster termoplástico são ativadas pelo calor e são utilizadas, sobretudo, como vernizes, sendo incolores, resistentes à luz e com boas propriedades filmogênicas. As resinas de poliéster termoendurecidas estão na forma de dois componentes que requerem a adição de um catalisador. Eles possuem excelentes propriedades mecânicas com alta estabilidade dimensional e são usados como adesivos e na fabricação de

suportes inertes, misturados com cargas, como tecidos de fibra de vidro.⁹⁷⁶ Frequentemente utilizado na fabricação de novos suportes para pinturas murais após a transposição (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1030).

RESINA EPÓXI

resina epoxídica, resina epoxi [esp]
epoxy resin [ing]
resina epossidica [it]
résine époxydique, résine époxy [fr]

[Ma] Resina sintética termoendurecível, resultante da condensação de epícloridrina e bisfenol ou outros compostos com características semelhantes. Com esta reação, polímeros sintéticos contendo grupos epóxi (um átomo de oxigênio em ligação cíclica a dois átomos de carbono) são obtidos em sua estrutura. Foi comercializado a partir dos anos 1940 em dois componentes, um que contém o produto epóxi e outro que contém o catalisador ou endurecedor. Quando as duas substâncias são misturadas, inicia-se a polimerização, que termina com o seu endurecimento, um processo que depende da temperatura de trabalho e do tipo de endurecedor utilizado (alifático ou aromático). Resinas epóxi são de grande importância comercial, porque elas são utilizadas na preparação de vernizes, capacidade industrial e grande para aderir sólido foi amplamente utilizado como adesivo e metais consolidante madeira, vidro e material de pedra. Sua principal desvantagem é sua tendência a amarelar na superfície devido à degradação térmica e fotoquímica.⁹⁷⁷ O primeiro e mais conhecido, sob o nome comercial de Araldite, foi introduzido em 1948 pela CIBA, na Suíça. As propriedades específicas das resinas epóxi (baixa contração, baixa fluência, excelente adesão), incluindo sua transparência, às vezes as utilizaram, apesar de irreversível, na colagem de alguns vidros e cristais, ou como último consolidante quando não há outra solução (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1030).

RESINA FENOL-FORMALDEÍDO

résine phénol-formaldéhyde [fr]

[Ma] Resina formada pela reação de condensação de fenol em formaldeído. É um composto obtido a 140-150°C, cuja cor instável muda de amarelo para marrom. As resinas de fenol-formaldeído podem ser misturadas com óleos, nos quais são solúveis, ou com vernizes com óleo. Foi assim que H. van Meegeren, na década de 1940, pintou pinturas à base de óleo cujo aglutinante secava mais rápido que o óleo sozinho (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1032).

RESINA NATURAL

resina natural [esp]
natural resin [ing]
resina naturale [it]
résine naturelle [fr]

[Ma] Família de resinas vegetais ou animais insolúveis em água, diferentemente das gomas, mas geralmente solúveis em solventes orgânicos. Elas são constituídas de terpenos e formam a base de todos os antigos vernizes. A classificação das resinas naturais é muito difícil; quimicamente é constituída por terpenos carboxílicos naturais (3 isoprenos, 15 átomos de carbono) e contendo a mesma unidade de repetição duas, três ou quatro vezes: resinas sesquiterpênicas (goma-laca); 4 isoprenos, 20 átomos de carbono: resinas diterpênicas (breu,

⁹⁷⁶ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1008605>>. Acesso em: 07 out. 2018.

⁹⁷⁷ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1008604>>. Acesso em: 07 out. 2018.

sandáracas, copal); n-isopreno: resinas de politerpeno (borracha). Muitas vezes é preferível classificar as resinas de acordo com sua dureza, resinas tenras (damar, mastic, elemi, sandáracas, breu, terebentina) e resinas duras (goma-laca, copal e uma resina fóssil, âmbar). De origem natural, as resinas podem ter propriedades diferentes, mesmo que provenham da mesma árvore; sua multiplicidade era antigamente muito grande (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1017). São exudações endurecidas de árvores, e podem ser obtidas de árvores vivas (resinas recentes) ou extraídas da terra ou recuperadas dos leitos dos riachos, resultados da sedimentação de vegetação de tempos remotos (resinas fósseis) (MAYER, 1996, p. 237).

**RESINA
POLIURETANA**

[Ma] Resina obtida por reação de um isocianato ($R-N = C = O$) com um álcool ($R'OH$). Descoberto na Alemanha e na Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, foi comercializado apenas por volta de 1955. As resinas de poliuretano são usadas em tintas e vernizes automotivos. A espuma de poliuretano é usada na restauração de pinturas murais devido à sua capacidade de expandir e complementar a partir de um vazio; nestas condições, protegido da luz e oxigênio do ar, este material é estável (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1032).

RESINA SINTÉTICA

resina sintética [esp]
synthetic resin [ing]
resina sintetica [it]
résine synthétique [fr]

[Ma] Resina de cadeia longa, obtida por síntese de produtos derivados da química do petróleo e do carvão. Resinas sintéticas são polímeros mais ou menos complexos, lineares ou cíclicos, mais ou menos ramificados, e a estrutura da qual pode-se adicionar grupos químicos que modificam suas propriedades. Esta estrutura e seu alto peso molecular são responsáveis pela sua viscosidade. Polímeros são filmes rígidos ou flexíveis (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1027). Substância orgânica amorfa, semissólida ou sólida, produzida pela polimerização ou condensação de um grande número de moléculas de um, dois ou, menos frequentemente, três compostos relativamente simples. Suas propriedades variam amplamente de acordo com seus componentes, as proporções deles e as condições de sua formação. De acordo com seu modo de fabricação, eles são classificados em resinas de adição e resinas de condensação e, de acordo com sua reação ao calor, podem ser resinas termoplásticas ou resinas termofixas. Nas técnicas artísticas foram utilizadas, principalmente, como adesivos, vernizes e aglutinantes.⁹⁷⁸ Exemplos: silicone, resinas termoplásticas (vinílica, acrílica, cetônica), resinas termoendurecíveis (de poliéster, epóxi, alquídica, poliuretano, aminoplásticas, fenol-formaldeído).

**RESINA
TERMOENDURECIDA**

resina
termoendurecible [esp]

[Ma] Resina resultante da reação entre duas composições, muitas vezes quente (daí seu nome), mas também à temperatura ambiente. O fenômeno é irreversível. Este termo vem da tecnologia para a implementação de plásticos; significa substâncias que consistem em

⁹⁷⁸ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1008610>>. Acesso em: 07 out. 2018.

<p><i>thermosetting</i> <i>resin [ing]</i> <i>resina</i> <i>termoindurentte [it]</i> <i>résine</i> <i>thermodurcissable [fr]</i></p>	<p>macromoléculas tridimensionais insolúveis, infusíveis, obtidas pela reação de compostos que permitem sua modelagem ou sua prévia moldagem. Esta categoria inclui particularmente resinas epóxi, poliésteres insaturados, poliuretanos, aminoplastos e alquídicos. Existem resinas termoendurecidas artificiais (ebonite).</p>
<p>RESINA TERMOPLÁSTICA <i>resina</i> <i>termoplástica [esp]</i> <i>thermoplastic</i> <i>resin [ing]</i> <i>resina termoplastica [it]</i> <i>résine</i> <i>thermoplastique [fr]</i></p>	<p>[Ma] Polímero sintético que, alternada e repetidamente, amolece quando exposto ao calor e recupera sua condição original ao resfriar até a temperatura ambiente, sem alterar suas propriedades. Polímeros termoplásticos têm sido usados, geralmente, como adesivos sintéticos.⁹⁷⁹ Resinas termoplásticas incluem, em particular, resinas cetônicas, resinas vinílicas e resinas acrílicas. Além disso, existem resinas artificiais termoplásticas (celulósicas). Tenras, também solúveis em vários tipos de solventes, as termoplásticas têm propriedades semelhantes às das resinas naturais, mas são mais estáveis do que elas (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1028).</p>
	<p>Tipos de resinas termoplásticas:⁹⁸⁰</p> <ul style="list-style-type: none"> • PET - Tereftalato de polietileno • PEAD - Polietileno de alta densidade • PEBD - Polietileno de baixa densidade • PP - Polipropileno • PVC - Cloretos de polivinila • ABS - Acrilonitrila butadieno estireno • PA - Poliamida • PC - Policarbonato • PELBD - Polietileno linear de baixa densidade • EVA - Poliacetato de etileno vinil • PTA - Ácido tereftálico purificado • PS - Poliestireno
<p>RESINA VINÍLICA <i>resina vinílicas [esp]</i> <i>vinyl resin [ing]</i> <i>resina</i> <i>vinilica [it]</i> <i>résine vinylique [fr]</i></p>	<p>[Ma] Resina sintética constituída por polímeros de cadeia não ramificada, com derivados monoméricos $\text{CH}_2 = \text{CH-R}$. Sólido incolor, solúvel em muitos solventes, pode estar também na forma líquida de uma dispersão aquosa. A natureza do grupo R determina o tipo: acetato, álcool, cloreto, acetais. As resinas vinílicas são derivadas do álcool ($\text{CH}_2 = \text{CHOH}$). Solúvel em água e forma filme, são usados como aglutinante, como fibra têxtil, e também como adesivo. Na pintura, álcool polivinílico, cloreto de polivinila e acetato de polivinila, são três resinas, cuja utilização se desenvolve após 1930, são consideradas como aglutinante, adesivo e verniz (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1028).</p>
<p>RESINATO DE</p>	<p>[Ma] Pigmento artificial de verde intenso obtido por maceração de acetato de cobre (ou verdegris) em uma resina. Por ser muito rígido pode</p>

⁹⁷⁹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1188426>>. Acesso em: 07 out. 2018.

⁹⁸⁰ Disponível em: <<http://resinatermoplastica.com.br/>>. Acesso em: 07 out. 2018.

<p>COBRE <i>resinato de cobre [esp]</i> <i>cooper resinate [ing]</i> <i>resinato di rame [it]</i> <i>résinate de couivre [fr]</i></p>	<p>apresentar específicos craquelês de idade (LANGLE; CURIE, 2009, p. 915). Composto diterpênico com sal de cobre usado em veladuras. Ver VERDIGRIS PARA VELADURAS.</p>
<p>RESPALDO</p>	<p>Ver BANQUETA DE ALTAR.</p>
<p>RESPIGA <i>espiga [esp]</i> <i>mortise [ing]</i> <i>spigolatura [it]</i> <i>glanage [fr]</i></p>	<p>1. [Tc] Parte saliente de uma ensambladura. 2. [Eq] Torno de madeira que enfia num furo feito em duas peças, para as ligar (TEIXEIRA, 1995, p. 76).</p>
<p>RESPLENDOR <i>aureola [esp]</i> <i>glory [ing]</i> <i>aureola, raggiera [it]</i> <i>auréole [fr]</i></p>	<p>[In] Quando aparece nos crucifixos, recebe o nome de <i>resplendor de cruz</i> (DAMASCENO, 1987, p. 40). Círculo, semicírculo ou auréola com raios de metal ou madeira, que se põe na cabeça das imagens de santos ou em crucifixos, custódias, etc. (ÁVILA, 1979, p. 171). Derivação da palavra latina <i>resplender</i>. Objeto formado por um crescente lunar com raios retos e/ou ondulantes, geralmente em metal precioso, que era aplicado na cabeça de imagens sagradas, com a finalidade de conferir uma aparência de auréola luminosa que irradia um brilho intenso e de distingui-los das outras representações (IMC, 2011, p. 103). Diadema fulgurante. Ver AURÉOLA.</p>
<p>RESSAÍDOS</p>	<p>[Or] Termo utilizado pelos santeiros baianos, referindo-se aos contornos nos florões dourados com pintura a pincel (FAUSTO, 2010, p. 276). (tradição oral)</p>
<p>RESTAURAÇÃO <i>restauración [esp];</i> <i>restoration [ing]</i> <i>restauro [it]</i> <i>restauration [fr]</i></p>	<p>[Re] É o processo de recomposição do edifício da maneira como historicamente ele se constitui. Existem diversas correntes de restauração, desde a recomposição <i>ipsis litteris</i> à chamada restauração crítico-criativa que permite a inserção de elementos novíssimos no processo, de forma a “datar” a intervenção. A restauração é o campo de mais larga utilização no que tange a intervenções em monumentos ou edifícios excepcionais, mas pressupõe também alguma adaptação para as novas formas de uso, ainda que sua função original prevaleça. A restauração é uma intervenção direta sobre o objeto, visando manter sua integridade material, assegurar a conservação e a proteção de seu valor cultural e sua transmissão ao futuro. A restauração também objetiva manter em funcionamento, facilitar a leitura e transmitir integralmente ao futuro as obras de arte de qualquer época, na acepção mais ampla, que compreende desde os monumentos arquitetônicos até as obras de pintura e escultura. Restauração é o procedimento que busca o restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, sempre que isso seja possível, sem cometer falsificação artística ou histórica e sem apagar qualquer vestígio acontecido na transmissão da obra de arte através do tempo. É o conjunto de técnicas e processos de reparar e reintegrar uma obra buscando sua preservação, valorização e recontextualização e permitindo que seu</p>

potencial simbólico continue participando da dinâmica cultural. A restauração, cujo princípio ético é a retratabilidade, só pode ser efetivada se existirem dados suficientes que testemunhem o estado anterior da substância do bem e se o restabelecimento desse estado conduzir à valorização de sua significação cultural. Nenhum trabalho de restauração deve ser iniciado sem a certeza de existirem recursos suficientes para isso. As contribuições de todas as épocas deverão ser respeitadas. Quando a sustância do bem pertencer a épocas diferentes, o resgate de elementos de determinada época, em detrimento dos de outra, só se justifica se a significação cultural do que é retirado for de pouquíssima importância em relação ao elemento a ser valorizado.⁹⁸¹ A atividade de restauro tem origem entre os meados do século XVIII e os inícios do século XIX. A palavra *restauro* engloba várias práticas e definições, cujo significado foi mutável conforme a época e que hoje possui uma definição precisa na Carta de Cracóvia que afirma “é uma intervenção dirigida sobre um bem patrimonial cujo objetivo é a conservação da sua autenticidade e a sua apropriação pela comunidade.” Por vezes o que parece tão simples não o é, isto porque é necessário ter em conta o problema das questões econômicas, fundamentais para o sucesso das intervenções. São trabalhos que necessitam de operações de elevada complexidade, requerendo técnicos especializados, o que acarreta custos elevados. Além disso são poucas as empresas especializadas no assunto, assegurando desta forma resultados satisfatórios, visto que os trabalhos de diagnóstico, inspeção e análise requerem equipas multidisciplinares. São todas as medidas e ações que de maneira direta interferem num bem cultural e que têm por objetivo facilitar a sua apreciação, compreensão e uso. Contudo, só se praticam tais procedimentos quando o bem em questão perdeu parte do seu significado ou função, quer através de uma alteração, quer de uma deterioração. Deve respeitar-se sempre o material original, sendo que na maioria dos casos o aspeto do bem é alterado. Conjunto de medidas que procuram a estabilização ou a reversão de danos físicos ou químicos adquiridos pela obra ao longo do tempo e do uso, intervindo de forma a não comprometer a sua integridade e o seu carácter histórico.⁹⁸²

RESTAURADOR

 Ver **CONSERVADOR-RESTAURADOR**.

RETÁBULO
retablo entallado [esp]
carved altar [ing]
altare intagliato [it]
retable sculpté [fr]

1. [Rb] Altar entalhado, onde se colocam as imagens dos santos (TEIXEIRA, 1995, p. 76). 2. [It] Estrutura ornamental, em pedra, talha de madeira, ou outro material que se eleva na parte posterior do altar, e que encerra geralmente quadro religioso ou painel, com um ou mais nichos para a colocação de imagens de santos. Pode ser chamado genericamente de *altar* (TRINDADE, 1998, p. 393). Pode ser simples, isto é, sem decoração, ou desenvolvido e completado com obra de talha

⁹⁸¹ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

⁹⁸² Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

ou painéis de pintura (DAMASCENO, 1987, p. 40).

RETÁBULO ESTILO NACIONAL PORTUGUÊS

Nas primeiras igrejas e capelas mineiras, os retábulos obedeceram ao modelo mais tradicional de linhas barrocas, que Robert Smith denomina "estilo nacional português". Esse tipo de retábulo, que apareceu em Portugal, ainda no século XVII, prevaleceu em Minas até cerca de 1720/1730, época em que começou a evolução para um novo gosto ornamental. Suas características principais são:

- colunas torsas ou salomónicas, com sulcos ou espiras preenchidos de ornatos profusos, alternadas com pilastras também profusamente ornadas;
 - coroamento ou remate em arcos ou arquivoltas concêntricas;
 - revestimento inteiramente em talha dourada e com ocorrência de policromia em azul e vermelho;
 - presença predominante de ornatos fitomorfos (cachos de uvas, folhas de parreira, acanto, etc.) e zoomorfos (aves, geralmente fênix ou pelicano);
 - trono geralmente em forma de cântaro;
 - escudos simbólicos ao centro do coroamento ou remate. em exemplares mais evoluídos, surge a presença ainda discreta de anjos, e a adoção no altar-mor, de nichos laterais ao camarim ou tribuna do trono (ÁVILA, 1979, p. 171-173).
-

RETÁBULO ESTILO DOM JOÃO V

Introduzido por volta de 1720/1730, prevalecendo até cerca de 1760. Durante esse período, o retábulo Dom João V experimenta algumas alterações, especialmente depois que Francisco Xavier de Brito realiza o altar-mor da Matriz do Pilar, em Ouro Preto (1746-1751). Daí falar-se num sub-estilo "Brito". As características principais do retábulo da 2.ª fase do barroco em Minas são as seguintes:

- coroamento ou remate em dossel;
 - coluna de terço inferior geralmente em estrias diagonais e fuste ou parte superior torsa;
 - uso de pilastras com quartelões de grande ressaltos;
 - policromia predominantemente em dourado e branco;
 - menor ocorrência de ornatos fitomorfos ou zoomorfos;
 - presença de anjos, especialmente na pilastra e no coroamento ou remate, junto ao dossel;
 - maior tendência, em geral, para o caráter escultórico da ornamentação (ÁVILA, 1979, p. 171-173).
-

RETÁBULO ESTILO ROCOCÓ

Introduzido na Capitania por volta de 1760, é também chamado, para efeitos meramente didáticos. Suas principais características são as seguintes:

- maior dignidade arquitetônica do que escultórica ou simplesmente ornamental;
 - simplificação da estrutura e revalorização, no altar-mor, do arco-pleno do coroamento ou remate, encimado, às vezes, por uma
-

	<p>grande composição escultórica;</p> <ul style="list-style-type: none"> • abandono da coluna torsa, em favor da coluna direita (reta); • em vez do antigo douramento integral, o uso de uma policromia com os ornamentos de ouro em leves cinzeladuras sobre um fundo branco ou azul e vermelho; • abandono praticamente geral de toda a decoração antropomorfa, zoomorfa ou fitomorfa dos retábulos das fases anteriores; • concentração no uso do ornamento rococó, de uma estilização mais abstrata (<i>rocailles</i> ou conchas estilizadas em desenhos esgarçados, laços, flores, folhagens, etc.); • composição assimétrica dos desenhos ornamentais. Os principais representantes da talha de retábulo em estilo rococó são o Aleijadinho e Francisco Vieira Servas (ÁVILA, 1979, p. 171-173).
--	---

RETÁBULO ESTILO NEOCLÁSSICO	Aparece em Minas durante o século XIX. Suas principais características são a absoluta simplificação das linhas de pilastras e colunas e o abandono dos elementos de ornamentação tradicionais na talha mineira do século XVIII (ÁVILA, 1979, p. 171-173).
------------------------------------	---

RETÁBULO-MOR	[Rb] Retábulo principal de uma igreja ou capela, aposto à parede de fundo da capela-mor e destinado às imagens do respectivo orago (DAMASCENO, 1987, p. 40).
---------------------	--

RETICULADO	[Or] Decoração composta essencialmente por linhas cruzadas formando uma rede (IMC, 2011, p. 125).
-------------------	---

RETOCAR	[Re] Reparar, corrigir (TEIXEIRA, 1995, p. 76).
----------------	---

retocar [esp]
to retouch [ing]
ritoccare [it]
retoucher [fr]

RETOQUE	1. [Ge] Ação ou resultado de retocar. 2. [Ap] Ajuste final de uma obra (artística, científica, intelectual), que corresponde ao seu acabamento. 3. [De] Última correção ou modificação de qualquer ação. ⁹⁸³ 4. [Re] Ver REINTEGRAÇÃO CROMÁTICA .
----------------	---

retoque [esp]
retouching, finishing touch [ing]
ritocco [it]
retouche [fr]

RETORCIDO	[Md] Enviesado das fibras e da própria madeira (TEIXIDO I CAMI, 1997).
------------------	--

RETORTA	[Ab] Designa a parte curva do báculo (DAMASCENO, 1987, p. 40).
----------------	--

RETRATABILIDADE	[Re] A consciência dos profissionais de que a reversibilidade é um conceito de limitada aplicação foi fator determinante para a introdução
------------------------	--

⁹⁸³ Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/retoque>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

de conceitos paralelos, como o de *removabilidade* e o de *retratabilidade*. O critério da reversibilidade defendido por Brandi passou a ser renomeado – e reconceituado – sendo o termo mais recorrente adotado pela teoria contemporânea o da *retratabilidade*. Muñoz Viñas (2003, p.111) manifesta que essa renomeação do termo para *retratabilidade* trata-se de uma forma de responder à realidade, de uma adequação a uma necessidade percebida. A expressão *retratabilidade* foi introduzida por Barbara Appelbaum em 1987, e acabou por deflagrar a ampliação do comprometimento do profissional em relação às suas intervenções. Isso porque, na medida em que se reconhece a limitação da reversibilidade, os conservadores-restauradores passam a se responsabilizar ainda mais por suas ações com relação ao futuro dos objetos, dado que toda e qualquer intervenção trará uma consequência concreta para esses bens. Atualmente quando se fala, por exemplo, em consolidação, o critério essencial deixa de ser o da *reversibilidade* e passa a ser o da *retratabilidade*, ou seja, de uma intervenção que crie a possibilidade de voltar a tratar a peça quando o consolidante perder suas características.⁹⁸⁴

REUTILIZAÇÃO

réemploi [fr]

[Pa] Indicada para aqueles bens em processo de degradação e que, por seu significado, justifiquem intervenção que vise sua requalificação e, principalmente, sua preservação. As obras de adaptação para novo uso devem se limitar ao mínimo indispensável à destinação, que deverá ser compatível com o bem. As destinações compatíveis são as que implicam em ausência de qualquer modificação ou, apenas, em modificação reversível em seu conjunto ou, ainda, em modificação cujo impacto sobre as partes da substância que apresentam significação cultural seja a menor possível.⁹⁸⁵ A reutilização subsequente de uma obra como suporte para outro trabalho ou como parte de outra obra (LANGLE; CURIE, 2009, p. 245).

REVERSIBILIDADE

reversibilidad [esp]
reversibility [ing]
reversibilità [it]
réversibilité [fr]

[Re] Característica de um processo no qual em todos os estágios sejam utilizados produtos e materiais que garantam a possibilidade de retorno ao primeiro estado físico da obra, sem a ocorrência de perdas ou danos (SPINELLI JR., 1997, p. 78). Ver **RETRATABILIDADE**.

REVERSO

reverso [esp]
reverse, verso [ing]
verso [it]
revers [fr]

[De] O lado ou superfície de um objecto que corresponde à sua parte de trás. O oposto ao anverso: Anverso = Frente; Reverso = Costas (IMC, 2011, p. 125).

REVESTIMENTO

[Po] Material que cobre a superfície de uma obra. Cobertura

⁹⁸⁴ Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/1846/1688>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

⁹⁸⁵ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

<i>revestimiento,</i> <i>capa [esp]</i> <i>layer, coat [ing]</i> <i>rivestimento, copertura,</i> <i>strato [it]</i> <i>couche, enduit [fr]</i>	(TEIXEIRA, 1995, p. 76). REVESTIMENTO EM DOURAMENTO – [Po] Pode ser completo ou em (de) reserva, que consiste na aplicação bem espaçada entre as folhas metálicas. A aplicação em faixas é rara (COELHO, Beatriz, 2005, p. 239-240).
REVISÃO DE ESTRUTURAS	[Re] O processo de revisão de estruturas é o processo onde o conservador-restaurador vai tratar a estrutura da peça, seja ela construída por um só bloco danificado, ou por várias peças ligadas ou unidas entre si. Esta fase pode, em alguns casos, preceder a consolidação dos elementos lenhosos, dependendo da metodologia de intervenção. Muitas vezes, aparecem peças com uma grande complexidade estrutural, nomeadamente, conjuntos retabulares, onde a presença de um profissional é fundamental para a análise de desmontagem do conjunto. A operação visa restabelecer a coesão e união entre as diversas peças que estejam a sofrer de desgaste, deterioração, empeno, torção, descolagem ou em eminência de se soltarem do conjunto, colocando em risco a estabilidade física da obra (QUEIMADO, 2007, p. 140-141).
RINSAGEM	[Re] Produto utilizado para interromper a ação de um solvente de longa retenção, com compostos pouco ativos.
RIPA <i>ripia [esp]</i> <i>lath [ing]</i> <i>asserella [it]</i> <i>latte [fr]</i>	[Md] Tiras de madeira estreitas e compridas. Fasquia, verga, sarrafo (TEIXEIRA, 1995, p. 76).
RIPRISTINO	[Re] Termo em italiano que significa a substituição integral, com as mesmas técnicas, materiais e estruturas originais consideradas irrecuperáveis, mas reproduzíveis tecnologicamente (SEBRAE, p. 34).
RISCO <i>trazo, dibujo [esp]</i> <i>a trace [ing]</i> <i>disegno [it]</i> <i>ébauche, esquisse,</i> <i>dessin [fr]</i>	1. [Ds] Esboço, desenho, projeto. ⁹⁸⁶ Diz-se feito em rústico a forma tosca do desenho, prospecto ou plano de revestimento de uma superfície, uma construção, um retábulo ou alguma outra obra. Dada à dificuldade do papel de desenho na época, os riscos eram, muitas vezes, delineados nas próprias paredes das obras em construção, a exemplo do plano da fachada da Igreja de São Francisco de Ouro Preto, que ainda se conserva no seu consistório, e do relativo a um dos altares da Igreja do Carmo da mesma cidade, também conservado, em escala natural, igualmente no consistório. Entre os documentos mais preciosos para a história da arte colonial mineira, contam-se, no entanto, alguns riscos em papel que chegaram até nosso tempo, entre os quais, desenhos do Aleijadinho para a Igreja de São Francisco de São João del-Rei (ÁVILA, 1979, p. 82).
RISCO DE	[Dt] Estão presentes no tratamento físico não adequado, pisos

⁹⁸⁶ CONJUNTO... 2007, p. 178.

ACIDENTE	escorregadios e irregulares, materiais ou matérias-primas defeituosas, máquinas e equipamentos sem proteção, ferramentas impróprias, e iluminação insuficiente ou excessiva (QUEIMADO, 2007, p. 17).
RISCOS FÍSICOS	[Dt] São representados por fatores ou agentes existentes no ambiente de trabalho que podem afetar a saúde dos trabalhadores (ruídos, vibrações, radiações) (QUEIMADO, 2007, p. 16).
RISCOS QUÍMICOS	[Dt] São identificados pelo grande número de substâncias que podem contaminar o ambiente de trabalho e provocar danos á integridade física e mental dos trabalhadores (poeiras, fumos, névoa, neblinas, gases, vapores, substâncias compostas ou outros produtos químicos) (QUEIMADO, 2007, p. 16).
RITO	[Rg] Conjunto de cerimônias de uma religião. Culto (NUNES, 2008, p. 132).
ROCA, IMAGEM DE ou SANTO DE <i>imagem de candelero [esp] rock [ing] sasso [it] roc [fr]</i>	[Es] Ver IMAGEM DE ROCA .
ROCAILLE ou ROCALHA <i>rocalla [esp] rocaille [ing] rocaille [it] rocaille [fr]</i>	[Or] Termo francês usado para designar o estilo Luís XV, que se caracteriza pelas curvas caprichosas, folhagens e conchas de contornos barrocos, com elementos de rochas e aspectos da natureza. Normalmente está conjugada a uma tarja assimétrica. ⁹⁸⁷ Elemento ornamental, derivado inicialmente do uso de pedrinhas e conchas na decoração de grutas artificiais, abóbadas, colunas, paredes, etc., que acabou se introduzindo na ornamentação de portadas, arcos-cruzeiros, retábulos, painéis de pintura, molduras, etc., de igrejas. O elemento <i>rocaille</i> mais característico é uma estilização da concha. As <i>rocailles</i> aparecem geralmente em composições assimétricas, dentro do espírito representativo do Estilo Rococó. Costuma-se falar indistintamente em gosto <i>rocaille</i> ou gosto <i>rococó</i> , embora, originariamente, o termo <i>rococó</i> se ligue à arquitetura e ornamentação religiosas e o <i>rocalha</i> à arquitetura civil (ÁVILA, 1979, p. 174).
ROÇO	[Tc] Sulco ou corte aberto na madeira ou outro material (TEIXEIRA, 1995, p. 77).
ROCOÓ <i>Rococó [esp] Rococo [ing] Rococò [it]</i>	[Et] Estilo ornamental surgido na França durante o reinado de Luís XV (1710- 1774) e caracterizado pelo uso de curvas caprichosas e formas assimétricas e pela delicadeza dos elementos decorativos, como conchas estilizadas (<i>rocailles</i>), laços, flores, folhagens, etc., que tendiam a uma

⁹⁸⁷ CONJUNTO... 2007, p. 178.

<i>Rococo [fr]</i>	elegância requintada, predominando inicialmente na decoração de mobiliário e interiores de palácios, passou depois a ser francamente adotado na ornamentação de igrejas (ÁVILA, 1979, p. 174).
ROCOU	Ver URUCU .
ROEDORES	[Dt] A periculosidade dos roedores é bastante significativa. Além da ação sobre o material documental, os roedores podem atacar o revestimento isolante dos condutores elétricos, favorecendo a instalação de sinistros. A admissão de roedores nos acervos se dá devido à presença de resíduos de alimentos, hábito que deve ser desencorajado junto aos funcionários e usuários dos acervos. As alternativas para controle de proliferação de agentes biológicos em acervos documentais serão apresentadas mais adiante (SPINELLI JR., 1997, p. 29).
ROMARIA	[Rg] Peregrinação religiosa, a ermida ou lugar santo. Festa popular em que as pessoas de algum lugar se deslocam até as imediações de uma ermida ou santuário e, além de assistir a algum ato de devoção, se entretêm com comidas, bailes e etc. (NUNES, 2008, p. 132).
ROMEIRA DE IMAGEM <i>statue cape [ing]</i> <i>mantelletta di statua [it]</i> <i>pèlerine de statue [fr]</i>	[In] Capa curta posta sobre os ombros de uma imagem ou de um busto de particular devoção. Faz parte do enxoval de imagem de vestir (THESAURUS, 2004, p. 168).
ROQUETE <i>rochet [ing]</i> <i>rocchetto [it]</i> <i>rochet [fr]</i>	[In] Espécie de sobrepeliz com mangas, de comprimento até os joelhos, decorada com rendas e pregas miúdas. É um sinal de dignidade dos cônegos, sendo seu uso proibido para a administração dos sacramentos. Difere da sobrepeliz nas mangas, que são mais estreitas (DAMASCENO, 1987, p. 40).
ROSA DE OURO <i>golden rose [ing]</i> <i>rosa d'oro [it]</i> <i>rose d'or [fr]</i>	[Rg] Objeto de caráter simbólico e de devoção, oferecido anualmente pelo Papa a personalidades ilustres, santuários ou igrejas como distinção honorífica. É constituído por um ramo de roseira montado num suporte que poderá apresentar diversas formas. A rosa central é provida de um pequeno receptáculo que contém o crisma e o bálsamo perfumado. É habitualmente executado em ouro e prata dourada (IMC, 2011, p. 104).
ROSÁCEA – <i>[esp]; [ing]; [it]; rose [fr]</i> .	[It] Vão circular de iluminação, de grandes dimensões, preenchido por um rendilhado de pedra completado com vitrais. As rosáceas são, geralmente, colocadas na parte superior das fachadas e braços do transepto das igrejas (IMC, 2011, p. 125). Vitral de formato circular subdividido por nervuras ou caixilhos entrelaçados (ÁVILA, 1979, p. 174). ROSÁCEA - <i>rosace [fr]</i> . [Or] Motivo ornamental em pintura ou escultura em forma de rosa.
ROSÁRIO <i>rosary [ing]</i>	1. [Or] Motivo decorativo constituído por pequenas contas, assim denominado pela semelhança com o rosário usado nas orações (IMC,

<i>salterio [it]</i> <i>rosaire [fr]</i>	2011, p. 125). 2. [Rg] Conjunto de contas presas a um fio, as quais se fazem passar entre os dedos, à medida que se recitam Pais-Nossos e Ave-Marias. Compõe-se de cento e cinquenta contas menores, que representam as Ave-Marias, divididas em quinze dezenas precedidas de um Pai-Nosso e a meditação de um Mistério da Vida de Cristo e de Nossa Senhora. 3. [Ab] Constitui-se num dos atributos de Nossa Senhora do Rosário. 4. [Ic] A devoção a Nossa Senhora do Rosário, propagada pelos dominicanos, foi divulgada no Brasil Colônia pelos capuchinhos e teve ampla adoção em Minas Gerais. Orago de inúmeras Confrarias e irmandades de negros, Nossa Senhora do Rosário foi adotada, sob designação similar de Nossa Senhora do Terço, como padroeira de uma Irmandade de brancos, no século XVIII, na atual Ouro Preto (DAMASCENO, 1987, p. 40). Ver TERÇO. O Rosário também é denominado Saltério de Maria. A recitação do Rosário está intimamente ligada à meditação de cada um dos principais Mistérios da Vida, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo e as quinze dezenas que se lhe devotam constituem as rosas que, em coroa, se oferecem, se consagram e se dedicam à gloriosa Rainha. As 150 Ave-Marias correspondem ao número de Salmos de onde decorre o nome Saltério. Quinze dezenas são precedidas de um pai-nosso. A palavra Rosário tem o significado de coroa de rosas da Virgem. A popularização da devoção ocorreu no século XVI pelos dominicanos (NUNES, 2008, p. 132).
ROSAS DE MALABAR	[Or] Denominação típica da pintura na imaginária mineira, constitui de rosas típicas do Rococó com a parte central em colorido mais escuro dando ideia de profundidade (COELHO; QUITES, 2014, p. 88).
ROSETA <i>Roseta [esp]</i> <i>rosette [ing]</i> <i>rosetta [it]</i> <i>rosette [fr]</i>	[Or] Ornamento com a forma de uma rosa estilizada (IMC, 2011, p. 125).
ROSUME	[Dt] Pó composto por fragmentos erodidos e por excrementos dos insetos xilófagos durante a formação dos túneis nas madeiras do suporte. ⁹⁸⁸
RUBIS	Ver OURO-PIGMENTO .
RUPTURA <i>ruptura [esp]</i> <i>crack [ing]</i> <i>rottura [it]</i> <i>rupture [fr]</i>	[Dt] Rompimento das fibras da madeira.
RÚSTICO	[Dt] Diz-se feito em rústico a forma tosca do revestimento de uma superfície (ÁVILA, 1979, p. 82).

⁹⁸⁸ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

**SINGERIE***singerie [fr]*

[Ap] Representação de símios como se fossem humanos, nas suas ocupações e comportamentos, gênero popular nos séculos XVII e XVIII. Embora este tipo de trabalho esteja ligado ao rococó, nos manuscritos medievais já havia pinturas e desenhos que associavam animais a comportamentos humanos.⁹⁸⁹

SACOS DE BATATA

[Es] Diz-se da forma anatômica das costas musculosas na escultura ou na talha de anjos e outras figuras (ÁVILA, 1979, p. 175).

SACRA

[Li] Do latim *sacra*. Objeto litúrgico concebido em diferentes formatos e materiais que era colocado sobre o altar e que continha diversas orações, servindo de auxiliar de memória do oficiante, no momento da missa em que se celebra o mistério da consagração do corpo e sangue de Cristo (IMC, 2011, p. 104). **SACRAS** – [Rg] Pequenos quadros com as palavras do Credo, da Consagração e outras orações colocadas sobre o altar ou encostados à banquetta do retábulo, para auxiliar a memória do celebrante no ofício da missa. Em número de três, costumavam conter as seguintes orações: Bênção da Água e Salmo 25, no quadro da direita; Glória, Credo, Ofertório, Consagração e as três orações da Comunhão, no do meio; e o prólogo do Evangelho de São João, no da esquerda (TRINDADE, 1998, p. 393).

SACRAMENTÁRIO

[Rg] Livro antigo de cerimônias para a administração dos sacramentos (NUNES, 2008, p. 137).

SACRÁRIO*tabernacle [ing]**tabernacolo [it]**tabernacle [fr]*

[Ig] Do latim *sacrarium*. Pequeno armário geralmente fixo sobre o altar-mor ou em outros altares de capelas secundárias, onde são guardadas as hóstias consagradas em alfaias litúrgicas usadas no culto, especialmente cálice e relíquias (IMC, 2011, p. 104). Espécie de pequeno cofre, colocado sobre a mesa do altar ou embutido na banquetta ou retábulo (TRINDADE, 1998, p. 393). Quando a âmbula contiver as partículas consagradas, o sacrário deve ser coberto pelo conopeu (DAMASCENO, 1987, p. 40). O mesmo que *tabernáculo*. Nas igrejas mineiras do século XVIII, os sacrários são geralmente em talha trabalhada, apresentando forma de globos ou outras formas ornamentais (ÁVILA, 1979, p. 175),

⁹⁸⁹ Disponível em: <<http://www.brasilartesciclopedias.com.br/internacional/singerie.html>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

e elementos simbólicos representados nas tampas ou portas.

SACRISTIA	[Ig] Dependência da igreja, geralmente localizada no fundo do edifício, serve para a guarda de objetos litúrgicos e a conservação dos paramentos e alfaias e onde os sacerdotes se preparam para as celebrações litúrgicas (TRINDADE, 1998, p. 394), geralmente situada nas proximidades da capela-mor. Na sacristia se localizam o arcaz e o lavabo. ⁹⁹⁰ Nas primeiras igrejas mineiras, elas se localizavam ao lado da capela-mor. Mais tarde passaram a se localizar atrás desta, e a ela se ligando por corredores laterais. Possuíam sempre, entradas independentes (ÁVILA, 1979, p. 83).
SAHIRÉ (SAIRÉ)	[Ou] Aparelho de cipó, de forma semicircular e encimado por uma cruz que as mulheres cristãs da Índia levam ao som da música, em certas festas religiosas (NUNES, 2008, p. 137).
SAIA-E-CAMISA	[It] Forro composto de tábuas colocadas em ressaltos e rebaixos sendo, as em ressalto, chamadas saias. As tábuas têm largura geralmente uniforme e este tipo de forro é sempre arrematado por aba ou cimalha (ÁVILA, 1979, p. 83).
SAIS SOLÚVEIS	[Qm] Sais que se dissolvem facilmente em água e que são absorvidos pela porosidade do material das alvenarias. A evaporação da água provoca a cristalização do sal na superfície da parede, formando a eflorescência. ⁹⁹¹
SALA CAPITULAR	[Rg] Local onde se reúnem monges, frades, freiras para tratarem de assuntos administrativo ou religioso da ordem (NUNES, 2008, p. 137).
SALA-CAPELA INTERNA	[Ig] Recinto de uma construção civil em que existe um altar ou um oratório, onde são feitas celebrações religiosas (ÁVILA, 1979, p. 83).
SALOMÔNICA	[Rb] Diz-se da coluna torsa ou lavrada em espiral. Foi a forma mais usada de coluna dos retábulos, da primeira fase do Barroco em MG (ÁVILA, 1979, p. 175).
SALTÉRIO	[Rg] Nome que os Setenta (tradutores do Antigo Testamento em grego) deram ao hinário de Israel, isto é, aos 150 hinos ou salmos destinados aos serviços corais do templo ou das sinagogas (NUNES, 2008, p. 138).
SAMARRA	[In] Vestuário rústico, de pele de ovelha, geralmente usado em representações de imagens de São João Batista. designa também uma espécie de túnica ou batina usada pelos eclesiásticos (DAMASCENO, 1987, p. 41).

⁹⁹⁰ CONJUNTO... 2007, p. 179.

⁹⁹¹ CONJUNTO... 2007, p. 179.

SAMBLADOR	Ver ENSAMBLADOR .
SAMBLADURA	Ver ENSAMBLADURA .
SAMBLAGEM	Ver ENSAMBLAGEM .
SAMBLAR	Ver ENSAMBLAR .
SANDÁRACA <i>sandáraca [esp]</i> <i>sandarach [ing]</i> <i>sandracca, sandaraca [it]</i> <i>sandaraque [fr]</i>	[Ma] Substância resinosa (resina macia) produzida por plantas coníferas no norte da África e na Austrália, sob a forma de “lágrimas” amarelo-pálidas, usada na fabricação de vernizes para o douramento (TEIXEIRA, 1995, p. 78).
SANEFA	1. [Rb] Peça saliente de proteção e ornamento, colocada ao alto do retábulo à maneira de sanefa de cortina (ÁVILA, 1979, p. 175). 2. [Ou] Faixa ornamental de madeira ou tecido, que arremata a extremidade superior de uma cortina (DAMASCENO, 1987, p. 41). O mesmo que <i>baldaquim</i> ou <i>guarda-pó</i> . 3. [It] Elemento decorativo, aplicado transversalmente na parte superior dos vãos de portas ou janelas, arrematando e suportando cortinas ou reposteiros. SANEFA DE BICÃO – Ornamento rococó, seriado, em forma de pontas, rodeando toda a moldura do forro e das tribunas. ⁹⁹²
SANGUE DE DRAGÃO <i>sangre de drago [esp]</i> <i>dragon's blood [ing]</i> <i>sangue di drago [it]</i> <i>sang dragon [fr]</i>	[Ma] Resina que se usa na pintura para composição do verniz. É tirada do dragoeiro, arbusto da Índia. Resina vegetal transparente de cor vermelha e grande solubilidade (REAL, 1962, p. 189), sendo solúvel no álcool e entra na composição dos vernizes de douramento e dos <i>vermeils</i> (TEIXEIRA, 1995, p. 78). Era usada ocasionalmente na Antiguidade para preparar vernizes coloridos para o ouro e nos manuscritos. Foi pouco utilizado como pigmento (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 83). [Ma]
SANGUE-DE-BOI	1. [Ma] Tinta de cor vermelha, usualmente empregada na pintura dos elementos de madeira das construções (cunhais, portas, janelas, balaustradas, etc.). 2. [Ma] O sangue-de-boi, em seu estado natural, era muitas vezes utilizado como elemento aglutinante em argamassa a base de barro (ÁVILA, 1979, p. 83).
SANGUINA <i>sanguina [esp]</i> <i>bloodstone [ing]</i> <i>sanguigna [it]</i> <i>sanguine [fr]</i>	[Ma] Pedra preciosa transparente, de cor verde azulada, mesclada de vermelho com manchas, usada pelos douradores para polir o ouro. A sanguina sob a forma de pó entra na composição do bolo vermelho ou armênio, no douramento aquoso (TEIXEIRA, 1995, p. 78).
SANGUÍNEA	[Ta] Termo que designa um tipo de crayon cuja tonalidade transita entre

⁹⁹² CONJUNTO... 2007, p. 179.

	marrom e vermelho terracota. O desenho com sanguínea confere peculiar suavidade à superfície do papel. O termo é usado também para designar o trabalho realizado com a técnica. ⁹⁹³
SANGUINHO	[Li] Pano pequeno, com uma pequena cruz bordada no centro. Na liturgia da missa, o sacerdote o usa para enxugar o cálice, os lábios e os dedos, após tomar o vinho consagrado na missa (DAMASCENO, 1987, p. 41).
SANTAS ESCRITURAS	[Rg] Conjunto dos livros canônicos do Antigo e do Novo Testamento; a Bíblia Sagrada (TRINDADE, 1998, p. 394).
SANTEIRO <i>santero [esp]</i> <i>imagier [fr]</i>	[At] Escultor ou entalhador dedicado à confecção de imagens religiosas; imaginário (ÁVILA, 1979, p. 175).
SANTÍSSIMO	[Rg] Sacramento da Eucaristia. Hóstia consagrada (NUNES, 2008, p. 138).
SANTO	[Rg] Aquele que obteve o céu como recompensa de suas virtudes e foi canonizado pela igreja, após rigoroso processo. Na iconografia cristã, o termo é usado com o sentido de imagem (DAMASCENO, 1987, p. 41).
SANTO SUDÁRIO	[Rg] Espécie de lençol, em que se amortalhou Jesus Cristo e onde a imagem de seu corpo ficou impressa. Ainda hoje o sudário é conservado no tesouro da Catedral de Turim, sujeito a estudos científicos (DAMASCENO, 1987, p. 41).
SANTUÁRIO	[Rg] Lugar consagrado pela religião; lugar santo. Templo, igreja, basílica, capela (TRINDADE, 1998, p. 394).
SAPRÓFITA <i>saprofita [it]</i>	[Bi] Organismo heterotrofo que vive de matéria orgânica morta. ⁹⁹⁴
SARCÓFAGO <i>sarcophagus [ing]</i> <i>sarcofago [it]</i> <i>sarcophage [fr]</i>	[Ou] Na origem, o termo identifica a caixa alongada em madeira, pedra, metal ou em terracota, destinada a conservar o corpo dos defuntos (literalmente, <i>sarcófago</i> significa “comer a carne”, em grego). Os sarcófagos podem incluir inscrições, relevos e/ou esculturas e nas suas diferentes faces, assim como na cobertura. ⁹⁹⁵
SARGENTO <i>cárcel [esp]</i>	[Eq] Ferramenta de carpinteiro, usada para prender as peças de madeira

⁹⁹³ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/desenho>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁹⁹⁴ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁹⁹⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>carpenter's clamp,</i> <i>screw clamp [ing]</i> <i>strettoio [it]</i> <i>serre-joint [fr]</i>	ao banco (TEIXEIRA, 1995, p. 79). Ver GASTALHO.
SATURAÇÃO <i>saturación</i> <i>[esp]saturation [ing]</i> <i>saturazione [it]</i> <i>saturation [fr]</i>	[De] Processo pelo qual uma substância atinge o mais alto valor possível para algumas das suas características. SATURAÇÃO DO AR - <i>Saturazione dell'aria [it]</i> . Estado do ar em que este já não pode absorver mais vapor de água. Varia com a temperatura. A saturação (S) de um metro cúbico de ar é a quantidade máxima de vapor de água que aquele pode conter a uma certa temperatura. ⁹⁹⁶ SATURAÇÃO DA COR – Grau de intensidade de uma cor, capaz de determinar sua pureza.
SCIALBATURA <i>jalbegado, blanqueo</i> <i>con cal [esp] lime paint,</i> <i>whitewash [ing]</i> <i>scialbatura [it]</i> <i>badigeonnage à la</i> <i>chaux,</i> <i>badigeonnage [fr]</i>	[Es] Termo em italiano. Proteção que era dada às esculturas, desde finais do século XVIII, por uma aplicação de cal pintada. Mesmo sendo a intenção fazer-se uma limpeza, tratava-se de uma verdadeira e própria caiação. ⁹⁹⁷
SÉ	[Ig] Igreja episcopal, arquiépiscopal e patriarcal. Bispado conjuntamente com sua jurisdição (TRINDADE, 1998, p. 394).
SEBASTO <i>clavi [ing]</i> <i>clavi [it]</i> <i>clavi [fr]</i>	[Ou] Banda de tecido diferente ou bordado e delimitada por galão que se aplica como ornamento de alguns paramentos (capa, casula, dalmática) (THESAURUS, 2004, p. 175).
SECAGEM A VÁCUO E CONGELAMENTO	[Re] Método para o tratamento de materiais hiper-hidratados em que a secagem é acelerada com o uso do vácuo e congelamento. ⁹⁹⁸
SECAGEM A VÁCUO E CALOR	[Re] Método para o tratamento de materiais hiper-hidratados a que a secagem é acelerada com o uso de vácuo e aquecimento. ⁹⁹⁹
SECANTE <i>secante [esp]</i> <i>siccative [ing]</i> <i>seccativo [it]</i> <i>siccatif [fr]</i>	[Ma] Substância misturada às tintas para fazer secar mais facilmente. O secante mais comum é o de fezes de ouro que serve para todas as tintas (TEIXEIRA, 1995, p. 79).

⁹⁹⁶ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁹⁹⁷ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

⁹⁹⁸ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁹⁹⁹ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SECULAR	[Rg] Que não fez votos monásticos: padre secular. Leigo em oposição ao eclesiástico (NUNES, 2008, p. 138).
SEDA FINGIDA	[Or] Ornato em pintura, fingindo a aparência de seda (ÁVILA, 1979, p. 175).
SEDENTÁRIO	Ver CAIXA SEDENTÁRIA .
SEDENTE	[Ap] Qualidade de uma figura representada sentada. ¹⁰⁰⁰
SEGURANÇA	[Cv] sistema preventivo ou não, para combater e evitar danos à instituição. Engloba a salvaguarda e a proteção do acervo, dos funcionários, usuários e do imóvel. ¹⁰⁰¹
SEIXO	[Pe] É uma pedra naturalmente dura, e compacta, de que usam os escultores para amolar a ferramenta de trabalhar em mármore (CASTRO, 1937, p. 63). SEIXO ROLADO – [Pe] Tipo de pavimentação que consiste no assentamento de pedras de rio, redondas, sobre o barro ou argamassa, às vezes aparecendo em desenhos geométricos de duas cores (ÁVILA, 1979, p. 84).
SELEÇÃO CROMÁTICA <i>selección</i> <i>cromática [esp]</i> <i>chromatic selection</i> <i>(retouching) [ing]</i> <i>selezione del colore,</i> <i>selezione cromatica [it]</i> <i>sélection</i> <i>chromatique [fr]</i>	[Re] Processo de preenchimento de lacunas descrito por Baldini e Cazasa, que significa encontrar as características das cores e, portanto, os componentes por meio dos quais se podem recompor no olho o efeito idêntico das cores (NEVES, 2013, p. 97-98). As técnicas de reintegração diferenciada Romana e Florentina, respectivamente do <i>Istituto Centrale per il Restauro</i> (ICR) e do <i>Opificio delle Pietre Dure e Laboratori di Restauro</i> apesar de parecerem similares, são diferentes quando comparadas isoladamente. A teoria de Baldini apareceu como uma oportunidade para a reconsideração de algumas práticas de restauro estabelecidas em Florença. Influenciado por Brandi, Baldini considerava que o restauro era mal executado quando remetia para segundo plano a ação do tempo na obra de arte, pois deste modo falsificava a sua história. Defendia que a reintegração devia conciliar a exigência de uma boa leitura da imagem com o respeito pelo “tempo-vida” da obra. Isto é, o método florentino, mantendo-se fiel ao princípio brandiano, pretendia obter um resultado mais correto do ponto de vista teórico e perceptivo. De acordo com os conservadores-restauradores do <i>Opificio delle Pietre Dure</i> , o <i>tratteggio</i> nunca foi utilizado em Florença. <i>Selezione cromatica</i> é o termo florentino frequentemente confundido com o <i>tratteggio</i> romano. O princípio básico é seguir as formas da composição através da aplicação de traços curtos e pequenos de cores puras (não misturadas na paleta) em camadas sucessivas, justapondo e sobrepondo de tal modo que o efeito da cor reintegrada seja equivalente

¹⁰⁰⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁰⁰¹ MUSEU de Astronomia, 1995, p. 33.

ao original. São usados aquarelas ou pigmentos em pó aglutinados em verniz, e em teoria, apenas as cores primárias e secundárias, ocasionando o fenômeno da mistura aditiva da cor¹⁰⁰². Na prática podem ser utilizadas todas as cores disponíveis, desde que sejam puras, à exceção do branco, por quebrar a transparência dos tons. A primeira camada reduz o branco do nivelamento, que deve estar ao nível da camada original. Mais recentemente, uma base opaca de têmpera, em subtom, tem sido usada, aparentemente, para poupar tempo. Na prática, as regras teóricas têm sido contornadas para que a luminosidade das cores primárias e secundárias possam ser modificadas pela adição de preto e branco permitindo traços mais opacos. Isto é útil em ocasiões em que a mistura óptica da reintegração é potencialmente mais brilhante que a pátina do original. Para obter o efeito vibrante é importante que o pincel contenha tinta suficiente para fazer um traço denso, curto e ligeiramente curvo ao contrário da linha rígida do *tratteggio*. Os traços devem seguir a modelação formal da composição. A seleção cromática só pode ser efetuada quando houver referências da cor e do desenho a dar continuidade. Muitas vezes isto não é possível, utilizando-se nestes casos a *astrazione cromatica*.¹⁰⁰³

SELEÇÃO EFEITO DE OURO

selección oro [esp]
gold selection [ing]
selezione effetto oro,
selezione a oro [it]
sélection or [fr]

[Re] Trata-se de uma variante da *selezione cromatica*¹⁰⁰⁴ desenvolvida para resolver os problemas de reintegração de lacunas em obras de arte douradas com folha metálica, e que permite obter os mesmos efeitos de luz, cor e vibração do ouro. Envolve o uso de três cores:

- amarelo - que reflete o amarelo dourado do douramento;
- vermelho - que tem o efeito do bolo armênio que pode estar visível no original;
- verde - que dá um aspecto metálico; a cor fria observada à transparência.

As massas de preenchimento podem ser de gesso, por exemplo, desde que a textura seja distinta do original. Assim, após o preenchimento e nivelamento das massas, é realizada a impermeabilização da superfície dos preenchimentos com goma laca clara. Esta tem a função de obter uma ligeira transparência de tom, minimizando o branco intenso das massas. Segue-se a aplicação dos pigmentos. Estes são justapostos com traços curtos e finos em apenas três passagens, uma por cada cor. As cores utilizadas são puras. Em primeiro lugar é aplicado o amarelo, que permite reproduzir a cor do ouro. O amarelo selecionado não deverá ser uma terra, mas sim uma laca, como o *indian yellow*, uma cor muito intensa, transparente, translúcida, que suporta bem a mistura com um eventual castanho. Esta primeira camada é executada com pequenos

¹⁰⁰² CASAZZA, 2007, p. 29-63.

¹⁰⁰³ BAILÃO, Ana. As Técnicas de Reintegração Cromática na Pintura: revisão historiográfica. *Ge-conservación*, nº 2, 2011, p. 54-55. Disponível em: <
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4018797.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2017.

¹⁰⁰⁴ CASAZZA, 2007, p. 11-28.

traços, homogêneos e equidistantes, de modo a omitir o branco da massa de nivelamento. Seguem-se os estratos de vermelho e de verde que deverão ser dosados na trama de forma a obter a vibração do ouro original. O vermelho substituirá a cor do bolo de armênio. A camada vermelha que se sobrepõe à amarela não deverá ter poder de cobertura, servindo apenas para modelar e fazer vibrar a primeira camada; o verde permitirá controlar a intensidade de brilho e a temperatura de cor. Para obter o efeito “patinado”, equivalente ao original, é possível adicionar uma quarta cor, um castanho transparente que não deverá ser uma terra de sombra ou qualquer outra terra, por terem um grão grosso e serem pouco luminosas. Recomenda-se castanho *Vandyck*, que é um pigmento fino e translúcido. Mais recentemente, utiliza-se o castanho transparente (Maimerí®). É importante ter em conta o aspecto original do ouro, pois se este for bastante amarelo não se utiliza castanho. Da mesma forma da seleção cromática, a seleção efeito de ouro segue a composição e pode ser vertical, horizontal ou oblíquo. Se a intervenção for numa superfície escultórica será a plasticidade do original a sugerir o modelado. Este sistema também é utilizado para a reprodução do efeito da prata utilizando, em vez do verde, o azul para obter o efeito cinzento. Desde a publicação da Casazza várias tentativas têm sido feitas para melhorar a seleção efeito de ouro. Um melhoramento efetivo está no uso de uma camada lisa, densa, que é aplicada sobre a área preenchida em lugar da camada amarela inicial. Isto é seguido por duas aplicações de pinceladas em vermelho e verde.¹⁰⁰⁵

SELO	[Rg] Sinete, cunho, chancela, para tornar um documento autêntico. Marca estampada com o sinete, impressa no papel que se emprega em escrituras, requerimentos, certidões, etc. para tornar válido um documento. Autenticação (NUNES, 2008, p. 138).
SEMANA SANTA	[Rg] Semana que precede a festa da Ressurreição, na qual se celebram, com solenidade litúrgica, os mistérios santos e é revivida a Paixão de Cristo (TRINDADE, 1998, p. 394).
SEMBLAGEM	Ver ENSAMBLADURA .
SÉPIA <i>sepia [esp]</i> <i>Sepia [ing]</i> <i>seppia [it]</i> <i>sépia [fr]</i>	[Ma] Pigmento marrom extraído da tinta secretada pela siba e outras criaturas marinhas. É usada para desenhos a nanquim e, devido a sua qualidade de semitransparência, em aguadas. ¹⁰⁰⁶ Tinta castanha. Obtinha-se a partir das vesículas de tinta de animais cefalópodes, secas ao sol e misturadas com goma-arábica e açúcar cristalizado, em água

¹⁰⁰⁵ BAILÃO, 2011, p. 56-57.

¹⁰⁰⁶ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/desenho>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

	fervente. Aparece em desenhos do séc. XVII, mas só entra em uso corrente no séc. XIX. ¹⁰⁰⁷
SEQUILLÉ	[Ou] Designação portuguesa para os pendentos de forma triangular, com adornos associados. ¹⁰⁰⁸
SERÁFICO	[Ic] Relativo aos serafins. Figurado: etéreo, digno dos serafins – Amor seráfico. Ordem, instituto, família seráfica. Ordem dos religiosos franciscanos. O doutor seráfico: codinome de São Boaventura. Santo seráfico: provável referência aos santos serafins que tem modos de devotos (NUNES, 2008, p. 139). O cristo seráfico tem 3 pares de asas.
SERAFIM	[Rg] Figura celestial de um anjo representado com três pares de asas (IMC, 2011, p. 125). Anjo da primeira hierarquia (NUNES, 2008, p. 139).
SERAFINA	1. [Ou] Tecido de lã próprio para forros. Espécie de baeta encorpada, em geral com desenhos ou debuchos. 2. [It] Órgão das igrejas (NUNES, 2008, p. 139).
SÉRIE <i>serie [esp]</i> <i>series [ing]</i> <i>serie [it]</i> <i>série [fr]</i>	[Ap] Conjunto de trabalhos relacionados entre eles, às vezes quase idênticos, o resultado de um trabalho intensivo no mesmo projeto. ¹⁰⁰⁹
SERIGRAFIA <i>serigrafía [esp]</i> <i>serigraphy [ing]</i> <i>serigrafia [it]</i> <i>sérigraphie [fr]</i>	[Ta] Técnica de decoração em que os motivos são aplicados ao vidro com o auxílio de bastidores de tecido que têm aberto o desenho, permitindo a passagem dos pigmentos. ¹⁰¹⁰
SERMÃO	[Rg] Discurso que se pronuncia no púlpito sobre assunto religioso. Prédica (os Sermões do Padre Antônio Vieira). SERMONÁRIO – Coleção de sermões manuscritos ou impressos. Autor de sermões (NUNES, 2008, p. 139).
SERPENTINA	1. [Ap] Representação da figura humana, característica do Maneirismo,

¹⁰⁰⁷ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

¹⁰⁰⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁰⁰⁹ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/series>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

¹⁰¹⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

em que várias partes do corpo se contrabalançam num desenvolvimento ondeante.¹⁰¹¹ 2. [Li] Espécie de candelabro de três braços e três luzes que se costuma acender em certas cerimônias litúrgicas (DAMASCENO, 1987, p. 41). 3. [Pe] Diz-se de certa rocha ou pedra, com veios esverdeados, mineral de silicato de magnésio, usada em construções do período colonial mineiro (ÁVILA, 1979, p. 84).

SERRA <i>sierra [esp]</i> <i>saw [ing]</i> <i>sega [it]</i> <i>scie [fr]</i>	<p>[Eq] Lâmina de aço delgada mais ou menos larga e comprida, dentada ou não dentada, de que se usa para serrar os mármore, as pedras, os metais, as madeiras, o marfim, etc., e que tem diferente armação e nome, segundo o uso a que se aplica. Serra de carpinteiro ou serra comum, que serve de dividir madeiras, pedras e mármore brandos; consta de uma folha de aço estreita e comprida. Serra de mão é a de uma só pessoa. Serra braçal é a de duas pessoas. Usam não só carpinteiros, marceneiros e outros artesãos, mas também escultores de madeira e outros artistas (RODRIGUES, 1875, p. 341-342).</p>
---	---

SERRADURA	<p>[Md] Grãos que se desprendem da madeira ao serrar ou polir (TEIXIDO I CAMI, 1997). O mesmo que serragem.</p>
------------------	---

SERRAFO	<p>[Md] Ripa, fasquia.</p>
----------------	----------------------------

SERRAGEM	<p>[Md] Pó da madeira que se serra. Utilizada na massa de consolidação de obras em madeira. Através de peneiras faz-se a seleção da granulometria da serragem.</p>
-----------------	--

SERRARIA <i>serrería [esp]</i> <i>sawmill [ing]</i> <i>segheria [it]</i> <i>scierie [fr]</i>	<p>[Eq] Armação de madeira onde se seguram as pranchas que vão ser serradas com serra braçal (TEIXEIRA, 1995, p. 79).</p>
---	---

SERRILHA	<p>[Or] Ornato com a forma semelhante aos dentes de uma serra (IMC, 2011, p. 126).</p>
-----------------	--

SETA	<p>Ver FLECHA.</p>
-------------	---------------------------

SETEIRA	<p>[Ar] Pequena abertura estreita e vertical, geralmente dando para compartimentos secundários, principalmente nos cômodos de escadas, torres e porões (ÁVILA, 1979, p. 84).</p>
----------------	--

SETENÁRIO	<p>[Rg] Festa religiosa que dura sete dias. Festa ou devoção religiosa, comemorativa das sete dores de Nossa Senhora (NUNES, 2008, p. 139).</p>
------------------	---

SETENTA	<p>[Rg] Versão dos Setenta, nome dado à tradução grega do Antigo Testamento, feita em Alexandria por setenta e dois judeus do Egito por</p>
----------------	---

¹⁰¹¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	ordem de Ptolomeu Filadelfo. É a mais antiga e mais célebre das traduções (NUNES, 2008, p. 139).
--	--

SHELLSOL®	[Ma] Solvente aromático. Solvente à base de hidrocarbonetos aromáticos. Trata-se de um líquido incolor de odor característico. Utilizado como solvente de vernizes em conservação, em pesticidas, tinta de imprensa, na indústria da borracha e fórmulas de preservação de madeira como desinfestante. É tecnicamente estável durante 12 meses após a abertura do recipiente. Manter longe de fontes de calor (PEIXOTO, 2012, p. 126).
------------------	--

SHELLSOL® D40	[Ma] Solvente alifático. Derivado do <i>White Spirit</i> , tendo sido sujeito a um grande processo de refinação, reagindo com o hidrogênio de modo a converter os compostos aromáticos em cicloparafinas. Com isto, possui uma quantidade mínima de compostos aromáticos, uma quantidade insignificante de impurezas que possam reagir e um ligeiro odor. Consiste, maioritariamente, em parafinas 60% e naftênicos: 40%. Utilizado como solvente de vernizes em conservação, em cosméticos e tinta de imprensa (PEIXOTO, 2012, p. 127).
----------------------	--

SILICONE <i>silicona [esp]</i> <i>silicone rubber [ing]</i> <i>silicone [it] silicone [fr]</i>	[Ma] Polímero termoplástico, semissintético ou termoendurecível ¹⁰¹² , compostos formados por hidrogênio, silício e oxigênio caracterizado pela ligação silício-oxigênio (Si-O) e portadores de grupos orgânicos através da ligação silício-carbono (Si-C). Estes poliorganossiloxanos existem na forma de óleo, resina ou elastômero. São quimicamente inertes, estáveis a altas temperaturas e insolúveis em água (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1027). Os silicones são muito resistentes a agentes atmosféricos e químicos e são hidrofóbicos. Eles foram comercializados a partir dos anos 1940 e têm sido usados como adesivos de materiais inorgânicos (embora seu poder de adesão não seja muito bom), assim como lubrificantes. ¹⁰¹³
--	---

SILHAR	[Or] Larga faixa decorativa. Recobre do rodapé até o meio da parede, e pode ser de pedra, azulejo, escaiole etc. Além da função decorativa, serve para proteger a parede. ¹⁰¹⁴ [Ce] Paineis de azulejos para revestimento parietal, ocupando uma superfície que vai desde o chão até meio da parede. ¹⁰¹⁵
---------------	---

SILHUETAR	[Es] Primeiro passo do processo de talha, pelo qual se elimina, com a serra, grande quantidade de madeira para se aproximar do perfil da
------------------	--

¹⁰¹² TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1029932>>. Acesso em: 07 out. 2018.

¹⁰¹³ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1029932>>. Acesso em: 07 out. 2018.

¹⁰¹⁴ CONJUNTO... 2007, p. 179.

¹⁰¹⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	escultura (TEIXIDO I CAMI, 1997). SILHUETA - Perfil de forma plana em um fundo de cor diferente (LANGLE; CURIE, 2009, p. 52).
SÍLICA-GEL <i>silicagel [esp]</i> <i>silica gel [ing]</i> <i>silicagel [it]</i> <i>gel de silice [fr]</i>	[Ma] Grãos de sílica especialmente preparados para serem utilizados como auxiliares na absorção de umidade de ambientes de pouca dimensão (SPINELLI JR., 1997, p. 78).
SÍMBOLO <i>símbolo [esp]</i> <i>symbol [ing]</i> <i>simbolo [it]</i> <i>symbole [fr]</i>	[Ab] Representação de uma ideia ou ação, natural ou não, através de um sinal, um objeto, um animal, um fato, etc. O mesmo que <i>atributo</i> , <i>emblema</i> , <i>insígnia</i> (LANGLE; CURIE, 2009, p. 95).
SÍMBOLOS CRISTÃOS	[Ic] Dão às coisas ou ações exteriores um significado interior: peixe, âncora, cordeiro, mão, pomba, triângulo, fênix, pelicano, pavão, a e W (alfa e omega), chaves cruzadas, IHS, selo (NUNES, 2008, p. 15).
SÍMBOLOS DA PAIXÃO.	[Ic] Reprodução dos instrumentos usados no martírio de Cristo: a coroa de espinhos, os cravos, o chicote, a lança, a esponja embebida em vinagre e colocada numa vara (IMC, 2011, p. 126).
SÍMPLICES	[Ma] Ingredientes que entram na composição das tintas (ÁVILA, 1979, p. 175).
SIMULACRO <i>simulacro [esp]</i> <i>simulacrum, copy, imitation, image [ing]</i> <i>simulacro [it]</i> <i>simulacre, image, statue [fr]</i>	[Es] Imagem, estátua, ídolo, efígie. Falsificação, imitação. Cópia ou reprodução imperfeita ou grosseira (TEIXEIRA, 1995, p. 80).
SÍNDICO	[Rg] O encarregado. Indivíduo eleito para zelar ou defender os interesses das irmandades e confrarias (NUNES, 2008, p. 140).
SINEIRA	[Ig] Abertura na parte superior da torre onde se alojam os sinos. Geralmente se assemelha a uma janela em cujas laterais é afixado o eixo sobre o qual se volve o sino (DAMASCENO, 1987, p. 41).
SINÉRESE	[Qm] Em química, trata-se da divisão dos níveis que compõem uma suspensão ou mistura. Mais precisamente é a expulsão ou extração de um líquido de um gel, gradualmente.
SINETE	[Ou] Do francês <i>signet</i> . Instrumento portador de um monograma, representação heráldica ou qualquer um outro motivo gravado em entalhe e utilizado para imprimir em relevo esse mesmo motivo sobre o lacre ou a obreia com os quais se selam as cartas. É constituído por um cabo e pela matriz, fixa ou basculante, podendo neste último caso ser

	formada por três faces (IMC, 2011, p. 108). Utilizado para imprimir em lacre, papel ou cera. Por extensão, a própria marca que se acha gravada (DAMASCENO, 1987, p. 41). Carimbo. Chancela. O sinete é diferente do selo porque este pertence, geralmente, ao soberano ou às autoridades públicas e aquele pertence a particulares (NUNES, 2008, p. 140).
--	---

SINO	[It] Instrumento geralmente de bronze, oco e obcônico, que produz sons diversos quando percutido por uma peça interior chamada badalo ou por marieletes que desferem golpes na superfície externa (DAMASCENO, 1987, p. 42).
-------------	---

SINODAIS	[Rg] Relativo aos sínodos, assembleias religiosas de curas e de outros eclesiásticos de uma diocese, convocada pelo bispo ou de outra autoridade eclesiástica superior (TRINDADE, 1998, p. 394).
-----------------	--

SÍNODO	[Rg] Reunião decenal convocada pelo bispo, em que tomam parte o vigário geral, cabido diocesano, vigários superiores religiosos e outros sacerdotes e outros sacerdotes convidados, para com voto consultativo, estudarem reformas necessárias à boa administração espiritual e temporal da diocese e das paróquias. Assembleia de párocos e de outros padres, convocada por ordem de seu prelado ou de outro superior. Termo designativo de alguns concílios. Também adotado por outras religiões como sinônimo de assembleia (NUNES, 2008, p. 140).
---------------	---

SINTOMATOLOGIA	[Cv] Na área da conservação trata-se do processo de identificação dos efeitos produzidos pelos agentes patogênicos. A sintomatologia está intimamente ligada à etiologia correspondendo ao estudo da causa de cada doença. Em princípio, a etiologia está relacionada com a patogênese, mas não deve ser confundida com esta. Isto porque, hermeneuticamente, a patogênese centra-se na identificação da natureza e origem pelos quais as doenças surgem e se desenvolvem, enquanto que a etiologia centra-se apenas nos agentes causais de doença. ¹⁰¹⁶
-----------------------	---

SINZEL	Ver CINZEL .
---------------	---------------------

SISTEMA DE AÇÕES MUSEOLÓGICAS	[Mu] A museologia é área técnico-científica na qual uma série de linhas teóricas deve refletir um sistema composto por ações pragmáticas em várias áreas aplicadas. São elas: a documentação museológica, a conservação preventiva e curativa, a ação educativa e a expografia. Além disso, há uma série de outras especialidades que, com a prática do museólogo, compõe o universo de ações museológicas – ou no museu – tais como a restauração, a curadoria de exposições, a avaliação e pesquisa de público, as publicações feitas pela instituição, entre outras. O conjunto dessas ações deve ser pensado de maneira a integrar o sistema de ações museológicas, já que implica que todas essas
--------------------------------------	--

¹⁰¹⁶ Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

	atividades estejam em constante comunicação e referenciadas entre si (ACAM PORTINARI, 2010, p. 106).
--	--

SITIAL	1. [Mo] Espécie de banco ou genuflexório geralmente estofado, reservado, nas igrejas, a pessoas de maior distinção. 2. [Ou] Peça de tecido usada como adorno, nas igrejas, e composta, basicamente, de uma sanefa da qual pendem duas cortinas (DAMASCENO, 1987, p. 42).
---------------	--

SÍTULA <i>situla [ing]</i> <i>situla [it]</i> <i>situle [fr]</i>	[Ut] Palavra latina que significa “balde” e que alude a um vaso realizado em metal ou barro, decorado com elementos geométricos ou figurativos. Durante a Idade Média também é designado, com o mesmo nome, o recipiente com água benta destinado ao uso litúrgico (IMC, 2011, p. 108).
--	---

SOALHO	Ver ASSOALHO .
---------------	-----------------------

SOBRECÉU ou SOBACÉU	[Mo] Cobertura de leitos ou camas antigos, de maior luxo, à maneira de cortinado (ÁVILA, 1979, p. 175). O mesmo que <i>dossel</i> . SOBRACÉU PORTÁTIL – [Rg] Sustentado por varas que se leva nos cortejos de procissões para cobrir a pessoa que se festeja ou o sacerdote que leva o Santo Sacramento (NUNES, 2008, p. 140).
----------------------------	---

SOBREDOURAR <i>sobredorar [esp]</i> <i>to double-gild [ing]</i> <i>sopraindorare [it]</i> <i>vermeillonner [fr]</i>	[Tc] Passar com um pincel muito fino uma camada de verniz especial que dá aos objetos reflexo e cor semelhante a do ouro (TEIXEIRA, 1995, p. 80).
--	---

SOBREPELIZ <i>surplice [ing]</i> <i>cotta [it]</i> <i>surplis [fr]</i>	[In] Veste litúrgica de linho branco ampla, que se estende até o joelho, com mangas largas, usada sobre a batina ou hábito religioso em algumas cerimônias litúrgicas. Sua origem data do século XI, sendo usada pelos coristas no inverno, sobre um manto de pele, o que deu origem a designação do paramento. A princípio era longa, descendo até o chão. No século XIV, deixou de ser veste de coro, encurtando-se até a altura dos joelhos (TRINDADE, 1998, p. 394). Para cantores, sacristãos ou coroinhas, pode ser de algodão. Forma de alva com manga larga que ultrapassava os joelhos e era usada sobre casacos forrados de pelo, sobretudo no inverno. A partir do século XVIII a sobrepeliz havia se reduzido a um pequeno traje justo que mal atingia os quadris (NUNES, 2008, p. 140).
--	--

SOBREPORTA	[It] Área acima da porta. Verga ¹⁰¹⁷ , geralmente ornamentada (ÁVILA, 1979, p. 85).
-------------------	--

SOBREPOSIÇÃO	[Ap] Situação em que uma pintura ou gravura encontra-se sobre outra,
---------------------	--

¹⁰¹⁷ CONJUNTO... 2007, p. 179.

	de maneira total ou parcial. ¹⁰¹⁸
--	--

SOBREVERGA	[Or] Trabalho ornamental que, sobre as mesmas, acompanha as vergas ou padieiras de portas, janelas, etc. (ÁVILA, 1979, p. 85).
-------------------	--

SOCO <i>zócalo [esp]</i> <i>socle [ing]</i> <i>zoccolo [it]</i> <i>socle [fr]</i>	[Rb] Peanha, plinto. Base quadrangular de um pedestal, coluna ou de algum outro elemento arquitetônico (ÁVILA, 1979, p. 85). Ver BASE.
--	--

SOLDA	[Me] Liga utilizada no processo de soldadura que permite unir superfícies metálicas com um ponto de fusão mais baixo do que o dos metais que agrega (IMC, 2011, p. 157).
--------------	--

SOLIDÉU <i>skull-cap [ing]</i> <i>zucchetto [it]</i> <i>calotte [fr]</i>	[In] Pequeno barrete em forma de casquete semiesférico, que cobre a parte superior do crânio. Usam-no o papa, os cardeais, bispos e monsenhores. Faz parte do hábito de algumas Ordens Religiosas (DAMASCENO, 1987, p. 42).
--	---

SÓLIDO <i>sólido [esp]</i> <i>solid [ing]</i> <i>solido [it]</i> <i>solide [fr]</i>	[De] O estado sólido é um estado da matéria, cujas características são ter volume e forma definidos (a matéria resiste à deformação). Dentro de um sólido, os átomos ou as moléculas estão relativamente próximos, ou "rígidos". Mas isto não evita que o sólido se deforme ou comprima. Na fase sólida da matéria, os átomos têm uma ordenação espacial fixa, mas uma vez que toda a matéria tem alguma energia cinética, até os átomos do sólido mais rígido movem-se ligeiramente, num movimento "invisível". Dentro do estado sólido existem seis tipos de sólido: ¹⁰¹⁹ <ul style="list-style-type: none"> • Fragilidade - O sólido frágil rompe-se com facilidade sem antes deformar-se. Exemplo: A grafite é um material frágil. • Dureza - O sólido duro apresenta resistência a ter sua superfície riscada. Exemplo: As pedras preciosas são materiais de grande dureza. • Resistência - O sólido resistente é capaz de suportar a ação de forças intensas sem romper-se. Exemplo: O ferro e outros metais são materiais resistentes a esforços externos. • Elasticidade: O sólido elástico deforma-se e recupera a forma original quando a força que produziu a deformação é retirada. Exemplo: A borracha é um material elástico. • Flexibilidade - O sólido flexível dobra-se sem romper-se. Exemplo: Algodão, lã, náilon e outras fibras têxteis são materiais flexíveis. • Ductilidade - O sólido dúctil estende-se com facilidade, formando fios. Exemplo: O ouro é bastante dúctil. Com 1
--	---

¹⁰¹⁸ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

¹⁰¹⁹ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

grama desse material é possível fazer um fio de 2Km.

SOLINHADEIRA <i>dolobre [esp]</i> <i>martellina [it]</i>	[Eq] Instrumento com forma de martelo aguçado em ambas as partes, usado para lavar madeira ou pedra (TEIXEIRA, 1995, p. 80).
SOLINHAR <i>labrar, desbastar [esp]</i> <i>to hew (wood, etc.) [ing]</i> <i>tagliare, lavorare [it]</i> <i>doler [fr]</i>	[Tc] Lavar ou cortar a madeira ou pedra, seguindo as marcações traçadas (TEIXEIRA, 1995, p. 80).
SÓLIO	[Mo] Trono, assento. SÓLIO PONTIFÍCIO – A cadeira de São Pedro (figurado). O poder do Papa. SÓLIO ARQUIEPISCOPAL – Trono do arcebispo. Cadeira pontifícia (NUNES, 2008, p. 141).
SOLUÇÃO <i>solución [esp]</i> <i>soluyion [ing]</i> <i>soluzione [it]</i> <i>solution [fr]</i>	[Qm] Sistema físico-químico com características de homogeneidade (ou seja, com composição química constante em todos os seus pontos) constituído por uma mistura sólido – líquido de dois ou mais componentes, dispersos a nível molecular. O componente líquido chama-se de solvente; o componente sólido está dissolvido nesse soluto. ¹⁰²⁰ Mistura homogênea de duas ou mais substâncias separadas na molécula (0,001µ de diâmetro) (LANGLE; CURIE, 2009, p. 980).
SOLVENTE <i>solvente [esp]</i> <i>solvent [ing]</i> <i>solvente [it]</i> <i>solvant [fr]</i>	[Ma] Substância capaz de dissolver ou diluir outras substâncias. Utilizado para dissolver tintas e vernizes (TEIXEIRA, 1995, p. 80). Fluido volátil que, sem reação química, pode transformar um sólido (soluto) em um líquido homogêneo, em uma única fase chamada solução. O solvente é suscetível, em contato com qualquer substância, por separar as várias moléculas solventes orgânicos. Um solvente é caracterizado pela sua função(s) química(s), volatilidade, grau de retenção, poder solvente, inflamabilidade e toxicidade (LANGLE; CURIE, 2009, p. 982).
SOLVENTE ÁLCOOIS	Solvente de cadeia de hidrocarbonos caracterizado pela função hidroxilo OH ⁻ ligado a um átomo de carbono, sejam moléculas alifáticas ou aromáticas. <ul style="list-style-type: none"> • álcool-éter – apresentando tanto uma função alcoólica quanto uma função éter, resultante da desidratação entre dois agentes alcoólicos.
SOLVENTE CARBOXÍLICO	Solvente com função carboxilato – <ul style="list-style-type: none"> • éster – solvente de cadeia hidrocarbonada, simples ou halogenado, caracterizado pela função carboxilato. • cetona – solvente de cadeia de hidrocarbonetos, simples ou halogenado, caracterizado pela função carboxilo associado aos grupos R₁ e R₂.

¹⁰²⁰ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<ul style="list-style-type: none"> • aldeído – solvente de cadeia de hidrocarboneto, caracterizado pela função carboxilo, associado a um átomo de hidrogênio e um grupo R. 	
--	--

<p>SOLVENTE HYDROCARBONETO</p>	<p>Hidrocarbonetos são corpos compostos de moléculas contendo exclusivamente carbono e hidrogênio. Entre os hidrocarbonetos há, de acordo com o tamanho das moléculas em ordem decrescente de viscosidade, cera mineral, óleo mineral e essência mineral.</p> <ul style="list-style-type: none"> • alifático – cuja molécula é dita - linear -, mais ou menos ramificada, ou cadeia de carbono. • aromático – cuja molécula compreende um anel de benzeno. Tóxico. • alicíclicos – cuja molécula compreende compostos cíclicos, por exemplo os terpenos. • halogenados – cuja molécula compreende átomos de halogéneo.
---	--

<p>SOLVENTE HYDROCARBONETO DE NITROGÊNIO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Amina - hidrocarboneto de nitrogênio derivado de amônia, onde R, é um radical de hidrocarboneto, R2 e R3 são átomos de hidrogênio ou radicais de carbono. • Amida - hidrocarboneto de nitrogênio, em que um dos grupos de substituição é do tipo carbonila. (LANGLE; CURIE, 2009, p. 982-987).
---	---

<p>SOPRADOR TÉRMICO</p>	<p>[Eq] Usado em limpeza de policromia com presença de cera. Utilizado na construção civil para moldagem de tubos em PVC, é empregado, em conservação para a fusão de duas partes iguais de Ethafoam®, evitando-se assim o uso de adesivos (ACAM PORTINARI, 2010, p. 97).</p>
------------------------------------	---

<p>SOTAINA</p> <p><i>cassock [ing]</i> <i>veste talare [it]</i> <i>soutane [fr]</i></p>	<p>[In] Batina; garnacha; roupeta. Veste talar usada por todos os clérigos, meninos de coro e, eventualmente, por cantores laicos e mestres de cerimônias, sob os outros paramentos litúrgicos, nas diversas funções dentro da igreja e, apenas pelos clérigos, como veste comum fora da igreja. É abotoada à frente, de alto a baixo, e ajusta-se ao corpo por uma faixa ou cordão (faixa de sotaina). O tecido e a cor correspondem à dignidade de quem a usa vermelho ou branco, para o Papa; vermelha, para um cardeal; roxa, para um bispo; preta, para um clérigo de nível inferior (THESAURUS, 2004, p. 179).</p>
--	--

<p>SOVINA</p> <p><i>sobina, clavo de madera [esp]</i> <i>peg, a wooden pin, a pointed instrument [ing]</i> <i>tornio, strumento perforan</i> <i>a forma de lima [it]</i> <i>cheville de bois [fr]</i></p>	<p>[Eq] Instrumento perfurante em forma de lima (TEIXEIRA, 1995, p. 80).</p>
--	--

SPHAN	[Og] Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Foi a primeira denominação do órgão federal de proteção ao patrimônio cultural brasileiro, hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (de 1937 até 1969). ¹⁰²¹
SPOLVERO	É um termo em italiano que significa "empoeirado". O desenho é passado para a parede com pulverização de carvão em cartão perfurado através de um chumaço de pano (boneca). Essa técnica é utilizada desde antes do renascimento.
STRAPPO <i>strappo [esp]</i> <i>strappo [ing]</i> <i>strappo [it]</i> <i>strappo,</i> <i>transposition [fr]</i>	[Ta] Termo italiano que descreve a técnica aplicada à pintura mural que consiste em separar a superfície cromática da parede. ¹⁰²²
STRASS	[Ma] Termo criado em homenagem ao joalheiro francês Georges-Frédéric Strass (1701-73) que promoveu a criação deste tipo de vidro com alto teor de chumbo (com alguma alumina e arsênio), muito brilhante, com dispersão elevada e baixa dureza. Estes vidros foram amplamente utilizados em bijuteria europeia (IMC, 2011, p. 157).
SUBTOM	[Re] Método de reintegração cromática que pode ser usado na restauração de craquelês de secagem.
SUDÁRIO	[Rg] Pano com o qual, segundo a tradição, Verônica enxugou o rosto de Cristo e onde ficou estampada a face do Salvador. O Sudário de Verônica não é mencionado na Bíblia. Retângulo de tecido com a imagem do corpo de Cristo pintada ou impressa (DAMASCENO, 1987, p. 42). Ver VERÔNICA.
SUJIDADE	[Dt] Sujidades aderidas são materiais particulados que ficaram aderidos às superfícies da peça devido à ação combinada com a umidade, gordura ou graxas. Sujidades depositadas é o depósito (ou deposição) de um ou mais elementos particulados sobre a superfície de uma obra/objeto. Esses elementos podem ser compostos de poeira, excrementos de insetos, etc.
SUPEDÂNEO <i>footpace [ing]</i> <i>pedana d'altare [it]</i> <i>plate-forme d'autel [fr]</i>	[Rb] Base, pedestal, peanha (TEIXEIRA, 1995, p. 80). Estrado colocado próximo à base do altar. É onde o celebrante pisa e faz genuflexões durante os ofícios litúrgicos. Tem o comprimento do altar e é, geralmente, bastante largo, para que haja espaço suficiente para as genuflexões. Tipo de banco próprio para descanso dos pés. Suporte de formato triangular que, em alguns crucifixos, aparece sob os pés do

¹⁰²¹ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

¹⁰²² Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/strappo>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

Crucificado (DAMASCENO, 1987, p. 42).

SUPORTE

apoyo [esp]
stay [ing]
appoggio [it]
support [fr]

1. [Es] Matéria de que é feita a escultura. 2. [Pi] Preparado aplicado sobre uma superfície na qual se executa uma pintura 3. [Rb] Base que sustenta uma escultura (TEIXEIRA, 1995, p. 80).

SUPRA-HUMERAL

superhumeral [ing]
sopraomerale [it]
surhuméral [fr]

[In] Espécie de romeira muito curta, reduzida a um largo colar em tecido branco ou com trama dourada, coberto de pedras preciosas e vidros, frequente na Idade Média (THESAURUS, 2004, p. 176).

SUTA

especie de escuadra [esp]
a bevel square [ing]
squadro [it]
sauterelle ou récipiangle,
fausse équerre mobile,
servan tracer toutes
sortes d'angles
rectilignes [fr]

[Eq] Instrumento formado por réguas, articulado por um parafuso num dos extremos, utilizado para medir ou traçar ângulos em marcenaria, etc. Espécie de esquadro de peças móveis (TEIXEIRA, 1995, p. 80). Instrumento com que se demarcam ângulos no terreno. Espécie de esquadro de peças móveis (ÁVILA, 1979, p. 85).



TABATINGA	[Ma] Argila ou terra argilosa, de cores variadas, usada às vezes em processo de pintura rudimentar. Trata-se de um tipo de ocre, mais geralmente amarelo e branco (ÁVILA, 1979, p. 177).
TABELA	[Mo] Em mobiliário, designa a travessa de madeira larga e com recortes, que garante, em sentido vertical, o centro do espaldar de certas cadeiras (DAMASCENO, 1987, p. 42). Travessa vertical e central das costas de um móvel, geralmente mais decorada e que pode ser cheia ou vazada (QUEIMADO, 2007, p. 185).
TABELA DE CRUZ	[Es] Placa colocada geralmente no topo da haste da cruz com as iniciais JHS – <i>Jesus Hominium Salvator</i> (Jesus Salvador do Mundo) – ou INRI – <i>Jesus Nazareus Rex Judaeorum</i> (Jesus Nazareno Rei dos Judeus) (IMC, 2011, p. 108).
TABERNÁCULO	[Ig] Esta designação era usada quando era obrigatório cobrir o sacrário com um véu. O sacrário coberto com o véu relaciona-se com a forma da tenda portátil que servia de templo aos Hebreus (IMC, 2011, p. 108). O mesmo que <i>sacrário</i> .
TABUADO CORRIDO	[It] Piso de tábuas geralmente largas e contínuas (ÁVILA, 1979, p. 87).
TABUADO LISO	[It] Tipo de forro, composto de tábuas colocadas no mesmo plano topo a topo (ÁVILA, 1979, p. 87).
TABUÃO	[Md] Cada uma das tábuas em que se fragmenta um tronco para comercializar (TEIXIDO I CAMI, 1997).
TABULETA DE CRUZ	[Ic] Representação plástica da tábua com a inscrição latina INRI, colocada na cruz, acima da cabeça do Cristo Crucificado (DAMASCENO, 1987, p. 43).
TABURNO <i>funeral predella [ing]</i> <i>predella funebre [it]</i> <i>panneau de</i> <i>sépulture [fr]</i>	[Ou] Tampa de sepultura em madeira integrada no solo da igreja (THESAURUS, 2004, p. 42).
TACA	[It] A bacia de um chafariz, lavabo, etc. (ÁVILA, 1979, p. 87).

TACELO	[Es] Em escultura, cada uma das peças de que se compõe a forma de uma estátua, modelo, etc., normalmente de gesso. ¹⁰²³ Também com a grafia <i>tasselos</i> , refere-se ao desdobramento de peças dentro de uma forma com a finalidade de se facilitar o perfeito desmolde da fundição. É usado em peças onde as concavidades das formas do objeto da fundição travam, como garras, o desmolde. ¹⁰²⁴ Ver ALICER.
TACHA <i>clavo [esp]</i> <i>tack [ing]</i> <i>semenze bulleta [it]</i> <i>broquette [fr]</i>	[Ma] Pequeno prego de cabeça chata, redonda e larga (TEIXEIRA, 1995, p. 81) de 10 mm ou de 14 mm. ¹⁰²⁵
TALÃO	[It] Moldura de superfície, parte côncava, parte convexa (ÁVILA, 1979, p. 87).
TALHA <i>entalladura,</i> <i>talla [esp]</i> <i>carving [ing]</i> <i>taglio, intaglio [it]</i> <i>taille [fr]</i>	1. [Es] Escultura de madeira em qualquer das modalidades de relevo. 2. [Tc] Corte ou incisão na madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 81). Madeira trabalhada, podendo ser pintada e dourada. ¹⁰²⁶ Escultura ou ornato arquitetônico, em alto ou baixo-relevo, executada, geralmente em madeira, por desbastamento ou entalhe. 3. [Es] Por extensão, conjunto de obras de talha de um período, um autor, ou uma região. 4. [Ce] Vaso de barro com bojo volumoso e boca estreita, próprio para conter líquidos (DAMASCENO, 1987, p. 43).
TALHADEIRA ou TALHEIRA <i>tajadera [esp]</i> <i>chopping, knife,</i> <i>chisel [ing]</i> <i>instrument [fr]</i>	[Eq] Instrumento de aço para cortar, talhar, etc. (TEIXEIRA, 1995, p. 81).
TALHAR <i>tallar [esp]</i> <i>to carve [ing]</i> <i>tagliare [it]</i> <i>tailler, sculpter [fr]</i>	[Tc] Cortar, esculpir, golpear, dar forma ou talhe (TEIXEIRA, 1995, p. 81).
TALHE	[Ou] Sinônimo de lapidação: talhe antigo, talhe brilhante, talhe briolette, talhe buff top, talhe carré, talhe Ceilão, talhe coxim, talhe em ponta, talhe esmeralda, talhe europeu antigo, talhe Lisboa, talhe mesa, talhe misto, talhe oito-por-oito (8/8), talhe quadrado, talhe rosa, talhe rosa da Holanda,

¹⁰²³ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/tacelo/>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

¹⁰²⁴ Disponível em: <<http://gestaoderestauero.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

¹⁰²⁵ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

¹⁰²⁶ CONJUNTO... 2007, p. 179.

	talhe tesoura (IMC, 2011, p. 157).
--	------------------------------------

TALISCA DE MADEIRA	1. [Md] Qualquer rachadura estreita em uma superfície dura; fenda, greta. ¹⁰²⁷ 2. [Md] Pequena lasca ou pedaço de madeira. Muitas vezes utilizadas no preenchimento de áreas com perdas de suporte mais extensas e internas.
---------------------------	---

TALLBOY	[Mo] Peça que nasce da sobreposição de duas <i>Chest of Drawers</i> , que é composta por gavetas e tem tendência a estreitar de baixo para cima (QUEIMADO, 2007, p. 185).
----------------	---

TAMBOR DE PÚLPITO	[It] Guarda-corpo do púlpito, situado sobre a bacia (DAMASCENO, 1987, p. 43). Caixa de guarda-corpo ou parapeito do púlpito, fechada e abaulada (ÁVILA, 1979, p. 177). Ver CAIXA GUARDA-CORPO .
--------------------------	--

TAMBORETE	[Mo] Espécie de banco rústico, em geral com assento quadrangular de madeira ou revestido de couro (DAMASCENO, 1987, p. 43). Chama-se assim porque tem feição de um pequeno tambor (Bluteau, 1728, 34). Móvel de assento individual, geralmente guarnecido e sem costas. Assenta normalmente sobre pernas e pés unidos por travessas. Os tamboretas executavam-se geralmente em série. Esta designação aplicou-se indiscriminadamente na 1ª metade do século XVII, a cadeiras de couro e de palhinha sem braços. ¹⁰²⁸
------------------	---

TAMBORETE DE ESCULTOR	[Eq] Banco pequeno sem braços e encosto, usado pelos escultores (TEIXEIRA, 1995, p. 81).
------------------------------	--

banquillo [esp]
taboret, stool [ing]
banco [it]
sellette [fr]

TAMPÃO	[Ma] Substância que serve para manter constante o pH de uma solução ou de um material. Exemplos: o sulfito de sódio e carbonato de sódio (usados nos reveladores); o carbonato de cálcio (usado como tampão em cartões e papéis de conservação). ¹⁰²⁹
---------------	--

TAMPO	[Mo] Em mobiliário, designa a superfície plana que arremata a parte superior de mesas e demais móveis de apoio (DAMASCENO, 1987, p. 43).
--------------	--

TANQUE	[It] No chafariz, diz-se geralmente da parte destinada a receber a água que jorra das bicas. É, às vezes, denominado também bacia (ÁVILA, 1979, p. 87).
---------------	---

¹⁰²⁷ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=talиска>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

¹⁰²⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁰²⁹ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

TAPA-VENTO	Ver PARA-VENTO .
TAPETE	[Ce] Painel de azulejos para revestimentos parietal, geralmente utilizado na cobertura de vastas superfícies, resultante da repetição regular de padrões, sempre delimitado por molduras. ¹⁰³⁰
TARA <i>taratura [it]</i>	[Mt] Validação. Determinação da relação existente entre as indicações de um aparelho de medição e os valores da grandeza a serem medidos. ¹⁰³¹
TARDOZ	[Ce] Superfície não vidrada de um azulejo, correspondendo à sua face posterior, adossada ao suporte. ¹⁰³² Face tosca da peça de cantaria voltada para o lado interior da parede (ÁVILA, 1979, p. 88).
TAREFA	[Mt] Medida antiga cuja denominação provavelmente decorre da área ocupada pela porção do canavial, suficiente para alimentar as moendas durante um dia de trabalho. A dimensão de uma tarefa variava segundo a região do Brasil. Parece ter sido mais geral considerá-la uma área de 30 braças em quadro, equivalendo, então, a 4.356 m ² . No Ceará, equivaleria a 3.630 m ² . Em Sergipe e Alagoas, equivaleria a 3.052 m ² (ÁVILA, 1979, p. 213).
TARJA	[Or] Peça ornamental em pintura, desenho ou escultura, de forma recortada, semelhante a um escudo, contendo um símbolo, um brasão ou alguma inscrição (DAMASCENO, 1987, p. 43). Quase sempre com ornamentos em forma de ramos, flores, festões, etc. (ÁVILA, 1979, p. 177). Ver CARTELA.
TARRACHA ou TARRAXA <i>clavija,</i> <i>enclavijadura [esp]</i> <i>peg [ing]</i> <i>cavícchia [it]</i> <i>cheville [fr]</i>	[Ma] Parafuso, cunha, cavilha. [Eq] Utensílio de serralheiro usado para fazer roscas dos parafusos (TEIXEIRA, 1995, p. 81).
TARUGO <i>tarugo [esp]</i> <i>peg [ing]</i> <i>cavicchio [it]</i> <i>cheville de bois [fr]</i>	[Ma] Prego de madeira. Espécie de torno usado para ligar duas peças de madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 81), ou outro material.
TAU	[Rg] Insígnia de bispo e abade. O terminal superior é em forma de “T”

¹⁰³⁰ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁰³¹ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

¹⁰³² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<i>tau [ing]</i> <i>tau [it]</i> <i>tau [fr]</i>	(tau, letra grega) (THESAURUS, 2004, p. 93).
TECA	Ver PÍXIDE .
TÉCNICA CONSTRUTIVA	<p>[Tc] Especificamente a técnica construtiva de escultura de madeira, segue:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Feitas a partir de um só bloco - este tipo de construção consistia na colocação de um bloco de madeira num torno, de modo a que este fique na posição correta e permita que o artista possua uma base de apoio. O escultor ia esculpindo e só girava o torno à medida que fosse necessário, de modo a conseguir trabalhar na outra face da obra, sendo mais aplicada na produção de esculturas de pequenas dimensões. Contudo, podendo algumas obras produzidas com esta técnica possuírem até cerca de 60 cm. Quando eram obras pequenas não necessitavam de ser ocadas, mas nas de maiores dimensões o processo de ocar era feito de modo a evitar o aparecimento de rachaduras provenientes da movimentação mecânica da madeira, devido à perda ou ganho de umidade. • Uso de um bloco principal com junção de peças adjacentes – consiste na elaboração do corpo da escultura a partir de um só bloco que era escavado atrás, a partir dos ombros até à base. Tal procedimento fazia com que se reduzisse o peso da escultura e minimizasse o aparecimento de fendas, uma vez que reduz a tensão entre as direções radial e tangencial da madeira. A cabeça, os braços ou antebraços e as mãos poderiam ser feitas em blocos de madeira à parte, e o pescoço era esculpido com uma saliência que encaixava na zona oca encima do tronco. Eram ainda adicionadas seções extras de madeira à coluna principal, de modo a completar o volume pretendido da obra. • Composição por módulos – esta técnica consiste na elaboração de uma caixa de madeira que forma a zona oca central, onde são coladas pranchas e blocos de madeira adicionais, sendo consequentemente entalhados de modo a conferir as formas à escultura. Este processo possibilita uma redução do peso da obra, assim como permite um uso mais económico da madeira, com menos desperdício, havendo uma menor probabilidade de a madeira empenar e/ou rachar (PEIXOTO, 2012, p. 95-96).
TÉCNICA MISTA <i>technique mixte [fr]</i>	[Ta] Denominação de técnica artística utilizando pelo menos dois materiais de natureza diferente ou utilizando diversos materiais heterogêneos.
TECO	[Eq] Instrumento utilizado para modelar barro ou cera, geralmente de madeira, podendo ser rematado por arame (TEIXEIRA, 1995, p. 82).

TELA ENCOLADA [Es] Técnica de escultura em que se utilizam camadas sucessivas de tecidos impregnados de um adesivo moldando as formas desejadas em uma escultura. Na América Latina, em países como Peru, Bolívia, Equador e México, é frequente a utilização do tecido como suporte para confecção da imaginária. A literatura apresenta as imagens em tela encolada, sendo confeccionadas a partir de um suporte rígido, como no México, feito com a medula da cana-de-milho, de acordo com o uso indígena, em seguida, revestindo com tela e pintando-a. De acordo com pesquisas realizadas¹⁰³³, os artistas brasileiros criaram uma nova maneira de trabalhar a técnica. Existem imagens que têm o interior oco, com a forma sendo constituída apenas pelos tecidos sobrepostos e encolados, podendo ter a argila como o material inicialmente usado como base para a moldagem dos tecidos, sendo essa argila dispensada após o enrijecimento resultante da encolagem. Uma vez obtida a forma da imagem em tecido encolado, o interior da obra recebia uma grossa camada de cera com resina, que lhe conferia um enrijecimento maior. Sobre o tecido encolado, as obras apresentam base de preparação seguida de policromia. Os cabelos são confeccionados em fibra vegetal, que também recebe policromia. As imagens em tecido tendem a ser danificadas mais rápida e drasticamente, por serem mais delicadas. Também a técnica empregada favorece a deterioração: a argila utilizada como apoio à modelagem deixa resquícios no tecido, formando uma interface que impede uma boa aderência da cera/resina. Com o tempo e os inadequados cuidados de conservação, ocorrem craquelês e o posterior desprendimento da cera/resina, provocando afundamentos, perda de resistência e mesmo da forma da imagem. A obra em tela encolada, em Minas Gerais, compreende um grupo pequeno e curioso de obras escultóricas, nas quais o tecido foi utilizado como suporte. Estão localizadas, em sua maioria, nas regiões de Tiradentes e São João del Rei e foram produzidas entre os séculos XVIII e XIX. Algumas obras apresentam, além da tela encolada, a utilização da técnica do papel machê na modelagem dos relevos. A imagem foi moldada em papel machê, e depois recebeu a policromia. Apenas no verso foi aplicada a tela encolada e a cera. Essas obras são classificadas como obras em papel machê, sendo o tecido encolado um suporte secundário, para dar sustentação à obra (MEDEIROS; MONTE, 2003, 169-174).

TÊMPERA*tempera [fr]*

1. [Ma] A tinta têmpera é constituída de pigmento misturado a um veículo aglutinante de origem artificial ou natural (como a gema de ovo), o que possibilita que seja facilmente produzida de forma artesanal. De aspecto brilhante e luminoso, é aplicada, no papel, bem diluída e através da sobreposição de camadas. Estas têm secagem rápida e possuem

¹⁰³³MEDEIROS, Gilca Flores de; MONTE, Eliane. Obras em tela encolada em minas gerais: estudo e catalogação. In: Imagem Brasileira. Belo Horizonte: v. 2. Ceib, 2003. p. 169-174.

	autonomia visual, uma vez que a cor e forma das primeiras camadas não se apagam, exercendo efeito sobre as seguintes. ¹⁰³⁴ 2. [Po] Material usado na policromia de esculturas. Ver PINTURA A TÊMPERA.
TEMPERADO	[Tc] Diz-se de um instrumento preparado, afinado com a têmpera necessária para o trabalho do escultor (TEIXEIRA, 1995, p. 82).
TEMPLETE	[Rg] Reprodução miniatural de um templo, que procura simular a forma arquitetural de um pequeno pavilhão ou de um nicho (IMC, 2011, p. 126).
TENEBRÁRIO	[Ig] Candelabro triangular, com quinze bocais escalonados, onde se colocam velas, que vão sendo apagadas progressivamente durante o Ofício de Trevas, na Semana Santa. Praticamente em desuso (DAMASCENO, 1987, p. 43).
TENSÃO SUPERFICIAL <i>tension</i> <i>superficielle [fr]</i>	[De] Na Física, a tensão superficial é um efeito que ocorre na camada superficial de um líquido que leva a sua superfície a se comportar como uma membrana elástica. As moléculas situadas no interior de um líquido são atraídas em todas as direções pelas moléculas vizinhas e, por isso, a resultante das forças que atuam sobre cada molécula é praticamente nula. As moléculas da superfície do líquido, entretanto, sofrem apenas atração lateral e inferior. Esta força para o lado e para baixo cria a tensão na superfície, que faz a mesma comportar-se como uma película elástica. A tensão superficial está presente em situações interessantes: - Colocando-se cuidadosamente uma pequena agulha sobre a superfície da água, observa-se que ela pode permanecer sobre a película superficial sem afundar no líquido, apesar de ser muito mais densa que a água. A gota de água que se forma em uma torneira mantém sua forma devido à elasticidade na superfície da gota. ¹⁰³⁵ Propriedade da interface de um líquido com um gás ou com um sólido (LANGLE; CURIE, 2009, p. 979). Ver UMECTANTE.
TENTO	[Eq] Apoio para as mãos. Haste de madeira com uma extremidade equipada com uma almofada (amarrada por um laço); fica num certo ângulo com a borda da pintura, da qual é colocada de modo a não tocar na camada pictórica; é assim mantido pelo artista com uma das mãos para apoiar a outra, para assegurar a exatidão de suas ações (LANGLE; CURIE, 2009, p. 325).
TERÇO	1. [Rg] Terça parte do rosário. 2. [Ab] Atributo de Nossa Senhora do Terço, cuja devoção, em Ouro Preto, remonta a 1726, como orago de Irmandade de brancos. Esta Irmandade saiu na procissão do Triunfo Eucarístico, em contraposição à de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (DAMASCENO, 1987, p. 44). 3. [Rg] Rezar o terço (50 Ave-Marias). A

¹⁰³⁴ GLOSSÁRIO. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/pintura> >. Acesso em: 29 jun. 2017.

¹⁰³⁵ Disponível em: < <https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter> >. Acesso em: 12 jun. 2017.

origem do terço cristão remonta, talvez, ao século XI. Na abadia de Cluny, quando falecia algum irmão, os monges celebravam uma missa pelo morto recitando cinquenta salmos. Os analfabetos, recitavam cinquenta pais-nossos. Essas mesmas contas serviam para recitar o Rosário de Nossa Senhora, mas sempre foram chamados de pai-nosso. Quando se divulgou a recitação das Ave-Marias tornou-se normal utilizar o pai-nosso habitual. 4. [Ou] Cada parte de um todo dividido em três partes. (NUNES, 2008, p. 147).

**TEREBINTINA ou
TEREBENTINA**

terebintina [esp]
turpentine [ing]
terebentina [it]
térébenthine [fr]

[Ma] Resina pertencente a uma família de resinas tenras extraídas de coníferas, o lariço europeu (*Pinus larix*), abundante em Tyrol¹⁰³⁶ (terebintina de Veneza) e nos Vosges¹⁰³⁷ (terebintina *citron* ou terebintina de Strasbourg), o pinheiro bravo (Terebintina de Bordeaux¹⁰³⁸ ou breu) e abeto (terebintina de Jura¹⁰³⁹ ou breu de Borgonha). Essas resinas retêm parte de seu óleo essencial (essência de terebintina, daí suas oleorresinas de nome) e sua plasticidade, pois são frescas. Elas se tornam muito mais ácidas à medida que envelhecem e endurecem (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1017). Substância resinosa líquida, usada como solvente de tintas a óleo e aglutinante dos vernizes e das lacas (TEIXEIRA, 1995, p. 83).

**TERMIDOR® 25
CE**

[Ma] Inseticida indicado para o controle de cupins, tanto em pré-construção quanto em pós-construção de edificações comerciais, industriais e residenciais. Ingrediente ativo: 5-amino-1-(2,6-dicloro-alfa,alfa,alfa-trifluor-p-tolil)-4-trifluormetilsulfinilpirazol-3carbonitrila (Fipronil) - 2,5% (Solventes emulsificantes) - 97,5%. Grupo Químico: Fenil pirazol. Modo de Ação: Inibidor Reversível do Receptor GABA. Concentração de uso para tratamento de solo (cupins subterrâneos): Termidor 25 CE é utilizado diluído em água na concentração 1,5% v/v (1,5L de Termidor 25 CE para cada 100l de água).¹⁰⁴⁰

TÉRMITA

[Dt] Inseto xilófago,¹⁰⁴¹ da ordem dos isópteros, conhecidas pelas suas asas finas, com uma estrutura semelhante a uma rede. As térmitas, aparecem em enxames e perecem em algumas horas. (QUEIMADO, 2007, p. 137-138). Ver **CUPIM**.

**TERMO DE
DOAÇÃO**

[Mu] Instrumento legal particular que define e formaliza uma doação de um bem ou obra de arte.

**TERMO-
HIGRÔMETRO E**

[Eq] Termo-higrômetro é um aparelho que possibilita a leitura da

¹⁰³⁶ Região da Europa dividida entre Itália e Áustria.

¹⁰³⁷ Região de Lorena na França.

¹⁰³⁸ Nova Aquitânia - França.

¹⁰³⁹ Cordilheira situada ao norte dos Alpes, na França, Suíça e Alemanha.

¹⁰⁴⁰ Ficha técnica. Disponível em: <http://www.apaw.com.br/arquivos/ficha_tecnica_termidor.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2018.

¹⁰⁴¹ CONJUNTO... 2007, p. 179.

TERMO-HIGRÓGRAFO	temperatura e da umidade relativa do ar. Já o Termo-higrógrafo registra a temperatura e a umidade relativa do ar em carta gráfica. Recomenda-se a leitura e o registro dos dados da temperatura e umidade relativa do ar, apontados pelos aparelhos, no período da manhã e no período da tarde. Os gráficos elaborados decorrentes dos registros produzidos possibilitam correções nos ambientes, quando necessárias (ACAM PORTINARI, 2010, p. 86).
TERMOPLÁSTICO <i>termoplastico [it]</i>	[Ma] Material que tem as características de se tornar líquido e viscoso com o calor e rígido por arrefecimento. ¹⁰⁴²
TERRA-BOLAR	Ver BOLO ARMÊNIO .
TERRA DE SIENA	[Ma] Fórmula: Fe ₂ O ₃ + argilas. Óxido de ferro com pequenas quantidades de silicatos argilosos e de dióxido de manganês. Variedade: terra de Siena natural e terra de Siena queimada. Pigmento natural mineral. As variedades mais escuras são obtidas por calcinação da terra de Siena natural. Utilizado em todas as épocas. Sua cor varia do pardo-alaranjado ao marrom escuro semitransparente. Por serem compostos formados por silicatos e óxidos insolúveis, apresentam uma ótima estabilidade a todos os agentes. Empregada em todas as técnicas, inclusive como pigmento para veladuras, graças ao pequeno tamanho de suas partículas e a sua parcial transparência (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 84).
TERRA DE SOMBRA <i>terra d'ombra [it]</i>	[Ma] Fórmula: MnO ₂ . Similar às terras de Siena, porém com maior quantidade de dióxido de manganês. Variedades: terra de sombra natural e terra de sombra queimada. Pigmento de origem natural mineral. A terra de sombra queimada se obtém pela calcinação da sombra natural. Começou a ser utilizada na Europa a partir do Renascimento. Cor marrom-pardo com tonalidades esverdeadas. A sombra queimada é mais escura, com uma tonalidade avermelhada. Possuem um notável poder de cobertura. Resiste bem a todos os agentes. Tendem a ficarem mais escuras no óleo, já que necessitam de grandes quantidades de aglutinante para serem aplicadas. Por essa razão, com o tempo formam camadas escuras que se quebram facilmente. Empregadas em todas as técnicas. A óleo se utilizam principalmente para preparar fundos (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 85).
TERRA VERDE <i>tierra verde [esp]</i> <i>green earth [ing]</i> <i>terra verde,</i> <i>terra di Verona [it]</i>	[Ma] Também chamado de <i>Terra de Verona</i> ou <i>Verde de Chipre</i> , é uma argila natural colorida. Mistura de dois silico aluminatos de Fe (II), Mg e K. Mineral natural. Conhecida e empregada desde a Antiguidade até o século XIX. Cor: tons variáveis, dependendo do local de origem, entre o verde-acinzentado e o verde-amarelado intenso. Em óleo tem pouco poder de coloração e é pouco opaco. Para a têmpera dá resultados muito melhores. É muito estável à luz e ao ar e não é afetada por ácidos ou bases

¹⁰⁴² GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

diluídas. Usada principalmente em afresco e têmperas por seu bom poder de cobertura. Na pintura italiana, foi usada como fundo para as carnações (verdacho), que hoje aparecem frequentemente esverdeadas por causa do desaparecimento da camada superficial pictórica de cor rosa (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 63).

TERRACOTA

1. [Ce] Trabalho escultural executado com argila modelada e posteriormente cozido ou queimado no forno a temperaturas abaixo de 1.280 °C para dar solidez e consistência.¹⁰⁴³ 2. [Ma] Argila cozida para tornar-se dura e compacta. 3. [Es] Figuras e ornamentos arquitetônicos têm sido feitos desde tempos bastante remotos; é a esse tipo de trabalho, e não a vasos cerâmicos, que a palavra geralmente se refere. A argila, é claro, é encontrada por todo o mundo numa grande variedade de cores e qualidades, sendo a colorida mais comum que a branca. A presença de certos agentes químicos, como o óxido de ferro, afeta a cor do barro cozido, de modo que as obras em terracota nem sempre são da cor marrom-avermelhada normalmente relacionada à palavra. A queima pode produzir uma larga gama de cores, que vão do amarelo claro ao vermelho profundo ou ao negro. A dureza e a resistência da argila cozida variam de acordo com a temperatura do forno. Durante a queima, a argila perde cerca de um décimo do volume - às vezes menos, às vezes mais, de acordo com a qualidade do barro e a quantidade da água que possuía.¹⁰⁴⁴ Designação adaptada do italiano *Terra Cotta* (barro cozido). Originariamente referia-se a toda a olaria de barro vermelho. Atualmente, designa um tipo de cerâmica predominantemente decorativa, de pasta de cozedura, bastante porosa e sem revestimento vítreo. O termo é usado para designar a escultura em barro cozido.¹⁰⁴⁵

TESTES

[Re] Os testes em obras de arte são realizados para diversos fins, sejam: remoção de verniz, remoção de repintura, limpeza, identificação de material, etc.:

- **Para limpeza:** Os testes de solubilidade e de resistência de pigmentos são a primeira fase de intervenção direta num bem cultural. Estas provas ajudam a verificar se os agentes químicos não vão degradar as camadas pictóricas durante a limpeza química. Neste processo são testados vários solventes com o objetivo de atingir os melhores resultados de limpeza. Os testes são efetuados por áreas de cor porque cada pigmento tem comportamentos diferentes em relação à resistência, dependendo da sua origem. Normalmente é construída uma tabela onde são referidas as regiões de cor que são testadas e os dois tipos de teste
-

¹⁰⁴³ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/terracota>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

¹⁰⁴⁴ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/pintura>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

¹⁰⁴⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

que serão realizados (FÉLIX, 2013, p. 72-73).

- **Para identificação:** Os testes de solubilidade são testes físicos e químicos que permitem a identificação de um determinado composto por sua solubilidade em um líquido de polaridade conhecida. Os testes de solubilidade são aplicados em sua maior parte a aglutinantes orgânicos. É possível separar os aglutinantes em grupos de diferentes solubilidades de acordo com a polaridade apresentada. Os testes de solubilidade são úteis, porém na maioria das vezes são ambíguos, sendo necessário um segundo ensaio analítico para confirmá-los. Ao realizar um teste de solubilidade, deve-se adicionar com o auxílio de uma lente de aumento, uma pequena gota do solvente sobre uma microamostra e observar os seguintes comportamentos:
 - **Dissolução** – se a amostra for solúvel, ela interage com o solvente formando uma mistura homogênea, espalhando-se por toda gota do solvente;
 - **Inchaço** – a amostra pode ser parcialmente solúvel, absorvendo o solvente e aumentando o seu volume. Ao tocá-la com uma microferramenta ela se apresenta macia ou fragmenta-se facilmente deslocando-se dentro da gota.
 - **Umectação** – umectar é a capacidade de um líquido de envolver um sólido. O solvente penetra nas superfícies da amostra umectando-a. Se a amostra for muito insolúvel ela não será umectada. Um fragmento numa gota de solvente no qual é insolúvel será expulso da gota. Ele fica nas bordas da gota ou em cima desta e, se for colocada dentro da gota não amolecerá. o fluxograma da marcha analítica para a identificação de aglutinantes por testes de solubilidade. Marcha analítica para a identificação de aglutinantes por testes de solubilidade (FIGUEREDO JR., 2012, p. 189).
 - **Testes microquímicos** – consistem em se fazer reações-testes de via-úmida para identificar materiais pictóricos em microamostras. Basicamente somente se analisam pigmentos através de testes microquímicos. Na maioria dos casos não se faz um teste que verifique diretamente o pigmento, e sim o cátion ou ânion presente neste. Uma análise de pigmentos pode ser feita através de uma marcha analítica, que é definida de acordo com a cor do pigmento. Nesse tipo de teste, uma pequena amostra da pintura é colocada sobre uma lâmina de vidro e reagentes são adicionados em pequenas quantidades (gotas ou microgotas). As reações são observadas com o auxílio de uma lupa ou de um microscópio estereoscópico (FIGUEREDO JR., 2012, p. 181).
-

TESTEIRA	[Mo] Numa cadeira é a travessa horizontal que une as pernas dianteiras, e que pode ser decorada (QUEIMADO, 2007, p. 185), diferente das restantes travessas (“SS” entrelaçados, em forma de concha, etc.). ¹⁰⁴⁶
TETRAMORFOS	[Ic] São os símbolos dos evangelistas. Representação de quatro elementos (grego tetra <i>-cuatro-</i> e se transforma <i>-forma-</i>), que, na iconografia cristã, têm sido associados, desde o século VI, às figuras simbólicas dos quatro evangelistas. Assim, vemos o homem, de Mateus, a águia, de João, o touro, de Lucas e o leão, de Marcos. Muitas vezes aparecem em torno da imagem da <i>Maiestas Domini</i> ou Cristo em Majestade. ¹⁰⁴⁷
TEXTURA <i>texture [fr]</i>	1. [De] Disposição dos elementos que formam uma superfície e que são detectáveis ao tato (TEIXIDO I CAMI, 1997). 2. [Ce] Aspecto da pasta depois da queima. ¹⁰⁴⁸
TIARA	[In] Insígnia papal para cobrir a cabeça, com a forma cônica e cilíndrica, composta por três coroas sobrepostas. Este atributo de dignidade papal é somente usado em algumas cerimônias solenes (IMC, 2011, p. 111). Mitra papal.
TÍMPANO	[It] Entre as arquivoltas nos arcos. Superfície interior delimitada pelas molduras de um frontão, rematando a parte superior de uma colunata, de um portal ou de uma janela. Este espaço pode ser liso ou decorado (IMC, 2011, p. 126). Parte triangular do frontão delimitado pelas suas linhas de contorno (ÁVILA, 1979, p. 89).
TINGIR	[Md] Dar cor a uma madeira sem chegar a desfigurar o desenho dos seus veios (TEIXIDO I CAMI, 1997).
TINTA <i>tinta [esp]</i> <i>paint [ing]</i> <i>tinta [it]</i> <i>teinte [fr]</i>	[Ma] Substância química composta de uma mistura de materiais corantes dissolvidos ou suspensos num aglutinante, o qual geralmente é constituído por uma resina combinada com substâncias oleosas, plastificantes, estabilizantes e secantes, cuja presença em porcentagens diferentes varia em função da utilização que lhe está destinada. ¹⁰⁴⁹ O processo de pintura nas construções religiosas e civis do período colonial mineiro valia-se, geralmente, de materiais locais. Para a pintura de peças de madeira portas, janelas, caixilhos, etc., às resinas corantes eram adicionados óleo de linhaça ou mamona e cola de couro. Os corantes tinham, comumente, origem vegetal, predominando, conforme as tonalidades pretendidas, o anil, a açafraão, cochonilha, ipê mulato, pau de braúna, sangue de dragão, urucum, etc. As pinturas simples de parede

¹⁰⁴⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁰⁴⁷ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/tetramorfo>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

¹⁰⁴⁸ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁰⁴⁹ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

	<p>recorriam à cal, à tabatinga, ao gesso e ao alvaiade (ÁVILA, 1979, p. 177). TINTAS FERROGÁLICAS - <i>Inchiostri metallo-gallici</i> - Tipo de tinta utilizada a partir do século XII. Existem numerosas receitas, habitualmente baseadas em ácido gálico, sulfato de ferro ou de cobre, e goma-arábica. Frescas são de cor castanho escuro, tendente ao roxo; envelhecendo passam do castanho escuro ao laranja claro. Degeneram rapidamente e, por causa da sua acidez, destroem as fibras do papel, corroendo-o.¹⁰⁵⁰</p>
TIRANTE	[Md] Peça de madeira ou metal submetida à tração (ÁVILA, 1979, p. 89).
TÍTULO <i>titre [fr]</i>	[Do] Deve ser inscrito no caso de obras autorais. O título, quando conhecido e atribuído pelo criador da obra, deve ser transcrito respeitando-se a grafia e o idioma originais. No caso de título atribuído, colocá-lo entre aspas e indicar entre parênteses a origem da atribuição. Quando a obra for sem título, deve-se inscrever essa informação “Sem Título” (ACAM PORTINARI, 2010, p. 70). O título pode vir escrito na própria obra ou não. Em algumas esculturas quando ele aparecer na parte frontal da base, pode-se considerar que este é um documento comprobatório do nome da imagem representada. Em casos da obra não possuir elementos que a identifiquem, pode-se considerá-la “Não Identificada” (COELHO; QUITES, 2014, p. 100).
TNT (“TECIDO NÃO TECIDO”)	[Ma] Não possui goma. Pode ser utilizado em camadas como isolamento na acomodação dos objetos, otimizando o espaço e facilitando seu manuseio e também como lençóis para proteger as peças da luz do sol e da sujeira (ACAM PORTINARI, 2010, p. 95).
TOCHA	[Ou] Facho, archote. Cabo longo com material inflamável na extremidade. Usado para iluminação. ¹⁰⁵¹ Vela grande e grossa de cera utilizada com a função de iluminar e ornar os altares e igrejas (NUNES, 2008, p. 147).
TOCHEIRO (A)	1. [Es] Espécie de castiçal grande, por vezes antropomórfico, usado nas igrejas em certas solenidades religiosas (DAMASCENO, 1987, p. 44). Castiçal para tocha. TOCHEIRO DE CORO - Suporte para vela, de grandes dimensões e um lume. Usado aos pares, são colocados no chão de cada um dos lados do altar (THESAURUS, 2004, p. 35). 2. [Or] Por extensão, diz-se de um ornato em forma de tocheira (ÁVILA, 1979, p. 177).
TOLUENO	[Ma] Fórmula: C ₆ H ₅ CH ₃ . Solvente. Líquido transparente com um odor semelhante ao benzeno. Produto produzido a partir da destilação do petróleo. Insolúvel em água. Solúvel em álcool, éter, benzeno, acetona e

¹⁰⁵⁰ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

¹⁰⁵¹ CONJUNTO... 2007, p. 179.

ligroína. Utilizado puro ou em soluções na remoção de vernizes e de repolicromias. Líquido inflamável, de toxicidade moderada. Manter afastado de fontes de calor (PEIXOTO, 2012, p. 129). É muito inflamável. Concentrações muito altas levam a inconsciência e a morte. O tolueno é um dos componentes da cola de sapateiro.¹⁰⁵² Sinonímia: Toluol.

TOM (cor)*ton [fr]*

[Cor] Variação de graduação de uma cor (NEVES, 2013, p. 97-98). Posição no espectro solar da cor designada pelo nome das cores primárias e secundárias, roxo, azul, verde, amarelo, laranja e vermelho. O tom corresponde a um comprimento de onda dominante na curva de resposta espectral. O mesmo que nuance, matiz, tonalidade (LANGLE; CURIE, 2009, p. 45).

TOM NEUTRO*teint neutre [fr]*

[Re] Cores e tonalidades que, pela sua mistura ou localização, se neutralizam em relação às cores dominantes (NEVES, 2013, p. 97-98). Reintegrações que adotam esse conceito:

- **Tom neutro** – à semelhança do subtom, do suporte à vista, e mais tarde, do *tratteggio*, foi teorizado por Brandi com o objetivo de reduzir o protagonismo da lacuna face à pintura original. Tem os seus antecedentes na especialidade de restauro arqueológico e resulta, teoricamente, de matiz acinzentado derivado da síntese de todas as cores da obra, para que as lacunas retrocedam para segundo plano;
 - **Subtom** – consiste num matiz menos saturado que o original. É muito utilizado na reintegração de cerâmica arqueológica e pouco indicado para composições pictóricas muito danificadas, pois secundariza as cores originais. Esta técnica pode ser também utilizada na reintegração de craquelês prematuros. Embora façam parte do processo natural de degradação do material, por vezes ganham protagonismo em relação imagem, remetendo esta para segundo plano. Com a reintegração cromática pode minimizar-se o efeito de interrupção cromática, de forma discernível, através da aplicação de veladuras, em subtom, exclusivamente sobre as fissuras, num matiz abaixo do original, respeitando a historicidade da obra e as alterabilidades da superfície pictórica.
 - **Reintegração fragmentária** – uma terceira solução, deixar à vista o suporte lenhoso ou têxtil quando este, pelo fato da sua tonalidade natural se assemelhar à da camada cromática, não despertar o nosso olhar para a lacuna exposta. Esta abordagem é anotada por Emile-Mâle. Considera que este método destina-se a obras primitivas, ou a determinadas obras de caráter documental para as quais a reintegração apenas deverá contribuir para a leitura da obra, sem entrar em pormenores ou recriação. A
-

¹⁰⁵² Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

decisão por esta técnica deverá advir de um estudo crítico e conjunto.¹⁰⁵³

TOMBAMENTO

[Pa] É uma palavra antiga, que se referia ao ato de guarda e conservação de documentos importantes nos arquivos da Torre do Tombo, em Portugal. Atualmente significa um ato administrativo realizado pelo poder público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados, culminando com o registro em livros especiais denominados Livros do Tombo. O tombamento pode ser aplicado aos bens móveis e imóveis, de interesse cultural ou ambiental, quais sejam: fotografias, livros, mobiliários, utensílios, obras de arte, edifícios, ruas, praças, cidades, regiões, florestas, cascatas, etc. Somente é aplicado aos bens materiais de interesse para a preservação da memória coletiva. O tombamento pode ser feito pela União, por intermédio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pelo Governo Estadual, por meio dos órgãos estaduais que trabalham com a preservação, ou pelas administrações municipais, utilizando leis específicas.¹⁰⁵⁴ Segundo a legislação brasileira, consubstanciada basicamente no Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que organizou a proteção do patrimônio histórico e artístico, o tombamento é uma figura jurídica destinada a assegurar a preservação de bens culturais imóveis e móveis que constituem a chamada "memória nacional". Os bens, objeto dessa medida legal, quando por ela juridicamente alcançados, são inscritos em um ou mais dos quatro Livros do Tombo previstos no artigo 4.º da referida lei e assim definidos:

- 1.º - Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, referente às "coisas pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular", monumentos naturais, sítios e paisagens;
- 2.º - Livro do Tombo Histórico, referente às "coisas de interesse histórico e às obras de arte histórica", inclusive bibliotecas, arquivos e museus;
- 3.º - Livro do Tombo das Belas Artes, referente às "coisas de arte erudita nacional ou estrangeira";
- 4.º - Livro do Tombo das Artes Aplicadas, referente às "obras que se incluam na categoria das artes aplicadas, nacionais ou estrangeiras".

Os tombamentos de bens culturais podem ser de nível nacional, quando decretados pelo IPHAN, ou de nível estadual, quando decretados por

¹⁰⁵³ BAILÃO, Ana. As Técnicas de Reintegração Cromática na Pintura: revisão historiográfica. *Ge-conservación*, nº 2, 2011, pp. 49-51. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4018797.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2017.

¹⁰⁵⁴ GLOSSÁRIO. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural//pagina/4404/perguntasfrequenteseglossario>>. Acesso em: 12 de set. 2017.

órgãos congêneres do Estado, a exemplo do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG). O acervo histórico-artístico pode ainda ser objeto de proteção municipal, no caso de municípios que possuam legislação específica para esse fim, a exemplo de Ouro Preto (ÁVILA, 1979, p. 89).

TONDO	1. [Pi] Pintura circular (de <i>rotondo</i> , em italiano), muito utilizada na Renascença. ¹⁰⁵⁵ 2. [Ap] Palavra italiana que significa “redondo”. Aplica-se a uma composição pictórica ou a um relevo escultórico de formato circular ¹⁰⁵⁶ .
--------------	--

TONSURA	[Ic] Corte que o bispo faz com a tesoura nos cabelos do ordenando de Ordens Menores, deixando apenas uma estreita coroa de cabeio em torno do crânio. Indica a renúncia dos bens temporais, um sacrifício penitencial e uma abertura às influências celestes. O corte em forma de coroa é alusão à coroa de espinhos do Cristo (TRINDADE, 1998, p. 394). Tonsura fradesca. Tonsura monacal.
----------------	---

TORADO <i>cortado em rajas [esp]</i> <i>cut up into logs [ing]</i>	[Tc] Cortado em toras (TEIXEIRA, 1995, p. 83). TORAR – <i>cortar en tajos [esp]; to cut up into logs or pieces [ing]; segare in pezzi [it]; tronçonner [fr]</i> . [Tc] Cortar ou serrar a madeira em toras (TEIXEIRA, 1995, p. 83). TORA – <i>[esp]; [ing]; [it]; [fr]</i> . [Md] Peças de madeira de grande dimensão. ¹⁰⁵⁷
---	--

TORCIDOS	[Or] Diz-se de ornatos sob a forma espiralada, usados na guarnição de móveis, na estrutura de retábulos, balaustradas, gradis, etc. (ÁVILA, 1979, p. 177).
-----------------	--

TORNEADA	[Ce] Técnica de confecção de cerâmica que consiste em elaborar o recipiente com o auxílio de uma roda de torno. Técnica desconhecida pelas populações pré-históricas brasileiras. ¹⁰⁵⁸
-----------------	---

TORNEADO <i>torneado [esp]</i> <i>turned [ing]</i> <i>tourné [fr]</i>	[Tc] Feito no torno. Roliço, arredondado, cilíndrico (TEIXEIRA, 1995, p. 83). Diz-se das peças trabalhadas no torno. A madeira torneada era de largo uso ornamental em balaústres e grades das igrejas coloniais mineiras, bem como no acabamento de móveis de estilo mais apurado (ÁVILA, 1979, p. 177).
---	---

TORNEAR <i>tornear [esp]</i> <i>to turn [ing]</i> <i>tornire [it]</i>	[Tc] Trabalhar no torno, dando forma redonda, cilíndrica, arredondada ou roliça (TEIXEIRA, 1995, p. 83).
---	--

¹⁰⁵⁵ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁰⁵⁶ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/tondo>>. Acesso em 25 jul. 2018.

¹⁰⁵⁷ CONJUNTO... 2007, p. 179.

¹⁰⁵⁸ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

<i>tourner [fr]</i>	
---------------------	--

TORNO	[Eq] Máquina que serve para torneiar, fazer peças de obras redondas. Há diferentes espécies de tornos: torno simples, torno de luneta, torno elíptico, etc. (RODRIGUES, 1875, p. 364). TORNO DE BANCO – Ferramenta de fixação, metálica ou de madeira, que está incorporada no banco de carpinteiro (TEIXIDO I CAMI, 1997).
--------------	--

<i>torno [esp]</i> <i>lathe [ing]</i> <i>tornio [it]</i> <i>tour [fr]</i>	
--	--

TORRE	1. [Ar] Construção saliente, de sentido vertical, anexa a uma edificação civil ou religiosa. Nas igrejas, destina-se principalmente a abrigar os sinos (DAMASCENO, 1987, p. 44). 2. [Ab] Atributo de Santa Bárbara.
--------------	---

TORÇAL ou TORSAL	[Or] Elemento decorativo em forma de cordão torcido (IMC, 2011, p. 126). Ver ENCORDOAMENTO e CABO.
-------------------------	--

<i>torsade [fr]</i>	
---------------------	--

TORÇAL DE LOURO	[Or] Ornato feito de feixe de loureiro reunido por um laço de fita cruzada. Muito usado nos estilos renascentistas (REAL, 1962, p. 488).
------------------------	--

<i>tore de laurier [fr]</i>	
-----------------------------	--

TORSO (A)	[Ar] Diz-se de coluna, peça ou ornato de forma espiralada ou torcida (ÁVILA, 1979, p. 177).
------------------	---

TORSO ou TRONCO	[Es] Em escultura, significa tronco e entende-se pela parte do corpo humano que vai do pescoço às genitais; ou por uma figura mutilada, sem cabeça, sem braços e sem pernas (TEIXEIRA, 1995, p. 83).
------------------------	--

<i>torso [esp]</i> <i>torso [ing]</i> <i>torso [it]</i> <i>torse [fr]</i>	
--	--

TORTUAL DE FUSO	[Ou] Peça confeccionada em cerâmica e em outros materiais como madeira. Utilizada no processo de fiação introduzindo uma vareta no orifício. ¹⁰⁵⁹
------------------------	--

TOSCANA	[Ar] A mais simples das ordens clássicas de arquitetura, caracterizada pela coluna constituída de capitel sem ornato e fuste e base lisos (ÁVILA, 1979, p. 177).
----------------	--

TOSCO	[Tc] Inacabado, sem polimento, mal feito (TEIXEIRA, 1995, p. 84).
--------------	---

<i>abultado, grueso,</i> <i>tosco [esp]</i> <i>coarse, clumsy, crude,</i> <i>uncouth [ing]</i> <i>grossolano, rozzo [it]</i>	
--	--

TÔSSO	[Ac] Termo, de que alguns artistas usavam para explicar uma configuração grosseira (CASTRO, 1937, p. 64).
--------------	---

¹⁰⁵⁹ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

TOTEM	1. [Ic] Antepassado mítico, protetor de um clã. 2. [Es] Poste escultórico (TEIXIDO I CAMI, 1997).
TRAÇAR <i>trazar [esp]</i> <i>to trace, to sketch,</i> <i>to draw [ing]</i> <i>tracciare [it]</i> <i>tracer [fr]</i>	[Tc] Representar por meio de traços. Projetar, desenhar, esboçar ou delinear (TEIXEIRA, 1995, p. 84). TRAÇO – [Tc] Projeto, desenho, plano, esboço de um objeto de arte (TEIXEIRA, 1995, p. 84). O mesmo que planta, risco ou desenho de uma obra ou construção (ÁVILA, 1979, p. 90).
TRACEJADO	[Re] Técnica pictórica de se conseguir efeitos ou simplesmente a aplicação de cores por meio de traços (NEVES, 2013, p. 97-98).
TRADO <i>taladro [esp]</i> <i>a large auger [ing]</i> <i>succhiello [it]</i> <i>tarière [fr]</i>	[Eq] Verruma grande, utilizada por carpinteiros e tanoeiros para produzir furos na madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 84).
TRANSCRIÇÃO	[Do] Deve respeitar a grafia original e o idioma de quaisquer inscrições e assinaturas feitas sobre o suporte dos objetos (ACAM PORTINARI, 2010, p. 73).
TRANSENA <i>recinto del coro [it]</i> <i>chancel [fr]</i>	[It] Cancela. Grade de coro com parapeito composto por painéis de mármore, pedra e madeira, frequentemente com decoração relevada, nas igrejas da Alta Idade Média (THESAURUS, 2004, p. 33).
TRANSEPTO	[Ig] Galeria transversal que numa igreja separa a nave central da capela-mor, formando os braços da cruz nos templos que apresentam essa disposição (ÁVILA, 1979, p. 90).
TRANSFERIR <i>traspaso [esp]</i> <i>transfer [ing]</i>	[Es] Processo mecânico de execução escultórica que consiste na cópia objetiva, mediante vários procedimentos, de um modelo inicial sobre seu suporte definitivo, e que constituirá o trabalho acabado. ¹⁰⁶⁰
TRANSFER- PRINTING	[Ce] Técnica de aplicação mecânica de decoração difundida em 1770, possibilitando a produção de louças decoradas sem a necessidade de pintá-las à mão. ¹⁰⁶¹
TRANSLÚCIDA (camada)	Ver CAMADA TRANSLÚCIDA .
TRANSPARENTE (camada)	Ver CAMADA TRANSPARENTE .
TRANSPORTAR	[Tc] Passar medidas e proporções de uma maquete para o bloco

¹⁰⁶⁰ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/traspaso>>. Acesso em 25 jul. 2018.

¹⁰⁶¹ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

(TEIXIDO I CAMI, 1997).

TRANSPOSIÇÃO

transposición [esp]
transposition [ing]

[Re] Prática que surgiu na Europa no século XVIII, que consiste em eliminar o suporte original de uma pintura e substituí-la por um novo suporte. A pintura é reduzida à preparação da camada pictórica e um novo suporte de madeira, tela ou outro material é aderido. Você também pode substituir uma tela original por uma nova ou mesmo com um suporte de madeira.¹⁰⁶²

TRATAMENTO

[Re] Toda intervenção direta sobre um bem cultural com o objetivo de retardar a deterioração ou de facilitar sua leitura. A amplitude da intervenção pode variar de uma simples estabilização a uma restauração ou mesmo uma reconstituição.¹⁰⁶³ Os tratamentos podem ser: tratamento curativo; tratamento emergencial; tratamento preventivo.

TRATAMENTO TÉCNICO

[Mu] Na Museologia, designa todos os passos dos procedimentos realizados sobre um objeto (ACAM PORTINARI, 2010, p. 107).

TRATTEGGIO

tratteggio [fr]

[Re] Mecânico e repetitivo. Originalmente realizado com aquarela, cores iminentemente puras, podendo ser misturadas na paleta de acordo com a necessidade, sistema de linhas rígidas e verticais, e tinha como regra o traço de 1 cm de comprimento, atualmente varia-se de acordo com a extensão da lacuna, destreza do restaurador e suporte.¹⁰⁶⁴ O *tratteggio*, coloquialmente chamado de *rigatino*, foi desenvolvido como um meio para evitar a falsificação, material e técnica, e recuperar a unidade perdida numa obra de arte danificada, respeitando as alterações ocasionadas pela passagem do tempo. Brandi considerava que o trabalho do restaurador deveria contemplar o tempo de vida, a história da obra de arte e essencialmente a passagem do tempo que ocorre entre o momento de criação da obra e a intervenção do restaurador (BRANDI, 2006, p. 29-38). Inspirado na teoria do restauro de Cesare Brandi, o *tratteggio* foi desenvolvido no Istituto Centrale del Restauro (ICR) em Roma, entre 1945-50, com a colaboração dos então estudantes Paolo Mora e Laura Mora, para a reintegração dos afrescos de Mantegna que decoravam a capela Ovetari de Pádua e que haviam sido muito danificados pelo bombardeio de 1944. Até optarem pela linha, testaram diferentes signos tais como: pontos, losangos, traços curtos, entre outros. A linha tinha como vantagens: a reconstrução de lacunas reintegráveis; a possibilidade de ser repetida infinitamente; ser distinta da trama pictórica original. Esta técnica é realizada com aquarelas, para se distinguir do material original e para ser facilmente reversível. Uma outra vantagem é o fato de não originar empastamento e permitir que todas as luzes derivem do preparo

¹⁰⁶² Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/transposicion>>. Acesso em 25 jul. 2018.

¹⁰⁶³ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

¹⁰⁶⁴ Disponível em: <<http://www.ateliarrestauracao.com.br/a-conservacao-restauracao-de-pinturas-a-opcao-pela-reintegracao-cromatica-tecnicas-e-evolucao/>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

branco através das camadas transparentes. No ICR utilizam-se aquarelas, sendo a paleta cromática limitada a 12 cores que são, normalmente, da marca Winsor&Newton®. Estas estão divididas em duas categorias: luminosas e terras. As cores deverão ser puras, todavia, quando necessário, podem ser misturadas na paleta. É recomendado evitar mesclas para além das três cores, uma vez que a reintegração pode perder vibração e saturação de cor. Esta técnica só poder ser executada em lacunas reintegráveis e sobre preparação não original, isto é, sobre uma massa de preenchimento que não deve ser texturada com o intuito de imitar o original, mas que tem de estar ao nível do estrato cromático. Quando as lacunas são muito extensas ou constituírem mais de 20% da imagem original não é recomendado tentar reconstruir a área lacunar, sobretudo se for numa zona de mãos, rostos, narizes ou olhos. Sendo o *tratteggio* um processo baseado na técnica de pintura afresco, onde os volumes se obtêm por justaposição de linhas ou pinceladas em diversas posições, consiste num conjunto de traços com direção fixa. Esta técnica pode também identificar-se com os veios da madeira e com a pintura a têmpera dos primitivos italianos, cujos volumes também eram obtidos por justaposição de pinceladas. Laura Mora, Paolo Mora e Paul Philippot escreveram, por ocasião da primeira edição de *Conservation des peintures murales*, em 1975, que o *tratteggio* nunca tinha sido publicado em nenhuma revista técnica, apesar de ser praticado desde 1945. O *tratteggio* é um sistema de linhas rígidas e verticais que são feitas o mais uniformemente possível com cerca de 1 cm de comprimento. Os primeiros traços, que indicam o tom básico da reintegração, são efetuados com intervalos regulares, com distâncias equivalentes a 0,5 cm. Em seguida, estes intervalos são preenchidos com uma cor diferente, e depois com uma terceira cor, de forma a reconstruir o tom requerido por justaposição de cores paralelas e equidistantes. Cada linha em si deve ser fraca em intensidade de cor, pois a intensidade desejada do todo deve ser obtida através da sobreposição de veladuras de traços. Não se pretende imitar o envelhecimento natural, todavia, deve ser feita uma adequação cromática ao aspecto da obra no momento da intervenção. Este procedimento é suficiente para conferir a vibração de cor necessária à reintegração. É importante ter presente que é fundamental a execução desta técnica sobre um estuque branco, uma vez que a luminosidade deste cria uma superfície refletora para os traços das cores puras que se utilizam. Com a evolução e alguma versatilidade da técnica, os traços deixaram de respeitar a regra do 1cm de comprimento, variando de tamanho consoante a dimensão da lacuna, em função da destreza manual do conservador-restaurador e do tipo de suporte presente. Para a pintura mural utilizam-se, normalmente, traços alongados e uniformes, que podem ser feitos, por vezes, com régua (*reglatino*); enquanto que na pintura sobre madeira, os traços são proporcionais à extensão da lacuna ou então, curtos. Com esta última variante é possível obter um efeito quase mimético. À medida que as superfícies a serem reintegradas se tornam maiores, as vantagens do *tratteggio* diminuem naturalmente, uma vez que a vibração da cor dos traços e os próprios traços contribuem para

uma certa indefinição dos planos na imagem. Nestes casos é preferível a aplicação de outros métodos de reintegração diferenciada, evitando combinar o *tratteggio* com outras técnicas de reintegração, porque dois métodos distintos aplicados na mesma pintura afetarão certamente o efeito visual da unidade da imagem. É essencial que a reconstrução em *tratteggio* fique circunscrita à área de lacuna. Segundo Paolo e Laura Mora e Paul Philippot, o *tratteggio* deve ser considerado como um substituto para a camada pictórica perdida, enquanto as veladuras são uma correção para o desgaste de pigmento e da pátina.¹⁰⁶⁵

TRAVE TRIUNFAL

rood beam [ing]
trave trionfale [it]
poutre de gloire [fr]

[Ig] Barra horizontal, colocada ao alto e transversalmente à entrada do coro litúrgico, na nave central da igreja ou capela. Geralmente, serve de suporte a um crucifixo ou calvário e encimada por uma cruz (cruz de trave triunfal) ou um crucifixo (crucifixo de trave triunfal), eventualmente ladeados pela Virgem e São João Evangelista (calvário de trave triunfal) (THESAURUS, 2004, p. 33).

TRAVEJAMENTO

1. [Mo] Em mobiliário, designa o conjunto de traves colocado entre os pés dos móveis (DAMASCENO, 1987, p. 44). 2. [Ar] Conjunto de traves do madeiramento de um telhado ou assoalho (ÁVILA, 1979, p. 90).

TRAVESSA

traversa [it]

[Mo] Peça colocada vertical (costas) ou horizontalmente. Serve como elemento de união ou reforço das pernas de um móvel. Pode apresentar inúmeras formas. O conjunto de travessas designa-se por travejamento, ou travamento, travação ou amarração (termo brasileiro).¹⁰⁶⁶ Elemento que exerce as funções de sustentação das tábuas e de controle da sua tendência para se deformarem em presença de solicitações externas.¹⁰⁶⁷

TRELIÇA

[It] Diz-se de uma estrutura ou armação formada de pequenas fasquias cruzadas, apresentando espaços abertos (ÁVILA, 1979, p. 90).

TREMÓ

1. [Mo] Espécie de consolo ou aparador ou espelho que se coloca no *pano da parede* entre duas janelas. 2. [Ar] Por extensão, diz-se desse espaço entre as janelas (ÁVILA, 1979, p. 178). Peça de aparato que consiste na união entre uma consola e um espelho (QUEIMADO, 2007, p. 186).

TREMPE

1. [Mo] Base ou arco de ferro com três pés. Em mobiliário, designa a amarração em “H” de pernas de cadeiras e mesas (DAMASCENO, 1987, p. 44). 2. [Ou] Acessório de forma circular, oval, triangular ou retangular, constituído por três ou quatro pés, um receptáculo, na parte inferior, para colocação da lamparina e um aro de maior diâmetro ou dispositivo de

¹⁰⁶⁵ BAILÃO, Ana. As Técnicas de Reintegração Cromática na Pintura: revisão historiográfica. Ge-conservación, nº 2, 2011, p. 51-54. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4018797.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2017.

¹⁰⁶⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁰⁶⁷ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

	suspensão, na parte superior, para colocação do objeto com o qual funciona em complementaridade (IMC, 2011, p. 112). 3. [Ce] Pequeno tripé de material refratário que se coloca entre os objetos cerâmicos para a cozedura do vidro. 4. [Mo] Conjunto do travejamento de cadeiras e mesas; Mesa ou base, geralmente travada, executada propositadamente para apoiar o corpo superior. Pode apresentar ainda diversas formas: ser constituída por gavetas ou gavetões, ser idêntica a uma mesa simples ou a um armário baixo. ¹⁰⁶⁸
--	--

TRÉPANO	[Eq] Objeto metálico com gume de aresta cortante utilizado pelos canteiros e escultores para perfurar o mármore, pedra e outros materiais duros criando zonas de profundidade e efeitos de claro-escuro. ¹⁰⁶⁹
----------------	--

TREVO <i>trèfles [fr]</i>	[Or] Ornamento gótico de três folhas simétricas, muito popular durante o revivalismo do estilo no século XIX (QUEIMADO, 2007, p. 186). Ver TRIFÓLIO.
-------------------------------------	--

TREVO-DE- QUATRO-FOLHAS <i>quatre-feuilles [fr]</i>	[Or] Ornato formado de quatro arcos de círculo imitando o trevo-de-quatro-folhas. Ornato comum no estilo ogival (REAL, 1962, p. 496). Ver QUADRILÓBULO.
---	---

TRIÂNGULO	[Ic] Representa a Santíssima Trindade (pelas suas três partes iguais) (NUNES, 2008, p. 147).
------------------	--

TRIBUNA <i>choir loft [ing]</i> <i>cantoria [it]</i> <i>tribune [fr]</i>	[Ig] Nas igrejas, designa galeria elevada, que é reservada às autoridades e pessoas ilustres que vão assistir às cerimônias religiosas. Muito comum nas igrejas mineiras do período colonial, situa-se, geralmente, acima dos corredores ao longo da nave e capela-mor (DAMASCENO, 1987, p. 45). Palanque. Varanda. Púlpito de onde falam os oradores (NUNES, 2008, p. 147), com abertura em janelas. Pode-se falar, igualmente, em tribuna do coro e tribuna do púlpito (ÁVILA, 1979, p. 90). TRIBUNA DO TRONO – Vão ou abertura ao centro do retábulo, onde fica o trono para exposição de imagem, crucifixo, etc. (ÁVILA, 1979, p. 178). O mesmo que <i>camarim</i> .
--	---

TRIBUNAL DA PENITÊNCIA	[It] Confessionário. Tribunal da consciência (NUNES, 2008, p. 148).
-----------------------------------	---

TRIDIMENSIONAL	[De] Que tem três dimensões. A escultura é tridimensional.
-----------------------	--

TRJETANOLAMINA	[Ma] Fórmula: C ₆ H ₁₅ NO ₃ . Base fraca. É um líquido incolor, translúcido, higroscópico e viscoso. É uma amina produzida a partir da reação do óxido de etileno com amônia. Solúvel em água e álcoois. Muito utilizado na produção de resinas sintéticas e como solvente da caseína, shellac e
-----------------------	---

¹⁰⁶⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁰⁶⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	corantes, uma vez que aumenta a penetração de líquidos orgânicos na madeira e no papel. Também é usado em emulsões com óleos vegetais e minerais, assim como com parafinas e ceras. Em conservação, também é utilizado em misturas de soluções aquosas de modo a regular o pH. Também é aplicado, juntamente com ácidos gordos, de modo a converter ácidos em sais, tornando-se assim a base para muitas técnicas de limpeza. Atua como agente neutralizante e emulsionante na indústria cosmética e farmacêutica (PEIXOTO, 2012, p. 128). Sinonímia: TEA.
--	--

TRIFÓLIO	[Or] Elemento decorativo composto por três folhas estilizadas, dispostas de forma simétrica, sugerindo uma folha de trevo (IMC, 2011, p. 126). Desenho decorativo de uma flor com três pétalas ou de uma folha com três folíolos, por exemplo o trevo. ¹⁰⁷⁰
-----------------	--

TRIGLIFO	[Or] Ornato arquitetônico no friso de Ordem Dórica e que se compõe de três sulcos (ÁVILA, 1979, p. 178).
-----------------	--

TRIGO	[Ic] Na iconografia cristã, é usado como símbolo da Eucaristia (DAMASCENO, 1987, p. 45). [Or] Ornato em forma de espigas de trigo, presente em algumas igrejas, simboliza a Eucaristia ou o pão da Comunhão (ÁVILA, 1979, p. 178).
--------------	--

TRINCHA <i>pennellessa [it]</i>	[Eq] Pincel muito grande com a ponta chata e quadrada, feito com pelos de cerda de porco. ¹⁰⁷¹
---	---

TRINCO	[It] Tranqueta de ferro que mantém a porta fechada e que se levanta com cordão ou aldraba (DAMASCENO, 1987, p. 45).
---------------	---

TRINDADE	[Rg] Designa a existência de um só Deus em três pessoas iguais e distintas. Esse mistério do Cristianismo é revelado nos Evangelhos (NUNES, 2008, p. 148).
-----------------	--

TRÍPTICO <i>triptych [ing]</i> <i>trittico [it]</i> <i>triptyque [fr]</i>	1. [Rb] De origem grega, esta designação refere-se a uma representação retabular realizada em três painéis, podendo os dois painéis laterais (volantes) fechar como portas na frente do painel central (IMC, 2011, p. 112). 2. [Pi] Pintura composta por três partes, um painel e dois volantes, sendo que, usualmente, estes têm a mesma altura e metade da largura do painel central, ao qual estão unidos por dobradiças, permitindo fechá-los sobre o centro, encerrando desta forma o tríptico. Foi uma forma de organização dos retábulos muito usual entre os séculos XIV e XVI, havendo normalmente uma hierarquia entre o painel central muitas vezes com representações de Cristo ou da Virgem e as abas, onde usualmente se representam Santos e, por vezes, doadores. As costas dos volantes, que fica visível quando o tríptico está fechado é por vezes pintado à grisalha,
---	---

¹⁰⁷⁰ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

¹⁰⁷¹ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<p>ou decorado com representações heráldicas de encomendantes ou doadores.¹⁰⁷² Obra de pintura ou de escultura (DAMASCENO, 1987, p. 45).</p>	
<p>TROMPE L'OEIL <i>trompe l'oeil</i> [fr]</p>	<p>[It] Ilusão de ótica. A expressão é usualmente referida com relação à pintura ilusionista (ÁVILA, 1979, p. 178). Imagem cujo efeito visa simular a aparência e o volume de objetos representados no espaço para criar a ilusão de sua presença real (LANGLE; CURIE, 2009, p. 144). O mesmo que <i>pintura ilusionista</i>. Ver PERSPECTIVA (pintura).</p>
<p>TRONO</p>	<p>[Rb] Construção em degraus, espécie de pedestal escalonado, colocado no camarim do retábulo, sobre o qual se assentam imagens, crucifixos e objetos ornamentais, como castiçais e jarras de flores (TRINDADE, 1998, p. 394). Trecho superior do retábulo, situado acima do altar, onde se colocava o Santíssimo Sacramento, e hoje a imagem principal do orago.¹⁰⁷³ Nas igrejas mineiras do século XVIII, o trono apresentado comumente, a forma de cântaro ou de degraus (ÁVILA, 1979, p. 178).</p>
<p>TÚNICA <i>tunicle</i> [ing] <i>tunica</i> [it] <i>tunique</i> [fr]</p>	<p>[In] Veste superior usada pelos subdiáconos, sobre os restantes paramentos, durante a celebração da missa e noutras cerimônias solenes, na procissão ou na bênção do Santíssimo. De tecido precioso, geralmente seda ou com trama dourada ou prateada, forrado e seguindo as cores do tempo litúrgico, é uma túnica idêntica à dalmática usada pelos diáconos, distinguindo-se desta por ser mais curta, com as mangas mais estreitas e compridas, menos ornamentada e desprovida de sebastos (THESAURUS, 2004, p. 176).</p>
<p>TUNICELA <i>tunicella</i> [ing] <i>tunicella</i> [it] <i>tunicelle</i> [fr]</p>	<p>[In] Dalmática simplificada (NUNES, 2008, p. 148).</p>
<p>TURÍBULO <i>censer</i> [ing] <i>turibolo</i> [it] <i>encensoir</i> [fr]</p>	<p>1. [Ig] Do latim <i>thuribulum</i>. Receptáculo em que se queima o incenso e que, balançado com o auxílio de correntes, possibilita espalhar o perfume do incenso pela nave dos templos (IMC, 2011, p. 112). O mesmo que <i>incensório</i>. 2. [Ic] O incenso tem a função de levar a prece aos céus. Associa o homem à divindade, o finito ao infinito, o mortal ao imortal (TRINDADE, 1998, p. 395).</p>
<p>TURIFERÁRIA</p>	<p>[Es] Imagem Turiferária. O termo identifica uma imagem que sustenta um turíbulo que é um objeto litúrgico destinado a difundir e aspergir o fumo do incenso queimado no interior.¹⁰⁷⁴</p>

¹⁰⁷² Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹⁰⁷³ CONJUNTO... 2007, p. 179.

¹⁰⁷⁴ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

TURIFERÁRIO

[Ic] Personagem que leva um queimador de incenso (*thuribulum*) e que na iconografia medieval é aplicada, por exemplo, em certas representações de anjos e em cenas de caráter litúrgico. A palavra deriva da palavra latina *turifer*, que significa "portador de incenso" e, por sua vez, do grego *t (h) us* (incenso) e latim *fero* (levar). Os anjos turíferos são frequentemente representados em contextos presididos por uma imagem de Cristo ou de Maria.¹⁰⁷⁵

¹⁰⁷⁵ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/turiferario>>. Acesso em: 25 jul. 2018.



UCHA	[Mo] Móvel em forma de caixa, arca, baú onde se guardam mantimentos. ¹⁰⁷⁶
ULTRAMAR	Ver AZUL ULTRAMARINO .
ULTRAVIOLETA	[Ou] Radiação invisível, de comprimento de onda muito curto, que no espectro cromático se encontra para além da cor violeta. A maioria dos materiais fotográficos são sensíveis à radiação ultravioleta. ¹⁰⁷⁷ Ver FLUORESCÊNCIA DE ULTRAVIOLETA , FOTOGRAFIA DE FLUORESCÊNCIA DE ULTRAVIOLETA .
UMBELA ou UMBRELA	[Li] Espécie de pálio redondo, em forma de guarda-sol franjado, destinado a cobrir o sacerdote, quando publicamente leva o Viático ou transporta o Santíssimo Sacramento (TRINDADE, 1998, p. 395). Atualmente, está caindo em desuso.
UMBRA	[Ma] Fórmula: $\text{Fe}_2\text{O}_3 \cdot \text{MnO}_2$. Pigmento que em seu estado natural, é conhecido como umbra natural e, quando aquecido, torna-se um marrom mais escuro denominado “umbra queimado”. Era proveniente da região da Úmbria (Itália), embora também fosse minerado em Devon e Cornwall (Inglaterra). As tonalidades mais apreciadas são aquelas provenientes de Chipre. A palavra <i>umbra</i> vem do latim e significa “sombra” (CALZA, 2007, p. 11).
UMBRAL	[It] Ombreira de uma porta (ÁVILA, 1979, p. 93).
UMECTAL	[Ma] Detergente umectante em pasta indicado para umectação de fibras têxteis, produto Mekal®. ¹⁰⁷⁸
UMECTANTE <i>mouillant [fr]</i>	[Ma] Que causa umectação, que umedece. Que dilui. Que tem a propriedade de se espalhar na superfície dos corpos com os quais entra em contato ¹⁰⁷⁹ , e reduz a tensão superficial.

¹⁰⁷⁶ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 230.

¹⁰⁷⁷ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

¹⁰⁷⁸ Disponível em: <https://www.grupomekal.com.br/pt_BR/quimica/produtos/8/306/pasta-umectante-umectal>. Acesso em: 09 out. 2018.

UMERAL

Ver **VÉU UMERAL**.**UMIDADE**

[Cv] Quase todos os objetos são sensíveis à variação da umidade ambiental, por isso é necessário medi-la, controlá-la e estabilizá-la. A umidade relativa é a que interessa conhecer para o controle do ambiente e quando alcança valores extremos pode chegar a alterar principalmente matérias de origem orgânica, favorece a corrosão dos metais, e a proliferação de organismos de degradação. A umidade é considerada como um dos fatores principais de alteração dos bens culturais. Pode provir do ambiente exterior (chuva, rios, lagos, mar e terrenos úmidos) das paredes (goteiras ou tubulações abertas, capilaridade ou ascensão da umidade do terreno através das paredes) ou do interior (a respiração, a limpeza, a condensação e a transpiração do corpo humano). Nos materiais higroscópicos as variações de umidade relativa produzem danos físicos e mecânicos consideráveis.¹⁰⁸⁰ A medição da umidade ambiental é feita através do uso de higrômetros, higrógrafos, psicrômetros e tiras de papéis especiais (SPINELLI JR., 1997, p. 27-28).

UMIDADE ABSOLUTA

[Cv] Massa de vapor de água contido num determinado volume de ar, a uma determinada temperatura.¹⁰⁸¹

*umidità assoluta [it]***UMIDADE ASCENDENTE**

[Cv] Umidade proveniente da água do lençol freático, absorvida por capilaridade pelos materiais da alvenaria.¹⁰⁸²

UMIDADE RELATIVA (UR)*relative humidity [ing]*
umidità relativa [it]

[Cv] É a relação em percentagem (%) entre a quantidade de vapor de água contida no ar (umidade absoluta) e a que existiria se à mesma temperatura o ar estivesse saturado. Em condições teóricas ideais poderia fixar-se o limite mínimo – tomando como referência a resposta dos materiais orgânicos higroscópicos frente às oscilações de umidade relativa no ar. As oscilações bruscas tanto de umidade como de temperatura causam fortes tensões de contração e dilatação. Com uma umidade relativa alta favorece-se o desenvolvimento de microrganismos de degradação.¹⁰⁸³ Umidade relativa recomendada para os diferentes tipos de coleção:

- de 0 a 45% - metal, pedra, cerâmica;
- de 42 a 45% - vidro solúvel;
- de 45 a 55% - fósseis;

¹⁰⁷⁹ Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?site=async/dictw&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=umectante>>. Acesso em: 21 set. 2018.

¹⁰⁸⁰ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.¹⁰⁸¹ GLOSSÁRIO de Restauro (italiano/português). Disponível em:

<<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauro.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

¹⁰⁸² CONJUNTO... 2007, p. 179.¹⁰⁸³ Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

- de 50 a 65% - madeira, papel, têxtil, marfim, couro, pergaminho, pintura;
- 100% - objetos provenientes de escavações úmidas (antes do tratamento) – pedra, mosaico, cerâmica, madeira (ROSENFELD, 1997, p. 117).

É uma das causas de degradação de objetos em madeira, por ser um material higroscópico.

UNCIAL <i>onciale [fr]</i>	[Ou] Dizia-se das letras ou caracteres maiúsculos em que eram escritos os textos eclesiásticos medievais até o século XI (REAL, 1962, p. 504).
UNESCO	[Og] Organização das Nações Unidas para a Ciência, a Educação e a Cultura.
UNHETO	[Eq] Espécie de escopro achatado na ponta e estreito, usado em escultura (REAL, 1962, p. 504).
UNIDADE <i>harmonieux [fr]</i>	[Ap] Diz-se da harmonia de conjunto, da coordenação das partes de uma obra artística (REAL, 1962, p. 504).
UNIDO <i>fondue [fr]</i>	[De] Diz-se de tons, tintas, que se incorporam, se fundem (REAL, 1962, p. 504).
URANORAMA <i>uranorama [fr]</i>	[Ou] Visão do céu, ou exposição do sistema planetário por meio de globo móvel (REAL, 1962, p. 504).
URCEOLADO <i>urcéolé [fr]</i>	[Ar] Diz-se da forma abaulada ao centro, diminuída para a base e alargando na parte superior, de cestas de capitéis (REAL, 1962, p. 505).
URNA <i>urne [fr]</i>	[Ut] Palavra de origem latina (urna). Vaso de diversas formas e tamanhos. Consoante o seu uso ou função, recebe uma designação complementar: CINERÁRIA – Recipiente com tampa e geralmente decorado, destinado a guardar as cinzas de um defunto. DO SANTÍSSIMO – Receptáculo usado para guardar a hóstia consagrada durante a Semana Santa, entre a Quinta-feira Santa até à Ressurreição do Senhor, no Domingo de Páscoa para água – Recipiente com tampa, habitualmente em forma de vaso ou piriforme ¹⁰⁸⁴ , sobre pés altos ou sobre uma base elevada e provido de escalfador, destinado a aquecer a água para o serviço do chá e do café. Tem pequeno bico com torneira posicionado na secção inferior do bojo e geralmente ostenta duas asas simétricas (IMC, 2011, p. 112). Recipiente com tampa, onde se depositavam o cadáver ou as cinzas dos mortos. Vaso ornamental que arremata uma balaustrada (DAMASCENO, 1987, p. 45). URNA DOS PRÉ-SANTIFICADOS – Espécie de pequeno sacrário de madeira ou metal precioso, ricamente ornamentado, em que se encerra o Santíssimo

¹⁰⁸⁴ Que tem forma de pera.

<p>Sacramento durante a adoração de Quinta para a Sexta-Feira Santa (DAMASCENO, 1987, p. 45). URNA FUNERÁRIA – Vaso em forma de compoteira ou de formas facetadas com pé circular que serve para guardar as cinzas dos corpos dos mortos, usada nos arremates de túmulos como decoração, em colunas, obeliscos e outros monumentos funerários. É bastante comum encontrarem-se estas urnas em mármore ou faiança nos cemitérios brasileiros.¹⁰⁸⁵</p>	
<hr/> <p>URÔMELO</p>	<p>[Ic] Monstro cujos membros se reúnem num só, terminando por um pé. <i>Sciapode</i>, no bestário da Idade Média, é um monstro de um só pé, que o usa para se abrigar do sol (REAL, 1962, p. 505).</p>
<hr/> <p>URUCUM ou URUCU <i>achiote. onoto [esp]</i> <i>achiote, annatto [ing]</i> <i>rocou [fr]</i></p>	<p>[Ma] Origina-se do tupi transliterado <i>uru'ku</i>, que significa "vermelho", numa referência à cor dos frutos e sementes¹⁰⁸⁶ da árvore <i>Bixa orellana</i> da família das Bixáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, rica em bixina, de que se fazem corantes, um amarelo e outro avermelhado (o colorau). Corante extraído do grão contido na casca do urucu ou <i>rocouyer</i> que produz um corante amarelo que entra na composição do verniz de douramento e dos <i>vermeils</i> (TEIXEIRA, 1995, p. 85).</p>
<hr/> <p>URUPEMA</p>	<p>[It] Entrançado que serve de vedação em portas, janelas, óculos (de frontão) (REAL, 1962, p. 505).</p>
<hr/> <p>UTENSÍLIOS <i>utensilio [esp]</i> <i>utensils [ing]</i> <i>arnese, strumento,</i> <i>utensile [it]</i> <i>outils [fr]</i></p>	<p>[Eq] Termo utilizado para designar qualquer instrumento de trabalho de que o artista, o artífice ou o artesão faz uso (DAMASCENO, 1987, p. 45). (TEIXEIRA, 1995, p. 85).</p>
<hr/> <p>UVA</p>	<p>[Ic] Fruto que, como o trigo, é empregado como símbolo da Eucaristia, pois fornece o vinho, matéria que, segundo as Sagradas Escrituras, na Última Ceia, Cristo transubstanciou em Seu sangue. [Or] Ornato em forma de cachos de uva, um dos motivos mais usados na talha da 1ª fase do Barroco em MG (ÁVILA, 1979, p. 179).</p>
<hr/> <p>UZIFUR ou UZIFURO</p>	<p>[Ma] Vermelhão composto de enxofre e mercúrio (REAL, 1962, p. 505). O mesmo que cinabre ou cinábrio.</p>

¹⁰⁸⁵ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 231.

¹⁰⁸⁶ Disponível em: <<http://www.naturezabela.com.br/2012/07/urucu-bixa-orellana.html>>. Acesso em: 25 set. 2018.



VALOR ou VALORES

valor [esp]
valore [it]
valeurs [fr]

1. [Pi] Relação entre os graus de intensidade de um mesmo tom, ou de tons vizinhos. Mais explicitamente, chama-se *valor* a quantidade de luz que uma cor ou tom contém, um podendo ser mais intenso que outro (REAL, 1962, p. 507). 2. [Cor] Qualidade de uma cor que é expressa de claro a escuro (ou sombra) passando por uma média (LANGLE; CURIE, 2009, p. 45). Ver CLARO-ESCURO.

VALOR ARTÍSTICO

valeur artistique [fr]

[Ap] O mérito de uma obra de arte (REAL, 1962, p. 507).

VALOR PATRIMONIAL

heritage value [ing]

[Pa] Valor arquitetônico, cultural e/ou histórico pertencente a um edifício ou a um sítio. O valor patrimonial pode ter diferentes definições e importâncias de cultura para cultura (CARTA do ICOMOS, 2003, p. 21).

VALORIZAÇÃO

valoración [esp]
valutazione [it]

[Ou] Conjunto de ações que interessam a um monumento, um conjunto monumental, um objeto de arte, uma paisagem, que visem tornar perceptíveis suas qualidades sem modificá-lo.¹⁰⁸⁷

VANDALISMO

vandalismo [esp]

[Ge] Ação própria dos vândalos, que consiste em atacar produzindo ruína, devastação, destruição. [Dt] Por extensão, ato ou efeito de produzir estrago ou destruição de monumentos ou quaisquer bens públicos ou particulares, de atacar coisas belas ou valiosas, com o propósito de arruiná-las.¹⁰⁸⁸

VÂNITAS

vanité [fr]

[Ic] Representação alegórica ou simbólica da morte, passagem do tempo e a futilidade das atividades humanas. Obviamente, tem uma dimensão moral e religiosa: crânios, flores cortadas ou animais mortos, são *memento mori*¹⁰⁸⁹. São exemplos: couraças, vidas, alegorias dos cinco sentidos, tabuleiros de xadrez, taças de vinho, instrumentos musicais, evocando respeitosamente a inevitabilidade das guerras, a inutilidade do pensamento, as aparências ilusórias da natureza, a ilusão do jogo, os prazeres efêmeros (LANGLE; CURIE, 2009, p. 97).

¹⁰⁸⁷ MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. Glossário básico sobre Patrimônio Cultural.

¹⁰⁸⁸ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio#dobs=vandalismo>>. Acesso em: 15 out. 2018.

¹⁰⁸⁹ *Memento mori* é uma expressão latina que significa algo como "lembre-se de que você é mortal", "lembre-se de que você vai morrer" ou traduzido ao pé-da-letra, "lembre-se da morte" (LANGLE; CURIE, 2009, p. 97).

VAPONA	[Ma] Fórmula: $(\text{CH}_3\text{O})_2 \text{POOCH}=\text{C}=\text{I}$. Inseticida. Organofosforado. Líquido âmbar. Degrada rapidamente no ar. Produto a base de fosfato de 0,0 dimetil – 2,2 – diclorovinila. Solúvel em água, álcool e glicerina. Miscível com hidrocarbonetos aromáticos e clorados. Tóxico e inflamável. Utilizado como desinfetante de documentos encadernados ou não, obras de arte sobre madeira e têxteis. Usado nas partes aéreas em culturas de hortaliças, legumes, citros, frutos e plantas ornamentais. Sinonímia: Diclorvós, Nuvan, DDVP, Nogos, Dede vap (ABRACOR, 2011, p. 281).
VAPOR D'ÁGUA	[Qm] Gás capaz de liquefazer-se por compressão isotérmica, ou resultado da evaporação da água (SPINELLI JR, 1997, p. 78).
VARA	[Mt] Antiga medida de comprimento equivalente a 1,10 m pela medição do padrão em depósito, na Câmara de Thomar, dada por D. Sebastião. Na Bahia e no Rio de Janeiro parece ter sido uma medida equivalente a 1,087 m (ÁVILA, 1979, p. 213).
VARA CASTELHANA	[Mt] Medida de comprimento equivalente a 84,8 centímetros. O padrão depositado em Burgos era igual a 83,5 centímetros. Buenos Aires, Montevidéu e outros pontos da América Hispânica, em contato com o Brasil, utilizavam um padrão de 84,796 centímetros (ÁVILA, 1979, p. 213).
VARA CRUCÍFERA	[Ab] Atributo de São Pedro Nolasco (1179-1256) (OLIVEIRA; SANTOS Fº, 2010, p. 187).
VARA DE IRMANDADE ou VARA DE CONFRARIA	[Rg] Haste cilíndrica, fina, alongada, geralmente dividida em gomos por anéis, à maneira de uma cana, com ponta torneada ou em botão, tendo na parte superior um emblema, brasão ou imagem de santo, que era levada pelos juízes ministros, presidentes ou provedores de Irmandades e Ordens Terceiras nas procissões e cerimônias públicas, indicando a dignidade do dirigente da corporação. A vara deriva do ramo que os juízes do antigo povo Hebreu usavam como símbolo de dignidade, passando depois aos dignatários da justiça e vereadores, assim como aos dirigentes das corporações religiosas. Havia ainda no período colonial as varas de vereadores, geralmente de madeira com douramento e as armas de Portugal na ponta. As varas de irmandade eram quase sempre em prata, algumas poucas de madeira. ¹⁰⁹⁰
VARA DE LINHO	[Mt] Metragem equivalente a 1,1m (metro) do tecido de linho (NUNES, 2008, p. 153).
VARA DE PÁLIO	[Li] Pequena haste, geralmente de prata ou madeira, que se prende ao

¹⁰⁹⁰ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 231.

	pálio para transportá-lo nos rituais religiosos em que vai o Santíssimo Sacramento (TRINDADE, 1998, p. 395). Suporte vertical comprido, geralmente em número de quatro. Esse dossel de pano portátil é seguro por quatro pessoas, sendo utilizado em procissões ou cerimônias ao ar livre, protegendo do sol a custódia e o sacerdote que a transporta (IMC, 2011, p. 113). As de madeira, lisa ou com douramento, podem apresentar ponteiras entalhadas em pinha ou capitel com castão e argola de prata para prender o pano: ou toda em prata gravada ou estampada com motivos da época, sempre divididas em gomos por anéis. ¹⁰⁹¹
VARAL	[Mo] Peça de suporte do sobrecéu ou dossel na guarnição de camas antigas de mais rico acabamento (ÁVILA, 1979, p. 180).
VARETA	[Ou] Pequena vara servindo de arremate em molduras, em caixilhos, etc. (REAL, 1962, p. 508).
VARGUENHO <i>vargueño [esp]</i>	[Mo] Móvel espanhol muito usado nos séculos XVI e XVII, fabricado na vila de Vargas, perto de Toledo. É uma espécie de cofre decorado em suas faces externas que abrem para baixo, as pernas são torsas, ligadas por traves horizontais também trabalhadas. Seu interior é dividido por escaninhos e pequenas gavetas (REAL, 1962, p. 508).
VARIEGADO <i>bigarré [fr]</i>	[Cor] De várias cores: matizado; versicolor (REAL, 1962, p. 508).
VASO <i>vase [fr]</i>	1. [Ut] Peça decorativa, motivo de ornamentação em forma de vaso. 2. [Ar] Também chamado de cesta, o corpo côncavo do capitel coríntio ou compósito, sobre o qual parecem aplicadas as folhas e volutas. VASO DE COROAMENTO – Vaso ornamental colocado na extremidade de um frontão sobre pilastras, balaustradas, etc. (REAL, 1962, p. 508-509).
VAR SOL™	[Ma] Solvente orgânico. Líquido. Produto de destilação do petróleo, por vezes chamado de éter de petróleo. Muito inflamável, moderadamente tóxico. Utilizado como diluente de pinturas e vernizes, desengraxante e na limpeza. Em soluções, na remoção de vernizes e repinturas. Limpeza de policromia. Sinómia: Aguarrás mineral (ABRACOR, 2011, p. 127).
VAZADO <i>ajouré, repercé [fr]</i>	[Tc] Recortado de maneira a ter vãos abertos (REAL, 1962, p. 509).
VAZAR <i>vaciar, excavar [esp]</i> <i>to hollow [ing]</i> <i>scavare, incavare [it]</i> <i>creuser [fr]</i>	[Tc] Cavar a parte interna da madeira, tornando-a oca (TEIXEIRA, 1995, p. 86).

¹⁰⁹¹ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 231.

<p>VEÍCULO <i>vehiculo [esp]</i> <i>vehicle [ing]</i> <i>veicolo [it]</i> <i>véhicule [fr]</i></p>	<p>[Ma] Substância em que se misturam os pigmentos, quando do preparo das tintas. Dependendo da substância ou aglutinante utilizado, determina-se o tipo de pintura e a técnica (TEIXEIRA, 1995, p. 86). Líquido utilizado como transporte de pigmentos numa tinta; o termo é intercambiável com “medium”, mas talvez seja mais apropriadamente aplicada ao líquido usado como ingrediente na manufatura de que a um líquido adicionado durante o procedimento da pintura (MAYER, 1996, p. 712).</p>
<p>VEIOS <i>vena [esp]</i> <i>grain [ing]</i> <i>vena [it]</i> <i>veine [fr]</i></p>	<p>1. [Md] As linhas que se encontram no tronco da madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 86). Mancha alongada transversal e estreita, de cor diferente da cor de fundo; estria. Ocorre em algumas madeiras, embelezando-as. Nas madeiras em que há contraste entre os anéis de lenho inicial e os de lenho tardio, estes se apresentam em faixas mais escuras. No linguajar dos carpinteiros, confundem-se com a grã (GONZAGA, 2006, p. 238). 2. [Pe] Riscos de cores variadas que caracterizam os mármore (REAL, 1962, p. 509).</p>
<p>VELA</p>	<p>[Ou] Rolo cilíndrico de cera, sebo ou estearina, com uma torcida ou pavio ao centro e que serve para dar luz. VELA MARIA – A vela mais alta do candelabro triangular que se usa nos ofícios da Semana Santa (NUNES, 2008, p. 153).</p>
<p>VELADA <i>glacé [fr]</i></p>	<p>1. [Tc] Termo dado à superfície coberta com verniz ou uma camada fina e transparente de pintura (TEIXEIRA, 1995, p. 86). Com veladura. 2. [Rg] Imagens de santos e crucifixos são velados no período da quaresma, isto é, cobertos por um tecido. VELAR – Cobrir; cobrir com véu; esconder; ocultar.</p>
<p>VELADURA ou VELATURA <i>veladura [esp]</i> <i>glaze [ing]</i> <i>velatura [it]</i> <i>glacis [fr]</i></p>	<p>1. [Pi] Técnica pictórica em que se utilizam uma ou várias camadas de cor com transparência e fluidez, até que se conseguir a tonalidade desejada (NEVES, 2013, p. 97-98). 2. [Po] É executada sobre a camada de pintura já seca ou sobre folhas de ouro ou de prata, modificando a sua cor ou luminosidade (FÉLIX, 2013, p. 105), e assim conferindo efeitos interessantes em asas de querubins, avessos de mangas e mantos, sapatos, ou atributos de santos, traz também a imitação de pedras preciosas ou de têxteis suntuosos, a aplicação de veladuras específicas sobre folhas metálicas trata-se de um recurso usado pelo policromador para dar um efeito metalizado, bem como à prata a aparência do ouro (ver DOURADURA). Pode ser aplicada sobre a mesma cor, ou em cores diferentes, tornando-as mais ricas de nuances. Pode ser observada em análise de corte estratigráfico de amostras colhidas na camada pictórica. Camada de pintura mais rica em aglutinante do que em pigmento que se sobrepõe a outras camadas para conseguir o tom desejado com transparência (QUEIMADO, 2007, p. 186). Diferente de outras técnicas pictóricas, a veladura torna possível alcançar sombras mais profundas e mais escuras, luzes mais intensas e uma grande variedade de tonalidades (KROUSTALLIS, 2015, p. 371). As veladuras são parte da obra e</p>

	<p>sempre devem ser conservadas. Em tratamentos de limpeza podem ser, facilmente, removidas, já que seus elementos constitutivos são muitas vezes similares aos vernizes, portanto é muito importante determinar sua existência e a área onde se encontra. Sua eliminação é irreversível (CALVO, 1997, p. 229). VELATURAS (TRANSPARENTES) APLICADAS SOBRE MATERIAL ORIGINAL – [Re] Usada para unificar áreas desgastadas que perderam coerência visual (geralmente, aquelas que não necessitam de nivelamento). O material original permanece visível através da fina camada de tinta. A veladura ou “atenuantes” podem também ser feitos para reduzir a proeminência de adições historicamente significativas. Embora tecnicamente em contradição com a proibição contra a interferência no material original, usada com moderação, a veladura encontra alguma aceitação. Da mesma forma, craquelês podem ser atenuados, mas não completamente extintos.¹⁰⁹²</p>
<p>VELINO <i>vélin [fr]</i></p>	<p>[Ma] Pergaminho fino feito de pele de vitela convenientemente preparada e usado em manuscritos e miniaturas. Posteriormente, recebeu a mesma designação uma qualidade de papel branco e consistente (REAL, 1962, p. 510). Papel utilizado como interface de ouro em fitas (de uma polegada) e tiras de pergaminho, para dar elasticidade, que o bate-folhas necessita na feitura das folhas de ouro.</p>
<p>VELEIRO OU VELEIRA</p>	<p>[Rg] Criado ou criada de frades e freiras para serviço fora do convento (NUNES, 2008, p. 153).</p>
<p>VENEZIANA</p>	<p>[It] Folha de janela e porta com palhetas inclinadas, deixando entre si, espaços para ventilação (ÁVILA, 1979, p. 95).</p>
<p>VENTRE <i>galbé [fr]</i></p>	<p>[Ar] Grossura do primeiro terço da coluna (REAL, 1962, p. 510).</p>
<p>VERA-EFÍGIE</p>	<p>[Ap] Retrato fiel; cópia exata (REAL, 1962, p. 510).</p>
<p>VERDACHO <i>verdaccio [it]</i> <i>verdâtre [fr]</i></p>	<p>[Ma] Pigmento. Terra verde - cor verde-castanho, do italiano <i>verdaccio</i>, à base de argila, usado na Idade Média em pinturas a têmpera para dar as sombras às carnações como uma camada subjacente. Também foi usado para desenhos preparatórios em afrescos, madeira ou em tela (CALVO, 1997, p. 229).</p>
<p>VERDE <i>vert [fr]</i></p>	<p>[Cor] Cor resultante da mistura do azul com o amarelo (REAL, 1962, p. 510).</p>
<p>VERDE DE COBALTO</p>	<p>[Ma] Fórmula: $\text{CoO} + 2\text{ZnO}$. Pigmento mineral sintético (mistura de óxido de cobalto e óxido de zinco) fabricado em 1780 pelo químico</p>

¹⁰⁹² Disponível em: <<http://www.ateliearterestauracao.com.br/a-conservacao-restauracao-de-pinturas-a-opcao-pela-reintegracao-cromatica-tecnicas-e-evolucao/>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

<i>verde de cobalto [esp]</i> <i>vert [fr]</i>	sueco Sven Rinmann e comercializado em meados do século XIX. É estável e inerte e pode ser usado em todas as técnicas pictóricas; no entanto, é muito pouco usado devido ao seu baixo poder de cobertura e custo. ¹⁰⁹³ Cor verde-azulado, é estável e inerte (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 66).
VERDE DE ÓXIDO DE CROMO <i>verde de cromo [esp]</i> <i>chromium oxide</i> <i>green [ing]</i>	[Ma] Pigmento obtido por Vauquelin com a torrefação do mineral natural, a crocoíta. ¹⁰⁹⁴ O nome verde do cromo é usado para atribuir dois pigmentos minerais sintéticos. O primeiro é uma mistura de amarelo de cromo e azul da Prússia. Fórmula: $\text{Fe}_4[(\text{Fe}(\text{CN})_6)_3 + \text{PbCrO}_4]$. Usado desde o início do século XIX, embora seu uso não seja altamente recomendado devido à sua instabilidade química. O segundo é um óxido de cromo anidro (Cr_2O_3), verde oliva, opaco e muito estável. Ele foi descoberto no início do século XIX, mas o teve seu uso como um pigmento iniciado a partir de 1862. Embora seja adequado a toda técnica pictórica, não foi amplamente usado (devido ao seu tom sem brilho), exceto em afresco. ¹⁰⁹⁵
VERDE DE SCHEELE <i>verde de Scheele [esp]</i> <i>vert [fr]</i>	[Ma] Fórmula: CuHAsO_3 . Pigmento mineral sintético. É um arseniato “ácido de cobre”, cuja estrutura e composição são muito complexas. Foi o primeiro dos pigmentos verdes artificiais e foi preparado em 1778 pelo químico Scheele. Era muito popular, a princípio, entre os artistas, pois era um dos poucos bons pigmentos verdes, embora logo deixasse de ser utilizado, devido à sua instabilidade e toxicidade. ¹⁰⁹⁶
VERDE ESMERALDA <i>verde esmeralda [esp]</i> <i>vert [fr]</i>	[Ma] Fórmula: $\text{Cu}(\text{CH}_3\text{COO})_2 \cdot 3\text{Cu}(\text{AsO}_2)_2$. Pigmento artificial sintético inorgânico (acetato e arseniato de cobre) preparado e comercializado pela primeira vez em Schweinfurt (Alemanha) em 1814. É um pigmento muito brilhante (o mais brilhante dos verdes) azul-esverdeado com bom poder de cobertura. No entanto, não é estável em atmosferas sulfurosas (enegrece) e é muito tóxico, venenoso. Foi usado principalmente no século XIX, especialmente pelos impressionistas e pós-impressionistas. Este pigmento era conhecido e comercializado sob vários nomes como: verde veridiana, verde Paris (inseticida), verde Veronese, verde de Schweinfurt. ¹⁰⁹⁷
VERDE VERDITER <i>verde verditer [esp]</i>	[Ma] Pigmento sintético verde (carbonato de cobre hidratado) cuja composição é quimicamente idêntica à do pigmento mineral natural

¹⁰⁹³ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1030580>>. Acesso em: 16 out. 2018.

¹⁰⁹⁴ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/en/chromium-oxide-green>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

¹⁰⁹⁵ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1001111>>. Acesso em: 16 out. 2018.

¹⁰⁹⁶ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1181656>>. Acesso em: 16 out. 2018.

¹⁰⁹⁷ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1030579>>. Acesso em: 16 out. 2018.

<i>vert</i> [fr]	malaquita. Sua fabricação se dá a partir do século XV e foi obtida pela mistura de sulfato de cobre com carbonato de cálcio, carbonato de potássio ou cal. Ele tem sido usado como um pigmento verde para pintura afresco (especialmente em templos ortodoxos russos), substituindo o uso de malaquita natural. ¹⁰⁹⁸ Ver MALAQUITA.
VERDEGRIS ou VERDETE <i>verdigrís</i> [esp] <i>vert-de-gris</i> [fr]	[Ma] Fórmula: $\text{Cu}(\text{CH}_3\text{COO})_2 \cdot 2\text{Cu}(\text{OH})_2$. Pigmento artificial, verde brilhante, resultante da ação do ácido acético sobre o cobre (LANGLE; CURIE, 2009, p. 913). Pigmento mineral sintético (acetato básico de cobre), obtido do resultado da corrosão verde resultante da exposição de folhas de cobre a vapores de ácido acético. Foi preparado e utilizado desde a Antiguidade até o século XIX. É um dos pigmentos verdes mais instáveis, pois é facilmente alterado por agentes atmosféricos (perde cor ou escurece), pelo calor e por estar em contato com pigmentos contendo enxofre. Verdigris foi usado em todas as técnicas pictóricas, exceto no afresco por sua incompatibilidade com a cal. Foi amplamente utilizado em toda a Idade Média nos manuscritos em miniatura e a partir do século XV na pintura a óleo sobre madeira, especialmente em Flandres e na Itália. O verdegris também foi muito apreciado como secante para pintura a óleo. ¹⁰⁹⁹ Designação vulgar do acetato de cobre; tinta de azebre (REAL, 1962, p. 510). Sua cor é verde-azulado pouco intenso. VERDEGRIS PARA VELADURAS – Também chamado “Van Eyck green”, é um resinato de cobre obtido por dissolução quente de um sal de cobre (em muitos casos, o mesmo verdegris) em uma resina natural (colofônia ou terebintina). Origem sintética. Usado desde o século VIII até meados do século XVI. Cor: verde intenso, transparente e homogêneo. É muito fotossensível, e a luz o deixa escurecido. É um fenômeno que pode ser observado em muitas pinturas a óleo. Empregado, principalmente para veladuras. Também foi usado, misturado com pigmentos brancos, para preparações, imprimaturas, etc. (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 62-63).
VERGA <i>linteau</i> [fr]	[Ar] Peça de madeira, pedra ou ferro que assenta horizontalmente sobre as ombreiras das portas e janelas (REAL, 1962, p. 510).
VERGÔNTEA <i>rinceau</i> [fr]	[Or] Ornamento em forma de haste e ramos de árvores (REAL, 1962, p. 510). O mesmo que ramagens e folhagens.
VERMEIL <i>vermeil</i> [fr]	[Ma] Termo francês adotado para designar um vermelho aplicado sobre prata (REAL, 1962, p. 511). Ver PRATA SOBRE DOURADA . Desde a Idade Média até o século XVIII, o glaciais foi amplamente utilizado sobre as folhas metálicas, especialmente em molduras e em esculturas policromadas, para imitar ouro “ouro falso”, sendo o glaciais <i>vermeil</i> aplicado sobre a folha de prata ou de estanho (LANGLE; CURIE, 2009,

¹⁰⁹⁸ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1188634>>. Acesso em: 16 out. 2018.

¹⁰⁹⁹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1016546>>. Acesso em: 16 out. 2018.

p. 741). Tratava-se de uma massa feita de goma-guta, vermelhão, com a qual se dá brilho ao dourado (folha de ouro). Também se pode fazer com uma parte de sangue de dragão, archiote, goma-guta, açafrao e cinzas, fervendo-se tudo em água e peneirando. Quando se emprega água de goma arábica, deve compor-se de 125 gramas de goma dissolvida em um litro de água. Este processo dá um tom muito semelhante ao do ouro em pó (SILVA, 1900, p. 12).

VERMELHÃO

bermellón,
cinabrio [esp]
vermilion [ing]
vermiglione,
cinabro [it]
vermillon, cinabre [fr]

[Ma] Fórmula: HgS. Pigmento sintético, usado como substituto do pigmento natural mineral cinábrio. A invenção de sua preparação remonta à prática alquímica na Alexandria helenística. A partir do século VIII sua fabricação se espalhou na Europa Ocidental e tem sido usada em todas as técnicas pictóricas desde então, devido ao seu baixo custo comparado ao cinábrio natural. O pigmento vermelho foi também preparado a partir do minério de cinábrio, misturando-o e calcinando-o com enxofre, um método muito comum nas minas de Almadén desde o século XVI. O termo "vermelhão" vem do latim *vermiculum*, isto é, pequeno verme, já que foi usado para designar o corante animal quermes ou kermes. Na Alta Idade Média, o termo começou a ser aplicado à variedade artificial de cinábrio e, progressivamente, acabou designando apenas esse pigmento.¹¹⁰⁰ Cor: vermelho brilhante com elevado poder de cobertura. É resistente, porém quando exposto diretamente à luz solar, pode escurecer, sobretudo em têmpera. É bastante inerte e compatível com todos os pigmentos. Empregado em todas as técnicas (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 75). O mesmo de CINABRE.

VERMELHO

rouge [fr]

[Cor] Cor primária (REAL, 1962, p. 511).

VERMELHO DE CHUMBO

Ver **MÍNIO**.

VERMICULADO

vermiculé [fr]

[Or] Ornamentos sinuosos que simulam o rasto ou galerias abertas de pequenos vermes (IMC, 2011, p. 127). O mesmo que vermiculura.

VERNISSAGE

vernissage [fr]

[Ap] Termo francês usado para designar o dia que precede ao da inauguração de uma mostra de arte, no qual os artistas se reúnem para retocar seus trabalhos, envernizar as telas, reparar os gessos (REAL, 1962, p. 511).

VERNIZ

barniz [esp]
varnish [ing]
vernice [it]
vernis [fr]

[Ma] Substância líquida volátil, incolor ou colorida, que é aplicada à superfície de um objeto e que, quando seca, forma um filme mais ou menos fino, brilhante e flexível. O verniz fornece uma camada de proteção contra agentes atmosféricos e, no caso de filmes pictóricos, também aumenta o brilho e a intensidade das cores. Tradicionalmente, os

¹¹⁰⁰ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1105835>>. Acesso em: 16 out. 2018.

vernizes eram preparados a partir de óleos e de resinas vegetais e classificados em vernizes gordos ou graxos (derivados de óleos cozidos ou espessados ao sol, por vezes, misturados com resinas) e vernizes resinosos (resinas dissolvidas em solventes voláteis). Atualmente, algumas resinas sintéticas e, especialmente, acrílicas também são usadas como vernizes devido à sua boa reversibilidade.¹¹⁰¹ Um verniz é caracterizado por sua transparência, flexibilidade, espalhabilidade e brilho (TEIXEIRA, 1995, p. 86). Pode ser um revestimento final, aplicado na superfície de uma obra. Tem uma dupla funcionalidade: fornece uma superfície uniforme para refletir a luz (brilhante, acetinada ou mate) e atua como um protetor. Com o passar do tempo, ele oxida e adquire uma cor amarela.¹¹⁰² Basicamente um verniz é composto de duas partes: uma não volátil (resina natural ou sintética) e outra volátil (um solvente), podendo conter também aditivos, plastificantes, etc. Em geral, a resina e o solvente formam uma solução com propriedades que se adaptam a superfície pictórica. A evaporação gradual do solvente produz um filme uniforme e aderente. O solvente deve possuir características tais que não dissolva o aglutinante da pintura e ter um grau de volatilidade que possa evaporar em curto espaço de tempo (CALVO, 1997, p. 36). Os vernizes produzidos e utilizados até os nossos dias distinguem-se principalmente segundo a sua composição:

- vernizes de óleos (óleos secantes ou óleos secantes com secativos);
- vernizes de elemi (óleos secantes com resina);
- vernizes de clara de ovo (clara de ovo diluída em água);
- vernizes de resinas suaves ou essências de resina (resinas naturais diluídas em essências ou destilados de petróleo);
- vernizes de álcool (resinas naturais, por exemplo goma laca, diluídas em álcool);
- vernizes de cera e cera-resina (ceras diluídas em destilados de petróleo ou vernizes de resinas suaves);
- vernizes de resinas sintéticas (resinas sintéticas diluídas em destilados de petróleo ou solventes polares). Para além destes vernizes existem muitos outros (QUEIMADO, 2007, p. 147).

VERNIZ (aplicação)

[Po] O verniz pode ser aplicado sobre uma superfície, com a utilização de pincel, boneca ou pistola de ar comprimido, podendo a peça estar em posição vertical ou horizontal. Depois da evaporação do solvente, e ao secar, é formada uma película fina, transparente e flexível, transforma-se em camada de proteção e é esta a camada mais exterior da obra de arte. A camada de verniz tem duas funções:

- Estética: serve para intensificar o efeito óptico da camada pictórica, e pode proporcionar aspecto lustroso; e

¹¹⁰¹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1005202>>. Acesso em: 07 out. 2018.

¹¹⁰² Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/barniz>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

- **Proteção:** para proteger dos efeitos climatéricos, dos contaminantes (agentes químicos e biológicos do ambiente), da sujeira e contra a ação fotoquímica da luz visível, radiações ultravioletas, etc.

O aspecto de uma obra de arte em madeira policromada depende fortemente do efeito de profundidade e do brilho do verniz. O brilho do verniz depende do tipo de verniz utilizado, da rugosidade da superfície, tipo de aplicação e espessura da camada aplicada. Dependendo da peça em intervenção e tendo em conta as técnicas e materiais utilizados, há a necessidade de fazer a escolha adequada a cada caso de forma a minimizar os efeitos secundários que possam provir da sua aplicação. Se os vernizes polimerizarem ou se tiverem um efeito de retração muito elevado durante a evaporação do solvente, poderão criar craquelês de secagem porque irão "arrastar" consigo as camadas cromáticas, criando defeitos irreversíveis. Os vernizes são substituídos muitas vezes por acabamentos com cera virgem incolor ou cera microcristalina diluída em *white spirit* (QUEIMADO, 2007, p. 148).

VERNIZ (danos)

*défauts et altérations
du vernis [fr]*

[Dt] A durabilidade de uma obra de arte está intimamente ligada a dois fatores: qualidade dos materiais constituintes e características ambientais do local onde a obra está exposta. O verniz se degrada por diversos motivos. Os principais fatores que influenciam na degradação do verniz são: a variação de temperatura e umidade sobre a superfície do filme causando o estresse mecânico; a deposição de materiais contaminantes, reações fotoquímicas, reações de oxidação, etc. (CALVO, 1997, p. 36-37). Os defeitos de um verniz são inerentes à escolha de materiais e à técnica de sua aplicação. Alterações são os efeitos normais da passagem do tempo ou são devidos a acidentes (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1038). Alguns exemplos de danos são: perda de transparência; craquelês de verniz; perda de aderência e de coesão do verniz; perda do verniz; variação de cor.

- **Verniz amarelecido** - A maior parte dos polímeros, tanto naturais quanto artificiais, tende a adquirir com o envelhecimento, tonalidades que variam do amarelado ao amarelo-pardo ou cinzento, e acabam modificando profundamente o aspecto original da obra. O processo de amarelecimento dos vernizes é, em muitos casos, de natureza fotoquímica. Por essa razão, os vernizes devem ser substituídos depois de um período de tempo longo (MATTEINI; MOLES, 2001, p. 263).
- **Verniz oxidado** – Quando a superfície da pintura apresenta escurecimento ou amarelecimento causado pela oxidação da camada pictórica por sujidades ou verniz escurecido.¹¹⁰³ O verniz pode sofrer uma oxidação, ou seja, um escurecimento provocado pelo tempo, o que é da natureza das resinas. As resinas naturais

¹¹⁰³ Disponível em: <http://www.maurobandeira.com/restauro/sobre_r.html>. Acesso em: 12 set. 2017.

já apresentam um amarelecimento natural, e é acentuado pela ação do meio ambiente, luz excessiva, calor, poeira etc.¹¹⁰⁴

VERNIZ (conservação e restauração)

[Re] – As camadas de proteção utilizadas na conservação e restauro, idealmente deverão ser transparentes e incolores em longo prazo, possuir e manter uma elasticidade estável, representando uma proteção para as superfícies pictóricas. Deve ser de fácil remoção ao envelhecer com um solvente fraco, de preferência não polar (QUEIMADO, 2007, p. 147). A resina de damar, por exemplo, de origem vegetal, foi largamente utilizada por restauradores por ter um índice de refração semelhante ao da tinta óleo. O Paraloid B-72® foi descoberto nos anos 50 e apresenta um índice de refração menor. É muito utilizado nos dias de hoje, é resistente à ação do tempo, não apresentando o mesmo processo de amarelecimento dos vernizes de origem natural. Existem vários tipos de vernizes com especificidades químicas bastante diferentes, com características estéticas diferenciadas, brilhantes e foscos. O importante é serem compatíveis com os materiais que foram usados na obra, e possuírem qualidades técnicas como: ser removível, ser estável, não apresentar alto nível de contração com o tempo, não amarelecer, possuir poder de penetração sem danificar a obra.¹¹⁰⁵

- **Verniz de acabamento ou verniz final** – Trata-se de uma camada final de verniz aplicada com a finalidade de proteger a pintura e produzir um acabamento uniforme desejável. De acordo com o comitê de restauração¹¹⁰⁶ em Roma, foram estabelecidas as seguintes especificações ideais para um verniz final:
 1. deve proteger a pintura das impurezas atmosféricas;
 2. sua coesão e elasticidade devem ser tais que permitam mudanças normais nas condições atmosféricas e de temperatura;
 3. deve manter a elasticidade da película de tintas sob o verniz;
 4. deve ser transparente e incolor; deve possuir viscosidade certa para ser aplicado em camadas muito finas;
 5. não deve ser facilmente removível; não deve ser brilhante (MAYER, 1996, p. 235).
- **Verniz de interface** – Quando o verniz antigo foi removido e existem zonas de reintegração cromática, há a necessidade de aplicar um verniz de interface, de modo a que se consiga avaliar numa primeira fase a leitura do todo, retificar as reintegrações cromáticas, se necessário, e só depois se poderá aplicar o verniz final (QUEIMADO, 2007, p. 148).

¹¹⁰⁴ Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

¹¹⁰⁵ Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

¹¹⁰⁶ Conferência Internacional para o Estudo de Métodos Científicos para Exame e Preservação de Trabalhos de Arte, Roma, outubro de 1930.

- **Verniz (limpeza e remoção)** – Tendo em vista os perigos inerentes aos procedimentos frequentes de limpeza e remoção de vernizes, há muito tempo existe interesse em materiais mais estáveis que mantenham a transparência e continuem solúveis em solventes de baixa polaridade a fim de que a sua remoção prejudique o mínimo possível as camadas subjacentes (SERRATE, 2011, p. 21-23).
- **Verniz de proteção – verniz final ou de acabamento.**
- **Verniz de saturação** – Denominação de um verniz cuja função é saturar as cores da camada pictórica existente e permitir a aplicação de uma nova camada pictórica nas áreas de perdas (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1037).

VERNIZ AMARELO <i>verniz l'or [fr]</i>	<p>[Tc] Verniz aplicado sobre a folha de prata pra dar aparência de ouro. É também chamado de verniz de douramento. Existem dois tipos de verniz amarelo: um com álcool e outro com óleo (TEIXEIRA, 1995, p. 87).</p>
VERNIZ DE ÂMBAR <i>barniz de âmbar [esp]</i>	<p>[Ma] Verniz graxo elaborado a partir do âmbar parcialmente dissolvido em óleo quente. É um verniz escuro, muito duro e de secagem muito lenta. Parece que nunca foi usado como um verniz final, mas fez parte como um aditivo para outros meios e vernizes.¹¹⁰⁷</p>
VERNIZ DE BENJOIM <i>barniz de benjuí [esp]</i>	<p>[Ma] Verniz feito a partir da resina de benjoim dissolvida em álcool. É utilizado, acima de tudo, como um plastificante de vernizes de álcool.¹¹⁰⁸</p>
VERNIZ DE COLOFÔNIA (BREU) <i>barniz de colofonia [esp]</i>	<p>[Ma] Verniz elaborado a partir da resina de colofônia (breu) dissolvida, principalmente, em essência de terebintina. Foi usado ocasionalmente como um verniz, porque o filme formado descolore rapidamente, tornando-se frágil e opaco pela ação da umidade.¹¹⁰⁹</p>
VERNIZ DE COPAL <i>barniz de copal [esp]</i>	<p>[Ma] Verniz elaborado a partir do diferentes tipos de copal dissolvidos em óleos quentes (copal fóssil duro) e em álcool (copal macio, como copal de Manila). Foi pouco usado como verniz de pintura.¹¹¹⁰ Verniz oleorresinoso. Os melhores tipos de copal são caros, exigem manipulação mais especializada, e provavelmente nunca se encontrarão entre os vernizes artísticos. Estes vernizes sempre escurecerão e tendem a rachar com o tempo (MAYER, 1996, p. 250).</p>

¹¹⁰⁷ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.me.cd.es/tesauros/materias/1172777>>. Acesso em: 17 out. 2018.

¹¹⁰⁸ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.me.cd.es/tesauros/materias/1172725>>. Acesso em: 17 out. 2018.

¹¹⁰⁹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.me.cd.es/tesauros/materias/1172784>>. Acesso em: 17 out. 2018.

¹¹¹⁰ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.me.cd.es/tesauros/materias/1172719>>. Acesso em: 17 out. 2018.

VERNIZ DE DAMAR <i>barniz de damar [esp]</i>	[Ma] Verniz feito da resina damar dissolvida, principalmente, em essência de terebintina e hidrocarbonetos aromáticos. É um dos vernizes mais utilizados em técnicas de pintura por ser compatível com outras resinas e óleos, devido à boa adesividade e reversibilidade e boa capacidade de proteção contra a umidade. Sua única desvantagem é a tendência a formar um filme ligeiramente pegajoso. ¹¹¹¹
VERNIZ DE ELEMÍ <i>barniz de elemí [esp]</i>	[Ma] Verniz elaborado a partir da resina elemi dissolvida, principalmente em essência de terebintina e álcool. Tem sido utilizado principalmente como plastificante para outros vernizes (devido ao seu baixo ponto de fusão e por sua compatibilidade com a maioria das resinas e óleos), proporcionando também maior aderência e brilho. ¹¹¹²
VERNIZ DE GUADAMECILEROS <i>barniz de guadamecileros [esp]</i>	[Ma] Verniz que foi usado para dar o tom do ouro na prata sobre o couro. Também é conhecido como verniz espesso. Geralmente era preparado cozinhando uma mistura de óleo, essências, colofônia, várias resinas e açafraão. ¹¹¹³
VERNIZ DE MASTIC (MASTIQUE) <i>barniz de almáciga [esp]</i>	[Ma] Verniz elaborado a partir da resina mastic dissolvido, tradicionalmente, em essência de terebintina ou óleo. É um verniz elástico, de longa duração, mas amarelece e racha com o tempo. Por essa razão, eram usados agentes plastificantes, como terebintina, bálsamo do Canadá ou cânfora. Foi muito usado sozinho ou em mistura com outros vernizes. ¹¹¹⁴
VERNIZ DE SANDÁRACA <i>barniz de sandáracca [esp]</i>	[Ma] Verniz elaborado a partir da resina de sandáracca dissolvida em álcool, éter e acetona. Forma uma película dura e frágil, com tendência a escurecer. Por esta razão, tem sido usado como um aditivo para outros vernizes para regular a dureza do filme. ¹¹¹⁵
VERNIZ FOSCO ou MATE <i>mat varnish [ing]</i> <i>vernice matte [it]</i>	[Ma] Solução de resina natural ou sintética, desprovida de pigmento, com cera dissolvida em solvente. Fornece uma película protetora, transparente e opaca (ROSENFELD, 1997, p. 121). Existem outros vernizes foscos utilizando outros materiais que não a cera.
VERNIZ GORDO ou GRAXO ou A ÓLEO	[Ma] Verniz em que a resina é misturada com um óleo. Os vernizes gordurosos amarelecem muito. São superfícies duras e muito protetoras.

¹¹¹¹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1172722>>. Acesso em: 17 out. 2018.

¹¹¹² TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1172723>>. Acesso em: 17 out. 2018.

¹¹¹³ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1172441>>. Acesso em: 17 out. 2018.

¹¹¹⁴ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1013151>>. Acesso em: 17 out. 2018.

¹¹¹⁵ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.mecd.es/tesauros/materias/1172782>>. Acesso em: 17 out. 2018.

<i>vernīs gras</i> [fr]	Frequentemente, o verniz é aplicado duplamente: o primeiro verniz chamado - verniz de polimento - ou - verniz de alisamento - (usado para deixar a superfície plana). O segundo verniz, duro, rico em óleo, dando todo o brilho à superfície pintada - verniz final (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1036).
VERNIZ MAGRO <i>vernīs maigre</i> [fr]	[Ma] Verniz em que a resina é dissolvida em uma essência, principalmente essência de terebintina. São resinas tenras (mastique, sandáracas). Este verniz imprime um filme, muitas vezes, frágil por não ser plastificado pelo óleo. Vernizes magros ficam menos amarelos que os vernizes gordos. Estes são os principais vernizes usados em pintura mural e pintura de cavalete (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1036).
VERNIZ SINTÉTICO <i>vernīs synthétique</i> [fr]	[Ma] Vernizes fabricados a partir de resinas sintéticas. Muitas vezes é uma solução complexa de resina dissolvida em uma mistura de solventes; não tão fluido quanto os vernizes baseados em resinas naturais: basta adicionar um solvente inadequado para que o verniz se espalhe mal, que coagule ou que seque de maneira inadequada, onde os solventes se combinam em vez de dissolver a resina. Pode secar muito rapidamente; muitas vezes dá à pintura uma aparência fria e acinzentada (LANGLE; CURIE, 2009, p. 1036).
VERÔNICA	[Ic] Retângulo de tecido que contém a representação pintada, impressa ou gravada do rosto de Cristo. Designação da personagem que na Procissão do Enterro, na Sexta-Feira Santa, conduz o Sudário e canta, exibindo-o para o povo (DAMASCENO, 1987, p. 46). Ver SUDÁRIO.
VERRUMA <i>barrema, taladro</i> [esp] <i>auger, gimlet</i> [ing] <i>succhiello</i> [it] <i>vrille</i> [fr]	[Eq] Instrumento de aço em forma de haste terminado em rosca espiral com bico, sendo no extremo oposto fixado em cabo de madeira rígida, que serve para abrir buracos na madeira (TEIXEIRA, 1995, p. 87).
VERRUMÃO <i>barrena grande, taladro</i> [esp] <i>a large auger</i> [ing] <i>succhiello, trapano</i> [it] <i>grande vrille, tarière</i> [fr]	[Eq] Verruma grande e grossa (TEIXEIRA, 1995, p. 87).
VERSO <i>verso</i> [fr]	[De] Lado oposto ao da frente.
VERSÕES <i>versiones</i> [esp]	[Ap] Cópia de um trabalho com alguma variação ou modificação em relação ao original nas dimensões, materiais, composição ou

<i>version [ing]</i>	apresentação, feita pelo mesmo autor, autorizada por ele ou executada por outro artista. ¹¹¹⁶
VERTICALIDADE <i>verticalité [fr]</i>	[Ap] Preocupação da linha vertical. Nota-se esta intenção em certos estilos, como o egípcio e o gótico, não só nas linhas arquitetônicas como nas figuras esculpidas e pintadas (REAL, 1962, p. 512).
VESSIE	[Ou] Recipiente macio, originalmente feito do intestino (porco) e depois em couro ou tecido, fechado por uma renda, antigamente, usado para conter os pigmentos (LANGLE; CURIE, 2009, p. 320).
VESTES LITÚRGICAS	[In] Nome genérico das vestes que os ministros utilizam sobre os trajes civis ou os hábitos religiosos durante as celebrações litúrgicas. As diferentes vestes têm uma função pedagógica, uma vez que servem apenas para distinguir as diversas categorias de ministros e indicar o caráter festivo de cada celebração e, especialmente, para fazer entender que está se realizando uma ação sagrada. As de uso atual são: alva, estola, casula, amito, dalmática, capa pluvial, umeral, sobrepeliz e cíngulo. A indumentária sacerdotal: batina, barrete, hábito, capelo, cogula, e os paramentos litúrgicos – as vestimentas bordadas ou agaloadas com que os sacerdotes celebram certas cerimônias religiosas. Existem dois tipos de paramentos: <ul style="list-style-type: none"> • Trajes internos: amito, alva, cíngulo. • b) Trajes exteriores: casula, dalmática, túnica/tunicela, estola, manípulo, véu umeral, cota, sobrepeliz (NUNES, 2008, p. 153).
VESTIDO TALAR	[In] Vestido que chega aos calcanhares; talar eclesiástico (TRINDADE, 1998, p. 395).
VESTIDURA <i>prendre l'habit [fr]</i>	[Rg] Cerimônia monástica em que se toma o hábito religioso (NUNES, 2008, p. 148).
VESTUÁRIO <i>costume [fr]</i>	[In] Conjunto das peças de roupa que se vestem; traje; indumentária (REAL, 1962, p. 512). VESTUÁRIO de IMAGEM – [In] Peças de vestuário, civil ou religioso usadas para vestir imagens de vulto. ¹¹¹⁷
VÉU	[In] Designação genérica de tecido destinado a cobrir ou proteger, sendo usado por pessoas ou sobre objetos. Pode ser curto, médio ou longo. Indicando movimentação, ou não. Segundo Damasceno (1987, p.46), nas funções da igreja, há vários tipos de véu, como: <ul style="list-style-type: none"> • Véu de acólito - usado para segurar o báculo e a mitra, nas funções pontificais. • Véu de âmbula - espécie de capinha branca, com fendas laterais, que envolve a âmbula.

¹¹¹⁶ Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/es/versiones>>. Acesso em 25 jul. 2018.

¹¹¹⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

- **Véu de cabeça** - tecido que, segundo a antiga tradição cristã, as mulheres usavam na igreja, como sinal de respeito, recolhimento e penitência.
- **Véu de ombro** - serve para cobrir os ombros. É um pano retangular, fechado por colchetes especiais e pode ter as pontas arrematadas por franjas e galões. É usado nas bênçãos do Santíssimo Sacramento, nas procissões do Santo Viático ou nas missas solenes. É também chamado *véu humeral* ou *umeral*.
- **Véu da paixão** - de cor roxa, usado, nas igrejas, para cobrir a cruz e as imagens desde o domingo da paixão até a vigília pascal, em sinal de luto e tristeza.
- **Véu de sacrário** - o mesmo que **CONOPEU** (DAMASCENO, 1987, p. 46).
- **Véu de cálice** - peça de forma quadrangular, com cerca de 50-65 cm de lado, de tecido, podendo apresentar bordados e galões. Ao centro, apresenta cruz ou monograma cristológico.¹¹¹⁸
- **Véu umeral** - manto de seda (2 m de comprimento e 59 cm de largura) que é usado pelo sacerdote na bênção do Santíssimo Sacramento (NUNES, 2008, p. 153).
- **Véu que cobre a cabeça e todo o rosto** - como a “Virgem Velada”, escultura em mármore de Carrara, executada pelo renomado escultor italiano Giovanni Strazza (1818-1875).

VEXILO

[Ou] Estandarte; bandeira (REAL, 1962, p. 512).

VIA SACRA ou **VIA CRUZES**, caminho da*Way of the Cross* [ing]*cammino del**Calvario* [it]*Chemin de Croix* [fr]

[Rg] Percurso que conduz a uma igreja ou a um lugar de particular devoção, ao longo do qual se erguem monumentos de forma retabular, fechados ou não com portais, e apresentando uma iconografia referente a cada um dos passos da Via Sacra. Quando percorrido por cortejo processional, é feita uma paragem junto de cada estação (estação processional da Via Sacra) para escutar um sermão relacionado com a temática do passo. Termina, geralmente, com um calvário monumental (THESAURUS, 2004, p. 58). [Rg] Cruzes ou quadros em série, com quatorze estações, representando os passos de Jesus para o Calvário (TRINDADE, 1998, p. 395), as principais cenas da Paixão e Morte de Cristo (DAMASCENO, 1987, p. 46). Ver **PASSO**.

VIBRAÇÃO*vibración* [esp]

[Cv] Consiste no movimento de oscilação de um objeto relacionado a um ponto de referência fixo (MARCON, 2009). É um movimento periódico provocado por uma força repetitiva implicando na fadiga do material.

VIBRANTE*vibrant* [fr]

[Pi] Diz-se do efeito do colorido acentuado, vivo, obtido por meio de contraste de tonalidades (REAL, 1962, p. 512).

VIDEIRAVer **PARREIRA**.

¹¹¹⁸ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

VIDRADO <i>glaçure [fr]</i>	[Ce] Superfície de acabamento de um objeto cerâmico e que resulta do banho da chacota em vidro em suspensão aquosa e que funde durante a queima a altas temperaturas. ¹¹¹⁹ [Ou] Revestido de substância vitrificável; embaciado; sem brilho (REAL, 1962, p. 512).
VIDRO	[Ma] Material amorfo produzido há milênios em múltiplas cores e graus de transparência, tendo composições químicas variadas. A presença de chumbo ou outros metais pesados condiciona o seu brilho, dando origem aos chamados “cristais”. É utilizado como substituto de pedras preciosas (IMC, 2011, p. 161). Caracteriza-se pela sua transparência, dureza e rigidez a temperaturas ordinárias e plasticidade a temperaturas elevadas. A fusão do vidro ocorre aos 1400/1600°, sendo a massa submetida a resfriamento, quando aos 900°, adquire uma condição maleável, permitindo a manipulação. A cor do vidro era produzida pela adição de pequenas quantidades de determinados metais. Até 1822 o vidro era soprado nas fábricas europeias. Em 1822, Richens inventa o molde para o vidro. Os bicos das garrafas são os melhores marcadores cronológicos. ¹¹²⁰ VIDRO NATURAL – Substância amorfa, vítrea, que ocorre na natureza como resultado de eventos geológicos particulares, tais como, vulcanismo (obsidiana, vidro de basalto), um impacto meteorítico (moldavite) ou um relâmpago (fulgurito). ¹¹²¹
VIGÁRIA	[Rg] Freira que fazia às vezes de superiora (NUNES, 2008, p. 154).
VIGÁRIO <i>vicair [fr]</i>	1. [Rg] Do latim <i>vices agere</i> . O “cura das almas”; aquele que faz às vezes do prelado ou pároco. VIGÁRIO COLADO – Qualificação do vigário confirmado pelo Padroado. VIGÁRIO DA VARA – Delegado do prelado em certos distritos eclesiásticos. VIGÁRIO DE CRISTO – O Papa (TRINDADE, 1998, p. 395). VIGÁRIO GERAL – O que representa ou substitui o bispo. VIGÁRIO ECÔNOMO – Aquele que dirige a administração de uma paróquia. O vigário colado e o encomendado exerciam essa função. VIGÁRIO ENCOMENDADO – Pároco de freguesia ainda não reconhecida oficialmente pelo Rei. Sacerdote enviado pela autoridade diocesana às paróquias recém-criadas. Esses vigários aguardavam o reconhecimento real da criação da paróquia ou o concurso. A duração do exercício desse ofício era limitada há um ano. 2. [Ou] Durante o Império Romano, governador de uma diocese (NUNES, 2008, p. 154).
VIGOTA	[Md] – Pequena viga (ÁVILA, 1979, p. 95).

¹¹¹⁹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹¹²⁰ Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

¹¹²¹ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

VIME <i>osier [fr]</i>	[Ma] Vara do vimeiro (espécie de salgueiro) com a qual se fazem cestos, balaios, móveis (REAL, 1962, p. 514).
VINCO	Ver DRAPEADO .
VINHA	1. [Or] Ornato em forma de vinha ou folhas de parreira. 2. [Ic] Representa, na simbologia católica, um emblema do Cristo ou a relação entre Deus e seu povo. É um dos motivos mais usados na talha da 1ª fase do Barroco em MG (ÁVILA, 1979, p. 180).
VINHÁTICO	[Ma] Madeira leve, cerne variando entre amarelo dourado ao queimado ou castanho amarelado com reflexos dourados e muito utilizada no período colonial (TEIXEIRA, 1995, p. 87), possui fibras finas e talhe macio. ¹¹²²
VINHETA <i>vignette [fr]</i>	[Ou] Pequena estampa de um livro, para ornato ou para explicação do texto. [Or] Ornamento tipográfico que se presta a numerosas combinações (REAL, 1962, p. 514).
VIOLETA <i>violet [fr]</i>	[Cor] Cor resultante da mistura do vermelho com o azul (REAL, 1962, p. 514).
VIOLINO ou BROCA DOS ESCULTURES <i>drille [fr]</i>	[Eq] Instrumento que por meio de um travão e um arco imprime um rápido movimento de rotação alternada que faz avançar o trépano que perfura o mármore (REAL, 1962, p. 514).
VIRGEM ABRIDEIRA <i>Vierge ouvrante [fr]</i>	[Es] Escultura ou grupo escultórico da Virgem com o Menino, que se abre ao centro ou lateralmente para constituir um díptico ou um tríptico. No interior, as representações religiosas podem ser pintadas ou em relevo (THESAURUS, 2004, p. 24).
VIRGULADO	[Or] Ornato em forma de vírgula, ou linha curva que aparecem no estilo barroco e rococó, em prataria, policromia de imaginária e pinturas, às vezes em obras de talha delicada. ¹¹²³
VIRIL	[Ig] Peça composta por uma moldura dupla com dois vidros de forma a facilitar uma melhor visão do seu conteúdo, apresentando no seu interior uma lúnula, ou luneta, e ao mesmo tempo proteger a Hóstia Consagrada exposta à adoração dos fiéis, podendo ser circular ou cilíndrica (IMC, 2011, p. 127).
VIRTUDES	[Ic] Na teologia, virtudes são como uma qualidade firme e permanente espírito que nos inclina a praticar o bem. São assim definidas pela

¹¹²² CONJUNTO... 2007, p. 179.

¹¹²³ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 242.

doutrina da igreja católica em:

- virtudes teologais: fé, esperança e caridade e
- virtudes cardeais: prudência, fortaleza, justiça e temperança.

Na arte crista, principalmente no período barroco foi comum a representação das alegorias das virtudes tanto em pintura como escultura, às vezes em conjunto completo das sete, ou apenas as teologais ou ainda em separado. A alegoria era geralmente a figura de mulheres jovens, portando os atributos que a identifica:

- A fé identifica-se pela cruz que traz nas mãos;
- A esperança pela âncora;
- Caridade pelas crianças que traz nos braços e um coração.
- A prudência representa-se com uma serpente na mão e um cálice;
- A fortaleza porta uma coluna;
- A justiça uma balança e espada; e
- A temperança por um espelho e um cálice.

São elementos que integram a decoração de templos religiosos, como em: entablamentos, retábulos, coroamentos e em outros elementos de talha e pintura.¹¹²⁴

VISCOSIDADE <i>viscosité [fr]</i>	[De] Propriedade física de um líquido fluir (LANGLE; CURIE, 2009, p. 978).
WISEIRA <i>visière, vue, mézail [fr]</i>	[In] Parte anterior do capacete, que resguarda e defende o rosto (REAL, 1962, p. 514).
VISITA PASTORAL	[Rg] Cujo objetivo era o controle da atividade pastoral e do patrimônio eclesiástico e, sobretudo, a correção de eventuais abusos. O Concílio de Trento obrigou a todos os bispos a visitar as paróquias pelo menos de dois em dois anos para controlar a ortodoxia da doutrina e a situação moral. VISITAÇÃO – Informação colhida pelo visitador do bispado acerca das respectivas igrejas, comunidades e de respectiva pessoa para transmiti-la ao prelado (NUNES, 2008, p. 155).
VISTORIA <i>expertise, inspection [fr]</i>	[Ex] Inspeção; exame minucioso de uma obra de arte, de um monumento, de documentos, etc. (REAL, 1962, p. 515).
VITÓRIA <i>victoire [fr]</i>	1. [Ic] Divindade alegórica comumente representada em arte sob o aspecto de mulher alada, coroada de louro, tendo na mão uma palma. 2. [Ou] Viatura, espécie de carruagem de quatro rodas, descoberta (REAL, 1962, p. 515).
VITORIANO	[Et] Estilo de mobiliário na Inglaterra no século XIX (QUEIMADO,

¹¹²⁴ GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS (listagem preliminar de verbetes para leitura e análise conclusiva). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000, p. 243.

	2007, p. 186). Sua influência a partir de formas góticas com proporções pesadas, acabamento escuro, escultura elaborada e ornamentação. É nomeado para a rainha Vitória da Inglaterra, que reinou de 1837-1901 e foi o primeiro estilo de móveis de produção em massa. ¹¹²⁵
VITRAL <i>verrière, vitrail [fr]</i>	[It] Composição feita com vidros coloridos, embora também possam ser pintados, e que são unidos por meio de hastes de chumbo. Geralmente representa temas religiosos (INPC, 2010, p. 127). Forma grande vidraça, principalmente nas catedrais góticas (REAL, 1962, p. 515).
VITRINE ou VITRINA	[Cv] Armário com portas de vidro para exibir objetos de valor ou comerciais (INPC, 2010, p. 65). O mesmo que mostruário.
VOLANTE (OU ABA) <i>wing [ing]</i> <i>anta [it]</i> <i>volet [fr]</i>	[Ou] Porta de um tríptico, que se fecha sobre o painel central. As costas são frequentemente pintadas à grisalha ou douradas com as armas do doador ou outros símbolos. ¹¹²⁶
VOLTA	[In] Colarinho branco, de linho ou cânhamo, na parte superior do cabeção (THESAURUS, 2004, p. 160).
VOLTA (peças de)	[Ar] As pedras que formam a parte circular do arco ou da abóbada, a partir da pedra imediata ao capitel ou à cimalha ou a partir da imposta (ÁVILA, 1979, p. 96).
VOLUME <i>volume [fr]</i>	1. [Es] Espaço ocupado por uma obra esculpida (BAUDRY; BOZO; CHASTEL, 1990, p. 672). 2. [Ap] Obtém-se efeito num quadro por meio de valores, linhas e volumes. Quando uma das massas da composição sobressai, diz-se que tem mais volume, resultado obtido com claro-escuro ou com linhas. É um elemento essencialmente plástico da composição (REAL, 1962, p. 516).
VOLUTA <i>volute [fr]</i>	[Or] Elemento decorativo formado por um enrolamento que se desenvolve a partir de uma espiral. ¹¹²⁷ Aplicado na decoração arquitetônica de capitéis: jônico, coríntio e compósito; de mísulas e modilhões. Este elemento decorativo também pode ser aplicado à terminação da crossa de um báculo (IMC, 2011, p. 127). Ornato em trabalho de talha ou escultura em pedra e madeira, podendo ser: <ul style="list-style-type: none"> • Saliente – quando o seu enrolamento sai do prumo; • Reentrante – quando o tem recolhido; • Floreada – quando tem as volutas ornamentadas. <p>VOLUTA DE CARTELA – Cercadura de cartela que imita o couro</p>

¹¹²⁵ Disponível em: <<https://historia-e-estilo-do-mobiliario6.webnode.com/>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

¹¹²⁶ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹¹²⁷ Disponível em: <<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

	enrolado nas extremidades. VOLUTA EM “S” – Voluta comum no barroco. VOLUTA (olho de) – Espécie de roseta que termina a voluta de um capitel jônico (REAL, 1962, p. 516).
--	--

VOSIL	Ver BOCELÃO .
--------------	----------------------

VOTAR	[Rg] Prometer solenemente. Consagrar, sacrificar (NUNES, 2008, p. 155).
--------------	---

VOTIVO <i>votive [fr]</i>	[Ou] Objeto oferecido em cumprimento de voto (REAL, 1962, p. 516).
-------------------------------------	--

VOTO	1. [Rg] Promessa feita à divindade, de praticar ou de se abster de praticar certo ato. Oferenda em cumprimento de promessa anterior ou graça recebida. 2. [Rg] São votos, por excelência, de quem abraça a vida religiosa ou consagrada: pobreza, castidade e obediência (NUNES, 2008, p. 155).
-------------	---

VOYELLE ou VOYEUSE	[Mo] Cadeira sem braços onde se pode sentar "ao contrário" apoiando os braços no encosto da cadeira para assistir e acompanhar jogos (QUEIMADO, 2007, p. 186).
-------------------------------------	--

VULGATA	[Rg] Versão latina da Bíblia, feita no século IV segundo a versão grega dos Setenta e revista por São Jerônimo (NUNES, 2008, p. 155).
----------------	---

VULPINA	[Ma] Espécie de corante que se extrai de um líquen (REAL, 1962, p. 516).
----------------	--

VULTO (escultura de) <i>bulto entero, bulto completo [esp]</i> <i>in full round, detached statuary [ing]</i> <i>a tutto tondo [it]</i> <i>ronde-bosse [fr]</i>	Ver ESCULTURA DE VULTO e PLENO-RELEVO .
---	---

**WEI T'O**

[Ma] Reagente. Desacidificante. Apresenta-se na forma de solução (WEI T'O nº 2, nº 3, nº4) e em *spray* (nº 10, nº 11, nº 12). O aerossol não é tóxico, porém sua aplicação com uso contínuo é indicado o uso de capelas de exaustão. Contém etilcarbonato de magnésio em álcool etílico desnaturado e solução de triclorotrifluretano. É uma solução não aquosa sem efeito de inchamento, distorção ou enfraquecimento do material que sofre a aplicação. A solução pode se tornar densa, devido à baixa temperatura, devendo ser colocada em banho-maria para afinar. Sua eficácia não é afetada. O uso das soluções desacidificantes potencialmente aumenta de 2 a 40 vezes a vida do documento em papel. O tratamento neutraliza os ácidos livres presentes e previne o desenvolvimento de ácidos no futuro. Reduz o ataque oxidante no papel (degradação oxidativa catalizada por vestígios metálicos) e as manchas marrons causadas por fungos ou por oxidação de partícula de ferro. Usado em materiais celulósicos como papel, madeira e têxteis. Desacidificação a seco de papéis. A forma *spray* é mais adequada para pequenos trabalhos. Em solução é aplicado em neutralização, alcalinização (ABRACOR, 2011, p. 189).

WHAT-NOT

[Mo] Móvel do estilo *regency*, composto por prateleiras unidas através de finos perfis, e que é colocado entre duas janelas (QUEIMADO, 2007, p. 186).

WHITE BALANCE

[Ou] Em fotografia, balanço de cores ou balanço do branco, refere-se aos ajustes que são efetuados pelo fotógrafo ou pela câmera fotográfica para se obter imagens com fidelidade de cores próxima àquelas que os objetos apresentam sob iluminação ideal. A maioria das câmeras fotográficas digitais também faz isso automaticamente, embora nem sempre satisfatoriamente (FONSECA, 2014, p. 23).

WHITE SPIRIT

[Ma] Solvente. Hidrocarboneto alifático. Líquido transparente, produzido a partir da destilação do petróleo, com 16 a 20% de aromáticos. Tóxico e inflamável. Usado como substituto da terebintina. Utilizado como solvente na remoção de ceras, gorduras, vernizes e de repinturas. Sinóníma: Mineral Spirit, Êter de petróleo (ABRACOR, 2011, p. 128).

WILLIAM & MARY

[Et] Estilo de mobiliário na Inglaterra no século XVII (QUEIMADO, 2007, p. 186).

WISHAB PAD

[Ma] Esponja de látex especial vulcanizado com pH neutro. Esponja dura utilizada para limpeza a seco de superfícies sensíveis e estruturadas como quadros, afrescos, pintura mural, papéis de parede, têxteis, etc. A esponja wishab/akapad é autolimpante devido ao processo de formação de migalhas, que não riscam nem mancham a superfície tratada. Deve-se utilizar somente a parte de látex vulcanizado, não deve-se utilizar a parte azul na limpeza direta.¹¹²⁸

¹¹²⁸ Disponível em: <<https://www.casadorestaurador.com.br>>. Acesso em: 10 out. 2018.



XADREZ [Or] Toda decoração que imita o tabuleiro de xadrez, alternando quadrados claros e escuros, branco e preto (REAL, 1962, p. 519).
damier, échiquier [fr]

XANTEÍNA [Ma] Corante que se extrai da dália amarela (REAL, 1962, p. 519).

XILENO ou XILOL [Ma] Fórmula: C₈H₁₀. Solvente. Hidrocarboneto aromático. Líquido incolor, tóxico, inflamável, em temperaturas elevadas podem causar combustão dos recipientes, e o contato com oxidantes fortes pode causar incêndio e explosão. Usado puro ou em solução, na eliminação de repinturas e vernizes. Sinonímia: Xilol, Dimetilbenzeno (ABRACOR, 2011, p. 129). É solúvel em álcool e em éter e insolúvel em água. É utilizado como solvente de resinas sintéticas, lacas e esmaltes.¹¹²⁹
xileno, xilol [esp]
xylene [ing]
xilene [it]
xylène [fr]

XILÓFAGO [Bi] Os *organismos deterioradores* da madeira podem ser classificados em duas categorias distintas. A primeira diz respeito àqueles organismos não xilófagos, ou seja, não se alimentam da madeira, mas podem causar a sua deterioração. Entre eles, podem estar aqueles eventuais, como aves, roedores e o próprio homem, além dos habituais, como alguns perfuradores marinhos, insetos e também aves, como exemplo típico o pica-pau. A segunda categoria de organismos deterioradores é a dos *xilófagos*, ou seja, aqueles que se alimentam da **madeira**. Esses organismos podem ser divididos em três grupos distintos, representados por:

- Fungos, bactérias e flagelados simbiotes (ver **FUNGOS EMBOLORADORES; FUNGOS MANCHADORES; BACTÉRIAS**);
- Xilófagos marinhos, representados pelos crustáceos e moluscos;
- Insetos, representados pelos isópteros e coleópteros (cupins e brocas).

A classe *Insecta* do filo *Arthropoda* é dividida em mais de trinta ordens, das quais somente cinco são importantes na deterioração de madeira. Duas ordens mais importantes, economicamente, são: a Isóptera (térmitas ou cupins) e a Coleóptera que possuem espécies xilófagas, sendo as mais importantes as famílias *Cerambycidae*, *Scolytidae*, *Platypodidae*, *Bostrychidae*, *Lyctidae* e *Anobiidae*. Ver **INSETOS**.

¹¹²⁹ TESAURO. Disponível em: <<http://tesauros.meecd.es/tesauros/materias/1030687>>. Acesso em: 09 out. 2018.

**XILÓFAGOS
MARINHOS**

No ambiente marinho, existem vários grupos de organismos que causam a biodeterioração e a destruição de estruturas de madeiras mantidas nesses locais. Normalmente, os xilófagos marinhos são divididos em dois grupos representados pelos organismos incrustantes e aqueles perfuradores. Os primeiros somente se fixam nos substratos, nos estágios iniciais de desenvolvimento, permanecendo por toda a vida. As *cracas* são os animais que ocorrem com maior frequência, com carapaças altamente calcificadas, aderindo aos cascos das embarcações, causando inúmeros problemas. O segundo grupo dos xilófagos marinhos não somente se fixam na madeira, mas também perfuram e se alimentam desta. A maioria dos perfuradores penetra no substrato apenas para proteção, mas aqueles pertencentes à subfamília *Xylophaginae* e às famílias *Teredinidae* (Moluscos), *Limnoriidae* e *Sphaeromatidae* (Crustáceos) utilizam esta perfuração como fonte de nutrientes. Os perfuradores, junto a outros da família *Pholadidae*, que não utilizam a madeira como alimento, são os mais importantes organismos envolvidos na deterioração de madeira no mar. *Crustáceos*: Em regiões temperadas e subtropicais, o gênero *Limnoria* é o mais agressivo. Nas condições de nosso país, destaca-se o *Sphaeroma*. O *Limnoria* é um crustáceo de tamanho pequeno, de comprimento até 3 mm e largura de 1 mm. O *Limnoria* é o único crustáceo que ataca a madeira preservada com creosoto. *Moluscos*: Existem dois grupos importantes, em termos de intensidade de ataque, que são os *Foladideos* e os *Teredinideos*. Para os dois grupos, a forma de infestação é a larva, que poderá servir de alimento para outros animais, caso não infestem a madeira. Os *Foladideos*, representados principalmente pelo gênero *Martesia*, são organismos pequenos, de até 4 cm, que utilizam a madeira apenas como substrato, podendo, portanto, serem encontrados em outros materiais, constituindo problema mesmo em madeira preservada. Os *teredinideos*, representados principalmente pelo gênero *Teredo*, são organismos compridos, podendo atingir até 2,0 m, e utilizam tanto o plâncton quanto a madeira como alimento. Essa família é a mais importante economicamente, entre as demais famílias de moluscos.¹¹³⁰

XILOGLIFIA

xyloglyphie [fr]

[Ta] Arte de esculpir ou de gravar caracteres em madeira (REAL, 1962, p. 520).

**XILOGRAFIA ou
XILOGRAVURA**

xilografia [esp]
wood cut, wood
engraving,
xylography [ing]
xilografia,
silografia [it]

[Ta] Arte de gravar desbastando a madeira, formando sulcos cujas arestas serão o desenho da composição (REAL, 1962, p. 520), sendo impresso em papel ou outro material.

¹¹³⁰ Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/cursos-produtosflorestais-agricultura/artigos/principais-microrganismos-que-atacam-a-madeira>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

gravure sur bois,
xylographie [fr]

XIOLATRIA

[Rg] Adoração de ídolos de madeira (REAL, 1962, p. 520).

xylolâtrie [fr]

XOANA

[Es] Primitiva estátua grega, feita de madeira ou pedra com os braços colados ao corpo, à imitação das antigas estátuas simplesmente esculpidas de um tronco de árvore (REAL, 1962, p. 520).

xoanon [fr]





ZIGUE-ZAGUE [Or] Motivo decorativo composto por ângulos quebrados, alternadamente salientes e reentrantes (IMC, 2011, p. 127).

zig zag [esp]

zigzag [ing]

zig zag [it]

zigzag [fr]

ZINZOLINO [Cor] Roxo-avermelhado (REAL, 1962, p. 521).

cinzolino [esp]

zinzolin [fr]

ZODÍACO [Ic] Zona circular que contém as doze constelações que o Sol percorre durante um ano. Os doze signos são: aquário, peixes, carneiro, touro, gêmeos, câncer, leão, virgem, balança, escorpião, sagitário, capricórnio. É comum ver nas portadas das igrejas góticas, em baixo-relevo, a reprodução destes signos (REAL, 1962, p. 521).

zodiaco [esp]

zodiac [ing]

zodiaco [it]

zodiaque, zodiac [fr]

ZOÓFORO [Ar] Friso decorado com cabeças de animais, aplicado especialmente na ordem jônica (REAL, 1962, p. 522).

zooforo [esp]

zooforge [ing]

zooforo [it]

zoophore [fr]

ZOOGRAFIA [De] Descrição, desenho ou pintura de animais (REAL, 1962, p. 522).

zoografía [esp]

zoography [ing]

zoografia [it]

zoographie [fr]

ZOÓLITO [Aq] Escultura zoomorfa (em forma de animal) feita de pedra ou de osso, sendo as peças mais famosas as dos sambaquis¹¹³¹. Quase todos os

¹¹³¹ Ao longo costeira do litoral centro-meridional brasileiro, viveram populações pescadoras e coletoras entre 8 mil anos atrás e o início da era cristã. Seus vestígios podem ser vistos em grandes montes feitos de areia, terra e conchas - os chamados sambaquis - onde são encontrados restos alimentares, ferramentas, armas, adornos e os sepultamentos dos que ali viveram. Esses montes, com alturas variáveis, têm alta visibilidade e se destacam na paisagem litorânea. Embora existam desde o Rio Grande do Sul até a Bahia, é no estado de Santa Catarina que os sambaquis são mais numerosos, onde alguns alcançam até 35 metros de altura, o que demonstra que deviam ocorrer condições extremamente favoráveis ao modo de vida dos seus construtores. Embora sua cultura material de uso cotidiano seja bastante simples, no litoral

<i>zoólito [esp]</i>	zoólitos coletados possuem uma cavidade nítida na parte ventral ou lateral. ¹¹³²
<i>zoolite [ing]</i>	
<i>zoolito [it]</i>	
<i>zoolite [fr]</i>	

ZOOMÓRFICO	[Or] Ornamento que simula formas animais naturalistas ou estilizadas (IMC, 2011, p. 127).
<i>zoomorfias [esp]</i>	
<i>zoomorphic [ing]</i>	
<i>zoomorfa</i>	
<i>[it]zoomorphe [fr]</i>	

ZOOMORFO	[Or] Em forma de animal.
<i>zoomorfo [esp]</i>	
<i>zoomorph [ing]</i>	
<i>zoomorfo</i>	
<i>[it]zoomorphe [fr]</i>	

meridional esses grupos produziram objetos cerimoniais em pedra e osso muito elaborados, com refinamento estético e sofisticação artística: os chamados zoólitos. Disponível em: <<http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/arqueologia-brasileira/sambaquis.html>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

¹¹³²Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Glossário de Escultura foi uma ideia que surgiu de questionamentos que foram levantados em aulas durante o curso de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis, principalmente sobre a diversidade da nomenclatura utilizada nos procedimentos práticos, que apresenta variações de acordo com a localidade. O impulso veio da intenção em contribuir para os estudantes e profissionais da área, trazendo um material de consulta mais pragmático. Esse trabalho tornou-se, portanto, mais interessante com a pesquisa nas definições de vocábulos em outros idiomas, pois não temos uma vasta bibliografia sobre o assunto no Brasil, e a tradução é muito complexa. Até mesmo termos utilizados em Portugal podem ter outro sentido aqui. Como solução foram consultados os termos em dicionários que trazem a tradução em mais de um idioma, ficando assim uma coerência entre os vocábulos.

O objetivo central desse trabalho foi a revisão da literatura encontrada com o levantamento específico de uma terminologia especificamente sobre escultura, dando ênfase à busca por termos relacionados à conservação-restauração.

Houve a necessidade da inclusão de outros termos associados à escultura, como por exemplo: assuntos relativos aos bens culturais e ao patrimônio, arquitetura, museologia, iconografia, religiosidade, indumentária, equipamentos, materiais diversos, química, biologia, etc. Esses conteúdos confirmam o quão interdisciplinar é a área da Conservação-Restauração.

O instrumento utilizado foi uma árvore de domínio, método que constituiu o núcleo da pesquisa e conduziu o estudo para que os assuntos não fossem desassociados do conteúdo central do glossário, e se tornou a base da metodologia.

Os vocábulos foram especificados de acordo com uma classificação identificando o termo dentro do glossário com a utilização de uma legenda, para melhor compreensão, a qual auxilia a caracterização do termo relacionando-os com outros verbetes, como também auxiliando no entendimento de termos que possuem a mesma grafia, porém com significados diferentes.

Foi cumprida a metodologia para esta proposta, com a seleção, a coleta, e a organização de aproximadamente 3.500 verbetes, respeitando suas originais definições, inclusive

referenciando-as. Quando possível, houve a tradução das entradas em quatro idiomas: espanhol, inglês, italiano e francês, sendo que este último foi mais frequentemente encontrado e utilizado, devido às fontes consultadas. O resultado obtido é uma ferramenta de consulta prática, de fácil compreensão, útil e que colabora para uma padronização da linguagem empregada na área, promovendo uma comunicação mais objetiva entre os profissionais da área.

Este trabalho nunca finaliza, necessitando de constante atualização, sabemos que há muito para pesquisar e as atualizações são constantes, principalmente com avanço da tecnologia e da ciência, que cada vez mais está presente no campo da Conservação-Restauração. Assim muitas são as possibilidades de continuidade desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Ailton S. de. **Paulistinhas**: imagens sacras, singelas e singulares. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes - Artes Visuais - Abordagens teóricas, históricas e culturais da arte) - Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Campus São Paulo, São Paulo, 2008.

ALMEIDA, Frederico Faria Neves. **Manual de conservação de cantarias**. Publicação: Iphan/Programa Monumenta, 2000. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Man_ConservacaoCantarias_2edicao_m.pdf>. Acesso em 27 set. 2018.

ALVES, I. M. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. p. 23-45. (Cadernos de terminologia, 1). Disponível em: <<http://citrat.fflch.usp.br/sites/citrat.fflch.usp.br/files/u10/Cad.%20Terminologia%201.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

ANDREATA, H. P.; TRAVASSOS, O. P. **Chaves para determinar as famílias de: pteridophyta gymnospermae angiospermae**. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1994. 134 p.

ARQUIVOS Superintendência de Documentação – UFF – Universidade Federal Fluminense. **Glossário de Terminologia Arquivística**. Disponível em: <<http://www.arquivos.uff.br/index.php/glossario-de-terminologia-arquivistica>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

ARQUIVO Público do Paraná. **Glossário**: Termos arquivísticos mais comumente usados em atividades e publicações desenvolvidas pelo DEAP. Disponível em: <<http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=24>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 13789: terminologia: princípios e métodos: elaboração e apresentação de normas de terminologia. Rio de Janeiro: 1997. 17 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 13790: terminologia: princípios e métodos: harmonização de conceitos e termos. Rio de Janeiro, 1997. 6 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro, 2005.

ASSOCIAÇÃO Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari (Brodowski, SP) - ACAM. **Documentação e conservação de acervos museológicos**: diretrizes/ACAM Portinari. (Orientação) Governo do Estado de São Paulo. Brodowski: Associação Cultural

de Amigos do Museu Casa de Portinari; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010.

ATELIÊ, arte e restauração. **Conservação e restauro de obras de arte e bens culturais**. Disponível em: < <http://www.ateliearterestauracao.com.br/a-conservacao-restauracao-de-pinturas-a-opcao-pela-reintegracao-cromatica-tecnicas-e-evolucao/>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. **Barroco mineiro**: glossário de arquitetura e ornamentação. Co-edição. Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Fundação Roberto Marinho, 1979.

BAILÃO, Ana M. dos Santos. **Critérios de intervenção e estratégias para a avaliação da qualidade da reintegração cromática em pintura**. 2015. Tese (Doutor em Conservação de Bens Culturais, especialidade de pintura), Escola de Belas Artes da Universidade Católica Portuguesa, Porto. 2015.

_____. **O gestaltismo aplicado à reintegração cromática de pintura de cavalete**. Estudos de conservação e restauro, nº 1, 2009. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/ecr/article/view/3171/2558>>. Acesso em: 22 out. 2018.

_____. **As Técnicas de Reintegração Cromática na Pintura**: revisão historiográfica. Ge-conservación, nº 2, 2011, p. 45-63. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4018797.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2017.

_____. **Terminologia associada à conservação e restauro de pintura. Conservar Património**, v. 18, p. 55-62, 2014. Disponível em: <<http://revista.arp.org.pt/pdf/2013010.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

BAILÃO, Ana; HENRIQUES, Frederico; CABRAL, Madalena; GONÇALVES, Alexandre. **Primeiros passos de maturidade a caminho da reintegração cromática diferenciada em pintura de cavalete em Portugal**. Aproximación de criterios y técnicas de conservación entre Portugal y España, Ge-conservación/conservação nº 1, 2010. Disponível em: <<http://ge-iic.com/revista/numero-2es#descargar>>. Acesso em: 29 jun. 2017, p. 127.

BALDINI, Umberto. **Teoria del restauro e unita di metodologia**. Firenze, Italia: Nardini, 1994-95. 2 v. (Arte e restauro).

BALLESTREM, Agnès. Cleaning of Polychrome Sculpture. In: CONSERVATION OF STONE AND WOODEN OBJECTS. Preprints of the New-York Conference, June 7-13, 1970. London: IIC, 1970, p. 69-73.

_____. **Sculpture polychrome**: bibliographie. Studies in Conservation, v. 15, n. 4, 1970, p. 253-271. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1505526>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

BANCO DE DADOS: materiais empregados em conservação-restauração de bens culturais. Organização: SLAIBI, Thais Helena de Almeida; MENDES, Maryka; GUIGLEMETI, Denise O.; GUIGLEMETI, Wallace A. 2ª. ed. Rio de Janeiro: ABRACOR, 2011.

BANDEIRA, Mauro. **Restauração e conservação de Obras de Arte**. Disponível em: <http://www.maurobandeira.com/restauro/sobre_r.html>. Acesso em: 12 set. 2017.

BARBOSA, M. A. Contribuições ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. BRAPCI - Base de Dados em Ciência da Informação, Acervo de Publicações Brasileiras em Ciência da Informação da Universidade Federal do Paraná, vol. 24, n. 3, 1995. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_ecadce0d4e_0008850.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2018.

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. p. 23-45. (Cadernos de terminologia, 1). Disponível em: <<http://citrat.fflch.usp.br/sites/citrat.fflch.usp.br/files/u10/Cad.%20Terminologia%201.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

BARROS, L. A. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BAUDRY, Marie-Thérèse; BOZO, Dominique; CHASTEL André. **Principes d'analyse scientifique: la sculpture, méthode et vocabulaire/inventaire général des monuments et des richesses artistiques de la France**. Paris Imprimerie Nationale MCMXC, 1990.

BAZIN, Germain. **O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil**. Editora Distribuidora Record, 1971.

BACHETTINI, Andréa Lacerda. 2002. A Imaginária Missioneira do Rio Grande do Sul: Estudo sobre o Acervo Escultórico do Museu da Missões. – Porto Alegre: PUCRS / FFCH, 2002.

BLUTEAU, Raphael. Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>.

BOJANOSKI, Silvana de Fátima. **Terminologia em Conservação de bens culturais em papel**: produção de um glossário para profissionais em formação. 2018. 292f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

BOSHI, Caio César. **O Barroco Mineiro**: artes e trabalho. São Paulo Brasiliense, 1988.

BRAGA, Márcia. **Conservação e restauro**: pedra, pintura mural e pintura em tela. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2003.

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. Tradução: Beatriz Mugayar Kühl. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Cadernos de encargos**. Brasília: Ministério da Cultura, Programa Monumenta, 2005. 420 p. (Programa Monumenta, cadernos técnicos 2).

CABRÊ, M. T. **La Terminología**: Teoría, Metodología, Aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/Empúriet, 1993.

CALDAS, Karen Velleda; SANTOS, Veronica C. B. dos; SANTOS, Carlos Alberto Ávila. Retratabilidade: renomeando e reconceituando um critério. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/1846/1688>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

CALVO MANUEL, Ana. **Conservación y restauración**: materiales, técnicas y procedimientos: de la A a la Z. Barcelona: Ediciones del Serbal. 1997.

CALLOL, Milagros Vaillant. **Biodeterioração do patrimônio histórico documental**: alternativas para sua erradicação e controle. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins; Fundação Casa de Rui Barbosa - MAST/FCRB, 2013. 139 p.

CALZA, Cristiane Ferreira. **Desenvolvimento de sistema portátil de fluorescência de raios X com aplicações em arqueometria**. 2007. Tese (Doutorado – Engenharia Nuclear) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – COPPE, 2007.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Introdução ao Barroco Mineiro**: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais. Belo Horizonte: Crisália, 2006.

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. **A pintura religiosa na Bahia, 1790-1850**. 2003. Tese (Doutoramento) Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2003.

CARTA de CRACÓVIA - 2000. **Princípios para a conservação e o restauro do Património Construído**. Cracóvia (Polónia), 26 de Outubro de 2000. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

CARTA do ICOMOS 2003. **Recomendações para a análise, conservação e restauro estrutural do património arquitectónico**: linhas de orientação. Tradução por António de Borja Araújo, dez. de 2006.

CARVALHO, Zinia M. Cavalheiro de. **Restauração de Quadros e Gravuras de Manuel de Macedo (1885)**: um manual técnico para promover o respeito pelas relíquias do passado. 2015. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), 2015.

CASAZZA, Ornella. **Il restauro pittorico nell'unita di metodologia**. Firenze: Nardini, 2007. 157 p. (Collana Arte e restauro).

CASTRO, Joaquim Machado de. **Dicionário de escultura**. Lisboa: Livraria Coelho, 1937. (Inéditos de história da arte). Disponível em: <<http://www.bnportugal.pt/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

CHAVES, Lúcia da Conceição Diogo. Estudo da cinética de formação de biofilmes em superfícies em contacto com água potável. 2004. Dissertação (Mestrado em Tecnologia do

Ambiente) – Escola de Engenharia - Departamento de Engenharia Biológica - Universidade do Minho, 2004.

CÓDIGO DE ÉTICA DO CONSERVADOR-RESTAURADOR DE BENS CULTURAIS. Publicação conjunta das associações e entidades representantes de classe: Associação Brasileira de Encadernação e Restauo (Aber); Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (Abracor); Associação Paulista de Conservadores e Restauradores (APCR); Associação Catarinense de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (ACCR); Associação de Conservadores Restauradores de Bens Culturais do Rio Grande do Sul (ACOR-RS) e Associação de Restauradores e Conservadores de Bens Culturais (Arco.IT, Paraná), dez. 2013.

COELHO, Beatriz (Org.); OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro de (Org.); ALVES, Célio M. (Org.); SANTOS FILHO, Olinto R. dos (Org.). **Devoção e Arte:** imaginária religiosa em Minas Gerais. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP/VITAE, 2005, v. 1, 294 p.

COELHO, Beatriz; QUITES, Maria Regina Emery. **Estudo da escultura devocional em madeira.** Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014.

CONGRESSO INTERNACIONAL POLICROMIA - a escultura policromada religiosa dos séculos XVII e XVIII: estudo comparativo das técnicas, alterações e conservação em Portugal, Espanha e Bélgica. Actas do congresso Internacional, Lisboa 29, 30 e 31 de outubro de 2002.

CONJUNTO do Carmo de Cachoeira, o. Maria Helena O. Flexor (Org.). Brasília, DF: IPHAN-Programa Monumenta, 2007. 240 p.

CONSERVAÇÃO preventiva e procedimentos em exposições temporárias. Grupo Espanhol do IIC - International Institute for Conservation of Historic and Artistic Works (Org.). Brodowski (S.P): ACAM Portinari, Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2012. 324 p. (Coleção Museu Aberto).

CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA. Feitas e ordenadas pelo illustrissimo, e reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide. Lisboa, 1719/Coimbra, 1720. S.Paulo: Typographia 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853.

CORDEIRO, Filipa Raposo. **Problemas em intervenções de conservação e restauro.** Como evitá-los? Aproximación de criterios y técnicas de conservación entre Portugal y España. Ge-conservación/conservação nº 1, 2010. Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/277275028_Problemas_em_intervencoes_de_conservacao_e_restauro_Como_evita-los>. Acesso em: 08 jun. 2017. (CORDEIRO, 2010, P. 144)

COREMANS, Proyecto. Criterios de intervención en retablos y escultura policromada. Catálogo de publicaciones del Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. Edita: Secretaría General Técnica, 2017.

CRUZ, António João. **A matéria da imagem**: dicionário sobre materiais, técnica, conservação e estudo laboratorial de pinturas. A Ciência e a Arte. Disponível em: <<http://ciarte.pt/dic/a/arrependimento.html>>. Acesso em: 12 set. 2017.

DAMASCENO, Sueli. **Igrejas Mineiras**: glossário de bens móveis. Ouro Preto: Instituto de Artes e Cultura - UFOP, 1987.

DICIONÁRIO IPHAN de Patrimônio Cultural / Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência - COPEDOC. Rio de Janeiro: IPHAN, COPEDOC, 2008. 84 p. (Cadernos de pesquisa e documentação do IPHAN; 3).

DICIONÁRIO IPHAN de Patrimônio Cultural. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural?letra=a>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

DOCUMENTAÇÃO e Referência – COPEDOC. Rio de Janeiro: IPHAN, COPEDOC, 2008. 84 p. (Cadernos de pesquisa e documentação do IPHAN; 3).

ELIAS, Lucienne. **Metodologia de leitura e análise dimensional aplicada no estudo das faces de 15 esculturas de Antônio Francisco Lisboa, mestre Aleijadinho**. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

ESPINOSA, Teresa G.; LEFTZ, Michel; MOURA, Carlos; NARANJO, Maria C.; PRADAS, Antonio m.; REBOCHO-CHRISTO, José A. História e evolução da policromia barroca. In: CONGRESSO INTERNACIONAL POLICROMIA, 2002. Actas... A escultura policromada religiosa dos séculos XVII e XVIII. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkeian; Instituto Português de Conservação e Restauro, 2002, 37-54 p.

ETZEL, Eduardo. **Anjos barrocos no Brasil**: angelologia. São Paulo: Kosmos Editora Giordano, 1995. 96 p.

_____. **O barroco no Brasil**: psicologia e remanescentes em São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. São Paulo, Melhoramentos, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

_____. **Imagens Religiosas de São Paulo**: apreciação histórica. São Paulo: EDUSP – Melhoramentos, 1971.

_____. **Imagem Sacra Brasileira**. São Paulo, Melhoramentos, 1979.

EWAGLOS - European Illustrated Glossary Of Conservation Terms For Wall Paintings And Architectural Surfaces. English definitions with translations into Bulgarian, Croatian, French, German, Hungarian, Italian, Polish, Romanian, Spanish and Turkish. 2nd revised digital edition, 2016. (Series of publications by the Hornemann Institute, Volume 17).

FABRINO, Raphael João Hallack. **Guia de Identificação de Arte Sacra**. IPHAN, Rio de Janeiro, 2012.

FAUSTO, Cláudia Maria Guanais Aguiar. Descrição da técnica e análise formal da policromia na imaginária baiana. **Revista Ohun**, ano 3, n. 3, p. 37-71, set. 2007.

_____. **Padrões, cromatismos e douramentos na escultura sacra católica baiana nos séculos XVIII e XIX.** 2010. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

FÉLIX, Nisa. **Guia para o conhecimento, conservação e restauro de escultura em madeira policromada.** Porto, 2013.

FERNANDES, Sonia Regina. A obra como contexto: a experiência da fruição que o estágio curricular do curso de licenciatura em artes visuais pode buscar observar. In: ANAIS DO 22º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS. 1. Ed. Belém: ANPAP/PPGARTES/ICA/UFPA, 2013. Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/05/Sonia%20Regina%20Fernandes.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FEUP - Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto - Serviço de Documentação e Informação – Arquivo. **Glossário.** Disponível em: <<https://biblioteca.fe.up.pt/arquivo/oficina/glossario/?letter>>. Acesso em 12 jun. 2017.

FIGUEIREDO JUNIOR, João Cura D’Ars de. **Química aplicada à conservação e restauração de bens culturais: uma introdução.** Belo Horizonte: São Jerônimo, 2012. 207p.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Mobiliário baiano.** Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2009.

PELEJA, António Manuel Fonseca. **Fotografia aplicada: auxiliar de restauro e conservação.** Instituto Politécnico de Tomar, 2013/2014.

FRANÇA, Júnia Lessa. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas.** 9. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 263 p.

FROMM, Guilherme. Obras lexicográficas e terminológicas: definições. **Revista Factus,** Taboão da Serra, v. 1, n.2, p. 139-147, 2004. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/guifromm/?page_id=395>. Acesso em: 19 ago. 2017.

FRONER, Yacy-Ara; SOUZA, Luiz Antônio Cruz. **Controle de pragas.** Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008. 28 p. (Tópicos em conservação preventiva; 7).

FUNDAÇÃO Catarinense de Cultura - FCC. **Glossário.** Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural//pagina/4404/perguntasfrequenteseglossario>>. Acesso em: 12 de set. 2017.

GALVÃO, Arabella. **História do mobiliário.** Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://www.exatas.ufpr.br/portal/degraf_arabella/wp-content/uploads/sites/28/2016/08/Apostila-Hist%C3%B3ria-do-Mobili%C3%A1rio.pdf>. Acesso em 20 jul. 2018. (GALVÃO, 2016, p. 14)

GESTÃO de Restauo. **Glossário de Conservação do Patrimônio Cultural construído**. Autor: Jorge Eduardo Lucena Tinoco. Disponível em: <<http://gestaoderestauo.blogspot.com.br/2013/05/glossario-de-conservacao-do-patrimonio.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

GIANNINI, Cristina; ROANI, Roberta. **Diccionario de restauración y diagnóstico**. (Traducción de Ariadna Viñas). Editorial NEREA, 2008. (Vol. 14; Arte y Restauración).

GLOSARIO VISUAL de técnicas artísticas, arquitectura, pintura, artes gráficas, artes suentuaras, escultura de la Antigüedad a la Edad Moderna. M. Ángeles Toajas Roger (Dir.). Universidad Complutense de Madrid, proyecto de innovación y mejora de la calidad docente - 213/2009.

GLOSSÁRIO DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de identificação e documentação. 2000.

GLOSSÁRIO do Patrimônio de Tiradentes – MG. CRUZ, Luiz Antonio da (Org.); BOAVENTURA, Maria José (Org.). Tiradentes: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, MG, 2015.

GLOSSÁRIO de Restauo (italiano/português). Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/glossario-de-restauo.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

GONZAGA, Arnaldo Luiz. **Madeira: uso e conservação**. Brasília, DF: IPHAN-Monumenta, 2006. 246 p. (Cadernos Técnicos; 6).

GONZÁLEZ-MARTÍNEZ ALONSO, Enriqueta. **Tratado del dorado, plateado y su policromia: tecnología, conservación y restauración**. Universitat Politècnica de València – Valencia: Servicio de Publicaciones, 1997.

GUERRA, Fernanda Lamego. **Biodeterioração de conjunto histórico do século XIX em Pelotas/RS: fungos filamentosos**. 2012. Dissertação (Mestrado na Qualidade e Tecnologia do Ambiente Construído) Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, 2012.

HILL, Marcos César Senna. A Imaginária de Francisco Xavier de Brito: atribuição e especulação de mercado. **Imagem Brasileira**. Belo Horizonte: CEIB, 2001. P. 120-123.

HOLLÓS, Adriana Cox; PEDERSOLI JR., José Luiz. Gerenciamento de riscos: uma abordagem interdisciplinar. Ponto de Acesso, Revista do Instituto de Ciência da Informação da UFBA, Salvador, v. 3, n. 1, p. 72-81, abr. 2009. Disponível em: <www.pontodeacesso.ici.ufba.br>. Acesso em: 1 nov. 2018. (HOLLÓS; PEDERSOLI JR., 2009, p. 79)

HOMEM, Paula Menino. **Ferramentas inovadoras para monitorização ambiental e avaliação de danos para objectos em museus, palácios, arquivos e bibliotecas: a exposição luminosa e os dosímetros LightCheck®**. Revista da Faculdade de Letras:

CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO, I Série vol. V-VI, Porto, 2006-2007, p. 225-240.

IMAGINÁRIA Paulista: Esculturas. Texto e curadoria de Carlos A. C. Lemos. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1999.

INPC - Ecuador. **Glosario Bienes Muebles**. Quito: Instituto Nacional de Patrimonio Cultural, 2010. 155 p.

IMC – INSTITUTO dos Museus e da Conservação, I.P. **Normas de inventário: ourivesaria - arte**. Lisboa: DPI-Cromotipo, 2011.

INSTITUTO Português de Museus. **Normas de inventário: escultura - artes plásticas e artes decorativas**. Lisboa: Cromotipo, Artes Gráficas, lda, 2004.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION - ISO. Norma 1087: Terminology - vocabulary. Genebra, 1990.

ISO 1087-1990 (E/F) Terminologia – Vocabulário (tradução de GUIDI, G.R.S., et al). Santos, CEETT/ABNT/IBICT.

JOIKO, Guillermo Henriquez. Teoria de la reintegracion. Coletânea de textos para o I Curso de Restauração do Centro de Restauração de Bogotá, Colômbia, 1978.

KANAN, Maria Isabel. **Manual de conservação e intervenção em argamassas e revestimentos à base de cal**. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2008. 172 p. (Cadernos Técnicos; 8).

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria Jose Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004. 223 p.

KROUSTALLIS, Stefanos K. **Diccionario de materias y técnicas**. Tesouro para la descripción y catalogación de bienes culturales (I. Materias). Secretaría General Técnica. Subdirección General de Publicaciones, Información y Documentación. Ministerio de Cultura. Madrid, 2015. 544 p.

LANGLE, Ségolène Bergeon; CURIE, Pierre. **Peinture et dessin: vocabulaire typologique et technique**. Paris: Éditions du patrimoine - Centre des Monuments Nationaux, 2009. 2 vols. (Collection Vocabulaires).

LEFFTZ, Michel. Análises morfológicas dos drapeados na escultura brasileira e portuguesa: Método e vocabulário. **Imagem Brasileira**. Belo Horizonte: v. 3. Ceib 2006. p. 99 -111.

LOPES, Maria Inês Afonso. **As pessoas, o tempo longo e as imagens: a devoção e culto das almas do Purgatório em Portugal**. Grupo de Estudos Celtas e Germânicos, Brathair, n. 16, 2016. Disponível em: <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/1184/934>>. Acesso em: 20 maio 2018.

LOURENÇO, Bettina Collaro G. de. Douramento. In: BRAGA, Márcia (Org.). **Conservação e Restauro**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2003, v. 2, p. 73-86. Disponível em: <<http://www.marciabraga.arq.br/voi/images/stories/pdf/douramento.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

MAIA, Marilene Corrêa. **Manual de preparo de soluções utilizadas em restauração** (material didático). Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Belas Artes – CECOR –Laboratório de Ciência da Conservação, 2011.

MARCON, Paul. **Fuerzas físicas**. ICCROM, 2009. (edición en español).

MARTÍNEZ CABETAS, Celia (coord.); MARTÍNEZ, Lourdes Rico (coord.). **Diccionario técnico Akal de conservación y restauración de bienes culturales: Español-Alemán-Inglés-Italiano-Francés**. Madrid: Ediciones Akal, 2003.

MARTINEZ, Enriqueta González-Alonso. Tratado Del dourado, plateado y su policromia: tecnologia, conservación y restauración. Departamento de conservación y restauración de bienes culturales. Valencia: Editora Universidade Politécnica Valencia. 1997.

MATTEINI, Mauro; MOLES, Arcangelo. Ciencia y restauración: método de investigación. Traducción de Marina Martínez de Marañón. Nerea, Sevilla: Instituto Andaluz del Patrimonio Historico, 2001.

_____. **La química en la restauración: los materiales del arte pictórico**. Traducción de Emiliano Bruno y Giuliana Lain. Hondarribia: Nerea, Sevilla: Instituto Andaluz del Patrimonio Historico, 2001. 508 p.

MAYER, Ralph. **Manual do artista de técnicas e materiais**. Tradução de Christine Nazareth. Ed. 5. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MEDEIROS, Gilca Flores de. **Tecnologia de acabamento de douramento em esculturas em madeira policromada no período Barroco e Rococó em Minas Gerais: estudo de um grupo de técnicas**. 2000. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2000.

MEDEIROS, Gilca Flores de; MONTE, Eliane. Obras em tela encolada em minas gerais: estudo e catalogação. **Imagem Brasileira**. Belo Horizonte: v. 2. Ceib, 2003. p. 169-174.

MENDES, Alfredo de Souza; ALVES, Marcus V. S. **A degradação da madeira e a sua preservação**. Brasília: Ministério da Agricultura, 1988.

MENDES, Marylka.; BAPTISTA, Antonio Carlos Nunes. **Restauração: ciência e arte**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: IPHAN, 2005. 408 p.

MFA - Museum of Fine Arts Boston. CAMEO: Conservation e Art Materials Encyclopedia Online. Disponível em: <http://cameo.mfa.org/wiki/Distilled_water>. Acesso em: 12 abr. 2018.

MINISTÉRIO Público do Estado de Minas Gerais – MPMG. **Glossário básico sobre Patrimônio Cultural**. Disponível em: <<http://patrimoniocultural.blog.br/glossario/>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

MORA, Paolo; MORA, Laura; PHILIPPOT, Paul. Problems of Presentation. In: **HISTORICAL AND PHILOSOPHICAL ISSUES IN THE CONSERVATION OF CULTURAL HERITAGE**. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 1996. (Reading 36, p. 343 – 354)

MORESI, Claudina M. D. Estudo científico de policromias da imaginária mineira do período colonial. In: **SEMINÁRIO DA ABRACOR, VII, 1994, Petrópolis**. Rio de Janeiro: ABRACOR, 1994. P. 133-138.

MUÑOZ VIÑAS, Salvador; OSCA PONS, Julia; GIRONÉS SARRÓ, Ignasi. **Diccionario Técnico Akal de Materiales de Restauración**. Madrid: Ediciones Akal, 2014.

MUSEU de Astronomia e Ciências Afins – MAST/CNPq. **Política de Preservação de Acervos Institucionais**. Rio de Janeiro, 1995.

MUSEU do Oratório: Coleção Ângela Gutierrez. Coordenação geral Ângela Gutierrez; pesquisa e texto Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, Cristina Ávila; (tradução Sérvulo Resende); Instituto Cultural Flávio Gutierrez. 3 ed. Belo Horizonte: Conceito, 2013.

MUSEU Nacional de Arte da Catalunha, Barcelona, Espanha. **Glosary**. Disponível em: <<http://www.museunacional.cat/en/aerinite>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

MUSEU Nacional de Machado de Castro. **Glossário**. Coimbra, Portugal. Disponível em: <<http://www.museummachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/glossario/ContentList.aspx>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

NEVES, Anamaria Ruegger Almeida. **A cor aplicada à restauração de bens culturais**. Belo Horizonte: Ed. São Gerônimo, 2013.

NICHOLSON, E.D. The ancient craft of gold beating. *Gold Bulletin*, v. 12, n. 4, pp 161-166, 1979. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/BF03215119>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

NUNES, Verônica Maria Meneses. **Glossário de termos sobre religiosidade**. Aracaju: Tribunal de Justiça, Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe, 2008, 161 p.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; SANTOS Fº, Olinto Rodrigues dos. **Barroco e Rococó nas igrejas de São João del-Rei e Tiradentes**. Brasília, DF: Iphan-Programa Monumenta, 2010. 204 p. (Roteiros do Patrimônio; 8; tomo 1 e 2).

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **Barroco e Rococó nas igrejas do Rio de Janeiro**. Brasília, DF: Iphan-Programa Monumenta, 2008. 396 p. (Roteiros do Patrimônio; 2).

_____. A imagem religiosa no Brasil. In: MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO. Arte Barroca-Baroque Art. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo; Associação Brasil 500 Anos, 2000.

PALACIOS P., Víctor M. **Manual de iluminación e instalaciones eléctricas en recintos religiosos**. Consejo Nacional para la Cultura y las Artes. Instituto Nacional de Antropología e Historia - Coordinación Nacional de Restauración del Patrimonio Cultural - CONACULTA – INAH.

PANOFSKY, E. Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença. In: SIGNIFICADO NAS ARTES VISUAIS. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., 1986, p. 47-65.

PANUCARMI. **Preservação, Conservação & Restauro Documental**. Glossário. Disponível em: <<http://panucarmi2.wikidot.com/glossario>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

PARÂMETROS para a Conservação de Acervos. **Resource**: The Council for Museums, Archives and Libraries. Tradução de Maurício O. Santos e Patrícia Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação Vitae, 2004. 154 p. (Museologia. Roteiros práticos; 5).

PAVEL, S.; NOLET, D. **Manual de terminologia**. Tradução Enilde Faulstich. Quebec: Departamento de Tradução do Governo Canadense, 2002. Disponível em: <<https://linguisticadocumentaria.files.wordpress.com/2011/03/pavel-terminologia.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PEIXOTO, Rita Medina de Faria Taveira. **Conservação e restauro da escultura sobre madeira policromada de S. Francisco de Assis de Machado de Castro**. 2012. Dissertação (Mestrado), Universidade Católica Portuguesa, Escola das Artes, Porto, 2012.

PEQUENO Glossário Dinâmico da Disciplina Conservação e Restauração de Documentos. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Conservacao/glossario.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

PEREIRA, Fabrício Luiz. Mestres, arrematações e fazeres: o oficialato mecânico em Mariana na segunda metade do século XVIII. **Revista Ágora**, Vitória, n. 17, p. 1-12, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/agora/article/download/6078/4424>>. Acesso em: 11 out. 2018.

PHILIPPOT, Paul. Historic Preservation: Philosophy, Criteria, Guidelines, II. In: HISTORICAL AND PHILOSOPHICAL ISSUES IN THE CONSERVATION OF CULTURAL HERITAGE. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 1996, p. 268-274.

_____. La restauración de las esculturas policromadas. **Studies in Conservation**. V. 15, n. 4, 1970, p. 248-252.

_____. The Idea of Patina and the Cleaning of Paintings. In: HISTORICAL AND PHILOSOPHICAL ISSUES IN THE CONSERVATION OF CULTURAL HERITAGE. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 1996. (Reading 39, p. 372 – 376).

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; GRANATO, Marcus. Para pensar a interdisciplinaridade na preservação: algumas questões preliminares. In: SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da (Org.). **Preservação documental: uma mensagem para o futuro**. Salvador: UFBA, 2012. p. 23-40. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/m5yr9/pdf/silva-9788523212216-04.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2018.

PINTURA Alegórica. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3819/pintura-alegorica>>. Acesso em: 16 de Nov. 2018. Verbetes da Enciclopédia.

PODER JUDICIÁRIO – Justiça do Trabalho – Tribunal Superior do Trabalho (TST) Coordenadoria de Gestão Documental (CGEDM). **Apostila de processo de restauração e materiais utilizados**. - CGEDM – SEMEP. Brasília, outubro de 2012.

QUEIMADO, Paulo; GOMES, Nivalda. **Conservação restauro de arte sacra, escultura e talha em suporte de madeira**: manual técnico. Coimbra: CEARTE, 2007. Disponível em: <<http://opac.iefp.pt:8080/images/winlibimg.exe?key=&doc=73329&img=469>>. Acesso em: 20 set. 2017.

QUITES, Maria Regina Emery. Imaginária Processional na Semana Santa em Minas Gerais. Estudo realizado nas cidades de Santa Bárbara, Catas Altas, Santa Luzia e Sabará. 1997. Dissertação (Mestrado em Artes) - Centro de Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 1997.

_____. Imaginária processional: classificação e tipos de articulações. In: **Imagem Brasileira** – Centro de Estudos da Imagem Brasileira – CEIB, no 1, Belo Horizonte, 2001.

_____. Imagem de Vestir: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil. 2006. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2006.

_____. O “olhar” na escultura: história, técnica e preservação. Formas, imagens, sons: O Universo Cultural da História da Arte. Org. Magno Moraes Mello, Clio Gestão Cultural e editora. 2014. p. 175-184. Disponível em: <<http://heema.org/wp-content/uploads/2014/12/SEMIN%C3%81RIO-ARTE-BELO-HORIZONTE-2014-2.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2018.

QUITES, Maria R. Emery; MEDRANO, Sergio; PIGOZZO, Raphael J. Bossler; BETTIO, Silvana M. Uso do “pinho-de-riga” em esculturas policromadas: identificação de madeiras e trânsito entre os continentes. In: **Imagem Brasileira**. Centro de Estudos da Imagem Brasileira – CEIB, n. 8, Belo Horizonte: CEIB, 2015. P. 198-207.

RABELO, Erika Benati. Uma experiência de consolidação de esculturas monumentais em madeira: os evangelistas de Guillaume Evrard (1709-1793). Boletim do CEIB, Belo Horizonte, v. 20, n. 65, nov./2016.

RAJER, Anton; RUA, Carlos; SENS, Angelo. **Glossário trilingue de restauração e conservação de obra de arte**. Madison, Wisconsin, USA.

REAL, Regina M. **Dicionário de Belas Artes**: termos técnicos e matérias afins. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 2 volumes, 1962.

RESCALA, João José. **Restauração de obras de arte**: pintura, imaginaria, obra de talha. Salvador: Centro Editorial e Didático da UPBA, 1984. 306 p.

REZENDE, Leandro Gonçalves de. **O Monte Carmelo nas montanhas de Minas**: arte, iconografia e devoção nas Ordens Terceiras do Carmo de Minas Gerais (séculos XVIII e XIX). 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2016. 188 f.

RICH, Jack C. **The Materials and Methods of Sculpture**. Dover Publications, INC. New York, 1988.

RODRIGUES, Francisco de Assis. **Dicionario tecnico e historico de pintura, esculptura, architectura e gravura**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1875. Disponível em: <<http://www.bnportugal.pt/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

ROSDON, Ana. **Conservação e restauração da pintura sobre madeira**. Disponível em: <http://marciabraga.arq.br/site/images/stories/pdf/pintura_sobre_madeira.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

ROSADO, Alessandra. **As dores de Nossa Senhora**: procedimentos específicos para conservação e restauração de uma escultura de Roca e elaboração de uma cartilha de conservação preventiva. 2002. 95, [27] f. Monografia (Especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

_____. **Conservação preventiva da Escultura colonial Mineira em cedro**: um estudo preliminar para estimar flutuações permissíveis de umidade relativa. 2005. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

_____. **História da Arte Técnica**: um olhar contemporâneo sobre a práxis das Ciências Humanas e Naturais no estudo de pinturas sobre tela e madeira. 2011. Tese (Doutorado em Artes - Área de Concentração: Arte e Tecnologia da Imagem) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

ROSENFELD, Lenora Lerrer. **Glossário técnico de conservação e restauração em pintura**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.

SEBRAE – Ideias de Negócio. **Como montar um serviço de restauração de objetos antigos**. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-um-servico-de-restauracao-de-objetos-antigos,f0c87a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

SERCK-DEWAIDE, Myriam. Bref historique de l'évolution des traitements des sculptures. Bulletin de l'IRPA, Les cinquante ans de l'IRPA (1948-1998), Institut Royal du Patrimoine Artistique, Bruxelles, n. 27, 1996/1998. P. 157-174.

_____. Breve história da evolução dos tratamentos das esculturas. Tradução de Beatriz Coelho. Boletim do CEIB, Belo Horizonte, v. 9, n. 31, jul./2005.

SERRATE, Júlia Wanguestel. **Caracterização química de materiais pictóricos usados em escultura policromada**: estudo de caso de uma escultura capixaba. 2011. Dissertação (Mestrado em Química do Centro de Ciências Exatas) Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SILVA, Francisco Liberato Telles de Castro da. **Algumas indicações sobre a Arte de Dourar**. 3 ed., Revista e Aumentada. Lisboa: Typographia do Commercio, 1900. Disponível em: <<http://www.ciarte.pt/recursos/tratados/tratados3.html>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

SOUZA, Luiz Antônio Cruz. **Evolução da Tecnologia de Policromia nas Esculturas em Minas Gerais no Século XVIII**: O interior inacabado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. 1996. 99 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Química do Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

SOUZA, Marina Mayumi de. **Nossa Senhora das Dores**: desenvolvimento de metodologia para remoção de repintura oleosa, com base em um estudo de solubilidade. 2017. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis) – Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, 2017.

SPINELLI JÚNIOR, Jayme. **A conservação de acervos bibliográficos e documentais**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. de Processos Técnicos, 1997. 90 p. (Documentos técnicos; 1). Disponível em: <<http://planorweb.bn.br/documentos/ConservacaoAervosBibliograficosDocumentais.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

TAUBERT, Johannes: The conservation of wood. In: CONSERVATION OF STONE AND WOODEN OBJECTS. Preprints of the New-York Conference, June 7-13, 1970, IIC, 1970, 2nd part, p. 81-85.

TAVARES, Jorge Campos. **Dicionário de santos**: hagiológico, iconográfico, de atributos, de artes e profissões, de padroados, de compositores de música religiosa. 2 ed. Porto: Editora Lello & Irmão, 1990. 284 p.

TEIXEIRA, Miriam Prado. **Glossário poliglota da talha e da imaginaria do Brasil Colonial**. 1995. Monografia (Especialização em Cultura da Arte Barroca) do Instituto de Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 1995. 97 p.

TEIXIDO I CAMI, Josep Maria; CHICHARRO SANTAMERA, Jacinto. **A talha**: escultura em madeira. Lisboa: Estampa, 1997. 192 p. (Coleção artes e ofícios).

TESAURO para bens móveis e integrados. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. 398 p. (Série técnica).

THESAURUS - vocabulário de objectos do culto católico. Universidade Católica Portuguesa, Fundação da Casa de Bragança. Lisboa: Textype, 2004. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view>>. Acesso em: 22 set. 2017.

TRINDADE, José da Santíssima, Dom Frei. **Visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825)**. Estudo introdutório Ronald Polito de Oliveira. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro; Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1998, 446 p. (Coleção Mineiriana. Série Clássicos).

TURCO, T. **Il Doratore**. Edit. Ulrico Hoepli S.p.A., Segunda edición ampliada, Milan, 1991.

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Grupo de estudo Recôncavo Arqueológico. **Dicionário de Termos Arqueológicos**. (Em Construção). Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico/dicionario>>. Acesso em 10 jun. 2017.

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Glossário**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervoartes/glossario/escultura>>. Acesso em 29 jun. 2017.

VELÁZQUEZ THIERRY, Luz de Lourdes. Terminología en Restauración de Bienes Culturales. In: **Boletín de Monumentos Históricos**, n. 14, p. 43, 1991. Disponível em: <http://www.boletin-cnmh.inah.gob.mx/web/boletines.php?id=91&epoca=2&num_boletin=14>. Acesso em: 15 nov. 2017.

VIANA, Camila Gavini. **A restauração de douramentos: estudo e aplicação de técnicas de reintegração em superfícies douradas**. Orientador: Gilca Flores de Medeiros. 2010. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso Bacharelado em Artes Plásticas) Departamento de Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

VIGNERON, Jomar. **Rosário, uma Bíblia do povo (O)**. Edicoes Loyola, 2006. p. 177.

WORKSHOP Regional Asiático (Conservação e Manejo Sustentável de Árvores, Vietnã, agosto de 1996). 1998. *Diospyros ebenum*. **A Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN 1998**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.1998.RLTS.T32296A9688568.en>>. Acesso em: 29 de jun. 2018.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

http://ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=17590&revista_caderno=4
<https://anatomia-papel-e-caneta.com/ossos-dos-mmss-carpos-metacarpos-e-falanges/>

http://www.antichitabelsito.it/glossario_restauero.html
<http://www.aulete.com.br/>
<http://www.bmlisieux.com/normandie/lottinop.htm>
<http://www.cgimoveis.com.br/tecnologia/glossario-de-madeira-e-moveis-a>
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Orden_corintio.gif
<https://conceito.de/obra-de-arte>
<http://dictionnaire.sensagent.leparisien.fr/chantourn%C3%A9/fr-fr/>
<https://educalingo.com/pt/dic-pt/carbonizacao>
<http://www.getty.edu/research/tools/vocabularies/>
https://issuu.com/arsdidadas/docs/glosario_terminol_gico_de_los_oficios_de_arte
<https://www.ibflorestas.org.br/>
<https://www.icomos.org/en/>
<https://www.iccrom.org/>
<https://icom.museum/en/>
<https://www.iiconservation.org/>
<http://infravermelho.info/>
http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosINIC/INIC1653_01_O.pdf
<https://www.insectbye.com.br/brocas-o-que-sao/>
<http://www.ipt.br/>
<http://www.jimo.com.br/br/madeira/glossario/D>
<https://lascaux.ch/en/products/restauero>
<https://www.meubliz.com/definition/>
<http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/arqueologia-brasileira/sambaquis.html>
<https://nacoesunidas.org/profetas-de-aleijadinho-sao-digitalizados-em-congonhas-mg/>
<http://www.naturezabela.com.br/>
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/ajim.22167>
<http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=179>
<http://patrimoniocultural.blog.br/glossario/>
<https://pt.scribd.com/document/343611893/Glossa-rio-01>
<http://www.rc.unesp.br/igce/petrologia/nardy/mon.html>
<http://resinatermoplastica.com.br/>
<https://www.significados.com.br/>
<http://sobrearquitetur.blogspot.com.br/2012/09/o-que-sao-as-ordens-gregas.html>
<https://www.soq.com.br/biografias/arrhenius/>

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1179/019713687806027843?journalCode=yjac20>

<http://tesauros.mecd.es/>

<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>